



3 1761 06184566 5

OBRAS  

---

---

  
POETICAS  

---

---

DE

RAMOS-COELHO  

---

---



LISBOA  
1910











Digitized by the Internet Archive  
in 2007 with funding from  
Microsoft Corporation

OBRAS POETICAS

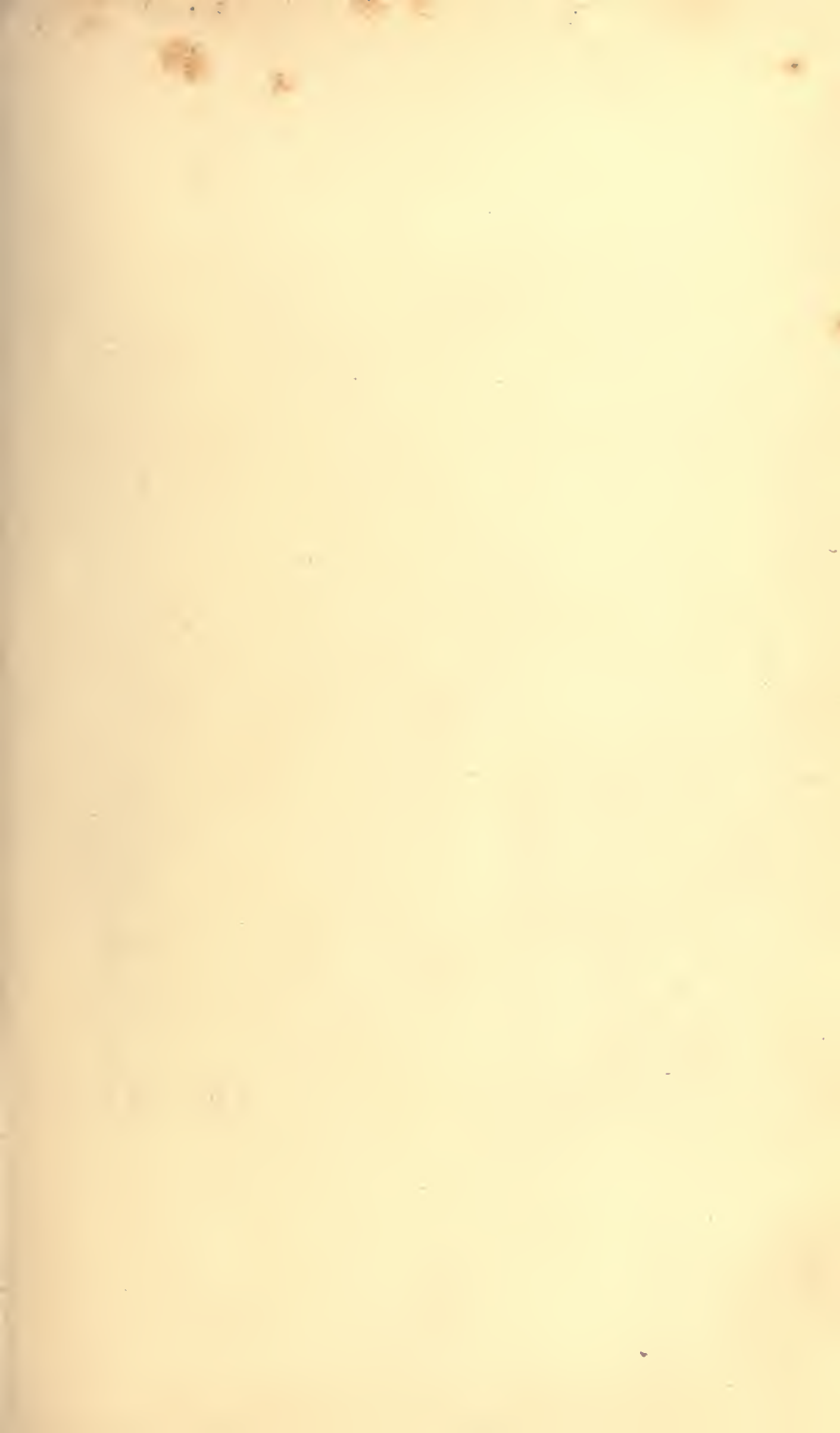
DE

RAMOS-COELHO

THE ART OF POETRY

BY  
FRANCIS GORDON







*José Ramos-Coelho*

# OBRAS POETICAS

DE

RAMOS-COELHO

*Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa,  
vogal da Academia de Sciencias de Portugal,  
socio correspondente do Instituto de Coimbra, e da Real Academia  
de Lucca, membro da Arcadia de Roma, etc.*

CONTENDO:

AS POESIAS ORIGINAES PUBLICADAS E INEDITAS;

AS VERSÕES DE MUITAS D'ELLAS

PELOS SNRS. THOMAZ CANNIZZARO, PROSPERO PERAGALLO, SOLON AMBROSÓLI,

LUIZ BRIGNOLI, JOSÉ BÉNOIÉL, LAMARQUE DE NOVÔA,

CÖRAN BJÖRKMAN, GUILHERME STORCK, ACHILLES MILLIEN E HENRIQUE FAURE;

AS VERSÕES DE VARIAS POESIAS DE OVIDIO, HORACIO,

LAMARTINE, VICTOR HUGO, MILLEVOYE,

ANDRÉ CHÉNIER, LAFONTAINE, BYRON, TORQUATO TASSO, DANTE,

MIGUEL ANGELO, STROZZI, MANZONI, RUBIÓ Y ORS,

E SARRAN D'ALARD

E A TRADUCÇÃO DO POEMA

## JERUSALEM LIBERTADA

DE

TORQUATO TASSO



1910

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

5, Rua do Marechal Saldanha, 7

LISBOA

OBRAZ POETICKAS

LONDON

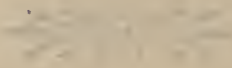


EDITOR: JOSÉ RAMOS-COELHO

LISBOA

AGATAH M. B. R. M. G.

LONDON



STANLEY BRUCE & CO. LTD.

LONDON

## PROLOGO

---

Espalhados por diferentes volumes, alguns já de aquisição difficil, andam os meus versos originaes e traduzidos. São esses volumes os *Preludios poeticos*, a versão da *Jerusalem libertada*, de Torquato Tasso, as *Novas poesias*, os *Lampejos*, os *Cambiantes*, e os *Reflexos*, respectivamente publicados em 1857, 1864, 1866, 1896, 1897 e 1898. Os *Preludios* esgottaram-se ha muito; da *Jerusalem*, outrosim ha muito esgottada, fez-se uma nova edição em 1906, inferior aos meus desejos; das *Novas poesias*, creio que a maior parte dos exemplares ficou pelo norte de Portugal, onde se imprimiram (no Porto), e foi para o Brasil, campos das relações commerciaes do editor, de modo que em Lisboa e no resto do paiz quasi se desconhecem; e dos *Lampejos*, *Cambiantes*, e *Reflexos* alguns exemplares ainda existem, mas não tantos, que dispensem dal-os eu outra vez á estampa. A reimpressão d'estes livros não deixa pois de me convir, maxime os *Preludios*, e as *Novas poesias*, para os quaes ha ainda outra razão: a lima a que os sujeitei, sem todavia lhes prejudicar a feição do tempo e do meio que os caracteriza, lima necessaria, visto ser, o primeiro, como que o ensaio juvenil da minha musa; e o segundo; o exuberante fructo da minha verde mocidade.

Attendendo ás considerações que acabo de expor, decidi reunir todos estes volumes n'uma edição compacta facilmente manuseavel, conservando porê m separadas as col-

lecções, e sem lhes alterar quasi nunca a ordem das peças, assim como juntar-lhes algumas poesias deixadas de fóra, as compostas depois dos *Reflexos* até hoje, e as versões que de muitas foram feitas em varias linguas, embora já publicasse estas n'outro volume que lhes destinei especialmente. <sup>(1)</sup> Assim poderá ver n'um relance e julgar a minha obra poetica, se ella lh'o merecer, o publico competente, em cuja imparcialidade nutro confiança.

Tenho poetado muito, e muito haveria que mondar em tamanha seara. Conheço-o perfeitamente; e tentei proceder a este penoso trabalho; mas, depois de repetidas hesitações, decidi-me pela negativa. A escolha em taes casos, ninguem o ignora, ardua para os extranhos, é quasi impossivel para os auctores, a quem, de ordinario, illude o amor aos filhos da sua intelligencia, ás vezes tão queridos como os proprios filhos da sua carne, amor que, para ser de bons paes, não deve admittir exclusivismos, posto a sympathia ou as qualidades os inclinem mais a uns que a outros. Ora isto que digo applica-se de preferencia á poesia, e ainda mais á poesia egotista, abundante nos meus livros; e quantos cultivam o genero, no que sentem a respeito das suas produções, ou nos encontrados juizos dos criticos que as examinam, conhecem a proposito frizantes exemplos; eu, pelo menos, no que me toca, posso affirmar assim o ter experimentado. O publico por conseguinte que as escolha a seu bel prazer; e, quando digo o publico, comprehendo sabios e ignorantes, os sabios aquilatando-as conforme a sua sciencia, e os ignorantes conforme a sua sensibilidade, frequentemente mais valiosa ainda n'estes escriptos.

No tocante á ordem das poesias aqui impressas cumpre advertir que nada tem que ver com o que exprimem; ninguem portanto procure n'ellas a sequencia que teriam, se

---

(1) *Poesias de Ramos-Coelho vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez...* Lisboa 1907, 8.º, 1 vol.

eu as dispuzesse conforme os acontecimentos, sobretudo os da minha vida, a que muitas, mais ou menos, se referem. Em geral dispul-as só com o fito de variar os assumptos e a versificação, para, quanto possível, suavizar a leitura. D'isso talvez nasçam algumas extranhezas; mas do systema opposto outros inconvenientes resultariam, sem por tal facto ser compensada a monotona repetição dos metros e das materias.

Da impressão das *Novas poesias á dos Lampejos, Cambiantes e Reflexos* ha um longo intervallo; mas não se cuide que n'elle deixei de render culto á poesia, paixão e consolo de toda minha vida, porque estes volumes são quasi no todo, como se colhe da data ou do objecto das suas peças, o repositorio das composições d'essa época.

Mais longo intervallo porêm é ainda o que medeia da primeira á segunda edição da *Jerusalem libertada*. Para elle concorreram muitas causas, já particulares da minha vida, já da confecção e publicação de outros escriptos, uns inherentes a meus empregos, outros voluntarios, e já da conveniencia de deixar exgottar, á primeira edição, o que, attenta a qualidade da obra, que não é para todos os leitores, demandava muito tempo. Demais, era preciso revel-a tão cuidadosamente, e, uma vez começado o trabalho, era tão necessario não no interromper, que se tornava difficil achar um periodo bastante espaçoso para o levar até ao termo definitivo com a consciencia de que me prézo. A primeira edição porêm exauriu-se totalmente; e, fazendo das fraquezas forças, e alliviado mais um pouco das minhas occupações, pude emfim dedicar-me á sua revisão, e publical-a. Agora sahe aqui á luz pela terceira vez, ainda com leves retoques. Alguem julgará prematuro o reimprimil-a eu já, mas o facto de ser destinada a segunda edição mais ao Brasil, mercado principal da casa editora, do que a Portugal e á Italia, e o meu proposito de a vulgarisar n'estes paizes, aconselharam-me, afora a razão já apontada, que a incluísse n'esta collecção das minhas obras poeticas, a que dará lus-

tre o nome do seu auctor original, o grande Torquato Tasso, já que eu lh'o não posso dar com o meu nome obscuro.

Reimprimindo tambem aqui as traducções que varios escriptores estrangeiros fizeram de versos meus, a que já me referi, faço-o como um novo tributo de agradecimento, e não por vangloria, embora não seja insensível á distincção que elles me concederam, escolhendo-os entre muitos de maior valia para os seus labores poeticos, e para darem a conhecer a seus conterraneos alguma coisa da litteratura portugueza. Infelizmente este meu testemunho de gratidão converteu-o a morte para alguns d'elles n'outras tantas co- roas de saudade que deponho respeitoso nos seus tumulos: refiro-me ao doutor Solon Ambrosóli, ao doutor Luiz Brignoli Junior, a Lamarque de Novôa, ao conselheiro Guilherme Storck, e a Henrique Faure, nos quaes perdi, e perdeu a nossa querida Patriá, sobretudo nos três ultimos, eu generosos favorecedores, e ella dedicados amigos. O meu livro terá n'esta parte, ao menos, o merito de guardar modestamente entré nós algumas de suas obras, que n'ou- tros dos seus paizes occupam ou occuparão o logar justa- mente merecido, e com maior proveito.

Alguma coisa mais que eu poderia dizer é supprido pelas notas, muitas das quaes consistem na mera reproducção das que se imprimiram nos volumes separados.

Emfim aqui fico n'este meu livro como fui e como sou, com os meus erros e acertos, com as minhas illusões e desenganos, e com uma esperança, que, ainda, e apesar de tudo, me acompanha: a de achar, seja muito ou pouco o seu valor, intelligências rectas que o apreciem, e corações generosos e sensiveis que me entendam.

1910 — Julho.

*Ramos-Coelho*



# PRELUDIOS POETICOS

SEGUNDA EDIÇÃO

---

## A INSPIRAÇÃO

Fogo santo, divina harmonia,  
Estro ou musa, que importa o que és?  
Luz e alma que a mente extasia,  
Eu me arrojo, me humilho a teus pés.

Do céu vens, e até lá te levantas;  
És a sciencia que Deus enviou  
A Moysés, quando as paginas santas  
No abrasado Sinay-lhe dictou.

Pela voz dos prophetas falaste  
A um povo sem Deus e sem lei;  
De Babel junto ao rio vagaste;  
Déste a c'rôa a quem era já rei.

Nos gemidos de Job que gemidos  
Não soubeste do peito arrancar!  
Como os servos fizeste atrevidos  
Aos tyrannos a morte apontar!

Onde existes, aonde, aurea chamma?  
No infinito, na terra, no céu,  
Sol sem manchas que os raios derrama  
Sobre aquelles que Deus escolheu.

Que te importa se a turba, folgando,  
Mal te vê, não te chega a entender,  
Se o poeta, o joelho curvando,  
Reconhece o teu grande poder?

Para elle és o sonho fadado,  
Que o Senhor aos humanos deixou,  
Qual reflexo do mundo encantado  
Donde o homem primeiro expulsou.

És o sonho que alcança outra vida  
 Infinita, de paz e de amor,  
 Das miserias a certa guarida,  
 Dos espinhos a candida flor.

Fogo santo, divina harmonia,  
 Estro ou musa, que importa o que és?  
 Luz e alma que a mente extasia,  
 Eu me arrojo, me humilho a teus pés.

Déste a David as angustias  
 Do longo arrependimento,  
 O diadema de poeta,  
 A harmonia, o sentimento;

A Homero a tuba altísona,  
 Que os heroes longe apregôa,  
 Que através de trinta seculos  
 Inda a humanidade atrôa.

Com Hesíodo cantaste;  
 Com Jeremias soffreste;  
 Com Ezechiel dos tempos  
 O pesado véu ergueste.

Foste grande com Virgilio  
 De Roma o berço buscar;  
 Com Píndaro em vôo ativo  
 Ousaste o sol demandar.

Do desterro os doces carmes  
 Como a Ovidio inspiraste!  
 Com Horacio como o calix  
 Das delicias esgottaste!

Nas palavras sacrosantas  
 Que o Homem-Deus ensinou,  
 Lá tambem, a Fé sincera  
 Os teus encantos achou.

Em todo o mundo tu vives;  
 Todos os tempos são teus,  
 Eterna, pura, sublime,  
 Como um effluvio dos céus.

Quantas vezes tuas graças  
 Não roubou o trovador,  
 E dos barbaros em meio  
 Cantou seus cantos de amor,

Muito embora despresado,  
 Que era então a espada a lei.

Se esta os monarchas fazia,  
 Elle da idéia era o rei.

No paraizo da Alhambra,  
 Pelas veigas de Granada,  
 Nos campos da Andalusia,  
 Em Sevilha, a namorada,

Como languida vagaste  
 Entre os braços do prazer,  
 Inda perfumes da Arabia  
 Teus versos a rescender!

Como encheste o peito ousado  
 Das glorias ao companheiro,  
 A Camões, o desditoso,  
 Ao vate, amante, e guerreiro!

Que o digam do Tejo as aguas,  
 Mais a gruta de Macau,  
 Que lhe ouviu as tristes queixas,  
 Ella só, mais o seu Jau!

De Cintra nos altos montes,  
 Com Bernardim suspirando,  
 Ao sussurrar do ribeiro  
 Não foste os ais ajuntando?

Ao meigo cisne da Italia  
 Não prestaste a voz canora?  
 O tom altivo de Homero  
 Ao bardo de Eleonora?

De Vauclusa inda hoje os echos  
 Não lembram o suspirar  
 De Petrarca inconsolavel,  
 Com seu tormento a scismar?

Não abriste a Dante o inferno,  
 E a sempre feliz mansão?  
 Não outorgaste a Racine  
 De commover o condão?

D'Albion ao cego vate  
De condor azas não déste?  
Com Young não choraste,  
E com Byron não descreste?

Foste, és grande, sempre a mesma;  
O espaço, o tempo são teus,  
Eterna, pura, sagrada,  
Como um effluvio dos céus.

Quando perpassa a viração da tarde  
Pelo calix das flores,  
Ornas a frente de grinaldas roseas,  
De singelos amores,

Ou a rôxa saudade lhe entrelaçs,  
E o martyrio tambem;  
Assim a vida n'este mundo passa,  
E riso e dôres tem.

Do desterro no solo aborrecido  
Que gemer de amargura,  
Junto ás praias do mar a contemplares  
A liquida espessura!

Á noite sob a abobada estrellada  
Que arroubos de poesia!  
Como fundes a voz da natureza  
Dos astros na harmonia!

Nos pincaros dos montes alterosos,  
Degraus do throno teu,  
Que não devassa o homem, que o poeta  
Presente ser no céu,

Vaes ás vezes sentar-te solitaria  
Em fundo meditar,  
Qual aguia que ensaiasse as fortes azas,  
Antes de ao sol voar.

Como em férvida prece a horas mortas  
Até Deus te sublimas!  
Como adoras seu braço, como o louvas  
Em sonoras rimas!

Como choras co'a tristeza;  
Como ris com a alegria;  
Como vestes a existencia  
De perfume e de harmonia!

Como nas faces da virgem  
Lês os segredos de amor;  
Como através de seus olhos  
Vaes inspirar o cantor!

Como no campo sangrento  
Das batalhas pelejadas

Em nome da Fé, dos povos,  
D'entre as dispersas ossadas,

Tomas o nobre guerreiro  
E o transformas em gigante;  
E carpes sobre as feridas  
Do soldado agonisante!

Em toda a parte onde busco  
O teu influxo sagrado,  
Sempre te vejo e te adoro,  
Meu archanjo idolatrado,

Pois tu és o meu allivio  
N'este mundo de amargor,  
O meu mais suave abrigo,  
Meu primeiro, unico amor.

Que importa musa te chamem,  
Ou estro ou inspiração,

Se te dou a minha vida,  
Se te dou meu coração?

Foste, és grande, sempre a mesma;  
O espaço, o tempo são teus,  
Eterna, pura, sagrada,  
Como um effluvio dos céus.

1853

## AMA

Eu sei; não dizes; mas eu sei, querida,  
Que esse pezar que te descora a tez  
É porque sentes pullular a vida,  
Que para amar a Providencia fez.

Amor solettra quem amor conhece  
Na vista langue, que o ardor perdeu,  
Que o peito o occulta, e scintillar parece  
N'ella, por entre humedecido véu;

Na bocca breve, que sorria outr'ora,  
Mas que hoje triste já não sabe rir;  
Que baixo o hymno preludia agora,  
E os risos guarda para amor fruir.

Amor não diz o pensamento quêdo,  
Que d'antes ia sobre flor e flor,  
Que tem agora de turbar-se mêdo,  
Por que uma idéia só o prenda, o amor?

Na meiga face, que desmaia o susto,  
Que o pejo aviva não o vês nascer,  
Como, coberta por um tenue arbusto,  
Se esconde a rosa, e inda se deixa vêr?

No olhar, no gesto, no pensar, em tudo  
Que sentes, falas o adivinho emfim,  
Eu que te adoro, que te sigo mudo,  
Quando te vejo tão formosa assim;

Que te amo triste, porque um dia espero  
Alegre vêr-te n'estes braços meus.  
Venha essa hora; nada mais eu quero,  
Senão amar-te e bemdizer a Deus.

Ah! no thesoiro d'essa luz sumida,  
N'esse do rosto singular pallor,  
Tens um mysterio, onde me tens a vida,  
E a chave d'elle só a guarda amor.

Ama, e teus olhos raiarão brilhantes;  
 Ama, e teus labios saberão sorrir;  
 Ama, e os annos te serão instantes,  
 E a cor ás faces tornará a vir.

Ama, e teus olhos, que meus olhos guiam,  
 A luz, a vida lhes farão tornar;  
 Ama, e os labios, que por ti gemiam,  
 Co'os teus alegres os verás ficar.

1854

## SOFFRIMENTO

AO MEU AMIGO JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

Em quanto peregrinando  
 Me traz o fado mesquinho,  
 Por augmentarem meus damnos,  
 Com seu facho alumando  
 Vão o meu negro caminho  
 Os continuos desenganos.  
 E, para o tumulto andando,  
 Os meus pés a custo arrastam  
 Este corpo emmagrecido,  
 Pela doença abatido,  
 Doença que a matar basta,  
 Que a tanto me tem trazido.

Lgrimas d'antes choradas,  
 Já não vos posso chorar!  
 Ficaes agora paradas  
 Dentro d'alma a me acabar,  
 A me acabar esta vida,  
 Que por vós era vertida,  
 E que assim ha de estalar!  
 Unicas fontes da dor,  
 Não sei como ha de caber  
 Em mim tamanho soffrer,  
 Que não ha pena maior!

Vae caminhando; confia;  
 Resigna-te; em Deus espera;  
 Diz o mundo; e a dor sombria  
 O meu peito dilacera  
 Em cruel, funda agonia;  
 E a penuria, e o soffrimento  
 Me travam do pensamento,  
 E o prendem ao pó da terra,  
 Quando eu o ia elevar

Áquelle, que o céu encerra,  
 Em que só se póde esp'rar.

Se adormeco, á cabeceira  
 Põem-se-me logo os cuidados  
 Em sonhos de mau agoiro:  
 O meu unico thesoiro  
 São pensares mallogrados!  
 Se abro a bocca, a inspiração,  
 Que tenta aos ares subir,  
 Sente que é filha do mundo;  
 E ao sentil-o o coração  
 Solta um arranco profundo,  
 Que ninguem pudera ouvir,  
 Mas que ouve minha razão;  
 E não enlouquece, não,  
 Para mais o mal sentir!

E fogem todos de mim;  
 Nem me conhecem assim;  
 Tão mudado estou do que era,  
 Que passam, e não me vê'm!  
 Pois se a flor da primavera  
 Pelo furacão vergada  
 A terra já murcha vem,  
 Como a conhecêra alguém?  
 Pois, se esta fronte pendida,  
 Em que apenas hão passado  
 Escassos annos de vida,  
 Só fartos de desventura,  
 Cheios, porêm de cuidado,  
 Se nem eu a conheci,  
 Quando assim curvada a vi!

E este existir cansado,  
Que de tudo já me cansa,  
Em que não vejo esperança  
Senão de ser desgraçado....

Não, não terá já mudança  
N'este resto minguado  
De vida, melhor perdida,  
Se é que este viver é vida!

1853

## ALMEIDA GARRETT

A ALEXANDRE HERCULANO

Morreu! A lyra lh'estalou de todo!  
Era o sceptro do rei das harmonias;  
Hoje, depois de morto, lhe orna a campa;  
Qual brilhante pharol, se estende ao longe,  
E ha de estender-se ás gerações futuras.  
Nós que lhe ouvimos o soar mavioso,  
Onde a saudade modulou queixumes,  
Onde cantou amor, troou a gloria,  
E a liberdade ergueu hymnos sagrados,  
Ora um só echo lh'escutamos, grande  
Como seu nome que na fama vive.  
E maior se fará; que para o genio  
A morte é como o sol, que da montanha  
A forma, ao declinar, no campo augmenta.  
Mas não ha noite que lhe apague a sombra:  
Perpetuo dia, inextinguivel culto,  
De paes a filhos, com o tempo alteia  
A estatua augusta o pedestal sublime.  
Assim de Homero ao majestoso throno  
Um degrau cada seculo levanta,  
E quasi nume a topetar co'os astros,  
Através do passado myst'rioso,  
A pia crença reverente o adora.

E eras grande, poeta. N'essa fronte  
Deus estampára a inspiração divina;  
Em igneas letras solettrou-a o mundo;  
Onde passavas uma esteira lucida  
Lá lh'o dizia, monstruosa cauda  
De audaz cometa, que outro céu buscava.  
Com a idéia corrias inconstante  
Da rosa ao goivo, do cypreste ao loiro,  
E a vida, e a morte, e a gloria sublimavas.  
Tinhas por teu dominio a terra, o espaço,  
Que do infinito os páramos immensos  
Ante esses olhos de aguia se estendiam,  
Como aos olhos do nauta os horizontes.

Sim, eras grande! Sob um céu de fogo,  
No berço quasi, pululava o estro;  
E, á phantasia as azas desprendendo,  
Que promettiam já voar bem alto,  
Outro ar mais celeste respiravas,  
O futuro a antever; ou modulando  
O debil canto do Mondego ás margens,  
A contemplares Deus e a natureza,  
Ou pretendendo competir com Píndaro,  
Na rude senda a acompanhar de perto  
Filinto, porque a luz do entusiasmo  
Os barrancosos passos te marcava.  
Agora em paz, no intimo dos lares,  
Celebras a amizade, amores sonhas;  
Agora carpes a desgraça; e, quando  
Vês raiar o fulgor da liberdade,  
Fervente saudação lhe mandas d'alma,  
Que é a vida do homem, que nos ferros vive,  
«Não, só vegeta miserando escravo.»

Ouvis? Que canto é esse que do Thâmesis  
Em som extranho vae correndo as aguas?  
D'ahi ávida estende os longos braços  
Albion avassallando o imperio undoso;  
D'ahi á terra que lhe déra o berço  
E aos povos todos o seu brado envia.  
O poeta no exilio; mas a Patria,  
Que elle ama tanto, não no escuta. Vêde  
Como rebenta o ardor no peito indomito  
Do cantor de Riego! como irado  
Do Tejo os filhos interroga: escravos,  
«Pésa mais um punhal que uma cadeia?»

Da lyra agora temperando as cordas,  
Na lingua de Camões Camões revive,  
E a lingua e o vate grandiosos surgem.  
Em novo estylo, remoçada e forte,  
A nossa fala donairoza attinge  
A louçania das da Europa cultas;  
Brotta, cresce, infloresce-se viçosa  
E variegada, qual jardim de estio,  
Onde a arte ajudou a natureza:  
Aqui risonha, allí compadecida;  
Desalinhada ás vezes; ora meiga;  
Ora arrojada em concizão nervosa;  
Mas sempre portugueza e bella sempre.

Como resôa da saudade o canto  
Nas ribas estrangeiras! De acanhada  
Entre os olmêdos d'esse pobre Sena,  
Su'alma inquieta para os mares foge.  
Como lhe anceia o coração contando  
Do poeta de Ignez a sorte infausta!

Á mingua morre; na penuria expira  
 Quem fez a Portugal maior no mundo!  
 «E tu, mãe descaroavel, o engeitaste!  
 «Onde jaz, portuguezes, o moimento,  
 «Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

Assim bradava no desterro o vate,  
 Dos seus o brio, a honra estimulando,  
 A recordar os annos do passado;  
 Mas o clarim ardente o incita á guerra,  
 E, novo Alceu, entusiasta anima  
 Da Terceira as phalanges. A victoria  
 O volve á Patria só de fama rico;  
 Nem mais deseja: a liberdade agora  
 Corôa a lyra que a chamara á terra.

Eil-o que lá franqueia ardido a meta,  
 E do presente os terminos quebranta.  
 Recúa um passo ante elle o tempo e a vida,  
 E, ao ouvil-o cantar, quasi se esquecem.  
 Tornados ao preterito, imaginam  
 Viver de novo na já morta scena:  
 Vêem Catão em Útica espirando;  
 Do afortunado Manuel os dias  
 Com Gil Vicente e Bernardim renascem;  
 Respiram, sentem, falam a linguagem  
 D'essas distantes eras; do gran Sousa  
 O feito nunca feito escripto fica  
 De modo tal, que não o podem homens  
 Outra vez escrever; nem elle mesmo:  
 Fôra do genio o maximo portento!

Quem mais seguro nos abra os cofres  
 Da tradição do povo? Quem tecêra  
 Com mais grato sabor as lendas suas?  
 Com que arte e gosto restitue, imita  
 Do trovador incognito as endeixas,  
 E, como elle, suspira, ama, padece,  
 Ou paixões, aventuras, galhardias  
 Nos conte de afamado cavalleiro,  
 Ou feios casos de brutal fereza  
 Com delicada mão na tela borde!  
 Noite de S. João, noite bemdita,  
 Da nossa gente enlevo, bellas fadas,  
 Espiritos do ar, crenças e usanças  
 Do velho Portugal, perdidas quasi,  
 Da su'alma ao calor, viçaes de novo.

Portuguezes, chorae. Vosso irmão era.  
 A mente, o coração, a espada, a penna,  
 Tudo, tudo vos deu. Por vós sómente  
 «Não foi *seu* braço ao campo das batalhas  
 «Segar-vos loiros? *Seus* sonoros hymnos  
 «Não voaram por *vós* á eternidade?»



No palacio dos reis ladeado de honras,  
Na imprensa escriptor, firme susteve  
A causa publica, e, á tribuna ousado  
Subindo, eloquente a voz desata.  
Soffre o desterro; o carcere o recebe;  
«Silvando embalde co'a viperea lingua,»  
Tenta mordel-o a inveja; tudo balda;  
E na desdita maior força cobra.  
Assim rio caudal, se encontra acaso  
No curso duras, empinadas rochas,  
Que lhe pejam a estrada, estreita, sobe,  
Passa, apertado entre ellas, trovejando,  
E após as margens insoffrido alaga.

Quasi no extremo despedir da vida,  
Que sentido cantar inda modula,  
Como de joven coração? A chamma  
Do amor vem animar-lhe os debeis olhos,  
E erguer-lhe a fronte que já pende á terra,  
Não do pêso dos annos, das corôas  
E dos espinhos que acarreta a gloria.

E por fim lhe cahiu! Eis cede o corpo;  
Eis esmorece a luz; e a majestade  
Do genio só e Deus em frente se acham!

Como o cedro no Líbano educado,  
Que, altivo, a coma para o ar arroja,  
Porêm, se quebra dos tufões á raiva,  
Qual thuribulo, evola-se em perfume,  
Assim elle, no mundo mal nascido,  
A outros mundos o pensar alava;  
Chegou a morte; e do Senhor o braço  
Para sempre o abateu; mas a su'alma,  
Arôma da existenciã, aos astros sobe.

Oh! eras grande! Portugal que o diga.  
Pelos climas da America vagando,  
O divino Garrett ouvi chamar-te;  
A fama por mil boccas te pregôa;  
A Europa ao brado se lhe junta, e cresce,  
Unido ao teu o portuguez renome.

Vinde commigo pois; se portuguezes,  
Sobre os restos do bardo e patriota  
O meu cantar acompanhae de lagrimas.  
Lagrimas são tambem que aqui derramo  
Pude de perto contemplar o genio,  
As palavras lhe ouvir; sei quanto era.  
Por isso agora minha voz levanto,  
Debil seu vôo rastreando apenas,  
Que pela immensidade alem se perde.

E tu, Patria de heroes, Patria esquecida,  
 Desamorada mãe de illustres filhos,  
 De quem tanto serviu honra a memoria.  
 De Camões, de Garrett e de Filinto  
 Nos monumentos desmentido eterno  
 Envia ao mundo que te diz ingrata.  
 E, se não... grande é a terra, o tempo largo,  
 Outra a vida do genio. Do sepulcro,  
 Onde se acabam reis, perecem povos,  
 Tu, ó rei da harmonia, a loisa partes,  
 Vingas o espaço; a eternidade é tua.

1854—10 de Dezembro

## ALMEIDA GARRETT

VERSÃO DO DR. LUIZ BRÍGNOLI

Mori! La cetra gli cadeva infranta!  
 Un di scetro del rè dell'armonia,  
 Oggi trofeo d'una compianta tomba,  
 Immenso faro di mai spenta luce,  
 Che illuminando le future genti,  
 Pei secoli dei secoli si perde.  
 Noi che gli udimmo in rime sparse il suono,  
 Onde cantava amore, onde il desio,  
 La speme modulò dolci querele,  
 Onde tuonò la gloria, e libertate  
 All'Eterno offeri canti soavi,  
 Un ecco solo ora ascoltiam, sì grande  
 Come il suo nome che la fama onora.  
 E maggior crescerà, che morte al genio  
 E come il sol che in declinar le forme  
 Di gigante montagna estende e accresce;  
 Ma non v'ha notte che gli celi l'ombra:  
 Perpetuo giorno, inestinguibil culto  
 Passa da padri ai figli, e ognora inalza  
 Di suo gran nome l'immortal colosso.  
 Così prostesi i secoli sgabello  
 Fanno d'Omero al venerando trono,  
 Che sempre più si perde infra le stelle,  
 E del passato entro l'oscuro velo  
 Dei popoli la fè qual Dio l'adora.

Eri pur grande; in quella fronte Iddio  
 La favilla del genio avea stampato;  
 In ignee cifre la legeva il mondo.  
 Luminoso sentier svelava in terra  
 Di tua vita il cammino, immensa coda

Di gran cometa che altro ciel chiedeva.  
 In fervido olleggiar correa la mente  
 Dal narciso alla rosa, dal cipresso  
 Al lauro, e sempre in melodioso carme;  
 E morte, e vita, e gloria eran divini!  
 Sono dominj tuoi la terra, il cielo;  
 Ed al tuo sguardo d'aquila si spiega  
 Dell' infinito il più lontan confine.

Eri pur grande; sotto un ciel di fuoco,  
 Bambino ancor, ti sorrideva il genio,  
 Ed alla mente allor sciogliendo l'ali,  
 Che promettean di già toccar le stelle,  
 Come anelante a più sereno cielo,  
 Il futuro aspiravi; o modulando  
 Il debil canto il riva all'onda cheta  
 Del placido Mondego in dolce incanto,  
 A contemplar natura e il suo fattore,  
 O già nel volo risalendo a Píndaro,  
 Sul arduo di Filinto aspro sentiero,  
 Che entusiastica face i dirupati  
 Passi t'apprende; poscia nei tuoi lari  
 Tranquillo riposando innalzi il carme  
 Alla vera amistà; sogni gli amori;  
 Lacrime doni alla sventura; e quando  
 Spunta nel ciel di libertà l'aurora  
 Dell'alma un grido a salutarla invii,  
 Ch' è dessa vita all'uom, che in ceppi geme;  
 Non vive, non, vegeta sol lo schiavo.

Qual voce è questa inusitata e fiera,  
 Che del gonfio Tamigi il corso gira?  
 Da quella sponda all'orbe il braccio allunga  
 Albion superba incatenando i mari;  
 Da quella sponda al dolce suol natio,  
 Al mondo intero envia l'esule vate  
 I suoi lamenti, e il mondo inter l'ascolta;  
 Ma la sua Patria a tanta voce è muta.  
 Vedi come arde pura fiamma in petto  
 Al cantor di Riego, e come ardito  
 Grida ai figli del Tago: inerti schiavi,  
 Più vi pesa um pugnàl che le ritorte?

Ora dell'arpa temperando i suoni,  
 Camoens revive nella sua favella,  
 E lingua e vate giganteschi sorgono.  
 Con nuovo stil ringiovenito e forte  
 Il luso dir gentil emula in garbo  
 Ogni altro idioma della colta Europa.  
 Sbuccia, cresce, di fior si veste, vago  
 E variegato, qual giardin d'Aprile,  
 Ove l'arte diè mano alla natura.  
 Or ridente si mostra, ed or pietoso;

Ora di vezzi spoglio, e poi languente;  
 Quando conciso, nerboruto e forte;  
 Ma bello, e puro, e lusitano sempre.

Come triste e soave il canto intuona  
 Nelle straniere sponde, oh! come oppressa  
 Del paludoso Senna infra le rive  
 L'alma gli fugge a divagar pei mari!  
 Come palpita il cuor, l'obblio contando  
 Del gran cantor d'Ignez gentile! A stento,  
 A stento, ò lusi, misero si muore  
 Colui che tanto vi fè grande in terra.  
 E negletto tu l'hai, madre spietata!  
 Ove riposa l'urna, ingrata gente,  
 Che del vate divin la polve accoglie?

Così cantava nell'esilio il vate,  
 Di triste rimembranze il cor ripieno,  
 Dei suoi destando l'assopito onore.  
 Ma la tromba di guerra al campo invita,  
 E, nuovo Alceo, alla battaglia sprona  
 Le squadre di Tercera. La vittoria  
 Al Tago il rende, sol di gloria onusto.  
 Nè più curava, or libertade all'arpa  
 Che l'appellava in terra il serto impone.

Vedi come la meta ardito avanza,  
 E come vince del presente i fini:  
 Innanzi a lui ristan la vita, il tempo,  
 E di sua voce al suon quasi s'obbliano.  
 Al passato converse, all'ere sembra  
 Volger di nuovo alla trascorsa etade.  
 Caton vedan' in Utica spirando,  
 D'Emanuele i giorni e di Giovanni  
 Con Gil Vicente e Bernardim revivano.  
 Palpitano, respirano; favella  
 Ripeton di quei tempi; e l'unqua fatto  
 Fatto del Sousa ha vita, e in voci tali  
 Che giammai fia chi s'attenti ridirlo  
 In altre note; egli medesimo fosse;  
 Era del genio il più sublime slancio.

Della remota tradizione gli archivi  
 Apre con man sicura, e disotterra  
 Degli avi nostri i favolosi canti.  
 Come semplici allor, come soavi  
 Egli ritorna i mutilati accenti  
 Del vago trovator; ah! come pare  
 Piangere ancora e sospirar con lui;  
 Sia che di nobil cavalieri apprenda  
 L'avventure d'amor, le gentilezze;  
 Ossia che intessa con esperta mano  
 Di fierezza brutale i tristi eventi.

Notte di San Giovanni, eteree fate,  
Sognati spiriti, credenze, usanze  
Degli antenati nostri in lui vivete.

Piangete, ò lusi, un buon german piangete.  
La mente, il cuor, la penna, il brando, tutto,  
Tutto egli vi donò; solo per voi  
Colse gli allori dell'onor sul campo  
E all' Eterno offeriva inni sonori.

Nella soglia real carico d'onori,  
Nella stampa scrittor, sempre la destra  
Amica porse al popolar diritto.  
Sempre incorrotto la tribuna ascende,  
E per giustizia pugna, e per lei soffre  
Dura prigione, e miserando esilio.  
Fischiano invano la viperea lingua,  
Tenta ferirlo invidia; i micidiali  
Dardi le frusta, e più radiante sorge  
Da tanta guerra il venerando capo.  
Così ringofio fiume in suo decorso,  
Si acaso incontra dirupati scogli,  
Nel varco angusto si rifrange, e stringe;  
Ma vincitore alfin passa superbo,  
Per la valle si stende e inonda i campi.

Presso la meta del mortal camino  
Che suoni intuona, che pensieri sprime!  
Come giovane il cuore ancor sospira!  
Come in quegli occhi amor divampa amore!  
Come sublime estolle al ciel la fronte,  
Non curva dall'età, ma dalle spine,  
Triste retaggio d'ella gloria in terra!

E per fin si prostrò; la salma cadde;  
Impallidi la fiamma, e il genio altero  
In faccia al Creator spoglia si trova.  
Come cedro gigante, onor del Libano,  
Che la frondosa chioma intorno spande,  
Di profumi innondando il ciel vicino,  
Se avvien che soffii tempestoso il vento,  
Che l'Eterno agitò, sul fianco piomba,  
Ma più fragrante all'aure invia l'aroma,  
Così costui, che ben mal nacque in terra,  
Ad altre sfere il suo pensier movea;  
L'uccise il braccio del Signor; ma l'alma,  
Dell'esistenza aroma agli astri ascende.

Eri pur grande; Portogallo il dica;  
Il dica il mondo inter. Correndo un tempo  
L'americano suol; suoi figli intesi  
Appellarti il divin; ne'lari tuoi  
Più tarde t'ammirai; di te sol parla

Per mil bocche la fama, e risuonando  
L'Europa tutta si riscuote al grido,  
E cresce col tuo nome il luso nome.

Su quest'urna immortal, ove corone  
La patria musa intreccia, e il patrio amore,  
Venite, ò lusi, e al canto mio funèbre  
Di lacrime s'accordi ampio tributo,  
Che lacrime son pur queste che io verso.  
Vicino il contemplai, nel cuore oppresso  
Risuona ancora il melodioso accento;  
Quanto era grande appresi; e tento invano,  
Elevando il pensier, che a tanto è scarso,  
Di quel grande seguir l'orma immortale,  
Che nello spazio si confonde e perde.

E tu, Patria d'eroi, Patria obbliata,  
Di magnanimo prol madre avvilita,  
Onora il cener che ti fece onore.  
Con monumenti di scolpito marmo  
A Camoens, a Filinto ed a Garrett  
Dimenti il mondo che ti dice ingrata.  
Si non ti cale... è il mondo vasto, e largo  
Il tempo, ed ambidue son patria al genio.  
Di quell' avel che nell'obblio rinserra  
I prenci alteri e i travagliati popoli,  
Tu, rè dell'armonia, le porte atterri,  
Hai vinto il tempo, ed è tuo nome eterno.

## SÓ

Junto das praias do mar  
Ha uma gruta sombria,  
Onde não entra o luar,  
Onde não penetra o dia,  
Onde se vae assentar  
À hora do pôr do sol  
Saudosa a melancholia;  
O canto do roixinol  
Não ameiga aquelles ares;  
A brisa que sopra forte  
Crispando a face dos mares,  
O frio vento do norte,  
E o tufão, nuncio da morte,  
Só se ouvem n'esses logares.

Alli me apraz, solitario,  
Longe dos homens, passar  
Quantos posso ao meu fadario  
Poucos instantes roubar;  
Que o viver imaginario

D'essa amarga solidão  
O peado pensamento,  
E o oppresso coração  
Leva, como o rijo vento  
Pelo mar a embarcação.

Alguem certo ha de extranhar  
Que eu tristezas vá buscar  
Quando me queixo de triste;  
Mas ha tristeza maior  
Do que no seio occultar  
O que mais cruel existe,  
Que é n'elle sentir a dor,  
E nem a dar a entender;  
Sorver-lhe todo o amargor;  
E rir, e rir de prazer  
Com rosto falso, impostor?

Se de tristeza em tristeza  
Eu divagar devo apenas,

No gremio da natureza  
 Quero sentir minhas penas,  
 E, se da terra a belleza  
 A meus olhos não diz nada,  
 Se para meu peito enfermo  
 A sociedade é um ermo,  
 Sua voz mal agoirada,  
 Que vou inda lá fazer?  
 Para em toda a parte vêr  
 Desejos em vão nascidos,  
 Vãos projectos de prazer  
 Logo em pena convertidos?

Mas alli sim; que harmonia  
 Faz do céu a immensidade,  
 Faz do mar a solidão  
 Com as dores e orphandade  
 Do meu pobre coração;

Alli vivo; alli respiro;  
 Alli commigo suspiro,  
 Sem que ninguem venha ouvir  
 Meus suspiros magoados,  
 Para após serem contados,  
 E d'elles o mundo rir.

Ah! se alli, se alli pudesse  
 Por toda a vida habitar,  
 E se um ente Deus me desse  
 Para me suavizar  
 Os dias que inda vivesse...  
 Como então mais estimara  
 Essa gruta erma e sombria;  
 Como então te desfructara,  
 Suave melancholia;  
 Como então eu mais te amára!

1855

---

## A MULHER

Mulher, obra suprema e derradeira,  
 Que a immensa criação fecha e corôa,  
 Mãe do homem, irman e companheira,  
 Para quem sempre minha idéia vò,  
 Tu não foste, qual foi a feiticeira  
 Deusa, que a antiguidade alto apregôa,  
 Gerada das espumas do oceano,  
 Mas de um riso do Eterno Soberano.

Dos elementos refreando a guerra,  
 Já tinha o Creador tirado ao nada  
 Esta pasmosa machina da terra,  
 Com o homem de todo terminada,  
 Quando a vista, que o espaço e o tempo encerra,  
 Volvendo a ella, em jubilo banhada,  
 Em seu contentamento a mulher cria,  
 Reflexo para nós d'essa alegria.

Porque te pôz a mão omnipotente  
 No fim do livro seu, qual fôra posto  
 No começo do sol o brilho ardente,  
 Senão porque tambem é luz teu rosto?  
 Vê-te o homem da vida no oriente;  
 No termo d'ella, no horizonte opposto,  
 Inda te vê ou sonho ou realidade;  
 E por ti deixa o mundo com saudade.

Pois, se não fosses tu, esta existencia,  
 Por mais formosa, que pudera ser?  
 Que seria do mal sem innocencia,  
 E sem consolação do padecer?  
 Que seria da culpa sem clemencia?  
 Da humanidade sem amar e crer?  
 Quem não desejaria a morte amiga  
 Para acabar tão aspera fadiga?

Porêem contigo o proprio soffrimento  
 Converte-se em idéias de ventura,  
 Se, expirando paixão e sentimento,  
 Suave e doce tua voz murmura;  
 Se o olhar nos turva o pranto, n'um momento,  
 Sécca-se á luz da tua formosura,  
 Tal o astro do dia na campina  
 Sorve o rocío, que a açucena inclina.

Ente debil, mas cheio de nobreza,  
 Porque espirito és mais do que materia,  
 Se tomaste dos anjos a belleza,  
 Foi para consolar nossa miseria;  
 Quizeste unir a terrea natureza  
 Á chamma pura da mansão etherea,  
 Para os males da carne supportares,  
 E com um raio teu os abrandares.

Logo ao nascer das graças rodeada,  
 Differente do homem já na infancia,  
 És mais quieta, meiga e delicada,  
 Respiras só angelica fragrancia;  
 Rosa, mas no botão inda encerrada,  
 Vives á sombra da paterna estancia,  
 Enquanto que elle já, sonhando a guerra,  
 Corre nos prados, pelos campos erra.

Cresces; e a formosura vae crescendo;  
 E dotes mil a competir com ella,  
 Para amor o thesoiro estão fazendo,  
 Por que além de formosa fiques bella;  
 As tranças pelo collo vão descendo;  
 Da vida os pomos sob a fina tela  
 Tremem já; mas não é por assustados,  
 Que ainda não conhecem os cuidados.

Não; é farto de risos o presente;  
 Futuro não o tens; em cada dia  
 Gosas o mundo, que te diz sómente  
 Muito crer, muita paz, muita alegria;  
 De seus encantos o poder não sente  
 Essa tua alma toda poesia;  
 E, como flor da natureza filha,  
 Sem arte mais tua formosura briiha.



O teu delgado corpo se contorna;  
Não corres; eis que o passo já moderas;  
O que não se adornava emfim se adorna,  
Porque o dia seguinte agora esperas;  
A vista mais suave então se torna;  
Então rainha sobre nós imperas;  
E não amas ainda; és adorada,  
Mas não foste de todo despertada.

Se vaes á tarde passear no prado,  
Gostas de ouvir o roixinol soltando  
Os seus quebros canoro e descuidado,  
Ou a corrente placida soando;  
Na fonte vês teu rosto retratado;  
N'ella quêda te ficas namorando;  
Queres saber a causa verdadeira  
De os homens te chamarem feiticeira.

Como em flórido valle deslisavas  
A vida tua; oiteiros deliciosos  
Eis o teu horizonte; nem julgavas  
Que outros valles houvesse mais formosos;  
Os olhos para o céu não levantavas;  
Em ti mesmo podiam venturosos  
Vêl-o; na terra debuxado o vias;  
E, sem tratar do mais, lêda vivias.

Mas uma vez, por distracção, subiste  
De um dos oiteiros a relvosa estrada,  
E novos horizontes descobriste,  
E vidá nova, nem sequer sonhada;  
Campos maiores e mais bellos viste;  
Porém a tua vista limitada  
Não alcançou ainda o immenso espaço,  
Onde a alma se perde de cansaço.

Chega a idade de amar; e eis, ao socego  
Do teu passado longo adeus dizendo,  
Nos doces sonhos do teu doce emprego  
Julgas inda entre flores ir correndo;  
Tudo risonho vês, que amor é cego;  
Tudo risonho fazes, em querendo;  
Que importa venha longo o soffrimento?  
Vale-o poder gosar por um momento.

Amas; amar é lei da natureza;  
É da existencia o magico perfume;  
O sentimento é que nos dá belleza,  
Como ás terras o sol dá vida e lume.  
Ha pouco inda, candura e singeleza,  
Agora só no affecto se resume.  
Álem de amar, pretende ser amada;  
Procura o fim para que foi creada.

Ditoso vezes mil quem ella escolhe!  
Feliz quem póde ter tanta ventura!  
E mais feliz quem sequioso colhe,  
E logra emfim tamanha formosura,  
Antes que venha o tempo, e que desfolhe  
Essa rosa de amor que pouco dura!  
Então, mulher, teu ser é um sorriso,  
E contigo viver o paraíso.

Oh! que meigas idéias não sabidas!  
Que palavras que os beijos entremeiam!  
Como se fundem n'uma duas vidas!  
Como n'um pensamento dois se enleiam!  
Como as almas respiram confundidas!  
Como nada já temem, nem receiam!  
Que abraços, que perguntas, que caricias,  
Que existencia de amor e que delicias!

Vêde: ao ente que em flores a captiva  
O seu futuro confiada entrega,  
Para que unida a elle sempre viva,  
E ao mais cruel martyrio não se nega;  
Chora-lhe o mau destino compassiva;  
Com preciosas lagrimas o rega.  
Então mais do que amante é companheira  
Do homem, d'este parte verdadeira.

Ó mãe, unica voz que exprime e ensina  
Dedicação, ternura, amor sem termo,  
Que tornas a mulher quasi divina,  
Sem a qual este mundo fôra um ermo,  
Manancial de fonte peregrina,  
Que sentes palpitar o seio enfermo,  
Sorrindo e desejando entregue ás dores  
O fructo abençoado dos amores,

Tu és, tu és a imagem acabada  
Do reflexo que á terra o céu mandára:  
Só por ti a paixão é transformada,  
Ella, que como espirito vagara,  
N'uma face onde seja retratada,  
N'uma viva porção formosa e cara  
D'essa existenciá que ambos mutuaram,  
Quando os laços de amor os apertaram.

Para havêres um filho a morte affrontas;  
Nascido, com teu leite o alimentas;  
As dôres que passaste já não contas,  
Porêm as graças que lhe crês e inventas;  
Para os tenrinhos labios sempre promptas  
Estão da vida as fontes, que apresentas  
Entre risos; e, ou seja noite ou dia,  
Passas velando só tua alegria.

Esposa e mãe, oh! que tão gratos nomes!  
 Mulher, como é tua alma illimitada,  
 Que, por mais dividida, a não consumes  
 Pelo marido e filhos espalhada!  
 Basta que ás d'elles o perfume tomes,  
 Para a têres mais bella e povoada:  
 Anima-te o aroma dos amores,  
 Bem como ao colibrí o odor das flores.

Como soffres por elles as desditas!  
 Como o jubilo seu te faz contente!  
 Como em suas virtudes acreditadas!  
 Como por elles vês e ouves sómente!  
 Como no seu porvir sempre meditas!  
 E, quando chega a morte finalmente,  
 Para os filhos e esposo os olhos viras,  
 E bemdizendo-os socegada expiras!

Quasi o teu ser podia comparar-se  
 Á arvore gentil americana,  
 Que parece á palmeira assemelhar-se,  
 Posto que não como ella soberana,  
 Que dá, após de folhas adornar-se,  
 A flor, de cujo seio o fructo emana,  
 E da raiz a descendencia gera,  
 Que vê crescer, emquanto a morte espera.

Mulher, por quem o homem sente e existe,  
 Por quem o mesmo sol noss'alma inflamma,  
 Noss'alma que sem ti definha triste,  
 Pois d'ella és a verdadeira chamma,  
 Que ao mundo um novo mundo descobriste,  
 Que desfructar consegue aquelle que ama,  
 Ente debil, mas todo fortaleza,  
 Tu és a perfeição da natureza.

Por ti o coração dentro do peito  
 Sei que bate, e por vivo me conheço;  
 Por ti supporto os males satisfeito,  
 Se um riso teu ou se um olhar mereço;  
 As vezes sinto o coração estreito  
 Para amar, e de amores endoideço;  
 Por ti, por ti a minha humilde lyra  
 Sempre endechas de amor geme e suspira.

1856

## SOLEDADE

(DE LAMARTINE.)

No monte, á sombra do carvalho annoso,  
 Sento-me ás vezes, quando o sol declina;  
 E vejo, olhando triste e descuidoso,  
 Desdobrar-se a meus pés varia a campina.

Aqui espuma o rio sussurrando,  
E ao longe a serpear sumir-se vae;  
Alem se espraia o lago calmo e brando  
Do lado em que da tarde a estrella sa'e.

Dos cumes d'estes montes, coroados  
De selvas, vem-se o dia despedir;  
E os confins do horizonte prateados  
São pela lua que se vê subir.

Entretanto eis que o som religioso  
Do campanario gothico resôa;  
Pára o viandante, e o echo harmonioso  
Com o extremo rumor da tarde vôa.

Mas nada ha em tudo isto que te encante,  
Alma já para tudo muda e fria.  
Ai! ólho a terra, como sombra errante:  
Morto, da vida o sol não me alumia.

De collina em collina embalde a vista  
Se estende, do occidente á rôxa aurora,  
Do norte ao sul, a quanto em roda avista:  
Em parte alguma a f'licidade mora.

Valles, choças, palacios, acabadas  
Estão as vossas graças para mim;  
Rios, florestas, solidões amadas,  
Um ser vos falta; que valeis assim?

Comece ou finde o sol o usado turno,  
Com fria indiferença o considero;  
Desponte ou caia límpido ou soturno,  
Que me importa? dos dias o que espero?

Inda que a marcha immensa lhe seguira,  
A não ser um deserto que encontrára  
Quem de todo o universo a nada aspira,  
Quem nada quer de quanto a luz aclara?

Mas, além, se eu despisse o terreo manto,  
Ante o sol verdadeiro, em outros céus,  
Talvez o que no mundo sonhei tanto  
Apparecesse ainda aos olhos meus.

Ahi a sêde saciara ardente;  
Ahi de novo achára a espr'ança, o amor,  
E esse bem ideal que anceia a mente,  
E a que o homem não sabe nome pôr.

Se eu pudesse na luz da madrugada  
A ti subir, meu sonho idolatrado!  
Se entre mim e este mundo não ha nada,  
Que faço n'elle ha tanto desterrado?

Do chão não leva a folha emmurchecida,  
À tarde o vento na fugaz passagem?  
Arrebata-me, ó vento, a minha vida,  
Como levas a pallida folhagem.

## L'ISOLEMENT

Souvent sur la montagne, à l'ombre du vieux chêne,  
Au coucher du soleil, tristement je m'assieds;  
Je promène au hasard mes regards sur la plaine,  
Dont le tableau changeant se déroule à mes pieds.

Ici, gronde le fleuve aux vagues écumantes;  
Il serpente, et s'enfonce en un lointain obscur;  
Là, le lac immobile étend ses eaux dormantes,  
Où l'étoile du soir se lève dans l'azur.

Au sommet de ces monts couronnés de bois sombres  
Le crépuscule encor jette un dernier rayon;  
Et le char vapoureux de la reine des ombres  
Monte, et blanchit déjà les bords de l'horizon.

Cependant, s'élançant de la flèche gothique,  
Un son religieux se répand dans les airs:  
Le voyageur s'arrête, et la cloche rustique  
Aux derniers bruits du jour mêle de saints concerts.

Mais à ces doux tableaux mon âme indifférente  
N'éprouve devant eux ni charme ni transports;  
Je contemple la terre ainsi qu'une âme errante:  
Le soleil des vivants n'échauffe plus les morts.

De colline en colline en vain portant ma vue,  
Du sud à l'aquilon, de l'aurore au couchant,  
Je parcours tous les points de l'immense étendue,  
Et je dis: nulle part le bonheur ne m'attend.

Que me font ces vallons, ces palais, ces chaumières,  
Vains objets dont pour moi le charme est envolé?  
Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères,  
Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé!

Quand le tour du soleil ou commence ou s'achève,  
D'un œil indifférent je le suis dans son cours;

En un ciel sombre ou pur qu'il se couche ou se lève,  
Qu'importe le soleil? je n'attends rien des jours.

Quand je pourrais le suivre en sa vaste carrière,  
Mes yeux verraient partout le vide et les déserts:  
Je ne désire rien de tout ce qu'il éclaire;  
Je ne demande rien à l'immense univers.

Mais peut-être au delà des bornes de sa sphère,  
Lieux où le vrai soleil éclaire d'autres cieus,  
Si je pouvais laisser ma dépouille à la terre,  
Ce que j'ai tant rêvé paraîtrait à mes yeux!

Là, je m'enivrerais à la source ou j'aspire;  
Là, je retrouverais et l'espoir et l'amour,  
Et ce bien idéal que toute âme désire,  
Et qui n'a pas de nom au terrestre séjour!

Que ne puis-je, porté sur le char de l'Aurore,  
Vague objet de mes vœux, m'élancer jusqu'à toi!  
Sur la terre d'exil pourquoi resté-je encore?  
Il n'est rien de commun entre la terre et moi.

Quand la feuille des bois tombe dans la prairie,  
Le vent du soir s'élève et l'arrache aux vallons;  
Et moi, je suis semblable à la feuille flétrie:  
Emportez-moi comme elle, orageux aquilons!

## PARA ONDE?

De novo o panno soltas  
No mar aparcellado,  
A demandar as praias  
Do incognito porvir;  
E que te aguarda ao cabo,  
Mancebo aventurado?  
Que lume de esperança  
Ao longe vês surgir?

Miragens da ventura?  
Encantos da belleza?  
Applausos da tribuna?  
Das guerras o pendão?  
As vagas do oceano?  
A paz da natureza?  
Da gloria a eternidade?  
Da campa a solidão?

Felicidade?—fumo,  
Nuvem que breve passa,  
Que, mal nos doira a vida,  
Sente chegar a dor,

Que ao lado se lhe assenta,  
Pedindo-lhe a aurea taça,  
E troca o mel suave  
Em fel e dissabor.

A formosura?—raio  
Do sol do paraíso,  
Mas que, descendo ao mundo,  
Se torna terreal.  
Que foge, como foge  
Dos labios o sorriso,  
Que aviva com seu brilho  
Do soffrimento o mal.

As ovações da praça  
No dia tumultuario,  
Em que sacode a juba  
O leão popular?  
A toga do tribuno,  
Que é manto e que é sudario,  
Que o carro da victoria  
Arrasta no passar?

Ao vento despregada  
Das rábidas batalhas  
Das guerras a bandeira,  
Os echos do canhão?  
O homem contra o homem,  
O peito por muralhas  
Expondo ao ferro e ao fogo,  
Sobre sangrento chão?

Da tempestade infrene  
O temeroso açoite?  
Da vida as tempestades  
Não tens para lutar?  
A paz da natureza?  
Em silenciosa noite  
Comtigo a sós, com Deus  
Constricto meditar?

1854

Da gloria a eternidade?  
Talvez o esquecimento  
A loisa tua seja —  
Realidade só!  
Que sobre a campá a gloria  
Fulgura n'um momento;  
Que um sopro leve a apaga,  
E logo é cinza, é pó.

Mas porque sombrear-te  
A vida de tristura?  
Quem sabe o que ha de vir?  
Quem sabe o que é melhor?  
És moço, rico, forte,  
E a esp'rança te assegura:  
Vae pois, segue o teu fado,  
E ajude-te o Senhor.

## AINDA

Se ainda pudérem ver-te  
Estes olhos, já cansados  
De tanto e tanto querer-te,  
Como ficarão mudados!

Como então verás se cre'ce  
Mais e mais este vulcão,  
Que nas faces amortece,  
Que augmenta no coração!

Sim, cresce! e ninguem o sabe,  
Que todos julgam morreu;  
E tanto, que já não cabe  
Dentro d'este peito meu.

Porêem, se a chamma, accendida  
Por teus olhos, rebentar,  
Que será, ó minha vida,  
Que será de tanto amar?

E, quando ás vezes eu penso  
Que estar contigo podia,  
Que fogo, que fogo intenso!  
Que lenta, e funda agonia!

Quando me vem á lembrança  
Esse viver já passado,  
Que amarga desesperança  
Me tortura o peito anciado!

Mas porque, passada a hora  
De tão acre padecer,

Em que assim minh'alma chora,  
Eu torno de novo a crer?

É que o amor não desespera;  
Vive sempre de esperar.  
Se eu não cresse, perecera,  
Entregue a tanto penar.

É que, sabes, te amo ainda,  
Como talvez não te amei,  
Quando a existencia era linda,  
Quando comtigo sonhei;

Pois o viver na orphanade,  
Pois o fero soffrimento  
Fazem dobrar a saudade,  
Aos desejos dão alento.

Que vale que os homens digam  
Que é um crime? oh! que se o fôr...  
Não importa; que o maldigam;  
Eu bemdirei este amor.

Não o entendem, coitados!  
Coitados? felizes sim;  
Que não os ralam cuidados,  
Como me ralam a mim.

E assim mesmo eu te abençoô;  
E assim mesmo inda sou teu;  
Inda, ó mulher, te perdôo;  
Assim te perdôo o céu.

## A PORTUGAL

Céu que animaste a portugueza gente,  
 Sol que alumias a minh'alma triste,  
 Acaso é esta essa nação valente,  
 Que outr'ora a ver teu berço conduziste?  
 Não, a mesma não é: d'antes brilhavam  
 Teus raios nos broqueis e nas espadas;  
 Da gloria a par os filhos seus te olhavam;  
 Agora estão as glorias acabadas!  
     As triumphaes corôas,  
 Que de teu vivo ardor os resguardavam,  
     Em terra eil-as murchadas!

Já não diviso as prôas  
 Com que aravas intrepido e orgulhoso,  
     O Tejo, o largo oceanó;  
 Se ainda a elle corres majestoso  
 Que importa? já não mandas soberano.  
 Que percebes ao longe? o riso e insulto;  
 Eis as pareas que o mar hoje te paga!  
 E, nas imbelles mãos o rosto occulto,  
 A grande entre as nações a injuria traga!  
 Oh! n'esse tempo em que tu eras forte  
 Assim, cobrindo as faces, não ficavam;  
     Porêm vingança e morte  
     Nos gladios flammeavam.

Aonde a estrada que através dos mares,  
     Ó Tejo, franqueaste  
 Até á Libya e indicos palmares?  
     Aos mais a abandonaste!  
 E tu, immenso pégo, que arrojaste  
 As ondas tuas contra o peito ousado,  
     Que navegou primeiro  
 O teu dorso até alli não devassado,  
 Antes quizeste ver-te dividido,  
 Embora pelos povos do orbe inteiro,  
 Do que ao luso poder curvo e rendido?  
 Não, fômos nós, só nós, que te deixámos;  
 Fez o braço vergar do sceptro o pêso;  
 Se quasi meio mundo sustentámos!  
 Agora sustentamos o desprêzo;  
     Para ti acabámos!

Mas já não és o que sulcou o Gama;  
     Já não te ergues tremendo;  
 Já o soberbo Adamastor não brama,  
     Naufragios predizendo.  
 O Cabo das Tormentas, a que démos  
     O nome de Esperança,  
 Porque no meio d'ellas sempre a houvemos,



Confiados em Deus e em nossa lança,  
 Que é da tua vingança?  
 De todo se acabou? ou só quizeste  
 Com esses pelejar que te buscaram,  
 E que enfim atrevidos te domaram,  
 Posto que muitas vezes os venceste?

D'antes, ó Patria, a Europa a si deixando,  
 Olhaste um dia o pélagos fremente,  
 E, tua pequenez então notando,  
 Com teus filhos passaste á Libya ardente.  
 Já Ceuta o collo seu trémula inclina;  
 Mas inda não contente,  
 N'uma das mãos a cruz, e n'outra a espada,  
 Vaes perguntar ao mar onde termina.  
 Eis a ilha encantada,  
 Flor das aguas, aos olhos te apparece.  
 Avante: maior gloria por ti brada;  
 Tua alma não padece  
 Abandonar-se a formosura tanta:  
 Eis a africana costa  
 Do teu alto valor treme e se espanta,  
 Vendo que tudo destemido arrosta.  
 Emfim a Asia o nome teu levanta,  
 E abraça o teu pendão victorioso;  
 Mas, como se não fosse isto bastante,  
 Despresando o repouso,  
 Ao novo mundo de Colon famoso  
 Tu ajuntas um mundo triumphante.

E pôde terminar tanta grandeza?  
 E vêl-o tu pudeste,  
 Ó Patria, mãe out'ora da nobreza,  
 Da honra e valentia?  
 Dize, dize, morreste?  
 Esperança não tens de ser um dia,  
 Se não como já foste, grande ainda?  
 Vê como é bella a tua natureza;  
 Como o oceano te chama e te convida;  
 Como abundante és; como és tão linda!  
 Ah! não, de todo não deixaste a vida.  
 Haja união, vontade, e serás forte;  
 Abra a terra o arado;  
 Que vale mais a terra do que o oiro;  
 Nunca o fecundo seio acha cansado;  
 Franqueia o seu thesoiro  
 A quem lh'o tem cuidado.  
 Se o tempo já não é dos navegantes,  
 Que para descobrir pouco deixaste,  
 Ás regiões distantes,  
 A que a espada levaste,  
 Do teu trabalho os fructos abundantes  
 Podes levar agora;

Da riqueza e da paz então senhora,  
Sobre o passado teu alevantada,  
Temida não serás, mas respeitada.

Vae após as nações que te seguiram;  
Que, se o mar lhês abriste deanteira,  
Teus filhos os seus passos não ouviram.  
Segue-as; d'ellas serás a companheira.

Pouco tens do que houveste;  
Mas muito póde dar-te;  
Que a Africa por ti inda se parte.

De tudo te esqueceste?  
Precisas que outros venham despertar-te,  
Roubando-te o que ainda não perdeste?

Vê: o mundo caminha;  
O homem não descansa da fadiga;

E tu, ó Patria minha,  
Só és do ocio amiga?  
D'antes o braço teu ocio não tinhal

Porêem, se tudo isto não te inflamma,  
E ficas no teu leito adormecida,  
Treme; que pode converter-se em chamma  
Tua gloria, e a cinzas reduzir-te a vida.

1857

## ABORRECIMENTO

Estas festas e alegria  
Não são feitas para mim,  
Que vejo de dia em dia  
A se augmentar sem ter fim  
De meus males a porfia.

Se dos homens fujo esquivo,  
Porque vim ao mundo ter?  
Se, qual sonho fugitivo,  
Passo, que vim cá fazer,  
Onde soffro, mas não vivo?

Que é para aquelle que chora  
O prazer uma irrisão:  
Ai! de quem seu mal deplora!  
Enluta-lhe o coração  
Quanto o embellezara outr'ora.

Deixemos pois estas salas;  
Deixemos o vão rumor  
D'estes risos, d'estas falas,  
Que não vejo o meu amor.  
Festas? não vim cá buscal-as!

Sim, a vertigem deixemos  
Do folgado delirante,  
O minh'alma, e recordemos  
Aquelle formoso instante,  
Em que eu e ella vivemos.

Recostemo-nos no leito  
Pela sorte endurecido,  
Não para dormir, que o peito  
Acha o dia, tão comprido,  
Para tanta dor estreito;

Mas para velar, attentos  
Os sentidos, á cadeia  
Negra já de pensamentos,  
Ajuntando em cada idéia  
Mais um élo, e mil tormentos;

Até que, chegando á beira  
Do sepulcro, desprendida  
Do berço, se quebre inteira  
No jazigo, e d'esta vida  
Com ella a dôr derradeira.

## N'UMA TROVOADA

O echo do trovão resôa ao longe;  
No pó curvando a frente,  
Aguarda o fado seu o homem fraco  
Das mãos do Omnipotente.

O virtuoso não trepida; espera;  
Espera, e em Deus confia;  
O impio, á alma revolvendo a vista,  
Arrependido enfia.

Mas para os dois é do Senhor o braço  
Como um braço de pae,  
Que sem compadecer-se ouvir não pôde  
Da terra o afflicto ai.

E manda ás plumbeas nuvens conglobadas  
No ethereo firmamento,  
Que fujam a seu bafo apressuradas  
Sobre as azas do vento.

Obedecem-lhe os brados da procella;  
De subito emmudecem;  
E o céu, e os astros, e o fulgor da vida  
Já de novo apparecem.

Eleva então a Deus o homem justo  
As mãos agradecido,  
Mas a sêda da impia iniquidade  
Retrilha o pervertido.

Este, no dia em que vier a morte,  
Ao vêl-a tremerá,  
Este n'esse momento a voz divina  
Confundido ouvirá;

E dirá da outra vida temeroso:  
Meu Deus como pequei,  
Eu, que, na minha insania, o céu e a terra  
Uma illusão julguei.

Perdoae-me, meu Deus; do mundo ás portas,  
Os homens vou deixar,  
E, se não fordes vós, depois do tumulo  
Quem poderei achar?

Ouve-o o summo juiz; e piedoso,  
Em logar do terror,  
Lhe manda a Fé, divina mensageira  
Do seu celeste amor.

Mas o justo, na paz da consciencia  
 Dormindo descansado,  
 A vista sempre n'elle, á morte passa,  
 Da vida, socegado.

Como és bom, ó Senhor, que assim te esqueces  
 Do crime no perdão,  
 E a todos guias generoso ao templo  
 Da eterna salvação!

1854

---

## MAL EMPREGADOS

Olhos negros, negros olhos  
 Mal empregados em ti,  
 A não ser para pintarem  
 Negra a alma, como a vi.

Olhos negros, negros olhos,  
 Onde a chamma ides buscar  
 Tão serena, meiga e pura,  
 Que ao céu parece chamar?

Ai! de quem fôr atraz d'ella!  
 Que a um abysmo irá ter,  
 Porque a luz, que foi estrella,  
 Ha de fazel-o perder!

Olhos negros, negros olhos,  
 Mal empregados em ti,  
 Mal empregados os versos,  
 Que a seu clarão escrevi,

Que eram phanal de esperança  
 Em deserta penedia,

Onde eu, já naufrago quasi,  
 A fome, á sede morrial

Não fôra melhor na vida  
 Que nunca os visse brilhar?  
 Que antes morresse nas ondas,  
 Nas ondas do bravo mar?

Se d'esses olhos o brilho  
 Mostra d'alma a escuridão,  
 Quem lhes deu lume tão meigo,  
 Tanto poder, tal condão?

Foi o genio da desgraça  
 Que a viva chamma ateou  
 N'esses olhos negros, negros,  
 Que Deus tão mal empregou,

Que são phanal de esperança  
 Em deserta penedia,  
 Onde, julgando salvar-me,  
 Fui perder minha alegria.

---

## AMOR

AO MEU AMIGO ERNESTO MARECOS

Porque suspiro eu, se tu suspiras,  
 Melancholica virgem da floresta?  
 Se deliro de amor, porque deliras?  
 Porque nas horas da calmosa sesta

O passo moves solitaria e triste  
Para o logar em que estivemos sós?  
Porque a primeira vez alli me viste?  
Ai! d'este sonho o que esperâmos nós?

Que posso dar-te, se te dei já tudo?  
Amor? e qual maior o peito encerra  
Do que este meu com que a existencia illudo?  
Que, sentindo-se preso cá na terra,  
Para ti pressuroso, alegre vòa,  
Porque dos olhos teus na viva chamma  
O seu mundo ideal cria e povôa,  
E em teu candido ardor todo se inflamma?

Como outr'ora te vi, mulher divina,  
À noite, quando durmo, me appareces,  
Singela, qual dos campos a bonina;  
Mas de joelhos a Deus mandando as preces,  
Que d'alma virgem te levanta amor.  
Pedes por mim? por nosso amor tu pedes?  
Ai! misero de mim! ai! pobre flor!

Se este insondado abysmo, que não medes,  
(Nem é possível penetrar a luz  
Celeste até aos seios do profundo)  
Me arrasta para as trevas, para o mundo,  
Onde me espera do martyrio a cruz,  
Porque me dás o nectar, innocente,  
Para sentir depois crescer a dôr?  
Porque na louca, férvida torrente  
Commigo assim te lanças? pobre amor!

E as azas de saphira de oiro orladas,  
Por mim as fechas, sem voar aos céus?!  
D'esta noite nas horas alongadas,  
Como sempre, te vi nos sonhos meus.  
De pallidez suave a face bella,  
De indizível tristeza se cobria,  
Mas tão formosa, que julguei, ao vel-a,  
De um anjo ser, que para Deus subia.  
Chamei-te; os olhos para mim voltando,  
O pranto d'elles te manava em fio.  
Partias d'este mundo, mas chorando!  
E minh'alma acordou em desvario.

Era manhan: ao sitio do costume  
Corri; lá estavas; o cantor ameno  
Trinava, e o sol dos montes pelo cume  
A pouco e pouco placido e sereno  
Do firmamento para nós sorria.  
Ah! como vi então que me enganava!

Sem nosso amor o que de mim seria!  
 Se te perdesse, os olhos, que cegaram  
 A teu vivo esplendor, logo os fechava,  
 E tudo em mais negrura, se tornava,  
 Porque os soes de minh'alma se apagaram.

Não fujas pois, meu anjo idolatrado,  
 Já que tens que provar da minha dor;  
 Deus nos uniu, embora desgraçado  
 Eu seja, e tu desassombrada flor,  
 Que um ar aspiras, que não é da terra,  
 Que as brisas sentes, que te ve'm dos céus;  
 Nos raios de oiro, que teu ser encerra,  
 Accende, anima a estes olhos meus.

E, quando a chamma, que de dia em dia  
 Crescendo vae em seu lavar sem fim,  
 Quebrar o terreo vaso, na agonia  
 Estende as niveas azas sobre mim,  
 Anjo da minha guarda, e a Deus me entrega,  
 Lá, onde a vida não conhece a dor,  
 Porém na morte esses teus labios chega  
 Aos meus, n'um beijo bemdizendo amor.

## A GRUTA DO PHANTASMA

Formosa noite de estio,  
 Noite de meigo luar,  
 Como nas aguas do Minho  
 Alegre vês o folgar!

Folgam damas, cavalleiros  
 Pelo rio a navegar  
 Em suas barcas ligeiras,  
 Em concertado cantar.

Que de olhares não se trocam,  
 Que praticas de encantar!  
 E a lua a boiar nas ondas,  
 Nas ondas que vão ao mar.

Não ha muito os sons de festa  
 Eram da morte o bradar,  
 E o Minho só lhe podia  
 De sangue tributo dar,

Pois de Valença o castello  
 Fôra a moirisma cercar,  
 Que Ruy Guedelha mantinha,  
 Como o soubera ganhar.

Batalhou rijo combate;  
 Mas, por seu ruim fadar,  
 Antes a vida que a honra  
 Quiz ao contrario entregar.

Ao morrer disse a seu filho:  
 Vive para me vingar,  
 Que morro ás mãos d'estes perros.  
 Foi dizer, logo expirar.

E já lá vão muitos dias;  
 E o crescente a campear  
 Sobre as ameias da torre,  
 Que viu a cruz levantar.

Não porque o filho do alcaide  
 Soffresse em ocio quedar;  
 Basta ceára de moiros  
 Já começou a ceifar;

Mas descansa agora a espada;  
 São treguas; toca a gosar;  
 E n'estas noites tão bellas  
 Quem pôde triste ficar?

Se pelos labios das damas  
É tão suave o falar....  
Quando finda a guerra, amores  
De cavalleiro é tentar.

Por isso nas mansas aguas  
Do Minho vae o folgar,  
Ao tanger dos instrumentos,  
Rio abaixo a navegar.

\*

Que barca é essa que voga  
Mais que as outras de vagar?  
Nem o mesmo rumo segue,  
Nem com ellas quer topar.

Silenciosa rema, rema,  
Vae o rio atravessar;  
Leva á popa um branco vulto;  
Á prôa outro a remar.

Lá se dirigem á margem;  
Lá vão á praia abicar;  
E o branco vulto na areia  
Eil-o depressa a saltar.

Onde vaes, quem quer que sejas,  
Phantasma ou alma a penar?  
E cada vez pela terra  
Mais e mais a se entranhar.

Perto d'alli alta rocha  
Se enxerga á luz do luar;  
Na base tem uma gruta,  
Que mette medo encarar;

Os raios do sol luzente  
Não podem lá penetrar;  
Sempre escuridão medonha  
A vem mais feia tornar.

Pois ahi a essa gruta  
É que o vulto foi parar;  
Mas, chegando ao pé da entrada,  
Em torno poz-se a mirar.

Eis senão quando de um lado  
Sahe um guerreiro sem par,  
Rija armadura de ferro,  
Peito d'aço, elmo a brilhar.

E o branco vulto do rosto  
Não foi mais do que empuxar

A mortalha que o cobria,  
Para um anjo se tornar.

Mas que vejo? o cavalleiro  
Vae-se co' o vulto encontrar  
E na mão de pura neve  
Um beijo se atreve a dar.

É Nuno o filho do alcaide,  
Que amores sabe zelar,  
Como zela a sua espada,  
Que deu seu preito de amar

A D. Isabel, senhorá,  
Filha de nobre solar,  
A mais formosa de quantas  
Além Minho haveis de achar.

Desde o dia em que no rio  
A salvou de se afogar,  
Nunca mais, ou vente ou chova,  
Deixou de a ir procurar.

Foi amor a recompensa  
De acção tão nobre e humanal.  
Se todas assim pagassem,  
Outros as foram tentar.

Mas o desejado fructo  
Não o pôde elle alcançar,  
Porque o pae duro e soberbo  
Não lhe quiz a filha dar.

· Não tem um nome no mundo?  
Têve tempo de o ganhar?  
Tem coração esforçado;  
Onde melhor cabedal?

Vereis agora um e outro  
Começarem de falar;  
Falavam á puridade.  
Quem os pudera escutar?

Eram protestos e juras;  
Mil requebros de matar;  
De esperanças e receios  
Um nunca mais acabar.

Carpia-se a dama bella,  
Que era dó vê-la chorar.  
Elle triste, mas sereno  
Começou de a consolar:

Isabel, não te lamentos,  
Que bem cedo hei-de tornar.  
Temes que de ti m'esqueça?  
Nada tens que arreçar.

A honra me chama á lide;  
Meu pae me está a chamar,  
Porque foi brio e vingança  
O que me pôde legar.

Mas pela cruz d'esta espada  
Juro-te nunca deixar  
A tua imagem querida,  
O nosso amor olvidar.

E fico eu com meus agoiros,  
Dizia ella a soluçar,  
Que não ha mal n'este mundo  
Que não me sinta assaltar!

Não partas, Nuno, não partas.  
Que digo? que mau pensar!  
Se peões e cavalleiros  
Covarde te hão de apontar.

Deixa-me, sim, desgraçada,  
Com meu cuidado velar.  
O homem tem peito forte;  
Á mulher cabe chorar.

Ai! que eu não possa contigo  
Ir á guerra batalhar;  
Vigiar por tua vida;  
Se morresses, acabar!

Assim dizendo, em torrente  
As lagrimas de manar.  
Ao escutal-a o mancebo  
Por terra se foi lançar.

Partâmos pois; eu t'ó peço,  
Que te saberei guardar;  
Amas-me? vem, vem ser minha;  
Juro-te aqui desposar.

Ventura, negra ventura  
Foi o nosso desejar,  
Que uma vontade de ferro  
Não pôde a rogos quebrar.

Sem esperança amaremos,  
Que teu pae não te ha de dar

A quem não tem nome ainda,  
Nem prata para contar.

E ella, e ella a triste, a ouvil-o,  
E a pallidez a tomar  
Aquellas faces rosadas,  
Qual se fôra desmaiar.

Assaltou-lhe a idéia o medo  
De tão claro solettrar  
Dentro d'alma lacerada,  
Fel e sangue a gottejar?

Quando partes para a guerra?  
Pôde por fim perguntar.  
— Amanhan — Amanhan dizes?  
Pois aqui me has de encontrar!

Ámanhan ao vir da noite  
Estarei n'este logar.  
— És minha? — tua — e não faltas?  
— Eu a ti, Nuno, faltar?

Deixa-me ir primeiro a casa  
Meu pobre pae abraçar;  
Quantos remorsos não tenho  
De tão velho o abandonar!

Por ti faço o que não devo,  
O que a gente ha de pramar.  
Ai! amor, que assim me levas,  
Aonde me irás levar?

— A meus braços — e em seus braços  
Vêde-a que se vae lançar;  
E o som das ondas na praia  
Um beijo veio abafar.

Um instante após, o rio  
Ermo está; só o luar  
Vem sobre as aguas tranquilllas  
Mansamente se espelhar.

\*

Já vem pelo céu sereno  
Da madrugada o raiar;  
Canta o passaro no ramo  
Geme a brisa no rosal.

Dirieis que a natureza  
Para o dia ir saudar  
Está das galas da terra,  
Quantas pôde, a se enfeitar.



Que de alegrias não trazes,  
Ó sol, no teu despontar!  
Que venturas despedaças!  
Que flores fazes murchar!

Como arrastas compassadas  
As horas do desejar!  
Como azas dás á ventura;  
Que o que é bom pouco ha durar!

Sentada está Isabel  
No seu balcão a bordar;  
Das mãos lhe cahe o bordado;  
D'elle se esquece-a pensar.

Em que pensas? já tão cêdo  
Porque estás a trabalhar?  
Quem te foi do brando leito  
Tão manhanzinha acordar?

Foi o ciume, a saudade?  
Ou foi o cruel pesar?  
Foi a febre da loucura,  
Que os homens dizem amar?

Foram credulas esp'ranças?  
Foi da vida o trasbordar?  
Foi o desejo impaciente?  
Foi tanto, tanto aguardar?

Ah! as horas d'esta noite  
Como as pudeste velar?  
Que temor e que afoiteza,  
E em tudo quanto penar!

Deixar a casa paterna,  
O pae sósinho deixar!  
Mas tambem viver sem elle!  
Que tremendo pelear!

Por isso ao balcão sentada,  
Sem poderes trabalhar,  
Te entregas toda á incerteza  
Trémula a noite a encarar.

Por isso gemes, suspiras,  
Julgando vél-a chegar  
Envolta em nuvem purpurea,  
O futuro a annunciár.

Entanto, a voz desprendendo,  
Ella solta este cantar,  
Que de tão triste fazia  
Até as penhas chorar:

Como tardias correis;  
Como custaes a passar,  
Horas do dia primeiro  
Que me ha de a amor entregar!

Dizei-me porque é que gemo?  
Será por meu pae deixar?  
Meu pae, adeus; perdoae-me;  
A amor me vou entregar.

Adeus, minhas bellas flores,  
Meu encantado pomar  
Que tanta vez me abrigaste;  
A amor me vou entregar.

Meu rio Minho sereno,  
Aguas que correis ao mar,  
Levae comvosco a amargura;  
Levae comvosco o pesar.

\*

Ao longe, ao longe a pèrder-se  
Não ouvís um resoar?  
Que será? um echo apenas?  
Do trovão o rebombar?

Não o sente de embebida  
A bella no seu cantar;  
Mas as lagrimas a furto  
Pelas faces a rolar.

\*

Á mesma hora sahia  
Sua hoste a commandar  
O filho de Ruy Guedelha,  
Que ia o castello atacar.

Onde vaes? que é da promessa  
Que prometteste guardar?  
A gloria, a gloria te chama;  
Queres um nome comprar,

Para lh'o dares a ella,  
E por que tenhas que dar  
Ao ancião orgulhoso,  
Senhor de nobre solar.

Onde vaes, Nuno? onde vaes?  
Volta; é tempo de voltar.  
A vingança de meu pae  
Está por mim a bradar.

Antes de a noite ser vinda,  
Antes de o sol mergulhar,  
Cumprirei minha promessa,  
De Isabel serei a par.

E lá galopa seguido  
De luzido cavalgar;  
Chega cerca do castello;  
Manda sua gente ordenar.

Trava-se lucta renhida;  
Vôa a setta a sibilar;  
Responde-lhe um ai de morte,  
E outra setta, e outro expirar.

Pelas ameias os moiros  
São bastos como aduar;  
Os christãos em baixo poucos;  
Mas quem os vê recuar?

Espadana o sangue em jorros,  
E do ferro o lampejar  
Mostra o caminho á victoria  
Ou ao descanso final.

Combate Nuno esforçado  
Dos seus á frente a mandar;  
Onde chega sua espada  
Chega da vida o findar.

Porêm eil-os que fraqueiam;  
Elle os vê, manda avançar;  
N'um esforço derradeiro,  
Quer morrer ou triumphar.

Em pé, vizeira calada,  
Lucta ainda sem cessar;  
Mas de subito estremece;  
Lembra-lhe a jura fatal.

Um nome aos labios lhe assoma,  
Um cruel, fundo pensar;  
E tão rapida como elle,  
Vem-no uma setta varar.

Ca'e por terra morto, exangue;  
E o extremo respirar  
Foi o nome, o nome d'ella.  
Como a não devia amar!

\*

Já se pôz o sol no occaso;  
Já vem a noite a baixar.  
Que barco é esse que rema  
Contra terra, a bom remar?

Agora chegou á margem,  
E viu-se um vulto saltar.  
Raro véu lhe cobre o rosto;  
É de branco seu trajar.

Para a gruta do rochedo,  
Que de luz véste o luar,  
Eis que o vulto se encaminha,  
Eil-o defronte a estacar.

Que vens tu aqui fazer?  
Que vens tu aqui buscar,  
D. Isabel? teu amante  
Já te não póde escutar.

Sorte má tirou-lhe a vida;  
Foi triste o seu acabar  
Entre o sonhar de teus braços,  
Entre da gloria o sonhar.

Mais se condensam as trevas,  
E ella, a pobre, ella a esperar!  
Já o coração lhe treme;  
Já sente a mente abrasar.

Meu remeiro, passa o rio;  
Vâmos, depressa, a voar;  
Indaga-me o que é de Nuno;  
Quando pretende marchar.

Nobre senhora... e nos labios  
Embargou-se-lhe o falar.  
Tu não respondes? que sabes?  
Não me faças assustar.

Partiu, inda mal! senhora,  
Porêm nunca ha de voltar!  
Rezemos nós por su'alma;  
E o remeiro de rezar.

Ao ouvil-o aquella bocca  
Pareceu muda ficar,  
Aquella face tão branca  
Era de estatua a alvejar!

Pendidos ambos os braços,  
Sem d'elle os olhos tirar,  
Nem uma voz ou gemido  
Afflicta poude soltar.

Só de seus labios convulso,  
Qual furacão a passar,  
Rompeu um riso terrivel  
Em gargalhada infernal!

Desde então foi-se a alegria;  
Fugia do conversar;  
Só, horas mortas, gostava  
O rio de atravessar;

De rever a gruta, onde  
Soía o amante encontrar;  
Mas depois vinha a tristeza,  
Vinha do peito o rasgar!

Uma noite, que vogava  
De manso o barco, soltar  
Se lhe ouviu a vez primeira  
Este canto singular:

Como tardias correis;  
Como custaes a passar,  
Horas do dia primeiro  
Que me ha de a amor entregar.

Dizei-me porque é que gemo?  
Será por meu pae deixar?  
Meu pae, adeus, perdoae-me;  
A amor me vou entregar.

Adeus, minhas bellas flores,  
Meu encantado pomar,  
Que tanta vez me abrigaste,  
A amor me vou entregar.

Meu rio Minho sereno,  
Aguas que correis ao mar,  
Levae comvosco a amargura,  
Levae comvosco o pesar.

Isto dizendo, de chofre,  
As aguas se foi deitar;  
E nunca jámais seu corpo  
Conseguiram deparar;

Que, segundo o voz do povo,  
É na gruta o seu morar,  
E ai! d'aquelle que se atreve  
De noite alli a passar;

Que ou seja medonho o céu,  
Ou raie a luz do luar,  
Se vê um branco phantasma  
Em barco extranho remar,

Sem que a maré, sem que o vento  
Lhe empeçam o navegar.  
Infeliz do que elle encontre!  
Nunca mais torna a voltar.

Muitas vezes uns gemidos,  
Uns uivos se ouvem soar,  
E vê-se o branco phantasma  
Na margem desembarcar,

E sumir-se; como? aonde?  
E o batel não mais se achar;  
E no outro dia á mesma hora  
Vir o rio atravessar.

E ainda hoje essa gruta  
Está o caso a contar,  
Que é a Gruta do Phantasma  
Na tradição popular.

1854

## A VIRTUDE

Qual é a verdadeira fortaleza?  
A do guerreiro, que apresenta o peito  
As balas inimigas, para que oiça  
Os feitos seus apregoar o mundo?  
A do nauta, que a vida barateia,  
Para sulcar desconhecidos mares,  
Por onde o nome seu passe aos vindoiros?  
A do sabio, a do rei, a do poeta,  
Que a aura popular incita e exalta?  
Não; a virtude só, a paz tranquilla  
Da consciencia, a alma socegada.

Póde um combate grangear-nos fama;  
 Póde um instante decidir da gloria.  
 Fez Alexandre célebre o Granico;  
 E Cesar, se do Rúbicon as margens  
 Não tivesse passado, o que seria  
 Para o porvir? o domador das Gallias.  
 O Gama é grande, porque chega á India;  
 Colombo, porque a America descobre;  
 E poucos mezes para tanto bastam.  
 Mas para conquistarmos a virtude  
 É preciso empregar inteira a vida.  
 D'aquelles o brilhar é como o raio,  
 Que n'um instante só fulgura e aterra,  
 Ou como a tempestade que sacode  
 Com as azas o mar, á natureza  
 Levando o assombro, a assolação, a morte;  
 Esta como rochedo levantado  
 Á beira do oceano, rebatendo  
 Sem descansar as ondas, que se esforçam  
 Por lhe minar a vigorosa base:  
 Uma dura um momento, a outra sempre.

A gloria, eis o maior phanal que chama  
 A todos que procuram d'este mundo  
 As ephemeras honras. Sobre os livros  
 Dobra o corpo e o espirito o philosopho  
 Para inventar insolitos systemas  
 Por ella; para ella é que o poeta  
 Desprende os cantos; o cinzel divino  
 Imaginando n'ella é que ás edades  
 Lega da arte os magicos prodigios;  
 N'ella vê o pintor o seu futuro;  
 E é ella o galardão que esperam todos.  
 A virtude porêm em Deus espera;  
 É pelo proprio bem que o bem pratica;  
 Não precisa dos mais; consigo vive;  
 E, se alguém por acaso a reconhece,  
 É, como a violeta, pelo aroma.

Mas como é tão difficil alcançal-a!  
 Para a podermos conseguir é força  
 Os males esquecer que nos rodeiam  
 E nos perseguem, para o bem fazermos;  
 Ter a vista no céu; partir a alma  
 Pelos que vivem, como nós, na terra;  
 Sôam injurias, maldições? pagar-lhes  
 Com benções e perdão! escarneo e mofa?  
 Responder ás affrontas co'o silencio,  
 Supportando-as com rosto inabalavel,  
 Resignados até, porque na terra  
 É broquel da virtude a paciencia.

Sempre em opposição aos outros homens,  
 Que o proveito conduz, o homem proba

Acha o caminho seu cheio de escolhos.  
 Aqui reina o egoismo; além a intriga;  
 Se a voz eleva e alumial-os busca,  
 Riem-se d'elle, qual se fôra um louco;  
 E não pára; e as feridas que lhe abriram  
 Nem sequer uma queixa aos labios trazem,  
 Ou justa indignação; mas alta e nobre  
 Leva a cabeça que a desgraça arrosta.

Esse não chega quasi nunca ás honras,  
 Nem na cadeira do poder preside.  
 É o poder o píncaro de um monte  
 A que se vae por empinada senda.  
 Quem a póde vingar sem que se curve?  
 Poucos, bem poucos; e no meio ainda  
 A maior parte cede; mas á sorte,  
 Não ao opprobrio que levanta muitos.

E quando o alcança algum, raros conhece:  
 Não renegou co'os mais da fé, da honra;  
 Não os quer; não os teve na viagem  
 Por companheiros seus; não foram juntos  
 Passar a noite nos covis infectos.  
 Contra elle pois se ligam; te'm o mando;  
 De cada passo que na estrada avança  
 Da imparcial justiça um crime fazem;  
 Cruel o chamam, porque as leis applica;  
 Indigno de reger, porque não rouba;  
 E nescio, porque vê melhor do que elles.  
 Que ha de fazer? Ceder? Justificar-se?  
 Não; desprezal-os, e seguir qual d'antes;  
 Que inda lhe resta Deus e a consciencia.

Sim, Deus e a consciencia. Todo inteiro  
 Eis o thesoiro seu; não perdeu nada;  
 Antes, sabe hoje quanto vale o mundo,  
 E a riqueza que tinha reconhece.

1856

---

## ANJO

Olhos maviosos;  
 Vista serena;  
 Bocca pequena;  
 Beiços mimosos;  
 Negro cabello  
 Que ondeia bello  
 No collo seu;  
 Meigas palavras,

Que solettradas  
 São pelas fadas,  
 São pelo céu;  
 Riso suave,  
 Que, se apparece  
 Nos labios d'ella,  
 Alli se esquece,  
 Vendo-a tão bella;

Maneiras graves;  
 Talhe engraçado;  
 Timido passo,  
 Porêm ousado  
 Qual de innocente;  
 Alma que sente  
 Quanto Deus cria,

E a Deus contente  
 Os passos guia;  
 Tal formosura,  
 Um ente assim  
 Amar? ventura!  
 Querer-me a mim?!

## COM AS FLORES

Vem chegando a primavera;  
 Já começa a florescer  
 A campina, o valle, o prado;  
 Tudo annuncia prazer;  
 Folga tambem, ó minh'alma;  
 Deixa um instante o soffrer.

Não vês como aquelle tronco,  
 Lascado, roçando o chão,  
 Se enfeita ainda de flores?  
 Vive pois, meu coração;  
 Ao menos por algum tempo  
 Cobra viço e animação.

Quando a terra é toda verde,  
 Vestida côr de esperança,  
 Quando o céu azul nos mostra  
 Que ao mal succede a bonança,  
 Tu, minh'alma, nada esperas?  
 Acaso a dôr não te cansa?

Já as arvores te'm folhas;  
 Já as flores vão cahindo,  
 Com seu cheiro embalsamando  
 Os ares, e o chão cobrindo;  
 As avesinhas cantando  
 A ellas vão acudindo.

Pois assim a mocidade  
 É um ninho de alegrias,  
 Arvore bella e florida,

1857

Hymno todo de harmonias,  
 Que se ausentam, mal começam  
 Do ríspido outomno os dias.

Porêm, antes que elles chegiem,  
 Ver os prazeres fugir;  
 E na rapida corrente  
 A uma e uma cahir  
 As flôres que o adornavam,  
 E sem vida se sentir!...

Não; espero dias novos,  
 Que, meu Deus, em ti espero;  
 Inda a tantas alegrias  
 Mixturar as minhas quero;  
 Ha de em bem por fim mudar-se  
 Este meu destino fero.

Mas entanto se levante  
 Minha voz agradecida;  
 E com fé, Senhor, te adore;  
 E te rogue que esta vida  
 Para ti e para o mundo  
 Não seja toda perdida.

Cantae, avés; brotae, folhas;  
 E vós, zephyros, soprae;  
 Terra, mar e firmamento,  
 O vosso canto entoae;  
 Vinde ensinar-me a esperança;  
 A minha crença animae.

## COMO EU TE AMO

Amo-te, sim, qual ama o desterrado  
 No exilio tudo que lhe lembra a terra,  
 E o lar em que nasceu:  
 Nem outro amor encerra

Esta alma, que foi d'ella,  
Que vive inda por ella.  
Pois assim te amo eu.

Quem não ama um reflexo, embora pallido,  
De vaga estrella, que ultima se apaga  
No claro azul do céu,  
Que o pensamento afaga  
N'um recordar saudoso,  
Que magoa traz e goso?  
Pois assim te amo eu.

E não podem saber como te quero,  
Saudade viva d'esse amor perdido,  
Que teve o peito meu:  
Por ti comprehendido,  
Quiz o fado em memoria  
Que guardasses sua historia.  
Por isso te amo eu.

Amo-te para d'ella mais lembrar-me;  
Se é isto amor, se não é mais o templo  
De um culto que inda é meu.  
Oh! sim, que eu o contemplo  
No peito; sinto-o aqui;  
E em ti, tambem em ti.  
Por isso te amo eu.

Aquelle mesmo ar, a mesma graça,  
E esse olhar de innocente, e essa candura,  
Que tinha o rosto seu;  
A mesma formosura  
Não; porêm a tristeza,  
E aquella singeleza...  
Como não te amar eu?

Se um a par de outro, as mãos entrelaçadas,  
Nos esquecemos só pensando n'ella,  
Minh'alma te entendeu;  
E julgo, julgo vel-a;  
E lagrimas sentidas  
Me orvalham as feridas.  
E então... ai! amo-te eu

Sim, entendo-te; o fundo pensamento  
De nossos corações se patenteia  
A nós limpo, sem véu.  
Falas? como a sereia,  
Eu te sigo; e a voz d'ella  
Era, se era! mais bella.  
E mais, mais te amo eu.

Amo-te muito mais, porque assim vejo  
Em tudo como ella era mais formosa;  
E tudo já morreu!

E ás vezes tormentosa  
 Pende-me a idéia a frente,  
 E quasi que desmente  
 Assim amar-te eu.

Amo-te pois por ella, só por ella;  
 E n'ella sempre vivo o pensamento  
 Terei, e o peito meu;  
 E esse encantamento  
 De teus olhos, donzella,  
 Falando-me só d'ella,  
 Fará que te ame eu.

### ESPERANÇA NO SEPULCRO

É noite; no oceano solitario,  
 Atomo apenas sob a mão de Deus,  
 Vendo nas ondas suas meu sudario,  
 Vendo na sua espuma os sonhos meus,

Cresce-me o peito, e se levanta forte  
 O pensamento do Senhor na lei;  
 E encaro placido o terror da morte,  
 E a terra esqueço que feliz sonhei.

Sonhei; outr'ora na febril ideia  
 Mil phantasticas formas vaguearam!  
 Hoje d'essa illusão de gosos cheia  
 Que resta? o nada; as illusões findaram!

Que me foi o passado? só tristeza!  
 Ora que é? só um ermo, uma saudade!  
 O presente? cadeia á vida presa!  
 O futuro? aspirar á liberdade!

É triste a sorte do poeta: espera  
 Um mundo novo, onde feliz respire,  
 Onde da lyra, que, inda mall modera,  
 As inspiradas harmonias tire;

Canta, chorando, na existencia apenas  
 Acerbo pranto de infinita dor;  
 E louco o dizem, porque sente as penas  
 Que os outros sentem, porque tem amor!

Amor ao grande, ao bello, a que dá culto  
 Em repassada, módula canção,  
 Amor ao mundo, que lhe cospe o insulto!  
 Amor á gloria, que lhe nega o pão!



E ao vir a morte, não lhe afroixa a crença  
D'essa outra vida, que vae cedo achar;  
Perdôa aos homens do passado a offensa,  
Que vê já perto novo sol raiar.

Se Chenier, no cadafalso canta;  
Se Bocage, da vida o termo o inspira;  
E puro ao firmamento se levanta,  
E a Deus nas cordas da orvalhada lyra.

Por isso aqui na solidão dos mares  
Me esquece o mundo limitado e pobre;  
E ávido bebo do infinito os ares;  
E vôo aos astros, de que o céu se cobre.

Mas, vendo a alma pela carne atada  
Do escravo ao potro no viver atroz,  
Sorriu-me ouvindo proximo alterada  
Bramir a vaga, e do oceano a voz;

Que esse futuro, que jámais se alcança,  
Começa além do funeral jazigo,  
Que essa das lidas placida bonança,  
Morte, só creio desfructar contigo.

No mar da vida unica praia, n'ella  
Se levanta o pharol da eternidade.  
E eu não vejo sequer pallida estrella;  
E o mundo é para mim treva e maldade.

Açoitado dos ventos, solitario,  
Em vão lucto contra elle e contra os céus.  
Talvez aqui encontre o meu sudario;  
Talvez aqui termine os sonhos meus.

1852

---

## DESAMPARO

Que lembranças commigo ficaram!  
Que martyrio que eu trouxe de lá,  
D'essa vida de amor e delicia,  
Que não acho, não tenho por cá!  
Não, que não era isso viver,  
Mas um sonho de amor e prazer!

Foi qual pharo ao nas ondas perdido  
Esse sonho enviado por Deus;  
Foi visão fascinante a chamar-me  
Da atra noite á esperanza dos céus.  
E adorei-a; e segui-a; era vida;  
Era vida do empyreo descida.

N'um enlevo que os homens ignoram,  
 Que o poeta só ousa pensar,  
 A meu lado, no espaço voando  
 Ia um anjo divino, sem par;  
 Era um anjo que o céu me aclarava,  
 Que meus passos incertos guiava.

Levantava-se o sol no oriente  
 Rodeado de gloria e esplendor,  
 Ao concerto das harpas sagradas,  
 Que entoavam: hosanna ao Senhor!  
 E, com elle e o meu anjo, eu nascia  
 N'um mysterio de luz e harmonia.

Que mysterio! que ar que matava,  
 Mas de jubilo e amores sem fel!  
 Ah! morrer! que eu morresse n'ess' hora,  
 Como a flor que em ameno vergel  
 Só desfructa a existencia um instante...  
 Feliz era; vivera bastante.

Assim iamos, ambos unidos,  
 Ambos sós pelo céu a voar,  
 Escutando os accordes ethereos,  
 Que diziam: viver para amar.  
 Nossos peitos ao canto divino  
 Ajuntavam, pulsando, o seu hymno.

E perfumes, e lirios, e rosas,  
 Que olhos vivos não pôdem nem ver,  
 E mil astros pendidos nos ares,  
 E o que os homens não sabem dizer,  
 E o meu anjo commigo voando,  
 E eu com elle vivendo e amando,

Só guiado da luz do seu rosto  
 N'esse mar de harmonia e de luz,  
 Do seu rosto, que em tantas bellezas,  
 Qual maior, inda brilha e seduz,  
 Só guiado da chamma escondida  
 No seu seio, que era a minha vida.

Porêm subito páro; eis que sôa  
 Uma voz a dizer: té aqui!  
 Mais ávante só Deus, só os anjos.  
 E a minh'alma deixar-me senti!  
 Porque, ao ver o meu anjo fugindo,  
 Eu, sem elle, do céu fui cahindo.

E descendo, descendo inda os olhos  
 Para a altura inquieto elevei.  
 Vi-o ainda uma vez; foi a ultima!

E o meu céu, e o viver praguegei!  
 Louco, louco! saber eu devia  
 Que o meu goso um momento seria.

E trocou-se o brilhar das estrellas,  
 Das roseiras, dos lírios o odor,  
 A harmonia dos hymnos sagrados,  
 E essa vida de paz e de amor,  
 Desde então, n'esta magoa pesada  
 Entre espinhos, e dor arrastada!

---

## FLORES NOVAS

A minha rosa, ah! quem m'a dera!  
 Mas já não tem viço, nem côr;  
 Já não lhe volta a primavera;  
 De todo é murcha a minha flor.

Mas botões novos apparecem,  
 E no rosal estão a rir;  
 Antes que a abrir-se elles comecem,  
 Vem, ó amor, minh'alma abrir.

Venham sorrisos e prazeres;  
 Fuja a tristeza já d'aqui;  
 E tu, meu peito, se puderes,  
 Ao mundo brada: não morri.

Por uma rosa desfolhada  
 Não devo, não desesperar:  
 Um sonho foi da madrugada.  
 Breve outro sonho hei de sonhar.

Foi esse amor qual primavera  
 Que logo inverno se tornou.  
 Por isso agora ainda espera  
 Minh'alma, e a flor breve murchou.

Por isso agora me alvoroço,  
 Vendo da luz vir a estação:  
 Com ella surjo e me remoço;  
 Sinto de novo o coração.

---

## TRIBUTO

Á MEMORIA DE MEU TIO THOMAZ RAMOS DA FONSECA

Homem de paz, sob a gelada campa  
 Dormes tranquillo, não te acorda o canto,  
 Canto de morte que borbulha ferteis,  
 Enternecidas lagrimas.

E verdadeiras me rebentam d'alma;  
São de quem te ama, de teu quasi filho,  
Que mais que pae tu me amparaste amigo  
Nos meus primeiros annos.

Se de outra vida, da virtude em premio,  
O baixo tracto d'este mundo enxergas,  
E se d'elle a memoria se não risca,  
Recorda-te de outr'ora,

Quando, nos teus joelhos me assentando,  
Me apontavas o céu, e as mãos tenrinhas  
Me ensinavas a erguer, singelas preces  
Por meus paes repetindo.

Ora que te perdi, ora conheço  
Que vacuo immenso me ha deixado n'alma  
Ser d'elles orphão, desde quasi a aurora  
Da abandonada vida.

Ora conheço, quando já não vives,  
Pelo que foste o que meu pae seria,  
Pelos afagos teus os seus afagos,  
Quanto valiam ambos!

E ao mesmo tempo duas perdas choro!  
E tambem minha mãe, da qual tu eras  
Na condição a verdadeira imagem,  
Nas feições o reflexo.

Deixa-me pois no tumulto sombrio,  
Onde não vem orar quem mais te deve,  
Porque é feio interesse o seu cuidado,  
O seu unico norte,

Vir da saudade derramar as lagrimas,  
Carpir d'esse passado as mil lembranças,  
E no regaço d'ellas esconder-me,  
Meu derradeiro amparo.

E tu a Deus que me canduza implora  
Por essa da virtude austera senda,  
Por onde aqui sem deslizar marchaste  
Sempre, ó animo recto.

Foste-o; na morte mesmo o comprovaste;  
Da honra escravo, lhe entregaste a vida;  
Porém o premio das acções magnanimas  
Agora emfim recebes.

Repoisa pois; e, se o passado lembra  
N'essa do empyreo habitação divina,  
E, se do mundo o murmurar escutas,  
Ouve de lá meu canto;

Ouve-me o canto, que se vem tardio,  
 É puro e filho do chorar continuo,  
 Que á sombra augusta de teu santo nome  
 Sempre lagrimas verto.

1855

---

## CONTIGO

Vem, vem ser minha,  
 Virgem querida;  
 Vem, porque é morte,  
 Sem ti, a vida.

Se n'este mundo  
 Quanto scismei  
 Tudo mentira,  
 Sonho encontrei,

Vem a meus braços,  
 Quero esquecer  
 A eternidade  
 D'este soffrer.

Quero tocando  
 Tua mão de neve,  
 Que amor a tanto,  
 Louco, se atreve,

Sentir o sangue  
 Logo animado  
 Correr nas veias  
 Como abrasado.

Quero, attrahido  
 Da forma airosa,  
 Que se requebra  
 Tão graciosa,

Deixar o mundo,  
 Que não me entende  
 Por tanta graça  
 Que assim me prende.

Porê m thesoiro,  
 Tão bem guardado,  
 A quem reserva  
 Benigno o fado?

Toda suave,  
 Toda pureza,  
 Toda alegria,  
 Toda belleza,

Um ser precisas,  
 Cujo sentir  
 Ao teu conforme  
 Se possa unir;

Alma singela,  
 Que viva em si,  
 Que d'este mundo  
 Só queira a ti;

Paixão ardente,  
 Sem dissabor.  
 Ah! quanto erra  
 Quem tem amor!

O meu retrato  
 Ia formar-te;  
 A mim julgava  
 Poder ligar-te.

Grande loucura;  
 Não o termino.  
 A dor pertence-me;  
 É meu destino.

Unica amante  
 Sempre fiel,  
 Fôra lançar-te  
 Na taça o fel.

Porê m quem sabe?  
 N'essa riqueza,  
 N'esses thesoiros,  
 Mas de belleza,

Tanta alegria  
 Juntou amor,  
 Que talvez tornes  
 Alegre a dôr.

Ouve-me a prece,  
 Pois eu te adoro;  
 Da-me o que ançeo,  
 O que te imploro;

Luz em teus olhos  
 Às trevas manda;  
 Com esse rosto  
 Meu mal abranda;

E eu te juro  
 Que a minha vida,  
 Que para todos  
 Anda perdida,

N'esses teus lábios  
 Ha de beber

A eternidade  
 De outro viver;

De outro formoso,  
 Que imagirei  
 Logo que as graças  
 Tuas achei.

Vem, vem ser minha,  
 Virgem querida,  
 É vida apenas  
 Comtigo a vida.

## A DESPEDIDA DE CHILDE HAROLD

(DE BYRON)

Adeus, adeus! da minha terra as praias  
 Perdem-se ao longe no azular das aguas;  
 Geme a brisa da noite; brama a onda;  
 Em gritos a gaivota solta as magoas.

Do sol, já no oceano a sepultar-se,  
 A luz seguimos que desmaia os céus;  
 A elle e a ti, ó terra de meu berço,  
 Pela vez derradeira adeus, adeus!

Em breve o rei dos astros novo brilho  
 Ao mundo co'a manhan virá trazer;  
 E saudarei o mar e o firmamento,  
 Mas não o solo que me viu nascer.

O meu nobre palacio está deserto;  
 Dentro d'elle a tristeza se assentou;  
 Bravias plantas pelos muros crescem;  
 Uiva meu cão á porta que guardou.

Vem cá, vem cá, ó meu pequeno pagem:  
 Porque choras? tua alma o que lamenta?  
 Das vagas temes o rugir medonho?  
 Da ventania a furia te amedrenta?

Enxuga o pranto que te rega as faces;  
 É o nosso baixel forte e ligeiro:  
 De meus falcões o mais veloz a custo  
 Na apostada carreira irá primeiro.

Sobre o vento sem freio; ruja a vaga;  
 Que nem o vento, nem as ondas temo;  
 Comtudo, meu senhor, não vos espante  
 Se d'esta sorte amargurado gemo;

Porque em terra deixei meu pae querido,  
E minha triste mãe abandonei:  
Eis meus amigos; a não serem estes,  
A não ser Deus e vós, de outros não sei.

Deu-me a benção meu pae na despedida;  
Resignado na dôr, susteve o pranto;  
Mas, até que de novo á patria volte,  
A minha afflicta mãe chorará tanto!

Basta, basta, mancebo; nos teus olhos  
Ficam bem essas lagrimas de dôr;  
Se eu, qual tu, innocente inda vivesse,  
Tambem teria lagrimas de amor.

Vem, meu servo fiel, chega-te e dize  
Que tens? porque descora o teu semblante?  
Do inimigo francez acaso enfias,  
Ou do vento que sopra sibilante?

Não sou tão fraco, meu senhor; em face  
Da morte não julgueis que eu esmoreça;  
Porêm, pensando n'uma ausente esposa,  
Não é muito que o rosto empallideça.

Perto de vossa habitação meus filhos  
E companheira junto ao lago moram,  
E o que ha de ella, coitada, responder-lhes,  
Se pelo pae que está distante choram?

Basta, meu fiel e meu antigo servo,  
Ninguém pôde extranhar-te essa tristeza;  
Mas eu, que tenho o genio leviano,  
Riu-me, ao ver dos mares a largueza.

Quem nos suspiros desleaes confia  
Da esposa estremecida ou cara amante?  
Novo amor limpará aquelles olhos  
Que choravam por nós ha um instante.

Não julgues que eu lamente o bem passado,  
Ou que os perigos antever pareça,  
O que mais sinto é não deixar em terra  
Quem um ai, uma lagrima mereça.

Solitario eis-me agora n'este mundo  
Sobre o deserto, illimitado oceano.  
Tudo se esqueça; que ninguém se lembra  
Tambem de mim; amargo desengano!

Talvez meu cão á porta uive debalde,  
Até ser pelo extranho alimentado;  
Mas, se eu tornar, a mão que o sustentara  
Infel morderá, já deslembrado.

Eia pois, minha barca, velozmente  
 O pégo corre que de espuma alveja.  
 Não me importa a que terra me conduzas,  
 Basta que a minha nunca mais eu veja.

Salve, ondas do mar azul escuro!  
 E, quando vos perder dos olhos meus,  
 Salve, grutas profundas! salve, ó ermos!  
 Terra da minha pátria, adeus, adeus!

---

### ADIEU, ADIEU!

Adieu, adieu! my native shore  
 Fades o'er the waters blue;  
 The night-winds sigh, the breakers roar,  
 And shrieks the wild sea-mew.

Yon sun that sets upon the sea  
 We follow in his flight;  
 Farewell awhile to him and thee,  
 My native Land—good night!

A few short hours and he will rise  
 To give the morrow birth;  
 And I shall hail the main and skies,  
 But not my mother earth.

Deserted is my own good hall,  
 Its hearth is desolate;  
 Wild weeds are gathering on the wall;  
 My dog howls at the gate.

Come hither, hither, my little page!  
 Why dost thou weep and wail?  
 Or dost thou dread the billows' rage,  
 Or tremble at the gale?

But dash the tear-drop from thine eye;  
 Our ship is swift and strong:  
 Our fleetest falcon scarce can fly  
 More merrily along.

Let winds be shrill, let waves roll high,  
 I fear not wave nor wind;  
 Yet marvel not, Sir Childe, that I  
 Am sorrowful in mind;

For I have from my father gone;  
 A mother whom I love,  
 And have no friend, save these alone,  
 But thee—and one above.



My father bless'd me fervently,  
    Yet did not much complain;  
But sorely will my mother sigh  
    Till I come back again.

Enough, enough, my little lad!  
    Such tears become thine eye;  
If I thy guileless bosom had,  
    Mine own would not be dry.

Come hither, hither, my staunch yeoman,  
    Why dost thou look so pale?  
Or dost thou dread a french foeman?  
    Or shiver at the gale?

Deem'st thou I tremble for my life?  
    Sir Childe, I 'm not so weak;  
But thinking on an absent-wife  
    Will blanch a faithful cheek.

My spouse and boys dwell near thy hall,  
    Along the bordering lake,  
And when they on their father call,  
    What answer shall she make?

Enough, enough, my yeoman good,  
    Thy grief let none gainsay;  
But I, who am of lighter mood,  
    Will laugh to flee away.

For who would trust the seeming sighs  
    Of wife or paramour?  
Fresh feeres will dry the bright blue eyes  
    We late saw streaming o'er.

For pleasures past I do not grieve,  
    Nor perils gathering near;  
My greatest grief is that I leave  
    No thing that claims a tear.

And now I 'm in the world alone,  
    Upon the wide, wide sea:  
But why should I for others groan,  
    When none will sigh for me?

Perchance my dog will whine in vain,  
    Till fed by stranger hands;  
But long ere I come back again,  
    He 'd tear me where he stands.

With thee, my bark, I 'll swiftly go  
    Athwart the foaming brine;  
Nor care what land thou bear'st me to,  
    So not again to mine.

Welcome, welcome, ye dark-blue waves!  
 And when you fail my sight,  
 Welcome, ye deserts, and ye caves!  
 My native Land, good night!

## IMPOSSIVEL!

Esse amor mal empregado  
 É commigo; qual me estimas  
 Eu não te sei estimar;  
 Em vão, em vão te lastimas;  
 Teus ais não posso abrandar.  
 É meu halito gelado;  
 Meus sorrisos frios são;  
 É amor mal empregado;  
 Deixa pois essa paixão.

Amar-te eu, innocente?  
 Como te hei de amar assim,  
 Se esta minh'alma não sente  
 O que sente só por mim  
 A tua singela e ardente?  
 Dei-te apenas amizade;  
 Logo a tornaste em amor;  
 Preferiste á liberdade,  
 Aquella chamma fagueira,  
 Que a vida nos leva inteira,  
 Ó fogo devorador,  
 Que deixa por onde passa  
 No gosar tanta desgraça,  
 Nos prazeres tanto agror.  
 Preferiste; e nada vias!  
 Das internas alegrias  
 A immensa luz te cegou;  
 E, quando emfim reparou  
 A tua alma, e tudo viu,  
 Morta por terra cahiu.

Levado pela amizade,  
 Movido de compaixão,  
 Tive de ti piedade;  
 Condoeu se o coração,  
 E quasi a si teve horror,  
 Julgando que tanta dor  
 Era d'elle que provinha;  
 Mas cada palavra minha,  
 Por mais suave e sentida,  
 Não era de amor nascida,  
 Não tinha de amor a voz;

Que não sei que força incrível,  
 Bradando-me: é impossivel!  
 Se vinha pôr entre nós.

E entretanto n'esse instante  
 Eu ha muito costumado  
 Com os outros a soffrer,  
 Pareci-te ser amante,  
 Mas talvez envergonhado,  
 Mas sem o querer dizer.  
 A quanto chega a paixão!  
 Que fatal, cega illusão!

Desde esse dia cresceu  
 Com o remedio o perigo;  
 Adelgaçou-se-me o véu  
 Que me servia de abrigo,  
 É cerrado outro desceu,  
 Cerrado medonho, horrendo,  
 E foi-me a alma envolvendo.

Tarde, tarde conheci  
 O abysmo traidor, profundo,  
 Em cujas bordas corri!  
 Sem attentar que no mundo  
 Para mim toda a ventura  
 É annuncio de desdita,  
 Luz bella, porêm traidora,  
 Que se torna em luz maldicta!

Essa tranquilla amizade,  
 Que promettia durar  
 Tanto, como a nossa idade,  
 Hoje amor, ha de acabar,  
 Porque encontra frialdade.  
 Tu a alegria perdeste;  
 Eu perdi minha alegria;  
 Tu, porque tudo entendeste;  
 Eu, porque nada entendia,  
 E mostrar-m'o tu vieste.

Muita vez imaginando  
 Tenho remorsos. De quê?

De te vêr assim penando.  
 Pois a minh'alma não vê  
 Que não foi a causadora  
 De todo este nosso mal?  
 Eu o creio, mas embora;  
 Emboral uma voz fatal  
 A meus ouvidos me diz,  
 Dentro de mim apregôa,  
 Que uma alma candida e bôa  
 Eu vou fazer infeliz!

E que mulher mais completa  
 No mundo achar poderia  
 Febril amor de poeta?  
 Amor, perenne alegria  
 Além da campa a raiar,  
 Sem ter da morte a agonia;  
 Amor sem fero ciume,  
 Sem ter d'elle o delirar,  
 Todo suave perfume.  
 Fôra luz, contentamento,  
 Não incendio, nem tormento;  
 Mas se eu não te posso amar!

Innocente, se soubesses  
 Dentro de ti destruir

Esse amor por que padeces,  
 E que eu não posso sentir;  
 Se de tudo te esquecesses...  
 Dias inda venturosos  
 Para nós ambos viriam,  
 Que amores se acabariam,  
 E seriamos ditosos.

Tenho-te muita amizade,  
 E atormento-me de ver  
 A tua infelicidade,  
 Que te faz tanto querer  
 Quem nasceu para a orphandade.  
 Mas que poderei fazer?  
 Fugir de ti; enviar-te  
 A morte, a morte talvez!  
 Meu peito não é tão forte;  
 Para algoz Deus não me fez.  
 Procurar ainda amar-te?  
 É forçar o coração;  
 É enganar-me e enganar-te!  
 Isso não esperes, não.  
 Que devo fazer não sei;  
 O que te posso affirmar  
 É que infeliz eu serei,  
 E que não te posso amar.

## FORMOSURA

És bella, sim, na face desmaiada,  
 No limpido volver dos olhos bellos,  
 Dos labios no rosal, no casto riso,  
 E no preto setim de teus cabellos.

Quando, á noite, scismando solitaria  
 Em louco divagar,  
 Deixas a fronte descuidosa e pallida  
 Descahir a sonhar,

És bella, bella, como flor vergada  
 De leve pela brisa, que murmura,  
 Bem como o lirio que na debil haste  
 Entre as auras da tarde o aroma apura.

É que o teu sonho se assemelha á aragem,  
 Que passa e mal desflora  
 O lago de oiro, que te esmalta a vida,  
 Onde desponta a aurora.

E deixas-te embalar por essas aguas,  
 Como o baixel na trémula corrente,

Acompanhando o baloiçar macio  
Das ondas que se elevam brandamente.

E como ellas não é teu casto peito  
Formoso a palpitar,  
Que parece dizer: não sei do mundo;  
Inda não posso amar?

Bella és ainda, bella na innocencia  
D'esse infantil e virginal rubor,  
Que deixa apenas entrever desejos  
De vir um dia a enrubescer de amor,

Qual virgem rosa não de todo aberta,  
Abrochada em botão,  
Que zela o seio, mas que tem nas folhas  
Do futuro o condão.

Assim és tu, meu anjo de candura;  
Assim no meu pensar te debuxei;  
Assim, ao ver-te, me rendi captivo,  
E sem teus ferros existir não sei.

1850

---

## INCENTIVO

AO MEU AMIGO O DR. JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Que fazes, meu poeta, que não soltas  
Do genio o vôo, audaz abrindo as azas,  
E ousado ao sol da gloria te levantas?  
Secreta chaga te lacera e punge?  
Travam-te d'alma o desalento e a magoa?  
Ou deixas, no repouso descuidado,  
A luz que deve dar proficua chamma,  
Vulcão occulto, consumir-te a essencia?

Não te creou de balde a mão divina,  
Como não fez o sol para abrasar-se,  
Em vez de alumiar a natureza.  
É teu fado brilhar, brilhar sem termo;  
A nevoa rasga que te cerca ainda,  
E, em toda a majestade apparecendo,  
Aclara, guia, enthusiasma e arrasta.  
N'essa espaçosa fronte mil idéias  
Se atropelam e fervem; dê-lhes vida  
Tua vontade; ordena; e obedientes  
Aos labios correrão cadenciadas  
Em casta prosa ou numerozo metro.  
Porque ocioso pois assim te esqueces,

O meu amigo, ó parte da minh'alma,  
Que não escuto repetir teu nome?

Tua patria não é a Patria minha;  
Cobre-me um outro céu do teu diverso,  
Tão formoso como elle; e o fundo abysmo  
Do largo oceano se nos poz em meio.  
Ajuntou-nos a sorte; captivou-me  
Em ti o engenho, a condição; mais tarde  
Quasi irmãos nos uniu pura amizade,  
Que o tempo cada vez tornou mais firme.  
E parti; porêm só por ver a terra  
Que me deu a existencia, a minha terra,  
A terra de meus paes, da minha esp'rança;  
Porêm commigo veio o nosso affecto,  
Que fiel guardo, que não sei se guardas  
Em tamanha distancia, em tanta ausencia.

Como viva a lembrança tenho sempre  
D'aquellas horas que passámos juntos  
Em práticas suaves, ora lendo  
Ambos da velha poesia os mestres,  
Ora eu silencioso a ouvir teus versos,  
E tu os meus silencioso ouvindo!  
Ainda me recordo de uma noite,  
Que d'esta sorte nos correu inteira,  
Até nos separar da aurora o lume.

Desunidos agora, o mar sem termo  
Se distende entre nós—embora, embora!  
A saudade, como elle, grande, immensa,  
Ajunta o que separa o espaço, o tempo,  
E ante os olhos meus te faz presente.

Aonde, como em ti, jámais se uniram  
Mocidade e saber, ou quem os raios  
Da palavra soltôu com mais arrojô?  
A impetuosa eloquencia que dimana  
De teus labios nervosa, cadenciada  
A todos arrastando, um dia, em breve,  
Ha de soar na popular tribuna,  
Onde esclareça a opinião e a patria.  
Já correu em favor do desvalido;  
Já válida clamou; nem foi de balde.  
Que nobre confiança te incendia,  
Quando pela razão, pela virtude,  
Pela innocencia rígido pugnavas!  
Então eu vi teus olhos chamejando;  
A loira coma se agitava esparsa;  
E a voz, qual se inspirada, parecia  
Em torrentes brotar vestindo rapida  
Idéias mil que subjugavam tudo.  
E páras da victória na carreira?

Segue; novas grinaldas se entretecem  
Para te ornar a generosa fronte.

Mas de tuas corôas a mais bella,  
A tua mais querida é a que formam  
Do eterno myrto os celebrados ramos;  
Essa a tua vizão mais acatada,  
Teu mais mimoso pensamento d'alma.  
Por ella as noites longamente passam  
Para ti em vigilia; só por ella  
São os teus dias para ti contados.  
Estás fadado para ser poeta;  
Tens no teu coração o sentimento,  
A musica na voz; e a phantasia,  
Solta da terra vil, procura ardente  
Outros mundos, espaços onde logre  
Realisar seus desvairados sonhos.

E ainda silencioso permaneces?  
Faze soar da tua lyra as cordas,  
E conte o paiz teu mais um prodigio.  
Do Amazonas ao Prata glorioso  
O teu nome se escute, e repetido  
Em nossas praias eu contente o oiça.

Filho de um novo mundo, nova estrada  
Segue; não te acovarde o atrevimento.  
Que, se o quizeres, o triumpho é certo.  
A nós filhos da Europa a Europa deixa,  
Deixa do Sena as populosas margens,  
Do pobre Sena que regato humilde  
Ao pé dos rios teus correr parece;  
Alli o pensamento se amesquinha;  
O sol é frio; o ar ennevoado;  
E o pó dos coches o idear perturba.

Não te deslumbrem nomes; fita a mente  
No natural, no bello, e serás grande.  
Nem d'este nosso Tejo atrás caminhes  
Dos maviosos sons, posto que falem  
A teus ouvidos tua propria lingua.  
Não, não busques modelos, mas contigo  
Sente, escuta, medita a natureza  
Que por esse paiz abençoado  
Os seus poderes ostentou vaidosa.  
Fecha os livros; seu livro sempre aberto  
Unicamente os olhos te seduza,  
E de teu ser inteiro se apodere.  
Accorda a tua voz pelo rugido  
Da cataracta que espadana e salta  
De rocha em rocha, e a borbulhar espuma,  
De espessa chuva escurecendo os ares,  
Pelo soprar do vento nas florestas,

Pelo bramir do mar, pelo cicío  
 Da viração nas folhas da palmeira;  
 Fórma de tudo isto uma harmonia,  
 Que tua propria e nacional se diga.  
 Tens o teu céu azul, teu sol esplendido  
 Que, inda mesmo através das virgens mattas,  
 Onde mal entra a luz, fecunda a terra,  
 Como se branda relva o revestisse.  
 Pede a um a pureza; o ardor ao outro,  
 E n'um e n'outro a immensidade aspira.

No teu paiz prodigiosa, uberrima  
 Se mostra em toda a parte a natureza:  
 Aqui rio caudal em mar se torna,  
 E comsigo arrastando furibundo  
 O solo, os troncos, generoso offerta  
 Ao Atlantico oceano uma ilha enorme,  
 E por mui largo espaço ousa arrostal-o;  
 Além alpestre monte ao ar se arroja,  
 Ou vasta cordilheira encadeando-se  
 Parece pretender fechar o mundo;  
 Do mar á beira, o viandante ás vezes  
 Pasma, vendo de um lado desdobrar-se  
 Do pégo as ondas, que o horizonte beijam,  
 E do outro lado vagas de verdura,  
 Que, unidas com o céu, da vista perde.

Queres scena melhor? Nada te falta;  
 Tudo comtigo tens; tudo te cerca;  
 Tudo te chama á gloriosa empreza.  
 Deixa a imitação; inventa; cria;  
 Sobra-te engenho, sentimento, força;  
 A gloria te convida; e a patria, a patria  
 Ha de teu nome coroar de flôres,  
 Eternas flôres que não leve o tempo,  
 E que não faça emmurchecer a inveja.  
 No passado dos teus vê o mais certo  
 Penhor do que has de ser; como em herança,  
 Na tua geração saber e honra,  
 Talento, brio, esforço, patriotismo  
 Te'm passado até hoje, e, mais que todos,  
 Se tu quizeres, brilharás ainda.

Sa'e do repouso pois em que te esqueces,  
 Ó meu amigo, ó parte de mim mesmo,  
 E oiça eu em breve repetir teu nome;  
 Comtudo nem por isso te deslembre  
 Nossa firme amizade: são deveres  
 Diferentes; mas este á consciencia  
 Dá nectareo sabor, e ao pensamento  
 Grato perfume que vapora d'alma.

## LEMBRANÇAS

Como já lá vão os tempos  
D'aquella idade fagueira,  
Quando brincavamos juntos  
À sombra da laranjeira!

E nunca mais esses dias,  
Que tão felizes passámos,  
N'este mundo de tristezas  
Nunca mais os encontrámos!

Era então a vida amena;  
De nossa vida era a flor,  
Que vinha desabrochando  
Da primavera ao calor.

Que folguedos de innocencia  
Na verde relva do prado,  
Ouvindo ao cahir da tarde  
Dos passaros o trinado!

Como corriamos ambos  
Pelos campos á portia,  
A ver qual de nós mais flores,  
Mais lindas apanharia!

E lembras-te d'esse tempo?  
E lembras-te das singelas  
Doces horas que passámos  
Tão curtas, porém tão bellas?

Mas depois minha má sorte,  
Que um instante me deixou,  
Aos baldões da tempestade  
Sósinho me abandonou,

Sem aquella voz serena,  
Que a virtude insinuava,  
Sem aquelle caro amigo,  
Que, como pae, me estimava.

Outras praias, outra gente,  
Outro céu e clima vi,  
Mas d'aquelles breves annos  
Nunca, nunca me esqueci.

Pude emfim rever os campos,  
Onde pequeno vagara,

Abraçar os poucos entes  
Que a morte me não roubara.

E, em vez dos sonhos da infancia,  
À minh'alma veio a dor  
Ajuntar mais um martyrio,  
Derrubar mais uma flor!

Mas ao menos a amizade  
Do tempo que fenecera,  
Em lugar de aniquilar-se,  
Com o tempo mais crescera.

Eras inda a companheira  
No affecto do coração;  
Só vim achar feita rosa  
O que era outr'ora botão.

A idade te aprimorara  
O que deixaras já ver;  
Posto a magoa te legasse  
Os rastos do padecer!

Como d'antes a alegria  
Na infancia nos ajuntou,  
Assim agora a desdita  
Nossos laços apertou.

Oxalá que em mil venturas  
Eu te pudesse pagar  
Tantos carinhos, e em risos  
Tuas lagrimas tornar;

E que estes dias que correm  
De flores t'os matizasse,  
Muito embora na existencia  
Eu sem conforto vagasse.

Mas, seja qual for a sorte  
Que o futuro te destina,  
Bôa ou má, nunca te esqueças  
D'essa idade peregrina,

Que findou, que mais não volta,  
D'essa idade tão fagueira,  
Em que brincavamos juntos  
À sombra da laranjeira.

## QUE AMIZADE!

Não ames, innocente; amar é crime;  
Suffoca o ardor que te alimenta e inflamma;  
Dentro do peito o coração comprime.



Não querem que tu sejas desgraçada!  
 Apaga, apaga a chamma;  
 Escuta do dever a voz sagrada;  
 Beija a mão que do abysmo te desvia,  
 A mão que piedosa te soccorre;  
 Mostra falsa alegria;  
 Cala; padece; e morre.

Não vês como te cercam de desvelos,  
 E te buscam das festas o ruído?  
 Destruir imaginam teus anhelos!  
 Loucos, loucos mil vezes!  
 Cresce o amor, quando é mais perseguido,  
 E vive dos revezes.  
 Ao que assassina o corpo a lei condemna;  
 Mas ao que mata a alma as leis não chegam!  
 Melhor; dos homens não bastára a pena;  
 Assim a Deus a entregam.  
 Eis para onde appella a consciencia  
 Dos que a honra e a virtude só cortejam,  
 E ao amor sacrificam a existencia;  
 Dos que affrontam a morte por que vejam  
 No horizonte surgir  
 O dia que ha de dar a recompensa  
 Aos bons, e os maus punir.

E tu, meiga innocente, que fizeste?  
 Qual foi a grande offensa  
 Porque tão negro fado mereceste?  
 Foi o seres formosa,  
 O teres alma candida e sensível!  
 Mas elles, elles querem-te ditosa!  
 Mandam deitar-te no sepulcro viva,  
 E cobrir-te de flôres!  
 Meu Deus, será possível?  
 Deixa esse amor, e dão-te mil amores;  
 Liberta ficarás; ora és captiva.  
 Despraz-te o mundo; a solidão te agrada?  
 Te'm medo que tu morras de tristeza!  
 Deixa esse amor, o mundo por ti brada.

E tu os olhos fechas;  
 Prosegues no caminho da desgraça;  
 E de quem te aconselha inda te queixas!  
 Tens de um lado a pobreza,  
 Que de mil infortunios te ameaça;  
 Do outro o oiro, as festas, o prazer;  
 Querem salvar-te, e cerras os ouvidos.  
 Ingrata! são por ti escarnecidos,  
 O affecto não lhes sabes merecer!

Que amizade! e por ella has de, innocente,  
 Deixar o que te adora, e tu adoras,

Aquelle a que entregaste  
 O coração e a mente,  
 E a quem amor juraste?  
 Não, dizem não as lagrimas que choras;  
 Não, diz a tua face desmaiada;  
 Amas, tua alma é forte;  
 Antes o pó do nada  
 Do que soffrer na vida mais que a morte.

Eia pois, despedaça o jugo infame,  
 Que os passos te encadeia,  
 Muito embora dever o mundo o chame;  
 Teu coração desgraças não receia;  
 Não receia pobreza;  
 Ao teu amor anda a ventura junta,  
 Anda junta a riqueza;  
 Pelo mais a tua alma não pergunta.

---

## SINGELEZA

Que m'importa se és ligeira,  
 Se assim mesmo és feiticeira,  
 Se te quero mesmo assim?  
 Se amo esses olhos que matam,  
 Porêm que não se recatam  
 Nem dos outros, nem de mim?

Que eu fuja de ti? loucura!  
 Tirar o orvalho á verdura;  
 Tirar-lhe o ar, o calor;  
 Seccar a fonte de prata,  
 Que no prado se desata;  
 E querer que viva a flor!

Deixar-te? deixar a vida?  
 Á luz por Deus accendida  
 Enviar a maldição?  
 Deixar o lucido trilho?  
 Fechar os olhos ao brilho  
 Do astro, que os céus me dão?

Renegar do céu, da terra,  
 De tudo que o peito encerra?  
 Oh! que não, não serei eu!  
 Viver por ti; adorar-te;  
 Pensamento e alma offertar-te  
 Será sempre o fado meu.

Travessuras de innocente,  
 Que pular a vida sente,  
 Que tem o sangue a esaldar,  
 Que experimenta um desejo  
 Incerto entre o riso e o pejo,  
 Inda incerto se é amar!

Travessuras de creança,  
 Que não conhece a provança  
 Do esperar, e do soffrer,  
 Os desejos delirantes,  
 Que fazem gosar instantes,  
 Que fazem sec'los morrer!

E que é isto? novo encanto,  
 Que dos outros sem quebranto,  
 Accende mais o vulcão,  
 Perfume puro da rosa,  
 Que á luz se abre, e da luz gosa,  
 Sem temer o furacão.

Amo-te d'esta maneira,  
 Mais formosa e feiticeira,  
 Mais singela, meu amor,  
 Desabrochando incuidosa  
 Como a purpurina rosa,  
 Como desabrocha a flôr.

## QUEIXAS

Feliz aquelle que nos verdes annos,  
Que risonha nos doira a primavera,  
Morre, sem ver do mundo os desenganos.

Feliz aquelle que acredita e espera,  
E não vê desabar as esperanças,  
E não vê sombra van quanto já crêra.

Meu pobre coração, porque te cansas,  
E te afadigas em ganhar a gloria,  
Quando para o sepulcro só avanças?

De mim nem ficará talvez memoria!  
No mundo a poucos deixarei saudade;  
E esses não saberão a minha historia!

Porque pois a violenta anciedade  
De fama, que me rala e me consome,  
Se não hei de lograr a eternidade?

Se quasi sempre nem se lembra o nome  
Do poeta ou do rei mais poderoso?  
Se a terra que os creou os guarda e some?

Da morte para além mora o repouso;  
Que é miragem a vida aspera e rude  
Nas ondas d'este mar tempestuoso.

Paira a gloria do homem no ataúde;  
Só a alma, da carne já liberta,  
Sóbe ao celeste amparo, onde se escude;

E encontra a porta celestial aberta;  
E ao som accorde do harpejar divino  
Tacitamente sua voz concerta.

Se dos humanos o cruel destino,  
Que á terra os amarrou ha de cumprir-se,  
E dar-lhes n'ella seu fatal ensino,

Porque tenta minh'alma inda carpir-se?  
O mundo não entende o seu lamento;  
Á sua dôr em nada póde unir-se.

Cada qual têm em si o pénsamento;  
Cada qual no seu bem só interessa;  
Palavras são da idéia o fingimento!

Embora á mingua, misero pereça  
 O que viveu sem encontrar abrigo.  
 É menos um que os importune, e peça.

Eu que o recto caminho entre elles sigo,  
 Entre os de honras e fama rodeados,  
 Ou da gloria e riqueza, e vou commigo,

Tento na lyra sons desconcertados,  
 E, como elles, tambem loiros procuro,  
 Mas não a trôco de rubor comprados.

E eis vem de trevas o horizonte escuro,  
 E entre mim alevanta e o meu desejo  
 Soberbo, espesso, impenetravel muro.

Muitos que amam as letras fugir vejo,  
 Porque em vez d'ellas amam sua fama,  
 E eu não vou augmentar-lhes o cortejo.

Mas não se apaga minha viva chamma,  
 Antes, do mundo o halito empestado  
 Cada vez mais a sua luz derrama.

Pharol em erma rocha levantado,  
 Vive entre as vagas, que a seus pés escuta,  
 Pela furia dos ventos contrastado,

Até que a assidua, tenebrosa lucta  
 Arremesse meu corpo á sepultura.  
 Eis a certeza que a minh'alma enlucta!

E eu sinto, eu sinto a morte prematura;  
 Oico-lhe os passos; e alvejar bem perto  
 Vejo a mão, que me chama á terra dura.

Quão triste que é este caminho incerto!  
 E buscar inda a gloria o pensamento,  
 Quando já está o meu sepulcro aberto,  
 E deixo atrás de mim o esquecimento!

1857

## RAMALHETE

No meu lindo ramalhete  
 Ha tantas e varias flores,  
 Que não sei a qual mais queira,  
 A qual renda mais amores.  
 Todas ellas são form: sas,  
 Ou sejam lirios ou rosas,

Ou saudades ou jasmims;  
 Em corôa refulgente  
 Assim brilham juntamente  
 A pêrola transparente,  
 Os diamantes e rubins.

A rosa é bella; a cecem  
Tanta singeleza tem;  
A saudade tanta dôr...  
A qual darei mais amor?  
Não o sei eu, nem ninguem.  
Por todas ellas se parte  
Esta minh'alma, que aneia  
Um amor illimitado,  
Sonho nunca realizado,  
Que não se póde cumprir,  
Porque o homem foi creado  
Para seu nada sentir.

E eu perdido, eu desvairado  
Após o meu sonho vou!  
E, quando no fim reparo  
Nas loucuras que sonhei,  
Attonito fico; e páro  
Ante o que real pensei;  
E co'a alma em terra dou.

Como então sou infeliz  
N'essas horas de agonia!  
O que eu sinto quem o diz?

Mas, a lyra temperando,  
Desprendo nova harmonia,  
Com que me vou remontando.  
Dos astros ao claro dia.  
Ahi de novo deliro,  
E das minhas flores bellas  
Faço brilhantes estrellas.  
E amo-as todas? se as amo!  
Mas do lirio a singeleza  
Respira tanto de Deus,  
Que mais bello quasi o chamo;  
Pende o calix para a terra  
Com a saudade dos céus;  
E as lagrimas que encerra  
Embebe-as no casto seio,  
Porque para o soffrimento,  
Para a dor ao mundo veio.

E mais bello o chamarei?  
Não sei dizel-o, não sei;  
Que o meu lindo ramalhete  
Tantas flores elle tem,  
Que qual seja a mais formosa  
Não o sei eu, nem ninguem.

---

### A...

Tu és meu pensamento, o meu enlevo,  
O ente n'este mundo a que mais quero,  
Tu, a quem a esperança apenas devo  
D'essa ventura que alcançar espero.

Por ti de dia e noite em chammas ardo;  
N'uma voz tua minha vida posta,  
Da desventura não receia o fardo,  
Antes, com ella arrosta.

Que monta que n'um berço de oiro fino  
Tu embalada fosses ao nascer,  
E que seja meu improbo destino,  
Em vez de oiro, pobreza e padecer?

É o amor imperio de egualdade;  
Não se conhece n'elle distincção;  
Quem ama tem de amar a liberdade,  
Porque tem coração.

Quando te vi a unica riqueza  
 , Na luz d'esses teus olhos a encontrei,  
 N'essa benigna, angelica belleza,  
 Que, mal eu conheci, logo adorei.

Se amor tamanho, que tão forte na'ce  
 Alguem feia ambição ousa alcuñar,  
 É que nunca notou a tua face,  
 É que não sabe amar;

Pois quem te póde contemplar que sinta  
 O amor que por dinheiro se calcula,  
 E se esqueça de ti, emquanto pinta  
 Riqueza torpe que a razão macúla?

Nobre és? Que eras nobre n'alma e gesto.  
 Desde a primeira vez o comprehendí.  
 Nada importava para mim o resto:  
 Vi-te, amei-te, vivi.

Ante o poder a minha frente pobre  
 Sente, padece, porém não se curva;  
 Segundo o meu pensar tambem sou nobre;  
 Baixeza alguma o coração me enturva..

Só adoro de Deus a majestade;  
 Ante o que é bello e grande só me prostro;  
 Respeito, guardo as leis da sociedade;  
 Mas alta a frente mostro.

Se d'esta mesma sorte vissem todos,  
 Ditosos poderíamos viver;  
 Mas ha para julgar diversos modos;  
 E elles no coração não sabem lêr!

Desgraçada de ti, que livre crias,  
 Ao menos para amar, a natureza!  
 É que tu, ó meu bem, nada sabias  
 Da mundana torpeza!

Amavas, eis tua unica sciencia;  
 Sentias ser amada e nada mais;  
 Era o thesoiro teu muita innocencia;  
 O teu futuro sonhos virginaes.

Maldicto o oiro que de ti me afasta;  
 Maldicta essa nobreza malfadada,  
 Que ante as miserias a paixão arrasta,  
 Só para nós creada;

Porém benedicto o jubiloso instante  
 Em que te vi pela primeira vez,  
 Porque a perseguição teu peito amante  
 E o peito meu desanimar não fez;

Porêm benedicta a fervorosa chamma,  
 Que da minh'alma em versos trasbordou,  
 A rude lyra que tua alma inflamma,  
 Que o nosso amor sagrou;

E a vivaz esperança de algum dia  
 N'estes meus braços eu poder cingir  
 Quem me dará cada hora uma alegria,  
 Quem será minha dita, o meu porvir.

## CAMÕES E A PATRIA

AO MEU AMIGO S. P. M. ESTACIO DA VEIGA

É possível? a Patria deslebrada  
 Os teus restos, Camões, enfim procura,  
 E curva sobre a terra e desvelada  
 Busca-te arrependida a sepultura?  
 É esta a pedra humilde e consagrada?  
 Coube aqui tanta gloria e desventura?  
 É este o porto onde o cantor divino  
 Veio acabar o seu fatal destino?

Acorda, Portugal, teu vate abraça,  
 Vive ao d'elle o teu fado reunido;  
 Sa'e do longo torpor, ó nobre raça,  
 O povo outr'ora pelos mais temido;  
 Se com o nome seu teu nome passa  
 Á eternidade, onde será ouvido,  
 Com seu espolio tu reanimado  
 Serás n'outra existencia transformado.

Palladio que preside á tua sorte,  
 Porque perdel-o, ó Patria, assim deixaste?  
 Misera, nunca mais, qual d'antes, forte.  
 Do teu leito de dôr te levantaste!  
 Mas não te abriga a congelada morte,  
 Não, á morada extrema não baixaste;  
 Vinde-a ver como já toda estremece  
 De gratidão, e palpitar parece.

E qual dos filhos teus mais merecera:  
 O teu amor, ó terra endurecida?  
 Quem te amara com alma tão sincera,  
 E tanto das offensas não sentida?  
 Quem martyr o seu corpo á morte dera,  
 Por te legar immorredora vida,  
 Querendo que, se ao tumulo descesses,  
 No seu manto de gloria te envolveses?

E tu que foste para elle? oceano  
 Sempre de escolhos e tormentas cheio,  
 Que, depois de o levar de damno em damno,  
 Só para o sepultar abriste o seio.  
 Assim combate o mar o fraco humano  
 As bravas ondas desprendendo o freio,  
 Surdo á voz da afflicção que o não desperta,  
 E, naufrago, lhe mostra a cova aberta.

Poeta, pobre, amante e desgraçado  
 Ante as grandezas alteaste a frente;  
 Tinhas a lyra tua; eras soldado;  
 De um povo a fama te incendia a mente;  
 Nasceste pelas palmas rodeado,  
 Que dava ao Tejo o submettido Oriente,  
 E, vendo rica a Patria, te julgaste  
 Rico tambem, e o oiro desprezaste.

Porêm tamanho esforço e valentia,  
 E nem sequer um canto resoava!  
 Eil-o, eil-o ahi o rei da poesia,  
 Que no longe futuro os olhos crava;  
 Ó minha Patria cara elle dizia,  
 E a ingrata de si o desterrava!  
 Já que apartas de ti o teu amigo,  
 Na eternidade viverás commigo.

E foi cantar do pélagos aos furores,  
 Ouvir das vagas o feroz rugido,  
 Por que afizesse a voz aos seus fragores,  
 Para depois do mundo ser ouvido;  
 Tal o maior dos gregos oradores  
 Ia bradar ao mar embravecido,  
 Antes que na tribuna trovejasse,  
 E contra o jugo uma nação armasse.

Cantor do Gama lhe seguiste a senda;  
 Cantor de um povo audaz e navegante,  
 Encaraste, como elle, a morte horrenda,  
 Os seus passos medindo de gigante;  
 Do Adamastor tremeste á voz tremenda  
 Como elle; e emfim guerreiro e triumphante  
 Escreveste as batalhas combatidas  
 Pela Patria co'o sangue das feridas.

E ella sem attender-te! e longe d'ella  
 Tu lhe alçavas o áugusto monumento,  
 Que ao lado seu até agora vela,  
 Pagando-lhe d'est'arte o esquecimento.  
 Por teu paiz natal e por aquella,  
 Que te havia captivo o pensamento,  
 A vida toda inteira dividiste,  
 E por ambos aos males resististe.



Amar como elle amou, e ser amado,  
E receber a desventura em paga!  
Vinde-lhe ouvir o canto magoado,  
Que as suas illusões anima e afaga;  
Basta falar de amor para, animado,  
Logo do seu amor abrir a chaga;  
Sente; commove; os corações fascina:  
És tu, és tu, inspiração divina.

Ó lagrimas de Ignez, quem não derrama  
Sobre vós, se alma tem, a alma em pranto?  
O ilha dos amores, quem a chamma  
Não provará de teu suave encanto?  
Infeliz do poeta que não ama;  
Porém mais infeliz quem ama tanto,  
Para soffrer como elle, sempre ausente  
Ou perto ou longe da que tem na mente.

Camões, no exilio solitario morre;  
Expira, expira ahí, bardo sublime;  
Dão-te as muralhas de segura torre,  
Pobreza, injurias, até mesmo o crime;  
Dos seus ardís a inveja se soccorre,  
E em tua frente nobre a garra imprime;  
Mas não; a Patria, a que exaltaste o nome,  
Tem para dar-te um hospital e a fome!

E rever suas praias tu querias,  
Que te restava a credula esperança  
De despontarem mais formosos dias,  
E na tua existencia haver mudança:  
O seu e teu futuro lhe trazias  
N'um livro; n'elle a tua fé descansa;  
E ella, tambem ella, a que te amava,  
Através do oceano te chamava.

Chegas; e o sonho teu se desvanece;  
Foi-se o amor; é morta a formosura;  
De si a Patria, mais de ti se esquece;  
Que te resta no mundo? a sepultura!  
Ninguem, ninguem de ti se compadece!  
Gosam-te a gloria; deixam-te a amargura!  
Se não fosse o teu Jau, o teu abrigo,  
Não tiveras, Camões, nem um amigo!

Vergonha, opprobrio á geração ingrata,  
Que assim o egregio vate galardôa;  
Vergonha á Patria que á penuria o mata,  
E de martyrios lhe entretece a c'rôa!  
Mas elle generoso á que o maltracta,  
Em vez de censurar, tudo perdôa;  
Sobre a ruína sua geme e chora,  
E d'ella o fado, não o seu deplora.

E finalmente acordarás do leito,  
 Onde a sorte, onde a incuria te ha lançado,  
 Misero Portugal, e contra o peito  
 Apertarás teu vate despresado?  
 Ao grande genio pagarás o preto?  
 Ouvirás das nações o justo brado?  
 Oh! sim; que já três seculos correram,  
 E em muito a tua divida accresceram.

Embora não condiga o monumento  
 Co' o divino cantor da tua gloria,  
 Outro, ó Patria, haverá mais opulento,  
 Se viveres de novo para a historia.  
 Resurge; e dar-lhe-has contentamento  
 Maior, que julgará maior victoria  
 Ver-te, qual d'antes, forte e venturosa,  
 Do que dever-te a estatua mais famosa.

## PRIMEIRO SUSPIRO

(DE VICTOR HUGO)

Vive feliz, ó minha doce amada;  
 Em paz saúde a vida,  
 E de teus bellos annos colhe as flores;  
 No bonançoso rio  
 Do tempo descuidosa adormecendo,  
 Deixa seu curso proseguir as ondas.

Vae; risonho te açena o fado ainda;  
 Vae; o temor expelle; o céu não póde,  
 Após tão linda aurora,  
 Fazer seguir-se tenebroso dia.  
 Eu humilde o conjuro,  
 E ouvir-me deve, pois por ti supplico.  
 Todo o nosso porvir em mim só pésa!  
 Em breve arrebatada  
 Podes-me ser; eu ámanhan bem longe  
 De ti talvez meu soffrimento arraste.  
 Ah! tão depressa na existencia minha  
 Tudo é fatal e triste!  
 Amei-te, e é-me forçoso já perder-te!

Mas caia, caia inteira em minha frente  
 A infelicidade. Em sacrificio á ausencia  
 Breve succumbirá tão meigo affecto,  
 Que virão suffocar desejos novos:  
 Tu nos prazeres teus has de esquecer-me;  
 Eu amar-te no tumulo!

Sim, morrerei; já se me enlucta a lyra.  
 Fraca memoria deixo; irei bem joven  
 À campa, mas sem medo; quem a gloria  
 Frente a frente encarou, afoito póde  
 Contemplan o ataúde.  
 Dos reinos infernaes visinha o Elysio;  
 Que são a gloria e a morte? dois phantasmas  
 De gala ou dó vestidos!

Vive feliz, ó minha doce amada;  
 Desfructa em paz os teus formosos dias;  
 No bonançoso rio  
 Do tempo descuidosa adormecendo,  
 Deixa seu curso proseguir as aguas!

## PREMIER SOUPIR

Sois heureuse, ô ma douce amie;  
 Salue en paix la vie et jouis des beaux jours;  
 Sur le fleuve du temps mollement endormie,  
 Laisse les flots suivre leur cours!

Va, le sort te sourit encore,  
 Le ciel ne peut vouloir, dissipe tout effroi,  
 Qu'un jour triste succède à ta joyeuse aurore.  
 Le ciel doit m'écouter quand pour toi je l'implore.  
 Notre avenir commun ne pèse que sur moi!  
 Bientôt tu peux m'être ravie:  
 Peut-être, loin de toi, demain j'irai languir.  
 Quoi! déjà tout est sombre et fatal dans ma vie!  
 J'ai dû t'aimer, je dois te fuir!

Puis,—hélas! sur mon front que le malheur retombe!  
 Il faudra qu'à l'absence, à de nouveaux désirs,  
 Un sentiment bien doux succombe:  
 Tu m'oublieras dans les plaisirs,  
 Je me souviendrai dans la tombe!

Oui, je mourrai: déjà ma lyre en est en deuil.  
 Jeune, je m'éteindrai, laissant peu de mémoire,  
 Sans peur; puisque de front j'ai contemplé la gloire,  
 Je puis voir de près le cercueil.  
 L'Elysée immortel est près des noirs royaumes,  
 Et la gloire et la mort ne sont que deux fantômes,  
 En habits de fête ou de deuil!

Vis heureuse, ô ma jeune amie,  
 Jouis en paix de tes beaux jours,  
 Sur le fleuve du temps mollement endormie,  
 Laisse les flots suivre leur cours!

## A CANTORA

Quando a terra, como agora,  
Toda é silencio e magia,  
Porque assim a voz desprendes  
Em torrentes de harmonia?

Porque folgas, quando alegres  
São teus sons melódiosos?  
Porque, se chora teu canto,  
Os olhos tens lacrimosos?

É que tu'alma é tua vida,  
Teu viver a inspiração:  
Tens poesia nos lábios,  
Poesia no coração.

Quanto mais bella te fazes,  
Se inda mais se pôde ser,  
Quando em ondas de meiguice  
Pareces desfallecer!

Como então esses teus olhos  
Para o céu alevantados  
Sobem nas férvidas azas  
Do entusiasmo levados!

Que brandura as tuas notas  
Outras vezes não respiram,  
Quando gemem tristemente,  
Quando se queixam, suspiram!

E quando outras a alegria  
Passageira, mesmo assim,  
Te anima as faces, e encrespa  
De teus beijos o carmim,

Como nos prendes e elevas!  
Como brilhas radiosa!  
Como serenam teus olhos!  
Como ficas mais formosa!

És bella sempre, quer triste,  
Quer risonha, ou magoada,  
Mas, na inspiração divina  
De tua magica toada,

Falta vista para ver-te,  
Mente para te julgar,  
Penna para descrever-te,  
Coração para te amar.

1849

## ALEGRIA

Torno-te a ver, ó Patria; teus encantos  
Saudar posso de novo, mais a vida:  
Salve! de minha infancia almas campinas!  
Salve! ser do meu ser, Patria querida!

Torno-te a ver emfim, rasgado embora  
Me haja a fronte a corôa da amargura;  
Tuas praias emfim eu pizo, eu beijo.  
Adeus, desterro, mar e desventura.

Adeus a tudo pois! N'este momento  
Esqueça-se o passado, ó patrio Tejo;  
Por ti matou-me a dor no amargo exilio;  
Por ti vivo de novo, que te vejo.

Embarga-me o falar a f'licidade;  
Treme-me o coração; palpita a vida;  
Mas esta e o coração vivem contigo.  
Salve! ser de meu ser, Patria querida.

Salve! diz o verde campo;  
 Salve! diz do prado a flor;  
 Salve! dizem as mil aves  
 Cantando alegres amor;  
 Salve! diz a primavera  
 Com seu manto de verdor.

São as flores do prado e campina,  
 E das aves o meigo trinar  
 Tuas letras, teus meigos accents,  
 És tu mesma teu hymno a cantar.  
 Quem não ama tua voz, teus gorgeios?  
 Quem, ó Patria, não te ha de adorar?

E vem o sol do horizonte,  
 E te saúda tambem;  
 E vem a noite estrellada,  
 E a noite sombria vem,  
 E dizem-te: salve! terra  
 De tantos enlevos mãe!

Tens no sol e no dia que nasce  
 O teu sonho de amor e prazer;  
 Com tua noite de galas luzida  
 Como é bello do mar ver-te erguer;  
 Como és bella co'a pallida lua  
 Tristemente a pensar, a gemer.

Tens na brisa que murmura  
 Por entre os bastos rosaes,  
 Quando o firmamento aclaram  
 Os rubores matinaes,  
 A saudação da alvorada  
 A tuas graças naturaes.

De ti fala este céu que te cobre  
 Com seu manto de neve e saphira;  
 De ti fala este rio famoso  
 Que te banha, te anima, e te inspira;  
 De ti fala o meu tempo da infancia;  
 De ti fala em seus sons minha lyra;

Que eu tambem serei como ella,  
 Como a voz da natureza,  
 A dizer os teus primores  
 Em sua eterna belleza,  
 A te saudar nos meus versos,  
 Do Tejo ó linda princeza.

Salvé! diz o meu peito ancioso  
 De em teu seio os teus mimos gosar;  
 Salve! dizem meus labios ardentes,

Minha vida, minh'alma e pensar;  
 Salve! Patria; de novo te vejo;  
 Em teus braços já posso acabar.

1852

## LAGRIMAS

Vive, vive feliz, angelical espirito,  
 Na morada celeste,  
 A que subiste emfim, depois que todó o calice  
 Da desgraça bebeste.

Embalde mãe e irmans buscaram de teus labios  
 Em beijos de ternura  
 Sorver o amargo fel; oh! que contentes martyres,  
 Se te dessem ventura!

Mas augmentou-te o mal ouvir dos teus as lagrimas;  
 Com elles abraçada,  
 Sentiste a morte vir, e, generosa victimal  
 Não lhes disseste nada.

Irmans, não me choreis; ó minha mãe, consola-te;  
 Estou muito melhor;  
 Já sinto um novo ser; no rosto, ha pouco pallido,  
 Das rosas brota a côr.

Eram as rosas, sim, que ella sentia, misera!  
 Porém da despedida!  
 Era como o clarão do vespéral crepusculo,  
 O bruxulear da vida.

Já no leito da dor, entre prantos sorrindo-se,  
 Aos seus ella dizia:  
 Vejo em nosso porvir as desgraças trocarem-se  
 Em candida alegria.

É Deus que assim o quer. E a mãe e irmans olhando-a:  
 O que nós desejamos  
 É que tu fiques boa; e dias inda prosperos  
 N'este mundo aguardamos.

Com illusões tão vans mutuamente enganando-se,  
 Que projectos formavam!  
 Já cedia o rigor do seu destino improbo;  
 Melhor tempo esperavam.

Mas por ella tambem seu guardador angelico  
 Esp'rava á cabeceira.  
 Eis se lhe apaga a luz; eis de seus beijos lividos  
 Foge a voz derradeira:

Adeus! Foi um adeus para os que amava, o ultimo!  
 E, unida ao anjo seu,  
 De anjo as azas vestiu; ambos as mãos tomaram-se;  
 Voaram para o céu.

Não pude, como vós, dar-lhe então minhas lagrimas;  
 Não a pude então ver;  
 Por isso permetti que venha no seu tumulto  
 Este pranto verter.

Assim, ó mãe e irmans que ella amava, lograssemos  
 Com o nosso chorar  
 Da primavera a flor d'entre o sepulcro gelido  
 Fazer desabrochar.

E tu, anjo, do céu onde subiste, ampara-nos;  
 A Deus por nós implora;  
 Vê como se mudou tudo sem ti; quaes eramos;  
 Como somos agora!

---

## DUAS VIDAS

Morena, morena  
 Que estás a brincar,  
 Os brincos da infancia  
 Já debes deixar.

Não amas ainda?  
 Só amo meus paes.  
 A mais ninguem amas?  
 Não, a ninguem mais.

Vê? que borboleta!  
 Se a posso apanhar!...  
 Mas, ai! que o meu ramo  
 Ficou a murchar.

Passaram-se os dias  
 Da florea estação,  
 Outomno e inverno;  
 Tornou o verão.

E que é da morena?  
 Não vae ao jardim;  
 Do que tanto amava  
 Porque foge assim?

Acaso tem medo  
 Do tempo aos rigores?  
 Despiram-se os troncos?  
 Seccaram-se as flores?

Mas tudo é verdura;  
 Mas tudo é belleza;  
 Na força da vida  
 Folga a natureza.

Os paes que adorava  
 Doentes estão?  
 Todos para elles  
 Seus cuidados são?

Não; outros cuidados  
 No quarto a retém,  
 Que dias inteiros  
 Por lá se entretem.

Ai! pobre morena,  
 Seccaram-se as flores!  
 Já d'ellas não cuidas;  
 Só cuidas de amores.

## PROTESTO

A UM AMIGO

Inda de mim te lembras? Pois ainda  
 Nem todos me esqueceram? Quantos amo  
 Por essas terras me hão deixado! Triste,  
 Só, nas praias da Patria um surdo canto,  
 Como de voz que as lagrimas cortavam,  
 Aos mares entreguei; e o som das vagas  
 Com seu longo bramir o ensurdeceram.  
 Clamei; pedi um pensamento, um unico  
 A quem tantos julguei me houvera dado  
 Por amizade só, desint'ressado,  
 Franco e leal, como de amigos era.  
 Nem me ouviram sequer, ou maus ouvidos  
 Deram á viva supplica do amigo!  
 Amigo? mas se tal me não souberam!  
 Ah! que, se houvessem visto como n'alma,  
 Que julgarão fingida, existe a imagem  
 De quem não pensa em mim; como seguro  
 Espero sempre que melhores tempos,  
 Melhor opinião me restituam  
 Corações que estimei, que inda hoje estimo!...  
 Ah! se o tivessem visto, e o conhecessem,  
 Jamais assim me tratariam, nunca!

Mas, já que tu uma lembrança houveste  
 Do que d'est'arte abandonaram, grato  
 Devo-te ser, amigo bondadoso,  
 E digno de elevados sentimentos.  
 Da minha gratidão a ti, a elles  
 Seja este o protesto, e immorredoiro  
 Dentro em teu peito bem gravado fique,  
 Para arrostar a intriga e o esquecimento,  
 Que o tempo e os homens tecerão: tu serve-lhe  
 De echo, e unido a minha voz repete  
 Aos esquecidos: inda vive, e lembra-se.

## CABELLOS LOIROS

Se até agora dizia  
 Nos meus versos que eram bellos  
 Somente os negros cabellos,  
 A razão é que não via  
 Esses teus, que bastou vel-os  
 Para vêr que me illudia.  
 E como assim não seria,  
 Se o amor com que eu amava

De tristezas me falava,  
 E d'ellas é negra a côr?  
 Se belleza imaginava  
 O emblema da minha dôr?

Sim; em noite só vivia;  
 Só hoje me raia o dia;  
 Só hoje o posso saudar.



Essas tranças ondeadas  
 Ao vivo sol a brilhar,  
 De precioso oiro formadas,  
 Não semelham, desparzindo  
 Em teu collo os raios seus,  
 A luz d'elle que sorrindo  
 Baixa fagueira dos céus,  
 E pela encosta florida  
 Escorrega dando vida,  
 Vida nova ao campo, á flôr?  
 Não ve'm ellas inundar-me  
 Com seu vívido esplendor;  
 Ao menos agora dar-me  
 A exp'rimentar a alegria,  
 Que não julgava no amor  
 Porque no amor padecia?

Salve pois, sol radiante!  
 Formoso és; tua luz

Á ventura me conduz.  
 Sobre mim raia incessante;  
 E a lembrança d'esses bellos  
 Negros e longos cabellos,  
 Que nos meus versos cantei,  
 Se tu me fores constante,  
 Da memoria riscarei;  
 Se'não, dos teus a belleza  
 Para mim se acabará,  
 Porque acabou em tristeza;  
 E em tristeza ficará  
 Uma outra vez esta vida,  
 De tudo desilluida,  
 Excepto da minha dôr,  
 Sonhando com essas tranças,  
 Que d'ella te'm negra a côr,  
 Que dão menos esperanças,  
 Porém são firmes no amor.

## NO MAR

AO MEU AMIGO O DR. DOMINGOS DE ANDRADE FIGUEIRA

O firmamento é limpo; e a clara lua  
 Meia apenas espreita d'entre as aguas,  
 Assoalhando o mar de argenteo brilho.  
 Larga estrada ante nós levar parece  
 Até ao globo seu, qual não pintára  
 Jámais o genio creador dos vates,  
 Não pedindo o pincel á divindade.

Eil-a que já de todo descoberta  
 Se mostra; e o marinheiro recostado  
 Na amurada, co'os olhos a acompanha.  
 Pensa na sua terra, nos seus filhos?  
 Pensa na esposa que distante o aguarda?  
 Compara os dias que passou com ella  
 Aos tristes dias que no mar se passam?  
 E no que penso eu? Em ver alegres  
 Dar-me a benção meu pae, e a mãe mil beijos?  
 Pae, nem mãe conheci; no irmão querido,  
 Que após tamanha ausencia abraçe e aperte?  
 Ha muito que morreu; no lar paterno?  
 Não o tenho tambem; no amor? na gloria?  
 Nada de tudo isso me pertence!  
 Incerto do presente e do futuro,  
 Chego saudade a ter do meu passado,  
 D'esse passado, que me foi tão negro,  
 E que o desterro me amostrou medonho;

E a minha Patria, a idéia companheira  
 De longos annos, unica esperanza  
 Do porvir, que um empyreo eu phantasiava,  
 Que amo do coração, tremo de vê-la!  
 É que receio despertar de um sonho.

Tal cogitava, quando ouvi distincta  
 Á prôa a rouca voz do marinheiro,  
 Que da guitarra os sons acompanhava:

É triste a vida da terra;  
 Felizes somos no mar;  
 Nossa Patria é nossa barca;  
 Nosso viver navegar.

Marinheiro, põe-te ao leme;  
 Vamos a terra deixar;  
 A porto de salvamento  
 O céu nos ha de levar.

Tenho quem me estime em terra,  
 E quem me fique a esperar;  
 Porém a terra não troco  
 Por estas ondas do mar.

E essa rude toada despertou-me  
 Do pensamento meu; ergui os olhos,  
 E da resignação a luz amena  
 Julguei sentir fortalecer-me a vida.  
 Também allí havia quem soffresse;  
 E cantava, e sorria; e vi alegres  
 Aquellas faces que te'm visto a morte,  
 E que os padecimentos enrugaram;  
 E louvei o Senhor, que sempre manda  
 A fé no meio da maior tormenta.

Então do mar o quadro majestoso  
 E' ermo, semelhante no silencio  
 Á mudez, que povoa os cemiterios,  
 Pareceu-me animar-se, e uma harmonia  
 Angelica, suave mergulhar-me  
 N'um extase de amor e de esperanza.  
 Já não estava só; com Deus me achava.

1852

---

## POR ELLA

Eu amo o roixinol que vem á tarde,  
 Junto á minha janella,  
 Modular mavioso os seus queixumes,  
 Porque me lembro d'ella.

Amo a fonte, onde pela vez primeira  
    Ambos nos encontrámos,  
A cujo brando som tantas palavras  
    De amores mixturámos.

Se vou ao campo, julgo vê-la ainda  
    Através da folhagem,  
Qual visão vaporosa, ao vento dada  
    A candida roupagem.

Gosto das flores que ella mais amava,  
    Da rosa e do jasmim,  
Que tantas vezes apanhámos juntos,  
    Vagando em seu jardim.

D'aquelle banco á beira do caminho,  
    Aonde nós sentados  
Vimos tornarem-se horas de delicia  
    Momentos apressados.

E d'este céu coberto de mil astros,  
    E d'esta amiga lua,  
Que mais suave e bella parecia,  
    Banhando a frente sua.

Amo, amo até as lagrimas que verto,  
    Afflicto de perdê-la;  
Amo, amo até as dores que me pungem,  
    Porque as soffro por ella.

---

## SAUDADE

AO MEU AMIGO J. G. LOBATO PIRES

Ó minha companheira, ó saúdade,  
Que me povôas sempre o pensamento,  
Ruína do que foi, tu te pareces  
Com o meio cahido monumento,  
Que augmenta com o tempo em majestade,  
Pois, como elle, tambem co' o tempo cre'ces.

Quem me volvera áquella tenra idade,  
Quando eu com outros olhos via o mundo,  
E tão risonho o via!  
Quando das dores o abysmo fundo,  
Que os homens dizem vida,  
Para mim era abysmo de alegria.  
Mas passou, como um dia,  
Esse bello existir; a sombra veio

Tão espessa e comprida,  
 Que o peito me tornou de lucto cheio.  
 Fez-se noite em meu céu que eu tanto amara;  
 Apenas no occidente  
 Um pallido reflexo me ficou  
 Do sol que se occultara,  
 E que o pesar e a magoa me deixou.

E meu olhar seguia  
 Esse debil clarão, essa esperança,  
 E n'elle nada via  
 De quanto desejava,  
 Senão que a esperança fenecia,  
 E que a treva da noite se espessava.  
 Tal a mãe que se cansa  
 Chorando o filho que se vae, que a deixa,  
 Em vão, em vão se queixa,  
 E nas feições já lívidas procura  
 Achar um raio ainda  
 Da existencia de candida ventura,  
 Que lhe correu tão linda,  
 E ante si só encontra a sepultura!

Mas n'este ponto do horizonte opposto  
 Froixo, tenue clarão meus olhos chama;  
 Viro apressado o rosto,  
 E vejo no meu céu que se derrama  
 Um lume desusado,  
 Em que nunca até alli tinha attentado.  
 O brilho que espalhava  
 O sol já escondido  
 Dirieis que lembrava,  
 Ou que era o mesmo brilho reflectido.  
 Dentro d'alma calando  
 Ia-m'a pouco e pouco transformando,  
 E á mente me trazia  
 Esse passado meu breve e formoso,  
 Doce melancholia  
 Mandando ao pensamento tenebroso.

A meus olhos té alli seccos, estereis  
 Que baixára dissereis  
 Fresco orvalho do céu, pois se tornaram  
 Duas fontes de pranto,  
 Que a dor me suavizaram.  
 Assim na quadra do calmoso estio  
 Vem animar as flores  
 Da manhan o rocio,  
 Restituindo ao prado os seus verdes.

E, mais e mais crescendo,  
 D'aquella branda luz a amenidade  
 Foi-me todo envolvendo,

E alentando minh'alma; a claridade  
 Então busquei do dia que morrera;  
 De todo era apagada;  
 Porêm nas trevas, que deixar quizera,  
 Eu tinha a sua imagem retratada.  
 Tambem, depois que a luz do sol termina,  
 O céu de mil estrellas se illumina,  
 Ou a placida lua,  
 Reflexo d'elle, mostra a face sua.

Por isso eu amo tanto o astro da noite,  
 Porque elle é da saudade o ethereo emblema,  
 E esta o só abrigo, onde me acoite.  
 E tu, grato perfume do passado,  
 Tu serás sempre o thema  
 Do meu canto, que estás em mim gravado;  
 E estarás inda mais; pois, á medida  
 Que a corrente dos annos  
 Levar comsigo as illusões da vida,  
 Deixando-me no fundo  
 Amargos desenganos,  
 Eu triste, já descrido d'este mundo,  
 Para mim cada vez mais nu e vario,  
 Eu, já pasto do inerte desalento,  
 Fugirei mais dos perfidos humanos,  
 Guardar-te-hei mais em mim como em sacrario,  
 E inda mais te darei meu pensamento.

1856

---

## FELICIDADE

Ditoso aquelle que no seio poisa,  
 No seio puro de mulher querida,  
 A estas horas, a sonhar amores,  
 Languida fronte.

Aos labios d'ella reunindo os labios,  
 Nos seus cabellos escondendo o rosto,  
 Nos seus cabellos que entrever deixaram  
 Candida neve;

Á sombra d'elles em deliquio os olhos  
 Cerra, feridos de tamanho brilho,  
 E, presentindo que de leve os roça  
 Timido beijo,

Acorda, e ousado n'um abraço ardente  
 Ao peito louco, sequioso a aperta,  
 Na face rubra, pelo collo e braços  
 Osculos fervem.

Ah! quem a vida supportar pudera  
 Se d'esta sorte para amor corresse?  
 Mas são instantes estes bens, um sonho;  
 Rápidos findam.

1856

---

## QUE OLHOS!

Que olhos os teus! como ferem  
 Tão dentro no coração!  
 Se o soubesses, não me olhâras  
 Como assim me olhaste, não?

E dares a morte n'elles,  
 Sem uma consolação,

1847

Não fica bem n'esses olhos,  
 Que tão bellos, negros são.

Mas, se o rigor não mudarem  
 Com que me olharam, então  
 Olha-me outra vez; que morra;  
 Que viver não posso, não!

---

## O POETA MORIBUNDO

(DE MILLEVOYE)

O poeta cantava: a luz amiga  
 Da lampada já froixa esmorecia;  
 E do seu fim o misero bem perto,  
 Como ella, tristemente assim dizia:

Murchou de todo a flor da minha vida.  
 Quão rápido correu o meu destino!  
 A noite do meu dia procelloso  
 Quasi se uniu ao brilho matutino.

Ha distante d'aqui, em longes terras,  
 Uma arvore, onde o goso e a morte habita;  
 Ai! d'aquelle que á sombra lhe adormece,  
 E nas suas delicias acredita!

Amoroso prazer, tu és como ella;  
 E eu ao viajante me pareço.  
 Repousei imprudente á mortal sombra;  
 Por isso meu destino hoje mereço.

Quebra-te, ó lyra que eu amava tanto!  
 Viver não deves; morrerás commigo;  
 Teus sons não passarão á eternidade;  
 Dormirão para sempre em meu jazigo.

Não apparecerei em face ao throno,  
Aonde a voz austera dos vindoiros  
Julga, como seus reis outr'ora o Egypto,  
Da terra as glorias e os virentes loiros.

Companheiros dispersos da viagem,  
Amigos da minh'alma e pensamento,  
Deixo-vos os meus cantos imperfeitos;  
Salvae, salvae alguns do esquecimento.

Mulheres, por quem morro e a quem perdôo,  
Ante meus debeis olhos, mesmo agora,  
Como um raio de outomno vos diviso  
Ou como um sonho ao despontar da aurora.

Vinde, meigos phantasmas; por extrema  
Recordação de amor e de amargura,  
As rosas, que não vivem mais que um dia,  
Desfolhar sobre a minha sepultura.

Assim cantava, quando a amiga lyra  
D'entre as mãos moribundas lhe escapou;  
A lampada apagou-se; e no outro dia,  
Como ella, a sua vida se apagou.

---

## LE POETE MOURANT

Le poète chantait: de sa lampe fidèle  
S'éteignaient par degrés les rayons pâlistans;  
Et lui, prêt à mourir comme elle,  
Exhalait ces tristes accents:

La fleur de ma vie est fanée;  
Il fut rapide mon destein!  
De mon orageuse journée  
Le soir toucha presqu'au matin.

Il est sur un lointain rivage  
Un arbre où le plaisir habite avec la mort:  
Sous ses rameaux trompeurs malheureux qui s'endort!  
Volupté des amours! cet arbre est ton image.  
Et moi, j'ai reposé sous le mortel ombrage:  
Voyageur imprudent, j'ai mérité mon sort.

Brise-toi, lyre tant aimée!  
Tu ne survivras point à mon dernier sommeil;  
Et tes hymnes sans renommée  
Sous la tombe avec moi dormiront sans réveil.

Je ne paraîtrai pas devant le trône austère,  
Où la posterité, d'une inflexible voix,  
Juge les gloires de la terre,  
Comme l'Égypte au bord de son lac solitaire,  
Jugeait les ombres de ses rois.

Compagnons dispersés de mon triste voyage,  
O mes amis! ô vous qui me futes si chers!  
De mes chants imparfaits recueillez l'héritage,  
Et suavez de l'oubli quelques uns de mes vers.  
Et vous par qui je meurs, vous à qui je pardonne,  
Femmes! vos traits encore à mon œil incertain  
S'offrent comme un rayon d'automne  
Ou comme un songe du matin.

Doux fantômes, venez, mon ombre vous demande  
Un dernier souvenir de douleur e d'amour:  
An pied de mon cyprès effeuillez pour offrande  
Les roses qui vivent un jour.

Le poète chantait: quand la lyre fidèle  
S'échappa tout á coup de sa débile main;  
Sa lampe mourut, et comme elle  
Il s'éteignit le lendemain.

---

## PALLIDEZ

Porque pallida, abatida  
Hoje amanheceste assim,  
Encanto da minha vida?  
Foi pela noite perdida  
No louquejante festim?  
Foi a febre do prazer  
Que a face te desmaiou?  
Dando-te o mel a sorver,  
Só te deixou o soffrer,  
Só tristezas te deixou?

Mas se tu não vaes á festa,  
Se no retiro modesta  
Escondes a formosura,  
Donde te vem a tristura?  
Dize pois, que dôr é esta?

Chorar? choras, virgem bella?  
Tuas lagrimas que são?  
Que dizem ellas? saudade?  
Amor? singela amizade?  
Generosa compaixão?  
Choras, e a fronte pendida

Mais formosa inda parece;  
Que a mesma dor, com ser dor,  
Para te dar mais primor  
Contra si se conspirou,  
E a natureza trocou.

Ah! se algum dia eu pudesse,  
Como o sol á bella rosa,  
Seccar-te a face chorosa,  
Tuas lagrimas beber,  
O peito meu acalmára  
Do fogo que me devora,  
E a face tua enchugára,  
Que é tão linda, mas que chora!  
Chora, sim, e não sei quanto  
Eu dera para te ver  
Nos olhos sem esse pranto,  
No rosto com mais encanto  
Não, porque não pôde ser;  
Mas demudada a tristura  
Em alegre animação,  
Com esp'rança na ventura,  
Com amor no coração.



## ROSA DESFOLHADA

Vi-te nas sombras da floresta espessa  
Prazenteira vagar e descuidosa,  
Nas mãos de neve desfolhar travêssa  
A minha branca, tão querida rosa,

E pelas aguas da veloz corrente  
A uma e uma as folhas derivarem,  
E com ellas a vida juntamente  
E as minhas esperanças se escoarem!

Quiz aos labios chamar o riso ainda,  
Provar sequer da taça da ventura.  
Minha illusão de amor, eras tão linda!  
E ousei querer-te eu, ai! que loucura!

Como se a rocha de rudeza agreste,  
Sem descanso das ondas combatida,  
Do musgo eterno abandonando a veste,  
Devêsse ainda procurar a vida!

Raio de luz, relampago fulgente,  
Que a noite de minh'alma illuminaste,  
Por um instante que fruí contente,  
Em trevas para sempre me deixaste.

E a minha branca rosa desfolhada  
Nunca mais n'este mundo ha de viçar;  
Que pelos olhos teus não foi regada,  
Que a corrente a levou sem mais tornar.

E ainda hoje, quando o sol declina,  
Colho rôxa saudade, a minha flor,  
E peço á veia argentea e crystallina  
Uma lembrança d'este nosso amor.

Mas não te vejo na floresta espessa  
Prazenteira vagar e descuidosa!  
Ah! porque foste desfolhar, travêssa,  
A minha branca, tão querida rosa?

Uma a uma, como ella as folhas suas,  
As tuas illusões viste-as cahir,  
E o tumulto envolvido em ancias cruas,  
Unica esp'rança para tí se abrir?

Vives; respiras; mas a alma é viva?  
Folga lêdo e tranquillo o pensamento?  
Ah! se eu te visse, estrella fugitiva,  
Qual outr'ora, brilhar por um momento,

Ou corpo ou sombra, emquanto não fechára  
De todo para o mundo os olhos meus,  
De tua pura luz os não tirára,  
Senão para os fitar na luz de Deus.

## O BRASIL

AO MEU AMIGO O DR. SILVINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Grande, grande serás, volvendo os seculos,  
Do novo mundo imperio majestoso;  
Já da historia por vir eu leio as paginas,  
E n'ellas o teu nome glorioso.  
Filho mais bello da gigante America,  
O Brasil, nosso irmão,  
Inda mudo de espanto o oceano Atlantico  
Ha de ver teu pendão:  
Para a gloria prepara-te;  
Teus rios por mil boccas  
O que serás ao mar dizendo estão.

Quanto possues não trocas  
Do Moscovita pelos plainos gelidos,  
Onde altiva do norte a aguia impera;  
Por ser igual a ti,  
Por ter sequer o ultimo  
Dos encantos que tens, o que não dera?  
Alem a natureza não sorri;  
É o teu existir contínuo jubilo,  
Continua primavera.  
Nem da China recondita  
Sentir deves ciúme.  
É grande? grande tu és igualmente;  
E estás perto da Europa; e do seu lume  
Recebes o clarão omnisciente.

Mas o teu sol esplendido  
Não fiques todo o dia contemplando,  
Nem só de fados prosperos  
Teus sonhos povoando.  
Trabalha; e a terra próspera  
Ha de sempre ajudar-te,  
E da industria e commercio  
Os fructos nascerão por toda a parte.

Que formoso espectáculo  
Ha de ser, quando as margens povoadas  
Se virem do Amazonas, e cruzando-se  
As prôas se encontrarem carregadas,  
Que levarão innumeradas  
A abundancia ás regiões mais apartadas!

Quando tua longa costa,  
Que do espumoso pélagos  
Acompanhar pretende a immensidade,  
Em temeraria aposta,  
Mostrar os portos seus á humanidade,  
De notal-os attonita,  
Cheios das maravilhas da arte humana,  
E, com ellas, tua gloria soberana!  
Grande, grande serás,volvendo os seculos,  
Do novo mundo imperio majestoso;  
Já da historia por vir eu leio as paginas,  
E n'ellas o teu nome glorioso.

Mal agora começa a vida,  
Ó Brasil, e na senda que trilhas  
Entre os povos da America brilhas,  
E te sentes medrar e crescer,  
Não á sombra dos loiros sangrentos  
Pelo gume da espada cortados,  
Mas da paz sob os ramos sagrados,  
A que foste a existencia acolher.

Onde outr'ora campeavam florestas  
Hoje o trafico e as artes porfiam;  
Onde as feras á solta viviam  
Vive o homem agora senhor,  
Que com braço operoso e robusto  
Dá a vida aos teus campos que lavra,  
E ensina de Deus a palavra  
Com fadiga, sciencia e amor.

Olha em roda de ti; que descobres  
Nas nações que te cercam? a guerra,  
Que a industria, que os gosos desterra,  
E se nutre dos odios civís.  
São irmãos contra irmãos que pelejam;  
Todos perdem na lucta renhida;  
Porêm tu de esperanças florida,  
Tu da paz no regaço és feliz.

Se a Europa te quer, te procura,  
Para ella os teus braços abrindo,  
Tu lhe dizes: meu solo é infindo,  
E a todos protege este céu,  
Este céu tão azul, tão sereno,  
Este sol tão ardente e formoso;  
Vem, trabalho, riqueza, repouso  
Te offereço, que tudo tenho eu.

Ouve-te ella, e te manda seus filhos,  
E com estes seus grandes inventos;  
Já o nauta não cura dos ventos,  
Nem a terra do espaço que tem,

Que o vapor mares, terras percorre,  
 Que a electrica força insoffrida  
 As idéias mutúa, e convida  
 As nações a que o abraço se dêem.

Ouve-te ella, e á sua voz tu respondes;  
 E caminhas na senda já aberta  
 Em procura da luz encoberta,  
 Que o futuro te deve mostrar.  
 Eil-a ahi; os teus olhos levanta;  
 Eil-a ahi que o horizonte colora;  
 Do teu dia é a placida aurora;  
 Breve o sol principia a brilhar.

## INNOCENCIA

Vinha de negro vestida;  
 Tinha na face a alegria;  
 Ao lado da morte a vida;  
 Junto aos risos a agonia.

Qual por entre sepulturas  
 Vaga o infante a brincar,  
 Assim a vi eu venturas  
 Entre luctos a sonhar.

Bell' era; mas, parte a parte  
 Vistas, as suas feições  
 Não eram d'essas que á arte  
 Inspiram as creações.

No fundir-se, no ajuntar-se  
 É que expressivas diziam  
 O que não póde pintar-se,  
 O que estatuas não diriam.

Um fio mysterioso  
 Seu conjuncto harmonisava,  
 Effluvio d'alma formoso,  
 Que por ella se espalhava.

E que tamanha innocencia!  
 E quanta simplicidade!  
 Tudo sorrindo á existencia  
 Com quinze annos de idade!

Na gentil delicadeza  
 Da cintura affectação  
 Não havia, era pureza  
 Toda ella e coração.

A vista incerta vagava;  
 Nem tinha onde se fitar;  
 Mil pensares afagava;  
 Mas não sabia inda amar.

E eu olhei-a; eu atrevido  
 Estes olhos n'ella puz;  
 Nescio! não fui entendido;  
 E ceguei com tanta luz.

E eis-me agora cego, cego  
 Para não tornar a ver  
 Quem me tirou o socego,  
 Quem m'o pudéra trazer.

## GRATIDÃO!

Que palmas! que estatuas! que templos! que loiros  
 A quem lhe dá nome dá esta nação!  
 Que exemplo aos que vivem! que exemplo aos vindoiros!  
 Lidæ, grangeæ-lhe da gloria os thesoiros!  
 De tantas fadigas tereis galardão!

Faz hoje dois annos que a vida perdeste,  
Garrett; e hoje a Patria em tal dia não vem  
Honrar-te, lembrada de quanto fizeste,  
De quanto sua fama no mundo estendeste,  
Porque de si propria se esquece tambem!

Da scena que é nossa, que tu levantaste,  
As portas se abrem tua voz para ouvir;  
Que tu não és morto; mais vivo ficaste  
Na hora em que o manto de carne deixaste,  
Co'as grandes miserias do humano existir.

E da arte o gran templo, que fôra acanhado  
Para uma nação tua fama adorar,  
Escuta quasi ermo, inerte, calado  
As tuas palavras! Que povo! Coitado!  
Deixal-o; tem outro mais digno folgar!

Deixal-o; não póde na luz que te cerca  
Fitar os seus olhos que tolda o negror:  
A trêco da estima o folguedo não merca,  
Mas sim da vergonha! Que a alma se perca  
Que importa? Dá tudo por seu baixo amor!

Por ti, nem por elle! E o genio realça  
A quem a seus pés de joelhos se põe;  
Até os monarchas na purpura exalça:  
Nobreza só esta; a mais toda é falsa;  
Os homens aquella; Deus esta compõe.

É que elle procura viver do presente,  
Embora cadeias e opprobrio lhe dêem;  
De terra seus sonhos fabrica na mente!  
E n'alma o poeta em annuncio presente  
Que a vida começa do tumulo além.

Que passe algum tempo, e aonde repousas,  
Qual outro Camões, ninguém ha de saber!  
A Patria é mais rica; poupou duas lousas!  
E, como teu mestre, a quem seguir ousas,  
Irás para campa o universo escolher.

1856

## N'UM ALBUM

Á EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup> D. M. D. DA S.<sup>A</sup>

Quando eu partir, senhora, o que desejo  
De vós é uma lembrança  
Dos tempos que passaram,  
Das horas, que tão breves, porque alegres,  
Junto a vós deslizaram.

Que levarei d'aqui dentro do peito,  
 Alem do fel amargo  
 Do negro soffrimento,  
 Que não seja de vós uma saudade,  
 E um longo pensamento?

De mim talvez não fique mais que um nome,  
 Sem que vos diga nada  
 Do que minh'alma sente,  
 Pallida sombra que perpassa um dia,  
 E foge de repente.

Não vos dei uma c'rôa, que adornasse  
 Vossa candida fronte  
 Do brilho merecido,  
 Dei-vos apenas um perfume d'alma,  
 Só por ella sentido.

1852

---

## ANHELOS

Amor, amor meu coração procura;  
 Mas não encontra quem o queira amar.  
 Quem ama a planta, que o tufão pendura  
 Na rocha erma, em que se quebra o mar?

Quando da vida não cuidava ainda,  
 Em sonho vago sua imagem vi:  
 Oh! que delirio! que alegria infinda!  
 Que intenso fogo que eu então senti!

Desde esse tempo se me abriu um mundo,  
 Um mundo novo que não sei dizer;  
 Que o sol do amor com seu clarão jocundo  
 Me fez palavras e razão perder.

De amor inteira a natureza ria,  
 Pois era amor da minha vida o fim;  
 Amor, amor fóra de mim sentia;  
 Amor vivia, respirava em mim.

E fui contente pelo mar da vida  
 A luz buscando que jamais achei.  
 Tudo era apenas illusão mentida!  
 Se n'este mundo com o céu sonhei!

A terra, vi-a de miseria cheia  
 Leda, vaidosa para mim olhar,  
 Bem como as ondas para o grão de areia;  
 E não achei quem me quizesse amar!

Ah! quantas vezes não pensei gosar-te  
Na louca febre do delirio meu,  
Ó anjo, ó virgem que de toda a parte  
Espero ainda como dom do céu!

Quanto suspiro que de amor falava!  
Quantos desejos! que viver de amor!  
Que de futuros para mim traçava!  
E tudo breve se tornava em dôr!

Mas onde estás, que fervorosa prece  
Todos os dias a ti mando em vão?  
Ao baixo mundo teu olhar não de'ce?  
Té onde habitas os meus ais não vão?

Vem, ó meu sonho, que de noite vejo,  
De noite e dia para mim sorrir,  
Mostrar a todos que mais nada invejo,  
Do que esta vida com a tua unir.

Se conhecesses o que n'alma sinto,  
Quando imagino que te posso ter!  
Como na têla do futuro pinto  
Um anjo, um anjo para mim descer;

E da corôa que lhe cinge a frente  
De brancas rosas que produz o céu,  
Encher de flores minha vaga mente,  
Cobrir com ellas o caminho meu!

Como dos olhos, e que olhos! sahem  
Claras faíscas de vivaz paixão,  
Como das tranças, que em seus hombros cahem,  
Minhas idéias pelas ondas vão...

D'esses teus labios expressão piedosa,  
Um riso ao menos, uma voz sequer  
Não mandarias, ó celeste rosa,  
A quem das trevas te procura ver?

Comtigo a minha phantasia gira  
Por entre mundos de viver feliz;  
De ti meu canto se me anima e inspira;  
A ti, a ti meu coração bemdiz.

Ignota deusa que a minha alma agitas,  
Luz que me guias n'este mundo só,  
Lá d'entre os anjos, com os quaes habitas,  
A voz te mova do terreno pó.

De Deus abaixo tua imagem pura  
Só ha, só brilha, só falar me vem.  
Que bello sonho! que real tortura!  
Como eu padeço padeceu alguém?

Mas, se no amor eu acredito ainda,  
Se, como em Deus, ainda creio em ti,  
Se espero firme pela tua vinda,  
Anjo que d'alma com os olhos vi,

Desce; não tardes; minha fé soccorre,  
Que já não póde tanta dor soffrer,  
E, se ella falta, minha vida morre,  
Porque foi feita para amar e crer.





# NOVAS POESIAS

SEGUNDA EDIÇÃO

---

## A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO

AO CONSORCIO D'ELREI D. LUIZ I

Funda mudez impera na cidade  
Dos Cesares out'rorá, hoje de Christo,  
Na duas vezes soberana e grande.  
Deslisa pelo claro firmamento  
A prateada lua, com seus raios  
Pallida alumando esses soberbos  
Monumentos do engenho e essas ruínas,  
Restos de um povo que reinou no mundo:  
S. Pedro e o Vaticano, o Palatino,  
O Pantheon, o Colosseu e o Fôro,  
A Roma de hoje, e a Roma d'outras eras.  
Em meio corre murmurando o Tibre,  
Testemunha de tanta majestade  
E de tanta mudança; o mais repouisa;  
Tudo está silencioso; a noite é alta.

Mas além, no elevado Capitolio,  
Que vulto é esse? Como jaz immovel!  
Como alveja ao luar! Marmorea estatua  
O julgáreis talvez, em hora bôa  
Por mão de insigne artista cinzelada,  
Ou gemebunda sombra, que, a deshoras,  
Lembrada do que foi, vaga na terra.

É Cesar, o triumviro guerreiro,  
O ambicioso, audaz liberticida,  
Inda sonhando a imperial corôa?  
É Pompeu, seu rival, morto no exilio,  
Que vem chorar na patria a desventura?  
É Catão que a existencia sacrifica,  
Para não ver a liberdade escrava?  
É Scipião? É Mario? Nenhum d'elles.

Desejo insaciavel de conquistas  
 Não o animou na vida, mas o intuito  
 De reunir em reino poderoso  
 Um povo sempre retalhado e oppresso;  
 Não arrancou da espada em lucta ingloria  
 Contra irmãos; só extranhos e verdugos  
 A viram lampejar, tremeram d'ella;  
 Vencedor, foi magnanimo e sublime;  
 Vencido, a si venceu-se, e contra os males  
 Não foi na morte procurar abrigo;  
 No desterro morreu; mas elle mesmo  
 O demandou, para não ver sangrando  
 A patria sob o ferro dos tyrannos.  
 Quem é pois? É da Italia o patriota,  
 Carlos Alberto, o plantador ardido  
 Da gloria, da unidade italiana.

Oh! como se ergue nobre e grandioso  
 No alto Capitolio, contemplando  
 A raínha dos seculos! A sombra  
 Da cidade dé outr'ora elle medita,  
 Elle, sombra do homem que ha passado.

Mas não é triste o rosto seu; levanta-o  
 Confiado e sereno; luz d'esp'rança  
 Lhe fulgurá no olhar, como nos dias  
 De Rívoli e de Goito, quando ao lado  
 Via a victoria a coroar-lhe as armas,  
 E a Austria recuando espavorida.  
 Co'a dextra o coração comprime e aperta,  
 Qual se fôra inda vivo; sobre a espada  
 Poisa a sinistra; e os labios entreabertos  
 Como que vão falar. Por largo espaço  
 Volve os olhos em roda, e emfim prorompe:

Ó Roma, antiga Roma, que venturas  
 Te esperam no porvir! Serás de novo  
 Poderosa e senhora. Já vem perto  
 O instante de acordares do lethargo  
 Do teu somno de seculos. Acorda;  
 Acorda, capital da egregia Italia,  
 E ao mesmo tempo capital de Christo.  
 Podem juntos viver o sceptro e as chaves;  
 E hão de juntos viver: aquelle dando  
 Leis da Sicília austral até aos Alpes;  
 Estas mandando aos povos do universo  
 Da crença do Homem-Deus brandos dictames.

Mas não, não é ainda o prazo escripto  
 Pelo Eterno. Esperae, italianos;  
 Romanos, esperae; e tu, cidade  
 Do Adriatico mar, que de entre as ondas  
 Espreitas o momento do resgate,

Os pulsos sacudindo, impaciente  
 De quebrar os grilhões, soffreia um pouco  
 Também o teu ardor; fôra improficua  
 Tentativa qualquer, fôra baldada.  
 Tu que o digas, ó alma generosa,  
 O guerreiro fatal e entusiasta,  
 Que, sempre vencedor, foste vencido.  
 Mas, vencido e infeliz, como és agora  
 Maior do que nas horas do triumpho,  
 Martyr da grande idéia italiana!  
 Garibaldi, consola-te commigo!  
 Como tu, pelejei, cedi á sorte;  
 A sorte; aos homens não; por lhe ir d'encontro,  
 Por ter anticipado a empresa, que hoje  
 Meu filho, mais feliz, prosegue e acaba.  
 Esperae; tambem eu aquí o espero,  
 Do vencimento o dia, eu, sombra apenas  
 Entre os vivos; e só quando elle brilhe  
 Vos deixarei e deixarei o mundo.

Suppunheis que morri? O corpo é certo  
 Ao nada se volveu; porêm comvosco  
 O espirito ficou, filhos da Italia.  
 Foi elle que infundiu nos vossos peitos  
 Da liberdade a chamma, que no exilio  
 Vos confortou, apóstolos da patria;  
 Foi elle que em Magenta, em Solferino,  
 E em tantas outras pugnas deu alento  
 Aos livres esquadrões contra as cerradas  
 Filas dos oppressores, dos escravos;  
 É elle que vos ha de abrir as portas,  
 Não com ferro, com ramos de oliveira,  
 D'esta cidade, da futura côrte  
 Do reino italiano, emfim de Roma.

Assim dizendo, a inspiração divina  
 Lhe irradiava do rosto, e resoava  
 A sua voz poderosa, como um echo  
 Dos arcanos de Deus.

Porêm que vejo  
 (E apontava o horizonte) ao longe, ao longe,  
 No fim da Europa, do oceano á beira?  
 O meu sangue se casa ao sangue illustre  
 Do portuguez monarcha. A minha divida  
 Pagas, ó filho meu, co'o mais querido,  
 Mais do teu coração, co'a propria filha.  
 Dois legados, além do diadema,  
 Eu deixei: um ao solo do meu berço,  
 A minha cara Italia; o outro á nobre  
 Terra de Portugal, em cujo seio  
 Me acolhi na desgraça, e em cujos braços,  
 Carpido e amado, me apartei do mundo.

O primeiro nos campos de batalha  
 Começaste a cumpril-o, expondo a vida  
 No mais rijo da lucta, e confiando  
 À fortuna da guerra, á varia sorte  
 Os subditos fieis, a avíta c'roa.  
 Esse já perto o vejo do seu termo;  
 O segundo de todo eil-o cumprido.  
 Que prazer! Quanto góso n'este instante!  
 Italia, Portugal são minha patria  
 Uma e outro: escutou-me alegre aquella,  
 Apenas vim á luz; este escutou-me,  
 Compassivo, ao morrer, o extremo alento.  
 Que amizade, que ardor, que enthusiasmo  
 Não achei n'esse povo, cujos feitos  
 Lançam tanto fulgor no sol da historia,  
 Quando o fui procurar, quebrado e triste,  
 Após o dia da infeliz Novara!  
 Qual a seu conterraneo, me acolheram;  
 Cingiram-me de affecto e de carinhos;  
 Quinhoaram com animo brioso  
 A minha acerba dor; e, quando a morte  
 D'entre elles me roubou, com pranto e lucto  
 Inda a memoria unanimes honraram,  
 Nem que fôra seu rei, do pobre extranho,  
 Do monarcha vencido e desterrado.  
 De divida tamanha a maior parte  
 Pertence a ti, ó Porto, ínclita origem  
 Do nome portuguez, valente berço  
 Da santa liberdade lusitana.  
 Foi a ti que eu busquei entre as cidades  
 Do mundo para escudo contra os raios  
 Da fortuna crue], a ti, de ha muito  
 Costumado a tomares o partido  
 Dos fracos, e que dentro de teus muros  
 Dom Pedro defendeste e os seus heroicos  
 Soldados, em tenaz e duro assedio,  
 Contra a hoste infinita dos tyrannos,  
 Crus algozes dos seus.

Ao claro neto

Do rei libertador da gente lusa  
 Juntar-te vaes, ó filha de meu filho.  
 Serás feliz; de paz e de alegria  
 Vida nova te espera n'esse throno  
 D'onde tantos monarchas venturosos  
 Dictaram n'outro tempo leis aos mares,  
 E d'onde agora nova luz começa  
 A scintillar, a dardejar esp'ranças.  
 Do esposo ao lado encontrarás a dita  
 Que podes ter nó mundo, e que merece  
 Teu coração affavel, virtuoso.  
 Os portuguezes te amarão, querida,  
 Qual se fôras sua mãe, pois da corôa

Só filhos querem ser, e não vassallos.  
Como na terra nossa, liberdade  
Entre elles verte o ar sereno e puro,  
Egual ao nosso ar; o céu benigno  
Prodigo chove flôres sobre o solo  
E ditosa abundancia. Ah! quantas vezes,  
Vendo-lhe o meigo azul e ouvindo a fala,  
A maviosa fala portugueza,  
Tu não dirás comtigo: eis minha Italia!  
Outras vezes tambem far-te-hão saudades  
Os teus, da tua infancia os bellos campos,  
E a causa consagrada a que não podes  
Presente ver o fim; mas, escutando  
Como o desejam todos que te cercam,  
Todo o teu povo amigo, e como sempre  
E a cada passo de teu pae repete  
E dos nossos heroes os grandes nomes,  
Ainda pensarás: eis minha patria.  
Depois, quando raiar o dia excelso,  
Em que ha de esta cidade abrir as portas  
A seus irmãos, e aqui no Capitolio  
Arvorar a bandeira italiana  
A mão da liberdade, ó minha filha,  
Lá, no teu novo reino, o fausto annuncio  
Saberás pelo brado fervoroso  
De Portugal inteiro, o qual unísono  
Dirá: Roma cedeu; a Italia é uma.

Assim acaba; mas ao longe os echos,  
Pela mudez da noite retumbando,  
Lentamente repetem nas ruínas  
As palavras finaes: a Italia é uma.  
Julgáreis nos seus tumulos de pedra  
Os seculos já mortos levantarem-se  
A confirmar o vaticinio augusto,  
E que esses monumentos veneraveis  
De tantas gerações se commoviam,  
Só ao cuidarem no porvir que espera  
A outr'ora soberana do universo,  
A rediviva Roma.

Porêm breve

Tudo em silencio ca'e; ouve-se apenas,  
Como gemer de queixa dolorosa,  
Do Tibre o murmurio. O branco vulto  
Inda lá está, immovel contemplando  
A cidade dormida; emfim acorda  
Do longo meditar, e, alçada a frente,  
Desce do Capitolio; mas seus passos  
Não produzem rumor; pausado, lento,  
Marcha ao clarão da lua, entre as ruínas,  
Té se perder dos muros derrocados  
Do vasto Colosseu na sombra enorme,

## L'OMBRA DI CARLO ALBERTO IN CAMPIDOGLIO

VERSÃO DO DR. SOLON AMBROSÓLI

Greve impera la calma in sovra l'urbe  
 Che de' Cesari fu, oggi è di Cristo;  
 Sempre sovrana ambo le fiata e grande.  
 Travola per il chiaro firmamento  
 L' argentea luna, con i raggi suoi  
 Pallida illuminando que' superbi  
 Monumenti del genio e le ruine,  
 D'un popol che passò vestigia eterne:  
 San Pietro e il Vaticano, il Palatino,  
 Il Panteòne, il Foro e il Colosseo,  
 La Roma d'oggi e de l'età fuggite.  
 In mezzo scorre mormorando il Tebro,  
 Testimonio di tanta maestade  
 E di tante vicende; intorno è pace;  
 Tutto è silenzio; alta la notte incombe.

Ma là, su l'elevato Campidoglio,  
 Qual parvenza vegg'io? Deh come immota  
 Sta nel raggio lunar! Tu la diresti  
 Marmorea statua, da un artista insigne  
 Sculta ne l'ora che il rapisce un dio;  
 O gemebondo spetro che notturno  
 Vaga, membrandò i dì che visse in terra.

È Cesare, il triumviro guerriero,  
 L' ambizioso (ahimè) liberticida,  
 Sognante ancor l'imperial corona?  
 È Pompeo, suo rival, morto in esilio,  
 Che a lacrimar qui vien la sua sventura?  
 È Caton, che sacrifica la vita  
 Per non veder la libertadé schiava?  
 È Mario? È Scipion?... Nessuno d'essi.  
 Insaziabil sete di conquiste  
 Non l'animò giammai, solo il disio  
 Di riunire in un possente regno  
 Un conculcato popolo diviso;  
 Contro i fratelli, in lotta ingloriosa  
 La spada non brandì; stranieri solo  
 La vider corruscar, tremaron d'ella;  
 Vincitor, fu magnanimo e sublime;  
 Vinto, vinse sè stesso, e contro ai mali  
 Cercar non volle ne la morte usbergo;  
 Ne l'esilio morì, ma ei stesso il chiese  
 Per non veder la patria sanguinante  
 Sottesso il ferro de' tiranni infame.  
 Or chi gli è dunque? È de l'Italia il brando,  
 È Carlo Alberto, il glorioso, ardito,  
 De l'itala unitade antesignano.

Oh! come grande e nobile s' aderge  
 Ne l'alto Campidoglio, contemplando  
 La regina de' secoli! Su l'ombra  
 De la città che fu medita assorto,  
 Ombra egli stesso di chi più non vive!

Ma non è triste il volto suo, lo leva  
 Confidente e seren; luce di speme  
 Gli folgora ne' rai, come a' bei giorni  
 Di Rivoli e di Goito, allor che a lato  
 Vedeà vittoria coronargli l'arme,  
 Ed arretrarsi l' Austria impaurita.  
 Con la destra comprime il cor nel petto,  
 Qual se visse ancor; sopra la spada  
 Posa la manca, e semischiusi ha i labri  
 Quasi volesse favellar. Lo sguardo  
 Volge a lungo d'intorno, e alfin prorompe:

O Roma, antica Roma, oh qual ventura  
 Ti serba l'avvenir! Sarai di novo  
 Poderosa e signora! Ecco già spunta  
 Il dì che sorgerai dal tuo letargo,  
 Dal sonno secolar! Su, ti risveglia,  
 Ti sveglia, capital d' Italia illustre,  
 E al tempo istesso capital di Cristo!  
 Posson viver congiunti e scetro e chiavi,  
 E congiunti vivran: quello le leggi  
 Ministrerà da la Sicilia a l' Alpe,  
 Queste a' popoli tutti invieranno  
 De la fè de l' Uom-Dio miti precetti.

.....

Son morto io forse? Il corpo, il corpo, è certo,  
 Al nulla ritornò; ma pur con voi  
 Restò lo spirto mio, d' Italia o figli.  
 Fu desso che infondea ne' vostri petti  
 Fiamma di libertà; che nell' esilio  
 De la patria gli apostoli reggea.  
 Ezzo fu che a Magenta, a Solferino,  
 E in tant' altre guidò vindici pugne  
 I liberi squadron contro l'he dense.  
 De gli oppressor falangi e de gli schiavi;  
 È desso pur che v'aprirà le porte  
 De la futura capital d' Italia,  
 Di quest'inclita, eterna, unica Roma.

Così dicendo, un sovrumano spiro  
 Gl' irradiava il volto; e risonava  
 Poderosa sua voce, e quasi un'eco  
 De gli arcani di Dio.

..... Creduto avresti  
 Che ne' lor freddi tumuli di pietra  
 Si destassero i secoli già morti,

A confirmare il vaticinio augusto;  
 E che que' venerandi monumenti  
 D'un tempo che passò, fremesser lieti  
 Solo pensando a l' avvenir serbato  
 De l'universo a la sovrana antica,  
 A Roma rediviva.

E tutto in breve  
 Nel silenzio ricade; or solo ascolti,  
 Come gemer di lagno doloroso  
 Del Tebro il mormorio. Quel bianco spetro  
 Immobile se ne sta, muto guatando  
 La cittade che dorme; alfin dal lungo  
 Meditar si ridesta, e, alzando il fronte,  
 Scende il colle fatal; ma i passi suoi  
 Rumor non danno; ed ei posato, lento,  
 Fra le ruine a' rai lunari incede,  
 Sin che dilegua e perdesi lontano  
 Del vasto Colosseo ne l'ombra enorme.

## O CAHIR DAS FOLHAS

(DE MILLERVOYE)

Do outomno o ríspido sopra  
 De folhas o chão cobriu;  
 O roixinol não gorgeia;  
 Seu manto o bosque despiu.  
 Enfermo, ja morto quasi,  
 Posto da vida na aurora,  
 Joven triste, a passo lento,  
 Inda uma vez divagava  
 No bosque amigo de outr'ora:  
 «Adeus, ó cara floresta;  
 No teu dó estou a ler  
 A minha sorte funesta:  
 Dentro em pouco hei de morrer.  
 Da sciencia a voz fatal  
 Meu termo cruel prediz:  
 Não tornarás estas folhas  
 A ver seccar, infeliz!  
 Cerca-te a noite do tumulo;  
 Mais que o outomno desmaiado,  
 Para elle a caminhar,  
 Tu, no mundo mal entrado,  
 Antes da relva do prado  
 Para sempre has de murchar.

«E morro!... Um gelido vento  
 Pela face me roçou;

Morro!... E a minha primavera  
 Como sombra se escoou!

«Cahe, ephemera folhagem;  
 Vem esta senda encobrir  
 A minha mãe; que não saiba  
 Onde o filho vae dormir.  
 Mas, se, ao fenecer da tarde,  
 Minha amante a soluçar  
 Na lameda, consternada,  
 O meu fim vier chorar,  
 Com teu leve som acorda,  
 Quebra o fundo somno meu;  
 Que a veja ainda na terra  
 Como um conforto do céu».

Assim disse; após instantes  
 Foi-se; e nunca mais voltou!  
 Do bosque a ultima folha  
 Seu dia extremo marcou!  
 A sombra d'alto carvalho  
 O sepulcro lhe cavaram;  
 Mas as lagrimas da amante  
 Nunca a pedra lhe regaram!  
 Só ás vezes, quando, acaso,  
 O pastor alli passava,  
 Aquella mudez da morte  
 Com seus passos acordava.



## LA CHUTE DES FUEILLES

De la dépouille de nos bois  
 L'automne avait jonché la terre;  
 Le bocage était sans mystère;  
 Le rossignol était sans voix.  
 Triste et mourant, à son aurore,  
 Un jeune malade, à pas lents,  
 Parcourait une fois encore  
 Le bois cher à ses premiers ans.  
 «Bois que j'aime! adieu! je succombe;  
 Votre deuil me prédit mon sort;  
 Et dans chaque feuille qui tombe  
 Je vois un présage de mort.  
 Fatal oracle d'Épidaure,  
 Tu m'as dit: les feuilles des bois  
 A tes yeux jauniront encore;  
 Mais c'est pour la dernière fois.  
 L'éternel cyprès t'environne;  
 Plus pâle que la pâle automne  
 Tu t'inclines vers le tombeau.  
 Ta jeunesse sera flétrie  
 Avant l'herbe de la prairie,  
 Avant les pampres du coteau.

«Et je meurs! De leur froide haleine  
 M'ont touché les sombres autans:  
 Et j'ai vu comme une ombre vaine  
 S'évanouir mon beau printemps!

«Tombe, tombe, feuille éphémère;  
 Voile aux yeux ce triste chemin;  
 Cache au désespoir de ma mère  
 La place où je serai demain.  
 Mais vers la solitaire allée,  
 Si mon amante échevelée  
 Venait pleurer, quand le jour fuit,  
 Éveille par ton léger bruit  
 Mon ombre un instant consolée».

Il dit; s'éloigne... et sans retour!...  
 La dernière feuille qui tombe  
 A signalé son dernier jour!  
 Sous le chêne on creusa sa tombe...  
 Mais son amante ne vint pas  
 Visiter la pierre isolée;  
 Et le pâtre de la vallée  
 Troubla seul du bruit de ses pas  
 Le silence du mausolée.

## QUADROS DE AMOR

Amo-te muito, muito! o que eu queria  
Era viver contigo, ó minha amada;  
Era ter-te; era achar minha alegria,  
Porque a vida sem ti não vale nada.

Não vale nada o céu que não me escuta;  
O sol que não me aclara o coração;  
A paz, o gôso, pois não finda a lucta;  
O mundo, pois sem ti é solidão.

Soffro bem como o pobre prisioneiro  
Sem luz, sem ar, em carcere medonho,  
Desesp'rado do fim do captiveiro,  
De entrar na vida que imagina um sonho.

Ah! tambem eu ás vezes imagino,  
Quando mais me confranje o padecer,  
Que não póde mudar o meu destino,  
Que hei de ser infeliz até morrer.

Porêm não, que me esperam os teus braços  
Com promessas de amor e f'licidade;  
Porêm não, que já quebro os ferreos laços,  
E antevejo o raiar da liberdade.

D'antes era meu peito solitario,  
Cheio de pranto, de amargura e dó,  
E meu pensar, qual crepe funerario,  
Cobria o mundo aborrecido e só.

Por mim fazia idéia da existencia,  
E triste supportava a minha sorte,  
Só crendo terminar tanta inclemencia  
Quando na campa me abraçasse á morte.

Mas agora que te amo e te conheço,  
Agora que em teus olhos vejo a luz,  
Que ha de alegre tornar quanto aborreço,  
Que a existencia dos anjos me traduz,

Agora quero a vida, mas contigo;  
Quero sahir do carcere medonho;  
Em delicias trocar este castigo;  
Haver-te, ó cara, realizar meu sonho.

Como deve ser tão bello  
De ti junto, minha amada,  
Ver a vida transmudada  
Toda animar-se e florir;  
Ver dos céus a face pura,  
Ver dos céus a claridade  
Da tua alma na bondade,  
Dos teus labios no sorrir.

Como deve ser tão bello  
Depois da lida o descanso  
No socegado remanso  
Do nosso ninho de amor,  
Como duas avesinhas  
Entre os ramos acoitadas,  
Pelo zephiro embaladas,  
Que lhés traz do prado o olor.

D'alli veremos felizes  
 A virente primavera,  
 Que por nós contente espera,  
 De flores cobrir o chão,  
 E, invejando tuas graças,  
 Convidar-nos, minha bella,  
 Para da nossa janella  
 Dizermos se é linda ou não.

D'alli veremos o estio;  
 E, fugindo ás suas calmas,  
 Refrigerio nossas almas  
 Uma na outra hão de achar;  
 Alli teremos os fructos,  
 Fructos de amor saborosos,  
 Que todo o anno viçosos  
 Crescerão em nosso lar.

Depois, quando o outomno triste  
 Fizer cahir a folhagem,  
 Quando o vento em vez da aragem  
 Esfriar o ardor do sol,  
 Do nosso ninho a alegria  
 Não cahirá sobre a terra,  
 Não farão os ventos guerra,  
 Cantará o roixinol.

Emfim de nuvens toldado  
 Virá o frigido inverno;  
 Mas do amor o fogo eterno,  
 Do amor o vivo prazer,

Com seu clarão radiante,  
 Com seus sopros inflamados  
 Esses dias regelados  
 Ha de em calor converter.

Oh! que tamanha ventura  
 Assim felizes vivermos!  
 E, ainda quando soffrermos  
 Da desgraça o vendaval,  
 Como, repartindo as magoas,  
 Até tornaremos bellos,  
 Com cuidados e desvelos,  
 Os soffrimentos, o mal.

Mas este quadro é bem longe!  
 Vejo-o só por entre o pranto!  
 E assim mesmo prende tanto,  
 Respira tanto primor!  
 Que será quando os meus olhos  
 De si junto o contemplarem,  
 E estas lagrimas seccarem  
 Aos raios do teu amor!

Que será... mas que sou hoje?  
 Eis o fatal pensamento  
 Que me agrilhôa ao tormento .  
 O rasgado coração!  
 Eis porque eu desejo a vida,  
 A vida, a vida a teu lado,  
 Como a luz o encarcerado  
 Em tenebrosa prisão.

## ESBOÇO

Que arôma rescende a aragem  
 Quando passa em teus cabellos!  
 Como a luz scintilla e encanta,  
 Ao ferir teus olhos bellos!

Que para ser mais formosa  
 Mesmo a luz de ti precisa,  
 E nas tuas longas tranças  
 Bebe o seu perfume a brisa.

Corre suave o regato,  
 Mas da voz tua a doçura,  
 Quando sôa, inda lhe presta,  
 Mais harmonia e brandura.

Mais doce que a do regato  
 E tua voz peregrina,  
 E, se elle quer egualar-te,  
 Pelos sons d'ella se afina.

Gabam da rosa a belleza,  
 A açucena, o amor perfeito;  
 Mas a formosura augmentam,  
 Andando sobre o teu peito;

Que não sei que sympathia  
 Tens, ó flor, co'as outras flores,  
 Que realças com teu brilho  
 O seu garbo, as suas cores.

O céu azul é brilhante,  
 Porém tu, se os olhos fechas,  
 Nem que o céu cobrisse a treva,  
 Em treva a terra me deixas.

É que, quando o céu se tolda,  
 Tu, abrindo os olhos teus,  
 Me dás luz, e, quando os cerras,  
 Também me cerras os céus.

Que ha no mundo que supere  
 Da palmeira a gentileza?  
 Pois nada é junto a teu corpo  
 Tão gentil por natureza;

Que, se, quando tal disseram,  
 Acaso fosses nascida,  
 Comtigo o que ha mais airoso  
 Compararam, minha vida.

O teu aspecto sereno,  
 A tua graça delicada,  
 O teu collo de alabastro,  
 Tua bocca breve, engraçada,

Com que posso comparal-os?  
 Com tudo que bello houver;  
 E verão que a minha amada  
 Não é de certo mulher.

Da su'alma tão ingenua,  
 Toda pudor e recato,  
 Meiga, ardente, myst'riosa,  
 Como fazer o retrato?

Su'alma não se descreve;  
 Basta dizer que é ainda  
 Muito mais que estes primores  
 Muito mais perfeita e linda.

## JOSÉ ESTEVAM

Calou-se a grande voz! Chora a tribuna  
 Seu facundo orador; um seu luzeiro  
 A liberdade; a Patria um nobre filho.  
 Hontem cheio de vida; hoje cadaver!  
 Hontem por entre nós passando ainda  
 Festejado de todos, para todos  
 Olhando franco e alegre, como esp'rança  
 De seus irmãos, do povo; hoje passando  
 Também por entre nós, porém caminho  
 Do sepulcro, mas frio, inanimado!  
 Sem já nos ver, sem nos ouvir! perdido!

É possível? perdido, e para sempre!  
 A tanta eloquencia a eloquencia  
 Do nada succedeu! Em vez d'applausos  
 De entusiasmo, de gritos d'alegria,  
 A multidão, que sempre o acompanhava,  
 Ora o segue á morada derradeira,  
 A soluçar, em suffocado pranto.

Foi-se aquella palavra calorosa  
 Que levava após si, como torrente,  
 Todos os corações; aquelle brado  
 Contra a força e injustiça; foi-se o amparo  
 De tudo que era puro e generoso.

Nunca mais o ouviremos trovejando  
 Ferver de indignação, qual n'esse dia

Em que desaggravou da Patria a affronta,  
Quando, vergonha da nação franceza,  
A aguia, emblema do que é livre e augusto,  
Veio, abutre, ultrajar um povo inerme,  
Forte sómente em sua justa causa,  
Que era a da humanidade, e á ferrea pena  
De nossas leis roubar os mercadores  
Do pobre negro, e de um commercio infame  
Arrojo, inspiração, nobreza d'alma  
Tudo n'elle brilhava n'esse dia  
Que ninguem esqueceu. Julgaram todos  
Ver Portugal erguer-se, altiva a fronte,  
Não réu, porém juiz, lançando em rosto  
Ao vencedor o vencimento indigno.  
Era a Patria a falar; era o protesto  
De um povo inteiro; arrebatada a phrase,  
Qual do seu peito o fogo, e tumultuosa  
Dos labios lhe sahia; fulminava  
Com os olhos; co'o braço distendido  
Como que ameaçava; era sublime!

Calou-se a grande voz da liberdade;  
Cahiu o braço que luctou por ella!  
Tribuno popular dos homens livres,  
Serviu-lhes de pharol de salvamento  
Na furia da borrasca, e muitas vezes  
Co'a palavra inspirada e poderosa  
Sobrelevou da tyrannia os gritos.  
Quando preciso foi, audaz e forte  
No posto de mais risco o acharam sempre.  
Ha pouco ainda não o viram todos  
Erguer-se, protestar contra as idéias  
Que os astutos apostolos do erro  
Prégavam sem pudor, sob a apparencia,  
Sob o nome da santa caridade?  
E, aos golpes seus que o povo secundava,  
O templo da traição tremeu na base;  
E, intimidada abandonou, fugindo,  
As nossas terras a lethal cohorte.

Ó praias do Mindello, ó Porto, ó dias  
De provações, perigos e pelejas,  
Dizei como elle combateu sem medo  
A frente d'esses jovens patriotas  
Que trocaram os livros pelas armas  
Quando a Patria o exigiu; como ante a morte  
Nunca a face voltou, fiel soldado,  
Só para conquistar a liberdade  
Expondo a vida no verdor dos annos.

Pranteia, Portugal, perdeste um filho  
Como has tido bem poucos. Prompto sempre  
A te servir co'a voz, co'a penna e espada,

Quaes as mercês que te pediu? que titulos,  
 Que honras o acompanharam na existencia?  
 Não as que tu lhe déste, mas sómente  
 As que elevam o homem que na senda  
 Caminha da virtude e do direito;  
 Não os brazões e titulos rendosos  
 Que dispensa o poder, porêm seus dias  
 De gloria, mas seu nome que não morre.

Se pudésses tornar ao sol, á vida,  
 Ó claro cidadão tão cedo morto,  
 Se ao menos contemplasses por instantes  
 Como todos te seguem pesarosos  
 No momento fatal e derradeiro...  
 Se pudésses... porêm tu'alma vive,  
 E, ao mundo sup'rior, talvez agora  
 Da altura nos escuta e nos observa.  
 Se assim é, se de nós inda te lembras,  
 Abaixa a vista á nossa cara terra,  
 Hoje, sem ti, na magoa sepultada,  
 E as filas vê do prestito funereo.  
 Todos sem distincção ve'm tributar-te  
 Veneração, louvor, saudade, lagrimas.  
 Os amigos fieis choram o amigo,  
 E vão tristes, bem como se perdessem  
 Parte do coração, a luz brilhante  
 Que no meio da treva os conduzira;  
 Os contrarios acurvam a cabeça,  
 Aterrados, attonitos, confusos;  
 Os nobres reconhecem que ha nobrezas  
 Que valem mais que a sua; e o povo, o povo,  
 O teu irmão que sem cessar amaste,  
 E que sempre te amou, lamenta a perda  
 Do que a su'alma e idéias resumia,  
 Do seu grande orador, do seu tribuno.  
 A dor, a admiração uniu n'um corpo  
 Os que separa o odio, a intriga, a inveja;  
 Todos correram prestes, porfiosos,  
 Qual costumam correr, se um golpe d'estes  
 Faz gemer a nação, ou quando a espada  
 De invasor estrangeiro a Patria ameaça.

Vê tambem como a terra onde ganhaste  
 Mais palmas e ovações, como Lisbôa  
 Te destina uma estatua, um monumento,  
 E ao teu paiz natal, á tua Aveiro,  
 Disputa a honra de guardar-te os restos.  
 Vê tudo, e lá do empyreo, onde hoje moras,  
 Tu'alma folgará, não por vaidade,  
 Que nunca a houveste, e que nos céus não entra,  
 Mas por achares do teu povo o affecto,  
 Inda depois da morte, comprovado.  
 E, se alguma tristeza n'essa estancia

De jubilo e de amor vier turbar-te,  
 Será por não logreres nossa magoa  
 Consolar como outr'ora, e por a Patria  
 Não poderes servir, como servistes.

1852

## SAUDADES DO ESTIO

Nunca tive de ti tanta saudade,  
 Meiga estação dos zephyros e flores;  
 Com ellas, ao teu bafo, em liberdade  
 Nasceu a casta flor dos meus amores.

Toda alegre, de gala te vestias;  
 Eu, triste o coração, triste o semblante,  
 Comparava commigo as louçanias  
 Do teu manto viçoso e verdejante,

Quando, lembro-me bem, fulgor mais vivo  
 Do que o teu sol ardente me fascina,  
 Me offusca a vista, leva-me captivo,  
 E da minh'alma as trevas illumina.

Que celeste visão! Paro enlevado,  
 Sem voz, e caio em meditar profundo,  
 Pallido, semivivo, aniquilado.  
 Jámais vira mulher assim no mundo!

Estava n'um jardim; por companheiras  
 Tinha as rosas cercando-a de perfume;  
 Em frente um lago; e n'elle as feiticeiras  
 Aves mais brancas do que alpino cume.

Só, pensando, n'um banco se sentava;  
 Quando me viu, talvez de mim com pena,  
 Dos seus olhos, que mudo eu contemplava  
 Dardejou a luz vívida e serena.

Sentei-me d'alli perto; após momentos  
 Levantou-se; eu ergui-me, acompanhei-a,  
 Occupado de varios pensamentos,  
 D'esp'rança e dúvida a minh'alma cheia.

Desde então existi só para ella,  
 Para a ver, para a amar, para adoral-a,  
 Para a seguir como fatal estrella,  
 Para sempre na lyra decantal-a.

Que saudades agora me não fazes,  
 Ó caro estio, ó quadra florescente;  
 E tu, bello jardim, quantas não trazes  
 Lembranças d'esse tempo á minha mente!

Mostra cada teu sitio uma memoria  
D'esse amor que tu viste no começo;  
Por isso venho em ti reler-lhe a historia,  
E dizer-te o que espero e o que padeço.

Mas agora de flores e de folhas  
Estás nu; já não tens risonho manto;  
Com o inverno de graças te desfolhas,  
E te embebes do ceu no farto pranto.

E co'as flores tambem a minha rosa,  
A minha amada deu-te a despedida,  
E se esconde, do inverno receiosa,  
Sem nos dar alegria, luz e vida!

Ah! torne cedo a quadra da abundancia,  
Do riso, da esperanza, dos anhelos,  
Trazendo a ti prazer, flores, fragrancia,  
E a mim a minha virgem d'olhos bellos.

---

## INVOCACÃO

Onde estás, onde estás, ó poesia,  
Que ha tanto que não vejo,  
Qual costumava, o teu olhar amigo?  
Embalde por ti clamo.  
Já não vens, como d'antes,  
Dar desafigo a minhas doces queixas,  
Que em namorados versos se espalhavam,  
Ou, terna companheira,  
De lagrimas banhada,  
Quinhoar minha dor, dictar meus cantos.

Vem; d'onde habitas minha voz te chama;  
E, se algum tempo mereci teus mimos,  
Não desampares hoje  
Quem d'elles mais que nunca hoje precisa.  
Sinto, padeço muito, mas não posso  
Quanto sinto exprimir, que tu me faltas.  
Se ao menos um instante  
Me fosse dado ver-te, e na passagem  
Aspirar teu perfume,  
A minha magoa sentiria allivio.

Sem ti a vida é areal deserto;  
Contigo é qual jardim farto de flores,  
Em cujo aroma se embriaga o espirito,  
E de continuo para o céu se eleva.

Só tu, ó poesia,  
És minha mãe querida.  
Como embala o filhinho a mãe piedosa,



Com tuas illusões tu me acalentas;  
 Se ella lhe dá seu leite,  
 Tu me dás a ambrosia e o divo nectar  
 Que a mente além dos mundos arrebatá.  
 Vela a seu lado, se elle está enfermo?  
 E, se eu enfermo estou, enfermo d'alma,  
 Não vens logo solícita  
 Velar também commigo?  
 Chora quando elle chora, e ao mesmo tempo  
 Forceja por sorrir-se,  
 Para que o pranto lhe disfarce e acalme?  
 Também tu, quando as magoas  
 O coração me apertam, de teus olhos  
 Vertes lagrimas puras,  
 Com que em meus versos minha dor escrevo,  
 Emquanto de teus labios,  
 Qual pharol de esperança, se desprende  
 Angelico sorriso.

Amo-te como irman. Nos teus encantos  
 Me revejo, que és tu a minha amada;  
 Espero-te ansioso; e, se tu faltas,  
 Fóra de mim, sem tiño,  
 Também parece que me falta a vida.

E tu me desamparas!...  
 Oh! vem, vem distrair-me d'este mundo  
 As mingoadas horas; povoar-me  
 De um amor infinito  
 Est'alma solitaria; ou sobre as azas  
 Do quente imaginar subir-me em extasi  
 As regiões ignotas,  
 Onde costumás vaguear ás vezes,  
 Longe da esteril, van sociedade;  
 Que eu seguirei teus vôos,  
 Que eu nos teus braços viverei contigo.

## PRIMICIAS DE AMOR

Ah! como fui venturoso  
 N'aquelle tão breve instante,  
 Em que sôfrego, anhelante,  
 Na tua face mimosa  
 Pude os meus labios poisar,  
 E em que os teus, minha formosa,  
 Senti, repleto de gosto,  
 Ebrio de amor, o meu rosto  
 Levemente desflorar.

Na terra, no céu prazer  
 Existe como o que eu tive?

Não, que não no pôde haver;  
 Nem nos céus assim se vive.

Nada ha que possa valer  
 De amor o beijo primeiro,  
 Quando sóbe todo inteiro  
 Aos labios o coração,  
 O coração que gemia,  
 A estalar de fogo e vida,  
 Sem achar uma sahida  
 Á sua voraz paixão,  
 Que já n'elle não cabia.

Rompeu emfim, e o perfume  
 Que em torno de nós lançou  
 De prazer e de fragrança  
 Os ares em que vivemos  
 Meigamente enfeitiçou.  
 Assim em florida estancia,  
 Do sol ao vívido lume  
 O botão de rosa vemos  
 Alegre desabrochar,  
 De aromas enchendo o ar.

Respirar emfim podemos;  
 Viver agora já posso;  
 Transmudou-se o fado nosso;  
 Começa novo existir.  
 Não é assim, minha estrella?  
 A vida não te é mais bella?  
 Não te é mais bello o porvir?  
 Eu, por mim, outra existencia,  
 Desde esse feliz momento,  
 Dentro em minh'alma senti,  
 Que de outro modo te vi;  
 Pois ao limpido clarão  
 Que teus labios dardejaram,  
 Quando a face me roçaram,  
 Observei, mago portento!  
 A sua luz teu coração.

Nem nas falas amorosas  
 Que tanta vez me disseste,  
 Nem nas juras suspirosas,  
 Nem no sorriso celeste,  
 Nem na tua acerba dor  
 Eu cri como agora creio  
 N'aquelle beijo de amor.

Adeus, dúvida e receio!  
 Adeus, para nunca mais!  
 Tenho bastante soffrido  
 Comvosco; e as chagas fataes  
 Com que fui tão offendido,  
 Se não fosse aquelle beijo,

Que para sempre as fechou,  
 Eram de certo mortaes.

Bem; cumpriu-se o meu desejo;  
 Nosso ajuste eil-o sellado;  
 Cada vez mais confirmado  
 Pelo tempo ha de ficar,  
 Que nada o póde quebrar.

Se alguma nuvem de leve  
 Perturbar nossa bonança,  
 Fugirá de nós em breve  
 D'aquelle instante á lembrança;  
 Fugirá quando dissermos:  
 O quê! pois já é possível  
 Tão grata noite esquecermos?  
 Não, oh! nunca, fôra incrível!  
 Recorda-te; puro e ledó  
 Era o céu; claras luziam  
 As estrellas que nos viam;  
 Tudo em roda estava quedo,  
 Quando nós nos encontrámos,  
 É um beijo á pressa, furtivo,  
 Ao perpassar mutuámos.  
 E tão suave momento,  
 De tão estreme ventura,  
 Em logar de o termos vivo  
 Gravado no pensamento,  
 Ha de d'est'arte esquecer?  
 Não, não póde acontecer.

E, assim dizendo, a tristeza  
 Sahirá de nossos peitos;  
 E veremos satisfeitos  
 Morrer a negra incerteza,  
 E amor ovante fulgir;  
 O qual cada vez mais verde,  
 Cada vez mais perfumado  
 Ficará; tal, abalado  
 Do vento, o lirio não perde  
 O cheiro que lhe foi dado,  
 Antes, mais o faz sentir.

## A SETUBAL

Foi aqui que nasceste, ó Bocage;  
 Foi aqui, ó poeta do Sado,  
 Que o teu berço tiveste fadado,  
 De harmonia, de luz e de amor.

Assim'busca nos ramos virentes,  
No campestre silencio e repouso,  
Fabricar o seu ninho mimoso  
Das florestas o alado cantor.

E tamanhos enlevos deixaste,  
Esta paz, este ar, esta vida,  
Por correr á cidade mentida,  
Onde a alma não pôde scismar!  
Foste grande; porém, se ficasses  
Rodeado de tantos primores,  
A viver na soidão entre as flores,  
Quem teu nome tentára egualar?

Lá morreste, no calix da gloria  
Insoffrido a amargura bebendo.  
Para a altiva cidade, esquecendo  
Os teus ossos, de todo os perder;  
Lá morreste infeliz, e bem longe  
D'onde déste o primeiro vagido!  
Melhor fôra que houvesse morrido  
Onde o genio aspiraste ao nascer;

Porque ao menos seriam teus restos  
N'este solo de fertil verdura,  
Em que a terra co'o céu se mixtura,  
Competindo com elle em primor;  
E tiveras a vista, o perfume  
De teus campos, o oceano fronteiro,  
E os teus a apontar ao estrangeiro:  
Eis o tum'lo do nosso cântor.

Ó Setubal, paiz deleitoso,  
Ó ameno, aprazível retiro,  
Onde agora, passando, suspiro,  
Para cedo partir-me d'aqui,  
Estes dias que moro em teu seio  
Nunca, nunca serão esquecidos;  
Teus encantos na mente esculpidos  
Me dirão que contigo vivi.

Os teus plainos, teus valles, teus montes  
(E que scenas da altura diviso!)  
Vou deixar; arrancar-me é preciso  
A logares de tanto prazer;  
É preciso arrostar novamente  
O mar bravo, juguete da sorte,  
Sem saber qual meu fim, qual meu norte,  
Nem se torno estes sitios a ver.

Adeus pois, ó Setubal formosa;  
Fica em paz e recebe por voto  
Este canto que eu, bardo devoto,  
Quiz á patria do bardo entoar.

Assim ia o romeiro de outr'ora  
 Em procura da terra sagrada,  
 E, nas aras a offerta deixada,  
 Proseguia no seu caminhar.

1857

## N'UM ALBUM

Que ambiciona o poeta,  
 Que procura o trovador  
 A que não cabe da gloria  
 O brilho fascinador?

Uns olhos que leiam ternos  
 Os cantos que elle escreveu,  
 Que lhe digam: crê na terra,  
 E lhe mostrem d'ella o céu;

Um coração com que parta  
 A sua dor é alegria,  
 Que sinta, como elle sente,  
 O fogo da poesia;

E, se não ha quem entenda  
 O seu dizer magoado,  
 Que o deixem viver ao menos  
 Com seus sonhos abraçado.

## SÓ TU

Tu dizes que sem miin'nada te agrada;  
 Que as festas, os passeios te aborrecem,  
     O minha cara amada;  
 Que as conversas de todos te entristecem;  
     Que as foges; que as evitas;  
 E, nos nossos amores meditando,  
 Passas, longe de mim, sempre penando,  
 As horas, a teus olhos infinitas.  
     E eu na tua ausencia  
     Como é que passo as horas,  
     Longas, longas, sem fim?  
 Porque é que fujo as portas do festim,  
     E as turbas folgadoras?  
     Porque é que da existencia  
 Rejeito as alegrias, e á tristeza  
 Só me abraço? por ti, minha belleza.

Nem nos livros do estudo  
 Eu acho agora encanto;  
 E em outro tempo os estimava tanto!  
 Com elles dias, noites me entretinha,  
     Pensando attento, mudo;  
     Mas transformou-se tudo  
 Desde que te encontrei, ó vida minha.

Perante as graças tuas vivo absorto;  
 Contigo, e não co'os livros me entretenho;  
     Para a sciencia morto,  
 Em ti, em ti minha sciencia tenho.

Do teu singelo peito,  
 Fonte do amor mais casto,  
 A ler as niveas folhas satisfeito  
 Parte do tempo gasto;  
 Vejo claro o meu nome n'elle impresso,  
 Ao clarão do seu fogo, ao seu calor;  
 E por este conheço  
 Qual é o teu amor.

Até a minha lyra,  
 Que foi em outro tempo a minha amada,  
 Meu unico thesoiro,  
 N'outro tempo em que não te conhecia,  
 Como se se partira,  
 Agora jaz calada  
 Para cantar da gloria o verde loiro;  
 Para a gloria está fria.  
 Por ti sómente ella se anima e abrasa;  
 Soluça; pede; gême;  
 Ais e ternuras casa;  
 Espera; chora; freme.

Ah! se ambos padecemos  
 Assim um do outro ausente,  
 Esta ausencia e tristeza terminemos.  
 Um tecto nos abrigue unicamente.

Que eu veja quanto vires;  
 Que eu oiça quanto fales;  
 Que tudo que sentires  
 No peito meu o exales;

Que seque o nosso choro  
 Ao fogo que em nós arde;  
 Que os bens, ó bem que adoro,  
 Nunca nos venham tarde;

Que a negra noite e o dia,  
 Os astros e as manhans

Nos achem na alegria  
 As almas, como irmans;

Que assim corram os annos,  
 Sem nós os presentirmos,  
 Livres de desenganos,  
 Sem mais a Deus pedirmos.

Porêem... baldados votos!  
 Ai! quando chegarão  
 Taes dias! quão remotos  
 De nós ainda estão!

## O JUIZO DE PÁRIS

Do Ida sobre o cume,  
 De arvoredo frondoso á basta sombra,  
 Onde limpida fonte  
 Sonora ca'e, e a meditar convida,  
 Páris, o gentil filho  
 Do monarcha dardanio ha muito espera  
 As três deusas do Olympo mais formosas:  
 Juno, esposa de Jove,  
 Minerva, e a que nasceu do mar espumeo.  
 Por Jupiter mandado

O alípede Mercurio, o divo nuncio,  
 Ao troyano pastor ordem trouxera  
 Para alli decidir o grande pleito,  
     Que a Discordia raivosa  
 Entre essas divindades suscitára,  
 Quando, não sendo convidada ás bódas  
 De Thetis e Peleu, lançou na mesa  
     O disputado pômo,  
 Que trazia a legenda: á que é mais bella.

Assoma linda a aurora;  
 Fita a vista no céu, olha o mancebo  
 Como alastra do dia a mensageira  
     De rosas o oriente,  
 Por onde venha o sol dar luz ao mundo.  
 Mas eis que resplendor subito inunda  
 Ao longe o firmamento, e de três pontos  
 Como que três auroras ve'm crescendo.  
 Eil-as mais perto já; éil-as; são ellas,  
     As peregrinas deusas,  
 Que em meio de translúcidos fulgores  
     Ao Ida se dirigem,  
 Como a rivaes convem, por varias sendas.

Páris ao vêl-as treme,  
 E os olhos fecha, por tal brilho cegos.  
 Abre-os, enfim, que Jove lhes infunde  
     A tempera celeste  
 Por que possam soffrer tamanho incendio;  
 Abre-os, e vê-as que do vôo poisam  
 Do excelso monte no gramineo cume.

Verte o ar ambrosia,  
 E de effluvios divinos se embalsama.  
 Correr dissereis mais sonora a fonte,  
     Mais verdejar a relva,  
     E as flores desbrocharem  
 Que são de leve por seus pés tocadas.  
     Tudo preto lhes rende;  
 Tudo respira amor, e brota encantos.

Então ao rei do céu, que lança o raio,  
     O pastor escolhido  
 Em prece fervorosa se encommenda,  
     A qual ao throno ethereo  
 Sobe veloz, e Jupiter a aceita.  
 Respeitoso depois volve-se ás deusas,  
 E diz: oh! perdoae-me se me atrevo  
 A elevar até vós meus debeis olhos;  
     Sigo a ordem suprema  
 Do que governa o espaço, o mar, e a terra;  
     É força pois cumpril-a;  
 Porêm que não incorra em vossa ira,  
 Seja qual fôr a decisão, vos peço.

Juno responde: anima-te, mancebo,  
 Inveja dos mortaes, que os nunes amam;  
     Ser juiz da belleza  
 A ti, bello entre os mais, de certo cabe.  
 Julga-nos, aguardâmos a sentença.  
 Como ella, as outras duas encarecem  
     Os encantos do joven,  
 E a escolha acertada, procurando  
 Todas co'os gestos e attractivos modos,  
 E com estes louvores captival-o.

Elle as vê e contempla;  
 Passeia d'uma á outra o olhar attonito,  
     Cogitando perplexo,  
 E, pasmado de vêl-as, fica mudo.  
 Como ha de decidir-se? a qual o premio?

Juno levanta a fronte de raíinha;  
 Co'a vista impera, costumada ao mando;  
     Mas, volvendo-a, captiva  
 Todos, pois captivou o proprio Jupiter.  
 Pallas, de olhos azues, n'elles reflecte  
 O empyreo, e a alma sublimar parece;  
 Inspira o rosto seu sciencia e gloria.  
 Venus, Venus no olhar toda é brandura;  
     Ri-lhe o prazer nos labios;  
 E quando fala os corações penetra.  
     O cabelo não prende,  
 Como as outras avara, mas nas costas,  
 Brancas de neve, o solta em ondas de oiro;  
 Não se rebuça em veste roçagante;  
 Servem-lhe de vestido as proprias graças,  
     Deixando ver as fórmãs  
 Nuas, sem véu, como as não sonha a mente.  
     Só, como adorno, a cinge  
 A petrina que a amor tudo sujeita.

Assim pensa o mancebo, e já seus olhos  
 Não vagam de uma á outra duvidosos;  
 De Paphos e de Gnido vence a deusa,  
 E a ella o pomo da belleza entrega.

Recebe-o Cytheréa prazenteira,  
 E lhe diz: a teu lado estarei sempre,  
 Quando o risco o pedir; de Troya amiga,  
     Hei de pugnar constante  
 Por ella, quer na terra, quer no Olympo.  
     A ti dar-te-hei a taça  
 Do prazer, e a ventura nos amores.

Entanto Juno ao carro seu já sobe,  
 E Minerva a acompanha, porque ajuntam  
     A cólera e a vingança

Agora as que o ciúme desunira.  
 Fulminam dos olhares,  
 E d'entre os labios o rancor, a ameaça.  
 Maldicto sejas tu, Saturnia exclama,  
 Seja Troya maldicta, e a raça impura,  
 Que nos seus campos vive.  
 D'ella e de ti vingar-nos saberemos:  
 Exemplo memorando  
 Que ha de assustar as gerações vindoiras.  
 E tu, Venus, remonta  
 Ao empyreo; alardeia a tua gloria.  
 Saberás quem mais póde,  
 Se tu, que és filha da salgada espuma,  
 Ou se eu, de Joye esposa,  
 Que hei parte no seu leito e no seu throno,  
 E a bellica Minerva,  
 De todas suas filhas a mais cara.  
 N'isto elevam-se ao ar, e desaparecem.  
 O dardanio pastor ouve-a, estremece,  
 Por si e pela patria,  
 E no futuro meditando fica.

Venus Páris consola,  
 E contra ambas soccorro lhe assegura.  
 Deixa-o emfim na terra, e ao divo assento  
 Rapida se levanta  
 Por gosar do triumpho entre os mais deuses,  
 Onde Pallas e Juno já na mente  
 A vingança ideavam que devia  
 Por tantos annos flagellar os povos.

Entanto as divindades, congregadas  
 Do Olympo sobre o cume,  
 Tendo presenciado o grande pleito,  
 Com que os céus a Discórdia perturbára,  
 E esperadas as deusas,  
 Para os seus aposentos se encaminham.

1856

---

## CONTRASTE

Bellos sitios onde outr'ora  
 Vivi feliz e contente,  
 Que alegria e que tristeza  
 Ao ver-vos minh'alma sente!

E a mesma a natureza  
 Que estes campos adornava,  
 O mesmo céu que os cobria,  
 E de sol os esmaltava.

Eis a casa onde pequeno  
 Em outro tempo brinquei;  
 Nada mudou do que era;  
 Só eu do que era mudei.

Se ao menos fosse em ruínas,  
 Commigo se parecera,  
 E tão acerbo contraste  
 Com minha dor não fizera.



Porêm não! e o campo e as flores  
E o sol e o céu com ella  
Como d'antes inda existem;  
Só é outra a minha estrella.

E ha quem viva, e folgue, e corra  
Por aqui, como eu já fiz;  
Quem sorria emquanto eu gemo,  
Quem se appellide feliz!

Deixal-os ser venturosos;  
Não provem os fados meus;

Mas do berço á sepultura  
Sem martyrio os leve Deus.

Só me pésa ter memoria  
Para tanto recordar,  
Coração que tanto sinta,  
Vida para tal penar,

E que as lagrimas que verto  
Não me apaguem esta chamma,  
Que, em vão por ellas regada,  
Por ellas vive e se inflamma.

## A MINHA RIQUEZA

Ó minha querida, que idéia tão falsa  
Não forma de amor  
Quem julga que o oiro sómente o realça,  
E á fé, á virtude, á ternura, á constancia,  
Que zombam da sorte, do tempo e distancia,  
Não presta valor.

Amor é thesoiro; de pouco precisa;  
De si se mantem:  
Co'o bafo as desgraças, a magoa amenisa;  
Co'a luz fere as trevas, espanca a tristeza;  
Co'o fogo conforta a miseria, a pobreza,  
E o mal torna em bem.

É rico, opulento quem, junto da esposa,  
No seio do lar,  
Gosando seus mimos, da vida se gosa,  
Quem tem alma terna que á sua responde,  
Uns braços amigos aonde se esconda,  
Se possa abrigar.

É pobre o que nasce n'um berço doirado;  
Quem rico se diz,  
E só d'interesses se vê rodeado;  
Quem, triste, não acha sinceros carinhos,  
E sob os estôfos percebe os espinhos,  
Ermando, infeliz.

Portanto, querida, riqueza nós temos,  
Riqueza do céu:  
Vivendo um do outro ditosos seremos.  
Não troco por gloria, por farta opulencia  
As graças, encantos, singela innocencia,  
Que o Eterno te deu.

Serás o sorriso da minha alegria;  
 Meu iris de paz;  
 Meu ar; o meu sonho de noite e de dia;  
 A socia apiedada do meu soffrimento;  
 O porto onde fuja da dor e tormento  
 Da magoa roaz.

Eu sempre a tu' alma de affecto e cuidado,  
 De amor, cingirei;  
 Ná dita e desgraça ter-me-has a teu lado;  
 Verás quanto póde fazer quem te adora;  
 De tudo que tenho serás a senhora;  
 Teu servo eu serei.

E digam se existe riqueza no mundo  
 De tanto valor!  
 Se existe destino mais bello e jocundo!  
 Quaes são os thesoiros, quaes são as grandezas  
 Que valham duas almas unidas e presas  
 Por tão forte amor?

## LAGRIMAS BEMDICTAS

Bemdicto seja esse pranto  
 Que o teu semblanté inundou;  
 Foi dos céus balsamo santo,  
 Que o coração me acalmou,  
 Que te deu maior encanto.

Como, depois de regada  
 Pelo orvalho da manhã,  
 Fica a rosa nacarada  
 Mais viçosa, mais louçan,  
 Tal ficaste, ó minha amada.

Os teus olhos se animaram  
 De uma insólita doçura,  
 E as lagrimas que brotaram,  
 Nos teus labios, fonte pura,  
 Em palavras se tornaram,

Palavras estremecidas  
 Pela dor que te anciava,  
 Palavras, que, mal ouvidas,  
 Da pena que me matava  
 Sararam logo as feridas.

Quanto agora mais formoso  
 Não é tambem nosso amor!  
 Mostrou que era poderoso:

Fez chorar-te, e ao seu calor  
 Seccou-te o pranto, piedoso.

Que em tudo lhe pertencemos  
 Desde então bem se conhece:  
 A lei sua obedecemos;  
 Morriamos, se morresse,  
 Pois sem elle não vivemos.

Assim é; mas outra prova  
 Em nós não venha fazer;  
 Não nos dê tristeza nova;  
 Conhecemos-lhe o poder;  
 Antes, o mal nos remova.

Que nos traga sempre dias  
 De ventura e de bonança.  
 Longe as idéias sombrias!  
 Cumpra-se a nossa esperança  
 No meio das alegrias.

E que nunca mais te veja  
 Magoada, ó minha amante,  
 Se queres que eu vivo seja;  
 Minha alma soffreu bastante,  
 E soffrer mais não deseja.

## A GLORIA

A UM POETA DESTERRADO

(DE LAMARTINE)

Das musas, nobres, generosos filhos,  
 Por dois caminhos só podeis seguir;  
 Um leva á flicidade, o outro á gloria;  
 Entre ambos é preciso decidir.

Filinto, á lei commum não te eximiste:  
 Da tua vida na aurora  
 Bebeste a longos tragos a poesia;  
 Tecer-te a gloria e a desventura viste  
 Os annos á porfia;  
 E pranteias agora!

Cora, antes; sim, cora de vergonha,  
 Por cubiçar ao vulgo o esteril ocio  
 Em que elle põe unicamente a mira;  
 Pode-lhe dar o céu os bens maiores;  
 Porêm é nossa a lyra.

Os seculos são teus; a tua patria  
 É o universo inteiro;  
 Depois de mortos erguem-nos altares;  
 E n'elles o futuro justiceiro  
 Manda que para immorredoiras honras  
 Desde já te prepares.

Assim a aguia altiva ao ar se arroja,  
 E, entre os raios e trovões librada,  
 Como que aos homens diz: nasci da terra,  
 Porêm tenho no céu minha morada.

Sim, a gloria te espera, mas detem-te,  
 E nota por que preço no seu templo  
 Se póde penetrar;  
 A desventura assenta-se-lhe á porta  
 Guardando o limiar.

Aqui é o ancião que a Jonia ingrata  
 Viu de mares em mares conduzindo  
 Seus males, cego, como paga ao genio  
 Um pão molhado em lagrimas pedindo.

Alem, de fatal chamma incendiado,  
 O Tasso nas algemas  
 Expia a gloria, e o desditoso amor,  
 E, quando perto a c'rôa do triumpho,  
 Sente da morte o horror.

Em toda a parte victimas, proscriptos,  
 Infelizes, meus olhos estão vendo,  
     Uns contra o fado adverso,  
 Outros contra verdugos combatendo,  
 Como se a Providencia reservasse  
     Para os que são melhores  
     As mais acerbadas dores.

Portanto á lyra tua abafa as queixas;  
 É o infortunio da baixeza o escólho;  
     Mas tu que um throno deixas  
 Faze com que tu' alma alento cobre,  
     Cercada de desgraças,  
 E se revista de um orgulho nobre.

Que te importam a ti as ordens barbaras  
 Que te desterram d'onde houveste o sêr?  
 Que te importa o logar onde o destino  
 Te ha de um sepulcro glorioso erguer?

Não póde o exilio, nem os duros ferros  
 Que os tyrannos do Tejo te hão lançado  
     Encadear tua gloria  
 Á terra onde jazeres sepultado;  
 Já Lisboa a reclama, a reivindica;  
     Esta será a herança,  
 Que, em tu morrendo, á tua Patria fica.

Quantos o teu valor desconheceram  
 Hão de chorar o vate grandioso.  
 Athenas aos proscriptos abre as portas  
     Do Pantheon famoso;  
     Morre Coriolano,  
 E Roma o quer contar como romano.

Levanta as mãos ao céu antes que expire  
 O grande Ovidio; os olhos fecha, e entrega  
 Ao sármata grosseiro a cinza fria,  
 Mas aos romanos a sua gloria lega.

---

## LA GLOIRE

### À UN POËTE EXILÉ

Généreux favoris des filles de Mémoire,  
 Deux sentiers différents devant vous vont s'ouvrir:  
 L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;  
     Mortels, il faut choisir.

Ton sort, ô Manoël, suivit la loi commune;  
 La muse t'enivra de précoces faveur;

Tes jours furent tissus de gloire e d'infortune;  
Et tu verses des pleurs!

Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire  
Le stérile repos dont son cœur est jaloux:  
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre;  
Mais la lyre est à nous.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.  
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels,  
Où le juste avenir prépare à ton génie  
Des honneurs immortels.

Ainsi l'aigle superbe au séjour du tonnerre  
S'élance, et, soutenant son vol audacieux,  
Semble dire aux mortels: je suis né de la terre,  
Mais je vis dans les cieux.

Oui, la gloire t'attend; mais arrête, et contemple  
À quel prix on pénètre en ces parvis sacrés;  
Vois: l'Infortune, assise à la porte du temple,  
En garde les degrés.

Ici c'est un vieillard que l'ingrate Ionie  
A vu de mers em mers promener ses malheurs;  
Aveugle, il mendiait au prix de son génie  
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse, brûlé d'une flamme fatale,  
Expiant dans les fers sa gloire et son amour,  
Quand il va recueillir la palme triomphale,  
Descend au noir séjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,  
Luttant contre le sort ou contre les bourreaux:  
On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes  
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de ta lyre:  
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;  
Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire  
Un généreux orgueil!

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare  
T'enchaîne loin des bords qui furent ton berceau?  
Que t'importe en quels lieux le destin te prépare  
Un glorieux tombeau?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage,  
N'enchaîneront ta gloire aux bords où tu mourras:  
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage  
Que tu lui laisseras!

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme:  
Athène à des proscrits ouvre son Panthéon;

Coriolan expire, et les enfans de Rome  
Revendiquent son nom.

Aux rivages des morts avant que de descendre,  
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:  
Aux sarmates grossiers il a légué sa cendre,  
Et sa gloire aux romains.

## QUE LEMBRANÇAS!

Como entristece e apraz ao mesmo tempo  
Lembrarmos os instantes passageiros  
Da nossa f'licidade,  
Quando nos resta apenas d'esse goso  
O amargo da saudade!  
Saudade que seria desespero,  
Se não lhe désse alento  
Pensar que lograremos algum dia  
Durante muitos annos  
O que só desfructámos um momento.

Sempre hei de ter presentes esses breves  
Relampagos de amor e de ventura,  
E os sitios onde juntos divagamos;  
E tambem tu, querida,  
Sempre has de recordal-os,  
Que a elles ficou presa a nossa vida.  
Teremos sempre, sempre na memoria,  
Melhor, no coração, quantas falamos  
Palavras de doçura;  
E aquelles arvoredos,  
Que, ouvindo-nos felizes conversando,  
Com o murmurio das virentes folhas,  
Por que os não escutassem,  
Abafaram de amor castos segredos;  
E toda aquella scena, e o céu e os campos,  
E os trinados das aves,  
Menos que a tua voz na melodia,  
Muito menos suaves.

Ai! como iamos ambos enlevados  
Um no outro, querendo sequiosos  
Tantos mezes fartar de vãos desejos,  
Tantos mezes eternos,  
N'esses poucos instantes venturosos!  
Cobrindo-nos co'as vistas inflamadas,  
Suspensos os sentidos,  
Nadando o coração n'um mar de jubilo,  
A voz de amor tremendo,  
Attentos os ouvidos!

Ai! como iamos ambos tão ditosos!  
 Umaz vez andando a passo lento,  
 Outras parando, por fugir aos raios  
     Do sol abraçador,  
 Antes, para alongar mais algum tempo  
 Este nosso passeio encantador.  
     Agora te assentavas  
     N'aquella bronca pedra,  
     Fingindo-te cansada;  
 Logo querias ver aquella fonte.  
 Como eu sentias sêde, ó minha amada;  
 Sêde, porém de calorosos beijos,  
 Que já de ha muito aos labios acudiam,  
     Mas que não se atreviam  
     Dos labios a sahir;  
 Sêde, porém de afagos e carinhos,  
 De apertados e soffregos abraços,  
     De um do outro nos braços  
     O peito ao peito unir.

.....  
 Eram desejos só. Foi um momento!  
     Já perto estava a fonte,  
 E, desmaiado, o sol quasi tocava  
     As raias do horizonte.

    Deixar-te era forçoso,  
 Deixar-te, meu amor e minha vida!  
 Ai! como eu ia a rastos, vagaroso  
     No instante da partida!

Ai! como foi tão rapida e tão bella  
     A nossa f'licidade!  
 Ai! como ora nos rasga tão pungente,  
     Feroz e duradoiro  
     O punhal da saudade!  
 E dentro d'alma ficará cravado  
 Até que venha o dia em que tornemos  
 A viver, como n'esse doce instante,  
 Porém por toda a vida, ó minha amante.  
     Então será cumprido  
     Tudo que desejamos,  
 Viveremos então, que não vivemos,  
     Não, sómente penamos.

## A MINHA POESIA

Não errei quando te disse  
 Que era só a poesia  
 A dama do meu pensar.

Se a tu' alma descobrisse  
 O que essa phrase envolvia,  
 Se o pudesse adivinhar!...

Vou-te mostrar como a pinto  
 Nos meus sonhos de loucura;  
 Que é bem justo o amor que sinto  
 Crerás ao ver a pintura.

Tem a pelle do seu rosto  
 Da minha cor predilecta,  
 De um moreno portuguez;  
 Cor de mil graças composto,  
 Cor amada do poeta,  
 Toda amor e languidez,

Cujo effluvio peregrino,  
 Cuja suave expressão  
 É para pincel divino;  
 Eu sinto-os no coração.

Nos olhos grandes, formosos  
 Como a noite quando finda,  
 Que recato! que fulgor!  
 Fossem elles piedosos,  
 E essa luz, de si tão linda,  
 Seria muito maior.

Todos os gostos derivam  
 D'esses seus olhos sêm par;  
 Inspiram; de amor captivam;  
 Morte e vida podem dar.

Os cabellos, os cabellos  
 Compridos e assetinados,  
 A cor de seus olhos te'm.

Nunca vi outros tão bellos;  
 Ou soltos, ou penteados,  
 De qualquer modo estão bem.

Se lhes bate o sol, que lume  
 A flux não sabem verter!  
 A todas causam ciume;  
 Eu não me canso de os ver.

Em seus labios cor de rosa  
 Abre ás vezes um sorriso,  
 Que um céu me parece abrir;  
 Se desprende a voz maviosa,  
 Prende-me; tira-me o siso;  
 Esqueço-me para a ouvir.

E no sorriso e na fala  
 Toda su'alma transluz;  
 Como lirio odor exhala;  
 Como musica seduz.

Falta muito ao meu retrato;  
 Mal feito vae. Um conselho,  
 Ó formosa, te vou dar:  
 Podes vel-o mais exacto,  
 Se quizeres ao espelho -  
 Por um momento chegar;

Que, pintando a poesia,  
 Eu contigo a confundi,  
 Pois és tu minha harmonia,  
 Minha musa vive em ti.

## Á QUESTÃO CHARLES ET GEORGE

Ide-vos, naus orgulhosas,  
 Mensageiras do tyranno,  
 Que do Sena, soberano,  
 Manda os povos insultar.  
 Ide; que elle vos espera;  
 Contae-lhe a vossa victoria.  
 É digna d'elle tal gloria;  
 Bem lh'a soubestes ganhar.

Como palma da façanha,  
 Levae a presa anciada;  
 Para escravos destinada,  
 Deve a escravos pertencer.

Talvez, ó França, teus filhos  
 Conduza ainda ao desterro,  
 Onde injusta mão de ferro  
 Manda teus filhos morrer.

Cedeu á força a fraqueza;  
 Á prepotencia a justiça;  
 O desint'resse á cubiça!  
 Não ha triumpho maior!  
 Que corôa para a fronte  
 Do que os livres calca e opprime,  
 Do que é protector do crime,  
 Do que é das leis oppressor!



Não ouves, França, bramindo,  
Qual o mar encapellado,  
Soar pavoroso brado?  
É a voz de uma nação,  
Que independencia respira,  
Que da Patria o amor inflamma,  
Que de covarde te infama,  
Que te envia a maldição.

Escutando-a, a Europa inteira  
Alevanta-se indignada,  
Aperta o punho da espada,  
E deixa o somno em que jaz.  
De que povo és hoje amiga,  
Depois que as leis violaste?  
Contra todos te voltaste;  
És a inimiga da paz.

A aguia já foi raínha  
Quando da aurora ao poente  
Nosso velho continente  
Quasi todo avassallou.  
Mas bateu a grande hora  
Do castigo e da vingança,  
Que a frente baixaſte, ó França,  
Que a aguia altiva expirou.

Portugal e Hespanha os raios  
Soltaram da tempestade.  
Armou-nos a liberdade  
Contra os escravos do algoz.

1858

E tuas hostes derrotadas  
Viste, e cahir a tua gloria  
Do Bussaco na victoria  
Nos muros de Badajoz.

Desde então se levantaram  
Todos quantos opprimiras.  
Não valeram tuas iras;  
Foste vencida tambem.  
Assim talvez dentro em breve  
Da vingança chegue o dia,  
E na aguia que azas cria  
Os povos o golpe dêem.

Ah! pudesse o nosso grito,  
Soando de terra em terra,  
Contra ti chamar á guerra  
Conjuradas as nações!  
Que vale que cem naus tenhas,  
E quinhentos mil soldados,  
Se os teus pulsos aviltados  
Roxeiam duros grilhões?

Gosa pois do teu triumpho!  
A gloria não te invejamos!  
Nós co'a justiça ficamos;  
Tu ficas com teu poder.  
Nossa causa Deus protege;  
A tua protege-a a espada.  
Pelo seu braço vingada  
A nossa injuria ha de ser.

## LIDÉ

(DE ANDRÉ CHENIER)

Meu rosto pelo sol está queimado;  
Vertem sangue meus pés, que o dia inteiro  
Te andei buscando sobre as bravas urzes  
Pelo fundo do val. Longes balidos  
Aqui, alem meus passos incitaram.  
Corri; não te encontrei. De mim fugias;  
Eram outros pastores. Onde achar-te,  
Ó dos humanos o mais bello? dize-me  
Em que logar o teu rebanho pasces.

Joven, porque ante mim te cora a fronte?  
Vês minha face pallida? É sómente  
Por ti, por tua graça tão honesta,  
Por teu virgem semblante. Vem; teus brincos

Deixa-os; ha outros mais. Vem; que eu te diga  
 Como o meu coração teu meigo rosto  
 Nunca pôde esquecer. E que perfume  
 De deleite respira o teu semblante!  
 E que olhares de timida donzella!  
 E que peito de neve occulto aos olhos  
 Pela atrevida veste, que parece  
 Dizer: ainda não conheço amores!  
 Sabel-o vem: eu t'o direi; entrega-me  
 Tu' alma tenra e casta; meus dictames,  
 Menos timidos que ella, hão de ensinar-lhe  
 A delirar e a suspirar commigo.  
 Vem; quero ver-te sem temor, olhar-te  
 As faces infantis no rubor tintas,  
 Mas só dos beijos meus, só do seu fogo.

Se de manhan um dia tu viesses  
 No meu seio encostar gracioso a fronte,  
 Como eu veria teu dormir! meu halito,  
 Para não te acordar, como nos labios  
 O sustivera, respirando a medo;  
 Com que cuidado de teu bello rosto  
 Com meu manto de linho apartaria  
 Os vis insectos e a ciosa abelha!

.....

1852

---

## LIDÉ

Mon visage est flétri des regards du soleil;  
 Mon pied blanc sous la ronce est devenu vermeil;  
 J'ai suivi tout le jour le fond de la vallée;  
 Des bêlements lointains partout m'ont appelé.  
 J'ai couru; tu fuyais sans doute loin de moi;  
 C'étaient d'autres pasteurs. Où te chercher, ó toi  
 Le plus beau des humains? Dis-moi, fais-moi connaitre  
 Où sont donc tes trompeaux, où tu les mènes paître.

Ó jeune adolescent! tu rougis devant moi;  
 Vois mes traits sans couleur, ils palissent pour toi:  
 C'est ton front virginal, ta grace, ta décence.  
 Viens. Il est d'autres jeux que les jeux de l'enfance.  
 Ó jeune adolescent, viens savoir que mon cœur  
 N'a pû de ton visage oublier la douceur.  
 Bel enfant sur ton front la volupté réside;  
 Ton regard est celui d'une vierge timide;  
 Ton sein blanc que ta robe ose cacher au jour  
 Semble encore ignorer qu'on soupire d'amour.

Viens le savoir de moi. Viens; je veux te l'apprendre;  
 Viens remettre en mes mains ton âme vierge et tendre,  
 Afin que mes leçons moins timides que toi  
 Te fassent soupírer et languir comme moi;  
 Et qu'enfin rassurée cette joue enfantine  
 Doive a mes seuls baisers cette rougeur divine.

Ô je voudrais qu'ici tu vinses un matin  
 Reposer mollement ta tête sur mon sein.  
 Je te verrais dormir, retenant mon haleine,  
 De peur de t'éveiller ne respirant qu'à peine.  
 Mon écharpe de lin que je ferais flotter  
 Loin de ton beau visage aurait soin d'écarter  
 Les insectes volans et la jalouse abeille.

.....

---

### QUEM SOU EU

Quem sou eu? sou quem te adora,  
 Quem vive para te amar;  
 Quem por ti a toda a hora  
 Geme afflicto, anceia e chora  
 Sem cessar.

Sem cessar meu pensamento  
 Revôa em torno de ti;  
 É meu unico sustento  
 Sonhar-te a cada momento  
 Qual te vi;

Qual te vi n'aquelle dia,  
 Em que est' alma, sem saber  
 Que inda no mundo existia,

Sentiu de amor por magia  
 Outro sêr;

Outro sêr em meio posto  
 Do meu passado e porvir  
 Dizer-me: acabe o desgosto;  
 Vida, amor, e luz e gosto  
 Vão sorrir;

Vão sorrir! e eu vejo apenas  
 Crescer, crescer minha dor!  
 Porque, ó anjo, me condemnas?  
 Ah! tem dó das minhas penas,  
 D'este amor.

---

### ANCEIO E DOR

Se eu pudesse cumprir o meu desejo  
 Agora, n'este instante,  
 O minha terna, suspirada amante;  
 Se fosse de ti junto, e, qual te vejo  
 De tamanha distancia,  
 Pudesse ver-te ao perto,  
 E aspirar-te a fragrancia,  
 Não vivera de certo  
 Desconsolado e triste, como vivo  
 Desde que ao teu poder estou captivo.

Talvez que tu não creias  
 Como ausente de ti as horas passo;  
 Que de extranhas idéias,  
 Que de projectos faço!  
 Como julgo possível o impossível;  
 Presente já o que só é futuro;  
 Como acordo dos sonhos; e, impassível,  
 Acho ante mim o meu destino duro!

Ás vezes vou andando,  
 E contente imagino  
 Que me acompanhas; louco desatino!  
 Que te oiço e vamos ambos conversando;  
 Que mil coisas suaves te pergunto  
 Do tempo de hoje (aos olhos meus passado  
 N'essas horas de enlevo sobrehumano);  
 Que, além de amor, não temos outro assumpto.  
 Mas sósinho me encontro de repente!  
 O meu desejo tinha-me enganado;  
 Veio desenganar-me o fado insano,  
 O meu fado inclemente.  
 Não nos uniu ainda a mão do Eterno;  
 Ainda a mão do mundo nos separa;  
 Depois do céu o inferno;  
 O que é réal depois do que sonhára.

Outras vezes também commigo falo:  
 Mais não posso esperar; a impaciencia  
 Me afflige, me consome;  
 Em breve quanto aneio hei de alcançal-o:  
 Hei de á tua juntar minha existencia,  
 Dar-te, ó bella, d'esposa o doce nome;  
 Corre, corre a meus braços, vem tomal-o.  
 Já és minha, cumpridos  
 Estão os meus anhelos fervorosos;  
 Por tantos dias pela dor pungidos  
 Posso agora viver dias ditosos.  
 És minha; não me deixas  
 Nunca mais; acabaram-se os lamentos;  
 Acabaram-se as queixas!  
 Vem para de mim perto; conversemos  
 De amor e de alegria;  
 Tristonhos pensamentos,  
 Ciumes e suspeitas não lembremos,  
 Nuvens pequenas na manhan formosa  
 D'este formoso dia.  
 Tu és minha; eu sou teu; de amor gosemos.

Assim deliro; mas a sorte irosa  
 O meu delirio finda  
 Co'a ferrea voz que dentro d'alma trôa  
 Dizendo-me, cruel: é cedo ainda!  
 Minha mão te agrilhôa;

Espera; não supponhas enganar-me;  
Sempre para teu mal has de encontrar-me.

Vê como penso em ti, ó minha amada;  
Como o impio destino me persegue;  
Como sonha a minh' alma, e é despertada,  
Ao teu amor, á sanha d'elle entregue.

No ermo, na cidade,  
Á sombra dos frondosos arvoredos,  
Junto das frescas aguas,  
Da minha desventura e flicidade  
Eu murmuro os segredos,  
E choro as longas magoas.  
Invejo o campo e a solidão quieta  
Para viver comtigo  
Vida amena e secreta

Longe do mundo perfido, inimigo.  
Invejo as aguas para ver teu rosto,  
Como em limpido espelho,  
Já pallido de amor, e já vermelho,  
Do meu hombro fazendo molle encosto.  
As arvores invejo para ás calmas  
Nos esquivarmos do verão sequioso,  
Para ouvir nossas almas  
Nos ramos seus o roixinol mavioso.  
Invejo a boa sorte

Dos que deparo acaso já unidos  
Aquellas por que tanto suspiraram,  
Dos que, perto da morte,  
Já de annos opprimidos,  
Sempre muito se amaram.  
Invejo, invejo todos a que o fado  
Concedeu a ventura,  
Que, mau, não me concede,  
E, injusto, creio ás vezes que tortura  
A mim, enquanto aos outros logo cede.

Ah! chegue o fausto dia  
Em que eu possa dizer realisado,  
Minha unica alegria,  
Tudo por que deliro,  
Tudo por que padeço;  
E então verás que só por ti suspiro,  
Que o teu amor mereço.

---

## AO PINTOR PORTUGUEZ ANNUNCIÃO

Quem te dá, ó pintor, as magas tintas  
Com que fazes brotar da nua tela,  
Quando inspirado, entusiasta, pintas  
As graças mil da natureza bella?

Quem te dá, ó pintor, a poesia  
 Que veste os quadros teus de luz brilhante,  
 Bem como veste o céu e a terra o dia  
 Ao dissipar a noite negrejante?

Quem essa paz e solidão tranquilla,  
 Que nos induz a placido repouso,  
 E sobre nosso coração distilla  
 Celeste orvalho, deleitavel goso?

Quem essa vaga, pallida tristeza,  
 Que lhes realça o natural encanto,  
 Como realça os olhos da belleza  
 Humido véu de enternecido pranto?

Quem? a tu' alma só, branda, sensivel,  
 Onde tudo que vês se grava e apura,  
 Para do teu pincel brotar visivel  
 Tornado em sentimento e formosura.

Por isso tu vagueias solitario  
 Pelos campos ás vezes esquecido,  
 N'um existir abstracto, imaginario,  
 Nas feituradas de Deus todo embebido,

Ou no rumor do mundo conversando  
 Com a tua alma sem cuidar da gente,  
 Em seu limpido espelho contemplando  
 Quanto ella contemplou, quanto ella sente.

Por isso, emquanto a multidão se parte  
 Após dos vãos prazeres seductores,  
 Tu vives pela arte e para a arte,  
 Só com os quadros teus, os teus amores.

Ahi tens o teu mundo, esse a que déste  
 A vida co'os pinceis e intelligencia,  
 Que te sahiu de ti, em que puzeste  
 Uma porção querida da existencia.

Extensissimas, placidas campinas,  
 Onde o gado descansa sobre o verde;  
 Fundos valles; ribeiras crystallinas,  
 Em cujo seguimento o olhar se perde;

Arvores sobre as aguas debruçadas  
 Ensombrando-as de tétrico mysterio;  
 Phantasticas, erguidas cumiadas;  
 Brancas nuvens; o azul do espaço aereo;

A veia que mal cobre a curta relva;  
 O corrego que passa; as frescas fontes;  
 O tronco só; a emmaranhada selva;  
 Os longes, vaporosos horizontes;

O fim da tarde; o astro que irradia;  
O camponez que do trabalho volta,  
E, depois de lidar inteiro o dia,  
O cansado animal do jugo solta;

As poentas ovelhas que se apressam  
Para o curral, seguidas dos pastores;  
Os clarões da manhan que a vir começam,  
E que esperam na praia os pescadores;

O corcel que no prado sôlto pasta;  
O paciente boi que o trigo pisa,  
Ou o curvo ferro pelo chão arrasta,  
Que arado já em parte se divisa;

Mulher triste na borda do oceano  
Meditando na sua immensidade,  
Impresso no semblante o rasto insano  
Que profundam os choros da saudade;

As innocentes e campestres scenas,  
E quanta poesia o campo encerra;  
Alegrias; amores; brincos; penas;  
As bellezas do céu, do mar, da terra;

Tudo em frente ahi tens, tudo creado  
Pelo condão do teu pincel fecundo  
A quem mimoseou tão amplo o fado  
Não são precisas distracções do mundo.

Ahi vives e gosas; ahi falas  
Com tuas producções, com teu thesoiro;  
Porêm o amor das artes vem roubal-as,  
E engrinaldar-te de mais farto loiro.

Como então, ao perder os socios d'alma,  
Entristecido e pesaroso ficas!  
Da c'róa de triumpho cada palma  
De condoídas lagrimas salpicas.

Mas tornas ao trabalho; surgem, brotam,  
Sob o pincel de novo mil prodigios.  
Só já não és; as lagrimas se esgotam,  
Ou n'outro quadro deixam os vestigios,

Que o poeta co'o pranto que derrama  
É que retrata a dor e o sentimento.  
Para dar luz aos mais arde e se inflamma,  
Qual ignea tocha que sacode o vento.

Assim passas a vida. Que te importa  
Se merecido culto não te rendem?  
O coração com animo o supporta;  
Outras aspirações teu brio accendem.

Trabalhas para os homens do futuro,  
E para aquelles poucos venturosos,  
Que, longe, como tu, do mundo escuro,  
Vêem co'os olhos d'alma luminosos;

Para aquelles que sentem, como eu sinto,  
Dentro de si ferver a poesia,  
Que leve e mal esboço, que não pinto  
Senão em froixa, díssona harmonia;

Para os que sobre a tela reproduzem  
O escandecido imaginar do artista,  
Ou os grandes astros que na esphera luzem  
Podem ao menos rastrear co'a vista;

E para as almas candidas e ardentes,  
Que, sem penna ou pincel, em si conservam,  
Quaes vasos d'alabastro transparentes,  
A pureza do céu que ao céu reservam.

São todos estes que de verdes loiros  
A c'rôa te compoem, c'rôa de gloria,  
Que hão de altear os seculos vindouros,  
E te cantam os hymnos da victoria.

Mas porque a fronte para a terra inclinas?  
Basta; ia-me esquecendo que a mais rara  
D'entre as tuas virtudes peregrinas  
É a modestia, que as aviva e aclara.

1864—Out.

## ZELO AMOROSO

Trata bem d'esses cabellos  
Que valem mais do que o oiro,  
Trata-os bem, porque uma parte  
São de ti, do meu thesoiro.

Deixa a moda caprichosa;  
Não os apertes de mais;  
Não precisam de artificio;  
Te'm as graças naturaes.

Por isso mais gosto d'elles,  
E lhes acho mais encanto,  
Quando, sôltos, os teus hombros  
Envolvem n'um denso manto.

Não queiras quem t'os penteie;  
Podem-t'os, bella, estragar;

De marfim com liso pente  
Dével-os tu pentear;

Ou manda que eu d'elles cuide,  
E por milagre de amor  
Farei obra tão perfeita  
Qual nunca viu toucador.

Nenhum galardão pretendo;  
Por bem pago me darei  
Só com ser por ti mandado,  
E feliz me julgarei.

Mas perdoa-me, se vendo  
Minha obra, me envaidecer,  
E mil freneticos beijos  
Sobre os teus cabellos der.



## FRIEZA

Amas-me como eu te amo? como penso  
 Em ti a todo o instante,  
 Pensas em mim tambem, ó minha amada?  
 De dia em cada objecto  
 A minha imagem vês, qual eu te vejo  
 Formosa e feiticeira,  
 Mais semelhando apparição celeste  
 (Tanto brilho dardejas)  
 Do que terrena, humana creatura?  
 Quando á noite, povôo  
 O teu dormir de sonhos de esperança,  
 De quadros venturosos,  
 Bem como o somno meu povôas sempre?  
 Ouves nos teus ouvidos  
 Sem cessar minha voz falar-te amores,  
 Dizer-te delirante  
 Que és o meu existir, que és o meu tudo,  
 Que te amo, que te adoro,  
 Como eu oiço tua voz, não, arrojando  
 D'alma o fogo incendio,  
 Queixar-se, protestar, jurar, sorrir-se,  
 Que tu não tens sorrisos,  
 Nem juras, nem protestos, nem queixumes,  
 Mas ainda assim mesmo  
 Para mim grata, angelica, divina?

Ai! como bella estatua,  
 És surda aos rogos meus, surda a meu pranto;  
 Não podés entender-me,  
 Nem dar valor á chamma em que me abraso!  
 És fria, és insensivel!  
 Se possues coração, por mim não bate.  
 Calculadas palavras,  
 Inda assim poucas, riso constringido,  
 Indifferentes olhares  
 São do amor que me tens fiel retrato.  
 Dize-me é tal quem ama?  
 Eu que te amo outro sou; commigo aprende.  
 Mas amor não se ensina;  
 Nasce no peito, como nasce a planta  
 Nos campos, sem cultivo,  
 Do sol ao vivo influxo; cresce, inflora-se,  
 Ou humido de lagrimas,  
 Ou pelo fogo abrasador queimado;  
 Ferve com mil desejos,  
 Alegre se illumina de esperanças,  
 Suspira, geme, aneia,  
 N'uma palavra, n'um só gesto apenas  
 Mostrando claramente  
 O que espera, o que teme, o que deseja.

Se d'este modo fosses,  
 Que flicidade não seria a minha!  
 O voraz desespêro  
 Fugira ante a alegria espavorido;  
 Tornaram-se meus dias,  
 Hoje de negra sombra povoados,  
 Dias de luz, de gloria,  
 E por senda de flores me leváras  
 A uma nova existencia!

Em logar d'esse mundo de delicias,  
 Que distante imagino,  
 Vê como pagas meu amor tamanho!  
 Tanto rigor mereço?  
 Não basta inda soffrer o que hei soffrido?  
 Não sentirás piedade?  
 Do que o odio é peor a indifferença;  
 Aborrece-me, odeia-me,  
 Mas com tanta frieza não me trates.

Pela dor quasi louco,  
 Quantas vezes não tenho amaldiçoado  
 Esse dia primeiro  
 Em que puz nos teus olhos os meus olhos;  
 Depois, depois bemdigo-o,  
 Arrependo-me, e penso: ah! quanto a amo!  
 Eu sou d'ella; preciso  
 Vêl-a para existir; o mais é morte.  
 E assim é; de ti pende  
 Inteiro o meu presente, a minha vida;  
 Uma tua palavra,  
 Um teu suave olhar, um teu sorriso,  
 São a minha ventura.

---

## UMA NOITE

Era um dia formoso, como este  
 Em que a terra co'o céu anda á porfia,  
 A ver qual de mais graças se reveste.

Já por detrás dos montes se escondia  
 O sol, e já da sombra o manto grave  
 O firmamento quasi que envolvia.

Era a hora em que mais gorgeia a ave,  
 Em que mais vivo aroma a flor exhala,  
 E o arroio murmura mais suave,

Hora que o coração e a mente abala,  
 Quando elle adeus dizia a esta vida,  
 Perto de pela eterna abandonal-a.

Pobre amigo! e a extrema despedida  
Não lh'a pude eu ouvir, que não julgava,  
Nem ninguem, estar junto da partida.

Com os irmãos á parte eu conversava;  
Era a pratica o seu padecimento;  
E a esperança entre nós se levantava,

Porque raiara algum contentamento  
Durante aquelle dia em seu semblante,  
Depois de noite de cruel tormento,

E adormecera; porêm n'esse instante  
Abafado gemido nos desperta,  
Como de homem que jaz agonisante.

Corremos; do seu quarto estava aberta  
A porta; a cama a um canto mal se via  
Do crepusculo triste á luz incerta.

Ernesto, Ernesto chamo; mudez fria  
Só responde; adeanto-me tremendo;  
Subito horror as carnes me arrepia.

Ernesto, Ernesto em ancia vou dizendo;  
Fundo silencio; chego, pelo leito  
Cheio de medo minhas mãos estendo,

E as suas geladas sobre o peito  
Palpo; recúo; delirando grito:  
É morto, é morto, em lagrimas desfeito.

Irmãos e amigos choram; precipito  
Os passos; trazem luz, e consternado  
Repete a minha voz o grupo afflicto.

Sim, morto era, mudo, inanimado;  
Mas parecia ainda estar dormindo,  
Tanto o seu fim chegara socegado.

O rosto seu julgáreil-o sorrindo,  
Como se n'algum sonho de ventura  
Jazesse quando a morte tinha vindo.

D'este quadro de funebre amargura  
Me despertou um choro dolorido  
Com mil ais e soluços de mixtura.

Dos irmãos era o choro não contido,  
Que, de joelhos, ante o irmão jaziam,  
Insana a mente, e o coração partido.

Ah! miseros! ah! quanto não soffriam!  
 Té que d'alli os fomos apartando  
 A força, que expirar alli queriam.

\*

Que noite aquella que eu passei velando  
 A par do corpo seu! que noite aquella!  
 Lembra-me, que presente a estou julgando.

Eu vivo junto á morte! alli a vê-la  
 No rosto que ha bem pouco me falava!  
 Eu só, eu vivo, junto d'elle e d'ella!

E a profunda mudez que me cercava,  
 E o relógio que, ainda á cabeceira,  
 As horas para elle em vão marcava!

Tudo que não esqueço, embora o queira:  
 As velas, o altar, e n'este alçada  
 Do Redemptor a imagem verdadeira.

Oh! como cada hora foi contada,  
 E cada instante, sem que accelerasse  
 O tempo em nada a marcha compassada!

Como eu anciava que a manhan chegasse,  
 E dizia: para elle foi-se tudo,  
 Contemplando do amigo a medo a face!

Já nada mais deseja; é frio; é mudo;  
 Seu coração não bate; o horror, o espanto  
 Não sente, já da morte sob o escudo.

E n'isto aos olhos me subia o pranto,  
 E, deixando entre as mãos cahir o rosto,  
 Envolvia-me a alma escuro manto,

Até que o pensamento descomposto  
 Me vinha despertar um outro amigo  
 Também ao corpo seu de vela posto.

Era o seu cão que estava alli commigo,  
 E fôra ao pé do seu senhor postar-se  
 Pagando-lhe ter sido o seu abrigo.

Que animal ha que possá comparar-se  
 A ti, do homem guarda e companheiro,  
 Que o amor não vês na morte anniquilar-se?

Como, alerta, elle corre o quarto inteiro  
 Com os olhos, e ladra, quando sente  
 Algum ruído, ainda que ligeiro!

Assim se foi a noite longamente  
Arrastando, cada hora transformada  
Em um seculo, até que o som cadente

Ouvi das aves, que a manhan mal nada  
Chamavam, a cantar da rosea aurora  
A vinda de esperanças bafejada.

Tudo lhe ouvia a voz animadora;  
Só elle, frio, morto, não na ouvia,  
Porque a alma do corpo andava fóra.

Eis-me aqui, aos mortaes a luz dizia;  
Mas elle sem a ver, amortalhado,  
Nunca mais os seus olhos abriria!

Para a vida era um dia começado  
Com suas dores, e prazer e lidas;  
E elle em breve á cova era levado!

Morreram tantas illusões floridas,  
Tanta sciencia, tanta mocidade,  
O pobre amigo, em nada convertidas.

Quando tu' alma via a f'licidade  
Mais perto, e já te estava preparando  
O premio do saber a sociedade,

O espirito sentiste abandonando  
A materia, na qual te parecias  
Ao barro d'este mundo miserando,

A que adeus para sempre tu dizias,  
Pesaroso, tão joven, de deixar-nos,  
E os irmãos com que a alma repartias.

Que ha agora que possa consolar-nos,  
A todos nós que o estimamos tanto,  
A não ser pelo céu abandonar-nos;

E estar no asylo sempiterno e santo,  
Onde jámais o gôso se termina,  
Onde trevas não ha, nem dor, nem pranto,  
Porque a face de Deus tudo illumina?

---

## SEGREDOS DE AMOR

Quando a sós enlevados falamos  
Baixas falas de terna expressão,  
Quando um do outro no peito vasamos  
Alma, vida, pensar, coração,

Ai! tambem, minha amada, suppomos,  
Apesar da fortuna, do espaço,  
Que um ao lado do outro já somos,  
Que nos prende dulcissimo abraço.

Quanto podem do amor os desejos!  
São desejos, mais nada, inda mal!  
Só o espirito solta os adejos;  
Faz milagres; é livre, immortal.

Para o corpo a distancia mais leve,  
Qual oceano, do que ama o separa;  
Muito ancea; porém não se atreve;  
Quer voar; mas conhece-se e pára.

Se pudessemos ambos unidos,  
Qual ás vezes sonhamos, viver,  
E trocar nossos longos gemidos  
Em carinhos, e paz e prazer!...

Como então muitas coisas diriam  
Nossos labios que nunca disseram,  
Que de longe dizer não sabiam,  
Ou que nunca a dizer se atreveram;

Muitas coisas de tanto segredo,  
De tamanha doçura e meiguice,  
Que jámais se exprimiram, com medo  
De que o ar indiscreto as ouvisse.

São palavras que só se proferem  
Com as mãos mutuamente enlaçadas,  
Quando os olhos aos olhos desferem  
Mil faiscas d'amor abrasadas;

Quando o peito suspira offegante  
Junto ao peito que enfim alcançou,  
Quando o mundo se esquece inconstante,  
E o tormento e incerteza acabou;

São palavras que os anjos formaram  
No seu jubilo eterno, ante Deus,  
E que ao homem provar outorgaram  
Para ter o antegosto dos céus.

Ai! que vida! que vida! estas falas  
Se eu pudesse hoje, agora escutar...  
Sem proveito em suspiros te exhalas,  
Ó minh'alma; é teu fado esperar!

Esperar! Mas um dia (bem cedo  
Venha elle, formoso e feliz)  
Nós diremos de perto, e sem medo  
O que a furto, de longe se diz;

E estas horas e longos tormentos  
De desejos, de anseio e de dor  
Pagaremos com beijos aos centos,  
Minha vida, meu bem, meu amor.

## ACORDA

Acorda; abre teus olhos á luz pura,  
Que já desponta alegre a madrugada;  
Chama-te desejosa a natureza;  
Acorda, minha amada.

Vem ver como no céu, tingido o oriente  
Do matutino alvor, incerto ainda,  
Rasga a manhan de manso o véu á noite,  
De assustada mais linda.

Da singeleza emblema feiticeiro,  
N'ella te verás toda retratada.  
Assim és tu, e assim do leito surges  
Tambem, ó minha amada.

Quando, após o esperar, alfim te vejo  
Chegar, mal te levantas, á janella,  
Pallida a face, a trança em desalinho,  
Não és assim, ó bella?

E não coras depois, como ella cora,  
Pelas rosas da aurora engrinaldada?  
Mas é em ti o pejo a rosa unica,  
O minha casta amada.

Rodeia e beija a flor da noite humida  
O zephyro travesso, e á vida a chama;  
Brando arroio de luz, descendo os montes,  
Nos campos se derrama;

Da selva acorda o canto harmonioso;  
Os passaros gorgeiam; despertada,  
A terra se alvoroça; tu sómente  
Repoisas, minha amada.

Porque não dás que eu no sorriso angelico  
De teus purpureos labios entreveja  
O dia que a minh'alma n'este mundo  
Mais que o dia deseja?

Em vão, em vão te chamo! não me escutas!  
Dorme, dorme o teu somno socegada;  
Mas em sonhos de amor sonha commigo  
Ao menos, minha amada.

## Á CONCORDATA DO ORIENTE

Uni-vos ás nações que nos insultam,  
 Portuguezes sem fé, sem Deus, sem crença,  
 E os loiros que inda as chagas nos occultam  
     Conspurcae sem pudor.  
 Que vos incita para assim venderdes  
 Da Patria as poucas joias preciosas,  
 E os fructos do heroismo e do valor  
     N'um só dia perderdes?  
 A inercia, o oiro, as distincções vaidosas?  
 Infamia! de vergonha as faces cobre,  
     Ó bella Patria minha!  
     Embora fraca e pobre,  
 O teu antigo manto de rainha  
     Não te venham manchar.  
 Se Deus te mostra a campá levantada,  
     Morre, porém honrada;  
 E vós, povos do mundo, com respeito  
 Arredae-vos ao vèl-a para o leito  
     Da morte caminhar.

Adeus, ó grande imperio do oriente,  
     Onde ao fulgor dos astros  
     Da nossa immensa gloria,  
 Dos Gamas, Albuquerque e dos Castros,  
     Se pôz de pé a historia,  
 E, alumiada por seu brilho ingente,  
     D'elles ao lado foi  
 Ver os reinos domar, varrer os mares,  
 E, contando seus feitos singulares,  
 De cada portuguez fez um heroe.  
 Adeus, que para sempre te perdemos!  
 O que venceu outr'ora a valentia  
 Hoje o largou o opprobrio, a covardia!  
 Sim, sem pejo, sem honra, nós cedemos  
 O que ceder deviamos luctando  
     Té ao ultimo instante,  
 Inda o brio e o furor golpes vibrando,  
 Posto que já o corpo agonisante.

D'essa Asia que de feitos inundamos  
 Para arvorar as portuguezas quinas,  
 Aonde a luz e o balsamo levamos  
     Das palavras divinas,  
     Muito inda nos restava?  
 Que da Europa as nações nos despojassem,  
 E com o que era nosso se adornassem  
     Ainda não bastava?  
 Não; tambem foi preciso que viesse  
 A Egreja, que em triumpho conduzimos  
 Sob a nossa bandeira vencedora,  
 Com a qual nosso imperio repartimos,



E pelo que lhe démos, só, agora,  
 Ingratidão nos dêsse!  
 O cordeiro da paz e da concordia,  
 Puro emblema do céu,  
 Prêga em vez de branduras a discordia,  
 E em abutre falaz se converteu.  
 Eil-o; quæ um quinhão haver na presa;  
 Avido nada o enfreia;  
 Com o que ha mais sagrado negoceia,  
 Injuriando Deus, e a natureza!

Senhor, vê como as tuas leis sagradas  
 Cumpre quem mais devera!  
 Como pelos potentes são calcadas,  
 E, em seu logar, co'as armas e injustiça,  
 A mesquinha cobiça  
 No mundo quasi impera!  
 E vós, martyres puros, que as corôas  
 Do martyrio ganhastes  
 Nas terras onde as lusitanas prôas  
 E onde os nossos heroes acompanhastes,  
 Vós, que as terrenas palmas  
 Ás do céu, sempre vivas, ajuntando,  
 Estaes, felizes almas,  
 Os córos celestiaes acompanhando,  
 Vêde como o terreno que pisado  
 Foi pelas vossas plantas,  
 Por vós com sangue e lagrimas regado,  
 Theatro já de vossas obras santas,  
 Hoje theatro é feito de rapina,  
 No qual em vez da paz e do conselho  
 Da palavra de Christo alta e divina,  
 Urde a conspiração; escuma a injuria;  
 E a luz do Evangelho  
 Cede do odio e bacamarte á furia.

E tu a Roma, Portugal, cedeste?  
 Por uma fraca voz acovardado  
 Toda a força perdeste?  
 Ah! por teus filhos foste atraído!  
 Resistir não pudeste.  
 Abjecta liga contra ti formaram  
 Os traidores do céu, e os vis traidores  
 Da Patria, que aos primeiros te entregaram,  
 Das reliquias d'um povo já famoso,  
 E do seu nome bello e glorioso  
 Indignos mercadores.

Adeus, ó Asia, pois. Em breve espaço  
 Que te resta de nós? uma epopeia  
 De peejas, de feitos de heroismo.  
 Essa ao menos, ó povos do universo,

E nossa, em que vos pése. Só o braço  
De Deus a acabará, quando, já cheia  
A ira sua do viver perverso,  
O mundo sepultar no escuro abysmo.

## TRISTE SEM TI

Como é triste de ti longe,  
Comtigo no pensamento,  
Viver entregue á saudade,  
Viver entregue ao tormento!

Como é triste a luz da aurora  
Quando me vem despertar,  
Sem a luz d'esses teus olhos  
Que me venha alumiar!

Como é triste a voz das aves,  
E a das auras matinaes,  
Sem te ouvir dizer: acorda,  
Não durmas, querido, mais;

Aqui me tens a teu lado,  
Outro dia começemos  
De prazer e de esperança;  
Acorda, meu bem, amemos!

Como é triste por-me á mesa;  
Quanto me trava o comer

Sem, ó minha terna amada,  
Por companhia te haver!

Como é triste o lar, sósinho,  
Deixar sem dos labios teus  
Escutar á despedida  
Um sentido e longo adeus!

Como é triste entrar a porta  
Da mesquinha habitação,  
Sem que n'esta por mim bata,  
Me espere o teu coração,

Sem que affavel me perguntes:  
És tu? como já tardavas!  
Por ouvir estas palavras,  
O minh'alma, o que não davas!

Vens fatigado? descansa,  
Descansa em meu seio amigo;  
Vens triste? a tua tristeza  
Dize, reparte-a commigo!

Quão feliz deve ser passar a vida,  
Ó minha bella, assim!  
Mas tão grande ventura e appetecida  
Guarda o céu para mim?

Não sabes como a sorte me persegue?  
Que ha sido o meu fadario  
Viver no mundo á desventura entregue,  
A mingua, solitario?

E ha de agora mudar-se a minha sina?  
Se tal a Deus prouvesse,  
Tu serias a estrella matutina  
Que ante a luz apparece.

Mas, ou sejas, ou não, eu te abençoô,  
O maga claridade,  
E á minha sorte por te haver perdôo  
A dura crueldade,

Esperando que um dia, já cansada,  
Cesse em mim os seus tiros,  
E me dê a teus braços, apiedada,  
E a teus crebros suspiros.

Oh! como te amo tanto! se o souberas...  
Muito, muito! que amor!  
Se qual ardo por ti, por mim arderas  
Em fogo abrasador...

Ama-me tambem muito, que eu preciso  
De uma paixão sem termo,  
A ver se de algum modo suaviso  
Meu coração enfermo;

Uma paixão, que em mim só tenha objecto,  
Que una o incendio da amante,  
A ternura da mãe, da irman o affecto,  
Forte, pura, constante;

Que da amante, da mãe, da irman, coitado,  
Não gosei os carinhos,  
Que, pesadelo infausto, me ha passado  
A existencia entre espinhos.

Como ancioso de amar, orphão de afagos,  
Ardente, só e triste  
Me achaste quando em mim os olhos vagos  
Puzeste, e me feriste!

E ao ver-te eu disse, cheio de alvoroço:  
Meu anjo, d'onde has vindo?  
Da esphera azul? da terra? amar-te posso?  
Oh! quanto és meigo e lindo!

Para ti o thesoiro que no peito  
Tanto tempo guardei,  
De vivo amor, de mil desejos feito,  
E os sonhos que sonhei;

Para ti todos meus contentamentos,  
E da minh'alma a essencia,  
Meu presente e porvir, meus pensamentos,  
Meu ser, minha existencia.

Assim disse, querida, e a toda a hora  
Desde então te hei seguido,  
Sustentado da chamma abrasadora,  
Ao teu mando rendido.

Ah! se algum dia de paixão tamanha  
Chego a colher o premio,  
Se emfim da desventura escapo á sanha,  
E descanso em teu gremio,

Sem me importar que tempestade ou calma  
 Annuncie o horizonte,  
 A minh'alma fundida na tu'alma,  
 Junto á minha tua frente,

Correremos da vida no oceano;  
 E, erguendo as mãos aos céus,  
 Direi ao sempiterno soberano:  
 Sou feliz, ó meu Deus.

---

## A VASCO DA GAMA

(DE TORQUATO TASSO)

Gama, cujos baixéis, soltando o panno  
 Para onde o sol nos traz a luz do dia,  
 Voltaram da feliz, ardua porfia  
 Ás praias onde o sol ca'e no oceano,

Não soffreu mais que tu do mar insano  
 O que affrontou do Cýclope a ousadia,  
 Nem o que o lar turbou da séva Harpia  
 Assumpto ás pennas deu mais soberano.

Mas hoje a de Camões tão longe vòu,  
 E com tanto fulgor, que sobreleva  
 Teus baixéis no seu curso temerario,

Pois por elle teu nome illustre sòu  
 Aonde o polo para nós se eleva  
 E no outro lado que lhe está contrario.

---

## OUTRA VERSÃO (livre)

Gama audaz e feliz que o mar sulcaste,  
 Por ver o berço d'onde o sol nascia,  
 E, affrontando outra vez a equorea via,  
 A praia onde elle morre enfim tornaste,

Mais que Ulysses a furia exp'rimentaste  
 Das ondas, e do fado a tyrannia;  
 Mais que Enéas assumpto á poesia  
 Na desmedida empresa tu legaste.

Mas hoje de Camões a tuba sòu  
 Tanto em seu brado altivo e glorioso,  
 Que inda mais longe que os teus lenhos vòu;

Mas hoje com seu canto sonoro,  
 Do teu commettimento a voz echòu  
 Em todo o mundo, ó capitão famoso.

## ORIGINAL

Vasco, le cui felici, ardite antenne  
Incontro al sol, che ne riporta il giorno,  
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,  
Dove egli par che di cadere accenne,

Non più di te per aspro mar sostenne  
Quel che fece al ciclope oltraggio e scorno;  
Nè chi turbò l'arpie nel suo soggiorno  
Ne diè più bel subieto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi  
Tant'oltre stende il glorioso volo,  
Ch'i tuoi spalmati legni andar men lunge.

Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro polo,  
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigj  
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

## A UMA TRANÇA

Rico thesoiro,  
Que amor me deu,  
Lindo cabelo  
Do anjo meu,

Lindo cabelo,  
Que pertenceste  
Aquella fronte  
Gentil, celeste,

Ah! se eu pudesse,  
Como te beijo,  
Beijar-lhe as faces,  
Rubras de pejo,

Pelos meus labios,  
Por seu calor  
Melhor soubera  
Do meu amor.

Se eu a apertasse  
Contra meu peito,  
Qual contra elle  
Sempre te estreito,

Bem entendera  
Minha paixão  
Pelas pancadas  
Do coração!

Mas impossivel,  
Que, pobre amante,  
Vejo-a de longe  
Só um instante!

Vem, pois, ó trança  
Da minha bella,  
Acompanhar-me  
Em logar d'ella.

Dize, se sabes,  
Como é que existe;  
Se vive alegre;  
Se vive triste.

Dize se moro  
No seu pensar;  
Se alguma coisa  
Posso esperar;

Ou se inhumana  
Minh'alma afaga,  
Como ao baixel  
A falsa vaga,

Que lhe annuncia  
Ora bonança,  
Ora ao naufragio  
Tremendo o lança.

Maç, inda mesmo  
Que seja assim,  
E que escarneça  
Cruel de mim,

Sempre hei de amar-te,  
Dom precioso,  
Por que me lembre  
Que fui ditoso,

Sobre meu peito,  
De mim jazigo,

Hei de trazer-te  
Sempre commigo,

Que serás lettra  
Da fria loisa  
Do que ella ha morto,  
Mas não repouisa,

Do que inda amando-a  
Na cova jaz,  
Sem Deus, sem ella,  
Sem luz, sem paz.

## CINCO DE MAIO

(DE MANZONI)

Foi; já não é; qual gelido,  
Sem voz, sem movimento,  
Jazeu seu corpo exanime,  
Orphão de tanto alento,  
Assim ferida, attonita,  
Co'o a nova a terra está,

Muda na hora ultima  
Do homem fatal pensando;  
Nem sabe se outro egregio  
Virá, como elle, e quando  
Seu pó, de sangue humido,  
Como elle, pizará.

Brilhante o viu no solio  
O genio meu; cahido  
Depois; depois no imperio;  
Depois emfim vencido;  
E do universo ao fremito  
Sua voz unir não fez.

Virgem de servo encomio  
E de covarde insulto,  
Acorda ao astro esplendido  
Tão de repente occulto,  
E solta á morte um cantico,  
Que é do porvir talvez.

Dos Alpes ás Pyramides,  
Do Rheno ao Manzanares,  
Raio, o veloz relampago  
Seguia; pelo ares  
Troou de Scylla ao Tânaís,  
De um mar a outro mar.

Foi verdadeira gloria?  
Ao tempo a ardua sentença;  
Nós do Senhor curvemo-nos  
A potestade immensa,  
Que n'elle quiz a maxima  
Sua obra apresentar.

O procelloso e trépido  
Prazer de uma alta empresa,  
A ancia de um brio indomito  
Que sonha a realza,  
E a ganha, e alcança um premio  
Que insania era esperar,

Tudo provou; a gloria  
Maior depois do p'rgo,  
A fuga e a victoria,  
O throno e o exilio imigo,  
No pó duas vezes, prospero  
Duas vezes sobre o altar.

Appareceu; dois seculos,  
Um contra o outro armado,  
Para elle olharam timidos,  
Como aguardando o fado;  
Quedae-vos disse; e arbitro  
Entre ambos se foi pôr.

Despareceu; e em ocio  
Findou, longe do mundo,  
N'uma ilha, alvo continuo  
Da inveja e dó profundo,  
De inextinguivel odio,  
E de indomado amor.

Qual sobre a fronte ao naufrago  
Se arroja encapellada  
A vaga, d'onde o misero,  
Co'a vista, alta, alongada,  
Buscava emtorno, ávido,  
Praia longinqua em vão,

Tal n'aquell'alma o cumulo  
Tombou de mil memorias.  
Oh! quanta vez aos pósteros  
Tentou narrar suas glorias,  
E nas eternas paginas  
Cahiu sem força a mão!

Oh! quantas no fim tacito  
De um dia sem proveito,  
No chão o olhar fulmineo,  
Braços em cruz no peito,  
Inteiro o seu preterito  
Viu de repente erguer.

Lembrou as tendas moveis,  
O assaltar dos vallos,  
Do aço o brilho tremulo,  
As ondas dos cavallos,  
E o concitado imperio,  
E o prompto obedecer.

Ai! a tamanha magoa  
Talvez cedendo afflicto,  
Desesperou; mas válido  
Braço desceu bemdicto,  
E para outro ar mais limpido  
Piedoso o transportou;

E pelas sendas flóridas  
O conduziu da esp'rança  
Ao campo eterno, ao premio  
Que mais que o anhe-lo alcança,  
Onde é negror, silencio  
A gloria que passou.

Fé inmortal, benefica,  
De palmas bella e ufana,  
Colhe mais esta; alegre-te,  
Que nunca outra mundana  
Grandeza igual do Golgotha  
A affronta se humilhou;

Exulta; e os restos frígidos  
Preserva da maldade;  
Quem mata e abre os tumulos,  
Quem pune e tem piedade,  
Deus, no ermo leito funebre  
Ao pé se lhe assentou.

## IL CINQUE MAGGIO

Ei fu; siccome immobile,  
Dato il mortal sospiro,  
Stette la spoglia immemore,  
Orba di tanto spiro,  
Così percossa, attonita  
La terra al nunzio sta,

Muta pensando all'ultima  
Ora dell'uom fatale;  
Nè sa quando una simile  
Orma di piè mortale  
La sua cruenta polvere  
A calpestar verrà.

Lui sfolgorante in solio  
Vide il mio genio e tacque,  
Quando con vece assidua  
Cadde, risorse e giacque;  
Di mille voci al sonito  
Mista la sua non ha:

Vergin di servo encomio  
E di codardo oltraggio,  
Sorge or commosso al subito  
Sparir di tanto raggio,  
E scioglie all'urna un cantico  
Che forse non morrà.

Dall'Alpi alle Piramidi,  
Dal Mansanare al Reno,  
Di quel sicuro il fulmine  
Tenea dietro al baleno;  
Scoppiò da Scilla al Tanai,  
Dall'uno all'altro mar.

Fu vera gloria? Ai posteri  
L'ardua sentenza; nui  
Chiniam la fronte al Massimo  
Fattor, che volle in lui  
Del creator suo spirito  
Più vasta orma stampar.

La procellosa e trepida  
 Gioja d'un gran disegno,  
 L'ansia d'un cor, che indocile  
 Ferve pensando al regno,  
 E'l giunge, e tiene un premio  
 Ch'era follia sperar,

Tutto ei provò; la gloria  
 Maggior dopo il periglio,  
 La fuga, e la vittoria,  
 La reggia, e il triste esiglio,  
 Due volte nella polvere,  
 Due volte su gli altar.

Ei si nomò; due secoli  
 L'un contro l'altro armato,  
 Sommessi a lui si volsero,  
 Come aspettando il fato;  
 Ei fe' silenzio, ed arbitro  
 S'assise in mezzo a lor;

Ei sparve; e i dì nell'ozio  
 Chiuse in sì breve sponda,  
 Segno d'immensa invidia,  
 E di pietà profonda,  
 D'instinguibil odio,  
 E d'indomato amor.

Come sul capo al naufrago  
 L'onda s'avvolve e pesa,  
 L'onda su cui del misero  
 Alta pur dianzi e tesa  
 Scorrea la vista a scernere  
 Prode remote invan,

Tal su quell'alma il cumulo  
 Delle memorie scese;  
 Oh! quante volte ai posterì  
 Narrar se stesso imprese,  
 E sulle eterne pagine  
 Cadde la stanca man!

Oh! quante volte al tacito  
 Morir d'un giorno inerte,  
 Chinati i rai fulminei,  
 Le braccia al sen conserte,  
 Stette, e dei dì che furono  
 L'assalse il sovvenir.

Ei ripensò le mobili  
 Tende, e i percossi valli,  
 E il lampo dei manipoli,  
 E l'onda dei cavalli,  
 E il concitato imperio,  
 E il celere obbedir.

Ahi! forse a tanto strazio  
 Cadde lo spirto anelo;  
 E disperò; ma valida  
 Venne una man dal cielo,  
 E in più spirabil aere  
 Pietosa il trasportò;

E l'avviò su i floridi  
 Sentier della speranza,  
 Ai campi eterni, al premio  
 Che i desiderii avanza,  
 Ov'è silenzio e tenebre  
 La gloria che passò.

Bella, immortal, benefica  
 Fede ai trionfi avvezza,  
 Scrivi ancor questo; allegrati;  
 Che più superba altezza  
 Al disonor del Golgota  
 Giammai non si chinò.

Tu dalle stanche ceneri  
 Sperdi ogni ria parola;  
 Il Dio che atterra e suscita,  
 Che affanna e che consola,  
 Sulla deserta coltrice  
 Accanto a lui posò.

## A MINHA SORTE

Este amor que me agrilhôa,  
 Que tem minh'alma captiva,  
 Da razão quasi me priva,  
 Os sentidos me povôa.  
 No mundo perdido andava  
 Em busca da minha estrellã;

Debalde, não a encontrava!  
 Perdido agora por vel-a,  
 Vou atrás do seu brilhar,  
 Sem saber, indo com ella,  
 Onde irei alfim parar.



Seja onde fôr. Minha sorte  
 Não, não me é dado fugir;  
 Talvez me conduza á morte,  
 Ou me prolongue o existir;  
 Porêm ao menos, emquanto  
 Os meus olhos n'ella fito,  
 Em Deus, no bem acredito;  
 Sinto estancar o meu pranto  
 Ao seu intenso fulgor;  
 Em mil sonhos aprazíveis,  
 Ephemeros, impossiveis,  
 Esqueço a triste existencia,  
 E abrando a sua inclemencia  
 Ao fogo do meu amor.

Que importa se me despenho  
 Em profundo precipicio,  
 Seguindo tão bello guia?  
 Que importa se em breve tenho  
 De achar em vez de alegria  
 Augmentado o meu supplicio?  
 Quem ouve a razão pausada  
 Quando brada o coração:  
 Segue a florea, aberta estrada,  
 Segue d'esse astro o clarão?  
 Vale mais viver sonhando  
 Do que acordado soffrer;  
 Vale mais um instante ver  
 Seu lume fúlgido e brando  
 Do que sósinho penando  
 Depois de muito morrer.

Morte era a vida mesquinha  
 Que antes de achal-a arrastei;  
 Morte era a vida que eu tinha;  
 Agora resuscitei.  
 Aos seus raios scintillantes,  
 Nada é já qual era d'antes;  
 É todo o mundo um jardim;  
 Não porque este se mudasse,  
 Porêm mudou-me ella a mim.  
 Agora minh'alma scisma,

Como se tudo olvidasse,  
 Tudo quanto já passou,  
 Com outro mundo diverso,  
 Como não ha no universo,  
 Que o vejo através do prisma  
 Que a minha vista offuscou.

Ah! minha estrella, se as azas  
 Com que vòs o pensamento  
 Eu as pudesse tomar,  
 E esta chamma em que me abrasas  
 Ir mais perto contemplar,  
 Como fôra venturoso!  
 Que doce contentamento  
 O peito me inundaria!  
 Era a teu lado ditoso,  
 Ou em teu fogo morria.

Assim não o quer o fado;  
 Não lhe importa quanto sinto!  
 Sempre me foi despiedado!  
 Deixemol-o; és tu agora  
 O meu fado, a minha sina,  
 Minha estrella peregrina.  
 N'este humano labyrintho,  
 Onde andei perdido outr'ora,  
 Vens-me as sendas aclarar,  
 E tudo que triste fôra  
 Alegre e bello tornar.

Dá-me azas, pois, ou suspende  
 Sobre teus raios de prata  
 O meu corpo até aos céus;  
 Ou, senão, d'elles descende  
 A mim; não sejas ingrata  
 A quem te ama como a um deus.  
 Mas inda, se ingrata fores,  
 Hei de te dar meus amores,  
 Hei de te sempre seguir,  
 Quer á vida, quer á morte,  
 Que tu és a minha sorte,  
 E eu não te posso fugir.

## ENLEIO

Quem me dará palavras com que exprima  
 Tão forte como a provo,  
 Esta ancia de viver que me flagella?  
 Nem eu mesmo me entendo.  
 Soffro, desejo, espero e desconfio;

Ora gemo e deliro,  
 Ora maldigo o mundo, os versos, tudo,  
 E tédio em tudo encontro.  
 Que é esta voz, composto de mil vozes,  
 Que dentro de mim fala,  
 Esta voz a chamar-me a cada instante,  
 E a pintar-me na idéia  
 Um phantastico éden de delicias  
 Que inda encontrar não pude?  
 É ambição de gloria, ou de venturas?  
 É desejo de goso?  
 É amor? não o sei; será tudo isto;  
 Mas o que sei dizer-te,  
 Ó minha formosura, é que mal vejo  
 Raiar o teu semblante,  
 Me parece sentir uma outra vida.

## ÁS POESIAS POSTHUMAS DE A. DE CABEDO

Pobres orphãos do misero poeta,  
 Versos d'amor, de jubilo e amargura,  
 Como agora sorrides tristemente,  
 Quaes flores em deixada sepultura!

Ereis d'antes o ai de suas magoas,  
 Dos sonhos seus o mavioso canto,  
 O reflexo do fogo de su'alma,  
 Seus amigos na dor, seu doce encanto.

Hoje memorias sois do que não vive,  
 Echos soturnos de fatal saudade,  
 Que vem de sob a loisa onde descansa  
 O filho da harmonia e inf'licidade!

Quem vos ler, quando a satyra e o gracejo  
 Em vós achar, não julgará de certo  
 Como, emquanto eram ledos os seus labios,  
 Sentia o peito lugubre e deserto;

Como foi desgraçado nos amores;  
 Como arrastou a fadigosa vida;  
 Como ao trabalho succumbiu sem forças,  
 E a lyra lhe tombou no chão partida!

Mas ao menos, ao ver-vos tristurosos  
 Crescendo sobre a terra em que elle dorme,  
 Dará um pranto ao que luctou sem tregua,  
 E espinhos só colheu da lucta enorme;

Ao que ás suas canções nem mesmo pôde  
Entre louvores recolher o fructo;  
Ao que teve por palma o desalento,  
Por applauso a mudez, por festa o lucto!

Esta é do vate a sina: canta e chora,  
Sonha co'os céus, a pelejar co'a sorte,  
E muita vez as flores que educara  
Só rescendem pisadas pela morte!

---

## DECLARAÇÃO

Porque ousei levantar os meus olhos  
Aos teus olhos, ó virgem formosa?  
Fiquei cego da luz radiosa,  
E não pude o seu brilho encarar.  
Tudo quanto era alegre, fulgente  
Ora triste, ora negro parece;  
Assim tudo se enturva e escurece,  
Ao tentarmos o sol contemplar.

Não sei, pois, quanto exprimem, que falam  
Essas claras, divinas estrellas;  
O que sei é que as amo e são bellas,  
Como eguaes n'este mundo não vi;  
E que, posto os meus olhos offendam,  
Tão intenso clarão dardejando,  
N'elle um raio eu diviso, que brando  
Entre os outros me anima e sorri.

Minha vista offuscada enganou-se?  
Não terás de quem'te ama piedade?  
Esse raio só traz crueldade?  
Só dá morte, não vida e calor?  
Se assim fosse... talvez... impossivel!  
O melhor é viver na incerteza,  
Que, a exprimirem teus olhos crueza,  
A minh'alma estalara de amor.

O que apenas te peço é: que, lendo  
Estes versos, que me has inspirado,  
Me desculpes o ser tão ousado,  
Me perdões o que n'elles se diz;  
E, se deve teu peito entendel-os,  
Que, inda ao menos me dês a esperança  
De encontrar no destino mudança,  
De algum dia ser inda feliz.

## CHILDE HAROLD

(DE BYRON)

Fragmentos do primeiro canto

Eis succede de Cintra o paraíso  
 Por variada confusão de montes  
 E de valles formado. Ah! quem pudera  
 Com a penna ou pincel seguir metade  
 Sequer das scenas que descobre a vista,  
 Scenas que mais offuscam os humanos  
 Do que essas fabuladas pelo vate  
 Que abriu do Elysio a porta ao mundo absorto.

Horrificos rochedos coroados  
 Por convento suspenso sobre o abysmo,  
 O branco soveiro guarnecendo  
 A arrelvada subida, da montanha  
 O musgo pelo ardente céu queimado,  
 O fundo val onde pranteia o arbusto  
 Sempre ausente do sol, o azul suave  
 Do não rugado mar, da lorangeira  
 Os fructos com sua cor doirando as ramos,  
 As torrentes das rochas despenhando-se,  
 A alegre vide que as alturas cobre,  
 Os salgueiros em baixo, um quadro formam  
 Brilhante, grande, variado e bello.

Subindo lentamente o sinuoso  
 Caminho, para traz a miude os olhos  
 Voltae, e novo enlevo das mais altas  
 Montanhas descobris. Ide subindo,  
 E descansae da Pena no convento,  
 Cujos monges frugaes aos estrangeiros  
 Mostram reliquias, velhas lendas contam:  
 Aqui houveram seu castigo os impios;  
 Além n'aquella gruta largo tempo  
 Viveu Honorio, que tornou o mundo  
 Para ganhar o céu em negro inferno.

A cada passo que galgaes as rochas  
 Rude-lavradas cruces no caminho  
 Se acham; mas não julgueis que são offertas  
 De pura devoção, frageis memorias  
 Só do assassino a ira symbolisam.  
 Em toda a parte em que derrama o sangue  
 Sob o ferro cruel a afflictiva victima  
 De duas ripas formadas as levantam.  
 Aos milhares abundam n'esta terra,  
 Onde a lei não garante a propria vida.

No pendor da collina ou fundo valle  
 Se descobrem palacios, em que outr'ora  
 Habitaram monarchas; hoje apenas  
 Lhes cresce em roda alguma flor agreste!  
 Mas inda arruinados te'm grandeza!  
 Alêm se eleva o soberboso alcáçar  
 Do principe. Watheke, tu dos filhos  
 De Albion o mais rico; alli formaste  
 O paraíso teu, sem que previsses  
 Como a infrene opulencia embalde emprega  
 Quantas pode attracções voluptuosas  
 Para reter comsigo a paz serena.

D'este monte na faldá, eternamente  
 De verdura vestido, tu morastê,  
 Novos prazeres planeando alegre.  
 Mas ora, como coisa amaldiçoada,  
 Jazem sós, como tu, teus bëllos paços.  
 Um trilho apenas as gigantes hervas  
 Deixam ao viajante para as portas  
 Abertas sempre, e abandonadas salas.  
 Outra lição para o que pensa quanto  
 São inuteis na terra os gosos futeis,  
 Que o tempo estragador afunda em breve.

Eis a sala onde os chefes se juntaram  
 Ha pouco! Scena aos olhos odiosa  
 Do consternado inglez! Vêde sentado  
 Anão demonio, sem cessar zombando;  
 Da loucura o barrete, qual diadema,  
 Lhe cinge a fronte; é pergaminho a veste;  
 Um sêllo e um negro rôlo traz pendentés  
 A tiracollo, que altos nomes ornam;  
 E muitos assignados o confirmam,  
 Para que o dêmo aponta ás gargalhadas.

Convenção é como este se appellida.  
 Foi elle que venceu os cavalleiros  
 Juntos de Marialva no palacio.  
 De juizo os privou (se acaso o tinham),  
 E em tristeza mudou os vãos festejos  
 De uma nação. Aqui foi pela insania  
 O vencedor pennacho aos pés calcado,  
 E ganhou a politica matreira  
 O que as armas perderam. Viça embalde  
 Aos nossos chefes da victoria o loiro!  
 Maldicto o vencedor, não o vencido,  
 Pois que frustrado sa'e nosso triumpho  
 Na lusitana terra!

E desde o dia  
 Do marcial congresso Albion desmaia,  
 Cintra, sómente de escutar teu nome.

Os cabeças do estado ouvindo-o tremem,  
 E do pejo obrigados corariam,  
 Se vergonha tivessem. Que juizo  
 O porvir formará de tal evento!  
 Como as nações amigas, como os nossos  
 Hão de zombar de nós, vendo privados  
 Da gloria os campeões por esses mesmos,  
 Que, vencidos no campo, aqui venceram!  
 O escarneo não virá inexoravel  
 Dos tempos através dizer tal feito?

.....

Ó amavel Hespanha, ó nomeado  
 Torrão, paiz romantico e formoso,  
 Onde o estandarte está, que ergueu Pelaio,  
 Quando de Cava o pae chamou, primeiro,  
 Traidor, o moiro, que de godo sangue  
 A tuas serras turbou as claras aguas?  
 Onde os pendões sangrentos, que ondearam  
 Triumphantes ao vento, despregados  
 Por sobre os filhos teus, té finalmente  
 À sua praia o roubador lançarem?  
 Então a cruz brilhava cor de purpura,  
 E desmaiava pallido o crescente,  
 Emquanto que dos moiros as matronas  
 Com seu longo gemer apiedavam  
 Os echos africanos.

De taes feitos  
 Os cantos populares não são cheios?  
 Ah! eis aqui do heroe o melhor fado!  
 Quando a pó se reduz o monumento,  
 E fallecem annaes, a duvidosa  
 Vida lhe alonga de um pastor a endecha.  
 Baixa a vista dos céus a ti, orgulho;  
 Vê como cabem n'um cantar os grandes.  
 Podem columnas, edificios, livros,  
 Conservar-te a grandeza? ou te confias  
 Na simples tradição quando contigo  
 A linsonja morreu, e a historia é injusta?

Acordae, acordae, filhos de Hespanha;  
 Eis a cavallaria, vossa deusa  
 Em outro tempo, que vos grita: ávante!  
 Mas, como então, a sequiosa lança  
 Não brande, nem as plumas de escarlata  
 Altaneira sacode. Vôa agora  
 No fumo espesso das ardentes balas;  
 Na bôcca negra dos canhões troveja:  
 Acordae, levantae-vos. É mais fraco  
 Hoje o reclamo seu? Já não restruge  
 Como quando nas praias andaluzas  
 Da guerra o brado levantou tremendo?

Silencio! não ouvis tropel medonho  
De ginetes ao longe? na charneca  
O fragor do combate não resôa?  
Não vedes a quem fere o sabre irado?  
Que não salvaes vossos irmãos primeiro  
Que morram sob o ferro dos tyrannos,  
Ou dos escravos seus? Lampeja a bala,  
Fogo, fogo de morte, nas alturas;  
Cada descarga que de rocha em rocha  
Trôa, diz que mil homens pereceram.  
Cavalga a morte ignívomo siroco;  
E a vermelha batalha fere a terra  
Co'o pé; e só de ouvil-o os povos tremem.

Eil-o o gigante na montanha se ergue,  
Ao sol mais viva a ensanguentada coma.  
Luz-lhe raio mortal na ignea dextra;  
Queima tudo co'os olhos, já inquietos,  
Já fitos, já ao longe fuzilando.  
Junto a seus bronzeos pés nota a Ruína  
Os progressos do mal, pois hoje mesmo  
Para nas aras suas derramarem  
Sangue humano, a oblação que lhe é mais cara,  
Três nações poderosas se reúnem.

Oh! meu Deus! que magnifico espectáculo  
Não é para o que alli não tem amigo,  
Nem irmão, ver as fardas recamadas  
De varias bordaduras, e as diversas  
Armas que ao sol esplendem da batalha!  
Quantos ardentes, bellicos molossos  
Deixaram o covil, e os dentes armam,  
E latem feros anciando a prêsa!  
Todos á caça vão, mas do triumpho  
Poucos devem gosar. A maior parte  
Ao tumulo pertence. Da alegria  
No auge, a destruição dos que morrerem  
Apenas poderá dizer o numero.

Três exercitos se unem differentes  
Para fazer o sacrificio; extranhas  
Orações linguas três a Deus enviam;  
Escarnecendo o firmamento, ondeiam  
Três louções estandartes; longos vivas  
Hespanha, França, Albion, victoria clamam.  
A victima, o inimigo e o aliado,  
Que, indulgente, por todos sempre lucha,  
Porêm sempre debalde, se congregam  
(Nem que morrer na patria não pudessem)  
Para cevar o corvo nas campinas  
De Talavera, e dar fertilidade  
Ao disputado solo.

Aqui os vermes  
 Hão de roer os corpos d'esses loucos,  
 Celebres filhos da ambição, que a honra  
 Depois da morte com seu brilho doira.  
 Sophisma inutil! quando são apenas  
 Miseraveis, quebrados instrumentos,  
 Que aos milhares immolam os tyrannos  
 Para cobrir de corações a estrada,  
 A estrada que os conduz, ao quê? a um sonho!  
 Pode alcançar o despota quem preze  
 Seu imperio, ou chamar sequer um palmo  
 De terra seu, a não ser esse, aonde  
 Emfim tem de tornar-se em pó, em nada?

Ó Albuera, ó glorioso campo  
 De lucto e de tristeza, quem previra,  
 Quando por ti passava o peregrino,  
 Incitando o corcel, que tão depressa  
 Fôras da morte e da victoria a scena?  
 Paz aos mortos. Que a palma do guerreiro,  
 Que as lagrimas vertidas entre os loiros  
 Lhes possam prolongar a recompensa.  
 Até que outros á ordem de outros chefes  
 Succumbam, juntará teu nome o povo  
 Maravilhado, e fulgirás, objecto  
 De seus obscuros, transitorios cantos.

.....

Rapido Harold e solitario segue.  
 Já vê Sevilha que, soberba, ainda  
 Indomita pompeia. Livre, é livre  
 Dos roubadores a almejada presa.  
 Mas em breve a conquista ha de pizal-a  
 Co'os pés de fogo, e ennegrecer cruenta  
 Seus bellos paços. O destino o manda!  
 Quando a destruição conduz seus filhos,  
 Esfaimados leões, contra a fortuna  
 Inutilmente o homem se conspira.  
 Se tal não fosse, inda vivera Troia,  
 Tyro vivera ainda, triumphante  
 Fôra a virtude, nem medrâra a morte.

Porêm, ignaros do imminente estrago,  
 No canto e festas e prazer se engolfam  
 Os habitantes seus. Em varios modos,  
 E extranhos de alegria o tempo levam,  
 Sem que sangrem da patria co'as feridas.  
 O clarim do combate não resôa,  
 Mas do amor a guitarra. Seus sectarios  
 A loucura escravisa; scintillando  
 De mocidade os olhos, a luxuria  
 Gira, alta noite; e o vicio, acompanhado  
 Pelos tacitos crimes das cidades,



Se agarra até á ultima ás ruínas  
Que ameçam cahir.

Mas d'este modo  
Não folga o camponez: junto da esposa,  
Trémula, está occulto, e não se atreve  
Ao longe a distender o olhar afflicto,  
Temendo ver sua vinha destruida,  
Crestada pelo sopro dos combates.  
Já não torneia as ledas castanholas  
O fandango ao luzir da amiga estrella  
Da tarde. Ah! reis da terra, se a alegria  
Que destruis saborear pudesseis,  
Da gloria não soffrereis os trabalhos,  
O rouquenho tambor ficára mudo,  
E inda ditoso viveria o homem.

Que descanta o azemel? bem como outr'ora,  
Os romances, o amor, as pias lendas  
Com que as leguas compridas alegrava  
Ao vivo tintinar das campainhas?  
Não; enquanto caminha, entôa apenas:  
Viva el-rei, que interrompe muitas vezes  
Para amaldiçoar Godoy e Carlos,  
O real consentidor, e a hora infausta  
Em que o mancebo de olhos negros vira  
A rainha de Hespanha, cujo goso  
Adultero brotou á luz do dia  
A vil traição de ensanguentada face.

A alta serra Morena a cada volta  
Sustenta escura as graves baterias;  
E vêem-se até onde o olhar alcança  
Os cortados caminhos, da montanha  
O obus, a pallissada que se errica,  
O fosso cheio, o posto, a guarda álerta,  
Os armazens de guerra entre os rochedos,  
Em pyramide as balas, os ginetes  
Sob abrigos de colmo armados, promptos,  
E o brilhante morrão, acceso sempre,  
Outros tantos annuncios do futuro.

Mas esse, cujo aceno de seus thronos  
Despotas, menos que elle, derrubára,  
Espera um pouco antes que vibre o açoite,  
E faz a graça de os poupar ainda.  
Em breve as suas legiões guerreiras  
O caminho abrirão. Deve o occidente  
O flagello tambem provar do mundo.  
Ah! quão triste ha de ser o dia, Hespanha,  
Em que o abutre das Gallias sublimando  
O vôo, as azas sobre ti abertas,  
Vires os filhos teus arremessados  
Innumeraveis no profundo abysmo!

E hão de cahir os jovens? Os ativos,  
 Os bravos cairão por que o reinado  
 Fatal de um chefe soberboso exaltem?  
 Entre a escravidão e a morte um passo  
 Não medeia sequer? entre o triumpho  
 Da rapina e da Hespanha a triste queda?  
 Ha de castigo tal mandar Aquelle  
 A quem adora o homem, sem que preste  
 As fervorosas súplicas ouvidos?  
 Não vale coisa alguma o desesperado  
 Valor, dos sãos conselhos a prudencia,  
 Do patriota o zelo, a disciplina  
 Do veterano, a ardente mocidade,  
 E dos annos viris o ferreo peito?

Foi para isto que a virgem das Hespanhas  
 Se levantou, e suspendeu nos ramos  
 Do salgueiro a guitarra silenciosa?  
 Foi para isto que, audaz, mudado o sexo,  
 Hymnos de guerra entoou, correu á guerra?  
 A que atemorizava a simples vista  
 De uma ferida, a que o piar do mocho  
 Resfriava de medo, agora encara  
 O choque das columnas de bayonetas,  
 Do gladio o faiscar, e sobre os corpos,  
 Quentes ainda, qual Minerva, marcha,  
 Do que treme até mesmo o proprio Marte.

Vós, que assombrados lhe ouvireis a historia,  
 Se a conhecesseis nos seus bellos dias!  
 Se aquelles olhos negros que escarnecem  
 De sua negra mantilha houvesseis visto,  
 Se lhe escutasseis os alegres cantos  
 Co'as companheiras, se nas longas tranças,  
 Que a arte do pintor em nada tornam,  
 Attentasseis, ou n'essas magas formas,  
 Ou n'essa mais que feminina graça,  
 Não crerieis que a viram nos perigos  
 Sorrir de Saragoça os fortes muros,  
 Com semblante de Górgona as cerradas  
 Fileiras rareando, e pelas asperas  
 Sendas da gloria conduzindo os fortes.

Ca'e o amante? não chora inuteis lagrimas.  
 Morre o chefe? preenche o fatal posto.  
 Fogem os seus? retém-nos na fugida.  
 Cede o contrario? com sua gente o acoessa.  
 Quem do amante melhor calmára os manes?  
 Quem de um chefe melhor vingára a queda?  
 Que outra melhor vigoraria o animo  
 Dos timidos soldados? quem mais bravo  
 O francez fugitivo perseguira,  
 Ante as proprias muralhas que atacava  
 Pelo poder de uma mulher vencido?

Das amazonas não julgueis entanto  
Filhas as hespanholas; para todos  
Os feitiços de amor foram geradas.  
Posto nas armas seus irmãos emulem,  
E ás horridas phalanges se abalancem,  
É o brando furor da rôla amante,  
Que bica a mão que o companheiro ameaça.  
Na firmeza ou doçura muito excedem  
Dos mais remotos climas as mulheres,  
Só afamadas no falar continuo.  
Mais nobre é seu espirito, e suas graças  
Talvez são tantas como as graças d'ellas.

Em ligeira covinha profundada  
Pelo dedo do amor a lisa barba  
Que brandura não mostra! Aquelles labios,  
Aonde já os beijos se debruçam  
Quasi a deixar o ninho, ao homem dizem  
Que para os merecer seja valente.  
Em seu olhar que formosura rude!  
Embalde Phebo quer murchar-lhe as faces;  
Da amorosa impressão mais frescas brilham.  
Quem buscará do norte as desmaiadas  
Bellezas? como são de encantos pobres!  
Como fraqueza e languidez respiram!

Terras que em seu cantar celebra o vate,  
Harens do oriente, onde na lyra exalto,  
Longe, bem longe, formosura tanta,  
Que nem o maior cynico a negára,  
Comparae-me as hourís, ás quaes apenas  
Deixaes provar do zephyro a bafagem,  
De medo que no vento o amor aspirem,  
Da Hespanha ás filhas de olhar negro e ardente,  
E allí direis achar-se o paraíso  
Do vosso bom propheta, e as de olhos pretos  
Virgens celestiaes, sêres angelicos.

\* Ó tu, Parnaso, que eu agora vejo,  
Não no delirio de escaldado sonho,  
Não através do fabular dos bardos,  
Mas de neve coberto, erguendo a fronte  
No teu nativo céu em toda a pompa  
Da agreste majestade das montanhas,  
Quem levará a mal este meu canto?  
O mais humilde peregrino, alegre,  
Quando passa por ti, co'os sons da lyra  
Os echos te convida, bem que as musas  
Já não desprendam do teu cume os vôos.

Ah! quantas vezes não sonhei contigo,  
Comtigo, cujo nome glorioso  
Só não conhece quem de todo ignora

Da humanidade o mais divino emprego!  
 E hoje, que assim te vejo, com vergonha  
 Em debeis sons, e tímido te adoro.  
 Tremo, curvo o joelho ao recordar-me  
 De teus adoradores de outras eras.  
 Não posso a voz erguer, voar não posso;  
 Mas sob o teu docel de vastas nuvens  
 Pasmado te contemplo e silencioso,  
 Ledo por a final gosar tua vista.

Mais feliz n'este ponto que os maiores  
 Vates que de ti longe foram presos  
 Pela mão do destino, hei de, insensível,  
 Presenciar a consagrada scena,  
 Por que outros, sem a ver, deliram tanto?  
 Posto já não frequente a gruta sua  
 Apollo, posto agora sejas tumulo,  
 Não assento das musas, n'estes sitios  
 Vaga não sei que espirito formoso,  
 Que suspira na aragem, que preside  
 À mudez das cavernas, que deslisa  
 Com vitreos pés nas aguas melodiosas.

A ti pertencerão, a ti meus versos,  
 A ti por quem deixei o meu assumpto  
 Para dar-te homenagem; por tua causa  
 A terra, os filhos esqueci da Hespanha,  
 E as virgens suas, e o seu fado mesmo,  
 Querido a todos que se dizem livres,  
 Tudo para saudar-te, não sem lagrimas.  
 Ora sigo. Permite-me comtudo  
 Que do retiro teu sagrado leve  
 Uma reliquia só, uma memoria.  
 Dá-me uma folha da immurchavel planta  
 De Daphne, e faze que do teu devoto  
 Não me creiam alarde as esperanças.

Mas nunca viste mais brilhante côro,  
 Quando a Grecia floria, ó bello monte,  
 Em redor de tua base agigantada;  
 Nem viu Delphos jámais, a propria Delphos,  
 Quando a sacerdotisa os pythios hymnos  
 Soltava, accesa em sobrehumano fogo,  
 Mais proprias virgens para os ternos cantos  
 Inspirarem de amor que as andaluzas  
 Nutridas no regaço escandecido  
 Do aprazível desejo; assim gozassem  
 De sombras tão pacificas, ó Grecia,  
 Como inda as tuas são, posto sem gloria.

Bella é a altiva Sevilha; justamente  
 Póde n'ella apontar soberba a Hespanha  
 A riqueza, o poder, a antiguidade;

Mas Cadis em distancia levantando-se  
 Na costa a um pensamento nos obriga  
 Mais deleitavel, sim, porêm ignobil.  
 Quão suaves não são os teus caminhos,  
 Vicio voluptuoso! Quem na quadra  
 Em que da mocidade o sangue ferve  
 Ao fulgir de teus olhos dardejantes  
 Poderá escapar? Hydra escondida  
 De um cherubim na imagem, famulento  
 Nos requestas moldando a cada gosto  
 Tua querida, enganadora sombra.

Quando o tempo lançou por terra Paphos  
 (Tempo maldicto que a rainha mesmo  
 Que tudo vence á tua acção sujeitas),  
 Os prazeres fugiram procurando  
 Outro, como esse, abrasador terreno,  
 E ao natalicio mar Venus constante,  
 Inda que a nada mais, voou direita  
 Aos brancos muros da formosa Cadis,  
 E dentro d'elles construiu seu templo;  
 Mas não foi este o unico, milhares  
 D'elles, sempre de luzes scintillando  
 Em seu culto e louvor ha dedicados.

## NUNCA MAIS

Nunca mais áquellas horas  
 Em que eu ver-te costumava,  
 Quando já para o occidente  
 A luz do sol caminhava,

Nunca mais, ó minha bella,  
 Entre os vivos te hei de ver,  
 Que do teu leito de pedra  
 Já te não podes erguer!

Aquelle amor que me deste,  
 Que hoje ainda me alumia,  
 Que findara tão depressa,  
 Ai de nós! quem o diria?

Como a tua frente calma  
 E gentil se levantava!  
 Como das rosas da vida  
 Alegre se coroava!

E pelos goivos da campa,  
 A morte as rosas trocou,  
 E as rosas de tua face  
 Tambem, cruel, as murchou!

Afoita no mundo entravas  
 Toda fagueira e risonha,  
 Como quem n'elle innocente  
 Ainda co'os anjos sonha.

Mas, logo aos primeiros passos  
 Que na existencia tu deste,  
 Encontreaste a sepultura,  
 E para o mundo morreste!

Perdi-te; perdi minh'alma,  
 E a luz minha não te vendo,  
 E, do que fui como sombra,  
 Entre os homens vou soffrendo.

E nunca mais, ó querida,  
 Eu te hei de ver! Nunca mais  
 Hei de gosar teus carinhos,  
 Tuas graças divinaes?

Tudo acabou, foi contigo;  
 Tudo acabou; e eu fiquei!  
 Ah! porque tambem a vida  
 N'esse instante não deixei?

Não o quiz o meu destino,  
 Por que toda houvesse a dor,  
 Para deixar-me a saudade  
 Do nosso perdido amor;

Para que eu compare os tempos  
 Da ventura e da desgraça,  
 E veja que uma foi breve,  
 Mas que a outra nunca passa.

Já não goso de teus olhos  
 A luz que me fascinava;  
 Já tua voz não escuto  
 Que do empyreo me falava!

Já não sorriem teus labios,  
 Já não te vejo mover,  
 Já do que é teu nada tenho!  
 Que faço pois em viver?

Como o tronco despojado  
 De folhas, quasi cahido

No declive da montanha,  
 Sobre o abysmo suspendido,

Que sente a grossa torrente  
 As raizes lhe banhar,  
 Com que ainda se alimenta,  
 Mas que a morte lhe ha de dar,

Assim vivo eu n'este mundo  
 Por meu pranto sustentado,  
 Até que por elle ao tumulo  
 Seja tambem arrastado.

Assim vivo, ó alma pura,  
 Desde aquelle triste dia,  
 Em que o teu corpo formoso  
 Me encobriu a terra fria.

Que me resta pois? a magoa,  
 E do que foi a lembrança,  
 O mundo sem ti deserto,  
 E sem ti morta a esperança.

---

## UM QUADRO

Quero, ó pintor, um quadro bem singelo:  
 — Nem lagos, nem jardins, enlevo d'olhos,  
 Nem denso bosque, nem relvoso prado,  
 Nem pinturas de amor, nem calmas scenas  
 Do campo, nem imagens de ventura;  
 Não, nada d'isto; pinta-me um rochedo  
 Onde se veja solitaria campá,  
 Que signale uma cruz; e ao pé o oceano  
 Estendendo o sudario de suas aguas,  
 Grande, insondavel, do infinito imagem,  
 Até ir confundir-se no horizonte  
 Co'o fundo azul do céu; é quanto peço;  
 Que n'esta solidão quero a minh'alma  
 Solta lançar, enchendo-me o deserto  
 Do illimitado mar, do céu sem termo  
 A idéia de Deus, e o desengano  
 D'este penar a que chamamos vida.

---

## TEU NOME

Porque a toda a hora e instante  
 O nome teu pronúncio,  
 O minha candida amante?  
 O nome teu mais macio

Do que a brisa que murmura  
 Em calmosa tarde estiva  
 Do prado pela espessura,  
 E faz que o prado reviva?

E que com elle na bocca  
Sinto dos labios o fel  
Que logo se abranda e troca  
No mais saboroso mel;  
É porque elle é para mim,  
Como a brisa para as flores,  
Que perpassa no jardim  
Espalhando os seus odores.

Quando amanhece eu o digo,  
Qual se fosse uma oração,  
Em que vae buscar abrigo  
Meu afflicto coração;

Repito-o sempre de dia,  
E depois, quando anoitece,  
Como um astro me alumia,  
E consolar-me parece.

Até dormindo, meus sonhos  
Alegres me vem tornar,  
Ou os espectros medonhos  
Com seu brilho afugentar.  
Sempre, ou soffra, ou durma, ou vele,  
Ó minha amada, eu o vejo,  
Porque tu me falas n'elle,  
E tu és meu só desejo.

## D. MARIA TELLES

Eram da noite as horas derradeiras;  
Pouco tardava que a manhan viesse  
Do seu manto d'estrellas  
Despir o marchetado firmamento.  
Jazia socegada  
Coimbra, a bella, e a candida Maria,  
A irman de Leonor, longe do esposo,  
No seu ducal palacio repoisava.  
Triste, distante d'elle, conta os dias,  
Dias que lentamente vão passando,  
E que só a esperanza  
De cedo o ver de leve suavisa.  
Cansada de pensar, no brando leito,  
Agora solitario,  
Embalde revolvendo-se,  
Por longo tempo o somno procurara,  
Até que, a natureza  
De todo subjugada, adormecera.

Mas nem assim o espirito se acalma.  
Sonha, e em sonhos se lhe pinta a imagem  
Do caro esposo que lhe está na mente.  
Vê-o que ao lado seu lhe diz que a ama,  
E, leda percorrendo  
Do seu viver de amor as horas todas,  
Em todas ellas a ventura encontra.

Agora é a vez primeira que se viram,  
E o olhar que a centelha  
Foi do voraz e subitaneo incendio;  
Logo desejos, confidencias, preces,  
As queixas, os suspiros namorados,  
E o primeiro d'amor nectareo beijo,  
Que ardentes mil e mil depois seguiram.

Outras vezes em extase,  
 Como presente, vê em santo laço  
 Por Deus abençoado, unirem-se ambos;  
 Depois, sempre felizes,  
 Uns após outros succeder os dias.  
 Se do seu D. João o estar ausente  
 Lhe vem acaso perturbar os sonhos,  
 Logo imagina tornará em breve;  
 Que já parte; que chega; que ditosa  
 Toda banhada em lagrimas e risos,  
 Se lança nos seus braços,  
 E n'elles outra vez encontra a vida.

Assim de pensamentos de alegria  
 Seu dormir povoava;  
 Mas de repente, em sobresalto, acorda.  
 Tropel ruidoso e retinir de ferros,  
 Inda meio desperta,  
 Sente, e de medo o sangue se lhe gela.  
 Jesus! e, as mãos alevantando tremulas,  
 Ao Eterno supplica  
 Em muda prece, que falar não ousa.  
 Jesus! e já forçada  
 A porta do aposento range, cede,  
 E de roldão por ella precipita-se,  
 Dos seus á frente, de furor armado,  
 Quem? o seu proprio esposo!

Do leito a pobre se ergue espavorida,  
 E, apesar do perigo,  
 Vergonhosa, cobrir tentando as formas,  
 As bellas formas, que a nudez revela,  
 Aos pés d'elle se lança,  
 Inundando-os de lagrimas,  
 Ainda por o ver esperançosa.

Quem se não abrandara,  
 Contemplando tamanha formosura,  
 E nós olhos chorosos  
 Vendo-lhe a alma limpa retratada?  
 Elle, o cruel ministro  
 De Leonor, da maldade conselheira;  
 Elle, que a nada cede;  
 Que a repelle de si; que a não attende;  
 E sobre a que o amou e ama tanto,  
 E o perfido sómente amar fingira  
 Cospo a injuria, a maldição, a infamia.  
 Quanto mais pede a triste, mais a raiva  
 Encrucece do esposo;  
 Porêem ella animosa,  
 Como quem não tem crime, os pés lhe abraça;  
 Supplica; geme; chora; e a Deus atesta,  
 A Deus, que tudo sabe, e é testemunha



De sua pura existencia.  
 Em vão; nada lhe vale!  
 Antes, a seus protestos só responde  
 O impio com suspeitas, com affrontas,  
 E sobre o tenro corpo,  
 De su' alma fiel formoso abrigo,  
 Abrasado em furor levanta a espada.  
 Baixa, qual raio, o golpe, o sangue em jorros  
 Salta, e com elle se lhe esva'e a vida.

Mal em terra a divisa, eis que se apossa  
 Do assassino o terror; foge, e os seus passos,  
 Nos longos corredores resoando,  
 Pavor lhe infundem, porque vão com elle  
 Do seu crime os remorsos.

Oh! maldicta a ambição que uniu conformes  
 A irman barbara e falsa, e o esposo ingrato,  
 Feroz e desleal contra a innocencia!

Mas do céu a vingança  
 Não tarda: Leonor o throno deixa,  
 Deixa o poder, a estrella que aos seus crimes  
 A conduziu das trevas da su' alma;  
 Tudo perde: o esposo, o sceptro, o amante,  
 A Patria, e em meio do remorso a vida.

Elle, no peito o inferno,  
 Longe dos seus, na terra do desterro,  
 Sómente do seu crime acompanhado,  
 Vê o irmão sobre o throno, e afflicto morre.

---

## PARA UM TUMULO

Entre rochas, á sombra do cypreste,  
 Candida rosa, despontaste um dia,  
 E o pranto que, nascendo, tu verteste  
 Cahiu de tua mãe na loisa fria.

Eras formosa, e a propria formosura  
 De que foste dotada te perdeu;  
 Mas, se amor te cavou a sepultura  
 Foi só para te dar o amor do céu.

---

## CANÇÃO DO PESCADOR

Trabalhosa é nossa vida  
 Exposta ás ondas e ao vento;  
 Podemos ver n'um momento  
 A cova o mar nos abrir.

Entre a incerteza e a esperanza,  
 Sempre á sorte larga a vela,  
 Não sabemos se procella,  
 Ou calma nos ha de vir.

Mas, por mais que seja o p'rigo,  
Tudo esquece o pescador  
Quando á volta em casa entra,  
E acha n'ella paz e amor.

É feliz nossa pobreza;  
Ás vezes desgraça o oiro;  
Nós temos nosso thesoiro  
No mar e na mão de Deus.

Em nosso barco ligeiro  
Que nos leva onde queremos,  
Em nossas vélas e remos,  
N'este sol, e n'estes céus;

Mas inda mais na alegria  
Que acha á volta o pescador,  
Na mulher que ha muito o espera,  
Nos filhos, na paz, no amor.

## A ESTRELLA E O TUMULO

Á MORTE DO POETA PORTUGUEZ SOARES DE PASSOS

Pobre poeta, nunca mais teu canto,  
Aonde o coração todo vasavas,  
Ha de prender-nos em suave encanto.

Para teus males embalar cantavas,  
Qual faz o viajor em agra via;  
Muitos criam sómente que sonhavas.

Sonhavas, mas co' a luz do ethereo dia;  
Não com o mundo, não, que o seu ruído  
Ao longe, em confusão tu' alma ouvia;

Qual naufrago do mar embravecido  
Já livre, que, das costas apartado,  
Apenas lhe ouve o indomito rugido.

Só, nos teus pensamentos embrenhado,  
Ias buscando outro ar, outra existencia,  
A que tinhas em extasi ideado,

Eterna, pura, de divina essencia,  
Sem trevas, sem fadigas, sem escolhos,  
Como a gosa dos anjos a excellencia.

E levavas fitados os teus olhos  
N'uma vivaz, fascinadora estrella,  
Sem do caminho veres os abrolhos.

O que é que te importavam? tinhas n'ella  
Teu ser, a tua luz nos seus fulgores;  
Resplandecia tão serena e bella!

Era o astro dos célicos amores,  
Que d'esta ingrata vida transitoria  
Te convidava a abandonar as dores.

Era o sol do porvir, o sol da gloria,  
Que te dizia: caminhar ávante,  
Para alcançar o premio da victoria.

E tu ias co'a fronte radiante,  
Parecendo attender a suas vozes,  
Quasi a colher a palma triumphante.

Mas cada vez os cardos mais atrozes  
Te punghiam o corpo lacerado;  
Nem já eram teus passos tão velozes.

E mais e mais tornava-se apertado  
O caminho, mais ingreme e fragoso,  
Do sangue de teus pés já purpurado.

Porêm, o olhar no astro luminoso,  
Que então com maior brilho te guiava,  
Tu soffrias o transito penoso.

Que mysterios dos anjos te contava  
Para assim te prender o pensamento,  
Que das coisas humanas não cuidava?

Como fazia claro o firmamento!  
Mas eis pára de subito na altura.  
Oh! singular, oh! magico portento!

Não o podes soffrer, tanto fulgura!  
Baixas a vista perturbada, cega,  
E tropeças em fria sepultura.

Tu que chegaste aqui a mim te chega,  
Lia-se n'ella escripto; aqui o termo  
É do caminho, aqui a dor socega.

Paremos pois aqui, meu peito enfermo;  
Não posso ir mais adeante; o poiso é este.  
Dizes; olhas em roda; e vês um ermo,

Sem ar, sem agua, requeimado, agreste,  
Monótono, sem fim, sem esperanza,  
Onde a vida o pavor da morte veste,

Onde as procellas nunca te'm bonança,  
Onde harmonia é da tormenta a lucta,  
Ermo do negro inferno semelhança.

Mas n'este passo limpida se escuta  
Uma fala tão candida e argentina,  
Que do céu, não da terra se reputa.

Sequiosa tu' alma o ouvido inclina  
Ao tumulo, pois soa dentro d'elle,  
E vae atrás do enlevo que a fascina.

Um secreto poder te chama e impelle  
Ao meu seio, ó miserrimo poeta;  
Vem a mim, já que o mundo te repelle.

Eis afinal do padecer a meta;  
Descansa do trabalho; Deus o ordena;  
Trouxe-te aqui o teu fatal planeta.

Vem; troca a triste vida em vida amena;  
Annos de dor em florea eternidade;  
A tumultuosa guerra em paz serena.

Vem; eu só hei de dar-te a realidade  
Dos sonhos teus que o mundo não entende.  
Para o que soffre a morte é f'licidade.

Estas palavras funebres desprende  
A voz mysteriosa; e o monumento  
Do teu astro co'a luz todo se accende.

Depois escutas celestial concento  
Que entra no coração, e grato aroma  
Aspiras que amenisa teu tormento.

Um deliquio depois teu corpo toma;  
Sentas-te nos degraus da sepultura,  
E suave torpor teus olhos doma.

Depois a fronte inclinas; visão pura  
Te lança os braços; n'elles adormeces;  
E em breve acordas na celeste altura!

Assim, misero bardo, assim fenêces!  
Mas, cada vez mais radiosa e bella,  
Sobre o tumulo teu, qual se vivesses,  
Vive, reluz ainda a tua estrella.

---

## PARA CANTO

Salve, noite silenciosa;  
Salve, abrigo da saudade;  
Em ti posso em liberdade  
O meu pranto derramar.  
Vem consolar minhas dores;  
Vem ouvir o meu chorar.

Quantas vezes confidente  
Do meu amor não has sido;  
Porêm tudo está perdido;

Já ninguem me quer amar.  
Vem ao menos, noite amiga,  
Vem ouvir o meu chorar.

Mas, se nem tu piedade  
Tens da minha triste sorte,  
Venha compassiva a morte  
Dor tão funda me acabar;  
Venha, e nunca mais, ó noite,  
Ouvirás o meu chorar.

## AMEMO-NOS

Amemo-nos, amemo-nos;  
Da passageira vida  
Inteiro o fundo calice  
Bebamos, ó querida;

Mas eu n'esses teus labios,  
E tu nos labios meus.  
Em longos tragos, soffregos,  
Como licor dos céus;

Dando-me tu em osculos,  
Ó rosa, o teu perfume,  
Eu da minh'alma dando-te  
O ardor que me consume.

Embora sôe o fremito  
Do mundo baixo e vil,  
Embora, nós gosando-nos  
Em sempiterno abril,

Como em seu ninho alcyone  
Vogando sobre as aguas,  
D'este mundano pélagos  
Voguemos entre as magoas,

Porêm alçando canticos  
De paz ao Creador,  
Porêm cantando unisonos  
Amor, sómente amor.

Que mais pretendo? As glorias  
Da terra são-me inuteis;  
És meu desejo unico;  
O resto... coisas futeis.

É muito mais que a purpura  
Viver em doce enleio  
N'esses teus braços tremulos  
De amor e de receio,

Receio d'alma púdica  
Medo do pejo filho,

Que inda te faz mais candida,  
Que inda te dá mais brilho.

Quizesse tu! podiamos,  
Inveja dos humanos,  
Como quieto corrego,  
Sentir correr os annos;

Eu nos teus olhos vendo-me,  
E tu vendo-te em mim,  
Do peito meu no intimo,  
No meu amor sem fim.

De rosas e de lirios  
Juncára-te os caminhos;  
Déras-me em paga innumerous  
Afagos e carinhos.

Fôras meu Deus, meu idolo;  
Eu teu escravo fôra,  
Em te servir solícito,  
Como a real senhora.

Assim os dias prosperos  
Correram do existir.  
Do que passava improvidos,  
Fiados no porvir,

Assim entre delicias  
Unidos, abraçados,  
A vida logriamos  
Sem pena, sem cuidados.

Ah! se o quizesse... ouve-me  
Bem sabes quem t'ó pede;  
Amor, de tudo arbitro,  
É que t'ó roga; cede.

Cede; não sejas impia;  
Vem, que de tí preciso;  
E a vida, mar inhospito,  
Far-me-has um paraíso.

# LAMPEJOS

SEGUNDA EDIÇÃO

---

## A TORRES VEDRAS

AO MEU AMIGO O VISCONDE DE CASTILHO (JULIO)

Apraz-me o cimo alpestre da montanha,  
D'onde se alcança ao longe a immensidade  
Dos campos ou do mar a majestade,  
Que ante a vista se perde e a costa banha;  
Mas apraz-me tambem verde planura  
Toda fechada de soberbos montes,  
Que sustentam, parece, a esphera pura  
Sobre as altivas, grandiosas fronte.

Tendo a terra a seus pés, o homem-verme  
Da sua pequenez se capacita;  
Julga a raça mortal que em baixo habita  
Ostentosa, mesquinha, pobre, inerme;  
E, aniquilado, ao alto firmamento  
Os olhos alevanta, o espaço corre,  
E sublima até Deus o pensamento,  
Que é poderoso só, que nunca morre.

Mas no fundo do val, no extenso plano,  
Que muralha ondeada serrania,  
Como que o céu na terra principia,  
E, mais perto, se torna mais humano;  
As encostas de aspecto verdejante  
Ascendei até elle estão dizendo;  
E a abobada divina, scintillante.  
Sobre a nossa cabeça está pendendo.

Alli a scena austera se desdobra,  
E a cega mente e o coração confrange;  
Alli ao que é sem termo e não se abrange  
Aspira o terreo pó, tão fragil obra;  
E, procurando a Deus, a Deus despréza,  
Pois do que foi por sua mão creado,  
Dos que te'm sua propria natureza  
Como que aparta os olhos indignado.

Aqui não; aqui soffre e se resigna  
Ao seu breve passar por entre dores;  
Folga; lida; padece; canta amores;  
E não se crê de Deus feitura indigna;  
Aqui só vê os céus, e nunca o iroso  
Tetrico horror do pélago profundo;  
Aqui vive melhor, mais em repouso,  
Mais apartado do restante mundo.

É por isso que te amo, ó campo ameno  
De Torres Vedras, onde pulso agora  
A triste lyra, que na ausencia chora  
Dos que a vida me te'm, do meu terreno;  
É por isso que venho solitario  
Em ti vagar, quando fenece o dia,  
E em teu seio guardar, como em sacrario,  
A saudade que o peito me agonía.

Ah! quanto és venturosa entre os encantos,  
Que por todos os lados te rodeiam,  
Entre esses fertes montes, que se arreiam  
Dos mais viçosos, peregrinos mantos!  
Ah! como és socegada n'este azylo  
Que amiga te fadou a natureza!  
Que enlevo d'alma! Que existir tranquillo!  
Que suave, que mórbida tristeza!

As vinhas pela encosta se penduram;  
Em baixo cresce o milho; e d'ahi perto  
O verde-escuro cannavial incerto,  
Cujas folhas ao zephyro murmuram;  
Além, vestindo as formas da montanha,  
Se alonga espesso pinheiral bravío,  
Que, por ella subindo, a altura ganha,  
E inteira a cobre com seu véu sombrio.

Onde o trigo brotou hoje trabalha  
Na lisa eira o camponez robusto,  
E, suando e cantando, bate a custo  
Co'os paus girantes a cortada palha.  
Ouve-se o tilintar das campainhas  
Dos rebanhos, o brado dos pastores;  
Vêem-se as branquejantes ovelhinhas;  
Sentem-se os seus balidos gemedores.

O possante carvalho, a fresca olaia,  
O salgueiro folhudo e viridente,  
O álamo mudavel e tremente,  
O chorão lastimoso, a branda faia,  
E o choupo estreito, que em fileiras orna  
Do teu serpeante rio as margens bellas,  
Tudo de graças mil te cinge e adorna;  
E a alma quasi que se esquece, ao vêl-as.

E veio perturbar tal formosura,  
 Tamanha solidão a infausta guerra,  
 Como se não houvesse uma outra terra  
 Para servir dos homens á loucura!  
 Do vosso nome, que morrer não ha-de,  
 Quem se pode esquecer, linhas terríveis,  
 Santo muro da nossa liberdade,  
 Sepultura das aguias invencíveis?

Vedes um forte alêm, d'aquelle monte  
 No pincaro? Atalaia alli postada,  
 Cheia d'homens, áleria, sempre armada,  
 Com os olhos attentos no horizonte  
 Elle foi d'antes; hoje, quão diverso!  
 Nem sequer uma voz dentro resôa;  
 Desmantelado, na mudez submerso,  
 Agora a paz do tumulto o povôa.

Mas que outro quadro ainda na memoria  
 Se me apresenta e o coração me enlucta?  
 São dois bandos irmãos em lide bruta  
 Sobre o corpo da mãe, peleja ingloria!  
 Foi aqui, do Cizandro junto á beira,  
 Que pugnaram os lusos fraticidas,  
 Que só deviam ter uma bandeira;  
 Foi aqui que findaram tantas vidas.

Embalde o céu com rigoroso inverno  
 Lhes quiz dos golpes atalhar a furia:  
 Era preciso haver mais esta injuria  
 Á humanidade; triumphou o averno!  
 Embalde o rio, as aguas engrossando,  
 Os buscou separar; estava escripto!  
 Sobre a ponte uns e outros avançando  
 Correram da batalha ao fero grito.

N'este sitio onde estou, n'este castello,  
 Já quasi como agora então ruína,  
 Que o plaino todo em roda e a ti domina,  
 Se assentou dos humanos o flagello.  
 D'aqui partiu a arremessada bala,  
 Por companheira conduzindo a morte;  
 Aqui tombou no solo, já sem fala,  
 Com a espada na mão, o bravo, o forte.

Que vista! Das descargas ao ruído  
 Os teus montes attonitos gemeram;  
 Mudas as tuas aves se esconderam;  
 E tu tremeste do lethal bramido.  
 Em logar dos gorgeios e descantes,  
 Do campestre labor, do rir jocundo,  
 Só se ouviam as armas trovejantes,  
 O gemido, o estertor do moribundo.



Após alguns momentos, da batalha  
A braveza acabou: qual morre exangue;  
Qual para sempre jaz, do proprio sangue  
Envolvido na rúbida mortalha;  
Qual boia do Cizandro na corrente,  
Vermelha ainda do combate rudo.  
Reina silencio horrivel finalmente,  
O silencio da morte; acaba tudo!

Hoje és outra; és feliz. Já muitos annos  
Cicatrizaram a cruenta chaga;  
Hoje a serena paz te adita e afaga;  
Nem mesmo lembrás da procella os damnos.  
Ah! que nunca mais voltém! Folga e sonha;  
O Senhor não te fez para taes scenas;  
Não te cabe o chorar, villa risonha,  
Nem da tortura amargurosas penas.

Como é bello aqui ver do dia o lume,  
Quando, já aclarado o céu primeiro,  
Por não te deslumbrar co'o brilho inteiro,  
Resplandece dos montes sobre o cume!  
Na planicie ou na equorea immensidade  
Levanta-se offuscado de vapores;  
A ti só quer em toda a majestade  
Apparecer sem demudar as cores.

Porêm mais bello ainda é, quando pende,  
E se esconde afinal todo brilhante  
Por detrás de cabeça verdejante,  
Cuja sombra no chão ao longe estende;  
Emquanto que no oceano ou na campina,  
Quando vae a tocar do curso a raia,  
Tira as settas de fogo e não fulmina,  
E no momento de ca'ir desmaia.

Então meigo, poetico, sombrio,  
O pallido crepusculo acoberta  
Com o raro cendal e a luz incerta  
O céu, os montes, a planura, o rio;  
Então as aves subito aos milhares  
Soltam o canto em modulada nota,  
E da esphera, e dos campos, e dos ares  
Uma indizível harmonia brota.

A languida tristeza d'essa hora  
Só a pôde esboçar de leve a idéia;  
Do desespero as lagrimas enfreia;  
Consola e faz pensar, fere e enamora;  
Tudo nos move e poesia inspira;  
Tudo de amor e de saudade fala;  
O peito, sem querer, geme, suspira,  
E as amarguras íntimas exhala.

Tem voz a ave; a fonte sonora,  
 Que então mais triste, mais suave corre;  
 O froixo azul da abobada que morre;  
 A terra que esmorece luctuosa;  
 A vespertina, refrescante aragem,  
 Que murmura ao passar os seus segredos  
 No cannavial sonoro, na ramagem  
 Dos copados e bastos arvoredos.

Em fim o dia acaba e a luz te deixa.  
 Vem a noite; e com tecto marchetado  
 Sobre teus altos montes sustentado  
 Vela-te o somno e sobre ti se fecha;  
 Ou manda illuminar-te a argentea lua  
 Com seu clarão phantastico; e o mysterio  
 Que então derrama pela face tua  
 Te faz assemelhar a sonho aereo.

Ah! quem tem coração que dores sinta  
 Que venha aqui desafogar as magoas!  
 A esta natureza, a estas aguas  
 O pintor, o poeta peça a tinta.  
 A inspiração n'esta fagueira estancia  
 Mora, como se fosse no seu templo.  
 Mas adeus, ó paiz d'alma fragrancia;  
 É a última vez que tẽ contemplo.

Adeus; fica-te em paz, e no teu seio  
 Guarda-me as queixas vans que em vão suspiro;  
 E, quando o sol finalizar o gyro,  
 E as aves desprenderem o gorgéio,  
 Recorda-te de mim por um instante;  
 E em seu trinar e no sussurro vario  
 Da viração nos ramos ouve o amante  
 Que errou pelos teus campos solitario.

Torres Vedras -1867- Julho

## PERFUME QUE PASSA

Diz o seu rosto innocencia;  
 Dizem seus olhos bondade;  
 Tem o sorriso nos labios;  
 Dentro d'alma a castidade.

Faz bem á minha tristeza  
 A sua ingenua alegria;  
 Por isso, quando ella passa,  
 Das outras em companhia,

Tão formosa e feiticeira  
 Como suas bellas irmans,

As flores, que abrem as folhas  
 Da primavera ás manhans,

Eu paro, e ponho os meus olhos  
 No seu candido semblante,  
 E enlevado o som lhe escuto  
 Da voz meiga, insinuante.

Depois, quando ella ha passado,  
 Fica em mim não sei que lume,  
 Não sei que alento de vida,  
 Não sei que vago perfume.

## MED EN BLOMMAS BEHAG

VERSÃO DO SR. GÖRAN BJÖRKMAN

Hennes anlete af oskuld,  
Hennes blick af godhet lyser.  
Kyskhet talar ur det löje,  
Hvarmed hon mot världen myser.

Hennes oerfarna glädje  
I min natt en Giesglimt sprider.  
Därför vakt jag på mitt fönster  
Håller, om förbi hon slerider.

Därför när med en väninna  
Henne jag hitåt hör nalkas,

Älsklig likt sin syster sippan,  
Som med vinterns köld djärfsskalkas,

Står jag strat på post vid fönstret  
Att med blicken henne sluka  
Och att lyss till hennes stämma,  
Som kan göra stenar mjuka.

Sedan, när hon är ur synhåll,  
Länge kvar en Gies ning dröjer  
I min själ—en glimt af lifsmod,  
Och en vårlig doft jag röjer.

## WANDELNDE WONNE

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Unschuld spricht aus ihrem Antlitz,  
Aus den Augen spricht die Güte,  
Auf den Lippen ruht ein Lächeln  
Und die Keuschheit im Gemüthe.

Ihre harmlos-heit're Freude  
Beut Erleicht' rung meinem Harme;  
Wandelt sie an mir vorüber  
Mit den And'ren, Arm in Arme,

So entzückend und bezaubernd  
Wie die Blumen, ihre holden  
Schwestern, die im Lenz entknospen,  
Wenn die Sonne lacht so golden:

Dann—gefesselt steh'und schau'ich  
Auf das reine Huldgebilde,  
Und den süßen Klang belausch'ich  
Ihrer Stimme, weich und milde.

Ist sie fort, verbleibt mir drinnen—  
Weiss es selbst nicht—welche Sonne,  
Weiss es selbst nicht—welches Leben,  
Weiss es selbst nicht—welche Wonne!

## PERFUME QUE PASA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Dice su rostro inocencia;  
Dicen sus ojos bondad;  
La risa mora en sus labios;  
En su pecho, castidad.

Calmarse siento mis penas  
Al ver su ingenua alegría:  
Por eso, quando ella pasa  
En juvenil compañía,

Tan hermosa y hechicera,  
Con las flores, sus hermanas,

Que entre perlas desabrochan  
Primaverales mañanas,

Suspenseo fijo mis ojos  
En su cándido semblante,  
Y extasiado escucho el eco  
De su voz insinuante.

Y despues de haber pasado,  
Deja no sé que luz calma,  
No sé que aliento á la vida,  
No sé que aroma en el alma.

---

## RECORDAÇÃO E PRESENTIMENTO

Aquelles versos meus, aquelles versos,  
Ais que sempre guardar em mim devia,  
E que, espontaneos, de repente, um dia  
Sahiram para o mundo em sons dispersos,

Que por isso amo tanto, que submersos  
Me deixam o sentir e a phantasia  
Em doce, mas cruel, melancholia,  
Cada vez que os recordo, aquelles versos

Ditos pelos teus labios e memoria,  
Verteram-me, ó poeta, um vivo alento  
No coração, de entusiasmo e gloria:

É que julguei ouvir o grato accento  
Do meu passado, e o hymno da victoria.  
Que sonho, que visão, que encantamento!

---

## OUVINDO-A

O quebro da ave que saudosa trina,  
A brisa inquieta que nas folhas geme,  
A voz do nauta que descanta ao leme,  
Quando o orbe argenteo na amplidão domina,  
Não me entram n'alma, nem jámais me prendem,  
Como os effluvios que de ti descendem,  
Anjo ou mulher, na tua voz divina.

Não é que soltes inspirada as notas  
De Donizetti, de Bellini ou Verdi,  
Que nos infundem sensações ignotas,  
Por onde a mente a delirar se perde:  
Não cantas, falas; mas que doce canto  
Do que tu dizes a expressão traduz?  
É melodia, é sentimento, é luz!  
Se és tão formosa, se te prézo tanto!

Oh! vem; modula-me as palavras ternas,  
Com que me abrandas o vulcão do seio,  
Com que me tiras do febril langor;  
Quero, escutando-te em formoso enleio,  
Voar, voar ás regiões eternas,  
Onde se vive de immortal fulgor.  
Oh! vem casar á minha rude lyra  
Essa voz bella que no céu se inspira,  
Essa voz bella que me diz amor.

---

## A CAMÕES

O teu livro, ó Camões, ó poeta divino,  
Resume um povo inteiro e de um povo o destino:  
Sua origem, seu nome, e o seu formoso solo,  
Fertil berço de heroes, que de um polo a outro polo,  
Desde a extrema do occaso ao remoto oriente,  
Levaram seu pendão vencedor e potente,  
Entre o ferro, entre o fogo e as procellas do abysmo,  
Semideuses no esforço, exemplos de heroismo.  
D'essas aguias que teve o passado distante,  
D'esses astros sem luz tu foste o sol brilhante,  
Ó soberbo cantor. Levantou-lhes a historia  
Estatuas colossaes sobre bases de gloria;  
Mas ao marmore tu com tua omnipotencia  
Déste fala, calor, uma nova existencia,  
E d'aureola eterna a fronte lhes ornaste,  
E do tempo através ao porvir os mostraste.

Tudo isto o livro teu nos seus versos encerra:  
De uma nação a vida; as façanhas da guerra;  
As sciencias da paz; as estradas abertas  
Por ella á humanidade em largas descobertas;  
O mar mysterioso; o Adamastor medonho;  
A India, que entrevia a Europa como em sonho;  
A Asia emfim vencida; o oceano avassallado;  
E em tanta parte o mundo ao portuguez domado.  
Como gemes de amor no magico alaúde!  
Como acatas os paes, a piedade, a virtude!  
Como apontas ao nobre a unica nobreza,

A sua e não de avós! Com que franca inteijeza  
 Em verso vehemente, em palavras austeras  
 O juiz, o ministro, o monarcha verberas!  
 E, para mais fundir no egregio monumento,  
 Que elevavas aos teus, tu' alma e pensamento,  
 Como juntas tu' alma á da Patria querida,  
 E, para avival-a, a tua á sua vida,  
 Já prevendo talvez que tinhas por estrella  
 Com a Patria existir e perecer com ella!

É por isso que eu te amo, ó vate sonoro,  
 Como o pélogo em furia ás vezes pavoroso,  
 Ou descrevas o cabo horrivel das Tormentas,  
 E o gigante feroz que ante o Gama apresenta,  
 Ou o liquido plaino em montes alterado,  
 O naufragio imminente e do terror o brado,  
 Ou com tintas de sangue a cruenta batalha,  
 Que a morte e assolação pelas hostes espalha;  
 Como tranquillo mar, outras vezes profundo,  
 Deixando de ti dentro adivinhar um mundo;  
 Ou infrene, qual rio entre rochas bramindo,  
 Que referve espumante, o jugo sacudindo,  
 Quando accusas a vil, inerte indifferença,  
 A baixa adulação que o poderoso incensa,  
 A tyrannia atroz, a sordida cobiça,  
 E a mundana cegueira, a que chamam justiça;  
 Acalmado outra vez, mavioso e sereno,  
 Qual ribeiro a correr por sobre campo ameno,  
 Se nos pintas a ilha errante dos Amores,  
 O socego campestre, o céu, a terra, as flores,  
 De candida paixão a viva chamma accesa,  
 E as graças divinaes de divinal belleza;  
 Ou emfim como flebil, angelica harmonia,  
 Que o peito faz chorar, que as mentes extasia,  
 Ao lamentar de Ignez a miseranda morte,  
 Os casos da fortuna, a tua propria sorte,  
 Teu inutil amor, a tua inflicidade,  
 O desterro, a miseria e da Patria a saudade.

Que nação do universo outro poeta conta  
 Que te logre vencer? Homero a Grecia aponta  
 Embalde; embalde a antiga, imperecível Roma  
 O primeiro logar para Virgilio toma;  
 Para Milton Albion; a Italia para o Tasso.  
 Pôde aquelle que mede a mesquinho compasso  
 A tua secular, majestosa figura,  
 Sem olhos, não a ver: para elle não fulgura;  
 Mas quem tem coração que entenda a poesia,  
 Vista para encarar do genio o claro dia,  
 Para abranger n'um todo a alterosa montanha,  
 Maior na tempestade e dos raios na sanha,  
 Esse do teu engenho os rastos luminosos  
 Nos traços magistraes, simples e grandiosos,

Com que fundamentaste o ousado monumento,  
 Vê, admira, entre pasmo, assombro, acatamento,  
 E bardo te appellida excelso e patriota,  
 Fonte, d'onde perenne a poesia brota,  
 O espirito maior, mais vasto e sublimado  
 Em metro numeroso inteiro transformado,  
 Superior ainda ao heleno, ao romano,  
 Ao filho de Albion e ao cysne italiano,  
 Porque, se n'arte humana alguma vez lhes cedes,  
 N'alma, celeste essencia, a todos os excedes.

Assim pensa o que tem coração de poeta  
 E olhar para seguir teu lucido planeta;  
 Mas o que veio ao dia em terras portuguezas,  
 E acalentado foi ao som das gentilezas  
 Dos heroes, a que déste o ar da eternidade,  
 Esse julga-te quasi alguma divindade,  
 E, como eu, que, submisso, o teu vulto contemplo,  
 Respeitoso se curva e te fabrica um templo.

Para mim tu has sido o mais fiel amigo,  
 Ó cantor sobrehumano. Encontrei-me contigo  
 Desde a infancia. Meu pae, nobre e velho soldado,  
 De minha joven mãe muitas vezes ao lado,  
 No berço me embalou, no meu berço, innocente,  
 Ao placido correr do teu verso cadente.  
 Depois acostumei minh'alma pequenina  
 A tua poesia e musica divina,  
 Que eu, sem saber porque, como uma voz incerta,  
 Que não se entende, não, mas que o goso desperta  
 E saudades do céu, ouvia com deleite.  
 Foste, pôde dizer-se, o meu segundo leite.  
 Depois, sem pae, sem mãe, sem no outro pae querido,  
 Que por filho me quiz, tambem cedo perdido,  
 No roseo alvorecer da meiga adolescencia  
 No mundo me achei só com a minha innocencia,  
 E aprendi na desgraça, escola austera e rude,  
 A viver, e em teu livro a seguir a virtude.  
 Comtigo abandonei a minha cara terra;  
 Comtigo supportei dos aquilões a guerra,  
 E, passando de Atlante o dilatado oceano,  
 O patrio chão troquei por outro chão tyranno.  
 Ah!, ah! quanta vez! o exilio me abrandaste,  
 E do paiz natal a lembrança avivaste!  
 Que o digam do Brasil as ribas estrangeiras,  
 Dos seus montes o cume, os valles, as palmeiras,  
 A cuja sombra á tarde eu me assentei chorando  
 Tanta vez, com meu canto os echos apiedando!  
 Desterrado, qual tu, do coração as fragoas,  
 Ao ler-te, consolava em tuas proprias maguas,  
 Só querendo tambem na minha infelicidade,  
 Bem como tu, rever a patria claridade,  
 Muito embora, depois que o desejo cumprisse,

Para sempre da carne o espirito sahisse.  
 Emfim restituído ao meu ninho paterno,  
 Dia augusto e feliz! por dom do céu superno,  
 No teu amor fervente a minha fé tempero;  
 Na terra do heroísmo, em nossa terra espero;  
 Em teus versos respiro a grandeza de outr'ora;  
 E em seu templo a minh'alma em silencio te adora.

Ah! se eu pudesse ver esses climas distantes,  
 Campos da nossa gloria inda hoje resoantes!  
 Ah! se me fosse dado, humilde peregrino,  
 O solo visitar, a que a lei do destino  
 Te levou, através do infortunio e dos mares,  
 Para o nome dos teus na lyra eternisares:  
 A Africa, onde tu, poeta-cavalleiro,  
 Aprendeste a vencer, e pagaste o primeiro  
 Tributo com teu sangue á Patria estremeçada,  
 Um dos olhos perdendo e barateando a vida,  
 E onde as espadas nós e a victoria ensaiámos,  
 E, para mais voar, do vôo descansámos!  
 Se eu te pudesse ver, Asia, que tanto abranges:  
 O feraz Taprobana; ó caudaloso Ganges;  
 O Calecut infiel; ó Cochim sempre amiga;  
 O invencível Diu, ante a furia inimiga  
 Illustre hãluarte; ó Aurea-Chersoneso;  
 O grande e rica Ormuz, que te curvaste ao peso  
 Do braço de Albuquerque; e a ti, Goa, potente  
 Côrte do luzitano imperio do oriente;  
 E a ti, Macau, nos fins do mundo situada,  
 Por te prestar abrigo, ó vate, celebrada;  
 E a gruta, onde, fugindo ao viver tumultuario,  
 Consolaste o desterro a compor solitario,  
 O teu canto immortal! Se ver tudo eu pudesse,  
 E o passado ante mim glorioso se erguesse!

Mas para que, meu Deus? É melhor olvidar-me  
 Do presente, e na luz do teu genio cegar-me,  
 Ó bardo sem igual. De tamanha possança,  
 Que nas trevas, agora, o seu brilho inda lança,  
 Que, após seculos três, a Asia inda confessa,  
 Que nos faz levantar soberbos a cabeça,  
 De tamanho poder... só achara ruínas!  
 Já não varrem o mar as vencedoras quinas,  
 O mar, que estremeceu ao som de nossas frotas,  
 E, obrigado, nos deu cem regiões ignotas.  
 Mais felizes nações nos tomaram o sceptro!  
 Do que foi somos hoje uma sombra, um espectro!

O imperio gigantêo sobre os hombros sustido  
 Do Atlante portuguez, hoje quasi perdido,  
 Entre si do universo os povos o cortaram,  
 E do nosso despojo altivos se tornaram.  
 Agora a elles cabe o navegar, a guerra;



E limitado espaço a Portugal encerra;  
 Mas, onde quer que vão, da nossa velha gloria,  
 Reliquia de outro tempo, encontram a memoria:  
 Te'm dos nossos heroes, dos nossos navegantes  
 Os nomes eternaes as plagas mais distantes;  
 Nossa lingua e bandeira inda a Asia conhece;  
 O collo África ainda em parte nos off'rece;  
 E na America austral, florescente colosso,  
 Livre cresce o Brasil, livre, mas filho nosso.

Eis o que nos ficou do naufragio funesto!  
 Muito para outro povo; ah! mas pequeno resto  
 Para aquelle que ousou e fez e poudo tanto!  
 E uma fama que move e moverá espanto,  
 Grande como a da antiga e bellicosa Roma,  
 E o teu vulto, ó Camões, que a immensidade toma,  
 E de cujo fulgor, como do astro do dia,  
 Nossa gloria sem fim sobre o mundo irradia.

1867

---

## ANCIÉDADE

Nem eu posso dizer que extranho enleio  
 Se apossa da minh'alma, quando a vejo;  
 É um mixto de amor e de receio;  
 Mas vêl-a e vêl-a sempre é meu desejo.

Desde que a encontrei a vez primeira,  
 Resurgi do meu bárathro profundo;  
 Que a luz d'aquelles olhos feiticeira  
 Me chamou novamente para o mundo.

Desde então uma tímida esperança  
 De longe m'esclarece a noite e o dia:  
 É o sol que renasce e traz bonança,  
 Ou raio que a tormenta me alumia?

Quero ainda viver, gosar; minh'alma,  
 Só, sem amada ser, geme e definha.  
 Depois da tempestade anhele a calma:  
 Não, não é vida esta existencia minha.

Deve formosa ser inda, a seu lado,  
 Nos seus braços gentis a natureza!  
 Dão os céus a quem é afortunado  
 Tantos bens, tanta paz, tanta belleza!

Cinza já fria o coração me cobre;  
 Porém arde o vulcão dentro em meu peito:

Não o sinto bater por quanto é nobre?  
 Não o oiço queixar-se em ais desfeito?

Se vive para a dôr, para o tormento,  
 Porque uma vez também pulsar não ha-de  
 A um seu olhar, oh! doce pensamento!  
 No regaço da leda f'licidade?

Vinde pois, illusões, que eu tanto amava,  
 E que durastes um só dia apenas,  
 Bafejar da minh'alma a quente lava  
 Com as celestes, iriadas pennas.

A vida sem amor é quasi a morte;  
 E o trovador para cantar precisa  
 De um olhar, de um sorriso que o conforte,  
 Como a rosa do ar, do sol, da brisa.

Que ella um olhar me dê, um só, embora;  
 Que um sorriso me dê; será bastante  
 Para tornar feliz a quem a adora,  
 E animar minha lyra palpitante.

Mas, se tem de alongar-se o meu martyrio,  
 Ou alta ponho do desejo a méta,  
 Por Deus! que não acordem do delirio,  
 Dos sonhos seus o misero poeta.

## AO MAESTRO SÁ NORONHA

Dep-te o céu, a sublime harmonia,  
 Alma nobre, por Deus bem fadada,  
 Que nos prendes a mente enlevada,  
 Que nos fazes gemer, suspirar;  
 Inflammaram-tê a Patria, as bellezas  
 Que no seio ella pródiga encerra;  
 E bs échos do céu e da terra  
 No teu canto soubestê juntar.

Tudo ha n'elle: o concertó longinquo,  
 Mavioso dos coros divinos,  
 Que modulam os candidos hymnos  
 Reverentes aos pés do Senhor;  
 A ternura da rôla singela;  
 A suave tristêza da fonte;  
 O bramido do vento no monte;  
 Os suspiros, as queixas de amor.

Quem dotou liberal a fortuna  
 De taes graças embalde se esconde;  
 Canta; e aos cantos o mundo responde  
 Com inveja, com pasmo e desdém.  
 Nasce a guerra: o engenho de um lado;  
 Do outro lado a ignorancia, a baixeza;  
 Mas o engenho as offensas despreza,  
 E prosegue co' os olhos alêm.

Ao ruído do fero combate,  
 Acordando do languido somno,  
 A indifferença colloca no throno  
 Quem tão firme, sem medo luctou;  
 E de laureas corôas lhe cobre  
 A corôa de acerbos espinhos;  
 E ennastra-lhe os rudes caminhos  
 Com as palmas que ovante ceifou.

Assim foi teu destino, ó maestro;  
 É a sorte commum do talento;  
 A intriga inda ha pouco, o tormento;  
 Hoje vivas, festejos, canções.  
 Todos, todos victoria te bradam;  
 Só os filhos da Itália invejosos  
 Emmudecem, descoram raivosos  
 Do teu nobre diadema aos clarões.

Mas que importa? Não pensam, não sabem  
 Que é a patria dos grandes o mundo;  
 Que os applausos de um povo jocundo  
 Hão de á terra de Verdi chegar;  
 E que um dia, talvez não mui longe,  
 Hão de unir-se da Europa os louvores  
 De teus caros irmãos aos clamores;  
 E o teu nome mais bello tornar.

1868—Março

## Á ESTATUA DA NOITE (1)

(DE JOÃO BAPTISTA STROZZI)

A Noite que aqui está formou-a um Anjo  
 Da tósca pedra; que doçura exhala!  
 Dorme; parece respirar; tem vida;  
 Chama-a, se não o crês; verás que fala.

(1) Esculptura de Miguel Angelo ou Anjo. Veja-se a nota.

## ORIGINAL

La Notte, che tu vedi in sì dolci atti  
 Dormire, fu da un Angelo scolpita  
 In questo sasso, e perchè dorme ha vita;  
 Destala, se. no'l credi, e parlerati.

(DE MIGUEL ANGELO)

(Em nome da estatua)

Feliz de mim, que durmo e sou de pedra  
 N'este tempo d'opprobrio e de abandono,  
 Feliz, que nada sinto e nada vejo!  
 Não, não me acordes pois d'este meu somno!

## ORIGINAL

Grato m'è il sonno, e più l'esser di sasso  
 Mentre che'l danno e la vergogna dura:  
 Non veder, non sentir m'è gran ventura;  
 Però non mi destar; deh! parla basso!

## CEGUEIRA

Amor, não quero outras azas;  
 Guarda-as, louco, para ti;  
 És cego; mal me guiaste;  
 E por cego me perdi.

Vi no céu duas estrelas;  
 E que era fraco não vi;  
 Encheste-me d'esperanças;  
 E ao alto céu me atrevi.

Mas, ao brilho que lançaram,  
 Minhas azas derreti,

As minhas azas de cera,  
 E do ar no chão cahi.

Prostrado em terra, sem fala,  
 Deixa-me ficar aqui;  
 Não quero, amor, outras azas;  
 Que bem sei quanto soffri;

Que d'este modo piedade  
 Pode ser tenham de mi  
 Aquelles olhos formosos,  
 Aquelles olhos que eu vi.

## CIEGO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL.

Amor, no quiero otras alas;  
 Guarda aquellas para tí.  
 Mal me has guiado por ciego,  
 Y por ciego me perdi:

Ví en el cielo dos estrellas,  
 Y que era debil no ví;  
 Me llenaste de esperanzas,  
 Y al alto cielo subí.

Mas en medio del camino  
A su fuego derretí  
Mis pobres alas de cera.  
Y del cielo me caí.

Postrado en tierra, sin fuerzas,  
Déjame, por Dios, aquí;

No quiero, amor, otras alas.  
Yo bien sé cuanto sufrí;

Que, talvez, de esta manera,  
Compasion tengan de mí  
Aquellos ojos hermosos,  
Aquellos ojos que ví.

## THOMAZ BLANC

AO DR. COLOMB, DE ARAMON

Como um justo morreu; de longe vinha  
Já pensando no termo da viagem;  
Bebia já do céu a meiga aragem;  
Quieta e pura a consciencia tinha.

Vendo a hora fatal que se avisinha,  
Olhou do Redemptor a santa imagem;  
Despediu-se dos seus; e, na passagem  
A outro mundo, lembrou-lhe a Patria minha.

Assim na vida e morte nos amaste,  
Espirito gentil, e á tua França  
No adeus extremo e a Portugal saudaste.

Pungiu-me, enterneceu-me esta lembrança.  
Como pagar o amor que nos votaste?  
Espirito gentil, em paz descansa.

1893—Fevereiro, 26

## DESILLUSÃO

Se eu a visse dos mares junto á praia  
Solitaria scismando,  
Os olhos pela liquida campina  
Tristemente alongando,

Ou admirando o sol que as nuvens cora;  
E mais um dia acaba,  
Ou a onda que corre; incha; se arqueia;  
E espumosa desaba;

Se a visse, quando a lua pelo espaço  
Deslisa vagarosa,  
A contemplal-a, ou no sagrado templo  
Em oração piedosa;

Se no lar da familia, que é na terra  
 Tambem de Deus o templo,  
 Onde viçam as crenças e as virtudes  
 Co'o maternal exemplo,

Eu a visse modesta, e, por modesta,  
 Inda muito mais bella,  
 Enchendo-o co'o perfume da innocência,  
 Qual violeta singela,

Ou penteando as alongadas tranças  
 Em frente ao toucador,  
 Ou mirando-se n'elle e enrubescendo  
 D'algum sonho de amor;

Se d'este modo a visse, amara-a muito;  
 Dera-lhe o amor mais puro;  
 E de novo esperara ser ditoso;  
 E crêra no futuro.

Mas do salão da rumorosa festa  
 No corrupto ambiente,  
 Onde é tudo oiropel, tudo vaidade,  
 Onde tudo nos mente,

No mercado, onde, ao som das harmonias,  
 Se vendem os affectos,  
 E se mixturam co'o sorrir dos labios  
 Os ditos indiscretos,

Onde perde o frescor a juventude,  
 Onde o pejo se esconde  
 Sob o rubor da calma, e o braço ao braço,  
 E a mão á mão responde,

Oh! como a hei de amar? Embora creia  
 Que ella deve ser bôa,  
 E que a nivea pureza da su'alma  
 Sombra alguma ennodôa,

Embora, quando a vejo a um e outro  
 Sorrindo prasenteira,  
 Ou falando, ou sequer volvendo os olhos,  
 Eu soffro de maneira,

Eu sinto um não sei quê, mixto de inveja,  
 De affeição e desdem,  
 Que me faz apartar a vista d'ella,  
 Que o meu amor contem,

Que me apaga os meus sonhos tão formosos,  
 E da visão divina  
 Só me deixa uma sombra, mas tão bella,  
 Que ainda me fascina.

## PALHETA E LYRA

AO MEU AMIGO JOSÉ FERREIRA CHAVES

Mutua, prompta sympathia  
As nossas almas prendeu;  
Mal se encontraram n'um dia,  
Logo uma a outra entendeu.  
Eram ambas afinadas  
Pela harmonia celeste,  
Que em phrases cadenciadas,  
Ou em tintas inspiradas  
O pensar informa e veste.

Do infinito espaço aereo  
Das phantasticas visões,  
Como eu, sondas o mysterio,  
E argentas as illusões  
D'este mundo enganador  
Á luz do estro que fascina,  
Que a fronte ao bardo illumina,  
Que accende a fronte ao pintor.

Como eu, tu crês na amizade,  
Na paixão, na fé sincera,  
No que ha nobre a humanidade,  
E, já na viril idade,  
Tens inda um quê de innocencia,  
Rescendes á primavera,  
Ao florir da adolescencia.

Ambos nós nos aquecemos  
Ao divo sol da esperanza,  
Conforto, azylo do céu,  
Ambos nós viver fazemos  
O passado na lembrança,  
Aos tempos rasgando o véu.

Se tu és entusiasta  
Pelo solo do teu berço,  
Como tu eu sou tambem.  
Da minh'alma não se afasta  
Sua imagem grandiosa;  
Não ha nação no universo  
Para nós mais portentosa;  
É gloria termos tal mãe,  
Grande mãe, que socegada,  
Como tranquillo vulcão,  
Jaz de seus filhos cercada,  
Mas será inda acordada  
Da chamma antiga ao clarão.

Todos estes sentimentos,  
Ó meu amigo, attrahiram  
Nossos communs pensamentos  
E nossas almas uniram.

Ah! que tão eguaes affectos  
Hoje e na idade futura  
Não deixem de ser objectos  
Da nossa crença mais pura;

E que a elles consagremos,  
A elles e á nossa terra,  
A nossa Patria adorada,  
Quanto fogo em nós se encerra,  
Tu as télas animando,  
Eu a lyra dedilhando,  
A lyra desentoada.

## TEMORES

Junto ás ondas do mar elle brincava,  
Innocente, a correr na lisa areia;  
E, de alegria e de tristeza cheia,  
Recolhida minh'alma o contemplava;

De alegria por ver que assim folgava;  
E de tristeza porque á minha idéia  
Se afigurou do mundo imagem feia  
O oceano, e que tragal-o ameaçava!

Mas eis subito pára; eis de repente  
 Me deixa e tudo quanto o distrahia,  
 Para olhar um baixel que velozmente

Na bruma do horizonte s' escondia.  
 Tremi ao vél-o: era a ambição ardente  
 O baixel. Se a ambição m' o rouba um dia!

1876

## UM ENTERRO EM VENEZA

D'esta maneira conduzindo as sombras  
 A barca de Charonte  
 Sé fabulou que atravessava negra  
 O torvo Phlegetonte,

Emquanto que do rio pelas margens  
 A turba inseputada  
 Fazia estremecer o ar com supplicas,  
 Chorosa e lastimada.

Completam d'este quadro a semelhança,  
 Que eu esboço na mente,  
 O céu annuviado e tenebroso,  
 O mar plumbeo e tumenté,

A solitaria, escurecida terra,  
 E aquelles poucos vultos,  
 Que se divisam, ao pé d'agua, immoveis,  
 Na dor e névoa occultos.

Amigos, companheiros ou parentes  
 Do morto, a despedida  
 Extrema inda lhe mandam n'esta hora,  
 Na hora da partida.

Mas já, sem compaixão, a nave os deixa,  
 E, só, as ondas corta,  
 Pondo a proa na ilha funeraria,  
 E a ella emfim aporta.

Depois o mar o cerca para sempre,  
 E d'elles o separa!  
 Oh! duplo, mais cruel apartamento!  
 Aqui mal pode a cara

Esposa os frios, estimados restos  
 Ir prantear do esposo,  
 Do filho idolatrado a mãe afflicta,  
 Do irmão o irmão saudoso;



Que entre uns e outros, mais que o Lethe funda,  
A marinha barreira  
S'estende, e os vivos transportar recusa  
A barca interesseira!

Nós, bem perto de nós, os nossos mortos  
Na mesma terra havemos;  
Nós, menos infelizes, cada instante  
Visital-os podemos;

E esta proximidade e convivencia  
Nos acompanha ainda;  
E, vendo-os nos seus tumulos, dirieis  
Que tudo alli não finda,

Que, debaixo da lapide marmorea,  
De ouvir-nos estremecem,  
Que as offerendas e orações piedosas  
Mudos nos agradecem!

1887

---

## PERIGOS

Não vás á tarde, minha innocente,  
Por esses campos, só, passear,  
Quando o crepusc'lo suavemente  
Envolve as terras, o céu, o mar,

Que n'esse instante a natureza,  
Alumiada por dubia luz,  
Tem uma doce, acre tristeza,  
Tem um mysterio que nos seduz.

Então não se ouve dos camponezes  
A rude lida, nem o balir  
Das espalhadas, candidas rêzes,  
Nem dos cavallos o audaz nitrir.

Cessa o conjuncto de mil rumôres,  
Que a mente e os olhos chama, distra'e;  
Êrma-se tudo; tudo de côres  
Muda, e em silencio profundo ca'e.

Fica sósinha com seus encantos  
A natureza falando ao céu,  
Da harpa eolia soltando os cantos,  
Fada coberta de raro véu;

E co'o perfume nos embriaga,  
Nos enlanguece, turva a razão,

E a seus accentos noss' alma vaga  
Dos aureos sonhos pela amplidão.

Foge do campo, da soledade,  
Foge da hora que faz scismar;  
Os seus encantos da mocidade  
Podem-te os gosos envenenar.

Eu bem te vejo, pela alameda  
Quando tu passas, já posto o sol,  
A cada instante ficando queda,  
A ouvir os quebros do roixinol.

Oh! não, não pares no teu passeio;  
Não dês ouvidos ao trovador;  
Que, de mixtura com seu gorgueio,  
Dentro do peito se entranha amor.

Ouves a brisa pela ramagem?  
Pões-te escutando não sei o quê,  
Fitos os olhos. Que diz a aragem?  
Que ente invisível tu' alma vê?

Porque te sentas junto ao ribeiro,  
Que da lamêda perpassa ao fim?  
Como esquecida do mundo inteiro,  
Porque o contemplas, donzella, assim?

Grossa corrente de mil idéias  
Segue a corrente que vês passar?  
Ah! fuge d'elle; como as sereias,  
É perigoso seu murmurar.

Tudo é perigo, tudo, n'essa hora  
Fallaz e meiga de solidão,  
Para o que ainda de amor não cora,  
Para o que o sente no coração.

Bem sei: não amas: tua existencia  
Deslisa á sombra do lar natal,  
Timida rôla, flor de innocência,  
Qual mansa veia por fundo val.

Mas no teu peito reina a ternura;  
Mas dos teus olhos o meigo anil  
Cobre-se ás vezes de uma tristura...  
De um ar tão languido e tão gentil...

Ah! fuge, fuge da soledade;  
Foge da hora que faz scismar,  
Que os seus encantos da mocidade  
Hão-de-te os gosos envenenar.

## PERIGLI

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERÁGALLO

Ah! non andare,  
 Cara innocente,  
 Per la campagna,  
 Sola, a vagar,  
 Quando il crepuscolo  
 Soavemente  
 Tinge la terra,  
 Il cielo e il mar;

Che la natura  
 In questo tempo  
 Da fosca luce  
 Velata già,  
 Dèsta una dolce,  
 Ma acre tristezza,  
 E ha un che di occulto  
 Che sedurrà.

Allor non s'ode  
 Dei villanzuoli  
 L'arduo lavoro,  
 Nè puossi udir  
 Del bianco e sparso  
 Gregge il belato,  
 Nè dei corsieri  
 Il fier nitrir.

Cessa di mille  
 Frastuoni il coro,  
 Che l'alma e gli occhi  
 Distrarre fa;  
 Tutto è solingo;  
 Tutto di tinte  
 Cambia, e in silenzio  
 Profondo sta.

Resta allor sola,  
 Sol col suo incanto,  
 Tutta natura  
 Parlando al ciel,  
 Sull'arpa eolia  
 Sciogliendo il canto,  
 Fata coperta  
 Da rado vel.

E col suo aroma  
 Ci inebria i sensi,  
 Ci sfibra, e turba  
 Nostra ragion;

E a' suoi accenti  
 L'alma si svaga  
 Dei sogni d'oro  
 Nella region.

Fuggi dai campi;  
 Non star mai sola;  
 Fuggi dall'ora  
 Che fa vanear;  
 I suoi diletti  
 Posson le gioie  
 D'un giovin core  
 Avvelenar.

Io bene osservo,  
 Quando nel bosco  
 Esci a diporto,  
 Già ascoso il sol,  
 Che ad ogni istante  
 Tu resti immota  
 A udire i trilli  
 Dell'ussignuol.

No, non fermarti  
 Nel tuo passeggiò;  
 No, non badare  
 Al trovator;  
 Sappi che misto  
 Co' suoi gorgheggi  
 Dentro al tuo petto  
 S'insinua amor.

Odi la brezza  
 Stormir tra i rami?  
 Stai come un ch'ode  
 Non so mai chi,  
 E in esso assorta.  
 Che dice or l'aria?  
 Qual ente etereo  
 Tu' alma scopri?

Perchè ti assidi  
 Presso al ruscello  
 Che scorre in capo  
 Al tuo giardin?  
 E, come estranea  
 Al mondo intero,  
 Perchè il contempli  
 Nel suo cammin?

È che una folla  
 Di mille idee  
 Ti assale in questo  
 Tuo contemplar?  
 Ah! ti allontana!  
 Qual di sirene,  
 È periglioso  
 Suo mormorar.

Tutto è periglio  
 In cotest'ora  
 Di solitario,  
 Dolce abandon,  
 Per chi non sente  
 D'amore il foco,  
 Per chi ne prova  
 Già la passion.

Ben so: non ami;  
 La vita tua  
 Scorre tranquilla  
 Nel patrio ostel;

Sei pura e mite,  
 Come colomba,  
 Tutta innocenza,  
 Figlia del ciel.

Ma in tuo cor regna  
 La tenerezza;  
 Ma del tuo sguardo  
 Il bel fulgor  
 Talor si copre  
 D'un mesto velo...  
 Di espression languida,  
 Ma cara ognor...

Ah! fuggi, fuggi  
 La solitudine;  
 Fuggi dall'ora  
 Che fa vanear:  
 Che i suoi diletta  
 Posson le gioie  
 D'un giovin core  
 Avvelenar.

---

## DE MARMORE

Cala-te, coração, ama e padece;  
 Que não saiba ninguem como eu a adoro,  
 O desespero que me rasga o peito,  
 As lagrimas que em vão por ella choro,

As minhas noites longas e veladas,  
 D'estes meus dias o comprido tedio,  
 As ruínas das minhas esperanças,  
 Por onde vago, sem achar remedio.

Não, não saiba ninguem meu soffrimento;  
 Nem ella, que talvez de mim zombasse,  
 E com mais um diadema de triumpho  
 A mulheril vaidade coroasse.

Se é como um anjo bella, na dureza  
 Fria estatua de marmore parece.  
 Não te ouve, não te vê, que não tem alma.  
 Cala-te, coração, ama e padece.

---

## LYRA INTIMA

Porque assim fui feito?  
 Porque sinto tanto

Minhas proprias dores  
 E dos mais o pranto?

Porque sempre ao alto  
Subo, como o incenso,  
Desde o humano vortice:  
Té ao céu immenso?

Porque um raio apenas  
Me fabrica um mundo,  
Me transporta ao éden,  
Ou do averno ao fundo?

Porque á nuvem negra,  
Que mal vejo, tremo,  
Phantaziu horrores,  
Sem allivio gemo?

Porque a um mesmo tempo  
Desespero e espero,  
Creio, amo, sonho,  
Mais sonhar não quero?

É que é harpa eolia  
Minha interna lyra,  
Que á menor bafagem  
Chora, ri, suspira.

Sobre um monte exposta;  
Dos tufões a guerra  
Não lhe quebra as cordás,  
Não a lança em terra.

Mas um dia, breve  
Póde ser que seja!  
Cederá vencida  
Na fatal peleja.

Então, nu, o tronco,  
De que era alma bella,  
Da tormenta oppresso,  
Tombará com ella.

Então só a aragem  
Que nos campos vaga,  
Quando a sombra o dia  
No horizonte apaga,

Póde ser que venha  
Sobre o teu jazigo,  
Minha pobre lyra,  
Conversar comtigo.

Então só o echo  
Das soidões que amaste  
Redirá aos outros  
O. que tu cantaste,

Ou (quem é que o sabe?)  
Talvez nada fique,  
Nem um echo ao menos,  
Que o que foste indique.

## LIRA INTIMA

VERSÃO DO SR. THOMAZ CANNIZZARO

Perchè nacqui in tal guisa,  
E perchè sentir tanto  
I miei proprii dolori,  
E degli uomini il pianto?

E perchè sempre in alto  
Ascender, come incenso,  
Da questo umano vortice.  
Al firmamento immenso?

Perchè basta un sol raggio  
A crear dentro un mondo,  
Che l' Edene or mi schiude,  
Or de l'oceano il fondo?

Perchè per nube nera,  
Che mal sorgiunse, io tremo,

E mille orrori immagino,  
E senza tregua gemo?

Perchè in un tempo istesso  
Spero, dispero ed amo,  
E credo insieme, e sogno,  
E di sognar non bramo?

È sol perchè un eolia  
Arpa è l'interna lira  
Mia, che, al più lieve soffio,  
Piange, ride, sospira.

Esposta sopra un monte,  
Degli aquilon' la guerra  
Le corde non le infrange,  
E non le scaglia a terra.

Ma verrà giorno — e presto  
Esser questo potrà —  
Che, vinta ne la pugna  
Fatale, essa cadrà.

Allora il tronco nudo,  
Ond'è era anima e speme,  
Da l'uragan percosso,  
Cadrà con essa insieme.

Allor soltando l'alito,  
Che sui campi, ne l'ore,  
Che sotto l'ombra il giorno  
Su l'orizzonte muore,

Messina — Febbrajo

Sul letto potrà forse  
Venir che Dio ti diè,  
O mia povera lira,  
A conversar com te.

Dei deserti che amasti  
L'eco allor sol — chi sà? —  
Quello che tu cantasti  
Agli altri ridirà.

..Ovver non fia che resti  
Nel fosco oblio profondo  
Eco neppur che accenni  
Quel che tu fosti al mondo.

## LIRA INTIMA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Perchè in me così strana natura?  
Perchè mai mi tormentano tanto  
I dolori che mi hanno ferito,  
E mi accora del prossimo il pianto?

Perchè ognor verso gli alti ideali  
Io mi innalzo, siccome l'incenso,  
E, dal vortice umano fuggendo,  
Volo, volo fino al cielo immenso?

Perchè un raggio, un sol filo di luce  
A me svela un fantastico mondo,  
Mi trasporta in un eden beato,  
O mi lancia d'averno nel fondo?

Perchè tosto che appar nera nube,  
Benchè appena travèdasi io tremo,  
E, pensando ad un prossimo orrore,  
Senza alcuno conforto allor gemo?

Perchè mai nel medesimo istante  
Ora spero, poi tosto dispèro?  
Perchè mai credo, ed amo, e trasogno,  
Poi del sogno ho disgusto sincero?

È perchè solo ad una arpa eolia  
È simile l'interna mia lira,  
Che allo spiro più lieve dell'aura  
Ora piange, or sorride, or sospira.

D'alto monte sul vertice esposta,  
 Dei furènti aquiloni la guerra  
 Nòn nè schianta le corde tenaci,  
 Non la puote disperdere in terra.

Pure un giorno verrà, e tal evvento  
 Èsser puote che ben presto sia,  
 Che la lira nell' aspra tenzone  
 Resti infine dei venti in balia.

Ed allor, nudo il tronco, spogliato  
 Della lira, che n'era alma bella,  
 Dalla fiera procèlla percosso,  
 Cadrà al suolo, disfatto com'ella.

Sòlo allora la brezza soave,  
 Che spirare nei campi ognòr suole,  
 Quando l'ombra notturna scompare  
 Ai gloriosi splendori del sole,

Può accadère che spiri in quel punto  
 Sull' avèl dovè fosti riposta,  
 E con te si trattenga a parlare,  
 O mià lira, ad ogni altro nascosta.

Ed allor solo l'eco tranquillo  
 Di quei luoghi solinghi che amasti  
 Ridirà fedelmente ai viventi  
 Tutto quello che un giorno cantasti.

Ma fors' anco (e chi mai può saperlo?),  
 Ma fors' anco di te nullà resti,  
 Nè un ricordo, nè un eco che mostri  
 Quel che un de' venturosi facesti.

Genova — Luglio 1 — 1902

## ASPIRAÇÃO

Ha pouco; inda ha pouco choravas no berço;  
 Agora difundes em torno o prazer,  
 Co' o farto cabelo ondeando disperso,  
 Veloz, inquieta no prado a correr.

Formosa tu eras; porêm cada dia,  
 Que o tempo revolve no curso fugaz,  
 Te presta ao semblante maior harmonia,  
 Mais bella te faz.

E como por entre o verdor da folhagem  
Do sol se adivinha o escondido clarão,  
Nas graças que te ornã já tímida a imagem  
Me vae transluzindo do teu coração.

Já outra me beijas e outra me falas;  
Teus beijos e falas já te'm mais calor;  
Já mais os sentidos me prendes e abalas,  
O candida flor.

Às vezes, ao ver-te, m'esqueço pensando;  
É que dos teus olhos o puro brilhar  
A que eu amei tanto m'está recordando,  
E quero os seus olhos nos teus encontrar.

Sorris? Alvorço-me, e creio o sorriso  
De teus roseos labios igual ao dos seus.  
Achal-a de novo no mundo preciso.  
Que sonho, meu Deus!

Será realidade? És hoje criança;  
Porêm, quando chegue dos annos o abril,  
Talvez a assemelhes nos olhos, na trança,  
Na bocca, nos modos, no porte gentil.

O sangue tens d'ella; já tens formosura;  
E é da natureza mudar ao crescer.  
Como eu te amaria! Mas tanta ventura!...  
Não, não póde ser.

1886

## LEMBRANÇA INDELEVEL

Ah! quanto tempo já lá vae! ah! quanto!  
Que eu de ti goso, ó Patria idolatrada!  
Mas não m'esquece aquella madrugada,  
Em que te vi surgir, cheia de encanto,

Do vaporoso ar por entre o manto,  
D'entre as aguas do Tejo levantada,  
Phantastica visão, tão desejada,  
E chorei, de alvorço, alegre pranto!

Não me lembra o desterro, a desventura;  
Lembra-me o dia em que te vi sómente;  
E inda tanto esse dia hoje fulgura,

Que o passado a meus olhos faz presente,  
Que faz toda outra flicidade escura,  
Que inda banha de amor minh'alma ardente.

1891—Maio 5



Impossivel! Á c'roa da sciencia .  
 Cumpria sobrepôr a dos espinhos,  
 Para vencer os triumphaes caminhos;  
 No teu sonho cifravas a existencia.  
 Não te attendemos nós, e abandonaste  
 A nossa terra pela terra extranha,  
 E, mendigo sublime, divagaste,  
 Pedindo um óbolo á soberba Hespanha

Oito annos, debalde; até que um dia,  
 Envergonhada, á voz de uma princeza,  
 Algum oiro te deu para a alta empresa  
 Que o nome teu eternisar devia.  
 Partes; luctas co'os homens e co'as vagas;  
 E, sempre o olhar nas bandas do occidente,  
 Emfim descobres as risonhas plagas  
 De uma ilha que annuncia um continente..

Venceste; o sonho teu é realidade;  
 Pagas a Hespanha o oiro que te dera,  
 Dando-lhe um mundo; mas Hespanha fera  
 Te priva do triumpho e liberdade:  
 Após levar-te ao capitolio augusto,  
 Depois das ovações dos reis, do povo,  
 Escuta a inveja torpe, o odio injusto,  
 E traz-te em ferros d'esse mundo novo.

Muito embora! Submerso em tua idéia,  
 Tudo soffres, desprezas e perdôas:  
 Seguem a tua esteira ousadas prôas;  
 Vês toda a terra do teu nome cheia;  
 Vês Portugal e Hespanha competindo  
 Em acabar teu feito; e o lôdo impuro  
 Deixas da terra, para Deus sorrindo,  
 Porque alcanças da America o futuro.

Faro — 1892 — Nov.

## A CRISTOFORO COLOMBO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Nel tuo Mediterraneo, angusto marê  
 Per cotanta ambizion, cotanto ardire,  
 Già il tuo entusiasmo non potea capire,  
 Che, da garzone, t'era familiare.  
 Scena più vasta l'alma tua bramava:  
 L'ocèan senza fin, largo, profundo;  
 Questo popol di nauti che il domava,  
 E al mondo assorto disvelava il mondo.

Attratto dal fulgor di nostra gloria,  
 Ch'era per te come un faro divino,  
 O colonna di fuoco che il destino  
 Ti ponea nel sentier della vittoria,  
 Giungesti al mio paese, e meraviglie  
 Qui vedi, e scruti l'ocèan fremente,  
 E mille idee, del tuo gran genio figlie,  
 Concepisti al vederli arditamente.

Ah! sì; fu sotto questo ciel formoso,  
 Fu sotto queste sì vivide stelle,  
 Fu a bordo delle nostre caravelle,  
 E al rugito delle onde procelloso,  
 Che il sogno tuo creasti in felice ora,  
 Forse udendo da sperto navigante,  
 Leon del mare, ritto in sulla prora,  
 Le scoperte narrar del sommo Infante.

Iddio qui ti condusse; e qui vivesti;  
 Quivi i tuoi passi la gloria ha diretto;  
 Quivi in lasci soavi amor t'a stretto;  
 Di questo amor qui il frutto raccogliesti;  
 La dolce tua compagna qui nata era;  
 Quivi nacque il tuo figlio idolatrato;  
 Ah! perchè non restar la vita intera  
 In questa nuova patria amante e amato?

Impossibile! Al serto della scienza  
 Era fatale unir uno di spino,  
 Perchè ultimassi il trionfal camino;  
 Nel tuo sogno era tutta l'esistenza.  
 Non ti credemmo; e allora abbandonasti  
 La mia patria, e ormai tua, per una strana,  
 E, mendico sublime, a lungo errasti  
 Chiedendo aita alla nazione ispana

Otto anni, invan; finchè, da rossor vinta,  
 La voce d'Isabella avendo intesa,  
 Un po'd'oro ti diè per l'alta impresa,  
 Per cui non sarà mai tua fama estinta.  
 Parti; lotti cogli uomini e coll'onde;  
 Fisso pur sempre il guardo all'occidente;  
 Infine scopri le ridente sponde  
 D'un'isola che annunzia un continente.

Vincesti; era il tuo sogno una realtate;  
 Paghì agli ispani l'oro che ti diero  
 Lor dando un mondo; ma l'ispano fero  
 Ti priva d'ogni onor, di libertate.  
 Pria ti condusse al campidoglio augusto  
 Tra immenso plauso a niun altro secondo;  
 Poscia ascolta l'invidia e l'odio ingiusto,  
 E in catene ti trae del nuovo mondo.

Sia pur: immerso in tuo pensier, la pena  
 Soffri e sprezzì, e dimentichi, e perdoni;  
 Ti seguon l'orma altri del mar leoni;  
 Vedi la terra del tuo nome piena;  
 Vedi in gara l'ispano è il popol mio  
 Per finir l'opra tua; e il luto impuro  
 Lasci del mondo, sorridendo in Dio,  
 Perchè sai dell'America il futuro.

## EXTASE BUCOLICO

Hontem, qual tenho ás vezes por costume,  
 Já farto da monotona cidade,  
 Fui divagar no campo, em liberdade,  
 E aspirar das florinhas o perfume.

Os passaros voavam em cardume;  
 A aragem difundia suavidade;  
 Em roda a mim tudo era soledade;  
 Tocava já no occaso o ethereo lume.

Ao longe, no declive de um oiteiro,  
 Grande rebanho ao valle descendia;  
 Atrás d'elle cantava o pegureiro.

E não vi nada mais; que a phantasia  
 Me transportou a um éden feiticeiro.  
 Oh! Virgilio, oh! Camões, oh! poesia!

## IDYLLISCH VERZÜCKT

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Gestern — zuweilen fröhn' ich diesem Brauch —  
 Liess ich der Stadt eintöniges Gewühle  
 Und schritt behaglich über Thal' und Bühne,  
 Um einzusaugen rings den Blütenhauch;

Die Vögel flatterten von Strauch zu Strauch;  
 Der Lüfte Spiel erregte Frisch' und Kühle;  
 Ich stand allein, versenkt in Lenzgefühle;  
 Schon barg die Sonn' im West der Ne belrauch;

Fernab zu Thale zog in munt'rem Trabe  
 Die Herde dichtgedrängt die Hald' entlang,  
 Und singend folgt' ihr nach der Schäferknabe;

Mehr sah ich nicht; mir schuf in sel'gem Hang  
 Mein Geist ein Eden wie mit Zauberstabe;  
 Oh Camoens; oh Virgil; oh Hirtensang!

Münster (Westfalen) — 97-3-26.

## RECÚA

Pretendes deixar o mundo,  
 Quando o mundo inda não viste?  
 D'esse abysmo o negro fundo  
 Por acaso já mediste,  
 Em que te queres lançar?  
 É porque a alma padece?  
 Porque julgas que anoitece  
 Teu dia, mal a raiar?  
 Pois, já que assim te parece,  
 Noite seja, noite escura;  
 Mas dize-me: já notaste  
 D'essa noite a formosura?  
 Já alguma contemplaste  
 Illuminada de estrellas  
 Assim tantas e tão bellas?

Deixar a mãe que te adora,  
 A vida que te sorri,  
 Deixal-a, quando na aurora  
 Toda riso, encantadora,  
 Se prepara para ti!  
 E o amor que, tarde ou cedo,  
 Ha de saber o segredo  
 Que te opprime o coração!  
 Podem só dezeseis annos  
 Gerar tantos desenganos,  
 Gerar tanta abnegação?

E, se um dia, arrependida  
 De te veres isolada,  
 Os olhos para esta vida  
 Tu volveres consternada,  
 Erma não a encontrarás?  
 Angustiosa procurando  
 Do passado o sonho brando,  
 A mortalha não verás  
 Com que da terra despiste  
 As esp'ranças, triste, triste,  
 Viva e só não te acharás?

É tempo ainda; recúa;  
 Deixa pois a idéia tua,  
 Esse sonho, essa illusão:  
 Quer a candida bonina  
 Livre ar para viver,  
 Luz do sol para crescer,  
 E uma veia crystallina  
 Que lhe leve fresquidão.

As lagrimas que derramas  
 Porque lagrimas as chamas?  
 São meigo orvalho do céu;  
 São orvalho que a verdura  
 Vem alimentar da flor,  
 A que presta mais frescura,  
 A que dá mais vivo odor.

Quando choras, a tristeza  
 Que em teu rosto se traduz  
 É magoa que tem belleza,  
 É treva que esparge luz.  
 Tal é triste a natureza  
 Na doce melancholia  
 Da hora do pôr do sol;  
 Tal é triste a melodia  
 Do canto do roixinol.

Eu portanto, porque leio,  
 Qual se fosse em livro aberto,  
 Do teu coração no enleio,  
 Minha virgem, digo e creio  
 Que intentas um desacerto.  
 E, se fôr para louvar  
 E servir sómente a Deus  
 Que assim nos tentas roubar  
 O lume dos olhos teus,  
 Vou-te dar um bom conselho:  
 Dentro em tu'alma o procura,  
 N'ella só, e mais no espelho,  
 Onde vês a formosura.

## INDIETREGGIA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Tu lasciar pretendi il mondo,  
 Quando ancòr non l'hai veduto?  
 Di quel loco il buio fondo,  
 Dentro al qual ti vuoi gettar,  
 Forse hai già ben conosciuto?  
 Gli è perchè l'alma patisce?  
 Perchè credi che finisce  
 Il tuo giorno al suo spuntar?  
 Ma, se a te notte apparisce,  
 Notte sia, buio perfetto;  
 Però dimmi, già notasti  
 Di tal notte il vago aspetto!  
 Già qualcuna contemplasti  
 Rischiarata dalle stelle  
 Così tante, e così belle?

È una madre che ti adora,  
 È una vita incantatrice  
 Che tu lasci, or ch'una aurora,  
 Tutta riso che innamora,  
 Nunzia a te avvenir felice!  
 È l'amor, cui, tardi o presto,  
 Fia il segreto manifesto  
 Che al tuo core or dà passion!  
 Ponno dunque sedici anni  
 Crear tanti disingani  
 E cotanta abnegazion?

E, se un dì, triste, pentita  
 Di vederti sì isolata,  
 Rivolgessi a questa vita  
 I tuoi sguardi costernata,  
 Erma non la troverai?  
 Ed allor mesta cercando  
 Del passato il sogno blando,  
 Le gramaglie non vedrai,  
 Con che al mondo hai detto addio;  
 E soletta, e nell' obbligo  
 Tetri giorni non vivrai?

Genova, 22 Novembre 1888

È ancòr tempo. Or su indietreggia;  
 E che ormai smetter ti veggia  
 Questo tuo pensier crudel.  
 Alla vita d'ogni fiore  
 Aria libera conviene,  
 E del sol luce e calore;  
 Un fil d'acqua indi il mantiene  
 Sullo stelo fresco e bel.

E le lagrime che spandi  
 Perchè tali le domandi?  
 Son rugiada pia del cielo,  
 Stille son che fan maggiori  
 Gli incantèsimi del fior;  
 Onde avvien che meglio odori,  
 E più splenda il suo color.

Quando piangi, la tristezza  
 Che dal tuo volto traluce  
 E dolor che dà bellezza,  
 È tenèbra che dà luce.  
 Così triste par che sia  
 La natura, allor che il dia  
 Muore, al tramontar del sol;  
 Triste è pur la melodia  
 Del cantar dell'assignuol.

Io perciò, perchè ho scoperto,  
 Come fosse in libro aperto,  
 Del tuo cor gli intimi sensi,  
 Ti dirò che quel che pensi  
 Parmi, o vèrgine, error certo;  
 E, se è sol perchè servire  
 E lodare Iddio tu vuoi  
 Che ora a noi tenti rapire  
 Il fulgor degli occhi tuoi,  
 Buon consiglio vo'darti io:  
 Nel tuo cor cerca sol Dio;  
 Vedrai poi, se ne hai vaghezza,  
 Nello specchio la bellezza.

## COM O OUTOMNO

Como se me vae indo esta existencia,  
 Dia a dia, hora a hora, instante a instante,  
 Após uma visão, uma apparencia  
 Enganadora sim, porêm brilhante!

Entre as flores da minha adolescencia  
 Apparceu-me; soffrego, anhelante,  
 Quiz tomal-a nos braços; van demencia!  
 Fugiu; e caminhou de mim deante.

D'esta maneira os dois ha muito andamos;  
 Ella, espirito, vôa; eu sigo-a a medo;  
 E sempre um do outro mais nos apartamos.

Já mal a vejo ao longe; o tempo ledo  
 Findou; o outomno já desfolha os ramos.  
 Ai! ó meus sonhos, findareis bem cedo!

---

## RAPTO

Que ar é este que respiro  
 Enlaçado nos teus braços?  
 Tomo-te as candidas azas;  
 Vôo livre nos espaços,

Nos espaços infinitos,  
 Além do mundo, no assento  
 Onde outro tempo subia  
 Apenas co'o pensamento;

Mas onde hoje me sublimo,  
 Desprendido da materia,  
 Como espirito gerado  
 A luz da mansão etherea.

É que minh'alma no fogo  
 Da tua purificou-se,  
 E digna de ver o empyreo,  
 Vendo a tu'alma tornou-se.

É que as minhas terreas azas  
 Nos ares me suspendiam,

Porêm subir tanto acima,  
 Tanto acima não podiam.

Agora levam-me as tuas,  
 Que são puras e divinas,  
 E com ellas me levanto  
 As moradas diamantinas.

D'essas viagens que faço  
 Agora junto contigo  
 Projecto debalde a historia  
 Descrever; nada consigo.

Não, não existem palavras,  
 Nem metro, por mais cadente,  
 Que saibam contar aos outros  
 Este viver innocente.

Nem, sabendo, o entenderiam:  
 É tanta nossa ventura,  
 Que a percebem só os anjos,  
 Mais nenhuma creatura.

---

## EPITAPHIO

Como um raio de luz e de esperanza,  
 No lar paterno só brilhaste um dia:  
 É que por este mundo tu voavas,  
 Anjo, em busca da patria da alegria.

Mas que suave aroma d'innocencia,  
 Que mixto de tristeza e claridade  
 Não deixaste, inda assim, a quem te amava,  
 A teus chorosos paes! e que saudade!

## EPITAFFIO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Come un raggio di luce e di speranza,  
Nel patrio ostello sol brillasti un giorno;  
È perchè in questo mondo tu volavi,  
Angelo, in cerca di miglior soggiorno.

Ma qual soave aroma di innocenza,  
Qual misto di tenèbra e di chiarore  
Non lasciasti qui in terra in chi t'amava!  
E ne' tuoi genitori qual dolore!

---

## VOZ SECRETA

Tenho em mim uma voz mysteriosa,  
Que não ouve ninguem, que eu oiço apenas,  
Mais que do campo ao longe as cantilenas,  
Mais que celeste côro maviosa.

Ora é triste, monotona, saudosa;  
Ora do padecer me abranda as penas;  
Ora me leva d'outro mundo ás scenas  
E me embala nos sonhos carinhosa.

Ah! como então é seductora e bella!  
Mas outras vezes lança-me da altura  
A que me ergueu; revolve-me a procella

Das paixões; torna em colera a doçura;  
Apunhala-me; e vou inda após ella;  
E inda encontro em seu canto formosura!

---

## VOCE SEGRETA

VERSÃO DO SR. THOMAZ CANNIZZARO

Una voce ho nel cor misteriosa,  
Che alcun non ode, ed io soltanto appena,  
Più che alpestre, remota cantilena,  
Più di un coro celeste nebulosa.

Or monotona, or triste, or lamentosa,  
Or mi lenisce del soffrir la pena;  
D'un altro mondo or pingemi la scena  
E in mille sogni cullami amorosa.

Oh! quanto allora è seduttrice e bella!  
Ma poi ratto mi fà da tanta altezza  
Del cor precipitar ne la procella.

Allor, conversa in ira ogni dolcezza,  
Uccidemi; ed io pur vò dietro a quella,  
E ancor nel canto suo trovo bellezza!

Messina—Febbraio—1899

## DEN HEMLIGA RÖSTEN

VERSÃO DO SR. GÖRAN BJÖRKMAN

Jag har inom min barm en hemlig röst,  
Som är förnimbar endast för mitt öra  
Likt fjärran sång, som plötsligt man får höra  
I enslig dal, där det är dödsstum höst.

Än mild, den stillar kvalen i mitt bröst.  
Än kan till vemodstårar den mig röra.  
An plär till fjärran rymder den mig föra,  
Värliga land, som skänka salig tröst.

Hur trolskt dess genljud i min själ då klingar!  
Men ve, i nästa stund med svarta vingar  
Kommer en storm, som bort min drömvärld sopar.

En lidelse sitt härskri till mig ropar.  
Och se, nyss from och blödig likt en kvinna,  
Jag själfva vredens röst nu skön kan finna!

## VOIX SECRÈTE

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

Je porte en moi je ne sais quelle étrange voix,  
Que n'entendit personne et que j'entends à peine,  
Plus douce que le cœur céleste, plus sereine  
Que la chanson rustique au lointain dans les bois.

Tantôt triste, elle cède à de cruels émois;  
Tantôt de ma misère elle allége la peine;  
Tantôt d'un autre monde elle m'ouvre la scène  
Et me berce et m'endort dans les songes parfois.



Ah! comme elle est alors enchanteresse et belle!  
 Mais soudain des hauteurs où son vol m'a porté  
 Elle me jette en bas, me laisse ballotté

Au vent des passions, furieuse et rebelle  
 Me poignarde... Et toujours, moi, je cours après elle,  
 Et toujours je retrouve en son chant la beauté!

## PROPHECIA

À MORTE DE GONÇALVES DIAS

Bardo, foste propheta. Nos teus versos  
 Com a penna cruel e inevitavel  
 Do próprio fado, esclarecido o animo,  
 Teu destino fatal assignalaste.  
 Quando, feliz a patria abandonando,  
 A patria cara, a teus fieis amigos,  
 No florir da existencia, adeus disseste,  
 Estas, em mal, fatídicas palavras  
 Te sahiram dos labios, segredadas  
 Talvez por Deus; reconditos mysterios!  
 «Porêm, quando algum dia o colorido  
 Das vivas illusões que inda conservo  
 Sem força esmorecer e as tão viçosas  
 Esp'ranças que eu eduço se afundarem  
 Em mar de desenganos, a desgraça  
 Do naufragio da vida há de arrojár-me  
 À praia tão querida que ora deixo.  
 Tal parte o desterrado. Um dia as vagas  
 Hão de os seus restos rejeitar na praia,  
 D'onde tão cedo se partira e onde  
 Procura a cinza fria achar abrigo.»<sup>(1)</sup>

Cumpriu-se a predicção! Uma por uma,  
 As tuas expressões sahiram certas!  
 Cumpriu-se a predicção! Quem o pudera  
 N'esse tempo antever? Só Deus, sómente  
 Quem, por Deus inspirado, ao longe alcança  
 N'um relance as reconditas entranhas  
 Do longinquo porvir.

E quão ditoso  
 Eras então, embora no alaúde,  
 Alma que á terra presa ao céu subia,  
 Te queixasses da vida! De esperanças  
 Alegre o teu futuro se enramava.  
 Sciencia, amor, felicidade, gloria  
 Eram os sonhos teus. Sob os teus passos

(1) *Cantos*, edição de Leipzig, pag. 110

Da juventude as illusões nasciam,  
 Como nascem as rosas sob os passos  
 Da primavera, quando, findo o inverno,  
 Vem a terra animar. Com tão esplendido,  
 Tão extenso horizonte, que aos teus olhos  
 Das mais formosas cores se adornava  
 Da nascente manhan, dos patrios lares  
 Te despediste, e, atravessando o oceano,  
 Nas margens do poetico Mondego  
 Colher vieste do saber a palma.  
 Ahi, sob a ramagem dos salgueiros,  
 Do rio ao murmurar, tu' alma joven  
 A harmonia aprendeu; ahi, ao brilho  
 Da nossa lua e scintillantes astros,  
 Ahi, do nosso bello firmamento  
 Ao fogo creador, soltaste o vôo  
 Pela primeira vez, e, com saudade  
 Do longe berço, de sentido pranto  
 As meigas cordas orvalhaste á lyra.

Volveste após de Santa Cruz ás praias;  
 Volveste, mas feliz, mas coroado  
 Dos loiros da victoria. A honra, o applauso  
 Te foram receber, e por ditosa  
 Se teve a patria de gerar tal filho.

Só te faltava um ente idolatrado,  
 A que pudesses dedicar a vida.  
 Achaste-o; e louco lh'off'receste incenso  
 De estreme devoção. Eram completos  
 Todos os sonhos teus: emfim o mundo  
 Dava-te amor, felicidade, gloria.

Quantos falsas então não supportiam  
 As tuas previsões! Talvez tu mesmo,  
 Talvez tu mesmo duvidasses d'ellas!

Ai, misero de ti! Bateu a hora  
 Escripita pelo fado. O que julgaste  
 Do soberbo edificio que fundaras  
 Como o remate ser, foi o começo  
 Da tua perdição, lançou-o em terra.  
 Desceste breve do zenith ao occaso,  
 A pavorosa noite! Dos teus dias  
 O sol radiante se obumbrou de nuvens  
 Nuncias da tempestade, e o igneo raio,  
 Do céu baixando, te feriu terrivel.  
 Desde então a tu' alma lacerada  
 Silenciosa gemeu, em si guardando,  
 Para mais a roer, o interno abutre.  
 Só desejavas o repouso, a morte.

Desde então os propheticos agoiros  
 Se começaram de cumprir, ó bardo.

Tu bem o conheceste, e do teu curso  
Viste perto fechar a breve estrada  
A lapida funerea!

Em vão das lettras  
Na improba fadiga, sem descanso  
Procuraste esquecer do mal a chaga,  
Se é que, antes, não buscavas no trabalho  
Abbreviar a desditosa sorte.  
Em vão a lyra resoar fizeste;  
Em vão; as tuas notas de outro tempo  
Se tornaram gemidos. Pela America,  
Pelos paizes da illustrada Europa  
Vagabundo correste; mas contigo,  
Mas deante de ti, a toda a parte  
Ia, sem te largar, tua amargura.  
Breve principiou tambem o corpo  
A definhar, a padecer. Sentindo  
Já perto a morte, pela vez extrema  
Voltaste á patria, as previsões fatidicas  
Bem como se cumprir assim quizesse.  
As tuas illusões tinham passado;  
No mar do desengano as esperanças  
Afundado se haviam; a desgraça  
Do naufragio da vida te arrojava  
A praia amiga que feliz deixáras.

Partiste. Da existencia esperançosa  
Que á luz do céu natal desabrochara  
Ao terreno natal o que conduzes?  
Quasi um cadaver só. Distante fica  
A Europa; já o espaço que a divide  
Do Novo Mundo diminue; com elle  
Tambem já diminue teu fraco alento.  
Proximo estás do solo do teu berço;  
Proximo estás do tumulto! Não ouves  
Terra em festivo som gritar da gavia  
O gageiro? Não vês ao longe, ao longe,  
Como nuvem romper do azul dos mares  
A desejada costa? Ai! o teu corpo  
Mal se pode mover! Ai! os teus olhos  
Quasi que os fecha o sempiterno somno!  
Queres-te levantar para avistal-a  
Ao menos uma vez. Esforço inutil!  
Nunca mais a verás!

Mas n'este ponto  
O vento cresce, e pelas ondas salta,  
Presa dos mares, o alagado lenho.  
Ficam-lhe á proa perigosos baixos,  
Que é impossivel evitar. O gelo  
Do medo, do pavor invade os membros  
Aos navegantes. Elle só não treme.

Força para tremer já não tem quasi:  
 Jaz insensível d'este mundo aos males,  
 Sobre o leito da dor despojo inerte!  
 Que choque horrendo, que angustioso brado  
 O espaço atrôa? N'um cachopo occulto  
 O alteroso baixel se parte e esmaga.  
 De machina tamanha apenas restam  
 Alguns destroços a boiar nas aguas!  
 De tantos homens que lhe davam alma  
 Alguns corpos á tôa, fluctuantes,  
 Scena triste de dor! bebendo a morte!  
 E o d'elle, o do infeliz? N'alguma praia  
 Da patria amada as despiedosas vagas  
 O arrojaram de certo, por que fossem  
 (Complemento do oraculo funesto)  
 N'ella os seus restos procurar abrigo.

Assim, uma após outra, se cumpriram  
 As tuas predicções, pobre poeta!  
 Foi vontade de Deus! Que desenganos,  
 Que altos mysterios este mundo encerra!

Torres Vedras—1867—Julho 13

---

## AO PERTO

Quando tu eras  
 De mim distante,  
 Amava as graças  
 Do teu semblante:  
 O meigo riso,  
 Os olhos bellos,  
 Esses cabellos  
 Que lindos são;  
 Porêm agora,  
 Vendo-te ao perto,  
 Eu mais ainda  
 Te amo de certo,  
 Porque descubro  
 Patentes, claros,  
 Teus dotes raros,  
 Teu coração.

Assim o templo,  
 Que a mão do artista  
 Ergueu formoso,  
 Nos prende a vista  
 Com columnellos,  
 Arcos aos centos,  
 Com mil portentos  
 Do genio seu;  
 Mas dentro d'elle  
 Se penetrâmos,  
 De pasmo extaticos,  
 Mudos ficâmos,  
 Em Deus pensando,  
 Co'a alma cheia  
 Da sua idéia,  
 Da luz do céu.

---

## VOZ NO DESERTO

Vinte seculos quasi, ó Christo, se hão passado,  
 Após que tu vieste em seu caminho errado  
 Os homens conduzir; vinte seculos quasi,  
 Depois que tu lançaste a sacrosanta base

Á nossa pura fé, e a voz da caridade,  
Unida, resoou, á voz da liberdade,  
Depois que a prepotencia, ó Martyr do Calvario,  
Porque eras justo e bom e aos algozes contrario,  
Te pregou n'uma cruz; e inda hoje a raça humana,  
Corrido tanto tempo, á injustiça tyranna  
Curva humilde a cerviz, que em vão sacode o jugo  
Sob a ferrenha mão do potente verdugo;  
Inda hoje, separada em mil povos dispersos,  
Que luctam entre si, uns a outros adversos,  
Que se conhecem mal, ou nem mesmo se entendem,  
Que, na treva, sem lei, como loucos se offendem,  
Ao acaso caminha em seu caminho incerto,  
Sem teu verbo escutar, que sôa n'um deserto!

## RECORDAÇÃO

Triste eu vinha das praias do desterro,  
Sem pae, sem mãe, sem lar,  
Moço, e já farto de lidar co'as ondas  
Do infortunio e do mar.

Fôra longa a viagem; té que um dia,  
De manhan, o gageiro,  
Terra, além, pela prôa, da alta gavia  
Bradou ao timoneiro.

Oiço-o; corro á amurada; e os olhos sofregos  
Alongando ao horizonte,  
Descubro-a, pouco e pouco, a levantar-se  
Das aguas, nevoa ou monte,

E de alegria tremo. Embora seja  
Para mim terra extranha,  
É visinha da terra do meu berço,  
É a costa de Hespanha.

Dentro em breve...E oito annos de amarguras,  
Tornadas n'um desejo,  
Se me apoderam d'alma e pensamento,  
É só a Patria vejo.

Rompe a aurora; o baixel navega rapido  
Entre lençoes de espuma;  
Já se divisam valles e collinas;  
Já a serra se apruma,

Se estende de nós perto, qual se o curso  
Embargar-nos quizera;  
Brilha o sol; abre os céus; prateia os mares;  
E os campos regenera.

O espectáculo é grande, é variado.  
 Ah! minha amena infancia!  
 Sítios onde brinquei, ereis mais bellos!  
 Porém, n'isto, em distancia,  
 Uma sombra me attra'e, um ponto, um nada,  
 E esqueço-me de tudo:  
 Do mar, do sol, da natureza em pompa;  
 E fico absorto, mudo,  
 Porque, na faldá quasi da montanha,  
 De solitario albergue  
 Para a abobada azul de fumo um rolo  
 Suavemente se ergue,  
 E d'elle após meu coração suspira.  
 Qual columna de incenso,  
 A rescender amor do altar domestico,  
 N'aquelle templo immenso,  
 Mostra-me o lar quieto; e eu lar não tenho!  
 A familia, a alegria;  
 E eu, triste, pobre, só, á Patria volto!  
 E a familia perdi-a!  
 Já lá vão muitos annos; no theatro  
 Da vida quantas scenas:  
 Sonhos, desillusões, risos, tristezas,  
 Esp'ranças, gosos, penas!  
 E ainda muita vez, se vejo o fumo  
 Para os ares subindo  
 Ao longe do casal, minh'alma o segue,  
 Saudade e dor sentindo!

## UM PARA O OUTRO

Desde que te vi amei-te;  
 Desde que te amei vivi;  
 Desde que vivo conheço  
 Que não posso estar sem ti.

Tu és o sol dos meus olhos;  
 Meu pensar, a minha vida,  
 O anjo da minha guarda;  
 A minha flor mais querida;

Dos meus amores a fonte,  
 Fonte saborosa e pura,  
 Toda composta de graça,  
 Toda cheia de ternura,

Onde a minh'alma a bondade,  
 A virtude, o gosto bebe,  
 Que reverbera á minh'alma  
 A luz que do céu recebe.

Um para o outro formou-nos  
 O poder do Omnipotente,  
 Dois diversos na apparencia,  
 Um no espirito sómente.

Na mesma terra nascemos;  
 O mesmo ar aspirámos;  
 Porém juntos não vivemos;  
 Mas nunca nos encontrámos.

Tu ficaste onde nasceras;  
O largo oceano eu corri;  
E annos da Patria ausente  
De saudades me nutri.

Pude vêl-a emfim de novo,  
E trasbordei de alegria,  
E cheio suppuz o vacuo  
Que dentro de mim sentia.

Encheu-se; mas de desejos,  
De um aneio illimitado,  
Que até alli não conhecera,  
Que nunca tinha provado.

Era amor, amor ardente  
Que o meu peito esbraseava,  
Que, igneo<sup>o</sup>rio, nos meus versos  
Refervendo se arrojava.

Porê m onde, onde empregal-o?  
Procurei; e sêmpre em vão:  
Não havia quem pudesse  
Entender meu coração.

Assim errei longo tempo  
Tristuroso, solitario,  
O vulcão em mim guardando  
Qual em fechado sacrario.

Mas não sei que voz interna  
Me inspirava confiança,  
E aclarava minhas trevas  
Como o raio da esperanza.

Era a voz do que governa  
As espheras celestiaes,  
Do que ambos um para o outro  
Nos tinha creado eguaes.

Achei-te emfim, meu consolo,  
Ó mulher que ao céu me ligas,  
Santelmo na tempestade,  
Termo das minhas fadigas.

Tu sim entendes minh'alma,  
Pois foste feita por ella;  
Tu sim és bella no corpo,  
E no espirito mais bella.

Não pôde o tempo e a distancia  
Desunir o que uniu Deus.  
Juntos agora vivemos;  
Os meus dias são os teus.

Como dois astros irmãos,  
Da mesma especie formados,  
Errando no ar, distantes,  
Do mesmo sol aclarados,

Sem se verem, caminhando  
Um para o outro, attrahidos  
Pelo orbe soberano  
Até n'um serem fundidos,

Assim nós fomos no mundo:  
Fez-nos irmãos o Senhor;  
Fundiu-nos n'um ente apenas  
O sol da vida, o amor.

Um do óutro completamos  
Inteiro o ser, a existencia.  
Ah! que unidos nos conserve  
Sempre a mão da Providencia;

E que unidos expiremos  
A um tempo e de um só corte.  
Ficar um sem ter o outro  
Fôra mais que a propria morte.

## UNO PARA OTRO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Desde que te ví te amé;  
Desde que te amé viví;  
Desde que vivo conozco  
No poder vivir sin tí,

Tú eres el sol de mis ojos,  
Tú mi pensar, tú mi vida,  
Tú el ángel custodio mio,  
Y tú mi flor mas querida.

Tú de mis amores fuente,  
Fuente sabrosa cuan pura,  
Toda compuesta de gracia,  
Toda llena de ternura.

Fuente en que encuentro mi dicha,  
Donde la virtud se espeja,  
Donde se ilumina el alma,  
Donde el cielo se refleja.

Uno para otro nos hizo  
El Señor omnipotente,  
Dos cuerpos en la apariencia,  
Pero un' alma solamente.

En una tierra nacimos,  
Un aire hemos respirado,  
Y aun antes de habernos visto  
Siempre nos hemos amado.

Tú en tu hogar permaneciste;  
Yo largos mares surqué,  
Y, años de la pátria ausente,  
De penas me alimenté.

Pude verla en fin de nuevo,  
Sabe Dios con qué alegría;  
Y luego sentí llenarse  
El vacío que sentía.

Se llenó, mas de deseos,  
De un anhelo ilimitado,  
Para mí extraño, indecible,  
Y nunca experimentado.

Era amor, amor ardiente,  
Lo que el pecho me encendía,  
Igneá onda que en mis versos  
Violenta se esparcía.

¿Mas en qué, como emplearlo,  
Como calmar mi pasión,  
Si no hallaba quien pudiese  
Entender mi corazón?

Así pasé largo tiempo,  
Triste, ansioso y solitario,  
Ocultando en mí ese incendio  
Como en profundo sagrario.

Yo no sé que voz interna  
Me inspiraba confianza,  
Y alumbraba mis tinieblas  
Como un rayo de esperanza.

Era la voz del que rige  
Las esferas celestiales,  
El que al uno para el otro  
Nos quiso crear iguales.

Te ví al fin, tesoro mío,  
Mujer que al cielo me ligas,  
Santelmo en la tempestad,  
Descanso de mis fatigas.

Tú sí que á mi alma entiendes,  
Pues hecha has sido por ella;  
Tú sí, tan bella de cuerpo,  
Y de espíritu tan bella.

Tiempo ni distancia pueden  
Desunir lo que une el cielo;  
Un vivir mismo es el nuestro,  
Uno solo nuestro anhelo.

Como dos astros hermanos  
Por igual arte formados,  
Surcando el cielo, distantes,  
Y por un sol alumbrados,

Sin verse van caminando  
Uno hácia el otro, atraídos  
Por el orbe soberano,  
Hasta en uno ser fundidos,

Así nos crió en el mundo  
Como hermanos el Señor;  
Luego nos fundió en un ente  
El sol de vida, el amor.

Uno en el otro vivimos  
Con una sola existencia;  
Ah! que unidos, siempre, siempre,  
Nos deje la Providencia!

Y que unidos expiremos  
A un tiempo y con igual suerte;  
Que el vivir uno sin otro  
Fuera peor que la muerte.

A...

Ha em nós uma tal conformidade  
No pensar, no sentir, no amor, na crença;  
Da minh' alma e tu' alma a parecença  
É tal, que uma só formam na verdade.



N'este modo de ser, n'esta irmandade  
 Nossa ventura está; que differença  
 Entretanto, querida, grande, immensa  
 Nas duas em tamanha paridade!

De si o teu espirito é só filho;  
 O meu de ti procede em muita parte;  
 Um é luz; outro espelho, antes sem brilho.

Mas, se n'isto não posso equiparar-te,  
 N'outra coisa não cedo, não humilho  
 A minh'alma á tu'alma, é só no amar-te.

---

## AS ANDORINHAS

Ao teu eirado as andorinhas  
 Chegaram hontem; vi-as chegar;  
 Vinham cansadas as coitadinhas.  
 Ha tantos dias seipre a voar!

Vinham do clima lá da Moirama,  
 D'além do estreito de Gibraltar,  
 Do chão que vívido o sol inflamma,  
 Por sobre a terra, por sobre o mar.

Porêm ao longe, mal avistaram,  
 Entre a verdura, teu niveo lar,  
 Alento novo, maior cobraram;  
 Eil-as o vôo logo a apressar.

Todas alegres o ar fendiam,  
 Sem um instante sequer parar!  
 É que os seus ninhos já descobriam;  
 É que te viam, anjo sem par.

Uma, do bando certo a mais bella,  
 Onde é que havia d'ir-se poisar?  
 Da tua alcova sobre a janella;  
 E por ti poz-se como a chamar.

Já entreaberta era a vidraça;  
 Inda te estavas a pentear;  
 No teu cabello, manto de graça,  
 Vinham os raios do sol brincar.

És tu que chegas, ó minha amiga?  
 Disseste, abrindo-a; e ella a piar;  
 Eu já conheço tua cantiga;  
 Vem minhas magoas suavisar.

Ha muitos dias que te aguardava;  
 A primavera vae começar.  
 N'isto entre as mãos a agasalhava;  
 E ella deixava-se agasalhar!

Procura o ninho que te hei guardado;  
 Tu bem te lembras do seu logar;  
 Ditosa ahi vive com teu amado.  
 Só eu não posso na terra amar!

A taes palavras, no ar soltou-a;  
 E a ave, em jubilo, a pipilar,  
 Ao ninho perto correndo voa,  
 Emquanto a joven quêda a scismar.

Ah! scisma, e attende as preces minhas;  
 A primavera vae começar;  
 Se és piedosa co'as andorinhas,  
 Sê piedosa com meu penar.

As andorinhas são meus desejos;  
 Para ti andam sempre a voar;  
 As andorinhas são os meus beijos;  
 N'esses teus labios querem poisar.

Seus longos pios são minhas queixas;  
 Mas o que vale tanto queixar?  
 D'alma a janella fechada deixas;  
 E fico sempre, sempre a esperar.

## LE RONDINELLE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ieri al tuo tetto  
 Le rondinelle  
 Giünser le vidi  
 Proprio arrivar;  
 Erano stanche  
 Le poverette:  
 Da tanti giorni  
 Sempre a volar!

Ma appena lungi  
 Tra la verzura  
 Videro il niveo  
 Tuo casolar,  
 Per nuova lena  
 Fatte gagliarde,  
 Eccole il volo  
 Tosto affrettar.

Venian da' luoghi  
 Del regno moro,  
 Oltre lo stretto  
 Di Gibraltar,  
 Regione adusta;  
 E avean viaggiato  
 Sopra la terra,  
 E sopra il mar.

Oh! come allegre  
 Fendean lo spazio,  
 Ormai sdegnose  
 Di riposar!  
 È perchè i propri  
 Nidi han scoperto,  
 E te han creduto  
 Di ravisar.

D'esse una, certo,  
 La più vezzosa,  
 Dove mai, dove  
 Si andò a fermar?  
 Sopra il balcone  
 Della tua stanza,  
 Cantando, come  
 Stesse a chiamar.

Era socchiusa  
 Già l'invetriata,  
 E tu ti stavi  
 Ad acconciar;  
 Nei tuoi capegli  
 Copiosi e neri  
 Del sole i raggi  
 Parean scherzar.

L'imposta aprendo,  
 Sei tu, dicesti,  
 O amica? ed essa  
 Ponsi a cantar.  
 Ah! ben conosco  
 La tua canzone;  
 Vieni il mio duolo  
 A consolar.

Da molti giorni  
 Io t'aspettavo;  
 La primavera  
 Va a cominciar;  
 E colla mano  
 L'accarezzavi,  
 E essa lasciavasi  
 Accarezzar.

Va; cerca el nido  
 Che ti ho serbato;  
 Il sito ov'era  
 Dei ricordar.

Qui lieta vivi  
 Col tuo diletto.  
 Sol io nel mondo  
 Non posso amar!

Ciò detto, libero  
 Lasci l'augello,  
 Ed esso in giùbilo  
 E a pigolar,  
 Al vicin nido  
 Dirige il volo;  
 Mentre tu resti  
 A fantasiar.

Ah! pensa; e ascolta  
 La prece mia:  
 La primavera  
 Va a cominciar;  
 Se ami pietosa  
 Le rondinelle,  
 Sii pur pietosa  
 Pel mio penar.

Le rondinelle  
 Son le mie brame,  
 Che te col volo  
 Vanno a cercar;  
 Le rondinelle  
 Sono i miei baci,  
 Che sul tuo labbro  
 Vorrei stampar.

Sono i miei lagni  
 Quei pigolii.  
 Ma tanto lagno  
 Che può giovar?  
 Te ognora hai chiuso  
 L'uscio del core;  
 E resto io sempre,  
 Sempre a sperar.

## LAS GOLONDRINAS

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

A tu azotea las golondrinas  
 Ayer llegaron, las vi llegar;  
 Iban cansadas las pobrecillas,  
 De tanto esfuerzo, tanto volar.

De allá venian de Moreria,  
Allende el monte de Gibraltar,  
De aquellos climas que el sol inflama,  
Cortando tierras, surcando el mar.

Mas quando apenas vieron de lejos,  
Por entre flores, tu hermoso hogar,  
Aliento nuevo, mayor cobrando,  
Su vuelo quieren apresurar.

Ah! como el aire cruzan alegres,  
Sin perder tiempo, sin respirar:  
Es que ya avistan sus lindos nidos,  
Es que te han visto, angel sin par.

De entre ellas todas la mas graciosa  
¿Donde se habia de ir á posar?  
En los balcones de tu alcobita,  
Donde te empieza luego á llamar.

Ya tu ventana se hallaba abierta,  
Como te habias puesto á peinar  
Tus lindas trenzas, manto de gracia,  
Donde el sol fuera luego á jugar.

¿Eres tu, linda querida mía?  
Dijiste al verla y oirla cantar,  
Yo bien conozco tu voz risueña,  
Que mis dolores viene á calmar.

Ya ha muchos días que te esperaba;  
La primavera va á principiar.  
Luego en sus manos la acariciaba;  
Y ella se deja acariciar.

Regresa al nido que te he guardado;  
Tu bien te acuerdas de su lugar;  
Dichosa vive con tus amores;  
Sola en el mundo no puedo amar!

Asi diciendo, libre da deja,  
Y el ave alegre se echó á trinar;  
Al nido suyo ya presto vuela,  
Y ella soñando la ve volar.

Ah! sueña, sueña, vé mis tormentos;  
La primavera va á principiar;  
Si te conmueven las golondrinas,  
Porque me dejas así penar?

Las golondrinas son mis deseos  
Que hácia ti vuelan sin descansar;  
Las golondrinas son mis cariños;  
Sobre tus labios quieren posar.

Sus largos gritos son mis gemidos;  
 Mas de que sirve tanto gritar?  
 De tu alma nunca me abres las puertas,  
 Ni ceso nunca yo de esperar!

---

## CRENÇA NO PORVIR

Um dia, ó Patria, sahirás do leito,  
 Em que jazes ha tanto adormecida.  
 Ah! se Deus até lá me dêsse vida,  
 Como deixára a vida satisfeito!

Julgaste para ti o mundo estreito;  
 E hoje do mundo estás quasi esquecida!  
 Não succumbas porêem; resiste; lida;  
 Podes muito fazer, que muito has feito.

Brio, fé e valor tens, como outr'ora;  
 Tens de teus filhos o soberbo muro;  
 E o mar qu'inda te chama e te namora.

Se pois quizeres, o combate dũro  
 Vencerás; raiará de novo a aurora.  
 Crê em ti, crê no céu, crê no futuro.

---

## FEDE NEL AVVENIRE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Un giorno, o Patria, tu uscirai dal letto,  
 In che stai da stagion lunga assopita.  
 Ah! s'io fino a quel dì durassi in vita,  
 Come il lasciarla mi sarebbe accetto!

Parve al tuo ardire il mondo troppo stretto;  
 E or la fama di te quasi è sparita!  
 Non t'accasciar; resisti; fitti ardita;  
 Molto hai fatto, e ancor molto da te aspetto.

Onor, fede e valor possiedi ognora;  
 Hai nei tuoi figli un'usbergo sicuro;  
 E il mar tuttor t'appella e ti innamora.

Vincerai, purchè il voglia, il cozzo duro;  
 E spunterà per te la nuova aurora.  
 Credi in Dio, credi in te e nel futuro.

## FOI DANS L'AVENIR

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

O ma Patrie, un jour tu quitteras le lit,  
Où te couche à cette heure un sommeil délétère.  
Ah! si Dieu jusque là me laisse sur la terre,  
Je mourrai satisfait, mon vœu sera rempli!

Du monde tu trouvais trop étroite la sphère;  
Et le monde aujourd'hui te met presque en oubli!  
Ah! relève ton cœur par le mal affaibli;  
Lutte; ce que tu fis dit ce que tu peux faire.

N'as-tu pas foi, courage, ardeur comme jadis?  
N'as-tu pas un rempart superbe dans tes fils?  
Avec le même amour la mer encor t'appelle.

Si tu veux, le combat tu peux le soutenir  
Et vaincre: pour voir poindre une aurore nouvelle.  
Crois en toi, crois au ciel et crois à l'avenir.

---

## FE EN EL PORVENIR

VERSÃO DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Un dia, oh Patria, te alzarás del lecho,  
En que yaces, ha tiempo, adormecida.  
Ah! si hasta entonces Dios me diese vida,  
Cuan feliz la perdiera y satisfecho!

Juzgabas á tu ardor el mundo estrecho,  
Y hoy del mundo estás casi obscurecida!  
No sucumbas al mal; lucha, atrevida;  
Mucho puedes hacer, que mucho has hecho.

Fé y valor en tu pecho se atesora;  
Aun tienes en tus hijos fuerte muro,  
Y el mar, que aun te reclama y te enamora.

Vence, si quieres, en combate duro,  
Y despuntar verás tu nueva aurora.  
Cree en el cielo, cree en ti, cre en lo futuro.

# CAMBIANTES

SEGUNDA EDIÇÃO

---

## O BUSSACO

AO MEU AMIGO ADOLPHO FERREIRA DE LOUREIRO

Eil-a a grande montanha, o templo augusto  
    Vezes três consagrado:  
À natureza, á fé, da Patria á gloria;  
    Não pelo homem formado;  
Mas pela eterna mão do Omnipotente,  
Durante o sobrepor de mil edades,  
À luz do sol, ao faiscar do raio,  
Ao abraço das soltas tempestades.

Como ao longe campeias sobranceiro,  
    Alçando a antiga frente,  
Senhor de terra e mar, de quanto abrange  
    O teu amplo horizonte,  
Envolyido nas nevoas da distancia,  
Quasi da mesma côr do azul aereo,  
Irmão do céu, unido ao céu, como elle,  
Cheio de santidade e de mysterio!

Mas, á medida que se encurta o espaço  
    E de nós te approximas,  
O manto rarefaz-se; avultas; formas-te;  
    Rasgam-se tuas cimas;  
Relevam-se; contornam-se teus membros;  
Surges filho da terra, alto gigante,  
A devassar, a interrogar o empyreo,  
A offerecer-lhe os hombros, novo Atlante.

Então um mundo inteiro tu franqueias,  
    Como que por magia,  
Um mundo de verdura, de grandeza,  
    De luz, de poesia;  
E a alma se contra'e, suspensa, tímida,  
Vendo-te apparecer já tão de perto,  
Qual se temesse penetrar o encanto  
Que mora nos teus bosques encoberto.

Vae subindo o caminho; e, a cada volta  
 Que elle dá, novas scenas  
 Se abrem perante os olhos admirados;  
 As sensações terrenas  
 Fogem, ao passo que nos foge o mundo,  
 E avisinhar-se mais o céu parece;  
 Até que a mente, arrebatada em extase,  
 E embebida no céu, o mundo esquece.

Como aqui não devia em outras eras,  
 No humilde santuario,  
 Junto do cimo teu, viver tranquillo  
 O monge solitario,  
 O que houvesse despido lá em baixo  
 Das humanas paixões o vil cortejo,  
 E, abrasado na fé, em Deus o espirito,  
 Em Deus tivesse apenas o desejo!

Se inda agora este ar é puro e santo,  
 E a alma nos eleva,  
 Agora que no monte consagrado  
 Calou do mundo a treva,  
 O que seria então, quando, no seio  
 De tanta solidão, tanta grandeza,  
 Só se ouvisse o eremita a Deus falando  
 E o concerto da agreste natureza!

Porêm aberto o ádito  
 Do bosque me convida.  
 Já entro. Que silencio!  
 Que paz na humana lida!  
 Que sombras! que murmúrios!  
 Que nunca vista luz!

Incerta, meiga, pallida,  
 Por entre os ramos cõa  
 De innumeraveis arvores,  
 E a idéia me povõa  
 Não sei de que mysterio,  
 Que a cogitar induz.

Sob os meus pés afõfa-se  
 E aos passos meus responde  
 O solo, cemiterio,  
 Que os restos guarda e esconde  
 De tanto tronco válido,  
 De tanta folha e flor;

Restos, que a selva em lagrimas  
 Orvalha gemedora,  
 Durante a noite placida,  
 Até brilhar a aurora,  
 Qual mãe terna e solícita,  
 Para lhes dar frescor.

Abobadas e abobadas  
 Virentes se entretecem  
 Por sobre mim; arqueando-se  
 Ora aos abysmos de'cem,  
 Ora do monte o pincaro  
 Vingam, buscando os céus.

Columnas mil grossissimas,  
 Da terra virgens filhas,  
 Sustem-as, como a India,  
 Farta de maravilhas,  
 Não tem nos subterraneos,  
 Enormes templos seus;

Às vezes a distancias  
 Eguaes, enfileiradas,  
 Às vezes dessimetricas,  
 Sem ordem, espalhadas,  
 Erectas, inclinando-se,  
 Sobre outras a tombar.

Aqui do raio igneo  
 Umascadas jazem;  
 Além outras em circulo  
 Ao sol entrada fazem;  
 E algumas solitarias  
 Parecem meditar.



Que de arvores! quão varias!  
 O altivo, o corpulento  
 Cedro, que vae, pyramide,  
 Buscar o firmamento,  
 O abeto, o aderno, a tilia,  
 O roble colossal,

O choupo esguio e humido,  
 O sempre verde loiro,  
 Os espalmados plátanos  
 (Dos bosques o thesoiro),  
 E a pela flor lindissima  
 Catalpa sem rival,

E o cinnamomo, e o alamo,  
 E a florescente olaia,  
 E da nogueira umbrifera  
 A copa, e a leve faia,  
 E o companheiro, o simbolo  
 Da morte, e outros mil,

Cantando em suas citharas,  
 Já tristes, já suaves,  
 Com o correr das aguas,  
 Com o trinar das aves,  
 Da natureza próvida  
 O canto senhoril.

Em tamanhas bellezas enlevado  
 O pensamento e a vista,  
 Pelo extenso caminho fui andando  
 Até do monte á crista,

Por baixo sempre da cerrada abobada,  
 Á luz mysteriosa,  
 Que de fundo, poetico respeito  
 Povôa a selva annosa.

Mas, á medida que meus passos galgam  
 A arrogante montanha,  
 Mais viva claridade o espaço inteiro  
 De mim em torno banha.

Emfim ao alto chego; e a luz em jorros  
 Inunda o céu e a terra;  
 E a vista livre n'um relance abarca  
 O mar, o plaino, a serra.

Que espectáculo! Oh! não, nunca meus olhos  
 N'outro egual se fitaram;  
 Nunca em tamanho âmbito, á vontade,  
 D'est'arte se espraíram.

Como é bello aqui estar ao pé do emblema  
 Da redempção humana,  
 Da rude cruz, a contemplar as obras  
 Da mente soberana!

Como tudo isto é grande! Ao longe e ao largo,  
 Desde o cume do monte,  
 Pasmado, preso, o olhar incerto corre  
 De um a outro horizonte!

Ora se afunda na planicie ou valle,  
 Que em doce paz se estende,  
 E que rio ou ribeira fecundante,  
 Líquida prata, fende;

Ora sobe ao oiteiro atapetado  
 De esmeraldina relva;  
 Ora desliza pelo dorso escuro  
 De emmaranhada selva.

Uma vez segue a costa que o mar beija  
 E o mar sempre inquieto;  
 Outras repouisa sobre o tenue fumo,  
 Que sa'e de pobre tecto.

Quantas povoações pela verdura  
 Aqui, alli alvejam,  
 N'este scenario amplissimo perdidas!  
 Que de aves avoejam

Pelo espaço infinito! E o soberano  
 Da creação, o homem,  
 Que tantas ambições, tamanhas lidas  
 Aguilhoam, consomem,

Nem sequer se descobre como um ponto  
 D'esta sublime altura,  
 Elle, que ser blasona d'entre todas  
 A maxima feitura!

Aqui, longe da van sociedade,  
 Absorto n'estas scenas,  
 Quem me dera morar por algum tempo;  
 E das prisões terrenas

Sentir quebrar-se aos pés a vil cadeia;  
 E descansar minh'alma,  
 Das mundanas procellas fatigada,  
 N'esta grandeza e calma!

Quem tedio sinta de viver entre homens  
 Venha viver tranquillo,  
 Perto da natureza e longe d'elles,  
 Em tão quieto asylo.

Se tem fé, junto á cruz, n'este augustissimo  
 Templo, de Deus só obra,  
 Reforçará o espirito que á onda  
 Do mundo não sossobra.

Se a não tem, sentil-o-ha, como aguia nova  
 Que o enthusiasmo impluma,  
 Erguer-se, arremessar-se no infinito  
 Buscando a causa summa;

Meditará no que é: um grão, um nada;  
 No que é quanto descobre:  
 Algumas letras do universo apenas;  
 E ao céu azul que o cobre

Alçará, sem querer, o olhar em busca  
 De um ser omnipotente,  
 Principio, origem, fim de quanto existe,  
 De quanto vê e sente.

Como deve ser outro este quadro,  
 Quando, á sôlta os fataes elementos,  
 Responder ao bramido dos ventos  
 O rebombo do rouco trovão;  
 Quando a subita luz dos relampagos,  
 Em logar d'este sol esplendente,  
 Alumiar todo o espaço virente  
 Co'o veloz, desmaiado clarão!

Negro o céu, ora limpido e bello,  
 Retratando a candura celeste;  
 Plumbea a terra; o ar turvo e agreste;  
 Em diluvios a chuva a cahir;  
 E por cima de nós galopando  
 Ver as nuvens, um cahos medonho;  
 E por baixo de nós, como um sonho,  
 Ver as nuvens e o raio luzir.

Então forte, soberba, terrivel,  
 Embuçada no véu da tormenta,  
 A montanha confuso apresenta  
 Seu aspecto medonho e feroz.  
 Inconcussa na base dos tempos,  
 Brama, ruge, com ella peleja;  
 Ri-se, quando o horizonte lampeja;  
 E ao fragor dos trovões junta a voz.

Muito embora tufões estrondosos  
 A alta grenha sem tregua lhe açoitem,  
 Bastas sombras a face lhe ennoitem  
 De caligem cerrada, infernal,  
 Sem que ao menos do empyreo lhe venha  
 Algum debil fulgor d'esperança  
 De á procella seguir-se a bonança,  
 E á treva do sol o fanal;

Muito embora tombando por terra  
 Veja os filhos, mil troncos gigantes,  
 E as torrentes da altura espumantes  
 Em tropel pela encosta a co'rrer  
 Lhe profundem rasgadas feridas,  
 E os penedos dos pincaros caiam,  
 Nunca, nunca seus brios desmaiam;  
 Tudo soffre sem nunca tremer.

E inda mais quão diverso este quadro  
 Do que é hoje não foi n'esse dia  
 De vergonha e derrota á ousadia  
 Do potente inimigo francez,

Quando o Filho á Victoria tão caro  
 Viu murchados os loiros primeiros  
 Pelo fogo dos nossos guerreiros,  
 Pelo fogo do exercito inglez!

Ó Bussaco, o teu nome famoso  
 Desde então mais famoso ha ficado;  
 Eras já pela fé consagrado;  
 Consagrou-te a natura tambem;  
 Mas depois d'esse dia terrivel,  
 Para nós de tão grata memoria,  
 Brilharás, qual já-brilhas, da historia  
 Nos annaes, pelos tempos além.

Foi bem proximo á tua floresta  
 Que entre as hostes rompeu o combate;  
 Julgo ouvir-lhes a marcha, o embate,  
 E dos bronzeos canhões o troar;  
 Julgo vêr reluzindo as bayonetas  
 Em columnas, de fumo e poeira  
 Densas nuvens, e a nossa bandeira  
 Vencedora no campo ondear.

Desde então todos nós portuguezes,  
 Ao chegar a teu solo, provamos  
 Nobre orgulho, e com medo o pizamos,  
 Pois tem sangue de nossos irmãos,  
 Sangue fertil, que a alma alimenta,  
 Para todos gastarmos a vida  
 Em defesa da Patria querida,  
 Emquanto haja uma espada e haja mãos.

Porêm o sol esplendido  
 Já toca no horizonte;  
 Porêm seu brilho tímido  
 Ao cume do alto monte  
 Co'a despedida ultima  
 Já manda a extrema luz;

E, ao passo que a planicie  
 Em baixo e as mais alturas  
 Das ondas do crepusculo  
 Se vão cobrindo escuras,  
 Um raio aclara pallido  
 D'esta eminencia a cruz.

Adeus, celeste lampada!  
 Em breve com seu manto  
 A noite triste e lugubre  
 Todo este monte santo,  
 E a terra, e o campo ethereo  
 De dó recobrirá;

E em sepulcral silencio  
 Elle será quieto,  
 Sob as estrellas tremulas,  
 Sob o seu verde tecto,  
 Emquanto a outro hemispherio  
 Tua face brilhará.

Mas, ámanhan purpurea  
 Apenas rompa a aurora,  
 Ha de soar de canticos  
 A luz que o espaço cora,  
 Ha de ser todo jubilo,  
 E todo festa e amor,

Para esperar-te, ó fulgido,  
 Eterno soberano,  
 Obra das obras maxima,  
 Da natureza arcano,  
 Para seu hymno mystico  
 Erguer ao Creador.

## DELIRIO

Pelas praias do mar, horas e horas  
Vago, só, no passado imaginando,  
Já as ondas espumeas contemplando,  
Já as minhas visões consoladoras!

Mas desfazem-se as ondas gemedoras;  
Mas das minhas visões o louco bando,  
Bem como o das gaiivotas, vae passando;  
E de vê-lo passar, minh'alma, choras.

Outras vezes, se rapida galera  
Descubro ao longe, a ella me transporto  
Na idéia, que inda sonha, que inda espera.

Mas outras vezes, em delirio absorto,  
Esquife tórno o que baixel só era;  
E dentro d'elle vou qual corpo morto.

## GÔSO

No termo o dia cobre  
De luz mysteriosa  
O firmamento immenso,  
A terra vaporosa.

As flores se levantam  
Que enlanguecera o sol,  
Para gosar da tarde  
E ouvir o roixinol.

A relva ao brando sopro  
Da aragem se aveluda;  
A ave, que escondida  
Ha pouco estava e muda.

Os módulos trinados  
Agora alegre solta,  
Fazendo' o ambroso campo  
Soar de nós em volta;

E ao pallido crepusculo  
Que os ares escurece,  
A flux a poesia  
Sobre noss'alma de'ce.

Que hora tão aprazivel!  
Que sitio encantador  
Para os que a par um do outro  
Vivem, qual nós, de amor!

A relva nos convida;  
Sobre ella nos sentemos,  
E ao gorgear dos passaros  
A nossa voz casemos.

Dize-me aquellas falas  
Que d'antes me dizias,  
Quando, de mim bem longe,  
Commigo estar querias;

Os sonhos e esperanças,  
A duvida, o receio,  
Que em ondas encontradas  
Rolavam no teu seio;

As juras; as promessas  
Que juntos proferimos;  
E tudo que pensámos;  
E tudo que sentimos.

Mas quê! nem sequer uma  
Palavra me respondes!  
Quanto no 'peito guardas  
Dentro do peito escondes!

Mas quê! tremem nas minhas  
As tuas mãos que aperto!  
Porêm só é de jubilo;  
De medo não, por certo.

Não fales, não, querida;  
 Que havemos de dizer,  
 Se a voz nos prende e embarga  
 O excesso do prazer?

Falar! se ambos nós temos  
 Os mesmos pensamentos!  
 Falar! se ambos nutrimos  
 Os mesmos sentimentos!

Muda é nossa ventura;  
 É muda, qual os céus,  
 Que, quanto mais tranquillos,  
 Mais apregoam Deus.

Como elles, a tu'alma,  
 Que é toda claridade,  
 Amiga providencia,  
 Me colma de bondade.

Como elles, com teus olhos,  
 Que são minhas estrellas,  
 Minha cegueira aclaras,  
 A minha sorte velas.

E os olhos amorosos  
 Nos olhos meus cravaste,  
 E a mão, sorrindo meiga,  
 Nas tuas me apertaste.

Que ternas confidencias  
 Na lingua dos amantes!  
 Que soffregos desejos!  
 Que rapidos instantes!

N'isto as singelas aves,  
 Occultas entre os ramos,  
 Ao verem-nossa dita,  
 Dobraram os reclamos,

E incendiada a brisa  
 De tanto amor no lume,  
 Verteu de nós em roda  
 Balsamico perfume.

Já o tácito crepusculo  
 À terra o adeus mandava,  
 Que já da noite o manto  
 O espaço acobertava.

Pouco depois na sombra  
 Velou-se a natureza;  
 Porêm do amor a chamma,  
 Dentro de nós accesa,

Aquella treva escura  
 Em luz a convertia,  
 Que o sol da f'licidade  
 Val tanto como o dia.

---

## TRISTEZAS

(DE OVIDIO)

Quando, quando me lembro da tristissima  
 Noite que derradeira estive em Roma,  
 E dos que então perdi seres amados,  
 Ainda aos olhos meus o pranto assoma.

Chegava o dia de deixar a Ausonia,  
 De Cesar dura lei! e eu não tivera  
 De preparar-me nem logar, nem animo,  
 Porque a espera do mal m'entorpecera.

Não m'importei de socios, nem d'escravos,  
 Nem do mais que precisa o desterrado:  
 De vestes, de dinheiro; vivo e morto  
 Era, como por Jove fulminado.

Mas quando a mim voltei, quando essa nuvem  
Se rasgou da minh'alma á dor pungente,  
Disse o ultimo adeus aos dois amigos,  
Que de tantos restavam, tristemente.

Eu chorava; e inda mais a minha esposa,  
Que me abraçava e sem parar vertia  
Immerecidas lagrimas; do caso  
Minha filha na Libya não sabia.

Ais, gemidos d'aqui, d'alli resoam;  
É o meu funeral no lucto e pranto:  
Homens, mulheres e meninos carpem-me;  
Tem lastimas meu lar a cada canto.

Se pode comparar-se o muito ao pouco,  
Tal foi de Troia em fogo a scena crua.  
Já da gente e dos cães a voz cessara,  
E alto guiava o carro a branca lua.

Então olhando-a e olhando o Capitolio,  
Embalde á minha habitação visinho,  
D'esta maneira exclamo: ó divindades,  
Que moraes perto do meu caro ninho,

Templo, que a ver não tornarão meus olhós,  
Numes que vou deixar, numes supernos,  
Que encerra de Quirino a gran cidade,  
Os meus adeuses recebei eternos;

E, posto que tardío a vós recorro,  
Só depois de soffrer do mal a injuria,  
Protegei-me, vos peço, em meu exilio;  
Dos feros odios escudae-me á furia;

E ao homem celestial que me condemna  
Dizei que houve em mim erro, mas não crime.  
Vós o sabeis. Placada esta deidade,  
Será mais leve a dor que hoje me opprime.

---

## TRISTIUM

Cum subit illius tristissima noctis imago,  
Quæ mihi supremum tempus in urbe fuit;  
Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui;  
Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.

Jam prope lux aderat, qua me discedere Cæsar  
Finibus extremæ jusserat Ausoniæ.  
Nec mens, nec spatium fuerant satis apta paranti:  
Torpuerant longa pectora nostra mora.

Non mihi servorum, comitis non cura legendi:  
 Non aptæ profugo vestis opisve fuit.  
 Non aliter stupui, quam qui Jovis ignibus ictus  
 Vivit; et est vitæ nescius ipse suæ.

Ut tamen hanc animo nubem dolor ipse removit,  
 Et tandem sensus convaluere mei;  
 Alloquor extremum mæstos abiturus amicos,  
 Qui modo de multis unus et alter erant.

Uxor amans flentem flens acrius ipsa tenebat;  
 Imbre per indignas usque cadente genas.  
 Nata procul Libycis aberat diversa sub oris:  
 Nec poterat fati certior esse mei.

Quocunque adspiceres, luctus gemitusque sonabant:  
 Forma que non taciti funeris intus erat.  
 Femina, virque, meo pueri quoque funere mœrent:  
 Inque domo lacrymas angulus omnis habet.

Si licet exemplis in parvo grandibus uti,  
 Hæc facies Trojæ, cum caperetur, erat.  
 Jamque quiescebant voces hominumque canumque;  
 Luna que nocturnos alta regebat equos.

Hanc ego suspiciens, et ab hac Capitolia cernens,  
 Quæ nostro frustra juncta fuere lari;  
 Numina vicinis habitantia sedibus, inquam,

Jamque oculis nunquam templa videnda meis,  
 Dique relinquendi, quos urbs habet alta Quirini;  
 Este salutati tempus in omne mihi.

Et quamquam sero clypeum post vulnera sumo;  
 Attamen hanc odiis exonerate fugam;

Cælestique viro, quis me deceperit error  
 Dicite; pro culpa ne scelus esse putet.  
 Ut, quod vos scitis, pœnæ quoque sentiat auctor.  
 Placato possum non miser esse Deo.

---

## ESQUIVA

Fonte amiga que mixturas  
 Os teus ais ao meu chorar,  
 Some o echo de meu pranto,  
 Quando aqui ella passar.

Mas, se acaso em tuas aguas  
 Um instante se mirar,  
 Pergunta-lhe se é possível  
 Ser tão bella e não amar.

Arvoredo, cuja sombra  
 Ella gosta de buscar  
 Dobra, dobra o teu mysterio,  
 Para mais a captivar;

Que n'esse ermo silencioso,  
 Onde a luz mal sabe entrar,  
 Pode ser que emfim se mova,  
 Escondida, a suspirar.



Vento, leva-lhe o perfume  
Do proximo laranjal,  
Das flores alvas de neve,  
Que amor anda a cubiçar

Para a capella da noiva  
Que ajoelha ao pé do altar.  
Dize-lh'ó, e dize que a sua  
Não ha de ter outra par.

Rosas côr do pejo d'ella,  
D'esse pejo de encantar,  
Rosas qu'em meio d'espinhos  
Vos tentaes a amor furtar,

Mas cedeis da abelha aos beijos,  
Mas cedeis ao namorar  
Da mariposa que em torno  
Vos anda sempre a voar,

A vossa historia contae-lhe;  
Talvez a queira escutar;  
E que viveis um só dia;  
E que viver é gosar.

Passaros que entre a ramagem  
O ninho usaes fabricar,  
Chamae-a com vosso canto;  
Amostrae-lhe o vosso lar;

E nas caricias, nos mimos,  
E dos filhos no cuidar  
Ensinæe-lhe o que é ventura,  
Ensinæe-lhe o que é amar.

Verdes troncos, leve brisa,  
Aves, flores do pomar,  
Silencio, rosas, mysterio,  
Fazei-lhe o peito abrandar;

E, se depois, fonte amiga,  
Em ti se vier mirar,  
Se a vires, preocupada,  
Gemer, sorrir-se, corar,

Não lh'escondas minhas dores,  
Antes, com teu murmurar  
Pergunta-lhe se algum dia  
O que soffro ha de acabar.

---

## PROMESSA

Não mais te deixarei, ó Patria minha.  
Pelo amor do saber mezes inteiros  
Vaguei por esses climas estrangeiros;  
Mas de ti que saudades eu não tinha!

O termo da jornada se avisinha;  
Quero gosar-te os annos derradeiros;  
Os vagidos ouviste-me primeiros;  
Em ti acabarei, ó Patria minha.

Ver França, ver Italia desejava;  
Italia, França vi; scismeí deante  
Das maravilhas d'arte que sonhava;

E da ausencia contei cada hora e instante!  
É que longe de ti eu só penava:  
Só vive ao pé da amada o terno amante.

## BELLEZA

Não é formosa?  
É mais; é bella;  
D'alma sua graça  
E luz provem.

Os seus encantos  
São taes e tantos,  
Que não inveja no mundo alguem:  
Pois ha de a estrella  
D'eterno lume  
Do meteóro sentir ciume,  
Do meteóro que veloz passa  
E das alturas do céu não vem?  
Pois a perpetua, sendo formosa  
Menos que a rosa,  
E sem perfume,  
Não a olha e trata, porque não morre,  
Só com desdem?

A formosura  
Mui pouco dura.  
Ai! como a rosa murcha tambem!  
E não nos deixa sequer memoria!  
Mas a belleza  
Canta victoria  
Da natureza,  
E vive e fulge da morte alêm.  
  
Qual de mais preço? Qual a mais clara?  
Qual a mais rara?  
Qual mais enlevoz será que tem?  
Não é formosa? É mais; é bella;  
E não inveja no mundo alguem.

---

## A MINHA MUSA

Da inspiradora solidão no meio  
Esquecido eu scismava,  
E dos sonhos no instavel devaneio  
Avido me engolfava,  
  
Como fazer costume, se suspenso  
Me leva a phantasia  
Nas largas azas; mas no espaço immenso  
Minh' alma se perdia

Sem lei, sem norte, aqui, alli voando,  
Incerta, impetuosa,  
De mil paixões a força exp'rimentando.  
Qual baixel que raivosa

Procella arrebatou de amigo porto,  
Que, arrojado no oceano,  
Ra'sga as ondas, por ellas quasi absorto,  
Sujeito o rumo e o panno

Dos ventos encontrados e mudaveis  
Ao despotico imperio,  
Taes os meus pensamentos variaveis,  
Tal meu pensar aereo..

E tantas impressões em verso ardente  
Brotavam-me espontaneas,  
Vago o contorno, em turbilhão fervente,  
Quasi que simultaneas;

E, apenas começadas, apagavam-se,  
E outras succediam.  
Já minhas azas de voar cansavam-se,  
E á terra me desciam.

Porêm n'isto uma voz melodiosa,  
Que eu cri do céu viera,  
Tão serena, tão pura, tão formosa,  
Tão sympathica era,

A tormenta de idéias me aquieta,  
O espirito me anima,  
E por virtude incognita e secreta  
Mais alto me sublima.

Porêm n'isto um rumor de leves passos,  
Que confundir não posso,  
A estreita compressão d'uns niveos braços  
Em torno ao meu pescoço,

Uns labios que n'um osculo se apertam  
Sobre a minha cabeça,  
O meu nome, á existencia me despertam,  
Fazem com que estremeça.

Volvo-me, e acho-te em pé junto a meu lado,  
Apparição celeste,  
Pendido o rosto e para mim voltado,  
O rosto que reveste

A mais terna expressão, tanta belleza,  
Tão grande amor, tão santo,  
E uma candura tal e singeleza,  
Que os olhos não levanto

Dos teus vívidos olhos que me inundam  
 De maviosa chamma,  
 E fazem que os meus olhos se confundam;  
 Que por mim se derrama

Um prazer divinal, um mundo inteiro  
 De magicas delicias;  
 Que beijo o teu semblante feiticeiro  
 E te encho de caricias.

Assim passei de um sonho a outro sonho;  
 Assim do meu delirio  
 Vertiginoso e quasi que medonho  
 A placidez do empyreo,

Recostado em teu candido regaço,  
 O fonte de innocencia,  
 Liberto de saudades d'esse espaço  
 E d'ess'outra existencia,

Onde longe de ti andei perdido.  
 Já incerto não vagava;  
 Que tu eras meu unico sentido;  
 Que tudo em ti cifrava:

Felicidade, gloria, vida, tudo.  
 E o fogo que fervera  
 Dentro de mim, mas que ficára mudo,  
 Ou no ar se solvera,

Quaes de orchestra multisona e diffusa  
 Os preludios dispersos,  
 Vendo-te apparecer, ó minha musa,  
 Correu por estes versos.

1866

## RESTITUIÇÃO

São muitos os beijos e causam-te enfado?  
 A mim nunca, nunca me fartam os teus.  
 Pois não te amofines, porque eu de bom grado  
 Recebo-os de novo; não é acertado?  
 Estende-me os labios e torna-os aos meus.

Porêm, se o que falas não é o que sentes;  
 Porêm, se os não tornas por falso pudor,  
 Irei eu tiral-os, mostrar-te que mentes,  
 E com outros beijos mais vivos, mais quentes  
 Fazer-te mais bello da face o rubor.

## LUCTA

Oito seculos quasi te'm passado,  
 Após que o teu solar independente  
 Formaste, ó Portugal, n'este occidente,  
 A palmo e palmo aos infieis tomado.

Pelo mar, pela Hespanha rodeado,  
 Venceste Hespanha e o mar, venceste o Oriente,  
 Déste mundos ao mundo; e finalmente  
 Baqueaste da lida fatigado.

Viu-te o mundo' cahir; e guerra crua  
 Faz-te ha seculos três; e aos invasores  
 Ha três sec'los resiste a força tua;

E, como leão, que affronta os caçadores  
 Ferido, e nobre, e a custo só recua,  
 Cedez; porêm com brados rugidores.

## EXPANSÃO E CONCENTRAÇÃO

Quando a existencia alvorece,  
 De nós a alma irradia,  
 Como um sol que o mundo inteiro  
 Com seu fulgor alumia.

Tudo é bello, tudo é grande,  
 Como elle; tudo queremos;  
 Tudo nos doira a esperança;  
 Inda o mal não conhecemos.

O céu immenso, infinito,  
 Cheio de Deus e de luz,  
 A mulher e seus enlevos,  
 Mystério que nos seduz,

A amisade, irman formosa  
 Do amor, sem ter o seu lume,  
 A terra com seus primores,  
 As rosas com seu perfume,

As corôas da sciencia,  
 Da gloria os altos fastigios,  
 Do futuro ao longe as nuvens,  
 Da humanidade os prodigios,

São outros tantos luzeiros,  
 Que do nosso firmamento

Nos incitam os desejos,  
 Nos alçam o pensamento.

E vamos sem ter receio;  
 E vamos, qu'importa aonde?  
 Sem prever quantos escolhos  
 O nosso destino esconde.

Assim no alvor da existencia  
 Afoito caminha o homem;  
 Porêm tantas esperanças  
 Breve em nada se consomem.

São quasi todas um sonho,  
 Vans illusões; e uma a uma  
 Da vida nas duras rochas  
 Se desfazem como espuma.

Pela gloria que o desvela,  
 Por façanhas, por poemas,  
 Dão-lhe fria indiferença  
 Ou do carcere as algemas.

Aqui na mulher que amava  
 Encontra só falsidade;  
 Allí só vil interesse  
 Onde suppunha amisade.

Medita os livros e o mundo;  
E, quanto mais os estuda,  
Mais o seu mundo encantado  
Aos olhos se lhe desnuda.

Vê o premio para o crime;  
Vê para os bons o supplicio;  
Envergonhada a virtude;  
Pompeando á sôlta o vicio;

A ambição ermando os campos,  
Levando os povos á morte;  
E suprema lei somente  
A ferrea lei do mais forte;

Vendida a honra; vendidos  
Os talentos, o pudor;  
Vendida a fé consagrada;  
E até mesmo o proprio amor.

Sempre em tudo desenganos!  
Sempre em todos egoismo!  
E pára; e fica suspenso  
Da vida no fundo abysmo!

Então os raios luzentes  
Que a toda a parte estendera,  
Como um sol, nos claros dias  
Da risonha primavera,

Recolhe dentro do seio;  
E com seu lume fatal  
Abrasa-se, e mais patentes  
Vê as chagas do seu mal.

Então foge a sociedade;  
Vae buscar a natureza;  
Mas é tudo solitario;  
Não tem d'antes a belleza.

Faltam-lhe os sonhos alados  
Que a toda a parte o seguiam,  
Que murmuravam nas brisas,  
Que nas flores rescendiam.

Alevanta ao céu os olhos,  
Todo brilhante d'estrellas,  
Como no tempo formoso  
Das suas crenças singelas;

Porêem não acha nenhuma  
Que lhe fale, como outr'ora!  
Tanta grandeza o anniquila!  
Tanto silencio o apavora!

Que lhe resta pois? Comsigo  
Viver das suas lembranças,  
Sepultura de si mesmo,  
Sem desejos, sem esp'ranças!

Feliz ainda o que pode,  
Como eu, depois dos revezes,  
Encontrar um d'esses anjos  
Que se encontram raras vezes,

Com elle, do mundo á parte,  
Passar a vida ignorado,  
E, como eu entre os teus braços,  
Esquecer-se do passado!

## HYMNO DO TRANSWAAL

(DE DU TOIT)

De novo no Transwa'l, na patria amada,  
Já o pendão quadricolor se eleva.  
Ai! da mão do Senhor abandonada,  
Que a arreal-o outra vez inda se atreva!  
Sob este céu azul ondeia ao vento,  
O insignia da nossa liberdade;  
O inimigo fugiu; no firmamento  
Resplende mais formosa claridade.

Quando arrostaste as rábidas procellas  
Sempre fieis te fomos; como outr'ora,  
No regaço da paz, já longe d'ellas,  
Os nossos corações terás agora.

Do bretão e do cafre combatida,  
Elles te vêem hoje, embalde irosos,  
Sobre as suas cabeças, mais erguida  
Pôr nós, por nossos braços valorosos.

Albion, cobiçosa e traiçoeira,  
Atreveu-se a abater-te; imaginava  
Que para lhe acceitarmos a bandeira  
Isto e promessas mil só lhe bastava.  
Tudo nos offertou; tudo enjeitámos:  
O vapor, o telegrapho, a riqueza;  
E o vermelho pendão jámais honrámos,  
Nem havemos de honrar. É van empresa!

Quatro annos lhe rogámos incessantes  
Que nos restituísse a nossa terra:  
Nada de ti queremos; como d'antes,  
Deixa-nos livres só; vae-te, Inglaterra!  
Mas, teimando, já gasta a paciencia,  
E fartos das promessas do tyranno,  
Oppuzemos-lhe armada resistencia,  
Tentando sacudir o jugo insano.

E, graças ao Senhor, o conseguimos;  
E a nós propicia a liberdade volta;  
E vemos tremular, como já vimos,  
Nossa livre bandeira ao vento sôlta.  
Custou-nos muitos mortos a victoria;  
Mas custou aos inglezes mais ainda.  
Assim Deus nos livrou; é d'elle a gloria.  
Foi para nós sua bondade infinda.

Fluctua sobre a nossa patria amada,  
Ó do Transw'al quadricolor bandeira!  
Ai! da mão do Senhor abandonada,  
Da mão perversa que arrear-te queira!  
Sob este céu azul ondeia ao vento,  
O insignia da nossa liberdade!  
O inimigo fugiu; no firmamento  
Resplende mais formosa claridade.

---

## CONFIDENCIA

Algumas vezes contemplando, ó lua,  
No céu teu orbe limpido e argentino,  
Ponho-me a meditar no meu destino,  
E em mil idéias o pensar fluctua.

Em quanto mar e terra a face tua  
Me ha visto, irrequieto peregrino,  
Sujeito ao que é mais barbaro e mofino,  
Sempre co'a injustiça em guerra crua!

Infancia, juventude, mocidade  
 Não tive; antes de tempo, a natureza  
 Deu-me o infortunio da maior idade.

E assim proseguirei, dos males presa,  
 Até que um dia, ó astro da saudade,  
 Não mais te contarei minha tristeza.

## INCERTEZA

Postos os meus olhos  
 Nos teus olhos bellos,  
 Tento descrevêl-os  
 Muita vez, e em vão;  
 Porque nunca posso  
 Distinguir ao certo,  
 Bem que de ti perto,  
 De que côr serão.

Quando satisfeitos,  
 Pulam d'alegria;  
 Nem a luz do dia  
 Tem maior fulgor;  
 Inconstantes, vívidos,  
 Como o sol tremente  
 Na fugaz corrente,  
 Cegam-me d'amor.

Quando se recolhem,  
 Quando tristes choram,  
 Quando Deus imploram,  
 Cegam-me também.  
 É que então ao brilho  
 Que sua luz derrama  
 Reunir-se a chamma  
 Da tu'alma vem.

E que não viesse...  
 Mudam-se elles tanto  
 Co'a tristeza e pranto,  
 Cobram tal poder,  
 Que os meus olhos, humidos  
 De piedoso affecto,  
 Por condão secreto,  
 Julgam outros ver.

Pois se os volves languidos  
 Quasi desmaiados,  
 Ou se põem turbados  
 Para a terra a olhar...  
 Sob os longos cìlios,  
 Sob o véu zeloso,  
 Tiram-me o repouso,  
 Deixam-me a scismar.

Meio então occultos,  
 Vou a contemplal-os,  
 Para debuxal-os  
 Como são, emfim.  
 Não o ouso; tremo;  
 Quêdo-me indeciso;  
 Falta-me o juizo;  
 Nada sei de mim.

Mas a côr qu'importa,  
 Se elles são fagueiros,  
 Ternos, feiticeiros,  
 Se me são leaes,  
 Olhos portuguezes,  
 Olhos sem segundos,  
 Limpidos, profundos  
 Como não vi mais?

Mas a côr qu'importa,  
 Se me o peito abalam,  
 Se expressivos falam,  
 Se prazer me dão,  
 Se do amor no empyreo  
 Fulgem quaes estrellas,  
 Se elles são janellas  
 D'esse coração?



## IRAS DE MAIO

Que alegria tão placida respiram  
 Estes campos, meu anjo! Como tudo  
 É em volta de nós deserto e mudo!  
     Que funda solidão!  
 No firmamento azul nem rara nuvem;  
 Do zenith abrasada a luz dardeja;  
 Pela encosta e no prado mal adeja  
     Tepida viração.

Não se escuta uma voz. Ninguém se avista.  
 Occulto jaz o passaro nos ramos;  
 Não chama o coração com seus reclamos  
     O amante roixinol.  
 A natureza inteira respeitosa,  
 De tanto brilho attonita, emmudece,  
 E com todas as galas apparece  
     Ao rei do dia, o sol.

Que é verão se dissera; e no começo  
 Apenas somos do risonho Maio;  
 Tanto fere do astro o quente raio,  
     O meu querido amor.  
 Sentemo-nos aqui por algum tempo,  
 D'este álamo copado á farta sombra,  
 Da curta relva na macia alfombra,  
     Té baixar o calor.

Não nos offende o sol em nosso abrigo,  
 Em nosso lar de folhas buliçosas,  
 Que sobre nós murmuram sonoras,  
     Entremostrando o céu.  
 Temos por companheira a amena brisa,  
 Que foge, como nós, da terra que arde,  
 Para nos campos divagar á tarde,  
     Como é costume seu.

Que magnifica scena! Aqui podemos,  
 Cansados da monotona cidade,  
 Os olhos desprender em liberdade  
     N'esta mansão de paz.  
 Só com a natureza, só contigo,  
 Comtigo, que a minh'alma comprehendes,  
 E que tudo que é bello e grande entendes,  
     A minh'alma se apraz.

Olha a abobada etherea, saphirina;  
 Olha o orbe de fogo scintillante;  
 Olha a terra d'esp'ranças verdejante  
     Para nós a sorrir.

Dize não sentes levantar-se a idéia,  
Quando a vista levantas para a altura,  
E uma incognita luz, suave e pura,  
Teu coração fundir?

Não te alegam os jubilos campestres,  
Que por todos os lados te circumdam?  
As torrentes de sol que tudo inundam?  
O perfume da flor?

Ah! que sim, me responde o teu semblante.  
Quem me dera viver n'estes logares,  
Aspirando a poesia d'estes ares,  
Comtigo, meu amor!

Ainda verde, a trémula seara  
Ondeia apenas com cicío brando  
Até perder de vista, simulando  
Mal encrespado mar;  
D'entre as bastas espigas transparecem  
Das papoilas as pétalas vermelhas;  
Zunem voando as próvidas abelhas,  
E n'ellas vão poisar.

Accidentado alonga-se o terreno  
De nós á roda, em valles, em oiteiros,  
Qual de pégo virente sobranceiros,  
Immoveis escarcéus,  
Ora tirando a rubro, ora cinzento,  
Ora da côr das vivas esmeraldas,  
Até beijar da serrania as faldas,  
O Tejo, o mar, os céus.

Estas as raias são do nosso imperio,  
D'este famoso quadro os horizontes:  
Da fria Cintra os alterosos montes,  
Pela parte do sul,  
Em phantasticos grupos alongados,  
Torreando com válida arrogancia,  
Indistinctos, incertos da distancia  
No vaporoso azul;

Pela outra parte o socegado Tejo,  
Que, de mixtura já co'o mar undoso,  
Se altera, e em curso largo e majestoso  
Apressurado vem;  
D'elle ao fundo, cortando o espaço aereo,  
Da Arrabida silvestre a linha extensa  
E do agosto oceano a face immensa  
Que se prolonga além.

Mas fartas nuvens  
Eis de repente  
Erguem a frente  
No fim do céu.

Outras e outras  
Eis após estas.  
Pardas, funestas,  
Pesado véu.

Que extranha forma  
Cada uma finge!  
Qual é esphinge;  
Qual é leão;  
Qual arco enorme;  
Qual grandes casas;  
Qual abre as azas,  
Fero dragão.

Já se approximam;  
Já se amontoam;  
Já correm, voam  
No quente ar,  
Assemelhando  
No feio aspecto  
Undoso, inquieto,  
Cavado mar.

Umás sobre outras  
Ve'm impellidas;  
Já confundidas  
São n'uma só.  
Raivoso açoita-as  
O rijo vento,  
E o firmamento  
Cobre de dó.

A terra, ha pouco  
Bella e risonha,  
Fica tristonha,  
Não vendo o sol,  
Qual nauta em ancias,  
Da costa perto,  
À noite, incerto,  
Sem ver pharol;

E a paz deixando  
Silenciosa,  
Brada ruidosa,  
Chora o seu mal.  
Responde o echo  
Sons agoireiros  
Pelos oiteiros,  
No fundo val.

Tudo se anima;  
Tudo se abala;  
Nada se cala  
De Deus á voz;  
Que pelos ares  
A tempestade  
Em liberdade  
Passa feroz.

Os fortes troncos,  
Sentindo-a, gemem;  
As plantas tremem,  
Tocam no chão;  
Giram mil folhas,  
Dilaceradas,  
Arreatadas  
Em turbilhão.

Ruge a seara  
Com som profundo,  
Com gemebundo,  
Surdo rugir,  
E, de medrosa,  
Curva-se á terra,  
Da crua guerra  
Como a fugir.

Batida a chuva,  
Qual cataracta,  
Eis se desata  
Do opaco céu.  
Cerrada, grossa,  
Rapida de'ce,  
E ser parece  
Liquido véu.

A serra longe  
Mal se descobre;  
Quasi que a cobre  
Da treva a côr.  
A tempestade  
A abarca, a insulta;  
De todo a occulta  
No seu negror.

O Tejo altera-se  
No grande leito,  
Que então estreito,  
Não o contem;  
E escuro, tímido,  
Deixando as raias,  
Por sobre as praias  
Rebenta além.

Ao largo o oceano,  
Torva negrura,  
Da plumbea altura  
Copia fiel,  
Sacode a juba;  
Verbera as fragas;  
E as altas vagas  
Lança em tropel.

De quando em quando  
Tanta agonia  
Fere, alumia  
Clarão fugaz,  
Vivo relampago  
De luz terrivel,  
Que mais horrivel  
A scena faz.

E dos espaços  
Ignea scentelha  
Baixa vermelha,  
Corta a amplidão;  
E n'um instante  
Fulminea tomba;  
Trôa, rebomba  
Rouco trovão.

Ao raio pallida  
A natureza,  
Como surpresa,  
Fica a gemer!  
E a terra o seio  
Do fogo irado  
Esbraseado  
Sente tremer.

Oh! minha cara,  
Não tenhas susto;  
Não teme o justo;  
Tem Deus por si.  
Elle, e com Elle  
Tua innocencia  
N'esta existencia  
Velam por ti.

Dissipam-se os furores da procella;  
Sopra do norte o vento,  
E varre as atras nuvens que toldavam  
Inteiro o firmamento.

Formosa como d'antes se nos mostra  
A abobada celeste,  
E de esplendida luz e de saphira  
Novamente se veste.

Vibra o sol os seus raios, qual vibrára,  
Mas com fogo mais brando,  
O terreno das chuvas ensopado  
Carinhoso enchugando.

Descobre a levantada serrania  
O vulto majestoso,  
Do seu dorso atirando para longe  
O manto tenebroso.

Eu a teu lado  
Me animo a tudo;  
Que és meu escudo,  
Meu casto amor.  
Levanta o rosto;  
Deixa esse medo;  
Findará cedo  
Tamanho horror.

O céu a espaços  
A treva abrindo,  
Já refulgindo  
Vae outra vez.  
No seu aspecto  
Alma bonança,  
Leda esperança,  
Dize, não lês?

Vae abrandando  
A pouco e pouco  
O rancor louco  
Do furacão;  
A na distancia  
Já se enfraquece,  
Já se esvaece  
Quasi o trovão.

Cessou de todo.  
Foi um bramido  
Mal percebido  
O extremo som.  
Levanta a fronte,  
Minha alegria;  
Em Deus confia,  
Que é grande e bom.

Já não bramam o Tejo e o largo oceano;  
 Já irados não rebentam;  
 Mas alizam a face, e como espelho  
 A esphera azul se ostentam.

E alegre como outr'ora, e mais ainda  
 Se enfeita a natureza  
 Com mais vida, mais força, maior brilho,  
 Com dobrada belleza.

A molle relva, os troncos, os arbustos  
 Alvas gottas destillam,  
 Diamantes que á luz do rei do dia  
 A milhares scintillam.

Que suave frescor do solo brota,  
 Da molhada folhagem!  
 Como murmura prasenteira e amena  
 Pelos campos a aragem!

Até as aves que, ao calor fugindo,  
 Estavam silenciosas,  
 Voam contentes ou nos ramos soltam  
 As vozes sonoras.

Tudo louva o Senhor, que traz a calma  
 Após a tempestade,  
 E que o mundo escurece para ornal-o  
 De maior claridade.

Vês a terra de novo como é bella?  
 Como é bom aqui estar  
 Maravilhado o firmamento, os campos,  
 O oceano a contemplar!

Fiquemos pois aqui em nosso abrigo  
 Algum tempo, querida,  
 Até que a chamma etherea seque um pouco  
 A terra humedecida;

E entretanto os olhares deleitados,  
 Juntos, ó meu amor,  
 Espaireçamos por tão grande quadro  
 Louvando o Creador.

---

## NÃO ME LEMBRA

Não me lembra o que te disse  
 Hontem, quando te encontrei;  
 Não me lembra; que, de ver-te,  
 Como em extase fiquei.

Tantas phrases estudadas!  
 Todas então olvidei!  
 Tantas vozes sem sentido!  
 Talvez nenhuma acabei!

Tímida a vista baixaste,  
Quando a minha em ti preguei.  
D'isso mui bem me recordo,  
E jámais me esquecerei.

Nada, nada me disseste;  
Inda mais me embarcei;  
Depois, levantando os olhos,  
(Nunca assim outros achei)

Meiga em mim os demoraste,  
E os meus em ti demorei;

Senti erguer-me da terra;  
Feliz no céu me julguei.

Que importa pois se dos homens  
As phrases em vão busquei,  
Se palavras imperfeitas,  
Ao ver-te, balbuciei?

È que da lingua dos anjos  
Tu usaste e eu usei;  
Em teus olhos me falaste,  
Em meus olhos te falei.

---

## ARREBATAMENTO

Tinha nos modos seus tanta meiguice,  
Uma doçura tal no lindo gesto,  
Um ar tão recolhido e tão honesto,  
Que captivava logo a quem a visse.

Quasi sem o entender, sem que o sentisse,  
Foi-me attrahindo o coração molesto,  
Até que o fogo escuso manifesto  
Um dia fez que aos olhos me subisse.

Então (metamorphose abençoada!)  
Inflammou-lhe o semblante vivo pejo,  
Porque soube quanto era e que era amada;

E, accendida por subito desejo,  
A tremer, a su'alma recatada  
Nos labios meus depositou n'um beijo.

---

## O POETA E A AVE

Dos humanos fugindo ao tumulto,  
Eu descanto meus ais, meu amor,  
Como solta os gorgeios occulto  
No arvoredo o plumoso cantor.

Passa o rei, o opulento, a nobreza  
Com seu sceptro, seu oiro e brasões,  
E, enlevados na propria grandeza,  
Não lh'escutam as flebeis canções;

Mas escuta-o donzella amorosa  
De magoado, profundo sentir,  
Cuja mente divaga saudosa  
Do passado, e mal sonha o porvir.

Tal sou eu. Não percebem da terra  
A opulencia, a vaidade os meus ais,  
Mas quem n'alma tristezas encerra,  
Ou tem n'alma clarões divinaes.

Esses param, attendem, suspiram,  
Quando me ouvem gemer, suspirar,  
Que em seu peito as feridas se abriram  
Ao meu triste, suave cantar.

O céu puro, ou de nuvens bordado  
Não se mira no immundo paúl,  
Mas no espelho do lago acalmado,  
Ou na face do pélago azul.

Pois assim é no mundo a poesia,  
E o cantor como a ave, a animar  
Ora a selva co'a doce harmonia,  
Ora alçando-se aos campos do ar,

Que, escondida entre os ramos, apenas  
Pode ouvir dos humanos a voz,  
Que, perdida no céu, bate as pennas,  
Sem que ao menos se lembre de nós.

O meu ninho de silvas e flores  
Fêl-o Deus para eu n'elle viver;  
Ahi tenho os meus castos amores,  
Minha paz, todo inteiro o meu ser.

Ah! são elles que aos homens me prendem,  
Que da vida me enfloram a cruz;  
Que me tornam melhor e defendem;  
Que me dão azas de oiro e de luz;

Que me prestam mais alma e ouvidos  
Para as magoas alheias chorar;  
São a aragem que traz os gemidos;  
Eu a harpa que os faço vibrar.

Quem me dera com elles sómente  
Toda a vida viver e com Deus,  
Como a ave em seu ninho frondente,  
Ou pairando na altura dos céus!

Mas não pode o poeta, que é homem,  
Sem os homens de todo existir;  
Se do mundo seus vôos o somem,  
N'elle tem de passar e carpir.

Eis porque eu nos terrenos caminhos  
 Muita vez firo as azas, tambem  
 Como a ave que o pasto aos filhinhos  
 Vae buscar pelas sarças alêm,

E que, ao ninho cansada voltando,  
 Sólta, vendo-os, alegre canção,  
 Para, as chagas depois recordando,  
 De lamentos encher a soidão.

Assim canto os prazeres e as dores;  
 Assim póde meus cantos ouvir  
 Só quem soffre ou quem vive de amores,  
 Alma funda de fundo sentir.

1867

---

## HARMONIAS

Anima-se, alvoroça-se  
 Inteira a natureza,  
 De si despindo as nevoas  
 E o manto de tristeza,  
 Para saudar magnifica  
 Do sol o resplandor:

Soltam o canto os passaros;  
 Suspira branda a aragem;  
 Gotteja toda perolas  
 A tremula folhagem;  
 Brilham do lago as aguas;  
 Tem mais perfume a flor.

1866

Desde o infinito ao atomo,  
 Ó Deus, tudo te adora:  
 Do firmamento a abobada;  
 A terra creadora;  
 A immensidão cerulea  
 Do irrequieto mar;

E até a fala tímida  
 Do nosso anjo innocente,  
 Que deixa o somno placido,  
 Do dia á luz nascente,  
 E véрте, ó cara, o jubilo  
 Em nós e em nosso lar.

---

## ATRAVÉS DO TUMULO

Á MEMORIA DE J. PINTO RIBEIRO

Como os sons de confusa melodia,  
 Que se escutam perdidos em distancia,  
 Como de flores mil longe fragrancia,  
 Que o vento já mixtura, já varia,

Como visão, que, ao feneceer o dia,  
 O bosque dos seus ramos na inconstancia,  
 Na dubia luz, das aves na assonancia,  
 Nos faz alevantar na phantasia,



Assim bella na idéia m'esvoaça  
De teus cantos de amor, meu pobre amigo,  
Ao vago, á sombra, ao sentimento, á graça,

Da juventude, que vivi contigo,  
A imagem; mas vem triste; é porque passa,  
Para chegar a mim, por teu jazigo.

## AUSENCIA

São amenos estes campos,  
Estes montes deleitosos,  
Porêm os campos saudosos  
Da nossa terra não são,  
Esses campos onde havemos  
Tantas vezes divagado,  
E a que, só, terás contado  
As penas do coração.

Tudo triste me parece,  
Tudo quanto sem ti vejo;  
O meu unico desejo  
É volver ao nosso lar,  
É volver a teus abraços,  
A teus afagos, querida,  
Ao nosso anjo, á nossa vida.  
Quem já me dera tornar!

De saudades e cuidados  
Se compõe nossa existencia:  
Padeço na tua ausencia;  
Padeces longe de mim;  
Que quem vive em dois logares  
Não tem gôso, não tem calma;  
Não vive quem parte a alma;  
Não posso viver assim.

A todo o instante pergunto,  
Porêm nada me responde:  
Onde estás, meu bem, aonde?  
Soffres muito, vaes melhor?  
Punge-te amarga tristeza?  
Estás só, ou acompanhada  
Da nossa prenda adorada,  
Do fructo do nosso amor?

Ah! abraça-te com elle;  
Esse allivio inda te resta;  
A mim a sorte funesta  
Me põe distante de vós.

Torres Vedras—1867—Julho

O que vale é não ser longo  
Este nosso apartamento;  
Mas cada dia é tão lento,  
Cada hora é tão atroz!

Quanta vez terá chamado  
O meu pobre innocentinho  
Por meu nome, coitadinho!  
E sempre chamado em vão!  
Às vezes julgo escutal-o,  
Julgo-o ver que o pronuncia  
Com a voz que balbucia:  
Doce, cruel illusão!

Se alguma mulher ao collo  
Traz o filho, e o beija e afaga,  
Essa vista augmenta a chaga,  
Faz-me mais triste ficar;  
Se elle chora, por costume,  
O meu peito se alyoroça;  
Se ri, a dor se me apossa  
D'alma, e ponho-me a scismar.

Sabes porquê? Porque penso  
Nos dois seres em que fundo  
A minha vida no mundo,  
E que hoje não posso ver.  
Mas estou com taes tristezas  
A fazer brotar teu pranto...  
Não chores; já soffres tanto!  
Dentro em breve hei de volver.

Não chores; por esses campos  
Co'o nosso filho passeia;  
Distrae-te, aparta da idéia  
Quanto puderes a dor;  
É que eu te encontre, voltando,  
Sem um signal de desgosto,  
Mais animado o teu rosto,  
Bôa ou quasi, ó meu amor.

## AMOR FILIAL

AO MEU AMIGO O DR. H. DA GAMA BARROS

Se eu te pudesse ver qual eras d'antes,  
Ó minha Patria, venturosa e forte,  
Quando tinhas da Fé, da gloria o norte;  
Quando a cruz, quando a espada triumphantes

Levavam os teus bravos navegantes,  
Do mar senhores, com febril transporte,  
Ao mundo inteiro, desprezando a morte,  
Inveja, pasmo das nações restantes!

Mas, porque hoje cahiste da grandeza,  
Porque vegetas misera e mesquinha,  
Menos a ti não está minh'alma presa.

Não deixa o filho a mãe porque definha;  
Quer-lhe mais na desgraça e na fraqueza;  
Infeliz, mais te quero, ó Patria minha.

---

## O AVARENTO...

(DE LAFONTAINE)

(Versão livre)

Quem não usa não tem, reza o adagio;  
E é bem verdadeiro;  
Pois nada prestará, sem desfructal-o,  
Accumular dinheiro.  
Esopo no seu conto  
Do thesoiro escondido  
Fornece bello exemplo ao nosso ponto.

Houve outr'ora um avarento  
Que oiro sobre oiro juntava,  
E nem um real gastava:  
D'elle escravo e não senhor,  
Ao vêl-o imaginariéis  
Que a fortuna assim unida  
Guardava para outra vida,  
Para outro mundo melhor.

Enterrou-o n'uma cova,  
E a alma enterrou com elle.  
Coma, beba, durma, véle,  
O seu unico prazer

É pensar a cada instante  
No seu virginal erario,  
Que adora como sacrario,  
E a cada instante il-o ver.

Foi lá, foi lá tantas vezes,  
Que um cavador, com suspeita  
Do mysterio, a cova estreita  
Abriu, e tudo roubou.  
Pouco depois o avarento  
O passeio costumado  
Fez ao seu oiro adorado;  
Mas... só o ninho lhe achou!

Pasma; lagrimas derrama;  
 Soluça; geme; suspira;  
 De raiva os cabellos tira.  
 É um sonho! não o crê.  
 N'isto acaso um viandante  
 Por aquelle sitio passa,  
 E com dó de tal desgraça  
 Pede a razão do que vê.

—Roubaram-me o meu thesoiro!  
 —O teu thesoiro roubaram?  
 E em que logar o encontraram?  
 —Junto d'esta pedra; aqui.  
 —Porque o trouxeste tão longe?  
 Receias alguma guerra,  
 Para o esconderes na terra  
 De todos, e até de ti?

Veio espairecer no campo?  
 Antes em casa guardado  
 Estivesse a bom recado,  
 E tu a vê-lo e a gastar.  
 —Eu? gastar o meu dinheiro!  
 O meu dinheiro! estás louco!  
 Custa ganhá-lo tão pouco?  
 Eu nunca lhe ousei tocar.

—Que me dizes? Impossivel!  
 —Nunca.—Então inutil era.  
 E isso te desespera?!  
 Famoso! deixem-me rir!  
 N'esse caso põe na cova  
 Uma pedra: o mesmo importa  
 Que a tua riqueza morta;  
 Do mesmo te ha de servir.

## L'AVARE...

L'usage seulement fait la possession.  
 Je demande à ces gens de qui la passion  
 Est d'entasser toujours, mettre somme sur somme,  
 Quel avantage ils ont que n'ait pas un autre homme.  
 Diogène là-bas est aussi riche qu'eux,  
 Et l'avare ici-haut comme lui vient en gueux.  
 L'homme au trésor caché, qu'Ésope nous propose,  
 Servira d'exemple à la chose.

Ce malheureux attendait,  
 Pour jouir de son bien, une seconde vie;  
 Ne possédait pas l'or, mais l'or le possédait.  
 Il avait dans la terre une somme enfouie,  
 Son cœur avec, n'ayant autre déduit  
 Que d'y ruminer jour et nuit,  
 Et rendre sa chevance à lui même sacrée.  
 Qu'il allat, ou qu'il vint, qu'il but, ou qu'il mangeat,  
 On l'eut pris de bien court, a moins qu'il ne songeat  
 A l'endroit où gisait cette somme enterrée.

Il y fit tant de tours qu'un fossoyeur le vit,  
 Se douta du dépôt, l'enleva sans rien dire.  
 Notre avare un beau jour ne trouva que le nid.  
 Voilà mon homme aux pleurs: il gémit, il soupire,  
 Il se tourmente, il se déchire  
 Un passant lui demande à quel sujet ses cris:  
 —C'est mon trésor que l'on m'a pris.  
 —Votre trésor? où pris?—Tout joignant cette pierre.  
 —Eh! sommes nous en temps de guerre  
 Pour l'apporter si loin? N'eussiez-vous pas mieux fait

De le laisser chez vous en votre cabinet,  
 Que de le changer de demeure?  
 Vous auriez pu sans peine y puiser a toute heure.  
 —A toute heure, bon Dieu! ne tient-il qu'a cela?  
 L'argent vient-il, comme il s'en va?  
 Je n'y touchait jamais.— Dites-moi donc, de grace,  
 Rejoint l'autre, pourquoi vous vous affligez tant?  
 Puisque vous ne touchiez jamais a cet argent,  
 Mettez une pierre à la place,  
 Elle vous vaudra tout autant.

### SEMPRE LIVRE

Em vão prende o poeta a lei da sorte  
 Aos grilhões, á miseria, á insana lida;  
 Quebra os ferros su'alma, e, desprendida,  
 Não soffre jugo, não conhece norte.  
 Da phantasia nas potentes azas  
 Corre o globo, transcende o espaço aereo,  
 Atrás da viva chamma em que o abrasas,  
 Fogosa inspiração, archanjo ethereo.

Ora te segue os vaporosos passos,  
 E contigo divaga na campina;  
 Ora junto da veia crystallina  
 Se assenta, reclinado nos teus braços;  
 Ora, á sombra dos densos arvoredos,  
 Escuta as avesinhas prazenteiras,  
 Do murmurante zephiro os segredos,  
 Ou aspira o perfume das roseiras.

Sobe á tarde contigo aos altos montes,  
 D'onde se avista a solidão do oceano,  
 Quando o astro, do dia soberano,  
 Mergulha nos remotos horizontes,  
 Quando o pardo crepusculo saudoso  
 Envolve o coração em doces magoas,  
 E pensando se esquece tristuroso  
 A contemplar a vastidão das aguas.

Depois, quando d'estrellas aos milhares  
 A abobada celeste a noite accende,  
 Ou a pallida lua o espaço fende  
 Illuminando o céu, a terra, os mares,  
 Ao teu lado medita n'esses mundos  
 Que povoam os campos do infinito,  
 Lendo os mysterios do Senhor profundos,  
 Lendo o nome de Deus em tudo escripto.

Outras vezes, por ti arrebatado,  
 Vôa ao céu, ó archanjo de harmonia,  
 E vê de perto o sempiterno dia,  
 Só para os seres divinaes formado,  
 E o sol, e outros soes de ardente prata,  
 Arrojando através da immensidade,  
 Em caudal e perenne cataracta,  
 Mares de deslumbrante claridade.

Ah! quem, liberto das prisões terrenas,  
 Alma de fogo tem que alcança tanto,  
 Azas para ascender ao lume santo,  
 Olhos capazes de fruir taes scenas,  
 Não vive, não, no âmbito mesquinho,  
 Que lhe cabe entre as baixas creaturas,  
 Mas segue solitario o seu caminho  
 Para as soberbas, immortaes alturas;

E pela multidão, qual sombra, passa,  
 Ao mundo preso pela vil materia,  
 Lamentando-lhe as dores e a miseria  
 Que os ferros a gemer e a rir abraça;  
 E a multidão, ingrata, presumçosa,  
 O vê passar, e, escarnecendo, o aponta,  
 Enquanto elle na lyra harmoniosa  
 A eternidade seus segredos conta.

Mas que importam os ditos de sarcasmo,  
 A prepotencia, a ingratição, a injuria,  
 A quem arrosta o carcere, a penuria,  
 E a morte com sublime entusiasmo?  
 Se é Camões, pela Patria perseguido,  
 A Patria immortaliza, e morre pobre;  
 Se é Tasso, miseravel, foragido,  
 Com a luz do seu nome a Italia cobre.

Assim vive entre os homens o poeta  
 Sempre livre, qual livre pensamento,  
 Grande na desventura e no tormento,  
 Martyr, cantor, apostolo, propheta;  
 E, se o prostram no tumulo gelado,  
 Depois de tanto opprobrio e tanta guerra,  
 Mais livre fica, e, espirito sagrado,  
 Ala-se aos astros, alumia a terra.

---

## UM ECHO

Quando escuto os gemidos da viola,  
 Meu coração tambem com ella geme,  
 Bem como faz a solitaria rôla,  
 E, ao vibrarem-lhe as cordas, vibra e treme.

É que me punje mais do que consola;  
 É que a ouvi muita vez ao som do leme,  
 Quando as ondas o mar não desenrola,  
 Nem do baixel na enxarcia o vento freme;

Ou á noite casando-se co'a flauta,  
 Quando n'agua o luar brinca e scintilla,  
 Quando junto da prôa dorme o nauta.

Então, minh'alma triste, mas tranquilla,  
 A ouvia em sonhos, do porvir incauta;  
 Hoje, é um echo só; treme de ouvil-a.

### ESPERANÇA NA PRIMAVERA

Ó minha amada, porque andas triste?  
 Ai! assim ver-te quanto me custa!  
 Feriu-nos ambos a sorte injusta;  
 Mas fim á doença Deus ha de pôr.  
 Ambos a um tempo, ambos sentimos  
 Um pelo outro cruel tormento:  
 Meu mal aviva teu soffrimento;  
 Crescem meus males com tua dor.

Confia, ó cara. Do nosso clima  
 Já foge o inverno ríspido, agreste;  
 Já a primavera, nuncia celeste,  
 No céu, na terra meiga sorri,  
 Dizendo: ornae-vos, ó ermos troncos,  
 Ó nu terreno, de verde e flores;  
 Enche-te, espaço, de luz e odores;  
 Já do seu throno chama por ti.

E, ao seu reclamo que ouves alegre,  
 O ar corrupto da gran cidade  
 Pelas campinas e liberdade  
 Dentro de pouco tu deixarás;  
 E, como a ave dos homens presa,  
 Que sem consolo geme, definha,  
 E, sôlta, anima-se, ó vida minha,  
 D'outr'ora a vida recobrarás.

Ó teu semblante pallido e murcho,  
 Que o meu espirito entenebrece,  
 Dos floreatos campos, do ar carece,  
 Do quente raio do amigo sol;  
 Tu' alma terna, que a dor ensombra,  
 Para aclarar-se, d'este precisa,  
 E do murmurio da fresca brisa,  
 E dos gorgeios do roixinol.

Portanto espera, minha formosa;  
 Ao céu já puro levanta o rosto!  
 Não, não o deixes pelo desgosto  
 Sem côr, sem viço langue pender.  
 E nem te afflija quanto padeço;  
 Que, em tu cobrando nova existencia,  
 Eu, que só vivo da tua essencia,  
 Ao que era d'antes hei de volver.

1867

## A FAVOR DE UNS INFELIZES

Bem próximo de vós e da vossa opulencia  
 Ha dois entes, senhor, immersos na indigencia.  
 É curta, porêm triste, e muito, a sua historia,  
 Quatro palavras só. Gravae-as na memoria,  
 Antes, no coração, que nobilita o nobre,  
 Quando attende piedoso as supplicas do pobre.

O amor os reuniu; lisongeira esperanza  
 Lhes apertou risonha a amorosa alliança;  
 Entraram o limiar por ella conduzidos,  
 E em seu collo gentil deitaram-se embahidos  
 Em floreas illusões; porêm breve do sonho  
 Os tirou da procella o estampido medonho.  
 Acordaram ao pé de um abysmo arrojados,  
 D'elle á beira, a cahir: estavam desgraçados!  
 Tinham ao lado a magra, a lívida doença;  
 Cingia-os da miseria a nevoa escura e densa!

Desde então, ó senhor, (haverá já dois annos,  
 Longos, longos, sem fim, terriveis, inhumanos)  
 Nem um raio sequer os anima, os alegra;  
 Seu horizonte é nu; sua existencia é negra!  
 Desde então, sem poder com o suor do rosto  
 O sustento ganhar, eivado de desgosto,  
 Elle, o pobre infeliz, pouco e pouco vendido  
 Tem o modesto haver, tanto a custo adquirido.  
 Nada lhe resta já; e de tudo precisam:  
 Dos remedios, que o mal do doente amenisam;  
 Da esperanza, alma luz, dentro de ambos já morta,  
 Que a desgraça allivia e os animos conforta;  
 De roupas; de vestir; e, inda mais e peor,  
 Até mesmo de pão! de pão! de pão! senhor.

Oh! dae-lh'ó, dae-lh'ó vós. Para a vossa riqueza  
 Qu'importa? Do que sobra em vossa lauta mesa  
 Dae-lhe um pouco sequer. Não sou eu que vos peço,

Que nada quasi valho e nada vos mereço;  
 É Deus, que a desventura e que a miséria afflige,  
 Quem, pela minha voz, esta prece dirige.

Oh! dae-lh'o pelo amor da que na terra amastes,  
 Da esposa, sem a qual tão depressa ficastes;  
 Dae-lh'o, dae-lh'o por vós; pelos vossos queridos,  
 Jovens filhos; a Deus, a Deus prestae ouvidos;  
 E Elle, que vos colmou de tamanha opulencia,  
 Vos pagará, senhor, com sua Providencia.

---

## AMARGURA

Triste o dia me parece,  
 Triste o sussurro do vento,  
 Como choroso lamento  
 De funeraria canção;  
 Até mesmo o sol brilhante,  
 Que traz vida á natureza,  
 Me infunde acerba tristeza,  
 Me comprime o coração.

É que a tudo quanto vejo  
 Presto a côr da minha sorte;  
 É que o negro véu da morte  
 Me faz ver o mundo assim;  
 É que já não tenho aquella  
 Que os meus passos me guiava,  
 Por quem eu só respirava,  
 Que só vivia por mim!

---

## AMAREZZA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Triste ormai mi sembra il giorno,  
 Triste il sussurrar del vento,  
 Come il fèbile lamento  
 D'una funebre canzon;  
 Anche il sole, il sol fulgente,  
 Che dà vita alla natura,  
 Con tristezza mi tortura  
 E al mio cor causa oppression. —

Perchè ciò? Perchè al creato  
 Dò il color che ha la mia sorte;  
 Perchè un vel nero di morte  
 Così a me apparir lo fè;  
 Perchè io sono orbo di quella  
 Che i miei passi ognor guidava,  
 Per cui solo io respirava,  
 Che vivea solo per me.

---

## AMARGURA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Triste el dia me parece,  
 Triste el susurro del viento,  
 Qual quejumbroso lamento  
 De funeraria cancion;  
 Hasta el proprio sol que infunde  
 Vida a la naturaleza  
 Exacerba mi tristeza,  
 Y me oprime el corazon.

Es que a todo quanto veo  
 Presto el color de mi suerte;  
 Es que el luto de la muerte  
 Me hace ver el mundo así;  
 Es que ya no tengo á aquella  
 Que en la vida era mi guia,  
 Por quien yo solo vivia,  
 Que vivió solo por mí.



## O LIMA E BERNARDES

AO MEU AMIGO DOM ANTONIO DA COSTA

Foi junto d'este rio deleitoso,  
Que por entre jardins vae deslisando,  
Como de abandonal-os pesaroso,

Que, o seu marmúrio placido escutando,  
Ó Bernardes, ó cysne de harmonia,  
O verso modulaste meigo e brando.

D'estes quadros de amor e poesia,  
Que por todos os lados te cercavam,  
A tua poderosa phantasia

As bellezas tomou que os adornavam:  
O socego dos campos, o gorgeio  
Das aves que na sombra se acoitavam,

Os regatos correndo pelo meio  
Da verde relva, os canticos distantes  
Do camponez, dos rainos o meneio,

Debaixo dos salgueiros verdejantes,  
O pastor, a tocar na flauta agreste,  
Do espalhado rebanho os sons balantes,

E de tudo um só quadro compuzeste,  
Uma feliz Arcadia, como apenas  
A descreve do bardo a voz celeste,

Quando, fugindo das paixões terrenas,  
Sonha com outro mundo e outra idade,  
Edade de oiro, em regiões amenas.

D'estes sitios ao ver a amenidade,  
Ao ver o Lima, que, tranquillo, os banha,  
Dando-lhes fresquidão, vida, uberdade,

A quanto passa minha idéia extranha,  
Tambem te julga ver. ó meu poeta,  
E co'a presença tua se acompanha;

E até suppõe, oh! illusão completa!  
Que te ouve os tons mellificos da lyra,  
Quando, rasgada de amorosa seta,

Prisioneira, tua alma arde, suspira,  
Ou se nutre d'esp'ranças e de anhelos,  
Ou do ciume o fogo só respira.

Antes de conhecer-vos, campos bellos,  
E a ti, rio ditoso e socegado,  
Ha muito já vos conhecia: ao lél-os,

Os seus versos, ao vivo debuxado  
Tinha deante de mim, fiel pintura,  
Todo este paraíso ao céu roubado.

Como elle vos amava com ternurá!  
Como vós lhe prezaveis a harmonia!  
Dos carmes escutando-lhe a brandura,

«O campo, o monte, o valle parecia  
«Que, para festejar tão lêdo canto,  
«De mais alegres flores se cobria.

«As crystallinas aguas entretanto  
«Do seu natural curso descuidavam,  
«Tão cheias de prazer como de espanto.

«As aves pelos ramos se calavam;  
«Os ventos, por ouvir o som divino,  
«Escassamente as folhas meneiavam.»

E como pois, ó rio peregrino,  
O deixaste partir? Como o deixaste,  
Formoso campo? A lei foi do destino!

Um dia, ó bardo, a lyra penduraste;  
Troou n'este pacifico terreno  
A voz da guerra; e as armas empunhaste.

D'imprevidente moço ao regio aceno  
Corria a portugueza mocidade  
A pelejar co'o exercito agareno.

A insania, a corrupção, a adversidade,  
A cubiça lethal da hispana fera,  
Velada com protestos de amisade,

Tudo foi contra nós! Quem o soubera!  
Tombou no rubro occaso a nossa gloria,  
Que tamanho fulgor ao mundo dera,

Grande rasto de luz no mar da historia  
Deixando aos outros povos, que o seguiram,  
Para depois riscal-o da memoria!

Quantos dos filhos teus, Patria, cahiram  
N'aquelle chão de sangue! Do inimigo  
Quantos a algema barbara sentiram!

Tu não morreste, ó bardo; mas contigo  
Gemendo a sós, em captiveiro duro,  
Invejaste da morte o calmo abrigo!

Então volveste a alma ao rio puro,  
Teu companheiro, e ao campo, onde á existencia  
Libaste a flor, inconscio do futuro;

Recordaste os teus annos de innocencia;  
E, comparando-os do presente ás fraguas,  
Assim gemeste em módula cadencia:

«Eu, que livre cantei, ao som das aguas  
«Do saúdoso, brando e claro Lima,  
«Ora gostos de amor, outr'ora magos,

«Agora, ao som do ferro, que lastima  
«O descoberto pé, choro captivo  
«Onde choro não val, nem amor s'estima.»

D'esta maneira n'um tormento vivo  
Arrastavas a vida tristemente,  
A alma sempre no torrão nativo.

Se teu senhor, alguma vez clemente,  
Deixava d'esses climas estrangeiros  
Que os ares aspirasses livremente,

«A vista dos fructiferos oiteiros,  
«Dos crystallinos lagos e das fontes  
«Fazia dos *teus* olhos dois ribeiros.

«Lembravam-te outros valles, outros montes,  
«Outras aguas mais claras, outros rios,  
«Outros mais afastados horizontes;

«Lembravam-te outros bosques mais sombrios,  
«Verdes no frio inverno e abrigados,  
«E, quando o sol mais arde, então mais frios.»

Outras vezes, pensando que acabados  
Talvez fossem teus dias n'essa estancia  
De servidão, de lucto e de cuidados,

Longe de quanto amavas, em distancia  
Da Patria, que jamais deixar devêras,  
Do coração desafogando a ancia,

Clamavas: Desventura, «se quizeras  
«Já desviar de mi tua crueldade,  
«Na terra onde nasci morte me deras »

Emfim teve de ti o céu piedade:  
«A ribeira do Lima saúdosa»  
Tornaste a ver co'a doce liberdade,

Porém não co'a alegria e paz ditosa,  
Que a idade, que os desgostos as levaram!  
Quem é tão infeliz vive, não gosa.

Depois quasi em miseria se acabaram  
Teus annos, e no solo de teu berço  
Nem sequer os teus restos descansaram!

E onde estão? Até n'isso achaste adverso  
O destino cruel! Jazem na terra?  
Ou foi aos ventos o teu pó disperso?

No mesmo templo que o gran vate encerra  
Acaso dormes, e o teu vulto aereo  
Junto da augusta sombra á noite erra,

Nas horas do silencio e do mysterio?  
Está proximo a ti o que da morte  
Zomba e tem sobre os seculos imperio,

O que foi teu irmão na infausta sorte,  
O que igualaste quasi na harmonia,  
Se não no genio e divinal transporte?

Quem o sabe? É mudez a cova fria;  
Nada responde o ingrato esquecimento  
Da Patria que estimar-te mais devia!

Deixal-o. Se não tens simples moimento,  
Se ella ignora a que tumulo desceste,  
Ao desprender o derradeiro alento,

Tu te vingas, honrando-a; tu fizeste  
Illustres o teu nome, o caro Lima,  
E este paraíso em que nasceste,  
Que a tua vaga sombra inda hoje anima.

1879

---

## METEORO

Sob estas arvores copadas  
Andámos juntos, sós, um dia,  
Arbhos felizes, de mãos dadas.  
Ah! como tudo nos sorria!

Já fatigada, álem sentou-se  
N'aquella pedra; o sol ardia.  
Em roda a nós que aroma doce!  
No céu, na terra que magia!

De Abril viçoso a quadra era;  
Tudo de gala se vestia;  
Porém mais linda primavera  
O coração nos florescia.

Sobre seu seio branca rosa,  
Inda em botão, ella trazia.

Pedi-lh'a; deu-m'a ruborosa;  
Tomei-lhe a mão; de amor tremia.

Agora volve a quadra amena;  
Mas não a tem por companhia.  
Tudo sem ella me faz pena,  
Tudo que d'antes me sorria.

Foi como a rosa do seu peito:  
Viveu, floriu, murchou n'um dia.  
Repoisa morta em fundo leito;  
Cobre-lhe o corpo loisa fria.

Só guardo secca, por lembrança  
D'aquelle tempo de alegria,  
A flor que foi minha esperança,  
A branca flor que ella trazia.

## METEORO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Bajo esos árboles copados  
Solos andábamos un día  
Ambos felices, descuidados.  
Ah! como todo sonreia!

Cansada ya, reposo toma  
Sobre esa piedra: el sol ardía;  
En derredor que dulce aroma!  
En cielo y tierra que harmonia!

De Abril risueño el tiempo era:  
Todo de galas se vestía;  
Pero mas linda primavera  
En nuestro pecho florecía!

Sobre su seno blanca rosa,  
Aun en capullo, relucía.

Dámela, dije; y, ruborosa,  
Al dar la flor, estremecía.

Ya vuelves tú, estacion amena,  
Mas no con ella en compañía;  
Todo sin ella me dá pena,  
Lo que placer antes solía.

Fué cual la rosa de su pecho:  
Vivió, se abrió e secó en un día.  
Muerta ahora duerme en hondolecho;  
Cubre su cuerpo piedra fria.

Solo me queda, por memoria  
De aquellos tiempos de alegría,  
Seca la flor que fué mi gloria,  
La blanca flor del alma mía!

---

## A UMA JANELLA

Cada vez que meus olhos em ti ponho,  
Em ti, que a luz da vida me trouxeste,  
Cara moldura de visão celeste,  
Princípio, aurora de meu curto sonho,

Tão fiel na memoria recomponho  
Aquelle quadro, tal magia o veste,  
Que julgô ainda que o momento é este,  
Que inda encostada a ti eu a supponho.

Era do mez de Junho a quadra bella;  
Alto já ia o sol, quando, brilhante,  
Como em céu puro, em ti a minha estrella

Raiou, envolta em coma roçagante.  
Vê se te hei de estimar ou não, janella;  
Vê se me lembro ou não d'aquelle instante!

---

## AD UNA FINESTRA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ogni volta che te riguardo fiso,  
Te che di vita il lume a me traeste,  
Cornice amata di vision celeste,  
Alba d'un sogno bel di paradiso,

Si ben si pinge in mia memoria un viso  
 In questo quadro, e tal magia lo veste,  
 Che perfin stimo che le ore son queste  
 In che su te appogiata io la ravviso.

Era di Giugno la stagione bella,  
 Presso al meriggio il sol, quando brillante  
 In te, come in ciel puro, la mia stella

Spuntò, cinta di chioma lussuriante.  
 Vedi or, finestra, se alto in me favella  
 La tua stima, e mi scordo quell'istante!

Genova, 24 Giugno 1807

---

## AO MESMO

Que varias sensações na mente accesa  
 Em mim fazes nascer, janella amada!  
 Se aberta, creio ver-lhe a delicada  
 Sombra da tua sombra na incerteza.

Á força de te olhar, sua belleza  
 Toma corpo, destaca-se, é formada,  
 Até que cedo m'a reduz a nada  
 A realidade com fatal dureza.

Se fechada, qual tumulto parece  
 A casa onde viveu por tanto anno,  
 E a minh'alma se enlucta e se entristece.

Mas, se outrem vejo em ti, se alguém profano  
 O meu templo, sacrilego, envilece,  
 Então maldigo meu cruel engano.

---

## ULTRAGE E EXPIAÇÃO

CHARLES ET GEORGE

Ide-vos, naus orgulhosas,  
 Mensageiras do tyranno,  
 Que do Sena, soberano,  
 Manda os povos insultar.  
 Ide; que elle vos espera;  
 Contae-lhe a vossa victoria.  
 É digna d'elle tal glória;  
 Bem lh'a soubestes ganhar.

Como palma da façanha,  
 Levae a presa anciada;  
 Para escravos destinada,  
 Deve a escravos pertencer.  
 Talvez, ó França, teus filhos  
 Conduza ainda ao desterro,  
 Onde injusta mão de ferro  
 Manda teus filhos morrer.

Cedeu á força a fraqueza;  
 A prepotencia a justiça;  
 O desint'resse á cubiça!  
 Não ha triumpho maior!  
 Que corôa para a fronte  
 Do que os livres calca e opprime,  
 Do que é protector do crime,  
 Do que é das leis oppressor!

Não ouves, França, bramindo,  
 Qual o mar encapellado,  
 Soar pavoroso brado?  
 É a voz de uma nação,  
 Que independencia respira,  
 Que da Patria o amor inflamma,  
 Que de covarde te infama,  
 Que te envia a maldição.

Escutando-a, a Europa inteira  
 Alevanta-se indignada;  
 Aperta o punho da espada;  
 E deixa o somno em que jaz.  
 De que povo és hoje amiga,  
 Depois que as leis violaste?  
 Contra todos te voltaste;  
 És a inimiga da paz.

A aguia já foi rainha,  
 Quando, da aurora ao poente,  
 Nosso velho continente  
 Quasi todo avassallou.  
 Mas bateu a grande hora  
 Do castigo e da vingança,  
 Que a fronte baixaste, ó França;  
 Que a aguia altiva expirou.

Portugal e Hespanha os raios  
 Soltaram da tempestade.  
 Armou-nos a liberdade  
 Contra os escravos do algoz.  
 E tuas hostes derrotadas  
 Viste, e cahir a tua gloria  
 Do Bussaco na victoria,  
 Nos muros de Badajoz.

Desde então se levantaram  
 Todos quantos opprimiras.  
 Não valeram tuas iras;  
 Foste vencida tambem.  
 Assim talvez dentro em breve  
 Da vingança chegue o dia,  
 E na aguia que azas cria  
 Os povos o golpe dêem.

Ah! pudesse o nosso grito,  
 Soando de terra em terra,  
 Contra ti chamar á guerra  
 Conjuradas as nações!  
 Que vale que cem náus tenhas  
 E quinhentos mil soldados,  
 Se os teus pulsos aviltados  
 Roxeliam duros grillhões?

Gosa pois do teu triumpho!  
 A gloria não te invejâmos!  
 Nós co'a justiça ficâmos;  
 Tu ficas com teu poder;  
 Nossa causa Deus protege;  
 A tua protege-a a espada.  
 Pelo seu braço vingada  
 A nossa injuria ha de ser.

1858

## SÉDAN

E foi; e dentro em breve! Ah! quem diria  
 N'essa hora solemne,  
 Em que, abrasada pelo patrio insulto,  
 Minh' alma a voz infrene

D'este modo soltou, chamando a colera  
 De Deus, da Europa inteira  
 Contra o que injuriou, da Europa á face,  
 Das quinas a bandeira,

Que tão cedo cahiras, ó tyranno,  
 Do teu throno sublime,  
 A que pelos degraus te levantaste  
 Do perjurio e do crime!

Quem, n'essa hora tremenda imaginara,  
 França, que tão depressa  
 Baixarias do cumulo da gloria,  
 Vencida, humilde, oppressa,

Atrás d'elle, ao abysmo da vergonha;  
 E que em voz de propheta  
 Se mudaria tão de prompto o brado  
 Que soltára o poeta!

Ah! justiça de Deus! Ah! inconstancias  
 Da leviana sorte!  
 Ah! orgulho da terra, como és falso!  
 Perto da vida a morte,

Proximo da contente flicidade  
 A pallida desgraça,  
 Assentam-se ao banquete da existencia;  
 De mão em mão a taça

Correm; e bebem todas á saude  
 Dos miseros humanos,  
 Ás suas illusões de amor e gloria,  
 E aos seus desenganos!

Inda um sonho parece! Hontem e hoje!  
 Hontem, na tua côrte,  
 Potente imperador, dos teus cercado,  
 Dono, árbitro da sorte

De milhões de homens, planeando empresas,  
 Menosprezando povos,  
 Para elles, para o teu, mais servo que elles,  
 Forjando grilhões novos!

Hoje, sem c'rôa e sceptro, rodeado  
 D'exercito altaneiro,  
 Que piza, que destroe o teu imperio,  
 E d'elle prisioneiro!

Preso e vivo! Porque é que não morreste  
 Ousado pelejando  
 Dos teus á frente, ao menos com teu sangue  
 A derrota lavando?

Ah! foste o proprio, tu, que te entregaste,  
 Mal arrancada a espada,  
 A ti, ao teu exercito brioso,  
 E á França desarmada!

E inda queres viver! Pois vive ainda,  
 Na deshonra sepulto,  
 Maldicto pela patria que trahiste,  
 Alvo da raiva e insulto!



Vive para morrer a cada instante,  
 Mudo, petrificado,  
 Qual estatua de marmore n'um tumulo,  
 Do raio anniquilado,

No meio do caminho que seguias,  
 Á borda d'esse abysmo,  
 Que te cavou aos pés, negro, insondavel,  
 O horrendo cataclysmo!

É melhor; se morreesses, pagarias  
 Co'uma dôr passageira  
 As insidias, os crimes, os opprobrios  
 D'uma existencia inteira.

Vive, escutando o côro de blasphemias,  
 Que, de longe e de perto,  
 As tuas pobres victimas te enviam,  
 Como infernal concerto;

E os soluços, as lagrimas, os gritos,  
 Que na tu'alma echôam,  
 De dia e noite, e sempre, e de phantasmas  
 Tremendos t'a povôam.

Vive longe dos teus, longe da patria,  
 De ti mesmo inimigo,  
 Do remorso cruel entregue á furia,  
 Teu sonho e teu castigo.

E, depois de penares longos annos,  
 Atado ao poste immundo,  
 Morre emfim, por ti mesmo desprezado,  
 E esquecido do mundo!

\*

Cumpriu-se a expiação; ergue, ó França, a cabeça;  
 Provada pela dôr, vida nova começa,  
 E das nações respeita a independencia, a paz.  
 Sabes quanto a desdita e quanto o aggravo custa;  
 O céu te castigou porque fôras injusta;  
 Sê justa, e, qual outr'ora, inda outra vez serás.

1870

## APPARIÇÃO

Eu andava sósinho n'este mundo,  
 Sem saber onde era, n'um deserto,  
 Quando eis o anjo me apparece perto  
 Que eu vira, mas do peito no mais fundo.

És tu, minha visão? digo jocundo;  
 Não foste um sonho pois? És tu de certo?  
 Oh! vem a mim; o meu amor te offerto.  
 Já não ando perdido, só, no mundo.

Ella, ouvindo-me, os olhos lacrimosos  
 Põe nos meus; e estas phrases com voz presa  
 Meiga solta dos labios maviosos:

Para que te hei de amar, se com presteza  
 Os nossos dias passarão ditosos,  
 Se mais só ficarás e em mais tristeza?

---

## APPARIZIONE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Soletto io mi trovava in questo mondo,  
 Ignaro e inconscio, quasi in un deserto,  
 Quando da me fu l'angelo scoperto  
 Ch'io vedea, ma del cor nell'imo fondo.

Sei tu, visione mia? grido io giocondo;  
 Non fosti un sogno dunque? Nol sei certo?  
 Oh! vieni a me; l'amore mio t'è offerto:  
 Già non vado smarrito e sol nel mondo.

M'ode ella; e in me i belli occhi lacrimosi  
 Fissando, in preda a intensa tenerezza,  
 Mi volge questi accenti dolorosi:

Perchè amarti dovrei, se con prestezza  
 Voleranno i dì nostri avventurosi,  
 Se più solo sarai con più tristeza?

---

## MUDEZ

Que lucto, que amargura  
 Senti, ao ver-vos honte!  
 Foi como abrir a fonte  
 Das lagrimas saudosas.

Ó arvores annosas,  
 A cuja sombra amiga  
 Da calma, da fadiga  
 Às vezes descansámos,

Ó campo, onde espraíamos  
 O olhar maravilhado,

Ó céu de azul trajado,  
 Ó simples natureza,

Em vão minha tristeza  
 Vos dou, meu pensamento;  
 Em vão o sentimento  
 Que na minh'alma lavra.

Nem uma só palavra  
 Dizeis que a pena grande  
 Qu'eu exp'rimento abrande.  
 Mudos estaes sem ella.

Se ver-vos era vêl-a!  
 Se amar-vos era amal-a!  
 Calou-se; eis-vos sem fala!  
 Fugiu; não tendes vida!

Adeus, terra esquecida!  
 Adeus, céu sem piedade!  
 Ah! antes a cidade.  
 Que estar n'esta jazida!

## A VEGEZZI RUSCALLA

Bardo de Italia, se meus versos prézas,  
 Eu prézo os versos teus; se em luso metro  
 Do grande Tasso o divinal poema  
 Usei verter, na tua doce fala  
 Do inspirado Gonzaga o amor e as queixas  
 Tu em cadente rima trasladaste.

Amas a nossa terra; lês, admiras  
 Camões. o eterno, Bernardim, Filinto,  
 E Bocage, e Bernardes, e Herculano,  
 E Garrett, e Castilho, qual eu amo  
 A tua bella patria, como eu leio,  
 Como admiro tambem o vate egregio  
 De Sorrento, Petrarca, Ariosto, Dante,  
 Parini, Casti, Mamiani, Grossi,  
 Monti, Manzoni, Pellico; devemos  
 Entender-nos portanto; laço duplo  
 De sympathia nossas almas prende.

Por isso me foi grato e alvoroçou-me  
 Ver que tu sabes o meu nome obscuro,  
 E que estimas, em mais do que ella vale,  
 A minha pobre musa. Um longe do outro,  
 Nada um do outro sabiamos: que Italia  
 E Portugal, a quem benigno o fado  
 Eguaes thesoiros naturaes reparte,  
 Que na lingua gentil, harmoniosa  
 Quasi que são irmãos, mal se conhecem.  
 E é lastima. O paiz que deu ao mundo  
 Colombo e Americo, o torrão famoso,  
 D'onde ao Mediterraneo ousadamente  
 Genova, a marinheira, impoz o sceptro,  
 D'onde estendeu á Grecia o braço forte  
 Veneza, do Adriatico senhora,  
 Commerciante e guerreira, e a terra illustre  
 De Dias, Magalhães, Cabral e Gama,  
 Rainha já do mar, já domadora  
 De cem nações remotas, bem deviam  
 Em todo o tempo conhecer-se e amar-se.

Graças a ti, em breve a densa nevoa  
 Que nos separa se fará mais tenue  
 Á luz do verbo teu: da Italia os filhos  
 Da portugueza lingua os ignorados,  
 Abundantes caudaes, a nossa rica  
 Litteratura aprenderão contigo;

E dia chegará, em que na mente  
 E n'alma gravarão, a par, bem junto  
 Dos prosadores seus, dos seus poetas,  
 Das nossas letras os famosos nomes.  
 Agradecida por favor tamanho  
 Te será para sempre a Patria minha,  
 Como t'o é já agora esse distante  
 Povo que entre o Danubio e o Pruthe habita,  
 Esse outro nosso irmão, de cujo nome  
 Has sido entusiasta pregoeiro.  
 Do amante de Marilia as ternas lyras  
 Não te bastava traduzir, e algumas  
 Das mais mimosas producções de Elmano,  
 E o drama sem rival, tragedia nova  
 Do gran vate moderno; outro serviço  
 Inda pretendes reunir a tantos.

E queres que teus passos acompanhe?  
 Falta-me alento para a nobre empresa.  
 Alguem melhor do que eu, da lingua italica  
 Os monumentos mostrará aos nossos.  
 E queres que traduza a intraduzivel  
 Trilogia do vate de Florença,  
 Esse mixto de luzes e de sombras,  
 Do céu, da terra, de quanto ha formoso,  
 E horrendo e grande, cujas musas foram  
 Odio, vingança, amor, sciencia, gloria?  
 Gosto de o ler; venero-o; mas apraz-me  
 Do Tasso muito mais a continuada  
 Corrente de mellifica harmonia,  
 Seus brandos sentimentos, e a urdidura  
 Phantasiosa, larga, seductora  
 Do seu canto immortal. Foi por amal-o  
 Que o traduzi. De mais, trabalhos d'estes  
 Fazem-se uma só vez. Quem d'elles colhe  
 Justq louvor de descansar precisa;  
 Quem balda o intento assusta-se, arrepende-se,  
 E não tem alma para intento novo.

Tu não; tu és feliz; tu queres, podes,  
 Sabio amigo e cultor das letras nossas,  
 Servil-as sempre; seguir-te-hei portanto  
 As passadas de longe; a isso levam-me  
 Os teus encomios, o teu digno exemplo,  
 O meu amor á Italia N'esses versos,  
 Em que tentei o cantico soberbo  
 De Manzoni verter, um testemunho,  
 Se não pleno, bem claro e incontestavel  
 Do que avanço acharás; mas, se inda outras  
 Bellezas da poesia italiana  
 A minha Patria eu desvendar um dia,  
 Como estas, a ti só, aos teus louvores  
 Na maior parte o deverei sem duvida.

## SYMPATHIA

Quão túrbida esta agua, quão pobre desliza!  
 Por entre estas flores quão triste murmura!  
 Outr'ora corria tão grossa, tão pura!  
 Mal hoje no fundo correr se divisa!

Da grande inconstancia do tempo me avisa:  
 Cantou co'as endêchas da minha ventura;  
 Agora abafados gemidos mixtura  
 Aos ais que eu espalho no sopro da brisa.

Ao ver minha sorte do que era mudada,  
 Mudou voz e aspecto, sentiu minhas dores;  
 Porque eu padecia ser lêda não quiz;

E em breve, do choro que verto salgada,  
 Fará com que sequem das margens as flores;  
 E então meu retrato ha de ser a infeliz.

## AGRADECIMENTO

AO MEU AMIGO PROSPERO LASSERE

Graças a ti, amigo! Eil-a de novo;  
 Tu m'a fizeste apparecer na téla,  
 Qual esboçar-se pode a fórma bella  
     D'aquelle ente sem par;  
 Não a sua alta, sup'rior essencia,  
 Que, luz mysteriosa, a esclarecia;  
 Pois tanto amor, e tanta poesia  
     Quem soubera humanar?

Ah! se além de poeta, eu fosse artista,  
 Só eu, que dentro d'alma impressa a guardo,  
 A retratára, unindo á chamma em que ardo  
     Os dotes de pintor!  
 Mas nem assim; não logra a penna, a lyra,  
 Inspirado pincel, valente escopro  
 Crear do espirito o invisivel sopro,  
     Egualar tal primor.

Como sombra confusa n'este mundo  
 Só um momento perpassal-a viste.  
 Só tambem um momento, ai de mim triste!  
     Eu na terra a gosei!  
 E tomaste a palêta; e a que é já morta,  
 A sombra que encontraras na passagem  
 Me converteste n'essa cara imagem,  
     Como? dizer não sei.

Vendo-a, supponho ver-lhe as lisas faces,  
 Que mal tingia desmaiada rosa,  
 Aquella fronte larga, majestosa,  
     Aquelle ar senhoril,  
 Aquelles olhos grandes e serenos,  
 Que trasbordavam para mim de affecto,  
 A ingenuidade, o bondadoso aspecto,  
     O harmonico perfil.

Tal era a companheira da minh'alma;  
 Assim a tive nos ditosos dias  
 De nossas transitorias alegrias,  
     Toda seiva e prazer,  
 Não como fulge agora nos meus sonhos,  
 Que a morte o que foi puro mais apura,  
 E me apparece na celeste altura  
     Já anjo, não mulher.

E tu foste, só tu, que o seu contorno  
 Fixaste; que a suas fôrmas indistinctas  
 Ajustaste, pintor, o brilho, as tintas,  
     E as fizeste reaes.  
 Não a podia ver por entre os raios  
 Que a cercam de divina claridade;  
 Mas entrevêl-a posso, hoje, beldade,  
     Com seus raios mortaes.

---

## ANNIVERSARIO

Foi n'um dia como este, um bello dia  
 De primavera, todo sol e flores,  
 Que eu, minha cara Patria, meus amôres,  
 Tornei a ver-te, doido de alegria.

Só do antegosto d'elle é que vivia,  
 Se era aquillo viver! Que dissabores,  
 Que saudades, que ancias, que amargores,  
 Ó Patria, de ti longe, não sentia!

Mas do tempo do injusto captiveiro,  
 Do infortunio, do exilio, da orphandade,  
 Compensou-me esse instante passageiro.

Para alcançar tamanha f'licidade  
 Vale a pena arrostar, soffrer primeiro  
 A penuria, o desterro, a iniquidade.

## NO CANAL DE VENEZA

AO MEU AMIGO JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

Que musica suave, encantadora,  
 Invisivel escuto,  
 Que em sons mesclados de prazer e lucto  
 Geme, delira, chora?  
 Já se levanta ao céu em longo anceo;  
 Já como que estremece,  
 Do arrojto arrendida,  
 E os impetos modera com receio  
 De mais alta subida;  
 Já na profunda placidez da noite  
 Apenas rumoreja,  
 Tenue soluça, arqueja,  
 Desmaia e se esvaece.

D'onde é que vem o canto.  
 Que a alma me suspende,  
 Que me avassalla e prende  
 Em não sabido encanto?

Digo; e meus olhos lanço  
 A terra e ao mar: é tudo  
 Quanto me cerca mudo,  
 Que jaz tudo em descanso.  
 Nem uma luz. Mas subito  
 Do lado do Rialto  
 No Gran Canal dormente  
 A vista minha attra'e  
 Apparição extranha,  
 Que o mar proximo banha  
 De limpido fulgor  
 E os ares de poesia,  
 Ninho de paz e amor,  
 De brilho e de harmonia,  
 Ninho que pelas aguas,  
 Como o da bella Alcyone  
 Andando mansamente  
 A pouco e pouco vae.

É ella, é ella, é ella,  
 A serenata bella.  
 Porê m quanta tristeza  
 Me infunde esta Veneza!  
 Que sensações ignotas  
 Experimento aqui!  
 Seduzem-me estas notas,  
 Mas ve'm acompanhadas  
 De ais, de tinir d'espadas.  
 Parece que as ouvi.  
 Parece-me que vejo,  
 Ao seu fugaz lampejo,

Correr em borbotões  
 O sangue espadanando,  
 E as virgens desgrenhadas  
 E as pallidas esposas  
 Attonitas chorandò!  
 Que vozes rancorosas!  
 Que brados! que gemidos!  
 Fechae-vos, ó meus olhos!  
 Fechae-vos, meus ouvidos!  
 Ide-vos, ó phantasmas!  
 Fugi de mim, visões!

Quanto, quanto mais formosa  
 Não foi aquell'outra scena,  
 Que eu gosei na Patria minha!  
 Quanto mais affectuosa  
 Foi aquella cantilena,  
 Que tanta alegria tinha,  
 E um não sei quê de tristeza,  
 Tão languida e temperada,  
 Que, com ella mixturada,  
 Lhe dava maior belleza!  
 Assim, ao cahir da tarde,  
 Casados a sombra è o dia  
 O espaço todo revestem  
 De grata melancholia.

Aqui o céu é escuro,  
 D'este paiz como a historia,  
 Feita de horror e de gloria,  
 Feita de sangue e de gloria.  
 Lá o nosso era tão puro!

Era uma noite de agosto,  
 D'aquellas noites sem par,  
 Em que a lua, cheia a face,  
 Pretende o sol imitar;

Era nos campos de Aveiro,  
Junto das praias do mar,  
Que por elles entra ufano,  
Que os está sempre a abraçar

Com esteiros que são prata,  
Quando lhes bate o luar;  
Das marinhas as pyramides  
Viam-se ao longe alvejar;

E por entre a terra verde  
As barcas a navegar,  
Dando ao vento as brancas velas.  
Que vista de enfeitiçar!

N'uma que vinha mais perto  
Vinhão moças a cantar  
Do nosso povo as cantigas,  
E a viola a suspirar.

Que melopéa tão doce!  
Parecia a alma embalar!  
Era uma coisa phantastica,  
Era um sonho a deslizar

Aquella barca serena  
Com a vela a branquejar,

1887

N'aquellas aguas de prata,  
A luz d'aquelle luar.

De quadro tão aprazível  
Não me hei de nunca olvidar.  
Ai! quem pudera de novo  
Esses cantos escutar,

Que os d'aqui lembram os homens  
Da guerra o tumultuar,  
Os outros a natureza,  
O amor, o campo, o folgar.

Cala-te pois, harmonia  
Que me estavas a tentar;  
Só quero os cantos fagueiros  
Da minha terra escutar.

Ide-vos, feios espectros;  
E vós tomae-lhe o logar,  
Toucadas de niveas rosas,  
Alvo de neve o trajar,

Ó visões da minha Patria,  
Que estou d'aqui a lembrar.  
Vivo d'ella tão distante!  
Vinde-me a ausencia enganar.

## ÁS ARMAS PORTUGUEZAS

Vêde como nas plagas africanas  
Lá resurge um clarão da gloria antiga,  
E ovantes as quinas lusitanas  
Calam a inveja perfida, inimiga;

Como um homem de obras soberanas  
(Quem a tamanha acção credito liga?)  
Com quarenta homens só, turbas insanas  
Offende, aterra e a sujeitar-se obriga;

Como, de brio nobre estimulados,  
Té ás extremas regiões do oriente  
Pelejam sem cessar nossos soldados.

É que ouviram da Patria o brado ardente;  
É que vencem ou morrem denodados.  
Sempre assim foi a portugueza gente.

1894



## LAR E TUMULO

Ha no ar que me cerca n'este ambiente  
Um não sei quê de ti, 'sombra querida.  
É o echo de outr'ora, mas plangente;  
São as recordações da nossa vida;

É o azylo de amor que preparámos,  
Não pensando na sorte despiedosa,  
E onde juntos, felizes habitámos,  
Das illusões á sombra deleitosa,

Sem ti, em trevas, mudo, solitario,  
Ermo de sonhos, d'esperança e flores,  
Lugubre como encerro mortuario,  
Mas inda a respirar nossos amores.

Quem, ai de mim! então nos prediria,  
N'esses instantes de fallaz ventura,  
Que tudo tão depressa acabaria,  
Que tão proxima estava a sepultura!

Que a nossa alegre e candida existencia,  
Que essa tua belleza e alma rara,  
Tanto amor, tanto crer, tanta innocencia  
Dentro de pouco em nada se trocara!

Como custa viver d'esta maneira  
Sem uma estrella ao menos no horizonte,  
Sem ti, minha adorada companheira  
Que eras da minha vida unica fonte!

Vês? O caminho que a sorrir me abriste,  
Alastrado de rosas e fulgores,  
É arido, pedroso, escuro, triste,  
Depois que te perdi, ó meus amores.

Embalde a vista alongo; horrendo, fero,  
Vae sempre até á campa sem mudança.  
Já do céu, já da terra nada espero;  
Tu eras minha fé, minha esperança.

Ruína de mim mesmo, do passado,  
Como as heras, apégo-me ás ruínas;  
É um templo divino, esboroadado,  
Que inda com teu clarão tu m'illuminas.

Gosto de levantar na phantasia  
Tudo que foi; ánimo, recomponho  
Essa quadra saudosa de alegria,  
O nosso caro, fugitivo sonho,

É avivar as chagas; é matar-me;  
Bem o sei; mas é ver inda um reflexo  
Da ventura, e na dor atordoar-me,  
Para menos sentir quanto padeço.

Por isso busco os sitios onde outr'ora  
Juntos, afortunados passeámos,  
E onde vago infeliz, sósinho, agora,  
E evoco as sensações que já provámos.

Ai! que recordações! A cada passo  
Brotta sob os meus pés uma memoria:  
No mar, na terra, no ceruleo espaço  
Leio em letras de fogo nossa historia.

Se ólho o céu, se ólho as nítidas estrellas,  
Não é a Fé que a vista me levanta;  
É a lembrança de outras noites bellas  
O que a um tempo m'enleva e me quebranta.

Se ólho o Tejo, commigo logo penso:  
Quanta vez o estivemos contemplando,  
Ou sobre as suas ondas o suspenso  
Batel co'o imaginar acompanhando!

Na terra, ahi em tudo, em toda a parte,  
Ó alma da minh'alma, estás presente;  
Mas só posso qual sombra divisar-te,  
E encoberta por lagrimas sómente.

Porêm aonde mais te vejo, aonde  
Tudo tem voz e o coração me abala,  
Tudo aos meus pensamentos corresponde,  
Tudo os effluvios do passado exhala,

É n'este nosso lar onde vivemos:  
Quanto ha n'elle desperta-me saudade;  
O nosso paraíso aqui tivemos;  
Aqui choro, sem ti, minha orphandade.

Estas paredes d'antes insensiveis,  
Este solo que piso, estes objectos,  
Não me rodeiam frios, impassiveis:  
Tudo fala de ti sob estes tectos.

Quanta vez, se os observo lacrimoso,  
Parece que me dizem: nós a vimos;  
Nós seu ar aspirámos virtuoso,  
Nós seu contacto angelico sentimos.

Quando, ao cahir da tarde, a casa volto,  
Depois de trabalhar inteiro o dia,  
Para cansar o espirito revolto,  
E o corpo, seu consocio na agonia,

Que ancia, que dor no coração me lavra!  
 Entro; e não vens á porta receber-me!  
 Já não tenho um sorriso, uma palavra,  
 Nem teus braços gentis para acolher-me!

Entro; e, só, no meu tumulto me enterro.  
 N'elle, distante do gelado mundo,  
 O reprimido choro desencerro,  
 E no oceano do meu mal profundo.

Então do que passou minh'alma toma  
 O odor, e se sublima, e se embriaga;  
 D'esses tempos então ao vivo aroma  
 O presente espectáculo se apaga,

E resurge ante mim, a pouco e pouco,  
 Ó minha esposa, ó anjo de innocencia,  
 Por milagre de amor, em sonho louco  
 Inteira a nossa flórida existencia.

Julgo ouvir-te distincta a voz suave,  
 Que todo me abalava e enternecia;  
 Do teu vestido o som, teu passo grave,  
 Que sempre, em qualquer parte eu conhecia;

Julgo que me appareces; que estás perto  
 De mim; que os olhos grandes e formosos,  
 Como não vi jámais, nem verei certo,  
 Diriges aos meus olhos amorosos;

Que m'estreitas a mão; que a minha bocca  
 Procuras com teus labios... Ah! já basta!  
 Não posso mais; quasi na insania toca  
 Esta illusão que me apunhala e arrasta.

Não posso. Pelo raio fulminado,  
 Gélo, succumbo de terror, de espanto;  
 E fico a meditar meu negro fado;  
 E a voz me embarga o soluçar e o pranto.

---

## HOGAR Y TUMULO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOÏEL

Hay en cuanto me cerca en este ambiente  
 Un no sé qué de tí, sombra querida;  
 Es un eco de antaño, mas doliente,  
 Tristes recuerdos de una dulce vida;

Es de amor el asilo que formamos,  
 Sin pensar en los hados rigurosos;  
 Donde juntos, felices habitamos,  
 En brazos de ideales deliciosos,

Sin tí, en tenieblas, mudo y solitario,  
Yermo de sueños, de esperanza y flores,  
Lugubre como encierro funerario,  
Mas respirando aun nuestros amores.

¿Quien, ai de mi! entonces me diria,  
En esas horas de falaz ventura,  
Que todo así tan pronto pasaria,  
Que te aguardaba ya la sepultura?

¿Que nuestra alegre y candida existencia,  
Que la belleza tuya y tu alma rara,  
Tanto amor, tanta fé, tanta inocencia,  
En breve todo en nada se trocara?

¿Como cuesta vivir de esta manera,  
Sin un rayo de luz siquiera en frente,  
Sin tí, sin tí, adorada compañera,  
Que de mi vida fuiste unica fuente!

Ves? El camino que risueña abriste,  
Que sembraste de rosas y fulgores,  
Ahora es yermo, pedregoso, triste,  
De espinas erizado y de dolores.

La vista en vano extendiendo: horrendo, fiero,  
Va siempre hasta la muerte sin mudanza;  
Ya del cielo y la tierra nada espero;  
Tu sola eras mi culto, mi esperanza.

Ruina de mi mismo, del pasado,  
Como hiedra me prendo a las ruinas.  
Es un templo divino destrozado,  
Que con tu pura lumbre aun iluminas.

Quantas veces mi ardiente fantasia,  
Evocando esos tiempos tan risueños,  
Repasa noche y noche, día y día,  
Nuestros queridos, pasajeros sueños!

Bien sé que avivo el mal, sin eludirme;  
Mas, con solo el reflejo de ese cielo,  
A fuerza de dolor puedo aturdirme,  
Y menos padecer de lo que suelo.

Por eso mi alma en los lugares mora  
Donde ajenos al mundo paseamos,  
Y donde triste y solitario ahora  
Expio los placeres que probamos;

Donde al través del llanto a cada instante  
Brotar veo a mis piés una memoria,  
Y en tierra y mar y espacio rutilante  
Leo en letras de fuego nuestra historia.

Si los ojos levanto a las estrellas,  
No es la fé que á los cielos los levanta;  
Es el recuerdo de otras noches bellas  
Que el alma me embelesa y me quebranta.

Si el Tajo veo, luego á solas pienso  
En las veces que juntos contemplando  
Estuvimos sus ondas y el suspenso  
Vagaroso navio navegando.

Sobre la tierra... en todo, en toda parte,  
Alma del alma mia, estás presente,  
Pero apenas cual sombra divisarte  
Entre lagrimas puedo solamente.

Adonde mas te encuentro y veo, donde  
Todo tiene una voz que nada iguala,  
Todo a mis pensamientos corresponde,  
Y todo efluvios del pasado exhala,

Es en este hogar nuestro dó vivimos,  
Donde hoy todo exacerba mi ansiedad,  
Donde un cielo sin macula tuvimos,  
Donde lloro, sin tí, mi soledad.

Estas paredes, antes insensibles,  
Este suelo que piso, aquella sombra,  
Ya no me cercan frios, impasibles;  
Todo me habla de tí, todo te nombra.

Cuantas veces al verlos, triste, abtracto,  
Me parecen decir: tambien la vimos;  
Tambien sentimos su gentil contacto;  
Tambien su aliento angelico sentimos.

Quando, al caer el mundo en sombra envuelto,  
Regreso del trabajo, con que el día  
Busco abrumar mi espíritu revuelto,  
Y el cuerpo, su consocio en la agonía,

¡Como late mi pecho y con que prisa!  
Ya á la puerta no vienes a esperarme;  
¡Ya no hallo una palabra, una sonrisa,  
Ni tu brazo gentil para ampararme!

Entro; y solo en mi tumulto me encierro;  
Allí, distante del helado mundo  
El reprimido llanto desencierro;  
Y en ese mar de mi dolor profundo.

De lo que fué y pasó mi alma toma  
El vago olor sutil que la embriaga,  
Y de esos tiempos al divino aroma  
El presente espectáculo se apaga.

Luego ante mi resurge, poco á poco,  
 Ó esposa mia, ó angel de inocencia,  
 Por milagro de amor, en sueño loco,  
 Entera nuestra celica existencia.

Distinta creo oir tu voz suave,  
 Que tanto me encantaba y conmovia,  
 De tu ropa el crujir, tu paso grave,  
 Que siempre yo de lejos conocia.

Que á mi lado te sientas considero;  
 Que tus ojos tan grandes, tan hermosos,  
 Como otros nunca vi, ni ver espero,  
 Diriges á mis ojos amorosos;

Que me estrechas las manos; que á mi boca  
 Tu boca solicita... Ah! basta, basta!  
 No puedo mas; que ya en demencia toca  
 Esa vision que el pecho me devasta!

No puedo. Por un rayo derribado,  
 Sucumbo de terror, muero de espanto;  
 Y, mientras pienso en mi siniestro hado,  
 Me ahoja el sollozar, me ciega el llanto.

---

## N'UM ALBUM

Quê! na flor dos teus annos viçosos,  
 Da innocencia no templo acoitada,  
 A folgares na vida, animada  
 Por tu'alma que a tudo sorri,  
 Tu me pedes que a voz alevante,  
 Que da lyra, onde sôa a tristeza,  
 Solte um canto á virtude, á pureza,  
 A poesia que guardas em ti?

A roseira que as brisas namoram,  
 Que se embala ao correr do regato,  
 Onde mira gentil o retrato,  
 Sob um céu inundado de luz,  
 Pede cantos ao tronco sem folhas,  
 Que só geme batido do vento,  
 Ou ao rio que vae turbulento,  
 Que ao oceano a corrente conduz?

Pois tu és a roseira do prado,  
 Eu o tronco sem folhas, agreste,  
 Que das auras o sopro não veste  
 Novamente de verde e de flor.  
 Não invejo dos mais a alegria;  
 Nem já tenho para ella uma nota.  
 Só descanta, só lagrimas brota  
 A minh'alma ás refregas da dor.

A poesia suave e singela  
Que deleita, que o jubilo acorda,  
Do teu rosto no mundo trasborda,  
Não recebe do mundo o clarão;  
A poesia, que em mim tu procuras,  
Não, não podes em mim enconral-a:  
Em ti nasce, em ti sonha, em ti fala;  
Vive dentro do teu coração.

---

### RAIO DE LUZ

Quão longo o meu porvir julguei outr'ora!  
Quão breve o considero hoje, passado!  
Como era tudo de illusões doirado,  
E como tudo me apparecê agora!

Era-me então a vida rosea aurora,  
Lago puo, onde o céu ria espelhado;  
Hoje não o retrata, sombreado  
Pelo véu da procella aterradora.

E embalde a vista elevo ao firmamento;  
Já lá não acho a luz que me luzia;  
Brilha só no meu triste pensamento;

Mas para duplicar minha agonia,  
Relampago que fulge n'um momento,  
E mais me deixa a escuridão sombria!

---

### ALMA OCCULTA

Era velho, era pobre, era só! Que tristeza  
N'estas vozes não ha! Mas o gelo da edade  
Não logrou quebrantar-lhe a rija natureza,  
Nem do aspecto senil lhe apoucara a hombridade.  
Se acaso o amargurava a pungente estreiteza,  
Se alguma vez gemia, á parte, em soledade,  
Mudo sempre no rosto e nas palavras serio,  
Sobre o mal, sobre si podia haver imperio.

No modesto logar que lhe marcara a sorte  
Obediente á lei e do dever escravo,  
Tinha na consciencia o seu reducto forte,  
E era no defendel-o o que já fôra, um bravo.  
Abeirou-se-lhe um dia a enfermidade, a morte;  
Da miseria bebeu a gole e gole o travo;  
E, pobre, velho, só, viu a esp'rança perdida,  
Por abrigo o hospital, e disse adeus á vida.

Porêm antes de entrar n'essa casa hospedeira,  
 D'onde iria direito em breve á sepultura,  
 Do castello avistar, pela vez derradeira,  
 Quiz o Tejo, a cidade, a liquida planura.  
 Levaram-no; subiu a ingreme ladeira,  
 A custo, vacillante; e, mal chegou á altura,  
 Com os olhos correndo a terra, o mar, os céus,  
 Morro em paz, exclamou, graças, graças, meu Deus.

Na seguinte manhan do corpo desligou-se  
 N'uma enxerga emprestada aquell' alma sombria,  
 Que por espesso véu de todos occultou-se,  
 E que abriu junto á cova em flor de poesia.  
 Que mysterio, que dor fez com que elle assim fosse?  
 E eu que o não estimei como elle o merecia!  
 Mas ao saber o caso e o seu fim miserando,  
 Confrangeu-se-me o peito, e fiquei meditando.

## ULTIMO LAÇO

Para que vivo eu, se ella não vive,  
 Se da minha existencia a melhor parte  
 Com ella se acabou? Tantos ditosos  
 Folgam por esse mundo; e eu soffro; eu gemo!  
 Não ha consolação para minh'alma,  
 Nem um raio de luz que entre no abysmo  
 Onde cahida jaz. Feliz como elles,  
 Mais do que elles ainda eu fui outr'ora  
 (Que ninguem teve amor qual era o nosso);  
 Fui; não sou; existi; já não existo.  
 O que se vê de mim é o resto apenas  
 De um ente que morreu; sob este peito,  
 Além de um coração que é todo sangue,  
 Ha uma auzencia de vida, um vacuo immenso,  
 Um martyrio sem fim que não s'exprimem.

Assim, no auge da afflicção, minh'alma,  
 Se desespera e clama; e horrendo tedio  
 Me invade, me anniquila; o mundo todo  
 Aborreço; aborreço o proprio dia,  
 O sentir, o viver; só quero a morte.  
 Mas de repente lembra-me meu filho,  
 O meu pobre innocente, unico fructo  
 Do nosso breve amor; e vejo-o olhar-me,  
 Sorrir-se para mim co'aquelles olhos,  
 Tão meigos, tão rasgados, tão formosos  
 Como os de sua mãe; e julgo ouvil-a  
 Que invisivel me diz: por elle vive!



# REFLEXOS

SEGUNDA EDIÇÃO

---

## Á INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES

AO MEU AMIGO, O DR. XAVIER DA CUNHA

A teus pés, ó Camões, um povo inteiro  
Hoje se prostra humilde e arrependido:  
Das glorias suas ao cantor guerreiro  
O preito rende ha seculos devido.

É pequeno, em verdade, o monumento;  
Porêm o intuito que o levanta é nobre.  
Déste-lhe outro maior, tu, opulento;  
Este é modesto; é a dadiva do pobre.

Nada parece grande ante a grandeza  
Do teu augusto, sonoro canto;  
Nada consegue equiparar a alteza  
Do teu vulto assombroso e sacrosanto.

Mas, se balda o saber o humano engenho  
Para exprimir-te a colossal figura,  
Tambem o amor dos teus é louco empenho  
Querer moldal-o em bronze ou pedra dura.

Nosso entranhado culto nos sugeitos  
Limites de uma estatua não se funde;  
Vive dentro de nós, em nossos peitos;  
Com a nossa existencia se confunde.

Acceita pois a dadiva modesta,  
Debil prova do amor que o peito encerra;  
E tu, Patria, sublima a fronte mésta:  
Não mais de ingratição te accusa a terra.

Quando nas tuas praias o estrangeiro  
Por Camões perguntar, tua obra aponta,  
E dize: resuscita um povo inteiro,  
Que assim apaga a secular affronta.

Ah! fui ingrata, ó genio,  
 (Contrita, envergonhada,  
 D'est'arte fala a Patria,  
 Co'a face ao chão voltada),  
 Porêm agora a divida  
 Venho afinal pagar.

Perseguições, miseria,  
 O carcere, o abandono  
 Eu só te dei, oh! barbara!  
 E ao teu extremo somno  
 Uma rasteira lapide  
 Meu nome a deshonrar.

Só hoje, após três seculos,  
 Te erijo um monumento!  
 Porêm, divino espirito,  
 Não foi esquecimento;  
 Foram as minhas magoas,  
 Que muito eu padeci.

Sábel-o bem. No ápice  
 Estava a minha gloria,  
 Quando nasceste; ao tumulto  
 Baixaste, cru memoria!  
 Quando aos alfanges d'Africa  
 Pugnando succumbi.

E, desde essa catastrophe,  
 Desde esse triste dia,  
 No doloroso equuleo  
 Da pallida agonia  
 Tenho arrastado inglorio  
 O longo, atroz viver.

Da eterna Providencia  
 Castigo merecido!  
 A vil pobreza, o escarneo  
 Tenho, qual tu, soffrido:  
 Dei-te do fel o calice;  
 O céu deu-m'o a beber:

Ora captiva indomita  
 Do sevo, odiado hispano;  
 Ora famoso espolio  
 Do bátavo e britanno;  
 Ora da França ás aguias  
 Entregue, immersa em dor;

Sempre calcada, misera,  
 Dos meus ou do estrangeiro:  
 Nas civicas discordias,  
 No amargo captiveiro,  
 Sob o punhal dos despotas,  
 Da Inquisição no horror.

Desde esse tempo o incendio  
 Da minha e tua fama  
 Com o clarão vulcanico  
 Da sua immensa chamma  
 Só me alentava o animo,  
 Só me enviava a luz,

E me dizia: audacia,  
 Terra de heroes, recobra;  
 Quem se elevou tão válida  
 A fronte nunca dobra.  
 Não é inda o crepusculo;  
 O sol inda reluz.

Espera pois, e o annuncio  
 De Deus provindo escuta:  
 Serás feliz; acaba-se  
 Já da desgraça a lucta;  
 Prateia alvor propicio  
 As trevas do porvir.

E eu, crente no prognostico,  
 N'essa intima esperanza,  
 Ia soffrendo impavida  
 Os malês, a tardança;  
 E os dias improficuos!  
 E o céu sem refulgir!

Mas eis que o fausto augurio  
 Se torna realidade:  
 No firmamento limpido  
 Aponta a claridade;  
 Já foge e vae longinqua  
 De nós a escuridão.

Porêm não é da gloria  
 O brilho deslumbrante;  
 É o sol grandioso e vívido  
 Da liberdade ovante,  
 Que manda os puros radios  
 Ao povo, ao teu irmão.

Chegou, chegou a época,  
 Ó filhos meus, predicta,  
 Bradei, ao vêl-o, em jubilo.  
 Ah! vezes mil bemdicka!  
 Livres de ferreos vinculos,  
 Os braços levantae.

Vinde; do vosso auxilio,  
 Filhos, preciso agora:  
 Ao vate excelso a divida  
 Eu vou pagar de outr'ora.  
 Mãe despiedada chamam-me;  
 Que tal não sou mostrae.

E os filhos meusolicitos  
Correndo me cercaram;  
E o bronze e o liso marmore,  
E os braços me offertaram;  
E a tua nobre estatua  
Surgiu, ó meu cantor.

Da liberdade á férvida  
Chamma sahiu fundida;  
Foi ella só o artifice  
Que lhe inspirou a vida.  
Brotou-nos espontanea  
Das nossas mãos e amor.

É que o teu vulto egregio  
Devia ser vasado  
Ou n'esse tempo homerico,  
Por ti eternisado,  
Ao faiscar dos gladios,  
Co'as balas dos canhões,

Ou ao calor fructifero  
Da liberdade santa;  
Entre os alegres canticos  
De um povo que supplanta  
O despotismo rabido,  
Partidos os grilhões.

Perdôa pois; perdôa-me,  
E acolhe meigo a offerta.  
É bem pequena, ó genio;  
Mas vês minh'alma aberta.  
Outra maior, mais propria  
Merece o nome teu.

Tempo virá, bem proximo  
Talvez, que eu t'a dedique,  
Alto padrão que aos seculos  
Como te ameí indique;  
Assim meu fado prospero  
Seja, e me ajude o céu.

Tempo virá, oh! célebres,  
Oh! magicas edades!  
Que, á uma, em competencia,  
As villas, as cidades  
Te sagrarão estatuas,  
Poeta sem egual.

Assim outr'ora a Grecia  
De templos povoou-se  
Ao gran cantor da Iliada,  
Como se um nume fosse,  
E honras, sacrificios  
Votou-lhe de immortal.

D'est'arte fala a Patria ajoelhada.  
Alevanta-a Camões, e a si a estreita.  
É grande a tua dadiva, é sagrada,  
Lhe torna; vem de ti; minh'alma a acceita.

Sempre as offensas perdoei na vida;  
Mas perdoar-te o quê? Não me offendeste;  
Vi-te cahir em terra succumbida;  
E, ai de mim! desde então quanto soffreste!

Punindo-te, puniu-me a lei do Eterno.  
Como do ventre no suave abrigo  
Sente o corpo do infante o mal materno,  
Eu, os teus males supportei contigo.

Jámais, ou na ventura ou na desgraça,  
Minha constante sombra te abandona.  
Não, a tua saudade nunca passa;  
És, como foste, da minh'alma a dona.

Sempre junto de ti, sempre invisivel,  
Goso os teus bens, o teu soffrer consolo.  
Mas astro novo, esplendido, indizivel,  
Assoma pela esphera; alteia o collo.

Tens no meu monumento o marco ingente  
Que o teu passado do que é hoje extreme.  
Outro Gama te leva a outro oriente,  
E a liberdade te governa o leme.

Porêm entre os escolhos d'esses mares,  
Porêm entre os horrores da procella,  
Tu verás scintillar nos turvos ares  
A minha amiga, fulgorosa estrella;

E, através das edades, abraçados  
Ao meu poema, os riscos venceremos,  
E, por elle das ondas escapados,  
Sempre unidos no mundo viveremos.

Taes palavras soltando, nos espaços  
Esvaeceu-se a imagem vaporosa.  
Quiz a Patria retêl-a, em vão, nos braços;  
E ergueu ao céu os olhos de saudosa.

Uma visão seria de propheta?  
Um sonho apenas? Explicar não posso.  
Mas d'onde estás ajuda-nos, poeta,  
Auxilia ante Deus o fado nosso.

E mais algumas vezes, como agora  
Aos meus olhos visível te mostraste,  
No silencio da noite scismadora  
Vaga nos sitios em que já vagaste.

Vem do feliz Manuel junto ao moimento,  
Ao pallido luar, meditabundo,  
Pensar em nosso fausto e abatimento,  
No que foste, no que és, no que é o mundo.

Vem do Tejo caudal proximo ás aguas,  
Que perpassam continuas murmurando,  
Ouvir ao mesmo tempo as tuas magoas,  
E da Patria o destino miserando.

Contempla o vasto oceano, oppresso ainda  
Sob as recordações de antigas eras,  
Quando, mau grado seu, té onde finda  
Levou submisso as inclitas espheras.

Ou no portal profundo do mosteiro,  
Do gigante de gloria e de granito,  
Evoca a sombra de Dom João Primeiro,  
E dos seus bravos o tropel invicto.

Vaga junto ao Mondego lastimoso,  
Que o teu poema eternizou na terra,  
No plaino exposto ao sol, no val umbroso,  
Sobre os cabeços de dentada serra.

E alguma vez tambem, ó vate, pára  
 Perto da tua estatua por instantes,  
 E da tua cidade e Patria cara  
 Vê n'ella e pésa os corações amantes.

Vem teu reino correr (parte do imperio  
 Maior que tens no mundo e eternidade)  
 Envolvido nas nuvens do mysterio,  
 Radiante de gloria e claridade.

E, se um dia bater á nossa porta  
 Com o ferro da lança o extranho ousado,  
 Com teu fulgor os animos transporta,  
 E faze-o recuar amedrontado.

1867

## ZUR ENTHÜLLUNG DES CAMOENS-STANDBILDES

· VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK <sup>(1)</sup>

Camoens, Dir liegt am heut'gen Tag zu Füßen  
 Ein ganzes Volk und bietet reuevoll,  
 Um hundertjähriges Vergeh'n zu büssen,  
 Dir, Held und Sänger, seinen Dankeszoll.

Nicht ist fürwahr! Dein Ehrenmal ein prächt'ges,  
 Doch schuf's ein Volk, ehrfürchtig Dein gedenk;  
 Du gabst ein gröss'res ihm, ein übermächt'ges;  
 Seins ist des Armen ärmliches Geschenk.

Nichts kann als gross besteh'n vor jener Grösse,  
 Die Dein bestauntes, hohes Lied erweist;  
 Reichthum und Füll' erscheint als Leer' und Blösse  
 Vor Deinem heil'gen und gewalt'gen Geist.

Und wenn vergebens Seel' und Sinn erglühen,  
 Ganz zu begreifen Dein erhab'nes Sein,  
 Bleibt auch der Dein'gen Lieb' ein thöricht Mühen,  
 In Erz Dich darzustellen oder Stein.

Doch keines Standbilds engumschloss'ne Schranke  
 Fasst Deines Volkes Dir geweihte Glut;  
 Sein Innerstes erfüllt der Dein-Gedanke,  
 Du leibst und lebst in seinem Mark und Blut.

(1) Só da primeira parte.

Nimm denn die kleine Gabe zum Beweise  
Der Liebe, die für Dich die Herzen schwellt;  
Und, Vaterland! du blicke stolz im Kreise:  
Undankes zeih dich fürder nicht die Welt.

Und naht ein Fremdling jetzt sich deinem Strande  
Und fragt nach Camoens, zeig' ihm dieses Bild  
Und sprich: Ein Volk, das hundertjäh'ge Schande  
So tilgt, erhebt auf's Neu den blanken Schild.

---

### GEMEAS <sup>(1)</sup>

Ai! que florinhas  
Tão graciosas  
E appetitosas!  
Duas rosinhas  
N'uma só haste,  
Inda em botão!  
Que parecidas!  
Que bem unidas!  
Eguaes e bellas,  
É entre ellas  
Quasi impossivel  
A distincção.

Apenas uma  
Tem differença,  
Não de nascença,  
De occasião.  
E foi o caso:  
Que certa abelha,  
Um dia andando  
Nos seus labores  
Haurindo o nectar

Das varias flores,  
Ficou a olhal-as,  
Em confusão;  
Examinou-as,  
A ver qual d'ellas  
A melhor fosse,  
E na mais doce  
Deixou vestigio  
Do seu ferrão.

Desde esse dia,  
Graças á abelha,  
Ou á doçura  
De condição,  
Uma da outra  
Se dessemelha  
Por este leve,  
Gentil senão,  
E, embora unidas,  
E parecidas,  
Já confundir-se  
Não podem, não.

1897

---

### SEM ELLA

Quanto mais para mim correm os annos,  
Mais cresce da minh'alma a soledade,  
E mais fujo da van sociedade,  
Quasi toda mentira e desenganos.

---

(1) A duas creanças gêmeas, uma das quaes tinha um signalsinho no rosto.

Mas, só, meus pensamentos, meus tyrannos,  
Não me deixam gosar tranquillidade,  
Pois me transportam d'uma a outra idade,  
Para apenas lembrarem os meus damnos.

E como não, se ella se foi do mundo!  
Se já não doira da minh'alma o fundo  
Aquella meiga luz do céu descida!

Se essa luz os meus passos já não leva!  
Se augmenta mais e mais a minha treva!  
Se cada vez estou mais só na vida!

---

## CONSELHO

Deixa essas largas, sumptuosas salas,  
Onde se acoita a solidão e o tédio;  
E para o corpo e alma só remedio  
Vae procurar da natureza ás galas.

A cidade é monotona, e veneno  
O pó corrupto que se aspira n'ella.  
O que yale cobril-a um céu ameno,  
Como o nosso, ou que seja extensa e bella,

Se é tudo sempre o mesmo: ruas, praças,  
Onde muros a muros se succedem,  
E ar, e luz, e liberdade pedem  
Do povo fluctuante as negras massas?

Ar, liberdade, luz! Não foram feitos  
Para morar no turbilhão mundano,  
Ou nos carceres humidos e estreitos,  
Que para si construe o fraco humano.

Te'm por habitação o imperio immenso  
Do mar que banha, que circumda a terra,  
A campina, a floresta, o valle, a serra,  
E o firmamento sobre nós suspenso.

Ahi por sua força geradora,  
Sem cessar, o espectaculo varia,  
E nunca se interrompe a voz sonora,  
Que louva o Creador de noite e dia.

Tudo é mesquinho e pobre na cidade;  
Tudo é grande na grande natureza;  
Mostra aquella dos homens a fraqueza;  
Esta do Omnipotente a majestade.

Podes livre existir, e és prisioneiro;  
Podes correr o mundo, e aqui te esqueces;  
E dentro em teu palacio o anno inteiro  
Entregue á dôr ociosa permaneces.

Eu, a quem nega a sorte o numen loiro,  
Impaciente de ver que sempre habito  
Quatro palmos de terra, necessito  
De ao menos viajar em sonhos d'oiro,

Sonhos que logo a realidade apaga,  
Deixando-me peor, e tristemente  
Olho o veloz baixel que rompe a vaga,  
O mar ao longe e a serrania ingente.

Ah! se não fôra essa creança, parte  
De mim mesmo, que amo, que estremeço,  
Fructo de um breve amor que nunca esqueço,  
(Mas, meu filho, não posso abandonar-te;)

Eu iria outra vez por esse mundo,  
Em procura não sei de que destino,  
E de novo saudara o val profundo,  
O monte, o bosque, o oceano, peregrino.

Basta que um dia a pallida doença  
Pela mão para o leito nos conduza,  
E que afinal a morte nos reduza  
A riada o corpo que se move e pensa.

Mas, emquanto ha saúde, mas emquanto  
A mocidade, como em ti, referve,  
Do globo conhecer um só recanto,  
Deixar que o espirito e o vigor se enerve!

Não; dize adeus aos commodos da vida,  
Ao teu palacio, ao brado turbulento  
Da cidade, e procura o movimento,  
Que a alma nos desperta adormecida.

É como a agua o homem: se quieta,  
Perde a belleza, a côr, e se empaluda;  
Se corre, torna ao que era, e, em vez de infecta,  
Á roda os campos em jardins transmuda.

Porêm, se á sociedade costumado,  
Temes estar co'a natureza apenas,  
Pois o retiro e as solidões amenas  
Fazem sangrar um coração chagado,

Deixa a Patria, que a Patria já conheces,  
Este solo que os astros abençoam,  
Fertil d'encantos e de brandas messes,  
Que mil sombras de heroes inda povôam,



E busca as terras, onde o genio do homem  
Se casa á mão de Deus: a Grecia; o Egypto;  
O velho Oriente, que, já quasi um mytho,  
Na poetica bruma os annos somem;

Albion, que tem dos mares o governo;  
França; Allemanha; e a mais formosa d'ellas,  
A que no tempo antigo e no moderno  
É grande, a Italia, a mãe das artes bellas:

A terra, onde perfuma a laranjeira  
O tumulo famoso de Virgilio,  
Onde cada campina é um idyllio,  
Cada pedra de feitos pregoeira;

O paiz das ruínas grandiosas,  
Da maior gente veneranda tumba,  
Meio coberta de jasmins e rosas,  
Que inda após quinze seculos retumba;

O paiz dos vulcões e dos poetas,  
Que brotou das entranhas de gigante,  
Como o Etna e o Vesuvio, o Tasso e o Dante,  
No arrojo e no poder irmãos e athleticas;

O paiz da harmonia e da pintura,  
De Buonarotti, Raphael, Cellini,  
Que junta ao som da brisa que murmura  
É aos ais do roixinol os de Bellini.

Passa do Colosseu aos Apenninos;  
Da alterosa Parthénope a Sorrento;  
Do mar a Tibur, onde á tarde o vento  
Repete ainda os cantos vênusinos;

Dos Alpes á cidade do mysterio,  
Que esconde nas lagunas a vergonha;  
Do Pó a Roma, que de novo o imperio,  
D'entre os escombros acordando, sonha;

A Bolonha, jardim de olentes flores;  
A Florença, jardim de pedra e arte;  
A Milão; á Sicilia; a toda a parte;  
Mesclando a humanos naturaes primores.

Varia; idéias, sitios variando,  
Péza-nos menos da existencia a carga,  
E, á medida que vamos caminhando,  
O coração parece que se alarga.

Nada ha tão mau como viver comsigo  
Solitario; eu o sei de experiente:  
Soffre-se a desventura duplamente  
E a habitação converte-se em jazigo.

Depois, quando te aperte acre saudade  
Da Patria, viva sempre na lembrança,  
Volta ao palacio teu, volta á cidade,  
E do peregrinar n'ella descansa.

Rico de sensações e de memorias,  
Tu então lembrarás com lêdo rosto  
A ti e aos outros de cada hora o gosto,  
Que é sempre farto o viajor d'historias.

Assim do impulso da passada lida  
Viverás algum tempo satisfeito.  
Depois, quando a existencia aborrecida  
Te parecer e o coração estreito,

Dize outra vez adeus ao ocio e aos lares,  
E novamente pelo mundo erra,  
Ou através das regiões da terra,  
Ou pela face dos undosos mares.

Tal quizera eu viver; por isso quero  
Que tu vivas tambem da mesma sorte.  
Peor que a lucta a inercia considero;  
O luctar é viver; a inercia é morte.

1872

---

## SEMPRE

Ainda, sim, ainda;  
Qual nos passados dias,  
Eleva-se, evapora-se  
Minh' alma em melodias.

Mas nem por isso perde  
A natural essencia,  
Pois volve á terra em canticos  
De celestial cadencia,

Para subir de novo  
Com mais suave accento,  
Inda mais bella e vívida  
Ao claro firmamento.

Assim da terra ao alto  
Ascendem os vapores,  
E ve'm, liquidas perolas,  
Dar seiva após ás flores,

De cujo tenro calix,  
Tornados em perfume,  
Evolam-se, levantam-se  
Aos pés do excelso Nume.

Embalde os annos correm;  
Não sente o bardo os annos;  
Que o seu potente espirito  
É outro dos humanos;

Antes, se mais do tempo  
Carrega o peso grande,  
Mais larga os terreos vinculos  
E, ás vezes, mais se expande.

Sempre ao sublime intento,  
Longe da humanidade,  
Vive n'um ar diaphano,  
De eterna mocidade;

N'um ar em que se aspira  
Quanto ha de bello e puro,  
N'um ar á gente improprio,  
Inconscio do futuro.

E nunca cessa o canto;  
Cantar lhe coube em sorte;  
Canta do berço ao tumulo,  
Em célico transporte.

Canta na lyra amores,  
As magoas no alaúde,  
N'harpa o heroísmo, a patria,  
As crenças, a virtude.

E quando assim derrama  
Su'alma todo o incenso,  
Ao fogo do thuribulo,  
De Deus no seio immenso,

1897

E quando o corpo fragil,  
Que n'este mundo o encerra,  
Cede á fraqueza ingenita,  
E emfim se torna em terra,

Ainda os seus destinos  
Dos outros são diversos,  
Larga da carne o involucro;  
E fica nos seus versos.

## PRIMAVERA E INVERNO

Qual ribeiro entre margens de verdura,  
Tal nos corre da vida a primavera.  
Mana tranquilla a sua limpha pura;  
O maior vento só de leve a altera;  
Nenhuma nuvem lhe parece escura;  
Quer seja rutilante o azul da esphera,  
Quer se enlucte de sombras e vapores,  
Miram-se n'elle da campina as flores.

Mal cobre o leito a crystallina veia,  
Onde alvejam mil candidas pedrinhas;  
Junto das bordas, quando menos cheia,  
Ve'm bicar as singelas avesinhas,  
Pulando aqui, alli na lisa areia;  
Ou nos ramos das arvores visinhas  
Fazem soar os módulos trinados,  
Co'o murmurio das aguas ajustados.

Se ás vezes se escurece, quando passa  
Por debaixo dos languidos salgueiros,  
Ao sol depois fulgura com mais graça,  
Multiplicada em tremulos luzeiros;  
Se o curso breve estorvo lhe embaraça,  
Ferve; borbulha; solta uns ais ligeiros;  
Quêda-se por momentos indecisa;  
E logo clara e placida deslisa.

Assim na quadra da florente idade,  
Entre risos, prazeres, harmonias,  
Do futuro sem medo á tempestade,  
Vemos suaves decorrer os dias,  
Sonhando gloria, amor e liberdade,  
As penas esmaltando de alegrias,  
E revestindo até de extranho encanto  
A nossa propria dor, e o nosso pranto.

Mas como rio lugubre e profundo  
 É da existencia o desabrido inverno:  
 Nem floreas margens, nem verdor jocundo,  
 Nem das aves sequer gorgeio terno;  
 Nada nos mostra no sombrio fundo;  
 Corre entre rochas, nevoa e gelo eterno,  
 Rochas que formam sobranceiros montes,  
 E nevoa que lh'encurta os horizontes.

D'est'arte, ao declinar, se escôa a vida  
 Por entre desenganos e tristeza,  
 Turva, da idade e lagrimas crescida,  
 Quão diversa da antiga natureza!  
 Pelo véu da saudade escurecida,  
 Do desconsold e dissabores presa,  
 Vendo o passado, tão distante, perto,  
 E proximo da lida o termo certo.

De se queixar, de tudo fatigado,  
 Foge do mundo então, e não se queixa  
 O homem pelo mundo abandonado;  
 Antes, no coração o pranto fecha;  
 E o mundo de apparencias enganado,  
 Porqu'elle o pranto resoar não deixa,  
 Porque não sabe ler-lhe o seio d'alma,  
 Negro, insondavel, o suppõe 'em calma!

Ah! se no abysmo penetrar pudesse  
 Que tão mentida placidez encerra,  
 Ah! se o intimo fel lhe revolvesse,  
 Como a veria não em paz. em guerra,  
 E de vêl-a talvez piedade houvesse!  
 Mas quanto, cego, o meu juizo erra!  
 Que importa ao mundo baixo, leviano,  
 Vão, egoista, o soffrimento humano?

---

## ULTIMO ENCONTRO

Á MEMORIA DE J. G. LOBATO PIRES

Foi a ultima vez que o vi. A fronte  
 Séde ha pouco da sciencia e poesia,  
 Já da loucura o manto escurecia;  
 Cercava-o todo sombras o horizonte.

De um jardim encontrámo'-nos defronte;  
 Nada para dizer-lhe me occorria;  
 Mas elle em voz que mal se percebia  
 Soltou da bocca a harmoniosa fonte.

Eu então, enganado da apparencia,  
Distrahil-o busquei nas suas dores,  
D'algun raio alegrando-lhe a existencia.

Da primavera lhe falei, das flores.  
Riu-se, e tornou com ares de demencia:  
«Não é hora propicia para amores.»

---

## OS MEUS AMORES

Meu Deus! como a adorei ninguem o sabe;  
Ella, ella sómente o compre'endia;  
Nem á palavra dos humanos cabe  
De leve descrever o que eu sentia.

Era um amor immenso, immaculado,  
Tão acima dos mais, quão eminente  
Foi a tudo quanto ha melhor formado  
Aquelle seu espirito innocente.

Nunca pude julgar, antes de vêl-a,  
Que a terra produzisse amor tão santo:  
Se a existencia lhe deu su'alma bella!  
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Não, jámais os delirios do poeta,  
Quando irrompe de nós inteira a vida  
Em procura da luz, qual borboleta  
Apenas da chrysállida sahida,

N'essa quadra, em que ao sol da juventude,  
Entre fulgores, musicas, aroma,  
A formosura nos arrasta e illude  
Com dupla força e o coração nos doma,

Não, nunca a phantasia mais accesa,  
Arrebatada do maior encanto,  
Egualou meu affecto na grandeza.  
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Amei; supuz amar muitas mulheres;  
Rojei ante ellas a minh'alma escrava,  
Levado pela febre dos prazeres,  
Verdadeiro julgando o que sonhava;

Mas conheci-a, e conheci que fôra  
Tudo sonho, illusão, sombra, mentira;  
E envergonhei-me das paixões de outr'ora  
E de as carpir na desditosa lyra.

Longe, longe esses sonhos e essas dores;  
 Que não me venham macular o canto!  
 Ella foi os meus unicos amores.  
 Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Por ella imaginei um céu a terra;  
 Por ella ambicionei honras, thesoiros,  
 Quanto de grandioso o mundo encerra,  
 Da turba o applauso, do poeta os loiros.

D'ella enchi minha vida, o meu futuro;  
 Por ella sem pavor luctei co'o fado;  
 Por ella o peito meu se tornou puro;  
 Por ella me olvidei do meu passado.

D'ella vivo inda hoje após a morte;  
 Por ella tudo m'ennevoa o pranto.  
 Onde é que pode haver amor tão forte?  
 Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

---

## DEVANEIO

Eu gosto de te ver, mal clareia o nascente,  
 Ó cidade do Tejo, ó fada do occidente,  
 Nas sombras aguardando o fulgor matinal,  
 A pouco e pouco o lucto, a tristeza expellindo,  
 Com diadema de luz tua fronte cingindo,  
 E de luz te envolvendo em manto imperial.

Eu gosto de te ver, quando, já pelo espaço  
 Alevantado o sol, como armadura d'aço,  
 De tua veste nos cega o deslumbrante alvor,  
 Quando acordas, e á roda os mil echos despertas  
 Com multimodos sons, com mil vozes incertas  
 De estrondosos festins, de continuo labor;

Ou tambem, quando ao longe o orbe rei declina,  
 E, rubro, do horizonte ainda te illumina,  
 Pallida de saudade, a lhe dizer adeus;  
 Depois, como do Tejo as descoradas aguas,  
 Orphan de sua luz, ouvindo ao Tejo as magoas;  
 Depois velando a dor na escuridão dos céus.

Mas quando mais te prézo, ó cidade formosa;  
 É quando, ao somno entregue, estás silenciosa  
 Do firmamento azul sob o vasto docel,  
 Ou de astros aos milhões se adorne este e recame,  
 Ou, como agora, a lua o seu brilho derrame,  
 Fazendo desmaiar dos astros o tropel.

Oh! quanto, quanto é bello, ao clarão prateado  
 Do amoroso planeta, alta noite, acordado,  
 De um dos oiteiros teus contigo, só, falar!  
 Submersa na mudez, submersa no mysterio,  
 Do presente e passado és vasto cemiterio,  
 Que de illusões povôa o quente imaginar.

Como então sobre ti minh'alma se difunde!  
 Como com teu viver meu viver se confunde!  
 Como junto ao que existe o já morto, o que foi!  
 Erguem-se as gerações, se as gerações evoco;  
 Se do rei, se do heroe nos sarcóphagos toco,  
 Prompto o rei me apparece e me apparece o heroe.

Então cobre-te o véu da incerta poesia,  
 Que nas trevas do tempo o estro me alumia,  
 Que me faz revoar dos seculos além;  
 Então não vejo d'hoje apenas a cidade;  
 Vejo o triumpho, a Patria, a equorea immensidade,  
 O nome portuguez que o globo mal contém.

---

## DOIS ANNOS

Como botão de rosa vaes abrindo,  
 Sem espinhos, das graças bafejada,  
 E os anjos, teus irmãos, te andam sorrindo  
 Nos sorrisos da tua madrugada.

Rosto mais feiticeiro, nem mais lindo  
 Não ha; teus olhos te'm poder de fada;  
 Alegam té fechados ou dormindo;  
 Tua bocca fala, sem que digas nada.

A tua mesma voz, que mal se entende,  
 Teu pensar infantil, teu duvidoso  
 Passo inda mais o coração me prende.

Brincando entras o mundo proceloso;  
 O céu, tua innocencia te defende;  
 E com tua innocencia eu vivo, eu goso.

1892

---

## A VIDA AO PÉ DA MORTE

Para que essa tristeza no teu rosto?  
 Muita vez ella affavel me dizia,  
 Quando um e outro á hora do sol posto  
 Olhávamos o mar,

Ou quando á noite, juntos conversando,  
 Subito se calavam os meus labios,  
 E, em terriveis idéias mergulhando,  
 Me esquecia a scismar.

Que pensas? Que te afflige? São cuidados  
 Talvez de mim; o teu amor augmenta  
 O que tão pouco vale; exaggerados  
 São os receios teus.

Ou é esse pensar sempre inquieto  
 Que te faz mal, a tua poesia?  
 E os olhos seus, com carinhoso affecto,  
 Punha nos olhos meus.

É tudo: ver-te assim causa-me pena,  
 Inda que pouco soffras, como dizes;  
 Porêm a tua dor a mais pequena  
 Me traz immensa dor.

Queria que passasses pelo mundo  
 Em caminho de rosas e bonança,  
 Dentro do coração um céu jocundo;  
 Tenho-te muito amor.

E depois... é tambem esta tristeza,  
 Que dês que me conheço me acompanha,  
 Como parte da minha natureza,  
 Este genio fatal,  
 Que tudo impressiona e tudo sente,  
 Que tanto quer subir, que a terra prostra,  
 E acha a perfeição em ti sómente,  
 O alma angelical.

Pois não sejas assim. Nossa ventura  
 Não perturbem os outros; bõa quasi  
 Eu já estou; dissipa essa tristura;  
 Faze-o por quem t'o diz;  
 Nada mais quero; não nos falta nada;  
 Deu-nos um filho o céu, que idolatrâmos;  
 Adoro-te, e por ti sou adorada;  
 Nunca fui tão feliz.

E, ouvindo-a, mudo os olhos eu cravava  
 Nos seus olhos de febre faiscantes,  
 Nas suas faces em fogo, e lhe apertava  
 Tremulo a quente mão;  
 E, por não a assustar, lhe respondia,  
 Sorrindo, com palavras mentirosas,  
 Emquanto as feras lagrimas prendia  
 No afflicto coração.

Que phrases! Que sorriso! Que tormento!  
 Que confiança, que amor ao pé do tumulto!  
 Quando era a tua vida um só momento!  
 Quando a morte feroz



A tantas esperanças, á existencia,  
 A mim, ao nosso filho te arrancava,  
 Pobre de ti, meu anjo de innocencia!  
 E nos deixavas sós!

## CONFIRMIDADE

Não me lamentem a tristeza;  
 Padeço e folgo, quando scismo;  
 Da minha mente a profundeza  
 É qual do mar o grande abysmo.

À superficie é mudo, é triste  
 O mar na instavel egualdade,  
 O mesmo sempre dê's qu'existe,  
 Um ermo d'agua, a immensidade.

Mas no int'rior ha outro mundo,  
 Inda mal visto, mal sonhado,  
 Qu'inda aos humanos não foi dado  
 Examinal-o até ao fundo.

Que maravilhas, que segredos,  
 Quantos vulcões, fontes, montanhas,  
 Que floeos valles, que arvoredos,  
 Que entes sem fim tem nas entranhas!

Assim meu rosto; assim minh'alma:  
 Um frio e quêdo; a outra ardente  
 Gosa, soffrendo, sem ter calma,  
 Um mundo d'este diferente.

Quando mais só, melhor eu penso,  
 E uma alegria extranha sinto;  
 Co'a phantasia tudo pinto;  
 É meu de todo o espaço immenso.

Que o que nasceu para poeta,  
 O que se abrasa ao fogo santo,  
 Mysteroso como o asceta,  
 A vida bebe no seu pranto,

Pranto bemdicto, d'esplendores,  
 Que de mil raios se colora,  
 Mais perfumado do que as flores,  
 Mais feiticeiro do que a aurora.

Tenho-me tanto costumado  
A viver sempre em meu retiro,  
Que pelo mundo não suspiro,  
E só estou, se acompanhado.

Então dos homens no tumulto  
Meu pensamento esteril vaga,  
E sigo, á tãa, e como occulto  
Dentro de mim, a turba aziaga.

Então nada oiço e nada vejo;  
Espessa treva me rodeia;  
O ar me falta; e em vão forcejo  
Por me soltar da vil cadeia.

Mas, se dos homens me separo,  
O ferro quebro das algemas;  
As regiões vôo supremas,  
A luz m'innunda, o céu encaro;

E escuto ao longe uma harmonia,  
Qu'em nossa língua não se escreve;  
E ve'm fazer-me companhia  
As illusões de azas de neve.

Essas entendo; essas m'entendem;  
Quero viver, morrer com ellas;  
Do mundo acerbo me defendem;  
As minhas dores tornam bellas.

Deixem-me pois a sós commigo;  
Não me lamentem a tristeza;  
Formou-me assim a natureza.  
Ó Providencia, eu te bemdigo.

---

## SAUDAÇÃO

AO MEU AMIGO, O SR. PROSPERO PERAGALLO

Foste? Partiste pois? Acreditavamos,  
Amigo, que jámais nos deixarias;  
Ha tanto aqui, nós todos te estimavamos,  
E tu por todos nós amor sentias.

Na Italia, a que voltaste pesaroso,  
Posto que seja patria e sempre cara,  
No seio da familia precioso,  
Ainda mal, de possuir-te avara,

Tu choras pela terra portugueza,  
Que te foi nova patria estremeçada,  
À tua quasi egual por natureza,  
Onde feliz passaste o mais da vida.

Entretanto outros dias de ventura  
Do teu solo natal terás no gremio,  
Na paz do lar, a consciencia pura,  
Da virtude e saber colhendo o premio.

Fôste! Partiste! E na hora derradeira  
Não pude, não ousei adeus dizer-te.  
Soffro da minha dor de tal maneira,  
Que d'esta dor fugi, que não quiz ver-te.

Mas agora que longe te diviso,  
E sinto mais sem ti a soledade,  
Nos versos meus desfogar preciso,  
E mando-te este canto de saudade.

Recebe-o; nasce de animo sincero;  
Dentro do coração presta-lhe abrigo;  
E, assim como eu de ti me lembro, espero  
Que não te esqueças do distante amigo.

1898

## COM A PRIMAVERA

Cada vez que desponta em nosso clima  
De risos adornada a primavera,  
Não sei o que meu peito sente e espera,  
Não sei que ardor insolito me anima;

Sei que á vida me prende mais estima;  
Que o meu ser se avigora e retempera;  
E que, assim como ao tronco enfeita a hera,  
Me enfeitam o pensar o estro e a rima.

Então, quaes d'entre a sombra da ramagem  
Os passaros, ha pouco silenciosos,  
Vôam, unindo a voz ao som da aragem,

Assim os versos meus, té alli' medrosos,  
Sahem-me d'alma á tepida bafagem,  
Cantam co'a a primavera harmoniosos.

1891 — Maio, 4

## DEPOIS DE UMA LEITURA

Á MEMORIA DE ALVARES DE AZEVEDO

Li os teus versos, ó meu pobre amigo,  
 Ó misero cantor, tão cedo morto,  
 E ver-te imaginei, e, como outr'ora,  
 Soar a tua voz nos meus ouvidos.  
 Quantos não repetimos juntamente,  
 Quando do dia e noite a melhor parte  
 Levavamos em praticas suaves!  
 Ambos creanças quasi, cheios ambos  
 De projectos, de amor, de enthusiasmo,  
 Havia já em nós um véu de sombras,  
 Que o purpureo horizonte da existencia  
 Nos empannava; uma tristeza extranha,  
 Indefinida; em ti da morte proxima  
 Claro indício, inda mal; travo amargoso  
 Em mim da solidão e do abandono  
 De quasi toda a minha vida, annuncio  
 Da desgraça futura, tudo envolto  
 Com a saudade da adorada Patria.

Um e outro fugiamos das festas;  
 Eramos ambos tristes. Florea sarça  
 Já se nos antolhava n'esse tempo  
 O mundo, onde rasgavamos as azas  
 Em nossos vôos de infantil audacia;  
 Porêem d'entre os teus labios muitas vezes  
 A descrença fatal, o desespero,  
 Ou a gargalhada estrídula da satyra,  
 Que faz rir e lacera, prorompiam,  
 Verberando implacaveis quanto existe  
 De injusto e de ridiculo nos homens.  
 Eu não; nem um sorriso passageiro  
 Me animava o semblante; a minha musa  
 Era casta, sem fel, e os olhos timidos  
 Só estendia para o céu da Patria,  
 Ou para o céu ideal dos meus amores.  
 Por isso, emquanto soffrego os delirios  
 Acompanhavas do allemão poeta  
 No tenebroso Fausto, ou a mofa e escarneo  
 De Byron, ou do auctor da Notre Dame  
 As estrophes de fogo, eu padecia  
 Com a dor de Gonzaga, eu suspirava,  
 Longe do solo que me dera o berço,  
 Co'o divino cantor da lusa gloria,  
 Ou gemia de amor com Lamartine.

Como ao sentir o bemfazejo sôpro  
 Da primavera, a terra, obedecendo  
 Á força natural, brota espontanea,  
 E se enfolha e floresce, taes brotavam

Da juventude ao sol as nossas almas.  
 Tínhamos precisão de amar, que a seiva  
 Irrompia de nós; de n'algum ente  
 Idolatrado reflectir a chamma,  
 Que, indomito vulcão, nos abrasava;  
 D'encarnar esse typo quasi angelico  
 Das nossas creações; e á meiga virgem,  
 Que pela vez primeira nos sorria,  
 Ou nos jurava mentiroso affecto,  
 Nós, incautos e credulos, prestavamos  
 Nosso ardor, nossa fé, nossa pureza.  
 Quantas d'estas paixões, quantas choramos  
 No inexperto alaúde, até que vinham  
 Estancar-nos as lagrimas tão faceis,  
 Tão abundantes, outros bellos olhos,  
 E novamente nos fagueiros braços  
 De cegas illusões adormeciamos.

O que serias tu, se infausta morte  
 Não te roubasse á patria e a nós tão breve,  
 Na idade em que se empenna o genio ávido  
 D'outros céus, d'outra luz! Ha nos teus versos,  
 Preludio apenas de futuro canto,  
 Um secreto condão que nos fascina,  
 Uma desaffectedada ingenuidade,  
 Uma belleza, uns fúlgidos lampejos  
 De talento e vigor, que transparecem  
 Aqui, alli, com duplicado enlévo,  
 Por entre o véu irregular e incerto  
 Do pensamento e forma. D'este modo,  
 Brilhando á luz do sol, meio escondida  
 Por alvacenta nevoa, se nos mostra  
 Mais bella e caprichosa a natureza.

Ó mancebo infeliz, que perpassaste  
 Na terra um só momento, acalentado  
 Por magicas visões de altiva gloria,  
 De incendiada paixão, que febre insana  
 De gosar, de saber te devorava,  
 Como se presentisses que era rapido  
 O teu peregrinar por este mundo,  
 E quizeses viver em poucos annos  
 Uma longa existencia! Revelou-te  
 O horóscopo cruel do teu destino  
 Algum anjo talvez, quando a deshoras,  
 Todo embebido em cogitar ignoto,  
 Voavas pela abobada estrellada?  
 Ou essa pallidez que te cobria  
 De um manto melancholico, reflexo  
 Do sol da vida, ao pratear-te a loisa,  
 Ou essa pallidez qu'inda mais funda  
 Tornavam as vigílias da sciencia  
 E as insomnias de amor?

Bem me dizias,  
 Pobre mancebo (e, incredulo, eu negava  
 Fé a tuas propheticas palavras):  
 Antes que á Patria volvas, eu á terra  
 Da patria descerei; beba-se inteira,  
 Beba-se inteira pois do gôso a taça,  
 Embora saiba que hei de achar-lhe dentro  
 Mixturado com elle o fel da morte!  
 Que vale um dia mais a quem tão poucos,  
 E tão mesquinhos da existencia restam?

E um dia só viveste. Era a tu'alma  
 Grande para o teu corpo, tão franzino,  
 Tão debil como os leques das palmeiras  
 Do teu paiz natal; evaporaste-a  
 Em cantos, em suspiros, em desejos,  
 Em osculos de amor; mas assim mesmo  
 Quebrou o encerro que a prendia ao mundo,  
 E ao ar da immensidade, a que aspiravas,  
 Fei reúnir-se no infinito espaço.

Hoje de ti que resta, ó meu amigo,  
 Ó joven trovador? Os sons quebrados  
 De um alaúde que afinava as cordas,  
 Para se desprender talvez em onda  
 De candente harmonia; um nome caro  
 A quantos prezam de Camões a lingua;  
 E no campo dos mortos uma lapide,  
 Onde a patria, curvada e pranteando,  
 Põe a c'rôa de myrtho que tecia  
 Para te ornar a fronte esperançosa,  
 Que morte insana lhe roubou tão cêdo!

---

### A S. S. LEÃO XIII

Agora que mais ruge a tempestade,  
 E que em seus fundamentos convulsiva,  
 Da sombra, do erro, do temor captiva,  
 Dissereis baquear a sociedade;

Agora que o pharol da liberdade  
 Ameaça tornar-se chamma viva,  
 E que, raivosa, a multidão altiva  
 A força tenta impor sua vontade;

Só a barca de Pedro soberana  
 Sulca as ondas impavida e quieta,  
 Astro de santa paz na guerra humana:

Leva á pôpa um Leão, da egreja athleta;  
 Vae na esteira da Fé que o mar lhe aplana;  
 Dirige-a do Senhor a voz secreta,

1894—Janeiro 20

## ALLA SANTITÀ DI LEONE XIII

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Or che inferisce più la tempestate,  
 E che in sue basi scossa, convulsiva,  
 Pàvida, errante, d'ogni luce priva,  
 Par che volga al suo fin la societate;

Or che il fulgòre della libertate  
 Minaccia transformarsi in fiamma viva;  
 Or che la plebe, che vil rabbia avviva,  
 Vuol col terrore impòr sua volontate;

Sol la nobil di Pier barca cristiana  
 Solca intrepida l'onde, e ognor quieta,  
 Astro di pace nêlla guerra umana.

Ne è piloto un Lèon, di Cristo atleta;  
 La Fede, ch'è il suo norte, il mar le appiana,  
 La guida Iddio con sua voce segreta.

## PREITO <sup>(1)</sup>

N'outra edade ao Tibre o Tejo  
 Enviou d'Asia os thesoiros,  
 Quando mil c'rôas de loiros  
 A seus pés via depor,  
 Quando a lusa monarchia  
 Pelo mundo se estendia,  
 Quando o mar lhe obedecia  
 E entoava o seu louvor.

Para tantos heroísmos  
 Quem nos deu forças tamanhas?  
 A Fé que abate montanhas,  
 Da Patria o bem, o esplendor;

1894—Janeiro 20

É que esta terra fadada  
 Para uma nova cruzada  
 Com a prégação e a espada  
 Fôra pelo Creador.

Ah! que não tenhamos hoje  
 A antiga riqueza e glorias,  
 Para o fructo das victorias  
 Te mandar, Summo Pastor!  
 Mas se a Asia nos roubaram!  
 Mas se os lobos devoraram  
 As ovelhas, que balaram  
 Debalde por ti, Senhor!

(1) Veja-se a nota.

## A UM JARDIM

Quantas recordações, que de tristeza  
Tu não m'inspiras, ó jardim viçoso,  
Berço do meu amor, berço formoso,  
Ornado pela mão da natureza!

Aqui minh'alma á sua ficou presa;  
Aqui segui-a alegre, sem repouso;  
Aqui andei com ella, ai! breve goso,  
Não pensando do fado na incerteza!

Aqui dos annos seus na primavera  
Veio, já proximo a deixar o mundo,  
Despedir-se de ti, calmo retiro;

Aqui a pranteei; quem m'o dissera!  
Aqui vago, sem ella, gemebundo;  
Aqui a vejo, e de a não ver suspiro.

## CANTO SECULAR

(DE HORACIO)

(Versão liberrima)

CÔRO DOS MENINOS E MENINAS

Apollo, Diana, das selvas raínha,  
Brilhante ornamento dos céus estrellados,  
Ó numes, que sempre sereis adorados,  
Dos sacros festejos a hora chegou.  
Ouvi nossas preces; das virgens, dos moços  
Sem macula, as vozes ouvi argentinas,  
Que aos deuses que amam das sete collinas  
A terra a sybilla cantar ordenou.

CÔRO DOS MENINOS

Sol, que no carro fulgido,	Do dia o resplendor,
O mesmo sempre e novo,	Que nunca outra cidade
Já mostras, já escondes	Tu vejas no teu curso
A um, a outro povo	A Roma sup'rior.

CÔRO DAS MENINAS

Ó bondadosa Ilithya,	A prole, ó deusa, augmenta-lhes
Ó genital deidade,	- Dos padres o decreto,
Ó candida Lucina	Que as nupcias favorece,
(Que tantos nomes tens)	Ajuda a prosperar,
Ó tu, que nos presides	E a lei que inda outros filhos
Da vida ao nascimento,	Promette á patria dar;
Protege, guarda as mães.	



Para que, após um seculo,  
Torne como hoje a epocha  
Das festas, do prazer,

Que por três dias claros  
É três gostosas noites  
Costuma decorrer.

## CÔRO DO POVO

Ó parcas, da bocca vos pende a verdade;  
Os vossos decretos o fado respeita;  
Aos bens já fruidos  
De bens mais formosos juntae a colheita.

Que a terra abundante de messes, de gados,  
A Ceres offerte corôas de espigas;  
Que nutram o germe no seio fecundo  
As lymphas salubres, as auras amigas.

## CÔRO DOS MENINOS

Depõe tuas frechas, Apollo, e bondoso  
Dos jovens romanos os rogos attende.

## CÔRO DAS MENINAS

Ás virgens romanus teus olhos extende,  
Ó lua, ó rainha do céu luminoso.

## CÔRO DE AMBOS

Se Roma é vossa obra, se aportaram  
Os troianos por vós á terra etruria,  
Hion abandonando incendiada  
E o lar entregue do inimigo á furia,

Se Enéas, sobrevivo a tanto estrago,  
Livre do ferro e fogo, para o exilio  
Pelo mar os levou tempestuoso  
A outra plaga melhor, por vosso auxilio,

Nossa prece acolhei: dae o descanso  
De Roma aos anciãos; á mocidade  
São costumes; á patria largo imperio,  
Longa prole e a maior felicidade;

E ao de Anchises e Venus sangue illustre,  
Ao que hoje vos immola puros toiros,  
Concedei que governe pio e forte,  
E cinja sempre da victoria os loiros.

Já no mar, já na terra o médo treme  
Das segures de Roma e do seu braço;  
Já o scytha soberbo lhe obedece,  
E o índio até, da aurora no regaço;

Já a fé, a paz, a honra, o pejo antigo  
 Ousam voltar á terrenal estancia,  
 E a virtude dos homens desprezada,  
 E a lêda cornucopia da abundancia.

## CÔRO DOS MENINOS

Ó augur sagrado, Ó Phebo, ó deidade Do arco fulgente, Ó deus que presides Das nove camenas Ao côro cadente, E aos corpos que soffrem Mitigas a dor,	Mais annos, melhores Ainda do que estes, Nos dá, se piedosos Teus olhos celestes O gran Palatino, De Romulo o imperio E o Lacio ditosos Acaso contemplan, Ó deus protector.
--	---

## CÔRO DAS MENINAS

Ó deusa adorada No Álgido monte, No monte Aventino, Os rogos escuta Dos que hoje perfazem	Teu culto divino, E ao côro dos moços Ouvidos attentos Te digna volver.
---	--

## CÔRO DE AMBOS

E nós, que entoâmos Os altos louvores De Phebo e Diana, Ao lar nos tornâmos, Co'a firme esperança	Que Jove e os mais deuses Também protectores Da gente romana, Do imperio hão de ser.
---	---

## CARMEN SÆCULARE

Phœbe, silvarumque potens Diana,  
 Lucidum cœli decus, o colendi  
 Semper, et culti, date quæ precamur  
 Tempore sacro;

Quo sibyllini monuere versus,  
 Virgines lectas, puerosque castos,  
 Dis, quibus septem placuere colles,  
 Dicere carmen.

Alme sol, curru nitido diem qui  
 Promis et celas, aliusque et idem  
 Nasceris; possis nihil urbe Roma  
 Visere majus.

Rite maturos aperire partus  
Lenis Ilithya, tuere matres;  
Sive tu Lucina probas vocari,  
Seu genitalis.

Diva, producas sobolem, patrumque  
Prosperes decreta super jugandis  
Feminis, prolisque novæ feraci  
Lege marita.

Certus undenos decies per annos  
Orbis ut cantus referatque ludos,  
Ter die claro, totiesque grata  
Nocte frequentes.

Vosque veraces cecinisse parcæ,  
Quod semel dictum est, stabilisque rerum  
Terminus servet, bona jam peractis  
Jungite fata.

Fertilis frugum, pecorisque tellus  
Spicea donet Cererem corona:  
Nutriant foetus et aquæ salubres,  
Et Joyis auræ.

Condito mitis, placidusque telo  
Supplices audi pueros Apollo:  
Siderum regina bicornis audi  
Luna puellas.

Roma si vestrum est opus, Iliæque  
Litus etruscum tenere turmæ,  
Jussa pars mutare lares, et urbem  
Sospite cursu:

Cui per ardentem sine fraude Trojam  
Custus Æneas patriæ superstes  
Liberum munivit iter, daturus  
Plura relictis.

Di probos mores docili juventæ,  
Di senectuti placidæ quietem,  
Romulæ genti date remque prolemque  
Et decus omne.

Quique vos bobus veneratur albis  
Clarus Anchisæ Venerisque sanguis,  
Imperet bellante prior, jacentem  
Lenis in hostem.

Jam mari terraque manus potentes  
Medus, albanasque timet secures:  
Jam scythæ responsa petunt, superbi  
Nuper et indi.

Jam fides, et pax, et honor, pudorque  
 Priscus, et neglecta redire virtus  
 Audet; adparetque beata pleno  
     Copia cornu.

Augur, et fulgente decorus arcu  
 Phœbus, acceptusque novem camœnis,  
 Qui salutari levat arte fessos  
     Corporis artus;

Si Palatinas videt æquus arces,  
 Remque romanam, Latiumque felix,  
 Alterum in lustrum, meliusque semper  
     Proroget ævum.

Quæque Aventinum tenet, Algidumque,  
 Quindecim Diana preces virorum  
 Curet, et votis puerorum amicas  
     Adplicet aures.

Hæc Jovem sentire, deosque cunctos  
 Spem bonam certamque domum reporto,  
 Doctus et Phœbi, chorus et Dianæ,  
     Dicere laudes.

---

## APPARENCIA

Porque vivo commigo, solitario,  
 Porque divago, só, por entre a gente,  
 Um mundo contemplando imaginario,  
 Não me julguem o mundo indifferente.

Dentro de mim, como em fiel sacrario,  
 Guardo quanto minh'alma estima e sente;  
 Deploro dos humanos o fadario;  
 A cada ai estremeço longamente.

Tal o poeta; ouve uma voz que o chama,  
 E, olhos fitos no céu, parece inerte;  
 Mas nem por isso menos soffre ou ama;

E, quando o choro reprimido verte,  
 As lagrimas de fogo que derrama  
 Nos seus cantos em perolas converte.

---

## O SEU OLHAR

(DE RUBIÓ Y ORS)

Porque baixas teus olhos, ó formosa,  
     Só feitos para amar,  
 Se, quando em mim os pões, minh'alma anciosa  
     Para ti quer voar?

Se, como a ave, que se alegra e agita,  
Do sol ao resplendor,  
A minh'alma de jubilo palpita  
Da tua vista ao calor?

Quando, qual faz a amada ao caro amante,  
Meu terno coração  
Te espreita de meus olhos, o semblante  
Porque inclinas ao chão?

Se, mais que a mariposa sobre as flores,  
Quando poisam nos teus,  
Elles gosam, aspiram os odores  
Que ve'm dos raios seus,

Porque me negas este gosto, ó bella?  
Porque é tua vista assim  
Para os outros mais docé do que estrella,  
E esquiva para mim?

Á abelha nega o mel a fresca rosa?  
Nega ao filhinho a mãe  
A luz que brilha clara, buliçosa,  
Em que elle prazer tem?

Quero o meu coração, qual borboleta,  
Nos olhos teus queimar,  
E ao teu por elles a paixão inquieta,  
Que me abrasa, mandar.

Quero d'esses teus olhos na ternura  
Ler todo o teu amor,  
Sentir o que sentir tu'alma pura,  
Pois sou d'ella senhor.

Quero... porê m não rasgues, constrangida,  
O véu do pejo, não,  
Que, rasgado, não acha outro na vida  
Égual teu coração;

Que, se, para encarar-me, te é preciso  
A modestia esquecer,  
Com que prestas ao magico sorriso  
Ainda mais poder,

Que, se, para fazel-o, tens, ó cara,  
De despir esse olhar de anjo dos céus,  
Antes, d'elle, como és, sejas avara,  
Antes, de Raphael madona rara  
Sejas sómente para os olhos meus.

## SA MIRADA

Per qué abaixas tos ulls, hermosa mia,  
 Tos ulls fets per l'amor,  
 Si al posarlos en mi bat de alegria  
 Sas alas lo meu cor?

Si com s'esponja del aucell la ploma  
 Als raigs del sol ardent,  
 Aixi s' aixampla aquell, ó ma coloma,  
 Quant ta mirada sent?

Per qué abaixas tos ulls quant per las ninas  
 Dels meus mon cor aymant  
 Guayta ton cor, com guayta entre cortinas  
 L'aymada á son galant?

Si ab més goig en los teus mos ulls se posan  
 Que'l papalló en las flors;  
 Si més que aqueix en llurs perfums ells gosan  
 Dels teus en los ardors;

Per qué privarme de aqueix pler, ma bella?  
 Per qué eix esguart divi  
 Pels altres molt més dols que'l de una estrella  
 Tan esquiu, ai! per'mi?

Quína flor á la abella has vist que amague  
 Son botó de mel plé?  
 Quína mare has vist may que 'l llum apague  
 Quant d'éll gosa son bé?

Oh! jo vull qu'en tos ulls mon cor s'ensengue,  
 Com papalló en la llum;  
 Jo vull que per tos ulls en ton cor prengue  
 Lo foch que'l meu consum.

Jo vull en ta tendrissima mirada  
 Tot ton amor llegir:  
 Jo vull, puig tinch ton cor, ó ma estimada,  
 Tot lo qu'ell sent sentir.

Jo vull... mes no: no'm mires, si devias  
 Del pudor esqueixar  
 Lo cast vel, puig llavors, ai! no tindrias  
 Ton cor ab que abrigar.

Si per' mirarme á mí de tas pestanyas  
 Borrar era precís  
 Eixos raigs de modestia ab los quals banyas  
 Ton amorós sonrí:

Si llavors no tinguesses, com tens ara,  
Eix dulsissim esguart de àngel del cel,  
Segueix de tas miradas sentme avara...  
Jo vull que'm semble quant te mir'la cara  
Que m'estima una verge de Rafel.

## A VIRGEM MARIA

É suavissima a figura  
De Jesus, o Redemptor;  
Dizem seus labios, se falam,  
Falas de paz e de amor;

Más ha não sei quê de grave  
N'aquelles traços divinos,  
Mesmo quando acolhe e afaga,  
A sorrir, os pequeninos,

Ou defende a peccadora  
Do furor da turba insana,  
Ou aos miseros e humildes,  
Elle, forte e Deus, se irmana,

Um não sei quê de severo,  
Que nos mostra, a cada instante,  
O filho do céu, o mestre,  
Na palavra e no semblante.

Soffre, e cala quanto soffre;  
Morre, e perdoando expira;  
Nem chora, nem quer que o chorem.  
É que a carne que vestira

De homem deu-lhe a apparencia,  
Porêem não a realidade,  
E ficou sendo na essencia,  
Como fôra, divindade.

Ella não, a Virgem Santa;  
Essa é outra, essa é mulher,  
E, antes de ser do empyreo,  
Conhece o que é padecer.

Geme, pranteia, soluça,  
Vendo pregado na cruz,  
Já pallido, agonisante,  
O seu filho, o seu Jesus;

Depois o sagrado corpo  
Sanguento, livido, frio,

Beija, e sobre elle derrama  
Tristes lagrimas em fio;

E a todos que encontra, anciosa,  
Pergunta: ó vós que passaes,  
Dizei-me se dôr como esta  
Houve no mundo jámais!

É que, ao matarem-lhe o Filho,  
Arrancaram-lhe tambem  
Como que as proprias entranhas;  
É que sobretudo é mãe.

Mãe! Esta voz tão sómente,  
A mais bella, a mais sublime,  
Espelho de affectos varios,  
Que o mais puro affecto exprime,

Só esta voz nos explica  
O vivo culto, o fervor  
De quantos com fé se acolhem  
Ao seu manto protector.

Gemeu, ouvirá quem geme;  
Chorou, verá os que choram;  
E buscam-na confiados,  
E como filhos a imploram.

Mãe os poetas a cantam;  
Mãe debuxam-na os pintores,  
Ou co'o Menino nos braços,  
Ou no Calvario, entre horrores,

Aos pés da cruz, de joelhos;  
É mãe, e mãe de piedade;  
Com mil nomes, em mil templos  
Mãe lhe chama a christandade;

Que por mãe é mais humana,  
É entre os homens e Deus  
Formosa ponte de graças  
Do abysmo da terra aos céus.

## ALLA VERGINE MARIA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Dolce e cara è la figura  
Di Gesù nostro Signor;  
S'egli schiude le sue labbra,  
Parla sol di pace e amor;

Ma vi ha un non so che di grave  
In quei suoi tratti sì eletti,  
Anche allor che sorridente  
Acarezza i pargoletti,

O salva una peccatrice  
Dal furor di turba fella,  
O cogli umili e tapini  
Ei, che è Dio, pur s'affratella,

Sì, v'ha un non so che di austero  
Che in Lui mostra ad ogni istante  
Di Dio l'unto, il Dio maestro  
Ne' suoi detti e nel sembante.

Soffre, e occulta il suo patire;  
Muore in croce, eppur perdona;  
Nè piange egli, nè vuol pianti;  
Perchè, se la sua persona

Ha di un uomo la parvenza,  
Non ne ha tutta la realtà,  
Che restò nella sua essenza,  
Come pria, Divinità.

Non così la Vergin Santa;  
Essa è donna; essa è amorosa;  
E, pria d'essere indiata,  
Il dolor non le diè posa.

Le si strazia il cor vedendo  
Nella ria croce confitto,  
E già esangue e agonizzante,  
Il suo Figlio derelitto;

Poscia quel sacro corpo  
Freddo e livido cotanto

Ella accoglie, e bacia, e bacia,  
E l'asterge col suo pianto;

E al viator che incontra, ansiosa,  
Va chiedendo: o tu che vai,  
Dimmi: um duolo al mio simile  
Nella terra ci fu mai?

È perchè quei manigoldi  
Che il suo Figlio le hanno ucciso  
Le strapparo il cor dal-seno;  
È che madre io la ravviso.

Ella è madre; e questa voce  
La più bella e più sublime,  
Somma di diversi affetti,  
Che il più puro amor esprime,

Sol tal voce a spiegar basta  
Il pio culto ed il fervor  
Dei fedeli, a cui fa usbergo  
Il suo manto protettor.

Gemette ella? Udrà chi geme.  
Pianse? Udrà chi stà piangendo.  
Perciò lei cercan fidenti  
E mercè le van chiedendo.

Madre i vati l'han cantata;  
Madre l'han pinta i pittori,  
O col Figlio nelle braccia,  
O sul Golgota fra orrori,

Curva ai piedi della croce;  
Madre ella è de gran pietà;  
E la invoca in mille templi  
Madre la cristianità.

Nome tal più l'avvicina  
De' suoi mesti figli al cor;  
E qual ponte d'ogni grazia  
È fra l'uomo e il Creator.

## AMOR E MOCIDADE

A . . .

O que fizeste dos cabelos de oiro  
Que tantas formosuras te invejavam?  
Que fizeste do teu, do meu thesoiro?



Aonde aquellas tranças que ondeavam,  
Que até quasi aos joelhos te desciam,  
Que tão bem com teus olhos se ajustavam,

Teus olhos côr do céu, que um céu diziam,  
Teus olhos todos cheios de bondade,  
E que tão meigo affecto promettiam?

Recordas-te? Uma vez em liberdade  
Sobre as costas e peito as derramaste,  
Só para me cumprires a vontade,

E coberta de seda e luz ficaste;  
E até que as apartasse com meus dedos,  
Cedendo aos rogos, afinal deixaste.

Quanto m' embaracei nos seus enredos  
Lembro-me bem, mas relatar não ousou.  
D'esse lance guardemos os segredos.

Como o tempo corria então ditoso!  
Era o da alegre, incauta juventude,  
Que, inda mesmo infeliz, sempre é formoso.

Então tudo nos chama e nos illude;  
E de illusões compõe-se o mais da vida;  
E, sem ellas, a vida é ermo rude.

Desfez-se breve essa illusão querida,  
Qual, ao bafejo de inconstante vento,  
Nuvem bella da aurora colorida.

Defez-se no meu limpo firmamento.  
No coração não fôra procreada;  
Tinha raizes só no pensamento.

Desfez-se como o alvor da madrugada,  
Quando o sol mostra a face radiante.  
Por celeste visão foi offuscada.

Vi-a, e não te vi mais. Em um instante  
Do passado perdi toda a memoria;  
Aperteia-a em meus braços delirante.

Amámo'-nos; ventura transitoria,  
Fugaz como relampago que passa,  
E logo a morte d'ella; eis nossa historia.

Mas quem melhor bebeu do amor a taça?  
Mas quem teve na terra amor mais puro  
Do que nós? Como o bem foi a desgraça.

Voluvel, infiel, e não perjuro,  
O preterito agora considero,  
Ao encontrar cerrado o meu futuro,

Agora que já, triste, nada espero;  
E o meu sonho, esvaído na lembrança,  
Reconstruir algumas vezes quero.

Ah! não me prende já tua loira trança!  
Morto é, sem ella, o olhar de côr celeste!  
Para mim acabou toda a esperança!

Murchou do outomno á ventania agreste.  
E tu amas ainda! É teu fadario!  
Se nunca, nunca o teu amor perdeste!

Como o destino teu do meu é vario;  
Tu crês do sonho teu na realidade;  
Eu vivo só n'um mundo imaginario.  
O meu amor fugiu co'a mocidade.

---

## RECEIO E CRENÇA

Em vão me cerca, em vão, o temor, a apathia  
D'aquelles que, da Patria ao sentir os revezes,  
Olvidam o que foi, o que são portuguezes,  
E julgam-na tocar as vascas da agonia.

Eu não; eu confiado espero o novo dia.  
Se gemo, porque bebe o calix té ás fezes,  
Creio que surgirá, qual surgiu tantas vezes.  
Longe, longe de nós tamanha covardia!

Porêm da mesma causa uma e outra é effeito,  
A sua pouca fé, e a minha grande e forte,  
Que é ao medo, á esperança o muito amor sujeito.

E, se o p'rigo chegar (jámais o traga a sorte!)  
Hão de todos por ella offerecer o peito,  
Hão de todos por ella ir affrontar a morte.

1898

---

## MYSTERIO

Pela primeira vez fui visitar-te  
No teu marmoreo, solitario leito.  
Como levava o coração desfeito  
Dizer não posso, não o sei dizer.  
Mas em logar da ancia e desespero,  
Que aguardava na tua sepultura,  
Vi uma luz celestial e pura,  
Nunca vista por mim, resplandecer;

E um sentimento vago, não provado,  
 Que não tem descripção, que não tem nome,  
 Que nos adoça a magoa e nos consome,  
 Que nos obriga os olhos a chorar,  
 Invadir a minh'alma, qual piedosa  
 Mãe que solícita o filhinho trata,  
 Que lhe sorri, emquanto a dor a mata,  
 Para os seus soffrimentos abrandar.

Se eu o pudesse crer..., mas nada creio  
 Desde que me deixaste abandonado,  
 Senão que fiquei só, desesperado,  
 Que não é vida este viver assim;  
 Se eu o pudesse crer, eu supporia  
 Que do céu teu espirito baixava,  
 E as minhas amarguras consolava,  
 Como d'antes, quando eras junto a mim.

Delirio! Tudo acaba, tudo morre!  
 O que ficou de ti meu peito o encerra,  
 E essa breve porção de fria terra,  
 Que de meus prantos infeliz reguei!  
 Mas ainda assim mesmo por teus restos  
 Eu sinto uma attracção irresistivel,  
 Um amor para o mundo inconcebivel,  
 Um reflexo do amor que te votei.

Delirio! Mas ainda em teu sepulcro .  
 (Que mysterios contêm o sentimento!)  
 Menos duro se torna meu tormento,  
 Menos só minha triste solidão:  
 Já morta, sob a campa sepultada,  
 Sem te ver, sem te ouvir, que phantasia!  
 Goso ainda da tua companhia;  
 Como? não sei; mas dil-o o coração.

Ah! se me apparecesses! Ah! se ao menos  
 Eu lograsse uma vez, um só instante  
 Avistar-te qual foste, radiante  
 De mocidade, de belleza e amor!  
 Se uma vez... Que desejos insensatos!  
 É impossivel; acabou-se tudo!  
 É impossivel; e ao pensal-o mudo  
 Eu caio anniquilado em minha dor!

Que lembranças me trazem  
 Estes logares! Do verão calmoso  
 Aqui nas tardes e manhans vagámos;  
 Aqui, bem perto d'onde agora jazem  
 No ultimo repouso  
 Os teus restos, ah! quantas, quantas vezes  
 O mar, o campo, o Tejo contemplámos,  
 Sem cuidarmos da sorte nos revezes,

Sem um breve momento  
 No cypreste funereo,  
 Ou nos muros do pobre cemiterio  
 Demorarmos sequer o pensamento!

Eramos venturosos;  
 Dentro d'alma sentiamos  
 Tanta vida e esperança,  
 Que pensar na desgraça não sabiamos,  
 Nem suppor como tempos tão formosos  
 Pudessem ter mudança.

Que existencia de amor e f'licidade!  
 Que extensos horizontes,  
 Claros, sem uma nuvem de procella,  
 Aqui, na soledade  
 D'estes campos e montes  
 Nós não sonhamos juntos! Que existencia  
 Tão limpida e tão bella!

A natureza em gala nos sorria,  
 A amiga natureza,  
 Que jámais presenceára  
 Tão estreme ventura,  
 Tamanha gentileza,  
 Uma paixão tão rara,  
 E aos nossos corações correspondia:  
 Qual se maga corrente  
 De myst'rioso affecto  
 A ella nos unisse estreitamente  
 Por um condão secreto.

Um dia (nos melhores  
 Eu dos nossos o conto), inda não tinha  
 Aparecido o sol; co'as dubias côres  
 Ao longe a aurora vinha  
 Afugentando as trevas derradeiras,  
 Quando do lar sahimos,  
 E ao alto da Cruz das Oliveiras  
 O passo dirigimos.  
 Á vida a creação resuscitava,  
 Esboçada, indistincta  
 D'entre a sombra e vapor, e a cada instante  
 O aspecto demudava  
 E a desmaiada tinta  
 Á luz do céu cambiante,  
 Até que as proprias formas retomava.

Nunca eu a vira assim tão seductora,  
 Nem tu, porque jámais, um do outro ao lado,  
 A viramos assim n'aquella hora.  
 É que nos é preciso

Amar e ser amado  
Como nós nos amámos,  
Para compre'ender o enlevo immenso  
D'aquelle paraíso,  
Para tanto gosar como gosámos.

Qual nós, jubilo intenso  
Respiravam o mar, a terra, o espaço;  
E aqui, alli parando,  
Um do outro pelo braço,  
Nós iamos, dissereis receiosos  
De tamanha belleza perturbarmos,  
Ou para a voz ardente  
Melhor de nossas almas escutarmos;  
E a miúde os nossos olhos encontrando,  
Os nossos olhos ternos e amorosos,  
Exclamavamos ambos mudamente:  
Como somos ditosos!

E agora tudo se acabou comtigo!  
N'estes sitios de tanta formosura  
Só vejo o teu jazigo,  
Só vejo de mim proprio a sepultura!  
Sim, jazemos aqui; por isso venho  
Aspirar d'estes sitios o perfume,  
N'elles buscar a paz que já não tenho.  
Ha um fatal encanto  
D'extranha natureza,  
Que aos teus restos me liga, e que entretanto  
Parece embrandecer minha tristeza.  
Pobre consolação! Mesquinho fado!  
Só encontrar a vida ao pé da morte;  
E sentil-a ao pensar no bem findado,  
Ao maldizer 'o mundo, o tempo e a sorte!

---

## AO MAR

Sempre tua vista, ó mar, meus olhos prende,  
Ou quando em rôlo espumeo a areia alagas,  
Ou quando arrojás furibundo as vagas,  
Ou quando algum baixel te agita e fende.

O espectáculo teu minh'alma accende;  
És forte, e cauterizas minhas chagas;  
Com teu ruído meu pensar afagas;  
Meu coração a tua voz entende.

E como não te amar eu marinheiro,  
 Eu que em teu dorso as calmas, as procellas,  
 De pequeno, affrontei, teu companheiro,

Eu, que a Patria ao deixar, soltando as velas,  
 Em ti meu canto solucei primeiro,  
 Só contigo, com Deus e co'as estrellas?

## A UNS VERSOS MEUS

Quem n'este recinto  
 De tantos primores  
 Vos pôz, ó meus versos,  
 Meus versos de amores?

Ninguem me responde; não oiço ninguem.  
 Murmura-m'ó, ó agua que perto desliza;  
 Revela-m'ó, ó sombra do basto arvoredo;  
 Prometto guardar-vos eterno segredo,  
 Se acaso segredo pedido vos té'm.

Debalde pergunto; mas eu adivinho  
 Que foi a mão bella de candida amante.  
 O corte das letras é fraco, hesitante,  
 E a trémula forma revela o temor.  
 Sim foi, foi de certo: parece que a vejo,  
 Co'a fronte inclinada, vagar pensativa,  
 A tarde, só, triste, das magoas captiva,  
 Chorando as saudades de férvido amor.

Parece que a vejo chegar ao loireiro,  
 Olhar tudo em roda, ficar meditando,  
 E tímida, a espaços gemendo e parando,  
 Á pressa meus versos no tronco entalhar.

Ó arvore, dize-me  
 É esta a verdade?  
 Pois viste,  
 Sentiste  
 A dura madeira  
 Co'o ferro cortar.  
 Foi uma deidade?  
 Ninguem melhor pode  
 A treva do escuro  
 Mysterio aclarar.

Então, que prodigio! senti um lamento  
 Sahir da folhagem quieta, sem vento,  
 E o tronco tremer;

As flores lançaram  
 Mais vivo perfume;  
 Soltaram as aves  
 Mais doce gorgoeio;  
 As aguas da fonte correram suaves;  
 Que um dia aqui veio  
 Algum anjo ou nume  
 Bem como se tudo quizesse dizer.

---

## SEM CONSOLO

Porque tentas, ó alma generosa,  
 Distra'ir minha dor? Os teus carinhos  
 Lembram-me os que perdi, tornam-se espinhos,  
 E recebo-os co'a face lacrimosa.

Para furtar-me á sensação penosa  
 Tu me apontas os flóridos caminhos;  
 Mas os meus pensamentos vão sósinhos  
 Seguindo a sua via luctuosa.

Do sitio onde vivemos eu e ella,  
 Socio da minha pena, me arrancaste,  
 Do sitio onde mais inda julgo vêl-a;

Em vão; o unico allivio me tiraste.  
 Do tremendo infortunio de perdêl-a;  
 E mais só do que d'antes me dêixaste!

1895

---

## CONVITE

Como crescida estás! Como estás linda!  
 Vem; corre aos braços meus, minha innocente;  
 Dá-me um beijo; que a idade t'ó consente,  
 E não còras ainda.

Quando appareces, venturoso dia!  
 Como um bando de doidas toutinegras,  
 Toda a casa me alegras.  
 Quem vivêra na tua companhia!

Largo todos os livros, se te vejo;  
 Que não vale o melhor um teu sorriso;  
 Já sciencia não quero, nem desejo;  
 De gosar só preciso.

E não ha para mim gôso mais bello  
 Do que olhar esse candido semblante,  
 Do que passar as mãos no teu cabello,  
 Do que ver-te, á andorinha semelhante,  
 Saltar aqui, allí, sempre chilrando  
 Com tua voz infantil que não se entende,  
     Por tudo perguntando.  
 Eis o que me delecta, o que me rende.

Gosto muito da flor e da creança.  
     Não é esta uma flor  
 Que desabrocha da innocencia á luz?  
 E a flor do seu botão mal descerrada,  
     Inquieta  
     Borboleta,  
 Ao mais pequeno zephyro agitada,  
 Não nos lembra esse ente pequenino,  
 Tão gracioso, tão debil, tão franzino,  
     Mixto de ave e de rosa,  
 Também leve, inconstante mariposa?

São os dois, elle e ella, uma esperança;  
 De transparente amor casta redoma,  
     Ambos vertem a flux  
 De si em torno delicado aroma,  
     Que nos prende e seduz;  
 E um e outro a cada nova aurora  
     Mostra uma nova graça  
     E mais nos enamora;  
 Mas...tambem um e outro breve passa.

Não dura mais que um dia a flor louçan.  
     Té n'isto se parece  
     Com sua tenra irman:  
 Aquella abre-se, murcha, amarellece;  
     Transforma-se esta, cre'ce;  
 Vae conhecendo o mundo; soffre; arde;  
     E já não é á tarde  
     O que era de manhan.

Mas para que pensarmos em futuros,  
     Se é tua vida o presente,  
 Se é tua vida brincar unicamente?

Deixa-me só a mim estes escuros  
     Pensamentos, ou, antes,  
 Deixa-me que eu engane da existencia,  
     Vendo a tua innocencia,  
     Os amargos instantes.

Vem; ri; fala; doideja; corre; salta;  
     Converte-me este azylo,  
 Ermo sempre, monotono, quieto,  
 Onde a tua presença ha tanto falta,



Em ninho povoado, harmonioso,  
 Que de mudar-lhe o estylo  
 Só tu, só tu possues o dom secreto,  
 O condão precioso.

Vem; e, em tu n'elle entrando,  
 Qual, ao raiar o dia,  
 Das aves agoireiras foge o bando,  
 A pressa fugirá minha tristeza  
 Dos teus brincos, da tua gentileza,  
 E contigo entrará minha alegria.

---

## PERSEVERANÇA

Não desanima, não; nasceu para a peleja.  
 Quanto mais se lhe oppõem, mais se levanta ardido.  
 Calca impavido aos pés a indiferença, a inveja,  
 E segue sem temor, affrontado, esquecido.

Virá inda a colher a palma que deseja?  
 Da sorte virá inda a não ser perseguido?  
 Ou, antes que da gloria o sol formoso veja,  
 Na arena cahirá, só da morte vencido?

No seu proprio valor confiando seguro,  
 Máu grado a vis paixões, o lidador ardente  
 Trabalha, sem cuidar nas nevoas do futuro,

Trabalha, sem olhar ás nevoas do presente;  
 N'ellas ha de fulgir o seu astro mais puro;  
 Vencerá, vivo ou morto, a lucta finalmente.

---

## DO CANTO 1.º DO INFERNO

(DE DANTE)

Em meio curso já da nossa vida  
 Achei-me n'uma tetrica floresta,  
 Desviado da senda conhecida.

Querel-a descrever coisa molesta!  
 Tanto era rude, aspera, intratavel!  
 Até mesmo a lembrança me é funesta.

Póde bem ser á morte comparavel.  
 Mas, por contar a dita alli gosada,  
 Contar o mais que vi é indispensavel.

Como puz pé na selva emmaranhada  
 Não sei; quando o caminho verdadeiro  
 Perdi, de somno a vista era tomada.

Mas, ao chegar á faldá de um oiteiro,  
 Onde se aquelle valle terminava,  
 Que o peito de terror me encheu primeiro,

Alcei o olhar do sitio em que me achava,  
 E o planeta, dos homens certo guia,  
 Vi que a encosta do monte illuminava.

Então o medo que eu soffrido havia,  
 Durante aquella noite angustiosa,  
 No interior senti que enfraquecia.

E, qual naufrago, após lida afanosa,  
 Que a praia a salvo alcança, e, atrás olhando,  
 Contempla tímido a planície undosa,

Assim minh'alma, horror inda provando,  
 O logar que ente vivo não passara  
 Ficou por longo espaço contemplando.

Depois que alguma coisa descansara,  
 Comecei a ascender pelo deserto  
 Solo; porém apenas começara,

Quando eis uma panthera de mim perto  
 Me apparece, veloz, de mosqueada  
 Luzente pelle o corpo recoberto,

Que se põe ante mim, tomando a estrada,  
 Sem se arredar, de modo que imagino  
 Muitas vezes tentar a retirada.

Raiava então o brilho matutino,  
 E o sol subia junto co'as estrellas  
 Que o acompanhavam, quando o Amor Divino

No universo creou obras tão bellas.

.....

---

## NEL MEZZO DEL CAMMIN

Nel mezzo del cammin di nostra vita  
 Mi ritrovai per una selva oscura,  
 Che la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura  
 Questa selva selvaggia ed aspra e forte,  
 Che nel pensier rinnuova la paura!

Tanto è amara che poco è più morte:  
Ma per trattar del ben ch'ivi trovai,  
Dirò dell'altre cose ch'io v'ho scorte.

I non sò ben ridir com'io v'entrai,  
Tant'era pien di sonno in su quel punto,  
Che la verace via abbandonai.

Ma po'ch'io fui al piè d'un colle giunto,  
Là ove terminava quella valle  
Che m'avea di paura il cor compunto,

Guardai in alto, e vidi le sue spalle  
Vestite già de'raggi del pianeta  
Che mena dritto altrui per ogni calle.

Allor fu la paura un poco queta  
Che nel lago del cor m'era durata  
La notte ch'ì passai con tanta pietà.

E come quei che con lena affannata  
Uscito fuor del pelago alla riva  
Si volge all'acqua perigliosa, e guata;

Così l'animo mio, ch'ancor fuggiva,  
Si volse'ndietro a rimirar lo passo  
Che non lasciò giammai persona viva.

Poi ch'ebbi riposato il corpo lasso,  
Ripresi via per la spiaggia diserta,  
Sì che'l piè fermo sempre era'l più basso.

Ed ecco quasi al cominciar dell'erta  
Una lonza leggiera e presta molto  
Che di pel maculato era coperta:

E non mi si partia dinanzi al volto,  
Anz'impediva tanto'l mio cammino,  
Ch'ì fui per ritornar più volte volto.

Temp'era dal principio del mattino,  
E'l sol montava in su con quelle stelle  
Ch'eran con lui, quando l'amor divino

Mosse da prima quelle cose belle,  
.....

---

## AMOR NA MORTE

Acabou-se afinal o teu tormento,  
Mulher a padecer e amar votada,  
Pela virtude em anjo transmudada,  
E em martyr pelo duro sofrimento.

Sem um pranto sequer, sem um lamento,  
Quando chegou a hora da jornada,  
Ergueste a Deus a alma conformada,  
Baixaste a mim ainda o pensamento.

Mais por mim que por ti deixar sentias  
O mundo, onde sem tregua padeceste,  
E que te foi tão pobre de alegrias.

Muito, muito te amei; bem o soubeste;  
Bem sei o affecto que por mim nutrias;  
Mas a mor prova no morrer me dèste.

---

## AMOR EN LA MUERTE

VERSÃO DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Finalizóse al cabo tu tormento,  
Muger para sufrir y amar creada,  
Por la virtud en ángel transformada,  
Y en mártir por el duro sufrimiento.

Sin llanto derramar, sin un lamento,  
Quando fué de partir la hora llegada,  
El alma á Dios alzaste, resignada,  
Consagrandome al par un pensamiento.

Mas por mí que por tí dejar sentias  
El mundo, en que sin tregua padeciste,  
Y do apenas gozaste de alegrias.

Mucho, mucho te amé: lo comprendiste;  
El afecto yo sé que me tenias;  
Y prueba de el al expirar me diste.

---

## PEGNO D'AMORE NELLA MORTE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ebbe termine infine il tuo tormento,  
Sposa a patire e amare destinata,  
Dalla virtute in angel trasformata,  
E in martire da un duolo intenso e lento.

E senza pianto, senza alcun lamento,  
Quando fu di partir l'ora scoccata,  
Alzasti a Dio la prece rassegnata,  
E a me volgesti ancora il pensamento.

Non per te, ma per me, lasciar ti dolce  
 Il mondo dove pur soffristi assai,  
 E brevi gioie l'alma tua raccolse.

Tu ben sapesti s'io molto t'amai;  
 So il tesoro d'amor che in te s'accolse;  
 Ma in morte il maggior pegno offerto mi hai.

---

## AO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Alma bôa, afinada ao som da minha,  
 Entendeste meus versos, ó poeta,  
 Porque, ferido pela mesma setta,  
 De pena o coração geme e definha.

Sem já ter quem na vida nos sustinha,  
 Victimas ambos de fatal planeta,  
 Inda mal! nos irmana dôr secreta,  
 Que, do espaço através, nos avísinha.

Não, não foi pelo seu merecimento  
 Que em tua língua esses versos traduziste  
 Com tamanha justeza e sentimento.

É que na chaga alheia a tua viste;  
 Disseram-te o teu próprio pensamento;  
 E, como echo sonoro, os repetiste.

1899—Setembro 21

---

## CONTESTACION

(DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA)

Es cierto, caro amigo: el alma mia  
 Lanzó al aire un lamento doloroso,  
 Porque me trajo tu soneto hermoso  
 Triste recuerdo de funesto día.

Raudal de sentimiento, en tu poesía  
 Juzgué oír, como en eco quejumbroso,  
 Su voz, su amada voz, y, tembloroso,  
 Aun estrechar creí su mano fría.

Vana ilusión! Jamas la tumba helada  
 Vuelve su presa al alma atribulada,  
 Que desfallece en perdurable duelo.

Tú y yo, por el dolor, somos ya hermanos:  
Oremos, pues, por ellas, cual cristianos,  
Y alcemos juntos la mirada al cielo.

Alqueria del Pilar 25 Septiembre 1899.

---

## RISPOSTA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

È certo, o amico: dal mio petto uscìa  
Repentino un lamento doloroso,  
Perchè ha destato il tuo canto formoso  
In me il ricordo di funesto dia.

Nèlla tua mèsta e tènera poesia  
Mi parve udir, come in eco affanoso,  
Della sua voce il suon caro, armonioso,  
E stringer la sua mano nella mia.

Vana illusion! Mai la tomba gelata  
Rende la preda all'alma appassionata  
Che in un dolore interminato geme.

Noi due siam quindi nel dolor germani:  
Per esse allor preghiam, come cristiani,  
E alziam lo sguardo al ciel con viva speme.

---

## VISÃO

Uma noite eu pensava a deshoras, sentado  
N'um dos oiteiros teus, só e meditabundo,  
Ó cidade do Tejo, o teu vulto alongado  
Contemplando a meus pés, em silencio profundo.  
Ia a lua bem alta, e de limpido alvor  
Illuminava o chão co'o celeste fulgor.

Era a quadra do anno em que as rosas rebentam,  
Em que se amorna o ar ao sempiterno lume,  
Em que a terra, em que o céu mais encantos ostentam,  
Em que respira a brisa o mais grato perfume,  
Era o tempo gentil de Maio creador,  
O mez da inspiração, da poesia, do amor.

Aquella paz e enlevo, o embalsamado aroma,  
Que a florea natureza em torno desparzia,  
O murmúrio que o vento, ao passar pela coma  
Dos troncos, sobre mim brandamente fazia,  
Ajudado não sei de que interno langor,  
Nos membros me verteu desusado torpor.

Confuso se tornou quanto via, indistincto;  
Fechou-me a pouco e pouco as palpebras o somno;  
E de idéias me achei em torvo labyrintho,  
Pelo qual eu entrei, sem já de mim ser dono.  
Foi-se a grande cidade e da lua o pallor;  
E outro quadro mostrou do sol o resplendor.

Cobre a terra virginea natureza,  
Caprichosa, selvatica, imponente,  
Meio occulta no manto de rudeza,  
Com que sahiu das mãos do Omnipotente;  
Adorna dos oiteiros a aspereza  
Arvoredo copado, florescente;  
Vestem os campos rastejante relva,  
Densos arbustos, ou ramosa selva.

Aquí desigualmente levantado  
Negro, pedroso, sáfaro terreno;  
Perto d'elle, de verde tapetado  
E flores varias um recinto ameno;  
Alli o chão de algares retalhado;  
Alli ribeiro a meandrar sereno,  
Ora vivo crystal ao sol brilhando,  
Ora á sombra encoberto deslisando.

Mal contida em garganta penhascosa,  
A torrente caudal corre e murmura,  
A descer pelos montes pressurosa,  
E, espadanando, atira-se da altura  
Para o fundo do val tumultuosa,  
Onde vae reunir a veia pura  
A um rio de aguas opulento,  
Que por baixo caminha em curso lento.

Vaga a fera do dia á claridade;  
Em bando as aves pelos ares vôam;  
Que tão muda e agreste majestade  
Só as feras e os passaros povôam.  
Nem um homem que anime a soledade!  
Dos animaes as vozes só resôam,  
Ou o sussurro da fluente prata,  
Ou o brado da espumea cataracta.

Que grande quadro, que soidão tamanha!  
E o firmamento, e o astro fulgurante,  
Que os naturaes productos desentranha  
D'esse chão com seu lume fecundante,

Desde que de fulgor a terra banha,  
E o Tejo, d'esses ermos o gigante,  
Desde talvez a criação do mundo,  
Correndo sempre para o mar profundo!

N'este ponto acordei a tremer, assombrado  
Os olhos, duvidando, ao redor estendi,  
E, ó cidade do Tejo, o teu vulto encantado  
Pelos montes e val, como ha pouco, espraído,  
Entre medo e alegria attonito reví.

Mas da infausta visão a minh'alma doente,  
Embora já desperta, inda meio a sonhar,  
A ver-te começou de modo differente:  
Primeiro quasi morta; após tumulo ingente,  
Alvejando ao clarão do pallido luar.

Depois, pedra por pedra, o teu manto despiste,  
E ficaste em silencio, abandonada e só;  
Depois em matto espesso o teu corpo sumiste;  
O homem desapareceu; e um vento frio e triste  
Ao longe arremessou de teus restos o pó.

Tomou a natureza o seu logar. Como antes  
De entrars na existencia, um ermo rude estás!  
Vi-te então? Vejo-te ora os ultimos instantes?  
Foi producto fatal de idéias delirantes?  
É prophécia acaso? Um dia morrerás?

Quem o póde saber? Cahiu Memphis, Palmyra,  
Persépolis, Sidón, Thebas de portas cem;  
Os ossos de Balbek o viajante admira;  
Troia é um nome vão; Ninive não respira;  
Babylonia cahiu, de tanto povo mãe!

E, ao pensal-o, embrenhei-me em meditar profundo;  
E embatendo-se vi povos, raças, nações,  
Como se inteiro alli se atropelasse o mundo,  
Mar de gente revoltado em ondas, furibundo,  
Qual se revolve o oceano á força dos tufões!

Mas tu lá estavas sempre, ó querida cidade;  
E as ondas d'este mar quebravam-se a teus pés;  
E esplendias mais bella, a cada tempestade,  
Debaixo d'este céu, que inspira liberdade,  
Protegida do Eterno, em cuja mão tu crês.

Se ha tanto contra a lei dos homens e da sorte,  
Disse eu então, ao alto erguendo os olhos meus,  
Senhor, guardado a tens, defende-m'a da morte;  
Para o tempo voraz só tu és grande e forte;  
Paga-lhe assim o amor; ouve-me a prece, ó Deus!



Ou, se ella ha de acabar, alonga-lhe o futuro:  
 Nova missão lhe toca; inda a deve cumprir;  
 Não a alcanço através do pensamento escuro;  
 Mas raiará, depois de cada passo duro,  
 Outro e outro melhor nos fastos do porvir.

Emquanto assim orava, ao longe, no horizonte,  
 Diffundia-se alegre o rubor da manhan;  
 Em breve, illuminando o céu, o val, o monte,  
 O astro, rei da luz e do universo fonte,  
 Nos ares succedia á desmaiada irman,

E em torno a mim a terra acordava ruidosa.  
 Tudo cobriu o sol, tudo bello tornou.  
 A visão se desfez; e n'outra, mas radiosa,  
 Na tua, ó minha Pátria, ó cidade formosa,  
 Real se converteu. O sonho terminou.

Oh! que jubilo então eu senti no meu peito!  
 Oh! quanto mais e mais esta vida prezei!  
 E, qual filho, que a mãe, moribunda, do leito  
 Visse bôa sâhir, por milagroso effeito,  
 De prazer ebrio, louco, ao rever-te eu fiquei.

## A UM PIANO

Gosto de ouvir teu piano;  
 Produz em mim um engano,  
 Que tanta doçura tem!  
 A sua musica antiga  
 É e foi tão minha amiga!  
 Como ella me faz tão bem!

Suavisa-me o tormento;  
 Dá-me azas ao pensamento;  
 Agita-me o coração;  
 E ao meu animo arroubado  
 Abre as portas do passado;  
 Leva-me aos annos d'então,

A esses annos ditosos,  
 Inda mal, tão pressurosos,  
 Em que tanta vez a ouvi;  
 Que ella é um echo d'essa idade,  
 Da distante mocidade;  
 Que nunca, nunca a esqueci.

Bemdicto seja portanto,  
 Pois me causa tal encanto;  
 Bemdicto o que o fabricou;  
 Porém muito mais bemdicta  
 A mão, de certo bonita,  
 Que existencia lh'emprestou.

Essa mão, que não conheço,  
 Que toca com tanto apreço,  
 Formosa, sim, deve ser,  
 Joven, febril, entusiasta;  
 Apenas ouvi-o basta  
 Para logo o perceber.

Essa mão vejo-a na mente,  
 Já correndo velozmente  
 No teclado sem parar,  
 Já como que se esquecendo,  
 Já quasi desfallecendo,  
 A tu' alma a acompanhar.

Só te enxergo na distancia;  
 Mas como pela fragrancia  
 Se compõe na idéia a flor,  
 Assim da sombra que vejo  
 Forma um ente o meu desejo  
 Da phantasia ao sabor.

E não é este mysterio,  
 Este vulto quasi aerio,  
 Que eu criei, que, só, compuz,  
 O que a musica embelleza,  
 E lhe presta mais pureza,  
 E mais inda me seduz?

Sim: a tua juventude  
 Inda muito mais m'illude  
 E me prende muito mais.  
 Da vida na primavera,  
 Tu és, como eu então era;  
 E, ouvindo os sons immortaes,

Que tiras do teu piano,  
 Augmenta-se o meu engano,  
 Pois me parece em ti ver  
 Minha propria mocidade  
 Com as vestes da saudade,  
 Com a forma da mulher.

---

## PARA UMA CORÔA

Morreste; porê m morto inda te adoro,  
 Ó meu esposo, e ainda te acompanho.  
 Vês? de joelhos, o Senhor imploro,  
 No teu jazigo, e em lagrimas o banho.

Esta c'rôa, por ellas orvalhada,  
 Como symb'lo de amor e de martyrio  
 Aqui deponho; os anjos transformada  
 Em luz um dia t'a darão no empyreo.

---

## A TASSO EM SANTO ONOFRE

Pobre, enfermo, cansado, vagabundo,  
 Louco de amor e gloria, aqui vieste  
 Bater á porta; e ás illusões disseste  
 Adeus eterno, abandonando o mundo.

Abriu-te a porta a Fé com ar jocundo;  
 Fitaste os olhos na visão celeste;  
 E em seus braços de tudo te esqueceste,  
 Quasi solto da terra, moribundo.

Do transito final vendo-te perto,  
 Quiz-te levar o mundo ao Capitolio,  
 Da sua ingratição emfim desperto;

Mas deu-lhe a morte só teu fraco espolio;  
 Mas amostrou-te a Fé o céu aberto,  
 E a gloria além da eternidade o solio.

## A UNS ANNOS

De mãos dadas, sorrisos vertendo,  
Com a fronte cingida de rosas,  
Como duas irmans venturosas  
Que descantam cantigas de amor,  
Hoje dão-vos a arte e amizade  
Homenagem sincera e jocunda  
No prazer que seus peitos inunda  
E das suas grinaldas no olor.

O silencio do lar da familia  
Converteu-se em ruído de festa,  
Porque o lar em theatro se apresta  
E a alegria pullula entre nós,  
Porque, apenas raiou no horizonte  
Hoje o sol que vos viu á nascença,  
Olvidamos co'a sua presença  
Tudo mais, a pensarmos em vós.

Sim, um mesmo, commum sentimento  
Nos juntou; nossos rostos o dizem;  
Um desejo que os anjos bemdizem;  
Uma prece que levam aos céus.  
Muitos annos como este na téla  
Da existencia o futuro vos borde,  
E cada anno uma dita recorde:  
Eis o voto que alçamos a Deus.

Mas que funereo crepe de tristeza  
Os meus olhos de lagrimas enturva!  
Mas que lembrança na minh' alma pésa,  
E minha frente para o solo curva!

Quantos faltam aqui que já não vemos,  
Que outr'ora ñossas festas animavam,  
Quantos que para sempre já perdemos,  
E que amavamos tanto e nos amavam!

E tu, pobre mancebo, pela morte  
Arrebatado, barbaro destino!  
Quando se illuminava a tua sorte  
Do sol nascente ao brilho purpurino!

Tu, que eras sempre o espirito formoso  
Dos jogos e folguedos, que passaste  
Por entre nós gentil, esperançoso,  
E tão depressa ao tumulo baixaste!

Ai! que funereo crepe de tristeza  
Os meus olhos de lagrimas enturva!  
Ai! que lembrança na minh' alma pésa,  
E minha frente para o solo curva!

## UMA MENINA ENTRANDO

É bello este mundo;  
É urna de amor,  
Que manda os perfumes  
Ao seu Creador.

O espaço é tão puro!  
O sol tão brilhante!  
Tem tantos luzeiros  
O céu negrejante!

O mar, liso espelho,  
Os astros reflecte;  
O campo com flores  
Mil fructos promette.

Nos ares que effluvios,  
Que sons, que fulgor!  
Em todo o universo  
Que jubilo e amor!

Eu sou a esperança;  
Eu sou a alegria;  
Aqui o meu anjo  
Piedoso me envia.

Soou nas alturas  
Ha pouco uma prece,  
Que a terna amizade  
Por vós offerece,

Por vós a que o orbe  
Dos orbes sob'rano  
Do tempo na roda  
Marcou mais um anno.

Folgae; foi ouvida  
Por quem tudo póde,  
Por quem aos lamentos  
Dos homens acode.

Depois da tormenta  
Succede a bonança.  
Sou eu que vos trago  
De Deus a esperança.

Por ella guiado,  
Nos vossos caminhos  
Vereis sob as flores  
Morrer os espinhos.

Tomae estas rosas <sup>(1)</sup>  
Do céu bemfadadas,  
De risos, de aromas,  
De bençãos formadas.

A mão da amizade  
Tecer-vos com ellas  
Vae ramos virentes,  
Festões e capellas.

Tomae estas rosas,  
Signal de alegria;  
São nuncias de um outro,  
Como este, bom dia,

Que em paz, co'os amigos,  
Dos lares no amor,  
Mais fausto cad'anno  
Tereis e melhor.

## SEMELHANÇA

Da mulher que eu amei mais n'esta vida  
Foi um como reflexo. A formosura  
Não tinha d'ella, não; mas n'alma pura  
Não podia por ella ser vencida.

Demais, uma expressão indefinida  
Havia do seu rosto na candura,  
Que, junto ao ar, aos modos, á figura,  
A tornava com ella parecida.

(1) Entregando-as ao festejado.

Ambas egual amor por mim tiveram;  
Ambas de nome egual, de egual bondade,  
Foram ambas eguaes na triste sorte!

E ambas sob uma loisa se esconderam!...  
Onde existiu jámais tanta egualdade  
N'alma, no corpo, no viver, na morte?

## VENEZA

Envolta no silencio  
Da noite luctuosa,  
Negra, qual coche funebre,  
Deslisa vagarosa  
Pelos canaes a gondola,  
Que á terra me conduz,

Á terra do mysterio,  
Á singular cidade,  
A côrte da republica  
D'escrava liberdade,  
Que foi, qu'inda nos seculos,  
Como pharol, reluz.

Que hora tão propicia  
Para o que a vez primeira  
Te vê sahir das aguas!  
A lua feiticeira,  
Por entre nuvens, rapida  
Caminha pelo céu,

Já livre, já sumindo-se,  
N'ellas a face occulta,  
Aclara-te, illumina-te,  
Em sombras te sepulta,  
Dando-te um ar phantastico,  
Ou tristuroso véu.

E pelas ruas liquidas  
D'esta cidade morta  
A nave esguia e lugubre  
Arfando me transporta;  
E pontes, caes, palacios,  
Ruínas deixo após,

Emquanto ao rijo fremito,  
Ao soluçar do vento,  
Do remo ao som monotonico,  
O gondoleiro attento  
Mixture, como annuncio,  
De quando em quando a voz.

Este conjunto deixa-me  
Em grato sonho immerso;  
As aguas acalentam-me;  
A gondola é meu berço;  
A lua o somno véla-me;  
Cobre-me azul docel.

Então minh'alma soffrega  
Revôa n'um momento  
Do que é para o preterito;  
E vejo em pensamento,  
Que magico espectáculo!  
Mil scenas em tropel

De pugnas e de assedios,  
De marchas triumphantes,  
De tenebrosos mascaradas,  
De amores delirantes,  
De luzes e de canticos,  
A noite, nos canaes;

A que dos fundos carceres  
Se juntam os gemidos,  
Os gritos da victoria,  
O pranto dos vencidos,  
O faiscar dos gladios  
A sanha dos punhaes.

Fervem aprestos bellicos  
Ao longo das ribeiras.  
As armas! Ve'm já proximas  
Do turco as naus guerreiras.  
Correm á pressa; embarcam-se  
Soldados sem cessar.

Lançando mil relampagos,  
Brilhante de aço e ferro,  
Eis leva a frota as ancoras,  
E no seu ligneo encerro  
Por companheira a gloria  
Conduz, e faz-se ao mar.

Agora, as azas candidas  
Sôltas, qual bando de aves,  
Entram o porto em jubilo  
As carregadas naves  
Dos ricos fructos d'Asia,  
Que o moiro até Suez

Transporta desde a India.  
Já vão ferrando as vellas;  
E da miuda enxarcia,  
Já farto de procellas,  
O marinheiro a patria  
Saúda uma outra vez.

Agora extenso prestito  
De barcos mil, e á frente  
O Bucentauro aurifero;  
E á prôa, refulgente  
De galas e de purpura  
O doge estende a mão.

Ao vêl-o do Adriatico  
Ondeia a face e treme;  
Longe o Mediterraneo  
Se encrespa; o turco geme;  
Ca'e n'agua o anel symbolico;  
Applauda a multidão.

Co'a luz do dia acordo á realidade,  
E as illusões ante ella se esvaezem;  
Porêm fica-me n'alma uma saudade!  
Como tão differentes apparecem

Todos estes logares! É Veneza,  
Veneza, do Adriatico a raínha,  
Cheia outr'ora de vida e fortaleza,  
Esta que se apresenta á vista minha?

Que é feito do esplendor das grandes eras?  
Aonde os teus soldados triumphantes?  
Aonde as tuas rapidas galeras?  
Aonde os teus expertos navegantes?

Onde, rival de Genova, a famosa,  
A destemida espada que empunhaste?  
Ah! do teu mar tu já não és a esposa!  
Ah! já do solio ao tumulo baixaste!

Hoje, do teu passado só espectro,  
Vives na solidão e nas ruínas.  
Nem doge, nem poder, nem regio sceptro!  
Deram-te no oriente as lusas quinas

Golpe, golpe mortal; não menos forte,  
Deu-t'o na terra e mar o musulmano;  
Depois Napoleão votou-te á morte,  
E entregou-te da Austria ao jugo insano.

Hoje, tu, que impuzeste a tantas gentes  
A lei, tu, que vivias do teu brilho,  
Tu, que ensinaste aos povos dissidentes  
Da Italia o mais heroico, honroso trilho,

Hoje, submissa á lei que vem de Roma,  
Satelyte entre os mais, em torno d'ella,  
Qual os mais, d'este sol, que vivo assoma,  
Tu recebes a luz, pallida estrella;

E no tope dos mastros, arriado  
Do leão o estandarte, agora mudo,  
O tricolor desfraldas, adornado  
Do feliz saboyano pelo escudo.

És um phantasma apenas da Veneza  
Pela historia no marmore esculpida;  
Porém esta velhice, esta rudeza,  
Esta ausencia de estrepito e de vida,

Estes canaes, que, lá de quando em quando,  
Sulca triste batel mysterioso,  
Este de pombos infinito bando,  
Superstição de um tempo venturoso,

Estas ruas, que o animo entristecem,  
Estas casas sem mimo e sem conforto,  
Que sós, deshabitadas nos parecem,  
O palacio ducal, bello, mas morto,

E ermo, cheio só da gloria antiga  
E de Marino pela sombra augusta,  
Que o patib'lo, a prisão e o throno abriga,  
Consortio extranho! a cathedral vetusta,

Templo, onde três religiões se adoram:  
Deus, patria e arte, oriental poema,  
Cujo estylo e trophéus a Asia memoram,  
Que do teu heroismo é como o emblema,

Tudo isto, que nos fala do passado,  
E dirieis já morto, pelo encanto  
Da bruma da distancia idealisado  
E dos poetas no sonoro canto,

Revive, toma corpo, e aos olhos d'alma  
Se transfigura, como á luz da lua,  
Quando da noite na profunda calma  
Vi pela vez primeira a forma tua.

Vem pois, emquanto o astro vaporoso  
Não torna, ó fascinante poesia,  
Acalentar-me o somno luminoso,  
Tapar-me o sol d'este importuno dia,

D'esta realidade os desenganos;  
Vem, e fecha-me os olhos ao presente.  
Assim a imaginei por muitos annos;  
Assim a quero ver unicamente.

## VEM TOMAL-A

(DE SARRAN D'ALLARD)

Muitos, muitos brasões illustres eu conheço;  
 Alguns são honra e luz d'esta occitana terra;  
 Mas de todos nenhum pode egualar o preço  
 Do teu, ó Tourtoulon, nem tanta gloria encerra.

Sobre campo de azul, com válido arremesso,  
 Torre argentea se eleva, apercebida em guerra;  
 Três rôlas tem de guarda; e no alto, indefesso,  
 O teu branco pendão ao vento se descerra.

Em que aos abutres pése, uniste a espada amiga  
 De Apollo ao plectro, ó mestre, em pró da nossa fala;  
 Bebemos leite forte, e o patrio amor nos liga.

A nossa lingua d'oiro embalde sujeital-a  
 Quer pois o franciman, porque á turba inimiga,  
 Como fez teu avô, diremos: vem tomal-a!

1894

## VEN! LOU QUERRE!

De bellis armarié n'en couneisse un mouloun;  
 Mai d'uno fan ounour à la terro óucitano,  
 N'en sabe, subre-tout, iéu que soun capitano;  
 Vése li tiéuno ansindo, egrègi Tourtouloun!

Sus ta tourre d'argent, amoundant, dins l'èr blound,  
 Ta bandiero, en cantant, floto à la tremountano.  
 Vaqui li tres tourtouro, e mau-grat li tartano,  
 As maridat l'espaso au lahut d'Apouloun.

Mestre, qu'as cleirouna pèr l'idèio latino,  
 Aven begu lou la d'uno drudo tetino;  
 Noste ourguei patriau viho e jamai s'endor.

Vengue lou Franchimand aclapaire coinquerre  
 Lou vèrbo sèmpre béu, qu'ès toustems lengo d'or;  
 Coume antan toun aujôu iè direu: ven lou querre!



## LYRA QUEBRADA

Cantei, quando ao florir da adolescencia  
A minh'alma se abria, sequiosa  
De gosar os primores da existencia,  
Qual se abre no jardim a fresca rosa  
Ao ar, á luz do sol; quando apparencia,  
Tão risonha, quão falsa e vaporosa,  
O pensamento, incauto, me cegava,  
E tudo de esperanças esmaltava.

Cantei, quando da terra do meu berço  
Me vi longe, do exilio a desventura;  
Quando em suaves illusões immerso,  
De um incognito bem, louco, á procura,  
Povoei de meus sonhos o universo,  
E corri de uma a outra formosura,  
Qual faz a borboleta ás varias flores,  
Sem jamais encontrar os meus amores.

Cantei depois, alegre e afortunado,  
Junto da minha vida á companheira,  
Que amava tanto e por quem era amado,  
A sua gentileza verdadeira,  
Seu coração ingenuo e doce agrado,  
Phantasiando uma existencia inteira  
De flicidades e de amor com ella,  
Para tão cedo, misero! perdel-a!

Hoje cantar não posso, que o meu canto  
Abafam-no, entrecortam-no gemidos:  
Falta-me da su'alma o fogo santo;  
Já não me ouvem no mundo seus ouvidos;  
Já não me alenta da sua voz o encanto;  
Nem me vêem seus olhos tão queridos;  
Já não tenho a esperanza, á crença ingente,  
Que me provinham d'ella unicamente.

Da vida descuidada e bonançosa  
No rio deslisavamos sereno,  
Em barca de mil flores odorosa,  
Notando o céu azul e o campo ameno,  
Esquecidos do mais, como quem gosa  
E bebe o calix da ventura pleno,  
Ou contemplando no horizonte puro  
A estrella scintillante do futuro.

Agora, só, na funda escuridade,  
Que me opprime e rodeia, corto as aguas,  
Ao rugir da medonha tempestade,  
Quasi morto e sepulto em minhas magoas,

Sem do céu contemplar a immensidade,  
Sem cuidar no porvir, sem medo ás fragoas,  
Dando as costas ao mar que ao longe brama,  
Co'os olhos no passado que me chama.

E, além, entre tão horridos negroses,  
Por entre minhas lagrimas, diviso  
Ella e eu, nossos candidos amores,  
Todo do meu passado o paraíso;  
E, vendo-o, crescem tanto minhas dores,  
Que, receoso de perder o siso,  
De momento a momento os olhos fecho,  
E pelas ondas arrastar-me deixo.

Assim vou através dos desenganos,  
Só vivo para o mal, indiferente  
Ao perpassar monotono dos annos,  
Que correm sempre longos, tristemente,  
O revolver contínuo dos humanos  
Acompanhando, automato gemente,  
Para onde não sei, nem saber quero:  
Nada m'importa, que já nada espero.

## A PORTUGUEZA

Gabem outros muito embora  
As mulheres estrangeiras,  
As suas cultas maneiras,  
O seu garbo senhoril,  
Que nenhuma vale tanto  
Como a mulher portugueza,  
Na modestia, na belleza,  
No porte nobre e gentil.

Nenhuma tem maior graça,  
Mais meiguice, mais ternura,  
Mais singela compostura,  
Mais natural expressão.  
É mais mulher do que as outras;  
Este elogio só basta;  
Tem menos arte; é mais casta;  
Mas não tem menor condão.

Prende sem mostrar imperio,  
E, senhora, nos captiva;  
Nem foge de amor esquiva;  
Nem dardeja os raios seus:  
Nos meigos olhos tempera  
O ésto do peito ardente,  
Que assim vem suavemente,  
Como a luz rompe nos céus.

E que olhos são os seus olhos!  
Negros ou côr de castanha,  
A volupia não os banha,  
Nem do desejo o fulgor,  
Olhos grandes, francos, lindos,  
Graves, cheios de repouso,  
Que ensombra manto sedoso  
De mysterio tentador.

A fronte de leve alteada,  
O escuro cabelo em ondas,  
Do rosto as formas redondas,  
Que respiram não sei quê  
D'infantil, a bocca breve,  
Ninho de amor todo rosa,  
Onde a nossa harmoniosa  
Lingua canta, o airoso pé,

O talhe esbelto, flexivel,  
Não d'estatua, a mediana  
Altura que mais a humana,  
E sobretudo aquelle ar,  
Effluvio d'alma que a cinge,  
Como a athmosphera ao planeta,  
Fazem-na mulher completa,  
Fazem-na o anjo do lar.

N'isto dos outros paizes  
 Nenhuma de certo a eguala;  
 Podem brilhar mais da sala  
 No luxo, na pompa van;  
 Porém n'isto ella as excede;  
 No lar tem ella o seu templo;  
 Assim lhes serve d'exemplo  
 De mãe, d'esposa, d'irman.

Eis a triplice corôa,  
 Que orna a mulher portugueza;  
 Eis a c'roa da belleza  
 Que mais n'ella nos seduz.  
 As outras serão formosas,  
 Porém são filhas da terra;  
 Ella é mais: o mundo a encerra;  
 Mas do céu tem dentro a luz.

1891 — Setembro 15

---

### INSCRIÇÃO <sup>(1)</sup>

Aqui viveu, morreu encarcerado,  
 Martyr da Patria, o portuguez Infante.  
 Ó tu, quem quer que sejas, visitante,  
 Descobre-te, este solo é consagrado.  
 E tu, Milão, pranteia o desditoso;  
 Quando aqui foi de Hespanha prisioneiro,  
 Tu soffrias de Hespanha o jugo odioso:  
 Ereis irmãos no mesmo captiveiro.

1887

---

### TRISTE COMPENSAÇÃO

Aquelle tempo que vivi com ella  
 Foi tão bom, mas correu tão repentino,  
 Que uma vez abençoô o meu destino,  
 Que maldigo outra vez a minha estrella.

Era da terra o amor, antes de vê-la,  
 Meu norte; vi-lhe o rosto peregrino,  
 E em seus labios provei o amor divino,  
 Para logo o perder, para perdê-la!

Depois fiquei eu só, na dor occulto,  
 Das terrenas paixões todo alheado,  
 Sem mesmo as entender, vivo e sepulto.

Mas por ser tão feliz sou desgraçado.  
 Não, o céu generoso não insulto.  
 Bemdicto seja pois o meu passado.

---

(1) Para a casa do castello de Milão, onde morreu preso o infante D. Duarte.

## Á ILHA DA MADEIRA

AO MEU AMIGO, O DR. L. FERNANDES FALCÃO

Ao nauta, que do mar tempestuoso  
Vem dos baldões asperrimos cansado,  
Tu te mostras, ó ilha da Madeira,  
Como, depois de somno fadigoso  
De horriveis pezadellos,  
Um dia delicioso,  
Todo alegria e festa e raios bellos,  
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'est'arte,  
O que seria d'antes,  
Quando te desvendaste a vez primeira  
Da nevoa e do mysterio em grande parte  
Á vista dos pasmados navegantes!  
Que, não bastando ainda estar perdida  
No meio do oceano,  
Por seculos dos homens escondida  
Em recondito arcano,  
Tu, qual donzella candida e medrosa,  
Que do banho sahisse,  
É a nudez, vergonhosa,  
De alvo cendal cobrisse,  
Em manto de neblina te embuçavas;  
E até do mar que ás plantas te gemia,  
E até do proprio sol que te queria  
A virgem formosura recatavas.

Porêm chegou o dia  
Pelo Eterno marcado,  
Em que, apesar d'esquiva,  
Te rendeste captiva,  
Do sol da nossa gloria á viva chamma,  
Ao generoso brado  
Do grande Infante de perpetua fama,  
Quando, assim como de Synai o monte,  
Sagres de raios coroou a fronte,  
E, desmedido pharo,  
Ao marinheiro ignaro  
Fez dissipar as trevas do horizonte.

Pandas as brancas velas,  
Atravessadas pela cruz de Christo,  
Eis no liquido argento  
As fortes, portuguezas caravellas  
Correm ao sopro do inconstante vento.  
Assim na edade-media a Europa ha visto,  
Assignalados por egual emblema,  
Passarem os guerreiros  
Á Asia, para em rabido combate

De annos e annos inteiros  
 Dar ao sagrado tumulo o resgate.  
 É o mesmo o nosso thema,  
 A fé; tambem o oriente procurâmos;  
 E, como elles, tambem a leal espada,  
 A par da cruz, intrepidos levâmos  
 A uma outra cruzada.

Ruem os furacões; trôam os ares;  
 É plumbeo o céu; das lôbregas entranhas,  
 Quaes liquidas montanhas,  
 Volvem-se em desespero os torvos mares.  
 Pelas ondas corridos  
 Os pequenos baixéis tragam a morte,  
 Já quasi submergidos;  
 Porêm não desanima a gente forte.  
 Invoca a soberana potestade,  
 Que a protege de ha muito, e a praia ignota,  
 Na escura cerração da tempestade,  
 Compadecida, lhe dirige a rota.

Então alçando as mãos a Deus, molhadas  
 Ainda pelas ondas salitrosas,  
 A maritima turba lh'agradece  
 As terras deparadas,  
 As vidas tanto a pique assim poupadas,  
 Com palavras piedosas,  
 E murmura esta prece:

Senhor, se, como outr'ora do teu povo  
 Os passos pelo ermo encaminhaste,  
 A este porto santo nos guiaste,  
 Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,  
 Outro maior signal de teus favores;  
 Teus filhos tambem somos;  
 As asperas fadigas,  
 Ao bravo pégo, ás armas inimigas  
 Por ti só, pela Patria nos expomos;  
 Faze que esta primeira descoberta,  
 Que o dom d'esta ilha esteril e deserta  
 Seja seguido d'outros dons melhores.

Dizem; abaixam da cerulea altura  
 Os olhos; e, ao baixal-os, de repente  
 Vêem longe sahir de nevoa escura,  
 Que mais e mais se torna transparente,  
 Uma visão do imaginar potente?  
 De um monte a sobranceira catadura?

Eia, ao mar; o Senhor nos presta ouvidos;  
 Temos fé que é verdade essa apparencia,  
 Não devaneio apenas dos sentidos.  
 É da sua clemencia  
 Quem sabe se o signal; ao mar corramos.

Bradam; soltam ao vento a larga vela;  
 Já chegam; já de todo a alva neblina,  
 Aqui, alli, se esva'e ou se adelgaça,  
 E mostra, meio occultos, com mais graça,  
 Flores, verdura, emmaranhados ramos,-  
     Uma terra tão bella,  
 Que mais semelha apparição divina,  
 Ou cahida do céu fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes  
 Appareceste, ó ilha da Madeira,  
 Para os avigorares nos revezes;  
 Assim aos olhos de Noé outr'ora,  
     Depois das grandes aguas,  
 Appareceu o arco da alliança  
 Entre elle e Deus, o iris da bonança,  
 Que do diluvio o confortou nas magoas.  
     Sim, tu foste a esperanza,  
 Que Deus, á nossa empresa favoravel,  
 Nos amostrou para nos dar alentos,  
 E, através do lutar dos elementos,  
 Cumprirmos nosso fado incomparavel.  
 D'aqui, cheios de arrojo, nós partimos,  
 E d'Asia, e d'África, e do Novo Mundo  
 Em grande parte as plagas descobrimos,  
     E pelo pégo fundo  
 Em roda o globo co'os baixeis medimos.

Como és bella! Da Grecia conhecida,  
 Tu serias de Venus a morada,  
 Ou fôra, ao ver-te assim do mar sahida,  
 A nascença de Venus fabulada;  
 Ficara a téla dos jardins d'Armida,  
 Sendo modelo tu, mais bem pintada;  
 E Camões juntaria á dos Amores  
 Insula imaginaria os teus primores.

Do teu fogo int'rior, do mar és filha,  
 Como é Venus de si, da salsa espuma;  
 E o céu, mal tu brotaste, ó maravilha,  
 Mais te quiz e estimou, do que nenhuma;  
 Por isso graças mil dá-te em partilha;  
 Por isso os ares teus calma e perfuma;  
 Por isso em ti reúne os mais contrarios  
 Fructos e flores de paizes varios.

Todos do mundo os povos te namoram;  
 Mas a todos te mostras insensivel.  
 Embalde os filhos de Albion te exoram,  
 Te chamam Flor do Oceano immarcescivel.  
 Nossos antigos os primeiros foram;  
 Por outrem nos deixar não te é possivel.  
 Do céu, dos mares e de Deus á face  
 De nós comtigo se firmou o enlace.

Por seres tão fiel, tão portugueza,  
Mais ainda te estimo, ilha formosa;  
Mas por laço diverso anda a ti presa  
Minh' alma: da existencia trabalhosa  
Com risos matizaste-me a tristeza  
Na quadra, embora amarga, descuidosa  
Da passada, inexperta juventude,  
Quando uns dias viver em ti eu pude.

E agora que de ti me tem distante  
O logar e dos annos a carreira,  
Afiguro-te ainda mais brilhante,  
Vejo-te mais ainda feiticeira,  
Que me recorda teu florir constante  
A minha primavera passageira,  
A minha tão querida mocidade,  
E és para mim um echo, uma saudade.

1898

---

## VOTO

Gozae bem d'esses dias fagueiros,  
Que viveis um com outro ditosos;  
São momentos e correm ligeiros.

Olhae bem estes campos formosos;  
Verdes são como vossa esperança,  
E convidam a placidos gosos.

Não vos saiam jámais da lembrança;  
Nem o esmalte das candidas flores;  
Nem este ocio, esta doce bonança;

Nem as leves, gentis, multicores  
Mariposas, quaes vossas idéias  
A voarem n'um céu d'esplendores.

Aqui verte a natura a mãos cheias  
Os seus dons; aqui dormem cuidados  
Ao suave cantar das sereias.

Por seu canto igualmente embalados,  
Deslizae estes dias que passam,  
Um ao outro na vida abraçados.

Nada importa, se ao longe ameaçam  
Atras nuvens procella medonha.  
Póde ser que no ar se desfaçam.

Não a vêdes a mancha tristonha;  
Inda bem; vossa mente inexperta  
Só ventura, tristeza não sonha.

Está sempre co'os olhos álerta,  
Providente, dos homens a idade,  
E ao mais debil ruído desperta.

Quer saber o futuro: vaidade!  
Vós, creanças, viveis dos enganos  
Do presente; é a maior flicidade.

Longé pois esses medos tyrannos!  
Não penseis no vaivem da fortuna;  
E que alegre o destino vos una  
Com os laços de amor longos annos.

---

## PESAR

Porque nos sonhos meus não me appareces,  
Ó minha companheira idolatrada,  
Que um momento gosei, que és pó, que és nada,  
Mas que em meu coração jámais esqueces?

Não te podem mover as minhas preces?  
Ou, a poupar-me as dores costumada,  
Este meu infortunio, apiedada,  
Temêras augmentar, se a mim viesses?

Quando acordado, julgo-te commigo;  
Foges, quando adormeço; e então, ó cara,  
Desejo mais o teu semblante amigo:

Que vale o sonho mais que a luz mais clara,  
Que o ar, a voz, o garbo, o olhar antigo  
Só o sonho fieis te retratara.

---

## LAMENTO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Perchè in sogno non mi apparisci mai,  
O dolce mia compagna idolatrata,  
Che presto a me rapì morte spietata,  
Ma che al mio spirto ognor presente stai?



Le preci mie non ti muòvono ormai?  
 O ti celi perchè, ad amarmi usata,  
 Temi, se mi apparissi, che aggravata  
 Saria la doglia ch'or mi cruccia assai?

Sveglio, mi par d'averti a me davante:  
 Ma fuggi, quando dormo; e è allora ch' ardo  
 Di brama di vedèr il tuo sembiante.

Più il sogno val che luce ben fulgente:  
 Chè la tua voce, il bel contegno, il guardo  
 Sol mi ritratta il sogno fedelmente.

Genova, 16 Maggio — 1899

---

## NAS TREVAS

Alma cheia de luz, como tão cedo  
 Me privaste da luz de que eu vivia,  
 E a f'licidade me trocaste, um dia,  
 Por este escuro, perennal degredo!

Quando junto de ti, tudo era ledo;  
 Tudo me enfeitiçava e seduzia;  
 Hoje, sem ti, morreu minha alegria:  
 Do mundo, de mim proprio tenho medo.

Mas, quanto mais os annos vão passando,  
 Quanto mais o horizonte se faz triste,  
 Tanto mais a meus olhos vaes brilhando.

É que do céu as lagrimas me viste?  
 É que do céu a mim já vens baixando?  
 É que afinal a minha prece ouviste?

---

## SUPPLICA

Oh! vem; depois de tão comprida auzencia,  
 Verás como te quero, como te amo.  
 Vem a mim, ó meu anjo de innocencia;  
 Ha muito, ha muito que eu em vão te chamo.

Se este desejo meu não é demencia,  
 E inda sentes o fogo em que m'inflammo,  
 Vem-me dar um instante d'existencia;  
 Mova-te o pranto que por ti derramo.

Vem como foste: bella, graciosa,  
Meigo o sorriso, meigo o olhar, sem arte  
Sôlta a madeixa de ébano lustrosa.

Mas, se tanto não podes humanar-te,  
Que eu te veja entre os anjos radiosa,  
Para assim de joelhos adorar-te.

## Á POLONIA

Sim, tu vives ainda, embora dividida,  
Ó Polonia, infeliz, e de algemas aos pés;  
Mas, se no coração tens concentrado a vida,  
Ao corpo o coração dará força outra vez.

Quando contra o oppressor não valem as espadas,  
E o direito emmudece ao retroar do obuz,  
A liberdade e a fé, por elle desterradas,  
Vão-se n'alma esconder, e prestam-lhe mais luz.

Essa luz é que fez do jugo revoltar-te,  
E as hostes do tyranno encarar sem pavor;  
Essa luz é que veio a quéda alumiar-te,  
E attraheu sobre ti dos mais povos o amor.

E essa luz vencerá; que á discordia d'outr'ora,  
Que o abysmo te cavou da negra perdição,  
No infortunio, crisol, onde o ser se melhora,  
Sucedeu fraternal, sympathica união.

Com ella vencereis, polacos: as idéias,  
Quando justas, co'o tempo alcançam triumphar.  
Porém de três nações?! Bem fracas as areias  
São, e formam barreira unidas contra o mar.

Mas o pôtro, a miseria, o carcere, o desterro?  
Ha de a affronta, a violencia inda mais vos unir.  
Os grilhões que arrastaes fundem-se, são de ferro;  
Da patria o santo amor nada o pode fundir.

Venturosos, oh! sim, mil vezes venturosos  
Os que lograrem ver da liberdade o sol!  
Té estremecerão de jubilo, orgulhosos,  
Vossos mortos heroes no funebre lençol.

Alguns inda hão de vir co'as carnes palpitando,  
Feridos do martyrio, e de sangue a escorrer;  
Porém todos, o olhar aos céus alevantando,  
Polonia, bemdirão teu fausto alvorecer.

Se eu pudesse gosar tão esplendido dia!  
 Mas gosal-o-ha de certo este povo leal,  
 Que soffreu, como tu, do extranho a tyrannia,  
 E, como te erguerás, se ergueu livre afinal;

Este povo que te ama; e, d'aqui, do occidente,  
 Te anima e te saúda, o povo portuguez.  
 É elle que te diz por minha voz de crente:  
 Espera; e serás grande, ó Polonia, outra vez.

1888— Setembro 30

## À LA POLOGNE

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

Encor que divisée, oui, tu gardes la vie,  
 Avec les fers aux pieds, Pologne, en ton malheur!  
 Mais, si, pour toi, la vie au cœur se réfugie,  
 Le cœur rendra la force au corps, un jour meilleur.

Quand devant l'opresseur sont vaines les épées,  
 Quand sous l'obus se tait le droit persecuté,  
 La foi, la liberté vont s'abriter, frappées,  
 Dans l'âme qui reçoit d'elles plus de clarté!

Cette clarté fomente en toi la fière lutte,  
 Qui, devant le tyran, te soulève, un beau jour.  
 Elle t'enflamme doucement; malgré ta chute,  
 Des peuples sur ton sort elle appelle l'amour.

Elle vaincra. Qu'enfin la discorde s'abjure!  
 Elle creusa l'abîme où germaient tes malheurs.  
 L'épreuve est un creuset en qui l'être s'épure:  
 Que règne l'union fraternelle des cœurs!

Par elle tu vaincras. L'idée impérissable,  
 Dont la base est le droit, triomphe avec le temps.  
 Mais quoi!... trois nations! Bien fragile est le sable:  
 Sa cohésion fait obstacle aux flots battants.

Mais l'exil, la prison, la misère, les peines?  
 L'injustice, et l'affront resserrent l'union.  
 Fussent-elles de fer, s'usent toutes les chaines;  
 L'amour de la patrie est-il faillible? non.

Ah! mille fois heureux tous ceux qui verront luire  
 De cette liberté le soleil pur et beau!  
 Même ils tressailleront d'un orgueilleux délire,  
 Polonais, vos héros couchés dans le tombeau!

D'aucans ne le verront qu'avec leurs chairs bléssées,  
Martyrs frappés à mort et noyés dans leur sang;  
Mais tous, tenant au ciel leurs prunelles fixées,  
Pologne, applaudiront ton éclat renaissant.

Oh! si de ce beau jour j'avais la jouissance!  
Mais mon peuple loyal de le voir est certain.  
D'un tyran il souffrit, comme toi, la puissance,  
Et, comme tu feras, se leva, livre enfin.

Du fond de l'occident ce peuple te salue;  
Il t'aime, et confiant dans ton futur essor,  
Il te crie aujourd'hui par ma parole émue:  
Espoir, Pologne, espoir! Tu seras grande encor!

---

## FLORES MURCHAS

Flores que ella colheu, que ella estimava,  
Que me offertou na quadra da ventura,  
Que fizestes d'aquella formosura,  
Com que prodigo o céu vos adornava?

Onde o cheiro que o ar embalsamava?  
Onde o verde, onde o mimo, onde a frescura?  
Onde o vario matiz e a graça pura,  
Que tanto a sua graça retratava?

Tudo, tudo acabou, vendo-vos, digo;  
Mas tivestes do que ella melhor fado;  
E entre ella e vós a differença é esta:

Posto muchas, viveis, estaes commigo;  
Não provastes da morte o gume irado;  
E de quem vos colheu já nada resta.

---

## O SEU RETRATO

Horas e horas contemplando passo  
Teu querido retrato,  
Mulher que tanto amei, que choro tanto,  
Que inda amo após a morte;  
E, dos sentidos illusão suave,  
Suave a um tempo e amarga,  
Muita vez, alheado do presente,  
A força de admiral-o,

Julgo que suas fórmãs se relevam,  
Se destacam do quadro;  
Que é um ente real. Se movo os labios,  
Os labios tambem move;  
Se nos seus olhos os meus olhos cravo,  
Egualmente elle fita  
Em mim o olhar, sereno, scintillante,  
Como outr'ora, banhado  
De amorosa expressão, mas sempre triste;  
Se lagrimas derramo,  
Creio vel-o tambem vertendo lagrimas.  
Tal foste: nossas almas  
Uma na outra amantes se fundiam;  
Um do outro reflexo  
Os nossos rostos eram. Mas agora  
É tudo um mero engano.  
Sou eu que presto vida á tua imagem,  
Inanimada, immovel;  
Já não tens voz, nem lagrimas, nem risos;  
Não me vês; não te vejo;  
Perdi-te para sempre! Agora apenas  
N'este embaciado espelho,  
N'este esboço da tua formosura,  
Góso ainda, illudido,  
Da tua companhia, e alguns instantes,  
Só rapidos instantes,  
Á nossa flicidade me remonto.

---

## ADEUS

Vaes, amigo, deixar-nos; em breve  
Sôa a hora da triste partida:  
Já a barca se agita insoffrida,  
Escutando dos nautas a voz;  
Já as candidas velas desfralda  
Enfunadas ao sopro do vento;  
Dentro em pouco, inda mal, n'um momento,  
Levar-te-ha pelas ondas veloz.

Porque assim minha terra abandonas,  
Que é a terra tambem do teu berço?  
Porque a trocas por clima diverso  
E tão outro do nosso paiz?  
Não te prende d'alguem a lembrança?  
Não te prende dos teus a morada?  
Nem o pranto da mãe consternada,  
Que vivia a teu lado feliz?

Se soubesses a dor que te espera!...  
 Se soubesses como é que soffremos,  
 Quando longe dos nossos vivemos!...  
 Quando, fóra do solo natal,  
 Impiedoso, sem tregua, nos mata,  
 Entre o tédio, o pesar, a anciedade,  
 Esse cancro que chamam saudade,  
 Esse d'alma buído punhal!...

Vaguear entre gentes extranhas;  
 Não achar um semblante de amigo;  
 Aceitar dos extranhos o abrigo,  
 Que por norma o interesse só te'm;  
 Ver, ouvir o que menos importa,  
 Leis, costumes, um mundo indifferente;  
 E d'aquelles de que andas ausente  
 Não ouvir conversar a ninguem;

Não ouvir esta lingua que é nossa,  
 Que bebemos co'o leite da infancia,  
 Que do lar nos minora a distancia,  
 Que nos traz do que amâmos o olor,  
 Esta lingua expressiva e tão nobre,  
 Esta lingua gentil portugueza,  
 Que nenhuma equipara em pureza,  
 Em donaires, em chiste, em sabor;

Eis a sorte infeliz que te espera.  
 Porê'm tu, da existencia na aurora,  
 Mal escutas quem geme, quem chora;  
 Mal attendes a voz da razão!  
 Parte pois; corre atrás do delirio  
 Que da casa paterna te afasta,  
 Que te engana o sentir, que te arrasta;  
 Corre atrás do prazer, da ambição.

A ventura distante imaginas,  
 Quando a tens aqui mesmo tão perto!  
 O mysterio, o phantastico, o incerto  
 De brilhantes te engasta o porvir.  
 Pois não ha melhor terra que a nossa;  
 Basta ser nossa Patria querida,  
 Nossa mãe, nosso amor, nossa vida.  
 E tu vaes desprezal-a e partir!

Adeus pois; volta breve ditoso;  
 Eis por ti os meus intimos votos.  
 Mas quem lê nos destinos ignotos?  
 Mas quem sabe quando has de tornar?  
 Se eu verei esse dia esperado?  
 Se os meus annos velozes e escassos  
 Me darão qu'inda possa nos braços  
 Satisfeitos o amigo apertar?

## INCITAMENTO

AO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

Como o soberbo, caudaloso Douro,  
 Que ora, manso, permite ao mar entrada,  
 E te leva a abundancia desejada,  
     Do commercio o thesouro,  
 Ora, insoffrido, se entumesce e alteia,  
 Corre veloz, as margens accomette,  
     Coisa alguma o refreia,  
 E contra o mar, indomito, arremette,  
 Assim tu és, ó Porto, sempre forte,  
     Quer da paz no regaço,  
     Quer arrostando a morte  
 Com teu constante, destemido braço,  
     Tu, activa cidade,  
 Severa, infatigavel luctadora,  
 No continuo lidar de cada dia,  
     Tu, que em tuas muralhas  
 Acolheste a fugida liberdade,  
     E a fizeste senhora,  
     Depois de em cem batalhas  
 Destroçares a feia tyrannia.

Porque laboras tanto,  
 Porque és tão denodada,  
 E, se urge, deixas, sem soffrer quebranto,  
 O pacifico trato pela espada,  
     Com razão te envaideces,  
     E em todas as partes  
     Do orbe resplandeces;  
     Mas de amar a sciencia,  
     De amar as bellas artes  
     Por isso não te esqueces,  
 Nem de perpetuar teus altos feitos,  
 Nem, entre os que te devem a existencia,  
 D'esses que foram pelo céu eleitos  
 Para, com fama excelsa e merecida,  
 Gosar eterna luz, eterna vida.

Já dentro de teus muros  
 Ha muito que erigiste ao cerco egregio,  
 Desafiando os seculos futuros,  
     Um monumento regio,  
 Marco do teu valor, pharol que indique  
 Da escravidão os miseros escolhos;  
 Já, mais acima levantando os olhos,  
 Do filho teu, do generoso Henrique,  
 Do que deixou na terra immenso rasto,  
 Vencendo o ignoto, os homens, as procellas,  
 Patenteando ao mundo o pégo vasto,  
 Do que tornou maior a nossa historia,

Por premio, por memoria,  
 Tu a estatua, magnanima, cinzelas;  
 E já hoje, que um seculo completa  
     O revolver dos annos,  
 Após que foste berço ao gran poeta,  
 Que fulgura entre os vates soberanos,  
 De ti, de todos nós brazão preclaro,  
     A Garrett, o divino,  
 Já hoje de mãe terna o affecto raro  
 Te leva a conceber o pensamento  
     De alçar-lhe um monumento,  
 Como o pede seu genio peregrino.

E quem mais t'ó merece?  
 Quem, depois de Camões, ha conquistado  
 Melhor nas lettras e mais verde palma?  
 Quem, depois de Camões, do nosso povo  
 Na sua resumiu a grande alma,  
     Como elle, o trilho usado  
 Largando, e abrindo outro caminho novo?  
 Em quem mais a sua alma reflor'ce?

Quem o igualou do estylo na elegancia  
     Ou no verso ou na prosa,  
 No estylo unico, seu, inimitavel,  
 Grave, singelo, artistico, adoravel?  
 Quem do nosso passado na fragrancia,  
 Quando n'este, sagaz, escolhe os themas,  
 Com que nol-o retrata em seus poemas,  
 No drama, na comedia graciosa?

Ufana os restos seus guarda Lisboa,  
     E com razão te inveja  
 Têl-o por filho; como seu o aclama  
 Inteiro Portugal; e o mundo inteiro,  
     Ouvindo o pregoeiro  
     Brado da illustre fama,  
 Que dia a dia mais e mais resôa,  
 Como filho o contar tambem deseja.

Não te demores pois; o effeito siga  
 A justa idéia. Já que o ser lhe déste,  
 Que és apenas madrastra ninguem diga,  
 Nem que de amal-o e honral-o a vez cedeste.

E não, não cederás, porque o não debes,  
 Porque seria imperdoavel falta;  
     Nem a isso te atreves;  
 Porque assim mais teu nome inda se exalta;  
 Porque então só, real o teu intento,  
 Só então, completada a trilogia



Dos astros do teu bello firmamento,  
 Bem poderás dizer com ufania:  
 Meu monumento fiz no monumento  
 À liberdade, á gloria, á poesia.

1899—Janeiro

## ESORTAZIONE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Come il superbo Doro,  
 Che or calmo lascia al mar libera entrata,  
 E a te trae l'abbondanza desiata,  
     Del commercio il tesoro;  
 Ora si gonfia e irrompe alteramente,  
 Corre veloce, i margini conquassa,  
     Nessun freno consente,  
 E fin cozza col mar e gli fa guerra;  
 Tale, o Porto, tu sei. Tu sempre forte  
     O in ceno della pace,  
     O affrontando la morte  
 Con un valor che a tema non soggiace;  
     Tu, cittade severa,  
 Altiva, infaticabil battagliera,  
 Nelle continue lotte della vita,  
     Tu, che fra le tue mura  
 Accogliesti la liberta sbandita,  
     La creasti regina,  
 Dopo compiuta in cento aspre battaglie  
 D'un tirannico regno la ruina.

Perchè ti àgiti tanto,  
     Sei tanto coraggiosa,  
 E sai, nell'ora del cimento, armare  
 Di spada il braccio uso ai lavori industri  
     A ragion men vanto,  
 E vola di te fama gloriosa  
 Fra le genti dell'orbe colte e illustri;  
     Però di amar la scienza,  
 E all'arti belle dar culto sincero  
     È tuo gentil pensiero;  
 Nè lasci di eternar tue glorie eccelse,  
 Nè di quei, che a te devon l'esistenza,  
 E che ad alto destino il ciel prescelse,  
 Ti scordi di esaltar l'arte e l'ingegno  
 Con che resero onore al Luso regno.

Già dentro de'tuoi muri  
 Tu innalzasti un regale monumento,

Che sfidi il tempo, e ai sècoli futuri  
 Narri in sublime accento  
 Il tuo valor, e sia faro che irraggi  
 Di tirànnide gli atti empì e selvaggi.  
 Ti vedo altrove a modellare intenta,  
 Per premio e per memoria,  
 Una statua a un tuo figlio, a quell'Enrico,  
 Che, impressa in terra una indelebil orma,  
 Apriva un'era nuova nella storia,  
 Squarciando al mondo il velo dell'ignoto,  
 Scoprendo nuove plaghe e un mar remoto,  
 Del nome Lusitano a immortal gloria.  
 Ed oggi, che una lunga serie d'anni  
 Un secolo completa  
 Dacchè tu fosti culla al gran poeta,  
 Che tien fra i vati un de'più eccelsi scanni,  
 A colui ch'è tuo onore sempiterno,  
 A Garrett, il divino,  
 Oggi, ispirata da un amor materno,  
 Concepisti un sublime pensamento  
 D'alzare un monumento  
 Degno di questo genio pellegrino.

E chi ne è mai più degno?  
 Chi mai, dopo Camões, ha conquistato  
 Fama più bella, onor più meritato?  
 Chi mai, dopo Camões, scrutò, come esso,  
 Del popol nostro la grand'alma; e, smesso  
 L'uso vetusto, aprì nuovo camino?  
 E in chi mai, più che in lui, brillò quest'alma?

Chi d'eleganza gli può tor la palma,  
 Nella prosa o nel verso,  
 In quel suo stil d'una ideal purezza,  
 Semplice, grave, imaginoso e terso?  
 Chi gli stà a par, quando ei nella ricchezza  
 Dei nostri fasti sceglie i più bei temi  
 E riviver li fa nei suoi poemi,  
 E in drammi che ne eternan la memoria,  
 O in comedie eleganti?

Le spoglie sue serba or gelosamente  
 Lisbona bella, e di te invidia sente,  
 Di te, che fosti madri a tanto figlio.  
 Intanto il mondo intero,  
 Scosso all'applauso unanime, sincero,  
 Con che il gran vate Portogallo acclama,  
 Suggella col suo plauso sì alta fama,  
 E come proprio figlio lo proclama.

Dunque non indugiar. Al gran progetto  
 Segua tosto l'effetto;  
 Perchè niun creda ch'ora sei matrigna,  
 Tu, sua madre benigna.

Ma no: a nessun tu cederai l'onore  
 D'esser la promotrice  
 D'idea così felice,  
 Perchè tu stessa n'avrai merto insigne.  
 Così si comirà la trilogia  
 Degli astri del tuo puro firmamento,  
 E potrai dir con vero fondamento:  
 Tre monumenti alzai,  
 Con essi consecrai  
 E gloria, e libertade, e poesia.

## EXHORTATION

VERSÃO DO SR. HENRIQUE FAURE

Tantôt, dans un calme parfait, le Douro superbe offre un libre accès à la mer, et il apporte dans ton sein, ô Porto, l'abondance attendue, avec les trésors du commerce; tantôt, au contraire, il se corrouce, gonfle et soulève ses eaux, court avec impétuosité, mord ses rives, et, sans être arrêté par aucun obstacle, se précipite au devant des flots indomptés de l'océan.

Porto, ce fleuve est ton image: toujours forte et puissante, soit en pleine paix, soit en face de la mort, que repousse ton bras résolu et infatigable, tu restes, toi, une cité active et redoutable, luttant, sans te lasser jamais, dans la bataille qui chaque jour recommence. C'est dans tes murs que trouva un asile assuré la liberté errante et fugitive; c'est par toi qu'elle triompha, par toi, qui, dans cent combats avais abattu la hideuse tyrannie.

C'est parce que tu sais ainsi combattre avec ardeur déployant un vrai courage, et, quand il le faut, délaissant pour l'épée les travaux pacifiques, que tu as le droit de t'énorgueillir, et que ta gloire resplendit jusqu'au bout de l'univers. Mais tu ne sacrifies, pour cela, ni le culte des sciences, ni l'amour des lettres; tu sais perpétuer la mémoire de tes hauts faits, et aussi celle des grands hommes à qui tu as donné le jour, ceux qui furent les élus du ciel, à qui il réserva une brillante et juste renommée, et à jamais la lumière de l'éternelle vie.

Voilà longtemps déjà que, dans tes murs, en souvenir d'un siège héroïque, tu as élevé, défiant les outrages des siècles à venir, un admirable monument, qui atteste ta valeur; c'est un phare brillant, dont l'éclat permet de voir les tristes écueils de l'esclavage.

Déjà, portant plus haut tes regards, tu as voulu consacrer la mémoire du prince Henri: à ce fils généreux, qui a laissé ici-bas un si profond souvenir, triomphant de l'inconnu, des hommes, et des éléments déchainés, ouvrant à l'activité humaine l'immensité de l'océan, et inscrivant ainsi une page glorieuse de plus dans nos fastes, tu as donné pour récompense, ville au grand cœur, une magnifique statue.

Et aujourd'hui que le cours des années complète un siècle, depuis que tu as été le berceau du grand poète, qui resplendit au milieu

des princes de la poésie, et qui fait ta gloire, comme il fait celle du Portugal, ta généreuse affection de mère tendre et dévoué te suggère la noble pensée d'élever au divin Garrett un monument digne de son rare génie.

Et qui, mieux que Garrett, mériterait, de ta part, un pareil témoignage? Qui, mieux que lui, depuis Camões, a conquis, dans le domaine des lettres, une palme glorieuse et toujours verdoyante? Qui, depuis Camões, a mieux résumé dans son âme la grande âme de notre peuple, abandonnant la route parcourue et en ouvrant une nouvelle? Qui fut son égal pour l'élégance du style, soit en vers, soit en prose? Qui, comme lui, a su fouiller, avec art, notre glorieux passé et y puiser de beaux sujets de poèmes, de drames, de picantes comédies?

Lisbonne est fière de garder ses restes mortels, et c'est avec raison qu'elle t'envie ce fils, que le Portugal tout entier acclame comme sien, que l'univers attentif au bruit flatteur que fait, chaque jour davantage, sa noble et illustre renommée, voudrait aussi pouvoir compter au nombre de ses enfants.

Ne tarde donc plus: une idée juste doit être promptement suivie d'effet; puisque tu lui as donné l'être, il ne faut pas qu'on puisse croire que tu es une marâtre, ni que tu as cessé de l'aimer et de l'honorer.

Non, non, jamais tu ne cesseras de le faire, parceque tu ne le dois point, parceque ce serait, de ta part, une faute impardonnable. Non, tu ne le voudras point, parceque l'honorer c'est t'honorer toi-même. Alors seulement, par la réalisation de ce projet, sera complète la trinité des astres de ton beau ciel, et tu pourras dire, avec un juste orgueil: j'ai composé mon propre monument du triple monument élevé à la liberté, à la gloire et à la poésie.

## QUADRAS POPULARES

As pedras d'esta calçada  
Estão gastas de eu andar;  
Só não podem meus suspiros  
Tua crueza gastar.

Mal me queres, mal me queres,  
Que m'o disse o malmequer;  
Mas eu creio nos teus olhos;  
N'uma flor não posso crer.

Na estrada de San Tiago  
Ha seis estrellas maiores;  
Uma letra é cada uma  
Do nome dos meus amores.

Se as telhas do teu telhado  
Fossem todas de crystal,  
Quem fôra sol de verão,  
Para por ellas entrar!

— Minh'alma gemia sempre,  
Sem saber porque gemia;  
Era que nunca a minh'alma  
Nos teus olhos se revia;

Mas desde que meu espelho  
Fiz d'elles um certo dia,  
Tornaram-se os meus gemidos  
Em cantares de alegria.—

— Inda bem que a minha amada  
Vive nas margens do Douro,  
Onde serras mais o encobrem;  
São guárdas do meu thesouro;

Que ella vale mais que a prata,  
Que ella vale mais que o ouro;  
Oxalá fosse mais branda,  
Não como as serras e o Douro!—

Hontem, quando eu acordei,  
Teu nome pronunciava;  
Mas com elle alguns suspiros,  
Não sei porquê, ajuntava.

Pelas estrellas te juro,  
Por teus olhos porque não?  
Que só tu entre as formosas  
Tens de prender-me o condão.

Se desejos acabassem,  
Ha muito que eu já morrera;  
Mas desejos são esp'ranças;  
E quem ama sempre espera.

Dizes que eu não tenho graça!...  
Como é que hei de graça ter?  
A graça á força de choros  
Tu m'a fizeste perder.

Ó limoeiro que trepas  
Da minh'amada á janella,  
Quem chegara onde tu chegas  
Para ver o que faz ella.

— Portugal é como um barco  
Feito para navegar;  
Por isso o poz Deus, creando-o,  
Junto das ondas do mar;

Por isso de San Vicente  
Deu-lhe o g'rupés a aproar  
Ao rumo de sudoeste,  
Por onde havia de andar

Novas terras descobrindo,  
O oceano a devassar,  
Para que chegasse á India,  
Para á America chegar.

Agora repouisa ha muito  
De tanto e tanto lidar,  
Canta canções do passado,  
E está o vento a esperar,

Que não esqueceu ainda  
Que Deus o poz junto ao mar,  
Como um barco aventureiro  
Feito para navegar. —

Fui encher a bilha á fonte;  
Mas era salgada a agua  
De n'ella chorarem tanto  
Meus olhos a minha magoa.

Se tu queres, e se eu quero,  
Que importa o mundo não queira?  
Não ouve a paixão conselhos;  
De si mesma é conselheira.

Eu sou como as andorinhas,  
Que buscam sempre calor:  
Eu fujo de quem não ama;  
Procuro quem tem amor.

Trigueirinha de olhos verdes,  
Não te amo como tu crês;  
Desejo só eu tuas graças,  
E a muitos fazes mercês.

Á porta da tua casa  
Nasce uma fonte de prata;  
Quem a vê cega de amores,  
Porém a sede não mata.

É o melhor da ventura  
Pela ventura esperar;  
Pois os gostos d'esta vida  
São amargos no acabar.

Vens cansada do caminho;  
Muito andaste, ó meu encanto?  
Se andasses pelo meu braço,  
Não te cansarias tanto.

És pequena de figura,  
Pequena de coração;  
Só és grande na maldade,  
Na dureza e ingratidão.

És filha do quente Algarve;  
Eu sou da serra da Estrella;  
Porém no amor nos trocámos:  
Tu és neve, eu fogo, ó bella.

Tu a dizer-me que não;  
Eu a dizer-te que sim;  
Eu atrás de ti correndo;  
E tu fugindo de mim.

O limão, posto que azedo,  
Ao comer dá mais sabor;  
Os ciumes são azedos;  
Mas dão mais graça ao amor.

Foges de mim? Não me queres?  
Tambem fugirei de ti.  
Vou-te mandar uma carta  
Dizendo-te que morri.

Trazes um vestido novo,  
Que te fica muito bem.  
Não se sabe quem t'ó deus;  
Não foi teu pae, nem tua mãe.

Se não me tinhas amor,  
Para que é que m'ó dizias?  
Se sorrias para outro,  
Para que é que me sorrias?

Sempre ando atrás de teus passos,  
Ou eu, ou meu pensamento.  
Assim os males engano;  
Assim vou passando o tempo.

Entre Anninhas e Carlota  
Não sei qual hei de escolher:  
Uma quero por amar-me;  
Outra por não me querer.

Tens em vasos á janella  
A rosa, o cravo, e outras flores;  
Só do coração no vaso  
Te faltam ós meus amores.

Padeço quando té vejo;  
Se não te vejo, padeço;  
Ama-te alguém como eu te amo?  
O teu rigor não mereço.

—Montes como os nossos montes  
Rio como o nosso rio,  
O nosso Lima fagueiro,  
N'este mundo ninguém viu.

Elles sobem graciosos,  
Té'm o contorno macio;  
Parecem peitos de moça  
Que inda a homem não sorriu.

Elle corre manso, claro,  
De tristezás arredio;  
Parece um collar de perolas;  
Parece de prata um fio.—

A ventura e a desventura,  
Quando se alongam co'os annos,  
Fazem-nos ambas saudade:  
É que deixam desenganos.

Quando fôres pela estrada,  
Não olhes para ninguém;  
Eu adivinho o que fazes;  
Que adivinha quem quer bem.

Olham sempre por costume  
Meus olhos uma janella;  
Não se lembram os meus olhos  
Que m'esqueceu minha bella.

As almas do purgatorio  
Com orações se libertam;  
Só eu peço, e não me attendem;  
E os meus tormentos apertam.

Hei de pôr entre nós dois  
O monte do esquecimento,  
Para ver se assim descanso  
Afinal do meu tormento.

Interoguei os teus olhos;  
Quiz saber a minha sina;  
São surdos-mudos; não ouvem,  
Nem falam, minha menina.

Se nasceste junto ao rio  
Que tem por nome Sabor,  
Porque é tão indifferente  
E sem gosto o teu amor?

Vou mandar fazer um barco  
Para passar estes mares,  
Só para mim, onde eu caiba,  
E não caibam meus pezares.

—O sino da minha aldeia,  
Quando convida á oração,  
Acorda tanta amargura  
No meu pobre coração!

D'antes dizia-me esp'rança  
De venturosa união;  
Agora diz-me tristeza!  
Agora diz-me não, não!—

Fui atrevido, imprudente,  
Ousando seguir-te os passos;  
Dá-me a pena que mereço;  
Agrilhôa-me em teus braços.

—Ai do misero que chega  
Tudo a gosar, tudo a haver!  
Ai d'elle! que não lhe fica  
Nada mais para querer!

É melhor do gôso a taça  
Té ao fundo não beber,  
Para depois todos juntos  
Os males não padecer,

Para que nos reste ainda  
Após a dôr. o prazer,  
Após a duvida a esp'rança,  
Após a morte o viver.—

Ah! quem pudera arrancar-te,  
Ó coração, do meu peito,  
Antes que o queimes de todo,  
E seja em cinza desfeito!

Semei no campo flores;  
Crestou-m'as amor ardente;  
Quiz revivel-as com pranto;  
Deram abrolhos sómente.

Se eu talhasse o teu vestido,  
Faria n'elle dois ninhòs,  
Para ver, quando te visse,  
No seu pombal teus pombinhos.

O teu amor não tem azas;  
Não sei que amor é o teu.  
Se não tem azas, não vôa,  
Não pode seguir o meu.

Quando me vires de preto,  
Não te espantes do meu dô;  
Por minh'alma trago lucto;  
Meu corpo é viuvo e só.

Entre nós, por desventura,  
Ha mui grande differença:  
Sem te ver, vejo-te sempre;  
Tu não me vês na presença.

Em busca não sei de quê  
Eu ia por esses montes,  
Veio amor, viu-me abrasado,  
Fez meus olhos duas fontes.

Quem me dera ter as penas,  
As penas que tinha outr'ora;  
Andava triste com ellas;  
Porêm mais triste ando agora.

Se a beijei, foi por engano;  
Porque temos o costume  
Eu e tu de nos beijarmos;  
Não sintas d'isto ciúme.

Que hontem juntos passeamos  
Não o contes a ninguem;  
Podem julgar que houve mal  
No que sómente houve bem.

—Os moínhos d'esta serra,  
Com as velas a alvejar,  
Postos no mais alto d'ella,  
Como que ao longe a mirar,

Parecem pombas de neve,  
Que fugiram do cazal,  
E que já batem as azas  
Para outro sitio buscar.

Os moínhos d'esta serra  
Lembram-me a soidão do mar;  
Pois quando a seara em torno  
O vento curva ao passar,

Parecem mesmo navios  
Que as ondas vão a sulcar,  
Inchadas as brancas velas,  
A gemer, a assoviar,

Como assovia na enxarcia  
O sopro do vendaval,  
E como gemem os mastros  
No encontrado baloiçar.

Mas ainda outra lembrança  
Me trazem, cruel pensar!  
De uns dias de f'licidade,  
Que jamais hei de olvidar,

Que n'outro, d'aquí distante,  
Com ella vi deslizar,  
De uns dias que me fugiram  
Como pombas, a voar,

Ou como barco ligeiro  
Que corta as aguas do mar,  
De uns dias que talvez nunça  
Eu torne eguaes a encontrar!

Ah! montes da minha terra  
Ah! meu moínho sem par,  
Quando vos terei de novo!  
Quando a poderei gosar!—

Se me appareces eu tremo,  
Foge-me o sangue do rosto;  
Não é medo, não é pejo;  
Mas é de ambos um composto.

O meu peito é como o vidro,  
Como o vidro transparente;  
Vês a doença que o mata;  
Podes curar o doente.

Mandei fazer um lettreiro  
Para escrever n'um jazigo,  
Onde enterre meus cuidados,  
Quando viveres commigo.

—Antes de chegar ao Tejo,  
Disse o Zezere ao Nabão:  
Tenho medo de entrar n'elle;  
Une-te a mim, meu irmão.

És pequeno, eu mais ainda;  
Que val, torna este, a união?  
E o Tejo: quereis ser grandes?  
Juntae-vos a mim então.

O Ponsul, o Erges, o Ocreza  
E outros já commigo vão.  
Quando sós eram bem fracos;  
Agora fortes estão.

Mas o mar que o ouve, ao longe,  
Brada com voz de trovão:  
Grande só eu; venham todos;  
Todos em mim morrerão.—

O que farei a teus olhos  
Que não sejam cubiçados?  
Vou escondel-os de todos  
Na minh' alma bem guardados.

Hontem ferido e voando  
Vi pelo ar um passarinho  
Até no chão cahir morto.  
Foi como eu o coitadinho.

É teu rosto um céu aberto;  
Os teus olhos são dois soes;  
Os teus beijos, quando salam,  
Cantam como os roixinoes.

—Dizei, menina, dizei,  
Porque sabel-o preciso,  
Se por esses claros olhos  
Se vae para o paraíso.

—Só Deus a estrada conheço  
Que vae para o paraíso;  
Toma tu por essa fóra;  
De teus gabos não preciso.—

—Minha morena engraçada,  
Se te não der a preguiça,  
No domingo muito cedo  
Vae á igreja ouvir missa.

—Eu não posso ir á igreja,  
Que minha mãe me não deixa,  
Porque dos nossos amores  
Já muita gente se queixa.

—Se tu não vaes á igreja,  
Tambem não vaes para os céus;  
Fugir da igreja é peccado;  
Amar é servir a Deus.

—Pois casemo-nos depressa,  
E acabe a murmuração;  
Que depois todos os dias  
Nós faremos oração.—

—A planta que eu mais estimo,  
De todas do meu quintal,  
É uma que as folhas abre  
Á luz do sol matinal.

Mas, quando elle se retira,  
Começa a sentir-se mal,  
E as folhas de novo fecha,  
E não é ao que era equal.

Assim eu, se á minha amada  
Vejo o rosto celestial,  
Abro o peito, e, se ella foge,  
Cerro-o em noite sepulcral.

Por isso estimo esta planta,  
E só por isso ella val  
Para mim mais do que todas  
Que tenho no meu quintal.—

—Pedro foi á festa  
Porque foi Maria;  
Se eu o adivinhasse,  
Tambem lá iria;

Pois saber quizera  
Se tambem Maria,  
Por ir Pedro á festa,  
Só á festa iria.—

—Da tua casa as janellas,  
Quando fechadas estão,  
Parece que tambem sinto  
Fechar-se-me o coração.

Mas, quando, mesmo sem ver-te  
As vejo de longe abrir,  
Dissera que me conhecem,  
Que estão para mim a rir.—



## RICORDO INDELEBILE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ah! quanto tempo è già trascorso, ah! quanto!  
 Che in te, Patria adorata, io fo dimora;  
 Pur l'alba di quel di ricordo ancora,  
 In che ti ravvisai piena d'incanto,

E tutta avvolta in vaporoso manto  
 Dalla linfa del Tago emerger fuora,  
 Fantastica vision, bramata ognora;  
 E entusiasmato lietamente ho pianto.

Non rammento l'esilio, la sventura;  
 Penso al di in che ti vidi, solamente,  
 Giorno che anc'oggi in suo fulgor perdura,

Che il passato a'miei sguardi fa presente,  
 Che fa qualunque altra allegrezza oscura,  
 Che bagna ancò d'amor quest'alma ardente.

## ENGANO

Quanta vez fitar os olhos  
 Tentei nos seus, mas em vão!  
 Que, ao vêl-os, ferido, trémulo,  
 Baixava os meus para o chão.

Quanta vez tentei falar-lhe,  
 E a palavra me faltou;  
 Que para o que n'alma tinha  
 Nenhuma voz me bastou.

Quantas quiz seguil-a, e os passos  
 Força ignota me prendeu;

Que não ousava, homem fraco,  
 Seguir um ente do céu.

E suppoz que a não amava,  
 Porque nunca lhe falei,  
 Porque não lhe fiz protestos  
 E a seus pés me não rojei.

Ah! crêste-o, porque não tinhas,  
 Como eu supuz no fervor  
 Do meu sonho, uma alma propria  
 Para entender este amor.

## TÄUSCHUNG

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Oft versucht' ich, in die Augen  
 Ihr zu schau'n, doch stets vergebens;  
 Sah ich ihre, schlug ich meine  
 Nieder, wund und voll Erbebens.

Oft auch wollt' ich mit ihr sprechen,  
 Doch die Stimme stockt' im Munde;

Konnte doch kein Wort es künden,  
Was ich fühlt' im Herzensgrunde.

Oft versucht' ich, ihr zu folgen,  
Doch mich hemmt' ein inn'res Mahnen;  
Denn ich armer Mensch, ich wagte  
Nicht zu geh'n auf Engelbahnen.

Und sie wähnt', ich liebte nimmer,  
Weil ich's nie mit Worten sagte,  
Nie es ihr beschwur mit Eiden,  
Nie zu Füßen ihr es klagte.

Ach, sie glaubt' es; denn sie hatte,  
Wie ich's einst im Drang der Triebe  
Still geträumt, in ihrer Seele  
Kein Verständniss solcher Liebe.

Münster (Westfalen) 30-V-96.

## SATISFAÇÃO

AO SR. FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

Parabens, ó artista; do talento  
O desejado premio emfim ganhaste:  
No certamen do humano entendimento  
Com a tua victoria nos honraste.

O desamor, a prepotencia, o enredo  
Puderam mais na Patria que a justiça;  
Porêm tu, despresado, mas sem medo,  
Entrar quizeste na gigante liça.

Assim faz quem no merito se esteia,  
O que tem no seu fado confiança:  
Ouve apenas a intriga que o rodeia,  
E trabalha co'os olhos na esperanza.

Festejam-no os applausos lisongeiros?  
Redobra de animo e na marcha segue.  
Acolhe-o a indiferença? Annos inteiros  
Lucta, aguardando que o momento chegue;

O momento que raia muitas vezes  
Só quando na peleja emfim succumbe,  
Muito embora depois com seus revezes  
Seu engenho nos seculos retumbe.

Mas tu, vivo, já tens a recompensa;  
A capital da França é que te aclama,  
E o devido triumpho te dispensa,  
Fazendo apregoar-te ao longe a fama.

Venceste; e a nossa terra jubilosa  
 Para te unir ao peito alonga os braços;  
 Venceste; e a senda ingrata e fadigosa  
 Se abre plana deante de teus passos.

Porêm não te deslumbram as victorias,  
 E perdôas á Patria arrendida:  
 Bem sabias o que eras; tuas glorias  
 Reflectes n'ella, pois te ha dado a vida.

Mas o dextro buril não pões de parte,  
 Nem descansas ao menos um momento:  
 Vives para a familia e para a arte,  
 E no louvor tens novo incitamento.

1867

---

## A UM LIVRO DE ORAÇÕES

Quando te vejo, ó livro precioso,  
 Estremeço de amor, supponho vêl-a,  
 Amor puro, amor santo, amor piedoso;  
 E não pude no mundo conhecêl-a!

Principiu-te a ler; extranho goso  
 Me dulcifica, porque penso n'ella;  
 Não me lembra sua voz, ai! desditoso!  
 E em minha voz eu julgo percebêl-a!

Livro de suas lagrimas regado,  
 Livro de suas dores confidente,  
 Da que perdi, no mundo mal entrado,

Livro de minha mãe, em ti vivente  
 Mostra-m'a quasi o filial cuidado.  
 Oh! milagre de amor! Como és potente!

---

## AD UN LIBRO DI PREGHIERE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Quando ti veggo, o libriccin' prezioso,  
 Par che lei vedo, e allor mi strugge amore,  
 Amor puro, amor santo, amor pietoso;  
 Nè la potei conoscere; oh, dolore!

Ti stò leggendo; e un senso delizioso,  
 Pensando a lei, d'amor doppia l'ardore;  
 Ahimè! della sua voce il suon m'è ascoso;  
 Pur nella voce mia l'ascolta il core.

Libro dalle sue lagrime bagnato,  
Libro dei suoi dolori confidente,  
Di colei, che ho perduto, appena nato,

Libro della mia madre, in te vivente  
Quasi ella appare al mio pensier turbato.  
Oh! prodigio d'amor! Sei ben potente!

Genova - 1886 - Nov. 6

## SEM PERFUME

Porque deixaste o mysterio,  
Onde vivias sósinha?  
Porque vieste queimar-te  
Na luz do mundo, louquinha?

Não te bastavam as sombras  
Do arvoredor, a luz coada  
Por entre ramos, e o canto  
Das aves na madrugada?

Antes quizeste o sol claro,  
Antes a aberta campina,  
Onde tudo a vista alcança,  
Mas cujo calor fulmina.

Dissiparam-se os segredos,  
As nuvens que te encobriam  
Este mundo, e tão formoso  
A teus olhos o faziam.

Sabes muito; porêmsabes  
Tambem que a tua innocencia  
Era na vida o teu eden,  
Valia mais que a sciencia.

Fôra-te longo o futuro,  
Fôra dos céus a miragem,  
Se na corrente dos annos  
Tu fizesses a viagem,

A pouco e pouco, em teu barco,  
Entre illusões, se a grinalda  
De rosas a não queimasses  
Ao fogo que tudo escalda.

Em vez d'isso, de repente,  
Sequiosa de liberdade,  
Das illusões te despiste,  
Encaraste a realidade.

Eis-te no fim do caminho,  
Quando mal o começavas.  
Que é da paz em que vivias?  
Que é dos sonhos que sonhavas?

Tudo se foi; passou tudo;  
E ao mundo tu'alma aberta  
Perdeu o viço, a belleza,  
Ficou muda, só, deserta,

Como a arvore frondosa,  
Ninho de aves e de flores,  
Lyra das auras tocada,  
Urna mystica de odores,

Que o tufão tomou nos braços,  
E, perdida a florea coma,  
Viu fugir, tronco despido,  
Canto, passaros e aroma.

## SIN PERFUME

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOIÉL

¿Por qué, dejando el misterio  
En que solita vivias,  
Quemaste á la luz del mundo  
Las alitas que tenias?

¿De la arboleda las sombras,  
Luz entre ramos filtrada,  
No te bastaron? ni cantos  
De amor de la madrugada?

Ah! preferiste el sol claro,  
Que el ancho campo ilumina,  
Donde el ojo abarca todo,  
Pero que abrasa y fulmina!

Penetraste los secretos,  
Las nubes que te ocultaban  
Este mundo, y tan hermoso  
À tu vista lo mostraban.

Sabes mucho; mas bien sabes  
Que la inocencia que ayer  
En la vida era tu gloria  
Valía mas que el saber.

Largo fuera tu futuro,  
Reflejo del cielo fuera,  
Y entre dulces ilusiones  
Tu jornada trascurriera,

Sobre el curso de los años,  
En tu barca de esmeralda,  
Si en ese fuego no ardiesen  
Las rosas de tu guirnalda.

En vez de eso, de repente  
Tu pasión de libertad  
La ilusión quemó en las aras  
De la triste realidad.

Héte al cabo del camino,  
Quando apenas lo empezabas;  
¿Dó está la paz de tus días?  
¿Dó los sueños que soñabas?

Todo pasó, todo, todo...  
Y al mundo tu alma abierta,  
Ya sin frescor, ni belleza,  
Quedó vacía y desierta,

Qual árbol verde y frondoso,  
Nido de aves y de flores,  
Lira por áuras tocada,  
Urna mística de amores,

Cuya copa, en un momento,  
Fuerte borrasca desploma,  
Y, tronco seco, ve huirse  
Cantos, pájaros y aroma.

## AO INFANTE D. DUARTE

### A PROPOSITO DA SUA HISTORIA

Pedra a pedra, erigi-te um monumento,  
Ó Príncipe infeliz, modesto embora.  
Sympathisei com tanto soffrimento.

Evoquei tua sombra gemedora,  
Não do tumulo, não, que está perdido,  
Que não sabe ninguem onde és agora,

Porêem da ingratição, do fundo olvido,  
Em que tinhas o nome sepultado,  
Quasi como se nunca houvera sido.

Interroguei os annos do passado,  
Dia e noite, da historia nos volumes;  
Dos archivos o pó amontoado

Alevantei; e, assim como em cardumes,  
Do remo ao compassar, brotam fulgentes,  
Innumeraveis, inquietos lumes

Dos mares do equador nas noites quentes,  
Assim brotaram d'esse pó antigo  
Da tua vida raios mil ardentes.

Afeiçoei-me a ti; fui teu amigo;  
 Quiz ter parte na tua desventura;  
 Nas alegrias me alegrei contigo.

No palacio ducal, na edade pura,  
 Ao lado de teu pae, seu companheiro,  
 Vi-te; ou correr dos bosques na espessura

O fero javali; ou, cavalleiro,  
 Dos jogos marciaes, das regias festas  
 Ser dos mais afamados o primeiro;

Depois do lar nas dissenções funestas,  
 D'onde o peregrinar, d'onde o desterro,  
 Da guerra e do infortunio as horas mestas;

Depois, por entre o sangue, o fogo, o ferro,  
 Em pró te expondo de uma causa extranha,  
 E tendo em paga das prisões o encerro,

Vendido pelo imperio de Allemanha,  
 Para expiar a nossa liberdade,  
 Ao oiro, á força da irritada Hespanha!

Passau, Gratze, Milão, eis a trindade,  
 Ó martyr, dos teus passos ao calvario,  
 Sempre a aspirár do dia á claridade,

Sempre da Patria no destino vario  
 Co'o coração e os olhos saúdosos,  
 E perseguido sempre do contrario.

Para quebrar-te os ferros impiedosos  
 Quantos esforços vão! que desenganos!  
 Por que transes passaste amargurosos!

Até que finalmente, após oito annos,  
 Já não podendo mais a natureza,  
 Com a morte escapaste dos tyrannos.

Mas nem por isso abriram mão da presa:  
 No carcere o teu corpo sepultaram,  
 Inda em damno da gente portugueza!

Mas nem aqui teus males acabaram:  
 Iras d'Hespanha e a nossa indiferença  
 Para perder-te os restos se ajustaram!

Da escura ingratitude, da atroz offensa  
 De quem serviste e amaste, envergonhado,  
 Sem o peso medir da carga immensa,

Eu, de tantos e tantos ignorado,  
 De ti, da minha terra pelo affecto,  
 O desforço tomei a meu cuidado.

Luctei; penei; venci no audaz projecto.  
Só uma coisa ainda me faltava,  
Só uma apenas para estar completo:

Os sitios ver onde a injustiça brava  
Te encarcerou sete annos, o castello  
Onde exhalaste preso a vida ignava.

Para realizar o meu anhelos  
Travei co'a negligencia aspera lida,  
Enthusiasmado pelo patrio zelo.

Por ti minha mansão deixei querida,  
Vivi da Lombardia na alta côrte,  
E ahi findei tua historia dolorida,

E estremeci do júbilo ao transporte,  
Ah! louco, louco, sem saber qual era  
O galardão que me aprestava a sorte!

Principe illustre, agora considera  
O premio que logrou o teu chronista  
Do improbo labor e fé sincera.

Mas tu apartas desgostoso a vista  
D'este nosso paiz, nossos amores?  
É porque a scena feia te contrista.

Só colhi da minha obra dissabores,  
Incitados do movel mais mesquinho!  
«Que exemplos a futuros escriptores!»<sup>1</sup>

E, enquanto longe do meu caro ninho  
A completava, n'este o odio, a vingança,  
Fervendo do interesse no cadinho,

Da que me dava a lei firme esperanza,  
Do fructo de vinte annos me privaram!  
Olha aqui no trabalho o que se alcança!

Comtigo, nem commigo se importaram!  
Té aquelles que menos o deveram  
De ti, de si, de mim não se lembraram!

Assim os nossos fados o quizeram;  
Mas, apesar de tudo, é nossa a gloria;  
Mas as ruins paixões não nos venceram.

D'antes era o meu livro a tua historia;  
Hoje, depois de tanto esquecimento,  
De ambos nós se tornou viva memoria:  
Da ingratição da Patria é monumento.

1888

<sup>1</sup> Camões, *Lusiadas*, Canto 7.º, oitava 82.ª

## PORQUE TREMES...

Porque tremes assim tanto  
No meu peito, ó coração?  
Abalas-me corpo e alma;  
É ser fraco o meu senão.

Mas esta fraqueza é força;  
Mas, se tremo, é de paixão:  
Affronta o rochedo as ondas;  
Esboroa-se o vulcão.

Como elle, o fogo me abrasa  
O seio, na escuridão.  
Saia um dia da cratera,  
Adeus, adeus, coração!

Todo em lava derretido,  
Levando a destruição,  
Só na paz da sepultura  
Achará quietação.

## Á SOLIDÃO

AO MEU AMIGO J. G. NUNES PRIETO

Amavel solidão, desde creança,  
Tu és o meu abrigo.  
Quantas e quantas vezes n'essa idade,  
Só para estar contigo,

Eu deixei os alegres companheiros,  
Desertei dos folguedos,  
E fui depositar dentro em teu seio  
Meus infantis segredos!

Eras, como eu, pequena n'esse tempo;  
Depois cresci, cresceste;  
E, ao veres augmentar-se-me a tristeza  
Co'os annos, te fizeste

Mais meiga, mais suave e carinhosa,  
Mais minha amiga ainda,  
Scismadora, calada, melancholica,  
E por isso mais linda.

Que delirios, desejos, esperanças  
N'essa quadra risonha,  
Em que o menos feliz é venturoso  
Porque ama, crê e sonha,

Te confiei dos campos no retiro,  
Dos mares junto á praia,  
Á noite, á luz da lua ou das estrellas,  
Ou quando o sol desmaia!

Ah! tempo afortunado, em que eu chorava!  
Quem me dera esse pranto  
Em lugar d'esta dôr que não tem lagrimas,  
Porêem que punge tanto!



Foi no regaço teu, soidão quieta,  
Que eu encostei a frente  
Muita vez, e, sonhando amor e gloria,  
Dormi placidamente.

Que anjos vi perpassar no céu diaphano  
Da minha phantasia!  
Que promessas, que juras, que protestos!  
Como o sol esplendia

Do futuro, e brilhava o sol da vida!  
Como era a natureza,  
Posto meio coberta pelas nuvens  
De uma branda tristeza,

Formosa, encantadora, e verdadeira  
A falsa sociedade!  
Que tudo então nos embelleza e esmalta:  
A crente mocidade.

Depois do tempo o fugitivo rio  
Foi volvendo co'os annos,  
E despertei, ao seu fragor, dos sonhos,  
E achei mil desenganos.

Mas inda de illusões eu vivo e hei-de  
Viver a vida inteira;  
Tu bem o sabes, solidão amiga,  
O minha companheira.

É em ti que minh'alma se recolhe,  
E os olhos fatigados  
Fecha, e sonha, embalada por teus cantos,  
Qual nos dias passados.

O quê, nem sei dizer. Não é tão bello  
Meu céu auri-brilhante;  
Não tem a mesma luz, as mesmas cores;  
Minh'alma vacillante

Já não vôi por elle, como outr'ora,  
Livre, febril, anciosa,  
Em busca do mysterio, do infinito;  
Luz pallida, saudosa,

Alumia-me o espaço; aereas fórmas  
N'elle rapidas passam,  
Que eu conheci, que amei ou que amo ainda,  
E longo sulco traçam;

Formosas esperanças, em meu peito  
Nascidas e creadas,  
Em flor despontam; abrem-se; desfolham-se;  
E cahem desbotadas;

Sítios, a que me prende alguma idéia,  
 Ou seja alegre ou triste,  
 Vejo-os; falam-me; falo ao que é já morto,  
 Ao que já não existe.

Torno a ter os anhelos que já tive;  
 As dores já soffridas;  
 Torno a ver quem amei; vivo, alimento-me  
 Das illusões perdidas.

O passado, o presente, a incerta aurora  
 Do incógnito futuro  
 São meus; respiro, longe dos humanos,  
 N'outro mundo mais puro.

Tudo isto encontro no teu calmo azylo,  
 O solidão amada.  
 Ah! se não fosses tu, quanto a existencia  
 Me fôra minguada!

Com negra côr te pintam, feia, lugubre!  
 E eu acho-te formosa.  
 Fogem de ti; e eu busco-te. Procuram  
 Na vida tumultuosa

Gastar os dias, esquecer os males,  
 Nem sequer um momento  
 Ficar contigo; que lebral-os temem;  
 Temem o pensamento;

E eu sem ti, sem que esteja algumas horas  
 Na tua companhia,  
 Jámais passei, jámais passar espero  
 Um só, unico dia.

Elles vivem apenas do presente;  
 Eu d'este e do passado;  
 Elles um só instante; eu longos annos;  
 Para elles é quebrado

O curso da existencia em mil fragmentos;  
 Para mim é cadeia,  
 Que vae do berço ao tumulo continúa  
 E de lembranças cheia.

Abençoada sejas pois três vezes,  
 O solidão querida,  
 Que me conheces desde infante, e sabes  
 Inteira a minha vida.

Abençoada sejas pois; e os sonhos  
 Da minh'alma acalenta;  
 E deixa descansar-me em teu regaço  
 Do mundo na tormenta;

Que sonhar é viver; que a vida é curta;  
 E só quem de ti gosa  
 Póde abrangel-a toda aos raios pallidos  
 Da tua luz saudosa.

---

## METAMORPHOSE

Quando na terra ajoelhada,  
 Postas as mãos, oras por mim,  
 Creio-te um bello cherubim  
 Vindo por Deus a esta morada.

Tu' alma lança extranho brilho,  
 Que no teu corpo transparece,  
 E piedoso ouve-te a prece  
 Da sua cruz de Deus o Filho.

Ah! como então és mais formosa  
 De formosura myst'riosa,

Que não se póde descrever!  
 Se então és mais do que mulher!

Porque, bem como ao santuario  
 Aclara á noite o lampadario  
 D'incompreensivel, pura luz,  
 Todo o teu corpo se alumia,  
 Quando tu'alma se extasia  
 E se levanta até Jesus.

---

## ETERNA

Sempre o mundo assim foi; não é d'agora  
 Da materia e do espirito o combate;  
 Mas a alma do cantor mais se avigora,  
 Mais clara sa'e do procelloso embate.

A rocha que no oceano alta se apruma  
 Não quebra dos tufões á sanha brava,  
 Antes, mais brilha ao sol, depois que a espuma,  
 Depois que a furia da tormenta a lava.

Porque a industria campeia estrepitosa  
 E o fumo nubla da cidade os ares,  
 Porque faz alliança proveitosa  
 Das nações o vapor e encurta os mares,

Porque a electrica força n'um instante  
 A palavra dos homens communica,  
 Porque reina a sciencia triumphante  
 E os mysterios indaga, entende, explica,

Fugiu da terra espavorida a musa,  
 Ou apenas o canto humilde entôa?  
 Já não se escuta a sua voz, confusa  
 No perenne fragor que rude sôa?

Morrer a poesia! a que na infancia  
 Acalentou da humanidade o berço,  
 Do que ha melhor a candida fragancia,  
 A estrella companheira do universo,

A que, ao lado da Fé, do céu jocundo  
 Trouxe o amor aos páramos terrenos,  
 A flor mais bella, ao começar o mundo,  
 Do paraíso nos jardins amenos,

A que, superior ás leis da sorte,  
 Ha visto, como as ondas do oceano,  
 Correr, uma após outra, para a morte,  
 Sem conta, as gerações no errar insano!

A poesia não morre; embora a sciencia  
 Marche ousada arvorando o pharo ingente,  
 Nada importa, pois lhe abre a Providencia  
 Os olhos, para ver unicamente

Que, por alguns segredos que desvenda,  
 Brotam segredos mil ao longe e ao perto,  
 Que vae á tóa por escura senda,  
 Que tudo é vago, transitorio, incerto!

O homem sabe mais do que sabia;  
 Porêrn soffre e trabalha como d'antes,  
 Ou mais que trabalhava e que soffria;  
 Do tempo mede os prófugos instantes;

Quer viver; quer gosar; e lucta e aneia,  
 Com a vista pregada na esperanza,  
 Atrás de um vão phantasma, de uma idéia,  
 Que é fumo, ou que entrevê e não alcança.

N'esta miseria que se chama vida  
 Quem (abaixo da Fé, raio celeste)  
 Nos infunde valor na eterna lida,  
 Nos leva pela mão na estrada agreste?

Quem lagrimas em perolas transforma?  
 Quem nos dilata o coração no peito?  
 Quem com o fado injusto nos conforma?  
 Quem nos faz desprezar o mundo estreito?

Quem da Patria, da gloria o altar levanta?  
 Quem divinisa o bem, do bello a imagem?  
 Quem, ao som da borrasca, sonha e canta  
 E do céu nos illude co'a miragem?

Quem nos braços do amor nos embriaga?  
 Quem nos dá azas d'aguia poderosas?  
 Quem, abelha de luz, nos campos vaga,  
 Colhendo para nós olentes rosas?

Quem nos torna visível o invisível?  
 Proximo o que é passado, o que é futuro?  
 Quem converte em possível o impossível,  
 É o fragil barro humano em oiro puro?

Quem? ella, ella sómente, a poesia.  
 Como ha de pois morrer, se pode tanto,  
 Se o mundo, sem a ter, não passaria  
 De um ermo, um val de escuridão, de pranto?

Como ha de a sciencia, obra da materia,  
 Offuscal-a, se tudo ella domina,  
 Se é filha cara da mansão siderea,  
 Se a raia do que existe a não confina?

Cantae portanto, ó almas inspiradas;  
 O mundo, como sempre, vos escuta;  
 E a poesia e a sciencia, de mãos dadas,  
 Erguei no canto, sem temer a lucta.

Que importa ao sol, que passa radiante,  
 Seiva, força, esplendor da natureza,  
 Que ave nocturna, só da treva amante,  
 Ó fuja, se a não foge e a não despréza?

A poesia não morre; não consomem  
 Os seculos seu fogo omnipotente;  
 Com o homem nasceu; é parte do homem;  
 Com elle viverá eternamente;

E, se um dia acabar a humanidade,  
 Com a sua divina companheira,  
 Á voz de Deus, transpondo a immensidade,  
 Tornará para a patria verdadeira.

---

## ETERNA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOIÉL

Siempre el mundo así fué; pues no es de ahora  
 Que espíritu y materia anden luchando;  
 Mas del choque, aun más límpida y sonora,  
 Sale el alma del vate triunfando.

La peña que en los mares se alza airosa  
 Ni ráfaga la ofende, ni onda dura;  
 Que, apenas brilla el sol, aun más hermosa,  
 Resurge de entre espumas, y aun más pura.

¿Qué importa que la industria altiva impere  
 En la tierra, y que entolde de humo el cielo?  
 ¿Que en alas del vapor todo prospere,  
 Y tierra y mar domine su alto vuelo?

Acaso porque eléctrica corriente  
 La voz del hombre al hombre comunica,  
 Acaso porque reina omnipotente  
 La ciencia que ve todo y todo explica,

¿Del suelo huyó la musa desvalida  
 Vertiendo triste cuán humilde llanto?  
 ¿Qué? ¿No se ha vuelto á oír su voz, unida  
 Al sublime fragor de eterno canto?

¿Qué? ¿Ha muerto aquella que encantó la infancia  
 Del hombre, y le meció la ruda cuna?  
 ¿Aquella que es del bien pura fragancia,  
 Del universo sol, del alma luna?

Aquella que el celeste amor fecundo  
 Trajo á la tierra con la fé serena;  
 La flor más bella, que, al nacer del mundo,  
 Brotó del cielo en la mansion amena?

Aquella incontrastable qual la suerte,  
 Que á mil generaciones vió pasar,  
 Corriendo una tras otra hacia la muerte,  
 Como corren las olas de la mar?

No muere la poesía; y si la ciencia,  
 Osada, anda arbolando luz ingente,  
 Es que le quiere abrir la Providencia  
 Los ojos, para ver unicamente

Que, por cada secreto que sorprenda,  
 Hay mil otros que aun no ha descubierto;  
 Que á tientas anda y por oscura senda;  
 Que todo es vago, transitorio, incierto.

Ya sabe el hombre más que antes sabía;  
 Con todo sufre y pena como antes,  
 Ó pena y sufre hoy qual no solía;  
 Ansioso mide y cuenta los instantes;

Quiere vivir, gosar; lucha, jadea,  
 Con la vista suspensa en la esperanza,  
 En pos de una quimera, de una idea,  
 Que es humo, ó que entrevé, y que nunca alcanza.

En la miseria á que llamamos vida,  
 ¿Quién (sin contar la fé, rayo celeste)  
 Valor infunde al alma dolorida,  
 Y nos ampara en nuestra vía agreste?

¿Quién en aljófar lágrimas transforma?  
 ¿Quién desahoga nuestro opreso pecho?  
 ¿Quién con el hado injusto nos conforma?  
 ¿Quién nos hace olvidar el mundo estrecho?

¿Quién de la pátria el sacro altar levanta?  
 Al bien quién presta culto y homenaje?  
 Quién á la voz del trueno sueña y canta  
 Y el cielo nos revela en su lenguaje?

¿Quién en brazos de amor nos embelesa,  
 Ó de águila en las alas poderosas,  
 Ó abeja rútila en flórida dehesa,  
 La miel nos brinda de fragrantes rosas?

¿Quién nos hace visible lo invisible?  
 ¿Presente lo pasado y lo futuro?  
 ¿Quién convierte en posible lo imposible,  
 Y el frágil barro humano en oro puro?

¿Quién? Ella solamente, la poesía.  
 ¿Como puede morir si vale tanto...  
 Si el mundo, no teniéndola, sería  
 Un triste valle de tiniebla y llanto?

¿Como la ciencia, material, rastrera,  
 Podrá ofuscar su lumbre cristalina,  
 Si es flor nacida en la más alta esfera,  
 Si todo abarca y nada la domina?

Cantad, cantad, oh! almas inspiradas:  
 El mundo, como siempre, os escucha;  
 Y á ciencia y á poesía, entrelazadas,  
 Alzad el canto, sin temer la lucha.

¿Qué importa al sol, que esparce, deslumbrante,  
 Vida á todo y vigor y luz risueña,  
 Que el ave aciaga, de la noche amante,  
 Huya de él, si él no la huye ni desdeña?

No muere la poesía; no consumen  
 Siglos su claro fuego transcendente;  
 Con el hombre nació; del hombre es numen,  
 Que vivirá con él eternamente.

Y quando expire en fin la humanidad,  
 En brazos de su etérea compañera,  
 De Dios al orden en la inmensidad,  
 Encontrará su patria verdadera!

## AINDA BEM

Ainda bem que tu' alma é como a sensitiva,  
 Que á luz casta do céu evaporar-se deixa,  
 Mas, se lhe toca alguém, com timidez se fecha,  
 E, já liberta, se abre, e mais que antes captivá.  
 Ainda bem! D'este mundo os males não conheces;  
 És do paterno lar a gentil providencia.  
 Ah! que sempre viver como agora pudesses!  
 Quão formosa te fôra e placida a existencia!

## A CHRISTOVAM COLOMBO

No teu Mediterraneo, mar estreito  
 Para tanta ambição, tanta ousadia,  
 Já teu enthusiasmo não cabia,  
 Às suas ondas, de pequeno, affeito;  
 Outra scena a tu' alma precisava:  
 O oceano sem fim, largo, profundo,  
 E este povo de nautas que o domava,  
 E ao mundo absorto desvendava o mundo.

Attrahido da luz da nossa gloria,  
 Que era tambem como pharol divino,  
 Ou columna de fogo, que o destino  
 Te levantou na senda da victoria,  
 Chegaste a este paiz das maravilhas;  
 O pélagos encaraste frente a frente;  
 E mil idéias, do teu genio filhas,  
 Ao vél-os, concebeste ousadamente.

Sim; foi debaixo d'este céu formoso,  
 Debaixo d'estas vívidas estrellas,  
 Foi a bordo das nossas caravelas,  
 E ao rugido das ondas procelloso,  
 Que o teu sonho creaste, em hora boa,  
 Talvez ouvindo a experto navegante,  
 Velho leão do mar, de pé na proa,  
 As descobertas do immortal Infante.

Trouxe-te Deus aqui; aqui viveste;  
 Aqui a gloria dirigiu-te os passos;  
 Aqui teceu-te amor suaves laços;  
 Aqui o fructo d'esse amor colheste;  
 Aqui a tua esposa e companheira  
 Nasceu; aqui teu filho idolatrado;  
 Ah! porque não ficaste a vida inteira  
 N'esta segunda Patria amante e amado?



—Fui de Coimbra á Figueira  
Um dia pelo Mondego,  
Sempre á vara, sempre á sirga;  
Não tinha a gente socego.

Meu amor achei no barco,  
E no amor cruel emprego;  
É que estava o peito d'ella  
Mais vasio que o Mondego.

Mas de Montemor o Velho  
Apenas defronte chego,  
Eis o rio cheio d'agua;  
Finda o meu desassocego.

Provo-a; sahiu-me salgada.  
Como és tyranno, amor cego!  
A agua doce me negaste;  
Dás-me a salgada; arrenego!—

—Ó lago que o céu retratas,  
Puro lago de crystal,  
Porque não guardaste a imagem  
Do seu rosto angelical?

—Porque o céu m'o não consente;  
Porque tem ciumes d'ella;  
Não quer estar a seu lado;  
Teme que seja mais bella.—

—Não descansam minhas maguas;  
São como as ondas do mar,  
Que na praia, uma após outra,  
Ve'm gemer e suspirar.

Mas as praias, mas as rochas  
Respondem ao seu falar;  
E tu, mais dura do que ellas,  
Não me ouves sequer chorar.—

—Se desejas, ó morena,  
Que ninguem te arraste a aza,  
Quando sahires á rua,  
Deixa os teus olhos em casa;

Pois levar essas estrellas,  
Pois sorrir d'essa maneira,  
E querer que não te sigam,  
Não póde ser, feiticeira.—

—O sol ao nascer, é fraco;  
No alto do céu mui forte;  
Meu amor nasceu já grande;  
Foi sempre da mesma sorte.

O sol morre cada dia;  
Meu amor não soffre corte;  
Viverá com minha vida;  
Morrerá com minha morte.—

—Coração, não te conheço,  
Dês que estás meu inimigo;  
És d'ella; vae do meu peito  
No seu procurar abrigo.

Ficarei mais socegado;  
Viverei sem ti, commigo;  
Mas não posso porque morro;  
Espera que já te sigo.—

—Teu corpo é como o castello,  
Como o castello d'elrei;  
Tem prisões onde se pena;  
Tudo lhê obedece á lei.

Prendi-me n'esse castello;  
Como me prendi não sei;  
Mas os grilhões são teus braços.  
Nunca d'elles sahirei.—

—Quando hoje por mim passavas,  
Puzeste os olhos no chão.  
Deixal-o, disse eu; são falsos;  
Seus olhos não quero, não.

Mas, apenas me encaraste,  
Senti um sol de verão  
Alumiár a minha alma.  
Se eu vivo na escuridão!—

—As mulheres cá do Minho  
Trabalham sempre a cantar,  
Porque lidando e cantando  
Fazem as penas voar.

Mas quantas vezes seus olhos  
Sentem de pranto molhar!  
Quantas em casa os filhinhos  
Ficaram sós, a chorar!

Quantas no marido pensam  
Que está longe, além do mar!  
Ai! o meu, coitado d'elle!  
Quem já m'o dera abraçar.—

—Tenho ciumes de tudo  
Que estimas; não posso ver  
A ovelha que tu afagas,  
A tardinha, ao recolher;

Nem as rôlas que tu beijas,  
Quando lhes dás de comer;  
Nem mesmo as flores que regas.  
Tudo me faz padecer.—

—Fui um dia andando, andando  
Atrás do meu pensamento,  
Como atrás de nuvem de oiro,  
Que corresse o firmamento.

Aonde me levas, grito  
Afinal, já sem alento;  
Porêem nada me responde,  
Que tudo se fez em vento.—

—Hontem da tua presença,  
Louco, imprudente, fugi;  
Mas tua imagem deante  
Se me poz, e eu a segui.

Fechei os olhos; de balde,  
Porque ás escuras te vi.  
É que, seja dia ou noite,  
Eu não posso estar sem ti.—

—Andei co'uma vela acesa,  
Em procura do meu bem;  
Era trevas a minh'alma;  
Não me deixou ver ninguém.

Andei co'uma vela acesa;  
Veio um vento regelado,  
Apagou-m'a de repente;  
E fiquei mais desgraçado.—

—Vale muito mais que a tua  
A minha terra da Beira;  
A gente da tua é falsa;  
A da minha verdadeira.

Lá nas serras, do céu perto,  
Ama-se de outra maneira;  
Na tua um dia sómente,  
E na minha a vida inteira.—

—Quero um dia só contigo  
Conversar de manhan cedo,  
Antes que o sol nos descubra  
Junto d'aquelle penedo,

Para dizer-te que te amo,  
Para dizer-t'o em segredo,  
De ti perto, muito baixo,  
Que tenho que me oiçam medo.

—Minha casa é situada  
No ermo d'um valle obscuro;  
Serve-lhe o céu de telhado;  
Servem-lhe os montes de muro.

Aqui tenho quanto basta;  
E nada mais eu procuro;  
Que puz entre mim e os homens  
D'estes montes o alto muro;

Que é todo o val minha casa;  
Minha candeia o sol puro;  
Que o céu me cobre e defende,  
É com elle estou seguro.—

—Tuas palavras são folhas,  
São folhas que leva o vento;  
Não creio nas tuas juras;  
Te'm ares de fingimento.

—Se nem palavras, nem juras  
Acham em ti valimento,  
É melhor não nos amarmos;  
Que ser muda é um tormento.—

—São bellos de longe os montes  
Cobertos co'o manto seu;  
Até na côr se confundem  
Co'a formosura do céu;

Mas perto são matto e rochas.  
Assim o mundo vi eu:  
Encantador, se distante,  
Feio proximo e sem véu.—

—Onde vaes, flor d'estes campos,  
Tão cedo, tão enfeitada?  
Não me falas; não respondes;  
Porêem fazes-te córada...

—Se córo, não é de ver-te;  
Comtigo não tenho nada.  
Vou... onde vae meu desejo.  
Ai! que linda madrugada!—

Perdido eu ando, perdido,  
Sem de mim nada saber;  
Perdido porque te vejo,  
Perdido por não te ver.

Puz-me junto de um ribeiro  
A chorar o meu tormento;  
Mas elle levou-me as lagrimas,  
E as queixas levou-me o vento.

—Fizemos uma escriptura,  
Sem ir ao tabellião,  
Testemunhas os teus olhos,  
Fiador teu coração.

Mas teus olhos eram falsos;  
Disseram sim; dizem não;  
Mas, quando menos o esp'rava,  
Fugiu-me o teu coração.—

Quem me dera de ti longe,  
Nunca ver a face tua,  
Tão apartada e distante,  
Como está o sol da lua!

—Inda que longe, é o mesmo;  
Viverei da vida tua:

O sol da lua está longe,  
Porém do sol vive a lua.—

Não te rias para todos;  
Não gosto de ver-te assim;  
Não é por mal, imagino;  
Mas fazes-me mal a mim.

—Dizem que amor é menino;  
Como é que isto pode ser,  
Pois tão forte nos captiva,  
Pois nos faz tanto soffrer?

—As meninas dos teus olhos  
Mais pequenas inda são;  
E, com serem tão pequenas,  
Prenderam-me o coração.

## CANTARES

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOIEL (DAS ULTIMAS NOVE QUADRAS)

Perdido ando yo, perdido,  
Que así lo quiere mi suerte,  
Perdido porque te veo,  
Y perdido por no verte.

A la orilla de un arroyo  
Fui a llorar mi gran tormento;  
El agua llevó mis lagrimas,  
Y mis quejidos el viento.

—Hemos echo una escritura  
Para mayor precaucion;  
Testigos eran tus ojos,  
Fiador tu corazon.

Mas tus ojos eran falsos;  
Dijeron sí, dicen no;  
Y, quando menos pensaba,  
Tu corazon se me huyó.—

—Quien me diera nunca ver  
La cara tuya importuna,

Y estar de tí tan distante  
Como está el sol de la luna.

—Aunque de lejos, tu vida  
Es mi vida y mi fortuna:  
De la luna el sol va lejos,  
Mas del sol vive la luna.—

No te sonrias con todos:  
No me gusta ver-te así;  
No es por mal, bien lo imagino;  
Pero me haces mal á mí.

—Dicen que amor és un niño;  
Como así puede esto ser,  
Si cautiva con tal fuerza,  
Y tanto hace padecer?

—Púés las niñas de tus ojos  
Aun mas pequeñitas son;  
Y, aunque son tan pequeñitas,  
Me han robado el corazon.—

# VESPERTINAS

---

## AOS MEUS TRADUCTORES

Para vós todos sem cessar adeja  
Minh'alma agradecida,  
Ó vates, que á pobreza de meus cantos  
Déstes uma outra vida

Mais extensa e melhor. Echos sonoros  
Que do meu pensamento  
A uma parte da Europa me levastes  
A forma e o sentimento,

Bem me lembro de vós; porê m não basta,  
Não basta d'essa gloria  
Em silencio guardar dentro do peito  
A agradavel memoria;

É necessario publical-a a todos,  
E, como sei e posso,  
Aqui juntos deixar entrelaçados  
Meu nome e o nome vosso;

Meu nome, que entre tantos, quasi occulto,  
Quasi desconhecido,  
Sem vós, talvez um dia se escondesse  
Inda em mais fundo olvido;

O vosso, por que diga a quem sou grato,  
Quem meus escriptos préza,  
Quem, honrando-me assim, estima e honra  
A lingua portugueza.

A ti vão pois estes singelos versos,  
Ó Peragallo amigo,  
Que viveste connosco tantos annos,  
E emfim buscaste abrigo

Longe d'aquí, na tua illustre Genova,  
Mas de nós não te esqueces,  
Antes, de quando em quando, algum tributo,  
Saudoso, lhe offereces,

De Lysia aos fastos já volvendo a cinza,  
    Já manejando o plectro.  
A ti vão, Cannizzaro, que incessante  
    Lanças em facil metro,

Philosopho-poeta inextinguível,  
    Conceituosas idéias,  
E de Garrett aos mágicos accents  
    Evocas as sereias

Do mar siciliano; e a ti da Grecia  
    E de Roma sciente,  
Que á numaria dedicas o teu culto,  
    E vertes egualmente

Os carmes da gelada Escandinavia,  
    Ambrosóli, que um dia  
Conheci, conversei na gran cidade  
    Da rica Lombardia,

Quando alli fui para acabar a *Historia*  
    Do desditoso Infante,  
Martyr da nossa cara liberdade.  
    A ti vão, ó prestante

Bénoliel, ó bardo, ó polyglotta,  
    Que com graça profusa  
Fizeste que meus hymnos perfilhasse  
    A castelhana musa;

E a ti, Novôa, de Sevilha orgulho,  
    Que no hispano idioma  
Tambem os trasladaste, sem tirar-lhes  
    A côr, o viço, o arôma.

A ti Biórkman vão, que, abandonando  
    Por um momento o estudo,  
O meu nome á Suecia revelaste  
    E o meu engenho rudo;

E a ti, das obras de Camões interprete,  
    Ó filho de Allemanha,  
Que, depois de obrigar a nossa Patria  
    Com dadiva tamanha,

Te lembraste de mim, da minha lyra,  
    Ó sempre generoso,  
Bom Storck; e a ti de Portugal amigo,  
    Millien harmonioso,

Que a França, teu paiz, a um tempo serves  
    E serves nossas lettras,  
E da minha poesia no mais intimo  
    Fielmente penetras.

A todos vós este meu debil canto  
 Eu mando agradecido,  
 Que de vós, que de tudo que vos devo  
 Nunca me hei esquecido.

Assim pudesse eu a um outro ainda  
 Mandal-o! E esse o primeiro  
 Seria. Mas ha muito, infeliz Brignoli,  
 No asylo derradeiro

Jazes; que ha muito nos deixaste, e quando  
 Da vida a primavera  
 De gôsos um porvir te prometia,  
 E tão formosa te era!

Mas, se agora não podes escutar-me,  
 Se a terra te consome,  
 Permite que entre os mais aqui recorde,  
 Aqui ponha o teu nome,

E que, em signal de gratidão, ao menos  
 Sobre a campa marmorea,  
 Que de mim te separa, algumas lagrimas  
 Dê á tua memoria.

1904

## A UMA JANELLA

O janella sem par, lêda janella  
 Da sua velha habitação querida,  
 Onde uma vez, gentil, meiga, singela,  
 Me appareceu co'a trança desparzida,

Onde vi (quem me dera ind'hoje vêl-a!)  
 De dia em seus pensares embebida,  
 D'onde, á noite escutei dos labios d'ella  
 Tanto amor, tanta esp'rança, tanta vida,

Quão differente que tu estás! Embora;  
 Se te mudam os homens inconstantes,  
 Se já não posso ver-te como outr'ora,

Tenho-te na minh'alma como d'antes:  
 És minha, minha unicamente, agora;  
 Não gosarão de ti outros amantes.

1902—Dezembro 29

## Á BANDEIRA PORTUGUEZA

Não te vi tremular no campo da batalha,  
Ó symbolo adorado, ao rugir do canhão,  
Entre o pó, entre o fumo, entre o sangue e a metralha,  
Pharol que induz á gloria ou salva a perdição;

Porêm vi-te, cursando as ondas, sobranceira  
No baixel, que, inda infante, á Patria me roubou;  
E a ti me consagrei, desde essa vez primeira;  
E do exilio tua vista as penas me acalmou.

Ahi, ao contemplar-te, a Patria eu contemplava,  
Que tudo que ella é tu cifravas em ti;  
É na minha soidão muito mais eu te amava;  
E esse meu santo amor nunca, nunca o perdi.

Que bandeira no mundo existe assim formosa?  
É como o nosso céu, como o céu portuguez.  
Que outra assim ha do tempo a auréola famosa?  
Que outra assim bem fadada a Providencia fez?

Qual mais longe levou a Fé, o trato, a gloria?  
Qual mais terras e mar percorreu, descobriu?  
Qual mais claros heroes incitou á victoria?  
Qual estrada mais ampla á humanidade abriu?

Blasonem muito embora essas nações extranhas,  
Que da sorte o vaevem pôz acima de nós,  
Em altivo pregão, suas obras tamanhas;  
A nossa foi maior; e acabámol-a sós.

Mas a ser voltará teu destino jocundo,  
Bandeira, pois a Patria inda outra ha de ser;  
Pois quem tem este solo em fructos tão fecundo,  
Quem este mar que o banha, e o não pode esquecer,

Este mar que lhe deu n'uma parte a existencia,  
Que seu theatro foi, que tanto inda lhe diz,  
Que, se o quizermos nós, lhe dará opulencia,  
Lhe prestará vigor, que o tornará feliz,

E n'elle, aureo collar esparso, tantas ilhas,  
E n'África um imperio, e uma altiva ambição  
Capaz de executar de outr'ora as maravilhas,  
Deve, e ha de, cumprir sua augusta missão.

Mas é força aprender, trabalhar indefesso,  
Que a sciencia não pára, e a lida traz valor;  
O perdido ganhar na senda do progresso;  
Acordar, emergir d'este longo torpor.

Temos dormido assaz nos braços do passado,  
Cegos a mente, o olhar em sua intensa luz.  
Basta de proseguir n'esse sonho encantado,  
Que ás vezes ao abysmo a cegueira conduz;

Antes, antes, sobre elle (e não conta outro povo  
Mais illustre, melhor, mais firme pedestal)  
Á custa de fadiga, elevemos um novo,  
Se não forte qual foi, ditoso Portugal.

Próspera a Patria emfim, como serás mais bella  
Das quinas ó bandeira, ó bandeira sem par!  
Tempo é já de mudar a tua negra estrella:  
Chamam-te novamente o céu, a terra, o mar.

O que imagino, então, far-se-ha realidade;  
E no tope gentil dos altos mastaréus  
Tu irás navegar do oceano a immensidade,  
E alcançar para a Patria honra, bens e trophéus.

Mas então, e hoje, e sempre, ó famosa bandeira,  
Feliz ou infeliz seja a nossa nação,  
Dar-te-hemos todos nós, durante a vida inteira,  
Nobre culto de amor no altar do coração.

1907—Maio 16

## AO DR. XAVIER DA CUNHA

No meio da geral indifferença  
Vem alentar-me a tua voz amiga:  
Despréza d'este mundo a malquerença,  
Diz-me ella, e segue pela estrada antiga.

Eis o que julgo ler no que me escreves <sup>(1)</sup>  
Pela mão indulgente da bondade.  
É que meus versos entender tu deves:  
Conheces-me; e são filhos da verdade.

Por isto, e porque a Patria muito estimas,  
Não por elles, o applauso te mereço.  
Nas tuas caras expressões me animas;  
Graças pois, graças mil eu te offereço.

Ah! mas, por mais que falem os louvores,  
Com minha penna quasi nada pinto!  
Depuz no altar da Patria algumas flores;  
É um echo apenas do que n'alma sinto.

(1) A proposito da poesia antecedente.



## A JOSÉ RAMOS-COELHO

(DO DR. XAVIER DA CUNHA)

(Em agradecimento da poesia anterior)

Brilhas... qual brilha o sol no firmamento:  
 Não te basta o brilhar! mas illuminas  
 Quem te escuta feliz canções divinas,  
 Quem feliz segue apoz teu pensamento!

Ha quem brilhe egoista; ha quem o intento  
 Mostre só de brilhar! ha quem boninas  
 Queira só para si! e ha quem mofinas  
 Sortes deseje aos outros ciumento!

Mas tu, nobre altruista, és qual violeta  
 Que modesta se esconde e aromatiza  
 Relvas circumvizinhas: tu, poeta,

Brilhas illuminando, — e por tal guisa  
 Que, se uma insignia houveras predilecta,  
 «Luzir e arder» <sup>(1)</sup> lhe deras por divisa.

30 de Outubro—1907

## FLAUTA CAMPESTRE

Não me vistes n'esses valles,  
 Não me vistes n'esses montes,  
 Que cercam os horizontes,  
 Nem á sombra dos pinhaes,  
 N'esses logares tão ermos,  
 Do mundo tão apartados,  
 Onde, fugindo a cuidados,  
 Agora o tempo gastaes?

Pois estive tambem n'elles,  
 Na tarde de um certo dia,  
 Não em vossa companhia,  
 Mas co'a natureza a sós,  
 Antes, não com ella apenas,  
 Com ella e o meu pensamento,  
 Que é meu amparo e tormento,  
 Meu amigo e meu algoz.

Sim, quando vós, eu lá era,  
 Sem vos ver, sem que me visseis,  
 Sem que os passos me sentisseis,  
 Nem os gemidos sequer,

Os gemidos que da lyra  
 Desprendi melodiosos  
 N'esses retiros umbrosos,  
 Que jamais posso esquecer.

Para prova da verdade,  
 Remetto-vos esses versos.  
 São um echo, uns sons dispersos  
 Do que então disse e pensei;  
 E, se não merecem credito,  
 Interrogaes vos conjuro  
 As brisas d'esse ar tão puro.  
 Desmentido não serei.

Para minhas testemunhas  
 Outras não quero melhores;  
 Mas, se as não crêdes, as flores  
 Tambem podeis perguntar,  
 Porque ellas, tenho a certeza,  
 Hão de dizer que me ouviram,  
 Hão de dizer que me viram  
 N'esses campos a scismar.

(1) *Ardere & Lucere*, divisa do santo Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Entenda-se não em corpo;  
Em espirito sómente:  
Sonhava-me lá presente  
Em phantastica visão;  
Chega a vossa carta; acordo;  
E conheço que lá estava,  
Mas nos versos que traçava.  
Eis do caso a explicação.

Se por isso não me vistes,  
Nem me escutastes o canto,  
Não imagineis emtanto  
Que egual coisa succedeu  
Ou ás flores, ou ás brisas,  
Que, por natural instincto,  
Fogem do mundo o recinto,  
Buscam o campo do céu,

Em união invisível,  
Em consorcio myst'rioso,  
E ao céu o hymno mavioso  
Levam de paz e de amor  
Do que, a ellas semelhante  
Na liberdade e perfume,  
Aspira da gloria ao cume,  
Do entusiasta cantor.

Por tamanha afinidade,  
Por tão apertado laço,  
Todos três, mau grado o espaço,  
Se entendem, se ouvem, se vê'm;  
Por esse condão divino  
Lá para ellas fui presente,  
Para vós posto que auzente.  
Eis os versos; lêde-os bem.

É severo e triste o sitio:  
Montes só ao longe e ao perto;  
Ninguem, ninguem se descobre;  
Tudo em roda está deserto.

Por toda a parte escurecem  
O chão cerrados pinheiros,  
Para o ar alevantando  
Os seus cimos agoireiros.

É severa e triste a hora,  
A hora do fim do dia,  
Que nos chove dentro d'alma  
Extranha melancholia.

Já se foi o sol ha muito;  
Já ve'm as sombras cahindo,  
Mas não inda a cor e especie  
Dos objectos confundindo.

Ó do crepusc'lo da tarde  
Hora encantada e saudosa,  
Que mal desfructa a cidade,  
Como no campo és formosa!

Lá o pensar distrahido  
Não vê, não ouve, não sente  
Os effluvios que derramas  
Do teu véu suavemente;

Lá a turba nos opprime;  
Lá o mundo é sempre o mundo;  
Ao sol succedem mil luzes,  
Ao trabalho o rir jocundo,

Ou os brados da miseria,  
Ou os da inveja e da intriga,  
Que a cidade mais que festas  
A desdita e o pranto abriga.

Lá o coração esconde-se,  
Geme só então no peito,  
E não sa'e, porque o não deixam  
Aos olhos, em agua feito.

Porêm aqui quão diversa  
Esta hora calma e fagueira,  
A derradeira do dia,  
E das sombras a primeira!

Aqui, sem querer, mal chega,  
N'ella, em nada mais pensâmos,  
Que do mundo que nos cerca  
De todo nos olvidâmos.

E não haver n'estes ermos  
Uma alma da minha irman,  
Que aqui fuja como eu fujo  
D'esse mundo a pompa van!

Quem a Deus as mãos eleve,  
E suba a Deus n'uma prece,  
Agora que a natureza  
Templo gigante parece,

De altas, profundas arcadas,  
Onde luz incerta cõa,  
Onde a alma quêda em extase,  
Onde a voz do céu rebõa!

E não haver n'estes ermos  
Quem soffra de amor as penas  
E conforto busque á magoa  
N'estas regiões serenas,

Tão sós, tão mudas e agrestes,  
Mas dos homens tão distantes,  
Que adrede o Senhor ha feito  
Para as dores lancinantes.

Ninguém! Tanta soledade  
No espirito meu já pésa,  
E, como á terra, m'ô envolve  
No seu manto de tristeza.

Ninguém! Mas ao longe, ao longe  
Não são debeis gemidos?  
E ponho o pensar áleria,  
E ponho áleria os ouvidos.

Já muito melhor os oiço,  
Que já d'aqui se approximam,  
E a pouco e pouco estes sitios,  
Só de escutal-os, se animam.

É a flauta dos pastores,  
D'algum que vae retardado  
Ao aprisco recolhendo  
O poento, manso gado.

Toca, ó flauta montesina;  
Povôa-me este deserto;  
Vem soltar os teus queixumes  
Aqui junto, de mim perto.

Sou capaz de compre'nder-te;  
Ha muito sou teu amigo;  
Vem, ó pastor, por instantes  
Quero conversar contigo.

Quão bem tanges, rude flauta!  
Nunca vi maior encanto.  
Os teus sons harmoniosos  
Casam-se á minh'alma tanto!

Alvoroça-me os sentidos  
Esta musica singela;  
Arrebata-me; suspende-me;  
Não ha outra assim tão bella.

Nem a de mais voga e fama  
De Donizetti, ou Rossini,  
Ou do roixinol da Italia,  
O incomparavel Bellini;

Que á d'elles falta o scenario  
D'esta solidão agreste,  
Este silencio dos campos,  
Esta abobada celeste,

Esta luz tão seductora,  
Que gradualmente se apaga,  
É nos mostra a natureza  
N'uma forma aerea, vaga,

N'uma forma, que antes crêreis  
Ser do céu, do que da terra,  
Que nos move a doces penas,  
É do mundo nos desterra.

Toca, ó flauta montesina;  
Anima-me este deserto;  
Vem soltar os teus queixumes  
Aqui junto, de mim perto.

Porêm mais e mais se alongam  
Os seus sons e se enfraquecem;  
Já quasi não se distinguem;  
Já de todo desaparecem.

Eis de novo só me vejo;  
Mas não só; que aqui existe  
Alguem que, talvez de amores  
Padecendo, geme triste,

Alguem que o tempo aqui leva,  
Como eu levo solitario,  
Quem se nutre de esperanças,  
Ou lamenta o seu fadario;

Pois tudo isto ella me disse  
Na sua magica toada,  
Tão simples, tão expressiva,  
Tão meiga, tão namorada.

Mas não só; que aquella flauta  
Assim ouvida distante  
Foi um balsamo sem preço  
Ao meu coração amante.

Que aquella flauta, áquella hora,  
Á hora do fim do dia,  
Invisivel companheira  
Da minha melancholia,

Em mim calou, e tão fundo,  
Que hei de sempre, sempre ouvil-a,  
Inda mesmo de ti longe,  
O minha soidão tranquilla;

Inda mesmo no tumulto  
Da cidade ruidosa,  
Onde tanto me aborreço,  
Onde tanta gente gosa.

E quando da turba inutil  
Eu quizer estar auzente,  
E figurar-me estes campos,  
Bastará unicamente

Evocar-te na memoria,  
Ó minha flauta campestre  
Para ouvir-te, para vê-la,  
Esta solidão silvestre.

E vós, ó montes e valles,  
E vós, densos arvoredos,  
A que errante hei confiado  
Meus reconditos segredos,

Montes outr'ora tão ermos,  
Valles tão ermos outr'ora,

1899 - Setembro

Arvoredo tão sombrio,  
Quão diversos sois agora!

Tão diversos que me custa  
De vós até apartar-me;  
Tão diversos que quizera  
Até comvosco ficar-me.

É que aquelles sons maviosos  
A meus olhos vos mudaram,  
Vos revestiram de enlevos,  
De visões vos povoaram.

Graças, graças pois, ó flauta,  
Que me commoveste tanto:  
Foste o allivio da minh'alma;  
És d'estes sitios o encanto.

---

## QUEM ME DERA...

Quem me dera chorar como chorava,  
Quando amor entre os prantos me sorria,  
Qual ás vezes, se a chuva a terra lava,  
Por entre ella resplende o rei do dia.

Quem me dera sonhar como sonhava,  
E até os desenganos que sentia,  
Quando a realidade me acordava,  
E os tormentos crueis que então soffria.

Lgrimas, vinde mitigar-me o peito;  
Sonhos, levae-me d'este mundo estreito,  
Onde gélo, onde o tedio me consome.

Soccorrei-me a existencia, por piedade!  
Que sem vós, que sem vossa claridade,  
Me perco; e o ar me falta; e morro á fome.

1900 - Março 27

---

## NO CENTENARIO DE CASTILHO

Fechou-te para o mundo a Providencia  
Os olhos corporaes,  
Quando mal encetavas a existencia;  
E não o viste mais.

Não viste mais o céu que te cobria,  
 E as nítidas estrellas,  
 E o sol, fonte perenne de alegria,  
 E tantas coisas bellas,

Que ao esplendido sol da juventude,  
 De jubilo se adornam,  
 E a existencia, depois aspera e rude,  
 N'um paraíso tornam.

Não viste mais os azulados montes,  
 Nem do campo os verdes;  
 Não viste mais as prateadas fontes,  
 E as aves multicores.

Não viste nada mais; mas semelhante  
 A flor mysteriosa,  
 Que, ao vir da noite a sombra negrejante,  
 Cerra as folhas mimosa,

E guarda dentro em si o seu perfume,  
 Para se abrir mais tarde  
 Mais rescendente ainda, quando o lume  
 No alto céu já arde,

Assim tu'alma branda e pequenina,  
 Repleta de fragrancia,  
 Guardou em si a imagem crystallina  
 Dos teus sonhos da infancia,

Perdida a luz dos olhos, para um dia  
 Se descerrar fluente  
 Em niagara, mas de estro e de harmonia,  
 A voz do Omnipotente.

E esse dia chegou breve:  
 Um anjo do céu baixou,  
 Com azas brancas de neve,  
 E a tu'alma franqueou.  
 E aos hymnos qu'elle soltava,  
 Com que tudo deleitava,  
 Tudo fazia pasmal,  
 Ella sahiu feiticeira  
 Cantando de igual maneira  
 O mais suave cantar.

Nunca uma voz tão maviosa  
 Entre homens se ouviu assim.  
 Era a tua voz formosa?  
 Ou era a do cherubim?  
 Como saber de quem era,

Se parecia de esphera,  
 Baixar a nós, sup'rior?  
 Gemia ternas endechas,  
 Modulava doces queixas,  
 Falava de paz e amor.

Depois, cheio de ternura,  
 O anjo tomou-te a mão,  
 E da treva densa, escura,  
 Dissipou-te a cerração.  
 Os olhos d'alma espriaste,  
 Outro mundo e sol achaste,  
 Diff'rentes do mundo teu;  
 Mas do que antes n'elle viras,  
 Mas do sol a que te abriaras  
 Tu'alma não se esqueceu.

É que da infancia os fulgores  
Guardaras dentro de ti,  
E, aspirando-lhe os odores,  
Te julgavas inda alli.  
Por isso teu pensamento  
Já se alteia ao firmamento,  
Já até aos homens vem,  
Porque teus mélicos versos  
Os mais bellos sons, dispersos  
No céu, na terra, contem;

Teus versos, onde á harmonia  
Entre os vates singular,  
Se casa a melancholia,  
E muita fé, muito amar;  
Onde o mais rico thesoiro  
Do portuguez, sem desdoiro,  
Fizeste resplandecer;  
Teus versos e tua prosa,  
Que tão pura, tão formosa  
Ninguem a pôde escrever.

1800—Janeiro 16

Foram ainda lembranças  
D'essa idade juvenil  
Que attrahiram ás creanças  
Teu espirito gentil.  
Cegas, mas da intelligencia,  
Com olhos, mas sem sciencia,  
Com sol, e sem terem luz,  
Tu para ti as chamaste,  
E as acolheste, e as amaste,  
Como o divino Jesus.

Foi inda o anjo formoso,  
Que a alma te descerrou,  
Quem teus ouvidos bondoso  
Ao tenro bando inclinou.  
E foi n'um dia como este,  
Quando ha um seculo nasceste,  
Que esse anjo o Senhor te deu.  
D'esse anjo, ó grande Castilho,  
Tu és o dilecto filho,  
E é poesia o nome seu.

## FRANCISCA DE RIMINI (1)

(DE DANTE)

(Fragmento do Canto v do *Inferno*)

D'esses varões e donas tendo ouvido  
Ao meu doutor a historia, tal piedade  
Senti, que fiquei quasi succumbido.

E comecei: poeta, com vontade  
Falára áquelles dois que juntamente  
Leva o vento com tanta agilidade.

Ao que elle: quando mais proximamente  
Fôrem, tu pelo amor que ambos inspira  
Lh'o pede: hão de attender-te certamente.

Logo que o vento pois a nós os vira,  
Vinde falar-nos, clamo, almas penadas,  
Se de outrem n'isto não provaes a ira.

Quaes pombas do desejo estimuladas,  
Que, azas abertas, o seu ninho brando  
Buscam, em firme vôo, apressuradas,

Assim dos réus a turba os dois deixando,  
Tão forte foi o grito affectuoso,  
Vôam a nós, o ar mau atravessando.

Ó mortal, agradável, generoso,  
Que visitando vens n'este ar adverso  
Os que o mundo tornaram sanguinoso,

Se amigo o Rei nos fosse do universo,  
Nós paz lhe pediríamos te dêsse,  
Pois te compunge nosso mal perverso.

Dize quanto dizer se te offerece,  
Que a tudo que disseres se responde,  
Emquanto o vento a repouso se esquece.

Na marinha nasci, na costa onde  
Co'os affluentes seus o Pó descende,  
E, para socegar, no mar se esconde.

Amor que as ternas almas cêdo prende  
Prendeu este da minha formosura,  
Que me roubaram; como, inda me offende.

Amor, que amor compensa com ternura,  
A este me ligou em nó tão forte,  
Que aqui inda hoje, como vês, perdura.

Amor deu-nos aos dois a mesma morte;  
A negra fuma de Caína espera  
Quem nos assassinou por esta sorte.

Apenas um e outro assim dissera,  
Eu os meus olhos abaixei, e tanto,  
Que o meu poeta perguntou o que era.

Ao que lhe respondi: ah! quanto, quanto  
Doce pensar, e anhelos arrebatado  
A esse fim os levou digno de pranto!

Isto dizendo, para os dois voltado,  
Principiei: Francisca, as tuas dores  
Obrigam-me a chorar-te consternado;

Mas dize-me: no tempo dos amores  
Porque, e como foi que tu sentiste  
Da paixão os desejos tentadores?

Ao que ella a mim: nada peor existe  
Que lembrar na desgraça a f'licidade.  
Bem o sabe o poeta que te assiste;

Mas, se tamanha é tua vontade  
De ouvir do nosso amor o fundamento,  
A chorar contarei toda a verdade.

Por distracção, de mêdo o peito exempto,  
Como foi Lançarote a amor captivo  
Liamos, sós, um dia, um e outro attento;

E, lendo-o, muita vez o olhar mais vivo  
Trocámos, descorou-nos o semblante;  
Mas foi um ponto só o decisivo.

Ao ver beijados por tão grande amante  
Os labios que elle tanto anciado havia,  
Este que me é e me será constante

Beijou meus labios, e ao beijar tremia.  
Foi o culpado o auctor e o seu escripto.  
Depois, não lêmos mais n'aquelle dia.

Emquanto que por um isto era dito,  
O outro chorava assim na magoa absorto,  
Que eu desmaiei de compaixão, afflicto,  
E cahi como cahe um corpo morto.

1807—Novembro.

---

## FRANCESCA DA RIMINI

Poscia ch'io ebbi il mio dottore udito  
Nomar le donne antiche e i cavalieri,  
Pietà mi vinse e fui quasi smarrito.

Io cominciai: poeta, volentieri  
Parlerei a que' duo che 'nsiene vanno,  
E pajon sì al vento esser leggieri.

Ed egli a me: vedrai quando saranno  
Più presso a noi; e tu allor li prega  
Per quell' amor che i mena, e quei verranno.

Si tosto come 'l vento a noi li piega,  
Mossi la voce: o anime affannate,  
Venite a noi parlar, s' altri nol niega.

Quali colombe dal disio chiamate,  
Con l'ali aperte e ferme al dolce nido  
Volan per l'aer dal voler portate;

Cotali uscir della schiera ov' è Dido,  
A noi venendo per l'aer maligno;  
Sì forte fu l'affettuoso grido.

O animal grazioso e benigno,  
Che visitando vai per l'aer perso  
Noi che tignemmo 'l mondo di sanguigno;



Se fosse amico il Re dell' univèrso,  
Noi pregheremmo lui per la tua pace,  
Po' ch' hai pietà del nostro mal perverso.

Di quel ch' udire e che parlar vi piace,  
Noi udiremo e parleremo a vui,  
Mentre che 'l vento come fa si tace.

Siede la terra dove nata fui  
Su la marina dove 'l Po discende  
Per aver pace co' seguaci sui.

Amor ch' al cor gentil ratto s'apprende  
Prese costui della bella persona  
Che mi fu tolta, e 'l modo ancor m'offende.

Amor ch' a nullo amato amar perdona,  
Mi prese del costui piacer sì forte,  
Che come vedi ancor non m'abbandona.

Amor condusse noi ad una morte:  
Caina attende chi 'n vita ci spense:  
Queste parole da lor ci fur porte.

Da ch' io 'ntesi quell' anime offense,  
Chinai 'l viso e tanto 'l tenni basso,  
Fin che 'l poeta mi disse: che pense?

Quando risposi, cominciai: oh lasso,  
Quanti dolci pensier, quanto disio  
Menò costoro al doloroso passo!

Poi mi rivolsi a loro e parlai io,  
E cominciai: Francesca, i tuoi martiri  
A lagrimar mi fanno tristo e pio.

Ma dimmi: al tempo de' dolci sospiri,  
A che, e come concedette amore,  
Che conosceste i dubbiosi desiri?

Ed ella a me: nessun maggior dolore,  
Che ricordarsi del tempo felice  
Nella miseria; e ciò sa 'l tuo dottore.

Ma se a conoscer la prima radice  
Del nostro amor tu hai cotanto affetto,  
Dirò come colui che piange e dice.

Noi leggevamo un giorno per diletto  
Di Lancilotto come amor lo strinse:  
Soli eravamo e senza alcun sospetto.

Per più fiate gli occhi ci sospinse  
Quella lettura e scolorocci il viso;  
Ma solo un punto fu quel che ci vinse.

Quando leggemmo il disiato riso  
 Esser baciato da cotanto amante,  
 Questi che mai da me non fia diviso

La bocca mi baciò tutto tremante:  
 Galeotto fu il libro e chi lo scrisse:  
 Quel giorno più non vi legemmo avante.

Mentre che l'uno spirto questo disse,  
 L'altro piangeva sì, che di pietate  
 Io venni men così com' io morisse,  
 E caddi come corpo morto cade.

## A VIEIRA LUSITANO

Quando, de entusiasmo arrebatado,  
 Tomavas o pincel, nobre Vieira,  
 Ignez, a tua amante e companheira,  
 Junto da Gloria punha-se a teu lado.

Vendo-as, ia-te o olhar maravilhado  
 De uma á outra, e igualava-as de maneira  
 Qu'era uma como a outra feiticeira,  
 E uma da outra o mais fiel traslado.

Deram-te azas de luz á farta mente  
 O amor da mulher, o amor da arte:  
 N'ellas bebeste a inspiração sómente;

E comprovaram tanto, tanto amar-te  
 Ignez e a Gloria, que, ó pintor ingente,  
 Inda vivem contigo em toda a parte.

1901—Abril 8

## A UMA LEITORA

É possível? Os meus versos,  
 Que dispersos  
 Por esse mundo soltei,  
 Como um bando de avesinhas,  
 Pobresinhas,  
 Que na minh'alma creei,

A tu'alma commoveram?  
 Que disseram  
 Que te obrigasse a chorar?  
 Pois ha n'elles tal encanto?  
 Pode tanto  
 O meu humilde trovar?

É que acharam no teu peito  
 Ninho affeito  
 A sentir dos mais a dor;  
 É que n'elle os recolheste,  
 E lhes deste  
 Vida, agasalho, calor;

O calor dos vinte annos,  
 Todo enganoso,  
 Todo sonhos e illusão,  
 Que inda o mundo... mas que digo?  
 Não prosigo;  
 Fique em paz teu coração.

Baste já ter-te levado,  
 Malfadado,  
 Esses prantos a verter;  
 Já culpa não é pequena;  
 Dura pena  
 Por isto devo soffrer.

Que as lagrimas n'essa idade,  
 Em verdade,  
 São faceis, não trazem fel;  
 São de affecto, de ternura;  
 De mixtura  
 Té nas mais tristes ha mel.

São qual das noites do estio  
 O rocío,  
 Que, ao brilhar dos céus a luz,  
 Torna suas gottas brilhantes  
 Em diamantes,  
 E só ledice produz.

Mas, se, de tudo a despeito,  
 No teu peito  
 Desejas os versos meus,  
 Se lhes relevas piedosa,  
 Generosa,  
 A culpa de que são réus,

Acolhe-os de vez em quando  
 N'esse brando  
 Ninho tépido e gentil,

1902—Dezembro 31

Onde a graça á juventude  
 E á virtude  
 Se junta em sereno abril;  
 Que á força de recordal-os  
 E escutal-os  
 Harmoniosos resoar,  
 Far-te-hão suave tristeza  
 Com certeza,  
 Mas não te farão chorar.

Assim no teu bello rosto  
 Do desgosto  
 As lagrimas não verei,  
 E não pena, recompensa,  
 Grande, immensa,  
 Terão elles, e eu terei.

Mas porventura o mereço?  
 Não o peço;  
 Fôra ousadia de mais;  
 Só o lembro, e muito a medo,  
 Em segredo.

Temo a inveja dos mortaes.  
 Se não, deixa-os, innocente;  
 Que sómente  
 Quero que os versos que fiz  
 Não turbem de novo a calma  
 Da tu'alma;  
 E vive sempre feliz.

---

## REFUGIO

Quando me ponho a meditar nos annos  
 Á voragem do tumulo descidos,  
 E noto como em vão foram vividos,  
 Ou como foram para mim tyrannos,

Auguro, escarmentado de seus dâmnos,  
 Que outros virão com elles parecidos,  
 Ou mais pelo infortunio escurecidos,  
 E evito ler do tempo nos arcanos.

Então fujo do que é para o passado,  
 Que vejo d'estes ermos do presente  
 A falar-me de tudo que hei amado,

Como visão phantastica e gemente,  
 Como vulcão no seio inda abrasado,  
 Como templo de lagrimas ardente.

1900—Março 26

## FELICIDADE MATERNA

Sopra o vento impetuoso;  
Bate a chuva na vidraça;  
É noite escura, medonha;  
Pela rua ninguém passa.

Porêm nós em nossos lares  
Do vento e chuva zombâmos,  
E com Deus, ó meu esposo  
Da paz o bem desfructâmos.

Guarda-nos nossa filhinha  
Do céu ha pouco chegada,  
Que dorme ao som da tormenta  
No seu berço descansada.

Que mansidão! Que innocencia.  
Tem no rosto angelical!  
É nossa unica riqueza;  
Não ha no mundo outra igual.

Os seus olhos grandes, lindos,  
Estão de todo fechados,  
Mas parece que fulguram,  
Qual se fossem descerrados.

Os seus labios pequeninos,  
Que tantas vezes beijâmos,  
Sorriem-nos meio abertos;  
Dir-se-hia que os escutâmos.

Dorme; e no somno respira  
Poesia, amor, perfume;  
Dorme; e verte do seu corpo  
Da sua alma o doce lume;

Que não sei que raio ethereo  
Lhe dá tamanha expressão,  
E nos enche de alegria  
Té ao fundo o coração.

No afôfado travesseiro  
Tem deitada a face pura,  
Mais macia do que rosas,  
De leite e rosas mixtura.

Tem sobre a roupa de neve  
Os gordos e nus bracinhos,  
Que parece nos estende  
Buscando nossos carinhos.

Comò é bello estarmos juntos  
N'esta paz encantadora  
Dentro dos lares, emquanto  
Rugem os ventos lá fóra!

Foi n'uma noite como esta  
(Qual se hontem fosse, me lembro)  
N'uma noite procellosa  
Do frio mez de Novembro,

Que ella pela vez primeira,  
O nosso anjo de innocencia,  
Abriu os olhos no mundo,  
E começou a existencia.

E, desde então, a nós ambos,  
Por ella e por Deus guardados,  
Te'm-nos os dias corrido  
Risonhos e bem fadados,

Descobriendo cada hora  
Uma graça em seu semblante,  
Rodeando-a de desvelos,  
De afagos a todo o instante,

Sentindo crescer com ella  
A nossa felicidade,  
Vendo o céu nos seus encantos,  
O céu na sua bondade.

Dorme, dorme, minha filha,  
Ao rebramar da tormenta,  
O teu somno de innocencia,  
Que tua mãe te acalenta;

Dorme; e aos anjos com quem falas  
Pede alcancem do Senhor  
Que das procellas da vida  
Nos livre e dê muito amor;

Que nos conserve a teu lado  
Por muitos e longos annos,  
Para guiar os teus passos  
Entre os escolhos mundanos;

E que afinal nos separe  
De ti Deus, mas pela morte,  
Mas só quando, ó minha filha,  
Fôr ditosa a tua sorte.

## A GLORIA DE CABRAL

NO QUADRICENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Ha quantos, quantos dias proseguimos  
 N'este rumo sudoeste, e inda não vimos  
     Senão o mar e o mar,  
 E nem sequer uma de tantas ilhas,  
 Que julgam n'elle haver, as nossas quilhas  
     Lograram encontrar!

A chusma já murmura impaciente:  
 Basta de navegar para o poente  
     N'este oceano sem fim;  
 Já d'ella com receio aos alvoroços,  
 A uma voz me perguntam os pilotos:  
     Onde vamos assim?

É a India, não outra, a nossa rota;  
 Mais do que andar cumpria andou a frota  
     Para o cabo transpor;  
 Não a arrisqueis portanto sem proveito;  
 Á India, á India pois d'aqui direito;  
     Attendei-nos, senhor!

E na sua sciencia calumniam-me;  
 E, injustos, até mesmo pronunciam-me  
     Por vassallo infiel,  
 A mim, que tal affronta não mereço,  
 A mim, que só ás ordens obedeço  
     D'elrei D. Manuel.

Á India, disse-me elle, á despedida,  
 N'esta frota de tudo apercebida,  
     Impor o jugo vaes,  
 Mas da Guiné as calmas evitando,  
 Corre para occidente navegando  
     Quanto puderes mais.

Talvez que, de caminho, descoberta  
 Seja por ti alguma terra incerta,  
     Ou que ninguem sonhou,  
 Mais que Duarte Pacheco venturoso,  
 Que já mandei por esse mar undoso,  
     E nenhuma avistou.

Que immenso contentamento,  
 Ó rei, de ouvir-te senti!  
 Penetrei teu pensamento,  
 Porque o meu n'elle bem li.  
 Tinhas ciume de Castella,

Ciume de agora vê-la  
 N'estes mares imperar;  
 Querias aos teus dictados,  
 Á tanto custo ganhados,  
 Um outro ainda juntar.

E eu, como tu, me sentia  
De ciume arder tambem,  
Porque tinha a fidalguia  
Que só dos avós provem,  
E os seus limites estreitos  
Alargar co'os proprios feitos  
Desejava, mas em vão;  
E anciava luz, espaço,  
Para mostrar o meu braço,  
E o meu forte coração.

Desde muito novo, a gloria  
No seu fogo me incendeu;  
Mas da portugueza historia,  
Onde minh'alma a aprendeu,  
O que mais me estimulava,  
Me prendia, enthusiasmava,  
Como não chego a dizer,  
Era do mar as façanhas,  
Tão illustres e tamanhas,  
Nas paginas suas ler.

Com que soffrego alvoroço  
Meu pensar seguiu depois  
D'este bello tempo nosso  
Os argonautas heroes!  
Com que inveja, clara inveja,  
Que honra e trabalho dezeja,  
Triumphantes os saudei,  
Ao voltarem gloriosos,  
E que sonhos tão formosos  
De imital-os não sonhei!

Pois quando Vasco da Gama  
Da India feliz tornou,  
Como ambicionei a fama,  
Que entre as nações conquistou!  
Então só tive uma idéia  
De visões ridentes cheia:  
Anhelei ser d'elle equal,  
E, em vez de viver inglorio,  
Augmentar o territorio  
Do meu caro Portugal.

D'esta sorte Cabral a si falava  
Da capitanea á pôpa, só, velando;  
E o céu e o mar ás vezes contemplava,  
Como que o céu e o mar interrogando;  
Mas um e outro silencioso estava;  
Té que, de tanto imaginar cansando,  
Presa afinal de desalento amargo,  
Pendeu a fronte em intimo lethargo.

Por isso a elrei o commando  
D'esta viagem pedi;  
E, os perigos desprezando,  
A servil-o me atrevi.  
Que á India passe me ordena,  
Certo mercê não pequena;  
Mas nutro ambição maior:  
É pouco trilhar o rasto  
D'outrem; meu fim é mais vasto:  
É ser eu descobridor.

Por isso immensa alegria  
Me fez d'elrei a instrucção  
De cruzar, como eu queria,  
D'estes mares a extensão.  
E, se não m'a dêsse, embora,  
Por mim devassal-os fôra,  
Porque julgo que talvez,  
Além das ilhas que achado,  
Pelo nosso mau peccado,  
Tem o ardido genovez,

Ha outras da mesma sorte,  
Ou um continente ha,  
Que se alonga desde o norte,  
E no sul acabará.  
Porém terra não se alcança;  
E toda a minha esperança  
Vae-se a nada reduzir;  
Mais a deante andar não devo;  
Já mui longe a armada levo;  
Ao meu rumo tenho de ir;

Ao rumo d'esse Oriente,  
Que m'incumbe elrei buscar.  
D'esta miseranda gente  
É força a voz escutar.  
Adeus, projectos queridos;  
Vejo-vos quasi perdidos;  
Breve sereis sombra van!  
Que á India me tornaria  
Prometti-lhe, d'hoje a um dia.  
Acabereis ámanhan!

Emtanto unida a portugueza frota,  
Ao resplendor das nitidas estrellas,  
Continuando para oeste a rota,  
Ao vento de feição largas as vellas,  
Seguia acautelada a via ignota,  
Alerta no convez as sentinellas,  
E na prôa, que as ondas dividia  
Attento o marinheiro de vigia.

Aqui, alli, para entreter as horas  
Do quarto, alguns á turba circumstante  
As descobertas narram tentadoras  
Das caravelas do immortal Infante,  
As calmas da Guiné abrasadoras,  
Insofriveis ao pobre mareante,  
As tormentas, as fomes, os perigos,  
As doenças, os povos inimigos.

Porêm o que interesse mais reclama  
De todos é ouvirem a viagem  
Que os companheiros do arrojado Gama  
Contam, porque é de todos a miragem  
A India, porque a India a todos chama,  
E lhes incita a marcial coragem;  
Assim que, de escutal-os tão sómente,  
Nas plagas se imaginam do Oriente.

Á India, á India! bradam. Só deixámos  
Por ella quanto a gente mais estima;  
Por ella nossa Patria abandonámos;  
Por ella iremos ao mais longe clima,  
Sem medo a privações, como juramos;  
Eis o desejo só que nos anima,  
Não este mar correr talvez sem termo,  
Nunca jamais sulcado, ingrato e ermo.

Á India, á região abençoada  
Do luxo, do commercio, da riqueza,  
Dos reinos do universo cubiçada,  
E que fadou tão bella a natureza,  
Á India, que será por nós domada,  
Não resistindo á fúria portugueza,  
Á India, á India dentro em pouco iremos,  
Que ámanhan no seu rumo nos faremos.

N'esta pratica e n'outras consumiram  
Impacientes a noite os marinheiros,  
Até que despontar ao longe viram  
Da aurora, que esperavam, os luzeiros,  
E alegre o coração bater sentiram  
Aos impulsos da gloria verdadeiros.  
Só Cabral ainda á pôpa meditava,  
Insensivel ao dia que assomava.

Mas quando o sol esplendido  
Emerge do horizonte,  
Acorda do deliquio,  
Desannuvia a fronte,  
E em si depara insolita,  
Nunca provada luz,

Que o despe das miserias  
Da fraca especie humana,  
Que um limpido revérbero  
Da força soberana  
Projecta em seu espirito  
E a esp'rança lhe conduz.

Então de novo ás aguas  
O olhar experto inclina,  
E alonga-o té ao término  
Da liquida campina;  
Porêm nenhum phenomeno  
Avizo lhe é do céu.

Depois á azul abobada  
Os olhos alevanta,  
E nota uma ave mystica,  
Bella, que nada espanta,  
Voar, descer, da gavea  
Poisar no mastareu.

Salve, da terra nuncia,  
Que a terra nos envia,  
Ou, antes, o alto empyreo,  
A nos servir de guia!  
Só eu te vi! Prodigio!  
Perdão, perdão, Senhor,

Se n'um momento unico  
Cedi ante a fraqueza;  
Bem sabes qu'ella é propria  
Da nossa natureza;  
E que é o meu proposito  
Da Fé ser defensor.

Só n'um momento unico.  
No mais fui sempre crente.  
Chamavas-me, chamavam-me  
Aos mares do occidente  
A Patria, a minha gloria,  
As ordens do meu rei.

Venci contra os incredulos  
A porfiada guerra.  
Posso descer ao tumulo:  
Dos sonhos meus a terra,  
Occulta pelos seculos,  
Por teu favor achei.

Acaba; e de mil flammulas  
De cores variadas,  
De mil bandeiras candidas  
Co'a cruz atravessadas  
Como em signal de jubilo,  
As naus manda adornar,

Emquanto a capitanea  
No real tope arvora  
De Portugal a insignia  
Do oceano vencedora,  
Que veio um mundo incognito  
Aos homens desvendar.

Depois aos seus dirige-se,  
E diz d'esta maneira:  
É grande a Providencia;  
Grande é nossa cegueira;  
É grande o beneficio  
Que Deus hoje nos fez.

Podeis ir para a India,  
Que tanto vos enleva;  
A India minha é proxima;  
Eil-a que sa'e da treva;  
Eil-a: e, apontando, mostra-a,  
De pé sobre o convez.

Ao mesmo tempo unisono  
De terra o grito sôa;  
Ao mesmo tempo subito  
A gente á borda vôa,  
Que de seus olhos nescios  
O véu sentem cahir;

E em bando ignotos passaros  
Vêem cortando os ares,  
E verde manto undivago  
Cobrando ao largo os mares,  
E a costa, como nevoa,  
Das aguas a sahir.

Alguns dias depois no rumo do Oriente  
O pelago sulcava a portugueza armada,  
Porêm de Vera-Cruz na terra unicamente  
Meditava Cabral encostado á amurada:



É que um grande paiz de um grande continente  
Phantasiava já na idéia illuminada,  
E via o nome seu, equiparando em gloria  
O do Gama, a brilhar no templo da Memoria.

1900—Janeiro 28

## INFELIZ MÃE

Infeliz mãe, dos teus lares  
Fugiu de todo a alegria  
Com tua filha adorada,  
Tua melhor companhia.

E como não, se era d'ella,  
Se foi ella que lh'a deu?  
Existiu, quando ella viva,  
Morta ella, desapareceu.

Primeiro, mais caro fructo  
De teus fugazes amores,  
Foi um consolo, uma aurora  
Do destino entre os rigores.

Sentiste uma vida nova  
Quando á luz ella nasceu;  
Sentes hoje a morte n'alma,  
Que a tua filha morreu.

Dos beijos com que a beijaste  
Dos seus beijos e carinhos,  
Trava-te o gosto a saudadé,  
Pungem-te a alma os espinhos.

Flor de quinze primaveras,  
Tu só foste o mundo seu.  
Um só inverno murchou-a,  
Pobre innocente! e morreu!

Já mulher quasi na idade,  
Toda doçura e meiguice,  
Composto bello e sympathico  
De juizo e meninice,

1901—Abril

Tinha no riso dos labios,  
Tinha nos olhos sem véu  
A candidez do seu animo,  
Que nunca o mal conheceu.

Que sonhos de f'licidade  
Não formaria! que esp'rança  
De viver, gosar, amar-te!  
E morrer! Pobre creança!

Não ha dor que a dor eguale  
Da mãe que o filho perdeu;  
Nada pode consolar-te;  
Nem consolar-te sei eu,

Que compre'endo o teu martyrio,  
Que tambem a choro ainda,  
Que a vi desde tão pequena  
Crescer cada vez mais linda,

Que, ao ouvir suas palavras,  
Que ao olhar o rosto seu,  
Sentia não sei que balsamo  
Penetrar no peito meu.

Só, mãe, te resta um allivio:  
A seus dois irmãos te abraça;  
E, achando-a no rosto d'elles,  
Ser-te-ha menor a desgraça.

Porém aquella alegria,  
Tão sua, que Deus lhe deu,  
Essa, a teus lares não volta;  
Com ella á cova desceu!

## EM CINTRA

Quero sósinho estar co'a natureza.  
Abafam-me estes ares da cidade,  
Onde minh'alma vive como presa.

Anceio respirar, longe, á vontade;  
Quebrar estes estreitos horizontes;  
As cadeias trocar em liberdade;

Subir ao cimo de elevados montes;  
Co'os olhos abranger o espaço immenso;  
Ouvindo o som monotono das fontes,

Deixar correr o espirito suspenso  
Nas azas da iriada phantasia,  
Envolto do mysterio no véu denso;

Ir no valle aspirar melancholia;  
E, do commercio humano segregado,  
Os effluvios colher da poesia,

Ao cantico das aves ajustado,  
Ao murmurio da brisa no arvoredo,  
Ao perfume das flores emanado;

Pedir a cada coisa seu segredo:  
Ao mar distante, ao passaro que vôa,  
Ao tronco, á relva, ao córrego, ao penedo.

Vâmos a Cintra pois, á que pregôa  
Dos poetas a lyra um paraíso,  
Cuja fama sem par na terra sôa.

É das suas bellezas que eu preciso;  
Que ella reúne em si quanto desejo,  
Mil dons que n'outra parte não diviso.

Mais me captiva quanto mais a vejo,  
Esquiva, meio occulta na verdura,  
Bem como virgem que recata o pejo,

Mudando a cada instante a formosura,  
Já triste, já risonha, já severa,  
Já toda luz, já sombras e frescura,

Já arrojada á celestial esphera,  
Já afundada em valles deleitosos,  
Mais linda sempre do que d'antes era.

Onde retiros ha tão silenciosos?  
Onde nos falam tanto as aguas claras,  
Sussurrando nos leitos pedregosos?

D'onde recordações nos ve'm mais caras?  
Onde o que a sorte a padecer condemna  
Sente as chagas que tem menos amaras?

Quero estar só n'aquella estancia amena.  
Vâmos a Cintra pois; vâmos com ella  
Desafogar a represada pena.

E fui; e nunca me sorriu tão bella;  
Mas com olhos assim tão descuidados  
Tambem da natureza a rica tēla

Jámais eu vi. Seus sitios apartados  
Não busquei; não subí seus altos montes;  
Não descí a seus valles encantados;

Mal contemplei seus largos horizontes;  
Mal ouvi seus alados trovadores;  
Não poetei ao suspirar das fontes;

Não lhe communiquei meus dissabores;  
Não estive só com ella n'esse dia;  
Depois de o procurar com taes ardores!

É que alli te encontrei, minh'alegria,  
Ó filha de meu filho, ó flor de esp'rança,  
E antes quiz desfructar-te a companhia.

Tudo, ao ver-te, fugiu-me da lembrança,  
Pois nada para mim ha n'este mundo  
Mais gentil, do que tu, gentil creança,

Com teu olhar, tão meigo, tão profundo,  
Com as tuas perguntas de innocente,  
Com teu bom coração, teu rir jocundo,

Que a memoria me trazem docemente  
De um outro meu pequeno companheiro  
Que d'antes me seguia alegremente,

De teu pae. Como foi tão feiticeiro  
O tempo que eu e tu alli passámos!  
E como decorreu, voou ligeiro!

Nunca te esqueças d'onde então vagámos;  
Do que ambos alli vimos e dissemos;  
Dos bancos onde juntos nos sentámos;

Como em redor as vistas extendemos  
A toda a parte, as vistas sequiosas,  
E quasi de falar nos esquecemos,

Debaixo das abobadas frondosas  
Ao sol fugindo, que era então ardente,  
A ouvir as brisas ciciar medrosas

Nas folhas, que moviam brandamente;  
Ou os leves, aligeros cantores,  
Que nos ramos saltavam livremente.

Nunca te esqueças das formosas flores;  
Do vivo aroma, que estas exhalavam;  
Como de entre a verdura multicores,

Que aqui e alêm a espaços matizavam,  
Sem'ciume de ti, ó flor modesta,  
Ufanas de tua vinda se mostravam.

Tudo n'essa hora se ostentava em festa,  
Ou tudo, de ti perto, assim eu via,  
Porque a tua presença luz me empresta,

E tudo então formoso me fazia;  
Ah! não te esqueça, não, quanto has passado  
N'aquelle nosso fugitivo dia,

E ao longe o regio paço acastellado,  
E Setiaes, e o Penedo da Saudade,  
E o panorama seu tão dilatado.

Eu de hora de tamanha flicidade  
Nunca me olvidarei; e mais belleza  
D'esse éden acharei na amenidade,

Se outra vez lá tornar, e á natureza  
Fôr, só, dizer meu intimo queixume;  
Que da tua innocencia e singeleza

Beberei nos seus ares o perfume;  
Que a voz, das aves te ouvirei no canto;  
Que teus olhos verei no ethereo lume;

Que d'esses bosques de cerrado manto  
Até mesmo crerei ver tua imagem  
Sahir, apparecer-me por encanto;

E ouvir teu passo rapido na aragem,  
E o teu riso, e o rugir do teu vestido  
No ramalhar da trépida folhagem,  
Ou das fluentes aguas no ruído.

1903—Setembro 26

## HYMNO PORTUGUEZ

(Projecto)

Terra como a nossa terra  
Não ha nenhuma, não ha:  
Grande foi na paz, na guerra;  
E um dia grande será.

Pela Patria dar a vida  
É, foi sempre, a nossa lei;  
Salve pois, terra querida!  
Viva a Patria! viva o Rei!

O mundo ouviu nossa historia;  
Contou-lh'a, vencido, o mar;  
O mundo viu nossa gloria,  
E embalde a tenta offuscar.

Pela Patria dar a vida  
É, foi sempre, a nossa lei;  
Salve pois, terra querida!  
Viva a Patria! viva o Rei!

Hoje, a par da liberdade,  
Seguimos nossa missão,  
D'ella mais á claridade,  
Do que ao brilho do canhão.

Pela Patria, dar a vida  
É, foi sempre, a nossa lei;  
Salve pois, terra querida!  
Viva a Patria! viva o Rei!

Mas, se á gente portugueza  
Outra quizer affrontar,  
Em sua antiga braveza  
O leão ha de acordar.

1909 - Julho 29

Pela Patria dar a vida  
É, foi sempre, a nossa lei;  
Salve pois, terra querida!  
Viva a Patria! viva o Rei!

Nossa historia é um poema;  
Nosso povo o seu cantor;  
Liberdade o nosso lemma;  
Nossa Patria o nosso amor.

Pela Patria dar a vida  
É, foi sempre, a nossa lei;  
Salve pois, terra querida!  
Viva a Patria! viva o Rei!

## NO MEU RETIRO

Estas que vão alcatifando a terra  
Folhas seccas das arvores cahidas,  
Porque o vento feroz lhes move guerra,  
Lembram as minhas illusões perdidas.

Mas assim como, após o inverno feio,  
A estação voltará de Abril amena,  
E os ramos tristes, demudada a scena,  
Recobrirá de verdejante arreo,

Assim minh'alma, que o infortunio agora  
Despe de sonhos, de visões, de flores,  
Deixada qual viuva que deplora  
No ermo, inconsolável, seus amores,

Talvez de novo torne, alegre o fado,  
Desperto eu já do longo abatimento,  
A resurgir, a recobrar alento,  
A desprender o cantico inspirado,

E aos accordes da lyra e do alaúde,  
Outras vizões, quaes fadas vaporosas,  
As saudades da minha juventude  
Venham do outomno mixturar as rosas;

Ou talvez da harpa ao fremito guerreiro,  
Os já mortos heroes da nossa historia  
Venham dizer-me: canta; que inda gloria  
Dará Deus a este povo aventureiro.

É que, mãe grado ao decorrer dos annos,  
E ao frequente vaevem da infausta sorte,  
Mal escapo do mar dos desenganos,  
Sinto minh'alma juvenil e forte.

Esse bem devo a ti, ó meu retiro,  
 Onde longe da turba os dias passo,  
 A ti, onde soar meu canto faço,  
 Onde amo, gemo, sonho, ardo, deliro;

A ti, onde sem odio, sem inveja,  
 Sem cubiçar nem distincções, nem oiro,  
 Livre do afan da mundanal peleja,  
 Guardo, cultivo occulto o meu thesoiro,

O maximo thesoiro, inestimavel,  
 Que a Providencia me outorgou um dia,  
 O que val mais que tudo, a poesia,  
 A minha companheira inseparavel.

A ella só, a mais ninguem, confesso  
 Meus desejos, esp'ranças e cuidados;  
 A ella só, amparo, allivio peço;  
 A ella os votos meus são consagrados.

E ella escuta benigna minhas queixas;  
 E ella abranda piedosa minhas fragoas;  
 E até em risos me converte as magoas,  
 Ou m'as espalha em quérulas endechas.

Ah! não, não sabe quem, na terra a mente,  
 Vive preso da terra á vil cadeia,  
 O que é sentir, ao fogo redolente  
 Da inspiração que o animo incendeia,

Assim mudar-se a vida do poeta,  
 E rever-se maior, melhor, mais puro,  
 E, confiando em si e no futuro,  
 Quebrar dos annos e do espaço a méta.

O que elle gosa então n'esse delirio  
 Não pode descrevê-lo, e não no esquece,  
 Nem mesmo, se depois vem o martyrio,  
 E quanto mais subiu tanto mais de'ce;

Porque então inda o céu lhe offusca os olhos,  
 E não vê bem do mundo a escuridade:  
 Porque inda então do céu a claridade,  
 Distante, lhe abre goivos entre abrolhos.

Bemdicta sejas pois, ó minha estrella,  
 Que me consolas e meu passo guias,  
 Meu santelmo na tímida procella,  
 Meu encanto nas horas de alegrias.

Bemdicto seja pois o doce instante,  
 E o sitio, e a occasião afortunada,  
 Em que a primeira vez tua luz sagrada  
 Penetrou no meu peito e o fez amante.

E bemdicta essa luz que me devora,  
 E bemdictos até meus desalentos,  
 E o pranto que por ti minh'alma chora,  
 E os que soffro por ti crueis tormentos.

1902—Dezembro 31

## N'UM ALBUM

Nas folhas d'este album  
 Ha tantos primores,  
 Que eu sinto temores  
 De n'elle escrever;  
 Mas pede-me, obriga-me  
 A voz da amizade;  
 Seria maldade  
 Deixar de o fazer.

Talvez poucos leiam  
 Meus versos, coitado!  
 E a critica o ousado  
 Castigue sem dó.  
 Embora; não olho  
 Das glorias ao fructo;  
 Singelo tributo  
 Offerto-vos só.

Hesito entretanto,  
 Que a dadiva é pobre;  
 Não é oiro, é cobre;  
 Nem posso mais dar.  
 E agora... a proposito  
 Me acode á memoria  
 Um caso, uma historia  
 Que quero narrar.

Foi n'um certo dia,  
 Não sei, não sei quando;  
 A aurora apontando  
 Já vinha no céu;  
 E a terra, como elle,  
 Do somno acordava,  
 E ionge atirava  
 Das sombras o véu.

A hora propicia,  
 A placida aragem,  
 Que eu cri, na passagem,  
 Dizer-me: eia, vem

Ouvir como as aguas  
 Murmuram suaves,  
 Ouvir como as aves  
 Gorgeiam tão bem,

Do ar a frescura,  
 Dos campos o aroma,  
 O astro que assoma,  
 Tudo isso por mim  
 Chamava; o convite  
 Aceito gostoso,  
 E vou descuidoso  
 Passear no jardim,

Sosinho, ao acaso,  
 Sonhando desperto,  
 No quê, não acerto;  
 Até que parei,  
 E d'entre suas flores  
 Colhi as que eu amo,  
 E d'ellas um ramo  
 Pequeno formei,

Um ramo variado  
 Na côr e no cheiro,  
 Gentil e fagueiro,  
 No qual ajuntar  
 Eu fiz a acucena,  
 Que diz castidade,  
 O cravo, a saudade,  
 E as rosas sem par.

Porêm ao atal-o  
 (Não sei como o conte)  
 Das rosas defronte,  
 Dos cravos ao pé,  
 Encontro a papoila,  
 Que alli compromette  
 O meu ramalhete,  
 Tão feia ella é!

Incrível o julgo;  
 Parece uma affronta  
 Da simples, da tonta  
 Ser van presumpção.  
 Arranco-a zangado;  
 Machuco a atrevida;  
 E lanço-a sem vida,  
 Sem fórma no chão.

Assim vinguei logo  
 Das flores a injuria;  
 Assim minha incuria  
 De prompto emendei.

Findou-se o meu conto.  
 Ha n'elle um agoiro?  
 Entre outros desdoiro  
 Tambem eu serei?

Talvez poucos leiam  
 Meus versos, coitado!  
 E a critica o ousado  
 Castigue sem dó.  
 Embora; não olho  
 Das glorias ao fructo;  
 Singelo tributo  
 Offerto-vos só.

---

## PROFISSÃO

Cada vez que procuro a sociedade  
 Venho d'ella mais triste e descontente:  
 Deixem-me pois viver na soledade  
 Das minhas pobres illusões somente;

Das que tive e que tenho, das que a idade  
 Não me levou na rapida corrente.  
 Não quero nua ver toda a verdade;  
 Mas sonhar e soffrer longe da gente.

Sim, que inda na virtude eu acredito,  
 Na amizade, no amor, na fé sincera;  
 Sim, que para existir crer necessito:

Que, se em tudo que creio eu já não crêra,  
 E visse o mundo um ermo, um ser precito,  
 O céu e a terra a amaldiçoar morrêra.

1907—Novembro.

---

## DO TEU NOME...

Do teu nome as poucas lettras  
 Valem cem, cada uma linda,  
 E mil ia eu apostar  
 Que valem, ou mais ainda.

Amo-as; porém a primeira  
 E a ultima inda melhor:  
 São tua cifra abraçadas  
 Como nós em nosso amor.

As restantes, se as juntares  
 Em syllabas, que doçura!

Formam sons meigos e brandos;  
 São musica; são ternura;

Mas unidas em teu nome  
 São um astro no esplendor;  
 Falam-me todas d'esp'rança;  
 Falam-me todas de amor.

Por isso, apesar de poucas,  
 Valem cem, cada uma linda;  
 E mil ia eu apostar  
 Que valem ou mais ainda.



## A CERVANTES

NO TRICENTENARIO DO D. QUICHOTE

Ao meditar teu livro, ó bom Cervantes,  
Através do seu rir prantos eu vejo,  
E creio, entre ais, imprecações distantes,  
Passar das suas graças o cortejo.

É que elle foi da desventura o filho,  
Velado pelo manto da alegria;  
É que tambem as lagrimas tem brilho;  
É que, escrevendo-o, o coração gemia.

Sonhaste glorias, empunhaste a espada;  
Pela Fé, pela patria combateste;  
Sonhaste amores; e encontraste o nada;  
Que em tudo, sim, desillusões colheste!

Era pouco! Faltava-te o destêro,  
A indifferença, a miseria, ser captivo;  
E supportaste dos grilhões o ferro  
No exilio, pobre, só, sem lenitivo!

Mas, lasso de soffrer, ó alma forte,  
Emfim um dia sacudiste a algema;  
E a nova luta provocaste a sorte;  
E escreveste, immortal, o teu poema:

A sorte que te havia por domado,  
Mas que pelo teu genio foi vencida,  
Porque trocaste o âmbito acanhado  
Da passageira pela eterna vida;

O teu poema, o teu poema em prosa,  
Que do verso e da rima suppre o encanto  
Com o espirito e forma caprichosa,  
Que attra'e, que prende, que fascina tanto,

O poema da Hespanha, inconfundivel,  
A que nenhum dos outros se assemelha,  
Só para a patria feito, intraduzivel,  
Pois n'elle um povo e seu auctor se espelha.

E a patria o desprezou quasi! E deixou-te  
Na pobreza morrer, no esquecimento!  
Preso ao passado, injusta, condemnou-te;  
Não podia alcançar o pensamento

Do teu livro, protesto de revolta  
Contra o que era, onde o fel, onde a aspereza  
Da ironia mordaz ia de envolta  
Co'o sorriso e das flores na belleza.

Mas quando ella sahio da treva funda,  
Em que jazeu, qual tu, no captiveiro,  
Viu, saudou tua luz que o espaço inunda,  
E ufanou-se de ti no mundo inteiro.

Mas hoje o nome teu ella memora;  
Mas seu filho selecto hoje te chama;  
E d'essa luz se veste encantadora;  
E te corôa jubilosa e acclama.

Tal ás nações o genio se antecipa;  
Tal exerce contra ellas a vingança:  
Vivo, pharol, a sombra lhes dissipa;  
Morto, a gloria lhes deixa como herança.

1905—Maio 1

## JUNTO Á SERRA

N'esses sitios apraziveis,  
Onde estás do céu mais perto,  
Não achas o peito aberto  
Á mais grata sensação?  
Não é tudo mais suave?  
Não é tudo mais ameno?  
Não te bate ahi a pleno  
Satisfeito o coração?

Bem sei que o mar que abandonas  
Prende, se é calmo e jocundo;  
Porêm, sempre abysmo fundo,  
Assim mesmo, faz tremor.  
Pois, se as ondas encapella...  
Pois, se a praia em furia invade...  
Pois, se á voz da tempestade,  
Mostra de Deus o poder...

Ahi não, minha querida;  
Ahi, proximo da serra,  
Tudo te fala da terra,  
Tudo parece feliz.  
Ahi, em vez do deserto  
Das aguas que mette medo,  
Tens o frondoso arvoredor  
Que á alma tanto nos diz;

Tens a fonte que borbulha  
E por entre as pedras salta,  
A curta relva que esmalta  
Um tapêto multicolor,

Um tapêto de florinhas  
Variadas e singelas,  
Que são por isso mais bellas,  
Sem terem menos valor.

Tens o correjo tranquillo  
Que murmura e lento passa;  
Tens a ave que esvoaça  
De ramo em ramo a cantar;  
Tens os casaes que, sorrindo  
Ao longe na sua alvura,  
Mansas pombas na verdura  
Estão como que a lembrar.

Tens as ovelhas pastando  
Espalhadas na campina,  
Ou quando, á luz vespertina,  
Vão juntas para o redil,  
Emquanto o zagal deitado,  
Ou traz d'ellas caminhando,  
Suas penas enganando  
Vae na flauta pastoril.

Ai, quem me dera escutal-a  
Quando o campo é silencioso,  
E tudo chama ao repouso,  
Aquella poetica luz,  
Que do mundo nos aparta,  
Que dentro de nós nos fecha,  
E a sós comnosco nos deixa,  
E nos ameiga e seduz!

Se hoje a ouvisse, que saudade  
 Eu de ouvil-a sentiria!  
 Mas tratemos de alegria.  
 Saudades não te estão bem.  
 Tua existência começa;  
 Toda a vês; toda é presente;  
 E vives unicamente  
 De teu pae, de tua mãe.

Vaga pois por essas terras;  
 Bebe a agua d'essas fontes;  
 Aspira o ar d'esses montes,  
 E n'elle da vida o ar;

1908-9 de Outubro

E dize adeus d'essa altura,  
 Um adeus muito distante,  
 Às praias onde bastante  
 Soffreste, ás praias do mar.

Mas pelos gosos campestres  
 Não troques os da cidade:  
 Vem, ó flor de mocidade;  
 Volta breve para aqui.  
 Vem, ó filha de meu filho,  
 Já boa, lêda, radiosa:  
 Minh'alma é de ver-te anciosa;  
 Mais não quero estar sem ti.

## TEIMOSÍA

Este meu coração nunca se emenda:  
 É brando, é amoroso, é compassivo,  
 Embora surdo, altivo,  
 Passe o mundo por elle e q não attenda.

E como é que elle brando não seria,  
 Se tem sido de dôres tão calcado,  
 E de noite e de dia  
 De lagrimas regado?  
 Ah! n'essa brandura  
 Nasceu um dia amor,  
 Como, depois de noite procellosa,  
 Nasce da terra nua,  
 Molhada pela chuva copiosa,  
 Rasgada pelo ferro da charrua,  
 Campestre, olente flor,  
 Ou qual da molle, trabalhada cera,  
 Humedecida do suor do artista,  
 Que o fogo inspirador ávido espera,  
 Ou melhor do seu pranto,  
 Sa'e, como por encanto,  
 Uma obra de esculptura nunca vista.

Depois, grato perfume  
 D'esse amor que brotou do soffrimento,  
 Foi-se formando um outro sentimento,  
 Que os dois em si resume,  
 A piedade, a celeste, casta filha,  
 Do céu reflexo que entre os homens brilha:  
 Que tornei o meu peito e os meus ouvidos,  
 Por fatal exp'riencia.  
 Tão sensiveis ás magoas e gemidos,

Que, os gemidos dos outros mal ouvia,  
 Com a sua existencia  
 Quasi que a minha propria confundia  
 E as magoas como proprias lhes sentia.

Assim eu fui e sou, posto me veja  
 De outra maneira a gente;  
 Pois nem o longo perpassar dos annos  
 Na rapida corrente,  
 Não por campo bordado de boninas,  
 Mas por sobre estevas e rudes fragas,  
 Nem as ingratições, nem as ferinas  
 Garras da torpe inveja,  
 Nem as desillusões e desenganos  
 Me puderam tornar frio, impassivel  
 Aos influxos do amor e da piedade.  
 Do tempo e sorte resistindo ás vagas,  
 Eu sinto, amo, padeço, como outr'ora;  
 Só, achaque talvez do genio e edade,  
 A minh'alma se esquivava,  
 Cada vez mais, bem como a sensitiva,  
 Á frequencia da van sociedade.  
 Porém na sombra onde sósinha mora,  
 Surda para os rumores,  
 Cega para os fulgores  
 Que levam depós si a humanidade,  
 Quantas e quantas vezes  
 As alheias miserias e revezes  
 Comsigo apenas a minh'alma chora!

1910—Março 30

## ATTRACÇÃO

Se a vejo apparecer, *bianco vestita*,  
 De manhan, á janella, descuidada,  
 Vago o contorno, a face desmaiada,  
 Não sei porquê meu coração palpita.

Assim, vista de longe, que infinita  
 Graça não tem na forma delicada,  
 Pelo mysterio encantador velada,  
 Mysterio que mais prende e a amar incita!

Amar... não eu; que já não posso amal-a.  
 Para mim acabaram os amores!  
 Se tanto o peito meu inda se abala,

É para comprimir as suas dores:  
 Calcado, o lirio inda perfume exhala;  
 Sobre o cadaver tambem deitam flores.

1903

## Á LINGUA PORTUGUEZA

Ó lingua portugueza, ó minha lingua,  
     Que da fonte materna  
 Bebi co'o leite da primeira infancia,  
     Fonte de amor em breve  
 Extincta, secca pela mão da morte,  
 Como formosa és, e como te amo  
     Cada vez mais ainda,  
 Ao passo que profundo teus segredos!  
 Ó lingua de meus paes, da minha Patria,  
 Qual te vence em meiguice, em nervo e arrojo,  
 Quer te deslizes limpida e suave,  
 Como suave corrego entre flores,  
     De Sousa, de Bernardes  
 Na immaculada prosa, ou de Castilho  
 Nos expressivos, sonoros cantos,  
     Quer, pompeando, vertas  
     Divinal ambrosia  
 Do arrebatado Elmano nas estrophes,  
     Quer soberana e altísona,  
 Como os heroes que perpetúa grande,  
 Dos tempos através, eterna echões  
 No bronze dos Lusíadas gravada.

Mas quão diversa estás do que já foste,  
     Eivada de vocabulos,  
     De phrases estrangeiras,  
 Cerzida, rôta, suja, como veste  
     De misero mendigo,  
 Tu, que no teu thesoiro inextinguivel,  
 Filha mais pura da dicção latina,  
     Tens naturaes, e hauridos  
     N'esta e n'outras nascentes  
 Para qualquer idéia amplos recursos!

    E são indignos filhos  
 D'este claro torrão que lhes foi berço  
     Esses que te abastardam,  
 Porque, nescios e fatuos, só te'm vista  
     Para o que não é nosso,  
     Ou porque não lhes ferve  
 Dentro do peito o santo amor da Patria!  
     Quantos te julgam pobre,  
 Porque elles pobres são! Quantos te infamam,  
 Porque pejo não te'm! Quantos te crivam  
     De envenenadas settas,  
     Porque máus, porque barbaros,  
 Sem ver que a consciencia tarde ou cedo  
 Os culpará do misero attentado,  
     Que é crime, e crime enorme,  
 Roubar, ferir a nossa mãe, a Patria,  
 No que ella ha de mais caro e precioso.

Embora alguns, honrando-a,  
 E honrando-se, procuram da torrente  
 Do desamor, da insanía, da torpeza,  
     Diques oppor á furia,  
 Pois ella os galga, e se avoluma e espraia  
     Cada hora na imprensa,  
 Que mal cuida o que faz, que segue rapida  
     Cada hora ao seu destino,  
     Bem como o ferreo monstro  
     Devorador do espaço,  
 Que vòa, a mira só no termo posta,  
 Sem ver quasi tambem por onde vòa,  
 Cego da mesma rapidez que o leva.

Ó lingua de meus paes, ó minha lingua,  
     Que saudade pungente  
 Eu não tive de ti, quando hei vagado  
     Nos estrangeiros climas,  
     Das multidões em meio,  
 Só, triste, por faltar-me o chão da Patria,  
 Mas, por não te escutar, mais só, mais triste!  
     Como entre a varia turba,  
 Para mim insensível, enfadonha,  
 Eu buscava encontrar fosse quem fosse  
 Que uma palavra me dissesse ao menos  
 Da tua fala tersa, harmoniosa!  
 E quantas vezes o julguei, e quantas,  
     Barbaro desengano!  
 Só respostas ouvi em lingua extranha!  
 Quantas me perguntei, arrependido  
 De estar auzente do que mais prezava:  
     Pois vale, vale a pena,  
 Para admirar os sitios celebrados  
     Os ricos monumentos  
 De França e Italia, não gosar os proprios,  
     Tão famosos, tão bellos,  
 Da terra de meus paes, privar-me d'ella,  
     Defraudar a existencia,  
 Que já não deve longa ser, do tempo  
 Que passo aqui sem vel-a, sem ouvil-a?

Agora alheias terras  
 Não tornarei a visitar; agora,  
 Depois que as vi, mais inda me seduzes  
     Com tua gentileza,  
 Mais do que nunca, ó portugueza lingua;  
     Agora os teus poetas  
 E os prosadores teus leio, medito  
     De preferencia a quantos  
     Ha do mundo nos povos,  
 Porque mais amo cada vez a Patria;  
     Agora, longe d'elles,  
 No meu paiz natal sempre estimado

Da vida passo o resto,  
 Amando-o e ouvindo-te, ó formosa lingua;  
 E, amando-o sempre, e ouvindo-te  
 No adeus extremo, acabarei contente.

1909—Abril

## AO CENTENARIO DE BOCAGE

Pelo seculo teu não entendido,  
 Pela inveja mordaz abocanhado,  
 Sempre ás tuas paixões avassallado,  
 Sempre pela miseria perseguido,

D'este mundo, inda mal! desilludido,  
 Depois de tão formoso o haver sonhado,  
 Já descrente do amor e do teu fado,  
 Bocage, á dor cedias succumbido;

Mas ouves uma voz: segue o teu norte;  
 És grande; o genio teu nunca definha;  
 Grande, maior serás, depois da morte.

É Filinto que a gloria te adivinha.  
 E surges, bradas: desafio a sorte;  
 «Zoilos, tremei; posteridade, és minha.» <sup>(1)</sup>

1905—Dezembro 17

## JARDINEIRA

Vaes-te fazer jardineira?  
 Ha muito sêl-o devias.  
 Pela flor chamam as flores:  
 Myst'riasas sympathias.

Não ha emprego mais lindo,  
 Não ha moda mais gentil,  
 Para quem vê ir-se abrindo  
 A existencia em pleno abril.

Para das flores cuidares  
 Deixas de ser preguiçosa,  
 Da manhan bebes os ares,  
 Como os bebe a fresca rosa.

E que mal d'ahi te vem?  
 Menos tempo estar no leito?  
 Não madruga o amorperfeito,  
 E não madruga a cecem?

Olha a flor que fecha as pétalas,  
 Flor, como tu, de modestia,  
 Á noite, e, se abre inda humida  
 Do sol á primeira restia.

Viverás menos nas salas  
 Dos candelabros á luz?  
 Pois muito mais não seduz  
 O dia com suas galas?

(1) Bem conhecido verso de Bocage.

Se foges do sol brilhante  
Que nos dá calor e vida,  
Offendes Deus, e perdida  
Ser-te-ha a cor do semblante;

Que do dia fazer noite,  
Que fazer da noite dia,  
É mesmo quasi um peccado,  
Tira saúde e alegria.

Aprende co'a natureza;  
Das flores toma a lição:  
Hão de guardar-te a belleza,  
E talvez... o coração.

Nem tu sequer imaginas  
O quanto, na convivencia  
D'estas obras pequeninas  
De Deus, se apura a existencia;

Como se lhes cria amor;  
Que amizade se lhes toma;  
Como attra'e o seu arôma;  
Que encanto ha no seu primor;

Como, no mudar continuo  
Que te'm a cada momento,  
Prova o olhar não sei que jubilo,  
Se allivia o pensamento!

Faze-te pois jardineira,  
Que prazer, saúde e paz  
Certamente encontrarás,  
Vivendo d'essa maneira.

Vae correndo o mez de Maio;  
N'este mez delicioso

1909—Março 24

Encurta ao dormir o goso,  
Começa do emprego o ensaio.

Parece que já te vejo  
Toda entregue ao teu cuidado,  
Ligeiramente vestida,  
Com modesto penteado,

Descer os degraus que levam  
Ao teu ameno jardim,  
Falar ao cravo, ao jasmim,  
E ás flores que mais te enlevam.

Como estás, a uma dizes,  
Tão formosa e bem medrada!  
Quanta graça! que matizes!  
É ante ella ficas parada.

A outra que na haste vês  
Languida e meio pendente:  
Que tens? porque estás doente?  
É sentir sua pena crês.

O muito sol prejudica-te;  
Precisas de muito mimo;  
Vou regar-te, e de ti proximo  
Pôr uma canna, um arrimo.

Assim a varias falando,  
Irás nas bellas manhans,  
Como irman por entre irmans,  
Das tuas flores tratando.

Ha outra vida ligeira,  
Bôa, alegre, como esta?  
É um emprego que é festa.  
Faze-te pois jardineira.

## AO MAR!

AO SR. JOÃO BRAZ DE OLIVEIRA

Como os de outr'ora, oh! tempos de ventura!  
São inda os marinheiros portuguezes  
No esforço, na constancia, na bravura,  
Na lida, no triumpho, nos revezes.

Bem o sabia eu, e o sabe a historia;  
Mas n'esta epocha má de desalento  
É preciso avival-o na memoria,  
Para a todos servir de incitamento.



Isso teu livro faz.<sup>(1)</sup> Bemvindo seja.  
N'elle puzestê parte da tu'alma.  
É uma arvore bôa que frondeja,  
Que nos seus fructos ha de dar-te a palma.

É uma voz que diz á Patria cara:  
Vê quanto valem hoje inda os teus filhos;  
Deixa com elles de mostrar-te avara,  
E ao nome antigo juntarás mais brilhos;

Uma voz que lhe grita: foste grande  
No mar quando feliz, potente eras;  
Pois com taes filhos pelo mar te expande,  
E ditosa serás. O que é que esperas?

Olha como elles correm porfiosos,  
Só para te servir, Patria querida,  
A arrostar os perigos animosos,  
Ao ferro, á doença, á morte expondo a vida,

Já da infrene procella nos horrores,  
Já da tua bandeira na defeza,  
Já do sertão nos mórbidos rigores,  
Com o feroz gentio em guerra accesa.

Se tanto fazem, sendo tu agora  
Fraca, se não o fosses, que fariam!  
Como do occaso ás regiões da aurora  
De novo o teu pendão desfraldariam!

Isto diz o teu livro; e o marinheiro  
Muita vez o dirá, quando, alta noite,  
Medita, á pôpa do baixel guerreiro,  
Embalado das ondas pelo açoite.

Então verá apparecer-lhe a imagem,  
Sobre as aguas, da Patria idolatrada,  
E sonhará das glorias co'a miragem,  
Cuidando ouvil-a que por ti lhe brada.

Isto ensina o teu livro á mocidade,  
Que da Patria será um dia o muro,  
Á que aspira do mar á immensidade,  
E crê ser d'ella o mar inda o futuro.

E tu, ó Patria, este pregão attende  
De um marinheiro teu que te honra e ama;  
N'elle o que és hoje, se ignorante, aprende;  
Que outra vez para o mar o céu te chama;

(1) As *Narrativas navaes* ultimamente publicadas.

Que o teu baixel entre os escolhos nuta;  
 Que valem, valem muito inda os teus filhos:  
 Ajuda-os, forma-os pois do mar na lucta;  
 E ao nome antigo juntarás mais brilhos.

1908—Março 4

## A SANTAREM

(DE IBD-ABDUM)

Sobre estavel fundamento  
 Elevas-te majestosa  
 No teu monte sobranceiro,  
 De teus encantos vaidosa.

Só por ingremes caminhos  
 A ti se pode chegar;  
 E os campos que te rodeiam  
 Da altura estás a mirar,

Esses campos deleitosos,  
 Que contigo para os ares  
 Parece que vão subindo  
 Com jardins e com pomares,

Como dona soberana  
 Que para dote os quizesse,  
 E os mais bellos de entre todos  
 Attentamente escolhesse.

Do rio Tejo formoso  
 Altiva as aguas dominas;  
 E do Tejo as mansas aguas  
 Te circundam crystallinas,

Como cinge niveo braço  
 De donzella feiticeira  
 Recamada de saphyras  
 Auriluzente pulseira.

## Á CASA DE MEUS PAES

Salve! lar da minha infancia!  
 Salve! casa onde nasci,  
 Do meu passado fragrancia!  
 Eis-me deante de ti.  
 Estes muros consagrados  
 Pelos annos respeitados  
 Abalam-me o coração;  
 Erecta, Augusta memoria,  
 Avivam-me n'alma a historia  
 Dos tempos que já lá vão.

Foi respirando estes ares  
 Que do mundo eu vim á luz;  
 Foi aqui, n'estes logares,  
 Que eu tomei da vida a cruz,  
 Cruz então leve e de flores,  
 Que o seu pêso, as suas dores  
 Quinhoava minha mãe,  
 Depois, já orphão, pesada,  
 Nos meus hombros só levada,  
 Sem ajudar-me ninguem.

Era aqui que ella vivia,  
 E que vivia meu pae  
 No socego, na alegria  
 Que o mal do mundo distra'e,  
 Satisfeitos na estreiteza  
 Da sua humilde pobreza,  
 Sem se queixarem de Deus,  
 Ambos juntos, e um filhinho,  
 Que da terra no caminho  
 Lhes mostrava ao longe os céus.

Elle oppresso pela idade,  
 Das lidas pelo amargor,  
 Espelho de lealdade,  
 De nobreza e pundonor,  
 Desde imberbe adolescente,  
 A braços co'a guerra ardente,  
 Sempre os riscos a encarar,  
 Entre os seus dos mil embates  
 Da fortuna e dos combates  
 Afinal a descansar.

Ella candida e mimosa,  
Toda graça feminil,  
Na quadra mais vigorosa  
Da idade, na mais gentil,  
Ha pouco unida a quem ama,  
Ha pouco a materna chamma  
Sentindo no seio arder,  
Feliz por ser adorada,  
E no filho retratada  
A sua imagem rever.

Meu irmão mal da existencia  
No começo da manhan,  
Alma cheia de innocencia,  
Face das rosas irman,  
Fronte de oiro, pequenina,  
Bocca breve e purpurina,  
Passo curto, mas veloz,  
Falar incerto e nascente,  
Que diz pae e mãe sómente,  
Que a mais não lhe chega a voz.

Para os três assim unidos  
Nos braços da santa paz  
Dias lédos e floridos  
Tecia o tempo fugaz:  
Ella da casa cuidando,  
Ou do filhinho tratando  
Com ternura maternal,  
Meu pae gosando a seu lado  
Esse viver descansado  
Que mais do que o oiro val.

Se do preterito ás vezes  
Elle erguia o escuro véu,  
Se as victorias, se os revezes  
Contava do tempo seu,  
De quando entrou por Hespanha,  
De quando fez a campanha  
Chamada do Rossilhão,  
De quando luctou brioso  
Contra o exercito famoso  
Do invasor Napoleão;

Se narrava da batalha  
A furia accesa, o tropel  
Dos cavallo, a metralha,  
A mortandade cruel,  
Como foi um dos eleitos

Para affrontarem co'os peitos  
Os muros de Badajoz,  
E, n'uma perna ferido,  
Pelejou sem ser vencido  
Contra o inimigo feroz,<sup>(1)</sup>

A espôsa, só de escutal-o,  
Perdia do rosto a côr,  
Tremendo em violento abalo,  
Gelada pelo terror;  
E nos seus braços tomava  
O filho, e a si o chegava,  
Dizendo ao espôso assim:  
Quantos trabalhos soffreste!  
Quantos perigos correste  
Que me assustam tanto a mim!

Graças a Deus! a teu lado  
Agora em paz aqui estou;  
Graças a Deus! que apiedado  
Essas guerras acabou.  
Se eu então te conhecesse...  
Mas foi antes que nascesse,  
Ou mal a vida encetei.  
Longe de ti, que fizera?  
Sem ti, como é que vivera?  
Não quero pensar, nem sei.

Oxalá que nunca tornem  
Essas epochas de dó,  
E nossos gosos transtornem;  
Que nunca me deixes só;  
Que o mal em nós nunca entre,  
Que o fructo que hei no meu ventre  
Deus felicite e abençõe;  
E nossos filhos vejamos  
Felizes como hoje estamos  
Té que a hora extrema sôe.

Ah! este quadro formoso  
Imagino-o muita vez:  
O filhinho, a espôsa, o espôso,  
Contentes todos os três,  
Quando os teus muros contemplo,  
Ó minha casa, ó meu templo,  
Trasbordando o coração,  
E vejo em minha memoria  
Inteira surgir a historia  
Das eras que já lá vão.

(1) Historicó.

Mas logo a quadro tão bello  
 Vem um outro succeder.  
 Embalde tento esquecel-o;  
 Não me é dado esse poder.  
 Horrivel, todo negrura,  
 Tendo ao fundo a sepultura,  
 Ostenta-se aos olhos meus;  
 Cobre-o o véu da tempestade,  
 E choram sós, na orphandade  
 Dois innocentes, meu Deus!

Foi breve tanta alegria;  
 Foi breve tamanha paz!  
 Seguiu-se o lucto, a agonia,  
 Seguiu-se a guerra voraz,  
 Não contra nações extranhas,  
 Mas contra as mesmas extranhas  
 Da pobre Patria, infeliz!  
 Guerra sem gloria e sem honra,  
 Que os vencedores deshonra,  
 Que os vencidos torna vis.

E o nobre, velho soldado  
 Da lucta Peninsular,  
 Apenas acostumado  
 Pela Patria a batalhar,  
 A espada victoriosa  
 De outros tempos sonora,  
 A seu pezar arrancou,  
 E contra o bando inimigo,  
 Contra o irmão, contra o amigo,  
 Obedecendo, empunhou.

A combater o chamava  
 Do guerreiro a austera lei:  
 O ferro desembainhava  
 Para a defesa do rei.  
 Embora fosse tyranno,  
 Jurara-o por soberano;  
 Ficou-lhe sempre leal;  
 Não queria deslustrada  
 A farda nunca manchada;  
 Nunca fôra desleal.

Então o existir tranquillo  
 E dos seus o terno amor  
 Deixou, ó sereno azylo,  
 Das batalhas pelo horror.  
 Tu de ti partil-o viste  
 Pesaroso, mudo, triste,  
 Montado no seu corcel;  
 Tu da espôsa estremecida  
 E do filho a despedida  
 Escutaste; adeus cruel!

Desde essa hora tão funesta  
 O prazer em ti morreu,  
 E a desgraça amarga, infesta,  
 Os muros te ennegreceu!  
 Foi então, n'essa tristeza  
 Que, dos males terra presa,  
 Eu comecei a existir,  
 Fructo de infaustos amores,  
 Para a tanta magoa e dores  
 AJuntar o meu carpir.

Receberam-me na terra  
 O pranto, o lucto, a afflicção,  
 A peste, a furia da guerra,  
 Do infortunio o atroz condão,  
 E minha mãe que em seus braços  
 Com afagos, com abraços  
 Triste e alegre me beijou,  
 E lagrimas de ternura  
 Travadas pela amargura  
 Sobre meu corpo chorou.

Ah! não ha no mundo affecto  
 Que o dos paes possa egualar!  
 É fundir n'um ser dilecto.  
 A alma, a vida, o pensar;  
 Suave, celeste, ardente,  
 Nem o exprime quem o sente,  
 Que nem artista ou cantor  
 Pintará sequer de leve  
 O que nunca se descreve,  
 O paterno, santo amor.

Os outros nascem de fora,  
 De um ente que nos dá luz;  
 São chamma que nos devora,  
 Que ao mal ou que ao bem conduz;  
 Do espirito este deriva;  
 É lampada sempre viva  
 Em nós, um raio do céu,  
 Que a treva nos alumia,  
 Que nos enche de alegria  
 Co'o limpido brilho seu.

Nos outros sómente amâmos,  
 Depois de o que amâmos ver;  
 E os filhos nós os presâmos  
 Antes mesmo de nascer.  
 Hoje dês que a Providencia  
 Abençoou minha existencia,  
 Dando-me um filho tambem,  
 É que sei, é que imagino  
 Vosso affecto peregrino,  
 Ó meu pae, ó minha mãe.

Quantas vezes me recordo,  
Ao ameigal-o, de vós,  
E dos meus sonhos acordo  
D'esse tempo á idéia atroz!  
Quantas vezes carinhosa,  
Contemplando minha espôsa  
O nosso filho a beijar,  
Eu digo: assim me adorava  
Minha mãe e me beijava;  
E não na pude gosar!

Não pude; que, mal nascido,  
N'este mundo só fiquei,  
Sem meus paes, orphão, perdido,  
Da desgraça entregue á lei.  
Minha mãe pela saudade  
Rasgada é pela anciedade,  
Longe do espôso infeliz,  
Compartilhar sua sorte,  
Quer na vida, quer na morte,  
Junto d'elle, ao menos quiz.

Com meu irmão e commigo  
Um dia te deixou só,  
Ó d'antes alegre abrigo,  
Então coberto de dó,  
Sem saber desventurada!  
Que á sua velha morada  
Não tornaria jámais,  
Que a trocava pela escura  
Morada da sepultura,  
Pelas sombras eternaes.

Partiu-se da sua terra,  
Da sua casa a buscar  
Entre as balas, entre a guerra  
O espôso, e o foi encontrar.  
Chegou; viram-se; oscularam-se;  
Estreitamente apertaram-se  
N'um longo abraço, sem fim;  
E ella ao seu marido e amante  
Mostrou-me toda radiante,  
Sorrindo-se para mim.

Ah! que suave momento!  
Como da sorte o rigor  
Esqueceram e o tormento  
N'aquelle abraço de amor!  
Mas foi breve, passageira  
Essa alegria primeira!  
Um sonho! pouco depois  
N'outro abraço se abraçaram:  
O derradeiro! E baixaram  
A cova mortos os dois!

Do espôso socia na vida,  
Na morte o quiz tambem ser.  
Pobre mãe! Da dor ferida,  
Deixou-se de dor morrer!  
Entre uma e outra agonia  
Mediou como que um dia!  
Foi um quasi o funeral!  
E nós ficámos no mundo,  
Submersos em dó profundo,  
Sem entender nosso mal,

Sós no meio dos soldados,  
No meio da turba van,  
De todos abandonados,  
Nós e uma fraca ancian,  
Que, vendo a filha assim morta,  
Fechada á esperanza a porta,  
Duas creanças sem pão,  
E o seu tumulo já perto,  
Para recebê-la aberto,  
Perdeu a luz da razão.

Meu irmão, passados annos,  
Foi, procural-os ao céu.  
Á edade dos desenganos  
Não chegou; cheguei só eu.  
Feliz d'elle! Da existencia  
Nunca teve a consciencia,  
Nem do seu fado cruel;  
Não conheceu a orphandade;  
Não palpou a realidade;  
Não sorveu da taça o fel!

D'esse amor por Deus bemdicto,  
Que tão bello começou,  
Que se julgava infinito,  
Que breve a morte acabou,  
D'esse militar honrado,  
Sempre nobre e dedicado,  
Que emfim as armas depoz,  
D'essa mulher virtuosa,  
Terna mãe, fiel esposa,  
Que o seguiu ao céu veloz,

De meu irmão que, innocente,  
Não quiz sem elles ficar,  
De tudo que foi sómente  
Eu resto, e restas, meu lar;  
Eu e tu, e um livro santo  
Que escutou o triste pranto  
E as preces de minha mãe.  
Nada mais! Nem uma lousa!  
Que onde ella e meu pae repousa  
Não sei, nem sabe ninguem!

Por isso é que eu te saúdo  
E paro deante de ti  
Muita vez, absorto, mudo,  
Ó morada onde nasci,  
E submisso te contemplo,

1867—Março 27

Como se fosses um templo,  
Trasbordando o coração.  
E vejo em minha memória  
Inteira surgir a historia  
Dos tempos que já lá vão.

## QUADRAS POPULARES

Não se fiem na ventura,  
Que ella passa como o vento;  
É mesmo quando mais dura  
Parece dura um momento.

O coração como os campos  
De ser regado precisa:  
É sem lagrimas esteril;  
Com ellas se fertiliza.

Tens uma bocca engraçada,  
Uma bocca sem igual;  
Mas porque, sendo tão bella,  
Não faz senão dizer mal?

—Um dia que passeando  
Eu e ella iamós sós,  
O amor que nos perseguia  
Veio metter-se entre nós;

Deu-nos os braços risonho,  
E prendeu-nos com taes nós,  
Que, desde então, somos três,  
E não mais andámos sós.—

Não te vejo e creio ver-te;  
Quando só, julgo-te perto;  
Não te oiço, e penso escutar-te!  
Vê do amor o desconcerto!

—Como andas, ó minha rosa  
Tão murcha, tão desmaiada!  
—Ai de mim! É que me rega  
Amor com agua salgada.

—Se trocasses essas lagrimas  
Por meus beijos, minha amada,  
Tornáras a ser o que eras,  
A minha rosa encarnada.—

Tenho andado n'estas serras  
A chamar-te com meus ais;  
O seu echo me responde:  
Porêtu tu, cruel, jámais.

—D'antes gostava da noite,  
Quando em mim tinha a alegria;  
Agora que a já não tenho  
Antes quero a luz do dia.

A lua já não me fala  
As falas que me dizia;  
O céu ornado de estrellas  
Só me faz melancholia.—

Como a ovelha tresmalhada  
Vaga á tóa sem pastor,  
Eu vago errante no mundo  
Perdido por teu amor.

—A carta que m'escreveste  
Tentei-a de balde ler;  
Vinha regada de lagrimas;  
Não se podia entender.

Cheguei-a então a meu peito,  
Que estava por ti a arder;  
E ao fogo d'elle seccou-se;  
E amor ensinou-m'a a ler.—

—O rio que vaes correndo  
Por estes campos floridos,  
Por ires onde eu não posso  
Tu me levas os sentidos.

Ó rio, se acaso a vires,  
No teu murmurar gemente  
Diz-lhe que eu gemo por ella,  
Como tu, eternamente.—

Viver no mundo enganado  
Quanta vez é flicidade!  
Quanta vez um bello engano  
Vale mais que uma verdade!

—Puz-me a contar as estrellas,  
E na conta me perdi.  
Que seria, se eu contasse  
As graças que vejo em ti!

Que são sem conto as estrellas  
E as tuas graças tambem;  
Mas para a vista cegarem  
Teus olhos o céu não tem.—

—Ao dia succede á noite;  
Á noite succede o dia;  
Sómente á minha tristeza  
Nunca succede a alegria.

É que o sol da minha vida,  
O sol que eu tanto queria  
Sumiu-se ha muito nas trevas;  
Já me não traz alegria.—

—Dizem que as brancas são bellas;  
Que as trigueiras o não são;  
Pois digam quanto quizerem;  
Não lhes encontro razão.

As trigueiras te'm mais graça,  
Muito maior expressão;  
Te'm para prender as almas  
Uns feitiços, um condão!

E, se amam, amam deveras;  
Não é amor, é paixão.  
Eu por mim, sempre ás trigueiras  
Tenho dado o coração.—

Tenho andado todo o dia  
A perguntar por meu bem;  
Por meu mal só o conhecem;  
Não o pode achar ninguem.

Bemdicta seja a ignorancia  
Da crédula mocidade:  
Saber é ter desenganos;  
Não saber é flicidade.

—O livro da minha vida  
Debalde o forcejo ler;  
São as suas folhas negras,  
Não o posso perceber.

Só uma está inda branca;  
É a ultima; ai de mim!  
Tem sómente uma palavra;  
E essa palavra diz: fim!—

—Maria, se vae á fonte,  
Fica lá horas inteiras;  
É que, a scismar, adormece  
Ouvindo as aguas palmeiras.

E sonha sonhos tão lindos!  
E sonha meio desperta!  
Maria, toma cuidado,  
Porque amor está álerta.

Toma cuidado na bilha;  
Vae a agua a trasbordar;  
E amor, o sonso, o matreiro,  
A rir de ti e a pular.

Olha que te faz alguma...  
Anda, Maria, desperta;  
Que, se elle te parte a bilha,  
Nem Santo Antonio a concerta.—

Tu és decerto bonita,  
Mas tens não sei que expressão  
Que o contrario no teu rosto  
Mostra do teu coração.

—As minhas trovas singelas  
Quem m'as dera ouvir cantar  
Ao som da nossa viola,  
Quando é mais bello o luar;

Ao som da nossa viola  
Que nos parece falar,  
Que tem alma, que se queixa,  
Que ás vezes crêeis chorar.

Ouvi-a á noite nos campos  
Dos aldeões junto ao lar;  
Ouvi-a dizer tristezas;  
Ouvi-a alegre trinar;

Ouvi-a na terra extranha  
A minha terra lembrar,  
Esta terra portugueza  
Que no mundo não tem par;

Ouvi-a ao rumor das ondas  
Os seus gemidos casar,  
Quando canta o marinheiro,  
Quando está quieto o mar.

Por isso, escutando-a, ás vezes  
Ella me faz suspirar,  
Que vejo tantas lembranças  
Pela memoria passar.

Por isso as trovas singelas  
Em que as tento retratar

Quem me dera aos teus gemidos,  
Minha viola casar;

E de novo sentir vida;  
E ao meu passado tornar;  
E á minh'alma vestir azas;  
E voar, voar, voar! —

## FRAGMENTOS DE UM POEMA

### A PARTIDA

Vae despontando o sol; do norte a brisa  
Encrespa mansamente o largo Tejo  
De mastros povoado. Impaciente  
De o deixar e fender os vastos mares,  
Alterosa galera se baloiça,  
Ainda ao fundo presa; pela enxarcia  
Uns marinheiros galgam; pendem outros  
Das antennas, e ao vento as velas soltam;  
Outros, no bolinete as barras pondo,  
Puxam o ferro, que emperrado sobe;  
Outros ao longo do convez arrastam  
A corrente ruidosa. Emfim, já livre  
Do freio, á rouca voz do commandante,  
Freme o baixel, e vae rasgando as aguas,  
Sôltas as brancas, enfunadas azas.

Sentado ao pé da pôpa, e os olhos fitos  
Na cidade, que foge a pouco e pouco,  
Eduardo parece quasi alheio  
Ao que se passa em roda e tódo immerso  
Em intimo scismar; como phantasmas  
Cobertos de sudarios alvacentos,  
Vê correndo ante si, uns após outros,  
Os altos campanarios e os palacios,  
Já inundados do clarão celeste,  
E escuta apenas, como em vago sonho,  
A multisona voz, composto immenso  
De vozes mil e mil, de riso e chôro,  
De ais, de lamentos, de prazer, de musicas,  
De trabalho e de amor, com que desperta  
Todos os dias, mal a chama a aurora,  
A rainha do Tejo; é que sua vista,  
É que os ouvidos seus a mente seguem;  
E esta é longe d'alli, junto a quem ama.

Algum tempo depois, qual se acordasse,  
Volve o olhar á cidade, já distante,



Já pela pôpa além, e diz, seguindo  
 A cadeia tenaz de pensamentos,  
 Que a alma lhe agrilhôa: bem depressa  
 Quanto sob estes céus eu tenho, tudo  
 Que amo na terra ha de tambem fugir-me!  
 E sabe Deus se para sempre!.....

..... Emtanto  
 Mais veloz proseguia no seu curso  
 A garbosa galera, e então chegava  
 Mesmo em frente do sitio onde a morada  
 De Eduardo se erguia. Que funereo,  
 Longo manto de dó correu tremendo  
 Sobre elle, ao descobrir o tecto amigo,  
 Onde tanto vivera; ao ver os campos,  
 Tão conhecidos seus, seus companheiros,  
 Vicejando em memorias perfumadas  
 De vinte annos de vida; e não distante  
 Essa outra casa onde mais tinha agora  
 O pensar, a existencia, o doce ninho  
 Do seu amor, a casa de Maria;  
 E esse oiteiro formoso, em que o destino  
 Quiz a primeira vez que se encontrassem;  
 E esse mundo pequeno de venturas,  
 De jubilo, de paz e de innocencia,  
 Que para ambos cifrava inteiro o mundo!  
 Ai! o que fará ella? Como eu peno,  
 Ha de penar tambem! Ai! quantas lagrimas  
 Não terão inundado aquellas faces  
 Outr'ora tão risonhas! Se um instante  
 Eu pudesse voar, ir enxugar-lh'as!

D'este modo pensando, uma janella  
 Aberta julgou ver, e um branco vulto,  
 Que a ella se assomou; era Maria;  
 Disse-lh'o o coração, que lhe pulsava  
 No peito alvoroçado, pois a vista  
 Não a pudera distinguir de certo  
 Dos prantos através, em tal distancia.

Por muito e muito contemplou scismando  
 Aquelle niveo ponto, os longos olhos  
 A estender para elle, quêdo, immovel,  
 Co'os labios entreabertos, dir-se-hia  
 Procurando falar-lhe; mas em breve  
 Se esvaeceu de todo, como estrella  
 Ultima, que no céu se apaga e some  
 Sob o véu da tormenta. O adeus extremo  
 Dá o triste mancebo a quem adora.

Refresca o tempo; as ondas inquietas  
 Dansam em torno do baixel veleiro,  
 Que as divide espumando, e salta alegre

Ao avistar a immensidão dos mares.  
 Parece que respira entusiasmo,  
 Aspirando o ar livre, que os limites  
 Espreita do horizonte; que sequioso  
 Sorve o espaço infinito; e que se anima,  
 Ouvindo á prôa o borbulhar da vaga,  
 Ou o vento nos cabos esticados.

Transpunha então o conhecido termo  
 Onde caudal e majestoso o Tejo  
 Vae encontrar o oceano, e offerecer-lhe  
 O tributo abundante de suas aguas,  
 Sem que receba d'elle em recompensa  
 Forçada vassallagem, como d'antes,  
 Quando seus filhos, percorrendo o globo,  
 Reis no mar e na terra vencedores,  
 Voltavam, semideuses de heroismo,  
 Carregados de gloria. Desfraldada  
 Á pôpa leva a bicolor bandeira,  
 As quinas portuguezas, e, soberbo  
 De vél-as fluctuar, encara o p'riego.  
 Tal o nobre corcel, á guerra afeito,  
 Ao sentir cavalleiro experiente  
 Apertar-lhe as ilhargas, pula ufano,  
 Morde o freio espumoso, o chão escarva,  
 E anheja as armas e o feroz combate.

Quanto custa deixar da patria o solo,  
 E ver da borda do baixel veleiro,  
 Que a tudo que estimâmos nos arranca,  
 A terra desmaiar, como desmaia  
 Candida amante, ao despedir-se em pranto  
 Do terno amado, que choroso parte!  
 Quanto custa deixar os bellos sitios,  
 Onde nascemos, onde a vez primeira  
 Nos despertou a luz da natureza:  
 O céu, o sol, as nítidas estrellas,  
 E o astro melancholico da noite,  
 Que nos foram no berço testemunhas,  
 Socios depois nos infantis folguedos,  
 E depois confidentes silenciosos  
 Do nosso amor, da desventura nossa!

Então deante de nós reaparecem  
 Vivos, reanimados, e julgáreis  
 Falando até, os annos do passado,  
 E com elles o magico theatro  
 Da nossa vida inteira. A conhecida  
 Igreja, onde rezar acostumavamos,  
 Então na idéia avulta com suas festas,  
 Com suas torres de neve, e os bronzeos sinos  
 A dizer-nos: adeus; não mais ás preces  
 Te havemos de chamar como chamavamos.

O cemiterio, em cuja terra dormem  
 Paes, irmãos, a escolhida da nossa alma,  
 Os amigos, ou d'esses caros entes  
 Alguns sequer, tambem, tambem parece  
 Dizer (e sóa a voz de sob a campa,  
 A voz de quem amámos): ao sol posto  
 Não te verei a divagar calado  
 Aqui, por entre os funerarios leitos,  
 Como ás vezes fazias, orvalhando  
 O chão frio de lagrimas saudosas.  
 Os passeios, os densos arvoredos,  
 O oiteiro, o monte, os valles, as planicies  
 Estão-nos acenando a convidar-nos  
 Com flores e verdura e extensas vistas,  
 Qual d'ellas mais variada, mais alegre,  
 E no sonoro murmurar das folhas,  
 Da agua a correr em fontes, em ribeiros,  
 E no canto das aves tristemente  
 A segredar-nos: porque assim te apartas?  
 Vaes-te; e nós nos ficámos, de mysterio,  
 De musica e fragrancia enchendo os ares.  
 Chama por nós o vozear continuo  
 Da cidade ou da villa em que moravamos,  
 As largas praças, as sabidas ruas,  
 Em cada hora e momento uma lembrança,  
 E, inda mais do que tudo, a casa e aquelles  
 Seres queridos que por nós viviam.

Como estará tão muda e tão deserta  
 A minha habitação! toda fechada,  
 Sem do sol receber a luz benigna,  
 Quasi mesmo sem ar! Traja de lucto  
 Qual o meu coração. Eramos ambos  
 Amigos; conhecia meus pesares  
 E as minhas alegrias; separados  
 Não podemos viver sem sermos tristes.  
 Assim pensa o mesquinho desterrado  
 Que familia não tem, que vê fechar-se  
 A porta do seu lar logo sobre elle,  
 Como se fecha sobre o morto a porta  
 Do tumulo sombrio. O que ditoso  
 Conta familia que amargura acerba,  
 Que tristeza padece no momento  
 Da fatal despedida! Como chega  
 A invejar até mesmo os que são orphãos  
 De affectos e de amor! Ah! insensato!  
 Que não te escute Deus. Nada ha mais duro  
 Do que só existir. Mas tão penoso  
 Esse momento é, mas queima tanto  
 O choro, mas confrangem tanto a alma  
 Os abraços na hora da partida,  
 Que a dor o desassisa, o torna injusto,  
 E desconhece os bens que Deus lhe dera.

Para esse que de angustia e desespero,  
 Ao perder tantos seres adorados,  
 Com quem reparte o sentimento e a vida!  
 Que saudades que matam! que memorias  
 Do tempo em que eram juntos! quanta magoa  
 Não vem casar á sua o pensamento  
 Dos que soffrem por elle, e como treme,  
 Como gela de susto, se imagina  
 Que a morte em sua auzencia algum lhe rouba!

.....

Desde que a foz do Tejo o leve barco  
 Passou de todo, a cortadora prôa  
 Poz no rumo do sul, e sem receio  
 Engolfou-se no pélago infinito.  
 A pouco e pouco foi atrás ficando  
 A costa; e foi-se confundindo á vista.  
 Primeiro as varias sortes de terreno  
 Tornaram-se uma só; depois as casas  
 Aqui e alli dispersas desmaiaram  
 Té de todo sumirem-se; as aldeias  
 Transformaram-se em manchas espraiadas,  
 Depois em vaga, mal distincta sombra;  
 Emfim tudo cobriu escuro manto  
 De baça, unida cor.

Algumas horas

Assim co'a prôa aguda foi cortando  
 Do salso argento as ondas agitadas  
 O garboso baixel. Já o horizonte  
 Ia a tocar a lampada diurna,  
 E baixava dos céus essa tristeza,  
 Que é para o coração do que padece  
 Fonte de amor, de abençoado pranto,  
 Quando ao longe nas águas do oceano  
 Viu o pobre Eduardo sepultar-se,  
 Quasi na côr egual á azul esphera  
 E ao mar azul, a idolatrada Patria.  
 Viu-a sumir-se; e consternado a fronte  
 Sobre o peito inclinou, e duas lagrimas  
 A furto pelas faces lhe rolaram.  
 Depois elevantou-a, vagaroso  
 Olhou em torno, e descobriu apenas  
 O firmamento, a vastidão das aguas.

#### O AMANHECER

Com a luz da manhan deixou o leito,  
 O movel leito em que por só instantes  
 Cerrara os olhos o infeliz mancebo,  
 E foi-se respirar sobre a coberta  
 Da madrugada as refrescantes auras,  
 Ou, antes, procurar um outro sitio  
 Em que pudesse espairecer as dores.

Que de quadros essa hora offerencia  
De indizível encanto! No oriente  
A aurora assoalhava as suas galas,  
Tingindo o limpo céu de oiro e de rosas;  
Serenos estava o mar, a desdobrar-se  
Por toda a parte em roda até ás raias  
Do alongado horizonte, onde se unia  
Ao puro anil da abobada celeste,  
Como que a sustentava, pavimento  
De sempiterno, immensuravel templo.  
Era tudo silencio e majestade;  
Nem uma vela ao menos animava  
Tamanha solidão; e, só, perdido  
N'esse liquido plaino, e centro d'elle,  
Um pequeno baixel, um quasi nada,  
Onde um punhado de homens atrevidos  
A natureza e a morte defrontavam;  
E lá em cima Deus. Depois o globo  
Foi das ondas o sol alevantando  
Até surgir inteiro. Então o quadro  
Animou-se; inundaram no ambiente  
Cataractas de luz; o mar vestiu-se  
Em parte de armadura fulgurante,  
Toda escamas de prata, qual guerreiro  
Que esperta o sol do dia do combate;  
E o nauta se alegrou, como se visse  
Um amigo fiel, um socio, um guia,  
Para ajudá-lo a supportar com animo  
As lidás, as tormentas e inclemencias  
Do oceano voraz.

Ficou Eduardo,  
Logo que lhe feriu tal scena os olhos,  
Sem voz, estupefacto. A grandiosa  
Poesia, que em tudo allí falava,  
Captou-lhe o pensar, acostumado  
A percorrer o espaço imaginando  
Quanto ha de portentoso e de sublime.  
Pequeno se julgou ante grandeza  
Tamanha. Muitas vezes ideara  
Espectaculo assim: mas a verdade  
Excedia os seus sonhos de poeta.  
Pensou que sobre o pégo se estendera  
Alcatifa de pedras scintillantes  
Para Deus o pizar; que se elevava  
Em toda a pompa sua o rei dos astros,  
Para do rei dos reis dizer a vinda,  
E que dentro de pouco, o céu rasgando,  
O proprio Omnipotente apparecia  
De mil soes rodeado, e fulminava  
Com mêdo e pasmo a natureza absorta.  
Por algum tempo d'este modo esteve  
Dobrado ao pêso de tamanho assombro;

Recordou-se depois de como lhe era  
 Aprazível e doce aquella hora  
 Na Patria, e suspirou pelo passado,  
 Por quantas vezes o gosou ditoso;  
 E tudo quanto amava de repente  
 Surgiu aos olhos seus, mas tudo triste  
 E com as cores da feral saudade.

### O ENCONTRO

É o dia formoso, o mar pequeno,  
 E ligeiro o baixel corre alastrando-o  
 Todo á roda de espuma. Em céu sem nuvens  
 Caminha o astro maximo. não longe  
 Do elevado zenith, e com seus raios  
 Bate nas brancas, retesadas velas  
 De luz ferindo a vista. Que elle toque  
 Da esphera azul o meio, sobre a tolda  
 De pé o capitão e o mestre aguardam  
 Com o sextante em punho. Não se esfalfa  
 O marinheiro a subjugar o leme,  
 E a fazel-o rodar; de quando em quando  
 O move apenas, e elle cede logo.  
 Parte da gente no convés sentada  
 Cose o velacho, parte distribue-se  
 Pela prôa, uns na borda recostando-se  
 A conversar, outros no chão jazendo;  
 Parte descansa do afanoso quarto,  
 E se refaz para encetar de novo  
 As nauticas fadigas.

Uma vela,  
 Brada, álferta, o gageiro, que no cesto  
 Da gavia se esquecia do trabalho,  
 Espreitando os remotos horizontes;  
 Uma vela, repete logo em baixo  
 A marítima turba. Ao grito alegre  
 Em movimento se transforma a calma.  
 Quaes acordam, os membros estirando,  
 E, ainda mal dispertos, se levantam;  
 Quaes a pratica deixam; quaes altercam  
 Sobre o ponto onde está; quaes se descuidam  
 Da agulha e volvem para o mar a vista.  
 Com olhares expertos, penetrantes  
 Todos elles a buscam. Já suspensa  
 No limite do céu e do oceano  
 Quasi invisível a final a enxergam.  
 Já se descobre o casco. A pouco e pouco  
 Se vem avizinhandando e vem crescendo.  
 Cêdo se encontrarão, que opposto rumo  
 Os dois baixeis conduz. Um d'elles içã  
 A bandeira das quinas; içã o outro  
 A da forte Inglaterra. Eduardo e o velho  
 Tinham tambem corrido á bôa nova,

E attentos, encostados á amurada,  
Viam-no approximar. Como orgulhoso  
O pélagos fendia, vomitando  
Pelo grosso canudo ondas de fumo,  
Velozes, conglobadas, que deixava  
No ar atrás de si, qual densa nuvem;  
Como bramando co'as girantes rodas  
Alvorotava o mar, que, perturbado,  
E em cachões alvacentos refervendo,  
Em larga esteira ao longe se estendia!  
Qual brilha ao sol a mádida baleia,  
Quando sa'e fóra d'agua, assim brilhava  
O negrejante, rútilo costado  
Da garbosa fragata, cujas peças  
Olhavam das abertas portinholas,  
Como olhos infernaes, a dardejarem  
Torva ameaça de morte. Já perpassam  
Um pelo outro; já se avista a borda  
Do guerreiro baixel, toda animada  
De turba curiosa; já resôa  
Nos ares a buzina atroadora,  
E indaga qual o porto da sahida  
E qual o porto do destino seja;  
Até que mais e mais ambos se apartam,  
E, um após outro, arriam as bandeiras  
Que ondeavam na pôpa alegremente.

Como o inglez poderoso ha de ufanar-se  
De ver o seu pendão senhor dos mares,  
E de achal-o temido e respeitado  
Nos mais escusas e distantes praias  
Do populoso mundo, emquanto o nosso  
Raro se encontra, e não se lembra quasi,  
Pensou comsigo Eduardo, o qual seguia  
Com a vista a fragata para o rumo  
Do norte mais e mais a separar-se.  
E de repente a fronte povoou-se-lhe  
Das scenas mil da nossa velha gloria,  
Sem eguaes, espantosas; e, enlevado  
Nos seus sonhos, passar viu dentro d'alma  
Por sobre a face do revoltado oceano  
Nossas potentes, atrevidas frotas  
Umas atrás das outras navegando  
Como em scena phantastica. Era o Gama  
A abrir as ondas inda não domadas  
Em demanda da India; era o ditoso  
Cabral, pela fortuna protegido,  
Achando para porto de repouso  
Um novo, immenso imperio; era Albuquerque  
Varrendo a ferro e fogo o pégo em chammas  
Com o incendio dos lenhos inimigos  
Desde Ormuz a Malaca; e Almeida, e Castro  
Correndo ambos a Dio, ambos anciosos

Por vingarem a Patria e os caros filhos ;  
 E outros tantos que o povo levantaram,  
 O povo portuguez como de todos  
 Os illustres do mundo o mais illustre.

Ó mar, ó tu, que foste ao mesmo tempo  
 Berço, theatro, e tumulo famoso  
 De tão grandes façanhas e prodigios,  
 Como os que outr'ora obramos, hoje incriveis  
 Para os homens pygmeus da nossa idade,  
 Que alma de portuguez te não estima?  
 Qual não se enche do santo amor da terra  
 Onde nasceu á luz, do nobre impulso  
 Do fogoso entusiasmo ao contemplar-te?

Ah! eu que o diga, quando, ainda impubere,  
 Misero, te sulquei a vez primeira,  
 Levado pelo sopro do infortunio  
 A extranho, longe clima, ah! eu que o diga!  
 Já, de infante, no peito me fervia  
 A innata inclinação, que o sentimento,  
 O amor, a gloria, a fé, tudo que ha bello  
 Seu torna, apura em si, para expressal-o  
 Em sublimada, cadenciosa forma;  
 Já então ensaiava implumes azas  
 O mal contido espirito, mas inda  
 Não me era dado desferir o canto.  
 Era ainda feliz, não tinha dores,  
 Não podia cantar, que são do vate  
 Ellas a mais prolifica semente,  
 A inspiração melhor. Mas dentro em breve  
 Cerrou-se-me o horizonte da existencia,  
 E dos golpes da sorte retalhada  
 Em torrente de lagrimas sentidas  
 Se desprendeu minh'alma, como a rocha  
 Que no ermo tocou de Deus a vara;  
 E soltou-se-me a voz como em gemidos,  
 E da alta pôpa do baixel insano,  
 Que á terra do meu berço me roubava,  
 A ella disse adeus, carpi meus males.

Ó mar, extenso campo onde se espraia  
 A idéia á larga, e o coração se aperta,  
 Ao comparar a pequenez humana  
 Com tua immensidade, ah! quão saudoso  
 O adejo eu desprendi então incerto,  
 Timido, a rastejar as tuas aguas  
 De pranto carregado; e quantas vezes  
 Falei contigo, e me abrandou a auzencia  
 Da Patria o meditar que n'outro tempo  
 Foste uma parte quasi d'ella, arena  
 Gigante, onde os gigantes contendores  
 Da portugueza, immorredora gloria  
 Assombraram co'os feitos o universo!



## NO FIM DO DIA

Hora do pôr do sol, hora banhada  
De meiga poesia, melancholica,  
Crepusculo da tarde, hora de fadas,  
Puro manto do céu com que se encobre  
Em parte o mundo, para a nós ficarmos  
Com as nossas tristezas e saudades,  
Quem é que te não ama, e no teu seio  
Uma vez não chorou sequer na vida?  
Como por ti o roixinol mavioso  
Modula as ternas queixas, encantando  
Com os seus trillos a espessura, os valles,  
E corre mais sonora e calma a fonte,  
E o ribeiro entre a relva; como a brisa  
Por ti anima as folhas do arvoredado,  
E lhes empresta as murmurantes falas,  
Que percebe quem pena, e os mais só ouvem;  
Como se ala por ti a mente em extase  
Ao Creador, e se allivia o peito  
Do doloroso, represado pranto!  
Mas aos plainos do mar és bem diversa,  
Hora de grato enlevo: pesam n'alma  
Tamanha solidão, tanta grandeza.  
O homem, como a ave que precisa  
De vez em quando abandonar os ares,  
Para poisar das arvores nos ramos,  
Ou junto ao córrego onde mate a sêde,  
Tambem precisa repoisar a vista  
E o pensamento, de voar cansados  
Pelo espaço infinito, n'algum tronco,  
N'alguma flor, n'alguma veia argentea.  
Porém das aguas o deserto infindo  
Nada offerece que nos prenda os olhos!  
Nenhum canto de amor, nenhuns trinados  
Do rei dos bosques, nenhum som de folhas,  
Ou de correntes que trás si nos levem  
Os sentimentos, a attenção captivos.  
Nada. As ondas, o vento, o mar sem termo!  
Cansa, aterra tão grande majestade;  
E as lagrimas, que embalde procuravam  
Subir do coração, ca'em de novo,  
E mais crueis, do coração nas chagas!

## A FUGA

Assim dizia a carta. Era o veneno  
Co'a doçura do mel; era, entre flores,  
N'ellas occulta, vibora traidora.  
E ella cedeu, cahiu, como do empyreo,  
Queimando as azas celestiaes no fogo  
Da rebelde soberba, fulminado  
Cahiu outr'ora o principe dos anjos.

Lá vão, cobertos pelo véu umbroso  
 Da noite, o seductor e a fementida.  
 O crime que a perdeu, que os junta, os segue;  
 É seu unico socio. A terra escura,  
 O céu, orphão de luz, farto de nuvens,  
 Feias, horrendas, diminuir intenta  
 Em vão com seu negror da accção nefanda  
 O profundo negror, e o vento irado  
 Tambem debalde lhes arranca as vozes,  
 Lh'as espalha no ar, e para longe  
 Leva comsigo as meigas confidencias,  
 Os projectos de amor, as loucas juras;  
 Pelos olhares chammejantes falam  
 Ternas palavras que dizer não ousou.

Lá vão correndo nos corceis ligeiros,  
 Cujos tropel se junta ao rumoroso  
 Começo da medonha tempestade.  
 De jubilo infernal incendiados,  
 Passam nas trevas como passa o raio  
 Que brilha, desaparece e deixa a morte.  
 E a morte, a assolação deixaram elles  
 Atrás de si tambem. Ai! Eduardo!  
 A tormenta que enlucta a natureza  
 Tambem de espesso dó te cobre a alma.  
 Sobre a tua cabeça a amontoaram.  
 Foi a crua, a infiel! Do floreo prado  
 Onde a vida com ella deslizavas  
 Contento, venturoso, á fria borda  
 Te arrastou do sepulcro!

A nova infausta  
 Elle a ouviu; e gelou de horror, de assombro.  
 Cego pelo furor, pelo ciume,  
 Tresloucado correu de casa em casa  
 Por toda a sua habitação, sem fructo;  
 Não a pôde encontrar. Se elle a encontrasse,  
 Que fizera não sei; se achasse o amante  
 Da desleal, co' o sangue lhe pagara  
 N'esse mesmo momento a atroz affronta.  
 Cego pelo furor, pelo ciume,  
 Mandou sellar o seu melhor ginete;  
 Poz á cinta as pistolas; n'um instante  
 Montou. Para onde vae nem elle o sabe.  
 Segue o caminho que lhe marca a sorte.  
 Sob os pés do animal que infrene vò  
 Tine, fuzila o chão; por ante os olhos  
 Do mancebo perpassam na carreira  
 Veloz, vertiginosa, casas, troncos,  
 Valles, campos, vergeis, e tudo breve  
 Lhe fica após, e tudo se confunde  
 Na escuridão da tempestuosa noite.  
 A grossa chuva que em torrentes zune,

As terras alagando, as repetidas,  
 Fortes rajadas que lhe o rosto açoitam  
 Nem as sente sequer. Nada lh'importa  
 Que soffra o corpo quando soffre a alma  
 Tormentos infernaes. Que importa o mundo?  
 Vive, respira só para a vingança.

### A VINGANÇA

Começava a raiar a madrugada  
 Quando aos lares voltou. Louco de raiva,  
 Transviado correrá toda a noite  
 No feroso corcel, sem que os achasse.  
 Do rosto respirava o desespero;  
 Pelo furor os lábios lhe tremiam;  
 E espumava de colera, bem como  
 De lassidão o seu veloz ginete.

Descavalgou; subiu silencioso;  
 E ficou só; não só, acompanhado  
 Pelos seus tenebrosos pensamentos.

Mas onde vaé agora? Novamente  
 Para lhe dar sahida as portas se abrem,  
 E se fecham sobre elle. Ao seu mandado  
 Nunca mais se hão de abrir. Caminha rapido;  
 E atrás não volve os olhos; não envia  
 A sua habitação o adeus extremo.  
 Nada lhe resta allí para chamar-lhe  
 O coração; ninguem allí, que o ame,  
 Ou com humida vista o siga ao menos.  
 Allí da sua breve f'licidade  
 Foi um tempo o theatro e logo o tumulo.  
 Era do seu viver uma memoria,  
 E buscava esquecêl-a. Porêm como  
 Esquecer o passado, se vivia  
 Para o passado só, para a vingança?  
 Se lhe pulsava só pelo que fôra  
 A existencia febril? se no presente  
 Encontraria um pavoroso vacuo?  
 Se o esquecimento só lh'o dera a campa?

Pouco tempo depois do Prata as aguas  
 Para sempre deixava: que embarcaram  
 Em outra parte com destino a França  
 Ao certo lhe constou. Ia após elles.

Viu, insensível, desfraldar as velas;  
 Viu, insensível, desmaiar a costa;  
 Sem verter uma lagrima. Seccou-lh'as  
 Dentro do peito das paixões queimado  
 O intimo vulcão. Mas quando em torno  
 Só descobriu do oceano a immensidade

Animou-se-lhe o rosto. Aquelle plaino  
 Deserto, pelos ventos açoitado,  
 E em cuja profundeza myst'riosa  
 A morte, as tempestades se encerravam,  
 Era como a sua alma.

Atravessando  
 Assim do largo Atlantico os espaços,  
 Os dias, as semanas se passaram  
 Monotonas, sem fim, só variadas  
 Pelas trevas e sol, pelos rugidos  
 Do vento, pelas ondas que se acalmam,  
 Ou formam serras vomitando ameaças;  
 Mas perigos, mudanças não sentia  
 Quem pelejava sem repouso, entregue  
 Do coração ás intimas procellas.

Já da torrida zona a altura vingam;  
 Já a d'África ao norte; já da Europa,  
 De Portugal, que ver não lhes é dado,  
 Sulcam as aguas; já, vencida a custo  
 De Biscaia a bahia tormentosa,  
 Abocam o canal, tambem, como ella,  
 Por miseros naufragios povoado,  
 E ao seu destino finalmente chegam.

Bella se ostenta a capital da França  
 Ao estrangeiro, enorme, ruídososa,  
 Sorrindo folgazan, porêem áquelle  
 Que procura o prazer, ao que não roem,  
 Como cancro voraz, as chagas d'alma.  
 Para estes o continuo movimento,  
 A continúa alegria, os esplendores  
 Da riqueza, do fausto os importunam.  
 Assim foi Eduardo. Tantas festas  
 Ao pé da sua dor! tantos felizes  
 Ao pé d'elle infeliz! tão cambiante,  
 Confusa multidão, que o não prendia,  
 Que lhe era indifferente, aborrecida,  
 E sem poder achar no meio d'ella  
 A quem buscava só!

Em vão buscava.  
 Tinham passado já talvez seis dias  
 Que deixaram Paris, tomando a estrada  
 De França a Italia, de caminho a Roma.

Folgam; correm a Europa venturosos!  
 Não se lembram de mim! Ah! pobres loucos!  
 Esqueceram-se? Eu não; nunca os esqueço.  
 Sigo-os por toda a parte infatigavel;  
 E um dia, de repente, como um raio,  
 Entre ambos cahirei.

Assim pensava

Eduardo merencorio, caminhando,  
 Ao deixar a cidade. Que de quadros  
 Agradaveis, que longos panoramas  
 Os seus olhos turvados de tristeza  
 Não iam descobrindo! Os verdes campos,  
 Esmero do cultor, a um lado e outro  
 Amenos se estendiam, de palacios,  
 De parques, de vivendas elegantes,  
 De successivas povoações ornados:  
 Ora Fontainebleau co'o regio paço  
 Que viu da Europa o vencedor vencido  
 Dizer ao throno adeus meio sumida  
 Entre espesso arvoredos; ora, nas margens  
 Do Loire, Nevers com sua velha,  
 Altiua cathedral; Moulins, Roanne,  
 Lyão, tão fabricante e rumorosa;  
 Depois da França as derradeiras terras,  
 Da Saboya os confins; e logo n'elles  
 Chambery, que disputam os dois povos,  
 Como entre ambos incerta.

Agora entranha-se

Nos Alpes, cujos pincaros agudos  
 De neve sempiterna se corôam,  
 E se erguem temerosos e gigantes,  
 Quaes gigantes phantasmas. Sobe agora  
 Ao cumé do Cenís, e a Suza desce,  
 Suza, chave da Italia, tantas vezes  
 Pela Italia perdida e recobrada,  
 Passa a grande Turim, do Pó senhora,  
 Onde reinava o homem que devia  
 Pouco mais tarde levantar da espada  
 Contra a Austria feroz, para as algemas  
 Espedaçar da lacrimosa patria,  
 E, derrotado, abandonar o sceptro,  
 E, no desterro, abandonar a vida.  
 Passa de Alexandria os fortes muros;  
 Genova, tão soberba antigamente  
 Do seu pingue commercio, e inda soberba  
 Hoje do seu passado grandioso,  
 Dos seus marmoreos paços, do seu golfo,  
 Que os pés lhe vem lambar; Pisa, a toscana,  
 Patria de Galileu e de Ugolino,  
 Com sua celebre torre sobre o Arno  
 A mirar-se gentil; Siena, outro tempo  
 Rival potente de Florença e Pisa,  
 E que não tem rival em toda a Italia  
 Da fala e das mulheres na belleza;  
 O lago de Bolsena e as suas ilhas  
 Nos estados do Papa; a rica em praças  
 E em templos, a magnifica Viterbo;

E, dentro em breve, atravessando o tracto,  
Que hã de Viterbo a Roma, em Roma entra.

Aqui chega e resfol'ga. A vez primeira  
Se lhe aclara o semblante, mas de torvo,  
De sinistro clarão. Em parte a França,  
A Italia percorrera, e tantas scenas  
No pensamento de amargura cheio  
Apenas as sentiu. Plainos viçosos,  
Onde outro tempo deleitara a vista,  
Cidades e logares povoados  
De mil recordações, a cujos echos  
Respondera sua mente de poeta,  
Se ver, falar pudesse alguma coisa  
Que não fôra sua dor; altas montanhas,  
A que subir ambicionava outr'ora  
Para atirar nas amplidões do espaço  
O olhar amigo do que é grande e bello,  
Estrepitosos rios, fundos valles,  
Que passageiro sol aquenta apenas,  
E onde humedece de tristeza os vãos  
O bardo scismador, nada o seu peito  
Conseguiu demover. Impaciente,  
Eram-lhe as horas e os momentos seculos:  
Só da vingança desejava o termo;  
Só pensava na affronta e na vingança.

Às maravilhas da cidade augusta  
Do Tibre, duas vezes soberana  
Pela religião e pelo tempo,  
Nem um momento deu, posto que n'alma,  
Viva pelo passado, lhe falassem  
Os ossos da cidade do passado,  
Os restos do que foi. Outro alvo tinha  
Que o prendia tenaz. Chegou e logo  
Indagou do traidor. Soube onde estava;  
E desde então, como persegue á prêsa  
O tigre, o perseguiu sem ter descanso.

Uma vez, de ninguem reconhecido,  
Os viu sahir, a elle e á refalsada  
Em esplendido coche, radiantes  
De jubilo, sorrindo venturosos,  
E estreitou contra o peito onde o guardava,  
Como socio fiel, com mão convulsa  
O buído punhal, porêm conteve-se,  
Embora ávante lhe bradasse o inferno.  
Viu-os uma outra vez entrando as portas  
Do theatro, elle e ella, juntos ambos,  
E abafou de furor, e deu dois passos  
Para romper a multidão; mas logo  
Na espessa multidão se confundiram.  
Outro dia porêm no fim da tarde

O viu sahir a pé; ia sósinho  
 E cauteloso o acompanhou de longe.  
 Deixaram a cidade, dirigindo-se  
 Para a parte do norte, onde se estendem  
 Da Roma antiga os veneraveis restos.  
 O sitio, a occasião me favorecem,  
 Disse comsigo mesmo; é vinda a hora.

Nas orlas do horizonte incendiado  
 O sol desaparecera, e as pardas sombras  
 Já cahiam do céu cobrindo a terra.  
 Pouco depois das bandas do oriente  
 Surgiu a lua illuminando o espaço.  
 E n'esse chão deserto, povoado  
 Só de ruínas, que ao fulgor argenteo  
 Se alçavam como palidos sepulcros,  
 Elle o seguia sempre. Assim chegaram  
 A distante logar. Parou o extranho;  
 Sobre uma pedra se assentou, e alheado  
 Jazeu, e inerte, e em meditar profundo,  
 Como se nada visse; porê m subito  
 Apareceu ante elle, erecto, livido,  
 Como phantasma que deixasse a campa;  
 Eduardo ameaçador. Ergueu-se á pressa;  
 Quiz falar, defender-se; inutil era;  
 Que mão de ferro lhe travou de um braço;  
 Que nos ares luziu, como relampago,  
 Fulminante punhal, e sobre a terra,  
 Rubra de sangue já, tombou ferido,  
 Para logo expirar.

Sou eu; conhece-me,  
 Com voz rouca, de colera tomada,  
 O mancebo rugiu; infame, morre.  
 E a toda a pressa o accusador terreno  
 Deixou, sem para trás volver o rosto.

Ante os olhos, que horrendos scintillavam,  
 Como o sol entre as nuvens da procella,  
 Iam-lhe o sangue, a morte, o inferno d'alma.  
 De temor, de remorsos erriçavam-se  
 Sobre sua fronte livida os cabellos;  
 Na sombra das columnas solitarias,  
 Que ao nascente fulgor da branca lua  
 Ao longe sobre a terra se estendiam,  
 Suppunha ver do assassinado a sombra  
 A perseguil-o sempre, e ouvir-lhe os passos  
 No sussurrar da viração da noite,  
 Ou no longo rumor dos proprios passos.

Ah! vingança cruel, quanto não custas!  
 Para reinar, os que perder intentas  
 Cercas de escuridão, que só na treva

Póde luzir o teu fatal incendio,  
 Que assim lhes velas o tremendo abysmo  
 Onde vão após ti; depois o abysmo,  
 Onde os lançaste, aclaras sem piedade,  
 Co'a luz sanguinea illuminando a treva.

Vingado estou! nada mais faço em Roma.  
 Ella... que viva, e d'esse mundo indigno  
 Por que me desprezou receba a pena.  
 Maledicta sejas tu, cidade torpe,  
 Que de ti dentro a vibora resguardas;  
 Maledicto seja o dia em que hei nascido;  
 Maledicta a luz do céu que vê meu crime!  
 Assim dizia, abandonando o Tibre,  
 Insano quasi, o desditoso joven.

De envolta com tão lugubres idéias  
 Recordou-se da Patria, dos seus dias  
 De innocencia, de quieta juventude,  
 Do seu vagar sosinho pelos montes,  
 Scismando, ao pôr do sol, dos seus primeiros  
 Amores... e um sorriso entre acre e doce,  
 Que lhe aßomava aos descorados labios,  
 Se cõverteu em lagrimas. Chorava  
 Mais do que o seu destino, o de Maria;  
 Mas esse pranto, amargurado embora,  
 Verteu-lhe n'alma balsamo suave.

### A VOLTA Á PATRIA

Recordou-se da terra do seu berço,  
 E a ella quiz tornar, inda que tudo  
 Que n'outro tempo amou, que lhe aprazia  
 Fosse para o seu mal espinhos novos.  
 Mas onde havia de ir que os não sentisse,  
 Se elle era a sua dor? Voltou á Patria.

Das alegrias todas d'esta vida,  
 Tão 'erma, qual existe que se eguale  
 Á de rever o idolatrado solo,  
 Onde houvemos a luz? Certo nenhuma.

Ainda me recordo d'esse dia  
 (Nunca me ha de esquecer!), em que a meus olhos,  
 Çansados de chorar, appareceste,  
 Ó cidade do Tejo. Tantos annos  
 De longe te sonhei! O meu desejo  
 Unico, o meu constante pensamento  
 Foste só tu nas plagas estrangeiras.  
 Bem como se ama o lar em que nascemos,  
 Em que passámos a mais bella quadra,  
 Mais feliz da existencia, e onde suspiram  
 Por nós saudosos, adorados seres,



Assim te amava eu. A tua imagem,  
 Os teus logares celebres, teus grandes  
 Edifícios guardava-os na minh'alma,  
 Posto inda tenra e no florir primeiro  
 Dos annos juvenis, como se guarda  
 Cada um dos aposentos, dos objectos  
 Da casa paternal, que a cada canto  
 Resôa das lembranças do passado:  
 É que, através da nuvem de tristeza,  
 Que ensombra aquelle que no exilio habita,  
 É que, através do tempo e da distancia,  
 A Patria, esse composto variado,  
 De tantas partes, um conjuncto forma,  
 Uma visão de amor e de saudade,  
 E co'o lar da familia se confunde.

Como, longe de ti, eu te anciava,  
 Como, longe de ti, por ti soffria,  
 Ó Patria, conheceste-o n'esse instante  
 Em que pude beijar enfim tuas praias.  
 Orphão de affectos, socio da miseria,  
 De tudo me olvidei. Era alvoroço  
 Todo eu, todo fogo, enthusiasmo,  
 Lagrimas de prazer. Co'os vivos olhos  
 Do coração, do corpo devorava-te;  
 Parecia falar-te; como insano  
 Corria aqui e alli. Viveu de certo  
 Quem d'est'arte gosou. Uma hora d'estas  
 Muito mais vale que uma vida inteira.

Não assim Eduardo. As alegrias  
 Morreram para elle. Nem a Patria,  
 Que amava com extremos de poeta,  
 Lhe pudera acordar senão tristeza.  
 O grandioso, magnifico espectáculo  
 Da rainha do Tejo surpr'endeu-o;  
 Porém logo de subito as memorias  
 Da sua idade gentil o circumdaram,  
 Como infantes risonhos e innocentes,  
 Que viessem brincar junto da victima  
 Que sobre o cadafalso espera o golpe  
 Do cutello do agoz.

E tão formosa,  
 Tão animada a senhoril Lisbôa  
 Nunca em manhan serena pompeára  
 Pelos seus grandiosos, ricos montes,  
 Por seus gramineos valles estendida,  
 Magico amphitheatro que no mundo  
 Não tem comparação. Alumiava-a,  
 Subindo pelo céu, claro, sem nuvens,  
 O sol já levantado do horizonte,  
 O forte sol do estio; d'entre a alvura

Das bastas casas, a animar o quadro,  
 Como véus recamados de esmeraldas,  
 Se alastravam jardins, hortas, pomares;  
 Aqui, allí, além o tenue fumo  
 Das chaminés, do lar de mil familias  
 Lentamenté se erguia; o bronzeo sino  
 Com voz sonora convidava ás preces,  
 E do rouco tambor os seccos rufos,  
 E as trombetas estrídulas soavam.

Ai, que recordações! ai, que funesto,  
 Que tão duro contraste! Aquella hora  
 Foi da partida a memoravel hora;  
 Mas cheio então de vida e mocidade  
 Elle partiu, embora padecesse,  
 Peito sensível que dá pasto á magoa,  
 Pelo que abandonava acerba pena;  
 E ora voltava na amargura immerso,  
 Outro no aspecto, pallido, sem forças,  
 Por doença fatal, que lhe ia a alma,  
 De fel a trasbordar, gastando os membros,  
 Eivado de remorsos, sem esp'rança,  
 A não ser a da morte.

Era de Junho  
 O quente mez; foi n'esse mez ditoso  
 E desgraçado que encontrara acaso  
 Maria e sua mãe; que houve principio  
 O seu amor com ella. Recordavam-lh'o  
 Aquelle sol radiante, aquelle puro,  
 Limpido firmamento, aquelles campos  
 Cobertos de lembranças e verdura;  
 E aquelle fumo que subia aos ares,  
 Que da familia os socegados gosos  
 Lhe vinha retratar, tambem pungente  
 Lhe memorava que ventura tanta  
 Elle a podia ter, se o consentisse  
 A impia sorte; que era só no mundo!

N'isto em frente passou do bello oiteiro  
 Onde a vira, do sitio onde, não longe  
 Uma da outra, a casa de Maria  
 E a sua habitação se divisavam;  
 E mão de ferro lhe cravou mais dentro  
 A c'rôa do martyrio. Ambas fechadas  
 Estavam, quando outr'ora ambas se abriam  
 Tão cedo á luz do sol. Deserta, a d'elle  
 Não era de extranhar; mas assim mesmo  
 Infundiu-lhe tristeza! Ninguem tinha  
 Que de braços abertos o esperasse,  
 O viesse receber! Porém a outra...  
 Que será feito d'ella? E o desespero  
 E a duvida cruel o assoberbaram.

Como por taes cogitações oppresso,  
A cabeça inclinou, que enlouquecera  
Quasi á força, ao rigor do soffrimento.

Entretanto o baixel com branda aragem  
Por entre cem baixeis ao fundo presos  
Vae o Tejo subindo, cujas aguas  
Scintillantes espumam perturbadas  
Já das agudas, cortadoras prôas,  
Já do sonoro compassar dos remos,  
Até que ao tom de alegre cantilena,  
Ao fragor da corrente, a ancora desce.

Todos folgam; sómente Eduardo triste  
Salta da Patria na molhada areia.

### A MORTE

É noite, orphan de lua, semeada  
De astros que a azul abobada guarnecem.  
Conversando das sombras co'o mysterio  
Maria se assentou. Fugia o brilho  
Do sol; amava a escuridão das trevas;  
Qual se não fosse escuridão bastante  
A que o espirito sempre lhe cingia  
De profundo negror. Ai, que memorias  
Não na assaltavam! Que saudade amarga!  
D'antes essas estrellas radiavam  
Alegria, esperança; e agora apenas  
Baço clarão de mortos. Apagou-se  
Dos olhos seus a namorada estrella;  
E tudo jaz escuro. Esmigalhou-se  
Ao pêso do destino o bello prisma,  
Por onde via a natureza, o mundo;  
E tudo lhe parece feio, pobre,  
Inerte, sem valia.

D'este modo  
Pensando, do estrellado firmamento  
Baixou a vista á casa de Eduardo,  
E viu n'ella uma luz, como outro tempo  
Viu tantas vezes. Illusão acaso  
Dos sentidos será? Tremante a dextra  
Pela fronte correu; fechou os olhos,  
Como se o transviado pensamento  
Reter quizesse e afugentar a incrível,  
Subita apparição. Depois de novo  
Olhou; lá estava; duvida nenhuma  
Já poderia haver. Não era um sonho.  
Mas é o amado? O coração previsto  
Lhe diz que sim. Por que maneira volta?  
Para quê? vem sósinho ou vem com ella?  
Estas e outras idéias a perturbam,

Sem que em tamanha confusão alcance  
Co'a verdade acertar.

Ah! vem sósinho!  
Dentro do peito seu por companheiras  
Traz a doença que o devora e a morte!  
É a desgraça que o conduz á Patria!  
Volta para morrer onde nascera!

Breve descansará na fria terra.  
Aquelle corpo de paixões minado,  
Véu de espirito e fogo, se consome  
Por seu interno ardor. Atroz persegue-o  
A tísica fatal, que, despiedada,  
Arranca d'este mundo para sempre  
As mais singelas e mimosas flores.  
Tem de cahir no alvorecer dos annos,  
E-não lhe pésa de deixar a vida,  
Como não pésa aos que exgottaram todo  
O calix das humanas amarguras,  
E do sol de ámanhan já nada esperam.

É cada dia um passo para a campa.  
Não sa'e; odeia a natureza e os homens.  
Vive á parte, comsigo, do passado,  
Do seu passado, tenebroso cahos,  
Aonde remoinham confundidos  
A mocidade, o amor, a desventura,  
Os remorsos, o crime. Ah! se pudesse  
Volver atrás aos invejáveis tempos  
Da minha f'licidade! Se a pudesse  
Tornar a ver! Mas para quê? mas como?  
Como hei de apparecer-lhe? E, assim dizendo,  
Fitava Eduardo o olhar enfraquecido  
N'essas janellas, onde outr'ora alegre  
Ella o saudava, nós formosos sitios  
D'esse tempo feliz.

Soube Maria  
O do mancebo miserando estado;  
E, coração angelico, fundiu-se  
De compaixão em lagrimas ferventes.  
É só; padece; ninguem d'elle trata;  
Eis os seus pensamentos. Que desgraça  
Não é a nossa! Juntos poderíamos  
Viver; e um do outro separados somos!

Emtanto cada noite ás mesmas horas  
A costumada luz brilhava ao longe.  
Mas uma vez faltou, e outra, e mais outra.  
Maria estremeceu. Não sei que agoiro  
Lhe passou pela frente, negro, horrivel  
De morte, de terror. Aquelle lume

Froixo, cercado de mudez, de trevas,  
Era da vida do mancebo a imagem.  
Apagou-se como elle? ou vive ainda?

Vive; mas bate á porta do sepulcro.  
Já o leito não deixa; não tem forças!  
Desfallece; definha; sem amparo  
De mãe, de amante, de chorosos filhos,  
De um amigo sequer. Velho creado  
Lhe assiste apenas ao momento extremo.

Desde então o desejo de Maria  
Foi estar a seu lado, e amenizar-lhe,  
Quanto possível, o cruel tormento;  
Foi ouvir essa voz que ouvia outr'ora  
A falar-lhe de amor e de esperança,  
Embora só tristeza hoje falasse,  
Pela ultima vez; porque, esquecida,  
Esquecida por elle, o amava sempre.  
Mas ha de abandonar o proprio tecto,  
A idolatrada mãe? Não é um crime?  
Ha de fugir? Que não dirá o mundo?  
Retem-na o affecto filial; retem-na  
O receio, a vergonha; chama-a; impelle-a  
O amor, a piedade; forte lucha,  
A que, alma terna, resistir não póde.  
Vence a piedade, o amor. Em curtas linhas  
Escreve á mãe qual a razão de tudo,  
Rogando lhe perdôe; e á vaga aurora  
Da seguinte manhan ir determina.

Mal começam do lado do nascente  
Os céus a esclarecer, quando ella se ergue.  
Co'as mãos incertas e de mêdo tremulas  
Veste-se á pressa, sem fazer ruído,  
E com pequeno, cauteloso passo,  
O solo tenteando, o quarto deixa.  
Quando chega ante a porta do aposento  
Onde poisava a auctora de seus dias,  
Quasi que lhe fallece inteiramente  
O resolute ardor; hesita; pára;  
Escuta um pouco. Silencioso é tudo.  
Dorme tranquilla, diz; talvez commigo  
Sonhe agora; mas não que d'ella fujo,  
Que não me ha de encontrar, como é costume,  
Erguendo-se. Que lagrimas doridas  
Não verterá por mim! É impossivel.  
Mas elle? Morrerá sem que eu o veja?  
E continúa ávante. Em breve chega  
À casa do oratorio alumiada  
De uma pequena, suspendida lampada  
Pelo escasso clarão. Atravessando-a,  
Da Mãe de Deus na imagem sacrosanta

Os olhos põe, e o divinal semblante,  
 Onde encontrara tanta vez bondade,  
 Que lhe sorrira sempre, carregado  
 De severa tristeza lhe parece,  
 Como que censurando-a. Novamente  
 Pára; torna a hesitar; e de joelhos  
 Se lança aos pés da Virgem, toda afflicta.  
 Pedes que lhe perdôe; que a mãe ampare;  
 Que lhe dirija o caridoso empenho,  
 E as suas puras intenções prôtesta.  
 Vou socorrer quem soffre, ella accrescenta;  
 Vossa missão é socorrer quem soffre;  
 Seguir o que fazeis não é um crime.

Assim orando, a celestial imagem  
 Julga ver aclarar-se de repente  
 De maior luz, de animador sorriso,  
 Que dizer-lhe suppõe: tranquilla parte;  
 Esta mansão protejo e te acompanho.  
 Por tão grande prodigio alvoroçada,  
 Anima-se, e encaminha-se ligeira  
 Á porta; mas, abrindo-a cuidadosa,  
 De novo a hesitação lhe assalta o animo;  
 Treme-lhe a dextra; por momentos pensa  
 Irresoluta; mas poder mais forte  
 A supporta, a avalora. O tempo corre;  
 Cumpre-lhe decidir; abre-a; decide;  
 E emfim transpõe o limiar paterno.

.....

Em aposento breve onde mal entra  
 A luz do sol, que já no céu declina,  
 Eduardo jaz no leito do martyrio.  
 Repoisa a fronte emmagrecida e pallida,  
 Tão differente do que foi, tão outra,  
 No travesseiro, confidente unico  
 Dos pensamentos seus, e que ha molhado  
 Hora a hora de lagrimas; os olhos  
 Fechados tem, e os braços estendidos,  
 Immoveis sobre a roupa. Se não fosse  
 O forte respirar, imaginareis  
 Que a alma abandonara o debil corpo.  
 Tinha velado quasi inteira a noite  
 Em inquieta agonia, e pouco antes  
 D'alva, como vencido pela lucta,  
 N'aquella funda prostração ficara.

Do leito á cabeceira está Maria,  
 E junto d'ella a mãe, que, dentro em breve  
 Consternada a seguiu, que a ajuda, a alenta  
 Para soffrer o doloroso transe.  
 Ora lhe diz algumas curtas phrases

De materno consolo e de esperança,  
 Onde esperança, nem consolo existem;  
 Ora lhe estreita a mão silenciosa;  
 Ora se esquecem ambas engolfadas  
 No pégo de suas dôres, ou contemplam  
 No rosto demudado do mancebo  
 Do que é e foi o misero contraste.

Emfim as langues palpebras a custo  
 Descerra o enfermo, e vagaroso corre  
 Co'a debil vista em roda do aposento.  
 Quem sois vós, admirado elle pergunta  
 Com mal distinctos sons, as duas vendo,  
 Quem sois que dó de mim haveis ainda?  
 Por unica resposta ouve soluços,  
 Como do que pranteia e o pranto esconde,  
 E em seguida uma voz que lhe confunde,  
 Que lhe revolve o pensamento e a alma,  
 Dizer maviosa: sabereis quem somos,  
 Quando fordes melhor; vimos tratar-vos;  
 A amizade nos liga; abandonado  
 Estaveis quasi; e padecieis tanto!  
 Quizemos soccorrer-vos. Assim fala  
 Maria, o nome seu não delatando.  
 Encobrir-se pretende com receio  
 Que, subita, a verdade lhe origine  
 Algum damno fatal. Esforço inutil:  
 As palavras que trunca e mal profere,  
 O coração angustioso a trahem.

Que escuto? Pois será, será possivel?  
 Sois vós? Eduardo exclama, e attento a observa  
 Mais do que até então. É isto um sonho?  
 O que vejo é real? Sois vós? É certo?..  
 E, após alguns instantes de silencio:  
 Porque viestes quinhoar meus males?  
 Eu não mereço, não, vossos cuidados.  
 Sou indigno de vós, de tudo indigno,  
 Indigno da existencia. Ente celeste,  
 Pagaes-me com bondade a desventura  
 Em que vos arrojéi. Pobre innocente,  
 Fui eu que vos perdi, que me hei perdido!  
 Fatal eu sou a mim, fatal aos outros!  
 Devo morrer como semente infausta!  
 Ah! cêdo bata essa hora afortunada!  
 Cêdo me acabe o soffrimento a vida,  
 Que já não posso supportar. Termina  
 As ultimas palavras que soltara,  
 A custo, interrompendo-se, n'um surdo,  
 N'um murmúrio indistincto.

Socegae-vos

Lhe responde a donzella inconsolavel,

Com lagrimas na voz. Do mal o excesso  
 Vos empeora o mal, vos torna injusto.  
 Não sois como dizeis. Eu vos perdôo.  
 Por muito tempo vivereis ainda.  
 Confiae-vos em Deus que tudo pode.  
 Está junto de vós quem vos estima....

Que anjo não és, Maria! E tal riqueza  
 Desprezar eu! Por quem?! Cruel e infame!  
 Que anjo não és! E eu deslizar pudera  
 De placida existencia os doces annos  
 Ao teu lado; e ao teu lado agora morro!  
 As virtudes, ao bem nasci propenso;  
 Para a ternura, para o amor fui feito;  
 Mas a sorte do mundo me ha mudado  
 No que sou, no que vês, n'um monstro horrendo.  
 No que vês? D'este modo antigamente  
 Vos falava, por tu. Ai! que lembranças!  
 Hoje nem sei como vos falo e vejo.  
 Ha entre nós um tenebroso abysmo!  
 E vivo? Só para expiar meus crimes!  
 Porêem vós, desgraçada, que fizestes  
 Para soffrer d'esta maneira? amar-me.  
 Ah! se eu morresse vendo-vos ditosa....  
 Mas sois muito infeliz; não é verdade?  
 Muito, muito infeliz! E eu fui a origem....  
 N'isto as palavras lhe suffoca o pranto,  
 E rec'ae no torpor em que que jazera.

Tentou Maria confortal-o; embalde.  
 Quiz falar, e chorou. Para taes dores  
 Não ha na terra balsamo possivel.  
 Nem que falasse, a ouvira elle, no fundo  
 Aterrador lethargo, egual á morte,  
 O pensamento e a sensação perdidos.

Pouco depois pela afflicção desperta;  
 Volve-se; os olhos abre de repente;  
 E erguer-me quero, diz; o ar me falta;  
 Não posso estar assim. As duas o erguem,  
 E sobre o leito o assentam, recostando-lhe  
 Em almofadas o dorido corpo.  
 Com muita f'licidade o céu vos pague  
 O que a pagar não chego, almas piedosas,  
 O joven balbucia, e lhes estende  
 A descarnada mão, que apertam ambas.

Que horas são? É já tarde; escuto os passaros  
 Cantando no jardim, junto á janella,  
 Como te'm por costume, quando finda  
 O resplendor do sol. Abri-m'a toda;  
 Quero beber a refrescante aragem.  
 Mal vos pode causar, Maria lembra.



Não, não me fará mal. Aqui suffoco.  
 De respirar preciso. É o mez de Agosto,  
 Se não me engano; e é muito forte a calma.  
 Bem me fará, pelo contrario, abri-m'a.  
 E, depois de cumprido o seu desejo:  
 Como perpassa socegada a brisa!  
 Que harmonia no cantico das aves!  
 Tudo é verdura e flores! tudo exhala  
 Encantos, esperança, amor e vida!  
 E eu deixo tudo! eu morro! Ai, que de tristes  
 Recordações em quanto vejo, e sinto!  
 Quantas recordações! Porque não perco  
 A memoria, o pensar? Antes mil vezes!  
 Não soffreria assim.

Não digaes isso;  
 É offender a Deus. Eu vol-o peço.  
 Por Deus, por mim, por vós, por quanto existe  
 Tranquillisae-vos; precisaes descanso.

Eu descansar? Quando de todo acabe  
 A miseranda vida. O meu tormento  
 Está dentro de mim, de mim em roda.  
 Vós mesmo, pobre victima innocente,  
 Anjo do céu, que me velaes solícita,  
 O mal que vos causei em bens pagando,  
 Sois a viva lembrança d'esses tempos  
 De jubilo e de amor; co'a caridosa  
 Mão que trata de mim, cravaes-me n'alma  
 Dentro, bem dentro, os cravos do martyrio.  
 E, ouvindo-a soluçar, oh! perdoae-me.  
 Não choreis; o que digo são loucuras.  
 Já nem sei o que digo. O meu allivio  
 Sois vós sómente; o céu amerceou-se  
 Inda de mim, fazendo que vos visse.

Depois emmudeceu; fechou as palpebras;  
 E longo tempo assim ficou. Dissereis,  
 Tanto era immovel, pallido, prostrado,  
 Que não vivia já.

Mas a si torna.  
 É a ultima vez. O moribundo  
 Olhar, como dé tudo despedindo-se,  
 Lança em volta. Depois demora-o instantes  
 Em Maria e na mãe, que se acercaram  
 Mais do leito, que afflictas o contemplam,  
 E em surda, rouca voz, que apenas se ouve,  
 Tomada já pelo estertor: eu morro;  
 Morro; adeus; perdoae-me, elle murmura.

Emtanto, a pouco e pouco, se enfraquece  
 E se anniquila o respirar incerto.  
 Jaz sem fala, sem luz. Cobre-o de todo

Frio suor, a lividez da morte,  
E sobre o corpo inanimado e hirto  
Paíra o silencio eterno!

Como estatuas  
De branco marmor, que famoso artista  
Cinzelou sobre um tumulo chorando,  
Uma á outra abraçada, a mãe e a filha,  
Em pé, junto do leito, de mãos postas,  
Olhos no céu, de lagrimas se cobrem.  
Nada mais quebra do aposento lugubre  
A sepulcral mudez.

Porêm lá fóra  
Os passaros gorgeiam entre os ramos  
Seus canoros poemas; bebe a aragem  
O perfume das flores; pela estrada  
Passa o trabalhador cantando alegre,  
E da luz se despede a natureza,  
Ao mesmo tempo jubilosa e triste,  
Já esperando na manhan seguinte  
Com ella resurgir, sem que lh'importe  
Se uma existencia abandonou a terra,  
Se n'ella fica pranteando sempre  
Uma alma em trevas onde o sol não entra,  
Onde só entra uma unica esperança,  
A de achar n'outra vida, além do tumulo,  
O premio que á virtude e á inf'licidade  
O Eterno aos seus magnanimo concede.

1867



# JERUSALEM LIBERTADA

POEMA

DE

TORQUATO TASSO

VERTIDO ESTANCIA POR ESTANCIA DO ORIGINAL ITALIANO

---

TERCEIRA EDIÇÃO REVISTA E MELHORADA

---

CANTO I

As armas canto e o capitão piedoso,  
Que libertou de Christo a sepultura,  
Affrontando os trabalhos valoroso,  
Armado de prudencia e de bravura:  
Embalde o inferno o combateu raivoso,  
E a Asia se alliou á Libya impura,  
Que o céu lhe deu soccorro, e os espalhados  
Socios juntou sob os pendões sagrados.

Ó Musa, tu que a fronte não corôas  
No Hélicon de loiros morredores,  
Mas co'os seres angelicos povôas  
O empyreo aureolada d'esplendores,  
Faze que minhas rimas sejam bôas;  
Vem inspirar-me divinaes ardores;  
E releva se o falso em meu poema  
Uno á verdade, e ao teu diverso thema;

Pois bem sabes que o mundo o que mais ama  
É do Parnaso a lisongeira gala,  
E que ao mais rude coração inflamma  
A verdade, se em verso meiga fala.  
Tal a creança enferma ao calix chama  
Doce licor, que foi para enganar-a  
Nas bordas posto, e, emquanto o amargo bebe,  
No proprio engano seu vida recebe.

Est. I a III.

Tu, grande Affonso, por quem sou liberto  
 Da morte, e a porto amigo conduzido,  
 Eu, peregrino errante, que tão perto  
 D'ella estou, pelo mar quasi sorvido,  
 Acolhe o canto meu com rosto aberto,  
 Qual voto que te pago e te é devido.  
 Talvez por ti de minha penna saia  
 Um dia o que sómente agora ensaia.

Se acaso em algum tempo socegado  
 Fôr o povo de Christo, e em pugna accesa  
 Por mar e terra do infiel armado  
 Quizer reconquistar a injusta presa,  
 Justo é que te seja confiado  
 O commandares a famosa empresa.  
 Rival de Godefredo emtanto escuta  
 Minha voz, e te apresta para a lucta.

Corria o anno sexto, após que a gente  
 Da cruz ás plagas orientaes passára;  
 Já Nicéa de assalto, e arteiramente  
 De Antiochia os muros conquistára;  
 Já esta emfim contra o poder ingente  
 Do persa innumeravel sustentára,  
 E vencera Tortosa; á quadra fria,  
 O novo anno esperando, ora cedia.

E já findava o rigoroso inverno,  
 Que a começada guerra interrompera,  
 Quando no céu mais puro o Padre Eterno,  
 Que é tanto acima da estrellada esphera,  
 Quanto dos astros vae ao negro inferno,  
 Do solio, desde o qual tudo modera,  
 Baixou a fronte; e o mundo n'um instante  
 Todo se desvendou d'elle deante.

Tudo notou; depois o olhar poisando  
 Na Syria sobre os principes de Christo,  
 Esse olhar que, no fundo penetrando  
 Das almas, nada deixa sem ser visto,  
 Godefredo contempla, o qual, anciando  
 Expellir do logar de Deus bemquisto  
 O descrente, de pio zelo cheio,  
 Do oiro, gloria e poder não sente o freio.

Mas vê em Balduino o cobiçoso  
 Desejo, que a grandeza humana prende;  
 Vê Tancredo da vida desdenhoso;  
 Tanto uma van paixão o opprime e rende;  
 Vê Boemundo, que o reino seu famoso  
 D'Antiochia cimentar pretende,  
 Dando-lhe leis e artes e costumes  
 E a verdadeira fé, não falsos numes;

E que tão firme ha n'isto o pensamento,  
Que nenhuma outra coisa premedita.  
Em Reynaldo guerreiro atrevimento  
Descobre, que o menor descanso irrita,  
Não a thesoiros, nem ao mando intento,  
Mas á sêde de honras infinita;  
Vê-o de Guelfo a voz sempre attendendo,  
Os antigos exemplos aprendendo.

Depois de estes e outros int'iores  
Sentimentos notar, o Rei do mundo  
Chama d'entre os angelicos fulgores  
Gabriel, d'os primeiros o segundo.  
Interprete fiel das sup'iores  
Almas e Deus este é, nuncio jocundo;  
Aos homens a vontade traz do Eterno,  
E as orações eleva ao céu superno.

Procura Godefredo, e lhe reprova  
(Ordena ao anjo Deus) o ocio alongado,  
Por que motivo a lide não renova  
Para o jugo a Sião tirar pesado.  
Convoque os chefes; os tardios môva  
Á excelsa empresa; d'ella nomeado  
Capitão é por mim; sel-o-ha na terra  
Por seus ministros, socios já na guerra.

Disse; e no mesmo instante preparou-se  
Gabriel por cumprir a alta embaixada.  
Como fosse invisivel, disfarçou-se,  
Tomou forma visivel, de ar cercada;  
Fingiu figura humana; mas ornou-se  
Co'a majestade aos anjos facultada;  
Fez-se não bem mancebo inda na idade,  
E a aurea coma cercou de claridade.

Azas de oiro vestiu e branca neve,  
Infatigaveis, com as quaeis ligeiro  
Fende as nuvens, os ventos, e se atreve  
Sobre o mar, sobre a terra sobranceiro.  
D'esta maneira dirigiu-se em breve  
Ao baixo mundo o divo mensageiro;  
E, depois de no Libano reter-se  
Librando o vôo, e novamente erguer-se,

Em direitura aos plainos de Tortosa  
Precípite desceu. Do roxo oriente  
Surgia o sol então com luz formosa,  
A mór parte no mar inda latente,  
E a matutina prece fervorosa  
Alçava Godefredo a Deus clemente,  
Quando, a par do seu orbe, mais brilhante  
Que elle, o anjo divisa triumphante;

O qual lhe diz: da guerra o tempo chega,  
 Godefredo, e te induz a que despertes;  
 E ao repouso teu braço inda se entrega?  
 Deixas gemer Sião sem que a libertes?  
 Os capitães do exercito congrega;  
 Incita os que mostrarem ser inertes.  
 Deus te escolhe por chefe; elles o accitam,  
 E a ti sem violencia se sujeitam.

Seu enviado sou: eu te revelo  
 Seu decreto em seu nome. Oh! que esperança  
 Deves ter da victoria! Oh! quanto zelo  
 D'esse exercito que hoje em ti descansa!  
 Findou; e os olhos mais não podem vel-o,  
 Que ao céu calmo e superno o vôo lança.  
 Fica a estas palavras Godefredo  
 Cego de tanta luz, com santo medo.

Mas, depois de pensar e recordar-se  
 De quem veio, por quem, para que effeito,  
 Sente o desejo antigo ora abrasar-se  
 Para a guerra acabar, seu chefe eleito.  
 Nem, porque aos outros saiba avantajar-se  
 De Deus na mente, se lhe orgulha o peito;  
 Mas seu querer mais no querer s'inflamma  
 Do seu Senhor, como fáiça em chamma.

Portanto os espalhados companheiros  
 N'um ponto a reúnem-se convida  
 Por cartas e frequentes mensageiros,  
 Sem que a prece jamais seja omittida.  
 Quanto impelle os espiritos guerreiros,  
 É a coragem vigora adormecida,  
 Tudo emprega, e de modo tal o adorna,  
 Que das ordens suave a força torna.

Vieram os maiores; e os seguiram  
 Os outros; Boemundo só não veio,  
 E os que por fóra as armas impediram,  
 Ou Tortosa guardava no seu seio.  
 Os cabeças do exercito se uniram,  
 Grande senado em grande dia! Em meio.  
 De todos Godefredo majestoso  
 Começa então na fala sonoro:

Exercito de Deus, por quem os damnos  
 Da fé vingar assenta o rei celeste,  
 Ao qual das armas cruas, dos enganos  
 Da terra e mar livre ficar deveste,  
 Pelo que tantas em tão poucos annos  
 Provincias de descrentes lhe rendeste,  
 E foram entre os povos sujeitados  
 O seu nome e estandarte sublimados,

De certo não deixámos os penhores  
Caros e a patria, se o meu crer não erra,  
Nem a vida expozemos aos furores  
Do mar, e aos riscos de apartada guerra,  
Para alcançar ephémeros louvores,  
Ou para possuir barbara terra;  
Fôra mesquinho premio, baixa palma,  
Verter o sangue em prejuizo d'alma.

A tudo nos levou sómente a idéa  
De expugnar de Sião os nobres muros,  
E os christãos libertar da vil e fêa  
Escravidão e de seus ferros duros,  
Novo estado fundando na Judéa,  
Onde logrem viver emfim seguros,  
Sem que impedir alguém ouse os devotos  
De o tumulto adorar, cumprir os votos.

Portanto mil trabalhos supportámos  
Até hoje; mas ganho só teremos  
Alguma honra, se a marcha que encetámos  
Se alterar, ou se aqui nos esquecemos.  
Pois quê! tamanhas forças transportámos  
Da Europa, e á Asia o fogo em vão puzemos?  
Restarão de tão bellico apparatus  
Não reinos, mas destroço e desbarato?

Sós, e poucos em tanto ajuntamento  
De homens, que a fé de nós diversifica,  
Sem confiar no grego fraudulento,  
Nem no Occidente, que tão longe fica,  
É loucura em mundano fundamento  
Imperios levantar, pois só fabrica  
Ruínas quem o faz, onde opprimido  
Tem para si o tumulto erigido.

Turcos, Antiochia, persas (feitos  
Illustres e palavras grandiosas)  
Obras nossas não foram, mas eleitos  
Doñs do Senhor, victorias milagrosas.  
Agora, se por nós são contrafeitos  
Os fins, que Elle dispoz, tão estrondosas  
Accções temo que em fabula se mudem,  
E que as graças do céu nos não ajudem.

Ah! que em uso tão mau, e tão instavel  
Nenhum os dons obtidos malbarate;  
Ao principio de uma obra tão notavel  
De toda ella que o fio e o fim se adapte.  
Francas as vias temos; favoravel  
Já chegou a estação para o combate;  
Porque contra a cidade não marchâmos,  
Nosso desejo só? Que estorvo achâmos?

Príncipes, eu protesto (e o meu protesto  
 Ha de o presente ouvil-o, ha de o futuro;  
 Ouvem-no os céus tambem, aos quaes attesto)  
 Da nossa empresa o tempo está maduro.  
 A demora o fará contrario e infesto,  
 Tornando contingente o que é seguro;  
 De mais, se não corremos, acredito  
 Que ha de á Judéa soccorrer o Egypto.

Acaba; e rompe murmurio breve;  
 Mas logo se levanta Pedro o Ermita,  
 Que entre os chefes assento sempre teve,  
 E por auctor da guerra se acredita:  
 O que diz Godefredo seguir deve  
 Meu parecer, nem duvidar admitta  
 A verdade, a qual elle por extenso  
 Demonstrou, e a que vós déstes assenso.

Junto apenas: que, ao ver as supportadas  
 Vergonhas, e as discordias promovidas,  
 Com que Deus vos tentou, e as encontradas  
 Opiniões e obras impedidas,  
 De uma unica fonte derivadas  
 Supponho tanta mora, tantas lidas,  
 Da auctoridade em varios pareceres  
 Fluctuante, o que annulla os seus poderes.

Onde um só não impera, de quem venham  
 O premio e a pena com igual juizo,  
 Donde equal divisão os cargos tenham,  
 Anda o governo errante, anda indeciso;  
 Formae um corpo só, o qual sustentem  
 Todos os membros seus, como é preciso;  
 Um chefe nomeae-lhe; e que este o imperio  
 Exercite no summo ministerio.

O ancião se calou. Que pensamento,  
 Que peito, aura divina, a ti resiste?  
 Tu o inspiraste; e no congresso attento  
 Logo as suas palavras imprimiste;  
 Nos corações o innato sentimento  
 Da ambição e das honras comprimiste;  
 Tanto que os principaes, com gesto ledo,  
 Guelfo e Guilherme, aclamam Godefredo.

Os mais o approvam. Cabe-lhe o commando  
 E o conselho tambem; leis á vontade  
 Impor aos que se forem sujeitando;  
 E escolher guerra e paz em liberdade.  
 Os d'antes seus parceiros do seu mando  
 Se submettam agora á auctoridade.  
 Isto feito, voando corre a fama,  
 E pela voz dos homens se derrama.



Godefredo aos soldados apparece,  
 Que o julgam digno do supremo posto;  
 E as saudações que a multidão lhe tece  
 E o applauso acceita placido, composto.  
 Depois que tantas mostras agradece  
 De obediencia e amor, sereno o rosto,  
 Decide, mal o dia vindo seja,  
 Que a hoste prompta em largo campo esteja.

Já o sol no oriente reluzia  
 Formoso, qual jámais nascido tinha,  
 Quando co'o despontar do novo dia  
 Sob os pendões o exercito caminha,  
 E adereçado o mais que ser podia  
 Todo no plaino se desdobra em linha  
 Perante o chefe, que passar em frente  
 Cavalleiros, peões vê claramente.

Memoria; tu dos annos inimiga,  
 Das coisas fiel guarda e dispenseira,  
 Presta-me auxilio, por que lembre e diga  
 Cada um dos cabos seus, cada bandeira.  
 Sõe e resplenda a sua fama antiga,  
 Que o tempo escureceu; d'esta maneira  
 De teus thesoiros minha voz ornada  
 Será sempre dos évos escutada.

Primeiro os francos ve'm, que já marcharam  
 Com o irmão do seu rei, Hugo chamado.  
 A bella ilha de França estes deixaram,  
 Solo entre rios quatro situado.  
 Agora, após que os céus Hugo levaram,  
 Dos lizes o pendão assignalado  
 Obedece a Clotario, chefe egregio,  
 A que sómente falta o nome regio.

São mil de pesadissima armadura.  
 Seguem-nos outros tantos cavalleiros  
 Normandos, no ar, nas armas, na bravura,  
 E n'arte parecidos c'os primeiros;  
 O principe Roberto d'elles cura,  
 Seu natural. Após estes guerreiros  
 Adelmaro e Guilherme se apresentam,  
 E as insignias da cruz claras ostentam.

Ambos elles, que d'antes já serviram  
 Os divinos mysterios piedosos,  
 Sob o elmo os cabellos comprimiram,  
 E exercitam as armas animosos.  
 Quatrocentos soldados acudiram  
 A um de Orange e seus confins, briosos;  
 Numero egual de Puy o outro guia  
 A guerra, eguaes tambem na valentia.

Com os seus bolonhezes depois vêde  
Balduino, e os do irmão traz juntamente;  
Que, capitão dos capitães, lhe cede  
Godefredo levar a sua gente.  
Logo o conde de Chartres lhe succede,  
No valor, nos conselhos excellente;  
Quatrocentos governa; e triplicados  
Balduino a cavallo bem armados.

Proximo Guelfo está, que f'licidade  
Gosa com alto merito irmanada.  
Da casa d'Este a sua dignidade  
Por longa ordem de avós flue derivada;  
Mas, germano de nome e propriedade,  
Na casa Guelfa a sua anda entroncada.  
Domina no Istro, na Carinthia e Rheno,  
Dos suevos e rhecios já terreno.

A isto que da mãe herdara outr'ora  
Uniu gloria, e tambem dominio grande,  
D'onde traz gente, a qual sem mêdo fôra  
Contra a morte, comtanto que elle a mande,  
E que, amiga da mesa e folgadora,  
Faz que no quente lar o inverno abrande.  
De cinco mil um terço apenas resta,  
Escapado do persa á mão infesta.

• Vinha depois a branca e loira raça,  
Que do allemão, do franco e oceano em meio  
Jaz, onde o Mosa e o bravo Rheno passa,  
Terreno de animaes e fructos cheio;  
E os insulanos seus, que ao mar, que ameaça  
As praias engulir, põem duro freio,  
Ao mar, que não só bens e náus afunda,  
Mas os reinos até assola e inunda.

Todos sobem a mil; marcham unidos  
A um outro Roberto sujeitados.  
Por Guilherme, seu principe, regidos  
Da Britannia em mór força eis os soldados.  
São os frecheiros anglos atrevidos,  
E os que, do pólo agreste approximados,  
De suas bastas selvas rude manda  
A do mundo apartada ultima Irlanda.

Tancredo após caminha; no denôdo,  
A Reynaldo não ser, ninguem o eguala,  
Nem no semblante, nem no brando modo,  
Nem na altivez, onde o temor não cala;  
Se alguma leve nodoa offusca o todo  
De tantos dotes, é que amor o abala,  
Amor na guerra nado e visto apenas,  
Que se nutre e avigora em suas penas.

No dia para sempre glorioso  
Em que os persas o franco derrotára,  
Quando Tancredo emfim, victorioso,  
Os fugitivos de seguir cansára,  
Conta-se que, indo em busca de repouso,  
E d'agua, por que a sêde mitigara,  
Fôra a uma fonte dar, cuja frescura  
O chamava, entre assentos de verdura.

Alli, eis de improviso uma donzella,  
Excepto a fronte, lhe apparece armada:  
Era infiel, e tambem fôra aquella  
Fonte buscar com sêde e fatigada.  
Viu-a o joven; pasmou de a ver tão bella;  
E ficou-lhe a alma logo incendiada.  
Oh! maravilha! o amor que mal nascera  
Já grande vôa, já potente impera.

Pôz a virgem o elmo; e, se não fosse  
Gente chegar então, certo o atacava.  
Do vencido soberba retirou-se  
Que só força maior a afugentava;  
Mas sua imagem linda conservou-se  
No peito de Tancredo, e viva estava.  
Até mesmo o logar e a forma guarda  
Em que a viu, o que faz que sempre elle arda.

Quem entende de amor ler poderia  
No rosto seu: sem esperança este ama;  
Tão triste baixa os olhos, e a agonia  
Do coração ferido em ais derrama.  
Uns oitocentos de cavallo guia,  
Naturaes da Campanha, que bem chama  
Sua flor a natureza, e dos fagueiros  
A que o Tyrrheno quer ferteis oiteiros.

Após estes da Grecia os filhos vinham;  
Duzentos são de ferro mal providos.  
A retorcida espada a um lado tinham;  
As costas arco e aljava suspendidos.  
Em corceis velocissimos caminham,  
Parcos e na carreira não vencidos;  
Promptos no ataque e no ceder, combatem  
Errantes, quando em retirada batem.

Chama-se o chefe que os conduz Tatino.  
Infamia, ó Grecia! O unico foi este  
Que ousou seguir do exercito o destino,  
E entrar na guerra que tão perto houveste!  
E em ocio tu opprobrioso e indino,  
Qual mera espectadora, te esqueceste!  
Se vil escrava és pois, que te lamentas?  
Castigo e não ultrage experimentas.

Pela ordem desfilam derradeiros  
 Os principaes no brio, esforço e arte,  
 Os invictos heroes aventureiros,  
 D'Asia inteira terror, raios de Marte.  
 Calem-se os Argonautas e os guerreiros  
 De Arthur, com quem a fabula reparte  
 Os sonhos seus, e a secular memoria.  
 Mas quem de dirigil-os conta a gloria?

Dudon de Contz; ao qual por ter outr'ora  
 Mais visto, e haver da edade a experiencia,  
 Cederam todos, que difficil fôra  
 N'algun d'elles achar preeminencia.  
 Já de annos carregado muito embora,  
 Desmente só nas cans a adolescencia;  
 Mostra nobres signaes de mil feridas  
 Com honra nos combates recebidas.

Eustachio entre os primeiros por seu brilho,  
 E por irmão de Godefredo sôa,  
 E o do rei da Noruega illustre filho,  
 Gernando, que mil titulos pregôa.  
 Rogerio Barneville egregio trilho  
 Pisa, e Enguerrand que a fama já corôa.  
 São celebrados entre os mais galhardos  
 Um Gentonio, um Rambaldo, dois Gerardos.

Tambem louvado é Ubaldo e o bom Rosmundo,  
 Que herdar a casa de Lancastre deve;  
 Nem levará o esquecimento fundo  
 Obizzo, que em Toscana o berço teve;  
 Nem Sforza, Achilles, Palamede, ao mundo  
 Caro grupo de irmãos; nem tambem leve  
 Othon que o infante nú, meio tragado  
 Pela serpe, ha no escudo conquistado.

Nem Guasco, nem Rodolpho ingrato olvido  
 Suma, nem os dois Guidos, tão famosos,  
 Nem Everardo ou Gernier subido.  
 Aonde, amantes e gentis esposos,  
 Me arrebatades, do canto enrouquecido,  
 Ó Gildipe e Eduardo venturosos?  
 Na guerra compartis a mesma sorte;  
 Não vos desunirá a propria morte.

Tudo comtigo, amor, tudo se aprende;  
 Por ti ella se fez forte e atrevida;  
 Vae sempre ao pé do seu querido, e pende  
 De um só fado uma vida e outra vida.  
 Golpe que a um offende ambos offende;  
 É indivisa a dor, uma a ferida;  
 Se um ferem, prova o outro o seu tormento;  
 Se um verte o sangue, verte o outro o alento.

Mas o joven Reynaldo concentrava  
 As vistas, excedendo inda os maiores;  
 Docemente arrogante levantava  
 A fronte regia ornada de fulgores;  
 Os annos, a esperanza antecipava;  
 Nasciam n'elle a par fructos e flores;  
 Se armado, como Marte, resplandece;  
 Se descobre o semblante, Amor parece.

Junto ás margens do Adige este nascera  
 Do potente Bertholdo e de Sophia,  
 De Sophia a formosa; e apenas era  
 No berço, já comsigo o recolhia  
 Mathilde, a qual o encaminhou severa  
 No regio officio, e com a qual vivia  
 Quando veio incitar-lhe a tenra mente  
 A bellicosa trompa no Oriente.

Então (nem os três lustros acabara)  
 Fugiu só; percorreu vias, montanhas;  
 Passou o mar Egeu, a Grecia clara;  
 E ás regiões chegou do campo extranhas.  
 Oh! fuga insigne, que a memoria honrara  
 Do que imitar pudera acções tamanhas!  
 De estar na guerra já três annos conta,  
 E prematuro o buço mal lhe aponta.

Seguem-se aos cavalleiros os infantes.  
 Commanda-os de Tolosa o soberano,  
 Raymundo, que os tirou dos habitantes  
 D'entre Garonna, Pyrenéus e oceano.  
 São quatro mil armados e prestantes,  
 Dextros e afeitos ao mavorcio damno;  
 É boa a gente; o chefe sabio e forte;  
 Nem outro achar lograram d'esta sorte.

Com Estevam d'Amboise tambem vinham  
 Cinco mil combatentes reunidos,  
 Os quaes nem força, nem constancia tinham,  
 Embora fossem de aço revestidos,  
 Que ao paiz deleitoso se avizinham  
 Na indole os que n'elle são nascidos.  
 Violentos, apenas acommettem,  
 Dentro de pouco o impeto remettem.

Marcha Alcasto depois, na fronte a ameaça,  
 Bem como em Thebas Capanêo já fôra;  
 Manda seis mil helvecios, fera raça,  
 Dos sobranceiros Alpes moradora.  
 Por que mais digno o arado se lhes faça,  
 Em melhor uso é convertido agora,  
 E essa mão, que pasceu grosseiro armento,  
 Tem de arrostar os reis o atrevimento.

Ondeando ao vento após vêde o estandarte  
 Co'o diadema de Pedro e as santas chaves.  
 Camillo, sete mil filhos de Marte  
 Reges, peões brilhantes, de armas graves,  
 Ledo por teres em tal obra parte,  
 Para que dos avós da espada traves  
 Com honra, e mostres que á nação latina  
 Nada falta, ou sómente disciplina.

Já tinha todo o exercito passado,  
 Que foi esta a cohorte derradeira,  
 Quando o chefe aos maiores, que ha chamado,  
 Expõe o seu pensar d'esta maneira:  
 Amanhan deve ser alevantado  
 O campo, mal raiar a luz primeira:  
 E nossas marchas tanto se accelerem,  
 Que cheguemos a Sião sem que o esperem.

Ide; aprestae-vos pois para a viagem,  
 E tambem para a lide e vencimento.  
 De homem tão cauteloso esta linguagem  
 Em todos move ardor e atrevimento.  
 Insoffridos e cheios de coragem  
 Esp'rando estão do dia o nascimento;  
 Porêem o providente Godefredo  
 Algum receio tem, posto em segredo;

Visto que certo annuncio recebera  
 De como o rei do Egypto já marchava  
 Para a munida Gaza, por que dera  
 Ajuda ao reino syrio; nem julgava  
 Que, emquanto ardia em torno a guerra fera,  
 Quedasse o que entre as armas sempre andava.  
 Por isso, e por que mais segure fique,  
 D'est'arte fala ao seu fiel Henrique:

Já em ligeiro barco necessito  
 Que te dirijas para a grega terra.  
 Ahi chegar devia (por escripto  
 O sei de quem avisos nunca erra)  
 Um mancebo real de animo invicto,  
 Que nos vem ajudar durante a guerra;  
 Da Dinamarca é o príncipe; e comsigo  
 Traz grande hoste que o pólo ha por abrigo.

Mas, porque o grego imperador arteiro  
 Talvez o mova da encetada empresa,  
 Fazendo que atrás volte, ou que ao guerreiro  
 Designio seu transforme a natureza,  
 Tu, meu nuncio, meu vero conselheiro,  
 Em meu nome lhe aponta com clareza  
 Seu interesse, e o nosso; e que se apresse;  
 Que tal valor demora não padece.

Mas não venhas com elle; o promettido  
Soccorro, com que nossas esperanças  
Se te'm por tantas vezes illudido,  
Vê se do grego imperador alcanças,  
Soccorro que outrosim nos é devido,  
Por assentes e firmes allianças.  
N'isto as crenças lhe entrega, e se despede  
Henrique. Ao somno Godefredo cede.

Na seguinte manhan, mal o planeta,  
Pae da luz, sa'e das portas do oriente,  
Sôa o rouco tambor, sôa a trombeta,  
Chamando á marcha o exercito contente.  
Mais grato que o trovão, quando é propheta  
De desejada chuva em tempo ardente,  
É a voz dos mavorcios instrumentos,  
Que a alegria transporta aos pensamentos.

Todos logo, em desejo immenso ardendo,  
Vestem na usada, lucida armadura.  
Já são prestes; já vae cada um correndo,  
E reunir-se ao chefe seu procura;  
Já ordenado o exercito tremendo  
Desfralda mil pendões á brisa pura;  
E no estandarte imperial ovante  
Tremúla a cruz de Christo radiante.

Entanto o sol, que no celeste espaço  
Contínuo segue e mais e mais ascende,  
Fere das armas o fulgente aço,  
E, scintillando incerto, a vista offende.  
O ar, ha pouco inda de brilho escasso,  
Agora em chammas, qual incendio, esplende;  
Ao rinchar dos cavallo's junto echôa  
Dos ferros o tinir, e o campo atrôa.

O capitão, que os seus das emboscadas  
Dos inimigos segurar queria,  
A descobrir as partes ignoradas  
Muitos montados e á ligeira envia.  
Para livres ficarem as estradas  
Adeante mandado já havia  
Os gastadores, a que abrir tocava  
O caminho, e aplanar a terra brava.

Não ha gente pagan, soberbo monte,  
Muralha que defenda larga fossa,  
Nem curso d'agua ou selva que os affronte,  
Ou na marcha fatal sustal-os possa.  
Tal dos rios o rio, se ergue a fronte,  
E alvoroçado e desmedido engrossa,  
Invade as margens torvo, caudaloso,  
Levando tudo após impetuoso.

Só de Trípoli o rei, que em bem guardados  
 Muros guerreiros, oiro e armas encerra,  
 Tardar pudera os francos arrojados,  
 Mas provocal-os não ousou á guerra;  
 Antes, com dons, e nuncios aplacados  
 Voluntario os recebe em sua terra;  
 Á lei de Godefredo se sujeita,  
 E humilde as condições de paz acceita.

Aqui do monte Seir, que alto apparece  
 Do nascente, e está cêrca da cidade,  
 Multidão de fieis ao plaino de'ce,  
 De ambos os sexos e de toda a idade;  
 Ao vencedor presentes offerece;  
 De o ver, de lhe falar em liberdade  
 Folgam; pasmam das armas que trazia;  
 E o proveem de fido e astuto guia.

Contiguo á praia o capitão experto  
 Vae sempre o seu exercito levando,  
 Porque bem sabe que navega perto  
 Amiga armada a terra costeando,  
 Da qual receberá soccorro certo,  
 O sustento preciso, o trigo brando  
 Das ilhas do mar grego, e o precioso  
 Vinho de Scio e Creta, saboroso.

Geme o vizinho mar ao duro peso  
 Dos grandes lenhos, e dos mais pequenos,  
 Tanto que navegar fica defeso  
 No mar Mediterraneo aos sarracenos;  
 Que, esquecendo, sem ser por menosprezo,  
 Os que vieram dos confins amenos  
 De Genova e Veneza, a França, a Hollanda,  
 A Inglaterra e a Sicilia muitos manda.

Todos sulcam as ondas confundidos  
 N'uma vontade só por firmes laços,  
 Para que ajudem fartos e providos,  
 Do exercito os menores embaraços.  
 Mas, vendo este que estão desguarnecidos,  
 E já abertos da fronteira os passos,  
 Ao sitio velozmente se encaminha  
 Onde Christo na cruz morrido tinha.

Precedendo-o entretanto vôa a fama,  
 Da verdade e do falso portadora,  
 Que ovantes os christãos marcham proclama,  
 E que já nada a marcha lhes demoña.  
 Quantas, quaes hostes são; como se chama  
 Cada um dos chefes seus; tudo memora;  
 Narra terrível seu valor na guerra,  
 E os habitantes de Sião aterra.



É talvez esperar o mal futuro  
Peor do que sentir o mal presente.  
O povo, ao som mais leve, não seguro,  
Receia, é todo ouvidos, todo mente.  
Na cidade e no campo alêm do muro  
Rumor confuso se ouve em som gemente.  
Emtanto vendo o rei propinquo o damno,  
Volve comsigo pensamento insano.

Este rei, cujo nome é Aladino,  
Ha pouco no poder, vive em cuidado:  
Fôra d'antes cruel; mas o ferino  
Genio os annos lhe tinham mitigado.  
Agora ouvindo o intento do latino  
De lhe a séde tomar do proprio estado,  
Casa ao velho temor nova suspeita,  
E a ella o inimigo, e os seus sujeita;

Pois dentro das muralhas gente habita  
Que na religião tem differença:  
Em Christo a parte minima acredita;  
Segue a maior de Mahomet a crença.  
Mas, depois que em Sião elle exercita  
O mando, e alli reside, com offensa  
Da justiça, os de Christo carregára  
De tributos e os seus alliviára.

Esta idéia a crueza, que é nativa  
Na su'alma, e que a edade adormecera,  
Excitando, de sorte a acorda e aviva,  
Que sangue assim beber jámais quizera.  
Tal outra vez feroz na calma estiva  
Fica a serpe, que o gelo entorpecera;  
Tal leão amansado cobra a furia  
Que lhe é innata, se recebe injuria.

N'essa turba infiel vejo, dizia,  
Signaes claros do seu contentamento;  
Só ella tem nos olhos a elegria,  
E folga no commum padecimento;  
Talvez algum projecto agora cria  
Para me assassinar a seu contento,  
Ou por que as portas franquear consiga  
À raça sua igual, minha inimiga.

Oh! não; serão por mim contrariados;  
As penas sentirão do meu receio;  
Morrerão com supplicios requintados;  
Os filhos matarei das mães no seio;  
Casas, templos serão incendiados,  
Pyra digna dos mortos; e no meio  
Mesmo do seu Sepulcro, justiceiro,  
Os sacerdotes queimarei primeiro.

Assim no animo iniquo determina,  
 Posto não siga o barbaro conceito;  
 Se os miseros comtudo não fulmina,  
 Por piedade não é, mas contrafeito;  
 Que, se o temor a ser cruel o anima,  
 Outro mais poderoso o tem sujeito:  
 Fechar do accordo a via d'esta sorte,  
 E irritar do contrario o braço forte.

Modera pois o impio a raiva insana;  
 Antes, por novo modo lhe dá gasto:  
 As rusticas moradas prostra e aplanas;  
 O cultivado chão do fogo é pasto;  
 Nenhum abrigo ou misera choupana  
 Deixa aos christãos o odio seu nefasto;  
 As aguas limpas do regato ameno  
 E da fonte mixtura com veneno.

Além de ser tyranno, acautelado,  
 De Sião reforçar se não esquece;  
 Por três partes fortissima, do lado  
 Do norte só mais fraca ser parece;  
 Porém, mal das suspeitas avisado,  
 De difficil reparo esta guarnece,  
 E á pressa alli recolhe grande e varia  
 Turba de gente sua e mercenaria.

Est. LXXXVIII a XC.

---

## CANTO II

Emquanto se apercebe para a guerra  
 Assim o rei, ante elle se apresenta  
 Um dia Ismeno, o qual de sob a terra  
 Póde os mortos tirar, e os aviventa,  
 Ismeno, cujo carme tudo aterra,  
 Pois até a Plutão no Orco amedrenta,  
 E os seus demonios a servir obriga  
 Como escravos, que prende ou que desliga.

Este, que foi christão, Mafoma adora;  
 Mas, o rito ant'rior não desprezando,  
 Ambas as leis, que por egual ignora,  
 Muita vez junta em uso impio e nefando.  
 Das fundas espeluncas, onde mora  
 Sósinho, as suas artes cultivando,  
 Vem no publico damno ao cruel velho  
 Prestar ainda mais cruel conselho.

Est. I e II.

Senhor, diz elle, sem demora chega  
O temeroso exercito aguerrido;  
Mas, se n'aquillo que convem se emprega,  
Cada qual pelos céus é soccorrido.  
Que tudo tu proveste ninguem nega;  
De chefe e rei o officio has preenchido;  
Façam todos o mesmo, e a gente impura  
Esta terra haverá por sepultura.

Eu, nos riscos serei teu companheiro,  
Pois venho nos trabalhos ajudar-te.  
No que a idade servir de conselheiro,  
Ou a magia, em mim podes fiar-te.  
Os anjos que do céu foram primeiro  
Até na minha obra terão parte.  
D'onde pretendo começar o encanto,  
E de que modo te exporei emtanto.

No templo dos christãos occulto fica  
Um subterraneo altar, e ahi guardado  
O simulacro está da que pública  
Deusa e mãe do seu Deus o vulgo errado.  
Perante elle se vê lampada rica  
Brilhar sempre; da vista é recatado  
Por um véu; ao redor pendem mil votos,  
Que lhe offertaram credulos devotos.

Pois esta imagem deve ser tirada  
Por tua propria mão, por que a transporte  
Para a tua mesquita consagrada;  
Depois o encanto formarei, de sorte  
Que todo o tempo que ahi for guardada  
Será d'esta cidade a guarda forte,  
E immune tornará o teu imperio,  
Seguro por tão novo e gran mysterio.

Assim o persuadiu; impaciente  
Corre á casa de Deus o rei tyranno;  
Os sacerdotes fórça; irreverente  
Lhes rouba o simulacro soberano;  
E o conduz para o templo, onde frequente  
Irrita o céu culto falaz e insano;  
N'este após contra a Mãe de Deus divina  
O magico em blasphemias desatina.

Mas, quando appareceu o novo dia,  
Aquelle que guardava a impura egreja  
A imagem não achou onde existia,  
E n'outro sitio achal-a em vão forceja.  
Logo previne o rei, que, mal o ouvia,  
Contra elle se levanta, arde, esbraveja;  
E imagina que algum christão houvesse  
O roubo commettido, e o retivesse.

Ou foi de mão fiel acção piedosa,  
 Ou por que n'isto o céu se demonstrára,  
 Não querendo que a sua gloriosa  
 Rainha tão vil tecto acobertára.  
 Incerta a fama é se milagrosa  
 Obra ou humano artificio o executara;  
 Mas piedade é que o zelo do homem ceda,  
 E tamanho milagre ao céu conceda.

Manda o rei procurar por toda a parte  
 Casas, templos; a quem delata ou esconde  
 O furto ou o réu promessas já reparte  
 Do premio e punição que lhes responde.  
 Tambem emprega Ismeno a sua arte;  
 Mas nada a seus esforços corresponde,  
 Que o empyreo silencioso conservou-se,  
 Ou fosse a obra alheia, ou sua fosse.

Depois que o rei cruel viu occultar-se  
 O crime que aos christãos só imputava,  
 Sentiu contra elles de odio arrebatarse,  
 E de colera enorme se abrasava.  
 Todo o respeito perde; que vingar-se,  
 Custasse o que custasse, desejava.  
 Morra, clamava, morra a infiel gente,  
 E o roubador com ella juntamente.

O innocente pereça; o justo acabe;  
 Mas não se salve o réu. Porêm que digo?  
 Todos culpados são; quem é que sabe  
 De um que do nosso nome seja amigo?  
 Se do delicto a algum culpa não cabe,  
 Bastem passados erros ao castigo.  
 Sus! ó vassallos meus, a fogo e ferro  
 Vingae-me, e castigae o commum erro.

Assim discursa ao povo. Eis se propala  
 O caso entre os christãos em continente;  
 E o coração de todos já se abala  
 Com o medo da morte, que é presente.  
 De fugir ou de supplicas quem fala?  
 Escusar-se, quem ha sequer que o tente?  
 Porêm da duvida e temor no meio  
 Inesperada a salvação lhes veio.

Vivia entre elles uma virgem pura  
 De magnanimo e regio pensamento;  
 Da extrema gentileza apenas cura  
 No que serve á virtude de ornamento;  
 E o que mais lhe realça a formosura  
 É esconder o seu merecimento  
 No retiro, onde foge dos louvores,  
 E d'aquelles que faz soffrer de amores.

Mas nada ha que velar possa a belleza  
 Digna de ser por todos contemplada;  
 Não o consente amor; fôra crueza;  
 E de um mancebo a torna desejada,  
 Amor, que, argos, ou cego, a vista accesa  
 Umás vezes nos deixa, outras vendada,  
 Que, apesar de mil guardas, té aos lares  
 Os mais castos conduz nossos olhares.

Elle Olindo, Sophronia ella se chama;  
 Da mesma patria e fé cada um procede;  
 Se ella é formosa, elle é modesto: ama;  
 Quer muito; pouco espera; e nada pede;  
 Nem sabe ou dizer ousa o amor que o inflamma;  
 Ella em paga ou desprezo lhe concede,  
 Ou não o vê, ao menos, ou conhece.  
 Por esta sorte o misero padece.

Ouve-se emtanto a nova; que se ápresta  
 Contra os pobres christãos atroz ruína;  
 E a dama, generosa quanto honesta,  
 O modo de livral-os imagina;  
 Se a coragem tal feito lh'admoesta,  
 Ao contrario o pudor virgineo a inclina;  
 Vence a coragem, antes, animosa  
 Se móstra juntamente e vergonhosa.

Baixa a vista, de um véu coberto o rosto,  
 Só, através da gente se encaminha:  
 Nem quanto é bello occulto nem exposto,  
 Com singelas maneiras nobre vinha.  
 Do desalinho e ornato era um composto;  
 Por acaso? Por arte? É que lhe tinha  
 Amor co'a natureza e o céu propicio  
 Mudado o desadorno em artificio!

Sem attentar na multidão que a mira,  
 Passa altiva, e ao monarcha se apresenta;  
 Nem porque o veja austero se retira;  
 O seu aspecto impavida sustenta.  
 Senhor, eil-a começa, a tua ira  
 Acalma, e o povo refrear intenta;  
 Venho o réu que procuras amostrar-te,  
 E quem te ha offendido preso dar-te.

Ao animo modesto, á inesperada  
 Luz de tanta belleza audaz e pura,  
 O rei, quasi que a alma subjugada,  
 Poz na colera e rosto compostura.  
 Amára-a até, se a condição mudada  
 Fosse n'elle, ou se branda a formosura;  
 Porém contrarios corações não prende  
 Amor, que de ternuras só entende.

Prazer, inclinação e pasmo apenas,  
 Se não amor, moveram no tyranno.  
 Narra tudo, lhe manda; assim serenas  
 O rancor contra os teus; não temas damno.  
 E ella, respondendo: pois o ordenas,  
 Fui eu que executei o furto e engano;  
 Eu a imagem tirei; eis justamente  
 Quem procuras; a mim pune sómente.

D'esta arte, o crime publico attrahindo  
 Sobre si, ao castigo se offerece.  
 Oh! magnanima acção que faz mentindo!  
 Que verdade com ella se parece?  
 O barbaro suspenso, tal ouvindo,  
 Não se irrita, qual sempre lhe acontece.  
 Depois: quem te prestou do crime a ideia,  
 Quem é que te ajudou me patenteia.

Não quiz da minha gloria que fruisse  
 Ninguém a menor parte; eu fui a auctora;  
 Cumplice não busquei que me assistisse;  
 Fui eu a conselheira e executora.  
 Pois em ti caia inteira, elle lhe disse,  
 A minha ira tremenda, vingadora.  
 E ella: justo é; e bem convinha  
 Que fosse a pena, como a honra, minha.

Então o rei, já quasi enraivecido,  
 Lhe pergunta: onde a imagem foi occulta?  
 A cinzas ficou tudo reduzido,  
 Responde; e de a queimar minha'alma exulta.  
 Assim ao menos não será ouvido  
 Jámais que o infiel blasphemo a insulta.  
 Se o furto busca's ver, nunca has de vel-o,  
 Senhor; mas o ladrão pódes prendel-o;

Posto não haja aqui ladrão, nem crime,  
 Pois deve recobrar-se o que é roubado.  
 Escutando-a, na voz a ameaça exprime  
 O tyranno monarcha arrebatado.  
 Que esp'rança de perdão ha que te anime,  
 Donzella de pensar alevantado?  
 Em balde amor a indignação lhe apara,  
 Como em escudo, na bellêza rara.

Prendem a virgem púdica e formosa,  
 Condemnada a perder no fogo a vida;  
 Rasga-lhe o manto e o véu não impiedosa;  
 De asp'ras cordas nos braços é cingida.  
 Soffre ella muda, e, embora não medrosa,  
 Sente-se alguma coisa commovida;  
 Tinge-se o rosto seu de tal alvura,  
 Que não é pallidez, porêem candura.

Divulga-se a noticia; o povo em massa  
 Vem apressado, e ao mesmo tempo Olindo.  
 O preso incerto é; certa a desgraça;  
 Lembra-lhe a amada; e corre, o caso ouvindo.  
 Mal que no meio a vê da populaça,  
 Qual condemnada, com seu gesto lindo,  
 É prompto o algoz para o mister infando,  
 Vôa, a turba apinhada atropelando,

E brada ao rei: não é a criminosa  
 Esta; jacta-se d'isso por loucura;  
 Nem pensou em acção tão perigosa.  
 Como debil perfez tal aventura?  
 Como illudiu os guardas ardilosa?  
 Como pôde tirar a imagem pura?  
 Se o fez, que o narre. Foi por mim roubada.  
 Ah! tanto, sem que amasse, ella era amada!

Fui eu, diz elle após, continuando,  
 Que uma noite subi té onde acceita  
 Vossa mesquita a luz, e, praticando  
 Caminho, ahi entrei por via estreita.  
 Estão-me a honra e a morte reclamando;  
 A minha alma o castigo não engeita;  
 Usurparm'o não queiram. Por mim chama  
 A prisão; para mim se apresta a flamma.

Ergue Sophronia a vista, e humanamente  
 Com olhos de piedade o considera.  
 Que vens aqui buscar, pobre innocente?  
 Que conselho ou furor te desespera?  
 Supporás que eu não basto unicamente  
 Para arrostar de um peito a raiva fera?  
 Ainda coração possúo forte  
 Para soffrer sem companhia a morte.

Assim fala ao amante, sem que mude  
 Este de pensamento ou se desdiga.  
 Oh! famoso espectáculo! a virtude  
 E o amor um proposito afadiga:  
 Do vencedor o premio é o ataúde!  
 O vencido co'a vida se castiga!  
 Mas, quanto mais constantes porfiavam,  
 Tanto o barbaro rei mais irritavam.

Julgando-se da pena co'o desprezo  
 Pelos réus humilhado e escarnecido,  
 Ambos se creiam, diz; um e outro preso  
 Sejã, e receba o galardão devido.  
 Aos algozes acena; e o indefeso  
 Mancebo é por cadeias opprimido;  
 De costas a um poste ambos atados  
 Ficam, das mutuas vistas resguardados.

Já a fogueira preparada estava,  
 E incitavam a chamma adormecida,  
 Quando por modo tal se lamentava  
 Olindo á que com elle foi unida:  
 É este o laço pois que eu esperava  
 Que nos ligasse em fortunosa vida?  
 É este o fogo casto dos amores,  
 Que eu julgava nos dêsse eguaes ardores?

Outro fogo, outros laços nos prepara,  
 Não os de amor promessa, a iniqua sorte.  
 Tanto nos separou d'antes avara!  
 Tanto, cruel, nos casa hoje na morte!  
 Ao menos, já que te condemna, ó cára,  
 A tão extranho fim, sou teu consorte,  
 Se não no leito, na fogueira; o fado  
 Teu só choro; feliz morro a teu lado.

Oh! fôra a morte vezes mil ditosa,  
 E o meu martyrio eu por fortuna houvera,  
 Se, juntos peito a peito, a jubilosa  
 Alma nos labios teus deixar pudera!  
 E, se, morrendo juntos, ó formosa,  
 Teu ultimo suspiro eu recebera!  
 Tal chorando se exprime; e respondendo  
 Ella meiga o aconselha; e vae dizendo:

Outro pensar, amigo, outros lamentos  
 A occasião mais elevados pede.  
 Põe nos peccados teus os pensamentos,  
 E no premio que Deus aos bons concede;  
 Soffre em seu nome; e doces os tormentos  
 Serão; aspira á sempiterna séde;  
 Olha o céu como é bello; o sol que é vida,  
 Que nos consola e á gloria nos convida.

Nos olhos do infiel borbulha o pranto;  
 Chora o christão; porêm a voz comprime;  
 Um desusado, não sabido encanto  
 Até mesmo no rei brandura imprime.  
 De o conhecer se indigna; arreda emtanto  
 O olhar; mas teima em lhe assacar o crime.  
 Tu sómente, de todos pranteada,  
 Não pranteias, Sophronia, conformada.

N'este ponto de ar nobre eis um guerreiro  
 (Parecia-o) do sitio se approxima;  
 No vestuario e armas estrangeiro,  
 Mostra que chega de distante clima.  
 Chama os olhos o tigre carniceiro,  
 Que do elmo brunido traz em cima;  
 Por onde ser Clorinda imaginavam,  
 Pois é sua divisa, e não erravam.



Esta o engenho e os feminis cuidados  
 Desdenhou desde a tenra mocidade;  
 Sóberba, usar os dedos delicados  
 Na agulha e fuso creu indignidade;  
 Fugiu o ocio, e os lares retirados,  
 Que ha nas armas tambem honestidade;  
 Tornou o rosto seu grave e orgulhoso,  
 Mas vel-o nem por isso é menor goso.

Nos annos juvenis co'a nivea dextra  
 A domar os cavallos aprendera;  
 Jogara a espada, a lança; e na palestra,  
 E na carreira o corpo endurecera;  
 Depois no monte e selva, em caçar mestra,  
 Dos ursos e leões atrás correrá;  
 Sêguiu a guerra; e homem se mostrara  
 As feras, e qual fera pelejara.

Agora do paiz da Persia vinha,  
 Para que á força dos christãos resista,  
 Dos christãos que vencido ella já tinha,  
 Deixando a terra do seu sangue mixta;  
 Porém, mal que da turba se avizinha,  
 Da morte a scena lh'imprensa a vista.  
 Como a curiosidade a punge e incita,  
 Apressada o ginete precipita.

A multidão se arreda; então parando,  
 Mais de perto nos réus presos attenta;  
 Nota a fraca mulher valor mostrando;  
 E o forte que se queixa e se lamenta;  
 Chora o triste de dó, ou a dor provando  
 Que de outrem compaixão experimenta;  
 Muda é aquella, no céu toda embebida,  
 Qual se já d'este mundo dividida.

Clorinda se enternece; e do seu fado  
 Movida algumas lagrimas derrama;  
 Pésa-lhe mais o padecer calado;  
 Mais o silencio do que o pranto a chama;  
 Para um homem que alli lhe estava ao lado,  
 Já velho, se dirige; e inteira a trama  
 Da historia criminosa quer lhe aponte;  
 E que o crime dos réus, se o tem, lhe conte.

O ancião, á pergunta respondendo,  
 Lhe narrou brevemente o que sabia.  
 Ella o ouviu, e pasmou, logo entendendo  
 Que em ambos culpa alguma não havia.  
 Roubal-os pois á morte pretendendo  
 Quanto co'o rogo e armas poderia,  
 Veloz corre á fogueira; e apagal-a  
 Faz, emquanto aos algozes assim fala:

Nenhum de vós no ministerio duro,  
De que foi incumbido, se afadigue  
Por algum tempo, enquanto o rei procuro.  
Não temaes que por isso vos castigue.  
Obedeceram prompto ao ar seguro  
E regio, que nada ha que não obrigue.  
Depois a ver o rei d'alli caminha,  
O qual achou que ao seu encontro vinha.

Eu Clorinda me chamo; nomear-me  
Talvez ouvisses já, senhor; e venho  
Para junto contigo aventurar-me  
Do reino teu, da nossa fé no empenho.  
Manda, e em qualquer facção hei de provar-me;  
Prézo as grandes; as simples não desdenho;  
Se em campo aberto, ou no recinto estreito  
Dos muros me quizeres, nada enjeito.

Replica-lhe Aladino: que tão triste  
Sitio, por longe da Asia e sol doirado,  
Ó virgem gloriosa, acaso existe  
Que não saiba o teu nome celebrado?  
Hoje, que á minha tua espada uniste,  
Nada temo, por ella descansado;  
Se exercito potente me ajudara,  
Tamanha confiança não cobrara.

Já mais do que devia me parece  
Que aqui tardam as forças nazarenas;  
Mas, para emprego, teu valor merece  
Empresas que não são d'almas pequenas.  
A hoste que me segue e me obedece  
Commanda, impondo a lei, impondo as penas.  
Assim dizia; e em graças lhe pagava  
Ella o louvor; e assim continuava:

Extranho julgarás, bem o prevejo,  
Ser pelo premio a obra precedida;  
Mas a bondade tua dá-me o ensejo:  
D'estes miseros réus te peço a vida;  
Que, se é a culpa incerta, como vejo,  
É a condemnação immerecida;  
Mas calo-me, e tambem calo os patentes  
Signaes de estarem ambos innocentes.

Só direi que é geral o pensamento  
Entre vós de que a imagem foi roubada  
Pelos christãos; pois eu não me contento  
Com essa opinião, de certo errada.  
Foi o alvitre do mago atrevimento  
Contra o céu, contra nossa lei sagrada,  
Que idolo algum a nós ella consente,  
Quanto mais os que são de uma outra gente.

A Mahomet attribuo a milagrosa  
 Acção portanto; foi por elle feita,  
 Por mostrar que em seus templos odiosa  
 Religião soffrer sempre rejeita.  
 Sua arte Ismeno empregue myst'riosa;  
 A taes armas só tem sua alma afeita;  
 Nós cavalleiros temos ferro e lança;  
 Esta é nossa arte e unica esperança.

Findou; e o rei, ainda que á piedade  
 Difficilmente e raras vezes cede,  
 O animo dobrou, que o persuade  
 A razão, e o pêso de quem pede.  
 Logrem vida, responde, e liberdade;  
 A quem o roga tudo se concede;  
 Ou seja por justiça, ou por clemencia,  
 Absolvo, e outorgo a ambos a existencia.

Livres assim ficaram. Venturoso  
 Sem duvida que foi de Olindo o fado;  
 Acorda o peito d'ella generoso,  
 Por fineza tamanha incendiado.  
 Vae da fogueira á boda, já esposo  
 De réu, e não de amante só amado;  
 Com ella quiz morrer; e não se esquiva  
 Sophronia a que com elle agora viva.

Mas o rei suspeitoso crê perigo  
 Virtude perto haver tão peregrina,  
 E, como logo resolveu comsigo,  
 Expulsa-os do paiz da Palestina.  
 Exila outros ou prende por castigo,  
 Segundo lh'aconselha a alma ferina.  
 Oh! como deixam tristes os filhinhos,  
 Os decrepitos paes, e os doces ninhos!

Separação cruel! Sómente aquelles  
 Desterra que te'm força, e engenho altivo,  
 Emquanto o sexo debil, e os imbelles  
 Retem, dos que se partem penhor vivo!  
 Vagabundos tornaram-se alguns d'elles;  
 Outros (á ira o animo captivo  
 Mais que ao mêdo) rebeldes se aggregaram  
 Aos francos, logo que Emaús entraram.

Emaús de Sião pouco é distante;  
 Se, apenas a manhan principiara,  
 De uma partir moroso viandante,  
 Por passeio, na outra ás nove pára.  
 Que annuncio para o exercito prestante!  
 Quanto os pios desejos lhe prepára!  
 Mas, como já nos céus o sol baixava,  
 O chefe as tenda assentar mandava.

Prestes já eram; já, pouco remota  
Do mar, a luz do sol ia apagar-se,  
Quando de ar estrangeiro, e veste ignota  
Dois inclitos barões vêm chegar-se,  
Cujo aspecto pacifico denota  
Para o chefe um e outro destinar-se.  
São do gran rei do Egypto mensageiros;  
E trazem muitos pagens e escudeiros.

É um Alete, que principio teve  
Da plebe rude e vil no seio immundo,  
E que ascender ás mores honras deve  
Ao seu falar astuto, alto, facundo,  
Ao modo brando, e ao vario genio e leve,  
Prompto em fingir, e no enganar profundo;  
Tem das calumnias a sciencia infusa;  
Louvar parece, e quando louva accusa.

Chama-se Argante o outro, circassiano,  
Que á real côrte foi parar do Egypto;  
É que, satrapa eleito, vive ufano  
Entre os primeiros da milicia inscripto.  
Impaciente, acerbo, deshumano,  
Infatigavel na peleja e invicto,  
Zomba de toda a crença, e no seu erro  
Tem por lei e razão da espada o ferro.

Como audiencia pedissem, no aposento  
Onde era Godefredo penetraram;  
E em trajo simples, e rasteiro assento  
Entre os seus cavalleiros o encontraram;  
Mas serve-lhe a modestia de ornamento,  
Pela qual os seus dotes mais se aclaram.  
A fronte apenas inclinou Argante,  
Desdenhoso, magnifico, arrogante;

Porém Alete, pondo a mão no peito,  
E a cabeça e os olhares abaixandò,  
O saudou, ao contrario, com respeito,  
O côstume dos seus n'isto imitando.  
Depois principiou, em rio feito  
De doce mel o seu falar manando;  
E, porque os francos já senhores eram  
Do syrio, quanto disse perceberam.

Ó tu, que digno o céu achou sómente  
De tão nobres heroes levar á gloria,  
A que déste a gosar, forte e prudente,  
Já reinos, já as palmas da victoria,  
Transpoz o estreito herculeo e o mar fremente  
A fama tua, para nós notoria,  
A fama tua que por todo o Egypto  
Os teus feitos illustres ha descripto.

Todos o nome teu, que ella levanta,  
 Ouvem, qual maravilha não sabida;  
 Mas ao pasmo geral, que tudo espanta,  
 Meu rei sente a alegria reunida;  
 Nem teme ou inveja nomeada tanta;  
 Antes, por sua bocca repetida  
 Com prazer a miude, hoje vontade  
 Tem só de procurar tua amizade.

Sim, comtigo amizade e paz deseja,  
 Visto que a occasião o favorece;  
 O laço que vos prenda o valor seja,  
 Pois a diversa crença o não padece.  
 Mas porque ouviu que tu para a peleja  
 Te armaste, o que ora exacto lhe parece,  
 Para do estado seu fóra lançaes  
 O rei amigo, e d'elle te apossares,

Propõe, antes que damno d'ahi venha,  
 Que do que has ganho já te satisfaças;  
 Que a Judéa tranquilla se mantenha;  
 E que ao mais que protege mal não faças;  
 E elle se obriga a que firmeza tenha  
 Teu fraco reino; se este accordo abraças,  
 E vos ligaes, quando é que o turco e o persa  
 Verão a sorte melhorar adversa?

Senhor, em pouco tempo effeituaste  
 Acções que respeitar hão de as edades;  
 Fomes, ingratas marchas supportaste;  
 Venceste, entraste, exercitos, cidades;  
 E as provincias longinquas aterraste  
 Co'a voz da fama, com que tudo invades;  
 Podes inda ganhar nova victoria  
 E terra, porêm não ganhar mais gloria.

Ao teu zenith subiste; d'ora ávante  
 Evitar te convem a guerra incerta;  
 Que só terreno alcanças, triumphante,  
 E a gloria outras corôas não te offerta;  
 Emquanto que, vencido, n'um instante  
 Perdes tudo e ruína contas certa.  
 Jogar o ganho e o muito contra o pouco  
 E duvidoso é jogo audaz e louco.

Mas o conselho d'esses a quem pésa  
 Que longo tempo o havido outrem conserve,  
 E o sempre conseguir qualquer empresa,  
 Junto á ambição que natural referve,  
 Nos corações heroicos tão accesa,  
 De ter mais quem o sirva e a lei lhe observe,  
 Far-te-hão fugir a paz mais do que a dura  
 Guerra fugir outro qualquer procura.

Hão de exhortar-te a proseguir na estrada,  
 Que a teus passos o fado abriu tamanha;  
 A não largar essa famosa espada,  
 Que a victoria feliz sempre acompanha,  
 Té ser de Mahomet a lei prostrada,  
 E a Asia ermar a bellicosa sanha;  
 Doces juizos são, doces enganos,  
 D'onde podem provir extremos damnos.

Mas, se a paixão os olhos te não cerra,  
 Nem da razão o lume te escurece,  
 Verás, seja qual fôr a nova guerra,  
 Que temor, não esp'ranças, offerece.  
 A mudavel fortuna varia erra,  
 Ora ventura, ora desgraças tece;  
 E áquelles, cujo vôo foi mais alto,  
 Mais proximo do abysmo fica o salto.

Se contra ti se move o rei do Egypto,  
 De armas, de oiro e conselho poderoso,  
 E se o turco da guerra solta o grito,  
 E o filho de Cassano, e o persa iroso,  
 Que oppões ao seu poder grande, infinito?  
 Que asylo tens, ó chefe valoroso?  
 Firmár-te-has por acaso nos ajustes  
 Que assentaste co'o grego, e em seus embustes?

Quem dos gregos a fé no mundo ignora?  
 Bem deves conhecel-a, que a provaste  
 Por vezes mil; pois sempre na traidora  
 Gente enganosa apenas encontraste.  
 E ha de a vida por ti expor agora  
 Quem ao passar contrario já achaste?  
 Ha-de-te dar o sangue o que a estrada  
 Te negou no que é seu, a todos dada?

Mas talvez a esperança tu puzeste  
 N'esse exercito que hoje te rodeia,  
 E os mesmos que espalhados já venceste,  
 Vêncel-os reunidos tens na idéia.  
 Pois ignoras a gente que perdeste  
 Na crua guerra de miserias cheia?  
 Não vês co'o persa e o turco alliado o egypcio,  
 Novo inimigo para o teu exicio?

Ainda que supponhas que é teu fado  
 Pelo ferro jámais seres vencido,  
 E que tudo quanto has imaginado  
 Por decreto do céu seja cumprido,  
 Ficarás pela fome subjugado;  
 Por quem és n'este caso soccorrido?  
 Tira contra ella a espada, vibra a lança,  
 E nutre de vencer inda esperança.

A providente mão dos habitantes  
Os campos destruiu, e de alto muro  
Quanto produz a terra, dias antes  
De chegares aqui, pôz no seguro.  
Como has de os cavalleiros, e os infantes  
Sustentar? Que farás em tal apuro?  
Dirás que tens a armada bem provida;  
Então dos ventos pende a tua vida?

Pois quê, tua fortuna aos ventos manda,  
E quando lhe parece os prende e instiga?  
O mar, que aos nossos ais se não abranda  
Uma palavra tua a tanto obriga?  
Não lograremos nós por outra banda  
Com o turco e o persa em forte liga  
Armada congregar tal e tamanha,  
Que possa contrastar da tua a sanha?

Duplicado triumpho necessitas  
Para vences. N'uma só derrota,  
Senhor, o nome teu desacreditas,  
A não soffreres damno de mais nota;  
Pois tua hoste na fome precipitas,  
Se é vencida por nós a tua frota;  
E, se és vencido em terra, victoriosos  
Debalde são teus lenhos poderosos.

Porê, se em tal estado inda preferes  
Rejeitar nossas treguas e amizade,  
Com tão má decisão de ti differes.  
Perdôa-me, se avanço esta verdade.  
Ah! se recommençar a lucta queres,  
Mude-te o céu superno essa vontade,  
Por que a Asia respire e dispa os luctos,  
E tu goses tambem da gloria os fructos.

E vós, seus companheiros nos azares,  
Nos perigos, na lida e vencimento,  
Não vos enganem da ventura os ares;  
Na guerra não ponhaes o pensamento;  
Mas, qual nauta escapado a grossos mares,  
Que o barco recolheu livre do vento,  
Já deveis amainar as soltas velas,  
Sem mais vos arriscardes ás procellas.

Calou-se; e o seu falar logo seguiram.  
Os heroes em voz surda murmurando,  
Nos torvados semblantes do que ouviram  
Signaes de indignação manifestando.  
O capitão por vezes quatro viram  
Volver-se, em roda o olhar nos seus fitando,  
Té que no mensageiro, que esperava  
Pela resposta, confiado o crava,

E diz: cortez e altivo referiste  
 Do teu rei a embaixada; o qual, se ama  
 Os meus feitos e a mim, como exprimiste,  
 Mercê me faz, que o meu affecto inflamma.  
 Quanto á guerra que contra nós previste  
 Do paganismo, accorde em firme trama,  
 Qual é proprio de mim, com liberdade  
 Responderêi, mas com simplicidade.

Sabe que tudo quanto supportámos  
 Ou na terra ou na liquida planura  
 Foi só para o caminho que encetámos  
 Abrir até de Christo á sepultura;  
 Por ganhar sua graça nos armámos,  
 Libertando Sião da algema impura.  
 Para facção tamanha cremos leve  
 Reinos, honras perder, e a vida breve.

Não nos levaram, não, á santa empresa  
 Da ambição os estímulos (arrede  
 De nós o eterno Padre essa vileza,  
 Se por ventura algum de nós lhe cede;  
 Nem consinta que adoce tal torpeza  
 Veneno bello que a existencia impede);  
 A sua mão que os corações mitiga  
 Suave é que sómente nós obriga.

Por ella entre embaraços conduzidos  
 Fomos, a mil perigos escapando;  
 Ella é que aplanos os montes mais subidos  
 E que os rios caudales secca, acenando;  
 Que aplaca o mar e os ventos desprendidos;  
 Que torna o estio fresco, o inverno brando;  
 É ella que entra os muros; que batalha;  
 Que vence armadas hostes, e as espalha.

D'ella nos vem a esp'rança, o atrevimento,  
 E não de nossas forças já cansadas,  
 Nem da frota ou de todo o ajuntamento  
 De nações pela Grecia e franco armadas.  
 Tenhamos nós do céu o valimento,  
 E sejam as mais coisas desprezadas;  
 Quem o conhece, e vê como defende,  
 Ou fere, outro soccorro não pretende.

Mas inda que sem este nós fiquemos,  
 Por culpa nossa ou por seus fins occultos,  
 Como alegres á terra desceremos,  
 Onde os restos de Deus foram sepultos!  
 Mortos, inveja aos vivos não teremos;  
 Os nossos corpos não serão inultos;  
 Nem a Asia rirá da nossa sorte;  
 Nem choraremos nós a nossa morte.



Emtanto que fujamos não se creia  
 Da paz, como da guerra assoladora;  
 Ninguém do teu monarcha a alliança odeia;  
 Sua amizade até grata nos fôra.  
 Mas, se não lhe obedece inda a Judeia,  
 Por que razão tanto a protege agora?  
 Que o alheio conquistemos impedil-o  
 Não tente, e reja o seu feliz, tranquillo.

Assim responde; e com furor pungente  
 A resposta d'Argante o seio parte;  
 Nem o disfarça, mas com voz tremente  
 Se chega ao capitão, e diz d'est'arte:  
 Paz não queres; pois bem, guerra sómente  
 Haverá entre nós; guerra vou dar-te;  
 Claro desejo d'ella demonstraste,  
 Já que as nossas propostas recusaste.

N'isto pela aba toma a veste sua,  
 E, apanhando-a na fórma de regaço,  
 Ainda mais orgulhoso continúa,  
 Pintado no semblante rude ameaço:  
 Guerra e paz aqui tens á espera tua;  
 E de uma d'ellas dadiva te faço;  
 Escolhe, homem soberbo, sem tardança,  
 Já que no tão incerto has confiança.

Como tal altivez todos movesse,  
 Guerra, guerra se escuta em brado inteiro;  
 Que ninguém aguardou que respondesse  
 Godefredo do Egypto ao mensageiro.  
 Este, desfeito o bolço, que estremece:  
 Para guerra mortal eu vos requeiro.  
 Assim falou, e tão feroz e insano,  
 Como se o templo abrisse do deus Jano.

Julgáreis que da veste lhe sahira  
 Com o louco furor discordia fera,  
 E dos olhos terríveis despedira  
 De Alecto o rubro fogo e o de Megera.  
 O ousado, que chamou de Deus a ira,  
 Querendo ao céu chegar, certo assim era;  
 Babel assim o viu a fronte alçando,  
 As estrellas e o sol desafiando.

Avizae vosso rei de que o esperamos;  
 E que se apresse, torna Godefredo;  
 A guerra que ameaça lhe aceitamos;  
 Se não vier, aguarde-nos bem cedo  
 No seu Nilo, que ahi buscal-o vamos.  
 Com presentes depois, e gesto ledos  
 Os despediu. A Alete deu brilhante  
 Elmo, que houve em Nicéa, triumphante.

Coube a Argante uma espada; é pedraria  
E oiro o punho d'ella; tão bem feita,  
Que lhe excede o trabalho a alta valia;  
De artifice sublime obra perfeita.  
Depois que elle notado attento havia  
A tempera, a riqueza e o que a enfeita,  
Exclama: Godefredo bem depressa  
Verás teu dom como a servir começa.

Então se despediram. Por Argante  
Foi com seu companheiro concertado,  
Que este, á primeira luz do sol radiante,  
Seguisse para o Egypto c'o recado.  
Quanto a elle, vindo a noite negrejante,  
Para Sião partiria; que escusado  
Era o prestimo seu para onde ia  
O outro, e só entre armas se queria.

Assim de nuncio torna-se inimigo.  
Se o move ira ou razão, d'isso não cura;  
Se offende das nações o estylo antigo,  
Nem sequer em tal pensa n'alma impura.  
Sem resposta esperar, vae pelo abrigo  
Do silencio nocturno, e treva escura  
Para Jerusalem impaciente.  
Não menos a demora Alete sente.

Era noite; jaziam no repouso  
O vento e as ondas; mudo estava o mundo.  
Os lassos animaes, e os que do undoso  
Mar, e dos lagos nos esconde o fundo,  
E as aves e os rebanhos no gostoso  
Ocio da doce paz, o mais profundo,  
Depois das suas lidas se entregavam  
Ao somno, e das fadigas descansavam.

Mas os christãos, e o chefe não se esquecem  
Dormindo, porque esperam sequiosos  
Que os raios da manhan a vir comecem,  
Para elles tão festivos e formosos.  
Como olham para o céu, e lhes parecem  
Tardar; como os seus passos pressurosos  
Desejam que conduza o novo dia  
A Sião, onde fim a empresa havia!

## CANTO III

A brisa da manhan já sussurrava,  
Annunciando o despontar da aurora,  
A qual de ethereas rosas adornava  
A fronte de oiro, onde a alegria mora,  
Quando o exercito ancioso, que se armava,  
Erguia a voz altisona e sonora,  
Prevenindo as trombetas, que echoaram  
Logo, e em som mais canoro se escutaram.

O sabio capitão com freio brando  
O desejo dos seus secunda e guia,  
Pois que de Scylla o mar sempre bramando  
Muito mais facil enfrear seria,  
Ou Boreas, quando, os lenhos afundando,  
Açoita do Apennino a penedia.  
Commanda-os, e encaminha-lhes a pressa,  
Posto em nada esta a ordem lhes empeça.

Azas n'alma e nos pés cada qual sente,  
Sem pela marcha dar apressurada;  
Mas, quando já na altura o sol ardente  
Fere as campinas, eis a desejada  
Jerusalem que surge de repente;  
Eil-a, eil-a por todos amostrada;  
Eis vozes mil, que n'uma voz resôam,  
Jerusalem, Jerusalem pregôam.

Tal de nautas punhado audacioso,  
Que em busca foi de terra não sabida,  
E sob ignotos céus ao duvidoso  
Mar e á furia do vento expoz a vida,  
Se emfim descobre o porto do repouso,  
O saúda co'a grita conhecida,  
Emquanto que um ao outro ávido o aponta,  
E já o mal soffrido em nada conta.

Ao jubilo sem par, que lhes inunda,  
Vendo tal scena, docemente o peito,  
Logo succede contrição profunda,  
Mixturada de timido respeito.  
A medo a vista alongam sitibunda  
Ao logar, que por Christo foi eleito  
Para na cruz morrer, ser sepultado,  
E do tum'lo sahir resuscitado.

Baixas palavras em devoto accento,  
Lacrimosos suspiros, ais partidos,  
Exprimindo alegria e sentimento,  
Ouvem-se n'um murmúrio confundidos.  
Assim em basta selva sôa o vento  
Por entre os troncos de verdor vestidos;  
Nas rochas ou na praia assim rouqueja  
O oceano, quando tímido esbraveja.

Todos marcham descalços, incitados  
Pelo exemplo dos pios commandantes;  
Todos tiram os oiros, os brocados,  
E as cimeiras dos elmos scintillantes;  
Tambem domam os peitos altanados,  
E em lagrimas desfazem-se abundantes;  
E cada qual, como se não chorara,  
D'este modo se accusa em phrase amara:

Na terra, que o teu sangue sacrosanto  
Deixou, Senhor, de rios mil coberta,  
É possível que nem um só de pranto  
Por tão cruel memoria hoje eu não verta?  
Porquê, meu coração, não choras tanto  
Até que em duas fontes se converta  
Essa tua dureza? ah! bem mereces  
Chorar sempre, se aqui não te embrandeces.

· Emtanto um dos pagãos que em guarda estava  
De excelsa torre, e os campos descobria,  
Vê denso pó, que ao longe se formava,  
E ser immensa nuvem parecia.  
De relampagos cheia ella marchava,  
E lançar de si fogo se diria;  
Logo depois distingue dos guerreiros  
As armas; logo infantes, cavalleiros.

Que de pó vejo alêm, subito brada;  
Como parece resplender, qual flamma.  
Sus; armae-vos; travae da forte espada;  
Subi-aos muros; o momento o clama;  
Eis á vista o inimigo; e, recobrada  
A voz, de novo com mais força exclama:  
É elle; ás armas! attentae na grande  
Nuvem de denso pó, que alêm se expande.

Os que te'm n'alma e corpo só fraqueza,  
Meninos, anciãos, donas afflictas,  
Inhabeis no atacar, e na defesa,  
Buscam tristes o amparo das mesquitas;  
Os que te'm maior brio e fortaleza  
Armam-se contra as hostes infinitas;  
Quaes já correm ás portas; quaes aos muros.  
O rei tudo provê, e os faz seguros;

E em seguida a uma torre se retira  
Entre duas portas, donde, sobranceiro  
Ao campo e aos montes, facil acudira  
Aos perigos; á qual por companheiro  
Leva a formosa Herminia, a quem abrira  
A côrte sua, asylo derradeiro,  
Depois que o braço dos christãos havia  
Morto o pae, e tomado Antiochia.

Clorinda já dos francos se avizinha  
Entretanto, de todos adeante.  
Mas junto a porta escusa tambem tinha  
Prestes os seus para ajudal-a Argante.  
A guerreira os soldados encaminha,  
Movendo-os co' discurso e co' o semblante.  
Hoje é o dia, diz ella, de fundarmos  
D'Asia a esperanza, e com valor brilharmos.

Emquanto assim falava, descobriu  
Não distante um christão ajuntamento,  
Que a depredar o exercito expediu,  
E voltava provido já de armento.  
Foi contra elle; o inimigo, mal o viu,  
Lhe correu ao encontro n'um momento.  
Gardo é o nome do chefe, homem famoso,  
Porêm contra ella pouco poderoso.

Gardo, ao choque primeiro, ca'e por terra  
Perante os francos e os pagãos, que alçaram  
O brado, fausto annuncio para a guerra  
D'alli tomando, em vão, pois se enganaram.  
De perto então co'os outros ella cerra;  
Fere, qual se mãos cem juntas baixaram.  
Seguem-na os seus guerreiros pela estrada  
Que lhes 'abrira a vencedora espada.

Em pouco tempo recupera a presa,  
E o christão vae cedendo já vencido;  
Tanto, que a um oiteiro, em cuja alteza  
Um refugio encontrou apercebido,  
Se acolhe; porêm logo, como accesa  
Rubra chamma, ou tufão enfurecido,  
Em punho a lança, á voz de Godefredo,  
Co'os seus soldados move-se Tancredo.

Tão firmemente a grande lança enrista,  
Vem com tão brava, tão gentil presença,  
Que o velho rei, o qual da torre o avista,  
Ser um dos bons entre os melhores pensa;  
Pelo que à Herminia diz, que se contrista  
E alegre, a palpitar, meio suspensa:  
Qualquer chefe christão, posto coberto  
De armas, tu debes conhecer de certo.

Conta-me pois quem é esse valente  
 De ar tão soberbo e fronte sublimada.  
 Ella em suspiros lhe tornou sómente,  
 A vista pelas lagrimas turvada;  
 Depois reteve o pranto de repente  
 E os ais, porêem não foi tão disfarçada,  
 Que a não trahisse um tímido gemido,  
 E a rosea côr do olhar humedecido.

Emfim ao rei assim responde, e encobre  
 No odío o amor sob o manto da mentira:  
 Conheço-o bem, senhor, ai de mim pobre!  
 Até mesmo entre mil o distinguira!  
 Quantas vezes verter o sangue nobre  
 Ó vi do povo meu! Que nunca o vira!  
 Como é cru no ferir! Ah! para a chaga  
 Que elle faz não ha herva ou arte maga.

É o príncipe Tancredo. Que algum dia  
 Seja meu prisioneiro, mas com vida!  
 Como em vingar-me n'elle eu folgaria,  
 E fôra minha dôr diminuida!  
 De tal sorte falava; e ninguém cria  
 Esta sua resposta ser fingida.  
 Terminando, um suspiro, que procura  
 Reter embalde, no falar mixtura.

Entretanto Clorinda já se avança  
 Contra Tancredo, e a pugna se começa.  
 Ferem-se na vizeira; e cada lança  
 Partida o embate aos ares arremessa.  
 Mas eis d'ella esvoaça a loíra trança,  
 Que o elmo lhe tirara da cabeça  
 Pasmoso golpe; e, como assim ficasse,  
 De virgem bella patenteia a face.

Os olhos seus qual raio lampejaram,  
 Doces na ira; o que seria rindo!  
 Ó Tancredo, que idéias te turbaram?  
 Este é da tua amada o rosto lindo,  
 Aonde os teus sentidos se abrasaram.  
 Não o está o teu peito repetindo?  
 É esta a joven que lavando a fronte  
 Achaste junto á solitaria fonte.

Fica pedra o guerreiro, ao conhecel-a,  
 Que antes cimeira e escudo não notara;  
 Cobre a cabeça, como póde, a bella,  
 E o ataca; elle cede, e não apara  
 Os temerosos botes da donzella,  
 Posto que de ferir os mais não pára,  
 Sem paz pedir-lhe; espera a virgem clama,  
 E ameaçadora a dupla morte o chama.

Offendido, Tancredo não offende;  
 Nem tanto os golpes evitar procura,  
 Como ver esses olhos, donde tende  
 Amor o arco, e tanta formosura;  
 E considera: em vão a mim descende  
 O seu gladio, indefesso, em vão fulgura;  
 Mas da sua belleza sou ferido,  
 A ella sempre o coração rendido.

Resolveu-se afinal, bem que piedade  
 Não espere, a lhe abrir o seio amante;  
 Saiba que um homem já sem liberdade  
 Fere, um escravo humilde, supplicante;  
 E diz: ó tu, que mostras crueldade,  
 Só contra mim, com tantos adeante,  
 Saíamos d'esta confusão; e á parte  
 Melhor commigo poderás provar-te.

Ahi verás se ao meu teu valor cede.  
 A guerreira, o convite logo acceito,  
 Sem elmo embora, intrepida o precede;  
 Segue-a elle turbado e contrafeito.  
 Já Clorinda está prompta; já despede  
 O ferro, que ao contrario vae direito,  
 Quando este: antes que a pugna comecemos,  
 Das condições é justo que tratemos.

Cessa a dama; e Tancredo, que mudado  
 Tem d'a paixão a desesp'rança fera,  
 Eil-as: meu coração seja arrancado  
 Por ti, pois que da paz já desespera.  
 Pertence-te; se for o teu agrado  
 Que morra, voluntario a morte espera;  
 Pertence-te de ha muito; vem tiral-o;  
 É já tempo; nem eu devo estorval-o.

O peito sem defesa te apresento.  
 Porque é que tua espada o não traspassa?  
 Desejas que te ajude o braço lento?  
 Despirei, se quizeres, a coiraça.  
 Mais talvez continuando co'o lamento  
 Ia o guerreiro, sem que branda a faça,  
 Mas dos seus e pagãos tropel ruidoso  
 Lhe veio interromper o tom queixoso.

Ou fosse mêdo ou manha, recuavam  
 Os infieis, e ante os christãos cediam.  
 Viu um d'estes as tranças que voavam,  
 E da donzella os hombros encobriam;  
 E, porque más idéias o animavam,  
 Nos logares que nus appareciam  
 Foi a feril-a por detrás; mas brada  
 Tancredo; e á do inimigo oppõe a espada.

Comtudo um pouco vulnerada fica  
 Na fronte nivea, junto ao collo bello.  
 De purpurinas gottas se salpica,  
 Como de tenue orvalho, o seu cabello.  
 Taes brilham os rubins em obra rica  
 De oiro. Porém o heroe, ao perceber-o;  
 Sobre o cruel em colera se lança,  
 Levando em punho o ferro da vingança.

Vôa aquelle; e este após acceso em ira;  
 Nem mais rapida a setta os ares corta.  
 Ella Tancredo e o outro que fugira  
 Vê longe, e de alcançal-os não se importa;  
 Antes, co'os fugitivos se retira.  
 Ora dos francos o impeto supporta;  
 Ora acossa animosa; ora temendo  
 Retra'e-se, nem vencida, nem vencendo.

Assim na arena o toiro perseguido  
 Dos cães, se a elles volve a testa armada,  
 Recúam todos, porém, mal fugido,  
 Continuum na caça abandonada.  
 Na fuga sobre as costas leva erguido  
 Clorinda o escudo, e a frente resguardada.  
 Nos seus jogos dest'arte o moiro experto  
 Corre, das alcanzias a coberto.

Já acossando uns e outros cedendo  
 Proximo aos grossos muros se chegaram,  
 Quando os pagãos, soltando grito horrendo,  
 Contra os de Christo subito voltaram,  
 E, grande giro rapidos fazendo,  
 Pelos lados e espalda os atacaram.  
 N'isto co'os seus do monte Argante de'ce  
 E a pugna pela frente estabelece.

Adeanta-se o feroz circassiano,  
 Que deseja na lide ser primeiro;  
 Logo um por terra deita o deshumano;  
 E o cavallo acompanha o cavalleiro.  
 Muitos provam tambem o mesmo damno,  
 Antes que a lança quebre do guerreiro;  
 Então arranca a espada, e, se não mata,  
 Ou derriba, ou vulnera, ou desbarata.

Clorinda, émula sua, tira a vida  
 A Ardelio, ancião de espirito indomado,  
 Que tinha por dois filhos soccorrida  
 A velhice, nem mesmo assim guardado;  
 Pois Alcandro, o maior, grave ferida  
 Breve arredou do filial cuidado,  
 E o menor, Poliferno, que ficára  
 Co'o pae, difficilmente se salvara.



Mas Tancredo, depois que não alcança  
Quem seguia, por ir mais velozmente,  
Para trás um instante a vista lança,  
E vê que muito além foi sua gente;  
Vê-a cercada; e em seu corcel avança,  
Para auxilio prestar-lhe diligente.  
Nem só elle em tal ponto os seus soccorre,  
Mas a hoste que ao p'riço sempre accorre;

A hoste de Dudon aventureira,  
Flor dos heroes, vigor, nervo da guerra.  
D'ella Reynaldo vae na deanteira,  
E veloz mais que raio tudo aterra.  
Herminia pela marcha sobranceira  
Logo o conhece; e mostra que não erra  
A aguia de neve em campo de saphira;  
Pelo que diz ao rei, que attento o admira:

Aquelle a palma cabe entre os briosos;  
Nenhum a elle ou poucos se comparam,  
Posto bem joven seja; valorosos  
Assim os inimigos seis contaram,  
E já foram da Syria victoriosos,  
E os reis do oriente e sul se lhes curvaram;  
Talvez até de balde o Nilo a fronte  
Escondêra na longe, ignota fonte.

É seu nome Reynaldo, mais temido  
Das muralhas que a machina mais dura.  
Agora nota aquelle, ó rei subido,  
Que de oiro e verde tem toda a armadura;  
Dudon se chama, chefe esclarecido  
Da ala dos cavalleiros da ventura;  
Nobre, sabio, e o primeiro pela edade,  
Não teme no valor desigualdade.

Gernando, irmão do rei da Noruega  
É o outro alto, de negro acobertado.  
Soberba igual no mundo a ninguem cega;  
Seu esforço é por isto só manchado.  
Ora n'aquelles dois o olhar emprega,  
Que se vestem de branco; é o par falado,  
Gildipe e Eduardo, almos esposos,  
Na guerra e lealdade ambos famosos.

Emtanto Herminia e o rei em baixo viam  
Ir o destroço em progressivo augmento;  
Que Reynaldo e Tancredo rôto haviam  
Dos contrarios o basto ajuntamento.  
Dudon e os seus tambem se lhes uniam,  
Atacando-o com força e atrevimento.  
Té argante, que Reynaldo no terreno  
Prostrou, a custo se ergue não pequeno.

Nem se erguera talvez, se n'esse instante  
 De Reynaldo o cavallo não cahisse,  
 Pisando o pé do dono triumphante;  
 O que fez que ao perigo elle acudisse.  
 Para os muros retira-se offegante  
 O infiel, por que á morte assim fugisse;  
 Só de Argante e Clorinda a mão guerreira  
 Aos que os perseguem serve de barreira.

Os ultimos são estes; com potente  
 Esforço abrandam do inimigo a sanha,  
 Tanto que a fuga da descrida gente  
 Com sua ajuda segurança ganha.  
 Dudon prosegue na victoria ardente  
 E o altivo Tigrane já apanha:  
 Com o corcel o encontra; vibra a espada;  
 E em terra o deita, a frente separada.

Nada presta a Algazar fina coiraça,  
 Ou elmo forte a Córban, o forçoso,  
 Que o ferro a nuca e as costas lhes traspassa  
 Até á cara e ao peito, furioso.  
 Tambem por sua dextra ao nada passa  
 Mehemet, Amurat, e o impiedoso  
 Almãnsor; nem Argante está liberto  
 De escapar do christão ao golpe certo.

Freme o circassiano; e, ora, parando,  
 Mostra a frente, e ora cede e volve o rosto;  
 Afinal, de repente se voltando  
 Contra o inimigo, firme no seu posto,  
 N'um dos lados a espada lhe enterrando,  
 Da existencia lhe rouba o doce gosto.  
 Ca'e elle, e os olhos que já mal abria  
 Sente em breve chumbar a morte fria.

Abriu-os por três vezes em procura  
 Da luz, e sobre um braço levantou-se;  
 E recahiu três vezes, e em escura  
 Nevoa sua vista debil occultou-se;  
 Cobriu suor e funeraria alvura  
 O corpo, e inteiramente enregelou-se.  
 Com o cadaver o feroz Argante  
 Não se importa, porêm caminha ávante;

E, sem parar, para os christãos virada  
 A face, estas palavras proferia:  
 Eil-a tinta de sangue a propria espada  
 Que me deu Godefredo faz um dia;  
 Dizei-lhe qual, por mim foi estreada;  
 A nova ha de causar-lhe soberbia,  
 Vendo que o seu riquissimo presente  
 A riqueza no emprego não desmente.

Dizei-lhe que a melhor exp'rimental-a  
 Dentro em suas entranhas se decida;  
 E que, se não se apressa a vir proval-a,  
 O buscarei para tirar-lhe a vida.  
 Os christãos irritados d'esta fala  
 Iam a pena impor-lhe merecida;  
 Porêem co'os outros já do muro amigo  
 Se recolhera ao protector abrigo.

De tal forma a arrojaram os defensores  
 De cima d'elle pedras começaram,  
 E innumeradas aljavas passadores  
 Em copia tal aos arcos ministraram,  
 Que cederam os francos pugnadores,  
 E na cidade os infieis entraram.  
 Mas Reynaldo, que o pé livrado tinha  
 Do corcel, a ajudar os seus já vinha.

Para Dudon vingar se accelerava,  
 E dar ao matador paga severa.  
 Que vos demora ainda aqui? bradava  
 Iracundo; porque é que assim se espera?  
 Morreu o que á victoria nos guiava;  
 E está inulto ainda! Quem o crêra?  
 Póde fragil muralha amedrontar-nos,  
 E em tanta indignação embaraçar-nos?

Não; fosse ella de ferro ou de diamante,  
 Ou mesmo impenetravel se julgasse,  
 Não poderia defender Argante,  
 Para que ás vossas iras escapasse.  
 Eia, ao assalto pois. Diz; e adeante  
 De todos vae, por que o caminho trace;  
 Das pedras e das flechas a procella  
 Não lhe assusta a segura frente bella.

Sacudindo a cabeça, elle a sublima,  
 Cheio de tão terrivel ardimento,  
 Que leva o mêdo até do muro acima,  
 E gela o coração do mais exempto.  
 Emquanto uns ameaça, outros anima,  
 Chega, por moderar-lhe o ousado intento,  
 Co'as ordens do que tinha o summo imperio  
 O fiel mensageiro, o bom Sigerio.

Do chefe em nome o arrojado este condemna,  
 Mandando-lhe que torne sem demora.  
 Voltae, que Godefredo vol-o ordena;  
 É inopportuna a occasião agora.  
 Ao ouvil-o, Reynaldo se asserena,  
 Elle que instigador dos outros fôra;  
 Porêem não se refreia de tal modo,  
 Que o rosto encubra a colera de todo.

Sem molestado ser pelo inimigo  
 Retrocede o christão mal sofreado;  
 Nem fica de Dudon o corpo amigo  
 Dos ultimos deveres defraudado.  
 Nos pios braços levam-no comsigo  
 Os companheiros, caro pêso e honrado!  
 Godefredo entretanto de uma altura  
 Vê da cidade as forças e a postura.

Sobre duas collinas estendida  
 É Sião, deseguaes e fronte a fronte;  
 Um valle a faz ao meio dividida,  
 Separando tambem um do outro monte;  
 De três lados difficil a subida  
 Ao valor se apresenta do que a affronte;  
 Do outro facil; mas por isso forte  
 De muralhas está; é o lado norte.

Cisternas, onde a chuva se reserva,  
 Lagos e vivas fontes a cidade  
 Possui, mas em redor é nua d'herva  
 A terra, e de agua tem necessidade;  
 Nem cõ'a sombra das calmas a preserva  
 Arvoredo, e lhe presta amenidade;  
 Só d'alli a seis milhas se levanta  
 Selva horrenda, que os animos espanta.

Donde rompe no céu a luz radiosa  
 Do ditoso Jordão frue a corrente;  
 E do Mediterraneo na arenosa  
 Praia toca da banda do occidente;  
 Fica ao norte a Samária, e a criminosa  
 Bethel, que o aureo boi adorou crente;  
 E Bethlem, que acolheu o grande parto,  
 Da banda do austro, de chuveiros farto.

Emquanto Godefredo examinava  
 A cidade, o paiz, sua defesa,  
 E para o campo sitio procurava,  
 E onde o muro apresenta mais fraqueza.  
 Herminia ao rei pagão o indigitava,  
 Accrescentando: aquelle que grandeza  
 Tanta revela, em purpura trajado,  
 É Godefredo, a um rei equiparado.

De certo este nasceu para o governo,  
 Pois de reinar, de commandar sabe a arte;  
 E une ser cavalleiro ao grau superno;  
 E nos misteres dois cabal se parte;  
 Nem um em tantos de valor eterno  
 Mais sabio ou forte poderei mostrar-te;  
 No conselho ha Raymundo só que o valha,  
 E Reynaldo e Tancredo na batalha.

Bem o conheço, o rei lhe respondia.  
 Vi-o, quando eu na capital da França  
 Mensageiro do Egypto residia,  
 Em nobre justa manejar a lança;  
 E, inda que então lhe a barba não cobria  
 A delicada tez, já esperança  
 Dava no porte e obras, sem embargo,  
 De algum dia ascender a summo cargo.

Presagio, ai! verdadeiro! diz, baixando  
 Confusa a vista; e, erguendo-a após segura:  
 Quem é o que a par d'elle vae andando,  
 E veste rubra tem? Na catadura  
 Como parece estal-o retratando,  
 Apesar de ceder-lhe na estatura!  
 É seu irmão Balduino; a face o mostra,  
 E mais o esforço com que tudo prostra.

Agora vê Raymundo, que á maneira  
 De mentor o acompanha do outro lado,  
 De cuja providencia verdadeira  
 Tanto falo: homem velho e ajuizado,  
 De todos o melhor na guerra arteira.  
 Aquelle mais além, de elmo doirado  
 É Guilherme, preclaro por seu brilho,  
 Do monarcha britanno egregio filho.

Com elle Guelfo está, de acções de preço  
 Rival, grande em nobreza, e pôtestade;  
 Pelas largas espaduas o conheço,  
 Pelo sahido peito e majestade.  
 Mas o inimigo meu, que não esqueço,  
 Boemundo, cuja infanda crueldade  
 Meu sangue destruiu, falta sómente.  
 Busco-o na multidão inutilmente.

Tudo notado o capitão já tendo,  
 Ao plaino desce, para aos seus juntar-se;  
 E pela ingreme parte já sabendo  
 Que em vão buscára na cidade entrar-se,  
 Vae o campo n'aquelle distendendo  
 Ante a porta do norte; e prolongar-se  
 Fal-o té abaixo, onde se elevava  
 A torre que Angular se appellidava.

D'esta maneira as tendas abrangiam  
 De Sião quasi um terço; que abrangel-a  
 Em todo o seu circuito não podiam;  
 Tantas habitações havia n'ella.  
 Mas as sendas por onde buscariam  
 De fóra auxiliál-a e abastecel-a  
 Tenta o chefe impedir, e os passos manda  
 E igualmente occupar de uma e outra banda.

Tambem que as tendas sejam guarnecidas  
 De largo fosso ordena e de trincheiras,  
 Para dos sitiados ás sortidas  
 Se oppor e ás correrias forasteiras.  
 Estas coisas por elle assim providas,  
 Para á morte prestar as derradeiras  
 Honras, Dudon vae ver, ao qual rodêa  
 Lacrimosa, tristissima assembléa.

Nobrememente os amigos adornaram  
 O feretro, onde o corpo fôra posto.  
 Quando entrou Godefredo, se tornaram  
 As lagrimas em chôro descomposto.  
 Este as suas, que do intimo brotaram,  
 Dentro em si represou, nem calmo o rosto,  
 Nem turbado; e, depois que pensativo  
 Olhando o esteve, disse compassivo:

Por ti correr não deve nosso pranto;  
 Se deixas este mundo, o céu te chama;  
 E aqui, onde has largado o terreo manto,  
 Fica da tua gloria illustre fama.  
 Viveste e pereceste como santo  
 Cavalleiro christão; em Deus, que te ama,  
 Pasce os olhos agora, ó feliz alma,  
 E da tua virtude aceita a palma.

Vive feliz; a nossa infeliz sorte,  
 Não a tua desgraça pranteâmos,  
 Pois de parte de nós tão digna e forte  
 Pela tua partida nos privâmos;  
 Mas, se por isto, que nomeiam morte,  
 Hoje sem teu auxilio nos achâmos,  
 De Deus entre os eleitos nos acodes;  
 Que nosso protector hoje ser podés.

E assim como de ti ajuda houvermos  
 E co'as armas mortaes nos defendeste,  
 Esperar co'as do céu tambem devemos  
 Que nos valhas, espirito celeste.  
 Ouve as preces que todos te fazemos;  
 Soccorre nossos males; seja este  
 O annuncio da victoria; e a ti devotos,  
 Vencendo, pagaremos nossos votos.

D'este modo falou. A noite escura  
 Já emtanto apágara a luz do dia,  
 E, no somno calando a desventura,  
 Treguas á dor e ás lagrimas trazia.  
 Porém o capitão, que á força dura  
 Sem machinas entrar Sião não cria,  
 Cogita onde ha madeira de que as forme,  
 Qual a sua estrutura, e pouco dorme.

Levantou-se co'o sol; e o sahimento  
Quiz elle proprio acompanhar piedoso.  
Tinham composto um funeral moimento  
A Dudon do cypreste mais cheiroso,  
Perto donde se alonga o acampamento,  
Ao sopé de um oiteiro: alli repouso  
Houve de uma palmeira que frondeja  
Á sombra, e as preces ultimas da egreja.

D'entre varios dos ramos penduradas  
Armas, bandeiras em trophéu se viam,  
Que ao syrio e ao persa em muitas fortunadas  
Acções tinha tomado; reluziam  
As peças da armadura d'elle usadas  
No tronco, cujo meio revestiam.  
Aqui Dudon descansa, foi escripto;  
As cinzas respeitae do heroe bemdicto.

Mas Godefredo, após estar cumprida  
Esta obra de dó, trabalhadores,  
Quantos ha, manda á selva já sabida  
Com escolta de fortes defensores,  
Á selva, que, entre valles escondida,  
Conhecem muito bem os vencedores  
Dês que um syrio a mostrara, por que os lenhos  
Tragam d'ahi para os fataes engenhos.

Todos se animam para activa guerra  
Fazer ao grande bosque; decepado  
O luctuoso cypreste ca'e por terra,  
O pinheiro, a palmeira, e o freixo ousado;  
No abeto e roble o ferro o gume enterra,  
E na faia e no olmeiro desposado,  
Em cujo tronco ás vezes a videira  
Com torto pé se enrosca prazenteira.

Quaes d'elles o carvalho e o teixo cortam,  
Que vezes mil as folhas renovaram,  
E que os machados ora não supportam,  
Posto que os ventos vezes mil domaram;  
Quaes em chiantes carros já transportam  
Os freixos, e altos cedros que cortaram.  
Deixam ao som das armas e das vozes  
A ave e a fera o ninho seu velozes.

## CANTO IV

Das machinas prosegue a lida insana,  
 Que hão de com brevidade ter emprego;  
 Mas o inimigo da progenie humana  
 Emtanto os olhos volve sem socego  
 Contra os de Christo; a cogitar se afana;  
 Ambos os labios morde em furor cego;  
 E, como toiro que ferido grita,  
 Urrando e a suspirar sua dor vomita.

Voltado pois inteiro o pensamento  
 Para aos fieis mover atroz ruína,  
 Unir seu povo (infando ajuntamento)  
 Dentro do regio paço determina;  
 Qual se fôra pequeno atrevimento  
 A Providencia resistir divina!  
 Louco! ao céu egualar-se! não lembrado  
 De como pune o braço eterno irado.

Sôa a tartarea trompa, das eternas  
 Sombras os moradores convocando;  
 Tremem as amplas, tetricas cavernas;  
 Ao som responde o ar negro rebombando.  
 Não baixa assim das regiões supernas  
 O coruscante raio trovejando,  
 Nem assim abalada treme a terra,  
 Quando o vapor em si gravida encerra.

Ouven-na; e correm logo em turmas varias  
 Do abysmo os deuses ao palacio ingente.  
 Oh! que formas terriveis e contrarias!  
 Lançam morte e pavor do olhar ardente!  
 Alguns te'm pés, não de homens, de alimarias,  
 De cobras coroada humana frente,  
 E longa, immensa cauda, a qual enrolam  
 A maneira de açoite e desenrolam.

Aqui Centauros, Górgones verias,  
 Muitas Scyllas ladrando, Esphinges feras,  
 Pythões a sibilar, sujas Harpias,  
 E atro fogo a expellirem mil Chymeras;  
 De ver os Polyphemos sentirias  
 Horror; e mêdo aos Geryões houveras;  
 Novos monstros de insolita figura,  
 Diferentes, em hybrida mixtura.



Divididos á esquerda e á direita,  
Do cru monarcha sentam-se deante;  
Este, no meio, tem na mão, afeita  
Ao mando, o sceptro rustico e gigante;  
Rocheo escolho, que o pélagos respeita,  
O Calpe levantado, o magno Atlante  
São junto d'elle apenas baixo oiteiro;  
Tanto a armada cabeça ergue altaneiro.

Horrida majestade o aspecto feio  
Lhe torna mais medonho e soberboso;  
O olhar sanguineo, de veneno cheio,  
Cometa infausto, esplende pavoroso;  
Acoberta-lhe o queixo, e hirsuto seio  
Longa barba, pêlo aspero e asqueroso,  
E, á semelhança de voragem funda,  
Abre a bocca de negro sangue immunda.

Como o fumo sulfureo, que inflammado  
Do Etna sa'e com fetido e estampido,  
Assim por ella sa'e o envenenado  
Cheiro com fumo e fogo confundido.  
Emquanto discorreu ficou calado  
Cerbéro; a Hydra emmudeceu; sustido  
O Cocyto parou; e o abysmo infindo  
Tremeu, a sua voz troar ouvindo:

Tartareos numes, cujo proprio assento  
No céu, onde nascestes, ser devia,  
A quem commigo o gran committimento  
N'esta lançou estancia de agonia,  
Bem conhecido é o nosso atrevimento,  
E a tão velha suspeita, e a tyrannia  
D'aquelle por quem já vencidos fomos.  
E elle hoje é rei, e nós rebeldes somos!

E em vez do dia celestial e puro,  
Do sol, dos estelliferos fulgores,  
N'este barathro aqui nos fecha escuro,  
Sem que nos deixe as honras ant'riores  
Cobrar, e (ai! lebral-o quanto é duro!  
Eis o que os males meus torna maiores)  
Até ao bello empyreo ha conduzido  
O homem vil, de vil barro procedido.

Nem bastou isso; mas o Filho á morte  
Deu por nos fazer mal; este o mysterio  
Do Orco e as suas portas quebrou forte,  
E altivo penetrou em nosso imperio,  
Tirando as almas nossas pela sorte,  
E com ellas subindo ao céu sidereo,  
Onde a bandeira do vencido inferno  
Desenrolou, como em escarneo eterno.

Mas porque avivo minha dor falando?  
 Quem os nossos ultrages não conhece?  
 Em que logar aconteceu ou quando  
 Que elle as suas injurias suspendesse?  
 Nas offensas antigas não pensando,  
 Lembremos a que é d'hoje e não se esquece:  
 Não vêdes como agora busca modo  
 De ao seu culto incitar o mundo todo?

E, inertes, nós os dias passaremos,  
 Sem que brioso fogo nos accenda?  
 Que mais se fortaleça soffreremos  
 N'Asia o seu povo, e que a Judéa renda?  
 Crescer a sua honrá deixaremos,  
 E que o seu nome se dilate e estenda?  
 Que sôe em novos bronzes esculpido,  
 E em mais linguas e cantos repetido?

Que tombem nossos idolos quebrados?  
 Que a elle quem nos segue se converta?  
 Que lhe sejam os votos consagrados?  
 Que incenso, que oiro e myrrha haja em offerta?  
 Que dos templos sejamos expulsados,  
 Onde sempre tivemos porta aberta?  
 Que nós falte das almas o tributo,  
 E habite vosso rei um ermo bruto?

Porêm não; que inda em nós não se extinguiu  
 Esse espirito forte e brio antigo,  
 Que de ferro e de fogo nos cingiu  
 Para atacar o céu, nosso inimigo.  
 Se então tamanho esforço succumbiu,  
 Foi o valor do grande empenho amigo;  
 Tocou aos mais felizes a victoria;  
 Do invencivel arrojô a nós a gloria.

Mas porque vos demóro, ó companheiros  
 Fieis, a vós, a minha fortaleza?  
 Ide; opprimi os perfidos guerreiros,  
 Emquanto não alcançam mais grandeza;  
 A chamma ateadá soffocae ligeiros,  
 Se não d'ella a Judéa será presa;  
 Ide; e empregae em seu extremo damno  
 Umâs vezes a força, outras o engano.

Assim se cumpra. Que uns errem dispersos  
 Por varias partes; outros, que pereçam;  
 E que outros, em amor lascivo immersos,  
 Por um olhar, e um riso tudo esqueçam;  
 Travem dos ferros, entre si adversos,  
 Contra o seu capitão; não lhe obedeam;  
 Do exercito vestigio algum não fique;  
 Nada sua existencia testifique.

Os rebeldes a Deus nem consentiram  
Que o chefe terminasse; mas voando  
Da espessa treva para a luz sahiram,  
Das estrellas o brilho procurando.  
Taes as procellas túrbidas se viram,  
As grutas naturaes abandonando,  
Muitas vezes toldar o céu, e a guerra  
Sobre os mares lançar e sobre a terra.

Em direcções partindo differentes,  
Rápidos pelo globo se espalharam,  
E a exercer suas artes eminentes  
Com diversos enganões começaram.  
Mas dize, ó musa, tu que tens presentes  
Estes factos, que mal a nós chegaram,  
Dize donde o primeiro mal proveio  
Aos christãos, e a maneira como veio.

Idraote Damasco governava  
E a terra em torno, magico famoso,  
Que á magia, de joven, se entregava,  
Da qual a idade o fez mais amoroso;  
Comtudo coisa alguma lhe augurava  
O exito da guerra duvidoso:  
Nem dos astros o aspecto o predissera;  
Nem a verdade o inferno respondera.

Pensou este (ah! pensar do homem prescripto,  
Como os juizos teus são vão e errados!)  
Que os céus a destruir o sempre invicto  
Exercito fiel eram voltados.  
Por isso, acreditando que ha de o Egypto  
C'roar-se enfim dos loiros conquistados,  
Quer que tenha o seu povo da victoria  
Quinhão nos fructos e tambem na gloria.

Mas, como o valor franco em muito conta,  
Temendo ser fatal o vencimento,  
De abater os christãos antes aprompta  
Varios meios no astuto pensamento,  
Para que o egypcio e elle sem affronta  
Juntos depois os vençam. N'este intento  
Vem o anjo das trevas enconral-o,  
E mais em seu proposito instigal-o.

Com seus falsos conselhos o encaminha,  
E do projecto a execução alhana.  
Era então de Idraote uma sobrinha  
Entre as bellas do Oriente soberana,  
Mulher que a astucia das mulheres tinha  
E a magica sciencia mais que humana.  
É esta que elle chama e a quem desdobra  
Seu plano assim, para o tornar em obra:

Ó cara, que has debaixo da apparencia  
 D'essa aurea coma e candido semblante  
 Alma viril e velha experiencia,  
 E em meu saber já me passaste adeante,  
 Volvo idéia de grande consequencia,  
 Que será, se me ajudas, triumphante:  
 A tela tece que eu te mostro urdida,  
 De cauto ancião executora ardida.

Vae ao campo inimigo; ahi emprega  
 Quanto de amor a labareda accende;  
 Ameiga as preces e de pranto as rega;  
 Em ais, suspiros, as palavras prende;  
 Com as graças e a magua todos cega,  
 Mesmo esses, cujo peito não se rende;  
 Some a audacia do pejo nos rubores,  
 E o falso da verdade sob as cores;

O proprio Godefredo me captiva  
 Co'os doces olhos e o discurso brando,  
 De sorte que rendido em ocio viva,  
 A guerra aborrecendo e transtornando;  
 Se o não puderes, os mais chefes priva  
 Da liberdade, e a sitio os vae levando,  
 Donde não voltem. Mais depois se explica  
 E ajunta: a patria, a fé te justifica.

Acceita Armida a singular empresa,  
 Nos seus dotes e edade confiada,  
 E por occultas sendas, sem defesa,  
 Parte só, mal a noite começada,  
 Esperando co'a sua gentileza  
 A hoste avassallar nunca domada.  
 Emtanto varias causas inventaram  
 Do seu partir, que adrede divulgaram.

Passados poucos dias a donzella  
 Chega onde era acampada a franca gente.  
 Rompe um sussurro, apenas entra, e a ella  
 Cada um o olhar dirige de repente.  
 Assim cometa ou não sabida estrella  
 Seduz a vista, ao despontar fulgente.  
 Todos a ver concorrem quem seria  
 A linda peregrina, e quem na envia.

Argos, Delos e Chypre formosura  
 Nunca houveram igual, nem ar tão nobre,  
 Tem de oiro a coma; e já do véu na alvura  
 Transluz; e já de todo se descobre.  
 Tal, se dos céus aclarada a face escura,  
 De sob a nuvem candida que o cobre  
 Brilha o sol, ou, já livre d'esta, a chamma  
 Duplica, e os raios em redor derrama.

Em seu cabello solto e ondeado  
 Faz novas ondas zephiro brincando;  
 O olhar aváro esplende recatado,  
 Os thesoiros de amor e os seus velando;  
 Com o marfim do rosto mixturado  
 Vem o rubor das rosas apontando;  
 Mas a bocca, que expira aura amorosa,  
 Só purpureia a pudibunda rosa.

O collo a neve nua á vista offrece,  
 Onde se nutre amor, e arde accendido;  
 Parte dos virgens peitos lhe apparece;  
 Zela-lhe a outra o invido vestido;  
 Mas, se este aos olhos penetrar empecc,  
 Nem por isso o pensar fica tolhido,  
 Que, não contente da belleza externa,  
 No mais occulto ávido se interna.

Como o crystal e a agua a luz traspassa,  
 E nem passando-os os divide ou parte,  
 Assim o mais secreto, audaz, devassa  
 A idéia, por que seus anhelos farte.  
 Ahi ella divaga, e o todo abraça  
 De tantas maravilhas parte a parte;  
 Narra-as depois ao seu desejo; e o fogo,  
 Em que este se queimava, augmenta logo.

Armida pela turba cobiçosa  
 Vae; e a turba excitada a louva e admira.  
 Ella o sente; e sorri-se esperançosa  
 De vencer; mas disfarça o que sentira.  
 Emquanto pára e péde graciosa  
 Quem ante Godefredo a conduzira,  
 Sa'e-lhe Eustachio ao encontro, que irmão era  
 Do capitão que sobre os mais impera.

Qual borboleta, o attra'e a claridade  
 D'essa belleza angelica, divina,  
 E de ver perto os olhos ha vontade,  
 Que o pudor docemente ao chão inclina.  
 Vê-os; e com voraz intensidade  
 O incendio da paixão o abraza e mina;  
 Pelo que a ella fala d'esta sorte,  
 Pelos annos e amor tornado forte:

Senhora, se é que um erro não commetto,  
 Nomeando-te assim, mulher celeste,  
 Pois mais do que a nenhum mortal dilecto  
 De seu fulgor sereno o céu te veste,  
 Donde vens? Qual te move escuso objecto?  
 Por que feliz acaso a nós vieste?  
 Explica-me quem és; que eu te conheça,  
 E te honre, ou de joelhos te obedeça.

Não me toca esse merito excessivo;  
 Não me cabem tambem tantos louvores;  
 Senhor, mortal eu sou, e morta vivo  
 Para o prazer, mas viva para as dores.  
 Em modo vagabundo, fugitivo  
 Trazem-me aqui meus males e amargores;  
 Em Godefredo puz minha esperança;  
 Tanto a sua bondade ao longe alcança.

Se alma tens, como julgo, nobre e pia,  
 Do capitão conduze-me á presença.  
 E Eustachio: ser-te mediano e guia,  
 Como irmão seu, é justo me pertença.  
 Attendida será tua agonia,  
 Pois elle a sua graça me dispensa.  
 Dispõe de tudo, virgem sublimada,  
 Que seu sceptro valer ou minha espada.

Calou-se; e a conduziu 'onde da gente  
 Longe estava entre os chefes Godefredo.  
 Ella, inclinando a fronte reverente,  
 Perturbada ficou, e o labio quedo.  
 Mas o guerreiro a anima; o pejo, a mente  
 Lhe serena; e do peito expelle o medo;  
 Até que seus embustes meiga expende  
 Em voz suave, que os sentidos prende:

Principe, cujo nome se remonta  
 Ao céu com tanto brilho e tanta gloria,  
 Que soberboso cada povo conta  
 Ser vencido por ti como victoria,  
 A insigne fama tua o mundo aponta,  
 Porque é ao mundo inteiro bem notoria;  
 Até mesmo o contrario a estima e préza,  
 E se acolhe a tamanha fortaleza.

Té eu, filha da crença que has domado,  
 E que tenta acabar teu braço fero,  
 Por ti ao throno de meus paes herdado  
 Inda restituída ver-me espero.  
 Costuma-se dos seus ser ajudado  
 Contra o extranho furor; e eu a ti quero  
 Contra o meu sangue, a ti meu inimigo,  
 Visto nos meus não encontrar abrigo.

Senhor, minha esperança em ti se encerra;  
 Só tu podes tornar-me á potestade;  
 Essa valente mão, que doma e aterra,  
 Deve alçar dos oppressos a humildade.  
 Nem mais os loiros da sanguinea guerra  
 Se exaltam do que a branda piedade.  
 Dá-me a c'rôa, se a muitos a tiraste,  
 E gloria igual terás á que alcançaste.

Mas, se a religião que nos separa  
Te obriga a desprezar o meu pedido,  
Valha-me a tua compaixão preclara,  
De que seria improprio o desmentido.  
Testemunha me é Deus, que tudo ampara,  
Se alguém com tal justiça has soccorrido.  
Mas, por que tudo saibas, ouve o engano  
Dos outros, e ouve meu destino insano.

Sou filha de Arbilan, que o sceptro teve  
De Damasco, o qual, nado em baixa esphera,  
Da formosa Cariclia a mão obteve,  
E, por sua morte, o reino que ella houvera.  
Minha mãe se apartou da vida leve  
Quasi no mesmo instante em que eu nascera;  
Pelo que alumiou meu nascimento  
O mesmo dia e seu extremo alento.

Porém um lustro mal se concluia  
Depois de ella despir da carne o manto,  
Quando meu pae, cedendo a sina impia,  
Talvez se lhe juntou no reino santo,  
Deixando-me, e deixando a monarchia  
Entregues ao irmão que amara tanto;  
De cuja alma devia confiar-se,  
A lástima poder no mundo achar-se.

Tomando pois de mim este o governo,  
Mostrou-se tanto do meu bem zeloso,  
Que de incorrupta fé, de amor paterno  
O louvor alcançou mais valioso;  
Ou porque então seu máu pensar no interno  
Encobrisse do peito, mentiroso,  
Ou porque, inda sincero, me estimasse,  
Com o filho querendo que eu cazasse.

Cresci; este cresceu; e á natureza  
E ás artes não se afez de cavalleiro;  
Baixo de pensamento, a gentileza  
Nunca estimou, vil animo e grosseiro;  
Sob aspecto disforme atra avareza  
Sustentava em espirito altaneiro;  
E eram taes seus costumes e seus modos,  
Que elle igualara, só, seus vicios todos.

A tal homem ligar-me desejava  
Em matrimonio o meu tutor; meu leito,  
O reino meu para elle destinava,  
Que me falou mil vezes d'este geito.  
Artifícios, palavras empregava  
Para levar a cabo o odioso feito;  
Mas eu, sem nada prometter, calei-me  
Sempre, e sempre a taes vistas recuzei-me.

Deixou-me um dia emfim, torvo o semblante,  
 O cruel coração bem demonstrando.  
 Então, no rosto, meu porvir distante  
 Julguei-lhe soletrar triste e nefando.  
 Ignotos sonhos desde aquelle instante  
 Senti o meu repouso perturbando,  
 E um terrivel horror da infelicidade  
 Presagiar-me evidente a tempestade.

De minha mãe a sombra apparecia  
 Ante mim muitas vezes lacrimosa,  
 Pallida a face, a mesma, ai! quem creia  
 Que eu em retrato vira tão formosa!  
 Filha, foge depressa, ella dizia,  
 Foge a morte imminente, criminosa;  
 Já o veneno e o ferro do assassino  
 Prepara contra ti o algoz ferino.

Mas ai! de que servia a desventura  
 O coração mostrar-me tão vizinha,  
 Se a tenra idade em deparar-lhe cura  
 Irresoluta em si força não tinha;  
 Sahir do reino, á mingua, ir em procura  
 De outra terra, e deixar a terra minha,  
 Por coisa havia tão penosa e austera,  
 Que acabar decidi onde nascera.

A morte receava, desgraçada,  
 Sem que ousasse evitar os seus rigores!  
 E de apressar a hora já marcada  
 Tinha mêdo, contando meus temores!  
 Em continuo martyrio torturada  
 Inquieta assim vivia entregue ás dores,  
 Como homem que espera a todo o instante  
 No pescoço o cutello scintillante.

N'este ponto, ou por ter amiga a sorte,  
 Ou me ser peor lance destinado,  
 Um dos ministros que na regia côrte  
 Vivia, e por meu pae fôra creado,  
 Disse-me o termo ser do ultimo corte,  
 Pelo tyranno assente, já chegado,  
 E que elle mesmo promettido havia  
 Propinar-me o veneno aquelle dia.

A isto accrescentou: que a minha vida  
 Fugindo alongaria tão sómente,  
 E, pois era por todos esquecida,  
 Que ao meu serviço o tinha obediente.  
 Fiquei, a phrases taes, tão atrevida,  
 Que fugir assentei em continente  
 Com elle, aproveitando o véu sombrio  
 Das trevas, e deixar a patria e o tio.



Veio a noite pesada e silenciosa;  
E, apenas suas azas nos cobriram,  
Sahi com duas donas, animosa,  
As quaes na má fortuna me seguiram;  
Mas para a minha terra saúdosa  
Meus olhos muita vez se dirigiram  
Cheios de pranto; nem me saciava  
De a patria contemplar que abandonava.

Imitava-os afflicto o pensamento,  
E sem querer meu passo se movia;  
Como baixel que furacão violento  
Á cara praia arranca, assim eu ia.  
Por sitios não trilhados, sem alento,  
Toda a noite vaguei e o outro dia,  
Até que n'um castello reposámos,  
Que no limite do meu reino achámos.

Pertencia este a Aronte, o que me dera  
Aviso, o que ao perigo me acudira.  
Porêm mal o traidor viu que eu pudera  
Escapar das insidias que me urdira,  
O que sómente d'elle culpa era  
Contra ambos nós voltou, acceso em ira,  
E nos fez réus do crime, que inhumano  
Queria exercitar para meu damno.

Disse que Aronte seduzido fôra  
Por mim, por que veneno lh'aprestasse,  
A fim de que eu, dos actos meus senhora,  
Depois de fallecido, me encontrasse,  
E co'a lascivia natural cada hora  
A um e mil amantes me entregasse.  
Ail que o raio do céu antes me inflamme,  
Do que eu da honestidadé a lei desame.

Que avára fome de oiro e sêde intensa  
Do meu sangue innocente o cru tivesse  
Muito era já, mas a maior offensa  
É que a minha honra macular quizesse.  
Receando do povo a dextra infensa,  
Depois mentiras de maneira tece,  
Que a cidade, do certo duvidosa,  
Em meu favor não se arma poderosa.

Nem agora em meu solio, já na frente  
O diadema, e cumprido o seu anhelô,  
Quer que a esperança para mim desponte;  
Tanto a fereza consêguiu volvel-o!  
Se prisioneiro não se entrega, Aronte  
Arderá juntamente co'o castello;  
E a mim, e ás que me seguem triste sorte  
Prepara: a guerra, o vilipendio, a morte.

Pretexta que assim quer purificar-se  
 Das manchas, com que o hei envilecido,  
 E ver meu throno e sangue levantar-se  
 Da vergonha, a que os tenho reduzido;  
 Porêm é a verdade arrepear-se  
 Que me seja o poder restituído;  
 Que a troco só da minha desventura  
 Sua corôa julga estar segura.

E, se não me proteges, satisfeita  
 Sêrá do algoz a rigorosa idéia,  
 E no meu sangue cessará desfeita  
 Sua raiva, que o pranto não refreia.  
 A defesa de uma orphan, pois, acceita;  
 De uma fraca innocente a vida esteia;  
 Valha-me o pranto que a teus pés eu verto,  
 Se não o sangue verterei de certo.

Por estes pés que os impios hão calcado,  
 Por este braço que a justiça escuda,  
 Pelas grandes victorias que has ganhado,  
 Por esses templos a que foste ajuda,  
 E serás inda, meu antigo estado  
 Conserva; e á minha vida a face muda.  
 Bem o póde fazer tua piedade,  
 Antes, tua razão, tua equidade.

Tu, a quem concedeu benigna a sorte  
 O que é justo querer, e executa-o,  
 Dá-me o reino; liberta-me da morte;  
 E ganharás um reino e um bom vassallo.  
 Concede-me só dez de animo forte  
 D'entre tantos heroes para cobral-o;  
 Que por mim tendo os nobres, tendo o povo,  
 Nã minha terra eu entrarei de novo.

Té dos maiores um, que em segurança  
 Guarda uma occulta, não sabida porta,  
 Abril-a, e pôr-me á noite me affiança  
 Dentro do paço regio; só me exhorta  
 A pedir-te soccorro, pois descansa  
 N'elle; e se fôr pequeno não importa:  
 Mais do que força numerosa o anima;  
 Tua bandeira e teu nome tanto estima.

Assim acaba; e quêda-se esperando,  
 Posto fale e supplique silenciosa.  
 Godefredo, mil coizas cogitando,  
 A decisão suspende perigosa;  
 Teme o falso descrente, o qual, negando  
 A fé a Deus, sem duvida enganosa  
 A haverá para os homens; mas, atreito  
 A compaixão, tambem lhe prova o effeito.

E nem o predispõe só a piedade  
Acostumada, e que por ella sente,  
Pois o instiga tambem a utilidade  
De em Damasco reinar um dependente,  
Que o caminho lhe abra por vontade,  
E o apoie na guerra fortemente  
Com armas e soldados e dinheiro,  
Contra o Egypto e aliados companheiro.

Emquanto, os olhos baixos, duvidoso  
Está o chefe, o pensamento errante,  
Pende do rosto seu silencioso  
Armida, e o observa attenta e penetrante.  
Porque tardá a resposta, receioso  
Geme-lhe o peito, aneia a cada instante.  
Elle a graça pedida enfim lhe nega,  
Mas, sem embargo, a cortezia emprega:

Se Deus em seu serviço não quizera  
A nossa espada, para ti seria;  
D'ella a tua esperança bem pendera,  
Que o auxilio á compaixão se seguiria,  
Porém, enquanto a liberdade espera  
Esta terra da nossa valentia,  
Não é justo que o exercito rareie,  
E a marcha da victoria se encadeie.

Eu te prometto (por penhor aceita  
Minha palavra, e n'ella te assegura)  
Que, se um dia livrarmos a sujeita  
Cidade do Senhor da algema impura,  
Será nossa piedade em obras feita,  
E subirás ao throno co'a ventura.  
Impio agora a piedade me tornára,  
Se, não por Deus, por outrem pelejára.

Abaixa a dama a vista contristada,  
Ouvindo-o; e immovel algum tempo fica.  
Depois, erguendo-a em lagrimas banhada,  
D'esta maneira a soluçar se explica:  
Ai! quem a vida tem tão desgraçada,  
Como esta minha, só de males rica?  
Mudam os outros mente e natureza;  
E meu fado é constante na dureza!

Já não ha esperança; embalde choro;  
Já não ha dó no coração humano!  
Deverei esperar, se em vão te imploro,  
Que mova a minha dor o meu tyranno?  
Se o favor não concedes que te exoro,  
Não te direi por isso deshumano;  
O céu accuso só que me persegue,  
E até tornar-te barbaro consegue.

Tu não foste, senhor; foi meu destino  
 Que me negou a ajuda requerida.  
 Ó fado, em me seguir sempre ferino,  
 Acaba esta existencia aborrecida.  
 Não te bastou no brilho matutino  
 Da sua idade a meus paes tirar a vida;  
 Tambem do throno meu vens despojar-me,  
 E ao ferro, pobre victima, entregar-me!

Já que da honestidade a lei não deixa  
 Que eu aqui permaneça n'este estado,  
 Quem me ha de soccórre na minha queixa?  
 Onde abrigo terei contra o malvado,  
 Se nada, por excuso, se lhe fecha?  
 Que aguardo ainda? É aguardar baldado!  
 A morte vejo certa; se evital-a  
 Não posso, co'esta mão irei buscal-a.

D'este modo termina. Generoso,  
 Magnanimo despeito o olhar lhe accende,  
 E com ar contristado e soberboso  
 Move-se, e mostra que partir intende.  
 O pranto rebentando copioso,  
 Mixto de raiva e dor, lucido pende  
 Dos ciliós seus, e em perolas deriva;  
 Que é perolas á chamma do sol viva.

Suas faces que as magoas entristecem,  
 Com profusão de lagrimas regadas,  
 Brancas e rubras flores ser parecem  
 Do matutino orvalho rociadas,  
 Que, mal do dia os raios apparecem,  
 Á brisa abrem o calix namoradas,  
 Emquanto a aurora d'ellas sente inveja,  
 E adornar-se com ellas só deseja.

Mas as gottas do pranto scintillantes,  
 Que o seio e o rosto candido lhe adornam,  
 Como fogo voraz, de mil amantes  
 Secretamente o animo transtornam.  
 Oh! milagre de amor! Em só instantes  
 Com agua os corações brazas se tornam!  
 A elle sempre a natureza cede;  
 Mas a si por Armida amor se excede.

Choram muitos, ouvindo a dor fingida,  
 E o mais ferrenho natural se abranda;  
 Todos a sentem; nem alguem duvida  
 Que, se attendel-a o capitão não manda,  
 O leite, apenas encetou a vida,  
 De alguma tigre recebeu nefanda,  
 Ou dos mares nasceu, ou rocha dura;  
 Cruel! que afflige assim tal formosura.

N'isto o mancebo Eustachio, em que mais fala  
Da compaixão e amor a voz fervente,  
Emquanto cada qual murmura ou cala,  
Se adeanta, e prorompe ousadamente:  
Ó irmão e senhor, se não se abala  
De todos ao pedido a tua mente,  
Conformando-te um pouco, é na verdade  
Bem tenaz teu proposito e vontade.

Não pretendo que os chefes, a que o mando  
Compete, os muros deixem sitiados,  
O seu honroso posto abandonando,  
E aquelles que lhes foram confiados;  
Mas entre nós, aventureiro bando,  
Sem cargo e menos que ninguem ligados,  
Pódes dez escolher para defesa  
Da causa da justiça e da fraqueza.

Não, de Deus ao serviço não se esquivava  
O que innocente virgem serve e ampara;  
Do tyranno a armadura, qual votiva  
Dadiva offerta ao céu, ao céu é cara.  
Mas outra causa meu desejo aviva,  
Ainda além da utilidade clara  
Da empresa, a obrigação de cavalleiro,  
Que ás damas deve auxilio verdadeiro.

Oh! por amor de Deus, que não se diga  
Em França, ou onde reine a cortezia,  
Que os riscos nós fugimos e a fadiga  
De uma obra, como esta, justa e pia.  
Por mim aqui deponho elmo e loriga,  
Aqui descinjo a espada, proseguia,  
Por que a cavallaria não deturpe,  
E aos cavalleiros o seu nome usurpe.

Tudo que expõe seus parciaes approvam,  
O conselho applaudindo fervorosos,  
E ao capitão as supplicas renovam,  
Com as quaes o circumdam porfiosos.  
Cedo, este exclama enfim, já que reprovam  
Tantos o voto meu, esperançosos;  
Seja a dama ajudada pelo vosso  
Parecer, a que unir o meu não posso.

Porêm, se Godefredo vos merece  
Alguma fé, calmae esses ardores.  
Nada ouvir mais preciso lhes parece;  
Acceitam a licença os defensores.  
Quem á chorosa voz não se embrandece  
Da gentileza, e ao fogo dos amores?  
Dos doces labios sa'e-lhe aurea cadeia,  
Que ao seu querer os corações enfreia.

Eustachio a chama, e assim lhe diz: modera  
 A dor, ó peregrina formosura;  
 A protecção de nós em breve espera,  
 Qual o desejo teu aqui procura.  
 Armida o olhar que o pranto escurecera  
 N'isto ameiga; sorri, toda brandura;  
 E, enchugando-se as lagrimas, que chora,  
 No bello véu, o mesmo céu namora.

Agradece-lhe após suave e affavel  
 A mercê que lhe fôra concedida,  
 Que guardaria dentro d'alma estavel,  
 Fazendo-a a todo o mundo conhecida;  
 Ao mais, que é pela lingua inexplicavel,  
 Os gestos, muda lingua, prestam vida;  
 E o seu pensar encobre tanto e enfeita,  
 Que não move em ninguem leve suspeita.

Vendo pois que a fortuna lhe sorria  
 Propicia ao começar seu fingimento,  
 Antes de revelar-se quanto urdia,  
 Quer a cabo levar o máu intento,  
 Excedendo das graças na magia  
 De Medéa e de Circe o encantamento,  
 E das sereias com a voz cadente  
 Captivando o mais sabio, o mais prudente.

Emprega os meios todos por que colha  
 Nas suas rêdes algum novo amante;  
 Varia a cada passo, atrás da escolha  
 Do melhor modo, e muda ar e semblante:  
 Já pudibunda para a terra olha;  
 Já a famelica vista gira errante;  
 De uns sopra o ardor; em outros o enfraquece;  
 Segundo aquelles, a que os laços tece.

Se algum vê que fugir-lhe determina,  
 E reprime o pensar desconfiado,  
 Para elle sorrindo o olhar inclina,  
 De mansidão e jubilo banhado.  
 D'esta sorte o avigora, e lhe fascina  
 O peito na esperança mal firmado,  
 E, do receio desfazendo o gelo,  
 O amoroso lhe ateia e dubio zelo.

A outro, que de mais adeantara  
 A força da paixão cega e imprudente,  
 Dos ditos seus, dos astros seus avára,  
 Co'o respeito e temor lhe impede a mente;  
 De compaixão, comtudo, um raio aclára  
 Mesmo assim o seu rosto. Mêdo sente  
 O infeliz, porêem não, não desespera,  
 E é mais captivo, se ella é mais severa.

Às vezes retirada novo encanto  
 Mostra, afflicção nos actos simulando,  
 Ora attrahindo ás palpebras o pranto,  
 Ora dentro de si o represando.  
 Por estas artes a choral-a emtanto  
 Mil corações ingenuos vae levando,  
 E por que a todos roube a liberdade  
 Tempéra os tiros seus na piedade.

Depois, como deixando a dôr mesquinha,  
 Como se uma esperança luz lhe empreste,  
 A voz solta, aos amantes se encaminha,  
 Erguida a fronte que a alegria veste,  
 E a nuvem triste, que primeiro tinha  
 Espalhado sobre elles, com celeste  
 Sorriso e puro olhar, dois soes brilhantes,  
 Illumina fallaz dentro de instantes.

Mas emquanto sorri suave e fala,  
 E inebria os sentidos de doçura,  
 A alma quem a vê quasi que exhala,  
 Não afeita a sentir tanta ventura.  
 Cruel amor! por ti o absinthio eguala  
 O mel, e a morte em ambos se mixtura;  
 Como o teu mal, a tua medicina  
 Sempre ha sido mortal, sempre 'assassina.

Tal em meio dos gelos e da chamma,  
 Do pranto e rir, da esp'rança e dos temores,  
 Todos incertos deixa a falsa dama,  
 E zomba dos que illude em seus amores;  
 E se, a balbuciar, algum que a ama  
 Lhe diz, e ousa exprimir seus dissabores,  
 Ella, qual se no amar fôra inexperta,  
 Finge não perceber sua alma aberta;

Ou a elevar os olhos não se atreve,  
 E do incendio do pejo se orna e córa,  
 Conseguindo occultar a fria neve  
 Sob as rosas da face encantadora.  
 Tal na hora em que sopra a brisa leve  
 Da manhan pelo céu desponta a aurora.  
 A cor da indignação em que se abrasa  
 Vem a par da vergonha, e se lhe casa.

Mas se n'algum indicios reconhece  
 De que os anhelos descobrir medita,  
 Ora foge, ora modos favorece  
 De lhe falar, que, se elle busca, evita.  
 Assim o dia inteiro ella o esgarnece,  
 Até que da esperança o precipita,  
 Deixando-o como o caçador, que a fera  
 Perde de vista, que seguido houvera.

Estas foram as artes que puderam  
 Mil corações prender furtivamente,  
 Antes, as fortes armas, que os fizeram  
 Submetter-se aos grilhões de amor ardente.  
 Se Hercules e Theseu a amor cederam,  
 Se lhe cedeu Achilles, o valente,  
 Não pasmeis, que servirem-no se ha visto  
 Os que a espada empunharam só por Christo.

Est. xcvi.

---

### CANTO V

Emquanto assim com seu amor sustenta  
 Os cavalleiros a ardilosa Armida,  
 Mais do que os dez já promettidos tenta  
 Levar comsigo a furto na partida.  
 Medita Godefredo; e não assenta  
 No chefe para a empresa fementida;  
 Pois a escolha difficil lhe fazia  
 De tantos a ambição e galhardia.

Com prudente conselho emfim deseja  
 Que um proclamem, qual for sua vontade,  
 Que em logar de Dudon a todos reja,  
 E assuma da eleição a gravidade;  
 Por que d'elle queixar-se alguém não veja,  
 Doendo-se da sua auctoridade,  
 E por que mostre o assignalado apreço  
 Devido a gente de tamanho preço.

Congregando-os portanto, assim se exprime:  
 A minha opinião vós escutastes  
 De a donzella ajudar que o fado opprime  
 N'outro ensejo opportuno, e a reprovastes.  
 Pezae-a; talvez hoje vos anime  
 Diversa idéia d'essa que expressastes;  
 Que é no mundo leviano e variavel  
 Constancia muitas vezes ser mudavel.

Mas, se evitar perigos vergonhoso  
 Ainda imaginaes, e não acceita  
 Meu parecer, por muito cauteloso,  
 A vossa intrepidez a tudo afeita,  
 Não susterei esse animo brioso,  
 E nem a graça que por mim foi feita  
 Me vereis retirar; como ser deve  
 Sobre vós meu imperio será leve.

Est. 1 a iv.



Podeis pois ir ou não; a vós sómente  
 Decidir este ponto se conceda;  
 Mas quero que elejaes primeiramente  
 Quem ao que é morto em capitão succeda,  
 E d'entre vós nomeie livremente  
 Os dez; nem esse numero se exceda.  
 Apenas isto para mim reservo;  
 Não mais não fique o seu arbitrio servo.

Assim diz Godefredo; e com assenso  
 Dos presentes o irmão assim lhe torna:  
 Se a ti, ó capitão, cabe o véu denso  
 Ler do porvir, e a sapiencia te orna,  
 Pertence a nós o arrojo e o gladio, eu penso;  
 E essa grande prudencia que te adorna,  
 E o ardor te modera, em nós seria  
 Reputada covarde villania.

E, já que o risco é de pequeno damno,  
 Quando co'os proes se mede e contrapesa,  
 Permittindo-o teu voto soberano,  
 Irão os dez á projectada empresa.  
 D'este modo termina, e em tal engano  
 Vela a vontade n'outro zelo presa.  
 Fingem, tambem os mais, bem como elle,  
 Que a honra, não o amor, é que os impelle.

Eustachio emtanto que cioso vira  
 Sempre do claro filho de Sophia  
 A belleza e o valor, que inveja e admira,  
 Para seu companheiro o não queria.  
 Cautos alvitres a seu peito inspira  
 O ciume astucioso que o roía;  
 Pelo quê, o rival tirado á parte,  
 Razôa lisongeiro por est'arte :

Ó tu maior do que teu pae famoso,  
 E, tão joven, nas armas tão perfeito,  
 Quem ha de ser do corpo generoso,  
 A que nós pertencemos, chefe eleito?  
 Eu que só pela idade ao corajoso  
 Dudon outr'ora me deixei sujeito,  
 Eu, do supremo chefe irmão, não posso  
 Ceder, se a ti não fôr, o mando nosso.

A ti, egual ao mais illustre, eu cedo  
 No merito não só, tambem na gloria;  
 Nem se abaixára o proprio Godefredo  
 Em entregar-te a palma da victoria.  
 Sê nosso capitão, se não te é ledo  
 Quinhoar da donzella a causa ingloria,  
 Posto eu supponha que não tens por nobre  
 Empregar-te em facções que a noite encobre.

Nem aqui faltará onde occupado  
 O teu valor com melhor fama seja.  
 Portanto, se isso for do teu agrado,  
 Conseguirei que o nome teu se eleja.  
 Mas porque inda não estou determinado,  
 Nem a minh'alma sabe o que deseja,  
 Deixa-me, eu te requeiro, ir ao perigo  
 Com Armida, ou, se não, ficar contigo.

Calou-se Eustachio; e aos ultimos accents  
 A côr do pejo ao rosto lhe subiu.  
 Os seus mal simulados pensamentos  
 Leu Reynaldo; e no intimo sorriu.  
 Mas porque ao coração golpes mais lentos,  
 E sem poder amor lhe desferiu,  
 Competidor haver pouco o importuna,  
 Nem da bella em seguir cuida a fortuna.

D'outro lado no seio tenazmente  
 A morte de Dudon guarda esculpida,  
 E por deshonra julga inda o insolente  
 Argante que o matou fruir a vida.  
 Tambem aquella voz gostoso sente  
 Chamando-o á dignidade merecida;  
 Pelo que se lhe alegra o moço peito,  
 Do louvor verdadeiro satisfeito.

Responde pois: os principaes logares  
 Mais merecer do que alcançar eu quero;  
 Nem, por ter qualidades singulares,  
 Subir á altura do commando espero;  
 Mas, se m'a crês devida e me chamares  
 A este posto que tanto considero,  
 Aceitarei; e estimarei a nova  
 Que me daes do que valho amiga prova.

Não rogo nem recuso; porêm, quando  
 Chefe eu seja, serás dos defensores.  
 Então Eustachio o deixa, e vae captando  
 Para a eleição dos socios os favores.  
 Só não o escuta o principe Gernando,  
 Ao cargo pretensor; posto que amores  
 Por Armida este sinta, mais o anima  
 A honra, que de tudo põe acima.

Vem Gernando dos reis da Noruega,  
 Os quaes muitas provincias governaram;  
 Do pae e avós tantas corôas cega  
 A fronte sobranceira lhe tornaram.  
 A altivez de Reynaldo mais se emprega  
 Nos feitos seus que nos que avós obraram,  
 Embora em lustros cem elle tivesse  
 Quem na guerra e na paz o ennobrecesse.

Mas o barbaro principe que olhava  
 Só ao oiro e dos reinos á valia,  
 E os dotes mais insignes reputava  
 Obscuros, quando o throno os não subia,  
 Não soffre no que tanto ambicionava  
 Que nutra o cavalleiro a soberbia  
 De se lhe oppor, e, sôlta a redea á ira,  
 Sem a razão olhar, fogo respira.

O tentador espirito do Averno,  
 Vendo abrir-se ante si tão larga estrada,  
 Escondido entra n'elle, e do governo  
 Das idéias lhe adula a via errada;  
 Exacerba-lhe a ira e o odio interno;  
 Fere; excita-lhe a alma já turbada;  
 E faz que a seus ouvidos sempre sôe  
 Uma voz, que distincta lhe pregôe:

Reynaldo teu contrario! Tanto vale  
 O blazonar dos seus antepassados?  
 Enumere, primeiro que te eguale,  
 Os povos a seu jugo avassallados;  
 Quantos sceptros possui tambem não cale;  
 Com os teus vivos sejam comparados  
 Todos os seus que jazem sob a lousa.  
 Da serva Italia um filho vil o que ousa!

Ou vença ou não, ganhou grande victoria  
 Desde que assim rivalizou comtigo.  
 Dirá (que honra!) o presente e um dia a historia:  
 De Gernando já foi este inimigo.  
 O cargo de Dudon com lustre e gloria  
 Podia acrescentar teu nome antigo,  
 E havel-os de ti; mas, pois querido  
 É por elle, está hoje envilecido.

Se quem já não respira n'este mundo  
 Alguma coisa d'este mundo sente,  
 Como o nobre ancião no céu jocundo  
 Ha de agora mostrar colera ingente,  
 Quando n'esse arrogante sem segundo,  
 E na sua altiveza pondo a mente,  
 O vir, falto de idade e experiencia,  
 Entrar co'os feitos seus em competencia!

E atrevido elle o tenta! E só recolhe  
 Honra e louvores em lugar de pena!  
 E alguém ha que o incita, applaude e acolhe!  
 Oh! vergonha commum e não pequena!  
 Porêm, se Godefredo isto não tolhe;  
 Se do que é teu roubar-te não condemna,  
 Não o consintas tu, porque o não deves;  
 Antes, mostra quanto és, e ao que te atreves.

O seu despeito a falas taes se inflamma,  
 E, como facho sacudido, augmenta;  
 Já não lhe cabe n'alma, e se derrama  
 Da lingua, e pelos olhos arrebenta.  
 Quanto presume que Reynaldo infama,  
 Tudo com feias tintas apresenta;  
 Vão, soberboso a todos o figura;  
 E chama o arrojo seu furor, loucura.

E quanto de magnanimo e famoso,  
 De sublimado e illustre n'elle esplende,  
 Tudo com véu encobre, rancoroso,  
 E como vicio exprobra e reprehende.  
 Té ao proprio rival o injurioso  
 Publico som da inculpação se estende;  
 Mas nem por isso a raiva se lhe ceva,  
 Nem calma o impulso que a morrer o leva;

Porque o cruel demonio que o inspira,  
 Compondo-lhe as palavras á vontade,  
 Amontôa os aggravos e a mentira,  
 Do fogo alimentando a intensidade.  
 No campo ha um sitio aonde se retira  
 Sempre da hoste a flor em liberdade,  
 E onde nos torneios, e na lucta  
 Em dextresa e vigor cada um disputa.

Gernando ahi, quando mais gente havia,  
 Seguindo o fado seu, Reynaldo accusa;  
 Fere-o, qual setta hervada, com a impia  
 Lingua, do Orco no veneno infusa.  
 Reynaldo, que era perto, e tudo ouvia,  
 Já não podendo a ira ter reclusa,  
 Mentos, lhe grita, e a elle se encaminha  
 Logo, tirando a espada da bainha.

Troveja a voz; relampago annunciando  
 O raio, é da sua arma o fino corte;  
 Não vendo meio de escapar, Gernando  
 Treme perante a irreparavel morte.  
 Porém, do exercito em presença estando,  
 Alardeia de intrepido e de forte,  
 E espera do inimigo a furia accesa,  
 O ferro em punho, firme na defesa.

N'aquelle ponto gladios mil ardentes  
 A um mesmo tempo á luz do sol dardejam  
 Dos muitos que concorrem diligentes,  
 E separal-os em tropel forcejam.  
 Sons incertos, confusos, diferentes,  
 Fremem n'um som; d'est'arte, se bravejam,  
 As ondas, junto á praia confundido  
 Dos ventos e do mar trôa o ruído.

Porêm nada no heroe tão ultrajado  
Os vehementos impetos amansa;  
Os estorvos, os gritos arrojado  
Despreza; aspira apenas á vingança.  
Pelos que o cercam rompe denodado;  
Rodeia a espada fulminante; e avança  
Pelo meio dos muitos defensores,  
Só buscando o inimigo e seus furores;

E com a mão, que, posto irada, é mestra  
Lhe atira golpes mil com sevo Marte;  
Ora no peito ou frente, ora na sestra  
Feril-o tenta, ou na direita parte.  
E é tão ligeira, tão fogosa a dextra,  
Que escarnece da vista, e engana a arte,  
E emfim cala onde menos se temia  
Subito, abrindo ao sangue larga via.

Nem descansou enquanto pelo peito  
Uma e outra vez não lhe metteu a espada.  
Ca'e o infeliz, e o corpo, á vida acceito,  
A alma lança pela dupla estrada.  
Embaíinha Reynaldo satisfeito  
O ferro em sangue tinto; e, abandonada  
A sanha, que até alli vencido o tinha,  
Para outro sitio os passos encaminha.

Vindo ao tumulto, Godefredo emtanto  
A scena inesperada vê deante;  
No chão o cavalleiro, rubro o manto  
E a coma, impressa a morte no semblante;  
Ouve os suspiros, o queixume, o pranto  
De muitos da gran turba circumstante,  
E attonito pergunta: quem a culpa  
Tem do crime, que nada aqui desculpa?

Arnaldo, um dos mais caros a Gernando,  
Lhe responde; e, ao narrar o caso, o augmenta:  
Reynaldo accusa, leve a causa achando  
De uma acção de tal modo violenta.  
Foi elle, diz, que, o gladio levantando  
Contra os de Christo, cuja fé sustenta,  
Infringiu tuas leis e teu mandado,  
Que de ninguem no campo era ignorado.

Que réu era de morte, accrescentava,  
E devia portanto ser punido,  
Já porque o facto em si o condemnava,  
Já por então alli ser succedido;  
Que, 'se o delicto seu se perdoava,  
Com o exemplo qualquer fôra atrevido,  
E, visto que os juizes se esqueciam,  
Vingar-se os offendidos queriam.

Que d'aqui a discordia rebentara,  
 E as contendas em todo o acampamento.  
 Os meritos lembrou do que expirara,  
 E quanto incita a raiva e o sentimento.  
 Tancredo contraria o que escutara,  
 E ha por justa a razao do triste evento.  
 Sombrio o rosto, os ouve Godefredo,  
 E mais do que esperanza inspira medo.

Entao Tancredo: ó capitão prudente,  
 Lembre-te de Reynaldo a qualidade,  
 Quanta honra merece, não sómente  
 Por si, pela alta e regia auctoridade  
 Dos seus, mas por seu tio Guelfo, o potente.  
 Não deve haver nas penas. egualdade;  
 Diversa a culpa é, se vario o estado;  
 Só é proprio entre os seus ser egualado.

Torna o chefe: as lições da obediencia  
 Ensinam-nas ao vulgo os poderosos.  
 São teus principios máus, pois a insolencia  
 Queres que deixe impune aos poderosos.  
 Perdera o imperio meu toda a excellencia,  
 Se os fracos só mandasse e os humildosos.  
 Se com tal quebra és dado, eu me envergonho  
 De ti, sceptro sem força, e te deponho.

Mas não; deram-m'o livre e veneravel;  
 Ninguem os seus poderes diminúa!  
 Sei como e quando a lei é variavel,  
 Ou premios ou castigos destribúa,  
 Ou como e quando irmana o miseravel  
 Com os maiores na equidade sua.  
 Assim conclue; Tancredo nem replica,  
 Porque vencido do respeito fica.

Raymundo partidario da severa  
 Rigida antiguidade o secundava.  
 D'est'arte o capitão que bem impera  
 Respeitado se faz, elle ajuntava;  
 Nem disciplina inteira ser pudera  
 A que, sem castigar, só perdoava.  
 Se a clemencia no medo não se estriba,  
 Os estados mais válidos derriba.

Tancredo, estas palavras com cuidado  
 Ponderando, d'entre elles se partiu,  
 E em rapido corcel apressurado  
 Para Reynaldo a marcha dirigiu;  
 O qual, depois que de alma já privado  
 O orgulhoso rival no chão cahiu,  
 Para a sua barraca se tornara.  
 Alli diz-lhe Tancredo o que passara;

E, suggere afinal: posto eu não creia  
 As apparencias mostras da verdade,  
 Que dos homens occulta jaz a idéia.  
 Do peito na maior profundidade,  
 Pelo que em parte o chefe patêntea  
 E fala, no que luz sua vontade,  
 Julgo ter em proposito prender-te,  
 E, como réu commum, submisso haver-te.

Reynaldo se sorri; e com um rosto,  
 Onde o sorriso e a indignação fulgura:  
 Defenda-se em grilhões o servo posto,  
 Ou quem sel-o merece por ventura.  
 Livre nasci; sou livre; e antes de imposto  
 Me ser o jugo irei á sepultura;  
 O gladio e os loiros só sustem meu braço;  
 Não pôde supportar infame laço.

Porêm se Godefredo em recompensa  
 Do meu valor pretende acorrentar-me,  
 Qual um homem dos infimos, e pensa  
 Em carcere plebeu preso encerrar-me,  
 Venha elle, ou alguém por elle; a sorte vença;  
 Vença a peleja; que hão de prompto achar-me.  
 Quer que scena feroz se represente  
 Para alegrar-se do inimigo a gente.

Dito isto, pede as armas, e o formoso  
 Corpo de aço finissimo defende;  
 Embraça o escudo largo e ponderoso,  
 E ao lado o gladio tão fatal suspende.  
 Augusto no semblante e majestoso,  
 Bem como raio assolador, esplende.  
 Assim desce do quinto céu á terra,  
 De horror e ferro armado, o deus da guerra.

Tancredo emtanto a colera terrivel,  
 Que o tomou, vê se ao menos enfraquece:  
 Joven, ao teu poder sempre invencivel  
 A façanha mais ardua o não parece;  
 O teu merito excelso, immarcescivel  
 Mais seguro nas obras resplandece;  
 Mas contra nós cruel d'esta maneira  
 Que ora o demonstres o Senhor não queira.

Que intentas? Qual será o teu partido?  
 De teus irmãos no sangue ennodoar-te?  
 Que seja Christo nos christãos ferido?  
 Pois não sabes que d'elle formam parte?  
 Pundonor transitorio, parecido  
 Com a mudavel onda, ha de arrastar-te  
 Mais do que a fé, e amor d'aquella gloria,  
 Digna no empyreo de eternal memoria?

Não o faças, por Deus; vence-te; e abranda  
 Da tua alma feroz a soberbiã;  
 Cede; não é temor; o céu t'o manda;  
 E palma alcançarás de gran valia.  
 Se a minha juventude em nada branda  
 Para exemplo servisse, eu te diria  
 Que igualmente dos meus offensas tive,  
 E contra elles não fui, e me contive;

Pois de Christo a bandeira já plantado  
 Havendo na Cilicia, que tomara,  
 Balduino chegou, e indigno e ousado  
 O paiz occupou, que eu conquistara.  
 Em sua falsa amisade confiado  
 Tão avara tenção não penetrara.  
 Comtudo, posto que talvez havel-o  
 Pudesse á força, não tentei fazel-o.

Porêm, se os ferros enjeitar tu queres,  
 E tens á vil prisão odio profundo,  
 Se projectas seguir os pareceres,  
 Que pelas leis da honra approva o mundo,  
 Retira-te d'aqui; não mais esperes;  
 Busca em Antiochia a Boemundo;  
 Eu té defenderei; vae, porque hei medo  
 Do impeto primeiro em Godefredo.

Se marchar contra nós o Egypto em breve,  
 Ou outro infido povo, triumphante  
 Quanto mais teu valor ficar não deve!  
 Como te chorarão, quando distante!  
 Qual corpo que de um braço perda teve,  
 Será sem ti o exercito possante.  
 N'este ponto vem Guelfo; tudo approva;  
 E decide que logo os passos mova.

A taes conselhos a alterada mente  
 Do audaz mancebo torna-se em brandura;  
 De sorte que partir em continente  
 Então aos seus mais caros assegura.  
 Correrá emtanto muita amiga gente,  
 Que á porfia com elle ir-se procura.  
 Agradece-o Reynaldo; e só se aprompta  
 Com escudeiros dois, e o corcel monta.

Parte; e leva desejos de alta gloria,  
 Que os corações magnanimos incita;  
 Nobres acções e a c'rôa da victoria  
 Nã soberana idéia já medita;  
 Ou pela fé morrer ou meritoria  
 Nomeada ganhar, clara, infinita;  
 O Egypto percorrer: chegar té onde  
 O não sabido berço o Nilo esconde.



Guelfo, depois que o joven corajoso,  
 Apressado em partir, se ha despedido,  
 Não pára alli; mas corre pressuroso  
 Aonde crê Godefredo recolhido.  
 Ao descobril-o, o capitão piedoso  
 Lhe diz: Guelfo, hora boa te ha trazido;  
 Meus arautos havia já mandado  
 Para seres por elles procurado.

Após, a todos retirar fazendo,  
 Grave, com baixas vozes principia:  
 Na verdade, em a ira o commettendo,  
 Muita do teu sobrinho é a ousadia!  
 E mal se poderá, segundo entendo,  
 Dar ao que obrou motivo de valia.  
 Bastante o sinto, quando o considero,  
 Mas sobre todos igualmente impero.

Sim, do justo serei e do prescripto  
 Em tudo e sempre defensor inteiro,  
 Para julgar permanecendo invicto  
 Das paixões contra o ferreo captiveiro.  
 Se pois Reynaldo violou o edicto  
 Obrigado pelo outro cavalleiro,  
 Como affirmam alguns, venha inclinar-se  
 Ante nós, e innocente apresentar-se.

Venha a prisão buscar em liberdade,  
 Concedo-lh'o por seu merecimento.  
 Mas, se inda assim oppõe contrariedade,  
 (Bem lhe conheço o indomito ardimento)  
 Dobra-o tu, e encaminha-lhe a vontade,  
 Por que não force quem é de odio exempto  
 A se tornar da lei, que em guarda têve,  
 Juiz e vingador, como ser deve.

Disse; e Guelfo: como é que alguém pudera  
 Com uma alma da infamia não manchada  
 Ouvir-se alvo da injúria mais austera,  
 E deixal-a sem ser desaggravada?  
 Se o ultrajador matou, que homem soubera  
 Um freio pôr á colera indignada?  
 Quem no calor da briga mede a offensa?  
 Em os golpes contar quem é que pensa?

Quanto a queres que elle sujeitar-se  
 Ao teu arbitrio soberano venha,  
 Pésa-me não poder executar-se;  
 E que do campo já sahido tenha.  
 Mas offereço-me eu para provar-se  
 Commigo quem a accusação mantenha;  
 Que eu mostrarei co'o ferro que sómente  
 Puniu Reynaldo a affronta justamente.

Sim, com razão ao tímido Gernando  
 O orgulho abaixou; e, se ha faltado,  
 Apenas foi em se esquecer do bando;  
 N'isto, inda mal, por mim é censurado.  
 Calou-se; e Godefredo: pois errando  
 Vá, e a discordia leve; perturbado  
 Por ti de novo o exercito não seja;  
 Por Deus, que o fim d'esta contenda eu veja.

De promover o seu soccorro emtanto  
 Cessado a enganadora não havia;  
 Durante o dia praticava quanto  
 Engenho, formosura e arte podia;  
 Depois, quando, estendendo o opaco manto,  
 A noite o firmamento escurecia,  
 Com cavalleiros dois e damas duas  
 Se retirava para as tendas suas.

Mas nem a perfeição de seus enganos,  
 Seu ar gentil e voz persuasiva,  
 Nem toda essa belleza, que entre humanos  
 Ninguem logrou vencer, tal, que captiva  
 Do exercito os guerreiros mais ufanos,  
 E em seus grilhões da liberdade os priva,  
 Induzir conseguiram Godefredo  
 Do sensual deleite ao doce enredo.

Arrastal-o após si em vão procura  
 Para os prazeres da amorosa vida;  
 Que elle, qual ave farta, que não cura  
 Do comer com que a tenta mão fingida,  
 D'este mundo despreza a van loucura,  
 E do céu busca a estrada não seguida;  
 Quantas traições amor apresta e adorna  
 Inutiliza assim, e em nada torna;

Nem do santo pensar que Deus guiava  
 Algum estorvo se poria adeante.  
 Ella com mil astucias o tentava,  
 Como Proteu moderno a cada instante;  
 Mas todos os encantos que empregava,  
 Que moveriam peitos de diamante,  
 Tudo (graça do céu) frustrado via;  
 Por isso as esperanças já perdia.

A bella dama, que o mais casto peito  
 Creu que um olhar apenas lhe entregara,  
 Maravilha-se, abafa de despeito,  
 E desca'e da altivez que a levantara.  
 A volver suas forças onde effeito  
 Mais facil tenham já se emfim prepara,  
 Qual capitão que inexpugnável terra  
 Deixa, e para outra parte muda a guerra.

Mas contra as suas armas invencível  
 E igualmente Tancredo se ha mostrado.  
 N'elle nova paixão era impossivel,  
 Andando pela antiga incendiado.  
 Livra do amor o amor, qual do terrivel  
 Veneno outro veneno receitado.  
 Estes dois tão sómente lhe escaparam.  
 Os mais ou muito ou pouco se abrasaram.

Ella, inda que lhe dôa inteiramente  
 Não ser bem succedida na ardileza,  
 Consolação, apesar d'isto, sente,  
 Tendo obtido de heroes tão util presa;  
 E delibera, antes de alguém patente  
 Fazer seu dolo, a parte mais defesa  
 Conduzil-os, aonde lhes apresta  
 Uma prisão muito contraria a esta.

Como chegasse pois o promettido  
 Termo do auxilio, o capitão buscando,  
 Reverente lhe diz: já decorrido  
 É o dia aprazado. Ah! se o nefando  
 Tyranno sabe como te hei pedido  
 Favor contra o meu fado miserando,  
 Ha-de-se armar, porque esperar-nos possa;  
 Nem tão facil será a empresa nossa.

Portanto, antes de a elle incerta fama  
 Esta nova levar ou certo espia,  
 Alguns poucos dos teus mais fortes chama,  
 E commigo, senhor, presto os envia;  
 Que, se as obras humanas o céu ama,  
 É a innocencia para elle tem valia,  
 No reino serei posta, e a minha terra  
 Tributaria haverás na paz, na guerra.

Assim lhe fala, e o capitão piedoso  
 O que não pôde denegar concede,  
 Inda que este partir tão pressuroso  
 A escolha de si lançar lhe impede;  
 Mas cada qual se julga venturoso  
 Em ser dos dez, e com instancia o pede;  
 A emulação, que o espirito lhes venda,  
 Torna-os mais importunos na contenda.

Vendo seus peitos francos, a donzella  
 Concebe de vencer novo argumento,  
 E a alma perturbada lhes flagella  
 Do roedor ciume co'o tormento;  
 Que sabe enfraquecer-se a flamma bella  
 De amor, quando fallece este sustento;  
 Assim menos veloz corre o cavallo,  
 Se outro perto não vae para incital-o.

E de tal modo os ditos seus reparte,  
 E o fascinante olhar, e o doce riso,  
 Que o coração de inveja a muitos parte,  
 E os faz temer e esp'rar, como é preciso.  
 Dos amantes a turba, á qual a arte  
 De um rosto enganador tirára o siso,  
 Corre sem freio ter, e sem vergonha,  
 Embora o capitão se lhes opponha.

Elle, que todos contentar procura,  
 Mas que para nenhum dos lados pende,  
 Posto, ao presenciar tanta loucura,  
 Muita vez d'ira ou de rubor se accende,  
 Como cada um no seu desejo atura,  
 Por novo modo proceder entende.  
 Escrevei vossos nomes; em um vaso  
 Ponham-se, diz; decidirá o acaso.

Logo, escriptos os nomes, se deitaram  
 Em urna breve, e foram sacudidos.  
 Em primeiro logar dois se tiraram:  
 Gerardo e Artemidoro esclarecidos,  
 Conde este de Pembroke; sortearam  
 Venceslau em seguida, o qual, perdidos  
 O conselho e o pensar grave de outr'ora,  
 Encanecido velho, amante é agora.

Oh! como os olhos fulgem inundados  
 De jubilo, e o prazer d'alma apparece  
 N'esses três pela sorte contemplados,  
 Que amor antes dos outros favorece!  
 Os mais que a urna esconde, flagellados  
 Pela duvida, o ciume os estremece,  
 E dos labios estão como pendentés  
 Do que desdobra as sortes diferentes.

Guasco, Rudolpho após também sahiram.  
 Guilherme Roncilhon, sexto guerreiro,  
 E Old'rico e o franco Henrique se seguiram,  
 E o bávaro Everardo; e derradeiro  
 Rambaldo, o qual depois descrente viram,  
 Inimigo do culto verdadeiro.  
 Pois pode tanto amor? São escolhidos  
 Só estes. Os restantes, excluidos,

Accusam a fortuna de inhumana,  
 Ardendo em colera, em ciume e inveja;  
 E accusam-te, ó amor, por soberana  
 Deixares que ella o teu imperio reja;  
 Mas como instincto é da raça humana  
 Que o que se veda mais mais se deseja,  
 Tentam muitos, d'encontro á sorte avessa,  
 Armida acompanhar, mal escureça..

Querem de dia e noite acompanhal-a;  
 A seu favor luctar, e expôr a vida.  
 Suspiros suavíssimos exhala  
 A falsa, e em meias phrases os convida;  
 Ora a este, ora áquelle meiga fala:  
 Sem vós triste será minha partida.  
 Entretanto do chefe o grupo eleito  
 Se despedia armadô e satisfeito.

Cada um dos guerreiros elle exhorta;  
 Mostra-lhe como é debil, varia e lêve  
 A fé pagan, que ajuste não supporta;  
 Como insidias, perigos fugir deve.  
 Debalde! Amor aconselhar que importa?  
 Para a prudencia nunca ouvidos teve.  
 Despede-os afinal; e a enganadora  
 Donzella nem espera a nova aurora.

Parte victoriosa; e os contendores,  
 Quaes prisioneiros, leva ante as ovantes  
 Rodas do carro seu, entre mil dores  
 Deixando atrás de si os mais amantes.  
 Mas, quando veio a noite, e co'os negros  
 Trouxe a mudez e os sonhos inconstantes,  
 Muitos de amor pelo dictame falso  
 Occultamente se lhe poem no encalço.

É Eustachio o primeiro, o qual ancioso,  
 Logo que a sombra começou tardia,  
 Vae pela cega treva sem repouso  
 Os passos confiando ao cego guia.  
 Errou durante a noite, mas formoso  
 Apenas despontou nos céus o dia,  
 Apareceu-lhe Armida e o seu estado  
 N'um logar, onde tinham pernoitado.

Sem detença para ella se encaminha;  
 Conhece-o, mal o vê, pela armadura  
 Rambaldo, e lhe pergunta ao que alli vinha.  
 Venho seguir de Armida a formosura;  
 Nem o auxilio será, por vida minha,  
 Mais tardo ou a sujeição menos segura,  
 Se os quizer. Para honra tão ingente  
 Quem é que te escolheu? O amor sómente.

Sim, eu fui por amor só nomeado,  
 Tu pela sorte; qual melhor eleito?  
 E Rambaldo: esse titulo é baldado;  
 Não será teu intento satisfeito;  
 Que não conseguirás ser mixturado  
 De Armida aos campeões, tu sem direito,  
 Illegitimo servo. Altivo acode  
 Eustachio a isto: e quem vedar-m'ô póde?

Eu, lhe responde o outro; e, respondendo,  
 Para elle arrebatado os passos vira.  
 O mancebo em valor egual fervendo,  
 Ao encontro lhe sa'e. A que os ferira  
 N'alma, entre ambos o braço distendendo,  
 Se mette de permeio, acalma a ira,  
 E diz para Rambaldo: que te pésa  
 Ter eu mais um que sirva a minha empresa?

Se estimas ver-me salva e defendida,  
 Porque de tal soccorro assim privar-me?  
 Para Eustachio: eu te fico agradecida,  
 Pois opportuno vens auxiliar-me.  
 Nem a tanto serei desconhecida,  
 Buscando a teus favores esquivar-me.  
 Emtanto no caminho a cada instante  
 Se aggrega á companhia um novo amante.

Ignaros uns dos outros vão chegando  
 D'aqui, d'alli, e se olham ferozmente.  
 Alegre ella os acolhe, demonstrando  
 Que da sua chegada prazer sente.  
 Porém de tantos pela ausencia dando  
 O summo capitão, co'o sol nascente,  
 No pensar que infortunios lhe augurava  
 Sobre o negro porvir se afadigava.

Emquanto isto cogita, eis apparece  
 Um correio, anhelante, o olhar afflicto,  
 Como quem novidade má trouxesse,  
 O que revela no semblante escripto,  
 E assim fala: senhor, bem cedo, crê-se  
 No mar a armada se verá do Egypto.  
 Guilherme que dos lígures commanda  
 Os baixéis esta nova ora te manda.

Diz tambem: que os guerreiros, que traziam  
 Provisões d'estes para o campo, acharam  
 No meio do caminho por onde iam  
 Os arabes, que a marcha lhes cortaram;  
 E que todos, que alli pugnado haviam  
 Morreram ou captivos se entregaram,  
 Sem escapar nenhum, n'um val tomados,  
 E pela frente e costas rodeados;

E que a soberba e impávida licença  
 D'esses errantes barbaros é tanta,  
 Que emtorno, qual diluvio, alastra infensa;  
 Nem coisa alguma o seu arrojo espanta.  
 Por isto ser conveniente pensa  
 Enviar, a ver se a furia lhes quebranta,  
 Bastante força, que proteja a estrada  
 Do acampamento ao mar que sulca a armada.

De bocca em bocca a fama n'um momento  
 Se espalha, e em toda a parte já se estende.  
 Dos soldados trepida o pensamento,  
 Pela fome vizinha, e o medo os prende.  
 O capitão o usado atrevimento  
 Como n'elles falhar agora entende,  
 Procura avigoral-os, firme o rosto,  
 Na dor em que o desanimo os tem posto:

Ó campeões de Deus, que em tantos annos  
 Commigo riscos mil tendes soffrido  
 Em tantos climas, por livrar dos damnos  
 Sua lei, que para isso haveis nascido,  
 Vós que o persa vencestes, e os enganos  
 Do grego, e os montes, e o oceano infido,  
 O frio, a sêde, a fome roedora,  
 Constantes sempre, estremeceis agora?

Já no Senhor vos falta a confiança,  
 Que em trances mais difficeis encontrastes?  
 Já de vos proteger seu braço cansa,  
 E da sua clemencia vos privastes?  
 Breve, cumprindo os votos, a lembrança  
 Grata achareis dos males que passastes.  
 Eia pois, ó guerreiros, animae-vos,  
 E para grandes casos reservae-vos.

Com taes palavras as turbadas mentes  
 Consola, e c'o sereno e alegre aspecto;  
 Porêm cuidados mil guarda pungentes  
 Esculpidos no âmago do peito.  
 Pensa em como nutrir tão varias gentes  
 Victimias da penuria; de que geito  
 No mar se opponha á armada, e como em terra  
 Os arabes ladrões dome na guerra.

EST. LXXXIX a XCII.

---

## CANTO VI

Porêm pela outra parte os sitiados  
 Esperança mais válida assegura,  
 Pois, fóra os mantimentos já guardados,  
 Outros lhes traz a amiga noite escura.  
 Do norte os grossos muros reforçados  
 De machinas e de armas, na estructura,  
 E elevação crescidos, dos maiores  
 Combates não receiam nos furores.

EST. I.

O rei, contudo, os seus faz diligente  
 Lidar, e os lados alça e fortalece.  
 Encontra-os no trabalho o sol fulgente,  
 E o céu, quando de estrellas resplandece;  
 Em armas fabricar continuamente  
 Súa o armeiro, e lasso já parece;  
 Mas em aprestos taes intolerante  
 D'esta maneira ao rei falou Argante:

Té quando nos terás, quaes prisioneiros,  
 Entre muros em vil assedio e lento?  
 Que vale preparar elmos guerreiros,  
 Broqueis, coiraças, sem tomar alento,  
 Se os inimigos correm bandoleiros  
 Campos, povoações a seu contento?  
 Se não ha entre nós quem vá sustal-os,  
 Nem ao som da trombeta despertal-os?

Seus banquetes não são interrompidos;  
 Antes, vêm, com ampla confiança,  
 Os dias sempre e as noites devolvidos  
 Na mór tranquillidade e segurança.  
 E vós sereis ao jugo reduzidos  
 Pela fome, e por tanto ocio e tardança,  
 Ou, caso que do Egypto a ajuda tarde,  
 A expirardes aqui como o covarde.

Quanto a mim, não terei ignobil morte  
 Que me cubra de olvido a campa fria,  
 Nem aqui recolhido d'esta sorte  
 A aurora me verá do novo dia.  
 Se soffrerei ou não o ultimo corte  
 Sabe-o a celestial sabedoria;  
 Mas não fará que eu, sem tirar a espada,  
 A vida obscuro perca e não vingada.

E até, se o costumado animo vosso  
 Abatido de todo não jazera,  
 Em vez da honrada morte que achar posso  
 De viver, de vencer esp'rança houvera.  
 Vâmos todos n'um corpo o fado nosso,  
 E o inimigo encontrar que nos espera.  
 Os conselhos da audacia nos maiores  
 P'rigos a miude excedem nos melhores.

Mas, se julgas o aviso temerario,  
 E de arriscar os teus te prende o medo,  
 Nomeia um campeão e outro o contrario  
 Para a guerra acabar. A Godefredo  
 Propõe-no; e por que accete voluntario  
 Ainda mais este projecto e ledó,  
 As armas elle escolha em liberdade,  
 E ponha as condições á sua vontade.



Comtando que o inimigò uma alma tenha  
 E duas mãos, por mais audaz que seja,  
 Temer não deves que se não sustenha  
 A causa, a cujo lado em guarda eu esteja.  
 Se por ti minha dextra hoje se empenha,  
 Que importa o fado teu não te proteja?  
 Por garantia solida t'a offerto;  
 Crê n'ella, e o reino teu salvo é de certo.

Cala-se; e o rei lhe torna assim: fogado  
 Mancebo, posto já me curve a idade,  
 Não sou tão baixo e amigo do repouso,  
 Nem tamanho torpor meu corpo invade,  
 Que preferisse um fim opprobrioso  
 A morrer com valor e heroicidade,  
 Se, qual tu annuncias, eu temesse  
 Que a fome ou damno grande me viesse.

Longe, longe essa infamia! Ora contar-te  
 Vou coisas que hei a todos escondidas:  
 Solimão de Nicéa, o qual em parte  
 Vingar busca as offensas recebidas,  
 De juntar desde a Libya teve arte  
 Dos arabes as tribus divididas,  
 E, o inimigo atacando á noite, dar-nos  
 Victualhas pretende e auxiliar-nos.

Cêdo elle aqui será. Se no entretanto  
 Nossos fortes cahirem, que os reserve  
 O vencedor em seu poder, comtando  
 Que eu minha côrte e o sceptro meu conserve.  
 Tu essa impaciencia enfreia um tanto,  
 E reserva o calor que em ti refere  
 Para outra occasião mais opportuna  
 De vingar-me e provar tua fortuna.

Sentiu a indignação Argante ousado,  
 Que era de Solimão émulo antigo,  
 Encher-lhe o peito, ouvindo magoado  
 O apreço em que elle tinha o rei amigo;  
 E respondeu-lhe: guerra ou paz te é dado  
 Escolher, ó senhor; nada mais digo;  
 Aguarda Solimão para a contenda;  
 Quem seu reino perdeu que o teu defenda.

Venha, como celeste mensageiro,  
 Teu povo libertar; eu só espero  
 Do braço meu o amparo verdadeiro,  
 E d'elle apenas liberdade quero.  
 Mas permite que, simples cavalleiro,  
 Ao campo eu desça, e, combatendo fero  
 Corpo a corpo co'os francos, me aventure,  
 E, não por ti, por mim gloria procure.

Replica o rei: posto esse ardor e a espada  
 Devêras empregar em melhor feito,  
 Que a desafio chames, se te agrada,  
 Algum dos inimigos não rejeito.  
 Argante, ouvindo-o, sem que tarde nada,  
 Para um arauto diz: descê direito  
 À planície, e perante o campo todo  
 Fala ao chefe christão por este modo:

Que um cavalleiro, que indolente achar-se  
 Por muralhas occulto mal padece,  
 Quanto pôde em esforço avantajar-se  
 Nas armas demonstrar estabelece,  
 E em duello está prompto a apresentar-se  
 No plaino que ante os muros se offerece,  
 Para o quê a bater-se desafia  
 Dos francos o que mais em si confia;

E que a um, dois e três não só intenta  
 Combater do christão acampamento;  
 Na liça até ao quinto se sustenta,  
 Tenha elle baixo ou nobre nascimento.  
 Sirva o vencido, como a guerra assenta,  
 Ao vencedor; se for do seu contento,  
 Mandê seguro. Então o arauto veste  
 De oiro e purpura rica sobreveste;

E, chegando á magnifica presença  
 Do chefe, dos barões acompanhado,  
 Pergunta: concedeis, senhor, licença  
 De vos expôr, qual devo, o meu recado?  
 Concedo; sem temer nenhuma offensa  
 Perfaz o que te foi determinado.  
 Torna-lhe o arauto; ora vereis se bôa,  
 Ou formidavel a embaixada sôa.

Continuando, propoz o desafio  
 Com palavras soberbas e alterosas.  
 Os guerreiros, ouvindo-o, ardem em brio,  
 E trovejam com vozes desdenhosas.  
 Voltou-lhe sem demora o chefe pio:  
 Intenta o cavalleiro acções custosas;  
 Arrepender-se deverá depressa;  
 Nem o quinto haverá por que appareça.

Porêm vir pôde, que de todo o ultrage  
 Lhe assigno campo livre, e o asseguro;  
 Com elle pugnará, sem ter vantagem,  
 Algum dos meus; d'esta maneira o juro.  
 A resposta levando da mensage,  
 N'isto o arauto calcou o solo duro,  
 E, emquanto dado a Argante não na tevé,  
 Não cessou de marchar com passo leve.

Que esperaes, ó senhor, para apromptar-vos?  
Lhe diz; vosso cartel vos acceitaram;  
Até os menos bravos de arrostar-vos  
Na liça desejosos se mostraram.  
Cem olhares eu vi ameaçar-vos;  
Cem mãos da espada os punhos apertaram;  
O chefe segurança vos concede.  
Então Argante as suas armas pede;

E acelerado as veste, impaciente  
De se encontrar defronte do inimigo.  
Disse a Clorinda o rei, que era presente:  
Não é justo ficares tu no amigo  
Seio dos muros, mas da nossa gente  
Com mil o segue, e serve-lhe de abrigo;  
Comtanto que elle vá só á peleja,  
E tua hoste distante d'elle seja.

Em breve da guerreira a força armada  
Deixa a cidade; aos mais todos precede  
Argante em seu corcel co'a costumada  
Fina armadura que a nenhuma cede.  
Ha em meio dos muros e estacada  
Um sitio, que parece feito adrede  
Na egualdade do chão e na largueza  
Para exercicio de guerreira empresa.

Só, a esse logar, fero descendo,  
Parou á vista dos christãos Argante;  
Forte de alma e de corpo, está vertendo  
Ameaça e altivez o seu semblante,  
Qual Encélado em Phlegra, ou qual o horrendo  
Desmesurado philisteu gigante.  
Porém muitos de o ver não estremecem,  
Porque bem quanto póde não conhecem.

Emtanto Godefredo inda escolhido  
O melhor entre muitos não havia,  
Posto para Tancredo esclarecido  
A geral intenção se dirigia.  
Ser de tantos heroes o mais subido  
Cada rosto sem duvida exprimia,  
Assim como o sussurro que soava,  
E que o chefe no gesto confirmava.

Superior por todos confessado,  
Mesmo por Godefredo piedoso,  
Vaé diz-lhe este; não te é por mim vedado;  
E castiga o furor d'esse orgulhoso.  
Elle cheio de jubilo e arrojado,  
Por ser campeão do feito glorioso,  
Péde o cavallo e o elmo ao escudeiro,  
E seguido de muitos sa'e ligeiro.

Ainda ao largo campo, onde o ferino  
 Argante era, Tancredo não chegara,  
 Quando eis que da guerreira o peregrino  
 Vulto divisa e a formosura rara.  
 Tinha a vizeira erguida; em cume alpino  
 Jámais neve alvejou que lhe igualara  
 Da sobreveste a côr; n'um alto posta  
 Aos olhares de todo estava exposta.

Já Tancredo o pagão não vê cruento,  
 Que a pavorosa fronte ao céu levanta;  
 Porêm guia o corcel a passo lento,  
 E os olhos volve áquella que o encanta;  
 Depois, qual pedra, jaz, sem movimento,  
 Gêlo por fóra; mas a força é tanta  
 Do incendio, que, a admiral-a embevecido,  
 Parece o pelejar ter esquecido.

Argante que ninguem descobre em acto  
 De á lide sê aprestar d'est'arte exclama:  
 Quem é que se me oppõe? A quem combato?  
 Este desejo só aqui me chama.  
 Attonito o christão e estupefacto  
 Nada ouve, de enlevado em sua dama.  
 N'este ponto o ginete Othon impelle,  
 E na liça o primeiro a entrar é elle.

Othon fôra um dos que antes accendera  
 De brigar co'o pagão nobre ousadia;  
 Mas, cedendo a Tancredo, lhe fizera  
 Com alguns cavalleiros companhia.  
 Agora, como desattento era  
 O mesmo, e quasi o duello lh'esquecia,  
 Joven audacioso e impaciente,  
 Acolhe a occasião ávidamente;

E mais veloz que tigre ou leopardo,  
 Quando rapidos correm na floresta,  
 Vôa a ferir Argante, o qual galhardo  
 Contra elle a ponderosa lança enresta.  
 N'isto, como de um sonho, do seu tardo  
 Scismar Tancredo sa'e; eil-o se apresta,  
 E grita: espera, que a peleja é minha;  
 Porêm muito avançado Othon já tinha.

Conhece-o, e estaça, de despeito cheio,  
 E o rosto de rubor incendiado,  
 Vendo a sua vergonha, e que outro veio  
 O logar occupar que lhe fôi dado.  
 Mas entretanto da carreira em meio  
 No elmo é o sarraceno fulminado;  
 Este encontra o mancebo, ao qual traspassa  
 Com o ferro o broquel, logo a coiraça.

Ca'e o christão; bem grave e temeroso  
 O golpe foi para que assim cahisse;  
 Mas não ca'e o descrente, nem, forçoso,  
 Vacilla, qual se o choque não sentisse.  
 Após com modo altivo e despeitoso  
 Ao derrubado cavalleiro disse:  
 Rende-te; para gloria só te baste  
 Contares que commigo pelejaste.

Não, torna Othon; não se usa d'esta sorte  
 Entre nós entregar o brio e a lança.  
 Outrem me escusará; eu só a morte  
 Quero, ou do ultraje conseguir vingança.  
 Freme com face de Medusa o forte,  
 Audaz circassiano, e chammas lança.  
 Então, conhece a minha valentia,  
 Pois desprezas as leis da cortezia;

E estimula o corcel, tudo olvidando  
 Que deve respeitar um cavalleiro.  
 Foge o franco, do embate se esquivando,  
 E ao passar fere o lado do guerreiro  
 Tanto, que tira o ferro gottejando  
 Da carne, e torna em purpura o terreiro.  
 Que importa? O vencedor não se amedronta,  
 Antes, raiva maior ganha na affronta.

Na carreira o cavallo Argante pára;  
 E recuar o faz tão prestemente,  
 Que, quando o seu rival mal o notára,  
 Um grande encontro o abala de repente  
 Tremem-lhe as pernas; qual se desmaiára,  
 Empallidece; o alento debil sente;  
 O animo lhe falta; e fraco e exangue  
 A terra cobre que regou de sangue.

Argante se embravece; e, abrindo estrada  
 Co'o corcel do vencido sobre o peito,  
 Morram os orgulhosos todos, brada,  
 Como este, que a meus pés tenho sujeito.  
 Do invencivel Tancredo a alma indignada,  
 Não podendo soffrer tão negro feito,  
 Quer que o arrojo seu sirva de emenda  
 A culpa havida, e, qual costuma, esplenda;

E corre; e clama: ó vil, que entre os favores  
 Da victoria te mostras baixo e infame,  
 Perverso, descortez, por que louvores  
 Esperas? quem será que te honre e acclame?  
 Viver deves co'os duros roubadores  
 Da Arabia, ou com quem barbaro se chame.  
 Foge a luz; vae morar entre as mais feras  
 No monte e selvas, onde estar devêras.

Calou-se; e Argante, o indomito, a quem pésa  
 Soffrer, os labios morde enraivecido.  
 Quer responder, porêm a voz sa'e presa,  
 Qual de bravo animal rouco rugido,  
 Ou, qual raio que brilha, e com presteza  
 Rasga o ar em terrivel estampido.  
 Com força egual troando lhe sahia  
 A voz do peito, que inflammado ardia.

Mas, após a ameaça mutuamente  
 Em ambos irritar o orgulho e a ira,  
 Um e outro, tomando velozmente  
 Logar para a corrida, o corcel vira.  
 Musa, eleva o meu verso ora cadente,  
 E, como o seu furor, furor me inspira,  
 Por que á façanha minha penna eguale,  
 E o som das armas no meu canto fale.

As ponderosas lanças pondo em reste  
 Para o alto, os guerreiros se atacaram;  
 Aguia ou tigre feroz que cala ou investe  
 Jámais á ligeireza lhes chegaram;  
 Nem houve nunca impeto egual ao d'este,  
 Quando Tancredo e Argante se toparam;  
 Sobre os elmos as lanças se partiram,  
 E em lascas faiscando ao ar subiram.

Foi temivel o estrondo; de escutal-o  
 Nutou o campo, e os montes responderam;  
 Mas ao grande conflicto e grande abalo  
 As fronteas soberbosas não penderam.  
 Foi tal o encontro, que um e outro cavallo  
 Cahindo, com afan do chão se ergueram.  
 Tiram nos dois o gladio, e o pé em terra  
 Põem, preparados para nova guerra.

Cada qual acompanha do inimigo  
 O olhar, o passo, os golpes cauteloso;  
 Muda de posição; muda de abrigo;  
 Rodeia; avança; ou cede receoso;  
 Ferir simúla aqui; e onde perigo  
 Não parecia haver fere ardiloso;  
 Finge outras vezes descobrir-se em parte,  
 Tentando a arte descurar com arte.

O christão um dos lados mal guardado  
 Pelo broquel e espada mostra a Argante;  
 Tenta este alcançal-o, e desarmado  
 Fica por outra banda; n'um instante,  
 Além de o golpe lhe aparar vibrado,  
 O vulnera Tancredo triumphante;  
 Nem, depois d'isto, em retirar-se tarda,  
 Porêm no escudo se recolhe, em guarda.

O cruento pagão, que nada teme,  
 O seu sangue notando e certo damno,  
 Com insolito horror suspira e freme,  
 Pela colera e dor tornado insano,  
 E a voz robusta, que de raiva treme,  
 Alça junto co'o ferro deshumano,  
 Em acto de ferir; mas é ferido  
 De ponta onde anda á espadua o braço unido.

Qual urso na floresta, que, mal sente  
 Nas carnes o venabulo, de sorte  
 Sobre as armas se atira, que audazmente  
 Affronta os riscos, e despreza a morte,  
 D'este modo o infiel, que a dor pungente  
 E a dupla chaga e injuria faz mais forte,  
 Apenas respirando atroz vingança,  
 Sem reparo aos perigos se abalança;

E, alliando ao decidido atrevimento  
 Estrema, infatigavel fortaleza,  
 Gira o gladio fatal tão violento,  
 Que estremece, lampeja a natureza.  
 Para lhe responder nem um momento  
 O seu contrario tem; para a defesa,  
 Nem para respirar acha intervallo.  
 Nada de Argante poderá livral-o.

Em vão Tancredo em guarda ver procura  
 Se dos golpes acaba a tempestade;  
 Já se oppõe, já se aparta com bravura,  
 Volteando com mestra habilidade.  
 Porê m como de Argante a sanha dura  
 Nada perde na sua intensidade,  
 Furioso tambem a espada em roda  
 Brande, empregando alli a força toda.

Vence a ira a razão, supera a arte;  
 E co'o furor a robustez lhes cre'ce;  
 Sempre que luz o ferro ou corta ou parte  
 A armadura; de balde já mais de'ce.  
 Armas cobrem o chão sujas em parte  
 De sangue, que o suor empurpurece;  
 Os gladios quaes relampagos dardejам,  
 Ferem, qual raio, e no ferir trovejam.

Vacilla na incerteza cada lado,  
 Scena tão nova e atroz presenceando,  
 Pelo receio e esp'rança balançado,  
 Nos varios movimentos attentando.  
 Nem aceno se vê, nem se ouve brado,  
 Nem sôa ao menos murmurio brando;  
 Todos immoveis são e silenciosos;  
 Vida só te'm nos corações anciosos.

Lassos já estavam ambos; e findaram  
 Alli, se a pelear continuassem;  
 Mas as sombras a terra acobertaram,  
 Fazendo com que as coisas se occultassem.  
 Dois arautos então se adeantaram,  
 Para que os contendores apartassem;  
 Aridêo era um d'elles; o outro era  
 Pindoro o astuto, que o cartel trouxera.

Estes da paz os sceptros se atreveram  
 A estender entre os fortes combatentes  
 Com essa segurança que lhes deram  
 As leis antiquissimas das gentes;  
 E, depois que o combate suspenderam,  
 Pindoro assim se exprime: ambos valentes  
 Sois e na honra eguaes; cesse a peleja;  
 Que o jus da noite respeitado seja.

Em trabalhos o dia se despende,  
 E, quando elle termina, se descansa;  
 Nem generoso coração pretende  
 Acção nocturna que mudez alcança.  
 Responde Argante: a lide me defende,  
 A meu pesar, a noite que se avança;  
 Posto ame a luz tambem, a pugna é finda;  
 Mas jure o meu rival tornar ainda.

E tu jura, Tancredo lhe dizia,  
 Que o prisioneiro teu trarás contigo.  
 Sômente d'este modo, proseguia,  
 Ora a peleja a abandonar me obrigo.  
 Juraram-no. Marcado o sexto dia  
 Para o encontro de um e outro inimigo  
 Pelos arautos foi, por que voltassem  
 Vigorosos, depois que se curassem.

Do terrivel duello impressionados  
 Os sarracenos e os christãos ficaram,  
 De tanta maravilha e horror tomados,  
 Que por mui largo espaço os recordaram.  
 D'isto se fala só; commemorados  
 São o arrojo e valor que ambos mostraram;  
 Mas o pensar do vulgo se divide,  
 Pois qual d'elles prefira não decide;

E em suspensão, e dubio permanece  
 Esperando da briga o acabamentoo,  
 E se ao valor a furia prevalece,  
 Ou á coragem excede o atrevimento.  
 Mas Herminia é de todos quem parece  
 Mais desvelar aquelle pensamento,  
 Porque da decisão do incerto Marte  
 Vê de si perigar a melhor parte.



Esta, que filha foi do rei Cassano,  
 Que outr'ora Antiochia governara,  
 Tomado o reino seu, do soberano  
 Vencedor serva o fado a destinara;  
 Mas Tancredo encontrou tão bom e humano,  
 Que em seu poder ninguem na injuriara,  
 E no meio da patria arruinada,  
 Qual raíña, por elle foi honrada.

Nem só a honrou; serviu-a, e a liberdade  
 Lhe concedeu o joven glorioso,  
 Deixando-a conservar com dignidade  
 Joias, oiro, quanto era valioso.  
 Em tão bella apparencia e curta idade  
 Achando animo tal, tão generoso,  
 No amor prendeu-se Herminia, e tão captiva,  
 Que algema nunca se formou mais viva.

Assim, se o corpo fôra libertado,  
 Ficou-lhe a alma para sempre escrava,  
 E abandonar o seu senhor amado,  
 E o carcere querido a magoava;  
 Mas o real decoro, que olvidado  
 Não póde ser, d'est'arte lh'o mandava;  
 Portanto resolveu refugiar-se,  
 E em terra amiga a sua mãe juntar-se.

Veio a Jerusalem, onde acolhida  
 Pelo tyranno foi; mas logo teve  
 De chorar sua mãe, de dó vestida,  
 Que a morte lh'a roubou em tempo breve.  
 Entretanto nem esta dor pungida,  
 Nem o exilio, outra dor tambem não leve,  
 A paixão das entranhas lhe arrancaram  
 Nem coisa alguma o incendio lhe abrandaram.

Abasada de amor, a pobre ama,  
 E esperança tão fraca experimenta,  
 Que o fogo occulto, que lhe o peito inflamma,  
 Quasi só de memorias se sustenta.  
 Quanto mais dentro em si esconde a chamma,  
 Tanto esta mais se ateia, mais se augmenta;  
 Até que a vem reanimar Tancredo,  
 Ao chegar a Sião com Godefredo.

Temeram todos, quando a hoste ovante  
 De Christo foi distincta apparecendo;  
 Ella acalmou o túrbido semblante,  
 Co'a vista alegre as filas percorrendo;  
 Ávida procurava o caro amante  
 N'aquelle acervo de homens basto e horrendo.  
 Buscou-o muitas vezes sem que o visse;  
 Eil-o, outras muitas a si mesmo disse.

Ao pé dos muros no palacio havia  
 Torre de antiquissima estructura,  
 De cujo alto em redor se descobria  
 O campo franco, os montes e a planura.  
 Ahi, desde o raiar do claro dia  
 Até descer o véu da noite escura,  
 Se assenta, os olhos pelas tendas gira,  
 E com o seu pensar fala e suspira.

D'ahi o duello presencou travado;  
 E estremeceu-lhe o coração tão forte,  
 Que crêra annunciar-lhe: o teu amado  
 É aquelle que em risco está da morte.  
 D'ahi incerta, o espirito abalado,  
 Observou do combate a varia sorte;  
 E, cada vez que o ferro o infiel brandiu,  
 Os golpes dentro d'alma dar sentiu.

Mas, quando tudo soube e a nova certa  
 De que ha de a lide renovar-se, ai d'ella!  
 Insolito pavor, tamanho a aperta,  
 Que nas veias o sangue lhe congela.  
 Ignota chora, ou faz que se converta  
 Em gemidos seu mal, e á parte os vela;  
 Pallida, meio morta, entre temores,  
 Tem impressos no rosto o susto e as dores.

Com tremendas visões a sua idéia  
 A amedronta, a perturba a toda a hora;  
 É seu somno peor que a morte feia,  
 Com tão horribeis larvas a apavora!  
 Julga até ver de rubro sangue cheia  
 A imagem do guerreiro a quem adora  
 Pedindo-lhe socorro; e acorda emtanto,  
 O seio e os olhos humidos de pranto.

O temor do porvir não é sómente  
 O que sem pausa o coração lhe abala;  
 As feridas do amado juntamente  
 Ve'm na sua desgraça flagellal-a.  
 Além d'isto o rumor cresce vanmente  
 O obscuro, o longe, e o que não ha propala,  
 Pelo que julga que padece enfermo  
 Tancredo, perto já do ultimo termo.

E, pois da mãe outr'ora ella aprendera  
 Das plantas as virtudes ignoradas,  
 E os carmes com que ás chagas dar pudera  
 Curativo e deixal-as mitigadas,  
 (Arte em que alli o uso estab'lecera  
 Serem dos reis ás filhas amestradas)  
 Por si mesmo sarar ambicionava  
 O senhor caro que ferido estava.

Medicar só o amante pretendia,  
E tratar-do inimigo lhe é forçoso.  
Matar a este ás vezes lhe occurria,  
Nas chagas pondo succo venenoso;  
Porêm foge-lhe a mão candida e pia  
De se manchar em feito criminoso;  
Deseja ao menos que de todo o encanto  
Percam as hervas e o fadado canto.

Pelo meio da gente aos seus contraria  
Andar não receava; decorrida  
Na matança e na guerra sanguinaria  
Foi-lhe a inconstante, fadigosa vida;  
Assim, é por costume temeraria,  
Posto que o debil sexo a não convida;  
Nem a perturba levemente ou espanta  
A imagem do terror que outros quebranta.

Porêm mais do que tudo amor ousado  
Tanto sua fraqueza fortalece,  
Que arrostara com passo confiado  
As serpes e os leões que Libya houvesse.  
Da existencia comtudo sem cuidado,  
Cuidado a fama sua lhe merece;  
Luctam no seio d'ella duvidosos  
Honra e amor, adversarios poderosos.

Um d'est'arte lhe diz: nobre donzella,  
Que até agora minha lei guardaste,  
De quem zelei a castidade bella,  
Quando captiva entre os christãos moraste;  
Hoje livre, pretendes esquecel-a,  
Quando então prisioneira a conservaste?  
Ai! quem te acorda o tenro pensamento?  
Qual é tua esperança e teu intento?

Do teu nome serás tão pouco amiga,  
Apreciarás tão pouco a honestidade,  
Que vás buscar desprezo entre inimiga  
Genite pela nocturna escuridade?  
Queres que o fero vencedor te diga:  
Com o reino perdeste a gravidade,  
Não és digna de mim; e, baixa presa,  
Te entregue dos soldados á bruteza?

De uma outra parte amor d'esta maneira  
A embala, conselheiro falso e astuto:  
Não nasceste de tigre carniceira,  
Virgem formosa, nem de monte bruto,  
Para que desdenhar tua alma queira  
A paixão, e jámais provar-lhe o fructo;  
Não tens peito de ferro ou de diamante;  
Não, vergonha não é seres amante.

Vae; corre 'onde o desejo por ti chama.  
 Pintas-te o vencedor como inhumano?  
 Não sabes, se teu pranto se derrama,  
 Que elle quinhôa teu chorar, teu damno?  
 Tu, a quem seu perigo pouco inflamma,  
 É que has de certo coração tyranno.  
 Soffre o pio Tancredo, ó crua e ingrata,  
 E de outrem teu desvelo cuida e trata.

Salva, salva de Argante, pois, a vida,  
 Para que o teu senhor entregue á morte;  
 A tua obrigação será solvida,  
 E elle pago tambem por esta sorte.  
 Mas não te sentes toda constrangida  
 N'este mister por um horror tão forte,  
 E por um tedio tal, que estão dizendo:  
 Foge d'este logar, foge correndo?

Pelo contrario quanto humano fôra,  
 E tua alma que jubilo provára,  
 Se essa mão piedosa e salvadora  
 Ao valoroso corpo se chegára!  
 Se teu senhor, por ti curado agora,  
 De novo no semblante se animára!  
 Como, vendo-lhe as graças ir voltando,  
 Te orgulharas, tua obra contemplando!

Tambem tiveras parte em seus louvores,  
 E nas suas façanhas gloriosas;  
 E elle honestos e fervidos amores  
 Te offertaria e nupcias venturosas;  
 Depois mostrada e honrada entre as melhores  
 Mães serias e candidas esposas  
 Na Italia, n'esse assento verdadeiro  
 Da fé certa, e do animo guerreiro.

Louca! por taes esp'ranças enganada,  
 Já imagina o auge da ventura;  
 Mas de duvidas mil se vê cercada  
 Sobre como partir ha de segura.  
 Estão guardas nos muros, na morada  
 Do rei; nem porta alguma, emquanto dura  
 Tanto perigo e tão estreita guerra,  
 Sem haver grande causa, se descerra.

Hérminia de Clorinda em companhia  
 Residir muitas vezes costumava;  
 Com ella a achava o sol, quando descia,  
 E a aurora, no horizonte mal raiava;  
 Depois, quando de todo entrévecia,  
 As vezes um só leito as abrigava;  
 Conhece uma da outra a dita e as dores;  
 Apenas te'm segredo nos amores.

Isto Herminia lhe esconde unicamente;  
 E, se Clorinda a escuta lamentar-se,  
 Finge diversa causa a quanto sente,  
 Mostrando do seu fado lastimar-se.  
 Com amizade tal não ha quem tente  
 Proibir-lhe da estancia utilizar-se  
 Da guerreira, quer esta n'ella esteja,  
 Quer ausente em conselho ou na peleja.

Um dia, que era a joven n'outra parte,  
 No quarto seu a triste Herminia entrando,  
 Se pôz a meditar no modo e arte  
 De sahir, seu desejo executando.  
 Emquanto assim sem tregua se reparte.  
 Em pensamentos mil esvoaçando,  
 De Clorinda á armadura os olhos vira,  
 Suspensa nas paredes, e suspira;

E diz comsigo a suspirar: ôh! quanto  
 É feliz a fortissima donzella!  
 Como eu a invejo! Não por ter o encanto  
 Da gloria, nem a honra de ser bella;  
 Mas porque a não estorva longo manto,  
 Nem seu valor ívido muro zela,  
 Antes, se quer, sem que ninguem se opponha,  
 Anda armada, sem medo e sem vergonha.

Que não me concedesse a natureza  
 Força, e esforço que ao d'ella se egualasse,  
 Para que este vestido de fraqueza,  
 E este véu por coiraça e elmo trocasse!  
 Não retivera então minh'alma accessa  
 O tufão, por medonho que soprasse,  
 Nem sol ou neve; mas ao campo iria,  
 Acompanhada ou só, de noite e dia.

Não pelejâras, despiedado Argante,  
 Se eu fôra tal, com meu senhor; primeiro  
 Do que tu me puzera d'elle deante,  
 E quiçá hoje o houvesse prisioneiro,  
 Soffrendo o juço da inimiga amante,  
 Juço de escravidão doce, ligeiro;  
 E já por seus grilhões suavizados  
 Eu sentiria os meus, ai! tão pesados!

Ou com a sua mão me traspassára,  
 Reabrindo-me o peito; d'esta sorte  
 De amor a chaga ao menos me curára  
 Do seu gladio querido o fino corte;  
 E hoje meu corpo e mente descansára;  
 E o vencedor, depois da minha morte,  
 Talvez á que o amou sepulcro erguesse,  
 E n'elle algumas lagrimas vertesse.

Impossivel! Embalde, desditosa!  
 De illusões infundadas me alimento!  
 Ficarei pois aqui fraca e chorosa,  
 Como mulher de ignobil nascimento?  
 Ah! não! minha alma, torna-te animosa.  
 Porque por breve espaço não sustento  
 A armadura tambem, para mostrar-me  
 Com ella forte e ao p'rgo aventurar-me?

Sim; dar-me-ha energia amor ardente,  
 Amor, que inda os mais fracos avigora,  
 Que até o veado imbelle faz valente  
 Correr da paz á guerra assoladora.  
 Tanto não quero eu; porê m sómente  
 Com estas armas disfarçar-me agora,  
 E fingir-me Clorinda. A sua imagem  
 Torna-me certa e facil a passagem.

D'aquelles a' que a guarda é incumbida  
 Das altas portas qual será o ousado  
 Que trate de impedil-a na sahida?  
 Não tenho outro caminho franqueado.  
 Seja a fraude innocente defendida  
 Pela fortuna e amor que me ha mandado.  
 Vâmos; a hora é bôa ao meu intento;  
 Clorinda está co'o rei n'este momento.

D'est'arte se resolve; impulsionada  
 Da violencia do amor, mais nada espera,  
 E a armadura transporta accelerada  
 Ao seu quarto, que perto d'alli era;  
 E effeitual-o pôde, que, deixada  
 Só, a occasião a soccorrera;  
 E inda além d'isto a noite, que cobria  
 Os amantes e o furto, a protegia.

Notando ella que o céu já se recama  
 De ástros, e cada vez mais se escurece,  
 Um fiel escudeiro a occultas chama,  
 Sem que tempõ nenhum interpuzesse,  
 E uma das criadas que mais ama;  
 Diz-lhes em parte o que na idéia tece;  
 Fala-lhes de fugida; mas simula  
 Que outra causa a vontade lhe estimula.

Logo o fiel escudeiro aprompta quanto  
 Na occasião preciso ser podia.  
 Herminia a veste sua larga emtanto  
 Que majestosa até aos pés descia;  
 Mas o simples trajar lhe presta encanto  
 E agilidade, qual ninguem creia.  
 Apenas a criada, que tomara  
 Para seguir-lhe os passos, a prepara.

Co'o durissimo aço opprime e offende  
 A coma de oiro e o collo delicado;  
 Co'a dextra debil o broquel suspende,  
 Peso insoffrivel, e jámais provado.  
 Assim toda de ferro ornada esplende,  
 Apparentar tentando ar de soldado.  
 Ao vel-a ri-se amor, como se rira,  
 Quando Alcides de dama se vestira.

Oh! como ella sustenta com fadiga  
 A impropria armadura, e a custo avança!  
 Como faz ir deante a serva amiga  
 Para apoiar-se; como assim descansa!  
 Mas força aos membros, que o cansaço obriga,  
 E ao espirito infunde amor e esp'rança.  
 Chegam enfim onde' eram aguardadas  
 Pelo escudeiro, e montam apressadas.

Vão com disfarce, que o temor os leva,  
 E os caminhos mais sós seguir procuram;  
 Acham gente, comtudo; e pela treva  
 Muitas armas aqui e alli fulguram;  
 Mas contra elles ninguem ha que se atreva;  
 Todos o passo a dar-lhes se apressuram,  
 Que essa candida veste e a insigna horrivel  
 Era mesmo de noite conhecivel.

Posto que veja o susto enfraquecido,  
 Herminia alguns receios inda sente;  
 Teme que seja o engano percebido;  
 E medo tem do arrojio seu ingente.  
 Mas, junto á porta, o esconde; em decidido  
 Tom dirige-se ao guarda, e ousadamente  
 Lhe diz: Clorinda sou; abre-me a porta;  
 O rei me envia onde ao serviço importa.

É semelhante a voz da dama bella  
 Á da guerreira, e a astucia facilita.  
 Que outra, a não ser a bellica donzella,  
 D'este modo se armou quem acredita?  
 O guarda prestes lhe obedece; e ella  
 Sa'e rapida; co'os seus se precipita  
 Para os valles, por ter mais segurança,  
 E em longa, obliqua senda o corcel lança.

Mas, quando a sitio fundo e só chegára,  
 A carreira veloz um pouco susta,  
 Pois os riscos primeiros crê passara;  
 Nem de ser alcançada já se assusta.  
 Pensa agora n'aquillo em que pensara  
 Mal ao principio, e vê que mais lhe custa  
 Do que ideou, por seu amor levada,  
 No campo dos christãos haver entrada.

Que em meio do inimigo, qual guerreiro,  
 Era insania arriscar-se agora via;  
 Também a outrem se mostrar primeiro  
 Que ao seu senhor amado não queria.  
 Com honra á tenda ir do cavalleiro  
 Secreta, inesperada pretendia;  
 Pára pois; o escudeiro tira á parte,  
 E, mais prudente, falla-lhe d'est'arte:

Ao campo franco os passos me precede;  
 Mas sê dextro e sagaz, por vida minha;  
 Ahi indaga de Tancredo; e' pede  
 Que te levem aonde elle definha;  
 Ao qual diz: uma dama vem adrede  
 Dar-vos saúde, e pedir paz, mesquinha!  
 Paz que me move guerra amor tyranno.  
 Assim, curando-o, abrandarei meu damno.

E que essa dama está d'elle tão certa,  
 Que, sendo em seu poder, não teme nada;  
 Finge ignorancia, se depois te aperta  
 Curioso, e fazes volta sem parada.  
 Eu aqui, n'estes sitios encoberta,  
 Aguardarei emtanto descansada.  
 Acaba; e o nuncio, como se tivesse  
 Azas, dentro de pouco desaparece.

E tão bem procedeu, que amigamente  
 No campo e na presença introduzido  
 Foi do heroe, que escutou alegremente  
 Da donzella o recado. Despedido  
 Já d'este, que mil duvidas na mente  
 Volveu e revolveu era partido,  
 E a ella a fausta nova já trazia:  
 Que occulta, com decencia ir poderia.

Emtanto Herminia, a qual se impacientava,  
 Inquieta, receosa da demora,  
 Os passos do escudeiro numerava,  
 Calculando: chega, entra, volta agora.  
 Parece-lhe, e a idéia a magoava,  
 Mais vagaroso do que nunca fôra.  
 Emfim para uma altura se endereça,  
 Donde o arraial a descobrir começa.

Sem nuvens, e com toda a pompa sua  
 Mostrava a noite o manto constellado;  
 Raios lançando e perolas, da lua  
 Já reluzia o glôbo, ha pouco nado;  
 Herminia aos astros a desdita crua  
 Do coração mandava enamorado.  
 Nos mudos campos, no silencio amigo  
 Tinha seus confidentes, seu abrigo.



Depois dizia, o acampamento olhando:  
Tendas formosas por que só suspiro,  
Conforta-me este ar; em me acercando  
De vós até mais placida respiro!  
Assim tornem meus rogos o céu brando,  
E eu logre a paz, a que de ha tanto aspiro,  
O que em vós só desejo; pois só creio  
Paz encontrar de vossa guerra em meio.

Ai! acolhei-me; aquella piedade  
Ache eu em vós que amor me promettera,  
E que já desfructei na f'licidade,  
Quando do meu senhor captiva era.  
Cobrar com vossa ajuda a majestade  
E o reino esta minh'alma não espera;  
Não, se me é concedido tão sómente  
Servir em vós, existirei contente.

D'este modo se exprime, não prevendo  
Como o infortunio proximo lhe esteja.  
Nas suas armas lucidas batendo  
De chapa o lume celestial lampeja,  
De sorte, que em distancia percebendo  
Qualquer o seu clarão, que em roda alveja,  
E o grande tigre argenteo, que vomita  
Chammas, Clorinda ser logo acredita.

Quiz a sua má sorte que estivessem  
Perto muitos guerreiros emboscados,  
Que aos dois irmãos latinos obedecem  
Alcandro e Poliferno, os quaes postados  
Eram alli, por que estorvar pudessem  
Que a Sião fossem viveres levados;  
E, se passou acaso o mensageiro,  
Foi por volta maior ir dar ligeiro.

O joven Poliferno, que ao pae vira  
De Clorinda matar a espada infensa,  
Notando a branca veste abafa de ira,  
Pois que é de certo a matadora pensa,  
E aos seus soldados o seu fogo inspira;  
Nem já em si contendo a raiva immensa,  
Como que insano, lhe arremessa a lança,  
E grita: morre; porêm não na alcança.

Qual cerva, que demanda sequiosa  
Logar onde agua tenha fresca e viva,  
De rocha a rebentar fonte formosa,  
Ou rio que entre troncos se deriva,  
Mas que, se encontra os cães, quando ociosa  
Quer mitigar a sêde á sombra estiva,  
Torna atrás, por fugir, e vae correndo  
Do cansaço e da sêde se esquecendo;

Assim Herminia a sêde, que soffria  
De amor no peito enfermo sempre ardente,  
Mitigar esperava na alegria  
Honestas, e repousar a oppressa mente,  
Porêm, vendo que alguém isso impedia,  
Apenas a ameaça e o ferro sente,  
O desejo abandona, e intimidada  
Deita o cavallo seu á desfilada.

Foge a dama infeliz; piza ligeiro  
O seu corcel o chão; correndo a segue  
A socia logo, emquanto que o guerreiro  
Com muitos dos soldados as persegue.  
N'isto chega das tendas o escudeiro,  
Por que a resposta já tardia entregue,  
E as acompanha incerto; na campina  
Separaram-se co'o mêdo que os domina.

Mas o prudente Alcandro, posto viu  
Qual o outro, a Clorinda simulada,  
Porque estava mais longe, decidiu  
Permanecer, como antes, na emboscada.  
Para o campo depois logo expediu  
Um nuncio com aviso que tomada  
Coisa alguma por elles fôra ainda;  
Mas que ia seu irmão após Clorinda;

E que suppunha, e que a razão mostrava,  
Sendo ella commandante, e não soldado,  
Que da cidade a essa hora se apartava  
Para algum feito grande e assignalado;  
Porêm ao capitão mandar tocava,  
E à elle executar o seu mandado.  
Chega noticia tal ao acampamento,  
E entra as tendas latinas n'um momento.

Tancredo inda suspenso da ventura  
Da outra nova, esta escutando, ah! vinha  
Talvez buscar-me, diz; a formosura  
Corre agora perigo; e a culpa é minha.  
Então, tomando parte da armadura,  
Cavalga tacito, e veloz caminha;  
E os indícios da dama vae seguindo  
Pelas vias por onde a crê fugindo.

## CANTO VII

Entretanto a uma antiga selva umbrosa  
Pelo cavallo Herminia é conduzida;  
Já não governa o freio, de medrosa,  
E parece entre a morte quasi e a vida.  
Por tantas sendas leva á desditosa  
O corcel, que por fim desaparecida  
É para os que sem tregua a perseguiam;  
Pelo que d'ella após embalde iriam.

Como, depois de fadigosa caça,  
Os cães recolhem tristes e anhelantes,  
Por haverem perdido á fera a traça,  
Escondida entre troncos verdejantes,  
Taes, cheios de vergonha e de ameaça,  
Os christãos tornam lassos e offegantes;  
Foge a donzella emtanto á redea sôlta,  
E a olhar se a perseguem nem se volta.

Sem conselho e sem guia vae fugindo  
Durante toda a noite e todo o dia,  
Nada vendo em redor e nada ouvindo  
Senão seu pranto e gritos de agonía,  
Até quê, quando o sol, já disjungindo  
Os cavallos, ao salso mar descia,  
Do formoso Jordão á veia clara  
Chega, e ao pé d'ella se desmonta e pára.

Nada come; seus males a alimentam,  
E sómente de lagrimas tem sêde;  
Mas o somno, em que os homens exp'riimentam  
Repoiso e olvido, e que ao lidar succede,  
As dores paralysa, que atormentam  
Sua alma afflicta, e a sensação lhe impede.  
Amor, como a infeliz os olhos fecha,  
Nem assim mesmo socegal-a deixa.

Só acordou quando sentiu as aves  
Saudar chilrando os matinaes albores,  
E o rio e arbustos murmurar suaves,  
E o zephyro brincar n'agua e nas flores.  
As palpebras então descerra graves,  
Vê uns ermos albergues de pastores,  
E da agua imagina e d'entre a rama  
Que uma voz sa'e, que a prantear a chama.

Mas quebrados seu choro e seus lamentos  
São pelos sons de musica serena,  
Mistura de bucolicos accentos,  
E da grosseira, campesina avena.  
Ergue-se; e, caminhando a passos lentos,  
Acha um velho abrigado á sombra amena,  
Tecendo cestos de um rebanho perto,  
E ouvindo de três jovens o concerto.

Das insolitas armas, de repente,  
Á vista em sustos cada qual se lança;  
Cumprimenta-os Herminia gentilmente;  
E para os socegar descobre a trança.  
Segui, lhes diz, do céu bemdicta gente,  
Vossa lida com toda a confiança;  
As minhas armas guerra não vos trazem,  
Nem vosso canto e obras cessar fazem.

Depois accrescentou: tão descansados  
Como habitaes aqui, em torno ardendo  
A sanguinosa guerra, dos soldados  
Sem mêdo ás forças e ao furor tremendo?  
Filha, a minha familia e estes meus gados  
Sempre illesos guardei aqui vivendo;  
O temeroso estrepito de Marte  
Nunca alterou esta remota parte;

Ou porque, favoravel, a humildade  
O céu proteja do pastor insonte,  
Ou porque, como o raio, e a tempestade  
Que buscam mais do que a planície o monte,  
Da espada do estrangeiro a feridade  
Só procure dos reis ferir a frente;  
Nem que incite as cubiças é possível  
Nossa pobreza vil e desprezível.

Vil para os outros, para mim tão cara,  
Que por ella oiro e c'rôas não acceito;  
Vontade alguma ambiciosa e avara  
Encontra abrigo no meu calmo peito;  
Apago o ardor da sêde na agua clara,  
Onde veneno sei não é desfeito;  
A minha horta e rebanho fornecida  
Me te'm a parca mesa de comida.

Facilmente os desejos satisfaço;  
Para viver com pouco me contento;  
Estes meus filhos são; a elles faço  
Guardar o gado; servos não sustento.  
Aqui os dias solitario passo,  
Entretendo-me em ver saltar o armento,  
Os peixes n'este rio em ver nadando,  
E as avesinhas para o céu voando.

Outr'ora no calor da juventude  
 Outra ambição nutri bem differente;  
 Reputei ser pastor officio rude,  
 E o meu paiz abandonei contente;  
 Estive em Memphis; ao serviço pude,  
 Como criado, entrar do rei potente;  
 E, posto que os jardins em guarda tive,  
 Sei que nas côrtes a injustiça vive.

Levado de esperanza presumida,  
 Longo tempo ao mais arduo sujeitei-me;  
 Porém, da florea idade á despedida,  
 Sem arroj e esperanças encontrei-me;  
 Suspirei pela minha paz perdida;  
 D'esta baixa existencia recordei-me;  
 E da côrte sahi. Assim, tornado  
 A meus bosques, feliz tenho passado.

Emquanto d'este modo elle se exprime,  
 Escuta-o Herminia com mudez completa;  
 A voz prudente n'alma se lh'imprime,  
 E um pouco o soffrimento lhe aquieta.  
 Depois que a mente imaginando opprime  
 Com mil idéias, n'essa tão secreta  
 E calma solidão ficar deseja  
 Até que o fado a volta lhe proteja;

Pelo que diz: ó velho afortunado,  
 Que houveste do infortunio a experiencia,  
 Assim te guarde o céu tão doce estado,  
 Como te môva a dó minha existencia;  
 Entre os teus me recebe apiedado;  
 Quero habitar aqui n'esta innocencia;  
 Talvez a minha magoa se minore,  
 Quando no meio d'estas sombras more.

Se fôsses de thesoiros desejoso,  
 Como o vulgo, que um deus n'elles adora,  
 Poderia fazer-te venturoso,  
 Tanta riqueza tenho mesmo agora.  
 N'isto dos bellos olhos copioso  
 Chôro derrama, e triste se deplora,  
 Contando parte do seu mal; emtanto  
 Chora o pastor por escutar seu pranto;

E a consola depois, nem que por ella  
 De paternal amor inteiro ardesse,  
 E á esposa a conduz, a qual, singela,  
 Na indole com elle se parece.  
 De grosseiro vestido a real donzella  
 Se cobre, e a tôsco véu a trança offrece;  
 Nas maneiras porém e no semblante  
 Mostra não ser dos bosques habitante.

Não lhe occulta o vestido humilde e extranho  
 O brilho, a majestade, a gentileza;  
 É o regio esplendor tal, e tamanho,  
 Que tra'e dos exercicios a rudeza.  
 De cajado, a pastar leva o rebanho:  
 Do ovil á tarde o encerra na estreiteza;  
 Munge o leite co'as mãos de pura neve,  
 E o comprime depois no cincho breve.

Quando, fugindo aos estivaes ardores,  
 Á sombra todo o armento descansava,  
 Nas faias, nos loireiros sorridores  
 O amado nome vezes mil gravava,  
 E seus crueis e tétricos amores  
 Em milhares de troncos memorava;  
 Depois a propria historia lendo escripta,  
 Innundava-a de lagrimas, afflictá;

E conservae, carpindo-se dizia,  
 Ó arvores, a minha inf'licidade,  
 Porque, se algum fiel amante um dia  
 Buscar do vosso abrigo a amenidade,  
 Vendo tamanha dor, tanta agonia,  
 Sinta acordar em si a piedade,  
 E exclame: ah! quão injusta foi a sorte!  
 Como pagou amor amor tão forte!

Talvez, se tu, ó céu, ouvido prestas  
 Ao rôgo dos mortaes, que inda trazido  
 Seja a estes logares e florestas  
 Quem talvez já de mim vive esquecido,  
 E, dirigindo os olhos para estas  
 Partes; onde o meu corpo perseguido  
 Emfim repouará, verta algum pranto,  
 Premio tardío de martyrio tanto.

Assim, se em vida foi triste meu peito,  
 Morta eu, será minh'alma venturosa,  
 E do seu fogo a fria cinza o effeito  
 Gosará, que eu não góso desditosa.  
 Aos surdos troncos fala d'este geito,  
 Derramando mil lagrimas formosa.  
 De a procurar emtanto não se farta  
 Tancredo; e mais e mais d'ella se aparta.

Cuidadoso a seus rastos attendendo,  
 Guia o corcel á selva que é vizinha;  
 Mas o matto era aqui tão negro e horrendo,  
 E o dia tanto declinado tinha,  
 Que, já signal algum não conhecendo,  
 Assaltado de duvidas caminha,  
 E escuta em derredor attentamente  
 Se algum tropel, se algumas armas sente.

Se a viração nocturna rumoreja  
Ao passar pela faia ou pelo olmeiro,  
Se move os ramos ave que avoeja,  
Ao sitio do rumor corre o guerreiro.  
Deixa a selva por fim; a lua alveja,  
E á luz d'ella dirige-se ligeiro  
Por senda ignota a um som que longe ouvia,  
Té que chega ao logar donde sahia;

No qual rebentam de vivaz rochedo  
Limpidas, frescas aguas abundantes,  
Que murmuram depois em curso ledo  
Qual ribeiro entre margens verdejantes.  
Ahi pára; ahi brada em vão Tancredo;  
Só os echos lhe tornam circumstantes.  
Entretanto desponta já da aurora  
A face rubicunda e encantadora.

Geme, accusando o céu que a desejada  
Vista lhe rouba, e especial ventura;  
Mas, se fôr sua amante maltratada,  
Obter vingança das offensas jura.  
Voltar decide então, inda que a estrada  
Não sabe se achará por que procura;  
Volta, que perto o dia era prescripto  
De pelejar co'o campeão do Egypto.

Parte por via incerta. Eis senão quando  
Percebe um tropear que augmenta e avança,  
E vê de estreito valle despontando  
Um homem de correio á semelhança,  
Na mão flexivel látego agitando,  
Com a bozina ao lado, á nossa usança.  
Pede Tancredo que o caminho diga  
Que para o campo dos de Christo siga.

Para lá mesmo agora Boemundo,  
Responde o outro em italico, me envia.  
Nuncio do tio o crê; e assim jocundo  
O mancebo lhe acceita a companhia.  
Vão ter emfim a um lago inerte e immundo,  
O qual forte castello em meio havia.  
Era a hora em que o sol se precipita  
No reino do negror, que a noite habita.

Sôa o nuncio a bozina, mal chegado,  
E uma ponte se abaixa em continente.  
N'este logar, lhe diz, ficar te é dado,  
Se és christão, até vir o sol nascente.  
O conde de Cozenza assignalado  
O tomou ha três dias ao descrente.  
Examina-o Tancredo; e formidavel  
O suppõe, na arte e sitio inexpugnavel.

Receia logo após que n'um tão forte  
Castello alguma insidia se occultasse;  
Porém, afeito a defrontar a morte,  
Nada fez que no rosto o demonstrasse;  
Que aonde fosse por escolha ou sorte  
Só seu valor queria o assegurasse;  
Comtudo aqui bater-se não deseja,  
Por o ter emprazado outra peleja.

Por isso no terreno, em que descera  
A curva ponte, a marcha duvidosa  
Susta um pouco, e indeciso considera  
Sem ir atrás da guia insidiosa.  
Mas n'ella já um cavalleiro o espera  
Com apparencia altiva e rancorosa;  
Na mão direita a nua espada esgrime;  
E ameaçador e aspero se exprime:

Ó tu, que por acaso, ou por queres  
Aos dominios fataes chegas de Armida,  
Entrega-te; na fuga não esperes;  
Que a tua liberdade está perdida.  
Entra o seu paço; e emquanto aqui viveres  
Serve-a, como por muitos é servida;  
Nem de rever o céu tenhas esp'rança  
Com o tempo, ou da idade co'a mudança,

A não prestares antes juramento  
De os christãos guerrear. Ouve ao refece  
Tancredo, e logo, mal o encara attento,  
Pela fala e armadura o reconhece.  
É Rambaldo o gascão, que em seguimento  
Foi da formosa Armida, e lhe obedece;  
Tornado á crença do infiel por ella,  
Empunha o ferrô só por defendel-a.

De justa indignação a fronte accesa,  
O pio heroe troveja: renegado,  
Eu sou Tancredo, que de Christo a empresa  
Tomei, e só por ella hei pelejado;  
Seus contrarios por sua fortaleza  
Venci; em ti vel-o-has ora provado;  
Pois minha mão foi pelo céu eleita  
Para vingança em ti ser hoje feita.

Turba-se, áquelle nome glorioso,  
O impio guerreiro, e lhe desmaia a face;  
Mas, disfarçando-o, exclama: desditoso,  
Porque has vindo onde a morte te acabasse?  
Hei de domar-te as forças, orgulhoso,  
Hei de cortar essa cabeça audace,  
E aos francos envial-a de presente,  
Se o que valho meu braço não desmente.



D'este modo o pagão; e, como o dia  
 Findo era já, e apenas se enxergava,  
 Tanta lampada em torno apparecia,  
 Que o ar formoso e lucido ficava.  
 Qual em rico theatro, resplendia  
 O castello; e no alto se assentava  
 Armida, por que, a todos invisivel,  
 Tudo presenciar fosse possivel.

Para a lucta feroz o joven nobre  
 Emtanto as armas e o valor prepara;  
 Deixa o debil cavallo, porque sobre  
 A ponte o infiel a pé se adeantara;  
 Com o elmo e o broquel, de que se cobre,  
 Rambaldo vem, erguendo a espada clara.  
 Sa'e-lhe ao encontro o principe arrojado,  
 Sinistro ó olhar e pavoroso o brado.

Aquelle pelas armas defendido  
 Dá largas voltas, botes simulando;  
 Este, posto cansado e mal guarido,  
 Vae contra elle, resolutu, e, quando  
 O inimigo recúa, decidido  
 E veloz o persegue fulminando;  
 Já o estreita; já o encalça e affronta,  
 E o gladio ao rosto muita vez lhe aponta;

E onde mais o vulnera cruelmente  
 É onde pôz mais vida a natureza,  
 Unindo a ameaça aos golpes, imponente,  
 E aos temores dos golpes a fereza.  
 Aqui, alli se volve o diligente  
 Gascão, e furta o corpo com dextreza,  
 Buscando com o escudo ou com a espada  
 Que seja a furia do rival baldada.

Menos veloz Rambaldo era comtudo  
 Na defesa que o outro; da peleja  
 Tem já partido o capacete e o escudo,  
 Já sangue o traspasado arnez gotteja,  
 E inda o contrario não feriu sanhudo,  
 Pois sempre em vão por lhe chegar forceja;  
 E teme, e já o pungem com ve'emencia  
 Vergonha, amor, despeito, consciencia.

Emfim resolve em desesp'rada guerra  
 Exp'rimentar o esforço derradeiro;  
 Larga o broquel, juntando as mãos, aferra  
 O virgem gladio, e co'o fiel guerreiro  
 Audaz, de perto, rudemente cerra;  
 Joga-lhe grande talho; era o primeiro  
 Que damno lhe causasse, pois se interna,  
 Da armadura apesar, na esquerda perna;

E tão riço na frente lh'o segunda,  
 Que no metal batendo fundo echôa.  
 Não lhe abre o elmo a espada furibunda,  
 Mas faz que elle se encolha e o atordôa.  
 A face do christão de ira profunda  
 Flammeja; o olhar de chammas se povôa;  
 E da vizeira sahem-lhe os ardentes  
 Raios dos olhos e o estridor dos dentes.

O perfido pagão já não sustenta  
 Aquelle assustador, fatal aspeito;  
 Ouve zunir o ferro, e se amedrenta,  
 Crendo sentil-o já dentro do peito.  
 Evita o golpe; o qual em cheio assenta  
 N'um pilar junto á ponte, de tal geito  
 Que o parte. Em lascas este ao ar se eleva,  
 E ao coração traidor o gêlo leva;

Pelo que á ponte corre, e na fugida  
 Da sua salvação põe só a esp'rança.  
 Tancredo o aperta; e a mão já destendida  
 Tem sobre elle; e co'os pés seus pés alcança;  
 Mas eis que apaga força não sabida  
 Astros, luzes, e a fuga lhe afiança;  
 Nem no deserto céu a meiga lua  
 Mostra a mais tenue claridade sua.

Entre encantos e trevas o animoso  
 Vencedor ao vencido não persegue,  
 Que nada vê; e o passo duvidoso  
 É mal seguro move, ao pasmo entregue.  
 Transpõe no seu caminho tenebroso,  
 Por acaso, uma porta, e ávante segue;  
 Mas sente-a após de si bater terrivel;  
 E n'um logar se encontra escuro e horrivel.

Qual o peixe que busca fugitivo  
 Abrigo onde o mar sóe apaular-se  
 No seio de Comacchio, ao furor vivo  
 Allí crendo das ondas esquivar-se,  
 E se entrega á prisão, em que captivo  
 Ficarâ para nunca libertar-se,  
 Pois é carcere aquelle que só deixa  
 Entrar, e que a sahida sempre fecha;

Assim Tancredo então, fosse qual fosse  
 O modo extranho da prisão sombria,  
 Penetrou n'ella, e de repente achou-se  
 Preso onde ninguem fugir podia.  
 Para forçar a porta em vão cansou-se;  
 Com mão robusta em balde a sacudia.  
 Emtanto ouve estas vozes: ó guerreiro,  
 Não sa'es d'aqui; de Armida és prisioneiro.

No sepulcro dos vivos, sem ter medo  
À morte, viverás aqui teus annos.  
Não responde, mas guarda o bom Tancredo  
Os gemidos do peito nos arcanos;  
Accusa a sorte e amor como em segredo,  
Sua insania, dos outros os enganos,  
E ás vezes diz em tática linguagem:  
É-me leve perder do sol a imagem.

Perco de um outro sol a cara vista.  
Ai! nem sei se algum dia será dado  
Que a minh'alma de jubilo se vista,  
E se asserene ao brilho seu amado.  
Lembra-lhe após Argante, e se contrista  
Inda mais: ao dever como hei faltado!  
E que falta! E que opprobrio! Que eu mereça  
Que me insulte o inimigo e me escarneça!

Pelo amor, pela honra commovido,  
Tancredo alternamente assim pensava;  
Mas n'este tempo Argante mal soffrido  
De estar no brando leito se indignava.  
Tanto o socego lhe era aborrecido,  
Tanto sem gloria e sangue se alterava,  
Que, das feridas não curado ainda,  
Da sexta aurora aneia pela vinda!

A noite precedente o infiel guerreiro  
Apenas a cabeça descansára;  
Inda escuro, levanta-se ligeiro,  
Quando os cumes a luz nem mesmo aclara,  
E as armas pede ao pródigo escudeiro,  
Que solícito já lh'as apromptara,  
Não as do uso, mas outras com que o havia  
Presenteado o rei, de alta valia.

Sem muito reparar, toma a armadura;  
Nem o gran pêso o corpo lhe carrega;  
Ao lado a amiga espada dependura  
De finissima temp'ra, e a si a chega.  
Assim cometa pela esphera escura  
Medonho, rubra a coma, se desprega,  
Vindo os reinos mudar, e trazer damnos  
E peste, infausta luz para os tyrannos.

Armado Argante brilha d'esta sorte,  
E volve o olhar ebrio de sangue e d'ira;  
Vertem os actos seus horror de morte,  
E ameaça de morte o rosto inspira.  
Alma não ha, por mais segura e forte,  
Que não se aterre, se elle os olhos gira.  
A espada nua brande; o ar, a treva,  
Baldadamente fere e o brado eleva:

Dentro de pouco o roubador ousado,  
 Que a mim no orgulho seu quer egualar-se,  
 Ha de cahir vencido e ensanguentado,  
 Ha de sob os meus pés n'õ chãõ rojar-se.  
 Verá, vivo, por mim ser despojado,  
 Sem que pelo seu Deus possa livrar-se;  
 Nem, pedindo-o, fará que aos cães eu tire  
 O pasto do seu corpo, quando expire.

D'esta maneira o toiro, se o irrita  
 Dos ciumes o estímulo pungente,  
 Em horroroso brado muge e grita,  
 Os brios despertando loucamente;  
 Pelos troncos as pontas exercita,  
 Aos ventos arremette inutilmente;  
 E, de longe, escarvando a dura terra,  
 Desafia o rival a entrar em guerra.

De equal furor movido, chama Argante  
 O arauto, e assim lhe ordena em voz truncada;  
 Desce ao campo inimigo, e o arrogante  
 Christão convida á pugna começada.  
 N'isto cavalga, conduzindo adeante  
 O seu captivo; e, sem que espere nada,  
 Já da cidade sa'e, já altaneiro  
 Corre e se precipita pelo oiteiro.

Entretanto a trombeta resoando  
 Em tom horrisono ao redor se estende,  
 E, dos trovões o estrepito imitando,  
 Os corações e ouvidos acre offende.  
 Vão-se os heroes na tenda congregando,  
 Que maior extensão em si compre'ende;  
 Ah! juntos, o arautó desafia  
 Tancredo; os mais tambem não excluia.

Em torno Godefredo move lento  
 A vista, incerta a mente è receosa;  
 Por mais que olhe e que volva o pensamento,  
 Ninguem vê para empresa tão famosa.  
 A flor dos seus partiu do acampamento;  
 De Tancredo nem nova duvidosa;  
 Longe Boemundo está; e por seu erro  
 O invencivel Reynaldo anda em desterro;

E, além dos dez da sorte protegidos,  
 Tambem do campo foram nos melhores  
 Da bella Armida atrás, favorecidos  
 Da noite silenciosa e seus negroses.  
 Os outros menos fortes e atrevidos,  
 Mudos, sentem do pejo as vivas cores;  
 Nem ha quem pela honra a vida exponha;  
 O temor vence n'elles a vergonha.

A tal silencio e mostra da fraqueza  
 Dos seus o capitão capacitou-se,  
 E, todo indignação, todo nobreza,  
 Subito d'onde estava levantou-se.  
 Não merecera a luz da natureza,  
 Principiou, se tão abjecto eu fosse,  
 Que vilmente um pagão assim deixasse  
 Que nosso pundonor aos pés calcasse.

Fique o exercito em paz; e de segura  
 Parte o perigo meu veja folgado.  
 Eia, trazei-me prestes a armadura.  
 Sem demora o que diz é executado.  
 Mas Raymundo, que á idade já madura  
 Reúne são conselho e comprovado,  
 E aos presentes nas forças bem se eguala,  
 A frente avança, e d'este modo fala:

O que, senhor? Em contingencia 'o inteiro  
 Exercito contigo ha de ser posto!  
 És capitão, não simplice guerreiro;  
 Fôra commum e publico o desgosto.  
 Da fé, do imperio arrimo verdadeiro,  
 Por ti ha de humilhar Babel o rosto;  
 A ti cabe sómente o sceptro e o mando;  
 A nós expor a vida pelejando.

Eu, bem que já me curve a longa idade,  
 Estou prompto na lide a apresentar-me.  
 Fugam outros da guerra a tempestade;  
 Co'a velhice não quero acobertar-me.  
 Ah! se eu tivera a vossa mocidade,  
 Não poderia, como vós, quedar-me,  
 Sem a vergonha vos tirar da incuria  
 Contra quem vos arroja á face a injuria!

Ah! fosse eu como quando satisfeito  
 Ante a Germania, na sublime côrte  
 Do segundo Conrado, abri o peito  
 Ao feroz Leopoldo, e o dei á morte!  
 E foi de alto valor mais claro effeito  
 O então triumphar de homem tão forte,  
 Do que se algum de nós, sem que se armasse,  
 Muitos d'essa vil gente afugentasse.

Se esse antigo vigor inda meu fôra  
 Houvera este orgulhoso já punido;  
 Mas, se não tenho o prestimo de outr'ora,  
 Tenho alma, e grave de annos não trepido.  
 Se no campo ficar sem vida, embora;  
 Com damno do infiel serei vencido.  
 Vou-me armar; seja o dia este que illustre  
 Todo o passado meu de novo lustre.

Assim o augusto ancião; e os generosos  
 Sons o valor nos animos accendem.  
 Os tímidos ha pouco e silenciosos  
 Ora altivos a colera desprendem.  
 Ninguem foge da pugna; ambiciosos  
 Muitos para alcançal-a até contendem:  
 Estevam, Guelfo, do germano imperio,  
 Balduino, os Guidos dois, Gernier, Rogerio,

E Pyrrho, o mesmo que entregou sem guerra  
 A nobre Antiochia a Boemundo,  
 E Evrardo, oriundo da escoceza terra,  
 E Rudolpho, e o intrepido Rosmundo,  
 Este d'Irlanda, aquelle d'Inglaterra,  
 Povos que parte o mar do nosso mundo;  
 Tambem Gildippe e Eduardo alli porfiam,  
 Esposos que um para o outro só viviam.

Mas, excedendo-os, o arrojado velho  
 Se mostra cheio de desejo e ardente.  
 Armado é já do bellico apparelho;  
 Falta-lhe apenas o elmo reluzente.  
 Diz-lhe então Godefredo: ó vivo espelho  
 Do vetusto valor! que a nossa gente  
 Comtigo aprenda, pois em ti de Marte  
 Reluz a honra, disciplina e arte.

Oh! se acaso entre os jovens eu tivera  
 Dez de valor a este semelhante,  
 Como Babel soberba não vencera,  
 E a cruz de Thule ao Bactro alçara ovante!  
 Mas cede agora, eu te supplico; espera  
 Obra aos teus annos propria, e mais prestante;  
 E deixa que dos mais um vaso acolha  
 Os nomes, por que a um a sorte escolha;

Ou, antes, Deus, de cujo pensamento  
 É escrava a fortuna, escravo o fado.  
 Não desiste o ancião do seu intento,  
 E quer ser entre os mais tambem contado.  
 No elmo as sortes deita o chefe attento,  
 E, depois de as haver bem agitado,  
 A primeira de dentro sahir vê-se,  
 E n'ella o conde de Tolosa lê-se.

É o seu nome alegremente ouvido,  
 E da escolha ninguem ousa queixar-se.  
 Elle, de fresco arrojado abastecido,  
 Parece no semblante remoçar-se.  
 Tal, demudado o natural vestido,  
 Lança oiro a cobra, e crêreis renovar-se.  
 Mais que todos o applaude o chefe, e gloria  
 Lhe augura com magnifica victoria;

E, descingindo a espada assignalada,  
 A entrega em suas mãos e assim se exprime:  
 Do rebelde Saxão esta é a espada;  
 Co'a vida negra, em que pesava o crime,  
 Por minha propria mão lhe foi tirada;  
 Hoje, fazendo minha vez, a esgrime.  
 Commigo ficou sempre vencedora;  
 Toma-a, feliz comtigo seja agora.

Emtanto impaciente o sobranceiro  
 Argante ameaçando assim dizia:  
 Ó gente invicta, ó povo tão guerreiro  
 Da Europa, um homem só vos desafia.  
 Venha Tancredo pois, saia a terreiro,  
 Se é que no seu valor tanto confia;  
 Ou quer no brando leito esp'rar a noite,  
 Na qual de novo seu temor acoite?

Venha outro, se elle teme; juntamente  
 Vinde vós, cavalleiros, vinde, infantes;  
 Pois não ha quem commigo as armas tente  
 Entre tantos mil homens arrogantes.  
 Eis de Christo o sepulcro em vossa frente.  
 Porque a elle não ides triumphantes  
 Realizar os votos? Eil-a a estrada;  
 Para que obra maior guardaes a espada?

O sarraceno atroz, escarnecendo,  
 Estas injurias aos christãos atira;  
 Mas, soffrer tanta affronta não podendo,  
 Mais que todos Raymundo acceso o ouvira,  
 Que o brio estimulado vae crescendo  
 Na proporção em que se augmenta a ira.  
 Ouve-o, e o seu Aquilino com presteza  
 Monta, ao qual nome impoz a ligeireza.

Este corcel no Tejo nado fôra;  
 Alli a ávida mãe do audaz armento  
 As vezes, quando a quadra que enamora  
 Sorri, e a excita com ardor violento,  
 Abrindo a bocca á brisa geradora,  
 Recebe-a, e, fecundada pelo vento,  
 Com o tepido ar, que aspira e bebe,  
 Oh! maravilha natural! concebe.

Aquilino julgáreis ser nascido  
 Da aragem d'entre todas mais ligeira;  
 Ou o vejaes, sem ser o chão ferido,  
 Passar desaparecendo na carreira,  
 Ou rapido girar apercebido  
 Em curtas voltas de uma e outra maneira.  
 O conde em tal corcel corre disposto  
 A peleja; e, volvendo aos céus o rosto:

Ó Deus, tu que á fraqueza concedeste  
 Que em Threbintho Goliás atacasse,  
 E esse flagello de Israel fizeste  
 Que a funda de um mancebo o derribasse,  
 Faze que da mesma arte eu vença este,  
 Obrigando-o a rojar na terra a face,  
 E que á soberba dome ora a velhice,  
 Como outr'ora a domou a meninice.

Assim do conde as preces resoaram;  
 E, movidas de Deus na esp'rança interna,  
 A abobada celeste remontaram,  
 Qual sobe o fogo á região superna.  
 No Omnipotente logo abrigo acharam,  
 O qual um anjo da milícia eterna  
 Chamando, o encarregou de auxiliá-lo,  
 E immune, e vencedor do infiel torná-lo.

O anjo que Raymundo em guarda houvera,  
 Escolhido da mão da Providência,  
 Desde o dia primeiro em que viera  
 Do mundo vaguear pela inclemência,  
 Como Deus novamente ora o escolhera,  
 De preservá-lo dando-lhe a incumbência,  
 Ao alto forte vôa, onde resplendem  
 As armas, que a divina hoste defendem.

Ahi guarda-se a hasta que a serpente  
 Matou, e os grandes raios temerosos,  
 E aquelles que, invisiveis para a gente,  
 Trazem pestes e males horrorosos;  
 Ahi suspende-se o fatal tridente,  
 O mór terror dos homens criminosos,  
 Que as cidades abate e os monumentos,  
 Sacudindo da terra os fundamentos.

Ahi entre outras armas refulgia  
 Broquel de lucidissimo diamante,  
 Que as nações e os paizes cobriria  
 Do frio Caucaso ao famoso Atlante.  
 É com este que o Eterno protegia  
 Algum rei justo, ou povo ao céu constante.  
 Embrança-o o anjo, e, sem que seja visto,  
 Ao lado se vae pôr do heroe de Christo.

Cheios os muros entretanto estavam  
 De varia turba, e pelo rei mandados  
 Para parar no oiteiro caminhavam  
 Muitos, que por Clorinda eram guiados;  
 Da outra parte igualmente se avistavam  
 De christãos alguns troços ordenados.  
 Para os dois combatentes um terreno  
 Se abre entre ambos os campos não pequeno.



Olha Argante, e Tancredo em vão procura.  
 Em vez d'elle outrem vê desconhecido.  
 O conde avança, e diz: por tua ventura  
 Quem buscas, d'aqui longe está retido;  
 Mas não te orgulhes, não, que essa bravura  
 A contrastar eu venho decidido;  
 Tomar posso o logar do outro guerreiro,  
 Ou contigo pugnar como terceiro.

O soberbo sorri-se, e lhe responde:  
 Onde pois é que está? Que faz Tancredo?  
 O céu ameaça; e tímido se esconde,  
 Só na fugida segurando o medo!  
 Seguil-o-hei, muito embora vá para onde  
 Do mar é o centro; paz não lhe concedo.  
 Mentos, replica o ancião; quem mais valia  
 Tem do que tu, de ti não fugiria.

Freme o circassiano e iroso brada:  
 Em seu logar te acceito; aqui te espero;  
 Como a tua loucura sustentada  
 Ha de ser dentro em breve saber quero.  
 Cada um d'elles, a lança sopesada,  
 Move-se, e joga ao elmo golpe fero;  
 O bom Raymundo o infiel co'o ferro alcança;  
 Este na sella nem sequer balança.

Corre do outro lado, mas vanmente,  
 Caso insolito, Argante rancoroso,  
 Porque pelo seu guarda resplendente  
 Foi defendido o capitão famoso.  
 Os labios morde o cru de raiva ardente,  
 E, blasphemando louco, furioso,  
 Em terra quebra a lança, a espada tira,  
 E impetuoso ao seu rival se atira.

O possante cavallo precipita,  
 Como quando a marrar corre o carneiro.  
 Raymundo passa á dextra; o golpe evita;  
 E fere o infiel na frente, passageiro.  
 Torna este, no contrario a espada fita;  
 Torna-se a desviar o ancião guerreiro;  
 Comtudo o capacete lhe fulmina,  
 Embalde, que é de tempera mui fina.

Mas o feroz pagão, que a lucta aneia  
 Mais perto, se adeanta, e co'elle cerra.  
 O conde, que de mole tal receia  
 Que o faça e ao seu cavallo dar em terra,  
 Cede-lhe ora; atrevido ora o salteia;  
 Circumvagando em inconstante guerra.  
 Segue o ginete o mais pequeno mando  
 Do freio, em falso nenhum passo andando.

Qual capitão, que excelsa fortaleza  
Oppugna entre paúes, ou em monte erguida,  
Procurando mil vias para a empresa,  
Tudo tentando, assim do conde a lida.  
Porêem como lhe oppõe tanta defesa  
O peito, e a frente de aço guarnecida,  
Fere em logar mais fraco; e para a espada  
Busca entre ferro e ferro abrir estrada.

Em duas ou três partes do contrario  
É entrada a armadura, e já sanguenta;  
Escapando ao perigo instante e vario,  
A de Raymundo illesa se apresenta.  
Em vão o ataca Argante temerario,  
E emprega n'elle a colera violenta;  
Mas não se cansa, e duplicando a força  
E os botes, a cada erro mais se esforça.

Emfim entre mil outros um terrivel  
Lhe joga; e tão chegado o conde era,  
Que evital-o talvez fosse impossivel,  
E, junto co'o corcel, ao chão viera;  
Não no esquece porêem o alto e invisivel  
Socorro, o anjo da celeste esphera,  
O qual estende o escudo de diamante  
Para aparar o aço fulgurante.

Quebra-se n'elle o gladio (nem podia,  
Pela humana pericia fabricado,  
Co'as armas competir, que feito havia  
Puras divino artifice); admirado  
Viu-o cahir Argante, e não no cria;  
Viu-o cahir em terra espedaçado;  
Para o braço olha inerte; e lá comsigo  
Pasma das fortes armas do inimigo.

Que se partira a espada acreditava  
No outro escudo que o christão defende;  
Tambem o bom Raymundo isto julgava,  
Sem saber que a seu lado o céu contende.  
Mas, como desarmado o infiel estava,  
Por um pouco no ataque se suspende,  
Pois com essa vantagem por ingloria  
E desprezível tem qualquer victoria.

Toma, dizer queria, nova espada;  
Porêem pensa comsigo d'este geito:  
Se é vencido, sua gente é deshonrada,  
Sendo de todos defensor eleito.  
Por isso ignobil palma não lhe agrada,  
Nem os christãos expor em dubio feito.  
Emquanto escolhe atira-lhe ao semblante  
Do gladio o punho o destemido Argante,

E incita, impelle célere o ginete,  
 O combate suspenso continuando;  
 E attinge de Raymundo o capacete,  
 Com um golpe, inda a face lhe marcando;  
 Mas o conde, que o medo não submette,  
 Veloz os fortes braços evitando,  
 Rasga-lhe a mão, que a elle já descia,  
 Mais do que abutre, desalmada, impía.

Depois move-se de uma a outra parte;  
 Já volta; já retira; e assim fluctua;  
 Porém sempre, quer volte, quer se aparte,  
 Fere o duro pagão com dextra crua,  
 Tudo que tinha de vigor e de arte,  
 Tudo que fazer pode a raiva sua,  
 Tudo reúne do infiel em damno.  
 O céu o ajuda, e o fado soberano.

Fiado na armadura e em si, não teme  
 O descrente; o seu animo o alimenta.  
 Tal poderosa nau, quebrado o leme,  
 E rasgadas as velas na tormenta,  
 Posto que o mar a bate, e o vento freme,  
 Tendo são o costado, se sustenta,  
 E, sem abrir-se á furibunda vaga,  
 Não imagina ainda que naufraga.

Perigavas, Argante, em tal maneira,  
 Quando auxiliar-te Belzebú procura.  
 De uma nuvem compõe sombra ligeira,  
 A qual de humano ser presta a figura;  
 Assemelha-a a Clorinda sobranceira  
 Na apparencia e na lucida armadura,  
 No andar, no gesto e voz tão conhecida;  
 Torna-a em tudo com ella parecida.

A sombra ante Oradino, experiente,  
 Famoso sagittario se offerece,  
 E lhe diz: Oradino sapiente,  
 A quem a setta obedecer parece,  
 Ah! que damno seria, se o valente  
 Defensor da Judéa assim morresse,  
 E o seu rival de seu despojo ornado  
 Tornasse para os seus victoriado!

Dá provas da tua arte habilidosa,  
 E ao franco salteador traspassa o peito;  
 Que, além da fama que haverás honrosa,  
 O rei premiará tão grande feito.  
 Finda; e aquelle co'a alma jubilosa,  
 De tamanhas promessas satisfeito,  
 Da farta aljava tira para a empresa  
 Uma flecha; e, ajustada, a corda entésa.

Sibila a têsã corda; desprendida  
 A flecha pelo ar vóa zunindo,  
 E a coiraça penetra enfurecida,  
 As fivellas do cinto dividindo.  
 Ahí pára, de sangue mal tingida,  
 A pelle apenas do christão ferindo;  
 Que o guerreiro celeste lhe embargara  
 Proseguir, e a violencia lhe quebrara.

A setta da coiraça o conde tira;  
 E ao ver o sangue em colera redobra;  
 Mil affrontas vomita; e, cheio d'ira,  
 A fé quebrada do infiel expobra.  
 O chefe, que os seus olhos nunca tira  
 De Raymundo, percebe a iniqua obra,  
 O ajuste violado; e, como teme  
 Que seja grave o ferimento, geme;

E co'a voz, e co'a fronte sobranceira  
 Incita os seus soldados á vingança.  
 N'um instante cada um cala a vizeira,  
 As redeas larga, põe no riste a lança.  
 D'este e d'aquelle lado sa'e guerreira  
 Turba, que de armas oiriçada avança.  
 O campo desaparece; e o pó miudo  
 Em densos globos se ergue e envolve tudo.

Topam-se; e um rumor se ouve retumbante.  
 Elmos, lanças, broqueis trôam quebrando.  
 Um cavallo aqui jaz; mais adeante  
 Outro, sem dono ter, anda vagando;  
 Um guerreiro é já morto; outro expirante;  
 Qual suspira; qual geme soluçando.  
 Fera a peleja vae; e se encrucece  
 Tanto mais, quanto mais se trava e cre'ce.

Salta Argante no meio apressurado,  
 E, a um guerreiro tomando ferrea maça,  
 Fôrça o tropel que o cerca, denodado;  
 E a rodeia, fazendo larga praça.  
 A Raymundo só busca; a elle voltado  
 Só tem o ferro; a elle só ameaça;  
 Qual se em suas entranhas alimento  
 Haver quizesse, lobo famulento.

Mas os passos lhe impedem corajosos  
 (Obstaculo forte) Orman primeiro,  
 E um Guido, e os dois Gerardos bellicosos,  
 E o de Barneville audaz Rogeiro.  
 Não cede; antes, por estes valorosos  
 Apertado, mais lida inda o guerreiro;  
 Tal a chamma captiva, quando fóra  
 Rompe, arruina tudo assoladora.

Mata Orman; fere Guido; lança em terra  
Entre os mortos Rogeiro egro e gemente;  
Mas dobra a multidão, com elle cerra,  
Opprimindo-o n'um circulo potente.  
Emquanto por seu braço equal a guerra  
Se mantinha entre uma e outra gente,  
Godefredo o irmão chama; e d'esta sorte  
Lhe diz: cumpre mover tua cohorte.

Corre, 'onde mais mortal a pugna arde,  
E investe o flanco esquerdo do inimigo.  
Elle o escuta, e se move sem que tarde,  
Tão bravo, que, obrigada do perigo,  
Da Asia a multidão, como covarde,  
Foge do franco, procurando abrigo;  
O qual penetra as filas e alvorota,  
E os cavalleiros e os pendões derrota.

Tambem o dextro lado em fuga é posto  
Pelo choque; resiste só Argante;  
Disperso tudo corre e descomposto,  
Que azas lhe presta o medo delirante.  
Tão sómente elle firmê volta o rosto;  
Nem de cem mãos indomito gigante,  
Que com cincoenta escudos pelejara,  
E com cincoenta gládios, mais obrara.

Maçãs, lanças, espadas, só, contrasta,  
E dos corceis os impetos affronta;  
Só, contra tantas forças elle basta,  
E vulnera este, aquelle, ou amedronta.  
É ferido; a armadura é rota e gasta;  
Verte sangue e suor; com tal não conta;  
Mas, da turba cercado e comprimido,  
Emfim a acompanhhal-a é constrangido.

Á invencivel torrente d'este modo  
As costas dá, e rábido obedece;  
Do coração emtanto o brio todo  
Mostra, se este por obras se conhece.  
Inda a ameaça nos olhos, o denodo,  
E o terror fuzilando lhe apparece;  
Inda de os seus reter nutre esperança;  
Faz quanto pôde, porêem não no alcança.

Nem consegue que a fuga ao menos seja  
Com mais ordem, ou menos apressada;  
Arte, ou freio não ha que o medo reja;  
Nem supplicas, nem mando valem nada.  
Godefredo que observa, qual deseja,  
Para os seus a fortuna bandeada,  
Segue o caminho alegre da victoria,  
E envia auxilio a compartilhar a gloria.

E, se Deus não tivesse ha muito escripto  
 No livro do destino um outro dia,  
 N'esse o exercito seu fiel e invicto  
 Á sacrosanta guerra fim poria.  
 Mas a hoste infernal que no conflicto  
 Sente baquear a sua tyrannia,  
 Sendo-lhe permitido, o firmamento  
 De espessas nuvens cobre, e solta o vento.

Aos olhos dos mortaes véu tenebroso  
 Occulta a luz; o céu, horror lançando,  
 Negreja mais que o inferno pavoroso,  
 De raios, de relampagos brilhando;  
 Sôa o trovão; granizo procelloso  
 Ca'e, os pastos e os campos inundando;  
 Quebra, espedaça os troncos a tormenta,  
 E os proprios montes abalar intenta.

Ao mesmo tempo o vento e a tempestade  
 Ferem do franco as faces altaneiras;  
 Da imprevisita procella a intensidade  
 Susta-o; fatal terror entra as fileiras.  
 D'ellas a mais pequena quantidade,  
 Sem as ver, fica em roda das bandeiras.  
 Clorinda, que d'alli distante era,  
 N'isto ao cavallo os passos accelera,

Gritando aos seus: por nós o céu combate;  
 Favor á causa da razão concede;  
 Sobre nós o seu braço não se abate,  
 Nem manejar a espada nos impede;  
 Só irritado sobre as fronteas bate  
 Do inimigo medroso que já cede,  
 E as armas lhe arrebatada e o claro dia.  
 Vamos, pois, a fortuna é o nosso guia.

D'este modo os anima; e, recebendo  
 Só pela espalda os infernaes furores,  
 Os christãos accommette, encontro horrendo,  
 E zomba dos seus golpes e rancores.  
 Então Argante, para traz volvendo,  
 Basta carnagem faz nos vencedores,  
 Os quaes do campo á pressa se retiram,  
 E ao ferro e á tempestade as costas viram.

Os que fogem persegue a sanha dura  
 Do Orco, e o gladio que esta favorece;  
 O sangue corre; ás aguas se mixtura  
 Da grande chuva, e o campo se enrube'ce.  
 Entre o vulgo dos mortos na planura  
 Ca'e Rudolpho; tambem Pyrrho perece;  
 Que o Circassiano áquelle rouba a alma;  
 E d'est'outro Clorinda leva a palma.

Assim dos francos o tropel fugia,  
 E o demonio co'o syrio o não deixava.  
 Contra as armas, granizo e ventania,  
 Contra o rouco trovão que rebombava,  
 Só Godefredo calmo resistia;  
 Asperamente os chefes censurava;  
 E do arraial á porta no soberbo  
 Corcel, colhia os seus do fado acerbo.

Para o feroz Argante inda se lança  
 Por duas vezes; e depois recúa;  
 E inda outras tantas para o sitio avança,  
 Onde a pugna é maior, a espada nua.  
 As trincheiras emfim co'os seus alcança,  
 A victoria largando que foi sua.  
 Retira-se o infiel, e consternados  
 Ficam no campo os francos fatigados.

Nem mesmo ahi da horrída tormenta  
 Achar podem reparo contra a ira;  
 Alaga a chuva tudo; e a violenta  
 Força do vento, que raivoso gira,  
 Apaga luzes, pannos arrebenta,  
 E arranca tendas, que a distancia atira.  
 O vento, os gritos, os trovões entôam  
 Horrivel harmonia, e o mundo atrôam.

Est. CXX a CXXII.

---

## CANTO VIII

Já cessara o trovão, e a tempestade,  
 E o vento mitigara seus furôres;  
 Já da manhan raiava a claridade,  
 De oiro adornada e purpurinas côres;  
 Mas inda dos demonios a maldade  
 Não cuidava em pôr termo a seus rancôres;  
 Antes, um, que Astarothe se chamava,  
 Assim, falando a Alecto, se expressava:

Vês álem vir aquelle cavalleiro,  
 (Por nós não póde ser embaraçado)  
 Que d'entre as mãos do defensor primeiro  
 Do nosso imperio, vivo, se ha livrado?  
 Aos francos vae o triste e verdadeiro  
 Fado contar dos seus, do chefe ousado,  
 E outras coisas tambem; pelo que hei medo  
 Que emfim chame a Reynaldo Godefredo.

Est. I e II.

Tu bem sabes como é conveniente  
Oppor, para impedil-o, a força e engano.  
Desce aos christãos, portanto, velozmente,  
E quanto elle expuzer converte em danino;  
Da britanna, latina e helvecia gente  
Deita nas veias teu veneno insano;  
Excita os odios; os tumultos fórma;  
E em confusão o exercito transforma.

É de ti propria a obra; já deante  
Do nosso rei disseste que a fizera  
Tua astucia e poder. Isto o bastante  
Para Alecto acceder; mais nada espera.  
Emtanto o cavalleiro n'este instante  
Chegado ao campo dos christãos já era,  
E pedia que alguem o conduzisse  
Ao capitão, e ante elle o introduzisse.

Immensa turba os passos lhe seguia,  
De ouvir o peregrino curiosa.  
Este inclinou-se, e a mão beijar queria,  
A mão de que Babel treme medrosa.  
Senhor, cujo renome, prorompia,  
Finda co'o mar, e esphera luminosa,  
Trazér melhores novas desejava;  
Aqui gemia; e após continuava:

Sueno, do rei dano unico filho,  
Seu bordão na velhice, e honra amada,  
Como outros, decidiu seguir o trilho,  
Que has tomado, e cingir por Christo a espada.  
Nem a fadiga, ou da corôa o brilho,  
Nem perigos, ou a edade fatigada  
Do velho, amigo pae o commoveram,  
E do intento magnanimo o torceram.

O seu desejo era aprender a arte  
Da milicia na guerra aspera e dura  
Comtigo, nobre mestre, e acompanhar-te.  
A sua fama o confundia obscura,  
E Reynaldo, de quem por toda a parte  
Soava o nome e a gloria, já madura  
Em verdes annos; porêm mais o zelo  
Do céu, da terra não, vinha movel-o.

Venceu tudo, portanto; e impaciente  
Juntando um corpo illustre e aventureiro,  
Se encaminhou da Thracia á côrte ingente,  
Que é coração do imperio, verdadeiro.  
O grego imperador urbanamente  
O recebeu; depois um mensageiro  
Em teu nome chegou, e que rendida  
Fôra Antiochia, disse, e defendida;



Defendida do persa poderoso,  
 O qual com tantas hostes a cercara,  
 Que o reino seu extenso e populoso  
 Deserto julgariam que ficara.  
 De ti falou, e de outros; do famoso  
 Reynaldo sobretudo: a sua clara,  
 Audaz fuga narrou e a longa historia  
 Dos feitos seus tão dignos de memoria,

Concluindo: que o franco já marchava,  
 Para dar á cidade o assalto forte,  
 E que ao menos a ser o convidava  
 Na ultima victoria teu consorte.  
 Assim o mensageiro se expressava.  
 Causa em Sueno esta nova tal transporte,  
 Que é cada hora um lustro, já querendo  
 Entre os pagãos achar-se combatendo.

Sente da gloria alheia envergonhar-se;  
 E se lhe rála o coração e enlucta.  
 Quando alguém aconselha aquietar-se,  
 Não lh'o concede, ou mesmo o não escuta:  
 Nos riscos e triumphos não achar-se  
 Comtigo como risco só reputa;  
 Este o unico mêdo que alimenta;  
 Não sabe mais nenhum; nada o amedrenta.

É elle mesmo que o seu fado apressa,  
 O fado que a nós todos conduzia,  
 Pois se mette a caminho, mal começa  
 A desejada luz do novo dia.  
 Como a optima estrada lhe pareça  
 A mais breve, por ella só nos guia;  
 Nem os passos difficeis e os perigos  
 Evita dos paizes inimigos.

Fomes, penosas sendas encontrámos,  
 Mil emboscadas, e combates varios;  
 Mas foi tudo vencido; afugentámos,  
 Ou fizemos morrer nossos contrarios;  
 Co'a fortuna seguros nos tornámos,  
 Seguros, e até mesmo temerarios;  
 Quando n'um sitio estando que confina  
 Quasi co'a região da Palestina,

Participar nos ve'm os corredores  
 Que immenso rumor de armas hão ouvido,  
 E enxergado pendões; donde temores  
 Te'm de haver perto exercito aguerrido.  
 Nem o pensar, nem do semblante as côres,  
 Nem a voz muda nosso chefe ardido,  
 Posto que dos presentes estremeçam  
 Muitos, e a tal noticia empallideçam;

Antes, diz: oh! quão perto de nós vejo  
 A palma ou do martyrio ou da victoria!  
 Mais uma espero, mas tambem desejo  
 A outra de mór preço e igual na gloria.  
 O irmãos, este campo, eu bem prevejo,  
 Templo será, onde a immortal memoria  
 Aos seculos por vir um dia aponte  
 O nosso tum'lo, ou nossas obras conte.

Assim discursa; e ordena as sentinellas,  
 E reparte os empregos e a fadiga.  
 Manda que armados fiquem; nem as bellas  
 Armas desveste, que a prudencia o obriga.  
 Inda a noite era esplendida d'estrellas,  
 E na hora do somno mais amiga,  
 Quando barbaros gritos se escutaram,  
 Que até ao céu e inferno penetraram.

Arma, arma resôa; na armadura  
 Guardado, Sueno a todos se adeanta;  
 Verte dos olhos máscula bravura,  
 E o semblante arrojado ao ar levanta.  
 Eis nós assaltam com fereza dura;  
 Cercañ-nos; e sua força é tal e tanta,  
 Que de ferros nos cinge uma floresta,  
 E uma nuvem de settas nos molesta.

Na pugna desigual, pois congregados  
 Vinte atacantes são contra um sómente,  
 Muitos morrem nas trevas, ignorados,  
 Muitos recebem golpes cruamente;  
 Mas serem uns e outros numerados  
 A funda escuridade não consente:  
 A noite nossos damnos não descobre,  
 E nossos feitos juntamente cobre.

Comtudo Sueno tanto a face alteia  
 Entre todos, que a todos é visivel,  
 E na sombra com provas se nomeia,  
 Mostrando audacia e robustez incrível.  
 Um monte de homens mortós o rodeia;  
 Faz-lhe um rio de sangue fosso horrivel;  
 E, a qualquer lado a que o conduz a sorte,  
 Leva o susto no olhar, no braço a morte.

Pelejámos assim té os alvores  
 Aparecerem do nascente dia;  
 Mas, depois de esva'idos os negroses  
 Da noite, que da morte o horror cobria,  
 A suspirada luz nossos terrores  
 Dobrou com triste scena de agonia;  
 Cheia estava de mortos a campina,  
 E nós quasi na ultima ruína.

De dois mil cem não eramos. Ah! quando  
 Elle vê tanto sangue e mortandade,  
 Não sei se áquelle quadro miserando  
 O desalento o animo lh'invade;  
 Mas não no manifesta; antes, bradando,  
 Imitemos, exclama, a heroicidade  
 Dos nossos; para o céu com elles vâmos;  
 Por seu sangue marcada a via achâmos.

N'isto da morte que vizinha espera  
 Penso que alegre n'alma e no semblante,  
 Contra os perigos e a derrota fera  
 O peito põe intrepido e constante.  
 A tempera melhor não sustivera,  
 Não de aço, mas de rígido diamante,  
 Os golpes com que Sueno o campo alaga;  
 É todo o corpo seu como uma chaga.

O valor, não a vida, lhe alimenta  
 O soberbo cadaver não vencido.  
 Ferem-no; fere; e firme se sustenta;  
 E mais offende, ao ser mais offendido.  
 Quando eis grande guerreiro se apresenta  
 Ante elle, atroz no aspecto, enfurecido,  
 E, após comprida, porfiada guerra,  
 De muitos ajudado, o lança em terra.

Ca'e, miserrimo caso! o herø preclaro!  
 Nem logrou ser por nós alli vingado.  
 Eu vos attesto a vós, meu senhor caro,  
 E ao vosso nobre sangue derramado,  
 Como não fui d'esta existencia avaro,  
 E não fugi o ferro, acovardado;  
 Se permittisse Deus que então morrera,  
 Com as minhas acções o merecera.

Fiquei vivo entre os mortos, eu sómente;  
 Nem talvez alguém vivo me creria;  
 Nada mais soube da inimiga gente,  
 Porque todo o sentir perdido havia.  
 Mas, quando aos olhos meus a luz fulgente  
 Voltou, pois negra treva m'os enchia,  
 Noite me pareceu, e avistei logo  
 Ao longe o vacillar de tenue fogo.

Não tinha eu tanto alento que pudesse  
 As coisas distinguir de modo certo;  
 Mas só da mesma sorte que acontece  
 Ao que as palpebras abre mal desperto.  
 Meu padecer fazia que crescesse  
 A aura nocturna, pois ao ar aberto  
 Exposto, ao frio, e sobre a terra nua  
 Das feridas tornou-se a dor mais crua.

Entretanto de mim se approximava  
 Com ligeiro rumor a luz sumida,  
 Té que, chegando perto, em fim parava.  
 A custo a vista elevo enfraquecida,  
 E enxergo vultos dois; cada um trajava  
 Um manto, e um facho tinha; oiço em seguida:  
 Filho, confia em Deus, cuja piedade  
 As orações previne com bondade.

Assim me diz um d'elles animando,  
 E para abençoar-me a dextra avança,  
 Baixas vozes devoto murmurando,  
 Que oiço apenas, e a mente não alcança.  
 Ergue-te, ajunta. Eu obedeço ao mando,  
 Como se não ferido, sem tardança.  
 Oh! milagre famoso! até parece  
 Que insolito vigor me fortalece.

Maravilhado, observo-os; e, suspensa,  
 A minh'alma entre duvidas anceia.  
 Percebe-o aquelle: homem de tibia crença,  
 Que duvidas concebe a tua idéia?  
 É este nosso corpo vivo e pensa;  
 Servos de Christo somos, que, da feia  
 Vida do falso mundo segregados,  
 Morâmos n'estes ermos ignorados.

Para te dar saúde eu fui eleito  
 Pelo Senhor que impera á redondeza,  
 O qual obrar miraculoso feito  
 Pelos meios humildes não despreza,  
 E não quer que ahí jaza sem respeito  
 Quem uma alma abrigou de tal nobreza,  
 Quem com ella outra vez unir-se deve,  
 Algum dia immortal, brilhante e leve.

Falo em Sueno, a quem cumpre levantar-se  
 Tumulo ao que valeu conveniente,  
 Que inda honrado ha de ser, e indigitar-se  
 Nos seculos futuros nobremente.  
 Mas olha o céu; lá fulge a assignalar-se  
 Entre os astros um astro, sol luzente;  
 Pois vae com os seus raios conduzir-te,  
 E o teu inclito chefe descobrir-te.

Então um raio eu vejo que da clara  
 Estrella, cujo brilho a vista offende,  
 Direito aonde Sueno a morte achara,  
 Como aureo traço de pincel, se estende,  
 E de maneira o corpo seu aclara,  
 Que cada uma das chagas bella esplende.  
 Subito n'esse corpo, todo rubro  
 De sangue, o amado capitão descubro.

Sobre a terra de braços não jazia;  
 Mas, por sempre lhe andar o pensamento  
 No céu, para elle o rosto inda volvia,  
 Qual se aspirasse ao divinal assento.  
 Cerrada a dextra, em punho o gladio havia,  
 Manifestando de ferir o intento;  
 Tinha a outra no peito repoisando,  
 E como que perdão a Deus rogando.

Emquanto as chagas lavo com meu pranto,  
 Com que minha paixão nada mitigo,  
 Abre-lhe a mão fechada o velho santo,  
 E d'ella extra'e o egregio ferro amigo.  
 Esta espada, elle diz, que sangue tanto  
 Derramou n'este dia do inimigo,  
 De que é tinta, conheces que é perfeita,  
 E que talvez nenhuma assim é feita.

Por isso praz ao céu, que, se apartada  
 Foi do seu dono pela acerba morte,  
 Não permaneça em ocio aqui deixada,  
 Antes, passe a outra mão valente e forte,  
 Para com brio igual ser empregada,  
 Mas por tempo maior com leda sorte,  
 E tirar (cabe-lhe essa honrosa herança)  
 Do que matou Sueno inda vingança.

Matou-o Solimão, e ao deshumano  
 De Sueno a espada ha de arrancar a vida.  
 Recebe-a; e o campo busca soberano,  
 De que São agora está cingida,  
 Sem reccar que venha novo damno  
 A marcha perturbar-te emprehendida;  
 O braço do Senhor é que te guia;  
 E ha de facilitar-te a ingrata via.

Quer elle que essa voz, de que não priva  
 Ó corpo teu, ao mundo manifeste  
 A piedade, o valor, a furia altiva,  
 Que em teu chefe adorado conheceste;  
 Por que a purpurea cruz tomem votiva  
 Muitos outros, seguindo o exemplo d'este,  
 E hoje e após muitos lustros inflammados  
 Sejam n'elle os varões mais illustrados.

Falta-me apenas apontar-te agora  
 A quem tamanha graça Deus concede:  
 É ao joven Reynaldo, a que na aurora  
 Da existencia em arrojo qualq'uer cede.  
 Dá-lh'a; e dize que a elle a punidora  
 Vingança pede o céu, e a terra pede.  
 Mas, ao passo que ouvidos eu lhe presto,  
 É-me novo portento manifesto;

Pois n'aquelle logar onde jazia  
 O cadaver, vi uma sepultura  
 Surgir subito, a qual todo o encobria;  
 Como, o pensar nem mesmo o conjectura;  
 Em breves termos do varão se lia  
 O nome n'ella e a indomita bravura.  
 Eu de tal scena a vista não tirava,  
 E ora o tum'lo, ora as lettras contemplava.

Aqui, prosegue o velho, descansando  
 Fica entre os seus teu chefe valoroso,  
 Emquanto as almas, lá no empyreo amando,  
 Gosam do bem perpetuo e glorioso.  
 Porê m tu já pagaste o miserando  
 Dever á morte, e é hora de repouso:  
 Hospede meu serás até que inflamme  
 O sol o espaço e a viajar te chame.

Finda. Eu com elles vou penosamente;  
 Por valles, por oiteiros caminhâmos;  
 E a uma gruta, cavada fundamente  
 Em brutas rochas, afinal chegâmos,  
 Onde com o discipulo sómente  
 Vive em meio das feras, que evitâmos;  
 Mais do que ferro e escudo, de defesa  
 Lhes serve a sua candida pureza.

Pobre leito, e silvestre mantimento  
 Ao corpo meu allivio concederam;  
 Porê m, mal da manhan no firmamento  
 Os raios de oiro e rosas se accenderam,  
 Para rezar me ergui, os dois attento  
 N'isto imitando, que tambem se ergueram.  
 Depois do santo velho despedi-me,  
 E aqui, qual me ordenára, dirigi-me.

O tedesco se cala. A quem responde  
 O pio Godefredo: cavalleiro,  
 A tua historia é triste; e corresponde  
 Com magua a tal desgraça o campo inteiro.  
 Quanto amigo e soldado a morte esconde  
 Em pouca terra! O vosso tão guerreiro  
 Senhor, bem como raio fulminante,  
 Brilhou, desapareceu n'um só instante.

Porê m essa derrota e feliz morte  
 Valem mais que conquistas e grandeza;  
 Nem poderá jactar-se d'esta sorte  
 O Capitolio de tamanha empresa.  
 Ora immortal corôa na alta côrte  
 Do céu lhes recompensa a fortaleza.  
 Ahí, julgo eu, suas feridas bellas  
 Mostra cada um, e alegra-se de vel-as.

Mas tu, que para os riscos e pelejas  
 A vida inda desfructas n'este mundo,  
 Convem que d'essa gloria herdeiro sejas,  
 E o rosto mostres placido e jocundo.  
 Do filho de Bertholdo ter desejas  
 Noticias; saberás que é vagabundo;  
 Nem julgo bom que o passo d'aqui môvas  
 Sem d'elle haver primeiro fieis novas.

Este falar de todos traz á mente  
 Reynaldo, e em todos seu amor ateia.  
 Quaes dizem: ai! entre descrida gente  
 O inclito mancebo ora vagueia!  
 Cada um vae desdobrando longamente  
 De seus illustres feitos a cadeia  
 Ao estrangeiro, o qual se maravilha  
 De quão formosa se lhe ostenta e brilha.

No ponto em que do heroe tinha a lembrança  
 Os corações assim apiedado,  
 Voltam muitos, que haviam por usança  
 Ir em torno prear e roubar gado,  
 De carneiros e bois com abastança,  
 Com pouco trigo, (quanto fôra achado)  
 E de palha tambem com provimento,  
 Para os corceis famintos alimento.

Estes de desventura conduziam  
 Triste signal, que na apparencia é certo,  
 Pois o vestido bellico traziam  
 De Reynaldo, sanguento, e todo aberto.  
 Em breve se espalhou (nem poderiam  
 O accidente esconder) rumor incerto.  
 Afflicto o vulgo corre, á voz aziaga  
 Das armas, do guerreiro; o caso indaga;

E logo reconhece a mole immensa  
 Da coiraca, e as mais peças, e o seu lume,  
 E o emblema da ave, que á do sol intensa  
 Chamma os filhinhos educar presume.  
 Outr'ora, quando a pugna era mais densa  
 Vêl-as sempre na frente era costume;  
 E agora, oh! dor! oh! colera! quebradas,  
 Sem seu dono, as contempla ensanguentadas.

Emquanto gran murmurio se derrama,  
 Cada qual varia causa á morte dando,  
 O summo capitão ante si chama  
 O chefe preador, que era Aliprando,  
 Homem de livre pensamento e que ama  
 Quanto é verdade; a quem interrogando:  
 Esta armadura onde e como a achaste?  
 Dize tudo que ouviste ou presenceaste.

Ao que o outro: d'aqui muito distante,  
 Quanto em dois dias um correio andara,  
 Breve plaino com Gaza confinante,  
 Escondido, entre oiteiros, se depara;  
 Descendo corre lento e sussurante  
 Um ribeiro para elle de agua clara;  
 Logar de matto e de arvores cerrado,  
 Como que para insidias preparado.

Emquanto algum armento procurâmos,  
 Que pelas verdes margens se pascesse,  
 Da agua perto um guerreiro morto achâmos  
 Na herva, que de sangue se enrube'ce.  
 Fazem suas armas que para elle vâmos;  
 Cada qual, posto sujas, as conhece.  
 Eu a todos me adeanto, pois desejo  
 Notar-lhe o rosto; mas sem fronte o vejo.

Tambem a mão direita lhe faltava;  
 Das costas golpes mil ao peito havia;  
 E não longe co'a aguia que alargava  
 As brancas azas o elmo, só, luzia.  
 Quando eu d'alguem informação buscava,  
 Eis um camponezito apparecia,  
 Que, ao descobrir-nos, para trás volvendo,  
 Procurou escapar, deitou correndo.

Mas foi seguido e preso; e, perguntado,  
 Por estes modos afinal se expressa:  
 Que na vesp'ra da selva um bando armado  
 Sahira; e que elle se escondera á pressa;  
 Que um dos seus pelo loiro e ensanguentado  
 Cabello transportava uma cabeça,  
 Que ser de imberbe joven distinguui  
 Quando o exame primeiro repetiu;

Que o mesmo após instantes a envolvera  
 N'um panno, e que do arção a poz pendente.  
 Ajuntou: que das vestes percebera  
 Serem os cavalleiros nossa gente.  
 O corpo eu fiz despir com dor sincera,  
 E a suspeita pranteei amargamente;  
 Mandeilhe dar honrosa sepultura,  
 E trouxe a sua bellica armadura.

Mas, se é de quem supponho, mais honroso  
 Tumulo cabe ao tronco e pompa rica.  
 N'isto Aliprando em modo respeitoso  
 Se aparta, pois mais nada testifica.  
 Incerto o heroe do facto lastimoso,  
 Grave e pensando tristemente fica,  
 E quer que se conheça o manco busto,  
 E juntamente o matador injusto.



Surgia a escura noite, o firmamento  
 Sob as tetricas azas encobrando;  
 E o somno conduzia o esquecimento  
 Dos males, os cuidados illudindo.  
 Só provava Argillan bravo tormento,  
 Grandes projectos no pensar urdindo;  
 Nem fruiam seus olhos o descanso,  
 Nem seu animo turvo o somno manso.

Esforçado, em palavras atrevido  
 E impetuoso, da vida a claridade  
 Viu este aô pé do Tronto, e foi nutrido  
 Das discordias civis na tempestade;  
 Depois o reino, de que foi banido,  
 Roubou, ensanguentou com crueldade;  
 Até que á Asia veio, a combatel-a,  
 E alcançar melhor fama logrou n'ella.

Só dormiu Argillan perto da aurora;  
 Não foi porêm o seu dormir quieto;  
 Foi torpor que em sua alma posto fôra,  
 Profundo, egual á morte, por Alecto.  
 Caterva de maus sonhos o apavora;  
 Pois a furia infernal, vária no aspecto,  
 A seus olhos cerrados se apresenta,  
 E com horriveis larvas o atormenta.

Grande tronco sem fronte lhe figura,  
 Do qual o dextro braço mão não tinha;  
 A cabeça, que a morte desfigura,  
 Cortada com a esquerda mão sustinha;  
 Fala a bocca já morta; e, de mixtura  
 Aos suspiros e á voz, o sangue vinha:  
 Foge, Argillan; ahí vem a luz do dia;  
 Foge o campo, e do chefe a tyrannia.

Quem do cru Godefredo, quem do engano,  
 Com que me assassinou, vos afiança?  
 Arde, amigos, de inveja o deshumano,  
 E é matar-vos tambem sua esperança.  
 Mas, se ao preço da gloria soberano  
 Tu aspiras, e em ti has confiança,  
 Oh! não, não fujas, para que elle exangue  
 Me aplaque os manes no malvado sangue.

Serei comtigo e te armarei; minha ira  
 Toda derramarei n'esse teu seio.  
 D'esta maneira no intimo lh'inspira  
 Alento novo de furores cheio.  
 Então elle desperta; os olhos gira,  
 Que respiram rancor, peste e receio;  
 E, mal armado é, logo os soldados  
 Da Italia faz que sejam congregados.

Juntou-os no logar, onde se achava  
 De Reynaldo a armadura suspendida;  
 E á inquieta paixão que o torturava  
 Com altivez sem par dando sahida,  
 Pois quê! de um povo barbaro, bradava,  
 Que não préza razão, de fé perdida,  
 Que não farta oiro e sangue, aturaremos  
 O jugo? á sua lei nos curvaremos?

É tal quanto em sete annos supportado  
 Havemos do seu mando iniquamente,  
 Que encherá pelos seculos contado  
 De pejo e indignação a Italia ingente.  
 Calo a Cilicia, a qual pelo esforçado  
 Tancredo foi tomada ousadamente,  
 E que ora gosa o franco traiçoeiro;  
 Roubando a fraude o premio do guerreiro.

Calo tambem que aonde é necessario  
 Decisão, braço firme, ardor que inflama,  
 É sempre algum de nós que temerario  
 Leva entre mortes mil o ferro e a chamma;  
 Depois, quando se enfim vence o contrario,  
 E o espolio e as honras distribue a fama,  
 Coisa alguma nos toca: seus os loiros  
 São, e o dominio, e as palmas, e os thesoiros.

Julguei outr'ora como coisa incrível  
 Soffrermos o que tinhamos soffrido;  
 Mas hoje não; barbaridade horrivel  
 As mais a quasi nada ha reduzido;  
 Sim, mataram Reynaldo, o heroe terrivel;  
 As leis da terra e céu te'm offendido;  
 E não os queima o céu, não se abre a terra,  
 E em seu eterno horror os não encerra!

Mataram no broquel e a forte espada  
 Da nossa Fé, e jaz ainda inulto?  
 Deixaram-no, qual presa abandonada,  
 Nu, ferido, no chão, sem ser sepulto!  
 Buscaes o auctor da obra scelerada?  
 A qual de vós, ó socios, é occulto?  
 De Godefredo e Balduino a inveja  
 Ao lacio arrojado não sabeis qual seja?

Mas que tento eu provar? Pelo céu juro,  
 Que nos escuta, e é da verdade amigo,  
 Que á hora em que esclarece o mundo escuro  
 O vi, sombra infeliz e sem abrigo.  
 Ai! que espectac'lo tão cruel e duro!  
 Como os tramas predisse do inimigo  
 Godefredo! Eu o vi; não foi um sonho;  
 E inda o vejo, onde quer que os olhos ponho.

Que se ha de pois fazer? Baixar-nos-hemos  
Sempre a essa mão, de crime tal immunda?  
Ou para longe d'elle fugiremos  
Para as margens que o Euphrates rega e inunda,  
Onde a seus debeis filhos tomaremos  
As cidades e os campos que fecunda?  
Já são nossos; que tudo a nós rendido  
Será, mas não co'o franco dividido.

Vâmos, se não vingado d'esta sorte  
Vos praz ficar o corpo do innocente;  
Posto que, se o valor, que dorme, forte,  
Qual devia, brotasse em vós e ardente,  
A vibora feroz, que deu a morte  
Ao ornamento e flor da lacia gente,  
Exemplo memorando legaria  
Com seu fim do futuro á tyrannia.

Eu quizera, se o vósso grande brio  
A tudo quanto pode se arrojasse,  
Que vossa mão seu peito a ferro frio,  
Onde a traição se abriga, castigasse.  
Assim diz Argillan fremente, impío;  
E fez que a turba a raiva lhe imitasse.  
Arma! arma! insano freme, o brado echôa;  
Arma! arma! a mocidade audaz pregôa.

Vae entre elles Alecto, a dextra armada,  
Veneno e fogo ás almas ministrando,  
A colera, a loucura, e a scelerada  
Sêde feroz de sangue exacerbando.  
Já a peste se estende, e, dilatada,  
Sa'e das italas tendas trاسبordando;  
Passa aos helvecios; e d'alli caminha  
Para onde a gente ingleza o campo tinha.

Nem sómente a estes povos incitavam  
O triste caso, e o gran publico damno;  
Tambem velhas offensas augmentavam  
O nutrimento ao seu rancor insano.  
As preteritas queixas renovavam,  
Chamando ao franco perfido e tyranno.  
Rebenta em feia ameaça convertido  
O odio impaciente e mal contido.

Assim em vivo lume a agua fervendo  
Borbulha, e fumo deita, sussurrante,  
Té que, dentro do vaso não cabendo,  
Salta inundando as bordas espumante,  
Nem a suster do vulgo o ardor tremendo  
É o juizo e o poder de alguns bastante;  
E Camillo e Tancredo longe andam,  
Como Guilherme, e os outros que commandam.

Já das armas se apossam furiosos  
 Em tropel, todos juntos, de repente;  
 Já sôam com accentos bellicosos  
 Da sedição as trompas bravamente.  
 Muitos a Godefredo pressurosos  
 Pedem que se arme, emtanto, velozmente.  
 E Balduino, antes dos mais, armado  
 Se lhe apresenta, e se lhe põe ao lado.

Ouvindo o chefe a accusação, na altura  
 Fita o olhar; e, qual sóe, a Deus attesta:  
 Senhor, pois sabes que a minh'alma é pura,  
 E que o sangue civil sempre detesta,  
 De ante a idéia lhes tira a venda escura,  
 Calma, reprime a insania que os empesta;  
 E que a minha innocencia, a ti bem certa,  
 Se mostre ao cego mundo descoberta.

Acaba; e novo fogo que o céu lança  
 Nas veias correr sente desusado,  
 De sublime vigor, de alta esperança,  
 Que a face indica e o tornam confiado.  
 Dos seus em companhia eil-o se avança  
 Contra os que imaginavam que vingado  
 Ia Reynaldo ser; nem entre a fera  
 Ameaça e as armas o seu passo altera.

Cobre-o fina coiraça; nobre veste  
 Mais rica traz, e fóra do costume;  
 Tem nuas mãos e rosto, que celeste  
 Majestade dardeja e extranho lume;  
 Brande o sceptro de oiro, e só com este  
 Aquietar a sedição presume.  
 Por modo tal ante elles apparece,  
 E fala; nem mortal nos sons parece.

Quem estas ameaças impensadas  
 Suscitou? Quem das armas o ruído?  
 Depois de tantas provas por mim dadas  
 Sou assim respeitado e conhecido?  
 Ha contra mim suspeitas levantadas?  
 Ha quem me accuse? E approvam-no, e é crido?  
 Esperareis que a vós venha humilhar-me,  
 Pedir, e com razões justificar-me?

Ah! não oiça tamanha indignidade  
 A terra, cheia já da minha gloria!  
 Para me defender tenho a verdade,  
 O sceptro, e de meus feitos a memoria.  
 Fiquem nos réos impunes; á piedade  
 Ceda a justiça a palma da victoria;  
 Pelo vosso passado vos perdôo,  
 E ao vosso Reynaldo inda vos dôo.

Sómente em Argillan, pois culpa estreita  
Só elle tem, do crime caia a pena,  
Porque, levado da menor suspeita,  
Os outros induziu; isso o condemna.  
Do rosto majestoso raios deita,  
Emquanto assim se exprime em voz serena,  
E tanto, que Argillan (quem o cuidara!)  
Attonito, submisso o não encara.

E o vulgo irreverente, audacioso,  
Que de colera ha pouco rebramava,  
E com mão decidida tumultuoso  
O facho e o gladio rábido empunhava,  
Cala-se, ouvindo o chefe imperioso,  
(Nem com pejo e temor a frente alçava)  
E deixa até que seja manietado  
Argillan, de suas armas rodeado.

D'este modo o leão a juba horrível  
Sacode, ruge altivo e se enfurece;  
Porêm, mal vê o dono, a quem possivel  
Foi só domal-o, os impetos esquece;  
Humilde acceita o jugo desprezível,  
E o mando e a ameaça reear parece;  
Sem que os dentes e as garras poderosas  
Façam as suas forças orgulhosas.

Diz-se que visto foi, encrucicado,  
Minaz, feroz nos gestos, no semblante,  
Um alado guerreiro, que estendido  
Tinha ante o chefe escudo de diamante,  
A brandir, fulminando, o desvestido  
Ferro ainda de sangue gottejante,  
Sangue talvez de reinos e cidades  
Que irado o céu chamaram com maldades.

Depõem as armas; finda-se a revolta;  
Muitos depõem com ellas os rancores.  
À tenda sua Godefredo volta,  
Intento a empresas varias e maiores;  
Que, antes que o sol três vezes dê a volta,  
Quer de Sião atacar os defensores;  
E vae, em tal idéia cogitando  
As machinas já promptas revistando.

EST. LXXXI a LXXXV.

---

## CANTO IX

Mas o monstro infernal vendo quietos  
 Os animos, baldada a ira ardente,  
 E impedir não podendo os gran decretos  
 Do destino, ou mudar a eterna mente,  
 Parte; e por onde passa torna infectos  
 Os campos, e desmaia o sol luzente.  
 A nova empresa corre e mal sinistro,  
 De novas furias portador, ministro.

E como bem conhece que a maldade  
 Dos seus do campo separado tinha  
 Do filho de Bertholdo a heroicidade,  
 Tancredo, e o que de illustre mais continha,  
 Que espero? diz; da guerra a tempestade:  
 Traga ora Solimão; não no adivinha  
 O inimigo; triumpho julgo certo  
 De um campo fraco, desaccorde e incerto.

N'isto vôa para onde entre as errantes  
 Hordas, que manda, Solimão vivia,  
 Solimão, que entre quantos arrogantes  
 Negavam Deus a todos excedia;  
 Nem, se por outra injuria os seus gigantes  
 Reproduzisse a terra, egual faria.  
 Este senhor dos turcos fôra outr'ora,  
 E a sua capital Nicéa fôra.

Do Sangario ao Meandro se estenderam  
 Suas terras, onde as gentes já moraram  
 Da Mysia, Phrygia, e Lydia, onde viveram  
 As do Ponto, e os bythinios habitaram.  
 Mas, quando as armas os christãos moveram  
 Contra os infieis, e á Asia se passaram,  
 Foi-lhe o reino tomado, elle vencido,  
 E duas vezes de todo destruido.

Depois, tentando em vão de novo a sorte,  
 Do seu natal paiz sendo expulsado,  
 Do rei do Egypto encaminhou-se á côrte,  
 Que lhe deu cortezmente gasalhado,  
 E folgou ter por socio ho nem tão forte  
 Para no feito entrar assignalado,  
 Qual era defender a Palestina  
 Dos que envia contra ella a mão divina.

Mas antes que da Fé para o desdoiro  
 A guerra abertamente annunciasse,  
 Entregou-lhe mui grande copia de oiro  
 Para que a soldo os arabes tomasse;  
 E emquanto d'Asia o povo e o povo moiro  
 Juntava, Solimão, sem que encontrasse  
 Estorvo, multidão alistou varia  
 D'aquella raça ladra e mercenaria.

Assim, d'elles tornado chefe e amigo,  
 Toda a Judéa indomito depreda,  
 De modo que ao exercito inimigo  
 Para as costas do mar os passos veda;  
 E, ainda o insulto recordando antigo,  
 E do seu reino a miseranda queda,  
 Maiores coisas merencorio volve,  
 Porêem na execução não se resolve.

Mostra-se a este Alecto, semelhante  
 A um homem de idade já cansada,  
 Sem côr, cheio de rugas o semblante,  
 Sómente de bigode a cara ornada;  
 Traz a cabeça envolta n'um turbante,  
 A veste até ás plantas alongada;  
 O arco n'uma das mãos, ás costas larga,  
 Provida aljava, e cimitarra á ilharga.

Emquanto nós andamos percorrendo  
 Terras ermas, e a areia do deserto,  
 Despôjo algum, diz ella, recolhendo,  
 Sem victoria alcançar com louvor certo,  
 A Sião Godefredo combatendo  
 Já co'as torres lhe tem o muro aberto,  
 E veremos, se um pouco mais tardâmos,  
 Seus estragos e as chammas donde estâmos.

Choupanas incendiadas, preso gado  
 São os trophéus de Solimão ufano?  
 Assim cobras o sceptro? Assim vingado  
 Na affronta cuidas ser, e no teu damno?  
 Eia, audacia; em seu mesmo campo armado  
 De noite opprime o barbaro tyranno.  
 No throno e exilio me provaste; o velho  
 Araspe crê; confia em meu conselho.

Não nos espera o franco; e até despreza  
 Os arabes sem armas e medrosos;  
 Nem imaginará que, á fuga e á presa  
 Costumados, tanto ousem corajosos.  
 Mas esforçal-os-ha tua fortaleza  
 Contra homens a dormir e descuidosos.  
 Tal falando, o furor que a punje e aquece  
 N'elle infunde; e nos ares se esvaece.

Ó tu, que tanto o peito me irritaste,  
 Grita o guerreiro, ao céu as mãos erguidas,  
 Que homem não és, mas homem te mostraste,  
 Já te sigo para onde me convidas.  
 De mortos, de feridos, qual mandaste,  
 Montes farei; as terras convertidas  
 Serão de sangue em rios, se me acodes,  
 E me guias na treva, como podes.

Cala-se; e, unindo as hostes, sem demora,  
 Com palavras no fraco inspira alento,  
 E a todos presta o fogo que o devora,  
 Para os persuadir ao seu intento.  
 Sôa a trombeta Alecto; a signa arvora  
 Co'a propria dextra, e a desenrola ao vento.  
 Marcha o exercito; e a fama até supplanta  
 No vôo; tão ligeiro se adeanta.

Segue-o a deusa; mas deixa-o bem depressa,  
 A fim de disfarçar-se em mensageiro;  
 E, quando tudo a escurecer começa,  
 Quasi o dia no termo derradeiro,  
 Entra em Jerusalem, onde atravessa  
 A turba mésta; e ao rei conta o guerreiro  
 Auxilio que dos muros se approxima,  
 A hora, o signal do ataque; e assim o anima.

N'isto das sombras ca'e o horrido manto  
 Alastrado de rúbidos vapores;  
 Banha a terra, em lugar do usado pranto,  
 Tepido orvalho de sanguineas cores;  
 Enchem monstros o ar; impera o encanto;  
 Das larvas más escutam-se os clamores.  
 Plutão o inferno inteiro despejara,  
 E suas trevas no espaço derramara.

Por tão profundo horror o audacioso  
 Sultão contra o inimigo se encaminha.  
 Mas, quando do seu curso tenebroso  
 A noite a meio já chegado tinha,  
 Do sitio onde o christão dorme em repouso  
 A menos de uma milha se avizinha.  
 Aqui aos seus dá de comer; e em alto  
 Discurso os avigora para o assalto:

Vêdes um campo além de furtos cheio,  
 Muito mais afamado do que forte,  
 Que os thesoiros da Asia no seu seio,  
 Ávido mar, tragou, lançando a morte.  
 Pois, quasi de perigó sem receio,  
 Benigna agora vol-o entrega a sorte.  
 São vossos, nem lhe servem de defesa  
 As armas e corceis que orna a riqueza.



Não é a mesma gente, por que o persa  
 N'outro tempo, e Nicéa foi vencida;  
 Em guerra tão extensa e tão diversa  
 D'ella a parte maior perdeu a vida;  
 E que o fosse, no somno jaz immersa,  
 Inerme, e de cuidados esquecida.  
 Depressa ha de acabal-a nosso braço,  
 Que do dormir á morte é breve o espaço.

Sus! ávante! eu vos quero abrir estrada  
 Para o campo através da mortandade;  
 No ferir imitae a minha espada,  
 E commigo aprendei a crueldade.  
 Hoje acaba de Christo a lei errada;  
 É livre a Asia; é vossa a eternidade.  
 D'este modo a coragem lhes excita;  
 Depois tácito a marcha precipita.

Porêm as sentinellas vê na escura  
 Sombra que incerta luz tingir parece;  
 Não é como suppoz; de tudo cura  
 O sabio capitão; nada lhe esquece.  
 Gritam ellas; o mêdo as apressura  
 A fugirem da onda que recre'ce;  
 E a primeira das guardas que desperta  
 A armar-se corre, como pode, e incerta.

Os arabes os rudes instrumentos  
 Tocam, mal se conhecem presentidos;  
 Terriveis gritos vão ao céu nos ventos;  
 Dos corceis sôam passos e nitridos;  
 Trôam montes e valles; seus accents  
 Pelos abysmos são repercutidos.  
 Então Alecto ergue do Averno a flamma,  
 E da cidade os combatentés chama.

Corre o Sultão, e ataca furioso  
 A guarda que acudiu confusamente,  
 Mais veloz que tufão tumultuoso  
 Que rompe de entre os montes de repente;  
 Rio que arranca os troncos caudaloso,  
 Raio que as torres queima e prostra ardente,  
 Terremoto que o mundo enche de horrores,  
 Igualar não souberam seus furores.

Não baixa o ferro sem que a pleno alcance;  
 E não alcança a pleno sem que fira;  
 Nem fere sem que uma alma fóra lance;  
 E, se incrível não fosse, eu proseguira.  
 Peleja, sem que a mão jámais lhe canse,  
 Como se o ferro agudo não sentira,  
 Posto que o elmo rebombando sôe,  
 E horrível de faíscas se povôe.

Já a guarda primeira que encontrara,  
 Só elle, quasi havia derrotado,  
 Quando, como diluvio, que engrossara  
 Com rios mil, o bando arrebatado  
 Vem dos arabes; foge e nunca pára  
 O christão; e o infiel desordenado  
 Com elle entra no campo de mixtura,  
 Enchendo-o de ruína e de amargura.

Traz o Sultão no elmo serpe feia,  
 A qual desenroscando o collo horrendo,  
 De azas abertas, sobre os pés se alteia,  
 A cauda bifurcada retorcendo;  
 Crêeis que vibra linguas três; que cheia  
 De raiva, espuma lívida vertendo,  
 Sibila; que da briga o augmento a abala;  
 Que se inflamma, e que fumo e fogo exhala.

D'esta maneira armado, fulgurando  
 O Sultão formidavel se apresenta.  
 Tal á luz dos relampagos luctando  
 O oceano se revolve na tormenta.  
 Uns fogem, pela vida receando;  
 De outros o punho ousado o ferro ostenta;  
 A atra noite, que o risco em si occulta,  
 Redobra a confusão e o risco avulta.

Foi dos que maior alma alli mostraram  
 Latino, o qual no Tibre vira o dia,  
 E cuja força, e esforço não domaram  
 As fadigas, e a idade em que já ia.  
 Cinco filhos á guerra o acompanharam,  
 Nas lides costumada companhia;  
 Quasi em annos eguaes, inda não chegam  
 A homens, e co'as armas se carregam.

Pelo brio paterno enthusiasmos  
 Anhelam todos elles o combate.  
 Vâmos, brada o ancião, filhos amados,  
 Contra o impiedoso que os que fogem bate;  
 Nem ver tantos por este derribados  
 Afrouxe vosso ardor que não se abate;  
 Pois, ó filhos, as honras e louvores  
 São vis, quando os não ornam taes cruores.

Assim leôa indomita comsigo  
 Leva os cachorros, a que nega a idade  
 As garras tão fataes para o inimigo  
 E da comprida juba a majestade,  
 A prear, a assaltar, sem mêdo ao p'rigo,  
 Movendo-os co'o exemplo á feridade  
 Contra o que a paz dos bosques alvoroça,  
 E os menos fortes animaes destroça.

A Solimão ataca o imprevidente  
 Bando dos cinco pelo pae seguido;  
 A um tempo, qual por uma voz e mente,  
 Dirigem-se seis lanças n'um sentido.  
 Mas o filho mais velho de imprudente  
 Deixa a sua; co'o turco destemido  
 Cerra; e co'a espada rijo em vão forceja  
 Que sob elle o corcel morto lhe seja.

Mas como á tempestade exposto monte,  
 Que das ondas soberbo se levanta,  
 E soffre, sem que nunca se amedronte,  
 O raio, a ventania, o mar que espanta,  
 D'este modo o Sultão sublima a fronte  
 Contra os golpes, e a furia lh'es quebranta;  
 E ao que havia ferido o seu cavallo  
 Fende a cara das faces no intervallo.

Aramante, do irmão notando a sina,  
 Sustel-o n'um dos braços inda tenta.  
 Piedade louca, inutil o domina!  
 A sua perdição a extranha augmenta;  
 Que para o braço o ferro o infiel inclina,  
 E prostra o que é sustido, e o que sustenta.  
 Tombam, um sobre o outro, a alma exhalando,  
 Os suspiros e o sangue mixturando!

Depois d'isto a Sabino corta a lança  
 Com que de longe intrepido o hostiliza;  
 Com um encontro do ginete o alcança,  
 E tremulo no chão o deita e o piza.  
 Do tenro corpo a alma sem tardança  
 Penosamente sa'e; e á que desliza  
 Bella e meiga existencia na alegria  
 Da mocidade, triste adeus envia.

Inda restava Pico, inda Laurente,  
 Com que n'um parto o pae se enriquecera,  
 Em coisa alguma um do outro differente,  
 O que doces enganos promovera.  
 Mas, se os ha feito o céu tão irmanmente,  
 Alli os deseguala a morte fera.  
 Dura differença a um corta a cabeça  
 O ferro; a outro o peito lhe atravessa.

O pae (ah! já não pae, que injusta sorte  
 De tantos filhos n'um momento o priva!)  
 N'elles mortos contempla a sua morte,  
 E a da sua progenie, ha pouco altiva.  
 Nem sei como velhice tem tão forte,  
 Que em tanta desventura inda é tão viva,  
 E combate. Dos filhos o semblante  
 Não viu talvez, e o gesto agonizante,

Pois parte d'este quadro luctuoso  
 A escura noite amiga lhe roubara;  
 Emtanto só se crê victorioso  
 Se morrer, já que tudo se acabara.  
 Do seu sangue tornado generoso,  
 Do sangue do rival tem sêde avara;  
 Nem se sabe julgar se mais deseja  
 Matal-o, ou que por elle morto seja.

Grita ao contrario o ancião: tão desprezível  
 Me crês, ou me acabrunha tal fraqueza,  
 Que o teu braço chamar não me é possível,  
 Mesmo unindo quanto hei de fortaleza?  
 Calou-se; e um golpe lhe jogou terrível,  
 Que lhe quebrou das malhas a dureza,  
 E n'um dos lados gran ferida abriu,  
 Da qual o sangue tépido saiu.

A tal golpe, a taes phrasês o acommette  
 Solimão com a espada, ardendo em ira;  
 A coiraça lhe abre, (o escudo sete  
 Vezes envolto em coiro antes lhe abrira)  
 E o ferro pelas visceras lhe mette.  
 O misero christão soluça e expira,  
 O sangue ora da bocca, ora da chaga  
 Soltando, com que em roda o campo alaga.

Qual do Apennino roble agigantado,  
 Que, após zombar da procellosa guerra,  
 Se é por tufão medonho derrubado,  
 As arvores em torno lança em terra;  
 Assim ca'e elle, e, do furor levado,  
 Arrasta no cahir quantos aferra,  
 Fim que de homem tão bravo ser demonstra,  
 Pois, ao morrer, os inimigos prostra.

Emquanto, o seu rancor desafogando,  
 O Sultão nos contrarios o fartava,  
 Animado dos arabes o bando  
 Eguamente os christãos exterminava.  
 Draguto ao anglo Henrique, miserando!  
 E a Oliferno, o bávaro, matava;  
 E a Gilberto e a Philippe, que no Rheno  
 Nascidos tinham sido, Ariadeno.

Co'a maça a Ernesto Albázar abatia;  
 A Enguerrand de Algazel derriba a espada.  
 Mas quem da morte os modos narraria,  
 E quanta baixa plebe é victimada?  
 Desde o principio despertado havia  
 Godefredo, e, a armadura já tomada,  
 Dos seus um grosso corpo congregara,  
 Com o qual diligente caminhara.

Escutando os clamores e o tumulto,  
Mais e mais cada instante formidavel,  
Que ser devia repentino insulto  
Dos arabes ladrões suppoz provavel;  
Pois que não era ao capitão occulto  
Como em roda preavam; posto instavel,  
E tão grosseira turba não julgasse  
Que jámais a atacal-o se, arrojasse.

Emquanto elle assim marcha, de repente  
Arma, arma, por outro lado sôa,  
E quasi ao mesmo tempo horrivelmente  
Barbara grita os ares atordôa:  
É Clorinda do rei trazendo a gente,  
A qual a par de Argante á lide vôa.  
Então a Guelfo, que sua vez fazia,  
O capitão, voltando-se, dizia:

Ouves o novo estrepito de Marte,  
Que da cidade vem, que vem do oiteiro?  
É necessario o teu valor e arte  
Para enfrear do ataque o ardor primeiro.  
Vae pois; tudo provê; contigo parte  
Conduze d'estes meus; eia, ligeiro;  
Por outra banda os outros vão commigo.  
A sustentar o impeto inimigo.

Isto justo, proseguem divididos;  
Leva-os egual fortuna com presteza,  
Guelfo ao oiteiro, e o chefe onde aos descritos  
Arabes cede tudo sem defesa.  
Porêm muitos, a este reunidos  
No caminho, lhe accrescem fortaleza,  
De modo que ondê o turco vigoroso  
Esparze o sangue chega poderoso.

Assim, descendo do nativo monte,  
Não enche o Pô humilde o álveo estreito,  
Mas, quanto mais lhe fica atrás a fonte,  
Tanto maior se torna, e de tal geito  
Que rompe as margens, elevada a fronte,  
Tudo alagando que lhe cerca o leito,  
E por muitos canaes ao mar parece  
Que só guerra, não páreas, offerece.

Vendo fugir os seus amedrontados,  
Corre, e assim os ameaça Godefredo:  
Que temeis? aonde ides, ó soldados?  
Vêde sequer quem vos inspira medo;  
Um vil bando, por quem os golpes dados  
São nas costas, e o rosto viram cedo.  
Para os vencerdes ser-vos-ha bastante,  
Não armas, amostrardes o semblante.

Diz; e o cavallo rábido espicaça  
 Para onde Solimão peleja forte;  
 Vôa; por entre o pó e o sangue passa,  
 Desprezando o perigo, o ferro, a morte;  
 Pelas mais densas filas abre praça;  
 Vencê-as; prostra-as co'o choque e o igneo corte;  
 Faz por terra cahir de ambos os lados  
 Cavalleiros, corceis, armas, soldados.

Sobre montes de mortos fero salta;  
 Do estrago em meio sem parar caminha.  
 Não evita o inimigo que o assalta  
 Solimão, pois temor de nada tinha,  
 Antes, vae para elle, e, a espada alta,  
 Em acção de ferir, se lhe avizinha.  
 Oh! que dois cavalleiros tão subidos  
 São dos confins do mundo em lucta unidos!

Contra o valor a furia alli peleja  
 D'Asia a fortuna em limitada arena.  
 Quem dirá como rapido lampeja  
 O gladio? Quem da pugna a feroz scena?  
 A noite adeantada que negreja  
 Quanto feito ao olvido não condemna,  
 Feitos que eu passo, dignos do luzeiro  
 Do sol, e de os notar o mundo inteiro!

Os christãos com tal guia cobram vida,  
 E avançam decididos e arrojados;  
 Rodeia a Solimão força escolhida  
 D'entre os guerreiros seus mais bem armados.  
 Tanto a gente fiel, como a descrida,  
 Deixam de sangue os campos alagados;  
 Vencidos, vencedores d'esta sorte  
 Similmente recebem, dão a morte.

Quaes com violencia igual e igual braveza  
 Oppostos austro e áquilo combatem,  
 Chocando as nuvens, reis da natureza,  
 E as curvas ondas do oceano embatem,  
 Assim ambas as partes a crueza  
 Da pugna disputada não abatem;  
 Nos encontros horriveis que atordôam  
 Elmos, gladios, broqueis, a um tempo sôam.

Emtanto em grande numero batalham  
 Do outro lado tambem sem piedade.  
 Soccorrendo os pagãos, do espaço coalham  
 Milhares de anjos máus a immensidade;  
 Pelo que elles com animo trabalham;  
 Nem de retroceder sentem vontade.  
 Argante acceso já na propria chamma,  
 No vulcão infernal tambem se inflamma.

Este, as guardas christans afugentando,  
 Velozmente de um salto o campo entrara,  
 E, de corpos os fossos entulhando,  
 Para atacar, as sendas aplanara;  
 Acompanham-no os mais, ensanguentando  
 As primeiras das tendas; a preclara  
 Clorinda, descontente do segundo  
 Logar, segue o guerreiro furibundo.

Já os de Christo para trás volviam,  
 Quando Guelfo co'os seus chegou potente,  
 E, fazendo tornar os que fugiam,  
 Susteve do infiel a furia ardente.  
 Pelejava-se assim; rios corriam  
 De sangue dos dois lados irmanmente;  
 Quando o Senhor, do throno soberano,  
 Baixou os olhos ao combate insano.

No empyreo se assentava; além do angusto  
 Orbe que são juizo não governa,  
 Donde tudo compõe e ordena, justo  
 E bondadoso com razão superna,  
 Da eternidade sobre o solio augusto  
 Com três luzes fulgindo n'uma eterna.  
 Tem aos pés, com respeito e abatimento,  
 Natura, fado, tempo, movimento,

E o espaço, e aquella que anniquila e torna  
 Em fumo o oiro, as glórias, a conquista,  
 Como na altura apraz; nem a transtorna,  
 A colera dos homens; não na avista.  
 De resplendor tão vivo Elle se adorna,  
 Que da maior pureza offusca a vista.  
 Immortaes infinitos o rodeiam,  
 Que eguaes desegualmente se recreiam.

Do céu com beatifica harmonia  
 Resôa a côrte em jubilo celeste.  
 Chama Deus a Miguel, que em brilho ardia,  
 (Tanto luz a armadura que o reveste)  
 E lhe diz: não vês como a turba impia  
 Minha gente fiel e amada investe,  
 Tomando as armas? como sa'e do fundo  
 Abyssmo, a fim de inquietar o mundo?

Vae; manda-lhe que deixe a guerra dura  
 Aos guerreiros, a quem compete a guerra;  
 Nem envenene, como peste impura,  
 O ar, ou turbe as regiões da terra;  
 Do Acheronte regresse á noite escura,  
 Onde a minha equidade em pena a encerra;  
 Ahi a si, e aos réprobos flagelle.  
 Eis meu decreto; meu poder o asselle.

N'isto o chefe da aligera cohorte  
 Se inclina com humilde acatamento,  
 E, abrindo as aureas azas, de tal sorte  
 Vôa, que excede o proprio pensamento.  
 O fogo passa e a luz, immovel côrte  
 Do bemaventurado ajuntamento.  
 Vê depois o céu puro e crystallino,  
 E o circulo de estrellas peregrino.

Vê mais no aspecto e obras variantes  
 Á sinistra rolar Saturno e Jove,  
 E os outros astros que não são errantes,  
 Porque a suprema força não os move.  
 Após desce dos campos flammejantes  
 Da eterna luz para onde trôa e chove,  
 Para onde o mundo se destroe e pasce,  
 E morre em suas luctas e renasce.

Com as celestes azas apartando  
 Da funda escuridão vem os horrores;  
 O seu divino rosto scintillando  
 Doira da noite os lugubres negroses;  
 Assim depois da chuva o sol raiando  
 As nuyens pinta de formosas côres;  
 Assim lucida estrella os ares fende,  
 E sobre o globo rapida descende.

Mas, perto donde as furias alimenta  
 Dos infieis a multidão culpada,  
 Pára um pouco, nas azas se sustenta,  
 Vibrando a lança, e d'este modo brada:  
 Ó vós, cuja arrogancia inda o céu tenta,  
 Raça ao desprezo, e ás dores condemnada,  
 Já devieis saber quão metuendo  
 Troveja o raio do Senhor tremendo.

Que abra as portas Sião ao sacrosanto  
 Signal da cruz está nos céus escripto.  
 Para que luctaes pois co'o fado, e tanto  
 Irritaeis o poder summo, infinito?  
 Voltae ao reino vosso, onde ha só pranto,  
 Castigo e morte só, reino maldicto;  
 Ahi, carcere vosso, e não na terra,  
 Sejam vossas victorias, vossa guerra.

Ahi vossos furores prepotentes  
 Practicae nos que soffrem condemnados  
 Entre os clamores, o ranger dos dentes,  
 E os ruidosos grilhões sempre arrastados.  
 Disse; e feriu co'a lança os indolentes.  
 Todos logo fugindo apressurados  
 Deixaram a gemer as plagas bellas  
 Da claridade e auríferas estrellas;



E em direcção ao bárathro voaram,  
 Para aos réus dar o sólito castigo.  
 Tantas aves jámais o mar passaram,  
 Buscando contra o inverno doce abrigo;  
 Nem jámais tantas folhas alastraram  
 O chão, no outomno ríspido e inimigo.  
 Livre d'elles, o mundo a face negra  
 Desveste, e se asserena e realegra.

Mas nem por isso o peito rancoroso  
 Do altiyo Argante menos se encruece,  
 Posto não sinta o fogo temeroso  
 De Alecto, e o açoite dos infernos cesse.  
 Rodeia o duro ferro sem repouso,  
 Onde a turba mais basta lhe apparece;  
 Tudo prostra; os soberbos e melhores  
 Confunde com os vis e inferiores.

Perto Clorinda está; de estrago feio  
 Junca tambem o campo vencedora;  
 Enterra a espada a Beranger no seio,  
 No coração, onde a existencia mora;  
 E o golpe é tão fatal e tanto em cheio,  
 Que rubra pelas costas lhe sa'e fóra;  
 Depois d'este, vulnera triumphante  
 No collo Albino, Gallo no semblante.

A dextrá de Gernier, por que ferida  
 Tinha sido, cortada lança em terra;  
 E ahí fica a saltar a mão sem vida,  
 E co'os dedos tremendo o gladio aferra.  
 A serpe a cauda, de que foi partida,  
 Assim em vão se tenta unir. A guerra  
 Leva a outro lado a intrepida heroína;  
 Volta-se contra Achilles, e o fulmina.

Entre a nuca e o pescoço o golpe assenta.  
 Ca'e a fronte do corpo separada  
 No terreno, onde vae rolar sanguenta,  
 De pó a face toda maculada;  
 E na sella inda o tronco se sustenta  
 Sentado! Oh! triste vista e desgraçada!  
 Mas o corcel aqui e alli se vira  
 Sem governo, escouceia, e ao chão o atira.

Emquanto assim a indomita guerreira  
 O exercito de Christo rareava,  
 Contra o infiel Gildipe aventureira  
 Não menos formidavel se mostrava.  
 No sexo irmans, por uma só maneira  
 Em ambas o valor se demonstrava.  
 Mas não podem medir os seus primores,  
 Que o céu lhes guarda campeões maiores.

Por chegar uma á outra em vão forceja;  
 Não lh'o concede a multidão espessa.  
 Porêm o nobre Guelfo, como o veja,  
 Então contra Clorinda se arremessa;  
 Fere-a, e no bello lado faz que seja  
 Tinto o gladio, e algum sangue lh'o enrube'ça.  
 N'uma estocada ella lhe dá resposta;  
 Nas costellas o attinge, e audaz o arrosta.

Guelfo repete o bote, que é baldado;  
 Pois passa acaso o palestino Osmida,  
 E o ferro, não para elle destinado,  
 A cabeça lhe corta, e a cara vida.  
 Mas o franco é por muitos rodeado  
 Da hoste ás suas ordens submettida,  
 E tambem da outra parte cresce a turba;  
 Pelo que a lide ferve e se perturba.

Entretanto da aurora a face clara  
 Já no purpureo oriente reluzia.  
 No meio do tumulto se soltara  
 Argillan da prisão em que jazia,  
 E das primeiras armas se apossara,  
 Boas ou más, á sorte; assim elle ia  
 Por que os recentes erros emendasse  
 Com os novos triumphos que alcançasse.

Qual corcel que do regio captiveiro,  
 Onde só para a guerra se destina,  
 Foge, e corre entre os mais o campo inteiro,  
 E a agua bebe amada e crystallina;  
 Sacode, eleva o collo sobranceiro,  
 Ao vento fluctuante a basta clina;  
 Fere a terra co'os pés, fogo lançando,  
 De nitridos o espaço atordoando,

Assim vem Argillan, feroz e ardente  
 O olhar, a fronte impavida e sublime;  
 Agil nos saltos, corre velozmente,  
 Tanto, que mal no chão o rasto imprime;  
 Chegando perto da inimiga gente,  
 Bem como se o perigo em nada estime,  
 Arabes imbecís, d'est'arte exclama,  
 Do mundo escoria vil, que vos inflamma?

Para vós elmo e escudo muito pésa;  
 Não podeis supportar grave armadura;  
 Mas timidos, e nus, do mêdo presa,  
 O ar feris, e a fuga vos segura.  
 Só nas trevas mostraes a fortaleza;  
 Vosso soccorro está na noite escura.  
 Melhores armas, e mais brio agora  
 É necessario; já desponta a aurora.

Inda falando assim, um talho dava  
 Na garganta a Algazel co'a espada fera,  
 Que as fauces e a palavra lhe cortava,  
 Que para responder já prompta era.  
 Torpor gelado de seus membros trava;  
 Fecha os olhos que a morte escurecera;  
 Ca'e; e, morrendo, na odiosa terra,  
 Levado do rancor, os dentes ferra.

Egualmente Agricalte e Saladino  
 Mata, e Muleiassem; do valoroso  
 Aldiazil, que alli trouxe máu destino,  
 Divide em dois o corpo temeroso;  
 Traspassa o peito e prostra a Ariadino,  
 Insultando-o com modo desdenhoso;  
 Este os olhos, nos quaes a luz se esconde,  
 Levanta, moribundo, e lhe responde:

Folga, quem quer que és, com minha morte;  
 Por tempo curto gosarás da pálma;  
 Espera-te igual sina; mão mais forte  
 Junto de mim te ha de arrancar a alma.  
 E elle rindo cruel: a minha sorte  
 Deus a decidirá; ao frio e á calma  
 Pasto dos cães ahi fica; após com ira  
 O piza; e d'elle o ferro e a vida tira.

Um pagem do Sultão alli se via  
 Mixturado com tantos contendores;  
 Inda lhe a face liza consentia  
 A primavera, a quadra dos amores;  
 Na tez bella o suor lhe reluzia  
 Em perolas, orvalho sobre flores;  
 O pó augmenta a graça ao descomposto  
 Cabello, e é doce a colera em seu rosto.

Monta um corcel igual á propria neve  
 Apenas cobre do Apennino o cume;  
 Não é como elle tão veloz, tão leve,  
 Turbilhão, ou fugaz, vivido lume;  
 Uma zagaia vibra; espada breve  
 E recurvada traz de fino gume,  
 Que em baíinha magnifica lhe pende  
 Ao lado, e de oiro e purpura respende.

Emquanto o joven que alcançar deseja  
 Gloria, dos poucos annos seduzido,  
 As fileiras transtorna, sem que seja  
 Por nenhum dos contrarios offendido,  
 Cauto o nota Argillan, para que eleja  
 Azo de o atacar; emfim colhido  
 A geito, o seu cavallo a furto mata,  
 E vae sobre elle, que de erguer-se trata;

E ao tímido semblante, a que a piedade  
 Em vão servir queria de defesa,  
 Dirige a mão com gran barbaridade  
 Offendendo tão candida belleza.  
 De prancha a espada ca'e, na crueldade  
 Menor que o que tem de homem natureza.  
 Mas nada val; para emendar seu erro,  
 De novo ao mesmo sitio desce o ferro.

Solimão, que não é muito distante,  
 Com Godefredo em lide, mal avista  
 O perigo do moço, n'um instante  
 Volve o corcel, sem que em brigar insista.  
 Abre o passo co'o gladio; chega ovante  
 Para vingal-o, e não por que lhe assista;  
 Pois, triste dor! o seu Lesbin depara  
 Morto, qual flor que o cegador cortara.

Doce langor os olhos lhe estremece;  
 Dobrado, o collo para trás se vira;  
 Gentil, pallido e morto, elle parece;  
 E tão suave sentimento expira,  
 Que o Sultão, d'antes pedra, se embrandece,  
 E pranteia, afogado pela ira.  
 Tu choras, Solimão? tu que perdeste  
 O reino, e um pranto nem sequer verteste!

Porêm o gladio do inimigo vendo  
 Do sangue do mancebo ennodoado,  
 Vence a colera a dor, e refervendo  
 No peito estagna o choro magoado.  
 Corre contra Argillan, a espada erguendo;  
 Parte-lhe o escudo, e, o elmo penetrado,  
 Enterra-lh'a na fronte e na garganta;  
 Golpe d'elle condigno em furia tanta.

Não contente com isto, ao já cahido  
 Cadaver inda continua a guerra;  
 Assim o cão das pedras percutido  
 Com os dentes feroz inda as aferra.  
 Oh! vão conforto a tanto mal soffrido!  
 Perseguir o que em breve será terra!  
 Mas dos francos o chefe batalhava  
 Emtanto, e em cheio os golpes empregava.

Havia alli mil turcos, de lorigas,  
 De capacetes e broqueis cobertos,  
 Indomaveis, afeitos ás fadigas,  
 De animo audaz, e em pelejar expertos;  
 Já pertencido haviam ás antigas  
 Tropas de Solimão; pelos desertos  
 Da Arabia após vencido o acompanharam,  
 E amigos na desgraça lhe ficaram.

A esses que formavam turba espessa,  
 Cedendo ao valor franco pouco ou nada,  
 Godefredo animoso se arremessa;  
 Fere a ilharga a Rosten; a fronte alçada  
 A Corcutte; a Selim corta a cabeça,  
 E os braços a Rossen, co'a forte espada.  
 Nem estes só derriba e desbarata;  
 Muitos outros vulnera, e muitos mata.

Emquanto assim persegue a infida gente,  
 Cujos ataques com denodo arrosta,  
 Mas derrotal-a a sorte não consente,  
 Nem lhe ser a esperança descomposta,  
 Aproxima-se nuvem reluzente  
 De pó e raios bellicos composta;  
 Lampejam de armas subitos fulgores,  
 E enchem nos inimigos de temores.

São cincoenta guerreiros; sobre argento  
 Trazem a cruz purpurea vencedora.  
 Se eu cem boccas tivesse e linguas cento,  
 E a minha voz como de bronze fôra,  
 Dos mortos não dissera o ajuntamento,  
 Que logo faz a hoste assoladora.  
 Resistindo e atacando, no conflicto  
 Ca'e o arabe imbelle e o turco invicto.

O terror, a crueza, o lucto, o espanto  
 Se espalham; triumphante o espectro vago  
 Da morte corre tudo; e o sangue é tanto  
 Que ondeia, parecendo rubro lago.  
 Já das portas sahido havia emtanto  
 Dos seus com parte o rei, como presago  
 Da victoria, e d'aquella altura via  
 Em baixo o campo, e a guerra que pendia.

Porêm, notando que o mór corpo cede,  
 Tocar á retirada manda logo,  
 E á illustre Clorinda, e a Argante pede  
 Que retrocedam do marvocio jogo.  
 O sangue os embriaga, e a ira impede  
 Pôrem os dois em pratica tal rogo;  
 Retiram-se por fim, unir buscando  
 Os seus, e ainda os sujeitar ao mando.

Mas a fraqueza e o mêdo quem lograra  
 Dominar? Vôam todos com presteza;  
 Um o escudo, outro a espada desampara;  
 São-lhe as armas estorvo e não defesa.  
 Entre a cidade e o campo situara  
 Um val de occaso a sul a natureza;  
 Para ahi fogem levantando escuros  
 Densos montes de pó até aos muros.

Emquanto d'esta sorte vão descendo,  
 Segue-os, dizima-os o christão insano;  
 Mas quando sobem, já vizinho tendo  
 O socorro do barbaro tyranno,  
 O fragoso caminho não querendo  
 Guelfo tentar, exposto a certo damno,  
 Pára. O monarcha os seus do tão funesto  
 Prelio acolhe, inda assim não pouco resto.

Quanto é á força do homen concedido  
 O Sultão praticou; já mais não póde.  
 Todo elle suor e sangue, um repetido  
 Penoso aneio o corpo lhe sacode;  
 O braço pelo escudo é opprimido;  
 Fraco vigor á dextra já lhe acode  
 Para o gladio vibrar, o qual, pelo uso,  
 Não corta, offende só, de gasto e obtuso.

Hesita, n'este extremo angustioso,  
 Se alli, a vida desprezando, tire  
 De o matar ao imigo victorioso  
 A honra, e contra si a espada vire,  
 Ou se, sobrevivendo desditoso  
 Aos derrotados socios, se retire.  
 Vença o fado, resolve; da victoria  
 Minha fuga trophéu lhe seja e gloria.

Sim, que as espaldas o christão me veja,  
 E de novo me insulte, desgraçado,  
 Com tanto que eu de novo com peleja  
 Lhe inquiete a paz, e o reino mal firmado.  
 Não cedo, não; meu odio eterno seja,  
 Como as offensas que elle me ha causado;  
 Mais cruel cada vez, lhe farei guerra  
 Sempre, ainda que morto, e sob a terra.

EST. xcvi a xcix.

## CANTO X

Assim dizia, quando perto viu  
 Um cavallo que errante divagava;  
 Deitou-lhe a mão, e o dorso lhe opprimiu,  
 Posto que fatigado e afflicto estava.  
 Já cahida é a cimeira que luziu  
 Tremenda, e o capacete lhe adornava;  
 Tem rôta a sobreveste, e nem vestigio  
 Conserva ao menos do real fastigio.

EST. 1.

Qual lobo, que do aprisco expulso fôra,  
Que em procura de abrigo vae correndo,  
E, a voragem profunda e tragadora  
Do grande ventre saciado havendo,  
Ávido de mais sangue, inda de fôra  
Deita a lingua, dos beiços o lambendo;  
D'este modo, apôs tanta mortandade,  
Satisfeita não acha elle a vontade.

Cerca-o nuvem de settas estridente;  
Por lanças mil e mil é alvejado;  
Mil espadas o ameaçam ferozmente;  
Porêm da morte o guarda amigo fado.  
Desconhecido emtanto velozmente  
Calca o caminhô menos transitado;  
E, o que faça volvendo em sua idéia,  
Turbilhão de pensares o salteia.

Ir decide a final, 'onde o appellido  
Do egypcio rei une hoste poderosa;  
Juntar-se a elle, e, á guerra apercebido,  
Retentar a fortuna duvidosa.  
N'isto certo, e por nada já detido,  
Toma a estrada direita que á arenosa  
Costa leva, onde Gaza estava sita,  
Sósinho; nem de guia necessita.

Sente o mal das feridas aggravar-se,  
E enfermo o corpo; mas ávante segue,  
Sem descanso lograr, nem desarmar-se,  
Aquelle dia inteiro á lida entregue;  
Té que, vendo na treva unificar-se  
Da natureza a côr, por que socegue,  
Desmonta, os golpes trata, e, como pôde,  
Os fructos de palmeira alta sacode.

Tendo comido, sobre a terra nua  
Poisar o corpo molestado assenta,  
E no escudo encostando a frente sua,  
Do espirito dar treguas á tormenta.  
Mas das feridas cada vez mais crua  
Se torna a dor, que muito mais augmenta  
Do soffrer e da raiva o interno abutre,  
Que do seu coração no fundo nutre.

Emfim, quando ao redor e pelo espaço  
Tudo quêdo, a deshoras, permanece,  
Os cuidados, vencido do cansaço,  
E o cogitar fastidioso esquece;  
Que os tristes olhos fecha; e o corpo lasso  
E afflicto fraco somno lhe entorpece;  
Mas voz severa, emquanto elle dormia,  
Assim os seus ouvidos estrugia:

Solimão, Solimão, esse indolente  
 Socego para uma outra vez reserva;  
 Que inda sob o poder de extranha gente  
 A patria, onde reinaste, geme serva.  
 E tu dormes aqui tranquillamente  
 No chão que sem sepulcro os teus conserva?  
 Onde provaste uma tamanha affronta  
 Novo dia esperar teu ocio conta?

Acorda o turco; e, erguendo a vista, edoso  
 Homem descobre, grave no semblante,  
 O qual arrima n'um bordão nodoso  
 O passo mal seguro e vacillante.  
 Quem és tu, lhe pergunta furioso,  
 Que, phantasma importuno, ao viandante  
 O debil somno quebras? Que cuidado  
 Tens da minha vingança e mau estado?

E o velho: um homem sou, o qual em parte  
 Adivinha, percebe o teu intento;  
 Só por esta razão, e por amar-te  
 Mais que julgas, te busco em tal momento.  
 Falei aspero; foi para incitar-te;  
 A colera desperta o atrevimento;  
 Ouve-me pois, senhor; possa mover-te  
 O prompto brio o que ora vou dizer-te.

É teu projecto, se a verdade eu penso,  
 Ir ter co'o rei do Egypto assignalado;  
 Porém debalde o quererás, o extenso  
 Caminho em vão por ti será trilhado;  
 Pois, inda que não vás, virá o immenso  
 Seu exercito, em breve, congregado;  
 Nem lá tens nada, onde a coragem mostres,  
 Nem inimigos nossos a que prostres.

Mas, se por conductor me acceitas, juro  
 Que na cidade, que o christão sitia,  
 Sem tirar ferro, te porei seguro,  
 Ao maximo esplendor da luz do dia.  
 Ah!, co'as privações e armas em duro  
 Combate, gosto e gloria te adviria,  
 Defendendo Sião té que chegasse  
 Do Egypto a hoste, e a pugna renovasse.

Emquanto assim se exprime, o olhar e a fala  
 Do velho o turco temeroso admira;  
 Ouve-lhe a voz, e só por escutal-a  
 Depõe do rosto e peito o orgulho e a ira.  
 O teu conselho, nobre ancião, me abala,  
 Responde; irei 'onde o animo te inspira;  
 Pois como preferivel sempre tenho  
 O perigo maior, de mais empenho.



Applauda-o o outro; e, porque emtanto fôra  
 A noite exacerbando-lhe as feridas,  
 Lh'as pensa, e ao mesmo passo lhe roborar  
 Com um licôr as forças abatidas.  
 Depois, como já de oiro o sol colora  
 As rosas pela aurora desparzidas,  
 Diz: tempo é de partir; do dia a flamma  
 Inunda as vias, e ao trabalho chama.

N'isto a um seu carro, que esperava perto,  
 Sóbe elle e Solimão; co'a mão antiga  
 Larga as redeas, e os dois corceis experto  
 Com alternado látego fustiga.  
 Correm; nem deixa no terreno incerto  
 Signal a roda, que a passagem diga;  
 Lançam fogo os cavallo anhelantes;  
 Alvejam-lhes os freios espumantes.

Então o ar (oh! maravilha rara!)  
 Em nuvem, ao redor, se lhes condensa,  
 Invisivel a todos; mas ampara,  
 E cobre o carro; se uma pedra immensa  
 Mural, terrivel machina arrojára,  
 Não lhe pudera, não, causar offensa;  
 Mas elles do seu seio podem vel-a,  
 E ver do firmamento a face bella.

De caso tão insolito e estupendo  
 Enruga a fronte Solimão pasmado;  
 A nuvem nota, e o carro, que, vencendo  
 Quantos estorvos ha, vôa apressado.  
 O socio, o enleio da sua alma lendo  
 No seu semblante immovel e turbado,  
 O silencio, chamando-o, lh'interrompe;  
 Ao que aquelle desperta, e assim prorompe:

Ó tu, quem quer que és, que a natureza  
 Dobras á tua enorme potestade,  
 E dos peitos a occulta profundeza  
 Devassas como impõe tua vontade,  
 Se o teu saber, que do alto vem, se présa  
 De futurar do tempo a escuridade,  
 Dize-me qual o termo que destina  
 Á grande guerra d'Asia a mão divina.

Mas qual o nome teu? Mas donde a arte  
 Para coisas tamanhas perfazeres,  
 Pois devida attenção como prestar-te,  
 Se minha admiração não desfizeres?  
 Sorriu-se o velho, e respondeu-lhe: em parte  
 É-me leve cumprir o que tu queres:  
 Ismeno sou, na Syria nomeado  
 Mago, por á magia haver-me dado.

Pretendes que ao porvir afaste o manto,  
E abra o livro dos fados escondido!  
O poder dos mortaes não chega a tanto;  
Audaz é teu desejo, e desmedido.  
Caminhe cada qual por entre o pranto;  
A isto vão seus esforços e sentido;  
Que muita vez succede ao sabio e ao forte  
Alcançarem por si ditosa sorte.

Tu a dextra invencivel, que ha em nada  
Defender a Sião, estreitamente  
Pelo feroz exercito cercada,  
E o imperio abalar da franca gente,  
Tem contra o fogo e as armas preparada;  
Ousa; soffre; confia; espero-o crente.  
Mas entretanto o que inda mal eu vejo  
Exporei por cumprir o teu desejo.

Vejo, ou supponho-o, um homem, que antes de annos  
Muitos volver o luminar do mundo,  
Orna a Asia co'os feitos soberanos,  
E governa do Egypto o chão fecundo.  
Calo a paz, as industrias e os arcanos  
De outras mil excellencias que confundo;  
Basta saberes que o christão possante  
Não só porá em risco, triumphante;

Mas que tambem, cortado nas raizes,  
Fará que o injusto reino emfim pereça,  
Fechando em solo estreito os infelizes  
Restos, onde só coito o mar lhe offreça.  
Este será teu sangue. O que predizes  
Muito me alegra, Solimão começa:  
Oh! feliz para tanta gloria eleito!  
E do gosó e da inveja sente o effeito.

Accrescenta em seguida: venha a sorte  
Boa ou má, como está na altura escripto;  
Não consegue domar meu peito forte,  
E ha-de-me achar em qualquer tempo invicto.  
Primeiro deixarão a etherea côrte  
As estréllas, do que eu deixe o prescripto  
E direito caminho. D'este modo  
Fala; e arrebatá-o energico denodo.

N'estes e outros discursos alcançaram  
O lugar do guerreiro acampamento.  
Que spectaculo acerbo depararam!  
Que varias mortes, e que horror sangrento!  
Os olhos do Sultão se annuearam;  
E o rosto retratou-lhe o sentimento.  
Ah! como os seus pendões d'antes terriveis  
Vê a terra varrendo despreziveis!

E os christãos ledamente aos pés calcando  
 Os seus pobres amigos mais queridos;  
 E arrogantes os mortos despojando  
 Das armas e dos miseros vestidos!  
 Muitos com pompa os que amam vão honrando  
 E os cuidados lhes prestam merecidos;  
 Muitos sopram no incendio, e a labareda  
 Arabes, turcos juntamente enreda.

A quadro tal suspira, arranca a espada,  
 Do carro atira-se, e correr queria;  
 Porém o encantador sustem-no, brada,  
 E enfreia o louco impulso que o movia.  
 Tendo-o feito subir, tomam na estrada  
 Que ao mais sublime oiteiro conduzia.  
 D'esta maneira por um pouco andaram,  
 E o campo dos fieis ultrapassaram.

Sa'em do carro então, que de repente  
 Desapparece; a pé ambos proseguem,  
 E, da nuvem no meio occultamente,  
 Descendo á esquerda, para um valle seguem,  
 Té que onde as costas vira ao sol ponente  
 O monte de Sião afinal cheguem.  
 Ahi parado o mago se conserva,  
 Emquanto a parte inferior lhe observa.

N'esse sitio uma gruta fabricou-se  
 Antigamente no rochedo aberta;  
 Mas, como a ella ha muito ninguem fosse,  
 Por arbustos a bocca era coberta.  
 Apartou-os o magico, e abaixou-se  
 Para na senda entrar angusta, e incerta;  
 Co'uma das mãos adeante o espaço tenta,  
 Para guia ao Sultão a outra apresenta.

Aonde vou, Solimão pergunta, aonde  
 Por via tão incognita e furtiva?  
 Outra abrira eu melhor, que não se esconde,  
 Se o deixasses, co'o gladio á força viva.  
 Não desdenhes, Ismeno lhe responde,  
 Esta escura pisar, ó alma altiva;  
 Trilhou-a n'outro tempo o illustre Herodes,  
 Illustre em guerras, e imital-o podes.

Esta gruta cavou, quando pôr freio  
 Quiz aos subditos seus o rei que eu digo.  
 Invisivel, por ella, e sem receio,  
 Da torre, que chamou, do caro amigo  
 Antonio, Antonia, quantas vezes veio,  
 E penetrou no grande templo antigo!  
 Por aqui não notado é que sahia  
 Só ou com gente, e gente recolhia.

Esta senda é por mim só conhecida;  
 Por ella iremos, sem temer affronta,  
 Aonde tem em conselho a flôr unida  
 Dos seus, quanto mais bravo e sabio conta,  
 O rei, que da fortuna embravecida,  
 Quiçá mais do que deve, se amedronta.  
 É boa a hora. Attento escuta e cala,  
 E, sendo occasião, soberbo fala.

Assim lhe disse. Após co'o corpo enchendo  
 O Sultão a estreitissima caverna,  
 Pelo caminho tenebroso e horrendo  
 Acompanha o que os passos lhe governa.  
 Primeiro baixos seguem; mas crescendo  
 Largueza á gruta, quanto mais se interna,  
 Facil e brevemente ambos subiram,  
 E do antro negro quasi o centro viram.

Então Isménio abre uma porta estreita,  
 E vão juntos por não servida escada,  
 Que por uma abertura do alto acceita  
 Pallida luz, tremente, minguada,  
 E para casa subterranea deita;  
 Da qual sobem a quadra apalaçada,  
 Onde co'o sceptro e a c'roa refulgente  
 O rei e os seus estavam tristemente.

Dentro da nuvem concava o guerreiro,  
 Sem de ninguem ser visto, em roda espia,  
 E ouve o rei entretanto, o qual primeiro  
 Assim do bello throno principia:  
 Foi bem damnoso o dia derradeiro,  
 Meus subditos fieis, á monarchia;  
 E, cahidos da nossa confiança,  
 Temos no Egypto, apenas, esperança.

Mas de nós muito longe esta demora,  
 E o perigo é mui perto, e se engrandece.  
 Por isso aqui vos ajuntei agora,  
 Por que seu parecer cada qual dêsse.  
 Calou-se; e, como em selva aura sonora,  
 Um fraco murmurio em torno cre'ce.  
 Mas Argante levanta-se com gesto  
 Nobre, e calma o sussurro manifesto.

Ó magnanimo rei, (esta a resposta  
 Do cavalleiro bravo e arrebatado)  
 Porque em materia a todos tão exposta  
 Nosso voto pretendes escusado?  
 Só digo: em nós seja a esperanza posta;  
 E, se é certo jámais ficar domado  
 O valor, só com elle nos armemos,  
 Nem, se elle o prohibir, a vida amemos.

Não falo assim n'este conselho nosso  
 Por na ajuda certissima do Egypto  
 Fé me faltar; que nem justo é, nem posso  
 Deixar de crer no que meu rei ha dito;  
 Mas só por desejar mais alvoroço  
 Em alguns d'entre nós, e arrojo invicto,  
 Por que, aprestado para qualquer sorte,  
 Cada um confie na palma, e encare a morte.

Nada mais diz o generoso Argante,  
 Que a coisa julga em si não duvidosa.  
 Depois, a auctoridade no semblante,  
 Ergue-se Orcano, de nobreza honrosa.  
 Este já nos combates foi prestante;  
 Mas agora da joven, cara esposa  
 E dos filhos ao lado, enfraquecido  
 Vive no amor de pae, e de marido.

Poderoso senhor, eu não accuso  
 De altiloquo discurso a demasia,  
 Quando nasce do ardor, que estar recluso  
 N'alma não quer, nem póde, prorompia;  
 Mas se o Circassiano tem por uso  
 Expressir-se com tanta soberbia,  
 Essas fortes palavras lhe competem,  
 Por nas obras mostrar quanto promettem.

Porêm a ti incumbe, a ti, que hão feito  
 Os successos e a idade tão prudente,  
 Ao teu conselho conservar sujeito  
 Esse calor desenfreado, ardente;  
 Pesar a ajuda longe com o effeito  
 Do risco de nós proximo ou presente;  
 Pesar as posses e armas do inimigo  
 Com tua nova defesa, e o muro antigo.

Nós, perdoem-me o livre pensamento,  
 Temos situação, animo e arte;  
 Mas de machinas grande ajuntamento  
 O franco tambem tem por outra parte.  
 Não sei da guerra qual será o evento;  
 Espero e temo o tão voluvel Marte;  
 E receio, se o cerco mais se aperta,  
 Que tenhamos ao cabo a fome certa.

Esse gado e esse trigo, que a cidade  
 Ha um dia recebeu, quando a planura  
 Ensanguentava a lide, na verdade  
 Foi para nós a maxima ventura;  
 Mas de povo tamanha quantidade  
 Por pouco deve sustentar, se atura  
 O assedio; e aturará, embora o Egypto  
 Mande o soccorro quando foi prescripto.

E se elle nos tardar? Vâmos, concedo  
 Que venha antes da esp'rança, e das promessas;  
 Não vejo da victoria o rosto ledó,  
 Nem livres as muralhas hoje oppressas.  
 Pugnaremos com esse Godefredo,  
 Senhor, com esses chefes, e com essas  
 Legiões corajosas que hão vencido  
 O arabe, o turco, o syrio, o persa ardido.

Sabes quaes são, que o campo lhes cedeste  
 Tanta vez, ó Argante valoroso,  
 E tanta vez as costas lhes volveste,  
 Fiando-te no passo pressuroso.  
 Tu, Clorinda, egualmente os conheceste,  
 E eu; foi-nos o mesmo o fado iroso.  
 Não crimino ninguem; nossa ousadia  
 Muito bem demonstrou quanto valia.

E juntarei, posto que Argante a morte,  
 Surdo á verdade, ameace: de maneira  
 Vae dirigindo a inevitavel sorte  
 Do inimigó fatal a hoste guerreira,  
 Que não ha gente, nem reparo forte  
 Que faça ella não reine sobranceira.  
 Digo-o do rei e patria pelo zelo;  
 Em testemunho para os céus appello.

Prudente o rei de Trípoli, e assizado,  
 Que alcançou dos christãos a paz e o mando!  
 Mas teimoso o Sultão morto ha ficado,  
 Ou geme, indignos ferros arrastando,  
 Ou, para mais soffrer inda guardado,  
 Com medo no desterro anda vagando;  
 E, se parte cedesse, outra salvára  
 Com os dons, co'os tributos que pagára.

D'esta maneira Orcano se expressava,  
 Mas de palavras com rodeio incerto,  
 Que abater-se, pedir paz evitava  
 Tímido aconselhar de modo aberto.  
 Indignado o Sultão tudo escutava,  
 E não podia ouvir mais, encoberto;  
 Quando o seu companheiro: por acaso  
 A que elle continue queres dar azo?

Eu, torna o outro, aqui contra vontade  
 Me sinto; a raiva e o pejo me incendeia.  
 Mal isto acaba, logo á claridade  
 A espessa nuvem se abre que os rodeia,  
 E nos ares se esva'e com brevidade.  
 Solimão apparece; e, a face cheia  
 De resplendor magnanimo, da sala  
 Em meio, de improvisó assim lhes fala:

O Sultão aqui está; eil-o presente;  
 Como pretendem, não fugiu medroso.  
 Co'esta mão provar hei de ao que insolente  
 O avança, que é covarde e mentiroso.  
 Eu que de sangue fiz larga torrente,  
 E montes de cadaveres, brioso,  
 No acampamento dos christãos mettido,  
 E sem os meus por ultimo, eu fugido?

Mas se este ou outro a elle semelhante,  
 Á patria sua, á sua crença ingrato,  
 Ousa accordo propor vil e infamante,  
 Perdôa-me, senhor, aqui o mato.  
 O cordeiro co'o lobo devorante,  
 E as pombas com as serpes terão pacto,  
 Antes que nós e os francos sobre a terra  
 Vivamos juntos sem viver em guerra.

A fera dextra ameaçador na espada  
 Poisa emquanto discorré. Ouve tremendo,  
 Attonita, em silencio, a voz irada  
 A assembléa, o temivel rosto vendo.  
 Depois, com vista menos enturvada,  
 Cortez, os passos para o rei movendo:  
 Anime-te, senhor, o meu socorro;  
 Eu Solimão em teu auxilio corro.

Aladino, o qual já se tinha erguido,  
 Responde: ó caro amigo, que alegria  
 De aqui sêres! A gente que hei perdido  
 Já não choro; findou quanto temia.  
 Pódes teu reino restaurar cahido;  
 Pódes firmar a minha monarchia  
 Em breve, o céu querendo. E os braços passa  
 Em torno ao collo do Sultão, que abraça.

Findado o acolhimento, o rei concede  
 Seu proprio solio ao ínclito Niceno;  
 A sinistra se assenta em nobre séde,  
 E senta de si perto o mago Ismeno.  
 Da vinda sua emquanto novas pede  
 A Solimão, saúdam no agareno  
 Primeiramente a varonil donzella,  
 E todos os guerreiros depois d'ella.

Veio tambem Ormusse, que alli era,  
 Pois, co'os arabes que ouvem seu commando,  
 Quando a peleja ao apogeu crescera,  
 Por desusadas vias escapando,  
 Graças á escuridão que o protegera,  
 Entrara na cidade mais seu bando,  
 E com o gado e os trigos apanhados  
 Acudira na fome aos sitiados.

Sómente o Circassiano desdenhoso  
 E sinistro se quêda, tão terrível,  
 Como grave leão, quando em repouso  
 Ao redor volve os olhos impassível.  
 Orcano os seus abaixa receoso;  
 Nem no Sultão fital-os lhe é possível.  
 Taes no conselho estavam no tyranno,  
 Solimão, e o concurso soberano.

Godefredo entretanto libertado  
 Tinha as estradas, e seguindo fôra  
 Os vencidos; depois, já tributado  
 Aos mortos o dever da extrema hora,  
 Dispõe que tudo seja preparado  
 Para assaltar-se na segunda aurora;  
 E ameaça os cercados com indício  
 De maior guerra e de maior exício.

E porque a hoste audaz, que lhe acudira  
 Contra a gran multidão da infida gente,  
 Que era dos seus mais estimados vira,  
 Dos que Armida illudiu astutamente,  
 E um d'entre estes Tancredo, o qual cahira  
 Seu prisioneiro, chama-os diligente.  
 Com elle ficam só Pedro o Eremita  
 E alguns que circumspectos acredita.

Eu quereria qué um de vós contasse  
 Vossa peregrinação trabalhosa.  
 E como é que chegou nos explicasse  
 A ponto a vossa ajuda poderosa.  
 Ninguem se atreve a levantar a face,  
 Pela culpa ligeira vergonhosa;  
 Té que, depois que a timidez desterra,  
 O principe lhe torna d'Inglaterra:

Pela sorte excluidos, de amor cego  
 Sentindo o fogo, occultos nós partimos,  
 E do guia fallaz, não vol-o nego,  
 E da enganosa dama atrás fugimos.  
 Discordes, com ciume, sem socego,  
 Por vias intrincadas a seguimos.  
 Ai! tarde o sei! os odios e os amores  
 Co'a voz nutria e olhares seductores.

Emfim chegámos onde a chamma accesa  
 No céu cahiu na raça condemnada,  
 E as offensas vingou da natureza  
 Por nos crimes andar tão arreigada;  
 Região já fecunda e de belleza,  
 Hoje betuminosa agua tornada,  
 E esteril lago, o qual em quanto alcança  
 Opprime o ar, e cheiro impuro lança.



D'este lago o mór peso não se atreve  
 A penetrar o fundo escurecido,  
 Porêm boiam-lhe á flor, qual pinho leve,  
 A pedra, o ferro, o homem. Construido  
 Está n'elle um castello, o qual por breve,  
 Estreita ponte á margem fica unido.  
 Alli Armida nos levou; fragrancia,  
 E risos verte aquella doce estancia.

É branda a aragem, calmo o firmamento;  
 São lêdos troncos, prados; a agua é pura;  
 Mana entre myrtos uma fonte, e em lento  
 Regato se transforma; na verdura  
 Ca'e influxo suave e somnolento,  
 Ao rumor da folhagem que murmura;  
 Cantam nas aves. Oiro e marmor calo;  
 Nem do lavor maravilhoso falo.

Armida á sombra mais amena e densa  
 Na relva, junto ao som da lympha clara,  
 Com vasos esculpidos mesa extensa  
 De mimosas comidas preparara.  
 Os fructos que todo o anno ha de nascença,  
 O que dá terra e mar, e arte alcançara,  
 Tudo era alli; serviam-nos cem bellas  
 Apressadas, solicitas donzellas.

A falsa, meiga rindo e conversando,  
 Seu veneno, cruel, nos propinava;  
 Nós, bebiamos todos, não cuidando,  
 Á mesa o olvido e o incendio que abrasava.  
 N'isto ella se ergue, e diz: volto; e, voltando,  
 Tão tranquillo o semblante não mostrava;  
 Trazia na mão dextra uma varinha;  
 Aberto na sinistra um livro tinha.

Lê; e eu sinto mudar vontade e idéia;  
 Sinto no corpo e vida transformar-me;  
 Novo prazer me incita e me recreia;  
 Salto n'agua, e começo a mergulhar-me.  
 Como pôde (o pensar aqui se enleia)  
 O corpo braços, pernas occultar-me?  
 Encolho-me, já a pelle escâmas somem,  
 E logo peixe sou em logar de homem.

Assim cada um dos mais desfigurou-se,  
 E mergulhou, como eu, na viva prata.  
 Do que era, qual se inquieto sonho fôsse,  
 Uma recordação tenho inexacta.  
 De á forma propria nos tornar lembrou-se  
 Emfim; porêm co'a alma estupefacta,  
 Mudos ficâmos, quando, torva a vista,  
 Se exprime d'este modo, e nos contristâ:

Já vos é meu poder bem conhecido,  
 E como sobre vós hei mando pleno;  
 De mim pende que em carcere mettido  
 Um seja, sem rever o céu sereno;  
 Que outro em passaro seja convertido,  
 Outro em arvore, ou, só a um meu aceno,  
 Em pedra se endureça, em molle fonte  
 Se liquefaça ou traje hirsurta fronte.

Comtudo evitareis minha ira ingente,  
 Se seguir meu desejo vos agrada:  
 Se vos fazeis pagãos, e contra a gente  
 De Christo em nosso pró tomaes a espada.  
 Todos o accordo enjeitam dignamente,  
 Exceptuando Rambaldo; e, como nada  
 Val defesa, algemados n'uma negra  
 Cova nos pôe, que a luz jámais alegra.

Tancredo, por acaso, dentro em breve,  
 Entrou no mesmo forte prisioneiro.  
 Mas na prisão por pouco nos reteve  
 A maga; e, se o que sei é verdadeiro,  
 Comsigo conduzir-nos d'ella obteve  
 Do senhor de Damasco um mensageiro,  
 Para em dom nos levar agrilhoados  
 Ao rei do Egypto em meio de soldados.

Assim iamos pois; mas, como a alta,  
 Eterna Providencia o destinára,  
 Reynaldo, cujo arrojo sempre exalta  
 Com acções novas sua fama clara,  
 Encontra-nos; a nossa guarda assalta;  
 E, obrando as que de obrar jámais deixara,  
 Vence-a; e as armas, que então ella possui,  
 A nós, primeiros donos, restitue.

Eu e todos, alli de certo o vimos,  
 E a dextra lhe apertámos generosa;  
 Eu e todos, alli de certo o ouvimos;  
 A nova de ser morto é mentirosa.  
 D'elle três dias ha nos despedimos,  
 Quando, a armadura rôta e sanguinosa  
 Largando, caminhou ao seu destino,  
 A Antiochia, e com elle um peregrino.

D'esta sorte falava; o ermita emtanto  
 Ao firmamento os olhos revolvía,  
 Outro na côr, na catadura; oh! quanto  
 Mais venerando e sacro parecia!  
 Cheio de Deus, cheio de zelo santo,  
 Té á morada angelica subia;  
 O porvir se lhe mostra, e pela eterna  
 Serie dos annos o pensar interna;

E, abrindo a bocca, em discursar profundo,  
O que ha de acontecer perto apresenta.  
Cada um, para elle olhando tremebundo,  
No desusado gesto e voz attenta.  
Vive Reynaldo, exclama, inda no mundo;  
O resto a fraude feminil o inventa;  
Vive; e guarda-lhe a vida no começo  
Para outra gloria o céu, de maior preço.

Brincos seus feitos são que a Asia está vendo,  
Presagios do clarão que mal assoma.  
Eis claro alcanço, o tempo decorrendo,  
Que ao impio Augusto elle se oppõe e o doma;  
E que, as pennas argenteas estendendo,  
A aguia sua cobre a igreja e Roma,  
Tendo-a da fera ás garras arrancado.  
Dignos filhos dará pae tão honrado.

E os filhos d'estes, e os que após vierem  
Seguirão seu exemplo memorando,  
As tiaras e os templos que soffrerem  
Dos reis máus, dos rebeldes amparando.  
Pizar o altivo, erguer os que gemerem  
E a innocencia, punir o impio execrando,  
Serão suas proezas; triumphante  
Passará a aguia d'Este o sol brilhante.

E é bem justo, se á luz tende e á verdade,  
Que os raios preste a Pedro irresistiveis.  
Onde por Christo se peleje, ella ha-de  
Abrir ovante as azas invenciveis:  
Dotou-a d'esta nobre qualidade  
O céu por suas leis impreteriveis.  
Quer pois o Eterno que chamado seja  
Reynaldo a entrar de novo na peleja.

D'este modo destroe a voz da morte  
Do valente mancebo o sabio ermita.  
Só o applauso commum não segue o forte,  
Piedoso Godefredo, que medita  
Nos vagos casos da futura sorte.  
Emtanto a noite as sombras precipita.  
Então cada um se vae, e ao somno acode;  
Mas do chefe o pensar dormir não póde.

## CANTO XI .

Tendo postos no assalto os pensamentos,  
 O capitão prudente, sem repouso  
 Aprestava da guerra os instrumentos,  
 Quando Pedro o Eremita cuidadoso  
 O procurou, e, á parte, em taes accentos  
 Lhe disse venerando e rigoroso:  
 Senhor, das armas terreaes tu cuidas,  
 Mas do que é mais precizo te descuidas.

Começa pelo céu; com pios cantos  
 Seja em publicas rezas invocada  
 A milicia dos anjos e dos santos,  
 Por que te hajam victoria bemfadada.  
 Preceda o clero com 'sagrados mantos,  
 E erga fervente, súplice toada.  
 Comvosco a piedade o vulgo aprenda,  
 Grandes chefes, e trilhe a vossa senda.

D'esta maneira se expressou previsto.  
 Applauda Godefredo o austero velho,  
 E torna: ó servo de Jesus bemquisto,  
 Acolho com prazer o teu conselho.  
 Enquanto chamo os capitães de Christo,  
 Os ministros congrega do evangelho,  
 Adelmaro e Guilherme, para olhardes  
 Por tudo, e a cerimonia apparelhades.

Na seguinte manhan o ancião juntava  
 Com esses sacerdotes, os maiores,  
 No terreno, onde o altar se levantava,  
 Outros na jerarchia inferiores.  
 Branca veste cada um d'estes tomava;  
 Mantos de oiro bordados os pastores,  
 Que, bipartidos sobre o linho, uniam  
 No peito; a nobre fronte ambos cobriam.

Pedro caminha deante, e ao vento aberto  
 Solta o pendão no empyreo respeitado;  
 Depois o choro a passo grave e certo  
 Em duas ordens immensas separado,  
 Que alternamente dúplice concerto  
 Entoam, sobre a terra o olhar pregado;  
 Adelmaro e Guilherme, a par marchando,  
 As compridas fileiras vão fechando.

Seguem-se: Godefredo, qual a usança  
 Dos que commandam, só, sem companheiro,  
 E a dois e dois os principaes; avança  
 Toda a hoste christan por derradeiro,  
 Prompta á defesa. Assim com confiança  
 Deixam no campo; o brado pregoeiro  
 Da trompa não se escuta, ou sons ferozes,  
 Mas só de devoção timidas vozes.

A ti, Pae, a ti, Filho, em sêr, grandeza  
 Eguaes, a ti do amor de ambos nascido,  
 E a ti, do Homem-Deus ó Mãe illesa,  
 Imploram no seu canto compungido;  
 Invocam-vos, a vós, que a fortaleza  
 Do exercito dos anjos tripartido  
 Dirigis, e a ti, santo, que na fonte  
 Lavaste do peccadô a diva frente;

E a ti, sólida pedra, que sustenta  
 A casa do Senhor segura e forte,  
 Onde o que em teu logar hoje se assenta  
 Abre a porta ao perdão; da mesma sorte  
 Os mais nuncios que o céu nos apresenta,  
 Que hão publicado a triumphante morte;  
 E aquelles que a verdade confirmaram,  
 E co'o sangue e martyrios a sellaram;

Tambem os que ensinaram na perda  
 Via do céu co'a penna, ou fala rara;  
 E aquella que elegeu a melhor vida,  
 Serva do Redemptor fiel e cara;  
 E quantas para esposas Deus convida,  
 Virgens que n'este mundo o claustro ampara;  
 E as outras que magnanimas soffreram  
 Tormento, e aos reis e aos povos se atreveram.

Assim cantando o préstito ordenado  
 Em longa volta lento se encaminha  
 Para o monte Olivete appellidado,  
 O que das oliveiras lhe provinha,  
 Monte por sacra fama celebrado,  
 Que do oriente os muros avizinha,  
 Sendo só d'elles pelo val partido  
 De Josaphá, que em meio está mettido.

Para lá marcha o exercito canoro;  
 Grutas, oiteiros, valles, resoando,  
 Fazem voar seu cantico sonoro;  
 Repetem-no mil echos murmurando,  
 Nos fundos antros, na folhage um choro  
 Selvatico, e secreto, semelhando;  
 Tão perceptivel replicar se ouvia  
 De Christo o grande nome ou o de Maria.

Sem se mover, cheio de pasmo, entanto  
 Vê tudo das muralhas o precito:  
 A desusada pompa, o humilde canto,  
 O tardo movimento, o extranho rito.  
 Depois, passada do espectac'lo santo  
 A novidade, alça tremendo grito.  
 O val, o monte, a rapida torrente  
 Repetem-lhe as blasphemias claramente.

Mas a suave e casta melodia  
 A procissão piedosa não deixava,  
 Nem a clamores taes o olhar volvia;  
 Como de bando aligero os tomava.  
 Pelos ares a setta em vão zunia;  
 Que viesse perturbar não receava  
 Sua paz de tão longe. Assim levados  
 Foram ao termo os hymnos consagrados.

Depois no alto do oiteiro o altar se adorna,  
 Que ao sacerdote o pábulo dispensa,  
 No qual de cada lado luz entorna  
 Uma bella, aurea lampada suspensa.  
 De outras vestes Guilherme então se orna,  
 Do maior preço; e, após que mudo pensa,  
 Desprende a voz; accusa-se; e offerece  
 Graças a Deus, e juntamente a prece.

Ouvem-no os mais chegados humilmente;  
 Olham-no os mais distantes silenciosos.  
 Do puro sacrificio finalmente  
 Celebrados os actos religiosos,  
 Ergue o pastor a mão solemnemente,  
 Em face dos guerreiros numerosos,  
 E os abençôa. O exercito retira  
 Pela senda que á vinda antes seguira.

Já entra o acampamento, e já se solta;  
 Torna ao seu pavilhão acompanhado  
 Godefredo, que muita gente o escolta  
 Até ao limiar. Ahi chegado,  
 Por que a despeça para trás se volta;  
 E só dos capitães fica cercado,  
 Os quaes recebe á mesa, onde fronteiro  
 Quer ter Raymundo, o sabio conselheiro.

Após a sêde, e a natural vontade  
 Dos alimentos mitigada achar-se,  
 Tudo co'a matutina claridade,  
 Lhes diz, para o assalto ha de ordenar-se.  
 Amanhan tereis guerra; em liberdade  
 É hoje descansar e preparar-se.  
 Portanto repousae; depois se aprompte  
 Cada um co'os seus, e co'a peleja conte.

Da grande tenda os chefes se apartaram;  
 E os arautos, as trompas emboccando,  
 Que todos se aprestassem proclamaram  
 Para a guerra em a aurora despontando.  
 Assim parte do dia repousaram  
 Os christãos, parte andaram trabalhando,  
 Até que trouxe treguas á fadiga  
 A calma noite do socego amiga.

Mal surgia a manhan no céu escuro;  
 Mal seu clarão no oriente apparecia;  
 Nem a terra sulcava o arado duro;  
 Nem para os campos o pastor volvia;  
 No ramo estava o passaro seguro;  
 Na selva nem ladrido ou voz se ouvia;  
 Quando a soar a matutina tromba  
 Armas começa, armas o ar rimbomba.

Armas, armas, repetem n'um instante  
 Em unisono grito cem fileiras.  
 Põe-se a pé Godefredo, e em vez da ovante  
 Coiraça, e das usadas canelleiras,  
 Outra armadura veste, como infante,  
 De peças mui singelas e ligeiras;  
 Ao leve peso já o corpo entrega,  
 Quando Raymundo junto d'elle chega.

Este, assim vendo o chefe, entra em cuidado,  
 E penetra qual seja a sua mente.  
 Que é da forte coiraça, do pesado,  
 Ferreo arnez? Onde vaes tão simplesmente,  
 Senhor, e em parte inerme? Ajuizado  
 Não julgo de tal modo ires sómente.  
 D'estes claros signaes eu imagino  
 Que méta baixa e obscura é teu destino.

Ah! que desejas? A privada gloria  
 De assaltador de muros? Que a procure  
 Quem alma tiver menos meritoria;  
 Esse, qual deve, ás lides se aventure.  
 Tu arma-te melhor para a victoria;  
 Que por nós tua vida se segure;  
 Do exercito christão nervo e sciencia,  
 Convem que te preserves com prudencia.

E Godefredo: o que te ha sido ignoto  
 Sabe agora; cingindo-me esta espada  
 O grande Urbano, e armando-me devoto  
 Cavalleiro em Clermont sua mão sagrada,  
 Fiz ao Senhor tacitamente um voto:  
 Não só de capitão seguir a estrada,  
 Mas tambem, qual soldado, preparar-me,  
 E aos perigos, como outros, arriscar-me.

Portanto, apenas contra o musulmano  
 O exercito fiél marchar disposto,  
 E eu cumprir o que ao mando soberano  
 Compete, e pela lei me foi imposto,  
 Justo é (nem o reprovás) do tyranno  
 Que eu ás muralhas apresente o rosto,  
 E que a minha promessa a Deus se observe;  
 Elle só me proteja e me conserve.

Disse; os chefes francezes o imitaram,  
 E os dois irmãos na idade inferiores;  
 Os outros principaes tambem se armaram,  
 Como elles, de peões batalhadores.  
 Entretanto os pagãos já se postaram  
 No logar onde aos gelidos rigores,  
 Do norte para o occaso vira o muro,  
 Sitio facil no accesso, mal seguro,

E donde unicamente se temia  
 São de alguma injuria dos contrarios.  
 O vulgo forte alli não só unia  
 Aladino, e os soldados mercenarios,  
 Mas tambem ás fadigas compellia  
 Meninos e anciãos por modos varios,  
 Os quaes vão conduzindo aos mais galhardos  
 Cal, enxofre, betume, pedras, dardos.

De machinas e de armas arrogante  
 Mostra-se o muro que do plaino cre'ce;  
 Da cinta para cima, atroz gigante,  
 O Sultão indomavel apparece;  
 Entre as ameias torreado Argante  
 Ameaçador de longe se conhece;  
 E na torre angular de altura infinda  
 Mais que todos avista-se Clorinda.

Cheia de agudas flechas a guerreira  
 Trazia ás costas pendurada a aljava.  
 Já nas mãos tinha o arco, já a primeira  
 Dispunha contra a corda, e áleria estava.  
 Anciosa de ferir, d'esta maneira  
 Que chegassem nos francos esperava;  
 Tal de Delos a virgem seductora  
 Das nuvens setteava o mundo outr'ora.

Mais a baixo o monarcha, discorrendo  
 A pé, de uma a outra porta se apressura,  
 O que ordenou nos muros cauto vendo,  
 Confortando os cercados, que assegura,  
 Já reforçando a gente, já provendo  
 De mais armas; emfim de tudo cura.  
 As mães afflictas para o templo correm,  
 E ao seu nume embusteiro se soccorrem:



Do roubador christão, senhor, a lança  
Quebra com esse braço recto e forte,  
Pois contra o nome teu jámais descansa;  
Ante as portas abate a vil cohorte.  
Assim pedem; ouvil-as não alcança  
O inferno entre o chorar da eterna morte.  
Ora enquanto Sião tal se aprestava,  
O pio Godefredo os seus postava.

Primeiro o corpo dos peões presenta  
Com muita providencia e bôa arte,  
E contra o lança que assaltar intenta  
Obliquo por dois lados o reparte;  
As balistas no centro d'ellé assenta,  
E os mais engenhos horridos de Marte,  
Donde se arrojam de braveza cheias  
Hastas, pedras ao alto das ameias.

Cobre co'os cavalleiros os infantes  
Na espalda, e ordena em róda os corredores.  
Dá o signal do ataque; e os sitiantes  
Bésteiros tantos são e atiradores,  
E os projecteis das machinas volantes,  
Que rareando vão os defensores.  
Qual expira; da pugna qual se afasta;  
Já do muro a corôa é menos basta.

O passo dos christãos enthusiasmados  
Quanto possivel é então se apressa.  
Os broqueis aos broqueis levam pegados  
Muitos para abrigarem na cabeça;  
Muitos marcham co'as machinas guardados  
Das pedras, cuja chuva nunca cessa;  
Até que, approximando-sê do vallo,  
Tentam co'o chão vizinho nivelal-o.

Não era elle de limo pantanoso,  
Nem de agua, porque o solo o não consente;  
Portanto enchem-no, ainda que espaçoso,  
De troncos, terra e pedras facilmente.  
N'isto Alcasto descobre-se animoso;  
Põe a primeira escada ao muro em frente;  
E sóbe; nem os tiros o demovem,  
Nem o betume que as ameias chovem.

Do curso aereo em meio já se via  
O fero helvecio, a flexas mil exposto,  
E nenhuma offendido ainda o havia,  
E a tanta audacia estorvo tinha posto,  
Quando redonda pedra (parecia  
Lançada por bombardas) junto ao rosto  
No capacete o colhe, e ao chão o atira.  
Fôra o Circassiano o que o ferira.

Não é mortal, mas serio o golpe e a queda,  
 Pelo que immovel ca'e e atordoado.  
 Então Argante clama, a face lêda:  
 O primeiro prostrei; quem segue o ousado?  
 Vinde ao assalto; o mêdo não me arreda;  
 Não me escondo, qual vós, acovardado.  
 Vosso abrigo de nada servir deve:  
 Quaes feras no covil morrereis breve.

Tal dizia; comtudo não deixavam  
 Os christãos de avançar apercebidos,  
 E mil settas e pesos sustentavam,  
 Sob os reparos e os broqueis unidos.  
 Já aos muros co'o ariete chegavam  
 Grandes machinas, lenhos desmedidos,  
 Que tinham de carneiro ferrea fronte.  
 Tremem nas portas só de os ver defronte.

Emtanto mole de extensão immensa  
 Por cem mãos é de cima arremessada,  
 Que dos escudos na junção mais densa  
 Tomba, quasi a um monte comparada;  
 Separa-os; entra-os; e na furia intensa  
 Elmos, cabeças piza, faz em nada.  
 De armas, cérebros, ossos fica pleno  
 O ensanguentado, mádido terreno.

Então os assaltantes de a coberto  
 Das machinas estar não se contentam;  
 Mas abalançam-se ao perigo aberto,  
 E o seu esforço á luz do dia ostentam;  
 Qual arrimando a escada a sobe incerto;  
 Quaes minar á porfia o muro tentam;  
 Abre-se este afinãl, e ruinoso  
 Passagem mostra ao franco impetuoso.

E, ao rude encontro, com que o bate e offende  
 O ariete, sem treguas, cahiria;  
 Porém d'entre as ameias o defende  
 O infiel com saber e valentia;  
 Pois quando o lenho válido se estende  
 Desce fardos de lan, nos quaes esfria  
 O choque, porque o faz menos terrível  
 A materia domavel e flexível.

Emquanto assim o exercito arrojado  
 Proximo da muralha se chegara,  
 Tinha por sete vezes encurvado  
 Clorinda o arco, e a setta disparara;  
 E outras tantas o ferro açacalado  
 Nos corpos do inimigo empurpurara,  
 Não no sangue plebeu, mas no mais digno,  
 Que o outro, de soberba, julga indigno.

O menor filho do anglo rei sentiu  
Antes de todos seu valor guerreiro.  
Mal de fóra a cabeça ella lhe viu,  
Um tiro logo lhe jogou certo;  
Nem de aço o rijo guante lhe impediu  
Que a dextra mão passasse ao cavalleiro;  
Tanto que este, a bramir mais pela ira  
Que pela dôr, inhabil se retira.

Mata o conde d'Amboise junto ao vallo;  
Mata Clotario que na escada estava;  
Um, depois de no peito vulneral-o;  
De lado a lado o outro atravessava.  
O ariete puxava, e ia lançal-o  
De Flandres o senhor, quando eis lhê crava  
Fundo uma flecha no sinistro braço,  
Que arrancal-a da carne é vão cansaço.

Ao incauto Adelmario, o qual distante  
O pelejar olhava embravecido,  
Fere na fronte setta sibilante;  
Leva elle a mão ao sitio assim ferido,  
E nova setta a prega no semblante;  
Ca'e então no terreno enrubescido,  
Ministrando no sangue puro e sacro  
Às armas feminis vasto lavacro.

Não longe das ameias Palamede  
Uma escada subia, em nada tendo  
O perigo, quando uma flecha o impede,  
Que, o supercilio dextro lhe rompendo,  
Atravessa do olho a cava séde,  
Rasga os nervos, e sa'e sangue vertendo  
Pela nuca; da altura elle resvala,  
E do muro ao sopé a vida exhala.

Emtanto Godefredo diligente  
Em novo assalto opprime os defensores:  
Para uma porta faz levar ingente  
Lignea torre, entre as machinas maiores  
De todas a maior, tão eminente,  
Que os muros não lhe estão superiores,  
Torre que, de guerreiros grave e armada,  
É sobre varias rodas transportada.

Caminha a instavel mole arremessando  
Settas, lanças, e por se unir trabalha,  
Qual em guerra uma nau outra abordando,  
À opposta e fortissima muralha.  
Mas quem a guarda o tolhe, e forcejando,  
Tiros d'aqui, d'alli contra ella espalha;  
Desvia-a com os piques, e a combate;  
E com pedras ameias, rodas bate.

Tantos dardos e pedras os dois lados  
Despediram, que os ares se obumbraram.  
Topam-se duas nuvens, e voltados  
Alguns dos tiros são aos que os lançaram.  
Quaes dos ramos de folhas despojados  
Pelas chuvas, que em gelo se tornaram,  
Ca'em no chão os fructos immaturos,  
Por modo equal os infieis dos muros;

Porque padecem estes mais o damno,  
Menos armados. Dos que ainda existem  
Muitos tomam na fuga, que ao insano  
Fulminifero engenho não resistem.  
Mas fica o de Nicéa já tyranno,  
E alguns retém, que em pelejar insistem;  
E o corajoso Argante a oppor-se corre  
Com grande trave do inimigo á torre;

E a repelle, e de si a põe distante  
Quanto é comprido o lenho, e o braço forte.  
Baixa tambem a atiradora ovante,  
E vem dos socios quinhoar a sorte.  
Entretanto o christão lida incessante  
Por que aos fardos de lan as cordas corte  
Com longas foices; estes vão a terra  
E o muro deixam desarmado á guerra.

Assim a torre em cima o fustigava,  
E o ariete em baixo ponderoso,  
Pelo que já em partes amostrava  
O recondito seio; o valoroso.  
Capitão a distancia pouca estava  
Do lança estremecido e ruinoso,  
No seu maior escudo recolhido,  
O qual só rara vez era trazido.

D'aqui elle vê cauto o que fazia  
O inimigo; e o Sultão nota, o qual de'ce,  
E vae pôr-se em defesa onde se abria  
A perigosa brecha; que apparece  
A audaz Clorinda na elevada via;  
E que Argante com ella permanece;  
Vê-o, e sente da bravura o effeito  
Incendiar-lhe o generoso peito.

Dá-me esse arco e esse escudo mais ligeiro  
Do que este, determina ao esforçado  
Sigerio, que, seu pródigo escudeiro,  
Outras armas levava, e tinha ao lado;  
Sobre aquelles destroços o primeiro  
Serei a entrar o passo receado;  
Tempo é já de provar se um feito nobre  
Distinctamente meu valor descobre.

Assim, mudado o escudo, elle dissera,  
 Quando uma setta pelos ares vôa,  
 É o offende na perna, onde é mais fera  
 A dôr, que de mais nervos se povôa.  
 Clorinda, que de ti ella viera,  
 E te cabe esta honra a fama entôa.  
 Se os teus da mórte ou jugo não são presa  
 Então, devem-no á tua fortaleza.

Mas Godefredo as dores mal sentindo,  
 As mortíferas dores da ferida,  
 Não susta a marcha, antes, audaz subindo  
 Pelas ruínas vae, e os mais convida.  
 Emtanto como, os passos lhe impedindo,  
 A perna o não sustente enfraquecida,  
 E, como o andar o padecer lhe augmente,  
 A força deixa o assalto finalmente.

E, chamando o bom Guelfo co'um aceno,  
 Lhe diz: vou-me forçado da peleja;  
 Que faças minha vez aqui te ordeno,  
 Té que tornado novamente eu seja.  
 Vou e volto depressa; é por pequeno  
 Espaço. Tendo dito o que deseja,  
 Monta veloz corcel, e n'um momento  
 Entra, não sem ser visto, o acampamento.

Á partida do chefe tambem parte  
 Dos francos a fortuna vencedora;  
 Cresce o vigor pela contraria parte,  
 E a esperança e a coragem lhe roborá.  
 Já nos de Christo a protecção de Marte  
 Fallece, e o arrojo, e o espirito de outr'ora;  
 Já os ferros ao sangue lentos correm;  
 Já mesmo os sons da trompa quasi morrem.

O parapeito a guarnecer não tarda  
 A turba que fugira, e ao muro assoma;  
 Té as donas, a exemplo da galharda  
 Clorinda (o patrio amor o sexo doma)  
 Correm, a fim de collocar-se em guarda,  
 A veste curta, desparzida a coma,  
 E atiram dardos, sem pavor mostrarem  
 De pelos seus as lides affrontarem.

O que ao franco moveu maior quebranto,  
 E ao infiel mais animo infundiu,  
 Foi verem os dois lados no entretanto  
 O forte Guelfo que no chão cahiu.  
 Uma pedra bem certa em povo tanto,  
 De longe despedida, o descobriu.  
 Aò mesmo tempo uma outra igual apanha  
 Raymundo, e em terra o deita, e em sangue o banha.

Tambem do fosso á borda asperamente  
 O temerario Eustachio foi colhido.  
 Nem do inimigo um tiro houve sómente  
 Dos mil que n'esse trance dolorido  
 Contra os fieis lançou, que cruamente  
 Não deixasse algum morto, algum ferido.  
 Em tal prosperidade, mais Argante  
 Feroz ainda brada trovejante:

Não é esta Antiochia, não é esta  
 A noite das traições, a vossa amiga.  
 Vêde, o sol é brilhante, a gente presta;  
 Outro é o modo de guerra, outra a fadiga.  
 Do amor do roubo nem centelha resta  
 Na vossa alma? O louvor não vos obriga,  
 Para assim tão depressa fatigados  
 Cederdes, francos vis e afeminados?

Acaba; e tanto entusiasmo accende  
 Do cavalleiro audacioso o peito,  
 Que aquella ampla cidade que defende  
 Julgando pouco ser, corre direito  
 Para o logar onde se o muro fende,  
 E mostra um passo entre a ruína estreito,  
 E, occupando-o, ao Sultão, proximo, grita,  
 E com elle a sahir d'est'arte o incita:

Solimão, este é o sitio, e esta a hora  
 Julgadores da nossa valentia.  
 Páras? Que temes? Busque d'aqui fóra  
 A gloria quem quizer com galhardia.  
 Assim falando, Argante, sem demora,  
 Parte, e aquelle tambem, como em porfia;  
 A um faz o furor se precipite;  
 A outro a honra e o temerario envite.

Ambos contra o inimigo se arrojaram  
 Subito, em competencia, inesperados,  
 E tanto homem por terra derribaram,  
 E tanto escudo e elmo, denodados,  
 E tanta escada, e ariete estroçaram,  
 Que, sendo co'as ruínas mixturados,  
 De tudo em roda um monte quasi ergueram;  
 Um reparo em logar do que perderam.

A gente que Sião ha pouco vira  
 Suas grossas muralhas escalando,  
 Agora já a entral-as não aspira,  
 E até mal se defende pelejando;  
 Do novo ataque cede emfim á ira,  
 E foge, aos dois as machinas deixando,  
 Que já não soffrerão outro combate;  
 Tão forte é este que incessante os bate.

Um e outro pagão impetuosos  
 Cada vez mais avançam, triumphantes;  
 Já o lume pedem; voam furiosos  
 Á torre com os fachos flammejantes.  
 Taes sa'em dos infernos tenebrosos  
 As três irmans, as cobras sibilantes,  
 E o fogo na mão impia sacudindo,  
 O universo assolando e destruindo.

Mas o joven Tancredo, que invencivel  
 N'outra parte os latinos animava  
 Para o assalto, ao notar a acção incrível,  
 E a gigantesca chamma que ondeava,  
 No discurso parando, o ardor terrivel  
 Dos sarracenos a enfrear marchava;  
 E façanhas obrou de taes primores,  
 Que venceu, pôz em fuga os vencedores.

D'esta maneira da batalha o estado  
 Co'o volver da fortuna se volvera.  
 Emtanto Godefredo vulnerado  
 Á sua grande tenda se acolhera;  
 De Sigerio e Balduino acompanhado,  
 Entre muitos amigos tristes era;  
 Tirar da chaga a flecha inutilmente  
 Procura, e quebra a canna impaciente.

O mais apressurado e prompto meio  
 Para curado ser achar deseja;  
 Quer que á ferida se descubra o seio,  
 E que cortada largamente seja.  
 Restitui-me á guerra, que eu anceio,  
 Antes que, finda a luz, findada a veja.  
 Disse; e, encostando-se a comprida lança,  
 Ao ferro a perna dá com confiança.

Já se apresta Erotímo, ancião preclaro,  
 Que nas margens nasceu do Pó jocundo,  
 O qual o emprego mais occulto e raro  
 Das aguas, e das hervas sabe a fundo;  
 As nove musas egualmente é caro;  
 Mas em curar se apraz; douto e facundo  
 Pode os nomes levar á eternidade,  
 E só nos corpos mostra a habilidade,

Encostado, com face alta e segura,  
 Soffre immovel o chefe a dôr pungente.  
 O velho, arregaçada a vestidura,  
 E os braços livres d'ella, co'o potente  
 Valor das hervas ora em vão procura  
 Tirar a flecha, ora co'a mão sapiente;  
 E a mão de novo e o tenaz ferro emprega  
 Para a arrancar, embalde; a nada chega.

Sua arte o não ajuda; ao seu intento  
 Não sorri o destino favoravel;  
 E o martyrio do heroe é tão cruento,  
 Que se lhe torna quasi insupportavel.  
 Commovido o anjo seu por tal tormento,  
 Colhe no Ida o dictamo, herva saudavel,  
 Toda adornada de purpureas flores,  
 Que qualidades tem superiores.

Ás cabras da montanha a natureza  
 Quaes as virtudes que ella tem ensina,  
 Quando feridas vão, levando presa  
 No flanco ensanguentado a setta fina.  
 Embora de mui longe, com presteza  
 A transporta do anjo a mão divina,  
 E o seu succo, invisivel, espremendo  
 N'um banho que se estava então fazendo,

Da nascente da Lydia ao licor santo  
 Mixtura a planta de vivaz perfume.  
 Lava a chaga Erotímo; extranho encanto!  
 Solta-se por si mesmo o ferreo gume,  
 E pára o sangue; foge a dôr emtanto,  
 E o seu vigor a perna reassume.  
 Grita o velho: não foi, não foi, minha arte,  
 Nem minha dextra que logrou curar-te.

Maior poder te salva; anjo piedoso,  
 Medico por ti feito, veio á terra;  
 Vejo da mão de Deus signal famoso.  
 Toma as armas; que esperas? Volta á guerra.  
 Calça o chefe, da pugna desejoso,  
 A purpura; a gran lança com que aterra  
 Os inimigos brande; o escudo abraça,  
 Que depuzera, e o capacete enlaça.

Já sa'e do acampamento, e se adeanta  
 Com mil contra a cidade combatida;  
 Enturva o ar o pó que se levanta;  
 Treme a terra a seus passos commovida.  
 O infiel nas ameias se quebranta,  
 Vendo-o chegar, e a hoste destemida;  
 Pelo que lhe congela o sangue o medo.  
 Solta o brado três vezes Godefredo.

Reconhecem nos seus aquellas vozes,  
 E o grito que os excita na batalha,  
 E, recobrando o impeto velozes,  
 No assalto novo cada qual trabalha.  
 Porém já n'isto os dois pagãos ferozes  
 Se acolhiam na brecha da muralha,  
 E obstinados a entrada defendiam  
 De Tancredo, e de quantos o seguiam.



Pelas armas coberto, a fronte alçada,  
Chega aqui Godefredo, ardendo em ira;  
E logo a desmedida hasta ferrada  
Ao torvo Argante fulminando atira.  
Machina por melhor, por mais falada,  
Jámais lança como esta despedira.  
Trôa pelo ar a longa trave, e ao rudo  
Golpe intrepido Argante oppõe o escudo.

O ferro lh'o penetra em continente,  
E tambem a coiraça lhe atravessa,  
Té manchar-se no sangue; o cru descrente,  
Sem que ao menos a dôr sentir pareça,  
Toma-o, arranca-o das carnes inda quente,  
E ao capitão dos francos o arremessa,  
Com estas vozes, que o contrario ouviu:  
Recebe as armas tuas que eu te enviu.

A hasta, que ora offensa, ora vingança  
Conduz, percorre o trilho conhecido;  
Porêm o que procura não alcança,  
Que elle o corpo lhe furta prevenido;  
Encontra o fiel Sigerio, e em terra o lança.  
Fundamente na goela mal ferido;  
Nem pésa a este, em vez do chefe e amigo,  
Assim baixar ao sepulcral jazigo.

Quasi a este tempo Solimão vulnera  
Com uma pedra o capitão normando,  
Que se contorce co'a pancada fera,  
E vae a terra, qual pião, rodando.  
Não póde mais soffrer, mais nada espera,  
Ao vê-lo, Godefredo, que, empunhando  
O gladio, das ruínas sóbe o monte,  
E ataca os sitiados fronte a fronte.

Alli acções pasmosas praticava,  
E opposição de morte lhe moviam;  
Mas já nos céus a noite começava;  
A terra as suas azas já cobriam;  
E os rancores a treva sopitava;  
E a lucta os contendores suspendiam;  
Pelo que Godefredo a guerra deixa.  
D'est'arte o dia sanguinoso fecha.

Porêm, antes que assim elle cedesse,  
Mandou levar ás tendas os doentes;  
Nem consentiu que em presa o infiel houvesse  
As reliquias das machinas potentes;  
Já salva, a torre fez se recolhesse,  
O mór terror das inimigas gentes,  
Posto que da marvovia, horrenda lida  
Aberta n'alguns sitios e partida.

A mil perigos escapado havendo,  
 Toca ella quasi o campo da defesa.  
 Mas, como nau, que, afoita o mar correndo,  
 Da tempestade zomba, e o mar despreza,  
 E, quando o porto proximo já tendo,  
 Se espedaça das rochas na dureza;  
 Ou qual corcel, que junto ao poiso amado  
 Ca'e, após precipicios ter passado;

Tal a torre, da parte d'onde fôra  
 Mais exposta dos tiros á tormenta,  
 Duas rodas quebrando, pára agora  
 Pendida a um lado, e a custo se sustenta.  
 Mas estacas lhe põe, e firme a escora  
 A turba que a conduz, a tudo attenta,  
 Até que promptos os obreiros chegam,  
 E o prejuizo em reparar se empregam.

Godefredo isto ordena, pois queria  
 Que antes do novo sol se concertasse;  
 E esta via occupando e aquella via  
 A rodeia de força que a guardasse.  
 Mas na cidade o ruído que se ouvia  
 Dos instrumentos fez que adivinhasse  
 Tudo o contrario, e tudo descobrisse  
 Quanto dos fachos o brilhar lhe disse.

EST. LXXXIV a LXXXVI.

---

## CANTO XII

Era noite, e socego não gosavam  
 Os corpos da peleja fatigados;  
 Que no fabril trabalho se empregavam  
 Os christãos na custodia precatados,  
 Ao passo que os descrentes reforçavam  
 Os seus muros, batidos e abalados,  
 E tapavam nas brechas; egualmente  
 Dos feridos cuidava uma e outra gente.

Tratados eram estes; e já finda  
 Era em parte a nocturna e veloz obra;  
 E durava remissa em parte ainda,  
 Que ao somno induz a treva que redobra;  
 Mas não descansa a intrepida Clorinda,  
 Em que a sêde de honra e valor sobra:  
 De Argante acompanhada os seus apressa  
 No labor, e a falar a si começa:

EST. I e II.

Hoje dos turcos o senhor e Argante  
 Façanhas singulares praticaram,  
 Pois, sós, entrando o exercito possante,  
 Suas machinas fortes destroçaram  
 Eu, (esta é a minha gloria mais brilhante)  
 Posto que sempre as settas me ajudaram,  
 Encerrada, de longe hei combatido.  
 Só isto a uma mulher é concedido?

Quanto melhor no monte ou na floresta  
 Não fôra que eu as feras acoessasse,  
 Do que, onde tal valor se manifesta,  
 A par de heroes donzella me amostrasse!  
 Porque, se este vestido me molesta,  
 O de mulher não uso, e escondo a face  
 No retiro? Isto diz; pensa; e resolve  
 Grande coisa; e ao guerreiro emfim se volve:

Ha muito um não sei quê de extraordinario  
 E arrojado me turba a mente incerta,  
 Ou porque Deus a inspire, ou porque o vario  
 Seu desejar em Deus o homem converta.  
 Não vês fôra do campo do contrario  
 Luzes? Pois eu irei lá encoberta  
 A torre incendiar, com ferro e fogo;  
 O céu regule o resto; assim lh'o rogo.

Mas, se me impede minha má ventura  
 Tornar, deixo-te d'esse velho honrado,  
 Que sempre me foi pae quanto á ternura,  
 E das minhas donzellas o cuidado.  
 Para o Egypto envial-as tu procura  
 E o ancião já dos annos carregado.  
 Faze-o por Deus, senhor; é de piedade  
 Bem digno o debil sexo e a longa idade.

Pasma Argante, e ferido o illustre peito  
 Do brio pelo estimulo pungente,  
 Quê? has de ir, lhe responde, ao nobre feito,  
 E eu ficar entre o vulgo unicamente?  
 Longe de ti, e em segurança o effeito  
 Presenciarei do fumo e chamma ardente?  
 Não; houvemos na guerra a mesma sorte;  
 Juntos alcançaremos gloria ou morte.

Tambem tenho alma que o morrer despreza,  
 E que aspira a trocar pela honra a vida.  
 E ella: demonstraste-o com certeza  
 Na tua generosa, audaz sortida;  
 Comtudo eu sou mulher, e nada pésa  
 Minha falta á cidade confundida;  
 Mas se tu ca'es (arrede agoiros duros  
 O céu) quem ha de defender os muros?

Replica o cavalleiro: escusas frias  
 Não me demovem, nem razões fallazes;  
 Seguirei teu exemplo, se me guias,  
 Ou preceder-te-hei, se o tu não fazes.  
 Vão ao rei, que do exercito entre os guias  
 Estava, e entre os mais sabios e capazes;  
 Ao qual Clorinda: escuta-nos attento,  
 Senhor, e dá-nos teu aprazimento.

Promette Argante (e em vão não ousa tanto)  
 Queimar commigo do contrario a torre;  
 Só esperâmos que este ceda emtanto  
 Ao somno, e a hora em que o trabalho morre.  
 Levanta as mãos o rei; alegre pranto  
 Por suas faces enrugadas corre;  
 E prorompe: meu Deus, sejam louvado,  
 Que guardas o teu servo e o seu estado.

Nem cahirá tão cêdo, defensores  
 Taes encontrando e tão seguro amparo.  
 Mas que dons obtereis ou que louvores,  
 Se condigno de vós nada deparo?  
 Cantem da fama os sons immorredores  
 Em todo o mundo vosso nome claro:  
 Vossa obra é vosso premio; e premio deve  
 Ser-vos do reino meu parte não leve.

Depois d'essas palavras, ternamente  
 Ora um, ora outro aperta contra o seio.  
 Não póde Solimão, alli presente,  
 Á generosa inveja impôr o freio;  
 Não cinjo, exclama, a espada inutilmente;  
 Comvosco irei, ou pouco atrás, eu creio.  
 Ah! Clorinda volveu, todos a esta  
 Empresa vamos? Se tu vaes, quem resta?

Assim ella falou. Já sobranceiro  
 A recusal-o se aprestava Argante,  
 Quando o rei, prevenindo-o, diz primeiro  
 A Solimão com placido semblante:  
 Sempre tu, ó magnanimo guerreiro,  
 Te mostraste a ti mesmo semelhante,  
 Tu, que nunca ante a face desmaiaste  
 Dos riscos, e na guerra não cansaste.

Sei quanto ora obrarias pelejando;  
 Mas julgo inconveniente e perigoso  
 Ires, nenhum de vós aqui ficando,  
 Do que a cidade conta mais famoso.  
 Mesmo imporia a estes o meu mando,  
 Pôr poupar-lhes o sangue precioso,  
 Se não urgisse a utilidade, e houvera  
 Outrem que acção tamanha emprehendera.

Mas, pois a grande torre, por defesa,  
De tanta gente em roda se guarnece,  
Que força pouca a deixaria illesa,  
E ir muita inoportuno me parece,  
Partam nos dois sómente para a empresa,  
A que sua alma heroica se offerece;  
N'esses lances mil vezes se hão achado,  
E valem mais que exercito ordenado.

Tu, qual convem á regia dignidade,  
Co'os mais aguarda ás portas, eu t'o rogo;  
E quando, como a fé m'o persuade,  
Elles voltarem, já deitado o fogo,  
Do inimigo a domar a feridade,  
Se os seguir, e a ajudal-os corre logo.  
D'est'arte um rei; o outro não responde;  
Porêm o seu desgosto não esconde.

Ismeno, do Orco o magico bemquisto,  
Ajunta: antes de o feito começardes  
Attendei melhor azo; emtanto um mixto  
Vou compor para a machina queimardes.  
Então talvez já muitos dos de Christo  
Jazam dormindo dos que em guarda achardes.  
Concordam; cada qual o tempo espera  
Que para o feito mais propicio era.

Deixa Clorinda as vestes que orna o argento,  
O elmo gentil, as armas altaneiras,  
E toma outras sem plumas e ornamento,  
Negras, do fado seu como agoireiras;  
Porque julga, indo assim, facil o intento  
De atravessar dos francos as fileiras.  
Com ella é Arsete, eunucho, que incessante  
A tem acompanhado desde infante;

E que, os cansados passos arrastando  
Sempre após os seus passos, a seguia.  
Afflige-se este, as armas observando  
Mudadas, e os perigos em que a via;  
E pelas cans, que, d'ella só cuidando,  
Entre fadigas mil creado havia,  
E pelos seus serviços muito pede  
Que fique; mas Clorinda o não concede.

Finalmente lhe diz: já que teimosa  
Te vejo, e no teu mal tão firme e dura,  
Que nem dos annos meus, nem da piedosa  
Vontade, nem do rôgo e prantos cura,  
Vou-te mostrar, ó virgem valorosa,  
Da tua vida a quadra mais escura;  
Depois teu querer ouve ou meu conselho.  
Ella ergue a fronte; e, começando, o velho:

Senapo outr'ora a Ethiopia governava,  
 E inda a talvez governe afortunado,  
 O qual na lei de Christo acreditava,  
 Como tambem o povo seu queimado.  
 Eu, de crença pagão, a vida escrava  
 Supportei có'as mulheres mixturado  
 No seu palacio, servo da rainha,  
 Que, posto negra, formosura tinha.

Muito a amava o marido; e seu ciume  
 Em violencia era igual a seus amores.  
 No afflicto peito o zelo que o consume  
 A tanto foi crescendo nos temores,  
 Que a velava de todos; té do lume  
 Que accende o céu de rútilos fulgores  
 O quizera fazer. Ella prudente  
 O servia gostosa e obediente.

De devotas figuras, e de pia  
 Lenda estava pintada a regia estancia.  
 Branca donzella presa alli se via,  
 Coberta de rubor; pouco em distancia  
 Um cavalleiro um drago percutia,  
 Morto no proprio sangue. Com instancia  
 Alli prostrada muita vez ella ora,  
 E, confessando seus peccados, chora.

Concebe emtanto, e ao mundo lança em breve  
 Uma menina, que na alvura brilha;  
 Eras tu. Perturbada, a cor de neve  
 Contempla; e o caso tem por maravilha;  
 Mas do rei aos furores não se atreve;  
 Pelo que assenta de occultar a filha,  
 Pois elle supporia na brancura  
 Do corpo teu a sua esposa impura;

E que uma outra creança, que nascera  
 Negra, lhe seja em teu logar mostrada.  
 Como a torre, seu carcere, só era  
 Por mim e pelas servas habitada,  
 A mim, que sempre a amei com fé sincera,  
 Te confiou não inda baptizada.  
 Nem então baptizar-te poderia,  
 Que o costume da terra o não soffria.

Por que a longe paiz te conduzisse,  
 Chorando, ella te entrega nos meus braços.  
 Quem seria que a dôr lhe repetisse,  
 E os fervorosos, ultimos abraços?  
 Quantos beijos com pranto! Quantas disse  
 Queixas, que o soluçar quebrava a espaços!  
 Emfim, ó Deus, exclama. aos céus erguendo  
 O rosto, ó Deus, que estás minh'alma vendo,

Se ella mancha não tem, se fui constante,  
E intacto conservei do esposo o leito,  
(Por mim não peço, não; de ti deante  
Vil sou, e mil maldades tenho feito)  
Salva-me a vida da innocente infante,  
A qual denega a mãe materno peito.  
Viva, e seja como eu na honestidade,  
Porê m aprenda de outra a f'licidade.

Tu, celeste guerreiro, que a donzella  
Do veneno da serpe libertaste,  
Se te accendi no altar humilde vela,  
Se oiro e incenso fragrante me acceitaste,  
A Deus a recommenda, para que ella  
Com teu soccorro a desventura afaste.  
Findou; á triste o coração fechou-se,  
E mortalmente pallida tornou-se.

Recebi-te a chorar, e n'uma cesta  
Levei-te sob as flores escondida;  
Encobri-te de todos; e nem esta  
Coisa, nem outra foi já mais sabida  
Incognito sahi; e, por floresta  
Indo, de escuras arvores vestida,  
Uma tigre de feia catadura  
Vi caminhando a mim em direitura.

A um tronco subo, áquella vista horrivel;  
E tamanho pavor me precipita,  
Que te deixo na relva. Ella impassivel  
Se chega, e sobre ti os olhos fita;  
Porê m com modo placido, aprazivel,  
Amoravel até; quem no acredita?  
Lenta, depois, a ti se dirigindo,  
Te lambe; e tu a acaricias rindo;

E ao focinho feroz, brincandô lêda,  
Estendes a mãosinha afoitamente.  
Ella, como se lhe alma o céu concêda,  
Dá-te as têtas; e chúp'al-as contente.  
De mêdo e pasmo o sangue se me veda;  
Sinto, a prodigio tal, confusa a mente.  
Como de leite a fera te acha farta,  
Para ao bosque tornar, de ti se aparta.

Desço da arvore; apanho-te; e, volvendo  
Ao caminho, sem ter mais embaraço,  
Páro emfim n'uma aldeia, onde vivendo  
Algum tempo, crear-te a occultas faço,  
Té que, por mezes dezeseis correndo,  
O sol aos homens aclarára o espaço.  
Então com lingua lactea a voz soltavas  
Inda indistincta, e incerta caminhavas.

Mas como perto a época já vinha  
 Em que para a velhice pende a idade,  
 Eu, rico e farto do oiro, que a rainha  
 Me concedera em grande quantidade,  
 De descansar a errante vida minha  
 Na terra onde nasci tive vontade,  
 Calmando dos amigos na assistencia  
 Em meu lar dos invernos a inclemencia.

Para o Egypto, paiz onde fui nado,  
 Levando-te commigo os passos rejo;  
 E eis que chego a um logar, onde apertado  
 Por grosso rio e por ladrões me vejo.  
 Que deverei fazer? Teu pêso amado  
 Largar não quero, mas fugir desejo.  
 Deito-me a nado; afoito as aguas córto.  
 Co'uma das mãos; co'a outra te supporto.

Rapidissimò é o curso, e mesmo em meio  
 Forma um redomoinho violento,  
 O qual, onde abre mais profundo o seio  
 E mais ferve, me arrasta n'um momento.  
 Largo-te; mas da agua o farto veio  
 Te eleva, e, graças a propicio vento,  
 Na branda areia em salvação te lança;  
 A praia com afan meu corpo alcança.

Alegre te recolho; e á noite, quando  
 Tudo já em silencio estava posto,  
 Vi em sonho um guerreiro, ameaçando,  
 A espada nua me chegar ao rosto,  
 E clamar com imperio: ouve o meu mando;  
 Cumpre o que pela mãe te foi imposto;  
 A creança baptiza; pois é cára  
 Ao céu benigno, e meu poder a ampara.

Dó para a respeitar eu dei ás feras  
 E a agua fiz pensar, e apiedou-se.  
 Infeliz, se do sonho teu desceras!  
 Foi Deus que t'o enviou. N'isto calou-se.  
 Levantei-me: tomei-te donde eras,  
 E parti, como a luz nascida fôsse.  
 Mas, crendo a minha fé, e o sonho crendo  
 Falso, e as maternas preces esquecendo,

Nunca te baptizei; fôste instruida  
 Qual pagan; coisa alguma tu soubeste.  
 Com a idade, nas armas atrevida,  
 Venceste a natureza e te venceste:  
 Fama, terras ganhaste em marcia lida.  
 O resto sabes, e tambem como este  
 Pobre velho de servo e pae te ha feito,  
 Sempre a teu lado, á guerra expondo o peito.



Hontem, quando eu, já proximo da aurora,  
Jazia em somno, semelhante á morte,  
Appareceu-me o anjo, qual outr'ora.  
Mas o olhar mais austero, a voz mais forte,  
E disse-me: infiel, chegou a hora  
De Clorinda mudar de vida e sorte.  
Minha será, mau grado teu; com pranto  
Sabel-o-has; e voou o nuncio santo.

Ouve-me pois, que para ti prepara  
O céu successo extranho. Não consente  
Elle talvez contrariar, ó cara,  
Dos paes a crença; ou esta unicamente  
A verdadeira é. No intento pára;  
Depõe as armas; deixa a ousada mente.  
Finda e chora. Assustada e pensativa  
Fica ella, que equal sonho a tem captiva.

Emfim, asserenando o rosto, exclama:  
Persistirei na fé que hei por verdade,  
Que me inspiraste com o leite da ama,  
E agora de abalar mostras vontade.  
Nem deixarei a empresa que me chama,  
Por mêdo (d'alma nobre indignidade);  
Não; embora de mim tenha deante  
Da morte o mais horrifico semblante.

Entretanto o consola; e, pois a obriga  
O tempo a executar o grande feito,  
Parte, e ao guerreiro indomito se liga,  
Que aos perigos quer ser tambem sujeito.  
Une-se-lhes Ismeno, o qual instiga  
O brio que por si arde no peito.  
E lhes dá duas bolas de betume  
E enxofre, e em fundo vaso escuso lume.

Sahem de noite, e mudos pelo oiteiro  
Descem a passo pressuroso e aberto,  
Tanto que donde era o alto madeiro  
Dos christãos n'um instante se acham perto.  
Então rebenta seu valor guerreiro;  
Referve, e salta o coração desperto;  
O furor os incita ao sangue, ao fogo.  
Brada a guarda, e o signal lhes pede logo.

Ambos seguem çalados; ao que a guarda  
Grita: ás armas! As armas riço sôa.  
O generoso par já mais não tarda,  
Porêm, sem se encobrir, não corre, vôa.  
Como o raio veloz, como a bombarda,  
Que luz e ca'e, e prostra, apenas trôa,  
Correr, chegar, ferir o ajuntamento,  
Abril-o, e entral-o foi um só momento.

Apesar das mil armas que os carregam,  
 E dos golpes innumerados, terríveis,  
 Já descobrem nos lumes, os quaes pegam  
 De prompto nas materias combustiveis,  
 E toda a mole invadem; já se empregam  
 Em seus gigantes lados as horríveis  
 Chammas. Quem contaria como ellas  
 Crescem toldando o brilho das estrellas?

Vê-se em globos o fogo mixturado  
 Entre rodas de fumo ao céu alçar-se;  
 Trepam o incendio dos ventos assoprado,  
 Cujas linguas n'um todo vão juntar-se.  
 Do franco espanta o olhar amedrontado  
 A flamma, e corre cada qual a armar-se.  
 O lenho immenso rue, terror da guerra;  
 Tal obra um tempo breve põe por terra.

Acode hoste christan; o truculento  
 Argante, qual se o risco em nada conte,  
 Lhe grita: o incendio apagaréi violento  
 No sangue vosso, e encara-a frente a frente;  
 Mas a par de Clorinda cede, e lento  
 Se retira para o ápice do monte.  
 A turba augmenta mais do que ribeira  
 Co'a chuva, e sobe, e encalça-os altaneira.

A Aurea Porta patente se offerece;  
 E ahí está entre muitos Aladino,  
 Para acolher os dois, se os protegesse  
 Na façanha e na volta o seu destino.  
 Já tocam ambos o limiar; recre'ce  
 O franco, e entra atrás d'elles repentino;  
 Porém repelle-o Solimão, e fecha  
 A porta; só Clorinda fóra deixa.

A guerreira ficou sómente fóra,  
 Pois, quando aos mais a porta se cerrara,  
 Precípito sahiu e ameaçadora  
 A punir Arimon, que a salteara;  
 E o logrou. Advertido inda não fóra  
 Por Argante como ella se apartara,  
 Que privavam da vista e sentimento  
 A escuridão, a pugna, o ajuntamento.

Mal no sangue fartou a sêde irada,  
 Clorinda, de si mesma recordou-se,  
 E, ao ver fechada a porta, e que é cercada  
 De contrarios, por morta reputou-se.  
 Credo entretanto que não é notada,  
 De novo modo de escapar lembrou-se:  
 Finge-se franco, e silenciosa, ignota,  
 Mette-se entre elles, nem alguém a nota.

Depois, bem como lobo, que se encobre,  
 Feito o mal, e, manhoso, se desvia,  
 Da noite protegida, a dama nobre,  
 Da confusão em meio prosequia:  
 Mas Tancredo, apesar d'isso, a descobre,  
 Tancredo, que chegado alli havia,  
 Quando a Arimon matara a virgem bella,  
 E assignala-a, e se vae logo após ella.

Quer o esforço medir-lhe acreditando  
 Ser homem que o merece na bravura.  
 Clorinda, o alpestre cume rodeando,  
 Por outra porta penetrar procura.  
 Apressado o guerreiro a segue, e, estando  
 Já perto, as armas sôam na armadura;  
 Vira-se ella, e, que trazes, d'esta sorte  
 Veloz? lhe brada. Guerra trago e morte.

Guerra e morte haverás; eu não regeito  
 Dar-t'a, se a buscas; tal responde, e espera.  
 Apeia-se Tancredo, com respeito  
 Do inimigo, pois que elle peão era.  
 Ambos tiram no ferro; ambos no peito  
 Accendem na altivez e a raiva fera,  
 E embatem-se crueis, impacientes,  
 Quaes dois toiros ciosos e frementes.

Grande theatro, e a grande claridade  
 Do sol deviam ter eguaes façanhas.  
 Ó noite, que na funda escuridade  
 As guardaste, e do olvido nas entranhas,  
 Arrancar-t'as permite, e á eternidade  
 Mandar em todo o brilho obras tamanhas.  
 Que a sua fama viva, e a sua gloria  
 Vos illumine, ó trevas, a memoria.

Não buscam defender-se ou retirar-se;  
 No duello a dextreza não tem parte;  
 Nem os botes fingir, nem regular-se;  
 Balda a sombra e o furor o emprego d'arte.  
 Na espada a espada em cheio ao encontrar-se  
 Tine horrenda; combatem sem que aparte  
 Nenhum o pé; continuo os braços movem;  
 E nunca inutilmente os golpes chovem.

Provoca a injuria a colera á vingança;  
 E co'a vingança a injuria mais se aviva;  
 Pelo que sempre a dextera, que não cansa,  
 Com razão nova seu ferir motiva;  
 Cresce o combate, e mais e mais avança;  
 Cerram-se, o que de usar o gladio os priva;  
 Dão-se co'os copos, loucos e sanhudos;  
 Chocam-se os elmos; chocam-se os escudos.

Entre os braços robustos 'apertara  
 O heroe três vezes a donzella errante;  
 E outras tantas Clorinda se soltara  
 Dos laços do inimigo, e não do amante.  
 Voltam ao ferro; tinge a espada clara  
 Sangue de muitas f'ridas; anhelante  
 E lasso cada um d'elles se retira,  
 E de tão longo pelejar respira.

Sobre o pômo da espada descansando  
 O corpo exangue, um para o outro olhava.  
 Já a ultima estrella desmaiando  
 Ia no céu, que a aurora mal corava.  
 Nota o christão mais sangue derramando  
 O inimigo do que elle derramava,  
 E soberbo se alegra. Insania nossa!  
 Que da sorte aura leve tanto possa!

Misero! de que folgas? Em tristeza  
 Teu triumpho e jactancia hão de volver-se!  
 Em mar de pranto, se não fôres presa  
 Da morte, ha de este sangue converter-se!  
 Assim, quietos e olhando-se, a fereza  
 De ambos pôde por pouco suspender-se.  
 Tancredo emfim d'esta maneira disse,  
 Por que o outro o seu nome descobrisse:

Tanto valor a nossa desventura  
 Manda brilhar aqui só e escondido;  
 Mas, se applauso nos nega a sorte dura  
 E testemunhas, faço-te um pedido,  
 (Se em combate pedir não é loucura)  
 Quem és, o que és confessa-me; ou vencido,  
 Ou vencedor, que eu saiba, para gloria,  
 Quem me honra com a morte, ou co'a victoria.

Replica-lhe a animosa: inutilmente  
 Perguntas; nunca o tenho declarado;  
 Porêm, seja eu quem fôr, de ti em frente  
 Um tens dos que hão a torre incendiado.  
 Arde Tancredo em ira, e diligente  
 Torna: em má hora o affirmas, desgraçado,  
 Porque a tua resposta só consegue  
 Que eu a vingança, descortez, empregue.

De novo os toma a colera, e transporta,  
 Posto já debeis, á terrivel guerra.  
 Oh! que pugna! Sem arte, e a força morta,  
 Só na furia o poder de ambos se encerra!  
 Oh! que sanguinea, que espaçosa porta,  
 Se na armadura ou carne o gume enterra  
 A espada! E, se não sa'e do corpo a vida,  
 É porque a raiva a aperta ao seio unida.

Qual o profundo Egeu, cessando o vento,  
 Que inteiro o sacudira e revolvera,  
 Conserva ainda o som e o movimento  
 Das grossas ondas que alteroso erguera,  
 Assim, posto lhes falte o sangue e alento,  
 Que o braço na peleja lhes movera,  
 O impeto primeiro inda inhumano  
 Os nutre, e augmenta o damno com mais damno.

Mas eis resôa a hora em que o desterro  
 Da existencia largar Clorinda deve.  
 Fere-lhe o bello seio o agudo ferro,  
 Que a beber o seu sangue, impio, se atreve,  
 É a veste de oiro ornada, casto encerro,  
 Que lhe apertava o seio branda e leve,  
 Á farta purpureia. A triste sente  
 Os pés faltar-lhe, e a morte vê presente.

Tancredo, na victoria a mente fita,  
 Contra a donzella ameaçador avança.  
 Ca'e a pobre, e, cahindo, a bocca afflicta  
 Abre, e estas phrases derradeiras lança,  
 Que um desusado espirito lhe dicta,  
 De fé, de caridade, e de esperanza,  
 Infundidas por Deus, o qual deseja  
 Que sua ao menos, expirando, seja:

Venceste; eu te perdôo... perdão concede  
 Não ao meu corpo; já não teme nada;  
 Mas á minha alma só; por ella pede;  
 E no baptismo a faze depurada.  
 Esta fala, que a morte quasi impede,  
 Tem não sei que de meiga e de chorada,  
 Que enternece Tancredo, que a inimiga  
 Dextra lhe abranda, e a lagrimas o obriga.

Perto d'alli um corrego do meio  
 Do monte sa'e com fraco murmurio,  
 A elle corre, e, o capacete cheio,  
 Vae o acto cumprir augusto e pio.  
 Ao descobrir-lhe a fronte com receio  
 Sente um tremor, um subitaneo frio.  
 Vê-a, conhece-a, quêdo, silencioso!  
 Que vista! Que tormento angustioso!

Mas não morreu; todo o vigor juntando,  
 Em guarda ao coração, fortificou-se,  
 E, dentro d'elle as magoas occultando,  
 Para dar vida a quem matou voltou-se.  
 Emquanto ia as palavras recitando  
 Da egreja, ella sorriu-se, e transmudou-se,  
 Alegre no expirar, qual se dissera:  
 Em paz morro, por mim o céu espera.

· Tinge bello pallor do rosto a alvura,  
 Quaes violas sobre lirios delicados;  
 Encara o firmamento a virgem pura;  
 Olham-na o sol e o céu, como apiedados.  
 A mão já neve alevantar procura  
 Para Tancredo, e em vez de sons quebrados  
 N'esta doce penhor de paz lhe off'rece.  
 Assim expira, e adormecer parece.

Apenas o infeliz a vê perdida,  
 Perde a energia que o sustera forte,  
 E de todo se entrega á dôr pungida,  
 E ao seu intenso, rábido transporte,  
 Que só no coração fechou a vida,  
 E lhe enche as faces e o pensar a morte.  
 O vivo ao morto se assemelha, mudo,  
 Insensível, na côr, no sangue, em tudo.

E a existencia indignada, tristurosa  
 Da carne o fragil carcere quebrara,  
 Para seguir de perto a alma formosa,  
 Que pouco antes da terra se soltára,  
 Mas chega hoste de francos numerosa,  
 Que agua ou diversa causa alli levara,  
 E o guerreiro conduzem co'a donzella,  
 Mal vivo, ou morto, pois morreu com ella.

Da força o capitão, posto distante,  
 Pelas armas o principe conhece;  
 Por isso corre a elle n'um instante;  
 Depois, a virgem olha, e se entristece;  
 Nem quer deixal-a á sanha devorante  
 Dos lobos, inda que infiel parece.  
 Ambos são sobre os braços dos soldados  
 Á tenda de Tancredo transportados.

Conduzem-nos a passo grave e lento.  
 Não torna a si de todo o heroe ferido;  
 Comtudo solta debil, froixo alento,  
 E demonstra não ter inda morrido;  
 Mas o outro corpo jaz sem movimento,  
 E indica ser o espirito partido.  
 D'esta maneira os levam té que param  
 No acampamento; os dois então separam.

Já muitos escudeiros estão perto  
 Do cavalleiro e o servem promptamente;  
 Já elle os olhos abre, mal desperto,  
 E vê a luz; já a cura e as vozes sente;  
 Mas com juizo estupefacto, incerto,  
 Ao redor de si olha; o sitio, a gente  
 Emfim reconhecendo, afflicto exhala  
 Quanto soffre em submissa, triste fala:

Vivo? Respiro ainda? O brilho odioso  
 Inda contemplo d'este infausto dia,  
 Que presenciou meu feito tenebroso,  
 E que me exprobra a minha tyrannia?  
 Ah! braço, como és fraco e vagaroso!  
 Tu que sabes ferir com tal mestria,  
 Tu, ministro d'infame, acerba morte,  
 Poupas a vida minha d'esta sorte?

Com teu ferro, cruel, passa-me o peito;  
 Emprega, emprega n'elle os teus furores;  
 Mas já talvez, a atrocidades feito,  
 Crês compaixão matar as minhas dores.  
 Viverei pois, para memoria eleito  
 De infelizes e lugubres amores.  
 Só de tão grande crime é digna pena  
 Este indigno existir que me condemna.

Viverei em tormentos e amargura,  
 Justos algozes meus, errante, insano;  
 Haverrei mêdo á noite só, escura,  
 Que me ha de recordar fui deshumano;  
 Do sol que me alumiou a desventura  
 Horror terei ao brilho soberano;  
 Temer-me-hei a mim proprio, em vão tentando  
 Fugir de mim, commigo sempre andando.

Mas, ai! ó desditoso! onde ficaram  
 As reliquias do corpo lindo e casto?  
 Tudo que os golpes meus d'elle pouparam  
 Talvez dos animaes já seja gasto!  
 Ai! como, nobre presa, te deixaram!  
 Ai! doce, caro, precioso pasto!  
 Ai! contra ti moveu-me a escuridade,  
 Que após moveu das feras a maldade.

Se acaso inda existis, irei buscar-vos,  
 E vos conservarei, restos amados;  
 Porém, se não puder mais encontrar-vos,  
 Se de algum animal fostes tragados,  
 Quero no ventre seu acompanhar-vos;  
 Sejam por sua bocca devorados  
 Os membros meus. Feliz, honroso abrigo  
 Para mim o que fôr vosso jazigo.

D'est'arte se ia o misero carpindo;  
 Dizem-lhe que alli junto a amada estava:  
 O seu rosto se aclara, o annuncio ouvindo,  
 Como do raio á luz tormenta brava;  
 E a muito custo, pallido, sahindo  
 Do leito, em que a doença o demorava,  
 Vae ver Clorinda, enfraquecido e lasso,  
 Com fadiga arrastando o incerto passo.

Apenas lá chegou, no seio puro  
 Notando a sua obra, a atroz ferida,  
 E, como céu sereno, posto escuro,  
 A face peregrina, a côr perdida,  
 Tremeu de modo, que, a não ser seguro,  
 Cahiria; e depois logo em seguida:  
 O rosto, que até mesmo a negra morte  
 Mitigas, porêm não a minha sorte;

Ó idolatrada mão, que me offertaste  
 Doce penhor de paz e de amizade,  
 Qual te vejo, ai de mim! qual me tornaste!  
 E tu, despojo da maior beldade,  
 Do perverso furor que em mim provaste  
 Não estás delatando a feridade?  
 Ó vista minha, qual meu braço crua,  
 Que vês assim o mal da culpa sua!

E vejo-o sem chorar? Não me concede  
 Lagrimas o meu peito? Corra ardente  
 Em vez d'ellas meu sangue; e, como o pede  
 O seu desejo, que é morrer sómente,  
 Faixas, feridas rasga; a carne expede  
 Por estas rubra, tepida corrente;  
 E matara-se até, se o não livrasse  
 A propria dor, que fez que desmaiasse.

Posto no leito, a alma, que ligeira  
 Fugia, á odiosa vida já se chama.  
 Do seu soffrer, do caso pregoeira,  
 Voando emtanto a faladora fama  
 Trouxera o chefe, e a multidão guerreira  
 Dos amigos selectos que mais ama;  
 Porêm dictame algum, ou prece branda  
 O mal tenaz do coração lhe abranda.

Bem como chaga de tremendo corte,  
 A qual co'o tratamento se encruce,  
 Nada ha, por mais suave, que o conforto,  
 Antes, sua dor, se é consolado, cre'ce.  
 O venerando Pedro d'esta sorte  
 Notando a ovelha, bom pastor, padece,  
 E o seu longo delirio vehemente  
 Exprobra, e o aconselha gravemente:

Ó Tancredo, ó Tancredo, quão mudado  
 Teu ser está do que outro tempo fôra!  
 Quem d'este modo surdo te ha tornado?  
 Que denso véu teus olhos cobre agora?  
 Este infortunio foi do céu mandado.  
 Não lhe escutas a voz atroadora,  
 Que te accusa, e te mostra o já seguido  
 Caminho, para ti hoje perdido?



Deus te convida para o honroso officio  
 De defensor da sua causa bella,  
 Que trocaste por vil, triste exercicio,  
 Por ser amante de infiel donzella.  
 Com bondadosa colera e propicio  
 Padecer sua mão leve flagella  
 Tua loucura, e em ti mostra-te o remedio  
 Da salvação, mas tua loucura impede-o.

Recusas pois o dom que o céu quer dar-te,  
 Ó ingrato! e contra elle assim te irritas?  
 Entregue a teus martyrios, em que parte  
 D'este modo, infeliz, te precipitas?  
 O abysmo eterno está quasi a tragar-te;  
 E não no vês sequer, e não no evitas?  
 Vê-o, peço-t'ó eu; modera a pena,  
 Que a morte duplicada te condemna.

Calou-se. E o que morrer já pretendia  
 Cede ao morrer perpetuo e a seus terrores;  
 Um tanto se conforma, e da agonia  
 Sente adoçar os intimos agores;  
 Comtudo inda lamenta a sorte impia,  
 E solta seus gemidos e clamores,  
 Falando a si, ou áquella que formosa  
 O ouve talvez da esphera luminosa.

A ella chama, e implora em voz cansada,  
 Quer se ponha, quer surja o claro lume;  
 Qual roixinol canoro a que roubada  
 Fôra do tenro ninho a prole implume,  
 Que as noites em cantiga magoada,  
 Só, chora, e a selva acorda co'ó queixume.  
 Emfim sobre a alva um pouco os olhos fecha,  
 E o somno pelos prantos entrar deixa.

De estellifera veste, diva essencia,  
 Então em sonhos se lhe mostra a amante,  
 De outro tempo guardando inda a apparencia,  
 Apesar de mais bella e fulgurante;  
 Limpar-lhe os tristes olhos com clemencia  
 Parece, e lhe dizer, meigo o semblante;  
 Vê quão formosa sou, vê-me a alegria,  
 Querido, e as tuas dores allivia.

Pois quanto sou te devo; tu sómente  
 Por teu erro do mundo me solveste,  
 E no gremio de Deus, no céu luzente  
 Digna de entrar, piedoso me fizeste.  
 Aqui feliz habito e amando, crente  
 De que outro assento para ti se apreste,  
 Onde á luz do gran Sol, em dia eterno  
 Goses de mim, do seu brilhar superno,

Se não attra'es do céu tu mesmo a ira,  
 Se não segues dos homens a loucura.  
 Vive; eu te amo; porque é que t'o encobri-  
 ra? Qual posso amar terrena creatura.  
 Seu olhar, mal d'est'arte se exprimira,  
 Com sobrehumano resplendor fulgura.  
 Então nos raios seus se inclue e vôa.  
 No peito d'elle novo alento côa.

N'isto acordou Tancredo, calma a face,  
 E á cura se entregou esclarecida;  
 E ordenou que da amada se enterrasse  
 O corpo, albergue já de nobre vida.  
 Se marmore custoso que adornasse  
 O tumulo não houve e arte subida,  
 A melhor pedra ao menos escolheram,  
 E o melhor esculptor que achar puderam.

Depois de fachos por fileira immensa  
 Fez com illustre pompa acompanh-a,  
 E sobre a campa a uma arvore suspensa  
 Depoz sua armadura para honral-a.  
 Mas no dia seguinte logo pensa  
 Em ir, como cumpria, vizital-a;  
 E, combalido, abandonando o leito,  
 Partiu cheio de dó e de respeito.

Ao chegar ao sepulcro, no qual vivo  
 Estava o seu espirito encerrado,  
 Pallido, silencioso, insensitivo,  
 N'elle os olhos pregou, gelo tornado;  
 Um rio emfim vertendo compassivo  
 De choro, um ai soltou fraco, magoado,  
 E disse: ó pedra cara e honrada tanto,  
 Que has dentro o incendio meu, fóra o meu pranto,

Não encerras a morte; só abrigo  
 És de cinza vivaz, de amor o pouso;  
 Por ti eu sinto ainda o fogo antigo,  
 Menos doce, não menos poderoso.  
 Os meus suspiros, ah! toma comtigo,  
 E estes beijos que banho lacrimoso;  
 Dá-os, já que eu não posso, ao corpo d'ella,  
 Que tanto amei, e que teu seio vela.

Dá-lh'os; que, se o olhar volve benigna  
 Aos seus restos sua alma encantadora,  
 Nem o meu dó, nem meu arrojo a indigna;  
 Que na altura dos céus odio não mora.  
 Perdão da minha culpa ella me assigna;  
 E esta esperança meu soffrer minora.  
 Que só a mão foi despiedada sabe,  
 E quer que, amando-a, quem na amou acabe.

E amando-a morrerei; feliz tal dia,  
 E muito mais feliz e appetecido,  
 Se, como ora aqui estou, ó loisa fria,  
 De ti debaixo então fôr acolhido.  
 No céu serão as almas na alegria,  
 No tumulto um ao outro reunido:  
 O que a vida não teve tenha a morte.  
 Oh! se o posso esperar, ditosa sorte!

Confusamente se sussurra emtanto  
 Do triste caso na cercada terra;  
 Já se confirma e espalha, e a cada canto  
 Da cidade assustada a nova erra,  
 Junto com gritos e femineo pranto;  
 Julgáreis que a Sião prostrara a guerra,  
 E que o impio contrario, e a chamma aziaga  
 Pelas casas e templos se propaga.

Todos olham Arséte gemebundo,  
 Que a afflicção retratada tem no aspeito.  
 Qual os mais, não véte elle o seu profundo,  
 Cruel penar em lagrimas desfeito;  
 Suja as cans, e de pó as cobre immundo,  
 O semblante ferindo, e afflicto peito.  
 Mas em meio da turba se adeanta  
 Argante, e d'este modo a voz levanta:

Bem quiz eu, quando vi tinha ficado  
 Fóra dos muros a donzella forte,  
 Seguil-a; e inda corri logo apressado  
 Por quinhoar no risco a mesma sorte..  
 O que não disse e fiz! Por mim rogado  
 Foi o rei que cedesse ao meu transporte,  
 E abrir mandasse as portas da cidade;  
 Embalde! impoz-me a sua auctoridade.

Ah! certo, se eu então sahido houvera,  
 Do perigo a guerreira aqui traria,  
 Ou, como ella, o terreno enrubescera,  
 E com fim memorando acabaria.  
 Mas o que me restava? o que pudera,  
 Se o céu e a terra assim não permittia?  
 Houve ella fatal morte, e eu bem conheço  
 O que devo a mim mesmo, não no esqueço.

Ouvé, Jerusalem, o que te affiança  
 Argante; ouve-o, sagrado firmamento;  
 E, se faltar, fulmina-me: vingança  
 Tomar eu juro do christão cruento,  
 Que é isso que me cumpre, a minha herança;  
 Nem largarei a espada um só momento  
 Emquanto de Tancredo não derrame  
 O sangue, e o deixe aos corvos, presa infame.

Disse, e os brados multiplices e varios  
 Dos infieis a promessa lhe applaudiram,  
 E esses projectos só imaginarios  
 Allivio em sua magoa produziram.  
 Oh! juramentos vãos! Cêdo contrarios  
 Effeitos esperança tal seguiram,  
 Pois elle pela mão do que já cria  
 Vencido dentro em breve morreria.

Est. cv.

### CANTO XIII

Apenas ca'e em cinza a torre infensa,  
 Que moveu ás muralhas guerra dura,  
 Em diversa maneira Ismeno pensa  
 De tornar a cidade mais segura;  
 As madeiras, que o franco não dispensa,  
 Impedir-lhe portanto elle procura,  
 Para contra Sião, já fulminada,  
 Não ser uma outra machina formada.

Das tendas dos christãos não longe se ergue,  
 De ermos valles em meio, alta floresta,  
 De horridos, velhos troncos basto albergue,  
 Que derramam de si sombra funesta,  
 E fazem que, sol claro, mal se enxergue  
 Em luz incerta, descorada e mesta,  
 Qual de encoberto céu, quando succede  
 O dia á noite, ou á noite o dia cede.

Porêm, mal parte o sol, logo anoitece;  
 É tudo escuridão, nuvens e horrores,  
 Cópia do inferno; cego o olhar parece,  
 Ao vê-la, e o peito se enche de temores.  
 Com o seu gado aqui nunca apparece  
 O boiciro; não vem aqui pastores;  
 Só transviado peregrino a affronta,  
 Passando ao longe, e receoso a aponta.

Aqui as feiticeiras co'os amados  
 Se juntam, quando a natureza dorme.  
 Vôam estes em nimbos transportados,  
 Qual na forma dragão, qual bóde informe;  
 Concilio infame, que dos bens anciados  
 Convida fallaz quadro e amor enorme  
 Com pompa immunda a celebrar, insanos,  
 As impias nupcias e os festins profanos.

Est. i a iv.

Era a crença; e nenhum dos habitantes  
 Jámais da selva os ramos arrancara;  
 Mas o franco a violou, porque bastantes  
 Madeiras ella só lhe ministrara.  
 Aqui entrou o mago nos instantes  
 Em que a mudez da noite o auxiliara,  
 Da noite immediata, e, feito um breve  
 Circulo, aonde seus signaes escreve,

Põe n'elle, descingido, reverente,  
 O pé descalço, e imprecações vomita;  
 Os olhos vezes três volta ao oriente;  
 E três para onde o sol se precipita;  
 Move outras três a vara, que potente  
 Tira os mortos da cova, e os resuscita;  
 E outras tantas co'o pé o solo fere;  
 Depois, bradando, tal falar profere:

Ouvi-me, ouvi-me, ó vós, que das estrellas  
 Os raios arrojaram furibundos,  
 Vós, que formaes as túmidas procellas,  
 Dos ares moradores vagabundos,  
 E vós, que as penas infligis áquellas  
 Almas, que soffrem nos abysmos fundos;  
 Eu vos invoco, cidadãos do Averno,  
 E a ti, senhor e rei do fogo eterno.

Em guarda me tomae a selva antiga,  
 E estes troncos, por mim enumerados.  
 Como dentro do corpo a alma se abriga,  
 Sede vós dentro d'elles abrigados,  
 Para que fuja o franco, ou não prosiga,  
 E vos tema, os primeiros golpes dados.  
 O mais que accrescentou foi tão horrível,  
 Que impia lingua narral-o é só possível.

Então os astros mil, de que se adorna  
 O céu sereno, o magico descora;  
 Entre nuvens a lua se transtorna,  
 E vela a sua face encantadora.  
 Irritado a clamar de novo torna:  
 Espiritos, que tanto vos demora?  
 Porque tanto tardar? Estaes esp'rando  
 Maior mysterio, e mais activo mando?

Pelo desuso não me esquece o meio  
 Da minha arte mais forte, o mais famoso;  
 Não; co'a lingua ensopada em sangue feio,  
 Tambem profiro o nome temeroso,  
 Que sempre ouviu o inferno com receio,  
 E a que obedece até Plutão medroso.  
 Sim, sim... Seguir queria; mas emtanto  
 Reconheceu que se operara o encanto.

Innumeròs espiritos maldictos  
 Chegam, dos que vagando o ar encerra,  
 E dos que entre o chorar e eternos gritos  
 Vivem no fundo tetrico da terra.  
 Inda marcham confusos, os precitos,  
 Da gran prohibiçãõ de andar em guerra,  
 Posto não lhes tolheu que ora viessem,  
 E nos troncos e folhas se escondessem.

Ismeno, como tudo estava feito  
 Para o seu fim, ao rei se torna ledó:  
 Seguro tens o throno; acalma o peito,  
 Senhor, e deixa as duvidas e o medo;  
 Que as machinas, qual ha no seu conceito,  
 Renovar nunca pode Godefredo.  
 Assim lhe diz; depois, parte por parte,  
 Conta os successos da invisivel arte.

A isto, continúa, ora accrescento  
 Coisa que menos agradar não deve:  
 No celeste Leão Marte sanguento  
 Do sol ao orbe se ha de unir em breve;  
 Nem o seu fogo abrandarão cruento  
 A chuva, as auras, ou rocío leve;  
 Pois por quantos signaes nos céus eu vejo  
 Aridissima sêcca já prevejo.

Egualará da calma a gravidade  
 A do paiz dos nasamões queimados;  
 Para nós será menos, na cidade,  
 De agua, sombras e commodos dotados;  
 Mas não lhe soffrerão a intensidade  
 Os francos n'esses campos abrasados;  
 Assim d'ella vencidos, ha de a gente  
 Do Egypto destruil-os facilmente.

Triumpharás sem lucta; nem a sorte  
 Eu creio que tentar mais te convenha;  
 Porém, se Argante impaciente e forte,  
 Que a mais honrosa quietação desdenha,  
 Te incitar, para nada isso te importe,  
 E procura como elle se contenha,  
 Pois dar-te-hão brevemente os céus amigos  
 Paz e guerra cruel aos inimigos.

Ouvindo-o, o rei infiel se fortalece;  
 Já não teme o contrario poderoso;  
 E, inda que em parte reparado houvesse  
 Os muros do combate furioso,  
 Em restaurar o mais que inda o carece  
 Diligente se mostra e cuidadoso.  
 Ferve incessante a obra; em varios modos  
 Servos e cidadãos trabalham todos.

Emtanto Godefredo, não querendo  
Que de balde a cidade se atacasse  
Antes que o lenho, presa do tremendo  
Fogo, e os outros engenhos reformasse,  
Manda, qual costumava, ao bosque horrendo  
Os seus, por que madeira se cortasse.  
Partem estes sobre a alva; porêm param  
Com incognito medo, quando o encaram.

Qual menino innocente, que aos terrores  
Das larvas cede, e ao susto que o domina,  
Ou no meio da noite e seus negros  
Grandes monstros, portentos imagina,  
Taes eram dos obreiros os temores,  
Não sabendo o que a tanto os determina,  
A não ser o pavor, que talvez finge  
Mores portentos que a Chimera ou Esphingé.

A turba retrocede; e intimidada  
A sua narração troca e varia  
De modo, que não é acreditada,  
E até mesmo promove zombaria.  
De guerreiros então forte e provada  
Força o prudente capitão envia,  
Por que os trabalhadores escoltasse,  
E a cumprir o trabalho os animasse.

Mal estes do logar se avizinham,  
Onde o inferno seus filhos tinha posto,  
E as tenebrosas sombras encararam,  
Gelou-se-lhes o sangue; mas, composto  
Um pouco o susto, ávante caminham,  
Acobertando-o sob o firme rosto;  
E tanto proseguiram, que já perto  
Eram do bosque de negror coberto.

N'isto um som parte d'elle, de repente,  
Qual rebombo da terra quando treme;  
Ouve-se o murmurar do austro, o plangente  
Quebrar da onda, que nas rocas geme;  
Ruge o feroz leão; silva a serpente;  
Uiva o lobo voraz; e o urso freme;  
A trombeta diz guerra; os trovões trôam;  
Tantos e varios sons n'um som resôam.

Então pallidos todos com espanto  
Mil signaes de pavor na face exprimem;  
Nem póde disciplina ou razão tanto  
Que vençam nas idéias que os opprimem,  
E caminhar os façam contra o encanto;  
Occultas influencias os comprimmem.  
Fogem emfim; e um d'elles conta o factó  
Ao chefe, e juntamente escusa o acto:

Senhor, nenhum de nós, por mais prestante,  
 À floresta se atreve; tão guardada  
 Está, que eu juraria o arrogante  
 Rei do inferno ter lá côrte e morada.  
 Cinge-se vezes três de diamante  
 Quem fitar n'ella a vista não turbada;  
 Só, só loucos a ouvil-a trovejando  
 Se aventuram, rugindo e sibilando.

Assim falava. Alcasto que alli era  
 Entre muitos, acaso, animo forte,  
 E de temeridade rude e fera,  
 Desprezador dos homens e da morte,  
 Alcasto que nenhum monstro temera,  
 Inda temível ao mais fino corte,  
 Nem o que ha mais violento e mais remoto,  
 O raio, o furacão, o terremoto,

Sorriu-se ufano; e, sublimando a frente:  
 Aonde ir este não ousa eu ir confio;  
 A matta cortarei, eu tão sómente;  
 Quanto n'ella se acoita desafio.  
 Não m'o prohibirá phantasma ingente,  
 Canto de aves, ou brado ou murmurio;  
 Inda mesmo que em seu pavor interno  
 Ache o caminho para o baixo inferno.

D'esta sorte blazona; já licença  
 Do chefe obtida, ao bosque se encaminha;  
 Encara-o destemido; escuta a immensa  
 Bulha de extranhos sons, que de lá vinha;  
 E em retroceder sequer não pensa;  
 Seguro avança; e quasi que já tinha  
 Calcado o chão defeso; mas suspende-o,  
 Ante elle alevantado, enorme incendio,

Que em forma de muralha para a altura  
 Cresce, e as linguas atira fumegantes,  
 Rodeando a floresta, que segura  
 Assim contra os machados scintillantes.  
 Mostram nas mores chammas a figura  
 De soberbos castellos torreantes.  
 Esta outra Dite está bem defendida,  
 E de apparelhos bellicos munida.

Oh! quantos monstros com aspecto horrivel  
 Das setteiras em guarda estão armados!  
 Quaes o contemplan com olhar terrivel,  
 Quaes o ameaçam co'os ferros apontados.  
 Foge elle emfim; e, qual leão temível,  
 Afasta-se com passos demorados;  
 Porê m fuge, e o temor lhe abala o peito,  
 De que até alli não conhecera o effeito.



Temeu, sem que soubesse o que sentira;  
 Só a distancia faz que o bem conheça.  
 Enche-se então de pasmo; abafa d'ira;  
 Que o amargo pesamento a vir começa;  
 E confuso, calado se retira  
 Para onde o pejo seu não appareça;  
 Como se erguer a outr'ora altiva face  
 Em presença dos homens receasse.

O capitão o chama; elle a demora  
 Desculpa, inda que a mente em ir não ponha;  
 Depois vae de vagar; e é, qual se fôra  
 Mudo, ou palavras diz, como quem sonha.  
 Que fugira, e que o prende a culpa agora  
 Tira o chefe da insolita vergonha.  
 Que é isto? emfim pergunta. São prestigios  
 Talvez? da natureza altos prodigios?

Mas, se alguém há que brio nobre accenda  
 De arriscar-se á selvatica morada,  
 Partir o deixo; esta aventura empre'enda,  
 E nova ao menos dê mais acertada.  
 Assim falou; e a matta grande e horrenda  
 Nos três seguintes dias foi tentada  
 Pelos mais extremados, sem que houvesse.  
 Algum que ás ameaças não cedesse.

Tancredo a sua amada fôra emtanto  
 Sepultar, porque a lei de amor o obriga;  
 E, posto ainda sem vigor, e tanto,  
 Que bem soffrer não póde elmo ou loriga,  
 Como a necessidade o pede e o encanto,  
 Não se furta aos perigos e á fadiga;  
 O coração no corpo lhe transfunde  
 Força tamanha, qual se d'ella abunde.

Parte o valente joven, circumspecto,  
 Para o risco affrontar não conhecido;  
 Da selva arrosta o pavoroso aspecto;  
 Sente a terra tremer; ouve o estampido  
 Dos trovões; e só lhe entra no secreto  
 D'alma escasso temor, breve banido;  
 Vae ávante; e entre as arvores eis logo  
 Vê a cidade apparecer do fogo.

Pára então, e cogita, duvidando:  
 O que podem nas armas ajudar-me?  
 Nas fauces d'esses monstros, continuando,  
 E na flamma voraz irei lançar-me?  
 Em pró commum, pelo dever lidando,  
 É justo que cada um se exponha e arme;  
 Mas que da vida prodigo não seja  
 Quem se préza, e como este um feito eleja.

Comtudo a hoste que dirá, se eu cedo?  
 Em que outra selva temos esperança?  
 Nem esta deixa certo Godefredo  
 Sem na entrar; e se entral-a outrem alcança?  
 Este incendio talvez filho é do medo,  
 Não como se suppõe; com confiança  
 Eia sigâmos pois. E n'elle salta:  
 Acção famosa que seu nome exalta!

A calma, propria a fogo tal, não sente  
 Debaixo da armadura o cavalleiro;  
 Porêm não ajuiza prestemente  
 Se mentiroso é, se verdadeiro,  
 Porque, apenas tocado, de repente  
 Despareceu, e um denso nevoeiro  
 Trouxe a noite, e o inverno, que passaram  
 Tambem, e n'um momento se acabaram.

Fica Tancredo attonito e pasmado,  
 Mas intrepido; e, ao ver tudo tranquillo,  
 No profano logar entra esforçado,  
 E do bosque examina o ignoto asylo.  
 As phantasticas formas hão findado;  
 Nada o estorva, ninguém tenta impedil-o;  
 Só lhe oppõe a floresta á vista e ao passo  
 Emmaranhado, tetrico embaraço.

A um terreno afinal chega espaçoso,  
 Como de amphitheatro, onde só cre'ce  
 Gigantesco cypreste luctuoso,  
 Que em modo de pyramide fenece.  
 Ao tronco se encaminha; curioso  
 O observa; e uns signaes n'elle reconhece,  
 Parecidos aos que houve em tempo avito  
 Por escriptura o fabuloso Egypto.

Entre os signaes formados d'essa sorte  
 Phrases syrias descobre que entendia:  
 Guerreiro audaz, que na mansão da morte  
 Penetraste com tanta valentia,  
 Ah! se não és cruel, bem como és forte,  
 Não turbes esta habitação sombria.  
 Perdôa ás almas que hão deixado a terra;  
 Não lhes devem nos vivos fazer guerra.

Tal dizia a inscripção. Tancredo intento  
 Ao occulto sentido e absorto estava.  
 Continuo emtanto murmurando o vento  
 Nas folhas e nos ramos escutava,  
 Como som, que de lagrimas concento,  
 E suspirar humano semelhava,  
 Infundindo-lhe n'alma não previsto  
 De dor, de susto, de piedade um mixto.

Mas elle o gladio arranca, e rijo a alçada  
 Arvore fere. Oh! quem pudera crel-o!  
 Verte sangue a cortiça retalhada,  
 Avermelhando o chão. O heroe, ao vel-o,  
 Com mais força de novo brande a espada,  
 Posto sinta erriçar-se-lhe o cabello.  
 Então, como de tumulo, um gemido  
 Sahir d'ella ouve surdo e compungido,

Que logó em clara voz: bravo inimigo,  
 Tancredo, te encontrei! agora ai! baste.  
 Do corpo que viveu por mim, commigo,  
 D'antes feliz morada, me tiraste;  
 N'esta arvore, que o fado por abrigo  
 Me prestou, inda perseguir-me apraz-te?  
 Cruel, depois de morto, o teu contrario  
 Vens offender no encerro funerario?

Clorinda fui; nem eu sómente habito  
 D'este cypreste sob a casca dura,  
 Mas de pagãos e francos infinito  
 Numero, quantos ceifa a morte escura  
 Junto aos muros, aqui encanto invicto  
 Prende, não sei se em corpo ou sepultura.  
 Estes troncos te'm vida; e, se ferino  
 Os cortas, serás d'elles assassino.

Qual doente, que sonha, imaginando  
 Dragão ou chammejante, gran chimera,  
 E, muito embora em parte suspeitando  
 Ser phantasma que a idéia compuzera,  
 Fugir deseja, tanto o olhar nefando  
 O aterra, e a catadura horrída e fera,  
 Tal o timido amante, que não cria  
 De todo o engano, pávido cedia.

Tanto o seu coração sente occupado  
 De effeitos varios, que se gela e treme;  
 Com o abalo potente, inesperado,  
 Larga a espada, se bem que pouco teme;  
 Fôra de si, o lindo objecto amado  
 Júlgua presente que ferido geme;  
 Nem póde ver-lhe o sangue precioso,  
 Nem ouvir-lhe o gemido tristuroso.

Assim o peito contra a morte ardido,  
 Do qual nada abater soube a coragem,  
 Só debil para amor, foi illudido  
 Por um lamento vão, por falsa imagem.  
 Emtanto o ferro seu no chão cahido  
 Arrebatou tufão da atra paragem;  
 Pelo que se partiu vencido, e a espada  
 Achou depois, que fôra dar á estrada.

Mas não ousou tornar o cavalleiro,  
 Por' que os mysterios outra vez sondara;  
 E, quando junto ao capitão primeiro  
 Chegou, e um pouco o animo aplacara,  
 Disse; eis-me aqui, senhor; sou mensageiro  
 De novas que ninguem acreditara;  
 No que da extranha scena referiam  
 E dos sons temerosos não mentiam.

Maravilhosa chamma appareceu-me,  
 Sem ter materia, n'um instante accesa,  
 Que se alargou, qual muro, e offereceu-me  
 Mil monstros preparados á defesa.  
 Passei-a, e livre transito cedeu-me;  
 Nem m'o embargou das armas a fereza.  
 Tornou-se n'isto noite, e inverno feio;  
 Depois o céu sereno, e o dia veio.

Sabei tambem que as arvores te'm vida  
 E alma, que pensa como nós e sente.  
 Eu o provei; a voz por mim ouvida  
 No peito inda me sôa flebilmente.  
 De si derramam sangue, se ferida  
 Recebem, qual pessoa propriamente.  
 Não, não; vencido aqui eu me proclamo;  
 Não tirarei da selva nem um ramo.

Assim dizia; e o capitão ondeava  
 De mil idéias na procella emtanto:  
 Às vezes que ir devia planeava  
 Elle mesmo tentar por si o encanto;  
 Às vezes que madeira só restava  
 Buscar mais longe, e não difficil tanto.  
 Do grave pensamento em que medita  
 D'esta maneira o acorda Pedro o Ermita:

Tua mente abandona audaciosa;  
 Será outro o que ao bosque môva guerra.  
 Já, já a barca fatal sobre a arenosa  
 Praia abica, e as doiradas velas ferra;  
 Já, quebrada a prisão indecorosa,  
 Deixa o esp'rado guerreiro a bella terra.  
 Proximo está de nós o instante escripto  
 De Sião ca'ir e o exercito precito.

Como fala, no rosto é viva flamma,  
 E sobrehumano no falar parece.  
 Novo cuidado Godefredo chama,  
 Porque estar ocioso não padece.  
 Mas do celeste Cancer já derrama  
 Calma incognita o sol, tanta, que empece  
 Seus planos, e, dos corpos inimiga,  
 Faz insoffrivel-ser qualquer fadiga.

Não fulgura nenhum astro propicio;  
 Só os astros maleficos dominam,  
 E com envenenado maleficio  
 Do ar o campo extenso contaminam.  
 Cresce o nocivo ardor; cresce o supplicio  
 Do mal, que seus influxos não declinam.  
 A dia máu noite peor succede,  
 Que inda com peor dia se despede.

Jámais desponta o sol sem vir cingido;  
 E manchado de rúbidos vapores,  
 Agoirando na face entristecido  
 Infausto dia de fataes calores;  
 Ao pôr-se sempre em sangue vae tingido,  
 Para a volta ameaçando eguaes rigores.  
 Assim augmenta os males inhumanos,  
 Já supportados, com futuros damnos.

Vê-se a flor, já sem viço, desmaiando,  
 E a folhagem que murcha, e amarelleja;  
 Com sêde a herva mirra-se, provando  
 Os raios que o sol vívido dardeja:  
 Fende-se a terra; as aguas vão faltando;  
 Tudo a ira do céu prova e fraqueja;  
 No ar estereis nuvens espalhadas  
 Mostram-se como chammas enrubradas

Crêreis atra fornalha suffocante  
 O' ar; a vista em nada se recreia;  
 Está calado o zephiro inconstante;  
 Suave aragem nem sequer vagueia;  
 Sopra só, a braseiro semelhante,  
 Vento partido da africana areia,  
 Que os rostos com calor immenso fere,  
 Por que os miseros corpos desespere.

Mais alegre não é a noite escura,  
 Pois ainda reflecte o ardor do dia,  
 E de fogos innumerados fulgura,  
 E de caudaes cometas se alumia.  
 Nem, ó terra infeliz, tanta secura  
 A avara luz ao menos allivia  
 Com o fresco rocío; a herva, as flores  
 Embalde anceiam seus vitaes frescores.

Dos inquietos leitos foge o somno;  
 Que o visite debalde ancioso pede  
 O languido mortal n'este abandono.  
 Por cumulo de males chega a sêde;  
 Pois da Judéa o rei e feroz dono,  
 Com venenos mortaes feitos adrede,  
 Torna livido e turvo o rio e a fonte  
 Mais que a Estyge avernal, mais que o Acheronte.

O pequeno Siloé puro e jocundo,  
 Que aos christãos seus thesoiros offertava,  
 Tepido, agora apenas o ermo fundo  
 Cobrindo, fraco allivio lhes mandava.  
 Nem o Pó, quando corre mais profundo,  
 Para a sua avidéz certo bastava;  
 Nem o Ganges e o Nilo, que accomette  
 O Egypto, não contente em boccas sete.

Se entre margens frondosas estagnar-se  
 Algum viu antes crystallino argento,  
 Ou de elevada rocha despenhar-se  
 Sussurrando, ou no prado em curso lento,  
 Vê-o ora em desejos figurar-se,  
 Para lhe accrescentar inda o tormento;  
 Pois sua imagem fresca só lhe serve  
 Para incendel-o, e no pensar refere.

O corpo do guerreiro, que esforçado  
 A aspereza das marchas supportara,  
 Que não vergou das armas carregado,  
 E que o ferro mortal nunca domara,  
 Pela excessiva calma jaz prostrado,  
 E, inutil pêso, sobre a terra pára,  
 Emquanto se lhe espalha occulto incendio  
 Nas veias, de sua vida com dispendio.

Consome-se o corcel já tão garboso;  
 A herva, que estimava, o enoja e offende;  
 Treme-lhe o passo enfermo; e o soberboso  
 Collo agora submisso e baixo pende;  
 Já não é dos seus feitos orgulhoso,  
 Nem já illustre amor de gloria o accende;  
 Dos ovantes arreios a riqueza,  
 Como vil carga, sem vigor, despreza.

Definha o cão fiel, abandonando  
 O lar amado, e o seu senhor, que esquece,  
 E, estendido no chão, sempre anhelando,  
 Busca o fogo abrandar que interno o aquece.  
 Porêm, se n'este estado miserando  
 A natureza acaso favorece  
 Com algum ar, o ar que se respira  
 É espesso, e nada ou pouco aos males tira.

Assim languia a terra sem bonança,  
 E os seus pobres, afflictos moradores.  
 Os christãos, de vencer perdida a esp'rança,  
 Ainda de peor tinham temores;  
 E, como já este martyrio os cansa,  
 Unanimes soltavam taes clamores:  
 Que espera Godefredo? Ficaremos  
 Aqui, onde á penuria morreremos?

Ah! com que julga da inimiga gente  
Assoberbar os elevados muros?  
Donde virão as machinas? A ingente  
Ira elle só não vê dos astros duros?  
De contraria nos ser a eterna mente  
Mil prodigios nos dão signaes seguros;  
E o sol que nos abrasa é mais insano  
Do que o sol incendiado do africano.

Crerá que por ventura nada importe  
Que nós, indigna turba aos pés calcada,  
Sofframos, almas vis, a triste morte,  
Para que seja a sua lei guardada?  
É de quem manda n'este mundo a sorte  
F'licidade tamanha reputada,  
Que cubiçoso assim busque retel-a,  
Sacrificando os seus por causa d'ella?

Eis o homem que diz piedoso a fama!  
Piedosa providencia e humanidade!  
Por manter a honra van, que tanto ama,  
Nos entrega á fatal necessidade,  
E, vendo-nos com sêde, á mesa chama  
Os socios, e com elles á vontade  
Do distante Jordão bebe a selecta  
Água co'o vinho da exaltada Creta!

D'esta maneira os francos. Mas o grego  
Capitão, farto já de os ter seguido,  
Porque hei de aqui morrer de outrem no emprego,  
Exclama, e o corpo que é por mim regido?  
Se em sua loucura Godefredo é cego,  
Perca-se, perca o povo seu querido.  
Não nos faz damno algum. E pela densa  
Tácita noite foi-se sem licença.

Sabido o caso, mal raiou o dia,  
Houve alguns que imital-o resolveram.  
Os que Adelmaro outr'ora conduzia,  
E Clotario, e os mais guias que morreram,  
Como a jurada fé quebrado havia  
Quem tudo quebra, só fugir quizeram;  
Pelo que a furto sob a negra treva  
Já mais de um fugitivo os passos leva.

Vê-os; ouve-os o chefe; e com insano  
Remedio logo lhes baixára as frentes;  
Porêm seu coração o evita, humano;  
Antes, co'a crença que aluira os montes,  
E os rios soffreára, ao gran Sob'rano  
Roga da sua graça lhe abra as fontes,  
De zelo incendiado as mãos erguendo,  
Ao céu o olhar, as orações volvendo:

Pae e senhor, se outr'ora já choveste  
 Por teu povo o maná sobre o deserto;  
 Se arrancar á mão do homem concedeste  
 Fluido ribeiro do rochedo aberto,  
 Por nós renova agora o que fizeste;  
 E, se o valor é desigual e incerto,  
 Suppra-nos teu favor nossos defeitos;  
 Valha guerreiros teus sermos eleitos.

Sem tardar estas preces verdadeiras,  
 Que de justo desejo derivaram,  
 A Deus, como aves promptas e ligeiras,  
 Subindo, n'elle acolhimento acharam.  
 Então para as fieis, tristes fileiras  
 Seus olhos compassivos se voltaram,  
 E taes palavras pronunciou amigas,  
 Com dó de tantos riscos e fadigas:

Até hoje crueis e perigosas  
 Desgraças meu exercito ha passado,  
 E com armas e artes myst'riasas  
 Contra elle o inferno e o mundo tem-se armado.  
 Mude-se agora tudo; ás porfiosas  
 Lidas prospero seja e bello o fado;  
 Chôva; ao campo o guerreiro torne invicto;  
 E venha dar-lhe gloria a hoste do Egypto.

A frente sacudiu, assim dizendo;  
 E as espheras e os céus estremeceram;  
 E respeitoso o ar, e o abysmo horrendo,  
 E as montanhas, e o mar tambem tremeram;  
 Relampagos luziram; respondendo  
 Retumbantes trovões lhes succederam.  
 Todos, á uma, em gritos de alegria  
 O rebombo acompanham que se ouvia.

Eis n'um instante as nuvens, não da terra  
 Por virtude do sol alevantadas,  
 Porêm do céu provindas, que descerra  
 Todas as portas, descem conglobadas;  
 Eis imprevista noite o dia encerra  
 Nas suas negras sombras alongadas.  
 Segue-se chuva impetuosa, e, feito  
 O rio caudaloso sa'e do leito.

Bem como ás vezes, se na quadra estiva  
 A chuva ca'e que desejada era,  
 Bando de patas de a sentir se aviva,  
 E em rouquenho grasnar ávida a espera;  
 Abrem nas azas, em banhar-se esquila  
 Nenhuma é no licor que as refrigera,  
 E aonde d'este vêem mais quantidade  
 Mergulham todas, fartam na vontade;



D'est'arte acolhem nós christãos bradando  
 A agua que do céu baixa bondosa,  
 Cada um molhar o manto procurando,  
 O quente manto, e a coma sequiosa.  
 Qual em vidro, qual no elmo a vae tomando;  
 Qual em ter, n'ella as mãos se apraz e gosa;  
 Qual o semblante, qual as fontes banha;  
 Qual, do futuro cauto, em vaso a apanha.

Nem os homens se alegram tão sómente,  
 E reparam seus damnos; a mesquinha  
 Terra, a qual até alli triste e doente  
 Cheios os membros de feridas tinha,  
 Tambem recolhe a chuva, e allivio sente,  
 E a côa ao mais interno que definha,  
 Generosa partindo seus frescores  
 Com as hervas, os troncos, e co'as flores.

Tal dama enferma, a quem permite vida  
 Rêmedio que lhe acalma o soffrimento,  
 E á origem do mal abre sahida,  
 De que foi o seu corpo nutrimento,  
 Se restaura, e se põe, qual na florida  
 Época do verdor e luzimento,  
 Tanto que folga, as dores olvidando,  
 Aos queridos ornatos se tornando.

Cessa a chuva por fim; o sol despontá,  
 Mas tempera da luz a intensidade;  
 É como quando o mez de maio aponta  
 Sua máscula, e branda claridade.  
 Oh! quanto a Fé que apenas com Deus conta,  
 E o serve bem, serena a tempestade!  
 Como das estações transforma o estado,  
 Vence as estrellas e supera o fado!

EST. LXXVII a LXXX.

## CANTO XIV

Da molle e fresca terra entre os vapores  
 Começava a romper a noite escura,  
 Conduzindo das auras os frescores  
 E o seu orvalho, fonte rica e pura,  
 Sacudindo os vestidos, com que as flores  
 Regava, e das campinas a verdura;  
 Corriam nas aragens adejando,  
 Os mortaês para o somno convidando.

Est. I.

Já cada qual a idéia mergulhava  
 Na paz do esquecimento mais profundo;  
 Porém na eterna luz attento estava  
 Ao seu governo o excelso Rei do mundo,  
 E o chefe dos christãos da altura olhava  
 Com olhar favoravel e jocundo;  
 Enviava-lhe após sonho quieto  
 Para lhe revelar summo decreto.

Ao pé das portas de oiro, donde o lume  
 Vem cada dia, quando o espaço inflamma,  
 Ha outra de crystal, que por costume  
 Se abre antes de raiar a etherea chamma;  
 Por ella os sonhos manda o grande Nume  
 Aquelles dos humanos que mais ama;  
 D'ella desprende o vôo luminoso  
 O que ora baixa ao capitão piedoso.

Nunca a nenhum mortal visão tão doce,  
 Como esta, se mostrára, nem tão bellas  
 E fagueiras imagens; desvendou-se  
 Ante elle o céu recondito e as estrellas;  
 Como se n'um espelho impresso fôsse,  
 Distinguiu tudo quanto existe n'ellas;  
 Julgou-se transportado a amenos ares,  
 Que scintillavam de aureos luminares.

Emquanto pasma n'este sitio erguido  
 Da extensão, montes, luzes e harmonia,  
 De vivo fogo e raios mil cingido,  
 Um cavalleiro approximar-se via,  
 Que com voz, pela qual fôra excedido  
 Da terra o som mais grato, assim dizia:  
 Porque é que não me falas? Já tão cedo  
 O teu Hugo esqueceste, Godefredo?

E o chefe: esse teu rosto demudado,  
 Que um sol parece ter por claro adorno,  
 Tão longe me levou do meu passado,  
 Que a muito custo ao que já foi me torno.  
 Depois por vezes três ao socio amado  
 Os braços estendeu do collo emtorno,  
 E por três vezes lhe fugiu a imagem,  
 Bem como leve sonho ou vaga aragem.

Ao que o amigo sorrindo: falsamente  
 Ainda me suppões humana veste;  
 Em mim tens um espirito sómente,  
 Uma van sombra, um morador celeste.  
 Eis o templo de Deus, e a séde, em frente,  
 Dós seus guerreiros; teu logar é este.  
 Quando o verei? Se a vida de embaraço  
 Me serve, d'ella já se quebre o laço.

Dentro em pouco, diz Hugo replicando,  
Tu na gloria entrarás dos triumphantes;  
Muito sangue entretanto, militando,  
Cumpre na terra que derrames antes.  
Primeiro hão de tirar do jugo infando  
O sacro chão as tuas mãos ovantes,  
E um estado fundar; no mando regio  
Haverás por herdeiro o irmão egregio.

Mas, por que avive mais os teus amores  
Pelo céu, mais attento agora admira  
D'estas moradas santas os fulgores,  
E tanto astro que á lei do Eterno gira.  
Ouve do canto angelico os louvores;  
Ouve dos anjos a sonora lyra.  
Inclina (elle após diz, e aponta a terra)  
A vista ao que esse globo ultimo encerra.

Quão baixa a causa é nas obras tuas  
Do premio, e do trabalho, ó raça humana!  
Em que breve theatro, entre que nuas  
Solidões tua gloria é soberana!  
Como ilha, o fecha o mar co'as ondas suas,  
O mar, que do gran titulo se ufana  
De oceano, e sem limite se apregôa,  
Sendo pequeno charco e vil lagôa.

A isto, Godefredo, o olhar descendo  
Ao globo, de desprezo se sorriu,  
Rios, terras e mar n'um ponto vendo,  
Que em tantas partes o homem distinguiu;  
E de trás fumo e sombras ir correndo  
O homem louco admiração sentiu,  
Servo imperio buscando, e muda fama,  
Sem ouvidos prestar ao céu que o ama;

E depois: já que ainda não agrada  
A Deus do humano carcere soltar-me,  
Mostra-me qual do mundo seja a estrada  
Menos fallaz para poder guiar-me  
Ao que Hugo: a senda trilhas acertada;  
Prosegue; nada tens que perguntar-me;  
Que o filho de Bertholdo do inimigo,  
Distante exilio chames só te digo;

Porque, se te eleger a Providencia  
Da guerra capitão preeminente,  
Que elle de teus decretos a prudencia  
Realize dispoz conjuntamente.  
Cabe a ti ordenar por excellencia;  
A elle executar; tu és a mente;  
Elle o braço; nem seu logar tomado  
Será por outrem, nem a ti é dado.

Só por elle ha de o bosque ser vencido,  
 Que tem o encantamento por defesa;  
 Por elle o teu exercito provido  
 Pouco de homens, que inhabil para a empresa  
 Parece, e a retirar-se compellido,  
 Ha de cobrar mais alma e fortaleza,  
 E ficar da cidade e do famoso  
 Soccorro oriental victorioso.

Calou-se; e o capitão: com quanto agrado  
 Eu veria tornar o cavalleiro!  
 Tu, que o pensar penetras mais velado,  
 Sabes se o estimo, e falo verdadeiro.  
 Porêm com que propostas enviado,  
 E aonde deve ser o mensageiro?  
 Pedir cumpre ou mandar? como ser feito  
 Este acto com decencia e com direito?

Hugo então respondeu: o Rei eterno,  
 Que te enche assim de sua graça infinda,  
 E te incumbiu de todos o governo,  
 Quer que tu sejas respeitado ainda.  
 Não peças; fôra do poder superno  
 Menosprezo talvez; mas sua vinda,  
 Se a pedirem, concede; e, mal o rogo  
 Primeiro se escutar, perdôa logo.

Guelfo te pedirá, pois Deus o inspira,  
 Que absolvas o mancebo dos errores,  
 Só commettidos pelo excesso d'ira,  
 Para que volte ao campo e a seus labores.  
 E, posto que bem longe elle delira,  
 Nos braços da indolencia e dos amores,  
 Não duvides que aqui a tempo chegue,  
 E no lance apertado bem se empregue.

O vosso Pedro, com que o céu reparte  
 Das suas maravilhas o segredo,  
 Enviará os nuncios a uma parte,  
 Onde noticia d'elle tenham cedo,  
 E se lhes mostre o modo e mais a arte  
 De o livrar, e trazer-t'o, ó Godefredo.  
 Assim os socios haverás juntados  
 Emfim debaixo dos pendões sagrados.

Com uma conclusão fecharêi breve  
 O meu discurso, a qual te será cara:  
 Teu sangue ao d'elle casar-se-ha; e deve  
 De ambos prole nascer formosa e clara.  
 N'isto sumiu-se, como fumo leve,  
 Ou nevoa que ante o sol se dissipara.  
 Foge o somno; e, sentindo no seu peito  
 De espanto e de alegria um vago effeito,

Abre os olhos o chefe piedoso,  
 Já crescido o clarão da luz celeste;  
 Pelo que sa'e do leito do repouso,  
 E o fatigado corpo de armas veste.  
 Em breve cada chefe cuidadoso  
 No pavilhão se lhe une; o sitio é este  
 Do conselho, onde tudo se debate  
 Para que após de o praticar se trate.

Ahi Guelfo ante a bellica assembléa  
 Primeiro que algum outro (já na mente  
 Lhe incutiram nos céus a nova idéa)  
 Diz d'esta forma: príncipe clemente,  
 Perdão venho pedir-te, posto crêa  
 Que, por a culpa ser inda recente,  
 Se possa imaginar que é immatura  
 A supplica, e apressada por ventura.

Porêem a Godefredo quando vejo  
 Que em favor de Reynaldo é meu pedido,  
 E que eu pelo perdão é que forcejo,  
 Intercessor n'alguma conta havido,  
 Alcançar facilmente já prevejo  
 Este favor a todos concedido.  
 Ah! deixa que elle volte, e o sangue expendá  
 Por todos, do seu erro como emenda.

E quem será, se não fôr elle, o forte  
 Que entre a floresta horrivel triumphante?  
 Quem o perigo arrostará e a morte  
 Com valor mais intrepido e constante?  
 Hão de as portas cahir ao seu transpôrte;  
 Os muros subirá de todos deante.  
 Restitue ao exercito, eu t'ó peço,  
 Sua esperança e anhelô de mais preço.

Restitue-me o sobrinho; e tu o braço  
 Cobra que tuas ordens executa;  
 Do ocio não no deixes no regaço,  
 Mas restitue-o á gloria que o disputa.  
 Fulgure á nossa vista; siga o passo  
 Do teu pendão já vencedor na lucta;  
 Com acções de si dignas se acredite;  
 E a ti, seu chefe e mestre, só imite.

Tal falava; cada um, acompanhando  
 Seus ditos com sussurro, os applaudia.  
 Godefredo, a vontade simulando  
 Dobrar ao que pensado não havia,  
 Como hei de a graça, que me estaes rogando,  
 E que tanto anciaes, negar, dizia?  
 Ceda o rigor, e lei e razão seja  
 O que o consenso universal deseja.

Torne Reynaldo; o impeto enfreado  
 Para o futuro ás suas iras tenha;  
 E com obras responda ao confiado  
 Exercito que em pró d'elle se empenha.  
 Julgo que prompto voltará; mas dado,  
 Guelfo, é a ti procurar como elle venha.  
 Escolhe pois o mensageiro, e o manda  
 Aonde imaginas que o mancebo anda.

Então Carlos, o dano aventureiro:  
 Peço que me confiem na embaixada;  
 Vencerei o caminho mais fragueiro,  
 Mais longo, e entregarei a honrosa espada.  
 Robusto é este e de animo guerreiro,  
 Motivo por que a offerta a Guelfo agrada.  
 Seja pois um dos nuncios, e o prudente  
 Ubaldo o siga, astuto e previdente.

Tinha Ubaldo na florea adolescencia  
 Muitas, diversas terras percorrido,  
 Desde o gelado polo até á ardencia  
 Do solo da Ethiopia aborrecido,  
 E, como quem buscando ia sciencia,  
 Tinha usos, linguas, ritos aprendido;  
 Depois, maduro em annos, o acolhera  
 Guelfo entre os seus, e muito caro lhe era.

Aos mensageiros dois a nobre empresa  
 De o heroe procurar se encarregava;  
 E já Guelfo á cidade que se préza  
 De côrte de Boemundo os enviava,  
 Que por publica fama e com certeza  
 Se cria que Reynaldo alli parava,  
 Quando o bom Eremita os interrompe,  
 O engano conhecendo, e assim prorompe:

Cavalleiros, annuindo á mentirosa  
 Opinião do vulgo, cegamente  
 Obedeceis a guia perigosa,  
 Que vos fará perder e andar vanmente.  
 Da proxima Ascalon ide á arenosa  
 Praia; e onde entra um rio o mar fremente  
 Um homem achareis, um nosso amigo;  
 Crêde-o; o que vos disser eu vol-o digo.

Muito elle vê por si, muito conhece  
 Esta viagem, da qual o hei informado,  
 Pois de ha muito prevista me apparece.  
 Tão cortez vos será quanto assisado.  
 Como os avisos seus Pedro expendesse,  
 Carlos, e o companheiro nomeado  
 Seguem-nos, que inspiral-o Deus costuma,  
 Sem mesmo perguntarem coisa alguma.

Despedidos, tão presto se aviaram,  
 Que, sem demora, postos a caminho,  
 A marcha para o mar endereçaram,  
 Que fica aos muros de Ascalon vizinho.  
 E ainda o rouco som não escutaram  
 Do resoante estrepito marinho,  
 Quando um rio descobrem, que então era  
 Grosso da chuva que do céu viera.

Cheio, não se contém já no seu leito,  
 E corre mais que a setta pressuroso.  
 Enquanto os dois se quêdam, eis de aspecto  
 Veneravel se mostra homem edoso.  
 Traz de faia uma c'rôa; todo feito  
 O vestido é de linho alvo e formoso;  
 Brande uma vara, e a pé o rio passa;  
 Nem a opposta corrente lh'o embarça.

Bem como os camponezes lá do Rheno,  
 Quando este pelo inverno flue coberto,  
 Escorregam no gelido terreno  
 Velozmente com passo firme e certo,  
 D'este modo o ancião piza sereno  
 A agua não gelada, e chega perto  
 Dentro de pouco tempo aonde estavam  
 Os guerreiros que n'elle o olhar fitavam;

E diz: busca difficil e molesta  
 Tentaes; quem vos dirija é necessario.  
 Está longe o mancebo, em terra infesta,  
 Paiz á fiel crença mui contrario.  
 Quanto, oh! quanto trabalho inda vos resta!  
 Quanto mar correreis, e solo vario!  
 Na vossa indagação, no curso vosso,  
 As raias transporeis do mundo nosso.

Mas não vos pése entrar nas escondidas  
 Cavernas onde tenho a minha séde;  
 Grandes coisas por vós serão ouvidas,  
 E o que saber o vosso caso pede.  
 Apenas taes palavras proferidas,  
 Ordena que a agua se abra; e a agua cede;  
 E curva a um lado e outro, qual montanha,  
 Sustida pende; o centro só não banha.

Pela mão n'isto o velho os encaminha  
 Sob o rio á maior profundidade,  
 Que alumiaava luz debil, e mesquinha,  
 Como de meia lua a claridade  
 Em selva escura; em antros se continha  
 Alli de lympha enorme quantidade,  
 De que todas as fontes se partiam,  
 Que as terras do orbe inteiro abasteciam.

Do Euphrates e do Pó vê'm a nascente,  
 E donde o Hydaspes e o Ganges se deriva;  
 E o berço do Istro e Tanais; nem o ingente  
 Nilo a origem alli occulta esquivava.  
 Encontram mais abaixo um rio ardente  
 A brotar vivo enxofre e prata viva,  
 Que o sol apura, quando os céus adorna,  
 E em massas brancas e doiradas torna;

E observam suas margens que resplendem  
 De preciosas pedras adornadas,  
 As quaes com raios mil o ar accendem,  
 Vencendo as tristes sombras condensadas.  
 As saphyras azues a vista offendem;  
 Brilha o jacintho; as verdes e estimadas  
 Esmeraldas sorriem; flammejante  
 O carbunc'lo scintilla e o diamante.

Absortos, silenciosos caminhando  
 Continuum nos dois, que a voz se cala,  
 Tamanhas maravilhas devassando;  
 Até que o nuncio Ubaldo ao guia fala:  
 Quem és tu? Onde estou? Onde levando  
 Nos vaes? O meu pensar tanto se abala,  
 Que se é verdade ou sonho não conheço  
 Quanto aqui ha, e sem razão pareço.

Da terra vós estaes no seio immenso,  
 Da terra, a dadivosa geradora;  
 Nem penetráreis n'este abysmo extenso,  
 Não tendo a minha ajuda protectora.  
 A meu paço vos levo, o qual d'intenso  
 Brilho vereis luzir em breve Out'ora  
 Fui pagão; porêm quiz regenerar-me  
 Deus na agua do baptismo, e a graça dar-me.

Não entra em minhas obras a inimiga  
 Força que contra os céus alçou a fronte:  
 Livre-me Deus de que as palavras diga  
 Que obrigam no Cocyto e o Phlegethonte.  
 Indago só a qualidade amiga  
 Que guarda dentro em si a herva e a fonte;  
 Contemplo, estudo a natureza ignota,  
 E das estréllas a diversa rota;

Pois nem sempre dos céus vivo distante  
 Em fundos subterraneos escondido,  
 Mas do Carmelo e Libano gigante  
 As vezes sobre os cumes sou retido,  
 Ondé admiro na altura rutilante  
 Venus sem véu, e Marte enrubescido,  
 E os outros astros lentos ou velozes,  
 Com aspectos já brandos, já atrozes;



E as nuvens vejo aos pés negras, iriadas,  
 Ou raras, ou em basto ajuntamento;  
 De que maneira as chuvas são geradas;  
 Como se fórma o orvalho e sopra o vento;  
 Como se inflamma o raio; e por que estradas  
 Tortuosas desce á terra n'um momento.  
 Cometas, e mais fogos tão de perto  
 Noto, que a me orgulhar cheguei de certo.

Foi meu orgulho e meu arrojo tanto,  
 Que infallivel medida e justa cria  
 O meu saber e arte para quanto  
 Da natureza o Auctor fazer podia;  
 Mas quando me levou ao rio santo  
 Vosso Pedro, e lavou minha alma impia,  
 Mais acima estendeu-me o olhar vaidoso,  
 Que me provou ser fraco e tenebroso.

Então vi que o pensar ante a luz pura  
 E eterna ave nocturna ante o sol era;  
 E zombei de mim mesmo, e da loucura  
 Que a tamanha soberba o enaltecera.  
 Sigo inda emtanto (elle o consente) a escura  
 Vida, á qual o costume me afizera;  
 Sou parte só do que já fui; dependo  
 D'elle, só n'elle a mente sempre havendo.

Como a elle por mestre e senhor tenha,  
 Em tudo lhe obedeço humildemente;  
 Nem por meio de mim obrar desdenha  
 O que só cabe á sua mão potente.  
 Fica ao cuidado meu que ao campo venha.  
 Da longinqua prisão o heroe valente.  
 Elle o dispoz; muito ha eu vos esp'rava;  
 Pois vossa vinda ha muito me augurava.

Chegou, assim com ambos conversando,  
 Ao aposento seu mysterioso.  
 Por fóra uma caverna está mostrando;  
 Dentro ha camaras, salas, espaçoso.  
 Aqui com luz sem par vê-se brilhando  
 Quanto no gremio seu mais precioso  
 Nutre a terra; e este ornato é de tal modo,  
 Que natural, não de artificio, é todo.

Cem famulos aqui os dois acharam  
 Em os servirem habeis e apressados;  
 Nem em mesa magnifica faltaram  
 De oiro, prata e crystal vasos formados.  
 Mas, da sêde os ardores mal findaram,  
 E de comida foram saciados,  
 Tempo é que eu satisfaça n'este ensejo,  
 Começa o mago, vosso mór desejo.

Em parte conheceis as doces phrases,  
E as tredas obras da ardilosa Armida;  
Como muitos guerreiros com fallazes  
Modos levou á empresa fementida;  
Sabeis tambem que em seus grillhões tenazes  
Toda a turma prendeu, hospeda infida,  
Donde a Gaza a mandou com boa escolta;  
E que, indo pela estrada, após foi sôlta.

O que se lhe seguiu eu conto agora,  
Coisas a vós occultas, com certeza.  
Depois que a falsa viu que assim lhe fôra  
Tirada a sua tão custosa presa,  
Mordeu de dor as mãos, e, de si fôra,  
Disse comsigo mesma em raiva accesa:  
Ah! não ha de Reynaldo ter vaidade  
De os meus captivos pôr em liberdade.

Se os outros libertou, soffra o tormento  
Que lhes cabia, e o seu destino insano;  
Nem isso basta, não; é meu intento  
Que tambem sobre todos caia o damno.  
Cogitou; e teceu no pensamento  
O que ides escutar iniquo engano.  
Veio ao sitio, no qual os seus vencera  
O cavalleiro, e a morte a muitos dera.

Este, a armadura aqui despido havendo,  
Uma armadura de pagão tomara,  
Talvez ir escondido pretendendo  
Sob outra menos conhecida e clara.  
Armida a recolheu, e, n'ella tendo  
Mettido um corpo sem mão dextra e cara,  
Junto de um rio o expôz, por onde um trôço  
Havia de passar do campo vosso.

Isto prever a magica podia,  
Pois espiões sem numero espalhava,  
Pelos quaes muita vez novas sabia  
De quem d'elle sahia, ou n'elle entrava.  
Tambem entre os espiritos vivia  
As vezes, e com estes conversava.  
Collocou-o portanto n'um propicio  
Logar para exercer seu maleficio;

E um pagem sagacissimo bem perto  
Postou, ao modo de pastor vestido,  
Nas suas fraudes ensinado, e certo  
De quanto ser devia respondido;  
O qual falou aos vossos, e o incerto  
Rumor fez espalhar-se, que, nutrido,  
Rixas originou, discordia insana,  
E quasi a civil guerra deshumana;

Pois, como ella intentava, foi julgado  
 Que Reynaldo por traça pegera  
 De Godefredo, posto ao crer errado  
 Quasi logo a verdade succedera.  
 Este o primeiro engano fabricado  
 Pelos finos ardis da dama fera.  
 O mais que aconteceu ao peregrino  
 Guerreiro ides ouvir e o seu destino.

Qual cauto caçador, o aguarda Armida;  
 Chega o heroe 'onde uma ilha verdejante  
 Do Oronte pelos braços é cingida,  
 Que alli se parte o rio, e se une adeante;  
 Na margem acha uma columna erguida,  
 E um batelinho d'ella não distante.  
 O marmore Reynaldo admira algente,  
 E lê em lettras de oiro reluzente:

Ó tu, que por vontade ou pela sorte  
 Até aqui vieste, maravilha  
 Não existe maior do sul ao norte  
 Do que as graças que em si guarda esta ilha.  
 Passa, se a queres ver. O joven forte  
 E incauto a idéia da inscripção perfilha,  
 E, como era pequena e estreita a barca,  
 Os escudeiros deixa, e só embarca.

Aporta; ávido em roda olha em procura  
 Do annunciado; e, como nada veja,  
 A não ser flores, agua, antros, verdura,  
 Quasi suppõe que escarnecido seja;  
 Mas é tão ledo tudo, formosura  
 Tão varia tem, que alli ficar deseja.  
 Senta-se; o elmo tira; e a debil aura  
 A frente afogueada lhe restaura.

O rio emtanto murmurar ouviu  
 Co'um novo som, e, os olhos estendendo,  
 Mover-se n'elle uma onda descobriu,  
 Que caminhava, sobre si volvendo;  
 D'ella em parte aurea trança após sahiu;  
 Depois rosto femineo foi rompendo;  
 Depois o peito, as pômas, e da bella  
 Nivea forma até onde o pejo zela.

Tal deusa ou nympha de nocturna scena  
 Lenta surge, e afinal nos apparece.  
 Esta, posto não é sereia amena,  
 Porém mago phantasma, ser parece  
 Das que habitaram junto da tyrrhena  
 Costa o mar que traçoero se entume'ce;  
 A formosura a voz eguala branda;  
 E assim cantando o céu e o vento abranda:

Jovens, enquanto abril risonhamente  
 Vos adorna de ramos e de flores,  
 Não vos levem trás si a tenra mente  
 Da gloria e da virtude\*os vãos fulgores.  
 Sabio é quem segue o seu prazer sómente,  
 E da idade gentil colhe os favores.  
 A natureza o ensina. E vós fugindo  
 Ides, os seus conselhos não ouvindo?

Loucos! porque estragaes a mocidade,  
 Que passa tão depressa, e tanto se ama?  
 Nomes, inuteis idolos, vaidade  
 São o que brio e gloria o mundo chama.  
 Essa a quem adoraes como deidade,  
 O soberbos mortaes, a illustre fama,  
 É um echo, antes, sombra que um momento  
 Forma, e logo depois dissipa o vento.

Gose o corpo seguro, e a alma peça  
 Alegria aos sentidos, só gosando;  
 As desventuras que ha soffrido esqueça,  
 E não apresse o mal outro esperando;  
 Não se importe se raios arremessa,  
 E se fulgura o céu relampejando.  
 Eis o saber, eis a ditosa vida;  
 A natureza o ensina, e nos convida.

Finda; e o somno do joven se apodera,  
 Trazido pelo canto, de tal sorte,  
 Que a pouco e pouco o invade, e já impera  
 Sobre os sentidos seus tyranno e forte;  
 Nem dos trovões o trom quebrar pudera  
 Essa paz semelhante á paz da morte.  
 Sa'e da cilada a magica enganosa  
 Então, contra elle vingativa e irosa.

Mas na sua belleza quando attenta,  
 E observa como placido respira,  
 E o sorrir que seus olhos opulenta  
 Fechados, (ô que fôra, se os abrira!)  
 Pára suspensa, ao lado se lhe assenta,  
 E, contemplando-o, se lhe aplaca a ira.  
 Já toda pende sobre a linda fronte,  
 Como Narcizo sobre a calma fonte;

E do rosto o suor candido e vivo  
 Lhe limpa a um véu que tinha cautamente,  
 E o calor lhe mitiga do ar estivo,  
 Ventilando-o suave e docemente.  
 Assim o peito rendem-lhe captivo  
 Esses olhos cerrados, de repente,  
 O peito seu mais duro que diamante,  
 E de inimiga já se torna amante.

Depois colhe jasmims, lirios e rosas,  
De que era aquella natureza rica,  
E cadeias, que amor faz poderosas,  
Por arte, nova para os mais, fabrica;  
Com estas collo, pés e mãos formosas  
Lhe algema; assim Reynaldo preso fica.  
Emfim, emquanto dorme, ella o transporta  
A um carro, e diligente os ares corta.

A Damasco não volta a fementida,  
Nem ao castello seu de agua cercado;  
Mas com vergonha da amorosa vida,  
E toda zelos do seu bem amado,  
Busca no mar sem fim para guarida  
Uma ilhasinha, á qual navio ousado  
Raramente ou jámais de nossas praias  
Foi, muito além das conhecidas raias.

Da Fortuna a ilhasinha se nomeia,  
Como as outras contiguas; aqui ella  
Sobe a uma montanha, que campeia  
Erma, e escura, pois sombra espessa a vela,  
E de neve branquissima a rodeia,  
Só livre lhe deixando a cima bella,  
A qual em graças e verdor abunda;  
E ahí, perto de um lago, um paço funda,

Onde, de amor servindo o cego nume,  
Vive em perenne abril com seu guerreiro.  
Ir arrancal-o do escondido cume  
Vos cumpre, e do distante captiveiro,  
Vencendo as guardas, que ella por ciume  
Poz na montanha e no palacio inteiro.  
Não faltará quem vossos passos mande,  
Nem quem vos arme para o feito grande.

Deparareis, do rio mal sahidos,  
Mulher joven no rosto, e grave de annos,  
Com os cabellos crespos e compridos,  
De varia côr a veste, e varios pannos.  
Pelo alto mar por esta conduzidos  
Sereis; nem da aguia os vôos soberanos  
Vos vencerão no curso; guia experta,  
Ao voltar a achareis não menos certa.

Junto á falda do monte, onde demora  
A magica, mil serpes sibilando  
Arrastar-se vereis, e a tragadora  
Bocca ursos, leões escancarando;  
Mas de uma vara minha encantadora  
Hão de fugir, em vós a meneando.  
Depois, se for o que se diz verdade,  
O mór p'riço é na alpestre summidade.

Brota uma fonte alli de agua tão pura,  
 Que desafia a sêde ao caminhante,  
 Porém traioeira esconde na frescura  
 O effeito de veneno delirante,  
 Pois enche de alegria e de loucura  
 A alma um gole só n'um só instante,  
 E quem a assim bebeu a rir começa,  
 E vae crescendo o rir té que pereça.

D'essa agua matadora a bocca esquivã  
 Desviae; nem na margem verde as bellas  
 Iguarias, nem mesmo a comitiva  
 Vos seduzam das perfidas donzellas;  
 As quaes com meigo rosto e voz lasciva  
 Vos chamarão sorrindo; fugi d'ellas;  
 A seu discurso e olhares com despreso  
 Respondei, e no paço entrae defeso.

O mais interno d'este, amplo recinto  
 De inextricaveis muros e confusos,  
 Eu n'um papel vos mostrarei distincto,  
 Por que em seus giros não vagueis illusos.  
 Tem um jardim no centro o labyrintho,  
 Que de si verte amor em dons profusos.  
 Ahi encontrareis do chão fagueiro  
 Na verde relva Armida e o seu guerreiro.

Mas para longe do mancebo caro  
 Quando ella se apartar apparecei-lhe,  
 E um meu escudo de diamante raro  
 Que vos darei, perante o rosto erguei-lhe,  
 Para que n'este o cavalleiro ignaro  
 Com seu adorno mulheril se espelhe,  
 E por tal modo a colera, a vergonha  
 Fóra do peito o vil amor lhe ponha.

Para dizer-vos nada mais me resta,  
 Senão que podereis ir-vos seguros,  
 E penetrar da embaraçada e infesta  
 Mansão nos sitios intimos e escuros.  
 Não vos será de Armida a arte molesta,  
 Não vos impedirão seus esconjuros;  
 Nem a vossa ida, tal poder vos guia,  
 Antever saberá sua magia.

Ao sahirdes completa segurança  
 Encontrar deveis, como na entrada.  
 Mas a hora do somno já se avança,  
 E tendes de acordar de madrugada.  
 Assim diz; e com elles logo alcança  
 O quarto, em que hão de á noite haver pousada.  
 Ahi lédos pensando o velho os deixa;  
 Ao seu depois se acolhe, e os olhos fecha.

## CANTO XV

Já para a lida os animaes chamava  
O clarão da manhan inda recente,  
Quando o sabio ante os dois apresentava  
A carta, o escudo e a vara aurifulgente.  
À viagem aprèstae-vos, exclamava,  
Antes que o dia cresça no oriente;  
Eis o que prometti; eis ahi quanto  
Póde de Armida superar o encanto.

Como erguidos então ambos já eram,  
E armados, co'o ancião que os hospedara,  
Sem mais tardança, em marcha se puzeram  
Por caminhos que o sol jámais aclara.  
É aquelle por onde já vieram  
O que a sahida agora lhes prepara;  
Porêm, chegados do seu rio ao leito,  
Ide, lhes disse o ermita, ao vosso feito.

Apenas no alto seio a lympha os teve,  
Impelle-os e levanta-os com brandura,  
Qual levantar costuma folha leve,  
Que o furacão arrebatou da altura,  
E na praia arenosa os põe em breve;  
Donde logo descobrem na agua pura  
Uma barquinha, e junto á pôpa d'ella  
A que os ha de levar fatal donzella.

O rosto lhe compõe basto cabelo;  
No doce olhar a mansidão lhe mora;  
É seu semblante como de anjo bello,  
Tanta luz de si deita abrasadora.  
Já ceruleo o vestido crêeis vêl-o,  
Já rubro; de mil modos se colora;  
De sorte que se muda e se transtorna  
Em cada vez que a examinar-se torna.

Tal a colleira, que da pomba amante  
O pescoço gentil enfeita e cinge,  
Nunca se mostra ao que era semelhante,  
E ao dar-lhe o sol de varia côr se tinge;  
Qual collar de rubins ora é brilhante;  
Ora no verde as esmeraldas finge;  
Ora as cores mixtura; e assim com tanta  
Inconstancia aprazivel nos encanta.

N'esta barca, na qual com segurança  
 Sulco o oceano, lhes diz, entrae, ditosos;  
 Nenhuma carga sente; é o mar bonança  
 Para ella, e bons os ventos procellosos.  
 Meu senhor, que de bem fazer não cansa,  
 A reger vossos passos perigosos  
 Me envia. Terminando, mais vizinho  
 A areia conduziu o curvo pinho.

Depois que n'este um e outro havia entrado,  
 Da terra o empuxa e o freio lhe modera;  
 E, tendo a vela ás auras despregado,  
 Se assenta ao leme, e o navegar tempera.  
 É tão caudal o rio alli tornado,  
 Que naus té mesmo sustentar pudera;  
 Mas pêso algum em si a barca havia,  
 E outro muito menor a soffreria.

Mais do que é natural corre movida  
 Em direcção do mar á loira praia;  
 De espuma alveja a agua dividida,  
 Que atrás murmura da ligeira faia.  
 Eis chegam 'onde o rio, adormecida  
 A corrente, em maior leito se espria,  
 E se deita no mar para esconder-se,  
 Ou na sua amplidão todo perder-se.

Mal a barca no pélogo tocara,  
 O qual então bramia marulhoso,  
 Vão-se as nuvens, e o sul, que ameaçara  
 Tempestade, não sopra furioso;  
 A brisa aplana as ondas que elle alçara,  
 E sómente lhe encrespa o azul formoso;  
 Sorri-se o firmamento claro e ameno,  
 Como jámais sorrira a ser terreno.

Já Ascalon transposta, encaminhou-se  
 Á esquerda o lenho, a prôa no occidente,  
 E depressa de Gaza perto achou-se,  
 Que foi porto de Gaza antigamente;  
 Mas na alheia ruína melhorou-se,  
 E cidade se fez ampla e potente.  
 De homens então as praias tinha cheias  
 Quasi em numero eguaes ao das areias.

Olhando para a terra, os navegantes  
 Innumeraveis tendas divisavam;  
 Entre a costa e a cidade mil infantes,  
 E cavalleiros ir e vir notavam,  
 E camellos oppressos, e elephantas,  
 Qué o solo adusto sem cessar pizavam;  
 Depois, do porto viam no profundo  
 Os baixéis que prendia a ancora ao fundo.



Uns soltavam na vela; outros remando  
Ligeiramente o curso proseguiam;  
Turbava-se a agua, aqui e alli espumando,  
Sob os remos e prôas que a feriam.  
Então d'est'arte a dama vae falando  
Aos mensageiros que em silencio a ouviam:  
Tudo aquillo, posto encha o mar e a terra,  
Parte é do que o tyranno traz á guerra.

É do Egypto e confins o que alli vemos;  
As gentes mais remotas faltam inda,  
Que para léste e sul muito os extremos  
Extende a sua monarchia infinda.  
Por isso espero longe o encontraremos  
De marchar, quando for a nossa vinda,  
A elle, ou a quem tenha do governo  
Do grande exercito o bastão superno.

Isto dizendo aos dois, qual aguia altiva,  
Que vae por entre os passaros segura,  
E chega tanto ao sol, que da luz priva  
Quem quer olhal-a, e perde-se na altura,  
Em meio dos baixéis com força viva  
Corre a barca na liquida espessura,  
Sem temor de que alguém trás ella parta,  
Ou a obrigue a parar; assim se aparta.

De Raphia n'um momento passa em frente,  
Primeira póvoa syria que apparece,  
Navegando do Egypto; após da ardente  
Rhinocolura, a que o céu nega a messe.  
Sobre o mar avançada a fronte ingente,  
Um monte perto á vista se offerece,  
Banhando n'agua a falda; alli repouisa  
O vencido Pompeu sob sua loisa.

Já descobre Damietta, e de que sorte  
Ao pégo leva o Nilo seus furores  
Por sete bocças de espaçoso corte,  
E por cem outras mais, porêm menores;  
Passa a cidade pelo grego forte  
Fundada para os gregos moradores;  
E a insigne Pharo, que ilha d'antes fôra,  
Ao convizinho chão unida agora.

Rhodes e Creta, ao norte situadas,  
Deixa em distancia, e Africa costeia,  
Paiz que tem as praias habitadas,  
E feras no int'rior e quente areia:  
Marmariça e Cyrene, a das louvadas  
Cinco cidades, que inda a fama alteia,  
Vê perto; e Ptolomaida, e o calmo e lento  
Rio do fabulado esquecimento.

Da maior Syrte, para o nauta infesta,  
 A barca foge ao largo, porque a teme;  
 O cabo de Judeca dobra lesta;  
 E para além do Magra inclina o leme.  
 Eis Trípoli depois, e, em frente d'esta,  
 Malta, occulta no mar que n'ella freme;  
 Co'as mais Syrtes lhe fica á pôpa em breve  
 Alzerbe, que lotóphagos já teve.

Tunis e o golfo seu vê em seguida,  
 Que de uma e de outra parte guarda um monte,  
 Tunis, rica cidade e esclarecida,  
 Por mais que esclarecidas Libya conte.  
 Do Lilybeu co'a mole desmedida  
 Eis da Sicilia a insula defronte.  
 Aos guerreiros aqui a dama indica  
 Onde a terra que foi Carthago fica.

Jaz Carthago; e da sua alta grandeza  
 Só signaes de ruína o chão conserva!  
 Reinos, imperios são da morte a presa;  
 O fasto e a pompa cobre areia e herva.  
 E o homem por morrer se menospreza!  
 Oh! mente da cobiça e orgulho serva!  
 Chegam breve a Biserta; e do outro lado  
 Longe a Sardenha sa'e do mar salgado.

Tambem as regiões os três passaram,  
 Onde a nómida foi pastor errante;  
 E dos corsarios o vil ninho acharam:  
 Bug, e Argel; e Oran mais adeante;  
 Da Tingitania as plagas costearam,  
 Mãe do nobre leão, e do elephante,  
 Por Marrocos e Fez hoje occupada,  
 Para o norte deixando atrás Granada.

Já do estreito vão proximo, que outr'ora  
 Ser feito por Alcides se fingiu,  
 Que terreno continuo talvez fôra,  
 Que horrendo cataclismo dividiu.  
 Forçou-o o mar com furia tragadora,  
 E além Calpe, áquem Ábila impelliu,  
 Partindo Libya e Hespanha com garganta  
 Pequena; te'm os tempos força tanta!

Quatro vezes o sol apparecera,  
 Depois que a barca a praia abandonara,  
 E inda, nem foi preciso, se acolhera  
 A porto algum dos muitos que avistara.  
 Abocca o estreito agora, e o cursa, e a fera  
 Soidão aquosa, sem limite encara,  
 A qual, se aqui tamanha é entre a terra,  
 Que será quando em si a abrange e encerra!

Eram-se já nas ondas occultado  
Cadis e as duas mais com que avizinha;  
De todo a costa havia-se alongado;  
Por termo os céus o pélagó só tinha,  
Quando Ubaldo: tu, cujo alumniado  
Condão por este mar nos encaminha,  
Conta-me se alguém veio 'onde ora estâmos,  
E se é povoado o mundo que buscâmos.

Tendo Hercules os monstros abatido  
Da quente Libya e do paiz hispano,  
Torna ella, e os vossos climas submettido,  
Não ousou arrostar o largo oceano.  
Abalizou o mundo conhecido,  
Prendendo em breve espaço o genio humano;  
Mas o saber Ulysses procurando  
Foi além, taes limites desprezando.

As columnas transpoz, e pelo aberto  
Mar desferiu o vôo audacioso;  
Mas não lhe valeu n'elle ser experto,  
Que elle o tragou voraz e temeroso,  
E jaz, qual o seu corpo, inda encoberto  
O seu fim, para os homens duvidoso.  
Se o vento outrem levou por essa altura  
Não voltou, ou lá teve a sepultura.

É pois desconhecido o vasto pego  
Que sulcas, e a porção quasi infinita  
D'ilhas e reinos que do homem cego  
Encobre inda, paizes que este habita,  
E que fecunda o sol com diurno emprego,  
E a produzirem fructos mil incita.  
Então Ubaldo: n'esse mundo occulto  
Dize-me as leis que ha, qual é o culto.

São diversos na lingua, usos e crença  
D'estas partes os povos differentes:  
Qual as feras adora; qual a immensa  
Mãe commum; qual o sol e astros luzentes;  
Qual faz té mesmo á natureza offensa  
Com seus manjares impios e indecentes.  
Emfim quanto do Calpe áquem se abriga  
Barbaros são, que fé barbara liga.

Portanto, lhe replica o cavalleiro,  
Deus, que a ensinar desceu a humanidade,  
Negar da sua crença ha de o luzeiro  
De nações a tão magna quantidade?  
Não, responde ella, o culto verdadeiro,  
E as artes lhe darão a claridade;  
Nem sempre apartará comprida rota  
A vossa gente d'esta gente ignota.

Serão os marcos de Hercules um nome,  
 Fabula para o nauta; e d'estes mares  
 E reinos, que a distancia obscura some,  
 Hão de ouvir-se inda os fastos singulares;  
 Então, sem que o temor jámais o dome,  
 O lenho mais audaz, por mil azares,  
 A terra medirá, do sol radiante  
 Arrojado rival e triumphante.

Cabe a um filho da Italia o atrevimento  
 De se arriscar ao curso não provado;  
 Nem o rugido ameaçador do vento,  
 Nem o inhospito mar não navegado,  
 Nem vario clima ou quanto o pensamento  
 Phantasia terrível e pesado  
 A sua idéia e generoso peito  
 De Ábila fecharão no breve estreito.

Colombo, tu do mundo a nova parte  
 Conduzirás tão longe a feliz vela,  
 Que a fama de azas mil acompanhar-te  
 Só poderá co'os olhos. Cante ella  
 Embora Alcides, Baccho; para honrar-te  
 Basta esboçar a tua acção tão bella,  
 Porque esse esboço valerá memoria,  
 De um poema dignissima e da historia.

Assim acaba; e pela estrada undosa  
 Corre ao ponente, e dobra ao meio-dia;  
 E vê cair em frente a luz radiosa  
 Do sol, e renascer atrás o dia.  
 Mas no proprio momento em que a formosa  
 Aurora orvalho e rosas diffundia  
 Distante se lhes mostra escuro monte,  
 Em véu de nuvens reбуçando a frente.

Vêem-no logo, navegando ávante,  
 Já a cima de nuvens descoberta,  
 As piramides grandes semelhante,  
 Pois engrossa no meio, e no alto aperta,  
 Fumegando como esse que o gigante  
 Opprime, de cratera sempre aberta,  
 Que lança fumo até que o sol se ponha,  
 E á noite inflamma o ar com luz medonha.

Outras ilhas, mas menos elevadas,  
 E outros cumes descubrem finalmente.  
 As ilhas juntas são, e Fortunadas  
 As nomearam já antigamente;  
 As quaes pelo céu eram tão amadas,  
 Que sem arado imaginava a mente  
 Produzirem, e ser mais lucrativo  
 Allí o bacello sem nenhum cultivo.

Alli nunca a oliveira em suas flores  
 Mentia; mel os robles destillavam;  
 Das montanhas desciam sem furores  
 As aguas, e suaves murmuravam;  
 Não traziam incommodo os calores;  
 Que as auras, e o rocio os mitigavam;  
 Alli se collocaram nas famosas  
 Habitações das almas venturosas.

Já para estas a barca vae volvendo.  
 Finda é quasi a viagem, diz a dama;  
 As ilhas Fortunadas estaes vendo,  
 De que heis ouvido incerta, illustre fama.  
 Formosas, ferteis são; porêm, correndo,  
 O certo de mentiras se recama.  
 Como assim fala, a prôa aventureira  
 Se chega á que das dez era a primeira.

Carlos então: concede-me, senhora,  
 Se tanto por ventura permittido  
 É a tua missão, que eu saia fóra,  
 E estude este paiz desconhecido,  
 E os seus povos, e o deus que aqui se adora,  
 Para ser pelos sabios attendido,  
 Ao contal-o, com pasmo e com inveja,  
 Por que de tudo testemunha seja.

O pedido, volta ella, é na verdade  
 Bem condigno do teu merecimento;  
 Mas decreto da summa potestade,  
 Inviolavel, impede tal intento.  
 Ainda não girou inteira a edade,  
 Que Deus marcou ao gran descobrimento,  
 Nem podereis levar do mar profundo  
 Noticia exacta para o vosso mundo.

Estas aguas, as quaes o marinheiro  
 Não sulca, a vós sulcar é outorgado,  
 E saltar onde está preso o guerreiro,  
 E tornal-o da terra ao outro lado.  
 A projecto aspirar mais sobranceiro  
 Seria orgulho, e combater o fado.  
 N'isto a ilha primeira já baixar-se  
 Parecia, e a segunda levantar-se.

Mostra-lh'as ella á parte do oriente  
 Como em fileira todas dirigidas,  
 Umas das outras quasi que igualmente  
 Pelas salgadas ondas divididas.  
 Signaes te'm sete de habital-as gente,  
 Cultura, e algumas casas esparzidas;  
 Três são ermas, e livres moram n'estas  
 Só feras nos seus montes e florestas.

N'uma das três ha um sitio occulto, onde  
 Se curva a praia, e para fóra estende  
 Dois longos braços, entre os quaes esconde  
 Ampla bacia; a entrada lhe defende  
 Um rochedo que a ella corresponde,  
 Dando as costas ao mar, que embalde o offende;  
 Crescem de cada extremo, quaes gigantes,  
 Dois penhascos, aviso aos navegantes.

Em baixo muda a onda em paz se esquece;  
 Bosques espessos vêm-se na altura;  
 Uma caverna entre estes apparece,  
 Farta de heras e de agua e de frescura.  
 Aqui navio entrar nunca acontece,  
 E no fundo deitar a ancora dura.  
 N'este porto deserto penetrava  
 A dama, e as velas candidas ferrava.

Attentae bem na mole sublimada  
 C'roando aquelle monte, ella dizia;  
 Lá de Christo o guerreiro em vida errada  
 Entorpecem nas festas e alegria.  
 Trilhareis, mal nascer a madrugada,  
 Aquella trabalhosa, ingreme via;  
 Nem vos pése a tardança, pois que fôra  
 Infausta para vós uma outra hora.

Comtudo até ao monte o lume pobre  
 Do dia aproveitae, que já desmaia.  
 Despedindo-se então da guia nobre,  
 Pizam nos dois a desejada praia,  
 E andam, sem que a força lhes sossobre,  
 O facil tracto, e chegam d'elle á raia,  
 Quando ainda distante do oceano  
 Ia o carro de Phebo soberano.

Que só por precipicios e ruína  
 Se sobe ao cume cada qual observa,  
 E que até lá geada e neve alpina  
 Somem tudo; depois ha flores e herva.  
 A coma verdejante a arvore inclina  
 Sobre o gêlo, que ao lirio amor conserva,  
 Bem como ás rosas delicadas; tanto  
 Vencem a natureza a arte e o encanto!

N'um logar só, umbrifero e selvagem,  
 Do monte junto á faldá, pernoitaram  
 Os guerreiros christãos; e, mal a aragem  
 Matutina soprou, e os céus brilharam,  
 Vamos, exclamam ambos; e a viagem  
 Com promptidão e ardor recommçaram;  
 Porêm sa'e, saber donde é impossivel,  
 E se atravessa ante elles, serpe horrivel.

Alça a fronte d'escamas buliçosas  
Côr de oiro escuro; incha-lhe o collo a ira;  
Os olhos são quaes chammas furiosas;  
Encobre o chão; veneno e fumo expira;  
Ora toda se enrola; ora as nodosas  
Roscas desmancha, e a caminhar se estira.  
Tal na sólita guarda se apresenta;  
Mas nenhum dos guerreiros amedrenta.

Puxa Carlos a espada, e ataca a fera;  
Grita o outro: que fazes, imprudente?  
Com armas d'essas o teu braço espera  
Por acaso vencer esta serpente?  
N'isto sacode a vara que trouxera;  
Foge ella, assim que sibilar a sente,  
E esconde-se veloz, intimidada,  
Deixando sem estorvo aos dois a estrada.

Mais acima a passagem lhes disputa  
Um leão, que a rugir bravo os encara;  
Eriça a grenha fluctuante e hirsuta;  
A voraz, funda bocca abre e escancara;  
Com a cauda se açoita, e anima á lucta;  
Porêm, apenas o ameaça a vara,  
Pavor secreto seus furores doma,  
E, em vez de os assaltar, a fuga toma.

Continuam com passos apressados,  
Quando eis que surge d'elles adeante  
Horda espantosa de animaes irados,  
Varios no andar, na voz, e no semblante.  
Quantos monstros terriveis e indomados  
Habitam desde o Nilo ao monte Atlante,  
Quantos da Hyrcania as selvas abastecem,  
E as da Hercynia alli juntos apparecem.

Porêm turba tão grande e embravecida  
A resistir-lhes nem sequer se atreve.  
Novo milagre! obrigam-na á fugida  
Da vara um fraco silvo, um olhar breve!  
Então da encosta a ríspida subida  
Galgam ambos; sómente a basta neve,  
E o terreno difficil e fragoso  
Lhes retardam no andar victorioso.

Comtudo após que a neve superaram,  
E os precipicios, e o caminho incerto,  
Tepido ar como d'estio acharam,  
E da montanha o cume extenso e aberto.  
Odoríferas auras encontraram,  
Correndo frescas sempre em modo certo;  
Cujos sopros o sol, mudando o lume,  
Não altera, como ha por seu costume.

Alli jámais os gêlos, os calores,  
 As nuvens, e o sereno o ar variam;  
 Vestem-se sempre os céus dos esplendores  
 Mais puros; nem se inflammam, nem se esfriam,  
 Aservas sustentando, e as tenras flores,  
 E grato odor e eterna sombra criam.  
 Sobre o lago o gentil paço campeia,  
 E em roda montes, mares senhoreia.

Como os guerreiros aspera fadiga  
 Subindo experimentam, vão d'espazo,  
 Ou parando na florea senda amiga,  
 Ou já movendo novamente o passo,  
 Quando uma fonte placida os instiga  
 A beber, sequiosos do cansaço,  
 Que de alta rocha ca'e, em mil se espalha  
 Espadanas, e a relva emtorno orvalha.

Mas depois, entre margens de verdura,  
 N'um canal toda a agua se ajuntando,  
 De folhagem perpetua á sombra, escura  
 E gelida prosegue murmurando;  
 Do fundo nada esconde, a formosura  
 Limpida inteira está patenteando;  
 Sobre as margens tufada a herva se ostenta,  
 E, molle, como que a assentar-se tenta.

Eis a fonte do riso, e a lympha vemos,  
 Que perigos mortaes tem enganosos;  
 Sopear o desejo aqui devemos,  
 Diz um, pois nos convem ser cautelosos.  
 Ás fallazes sereias não prestemos  
 Ouvidos, e a seus cantos maviosos.  
 Assim foram té onde em maior leito  
 O rio se avoluma, e em lago é feito.

Está n'uma das margens rica mesa,  
 Que orna comida preciosa e cára;  
 Duas gárrulas jovens de belleza  
 Lasciva em brincos andam na agua clara;  
 Ora uma a outra molha; com presteza  
 Ora nadam, que aposta as obrigara;  
 Já mergulham; já mostram finalmente,  
 Reapparecendo, a espalda, a nivea frente.

As nadadoras nuas e tão bellas  
 Notando, os dois guerreiros titubeiam,  
 E a contemplal-as ficam; porêem ellas  
 Em novos jogos trêfegas se estreiam;  
 N'isto levanta-se uma das donzellas,  
 E os peitos e o que as vistas muito anceiam  
 Expõe desde a cintura descoberto;  
 O mais do lago é pelo véu coberto.



Qual sa'e a estrella d'alva scintillante  
 Dos mares orvalhada de frescores,  
 Ou qual nasceu da espuma fecundante  
 Do oceano a antiga deusa dos amores,  
 Assim esta apparece, a gottejante  
 Loira coma a brilhar de vivas cores;  
 Olha emtorno depois; e, simulando  
 Vel-os então, encolhe-se córando;

E a longa trança, no alto da cabeça  
 Em molho junta, apressurada solta  
 Do corpo á roda, como chuva espessa,  
 Com que é a neve em aureo manto envolta.  
 Oh! que scena que esconde! mas por essa  
 Outra deixa melhor. Assim se volta  
 Alegre para os dois, envergonhada,  
 Pelos cabellos, e agua recatada.

Corava e ao mesmo tempo alegre ria;  
 E rindo era o seu pejo mais formoso;  
 E mais formoso o riso parecia  
 No rosto enrubescido e vergonhoso.  
 Depois com meiga voz assim dizia,  
 Voz que a todos tirara alma e repouso:  
 Ó viajores felizes, que a ventura  
 Trouxe a esta plaga tão ditosa e pura,

Este é o porto do mundo; n'elle mora  
 O fim dos males, e o prazer se sente,  
 Que nos doirados seculos outr'ora  
 Saboreou em liberdade a gente.  
 Essas armas, precisas até agora,  
 Deixal-as podereis seguramente,  
 E sangral-as á paz n'estes fagueiros  
 Sítios, pois só de amor sereis guerreiros.

Suave campo de batalha o leito  
 Vos ha de ser, e a fôfa herva dos prados.  
 Ireis comnosco ante o real aspeito  
 Da que faz os seus servos fortunados;  
 A qual vos tomará no conto eleito  
 Dos que ella ao gosto seu ha destinados;  
 Mas primeiro do pó vinde lavar-vos  
 N'esta agua e a esta mesa saciar-vos.

Uma assim disse; e a óutra em concordancia  
 Segue o convite com o olhar e os gestos,  
 Como dos instrumentos a assonancia  
 Seguem nos passos languidos ou prestos;  
 Mas á alma dos dois guarda a constancia  
 Contra os carinhos perfidos, funestos;  
 O encantador aspecto, a branda fala  
 Só por fóra os sentidos lhes abala.

E, se entra uma porção de tal doçura  
 Aonde o desejar brota e prospera,  
 Logo a razão, vestida de armadura,  
 Corta e arranca a vontade, mal nascera.  
 Vencida se confessa a formosura;  
 Vão-se os nuncios, que o encanto não vencera,  
 E penetram no paço. É tanta a magua  
 De ambas as nymphas, que mergulham n'agua.

EST. LXVI.

### CANTO XVI

Do edificio é redonda a forma rica;  
 Do seu centro no mais mysterioso  
 Um jardim singular, variado fica,  
 Superior a quanto ha mais famoso.  
 Galerias occultas multiplica  
 Emtorno d'elle o inferno astucioso,  
 As quaes em confusão inexplicavel  
 Fazem com que se torne impenetravel.

A entrada principal do monumento,  
 Que conta cem, transpõem os enviados.  
 As altas portas de lavrado argento  
 Rangem nos quicios de oiro fabricados.  
 As figuras, que são de obra um portento,  
 E vencem na materia olham pasmados;  
 Vivem; só da palavra necessitam;  
 Mas que a teem, vendo-as, muitos acreditam.

Está alli da Meonia entre as donzellas,  
 Á cinta a roca, Alcides conversando;  
 Se Orco e fado venceu, ora como ellas  
 Maneja o fuso; Amor se ri olhando;  
 E Iole co'as mãos tenras e bellas,  
 Por mofa, as armas fortes empunhando,  
 A pelle do leão aos hombros presa,  
 Muito pesada para tal fraqueza.

Defronte acha-se um mar, que as alteradas  
 Ondas cobre de manchas espumantes;  
 E em meio, em ordem duplice postadas,  
 Naus e armas, que fulgem lampejantes;  
 Arde em guerra Leucáte; incendiadas  
 São as aguas, como oiro scintillantes.  
 De um lado Augusto e Roma; Antonio em frente  
 Co'o indio, o egypcio, o arabe, o Oriente.

EST. I a IV.

Dirieis que, arrancadas por encanto,  
Iam as ilhas Cýclades chocar-se;  
É de uma e de outra parte o furor tanto  
Dos torreados lenhos no encontrar-se.  
Já vôam fachos, dardos, entretanto;  
De destroços parece o mar coalhar-se.  
Eis, nem pendido ainda a lide tinha,  
Fugindo vae a barbara rainha.

E foge Antonio, abandonando a esp'rança  
Do governo do mundo, ao qual aspira.  
Não teme, não; que o medo o não alcança,  
Mas acompanha a amada que partira.  
Imagináveis que bramidos lança,  
Como o que tem vergonha, amor, e ira,  
Ora a pugna indecisa e crua vendo,  
Ora as velas em fuga já correndo.

Após, no escuso Nilo recebido,  
Entre os braços da amante espera a morte,  
E n'um formoso gesto embevecido,  
Menos sente do fado o agudo corte.  
Das regias, grandes portas esculpido  
Era o metal luzente d'esta sorte.  
Mal d'ellas os guerreiros apartaram  
A vista, o labyrintho logo entraram.

Qual o obliquo Meandro brinca incerto,  
E com dubio correr ou sóbe ou de'ce,  
Em diverso rodeio, o mar aberto  
Já buscando, já as fontes onde cre'ce,  
Assim e emmaranhadas mais de certo  
As vias; mas o livro as esclarece,  
O livro dom do mago, e d'ellas trata  
De modo que o nó prompto se desata.

Deixados os caminhos tortuosos,  
O jardim lêdo e feiticeiro viam.  
Aguas calmas, crystaes mil buliçosos,  
Diversas plantas, flores que sorriam,  
Collinas que ama o sol, valles umbrosos,  
Selvas, grutas n'um todo descobriam,  
E o que a belleza e o preço lhe dobrava,  
A arte que fez tudo, e o disfarçava.

Unem-se o culto e o inculto de tal geito  
Que crêreis naturaes sitio e ornamento,  
Ou que tomára a natureza a peito  
Da arte imitar por graça o atrevimento.  
Como o resto, é o ar de Armida effeito,  
O ar que enflora os troncos n'um momento;  
Com as flores eterno o fructo dura,  
E á medida que um nasce o outro madura.

Na mesma arvore junto do nascente  
 Figo pende o já murcho e velho figo,  
 Ambos n'um ramo só: o reluzente,  
 De aurea côr e o que é verde, o novo e o antigo.  
 Serpeia co'os racimos a excellente  
 Torta videira exposta ao sol amigo,  
 Em principio a uva aqui, álem roxeada,  
 Ou fulva, já de nectar carregada.

Encantadoras aves na folhagem  
 Cantam lascivas notas porfiando;  
 Murmura a brisa, e as aguas e a ramagem  
 Deixa, ao tocar de leve, sussurrando.  
 Calam-se as aves? alto echôa a aragem;  
 Gorgeiam? sopra em som inda mais brando;  
 E, acaso ou não, ora lhes segue o canto,  
 Ora lh'o alterna co'o murmúrio emtanto.

Uma entre todas multicôr avôa  
 De purpurino bico, e varia gala,  
 Cuja lingua espaçosa claro sôa  
 De modo que semelha a nossa fala;  
 E então de tal maneira arremedou-a,  
 Que maravilha grande era escutal-a.  
 Param nas outras para ouvir-lhe as vozes;  
 Sustem-se no ar os zephyros velozes.

Vêde, ella disse, despontar a rosa  
 D'entre verdores, candida e singela,  
 Que, meio aberta ainda e vergonhosa,  
 Quanto se mostra menos é mais bella;  
 Depois o seio nu abre animosa;  
 Depois definha; e não parece aquella,  
 Aquella que invejada fôra d'antes  
 Por mil donzellas, e por mil amantes.

Assim se passa, ao perpassar de um dia,  
 Da existencia mortal flor e verdura;  
 Nem, porque novamente abril sorria,  
 O garbo recupera e a formosura.  
 Colha-se a rosa apenas principia  
 A aurora; á tarde, adeus viço e frescura;  
 De amor se colha pois a rosa; amemos  
 Emquanto amados ser tambem podemos.

Mal finda, o canto seu logo recobram,  
 Como approvando, as aves ajustadas;  
 Beijos as pombas entre si redobram;  
 Sentem-se até as feras inflammadas;  
 O loireiro e o carvalho vida cobram;  
 E as mais arvores todas animadas,  
 E a terra e as aguas pensam e respiram  
 Só ternuras de amor e amor suspiram.

Entre essa melodia, e as incitantes  
 Bellezas que o prazer lhes offerecem,  
 Os dois guerreiros vão; porêm constantes  
 Contra o deleite o animo endurecem.  
 Eis através das folhas os amantes  
 Julgam ver; claramente eis apparecem;  
 Ella na relva flacida sentando-se,  
 Elle no seu regaço recostando-se.

Armida tem o peito descoberto,  
 E descomposta a coma ao vento estivo;  
 Languede amor; pelo suor coberto,  
 Luz-lhe o rubro semblante inda mais vivo;  
 Um sorriso, qual n'agua raio incerto,  
 Lhe brilha no olhar humido e lascivo;  
 Sobre elle pende; elle em seu seio encosto  
 Faz á cabeça e lhe contempla o rosto;

E co'a vista faminta ávidamente  
 A devora, e a paixão o rala e mina.  
 Para sorver-lhe a bocca, ou para ardente  
 Libar os olhos seus ella se inclina.  
 Suspira então o joven tão ve'emente,  
 Que a alma crê fugir-lhe peregrina  
 Para a amada. Os guerreiros curiosos  
 Espreitam estes actos amorosos.

Esplendido crystal á cinta pende  
 Do amante, gladio certo desusado.  
 Ergue-se ella, e nas mãos já lh'o suspende,  
 Para os ritos de amor ministro âzado.  
 N'um objecto, entre tantos, só se prende  
 O olhar d'ella a sorrir, d'elle abrasado:  
 Ella ao espelho se compõe e adorna;  
 Elle os seus olhos seu espelho torna.

Um préza o mando; o outro o captiveiro;  
 Ella ufana de si, e o joven d'ella.  
 Teus olhos em mim põe, diz o guerreiro,  
 Que são a tua e a minha dita, ó bella;  
 Meu incendio é retrato verdadeiro  
 D'essa belleza; em mim bem pôdes vê-la;  
 Seu aspécto gentil, que maravilha,  
 Mais que no vidro teu n'est'alma brilha.

Ah! pois que me desdenhas o meu preito,  
 Se ao menos tuas graças ver pudesses,  
 E ao teu olhar, de nada satisfeito,  
 De contemplar-se o gosto concedesses!  
 Mas como copiar crystal estreito  
 Um paraíso? como enlevos d'esses?  
 É teu espelho o céu, nos astros, cara,  
 Reflexo tens da formosura rara.

N'isto Armida sorri, porêem não cansa  
 De enfeitar-se, e admirar os seus primores.  
 Parte da sôlta coma prende e entrança;  
 Parte em anneis divide, os quaes de flores  
 Gentilmente recama, á semelhança  
 De oiro esmaltado de diversas cores;  
 Junta rosas depois de ameno encanto  
 Do collo aos lirios, e concerta o manto.

Nem o pavão a cauda de olhos cheia  
 Amostra assim em toda a pompa sua,  
 Nem Iris assim doira e purpureia  
 Ao sol a forma aerea que fluctua.  
 Mas é o maximo ornato que alardeia  
 O cinto que nem mesmo deixa nua.  
 Deu corpo ao que o não tem, e o fez tão lindo,  
 Impossiveis de unir para isso unindo.

Meigas repulsas; mimos namorados,  
 Ternas iras, sorrisos, paz, brandura,  
 Baixas vozes, suspiros não findados,  
 Doce pranto com beijos de mixtura,  
 Uns com outros fundidos, combinados,  
 Ella temp'rou de amor na chamma pura,  
 E esse cinto compoz maravilhoso  
 Com que cingia o corpo melindroso.

Finalmente do amado se despede,  
 Quebrado o galanteio; e o beija e parte.  
 De abandonal-o o sacrificio pede  
 Durante o dia o emprego da sua arte.  
 Fica elle, que sahir lhe não concede  
 A magica jámais para outra parte,  
 Entre os troncos e feras habitante,  
 Vagando triste, solitario amante.

Mas quando a treva co'a a mudez amiga,  
 Propicia ao furto, os amorosos chama,  
 Debaixo de um só tecto ambos abriga  
 A noite que feliz os prende e inflamma.  
 Apenas o severo officio obriga  
 A deixar o jardim a falsa dama,  
 Os dois sa'em dos ramos, que os encobrem,  
 E armados ao guerreiro se descobrem.

Qual soberbo corcel ao fadigoso  
 Lidar da guerra vencedor tirado,  
 Que, lascivo marido, em vil repouso,  
 Erra solto nos pastos entre o gado,  
 Mas, se o desperta o aço luminoso,  
 Ou a trompa, a rinchar corre açodado,  
 Ancioso de combate, e sob o dono  
 De o contrario atacar com bravo entono;

D'este modo o mancebo de repente  
 Das armas ao brilhar alvoroçou-se.  
 O peito seu tão arrojado e ardente  
 Com aquelle fulgor enthusiasinou-se,  
 Inda que, ebrio de gosos e indolente,  
 Em ocio molle enfraquecido fosse.  
 Emtanto Ubaldo avança, e põe deante  
 D'elle o límpido escudo de diamante.

O joven para o escudo os olhos vira,  
 E alli se espelha tal como é, com quanto  
 Fausto pompeia languido; respira  
 Lascivia e odores o cabello e o manto;  
 O gladio mais que tudo ao lado admira,  
 De luxo feminil e adorno tanto,  
 Que ser parece esteril ornamento,  
 Não militar, mortífero instrumento.

Como homem que, de sonhos opprimido,  
 Depois de grave somno despertasse,  
 Tal ficou elle ao ver-se reflectido;  
 Sem que a olhar o broquel continuasse,  
 A vista abaixa tímido e abatido,  
 Volvendo ao chão envergonhado a face;  
 Por se esconder, do mar entrara dentro,  
 E até do fogo procurara o centro.

Então Ubaldo principia: agora  
 Que a Asia e a Europa estão fervendo em guerra,  
 Que todo o que ama a gloria e Christo adora  
 Armado lida na judaica terra,  
 A ti, ó filho de Bertholdo, fora  
 Do mundo, ignoto chão ocioso encerra!  
 Só não te instiga o som do mundo inteiro,  
 De uma donzella egregio cavalleiro!

Em que lethargo jaz adormecida  
 Tua alma? Que fraqueza em ti impera?  
 Sus! Godefredo e o campo te convida;  
 A fortuna, a victoria alli te espera.  
 Vem a empresa acabar bem dirigida,  
 O guerreiro fatal, e a seita fera  
 Que afracado já tens, caia prostrada,  
 Por tua inevitavel, forte espada.

Diz. Permanece um pouco o joven nobre,  
 Perturbado, sem voz, sem movimento;  
 Mas o pejo logar logo descobre  
 A indignação, ao alto pensamento;  
 E ao roxo incendio que lhe a face cobre  
 Outro fogo succede mais violento.  
 Rasga elle então aquella gala futil,  
 Insignia dos grilhões, agora inutil;

E, apressando a partida, do intricado  
 Labyrintho se afasta. Armida vendo  
 Da real porta o guarda inanimado,  
 O feroz guarda sobre o chão jazendo,  
 Que a ia abandonar o seu amado  
 Suspeitou, logo bem o conhecendo,  
 Quando, ai! triste! o avistou ao doce abrigo  
 Dando as costas veloz, como inimigo.

Porque me deixas só! gritar queria;  
 Onde vaes? mas a dor lhe prende a fala,  
 A qual, tornando atrás, com agonia  
 Inda mais ardua o coração lhe abala.  
 Desditosa! do amor de que vivia  
 Força maior que a sua vem rouba-la.  
 Ella o conhece e em vão retel-o tenta;  
 Embalde d'esperanças se acalenta.

Quantos jámais soltou impios conjuros  
 De maga da Thessalia a bocca immunda,  
 Quanto a marcha sustem dos astros puros,  
 E evoca as sombras da mansão profunda,  
 Tudo, tudo empregou; mas dos escuros  
 Infernos o poder a não secunda;  
 Deixa a magia emfim, e, por que o mova,  
 Dos seus encantos a magia prova.

Sem da honra cuidar, corre, a mesquinha.  
 Onde as suas victorias arrogantes?  
 A que o imperio de amor mandou, rainha,  
 A um relance dos olhos triumphantes,  
 A que altivez e só desprezos tinha,  
 A que algemava mil e mil amantes  
 Para os odiar, e em si só se aprazia,  
 Ou na paixão que n'elles accendia,

Agora escarnecida, abandonada,  
 Vae após o que a foge, o que a despreza,  
 E procura co'o choro a rejeitada  
 Face adornar de insolita belleza.  
 Corre; nem lhe embaraça a delicada  
 Planta o gelo, e das vias a aspereza;  
 Só junto á praia o apanha, mas seus brados,  
 Como nuncios, deante vão magoados.

Louca ella exclama: ó tu, que d'esta sorte  
 Levas uma porção da minha vida,  
 Volta-m'a, ou leva a outra, ou vibra a morte  
 A ambas; ai! detem-te na fugida.  
 Da minha ultima voz colhe o transporte;  
 Meus beijos não; são de outra mais querida  
 Os teus; espera; que temor é este?  
 Podes-m'o recusar; fugir pudeste!



Pára, escutando-a, o cavalleiro, e ella  
 Anhelante se chega e lacrimosa,  
 Dolorida em extremo, porêm bella  
 Tanto mais, quanto mais desventurosa.  
 Encara-o, observa-o tacita a donzella,  
 Meditabunda, ou irada, ou receosa;  
 Mas Reynaldo, se a olha, é com furtivo  
 Modo tardio, envergonhado e esquivo.

Qual famoso cantor, que, antes de a clara  
 Voz desprender em levantado canto,  
 Para a harmonia os animos prepara.  
 E em baixas notas preludia emtanto,  
 Assim ella na dor que o peito lhe ara  
 Não esquece de todo a fraude e o encanto,  
 E alguns suspiros faz sahir primeiro  
 Para dispôr o espirito ao guerreiro. .

Depois começa: barbaro, contigo  
 Não supponhas que eu fale em tom de amante;  
 Fui, foste-o já n'aquelle tempo amigo.  
 Se hoje outro és, se te pésa até bastante  
 Lembral-o, ao menos ouve-me; o inimigo  
 Às vezes o inimigo ouve um intante.  
 O que te peço é tal, que o teu desprezo,  
 Posto que cedas, ficará illeso.

Se me odeias, se n'isso prazer sentes,  
 Folga, não venho esse prazer tirar-te.  
 Crêl-o justo; assim seja. As tuas gentes  
 Odio tive tambem, e pude odiar-te.  
 Nasci pagan; por meios differentes  
 Os de Christo opprimi com a minha arte;  
 Persegui-te; tomei-te; e em ignorado  
 Logar te puz, das armas apartado.

A tudo junta o que has entre os maiores  
 Crimes pelo maior, mais em teu damno:  
 Enganei-te; nutri-te em meus amores.  
 Que tão cruel amor, que iniquo engano!  
 Da virgindade sua dar as flores,  
 Sujeitar sua belleza a um soberano,  
 E o que em premio negado a muitos fôra  
 A um novo amante facultar n'uma hora!

Fique essa entre as mais culpas numerada.  
 Movido por seu numero infinito,  
 Parte; deixa esta placida morada,  
 Que estimavas em tanto, e que eu habito;  
 Vae; passa o mar; trabalha; brande a espada;  
 A destruir a nossa fé te incito.  
 Nossa? Já não é minha! Apenas crente  
 Sou em ti; és meu idolo sómente.

Acompanhar-te concedido seja;  
 Entre inimigos dá-se o que requeiro;  
 Leva a presa o pirata; da peleja  
 Segue ao triumphador o prisioneiro.  
 Que em teu despojo o exercito me veja,  
 É una aos louvores teus este, ó guerreiro;  
 Que a que de ti zombou agora affronte,  
 E como escrava repellida a aponte.

Porque é que este cabello inda conserva  
 Quem rejeitaste? De que vale tel-o?  
 Hei-de-o cortar; envilecida serva,  
 Devo em todas as coisas parecel-o.  
 Este meu peito, quando o ardor mais ferva  
 Da guerra, irei por ti offerecel-o;  
 Lança e corcel conduzir-te-hei; coragem  
 E forças tenho para ser teu pagem.

Servir-te-hei de escudeiro ou de defesa;  
 Jámais por te guardar quero poupar-me;  
 Antes de a ti chegar, ha de a fereza  
 Das armas este corpo atravessar-me.  
 Homem não haverá de tal crueza  
 Que para te matar ouse matar-me,  
 Que não deixe a vingança desejada,  
 Ao ver esta belleza desprezada.

Misera! porque espero ainda tanto  
 Da minha escarnecida formosura?  
 Continuaria; mas embarga-a o pranto,  
 Como fonte a manar da rochea altura.  
 Com acto supplicante n'isto o manto  
 Ou a dextra agarrar-lhe ella procura;  
 Pára o joven; porêem resiste e vence;  
 A amor seu coração já não pertence.

Não torna amor a alimentar no seio,  
 Que a razão congelou, a chamma; d'esta  
 Em vez, a compaixão, sem ter receio,  
 Socia d'elle, mas púdica, só resta;  
 E tanto o move, que ao chorar um freio  
 A custo põe, e animo lhe presta;  
 Comtudo o meigo affecto em si esconde,  
 E, compondo o semblante, lhe responde:

Assaz me punge teu soffrer, Armida;  
 Ah! como, se eu pudesse, desfizera  
 Essa tua paixão tão mal nascida!  
 Nem rancor, nem desprezo em mim te espera.  
 Vingança e offensas minha idéia olvida;  
 Serva não és, nem inimiga fera.  
 É verdade que muito e muito erraste,  
 E os extremos do amor e odio tocaste.

Mas erros são communs a toda a gente.  
 Tua crença te escusa, o sexo, a idade.  
 Também eu fui em parte delinquente;  
 De ti, como de mim, tenho piedade.  
 Entre as minhas lembranças caramente  
 Guardar-te-hei na amargura e f'licidade;  
 Teu campeão serei, quanto a honra pede,  
 E a guerra d'Asia, e a minha fé concede.

Ah! ponha-se á fraqueza aqui um termo,  
 E esta nossa vergonha aqui se occulte;  
 N'estes confins do mundo, ignoto ermo,  
 Sua memoria inteira se sepulte.  
 Possa o fundo silencio escurecer-m'o,  
 Por que esta acção as outras não me insulte.  
 Ah! não manches com ella o nome egregio,  
 A belleza, o valor, o sangue regio.

Fica-te em paz; eu parto. É-te vedado  
 Commigo vir; quem me conduz t'o nega.  
 Fica, ou procura mais ditoso fado  
 Em outra parte, e o imaginar socega.  
 Ella, emquanto assim fala o seu amado,  
 Torva, desinquieta á dor se entrega.  
 Ha muito o olhava com feroz despeito,  
 Até que enfim prorompe d'este geito:

Não foi tua mãe Sophia, nem nasceste  
 Da Azzia origem; do mar á furia insana,  
 Ou ao Caucaso frio o ser deveste,  
 E amamentou-te alguma tigre hyrcana.  
 Para que de disfarce inda se veste  
 Minh'alma? Nem mostrou ter mente humana!  
 Nem mesmo a côr mudou compadecido!  
 Nem um pranto sequer! nem um gemido!

Quanto calar, dizer me cumpre! Vario,  
 Fiel me serve, e me abandona e esquece;  
 Qual vencedor grandioso, do contrario  
 Ao olvido, ao perdão das culpas de'ce.  
 Vinde escutar o casto! um solitario,  
 Um austero philosopho parece.  
 E tu, céu, estes impios não fulminas!  
 E réduzem teus templos a ruínas!

Vae-te, cruel, e gosa do repouso  
 Que me deixas; de mim pódes partir-te.  
 Nu espirito em breve e vaporoso  
 Indivisivelmente hei de affligir-te;  
 Co'as serpentes e o facho temeroso,  
 Qual te amei, nova furia, hei de punir-te;  
 E, se tens de escapar aos grossos mares,  
 E, se no campo da peleja entrares,

Lá, no meio dos mortos, mal ferido,  
 Pagarás minha pena, ó cru guerreiro;  
 Muitas vezes meu nome repetido  
 Ouvir-te-hei no momento derradeiro.  
 N'isto falta-lhe o alento enfraquecido,  
 Nem o ultimo som se escuta inteiro;  
 Desmaia; desfallece; ca'e em terra;  
 Frio suor a inunda; e os olhos cerra.

Fechas, Armida, os olhos, por que, avara,  
 A sorte não acalme o teu tormento.  
 Abre-os, ó infeliz, abre-os, repara:  
 Chora o inimigo teu teu soffrimento.  
 Se o souberas! oh! como te abrandara  
 As magoas o soar do seu lamento!  
 Compassivo co'a vista se despede  
 De ti, e quanto póde te concede.

Que fará? Na deserta, nua areia,  
 Semiviva, ha de assim desamparal-a?  
 A cortezia, a compaixão o enfreia;  
 Mas o dever por último o avassalla.  
 Parte; e da sua guia a coma ondeia  
 O zephyro, de leve a bafejal-a.  
 Nos largos mares a aurea vela corre;  
 Elle olha a praia até que ao longe morre.

Em roda tudo só, tudo calado  
 E triste vê Armida, a si tornando.  
 Foi-se, diz, e deixou-me n'este estado,  
 Aqui, a minha vida perigando?  
 Nem um instante esp'rou, nem um cuidado  
 Teve para o meu caso miserando!  
 E eu persisto em amal-o? E aqui occulta,  
 N'esta praia sentada 'choro inulta?

Porque pranteio em vão? porque suspiro?  
 Tenho outras armas. Seguil-o-hei, perjuro;  
 Nem dos abysmos no maior retiro,  
 Nem no céu mesmo parará seguro.  
 Alcanço-o; agarro-o; o coração lhe tiro;  
 Aos sem piedade aviso no futuro;  
 Já suspendo suas carnes. Superal-o  
 Na fereza pretendo... Mas que falo?

Ah! desditosa Armida! tu devias  
 Contra o malvado encruecer outr'ora,  
 Quando retido nos grilhões o havias;  
 Tamanha indignação vem tarde agora.  
 Não me valem nem graças nem magias?  
 Tua vontade cumprirás, embora,  
 Ó minha formosura desprezada;  
 Has de virgar-me; foste a injuriada.

Offereço por paga esta belleza  
 A quem cortar a abominosa frente.  
 Meus famosos amantes, uma empresa  
 Vos proponho, difficil, mas decente:  
 Eu, herdeira de esplendida riqueza,  
 Para vingar-me, vendo-me contente.  
 Se premio baixo sou, por desventura,  
 És inutil, ó minha formosura.

Dadiva infortunada, eu te rejeito;  
 E odeio da existencia estar captiva;  
 E ser rainha; e ter nascido; o feito  
 Da vingança o desejo só me aviva.  
 Co'a voz pela ira presa, anciado o peito,  
 Freme, e da praia se desvia altiva,  
 Demonstrando o furor no descomposto  
 Cabello, irado olhar, e acceso rosto.

Mal penetra em seu magico aposento,  
 Horrenda invoca os deuses cem do Averno.  
 De lucto o céu se cobre; n'um momento  
 Empallidece o gran planeta eterno;  
 Brama, e aos montes sacode o cume o vento;  
 Já debaixo dos pés lhe ruge o inferno;  
 Em quanto o paço abrange só bramidos  
 Se ouvem, e urros, silvos, e latidos.

Negror maior que a noite, ao qual não orna  
 Débil raio sequer todo o circumda;  
 Só fulge algum relampago, que entorna  
 Clarão sinistro na caligem funda.  
 Acaba a treva; o sol livido torna,  
 Melancholico ainda, e o ar inunda.  
 Desparece o palacio; nem vestigio  
 Ha do sitio onde esteve; oh! que prodigio!

Qual se forma de nuvens mole immensa  
 Pelos campos do espaço, e pouco dura,  
 Que a some o vento, ou a luz do sol intensa,  
 Ou qual sonho que enfermo se afigura,  
 Tal se foi o edificio. Feia, extensa  
 Penedia só fica, horror e agrura.  
 Armida sobe do seu carro acima,  
 E, como soe, á altura se sublima.

Voando, as nuvens piza, o ar agita  
 Por tufões e borrascas escoltada.  
 Passa as terras que n'outro polo habita  
 Gente ainda por todos ignorada;  
 Passa as columnas de Hercules; e evita  
 O paiz moiro, a Hesperia nomeada;  
 Porém suspensa sobre os mares segue  
 Até que ás praias syrias emfim chegue.

Foge Damasco; a patria que já tinha  
 D'antes amado tanto ora fugia;  
 E ás infecundas plagas se encaminha,  
 Onde nas aguas seu castello havia.  
 Alli, dos servos longe, vae sósinha  
 No retiro esconder quanto soffria.  
 A mente em mil idéias lhe fluctua;  
 Mas cedo o pejo ante o furor recua.

Partirei; e em partir hei de appressar-me  
 Antes que marche, assenta finalmente,  
 Do rei do Egypto a hoste; ahi mudar-me  
 Quero por todo o modo variamente:  
 As armas manejar; serva tornar-me  
 Dos grandes; atear-lhe o esforço ardente.  
 Que da minha vingança parte veja,  
 E que a honra de lado posta seja.

Ah! que meu tio e guarda não me exprobre,  
 Mas a si mesmo; assim elle o ha querido.  
 Elle só me moveu, ai! de mim pobre!  
 O fragil sexo, o animo atrevido;  
 E, azas dando ao pudor e ao brio nobre,  
 Me ha em donzella errante convertido.  
 Tudo caia sobre elle quanto feito  
 Por amor tenho, e da vingança o effeito.

Assim dizendo, á pressa já congrega  
 Servos, pagens, guerreiros e donzellas,  
 E arte summa em se adornar emprega,  
 E em riqueza mostrar nas vestes bellas.  
 Põe-se a caminho; e ao somno os olhos nega,  
 Ou raie o dia, ou luzam nas estrellas,  
 Té aos campos chegar de Gaza, abertos  
 Ao sol, então de pavilhões cobertos.

EST. LXXI a LXXIV.

---

## CANTO XVII

Está Gaza na estrada que encaminha  
 A Peluzio, na extrema da Judêa,  
 Junto ao mar construida, convizinha  
 A immensuravel solidão de arêa,  
 A qual o furacão revolve e apinha,  
 Como o austro, quando as vagas revolteia;  
 Pelo que a custo encontra o viajante  
 Abrigo n'esse campo fluctuante.

EST. I.

Limita o Egypto esta cidade forte.  
 Seu rei, que ha muito aos turcos a ganhara,  
 Por ficar situada de tal sorte,  
 E convir á empresa que intentara,  
 Deixando Memphis, verdadeira côrte,  
 Para mais perto ser, a ella passara,  
 E ahi de varias partes formidavel  
 Exercito formara, innumeravel.

Ó musa, qual das coisas fosse o estado  
 Ao pensamento meu faze presente:  
 Que armas o grande imperador juntado  
 Havia, e companhia ou serva gente;  
 Quando vieram aqui por seu chamado  
 Tantas forças e reis do sul e oriente;  
 Só tu podés os chefes recordar-me,  
 E meio mundo em armas revelar-me.

Depois que o Egypto o jugo sacudira  
 Do grego imperio, e a antiga fé, tyranno  
 D'elle ficara, e ao throno seu subira  
 Um guerreiro de sangue ma'ometano;  
 Califa se chamou, nome que unira  
 Sempre depois ao seu cada sob'rano;  
 Ptolomeus, Pharaós o rio Nilo  
 Contou outr'ora pelo mesmo estylo.

Volvendo o tempo, o reino instituido  
 E accrescentado está de tal maneira,  
 Que vae, pela Asia e Africa estendido,  
 De Cyrene e marmorica fronteira  
 Á Syria, e, terra a dentro, o desmedido  
 Nilo segue; nem Syene lhe é barreira;  
 Os campos de Sabá abrange, e chega  
 Aonde a terra o longo Euphrates rega.

Á direita, e á esquerda comprehende  
 O rico mar, e a costa do perfume;  
 Para além do Erithreu muito se estende,  
 Para onde o sol dardeja o nado lume.  
 Tem amplo senhorio; e dê's que entende  
 No mando o que o dirige, e em si resume  
 Pratica militar e tacto regio,  
 Mais se tornou assignalado e egregio.

Contra o turco este foi e contra o persa  
 Muita vez, muita vez os repelliu,  
 Vencido ou vencedor; e a sorte adversa  
 Maior que se vencera sempre o viu.  
 É agora sua vida bem diversa;  
 A idade já lhe a espada descingiu;  
 Mas não depoz o bellicoso engenho,  
 Nem da cobiça, nem da gloria o empenho.

Inda por seus ministros faz a guerra,  
 E com tanta sciencia e fortaleza,  
 Que o cargo de monarcha o não aterra,  
 Nem nos seus annos avançados pésa.  
 Partida em reinos a africana terra  
 Treme de ouvir-lhe o nome; o Indo o préza;  
 Outros povos soccorro voluntarios  
 Lhe dão de tropa, ou são-lhe tributarios.

Eis o homem que ordena se reúna  
 Tão numerosa força, e já se apressa  
 Dos incertos christãos contra a fortuna,  
 Por que o nascente estado assim pereça.  
 Vem Armida por ultimo; opportuna  
 Chega, pois a revista então começa.  
 Fóra dos muros em campina extensa  
 O exercito do rei marcha em presença.

N'um throno de sublime luzimento,  
 De cem degraus eburneos assentado  
 Fero elle está, sob um docel de argento,  
 Panno purpureo aos pés de oiro bordado.  
 Todo o luxo e barbarico ornamento  
 Mostra com real habito adornado;  
 Em muitas voltas seu cabello cinge  
 Branco linho, e diadema alto lhe finge.

Empunha o sceptro; a barba encanecida  
 O respeito lhe augmenta e a austeridade;  
 Nos olhos, que não muda a longa vida,  
 Lampeja o arrojo, o ardor da mocidade;  
 E por todos seus actos é mantida  
 Dos annos, do poder a majestade.  
 Figuraram assim, com tal semblante  
 Phidias e Apelles Jupiter tonante.

Dois sátrapas, de todos os maiores,  
 Tem ao lado, um á dextra, outro á sinistra.  
 Ergue o primeiro, de honras sup'riores,  
 A espada nua, do rigor ministra;  
 Traz o sello o segundo, e os int'riores  
 Segredos guarda e o reino lh'administra;  
 Mas o outro exerce auctoridade plena  
 Sobre o exercito, e aos réus inflige a pena.

O throno lhe rodeiam luxuoso  
 Os fieis circassianos ordenados,  
 De lança, de coiraça, e de lustroso  
 Curvo e comprido gladio bem armados.  
 Tal sobranceiro aos mais o rei famoso  
 Attento observa juntos os soldados.  
 Ao perpassar humildes as fileiras  
 Ante elle inclinam armas e bandeiras.



Desfilam nos egypcios adeante;  
 Mandam-nos quatro chefes; dois vieram  
 Da terra que das praias é distante,  
 E dois das que do Nilo as aguas deram,  
 Tomando o mar co'o limo fecundante,  
 As quaes, seccando, ferteis se fizeram.  
 Assim cresceu o Egypto. Oh! quanto agora  
 Jaz no int'rior, que d'antes costa fôra!

No primeiro esquadrão se encontra a gente  
 Habitante da rica Alexandria  
 E da região que volta ao sol ponente,  
 Aonde Africa a ser já principia.  
 Rege-a Araspe, no engenho mais potente,  
 Muito mais, do que illustre em valentia;  
 De emboscadas perito, em si encerra  
 Toda a arte que os moiros hão na guerra.

Seguem-se os que no lado estão da aurora,  
 Na costa d'Asia, os quaes se congregaram  
 Debaixo de Arontêo, que não decora  
 Brio ou vigor, mas titulos aclaram.  
 Do capacete o jugo ainda ignora,  
 E jámais as trombetas o acordaram:  
 Do commodo e da paz á acerba lida  
 Ambição imprudente ora o convida.

Depois um corpo innumero apparece,  
 Que as praias cobre, e tem o campo cheio.  
 Não crêreis, não, que sustentar pudesse  
 Tanto o Egypto, e do Cairo tudo veio,  
 Cidade que provincia antes parece,  
 E mil povoações inclue no seio.  
 Cabe a Campsóno o maximo commando  
 No grande sim, mas indomavel bando.

Marcham sob Agazel os que a colheita  
 Fazem na terra proxima fecunda  
 Até chegar ao sitio, onde se deita  
 O Nilo em quéda pela vez segunda.  
 De elmo e coiraça o pêso o egypcio enjeita;  
 Só tem arcos e gladios; mas abunda  
 Em trajes sumptuosos e em riqueza,  
 Movendo mais, do que ao temor, á presa.

De Barca a plebe quasi inerme e nua  
 Passa sob Alarcon; esta a existencia  
 Por muito tempo em erma plaga e crua  
 Sustentou de rapinas e insolencia;  
 E de Zumara o rei e a gente sua,  
 Que é melhor, mas não mostra resistencia;  
 E o que impera de Trípoli na terra.  
 Ambos dextros volteando usam na guerra.

Atrás, da Arabia Pétreá os moradores  
 Ve'm, e os da Arabia que Feliz se chama,  
 Onde do gelo e sol nunca os rigores  
 Reinam, se é verdadeira antiga fama,  
 Onde nascem no incenso e os mais odores,  
 Onde a phenix revive d'entre a flamma,  
 E sobre flores de perfume vario  
 Construe o berço, e o leito mortuario.

É d'estes o vestir menos ornado,  
 Posto ás do egypcio as armas semelhantes.  
 Depois ve'm outros arabes, que estado  
 Não gosam certo, instaveis habitantes.  
 Em perpetuo vagar e descuidado  
 Mudam nas suas povoações errantes;  
 Te'm feminil a voz, e a estatura,  
 Longo, preto o cabello, a face escura.

Arma-lhes grandes cannas ferro fino  
 Na ponta; e em corceis correm tão depressa,  
 Qual se os levára vento repentino,  
 Se algum existe que o voar lhes meça.  
 Os primeiros conduz Sífáce; Aldino  
 O passo dos segundos endereça;  
 E Albiazar o do esquadrão terceiro,  
 Homicida ladrão, não cavalleiro.

Sêgue-se o povo que deixado havia  
 As ilhas que da Arabia o pégo lava,  
 Em cujas ondas rica pescaria  
 De perolas outr'ora se apanhava,  
 Com o negro na sua companhia,  
 Que do mar Roxo á esquerda demorava.  
 Rege áquelle Agricalte; Osmida a este,  
 Desprezador das leis terrea e celeste.

Logo de Méroe, que a corrente banha  
 Do Nilo; e a do Astabora, os insulanos  
 Se vêem succeder, terra tamanha,  
 Que ha duas fés, e três reinos soberanos.  
 Dois reis, Canario e Assimiro, a extranha  
 Hoste dirigem; são mahometanos,  
 E o califa tributam; santa crença  
 O rei terceiro de aqui estar dispensa.

Outros dois reis vassallos com suas gentes  
 Marcham; por armas settas e arcos trazem;  
 Um é o sultão de Ormuz, cujas potentes,  
 Nobres terras no golfo Perseo jazem;  
 O outro o de Boecan, paiz que, enchentes,  
 As maritimas aguas ilha fazem;  
 Mas, quando estas decrescem na vazante,  
 Entra-o a pé enxuto o caminhante.

Nem a ti, Altamoro, o casto leito  
 Poude reter, e a esposa idolatrada.  
 Em vão chorou, feriu a coma e o peito,  
 Por demover-te da fatal jornada.  
 Quê, dizia, do mar o horrendo aspeito  
 Mais, ó cruel, que o rosto meu te agrada?  
 Antes suster as armas quer teu braço,  
 Que o meigo filho em carinhoso abraço?

De Samarcanda é este rei, e o exalça  
 Muito mais do que o livre diadema  
 A sciencia das armas, que realça  
 Inclito arrojo e valentia extrema.  
 O christão saberá se a fama é falsa,  
 E se motivo ha para que o tema.  
 Armam-se seus guerreiros de coiraça;  
 Ao lado a espada te'm; no arção a maça.

Vem logo o fero Adrasto, do apartado  
 Paiz dos indios e da rosea aurora,  
 De pelle de atra serpe acobertado,  
 Sua unica veste protectora,  
 Tãmanhõ, que elephante agigantado  
 Cavalga, como se ginete fôra;  
 Guia a gente que áquem Ganges habita,  
 Onde o Indo no mar se precipita.

O seguinte esquadrão conta os primeiros  
 Da milicia real, os escolhidos,  
 Que são, na paz e guerra companheiros,  
 Com honras e mercês favorecidos.  
 Montam rijos corceis estes guerreiros,  
 Para a defesa e ataque premunidos.  
 Reluz ferido o ar, batendo em tantos  
 Oiros e armas e purpureos mantos.

Alarco e Omar, que o povo ordena vario  
 Estão no meio d'elles, e Idraorte,  
 E Rimedon nos riscos temerario,  
 Que escarnece dos homens e da morte,  
 E Tigrane, e Rapoldo, o gran corsario,  
 Já tyranno do mar, e Ormundo o forte,  
 E Marlabusto o Arabico, a que dera  
 Nome a Arabia rebelde que vencera,

E Orindo, e Pirga e Arimon; Brimarte,  
 Expugnador de muros; Suifante,  
 Domador de cavallos, e o que n'arte  
 Da lucta mestre é, Aridamante;  
 Tisaferno tambem, raio de Marte,  
 Ao qual ninguem ser ousa semelhante,  
 Se na sella, ou se a pé fere e resiste,  
 Rodando a espada ou com a lança em riste.

Manda um armenio o exercito infinito,  
 Emiren, que na sua primavera  
 Trocou de Christo a lei pelo impio rito,  
 E o nome, pois Clemente d'antes era.  
 Homem digno e de fé, que o rei do Egypto  
 Mais préza do que todos a que impera,  
 E chefe e cavalleiro preeminente,  
 Grande n'alma e valor, sabio e prudente.

Já para desfilar ninguem faltava,  
 Quando apparece Armida com guerreira  
 Cohorte; em alto carro se assentava,  
 De vestuario curto, armada á archeira.  
 Casa no lindo rosto a sanha brava  
 Á natural brandura, de maneira  
 Que respira vigor, e rude e altiva  
 Parece ameaçar, e mais captiva.

Seu coche, que o do sol imita, arriam  
 Pyropos e jacinthos reluzentes;  
 De exercitado auriga as mãos enfreiam  
 Quatro unicornes, dois a dois, ardentes;  
 Cem donzellas, cem pagens o rodeiam,  
 Que as aljavas dos hombros te'm pendentes,  
 E a nevados corceis o dórso opprimem,  
 Os quaes o curso mal na terra imprimem.

Segue-a sua força, e, conduzindo aquella,  
 Que assoldado na Syria Idraote havia,  
 Aradim. Qual visita a phenix bella  
 A Ethiopia, ao tornar á luz do dia,  
 Maravilha de quantos logram vêl-a,  
 Co'a formosa plumagem que varia,  
 O faustoso collar, a aurea corôa,  
 E o bando de aves que lhe em torno vôa;

Tal passa a nobre Armida radiosa  
 No trajo, no donaire, no semblante.  
 Alma, por mais feroz ou desdenhosa,  
 Alli não ha que não se torne amante.  
 Se vista só austera, temerosa,  
 Assim fica de todos triumphante,  
 Que será quando o rosto alegre torne,  
 E a bocca e os olhos o sorrir lhe adorne!

Já finda a continencia, o rei superno  
 Ordena que Emiren ante elle venha,  
 Para que dos mais chefes ao governo  
 O exalte, e o mando universal sustenha.  
 Este, presago, traz signal externo  
 Na face de que o grau bem lhe convenha;  
 Abre-lhe estrada a guarda circassiana;  
 Ascende o armenio á sede soberana;

E, dobrando o joelho e a fronte, ao peito  
 Chega a dextra. O monarcha assim começa:  
 Toma o bastão de comandante eleito;  
 A hoste, qual a mim, te reconheça.  
 Sobre os francos, livrandó o rei sujeito,  
 Por ti minha ira vingadora de'ça.  
 Vae, vê e vence; o poder seu reduzê  
 A nada, e os vivos presos me conduze.

Por este modo expressa-se o tyranno:  
 Recebe o outro o penhor da dignidade,  
 E responde: o bastão que soberano  
 Tu me outorgas, invicta majestade,  
 Da Asia acabará o grave damno,  
 Com o auspicio da tua auctoridade;  
 Nem voltarei, se não me ajuda a sorte,  
 Pois a vergonha tal prefiro a morte.

Ao céu rogo, se acaso infausta hora  
 (O que eu nao creio) nossa empresa ameça,  
 Que na minha cabeça a punidora  
 Procella unicamente cahir faça.  
 Torne o exercito salvo, e a vencedora  
 Palma perto do tumulo me na'ça.  
 N'isto echôa, do povo co'os accentos,  
 Longo fragor de agrestes instrumentos.

Entre os gritos, os sons, e a turba densa  
 Dos nobres o rei parte sublimado,  
 E ajunta á mesa em sua tenda extensa  
 Os chefes. Senta-sê elle retirado,  
 E as falas e os manjares lhes dispensa,  
 De distincções honrando um e outro lado.  
 Armida as suas artes não esquece,  
 Pois a festa e o prazer a favorece.

Acabado o banquete, a maga, vendo  
 Como todos a admiram fixamente,  
 E por seguro indicio conhecendo  
 Que cada qual já seu veneno sente,  
 Ergue-se, o rosto para o rei volvendo,  
 Com ar entre soberbo e reverente,  
 Magnanima na voz e na apparencia,  
 Mostrar buscando do animo a excellencia.

Ó rei supremo, diz, tambem eu venho  
 Em pró da fé, da patria aventurar-me.  
 Sou mulher, mas real o sangue tenho;  
 Julgo proprio aos combates arriscar-me.  
 Guie a quem quer o throno regio empenho;  
 A mão que o sceptro empunha é bem que se arme.  
 Saberá esta (nunca entorpecida)  
 Ferir, e tirar sangue da ferida.

Não supponhas ser hoje o unico dia  
 Em que meu braço combater deseja;  
 Por nossa lei, por tua monarchia,  
 Senhor, corri mais vezes á peleja.  
 De alguma nossa obra de valia  
 Te lembrarás que prova d'isto seja;  
 E que d'entre os christãos fiz prisioneiros  
 Muitos dos mais famosos cavalleiros.

Por mim captivos e com laço duro  
 Foram-te estes em dadiva mandados,  
 E jazeriam inda no antro escuro  
 De perpetua prisão por ti guardados,  
 Estando tu agora mais seguro  
 De veres teus projectos ultimados,  
 Se o terrivel Reynaldo não matasse  
 Os meus, e todos elles não livrasse.

Reynaldo conheceis, e sua comprida  
 Historia, que aqui mesmo a fama conta.  
 Por este é que depois tanto offendida  
 Fui; e vejo até hoje inulta a affronta;  
 Pelo que a colera á razão unida  
 Me torna para a guerra inda mais prompta.  
 Qual minha injuria referil-o espero  
 De espaço, agora só vingança quero.

E eu á procurarrei; debalde o vento  
 Nem sempre leva a setta que se atira;  
 E até alguma vez do justo e exempto  
 O céu contra o culpado as armas vira.  
 Mas, se ha quem a cabeça do cruento  
 Corte, e m'a entregue, posto que eu prefira,  
 O que mais digno é, por mim vingar-me;  
 Com desaggravo tal hei de alegrar-me.

Concederei em galardão da empresa  
 O que possuo de mais caro preço:  
 Do que a levar a cabo eu, de riqueza  
 Dotada, ser esposa estabeleço.  
 Prometto-o aqui para maior certeza;  
 Com firme juramento o fortaleço.  
 Se alguém suppõe que o premio digno seja  
 Do perigo, declare que o deseja.

Emquanto Armida fala, o cobiçoso  
 Olhar Adrasto fita na donzella.  
 Nunca permitta o céu que ao criminoso,  
 Lhe diz, fira o teu arco, archeira bella;  
 Homem tão vil com honra tal vaidoso  
 Ficára; indigno elle é de merecel-a.  
 Da tua colera eu sou ministro ardente;  
 Da frente sua te farei presente.

Arrancar-lhe-hei o coração; em pasto  
O darei aos abutres palpitante.  
D'este modo se expressa o indio Adrasto;  
Brada-lhe Tisaferno intolerante:  
E quem és tu, que orgulho assim, tão vasto  
Mostras perante o rei, de nós deante?  
Ha aqui, talvez, quem vença quanto exhala  
Tua soberba com acções, e o cala.

Sou um homem, lhe torna o indio fero,  
Que faço mais que digo, e nada temo;  
E, se falasses n'outra parte, espero  
Que este seria o teu arrojo extremo.  
Continuavam, quando a mão, severo,  
Entre elles estendeu o rei supremo.  
Disse depois a Armida: nobre dama,  
Alma grandiosa e varonil te inflamma.

Sem duvida mereces que soceguem  
Ambos por teu respeito seus rancores,  
Por que depois, como pretendes, cheguem  
A saciar no barbaro os furores.  
É melhor que em tal obra elles se empreguem;  
Ahi podem mostrar-se contendores.  
Finalisou; a offerta os dois repetem,  
E vingal-a á porfia lhe promettem.

Os principaes da hoste os imitaram  
Logo com linguagem confiada;  
Offreceram-se todos, e juraram  
Tirar vingança da cabeça odiada.  
Tanto rancor e armas se apostaram  
Contra Reynaldo á voz da sua amada!  
Mas este, havendo abandonado a costa,  
Felizmente de novo o mar arrosta.

O barco no voltar segue ligeiro  
O caminho que á ida já seguira;  
E o vento, como então, sopra fagueiro,  
E favoravel, como então, respira.  
Já as Ursas e o polo o cavalleiro,  
Já os astros innumerados admira,  
Via da noite; e rios e altos montes,  
Que estendem sobre o mar as suas fronteas.

Ora o estado do campo, ora o differente  
Existir de nações varias indaga.  
Quatro vezes o sol rompeu do oriente  
Dês que partiram da distante plaga,  
Quando chegam á terra finalmente  
No momento em que a luz no céu se apaga.  
Então a dona: é esta a Palestina;  
Aqui vossa viagem se termina.

Mal os três desembarca, por secreto  
 Condão some-se rapida. Surgia  
 A noite, e do mysterio sob o aspecto  
 Tudo uniformemente confundia.  
 Na soidão arenosa nenhum tecto,  
 Nenhum muro sequer se descobria,  
 Nem rastros de cavallo ou de pés de homem,  
 Nem outra coisa que por guia tomem.

Suspensos ficam; porêm cedo avançam,  
 Costas ao mar, com passo duvidoso;  
 Quando eis ao longe os olhos seus alcançam  
 Um não sei que de incerto e luminoso,  
 Cujos raios de prata e de oiro lançam  
 Luz sobre o véu nocturno tenebroso.  
 Logo ao clarão direitos se encaminham,  
 E já percebem donde os raios vinham.

Vê'm umas armas lucidas e bellas,  
 Que a lua fere, a um tronco penduradas;  
 Brillham mais do que limpidas estrellas  
 As pedras no aureo arnez e elmo engastadas;  
 Notam gentis imagens á luz d'ellas  
 No grande escudo em ordem figuradas.  
 Perto um velho se assenta como guarda,  
 O qual a il-os receber não tarda.

Logo é pelos dois nuncios conhecido  
 Do sabio ancião o rosto veneravel.  
 Tendo este os cumprimentos recebido  
 Acolheu-os cortez e favoravel,  
 E a Reynaldo, que o olhava embevecido  
 E silencioso disse em voz affavel:  
 Aqui te espero, só, n'esta erma parte  
 A estas horas, senhor, para saudar-te.

Sou teu amigo; que te provem quanto  
 Teus socios, e o cuidado que me déste;  
 Pois fui eu que lhes fiz vencer o encanto  
 Onde vida tão misera tiveste:  
 Ouve o discurso meu; não é o canto  
 Das sereias, porêm não te moleste.  
 N'alma o imprime até que oiças a verdade  
 De outro de mais sciencia e santidade.

Da virtude no cume, entre as maiores  
 Fadigas é que está nossa ventura,  
 Não em meio de nymphas, aguas, flores,  
 A sombra, em fôfo prado de verdura.  
 Não na obtem o que fôge dos rigores  
 Da existencia, e prazeres só procura.  
 E queres que dos cumes longe viva  
 Teu valor, como em valles aguia altiva?



Ergueu-te ao céu a fronte a natureza,  
 E adornou-te de espirito excellente  
 Para aspirar á altura, e por nobreza  
 De obras subir ao mais preeminente;  
 Tambem dotou-te d'ira prompto accessa,  
 Não para a civil guerra cruamente  
 Servir, nem avidezas implacaveis,  
 Nem praticas injustas, condemnaveis;

Mas para o brio teu, d'elles armado,  
 Bravo atacar o oppugnador externo,  
 E com força maior ser moderado  
 O cubiçar, impio inimigo interno.  
 Portanto o que te for apropriado  
 Te incumba o que ha de todos o governo,  
 E esforce, e acalme, como lhe pareça,  
 Teu valor, e ora o excite, ora o embrandeça.

Tal se exprimia. O outro, attento e quedo,  
 Ouvindo-o, os justos ditos ponderava,  
 E, cheio de respeito e doce medo,  
 Confuso a vista para o chão baixava.  
 Leu-lhe o ancião do animo o segredo,  
 E ajuntou: alça o rosto, ó filho, e crava  
 N'este broquel os olhos satisfeitos;  
 N'elle verás de teus avós os feitos,

E longe a fama sua divulgada  
 Té no logar mais arduo e solitario.  
 Tu inda atrás lhes ficas na illustrada  
 Liça da gloria, e vôo temerario.  
 Sus; que a tua coragem levantada  
 Seja por este quadro grande e vario.  
 Findou; e o cavalleiro o olhar havia  
 No escudo, emquanto aquelle assim dizia.

Com engenho subtil em campo estreito  
 Mil figuras o artista executara.  
 Via-se o tronco proseguir perfeito  
 Da nobreza que em Accio começara;  
 Da velha Roma derivar direito  
 E incorrupto, qual veia de agua clara.  
 Os principes de loiro t'em capellas;  
 Mostra as guerras o velho e as acções bellas.

Caíó lhe mostra, o qual, já começando  
 O imperio a sujeitar-se ante o estrangeiro,  
 De um povo que o requer acceita o mando,  
 E faz-se d'Este o principe primeiro.  
 Os vizinhos mais fracos vão buscando  
 Para abrigo tambem o audaz guerreiro.  
 Mostra-lhe, após que o godo a raia invade  
 Celebre, porque Honorio o persuade,

Aurelio, que sem jugo inda conserva  
 A gente que o seu sceptro reconhece,  
 Posto que inteira em sangue a Italia ferva;  
 Tanto o barbaro incendio se encruce!  
 Governa livre quando Roma serva  
 De aniquilada ser toda estremece;  
 E mostra-lhe Foresto oppondo forte  
 Barreira ao huno, domador do norte.

Eis Attila, que o diz o atroz semblante  
 Com olhos de dragão enrubescidos,  
 E ao de cão temeroso semelhante;  
 Escutar-lhe julgáreis os ladridos.  
 De pugna singular foge o arrogante  
 Para o meio dos seus de armas fornidos.  
 Foresto a defender vae Aquilêa;  
 Italia a este o seu Heitor nomêa.

Em outra parte morre; seu destino  
 É igual ao da patria. Eis do famoso  
 Pae herdeiro, o magnanimo Acarino,  
 Da Italia campeão, lida animoso.  
 Ao fado cede, não' ao huno, Altino,  
 E procura logar de mais repouso;  
 Depois uma cidade de diversas  
 Casas compõe em Val de Pó dispersas.

Este peia do rio o curso forte,  
 E levanta a cidade que devia  
 Dos Éstenses magnificos a côrte  
 Nos seculos futuros ser um dia.  
 Desbarata o alano; triste sorte  
 Contra Odoacro ter após se via;  
 E morrer pela Italia Oh! sempiterna  
 Morte que á gloria o reuniu paterna!

Ca'e com elle Alforizio; acompanhado  
 Pelo irmão, Azzo vae a exilio insano;  
 Mas voltam com esforço redobrado,  
 Oppresso já o hérulo tyranno.  
 De uma setta o olho esquerdo traspassado,  
 O Epaminondas d'Este morre ufano,  
 Alegre porque Tótila é vencido,  
 Porque o caro broquel não ha perdido.

De Bonifacio falo. Segue o passo  
 Do pae Valeriano, inda creança:  
 Já com peito viril e viril braço  
 Do godo os esquadrões ante si lança.  
 Perto Ernesto, na face rude ameaço,  
 Contra o esclavonio feliz nome alcança.  
 Mas antes d'elle o intrepido Aldoardo  
 Expulsa de Monselce o rei lombardo.

Henrique alli se admira, e Berengario,  
 O qual onde o pendão Carlos desprega,  
 Carlos o Magno, logo, temerario,  
 Para o servir antes de todos chega.  
 Serve depois Luiz; este ao contrario  
 Sobrinho o envia, e em debellal-o o emprega.  
 Eis em batalha o vence, e o faz captivo;  
 Eis com os filhos cinco Othon altivo;

E Almárico egualmente, que a cidade  
 Que o Pó domina já senhor desfructa.  
 Ao céu eleva os olhos com piedade,  
 Como quem tantos templos lhe tributa.  
 Defronte poz do' artista a habilidade  
 Azzo segundo em porfiada lucta  
 Com Berengario; sorte dubia e alterna  
 Lhe cabe; vence, e Italia emfim governa.

Eis Alberto, seu filho, entre os germanos,  
 Que o seu valor de tanto lume cerca.  
 Já vencidos em justa e em guerra os danos,  
 Othon por genro com bom dote o merca.  
 Eis atrás d'elle Hugo; dos romanos  
 Este obriga a soberba a que se perca.  
 Marquez a ser virá da Italia ainda,  
 E mandará toda a Toscana linda.

Depois Theobaldo, e Bonifacio; á ilharga  
 A sua Beatriz este trazia.  
 Para tal pae, e herança tal, tão larga,  
 Nem sequer um varão herdeiro havia.  
 Mathilde, a qual do mando toma a carga,  
 Supprindo o sexo e a idade, se seguia;  
 Que pode! a sabia dama e valorosa  
 Suster c'roas e sceptros orgulhosa.

Impulso varonil do rosto expira,  
 Mais do que varonil no olhar parece.  
 Alli bate o normando, e as costas vira  
 Guiscard, que nunca achou quem o vencesse;  
 Aqui Henrique estrue. e a que lhe tira  
 Bandeira imperial ao templo offrece;  
 Aqui de novo o papa soberano  
 Põe no solio do egregio Vaticano.

Vê-se após, como quem ella honra e ama,  
 Azzo quinto a seu lado, ou no seu trilho.  
 Mas de Azzo quarto a prole se derrama  
 Abundante com mais ditoso brilho.  
 Corre á voz da Germania, a qual o chama,  
 Guelfo, de Cunegundes digno filho;  
 E é o germen romano bemfadado  
 Aos campos da Baviera trasladado,

Aonde um fausto ramo a casa d'Este  
 Dos Guelfos na já velha arvore enxerta,  
 Que mais do que antes de belleza a investe,  
 E para mór poder os seus desperta.  
 Já por favor da excelsa luz celeste  
 Cresce, e a virente copa mostra aberta;  
 Já topeta co'o céu; já quasi meia  
 Germania occupa; já toda a sombreia.

Mas nos ramos italicos frondeja  
 Com elle o regio tronco em competencia:  
 Por um Guelfo um Bertholdo alli viceja;  
 Azzo sexto aos avós rouba a excellencia.  
 Esta é a serie de heroes, de heroes inveja,  
 A que presta o metal forma e existencia.  
 Reynaldo contemplando-o, da nativa  
 Honra sente o incendio que se aviva;

E pela emulação arrebatado,  
 Se commove, se inflamma tão ve'emente,  
 Que quanto em sua idéia tem gravado,  
 Cidades combatidas, morta gente,  
 Não julga ser apenas figurado,  
 Mas que tudo é verdade, está presente;  
 E arma-se á pressa; e, ambicionando a gloria,  
 Previne-a, vaé adeante da victoria.

Então Carlos, que já do regio herdeiro  
 De Dinamarca lhe contara a morte,  
 Entregando-lhe o gladio do guerreiro,  
 Toma-o, lhe diz, com venturosa sorte;  
 Só pelo Deus eterno e verdadeiro  
 O emprega, justo e pio, como forte;  
 E do que o teve, e te amou tanto, vence  
 O matador; vingal-o te pertence.

Replica-lhe Reynaldo: o céu consinta  
 Que a mão, que tal espada ha recebido,  
 A vingança esperada não desminta,  
 E satisfaça o preço merecido.  
 Carlos, no qual o jubilo se pinta,  
 Lh'o agradece em discurso resumido.  
 Emtanto o sabio ancião se preparava,  
 E á viagem nocturna os apressava:

Partâmos, Godefredo já te espera,  
 E todo o campo; és-lhe preciso agora.  
 Na escuridão, que em roda a nós impera  
 Té lá vos serei guia protectora;  
 A um carro n'isto sobe que alli era,  
 No qual os três recebe sem demora,  
 E, aos ligeiros corseis redeas largando,  
 Fustiga-os para o oriente caminhando.

Calados pela noite tenebrosa  
Vão, quando o velho d'este modo exclama:  
Viste da tua estirpe gloriosa  
Qual a raiz distante e farta rama,  
E, posto desde a idade mais mimosa  
Mãe foi sempre de heroes de insigne fama,  
Não cuides que de têt-os sinta mingua,  
E que o extenso viver seu brio extingua.

Oh! se eu, como tirei do seio fundo  
Da antiguidade os teus avós, pudesse  
Descobrir-te o porvir largo e jocundo  
Dos que virão de ti, e, antes que houvesse  
Para elles raiado a luz do mundo,  
Do mundo conhecidos os fizesse,  
Menor serie de heroes não descobriras,  
E tão illustres certamente os viras!

Mas para que adivinhe do futuro  
A verdade a minha arte é bem escassa;  
Indeciso sómente o observo e escuro,  
Como facho por nevoa longe e baça.  
Nem me julgues audaz, se t'ó asseguro  
Agora em parte; concedeu-me a graça  
De o penetrar o que do empyreo santo  
Os segredos ás vezes lê sem manto.

O que lhe ha revelado a luz divina,  
E me elle patenteou eu te predigo:  
Progenie grega, barbara ou latina  
Nunca houve o tempo de hoje ou o tempo antigo  
Com tamanhos heroes, quaes te destina  
Nos claros netos o alto céu amigo,  
Porque logar cada um ao lado toma  
Do maior de Carthago, Esparta e Roma.

Entre estes vê-se Affonso, intitulado  
Segundo, mas primeiro em valentia,  
O qual deve nascer quando cansado  
Precize o mundo de homens de valia.  
Não ha de por ninguem ser empregado  
O gladio assim; com tanta galhardia  
Não cingirá ninguem o diadema;  
Do sangue teu será gloria suprema.

Inda creança, a pugna arremedando,  
Patenteará o seu valor bastante;  
Fará terror ás feras monteando;  
A tódos passará na justa adeante;  
Em verdadeiras guerras pelejando,  
Palmas recolherá depois ovante;  
E muita vez de roble, grama e loiro  
A cabeça ornará e a c'rôa de oiro.

Nem será menos honra e luzimento,  
 Quando chegar á já madura idade,  
 Entre armados vizinhos ter exempto  
 Das luctas o seu reino e em liberdade;  
 Nutrir e fecundar a arte, o talento,  
 E festas celebrar com majestade;  
 Premios, penas pesar com são juizo,  
 E ao futuro prover como é preciso.

Oh! se algum dia contra o povo infido,  
 Que ha de a terra infestar, varrer os mares,  
 E impor a sua lei n'esse affligido  
 Tempo ás nações do mundo singulares,  
 Por summo capitão fosse escolhido  
 Para desaffrontar templos e altares,  
 Que tão justa vingança tiraria  
 Do tyranno feroz, da seita impía!

Embalde com mil hostes pretendera  
 O turco e o moiro oppôr-se-lhe animoso,  
 Que do Euphrates além levar pudera,  
 Além do Taureo pincar o nevoso,  
 E inda além donde estio eterno impera  
 A cruz, a aguia, os lizes, poderoso,  
 E, para o negro baptizar remoto,  
 Mostrára do gran Nilo o berço ignoto.

D'esta maneira o velho se expressava,  
 E o mancebo o attendia alegremente,  
 Que um tacito prazer antegostava,  
 Na sua descendencia pondo a mente.  
 A aurora emtanto o sol annunciava;  
 Os céus a côr mudavam no oriente,  
 E já viam ao longe esvoaçando  
 As bandeiras, as tendas adornando.

Então de novo o sabio principia:  
 O sol formoso, que vos dá na frente,  
 Vos mostra, e com seus raios alumia.  
 O exercito, a cidade, o campo, o monte.  
 Até este logar fui vosso guia  
 Por ignotas estradas; eis defronte  
 Os vossos; ora aqui podeis largar-me;  
 Nem me é licito mais adeantar-me.

Assim se despediu, os cavalleiros  
 Alli deixando a pé. Estes marcharam  
 Contra o nascente, e aos pavilhões guerreiros  
 Dos christãos o caminho endereçaram.  
 A fama com seus brados pregoeiros  
 Logo espalhou que os três barões chegaram.  
 Godefredo, ao sabel-o, alvoroçou-se,  
 E para os receber alevantou-se,

## CANTO XVIII

Perante Godefredo já chegado,  
O mancebo Reynaldo assim se exprime:  
Senhor, sómente a honra me ha levado  
A Gernando matar: eis o meu crime;  
E, se foste por mim n'isso aggravado,  
Muito o senti depois, e arrependi-me.  
Obedeci ao teu chamado prompto,  
E por obras cobrar tua graça conto.

Inclina-se, acabando, com respeito;  
Abraça-o Godefredo, e lhe responde:  
Guarde a memoria d'esse triste feito  
O olvido, cujo seio tudo esconde.  
Para servir de emenda só teu peito  
Faça o que ao seu passado corresponde,  
O que por uso tens; vae da floresta  
Vençer a turba monstruosa e infesta.

A antiquissima selva, donde outr'ora  
Tanta madeira foi por nós tirada,  
Não se sabe porquê, acha-se agora  
Terrivel e de encantos povoada.  
Os mais fortes guerreiros apavora;  
Mas não deve sem machinas tentada  
Ser a cidade. Aqui, onde se prostra  
De tantos o valor, teu valor mostra.

Com pequeno discurso offereceu-se  
O cavalleiro aos riscos e á fadiga;  
Mas em seu nobre gesto claro leu-se  
Que muito ha de fazer, posto o não diga.  
Para os outros após lêdo volveu-se,  
A todos estendendo a mão amiga,  
Que alli Tancredo e Guelfo se encontravam,  
E os principaes que o exercito mandavam.

Já tendo os cumprimentos com seus pares,  
Os chefes, satisfeito dignamente,  
Recebeu com maneiras populares  
E agradaveis da hoste a menor gente.  
Não seriam nos gritos militares  
Tão alegres, e o povo tão frequente,  
Se as nações orientaes e austraes domasse,  
E em carro de triumpho aos seus voltasse.

Festejado assim, entra a tenda cara,  
 E entre os amigos senta-se. Entretanto  
 Lhes responde, e pergunta o que passara  
 Na guerra, ou da floresta qual o encanto.  
 Emfim, quando cada um já se apartara,  
 D'este modo se exprime o Ermita santo:  
 Muito has visto e corrido com destino  
 Inconstante, admiravel peregrino.

Quanto deves a Deus, grande guerreiro!  
 Do prazer te arrancou á ebriedade,  
 E ao antigo redil, pobre cordeiro,  
 Te reconduz agora com piedade,  
 Para eleger-te o capitão primeiro  
 Executor da sua alta vontade.  
 Mas não cumpre que o braço inda profano  
 Armes em seu serviço soberano;

Que estás na triste escuridão do mundo,  
 E na da carne vil tão mergulhado,  
 Que nem co'o grosso Nilo, ou o mar profundo  
 Conseguiras de todo ser lavado.  
 Só o favor do céu quanto has de immundo  
 Póde puro tornar; ao céu virado  
 Perdão portanto reverente implora,  
 Tuas culpas confessa, pede e chora.

Findou. Em si Reynaldo recolhido  
 Carpe a ira soberba, e os vãos amores;  
 Depois ante elle ajoelha arrependido,  
 E lhe confessa os juvenis erros.  
 O ministro de Deus, já concedido  
 O perdão, accrescenta: co'os alvares  
 Do dia irás orar áquelle monte,  
 Que vê os raios da manhan defronte.

D'alli caminha ao bosque verdejante,  
 Morada de phantasmas mentirosos.  
 Não te resistirá monstro ou gigante,  
 Se nova falta não t'os faz damnosos.  
 Nem flebil voz, nem voz que doce cante,  
 Nem rir suave, e ares maviosos  
 Dobrem teu coração; da falsa prece,  
 Das formas apparentes escarnece.

Tal o aconselha. Entre desejo e esp'rança  
 Se apresta o cavalleiro para a empresa.  
 O dia e toda a noite não descansa  
 Cogitando impaciente; nem accesa  
 É a luz d'alva, e mão das armas lança;  
 Outra armadura toma com presteza;  
 Os companheiros deixa; e a pé, sósinho,  
 Silencioso vae logo ao seu caminho.



Era o tempo em que ainda não clareia  
 Inteiramente a abobada sombria,  
 Mas de algumas estrellas se semeia,  
 E a roxear o nascente principia,  
 Quando ao Monte Olivete, erguida a ideia,  
 O guerreiro christão se dirigia,  
 Contemplando as bellezas matutinas,  
 E as nocturnas, perpetuas e divinas.

Ah! quantas, quantas lampadas tão bellas  
 Ornã do empyreo o templo! A pompa sua  
 Mostra o sol dardejante; aureas estrellas  
 Ostenta a noite, e a prateada lua.  
 Porêm no mundo quem se apraz de vê-l-as?  
 E amâmos a luz debil que fluctua,  
 E que um olhar, um riso nos descobre  
 Da terrea formosura, fraca e pobre!

Assim dizendo, ao mais soberbo cume  
 Subiu; e alli, por terra, humildemente,  
 Alçou além dos céus de eterno lume  
 O pensar, fita a vista no oriente:  
 Nos graves erros meus, supremo Nume,  
 No meu passado põe benigno a mente;  
 Pae e Senhor, em mim tua graça chova;  
 Do mal me purifica, e me renova.

Emquanto ora, nas abas do horizonte  
 De oiro se tinga a rubicunda aurora,  
 Que o elmo, as armas, e do verde monte  
 A cima d'elle em derredor colora;  
 E sente pelo peito, e pela fronte  
 O meigo sopro da aura animadora,  
 Sobre a sua cabeça sacudindo  
 O orvalho que a manhan vem desparzindo.

Poisandó do guerreiro na armadura  
 De côr de cinza, os celestiaes frescores  
 Transformam-na, de lívida e de escura,  
 Em peregrinos, lucidos candores.  
 Assim dá outra vida e formosura  
 A aragem matinal ás seccas flores;  
 Assim á mocidade a serpe torna,  
 E de outra pelle reluzente se orna.

Reynaldo a sua veste demudada,  
 E o intenso fulgor que deita admira;  
 Depois á velha selva nomeada  
 Intrepido e seguro os passos vira.  
 Chega onde a alma cede amedrontada  
 Aos menos fortes do terror que expira,  
 E com desgosto ou medo não no empece  
 O bosque; alegre sombra lhe parece.

Continúa; e um rumor percebe emtanto  
 Que deleitosamente o ar povôa:  
 De escondido regato o surdo pranto,  
 A viração que na folhagem sôa,  
 O lastimoso cysne, a cujo canto  
 O roixinol responde, e se magôa,  
 Cytharas, phrases de poesia amenas!  
 Tantos sons exprimia um som apenas.

Reynaldo, como os outros, esperara  
 Fragor de acovardar o mais exempto;  
 É escuta das sereias a voz cara,  
 A agua, a brisa, as aves em contento.  
 Surprehendido, por instantes pára;  
 Depois caminha pensativo e lento;  
 E só por embaraço encontra um rio,  
 Que se desliza limpido e tardio.

N'este uma e outra margem se retrata  
 Risos vertendo e insolita fragrancia;  
 O curso fluvial, que se dilata,  
 Não serve de grinalda á maga estancia;  
 Pois n'ella entra em canal de viva prata,  
 Que a divide e se perde na distancia.  
 O rio banha a matta, e a matta o assombra,  
 Troca gentil de fresquidão e sombra.

Emquanto o heroe onde passar buscava,  
 Pasmosa ponte de oiro eis que surgia,  
 Que em arcada firmissima assentava,  
 É em larga estrada ante elle se estendia.  
 Transpõe-na; e, a outra margem mal tocava,  
 Logo a ponte sobre a agua se abatia,  
 A qual comsigo a leva apressurada,  
 De branda em caudalosa já tornada.

Olha elle atrás e entumescida a nota,  
 Qual se grossa da neve liquescente,  
 Que voluvel, inquieta se alvorota,  
 Em mil ondas correndo velozmente.  
 Porêm de examinar a selva ignota  
 Curioso desejo ávido sente,  
 E mais e mais de cada vez o inflammam  
 Outros encantos que lhe a vista chamam.

Por onde vae, a terra myst'riosa  
 Em producções arrebentar parece;  
 Abrem-se os lirios; desabrocha a rosa;  
 Nasce uma fonte; um córrego apparece;  
 E em cima e em torno d'elle a selva annosa  
 Remoça as folhas suas; amollece  
 Cada cortiça; lêda formosura  
 Os ramos traja de maior verdura.

Maná estão as folhas gottejando;  
 Mel destillam nos troncos; a voz doce  
 Então, queixas e cantos mixturando,  
 De novo, extranha musica, escudou-se;  
 Porêm o choro humano, acompanhando  
 A brisa, a agua e os cysnes, onde fósse  
 Não se via; nem quem estes accentos  
 Formava; nem ainda os instrumentos.

Emquanto observa, embora não no creia,  
 Tudo isto que os sentidos lhe fascina,  
 Encaminha-se a um myrto, que campeia  
 Onde em praça um caminho se termina;  
 O extraordinario myrto mais se alteia  
 Do que o cypreste e a palma peregrina,  
 Sobrelevando as arvores de sorte,  
 Que alli crêreis do bosque ser a côrte.

Á grande praça chega; e absorto encára  
 Inda mais assombrosa novidade:  
 Com um carvalho, attonito, depara,  
 Que se abre, e que produz; uma beldade  
 Do centro d'elle sa'e, com veste rara,  
 Nympha de amor na florescente idade;  
 Depois de outros cem troncos verdejantes  
 Sa'em tambem cem nymphas elegantes.

As deusas das florestas que pintadas  
 Vêmos, ou no theatro apresentar-se,  
 Braços nus, de cothurnos, adornadas,  
 Saia curta, o cabello a despregar-se,  
 Poderiam ás filhas simuladas  
 D'esses troncos de certo comparar-se;  
 Em logar só dos arcos e da aljava,  
 Qual laúde, qual cithara empunhava.

Logo giros e danças começaram,  
 E concordes n'um circulo se uniram,  
 Com que o forte guerreiro rodearam,  
 E igualmente a grande arvore cingiram.  
 Então os cantos seus meigos soaram,  
 E estas vozes melodicadas se ouviram:  
 Bem vindo sejas a esta amena estancia,  
 Ó da senhora nossa amor e esp'rança.

Saúde tu vens dar á que te espera,  
 E, abrasada, do amor sente a ferida.  
 Esta selva, outro tempo horrida e fera,  
 Logar conforme á desditosa vida,  
 Com teu chegar se anima e regenera,  
 De mais ridente gala revestida.  
 Taes cantavam; do myrto um som partia  
 Dulcissimo depois; e o tronco abria.

A idade fabulosa produziu  
 Troncos eguaes de fertil natureza;  
 Porém o myrto, quando o seio abriu,  
 Mais patenteou, causou maior surpresa,  
 Porque uma dama nobre descobriu,  
 No falso aspecto angelica belleza.  
 Olha Reynaldo; e, como olhado houvesse,  
 A feiticeira Armida reconhece.

Ella, no heroe fitando a vista ardente,  
 Que exprime affectos mil, risonha e triste,  
 Exclama: eis que te vejo finalmente;  
 Voltas áquella de que já fugiste.  
 Vens os dias e as noites docemente  
 Consolar da que só, sem ti existe?  
 Ou trazes guerra, e vens para expulsar-me,  
 Occulto o rosto, e as armas a mostrar-me?

És amante ou contrario? A rica ponte  
 Não preparei julgando-te inimigo,  
 Nem fiz brotar o arroio, a flor, a fonte,  
 Nem te livreí do estorvo e do perigo.  
 Esse elmo tira pois; descobre a frente;  
 Põe nos meus os teus olhos, se és amigo;  
 A bocca á bocca, o peito ao peito unâmos;  
 Sequer as mãos um e outro confundâmos.

Proseguindo, para elle o olhar mavioso  
 Volvia, e descorava-lhe o semblante,  
 Mentindo nos suspiros, no ancioso  
 Soluçar, e no choro delirante,  
 Tanto, que á compaixão um descuidoso  
 Movera, posto de aço ou de diamante;  
 Mas não cruel, prudente o cavalleiro  
 Já não na ouve, e arranca o ferro inteiro.

N'isto ao myrto ella corre, o tronco abraça,  
 Que lhe é tão caro, e brada, a elle unida:  
 Ah! que a effeito não leves a ameaça  
 Contra a arvore minha tão querida.  
 Barbaro, deixa o ferro, ou, antes, passa  
 Com este o coração da pobre Armida.  
 Para o myrto ferir só tens o meio  
 De primeiro ferir este meu seio.

Ergue elle, sem na ouvir, a espada dura;  
 Mas eil-a se transforma, oh! maravilha!  
 Tal de repente muda de figura  
 Vaporosa visão, dos sonhos filha.  
 Engrossa os membros; torna a face escura;  
 Onde já a neve e a purpura não brilha;  
 Converte-se em altissimo gigante,  
 Briareu de cem braços arrogante.

Cincoenta gladios vibra; com cincoenta  
Escudos sôa, e ameaçando freme;  
Cada nympha tambem armas sustenta,  
Feita cýclope horrendo; e elle não teme;  
Antes, contra o gran myrto mais se alenta,  
O qual, como animado, aos golpes geme.  
O ar parece o ar do campo estygio:  
Tantos os monstros são, tanto o prodigio!

Abala-se, e estremece em torno a terra;  
Trôa, e fulmina o céu na escuridade;  
Travam nos ventos, e as procellas guerra;  
Açoita-lhe o semblante a tempestade;  
Mas Reynaldo nenhum dos golpes erra;  
Nada lhe impede a indomita vontade.  
Corta a arvore, que um myrto ser parece.  
Vão-se as larvas; o encanto se esvaece.

Calma-se então o ar e o firmamento;  
E o bosque volta ao natural estado,  
Não lêdo ou com tremendo encantamento,  
Porê m do horror innato só ornado.  
Procura o vencedor se impedimento  
Inda existe para elle ser cortado;  
Depois sorrindo diz: falsa apparencia!  
Ter de ti medo o homem! que demencia!

D'alli caminha ás tendas. Entretanto  
Bradava Pedro, o Ermita, prazenteiro  
Está quebrado da floresta o encanto;  
A nós já torna o inclito guerreiro.  
Vêde-o. E ao longe elle aponta, niveo o manto,  
Majestoso no aspecto e sobranceiro,  
E da aguia a plumagem prateada  
Raiando ao sol com luz descostumada.

Acolhe-o o acampamento jubiloso;  
Soltando gritos mil corre a saudal-o;  
Godefredo depois em modo honroso  
O recebe; e ninguem ousa invejal-o.  
Disse ao chefe Reynaldo: ao temeroso  
Bosque fui, qual mandaste, e pude entral-o;  
Vi, e venci o encanto. Agora a gente  
Que enviareis irá seguramente.

Marcham á velha selva, onde cortadas  
São as madeiras que preciso era.  
As machinas primeiro fabricadas  
Um artifice obscuro as dispuzera,  
São de outra sorte as novas preparadas,  
E n'ellas um famoso artista impera,  
Guilherme, o chefe lígure, que o dorso  
Do mar senhareara, entregue ao corso,

Mas que afinal, forçado a retirar-se,  
 Ao sarraceno audaz o abandonara,  
 E no campo viera apresentar-se,  
 E marinheiros, e armas offertara.  
 Entre todos a elle equiparar-se  
 N'aquellas construcções ninguem lograra.  
 Conduzia comsigo cem menores  
 Obreiros, do que idéia executores.

Catapultas, balistas com presteza,  
 E arietes formando principia,  
 Para tirar aos muros a defesa,  
 E lhes desmoronar a soberbia.  
 Outra obra inda construe de mais grandeza,  
 Torre maravilhosa em valentia,  
 Pinho e abete o int'rior, coiro por fora,  
 Abrigo contra a chamma assoladora.

Desfaz-se e recompõe-se o alto madeiro,  
 Cujas peças subtil trabalho liga;  
 A trave com cabeça de carneiro  
 Sa'e debaixo, e em vaivem tudo fustiga;  
 Lança uma ponte o centro, que ao fronteiro  
 Muro se junta, quando a guerra obriga;  
 Outra torre menor d'elle na cima  
 Se mostra, e para os ares se sublima.

Pelos terrenos bons correntemente  
 Sobre mais de cem rodas conduzida,  
 Gravida de armas, gravida de gente,  
 Levada póde ser com pouca lida.  
 A traça e a rapidez attentamente  
 Da obra admira o exercito. Em seguida  
 Duas torres tambem do mesmo modo  
 Se edificam, áquella eguaes no todo.

Emtanto os sarracenos não deixavam  
 De perceber o que os christãos faziam,  
 Porque nos muros onde avizinhavam  
 Mais o campo a espiar guardas haviam.  
 As cargas de madeira estas notavam  
 Que da velha floresta conduziam;  
 Mas dos engenhos como seja a forma  
 Não vê'm, e qual do seu fabrico a norma.

Egualmente o infiel com muita arte  
 Ordena os seus; e as torres e a muralha  
 Reforça, levantando esta na parte,  
 Onde mais debil é para a batalha,  
 Tanto, que já não julgam que de Marte  
 Para a tomar a diligencia valha.  
 Mas, além d'isso, Ismeno ainda aprompta  
 Cópia de fogos, e com elles conta.

Betume e enxofre o magico mixtura,  
 Que o lago de Sodoma ha produzido,  
 Antes, o inferno, e o rio de agua escura,  
 Por que este nove vezes é cingido,  
 Com que aos rostos atira chamma impura,  
 Fetido cheiro e fumo ennegrecido.  
 Vingar d'esta maneira elle pretende  
 A cara selva, que o christão lhe offende.

Emquanto estão o exercito e a cidade  
 O assalto e a resistencia aparelhando,  
 Uma pomba na aerea immensidade  
 Sobre o franco arraial vê-se passando,  
 A qual vae com veloz agilidade  
 A vazia campina atravessando.  
 Já a branca mensageira peregrina  
 Das nuvens á cidade o vôo inclina,

Quando, de curvo bico, e unhas armado,  
 Um falcão, não sei donde, lhe apparece,  
 Que entre os muros e o campo accelerado  
 A busca. A triste para a terra de'ce.  
 Baixa elle, e, á maior tenda já chegado,  
 A persegue; alcançal-a já parece,  
 E quasi que empolgal-a; mas com medo  
 Ella auxilio procura em Godefredo.

Recolhe-a o capitão presto, e a defende;  
 Observando-a, depois pasmo sentia,  
 Pois uma carta por um fio pende  
 Do collo, a qual n'uma aza se encobria.  
 Abre-a; desdobra-a; e facilmente entende  
 As poucas linhas que ella em si havia.  
 Ao senhor da Judea, encerra o escripto,  
 Saúda o capitão do rei do Egypto.

Senhor, não desanimes; té á quarta,  
 Ou quinta aurora oppõe-te com firmeza;  
 Que muito pouco faltará que eu parta,  
 E vença o franco, e livre Sião presa.  
 Este o segredo que na breve carta  
 Vinha em barbara lettra com clareza,  
 E o que trazia o portador volante;  
 Nuncios outr'ora em uso no Levante.

A pomba Godefredo então liberta,  
 A qual, como o sigillo desvendara,  
 Não volta para o dono, estando certa  
 De que rebelde a elle se tornara.  
 Convoca o chefe os principaes; a aberta  
 Missiva mostra, e diz-lhes: como clara  
 Do Eterno a providencia por nós vela!  
 Como tudo bondosa nos revela!

Nada pois á demora nos obriga;  
 Já póde assalto novo começar-se;  
 Não devemos poupar-nos á fadiga  
 Para na rocha estrada franquear-se  
 Pelo sul; não é facil se consiga;  
 Mas vi-a, e é possível praticar-se,  
 Pois do muro essa parte pela agrura  
 Do logar estará menos segura.

Que o ataques tambem por esse lado  
 Com os engenhos teus, Raymundo, quero.  
 Eu co'o aparato bellico ordenado  
 Ir contra a porta Aquilonar espero,  
 Para que o infiel seja enganado,  
 E aguarde alli o pelejar mais fero.  
 Depois a minha grande torre, que anda  
 Rápida, levará guerra a outra banda.

Camillo, conduzir á mesma hora  
 Té junto a mim has de a terceira torre.  
 Então Raymundo, que ao pé d'elle fôra,  
 E attentamente o ouvira, assim discorre:  
 A quanto Godefredo ordena agora  
 Nada tirar ou accrescentar occorre;  
 Apenas aconselho que se envie  
 Alguem ao campo hostile que tudo espie,

E seu poder nos narre verdadeiro,  
 E o mais que averigue exactamente.  
 Tenho para esse effeito um escudeiro,  
 Diz Trancredo; proponho-o alegremente;  
 Homem sagaz, intrepido, ligeiro,  
 Á intrepidez unindo ser prudente,  
 Que muitas linguas fala, e muda o passo,  
 As maneiras e a voz sem embaraço.

Veio este, e, depois de percebido  
 Quanto o chefe e o seu amo pretendia,  
 Ergueu sorrindo o rosto decidido,  
 E eis-me prompto a partir, lhes respondia.  
 Breve onde está o exercito estendido  
 Chegarei cauteloso, ignoto espia.  
 Á luz do sol pretendo devassal-o,  
 E cada homem contar, cada cavallo.

Quanta a gente, qual seja, e o pensamento  
 Do capitão eu vos direi ao certo;  
 Prometto descobrir-vos seu intento,  
 E o que em su'alma jaz mais encoberto.  
 Tal blasona Vafrino; e n'um momento  
 Traja comprida veste; descoberto,  
 Livre deixa o pescoço, e a fronte arreja  
 Com turbante, que em voltas a rodeia.



Toma a aljava, o arco syrio, e semelhando  
 Fica mesmo um infiel; todos de ouvil-o  
 Admirados se mostram, ponderando  
 Como idiomas varia, como o estylo;  
 Phenicio fôra em Tyro demorando,  
 E egypcio fôra no paiz do Nilo.  
 N'isto sobre um corcel depressa abala,  
 Que a areia no correr leve assignala.

Mas os francos as vias aplanaram  
 Antes que a vez terceira o sol raiasse,  
 E as machinas guerreiras aprestaram,  
 Sem que jámais o trabalhar cessasse;  
 Até á noite a quietação roubaram,  
 Fazendo com que ao dia se ligasse.  
 Nada já ha que a marcha lhes retarde,  
 E o fogo abafe que nos peitos arde.

Na vespera do assalto o piedoso  
 Chefe por longo tempo humilde reza;  
 Confessar todos manda, e o precioso  
 Pão receber na sacrosanta mesa.  
 Onde ha menos mister, insidioso,  
 Engenhos, armas junta com presteza;  
 O pagão illudido se conforta,  
 Vendo-o chegar-se á prevenida porta.

Pela nocturna escuridão a ingente  
 Agil machina após é transportada  
 Aonde a muralha mais directamente  
 Corre, e menos está fortificada.  
 Sobre o oiteiro tambem fica eminente  
 Raymundo a Sião com sua torre armada;  
 Com a sua Camillo se encaminha  
 Ao lado que do norte a occaso vinha.

Porêm mal no oriente appareceram  
 Os clarões com que o sol se annunciava,  
 Temor extremo os infieis tiveram,  
 Por não se achar a torre onde se achava,  
 E porque de duas mais noticia houveram,  
 Cada uma a um lado, o que ninguem cuidava.  
 São em numero immenso tambem vistas  
 Catapultas, aríetes, balistas.

Emtanto o syrio rapido prepara  
 O muro que o christão agora ameaça,  
 E a defesa do lanço que julgára  
 Atacado antes ser a este passa.  
 Mas o chefe, que as vias occupara,  
 Para que damno o egypcio não lhe faça  
 Na espalda, aos dois Robertos convocados  
 Diz e a Guelfo: a cavallo estae armados;

E procura, no tempo em que eu ascendo  
 D'aquelle muro os sitios menos fortes,  
 Que alguma gente, sobre nós correndo,  
 Não traga aos que lidâmos guerra e mortes.  
 Acaba; e a partes três o assalto horrendo  
 Movem as três impavidas cohortes.  
 Defronte os seus em três tambem colloca  
 O rei, que a veste pelas armas troca.

Elle mesmo o seu corpo vacillante  
 Do proprio pêso, e tanto andar no mundo,  
 Cobre com a armadura, que em distante  
 Epocha usara, e vae contra Raymundo.  
 A Godefredo Solimão, e Argante  
 Ao bom Camillo oppõe, que de Boemundo  
 Tem comsigo o sobrinho; este a fortuna  
 Conduz, por que o Sultão matando, o puna.

A atirar os archeiros principiam  
 Tiros banhados em veneno inferno.  
 Escurecer-se os ares pareciam  
 Ao chuveiro que formam grande e denso;  
 As machinas muraes os despediam  
 Com vigor mais feroz, e mais intenso,  
 Arrojando marmoreas balas graves,  
 E com cabeças de aço, ferreas traves.

Qual raio é cada pedra despedida;  
 E armas e membros piza de maneira,  
 Que não rouba sómente a amada vida,  
 Mas do corpo, e do rosto a forma inteira.  
 Não fica a lança dentro da ferida;  
 Fere, e ainda prosegue na carreira;  
 Entra por um, e sa'e pelo outro lado,  
 Depois de haver a morte já causado.

Não arreda entretanto da defesa  
 Tanto furor a multidão descrente,  
 Que applicára dos tiros á dureza  
 Materia que cedia facilmente.  
 Não tendo opposição n'esta, a braveza  
 Das machinas quebrava facilmente.  
 Mil settas sobre a turba mais exposta  
 Ve'm de cima dos muros em resposta.

Todavia o christão não desanima,  
 E ao triplicado ataque as forças move;  
 Quem vae sob os engenhos, sem que o opprima  
 O granizo das flechas, que em vão chove;  
 Quem á muralha as torres approxima,  
 Que d'esta quanto pode o infiel remove.  
 Já lançar tenta cada torre a ponte;  
 Bate o carneiro co'a ferrada frente.

Reynaldo emtanto pára, como entenda  
 Que d'elle tal perigo indigno era,  
 Pois, se entre os mais á marcial contenda  
 Fôsse, plebeu louvor lhe pertencera.  
 Os olhos volve em torno, e illustre senda  
 Só crê a que o valor mais desespera;  
 Onde o muro é mais forte, onde é mais alto,  
 E está em paz levar pretende o assalto;

E, voltando-se áquelles a que o puro  
 Dudon guiou outr'ora, heroes famosos:  
 Que vergonha ficar aquelle muro  
 Tranquillo, aqui com tantos valorosos!  
 Tem nos riscos o brio alyo seguro;  
 Planas as vias te'm os animosos.  
 Marchemos contra os tiros do inimigo;  
 Dos escudos formemos vasto abrigo.

Diz; e todos n'um corpo se ajuntando,  
 Elevam nos broqueis sobre a cabeça,  
 E os unem, ferrea abobada formando  
 Contra a procella horrivel, que não cessa.  
 Debaixo da coberta vão marchando  
 Ligeiros; nem ha nada que os empeça,  
 Que a firme tartaruga apara e acceita  
 Quanto o contrario das ameias deita.

Ás muralhas já chegam. N'isto escada  
 Reynaldo ergue de incrível comprimento,  
 E a move com mão firme e confiada,  
 Como sacode a canna solto vento.  
 É a lança, a trave, a pedra arremessada  
 Da altura, e nem por isso elle mais lento  
 Sobe, que ousado, invicto desprezara  
 O Ossa, e o Olympo até, se desabara.

Muita setta e ruína, qual mortalha,  
 Tem sobre si, e sobre o escudo um monte;  
 Bate co'a dextra a proxima muralha;  
 Eleva a outra, resguardando a frente.  
 Seu arrojô a incitar os mais não falha;  
 Quantos, como esse exemplo, a estrada aponte,  
 Não encostam escadas temerarios!  
 Mas a sorte e o valor são-lhes contrarios.

Morrem uns, ca'em outros; atrevido  
 Elle trépa; uns anima; outros ameaça;  
 E já se acha tão alto, que, estendido,  
 Donde está as ameias toca e abraça.  
 Grande turba então corre, e o destemido  
 Quer derrubar, porêm não no embaraça.  
 Um só a muitos, maravilha! espanto!  
 Resiste, no ar suspenso! e podê tanto!

Resiste, continúa, e se reforça.  
 Qual o pêso altear faz a palmeira,  
 Tal o contraste o animo lhe esforça,  
 E mais o incita na tenção primeira.  
 Afinal tudo vence, tudo força,  
 Obstaculos e gente sobranceira;  
 De um pulo galga, senhoreia o muro,  
 E passo aos que após ve'm abre seguro;

E até mesmo do chefe piedoso  
 Ao menor dos irmãos, como estivesse  
 Quasi a cahir, o braço poderoso  
 Alonga, por que após elle ascendesse.  
 Além emtanto ao capitão famoso  
 A sorte contraria ou favorece;  
 Que alli não só os homens combatiam,  
 Mas tambem os engenhos o faziam.

Fôra no muro pelo infiel cravado  
 Um tronco, antena já de alguma nave;  
 A elle com o tôpo chapeado  
 Suspende-se através mui grossa trave;  
 Por cordas o madeiro atrás puxado  
 Veloz se adeanta, impetuoso e grave.  
 Assim a tartaruga a frente sua  
 Umhas vezes amostra, outras recúa.

Bateu este na torre, e com tão duras  
 Pancadas, e de modo as repetiu,  
 Que as travadas, as solidas junturas  
 Separou, e, impellindo-a, a sacudiu.  
 Tinha ella á mão para isso armas seguras,  
 Duas foices, com que antes se muniu,  
 Que ao madeiro os christãos logo deitaram,  
 E as cordas que o sustinham lhe cortaram.

Como rocha arrancada á summidade  
 De um monte pelo tempo ou rude vento,  
 Que esmaga e leva após com feridade  
 Arvores, casas, o pastio, o armento,  
 Assim da trave arrasta a enormidade  
 Ameias, homens, armas n'um momento;  
 Treme a torre duas vezes, mas não tomba;  
 Tremem nos muros, e o fragor rebomba.

O chefe victorioso passa ávante,  
 E já os muros occupar presume,  
 Quando vem contra elle fumegante,  
 Fetido, vivo, repentino lume.  
 Tantas chammass sulphureas o arrogante  
 Etna não roja do fendido cume,  
 Nem o indico céu tantos vapores  
 Chove na quadra de estivaes calores.

Hastas ardentes, vasos, rodas vôm;  
 Sanguenta, escura labareda esplende;  
 O odor inficiona; os sons atróam;  
 O fumo cega, e o fogo se distende.  
 Já os coiros, que os lados lhe povôam,  
 Sente a torre encrespar; mal se defende;  
 Se alguns momentos faz o céu que tarde  
 A necessaria ajuda, certo que arde.

Sem de posto mudar, nota-se á frente  
 Dos seus o capitão, que não descora,  
 Confortando os que regam prestemente  
 Os coiros contra a chamma assoladora.  
 Em tal estado era de Christo a gente,  
 E já quasi a agua toda gasta fôra,  
 Quando eis um vento subito respira,  
 E contra o proprio auctor o incendio vira.

Soprado, o fogo, para trás voltando,  
 Os pannos queima que os pagãos alçaram,  
 Breve a branda materia devorando;  
 Co'ó que sem este auxilio se encontraram.  
 O chefe glorioso e venerando,  
 Que Deus protege, e sempre os céus amaram,  
 Elles a tua obra favorecem,  
 E aos teus clarins os ventos obedecem.

Porêm Ismeno, que a sulphurea flamma  
 Vê ser contra elle mesmo convertida,  
 Seus artificios em socorro chama,  
 Por que cêda a natura compellida.  
 Com magas duas para a impia trama  
 Occupava a muralha combatida;  
 Plutão de duas furias era em meio,  
 Negro, esqualido, hirsuto, horrido e feio.

Já das palavras o soar se ouvia,  
 De que treme o Cocito, e Phlegetonte,  
 Já densa treva o ar todo cobria,  
 E o sol annuviava a clara frente,  
 Quando da torre sa'e com valentia  
 Gravidá pedra, parte já de um monte,  
 E os três juntos de um tiro só apanha,  
 E os prostra, e o chão de farto sangue banha,

Espalhando as cabeças criminosas,  
 Feitas pedaços mil ensanguentados;  
 Pouco mais sob as mós mais ponderosas  
 Ficam nos trigos brandos triturados.  
 Gemendo abandonaram nas damnosas  
 Almas os ares lucidos e amados;  
 E desceram do inferno á escuridade.  
 Mortaes; aprendei n'isto a piedade.

Emtanto a Sião a torre se aproxima,  
 Que o vento contra as chammas a assegura;  
 Já chega perto; já do muro em cima  
 Deita a ponte, que a elle se segura.  
 Accorre Solimão; o brio o anima,  
 E o passo angusto destruir procura;  
 Golpes e golpes vibra; e a cortaria;  
 Porém logo outra torre apparecia.

A grande mole se apresenta á vista  
 Minaz, e as mores casas assoberba.  
 Da novidade pasma e se contrista  
 O infiel, que exp'rimenta dor acerba.  
 Firme é o turco feroz, posto que o invista  
 Nuvem de pedras; e inda com soberba  
 Cortar a ponte impavido pretende,  
 E os que temem anima e reprehende.

Então o anjo Miguel, nuncio celeste,  
 Se mostra ao chefe, a elle só visível;  
 Armadura translucida o reveste;  
 Brilha mais do que o sol immarcescível;  
 Godefredo, lhe diz, o tempo é este  
 De Sião libertar do jugo horrível;  
 Não inclines o olhar amedrontado,  
 Que o Senhor ajudar-te ha decretado.

Sublima-o, antes, e contempla o immenso  
 Exercito immortal que o ar povôa;  
 Rasgar-te-hei para tanto o véu intenso  
 Que o pensar dos humanos ennevôa.  
 Assim no espaço avistarás suspenso  
 Bando de mil espiritos que vôa;  
 E sustentar assim por breve instante  
 Dos anjos poderás a luz brilhante.

Vê como os que por Christo o sangue deram,  
 Hoje do empyreo eternos moradores,  
 Em teu favor a pelear vieram,  
 Quinhoando tuas glorias e labores.  
 Lá onde o fumo e o pó turvos imperam,  
 E a ruína apresenta mais horrores,  
 Na escuridão cerrada Hugo combate  
 E as torres desde o fundamento abate.

Eis lá tambem Dudon, o qual a porta  
 Aquilonar com ferro e fogo tenta;  
 Os pugnadores arma, anima, exhorta  
 A subir, as escadas lhes sustenta.  
 Ao que está sobre o oiteiro o olhar transporta;  
 Corôa e vestes sacras apresenta;  
 É o pastor Adelmario, alma ditosa,  
 Que ainda agora vos bemdiz piedosa.

Eleva mais a vista ardidamente;  
 Vê a gran força celestial postada.  
 Ergue-a o chefe, e descobre de repente  
 Bella milicia de azas adornada,  
 Em três esquadras, cada esquadra ingente  
 Movendo-se em três ordens dilatada,  
 Mais, quando são os circulos externos,  
 E menos, quando os circulos internos.

Baixa os olhos, tal brilho contemplando;  
 Ergue-os de novo; nada lhe apparece;  
 Volve-os á pugna; os seus acha lidando,  
 E que a victoria a todos favorece.  
 Muitos após Reynaldo vão galgando  
 O muro, onde este a morte ao syrio offrece.  
 Do chefe impaciente a mão guerreira  
 Então toma do alferes a bandeira,

E o primeiro na ponte suspendida  
 Se precipita; oppõe-lhe resistencia  
 D'ella em meio o Sultão; de desmedida  
 Coragem mostram ambos a excellencia.  
 Grita o cru Solimão: dos mais á vida  
 Voto n'este logar minha existencia;  
 Cortae atrás de mim a ponte, amigos.  
 Cara presa serei dos inimigos.

Mas vê Reynaldo vir com rosto horrendo,  
 E que ante os golpes seus tudo fugia.  
 Que farei? pensa; a vida aqui perdendo,  
 A perco em vão, em feito sem valia;  
 E, de defesa novo ardil tecendo,  
 O passo livre ao capitão cedia,  
 Que o segue ameaçando, e da cruz santa  
 O pendão nas muralhas levanta.

Em ondas a bandeira vencedora  
 Volteia com soberba majestade;  
 O vento respeitoso se minora;  
 N'ella augmenta do sol a claridade;  
 Evita-a a pedra, e a setta voadora,  
 Ou recúa co'a mór velocidade;  
 Parece que Sião e o opposto monte  
 A adoram lêdos, inclinando a fronte.

Então, á uma, as hostes conclamaram  
 Em grito festival e triumphante,  
 E os montes resoando replicaram  
 Os sons extremos; quasi n'esse intante  
 De Tancredo os esforços destroçaram  
 Quanto embaraço lhe fizera Argante;  
 Então sua ponte lança o joven, chega  
 Ao muro, e tambem n'elle a cruz desprega.

Mas para o sul, aonde o encanecido  
Raymundo e Aladino combatiam,  
Os guerreiros gascões'inda podido  
Acercar-se co'a torre não haviam,  
Que o rei da flor dos seus era cingido,  
E na peleja todos insistiam,  
E, embora alli mais fraco fosse o muro,  
Tornavam-no os engenhos mais seguro.

Tambem alli a grande mole achara  
Outros estorvos inda sup'riores,  
Que ao solo a asp'reza toda não tirara  
A obra dos christãos oppugnadores.  
Emtanto o brado ovante que soara  
Ouviram nos gascões e os defensores;  
Donde Raymundo e o rei vê'm ser tomada  
A cidade no plaino situada.

Grita Raymundo aos seus: vence o estandarte  
De Christo; além Sião é d'elle presa;  
E comnosco inda lucta! Quê só parte  
Nós não teremos n'esta honrada empresa?  
Mas Aladino finalmente parte,  
Desesperado já de mais defesa,  
E para um sitio premunido e alto  
Foge, onde espera sustentar o assalto.

N'isto os muros e as portas entra o inteiro  
Exercito c'roadado pela sorte,  
Que abatido e queimado foi primeiro  
Tudo que elle encontrou fechado e forte.  
O ferro farta a ira do guerreiro;  
Com o lucto e o horror caminha a morte;  
O sangue corre em rios abundantes,  
Cheios de corpos mortos e expirantes.

Est. cii a cv.

---

## CANTO XIX

Já a morte, o conselho, e o medo tinha  
Os infieis da defensão tirado;  
Argante pertinaz só se mantinha  
Ainda sobre o muro conquistado.  
Alteroso o semblante, se sustinha  
Pugnando de inimigos rødeado.  
Morrer prefere a ver-se repellido,  
E quer morrer sem parecer vencido.

Est. i.



Porêm mais do que todos chega infesto  
Alli Tancredo, e o fere com bravura.  
O Circassiano reconhece presto  
Pelo andar, pelos actos e armadura  
Seu antigo rival, que ao dia sexto  
Faltado havia, sem respeito á jura;  
E brada: assim, Tancredo, mantiveste  
A fé? O modo de voltar é este?

Volta tarde, e não só; mas não rejeito  
Entretanto contigo exp'imentar-me,  
Posto inventor de machinas te has feito,  
E não vens qual guerreiro procurar-me.  
Escuda-te co'os teus; por vario geito  
De engenhos novos teu valor se arme;  
Não poderás de minhas mãos á morte  
Fugir, ó matador de damas forte.

O bom Tancredo, como tal ouvisse,  
Rindo de escarneo, e intrepido e orgulhoso,  
Volvo tardio certamente, disse;  
Breve crerás que volvo pressuroso;  
E então almejarás te dividisse  
De mim alpestre serra, ou o mar undoso;  
Que esta minha demora não foi medo,  
Nem covardia saberás bem cedo.

Não; eu te espero e á tua soberbia,  
De heroes gigantes vencedor valente;  
O matador das damas desafia  
Teu braço; e, para os seus virada a frente,  
Fazendo retiral-os, concluia:  
Não o firaes; deixae-o a mim sómente;  
Este é mais que de vós meu inimigo,  
Porque a elle me liga pacto antigo.

Ao campo desce pois só, ou seguido,  
Como queiras, replica o Circassiano;  
Busca logar occulto ou concorrido;  
Não te deixo, qualquer que for meu damno.  
O convite proposto e recebido,  
Cada um á lide se dispõe ufano;  
Socios o odio os faz, e os seus rancores  
Os tornam mutuamente defensores.

Zeloso da honra, só vingança expira  
Tancredo, e o sangue do pagão deseja;  
Nem julga, se uma gotta outrem lhe tira,  
Que seu furor de todo farto seja;  
Com o broquel o cobre; e que o não fira  
Grita a quem vê, posto que longe esteja.  
Assim livra o inimigo das iradas  
Armas dos vencedores inflammadas.

Afinal ambos deixam na cidade,  
 Ao campo dos christãos as costas dando,  
 E por senda tortuosa em liberdade  
 Vão, a par um do outro, caminhando,  
 Té chegarem de um val á soledade  
 Entre oiteiros e estreito, figurando  
 Amphitheatro, ou terreno circumdado,  
 A guerras ou a caças destinado.

Aqui param; Argante, a alma suspensa,  
 Olha para Sião, misera e afflicta;  
 Tancredo, como o infiel não tem defesa  
 De escudo, o seu desamparando, o imita;  
 E lhe diz: tua mente no que pensa?  
 Que do teu fim é perto a hora escrita?  
 Se do temor, prevendo-o, estás captivo,  
 É esse teu temor intempestivo.

Penso n'esta cidade, já senhora  
 Da Judéa, que triste hoje declina,  
 Que eu, enganado, imaginei outr'ora  
 Livrar da ultima e fatal ruína,  
 E que vingança leve tenho agora  
 Na tua frente, que me o céu destina.  
 Cala-se; e atacam-se ambos com resguardo,  
 Que sabe um do outro o animo galhardo.

Agil Tancredo é; na ligeireza  
 Dos passos e dos golpes excellente;  
 O alto Argante excede-o na grãdeza;  
 Quanto a cabeça, fica-lhe eminente.  
 Gira baixo Tancredo com presteza,  
 Para o ferir assim, porêm prudente;  
 Co'a espada faz á espada resistencia,  
 E emprega em na arredar toda a sciencia.

Firme o Circassiano e levantado,  
 Mostra.egual arte, mas com jogo vario;  
 Estende quanto póde o braço armado,  
 E do ferro em logar busca o contrario.  
 O christão novos meios tenta ousado;  
 Ao rosto sempre o gladio sanguinario  
 Lhe aponta Argante; ameça-o, e está álerata  
 Para impedir-lhe aos botes uma aberta.

D'este modo, se o vento não respira,  
 No mar combate equal e aventureiro  
 Entre dois lenhos deseguaes se admira,  
 Um mais possante, o outro mais ligeiro;  
 Um assalta, e da prôa á pôpa gira;  
 O outro está immovel, sobranceiro;  
 E, quando o mais veloz mais perto passa,  
 Destruil-o de cima fero ameça.

Emquanto surpre'ender o joven tenta  
 O infiel, e o ferro que lhe oppõe desvia,  
 Argante a espada aos olhos lhe apresenta;  
 Para o baldar aquelle inda porfia;  
 Mas tão rapida a vibra, tão violenta  
 O descrido, que em vão se defendia;  
 Fere-o no lado; e, vendo que é ferido,  
 Clama: ó esgrimidor, eis-te vencido.

Tancredo, de vergonha e raiva ardendo,  
 Deixa as cautelas que até alli tomára;  
 Anhela apenas a vingança, crendo  
 Que não vencera, se em vencer tardára;  
 Pelo ferro ás injurias respondendo,  
 Lh'o dirige á vizeira; Argante apára  
 O golpe; já Tancredo a meia espada  
 N'isto chegou, a fronte sublimada.

Então co'o pé sinistro dando um passo,  
 Co'a esquerda o dextro braço ao outro prende,  
 E o dextro lado co'o direito braço  
 De estocadas mortíferas lhe offende.  
 Eis a resposta, diz, que ao mestre faço;  
 É do vencido esgrimidor, entende.  
 Freme Argante; e de balde se sacode,  
 Que o braço preso libertar não póde.

Emfim, deixando a espada na cadeia  
 Pendente, contra o que o feriu lançou-se.  
 Imitou-o Tancredo; e, a alma cheia  
 D'ira, um ao outro subito abraçou-se,  
 E um ao outro pizou. Na adusta areia  
 Nem co'o gigante Alcides estreitou-se  
 Com mais força, do que elles se estreitaram  
 Nos vigorosos braços, e luctaram.

Tamanha á briga foi, de tanta agrura,  
 Que cahiram os dois no mesmo instante.  
 Fica, por estrategia ou por ventura,  
 Tolhido o braço esquerdo só a Argante;  
 Porêem o que maneja a espada dura  
 Fica a Tancredo sob o infiel possante;  
 Este, perigo ao conhecer tão certo,  
 Em pé salta, do outro já liberto.

Levanta-se o pagão mais vagaroso,  
 E é antes atrozmente vulnerado;  
 Mas, qual pinheiro que euro impetuoso  
 Dobra, e logo se eleva, não domado,  
 Tal seu brio o sublima valotoso,  
 Quando ia ser de todo subjugado.  
 Então começa pelejar temivel,  
 De menos arte, muito mais horrivel.

O sangue de Tancredo em copia salta,  
 Emquanto o do infiel corre em torrente;  
 Já ao debil corpo o impeto lhe falta,  
 Como chamma nutrida escassamente.  
 Tancredo, vendo que elle fraco o assalta,  
 E que o braço ésmorece gradualmente,  
 Magnanimo retra'e-se, o ardor reprime,  
 Que lhe abrasava o peito, e assim se exprime:

Venci-te; é minha a palma da victoria;  
 Ou o fado te venceu, guerreiro forte;  
 Não desejo de ti despojo ou gloria,  
 Nem direito qualquer pretendo impor-te.  
 Mais medonho o pagão com irrisoria  
 Maneira lhe responde d'esta sorte:  
 Quê! já ousas vencido reputar-me?  
 Com vileza tamanha vens tentar-me?

Tua fortuna segue; nada temo;  
 Tua insania será por mim punida.  
 Bem como luz, que no momento extremo  
 Renasce, e cobra mais fulgor e vida,  
 Assim elle o furor uniu supremo,  
 E a força avigorou desfallecida.  
 Da já vizinha morte quer as horas  
 Por acções illustrar immorredoras.

Á direita a sinistra mão juntando,  
 Com as duas o gladio descarrega,  
 O qual, posto o do outro em meio achando,  
 Passa, e as espaduas a ferir lhe chega,  
 Ao ferir muitos golpes afundando  
 Nas costellas, que rubro sangue rega.  
 Se n'este lance não temeu Tancredo,  
 Fêl-o insensivel a natura ao medo.

Segunda o golpe o infiel; porêm no vento  
 Emprega inutilmente a ira sua,  
 Porque a tudo o christão estava attento,  
 E, fugindo-lhe, evita a espada crua.  
 Por seu pêso obrigado, n'um momento  
 Baqueia Argante sobre a terra nua.  
 Ninguem te derrubou, oh! sorte lêda!  
 Tu foste o proprio auctor da tua quéda.

O cahir as feridas lhe embravece,  
 E corre o sangue d'estas com largueza.  
 Firma elle a esquerda em terra, e favorece,  
 Levantado n'um joelho, inda a defesa.  
 Rende-te, novamente lhe offerece  
 O vencedor, usando de nobreza;  
 Mas o outro o vulnera em ar furtivo  
 No calcanhar, e o desafia altivo.

Tancredo furioso então lhe brada:  
 Assim abusas da piedade minha?  
 E por uma e outra vez lhe enterra a espada  
 Na vizeira, e lhe tira a alma mesquinha.  
 A ameaça no rosto inda pintada,  
 Argante morre qual vivido tinha.  
 São soberbos, tremendos e ferozes  
 Seus movimentos ultimos e vozes.

Guarda Tancredo a lamina preclara,  
 E dá graças a Deus do vencimento;  
 Porêm sem forças quasi que deixára  
 Ao vencedor o pelejar cruento.  
 Teme este, da maneira que ficára,  
 Que não lhe soffra o andar o tenue alento;  
 Comtudo o experimenta, e, passo a passo,  
 Por onde foi arrasta o corpo lasso.

Mas pouco andou que logo não parasse,  
 Pois, quanto mais se esforça, mais se cansa;  
 Pelo que, em terra se assentando, a face  
 Poisa na mão, que trémula balança.  
 Vê tudo como se em redor andasse,  
 E o resplendor do dia mal alcança;  
 Emfim desmaia; e junto do vencido  
 O vencedor mal fôra distinguido.

Emquanto segue aqui d'est'arte a guerra,  
 Por motivo privado tão ardente,  
 A ira dos fiéis á solta erra  
 Em Sião sobre o povo irreverente.  
 Oh! quem jámais da conquistada terra  
 A imagem poderá mostrar gemente?  
 Oh! quem ha de poder o miserando  
 Espectaculo atroz pintar, falando?

Reina a matança; grandes montes fazem  
 Os corpos; muitos vivos enterrados  
 Gemem sob os cadav'res; muitos jazem  
 Feridos sobre os mortos derribados;  
 Os filhinhos as mães fugindo trazem  
 Contra o peito, cabellos despregados;  
 E o soldado, vergando co'o despojo,  
 As virgens pela coma traz do rojo.

Mas para o occaso, as vias que ao famoso  
 Templo levam na maxima collina,  
 De sangue hostil manchado e pavoroso  
 Reynaldo corre, e á fuga o impio inclina.  
 Sómente o bravo gladio o generoso  
 Contra os armados baixa e os extermina.  
 Pouco aproveita capacete e escudo;  
 Vale ser indefeso sobre tudo.

Só vibra contra o ferro o ferro nobre;  
 Inermes atacar crê desprezível;  
 Os que armadura ou animo não cobre  
 Com o olhar afugenta e a voz horrível.  
 Seu insigne valor alli descobre;  
 Despreza; ameaça audaz; fere terrível;  
 Com risco desigual afugentados  
 São igualmente armados, desarmados.

Já co'a gente mais fraca se acolhera  
 Não pouca força ao templo sobranceiro,  
 O qual por vezes se queimára e erguera,  
 E o nome tem de Salomão, primeiro  
 Fundador, que de cedro o compuzera,  
 De marmore e de oiro todo inteiro,  
 Agora não tão rico, mas seguro  
 Por ferreas portas, torreado muro.

Chegando o cavalleiro onde fugida  
 Em sublime logar a turba estava,  
 As portas vê fechadas, e munida  
 A parte que as alturas coroava.  
 Vezes duas a vista alça temida  
 De baixo acima; aberta não achava;  
 E outras duas tambem com veloz modo  
 Circumda do edificio o espaço todo.

Qual lobo tragador, que em noite escura  
 Rodeia das ovelhas a morada,  
 Nas fauces a avidéz, e a fome dura  
 Pela nativa sanha estimulada,  
 Tal em torno caminho elle procura  
 Ingreme ou plano, para haver entrada;  
 Na grande praça pára emfim; do alto  
 Estão os tristes aguardando o assalto.

Não sei para que uso alli jazia  
 Ao abandono desmedida trave,  
 Que em comprimento e corpo excederia  
 A uma antena de ligeira nave.  
 Reynaldo (extraordinaria valentia!)  
 Toma-a na mão, para a qual nada é grave,  
 Em ar de lança, e com tremendo embate  
 O muro em frente sem descanso bate.

Não resistem a pedra e o ferro á ira  
 Do rude encontro, no iterar mais forte.  
 Arranca os gonzos, os ferrolhos vira,  
 E arromba as grossas portas; de igual sorte  
 Arfete sómente as destruíra  
 Ou bombarda talvez, raio de morte.  
 Como um diluvio, pela franca via  
 Seguem Reynaldo muitos á porfia.

Enche atroz mortandade e deshumana  
O sanctuario do Senhor outr'ora.  
Oh! justiça do Eterno soberana!  
Tardaste, para vir maior agora!  
Teu poder despertou colera insana  
Nos peitos onde só piedade mora.  
Deixa' o pagão no sangue seu lavado  
O templo já por elle profanado.

Emtanto de David á grande torre  
Solimão se encaminha, e a toda a pressa  
Dos seus co'o resto a ella se soccorre,  
E as sendas de defesas atravessa.  
Para lá Aladino tambem corre.  
Mal o nota, o Sultão assim começa:  
Vem, ó famoso rei, vem abrigar-te  
N'esta fortissima e elevada parte;

Pois aqui da inimiga tempestade  
Salvas contigo o reino e o seu governo.  
Ail de mim! torna aquelle, da cidade  
O christão arruína o seio interno.  
Acabou-se-me a vida e auctoridade!  
Vivi; reinei; não vivo, nem governo.  
Póde dizer-se: fomos. Este é o dia  
Ultimo que a nós todos alumia.

Senhor, que has feito da energia antiga?  
O interrompe o Sultão impetuoso;  
Se o imperio nos tirar sorte inimiga,  
Fica o proprio valor, que é precioso.  
Mas aos membros quebrados da fadiga  
Alli dentro procura algum repouso.  
Taes palavras lhe fala, e obriga o velho  
Monarcha a executar o seu conselho.

Ao lado a fina espada então suspende,  
E, agarrando ás mãos ambas ferrea maça,  
Afoito o ingresso dos christãos defende,  
E a marcha triumphal lhes embaraça.  
É mortal cada golpe que descende;  
E, se não mata, prostra; larga praça  
Já fazem todos pávidos, querendo  
Escapar do Sultão ao braço horrendo.

De soldados intrepidos seguido,  
Chega áquelle logar então Raymundo.  
Ao perigoso passo corre ardido,  
Os golpes desprezando furibundo.  
Fere o turco, mas é mal succedido;  
Não fere embalde o feridor segundo;  
Colhe-o na frente a maça que não erra,  
E de costas, convulso, o deita em terra.

Nos vencidos renasce finalmente  
 A ousadia, que o medo afugentára;  
 É repellida a vencedora gente,  
 Ou morre junto á porta onde luctára.  
 Mas Solimão, olhando o chefe ingente,  
 Que, entre os mortos cahido, desmaiara,  
 Grita aos seus: conduzi esse guerreiro,  
 E seja conservado prisioneiro.

Obedecer vão elles ao mandado,  
 Mas ardua encontram, fadigosa a empresa,  
 Porque é Raymundo pelos seus cercado,  
 Que todos o auxiliam com presteza;  
 Pugna o furôr de um lado, do outro lado  
 O affecto; do combate é digna a presa;  
 Ao nobre ancião a liberdade e a vida  
 Qual em roubar, qual em guardar só lida.

Entretanto vencido sempre houvera  
 O Sultão obstinado na vingança,  
 Pois da maça, que um raio parecera,  
 A armadura melhor cede á pujança;  
 Aos contrarios porêm ajuda fera  
 Vê que d'aqui e que d'alli se avança,  
 Que Reynaldo e o gran chefe se encontraram  
 N'um ponto, inda que oppostos caminharam.

Como o pastor, que, se rebrama o vento,  
 E resôa o trovão rouco troando,  
 Ao encher-se de treva o firmamento,  
 Vae do campo as ovelhas apartando,  
 Onde fuja ao rancor do céu violento  
 Á pressa algum abrigo procurando,  
 E co'ô cajado as faz andar deante,  
 Ao som das vozes, que ouve o caminhante;

Tal o pagão, que já chegar sentia  
 A irreparavel, bellica procella,  
 Que o ar de extranho fremito feria,  
 O chão de homens enchendo, á força d'ella  
 Cede, e os soldados seus protege e envia  
 Para dentro da larga cidadella;  
 Retira-se depois com fronte nobre;  
 Que na prudencia inda o valor descobre.

Difficilmente acolhe-se o guerreiro;  
 Porêm a porta mal fechado tinha,  
 Quando, estruindo tudo, eis que ligeiro  
 É audaz Reynaldo a ella se avizinha.  
 Por vencer o indomavel cavalleiro,  
 E executar seu juramento vinha,  
 Pois não se esquece, não, que promettera  
 Matar o que a Sueno a morte dera.



E n'essa hora sua mão jámais domada  
 Certo atacara o inexpugnável muro;  
 Nem ao abrigo seu da egregia espada  
 Do contrario o Sultão fóra seguro;  
 Mas toca o capitão á retirada,  
 Que já desce da noite o véu escuro.  
 Alli mesmo repouisa Godefredo,  
 Para o assalto innovar de manhan cedo.

Dizia o chefe aos seus com segurança:  
 Do Eterno conseguimos os favores;  
 O principal se fez; pouca tardança  
 Terá o resto; foram-se os temores.  
 Da torre, pobre e unica esperança  
 Do infiel, seremos ámanhan senhores;  
 Havei ora piedade dos feridos;  
 Sejam os que padecem soccorridos.

- Ide; e cuidae de quem, do céu bemquisto,  
 Nos ganhou esta patria e eterno loiro,  
 Coisa mais propria aos campeões de Christo,  
 Que desejar vingança ou vão thesoiro.  
 Ai; já sangue de sobra hoje se ha visto!  
 Ai! sobeja em alguns cubiça de oiro!  
 Cessem as crueldades e a desordem;  
 Publiquem as trombetas esta ordem.

Cala-se; e vae aonde o ancião valente,  
 Posto a si já tornado, inda gemia.  
 Não menos o Sultão afoitamente  
 Falava aos seus, e a dôr n'alma escondia:  
 Emquanto a esp'rança é para nós virente  
 Resisti, socios meus, á sorte impia;  
 Nosso damno é de pouca consequencia;  
 Do medo lhe provêm outra apparencia.

Tomou só o inimigo com seus feitos  
 Muros, e tectos vis da vil pobreza,  
 Porêm não a cidade; em vossos peitos  
 Em nosso rei tem ella a fortaleza.  
 Salvo é o rei; salvos são os seus eleitos;  
 Cerca-nos inda válida defesa.  
 Guarde o christão a abandonada terra;  
 Vão trophéu! Perderá por fim a guerra.

Perdel-a-ha; que a experiencia o ensina:  
 Insolente na propria f'licidade,  
 Ha de entregar-se ás mortes, á rapina,  
 E aos abraços que fuge a honestidade,  
 E entre o saque, as orgias e a ruína  
 Cederá sem mover difficuldade,  
 Se n'este meio tempo nos acóde  
 A hoste egypcia, que tardar não póde.

Emtanto os edificios mais erguidos  
 Com pedras dominar conseguiremos,  
 E ao Sepulcro os caminhos dirigidos  
 Co'as machinas ao franco impediremos.  
 Assim, avigorando os succumbidos,  
 A esperança renova em taes extremos.  
 Ao passo que tudo isto aqui se dava,  
 No exercito infiel Vafrino errava.

Mandado ao campo egypcio por espia,  
 Quando baixava o sol, partiu Vafrino;  
 Trilhou escura, solitaria via,  
 Incognito, nocturno peregrinó;  
 Por Ascalon passou; não reluzia  
 Então ainda o brilho matutino;  
 Depois o acampamento poderoso  
 Avistou, no zenith o sol radioso.

Tantas barracas viu com tremulantes  
 Pendões azues, vermelhos, amarellos,  
 E escutou tantas linguas discordantes,  
 Trompas, tambores, gritos de camellos,  
 Unidos aos de enormes elephantes,  
 E ao nitrir de corceis grandes e bellos,  
 Que comsigo pensou: á marcia lida  
 É a Africa, e a Asia conduzida.

A forte situação do campo observa,  
 E o vallo que o rodeia; após por onde  
 Ha mais pessoas vae; não se conserva  
 Occulto; de ninguem foge ou se esconde.  
 Corre as partes melhores, sem reserva,  
 E umas vezes pergunta, e outras responde;  
 E em tudo que responde ou que pergunta  
 Habilidade á confiança junta.

Por aqui, por alli cauto elle gira,  
 E os sitios todos no girar compre'ende;  
 Armas, corceis, guerreiros, tendas mira;  
 Nota as disposições; nomes aprende.  
 Não contente com isso, a mais aspira,  
 Prescruta os fins e alguma coisa entende.  
 Tanto anda, tal dextreza em tudo emprega  
 Que ao pavilhão do commandante chega.

Ahi descobre descosida tela,  
 Que communica os sons e a vista acceita,  
 A qual do capitão a estancia vela,  
 E para a parte mais escusa deita.  
 O que se passa dentro assim revela  
 A quem no exterior escuta e espreita.  
 Vafrino espia, qual se o não fizesse,  
 E concertar a tenda pretendesse.

Armado e núa a fronte, o chefe estava  
 Trajando rica purpura, encostado  
 A firme lança; um pagem lhe guardava,  
 Distante, o elmo, outro o broquel pesado.  
 Um guerreiro de torvo aspecto olhava,  
 Que gigante e membrudo lhe era ao lado.  
 Vafrino attenta; mas põe mais sentido,  
 Tendo de Godefredo o nome ouvido.

Áquelle fala o capitão: seguro  
 Estás de a Godefredo dar a morte?  
 Sim, torna elle, e voltar ante vós juro  
 Vencedor, ou não volto mais á côrte.  
 Prevenirei os meus no empenho duro.  
 Por triumpho ganhar de homem tão forte  
 Só me permittam que no Cairo eleve  
 De suas armas trophéu, que dizer deve:

Ormundo ao chefe assolador do Oriente  
 Estas armas tirou em gran victoria  
 Com a vida que tinha juntamente,  
 E as pôz aqui para eternal memoria.  
 E Emiren: nosso rei, de ti contente,  
 Não deixará sem paga tanta gloria;  
 Ha-de-te conceder o que tu queres;  
 Comtudo é justo que outro premio esperes.

As armas enganosas pois prepara;  
 O dia da batalha vem já perto.  
 Promptas estão, responde. Mal findara,  
 Çalaram-se. Ficou Vafrino incerto,  
 A vista das palavras que escutara,  
 Voltando no pensar, sempre desperto,  
 Essa conjuração o que seria,  
 E essas armas; e nada percebia.

D'alli partiu; e aquella noite inteira  
 Velou, sem que um instante repoisasse;  
 Mas quando fez cada hoste que a bandeira  
 Sua á brisa da aurora esvoaçasse,  
 Marchou tambem co'a multidão guerreira,  
 E, como ella, parou, por que acampasse.  
 Então de novo foi de tenda em tenda,  
 Para ao mysterio levantar a venda.

Procurando-o, acha em séde alta e pomposa  
 Armida entre guerreiros e donzellas,  
 Recollida em si mesma, pesarosa,  
 E a suspirar; uma das faces bellas  
 Apoia sobre a mão nivea e mimosa;  
 Ao chão abaixa as languidas estrellas;  
 Se pranteiam não sabe; mas molhadas  
 Lhe reluzem, de perolas ornadas.

Em frente Adrasto soberboso vê-se;  
 Nem move os olhos, nem sequer respira;  
 Tão famulento apascentar parece  
 N'ella o vivo desejo; os seus não tira  
 Tisaferno dos dois; e se enfurece  
 De atro ciume, ou de paixão delira,  
 No vario rosto bem mostrando as cores  
 Da colera ou do fogo dos amores.

Vê-se ainda Altamoro, o qual sentado  
 Com as donzellas se encontrava á parte.  
 Não deixa este o desejo libertado,  
 Mas move os olhos cúpidos com arte  
 Para a mão, pára o rosto delicado,  
 Ou já rodeia mais vedada parte,  
 E penetra por onde raro abria  
 Entre os peitos um véu secreta via.

Ergue a vista afinal Armida; um tanto  
 No magoado semblante se asserena;  
 E através da tristeza e amargo pranto  
 De repente sorri suave e amena.  
 Senhor, prorompe (e é sua voz encanto),  
 Vossa promessa diminue-me a pena,  
 Que cedo, espero-o, alcançarei vingança;  
 Dulcifica-me a ira esta esperança.

O indio lhe responde: a fronte mesta  
 Calma, calma a pungente anciedade;  
 De Reynaldo a cabeça, a ti molesta,  
 Aos pés te cahirá com brevidade,  
 Ou prisioneiro t'ó trarei com esta  
 Mão vingadora, se é tua vontade;  
 Assim o prometti. Ouve o outro e cala,  
 Immoavel, mas no coração se rala.

Voltando a Tisaferno o olhar mavioso,  
 Que pensas? diz Armida meigamente.  
 E elle ironico: eu sou muito moroso;  
 De longe seguirei o ardor valente  
 Do teu campeão terrível e famoso.  
 Com taes ditos o punge cruelmente.  
 Ao que o indio: fazêl-o bem tu deves,  
 Que a provar quanto valho não te atreves.

Tisaferno, meneando a fronte altiva:  
 Ah! pudesse eu mostrar-te o meu intento!  
 Não fosse a minha espada ora captiva,  
 E souberas qual é de nós mais lento.  
 Nem a ti, nem tua furia vingativa  
 Temo; só temo o céu e amor cruento.  
 Findou; Adrasto em pé contra elle poz-se;  
 Mas Armida solícita interpoz-se:

O quê? pretendereis que mallogrado  
 Fique o auxilio que me heis offerecido?  
 Serdes meus campeões tendes jurado;  
 Devêra empenho tal ter-vos unido.  
 Commigo se ira quem braveja irado;  
 Quem offende me offende; é bem sabido.  
 Assim se exprime, e assim prende concordes  
 Sob um jugo de ferro almas discordes.

Tudo Vafrino presenceava, e ouvia.  
 Depois d'isso retira-se. Da incerta  
 Conjuração o fim de balde espia;  
 Em profunda mudez jaz encoberta.  
 Té importuno ás vezes se fazia;  
 Os desejos o estorvo lhe desperta.  
 Morrer alli decide, ou o gran segredo  
 Patenteado levar a Godefredo.

Busca artes mil e astucias ignoradas,  
 Para saber o criminoso plano,  
 E da trama e das armas simuladas  
 Jámais consegue descobrir o arcano.  
 Pela sorte por fim são aclaradas  
 As duvidas do seu pensar insano,  
 Tanto, que lhe é a insidia manifesta,  
 Que para o chefe dos christãos se apresta.

Tornara 'onde, como antes, se assentava  
 Entre os seus campeões a hostile amante,  
 Pois opportuno esse logar julgava,  
 Por ser de varias gentes abundante.  
 A uma joven, que proximo lhe estava  
 Se chega, e tão affavel no semblante,  
 Na voz se lhe dirige, que parece  
 Que de antiga amizade a já conhece;

Á qual propõe em ar de quem granceja:  
 Tambem sêrvir alguma dama eu quero,  
 Por que por mim cortada a fronte seja  
 De Godefredo ou de Reynaldo fero.  
 A de qualquer barão pede, que eleja  
 Tua vontade, e contentar-te espero.  
 Tal principia; e d'este modo usa  
 Por que a mais grave a pratica reduza.

Porêr essa proposta lhe fazendo,  
 Sorriu-se co' um seu geito costumado.  
 Alli chegado uma donzella havendo,  
 Ouviu-o, olhou-o, foi-se-lhe pôr ao lado,  
 E lhe disse; roubar-te ás mais pretendo;  
 Nem será teu amor mal empregado;  
 Meu campeão te escolho, e ora á parte,  
 Qual a meu cavalleiro, urge falar-te.

Depois com elle só: tu és Vafrino;  
 Acaso o teu olhar não me conhece?  
 Pasma, perturba-se o donzel ladino,  
 Mas, jovial, e sem que isto o detivesse:  
 De te ver com lembrança não atino,  
 E teu rosto ser visto bem merece;  
 O certo é que commigo te enganaste,  
 E por maneira errada me chamaste.

Em Biserta nasci, que o sol fustiga,  
 De Lesbin; Almansor é o meu nome.  
 E a dama: eu sei a tua historia antiga,  
 Nem cuides que te o passo agora tome.  
 Não te occultes; não sou tua inimiga;  
 Por ti, se fôr preciso, á morte dou-me.  
 Herminia sou, filha de reis e serva  
 De Tancredo depois, tua comserva.

Na suave prisão, dois gratos mezes  
 Benigna me guardaste e piamente,  
 Com modos attendendo-me cortezes.  
 Olha para o meu rosto attentamente.  
 O escudeiro, seu socio tantas vezes,  
 Encara-a; e reconhece-a facilmente.  
 Torna-lhe Herminia: está de mim seguro;  
 Por este céu, por este sol t'ó juro.

Até quero pedir-te que ao voltares  
 Me reconduzas á prisão amada;  
 Noites e dias cheios de pesares  
 Em liberdade vivo, desgraçada!  
 Se n'este sitio por espia andares,  
 Fortuna encontrarás assignalada,  
 Porque a conjuração que se prepara  
 Saberás, e o que a custo se alcançára.

Escuta-a elle silencioso, attento,  
 E de Armida relembra a aleivosia.  
 É gárrula a mulher, e n'um momento  
 Muda; insensato quem se n'ella fia.  
 Entretanto responde: se has intento  
 De vir commigo, servir-te-hei de guia.  
 Fique isto entre nós ambos ajustado,  
 E para melhor tempo o mais guardado.

Determinam partir d'alli primeiro  
 Que o exercito do Egypto em marcha fôra.  
 Deixa Vafrino o pavilhão guerreiro;  
 Ella ás damas se torna, e se demora.  
 Allude em tom leviano e galhofeiro  
 Ao seu campeão; depois vem para fóra.  
 Ao prescripto logar a peregrina  
 Chega, e dirigem-se ambos á campina.

Já caminham por parte erma e escondida,  
 Já o campo foge e a solidão redobra,  
 Quando aquelle: ora explana contra a vida  
 Do pio Godefredo como a obra  
 Da traição se dispõe. Da trama urdida  
 Então a historia toda ella desdobra.  
 Oito guerreiros, volve d'esta sorte,  
 Dos quaes é principal Ormundo, o forte,

Por maldade ou por odio conspiraram.  
 O proposito seu direi qual seja:  
 No dia em que os destinos ordenaram  
 Do imperio d'Asia a singular peleja,  
 Vestir armas francezas ajustaram,  
 E adornal-as da cruz da vossa egreja;  
 Será de branco e de oiro o seu vestido,  
 Co'o da guarda do chefe parecido.

Mas, como aviso aos seus, por differença,  
 No elmo hão de levar um signal posto;  
 Depois, quando formar a lide intensa  
 Dos dois corpos contrarios um composto,  
 Cercarão Godefredo sem detença,  
 De guardas remedando amigo rosto,  
 Com ferros no veneno temperados,  
 Para os golpes de morte irem armados.

E, como pelo exercito constasse  
 Que eu vos conheço as vestes e armadura,  
 Mandaram-me, ai! de mim! lh'as indicasse;  
 E as indiquei, por minha má ventura.  
 Isto obrigou-me a que eu abandonasse  
 O campo e a gente imperiosa e impura.  
 Aborreço em traições envolta achar-me;  
 Fujo de no seu mal contaminar-me.

Esta a causa; outra ha... Então se cala,  
 Baixando os olhos, que o rubor a cobre;  
 E os derradeiros sons da meiga fala  
 Tenta reter, porêm inda os descobre.  
 Vafrino, que a seguir quer obrigar-a,  
 Para que diga o que o pudor encobre:  
 Mereço pouca fé; d'esta maneira  
 Porque escondes a causa verdadeira?

Suspira a bella por amor captiva,  
 E assim baixo e a tremer a voz derrama:  
 Vergonha mal zelada, intempestiva  
 Vae-te, que nada aqui ora te chama.  
 Porque tentas, embalde aspera e esquiva,  
 Com teu fogo velar do peito a flamma?  
 Em outro tempo te acatei bastante;  
 Hoje és inutil; sou donzella errante.

Pouco depois accrescentou: n'aquella  
 Noite fatal a mim e á patria amada,  
 Mais ainda eu senti do que perdel-a  
 A dôr na sua quéda originada.  
 Perda pequena é a cr'ôa; mas com ella  
 Tambem eu me perdi, ai! desgraçada,  
 Pois que vi para sempre então perdidos  
 Coração, pensamento, alma, sentidos!

Sabes como, de mêdo o animo cheio,  
 Em tamanho prear, ruína tanta,  
 Ao teu senhor e meu, que deante veio,  
 E entrou meu paço, eu me accorri; com quanta  
 Humildade lhe disse com receio:  
 Tem compaixão, teu animo quebranta,  
 Invicto vencedor; vida não peço;  
 Salva-me só da virgindade o preço.

Elle, a dextra estendendo-me famosa,  
 Me interrompeu, e, todo gentileza:  
 Não supplicas em vão, virgem formosa,  
 Em mim encontrarás certa defesa.  
 Então não sei que sensação maviosa  
 Minh'alma penetrou, ficou lá presa,  
 Que após vagando n'ella enfeitada,  
 Não sei como, em incendio foi tornada.

Muita vez vizitou-me, e com piedade  
 Me consolou, meus males lastimando.  
 Até que me outorgou a liberdade,  
 De todos os meus bens nada guardando.  
 Ai! não foi dom! foi roubo e crueldade;  
 Libertou-me, o meu ser de mim tirando!  
 O menos caro concedeu-me e serio;  
 Porém do coração tomou-me o imperio.

Não se encobre a paixão. A ti frequente  
 Por meu senhor cuidosa perguntava;  
 Tu, notando os signaes da inquieta mente,  
 Disseste que de amor eu me abrasava.  
 Neguei-o, mas um meu suspiro ardente  
 Confessou-te o que tanto eu recatava;  
 Talvez que mesmo o olhar t'o demonstrasse,  
 E a forte chamma em que ardo delatasse.

Desditoso silencio! Ah! que eu triaga  
 Então buscado houvesse a taes rigores,  
 Já que o freio depois, donzella vaga,  
 Tinha em vão de soltar a meus ardores!  
 Parti em summa, e trouxe occulta a chaga;  
 Julguei até morrer de suas dôres;  
 Por fim soccorro á vida amor buscou-me,  
 E todos os respeitos dissipou-me.



Foi procurar Tancredo o meu intento,  
 A ver se ao mal que fez traria cura;  
 Mas no caminho grande impedimento  
 Achei de gente descortez e dura;  
 De ser presa escapei por um momento;  
 Para o ermo fugi; e, da espessura  
 De longinqua floresta habitadora,  
 N'ella um tempo vivi como pastora.

O desejo do mêdo soffreado  
 Um dia despertou; vontade deu-me  
 De ao sitio me volver tão estimado,  
 E desventura egual aconteceu-me.  
 Salvar-me não logrei, que troço armado  
 Me seguiu as pizadas e prendeu-me.  
 À cidade de Gaza fui levada,  
 Pois por egypcios fôra aprisionada.

Como dadiva ao chefe me entregaram;  
 Contei-lhe o fado meu; e compungida  
 Tanto deixei su' alma, que me honraram  
 Emquanto residi junto de Armida.  
 Assim uma e outra vez me captivaram,  
 E fiquei livre. Eis minha triste vida.  
 Mas o grilhão primeiro inda conserva  
 A tantas vezes libertada e serva.

Oh! que esse que o deitou de mim em volta,  
 Para jámais me desprender, não diga:  
 Outro asylo demanda, mulher sôlta,  
 Que de andar vagabunda és só amiga.  
 Não; compassivo acolha a minha volta,  
 E me receba na prisão antiga.  
 Assim Herminia; e ambos conversando  
 Vão a par, dia e noite caminhando.

Vafrino, abandonada a usada via,  
 Busca trilho mais curto ou mais seguro.  
 Chegam junto a Sião quando descia  
 O sol, tornando o céu no oriente escuro.  
 Vêm que sangue o chão enrubescia,  
 E um guerreiro depois de sangue impuro,  
 Que, distendido, o transito embarça;  
 Para o ar vira o rosto, e extincto ameaça.

Ser pagão no vestir denunciava,  
 E nas armas; além passa o escudeiro.  
 Mas d'hi a pouco n'outro reparava,  
 Que jazia tambem como o primeiro.  
 Este é christão, Vafrino em si pensava.  
 Escuro o traje! Sel-o-ha? Ligeiro  
 De cima do corcel se precipita;  
 Examina-o; e é Tancredo morto, grita!

Parára para olhar attentamente  
 O guerreiro feroz a desgraçada,  
 Quando pela voz triste cruelmente  
 Do coração no fundo é traspassada.  
 Ao nome de Tancredo, velozmente  
 Corre fora de si e delirada,  
 E, a fronte ao encarar livida e bella,  
 Não desce, não, atira-se da sella.

Sobre elle infindo pranto afflicta chóra;  
 E em suffocados sons a dor soltando:  
 Em que tempo a fortuna enganadora  
 Me traz aqui! Oh! quadro miserando!  
 Tancredo, pude emfim achar-te agora;  
 Torno-te a ver, e não me vês chorando;  
 Não me vês de tí perto; e posso ver-te,  
 Mas para eternamente só perder-te!

Misera! quando é que eu imaginara  
 Que a meus olhos serias desgostoso!  
 Se para te não vês Deus me cegara,  
 Quê dita! nem fital-os em tí ousou.  
 Ai! onde a luz dos teus tão doce e avára?  
 Onde está o seu brilho tão formoso?  
 Onde estão do teu rosto as vivas cores,  
 Sua serenidade, e seus primores?

Mas quê? mesmo qual és eu de tí gósto.  
 Alma gentil, se estás no corpo d'elle,  
 Se ouves o choro que me banha o rosto,  
 Perdôa o arrojô, o furto; amor m'impelle.  
 Os beijos, que esperei colher com gosto  
 Da bocca fria que o viver expelle,  
 Quero roubar, para que d'esta sorte  
 Tambem te roube em parte á lei da morte.

Bocca piedosa, que durante a vida  
 Costumavas as magoas abrandar-me,  
 Deixa antes de chegar minha partida,  
 Com um teu caro beijo consolar-me.  
 Talvez então m'o deras, se atrevida  
 Fosse em pedir; nada hoje podes dar-me!  
 Deixa abraçar-te, e que a teus labios chame  
 Meu espirito, e n'elles o derrame.

Recolhe esta minh'alma que te segue;  
 Leva-a para onde a tua se partiu.  
 Suspirando assim disse á pena entregue,  
 E de lagrimas toda se cobriu.  
 Elle, o calido humor como lhe chegou  
 A face, os debeis labios entreabriu,  
 E, inda os olhos fechados, um gemido  
 Desprendeu com os d'ella confundido.

Gemer escuta a dama o cavalleiro,  
 E, ao escutal-o, se consola um tanto.  
 Abre os olhos, Tancredo; o derradeiro  
 Dever te pago, exclama, com meu pranto.  
 Attenta em mim; serei teu companheiro  
 No transitio fatal, ó meu encanto;  
 Attenta em mim; não fujas tão depressa;  
 Será a extrema coisa que te peça.

Abre os olhos Tancredo froixamente,  
 E logo os cerra. A desditosa chora.  
 Vive; cuidemos d'elle; inutilmente,  
 Vafrino diz, é lamental-o agora.  
 N'isto o desarma; ella com mão tremente  
 O ajuda, e, de remedios sabedora,  
 Depois de as chagas estudar experta,  
 Sente que a esp'rança de o salvar desperta;

Porqué o mal da fadiga só provinha,  
 E do abundante sangue derramado.  
 Como para o pensar um véu só tinha,  
 E em logar se encontrava ermo e apartado,  
 Amor por artes novas encaminha  
 A sua compaixão e o seu cuidado:  
 Com o cabello, que de si arranca,  
 As feridas enxuga, aperta e estanca;

Que o véu chegar para isso não podia,  
 Tenue e de proporções mui resumidas;  
 E, pois nem croco, nem dictamo havia,  
 Profere as phrases magas bem sabidas.  
 Eil-o que a vir a si já principia;  
 Eil-o ergue o vago olhar, logo que ouvidas;  
 Já o escudeiro reconhece, e a dama,  
 Curva sobre elle, a vista já lhe chama.

Vafrino, como aqui vieste e quando?  
 E tu quem és, ó medica piedosa?  
 Ao que ella, incerta e alegre suspirando,  
 Rubro o semblante, como fresca rosa:  
 Saberás tudo; medica, te mando  
 Calar agora; de descanso gosa.  
 Terás saúde; a paga me prepara.  
 E a cabeça do heroe no collo ampara.

Entretanto Vafrino como ó leve  
 Antes da noite aos arraiaes pondera;  
 Porêm guerreira força chega em breve  
 Que elle conhece de Tancredo era.  
 Estava junto d'este, quando teve  
 Começo com Argante a lide fera;  
 Por seu chefe ordenar, o não seguira,  
 Mas procurou-o, mal detença vira.

Varios se afadigavam n'esta empresa,  
 Até que o vão achar em tal estado.  
 Um assento dos braços com presteza  
 Arranjam para ser d'alli levado.  
 Disse Tancredo então: dos corvos presa  
 Ha de Argante ficar abandonado?  
 Ah! não se prive, não, bravo tão digno  
 De sepultura e do louvor condigno.

O seu corpo já morto e emmudecido  
 Eu não guerreio; pereceu qual forte;  
 Pelo que este meu preito lhe é devido;  
 Nem outro preito resta além da morte.  
 Assim, sendo por muitos soccorrido,  
 Faz que Argante após elle se transporte.  
 Vafrino vae ao lado da donzella,  
 E toma por encargo protegê-la.

Mais determina o principe: á cidade,  
 Não á minha barraca, ir-me pretendo;  
 Se acabar, será onde á humanidade  
 Deus se sacrificou, na cruz soffrendo.  
 O caminho da eterna f'licidade  
 Talvez que eu facilite, alli morrendo.  
 D'est'arte perfarei o santo voto,  
 E o meu projecto cumprirei devoto.

Para Sião conduzido, em mole cama  
 O põem, e em somno ca'e brando e quieto.  
 Vafrino, não distante, para a dama  
 Escolhe asylo incognito e secreto.  
 Depois procura o chefe, que o céu ama,  
 E sem demora entra, inda que objecto  
 Importante em conselho este tratasse:  
 Da guerra o curso; e os votos ponderasse.

Godefredo na borda se assentava  
 Do leito onde doente era Raymundo;  
 Como nobre corôa, o rodeava  
 Quanto de arrojo e de pensar fecundo  
 O exercito christão em si contava.  
 Fala o donzel; reina silencio fundo:  
 Senhor, como por ti me foi prescripto,  
 No campo entrei do capitão do Egypto.

Mas com ouvir a relação immensa  
 De quantos vi armados tu não contes;  
 Só direi que ao passar era tão densa  
 A multidão, que enchia o plaino e os montes;  
 A terra, inda que seja a mais extensa,  
 Despoja; secca rios, secca fontes;  
 Toda a agua que encontra não lhe basta;  
 Quanto a Syria produz depressa gasta.

Porêm dos de cavallo, e dos infantes  
 Em parte são inuteis as fileiras,  
 Pois, indisciplinados, ignorantes,  
 Não te'm ferro, e só frechas traiçoeiras;  
 Comtudo alguns guerreiros ha prestantes  
 Que da Persia seguiram n-as bandeiras;  
 E talvez inda é hoste de mais fama  
 A que a hoste immortal do rei se chama.

Nomeia-se immortal, porque de feito  
 Jámais falta no numero padece.  
 Se algum succumbe, sem detença eleito  
 Outro no seu logar logo apparece.  
 Rege Emiren as forças, cujo peito  
 Eguaes bem poucos ou nenhum conhece.  
 Encommenda-lhe o rei por qualquer arte  
 Que a peleja campal busque chamar-te.

Creio que dias dois apenas tarde  
 A estar aqui o exercito contrario.  
 Tu, ó Reynaldo, que o valor te guarde  
 A frente do desejo sanguinario.  
 Contra ella a espada afia, e em raiva arde  
 Quanto ha forte no campo e temerario,  
 Porque a si mesma se propõe Armida  
 Em recompensa ao que te corte a vida.

Vem entre os seus campeões o illustre persa  
 Altamoro, que é rei de Samarcanda,  
 E Adrasto o giganteu, que onde dispersa  
 A aurora as rosas grande reino manda,  
 Homem de condição dos mais diversa,  
 Que só no dorso de elephantes anda;  
 E tambem o soberbo Tisaferno,  
 Que geralmente frue gabo superno.

Assim se exprime; e o joven decidido  
 Fogo lança dos olhos indignado;  
 Já com os inimigos envolvido  
 Quizera estar; nem se refreia irado.  
 Após Vafrino ao capitão: sabido  
 Pouco tens no por mim noticiado:  
 Hão de as armas de Judas, em resumo,  
 Contra ti empregar-se, ó chefe summo.

E o que a conjuração horrenda esconde  
 Refere longamente por miudo:  
 As armas falsas, como o ouviu e onde,  
 Promessas, premios, o veneno, tudo.  
 Muito perguntam; muito elle responde;  
 Fica o congresso breve tempo mudo;  
 Diz então Godefredo ao egregio velho:  
 Que devemos fazer? qual teu conselho?

Torna este: de ámanhan co'os resplandores  
 Julgo que já não cumpre o assalto dar-se,  
 Mas na torre apertar os defensores,  
 Por que d'alli não possam desviar-se;  
 E repousemos nós para os maiores  
 Feitos, em que ha de a hoste aventurar-se.  
 Depois espera, se isso mais te agrada;  
 Ou ataca o inimigo á mão armada.

Comtudo, eis minha opinião: primeiro  
 Em salvo pôr os dias teus procura;  
 Comtigo vence o exercito guerreiro;  
 Sem ti quem o dirige, e o assegura?  
 Por descobrir o bando traiçoeiro,  
 Muda de teus soldados a armadura.  
 Assim te deve desvendar o engano  
 Quem escondido o traz para teu damno.

Volve-lhe o capitão: és meu amigo;  
 Móstral-o, como sempre, e sabia mente;  
 Mas, acabando o que apontaste, digo:  
 Do Egypto marcharemos contra a gente.  
 Dos vallos e dos muros ao abrigo  
 Não fiquem os senhores do Oriente.  
 D'esses impios as armas arrostemos  
 Em campo aberto, e á luz do sol pugnemos.

Do nosso nome só ante a grandeza  
 Tremerão, e ante o nosso atrevimento;  
 Cahirá toda a sua fortaleza,  
 Do nosso imperio estavel fundamento.  
 Ha de entregar-se a torre, ou, se defesa  
 Tentar, tomal-a-hemos n'um momento.  
 N'isto se parte o heroe; já declinavam  
 As estrellas, e ao somno convidavam.

EST. CXXVIII a CXXXI.

---

## CANTO XX

Já os mortaes á lida o sol chamava,  
 Já dez horas corrido tinha o dia,  
 Quando a força, que a torre povoava,  
 Sombra confusa ao longe descobria,  
 Que nevoa em fria tarde semelhava.  
 Ser o exercito amigo emfim já via.  
 Sob elle oiteiros, campos desaparecem,  
 E os céus co'o pó cerrado se escurecem.

EST. I.

Então levantam bellicosa grita  
D'entusiasmo os cercados combatentes.  
Com tal rumor de grous turba infinita  
Deixa os campos da Thracia, quando algentes,  
E a mais suaves climas precipita  
O vôo, dando gritos estridentes.  
É que o soccorro proximo já prompta  
Lhes torna a mão e a lingua para a affronta.

Bem o motivo os francos suspeitaram  
Donde tamanha audacia origem tinha;  
E, olhando de alta parte, divizaram  
Do Egypto a hoste, que avançando vinha.  
Logo todos briosos se animaram;  
Todos a lide anceiam; já se apinha  
A altiva mocidade, e n'um só grito  
Clama: o signal, ó capitão invicto.

Mas antes do sol novo não concede  
Batalha o chefe, e os seus faz que se enfriem;  
Até em correrias lhes impede  
Que o inimigo instaveis assalteiem.  
Tanto labor, ajunta, um dia pede  
Em que os corpos cansados se recreiem.  
Talvez queira tambem que essa tardança  
Nos contrarios infunda confiança.

Cada qual fervoroso se prepara  
Da luz a volta sôfrego esperando.  
Nunca o ar tão formoso se mostrára  
Como ao nascer o dia memorando.  
Sorri-se a aurora festival e clara,  
Como que o rei dos astros imitando;  
Dobra o céu o esplendor; a gran peleja  
Sem véu algum presenciar deseja.

Godefredo, a manhan mal é nascida,  
Move-se com o exercito ordenado;  
Mas a guarda do rei deixa incumbida  
A Raymundo, e ao povo baptizado,  
Que da terra viera á Syria unida  
Ajudar quem no havia libertado;  
Ao qual, por que de gente mais disponha,  
Alguma addiciona de Gasconha.

Marcha; e todos lhe notam no semblante  
O annuncio de vencer a christandade;  
Sua graça lhe presta o céu, brilhante,  
Ornando-o de não vista majestade;  
Ennobrece-lhe o gesto; á scintillante  
Frescura o restitue da mocidade:  
E no olhar e no corpo soberano  
Mais ser parece do que um ente humano.

Em pouco tempo chega onde o imponente  
 Arraial do descrido se assentava,  
 E se apossa de um monte, diligente,  
 Que á retaguarda e á esquerda lhe ficava;  
 Depois no plaino a hoste, larga a frente,  
 E delgados os flancos, desdobrava;  
 Cobre os peões no meio; e de uma força  
 De cavallos os lados lhe reforça.

Na ala sinistra, que se achava perto  
 Do oiteiro já tomado, que a protege,  
 Colloca um e outro principe Roberto;  
 Commandante do centro o irmão elege;  
 A dextra, que occupava o campo aberto,  
 Principal nos perigos, elle rege,  
 A dextra, que o egypcio, pois havia  
 Mór. possança, envolver pretenderia.

Alli seus lotharingios, e os primeiros  
 Soldados põe tambem melhor armados,  
 Bem como alguns peões entre os archeiros  
 A cavallo, a esta pugna costumados;  
 Não distante depois de aventureiros  
 Um esquadrão, e de outros extremados.  
 A parte estes ordena no direito  
 Flanco; é d'elles Reynaldo chefe eleito;

Ao qual diz: móra em ti nossa esperança;  
 De ti pende de tudo o acabamento.  
 Meio occulto co'os teus aqui descansa  
 D'estas alas atrás té ao momento  
 De acercar-se o inimigo; então avança  
 Pela ilharga, e lhe frustra o pensamento.  
 Quererá, se o juizo meu não erra,  
 Girando, á espalda e flancos trazer guerra.

N'isto, a cavallo as filas revistando,  
 Voa entre os cavalleiros e os infantes.  
 Através da vizeira faiscando  
 Brilham-lhe o rosto, e os olhos fulminantes.  
 Uns conforta; outros firma; a outros lembrando  
 Vae as proezas praticadas antes;  
 A outros seu valor; a quem favores,  
 Premios promette já; a quem louvores.

Pára emfim onde em ordem se estendia  
 Do exercito o mais nobre, e o mais luzido,  
 E com discurso, que as razões prendia,  
 Principia a falar de sitio erguido.  
 Qual do cume de alpestre serrania  
 Se precipita o gelo derretido,  
 Taes corriam voluveis e velozes  
 Da sua bocca as sonoras vozes:



Dos inimigos de Jesus flagello,  
 Guerreiros vencedores do Oriente,  
 Eis o ultimo dia, vosso anhelô  
 De ha tantos tempos, eil-o ahi presente.  
 Seus contrarios uniu o céu; fazel-o  
 Não quiz de certo sem motivo ingente;  
 Determinou que aqui se congregassem,  
 Por que as guerras com uma se acabassem.

Muitas victorias n'uma colheremos,  
 Sem risco ter maior ou mais fadiga.  
 Não trepideis; nenhuma causa havemos  
 Para temer a immensã hoste inimiga.  
 Discorde dentro em pouco saberemos  
 Como a si se embaraça e se afadiga.  
 Poucos pelejarão, uns por defeito  
 De arrojo, a outros será o campo estreito.

Quasi todôs que contra nós pugnarem  
 Ve'm nús, carecem de arte e de bravura;  
 Para o ocio e escravidão abandonarem  
 Foi preciso violencia; d'esta altura  
 Gladios, pendões, escudos vacillarem  
 De mêdo já enxergo na planura,  
 E o dubio movimento e os sons incertos;  
 Vejo n'elles da morte indicios certos.

Esse, que, de oiro e purpura trajado,  
 Os seus dispõe, e tão feroz se ostenta,  
 Quiçá o moiro ou o arabe ha domado,  
 Mas contra nós seu brio o não sustenta.  
 Como procederá, posto assisado,  
 Em tanta confusão, tão turbulenta?  
 Dos que rege não é, qual me parece,  
 Bem conhecido, e raros só conhece.

Mas eu impero em vós, gente escolhida;  
 Socio vos fui no p'rigo e vencimento,  
 E vosso chefe na mavorcia lida.  
 De qual de vós ignoro o nascimento?  
 Que espada me será desconhecida?  
 Que setta, inda voando, n'um momento  
 Não distinguo, e não sei que braço a manda,  
 Se frecheiro francez ou se da Irlanda?

Pouco exijo de vós: á sémelhança  
 Cada um se porte do que já lhe hei visto;  
 O zelo haja que ha tido, e na lembrança  
 O que á sua honra deve, á minha, a Christo.  
 Ide; abatei dos impios a pujança;  
 Firmæ o reino do Senhor bemquisto.  
 Porque inda vos detenho em taes extremos,  
 Se no olhar vos descubro que vencemos?

Disse; e julgáreis que da azul saphira  
 Desceu sobre elle um raio de luz bella,  
 Como quando do manto negro atira  
 Estiva noite reluzente estrella.  
 Que este o sol enviou se presumira  
 Do seio, onde a mais pura chamma véla;  
 Creram alguns a fronte rodear-lhe,  
 E a corôa futura annunciar-lhe.

Talvez (se é dado o celestial mysterio  
 Lerem idéias do homem presumpçosas)  
 Foi o seu anjo, que baixou do ethereo  
 Chôro, e o cercou co'as azas luminosas.  
 Emquanto assim orou com brando imperio  
 Godefredo a suas gentes animosas  
 E as foi dispondo, as suas aprestara  
 O egypcio, e a pelejar as incitara.

O exercito postou, apenas viu  
 Marchar ao longe o franco preparado,  
 E, em arco, ao meio com peões, o abriu,  
 Pela cavallaria flanqueado.  
 A elle o direito lado competiu;  
 A Altamoro o sinistro foi marcado;  
 Governá a peonagem reunida  
 Muleiassem; no centro fica Armida.

Co'o chefe á dextra Tisaferno estava,  
 E Adrasto, e a regia hoste preeminente;  
 Mas onde o largo plaino facultava  
 A ala esquerda girar mais facilmente,  
 Altamoro os tyrannos commandava  
 Libyos, persas e os dois da Ethiopia ardente.  
 Fundas, arcos, balistas em gran furia  
 Farão d'aqui ao franco activa injuria.

D'esta sorte Emiren os seus ordena,  
 E lhes passa revista em marcio arreo;  
 Por si ou por interpretes á pena  
 E ao premio allude; louva e exprobra em meio.  
 De algum que os olhos baixa assim condemna  
 A fraqueza: de que é que tens receio?  
 Que póde um contra cem? Afugentados  
 Serão co'a sombra nossa, e os nossos brados.

A outro: ó valoroso, a gloria é certa;  
 Vâmos, recobra a presa a nós roubada.  
 No pensamento a algum tambem desperta,  
 E quasi que lhe mostra a patria amada,  
 Que afflicta pede, exora, e a triste e incerta  
 Supplicante familia lastimada.  
 Após termina: por meus labios fala  
 Tua terra natal; vem escutal-a:

Protege minhas leis; que meu profano  
Sangue não banhe os templos; assegura  
A virgem do furor do deshumano,  
E dos avós a cara sepultura.  
O grave ancião, do tempo o desengano  
Carpindo, de suas cans mostra-te a alvura;  
Mostra-te a meiga esposa o doce peito,  
Os filhinhos, o berço, o casto leito.

E a muitos: de sua honra defensores  
A Asia vos elegeu; viça a esperança  
Em vós de n'esses poucos roubadores  
Tomar cruel, justissima vingança.  
Assim previne os seus para os horrores  
Da lucta e lhes infunde confiança.  
Porêm de discursar os chefes param,  
Que os exercitos dois mal se separam.

Que spectac'lo! quando ambas as guerreiras  
Hostes se estão em frente contemplando!  
Como a postos se alongam as fileiras,  
De abalar, de atacar signaes já dando!  
Soltas ao vento ondeiam n-as bandeiras;  
Dos elmos vê'm-se as plumas meneando,  
Vestes, empresas mil, armas brilhantes,  
E ao sol o oiro e o ferro dardejantes.

É cada uma densissima floresta,  
Em tanta multidão de hastas abunda!  
Vibram-se os dardos; já se a lança enresta;  
Arma-se o arco; roda no ar a funda.  
Para a guerra o cavallo já se apresta,  
E o odio e o esforço do senhor secunda;  
Raspa; bate; relincha; altivo gira;  
Incha as ventas; e fumo e fogo expira.

Em tal quadro é o horror até formoso;  
Do temor um prazer brota secreto;  
O brado tão tremendo e sonoro  
Das trombetas é lêdo e fero objecto.  
O christão, posto menos numeroso,  
Mais admiravel é nos sons e aspecto;  
As trompas suas mais guerreiras chamam,  
E as armas luz muito maior derramam.

Sôa a trompa christan, e a guerra offrece;  
Responde-lhe o africano e acceita a guerra;  
Ajoelham n-os francos; viva prece  
Fazem a Deus; depois beijam a terra.  
No meio o chão já míngua; desaparece;  
Já com um inimigo o outro cerra;  
Já peleja feroz anda nos lados,  
E avançam n-os infantes apressados.

Entre os que ao infiel causaram damno  
 Em primeiro logar te distinguiste,  
 Gildipe illustre, que o famoso Ircano,  
 Que reinava em Ormuz, logo feriste,  
 (Essa honra a uma mulher o soberano  
 Céu permittiu) e pelo peito o abriste.  
 Tomba elle traspassado, e, succumbindo,  
 Ouve o feito os contrarios applaudindo.

Tendo quebrado a lança, com ventura  
 Empunha a dama varonil a espada;  
 Mette o corcel dos persas á espessura;  
 Abre; rareia as filas arrojada.  
 Partido quasi em dois pela cintura  
 A Zopiro na terra ensanguentada  
 Com uma cutilada, audaz supplanta;  
 A Alarco impio e feroz corta a garganta.

Artaxerxes e Argeu em pouco espaço  
 Fere; um derruba, o outro co'a morte pune.  
 Depois talha a Ismael do esquerdo braço  
 Os nervos, onde a mão a elle se une;  
 Deixa esta a redea e ca'e; sem embaraço  
 Sobre a frente ao ginete a espada zune,  
 O quál, vendo-se livre, pela turba  
 Armada foge rapido, e a perturba.

Estes e muitos mata, que em vetusto  
 Manto esconde do tempo a tyrannia.  
 Da gloria de a tomar no empenho justo  
 Juntam-se os persas, cercam-na á porfia;  
 Mas o esposo fiel treme de susto,  
 E vôa a soccorrer quem mais queria.  
 Assim ambos concordes alma cobram,  
 E na segura alliança as forças dobram.

Arte nova de guerra nunca ouvida  
 Empregam; nenhum d'elles se defende;  
 Antes, cada um esquece a propria vida,  
 E a conservar a do outro só attende;  
 Rebate os golpes a guerreira ardida,  
 Com que attingir o amado o infiel pretende;  
 Este as armas que a buscam firme apara  
 No escudo; até na frente as aparara.

Se a defesa é commum, da mesma sorte  
 É commum a vingança. Ao arrogante  
 Artaban elle faz descer a morte,  
 Então na ilha de Boecan reinante.  
 Lança em terra tambem com rijo corte  
 O que feriu a sua amada, Alvante.  
 Ella entre as sobranceiras a Arimonte,  
 Que vulnerava o esposo, parte a frente.

Fazendo mais estrago o rei famoso  
De Samarcanda os francos assolava;  
Que onde o corcel movia e o gladio iroso.  
Os cavalleiros e os peões prostrava.  
Quem logo alli morresse era ditoso,  
Porque assim peor lance não provava;  
Pois, se vivo é algum ao chão deitado,  
Calca, morde o cavallo, ao desgraçado.

Altamoro co'a dextra carniceira  
Brunelon mata, o forte, e Arduino, o grande.  
De um abre o elmo e a frente de maneira  
Que pende aberta para os lados; brande  
Contra o outro um golpe, e até onde a primeira  
Causa o rir tem e o coração expande  
O atravessa, de sorte, caso horrendo!  
Que a rir ficou, já sem querer, morrendo.

Nem a estes sómente dividiu  
O ferro matador do doce mundo,  
Porêm no mesmo fado reuniu  
Guido, Gentonio, Guasco e o bom Rosmundo.  
Quem contaria os que elle destruiu  
Com o corcel e a espada furibundo?  
Quem os nomes dissera aos mortos todos?  
Quem das feridas, quem da morte os modos?

Ninguem ha que ao pagão altivo affronte,  
Nem que distante ao menos o ameace;  
Gildipe só contra elle volve a frente,  
Sem vêr desigualdade. Com tal face  
Nunca amazona junto ao Thermodonte  
Se escreve que a bipenne manejasse,  
Ou abraçasse o ponderoso escudo,  
Como a bella atacando o persa rudo.

Colhe-o onde de esmalte e oiro brilhava  
Diadema por que o elmo era cercado,  
E lh'o espedaça e espalha; ao que elle a brava,  
Alta cabeça inclina violentado.  
De homem robusto o assalto semelhava;  
Treme d'ira Altamoro envergonhado;  
Porêm vingá-se prompto com corage,  
Porque a vingança vae após o ultrage.

Alcança a dama sobre a nivea frente,  
E uma f'rida lhe faz. Tão funda é ella,  
Que a priva dos sentidos totalmente,  
E, o esposo a não ser, perdera a sella.  
O infiel por nobreza de valente,  
Ou fortuna dos dois esquece a bella,  
Qual leão que despreza generoso  
Quem jaz por terra, e segue temeroso.

Ormundo emtanto, a cujas mãos damnadas  
 Incumbido se havia à trama impura,  
 Aos christãos, sob as armas simuladas,  
 Com os seus companheiros se mixtura.  
 Assim de noite os lobos as manadas  
 Buscam, occultos pela nevoa escura,  
 Fingindo que são cães, e artes empregam  
 De as investir, e a cauda ao ventre chegam.

Approximam-se já; já o africano  
 Proximo a Godefredo por-se intenta.  
 Este, nas cores do ajustado engano,  
 E nos signaes suspeitos mal attenta,  
 Grita: eis o vil, que para o tredo plano  
 De franco mostras falsas apresenta;  
 Eis já co'os conjurados me acomette.  
 Assim falando, ao perfido arremette,

E o fere mortalmente; elle, o refece,  
 Não fere; não se guarda; não recúa;  
 Fica de pedra, qual se em frente houvesse  
 Medusa; e fôra tanta a audacia sua!  
 Contra todos o ataque se embravece;  
 Mil gladios, lanças mil em furia crua  
 Os perseguem de modo tal e infestam,  
 Que sequer os cadaveres não restam.

De sangue hostile vendo a armadura aspersa,  
 Godefredo se atira aonde entrava  
 Das filas o mais basto o chefe persa,  
 E a turvação, e a morte lhes levava,  
 Tanto que, como subito dispersa  
 N'Africa o vento a areia, as dispersava;  
 Contra elle corre pois; os seus repre'ende,  
 E ameaça; a fuga susta, e o persa offende.

Então ambos duello principiam,  
 Qual não presenciou Ida nem Xanto.  
 Pugna pedestre n'outra parte haviam  
 Muleiassem e Balduino emtanto.  
 Também ao pé do oiteiro combatiam  
 Os cavalleiros; vel-os causa espanto.  
 Alli o chefe barbaro das gentes  
 Peleja, e traz consigo os dois potentes.

O impio chefe combate co'um Roberto,  
 Sem que no esforço mais do que este valha;  
 Do outro de igual nome o elmo aberto  
 Deixa o indio, e a armadura lhe desmalha;  
 Tisaferno não tem contrario certo;  
 Nem alguém que o eguale na batalha;  
 Acode onde é a multidão mais densa,  
 E leva a morte e a assolação na offensa.

Assim se combatia; balançavam  
 Temores e esperanças suspendidas;  
 Esmigalhadas lanças alastravam  
 O solo, e mil broqueis e armas partidas;  
 As espadas nos corpos se mostravam  
 Cravadas, ou por terra distendidas;  
 Quem supino jazia; quem volvendo  
 O rosto ao chão, como que o chão mordendo.

Jaz o cavallo do seu domno ao lado;  
 A par fieis e infieis pelejadores;  
 O morto sob o vivo sepultado;  
 Dos vencidos em cima os vencedores.  
 Não ha silencio, nem se escuta brado,  
 Mas rouco som de lugubres rumores,  
 Fremitos de furor, murmúrios d'ira,  
 Gemidos do que soffre, do que expira.

As armaduras, que tão lêdas eram,  
 Agora inspiram só terror, tristeza;  
 O aço e o oiro o resplendor perderam;  
 Já as côres não te'm vivaz belleza;  
 Os ornatos no sangue se envolveram,  
 Pizados pelos pés da guerra accesa;  
 E o que o sangue poupou cobre a poeira;  
 Tudo mudado está d'esta maneira.

N'isto os moiros, os arabes, e o bando  
 Ethiope, que juntos occupavam  
 A extrema da ala esquerda, desdobrando  
 Seu corpo, os francos tornear buscavam.  
 Já fundeiros, frecheiros, atirando,  
 Os christãos desde longe molestavam,  
 Quando á frente dos seus Reynaldo avança,  
 Terremoto ou trovão na semelhança.

A Assimiro de Méroe, que o primeiro  
 Era da raça ethiope, e o mais forte,  
 O negro collo feré sobranceiro,  
 E o deita em terra, victima da morte.  
 Apenas o appetite o cavalleiro  
 Com o sangue excitou por esta sorte,  
 Façanhas pôz em pratica famosas,  
 Impossiveis, tremendas, monstruosas.

Mais matou que feriu, posto frequente  
 Ferva dos golpes seus a tempestade.  
 Qual três linguas se julga que a serpente  
 Vibra, o que a ligeireza persuade,  
 Assim três gladios a assustada gente  
 Cria ver-lhe da mão na agilidade.  
 Crê o olhar o que é falso e se apresenta,  
 E o terror da apparencia a fé augmenta.

Uns no sangue dos outros os tyrannos  
 Da ardente Libya e os negros reis estende.  
 Dão nos mais seus guerreiros soberanos,  
 Movidos pelo exemplo que os accende.  
 Vilmênte sob os ferros deshumanos  
 Ca'e a plebe infiel, nem se defende;  
 Morticinio só é, e não combate;  
 Ais d'aqui, d'alli a espada que se abate.

Em breve as costas a voltar obriga  
 O mêdo; as turbas fogem tão levadas  
 Do pavor indomavel que as instiga,  
 Que sem ordem já vão e derramadas.  
 Mas não descansa o heroe sem que consiga  
 Serem inteiramente destroçadas;  
 Depois, por ter a dextra ménos fera  
 Contra os que fogem mais, o andar modera.

Qual o vento, que, se acha alta ramagem,  
 Ou algum monte, dobra ao sopro a ira,  
 Mas no campo, sem peias, meiga aragem  
 Parece, e brando e placido respira,  
 Qual o mar, que das rochas na passagem  
 Brama em cachões, e a voz com que bramira  
 Ao largo perde, livre, assim calmava  
 Reynaldo o ardor, quando fraqueza achava.

Depois que de empregar este indignou-se  
 A nobre mão na gente que fugia,  
 Contra a infantaria emfim voltou-se,  
 A que o arabe e o libyo antes cobria;  
 Mas descoberta agora ella encontrou-se;  
 É longe ou morto quem na ajudaria;  
 Flanquei-a pois co'os seus audaciosos  
 Cavalleiros no ataque impetuosos.

Lanças, estorvos rompe; o violento  
 Contraste vence; as filas entra unidas,  
 E as debanda e aterra; nunca o vento  
 Quebrou tão presto as messes sacudidas.  
 Junca-se n'um instante o chão cruento  
 De membros mil e de armas mil perdidas.  
 Corre a cavallaria abrindo praça  
 Sobre os corpos infrene, e ávante passa.

Chega o heroe 'onde em carro de oiro ornado  
 Estava Armida com marcial despejo;  
 Como guarda, cercava-a desvelado  
 Dos barões, dos amantes o cortejo.  
 Mal o avista, conhece logo o amado;  
 Olha-o a tremer de raiva e de desejo;  
 Elle muda o semblante um pouco ao vel-a;  
 Torna-se em gelo, após em fogo a bella.



Evita o carro o cavalleiro e avança,  
 Como se de outra coisa só cuidasse;  
 Oppõem-se-lhe os rivaes, e o não alcança,  
 Sem que primeiro alli pugna travasse;  
 Qual brande o ferro; qual abaixa a lança;  
 Té ella ajusta a setta; que atirasse  
 A colera ao seu braço aconselhava;  
 Mas, abrandando-a, amor o embaraçava.

Contra a colera o amor d'est'arte a prende,  
 O amor que na su'alma occulto fecha;  
 Três vezes por feril-o a mão estende,  
 E a tentativa por três vezes deixa.  
 Vence aquella afinal; o arco tende,  
 E a setta alada rapida desfecha;  
 O tiro vôa; porêm, mal o expede,  
 Que inutilmente vôe, afflicta, pede.

Quizera ella que a flecha, atrás volvendo,  
 Dentro do coração se lhe encravara.  
 Se, abandonada, é tal, como, o não sendo,  
 Mais a sua paixão patenteara!  
 Logo, de o desejar se arrependendo,  
 Recrudescelhe a furia, que tornara;  
 Assim receia e almeja que se empregue  
 A setta, e pelo ar co'a vista a segue.

Mas perda não foi; no curso prompta,  
 De Reynaldo acertar vae na coiraça,  
 Para seu pulso rija; e se desponta  
 Apenas, sem que damno algum lhe faça.  
 Elle as costas lhe vira. Por affronta  
 Armida o toma, e inflamma-se e ameaça;  
 Muita vez o arco embalde descarrega.  
 N'ella os tiros emtanto amor emprega.

Que impenetravel natureza a d'este  
 Barbaro, que de hostis golpes não cura!  
 O corpo fria pedra lhe reveste,  
 Comsigo diz, como su'alma dura?  
 Não ha olhar ou ferro que o moleste.  
 Que tão rigida tempera o segura!  
 E inerte eu sou vencida, e o sou armada,  
 Ou amante ou guerreira, desprezada!

Que artificio inda tenho? Em que diversa  
 Maneira ainda transformar-me posso?  
 Corre aos meus campeões a sorte adversa!  
 Ai! perdido é de todo o imperio nosso!  
 Tudo vejo ceder-lhe; e que os dispersa,  
 E lhes inflige o maximo destroço.  
 E na verdade muitos estendidos  
 Mortos via, e os restantes abatidos.

Não basta a defender-se ella sómente;  
 Já prisioneira se reputa e serva;  
 Nem confia, e as tem prestes, á mão tente,  
 Nas armas de Diana ou de Minerva.  
 Qual o tímido cisne, a que imminente  
 Desce a garra feroz da aguia proterva,  
 Se agacha e encolhe as azas, tal estava  
 Armida, e nos seus gestos o mostrava.

Mas Altamoro, que distante fôra  
 Té alli, e a hoste persa, que já vinha  
 Recuando ante a espada vencedora,  
 Bem a custo no posto, só, continha,  
 Avistando o perigo da que adora,  
 Corre, vôa em auxilio da mesquinha,  
 Sem da honra cuidar, nem da peleja.  
 Salve-se ella, e ruína o mundo seja.

O carro apenas defender lhe importa,  
 E co'o ferro caminho abre deante;  
 Mas é sua gente afugentada e morta  
 Pelo chefe e Reynaldo n'esse instante.  
 Conhece-o o desditoso, e se conforta,  
 Muito melhor, que capitão, amante;  
 A seguro logar Armida guia,  
 E ajuda aos seus vencidos dá tardia;

Que o exercito pagão d'aquelle lado  
 Irreparavelmente está perdido;  
 Porêm do opposto, o campo abandonado,  
 Os nossos as espaldas hão volvido.  
 A custo, o peito e o rosto golpeado,  
 A um Roberto escapar foi permitido;  
 Aprisionou Adrasto o outro Roberto.  
 Assim o estrago se librava incerto.

Então o ensejo proprio imaginando,  
 Reordena Godefredo os seus guerreiros,  
 E torna a entrar na lide. Já, marchando,  
 Ambos os esquadrões chocam-se inteiros,  
 Do sangue do inimigo gottejando,  
 Adornados de loiros e altaneiros.  
 Paira a victoria e a honra em cada parte;  
 Duvída entre elles a fortuna e Marte.

Emquanto aqui a pugna embravecia  
 Do christão e do egypcio, sem repouso,  
 Da torre ao cume Solimão subia,  
 Donde, como em theatro populoso,  
 Ainda que em distancia, descobria  
 A tragedia do mundo procelloso,  
 O horror da morte, os varios movimentos,  
 E do fado mudavel os eventos.

Não poude ver tal scena sem turbar-se;  
 Mas breve, a chamma interior accessa,  
 Ambicionou tambem no meio achar-se  
 Do perigoso campo na alta empresa.  
 Não tarda; põe o elmo; para armar-se  
 Faltava-lhe sómente esta defesa.  
 Sus! grita; não tenhamos mais demora;  
 Ou triumphar ou perecer agora.

Ou seja acaso que o saber divino  
 Tamanho arrojo inspire á sua mente,  
 Por que os restos do imperio palestino  
 Se acabem n'este dia totalmente,  
 Ou seja que o conduz o seu destino  
 Para a morte, que já chamal-o sente,  
 Impetuoso, célere descerra  
 A porta, e leva inopinada guerra.

Nem espera que acceitem os amigos  
 E socios o convite; sa'e só elle;  
 Afronta, só, mil juntos inimigos;  
 Só, mette-se entre mil, e mil repelle.  
 Acompanham-no os outros aos perigos,  
 E Aladino tambem; o exemplo impelle.  
 Mais de furor que de esperança cheia,  
 A alma do cauto e vil nada receia.

Os que encontra primeiro o turco forte  
 Prostra co'os rudes golpes imprevisitos;  
 Tão repentinamente vibra a morte,  
 Que cahir os que mata não são vistos;  
 Porém de voz em voz corre de sorte  
 O terror e os gemidos a elle mixtos,  
 Que os fiéis syrios já se revolviam  
 Em debandada e quasi já fugiam.

Não tanto soffre do terror o effeito  
 O gascão, do perigo avizinhado,  
 Que, em vão colhido subito, diréito,  
 A ordem guarda ainda e o posto honrado.  
 No redil ou nas aves d'este geito  
 Bruta fera ou abutre esfomeado  
 Jámais originou tamanho damno,  
 Como a espada fatal do ma'ometano.

Famelica e voraz ella parece  
 Fartar na carne e sangue a fome sua.  
 Aladino e o tropel que lhe obedece  
 Seguem-no, e esparzem mortandade crua.  
 Vê Raymundo sua gente que perece,  
 E do Sultão, que a vence, não recúa,  
 Posto conheça a dextra por que outr'ora  
 Elle offendido mortalmente fôra;

Antes, de novo o arrosta, e novamente  
 Ca'e, vulnerado onde o já tinha sido,  
 Culpa da idade só, que não consente  
 De taes golpes o peso desmedido.  
 Por cem gládios e escudos juntamente  
 É o ancião atacado e defendido;  
 Mas ávante o Sultão vae e o despreza,  
 Ou porque o julgue morto ou facil presa.

Lança-se contra os mais; e fere e talha,  
 E acções incríveis obra em pouco espaço.  
 Busca após outro sitio, onde a batalha  
 Dê novo pasto ao furibundo braço.  
 Qual de uma mesa a outra que mais valha  
 Dirige o homem famulento o passo,  
 Assim elle procura melhor parte,  
 Onde no sangue alheio a sêde farte.

Desce através dos derrocados muros,  
 E encaminha-se á lucta que o chamava,  
 O seu furor deixando aos seus, seguros,  
 Emquanto que aos christãos mêdo deixava.  
 Tentam aquelles com mil golpes duros  
 A victoria acabar que elle largava;  
 Oppõem estes pequena resistencia,  
 Que de fugida tem quasi apparencia.

Já, apartando-se, o gascão cedia,  
 E já da Syria a gente ia em revolta.  
 Perto era isto do tecto onde jazia  
 Tancredo, o qual a voz que a turbá solta  
 Ouvindo, sa'e do leito que o prendia,  
 Sobe a uma altura, move o olhar em volta,  
 E avista o conde em terra, e uns retirarem-se,  
 E os outros em tumulto dispersarem-se.

Não fraqueia o valor no generoso,  
 Bem que padeça o corpo quebrantado,  
 Antes, lhe incute espirito brioso,  
 Supprimindo a força e o sangue derramado.  
 Embrança impávido o broquel gravoso,  
 Para elle, inda tão debil, não pesado;  
 Empunha a espada, desnudado o corte;  
 Não precisa de mais; e d'esta sorte

Corre, e os soldados de Raymundo incita:  
 Onde ides, vosso chefe abandonando?  
 O quê! pois ha de a barbara mesquita  
 Das armas suas se adornar folgando?  
 Á Gasconha torna e ao filho, grita;  
 Do pae dizai-lhe o fado miserando;  
 Que morreu, que fugistes! Finda, e cobre,  
 Enfermo, os fortes com seu corpo nobre.

E co'o solido escudo e formidavel,  
O qual de coiros sete era composto,  
Havendo de aço fino impenetravel  
Forro a estes ainda sobreposto,  
O ancião acoberta veneravel,  
À sombra d'elle em segurança posto,  
E dos gladios e settas o defende,  
Emquanto o impio em roda expulsa e offende.

Sob o amparo seguro dentro em breve  
Se levanta Raymundo e animo aspira;  
Dupla chamma succede á côr da neve,  
Pois o córa a vergonha, e accende a ira.  
Com vista ardente um circulo descreve,  
Para encontrar aquelle que o ferira;  
Como o não ache, freme, e se prepara  
Nos seus a executar vingança amara.

Voltam os aquitanos sem tardança,  
E marcham do seu chefe em seguimento;  
Temem os que eram todos confiança;  
Aos que temiam passa o atrevimento;  
O ovante cede; quem cedera avança;  
Tudo assim variou n'um só momento.  
Raymundo em se vingar tem a mão prompta,  
E paga com cem mortes uma affronta.

Ao tempo que elle a colera indignada  
Desafogar nos principaes intenta,  
O usurpador da terra abençoada  
Entre os primeiros vê, que á lide o tenta.  
Fere-o na frente co'a fulminea espada;  
E mais uma e outra vez, não desalenta;  
Ca'e o tyranno, e em soluçar horrendo  
A terra onde reinou mordê morrendo.

Depois que um chefe é longe e outro sem vida,  
Dos que restam no centro do perigo,  
Quaes, ao modo da fera enraivecida,  
Sobre as armas se atiram do inimigo,  
Quaes procuram medrosos na fugida  
O conhecido, protector abrigo;  
Mas com estes penetra o victorioso  
Christão, e acaba o feito glorioso.

Rende-se a torre; o ferro aos que fugindo  
Pelas escadas vão prostra e descora.  
Raymundo, ao cimo d'ella então subindo,  
Empunha a gran bandeira vencedora,  
E, em signal de triumpho, ao vento a abrindo,  
Perante os dois exercitos a arvora.  
Visto estas coisas Solimão não tinha,  
Que andava longe, e para o plaino vinha.

Ao campo chega, o qual de sangue quente  
 Cada vez mais enrubescido ondeia,  
 Tanto, que a morte estar alli presente  
 Crêreis, que altiva o' reino seu passeia.  
 N'isto encontra um cavallo, que pendente  
 Traz a redea, e sem dono ter vagueia;  
 Deita-lhe a mão ao freio; monta-o logo;  
 Vôa sobre elle; fere a terra fogo.

Grande ajuda, mas breve e repentina  
 Leva ao lasso infiel amedrontado,  
 Grande e breve, qual raio que fulmina,  
 Sem se esperar, e some-se inflammado,  
 O momentaneo curso na ruína  
 Dos rochedos deixando memorado.  
 Mais de cem elle mata. Só a historia  
 De dois eu contarei para memoria.

Eduardo e Gildipe, a claridade  
 Do vosso feito, e a vossa desventura,  
 Se me é dado gosar a eternidade,  
 Farei que sejam de perpetua dura,  
 Por que vos mostre a mais remota idade  
 Como exemplo do amor e fé mais pura,  
 E algum fiel amante com seu pranto  
 Vos honre, e ao mesmo passo honre o meu canto.

Guia o corcel a ínclita donzella  
 Para onde Solimão destroça tudo.  
 Valentes golpes dois lhe atira a bella;  
 Fere-o na ilharga e lhe espedaça o escudo.  
 O cruel, pela veste ao conhecel-a,  
 Eis a amiga e o amigo diz sanhudo;  
 Melhor o fuso e a agulha te guardara,  
 Do que esse gladio e esse que te ampara.

Assim se exprime; e de furor já cheio,  
 Levanta e baixa logo a espada fera,  
 Que ousa, cortando o arnez, entrar o seio,  
 Que dos golpes de amor digno só era.  
 Ella, largando de repente o freio,  
 Empallidece, como se morrera.  
 Bem o vê o miserrimo Eduardo,  
 Infeliz defensor, posto não tardo.

Ao que ha de resolver-se? N'um instante  
 A doce piedade, e a ira o empenha,  
 Aquella a que auxilie a cara amante,  
 Esta a que do offensor vingança obtenha.  
 Amor não crê uma coisa só bastante,  
 E indifferente as duas não desdenha.  
 Sustenta a bella pois co'a mão sinistra,  
 E a outra faz de seu poder ministra.

Mas como assim, a força dividida  
 E a vontade, arrostar homem tão forte?  
 Não a sustem, nem logra no homicida  
 Vingar da que adorava a infausta morte;  
 Pois que de Solimão a espada erguida  
 Lhe corta o braço, apoio da consorte;  
 Ca'e Gildipe, não tendo onde se arrime;  
 E Eduardo após, e o corpo d'ella opprime.

Qual olmo, a cujo tronco corpulento  
 A videira tenaz se abraça e liga,  
 Que, se o prostra o machado ou rude vento,  
 Leva tambem consigo a planta amiga,  
 Com seu peso esfolhando-lhe o ornamento,  
 Pizando-lhe os racimos, e a que obriga  
 O triste fim da que morrendo o segue  
 Mais á dôr, que o destino que o persegue,

Assim ca'e elle, só chorando o fado  
 Da companheira, a quem os céus o uniram.  
 Tentam falar; mas é querer baldado;  
 Pois em vez de falar, ambos suspiram;  
 Olham-se; e, como os tinha habituado  
 Amor, juntam-se, emquanto não expiram;  
 Foge de ambos a um tempo a luz do dia,  
 E ao céu as almas vão-se em companhia.

A fama as azas solta em continente;  
 O caso narra e as atenções desperta.  
 Ouve-o Reynaldo; e ouve juntamente  
 De um mensageiro a nova inda mais certa.  
 Dever, affecto, indignação pungente  
 Levam-no a que em vingança se converta;  
 Mas do Sultão se lhe atravessa á vista  
 Adrasto, e lhe embaraça que o envista.

Pelos signaes, o rei feroz bradava,  
 És emfim o que eu tanto andei buscando,  
 Co'os olhos nos escudos que encontrava,  
 Todo o dia por ti em vão chamando.  
 Ao meu nume pagar meu voto anciava  
 Com a tua cabeça. Pelejando  
 Brio e rancor provemos, ó guerreiro,  
 Tu de Armida inimigo, eu cavalleiro.

Diz, e vibra-lhe ás fontes golpe horrendo;  
 Depois sobre o pescoço o ferro cala;  
 O elmo fatal não fende, não podendo;  
 Porém na sella com violencia o abala.  
 Baixa o gladio Reynaldo, e em fogo ardendo  
 Lhe abre ferida, que não ha cural-a.  
 Um só fendente o homem desmedido  
 Mata; assim finda o rei nunca vencido.

O pasmo, o susto, o horror, formando um mixto,  
 A multidão congelam circumstante.  
 O proprio Solimão, que o golpe ha visto,  
 Se perturba e desmaia no semblante.  
 O seu morrer bem claro então previsto,  
 Irresoluto fica e titubante,  
 Coisa insolita n'elle; mas a eterna  
 Lei n'este mundo o que é que não governa?

Como o insano, ou quem soffre de doença,  
 Que, em breve somno interrompido e lasso,  
 Querer correr apressurado pensa,  
 Porém que inutil é todo o cansaço,  
 Pois para que se mova e que se vença  
 Não no ajudam os pés, e o froixo braço,  
 E incognito poder faz se lhe extingua  
 A voz, se a tenta desprender a lingua,

Ao assalto correr assim quizera  
 O Sultão, e se excita; porém nada  
 Reconhece da raiva que uso era  
 Sentir, nem sua força tão provada.  
 Quantas faiscas n'elle o valor gera,  
 Tantas secreto mêdo torna em nada;  
 Sente a frente de idéias povoar-se,  
 Sem tratar de fugir, de retirar-se.

Ataca o vencedor ao duvidoso;  
 Vê-o este chegar, e lhe parece  
 Na ligeireza e cenho furioso  
 Que mais do que mortal se anima e cre'ce.  
 Pouco lucta; porém no doloroso  
 Transe o nobre costume não esquece;  
 Não geme, nem o corpo ao ferro esquivava,  
 Grande nos actos e a presença altiva.

Mal o Sultão, que vezes mil na guerra,  
 Qual novo Anteu, cahira e se elevára  
 Cada vez mais atroz, a rubra terra  
 Para não mais se erguer, emfim calcára,  
 A fortuna, que varia e instavel erra,  
 Fixa a victoria, que até allí vagara,  
 E, cessando dos vôos inconstantes,  
 Se alista sob os francos commandantes.

Do rei, como as demais, foge a cohorte,  
 Nervo da resistencia do Oriente.  
 Chamava-se immortal, e o extremo corte  
 Prova, mau grado o titulo eminente.  
 Ao que leva a bandeira d'esta sorte  
 Fala Emiren, e a fuga susta ardente:  
 Não és tu que por mim de toda a hoste  
 Para o pendão trazer eleito foste?



E foi-te para isto confiado,  
 Rimedon? Para o rosto assim voltares?  
 Deixas o chefe teu desamparado,  
 Covarde, da peleja nos azares?  
 Que desejas? salvar-te? vaes errado;  
 Fica; fugir é á morte caminhares.  
 Quem escapar quizer combata; a via  
 Da honra á salvação direito guia.

Torna atrás Rimedon, que o pejo córa;  
 Mais grave os outros Emiren repre'ende;  
 Já ameaça; já fere; a vencedora  
 Mão arrostando de novo os que elle offende.  
 Assim ordena muitos e avigora,  
 E a esperança inda o animo lhe incende;  
 Mas Tisaferno mais que tudo o animo,  
 Que não cede, e que a vida em nada estima.

Maravilhas obrara Tisaferno;  
 Destroçara os flamengos; dos normandos  
 Muitos matara; e dera ao reino eterno  
 Gerard, Gernier, Rugeiro, miserandos!  
 Após da eternidade ao ar superno  
 Chegar com esses actos memorandos,  
 Como se já viver pouco lhe valha,  
 Busca o maior perigo da batalha.

Reynaldo encontra: e, posto o aço brunido  
 O sangue esparso demudado houvesse,  
 E o corpo da aguia fosse enrubescido  
 N'uma parte, a armadura bem conhece.  
 Eis, diz elle, o perigo mais subido;  
 Aqui, ó céu, meu braço favorece.  
 Veja Armida a vingança desejada.  
 Voto-te do christão, Mahomet, a espada.

Assim pediu; porêem debalde orava;  
 Não lhe ouve Mahomet a prece viva.  
 Qual se açoita o leão com sanha brava  
 Para a fereza despertar nativa,  
 Tal incita o furor que o abrasava  
 Tisaferno, e do amor na chamma o aviva;  
 Une todo o vigor, punje o ginete,  
 E, fechado nas armas, acommette.

Vae contra elle Reynaldo valoroso.  
 Os que estão mais de perto abrem terreno,  
 Sedentos do espectaculo famoso,  
 Para os dois contendores, não pequeno.  
 É tão vario o combate e porfioso  
 Do guerreiro christão, do sarraceno,  
 Que todos do perigo se descuidam,  
 E de presencal-o apenas cuidam.

Mas um só fere, e o outro fere e estraga,  
 Mais forte, mais armado, e sempre certo.  
 De sangue Tisaferno o campo alaga,  
 Privado já do escudo e o elmo aberto.  
 Nota ao seu campeão a bella maga  
 N'este estado, de fridas mil coberto,  
 E que aos mais o terror de modo obriga,  
 Que já fragil prisão a custo os liga.

Por tantos n'outro tempo defendida,  
 Ora em seu carro é só, sem segurança.  
 Teme ser prisioneira; odeia a vida;  
 De vencer desespera e da vingança.  
 Apeia-se assustada e enfurecida,  
 E sobre um seu corcel veloz se lança.  
 Foge mas vão com ella o amor e a ira,  
 Quaes dois lebréus que no pensar nutrirá.

Cleópatra no seculo vetusto,  
 Só, da crúel peleja assim fugia,  
 Deixando a arcar co'o venturoso Augusto  
 Seu amante, que a este já cedia,  
 O qual, por ella a si tornado injusto,  
 Em breve as caras velas lhe seguia.  
 Tambem seguido Tisaferno houvera  
 Armida, mas Reynaldo o não tolera.

Tendo perdido o infiel a amada, fica  
 Do mesmo modo que se o sol transmonte,  
 E com o gladio ao que o detem replica  
 Desesperado, e lhe vulnera a frente;  
 Menos vigor emprega, se fabrica  
 O raio atroador o adusto Bronte;  
 O golpe temeroso é de tal geito,  
 Que o christão curva a frente sobre o peito.

Curva-a, e intrepido logo se levanta,  
 E vibra o ferro, o qual, rôta a coiraça,  
 Lhe entra as costellas, com braveza tanta,  
 Que ao coração, fonte da vida, passa.  
 Dupla ferida o corpo lhe quebranta,  
 Pois desde o peito ás costas o traspassa,  
 E ao fugitivo espirito mesquinho  
 Mais de uma estrada larga abre caminho.

Então Reynaldo victorioso pára,  
 Procurando onde ataque, ou onde acuda;  
 Mas os pendões do infiel todos prostrara  
 O franco, que mister não tem de ajuda.  
 Põe n'isto fim ás mortes que espalhara,  
 E o seu bellico ardor abranda e muda.  
 Socega, e, socegando, vem-lhe á idéia  
 Armida que fugiu de magoa cheia.

Que ora a ampare a piedade do guerreiro  
Manda, mandam-no as leis da cortezia;  
E lembra-se que ser seu cavalleiro  
Prometteu, quando d'ella se partia.  
Por onde a viu corrêr corre ligeiro;  
A pista do corcel lhe marca a via.  
Armida emtanto a um sitio chega escuro,  
Bom para, só, findar seu fado duro.

Áquelle val umbroso sente gosto  
De que a sorte os seus passos conduzisse.  
Alli, já desmontada, e já deposto  
O arco e as outras armas, infelice,  
O armas tristes, que coraes meu rosto,  
Que o sangue não provastes, ella disse,  
Minhas injurias consentis inultas;  
Deponho-vos aqui, jazei occultas.

Ah! mas de todas uma triumphante,  
Rubra, sequer não se verá em meio?  
Se os mais peitos vos são de diamante,  
Não ousareis atravessar meu seio?  
Eil-o nú; n'elle acção tendes brilhante;  
Vencereis; ataca-e sem receio;  
É brando, é fraco, aos golpes não resiste;  
Sábel-o tu, amor; sempre o feriste.

Ó armas, acaba-e-me, que a maldade  
E a passada fraqueza vos relevo.  
Pobre Armida, ai! a minha inf'licidade!  
Só a esp'rar salvação em vós me atrevo!  
Não tenho mais remedio; a crueldade  
Das feridas com outras sarar devo.  
Venha o ferro curar de amor a chaga;  
A morte seja só minha triaga.

Feliz, se a peste eu não levar que abrigo,  
E não for, morta, inficionar o inferno!  
Fique amor; venha o odio só commigo,  
Da minha sombra companheiro eterno;  
Ou volte á luz para habitar contigo,  
Meu impio zombador; saia do Averno,  
E mostre-se aos teus olhos tão terrivel,  
Que te interrompa o somno, e o torne horrivel.

Calou-se; e, firme assim seu pensamento,  
Escolhe a setta mais aguda e forte.  
Chega Reynaldo alli n'esse momento,  
E, achando-a perto já da ultima sorte,  
Já preparada para o negro intento,  
Já tinto o rosto do pallor da morte,  
Corre para ella, e por detrás segura  
A mão que o peito vulnerar procura.

Vira-se Armida; e, vendo-o inesperado,  
 Porque o não presentiu quando chegara,  
 Grita; desvia irrosa o olhar do amado,  
 E vae quasi a cahir, que desmaiara,  
 Como o lirio da foice mal cortado,  
 Dobrando a haste, porêm, elle a ampara;  
 Com um braço a sustenta; desaperta  
 Emtanto a veste que lhe o seio aperta;

E o bello rosto, e o seio da mofina  
 Banha com choro de alma generosa.  
 Como do orvalho á chuva matutina  
 Se aformoseia a desbotada rosa,  
 Assim ella ergue a fronte peregrina,  
 Do pranto de Reynaldo lacrimosa.  
 Levanta o olhar três vezes para o amante;  
 Abaixa-o vezes três no mesmo instante;

E com a debil mão ao forte braço,  
 Que a sustem pertinaz, se furta esquivá.  
 Embalde; quanto mais é seu cansaço,  
 Mais a segura o heroe, mais a captiva.  
 Fechada emfim n'aquelle estreito abraço,  
 Que inda talvez lhe é caro e o amor lhe aviva,  
 Posto o occulte, assim fala, baixa a face,  
 Sem que nunca para elle a vista alçasse:

Que te conduz aqui? És despiedoso,  
 Na volta como o foste na partida?  
 Vens-me roubar á morte, caridoso,  
 Tu, depois de me haver tirado a vida!  
 Vens salvar-me? A que mais de injurioso,  
 A que outras penas é guardada Armida?  
 Teus artificios, barbaro, eu entendo;  
 Mas que posso, se em vão morrer pretendo?

Defraudas tua gloria, se algemada  
 Não fôr no teu cortejo triumphante  
 Uma mulher captiva, abandonada  
 Por ti; esse o teu feito mais prestante.  
 Vida e paz te pedi outr'ora, amada;  
 É-me doce hoje a morte que hei deante;  
 Mas não t'a peço, não; se procedera  
 De ti, como execranda coisa a houvera.

Por mim mesmo, cruel, hei de livrar-me  
 Da tua feridade com certeza;  
 Posto não tenha laço ou não me arme  
 Com ferro ou com veneno, por ser presa,  
 Que eu morra não conseguirás vedar-me;  
 Dou graças ao auctor da natureza.  
 Deixa os afagos teus. Como acarinha  
 O falso, e illude a tenue esp'rança minha!

D'est'arte se carpia; e á lympha pura,  
 Que a raiva e amor aos olhos seus levava,  
 Affectuoso pranto elle mixtura,  
 No qual honesta compaixão brilhava,  
 E lhe responde co'a maior doçura:  
 Calma o peito onde a mágoa o espinho crava;  
 Não á mofa, á corôa te reservo;  
 Não sou teu inimigo, sou teu servo.

Em meus olhos confirmã o que te digo,  
 Se fé minha palavra não merece.  
 Juro de teus avós no solio antigo  
 Repor-te. Ah! se ao Senhor inda aprouvesse  
 Tua mente aclarar de um raio amigo,  
 Que o véu do paganismo desfizesse,  
 Tão alto no Oriente sublimara  
 Teu throno, que nenhum se lhe igualara.

Acaba; e á fala e á prece fervorosa  
 Une pranto e suspiros igualmente.  
 Como á neve do monte a luz radiosa  
 Obriga a desgelar-se, ou a brisa quente,  
 Assim perde ella a colera teimosa,  
 E co'os desejos seus fica sómente.  
 Eis tua escrava, exclama; auctoridade  
 Tens em mim; cumprirei tua vontade.

Emtanto o summo capitão do Egypto  
 O estandarte real em terra vendo,  
 E a um golpe só de Godefredo invicto  
 Ir ao chão Rimedon, e conhecendo  
 Que os seus fogem ou morrem no conflicto,  
 Não quer covarde ser no transe horrendo;  
 Mas busca, e acha em breve o que deseja,  
 Que por insigne braço morto seja.

De encontro a Godefredo o corcel vira,  
 Que inimigo não tem melhor, mais fero;  
 Por onde quer que passa, mostra a ira,  
 E do valor extremo o desespero.  
 Longe inda, e antes que o combate fira,  
 Brada: por tua mão morrer espero;  
 Porêem cahindo buscarei levar-te  
 Também commigo, e te esmagar, matar-te:

Então um contra o outro preparado  
 Altivo, em acto de brigar se lança.  
 É roto o escudo; e o braço desarmado  
 E após ferido ao capitão de França;  
 Um golpe ao infiel no esquerdo lado  
 Do rosto com tamanha força alcança,  
 Que o atordôa; e, antes que em si entre,  
 Ca'e em terra varado pelo ventre.

Assim deixa Emiren a vida cara.  
 Pouco existe do exercito vencido.  
 Godefredo o persegue, até que pára,  
 Vendo Altamoro a pé, todo tingido  
 De sangue, cuja espada se quebrara,  
 E elmo tambem, de lanças mil cingido;  
 Vê-o, e grita: cessae; e tu, guerreiro,  
 Rende-te a Godefredo prisioneiro.

O pagão, que humilhar a fronte nega,  
 Seja a quem for, por mais illustre e forte,  
 Mal ouve o nome que preclaro chega  
 Da abrasada Ethiopia ao frio norte,  
 As armas logo ao capitão entrega,  
 Dizendo: és digno de vencer-me; e a sorte,  
 Que de mim te concede esta victoria,  
 Te concede proveito, além de gloria.

Para me resgatar joias, riqueza  
 Possui minha mulher, meu reino oiro.  
 Volve o chefe: não sou por natureza  
 Cubiçoso de ter o metal loiro.  
 O que te vem da Persia, e a India préza  
 Reserva parâ ti; é teu thesoiro.  
 Por ti preço não quero pobre ou rico;  
 Vim combater na Asia; não trafico.

N'isto se cala e aos guardas o confia.  
 Depois segue o inimigo, que em procura  
 Vae das trincheiras; mas em vão fugia;  
 Encontra em vez de amparo sepultura.  
 Toma-se o campo; mortandade impía!  
 Rios de sangue inundam n-a planura;  
 Cobre o sangüé o despojo, e o luxo e a pompa  
 Da hoste barbara faz que se corrompa.

D'est'arte vence Godefredo; e tanto  
 Resta ainda do dia aos esplendores,  
 Que á cidade já livre, e ao templo santo  
 Do Salvador conduz os vencedores.  
 Sem que deponha o sanguinoso manto,  
 Entra n'elle co'os mais libertadores;  
 E alli suspende as armas, è devoto  
 O gran Sepulcro adora, e cumpre o voto.

EST. CXL a CXLIV.

FIM

# NOTAS





# NOTAS

## PROLOGO

Ensaio juvenil da minha musa—pag. v

Com effeito nos *Preludios poeticos* ha poesias da minha adolescencia. Vejam-se por exemplo, nas que teem data, as intituladas: *Que olhos*, *A cantora* e *Formosura*, compostas aos quinze, dezeseite e dezoito annos. Nas sem data encontram-se outras que não são posteriores.

Entre as edições de 1864 e de 1906 da *Jerusalem*—pag. vii

Pondo de parte as causas particulares do longo intervallo de uma á outra: doenças, mortes de pessoas estimadas, difficuldades de vida, com que não tenho o direito de tomar tempo aos leitores, e que para elles nada valem, mencionarei unicamente as litterarias, as quaes foram entre as obrigatorias: a collaboração de cinco tomos da obra *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo* (continuação da do mesmo titulo dada á luz pelo visconde de Santarem), e a de nove tomos da obra *Corpo diplomatico portuguez*, ambas sobre os negocios com a Curia Romana, e ambas subsidiadas pelo Governo e publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; e entre as voluntarias, não falando n'algumas menores: a edição critica (de 1879) d'*O hyssope*, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, precedida de um largo estudo sobre o auctor e o seu poema, e a *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV*, cujos materiaes existentes em varias bibliothecas e archivos do reino e de França, Hespanha e Italia procurei, colligi e aproveitei com improba fadiga, o que só por si me levou não poucos annos. No mesmo intervallo compuz tambem e estampei os versos que formam os volumes *Novas Poesias*, *Lampejos*, *Cambiantes*, e *Reflexos*.

---

## PRELUDIOS POETICOS

ALMEIDA-GARRETT—pag. 6

Foi composta esta poesia, digo eu em nota aos *Cambiantes* (primeira edição), logo em seguida á morte do grande poeta, acontecida a 9 de Dezembro de 1854, e logo depois (a 13) impressa no jornal *O progresso*, e tambem em folheto. Publicando, em 1857, os meus

*Preludios poeticos*, incluí-a ahí, dedicando-a a Alexandre Herculano. Hoje reimprime-se com a traducção que em 1856 fez d'ella o doutor Luiz Brignoli Junior. Esta reimpressão pode portanto considerar-se um novo preito a dois dos três vultos eminentes, que dominam e hão de dominar nas letras portuguezas do seculo dezenove como seus maximos cultores; e egualmente um tributo de saudade e agradecimento á memoria do traductor. Dei-me com Almeida-Garrett nos dois ultimos annos da sua vida; profunda impressão produziu elle na minha tenra adolescencia; muito senti a sua morte; guardo com amor as suas cartas; e conservo do seu talento, favores e delicadeza vivissima e gratissima lembrança.<sup>(1)</sup> Tive outrosim a honra de conhecer e tratar, posto menos, Alexandre Herculano. Mantive aturadas relações com o dr. Luiz Brignoli Junior, relações que me apraziam em extremo, porque este meu amigo reunia a um genio franco e attractivo bastante conhecimento da litteratura italiana, sobre que frequentemente conversavamos, concorrendo ás vezes em sua casa comnosco o fallecido conselheiro Antonio José Viale, que era n'aquella, assim como na portugueza, franceza e latina, versadissimo. Foi ahí que entrei em mais intimidade com este poeta (porque em portuguez, italiano e latim versificava com a maior correcção) e com este verdadeiro sabio, tão mal apreciado por muitos. De Luiz Brignoli conheço,

(1) Francisco Gomes de Amorim, no volume 3.º pag. 63o da sua obra — *Garrett, memorias biographicas*, relatando a doença a que fatalmente succumbiu o grande poeta, escreve:

«Falemos dos amigos. Nunca escassearam a João (assim trata o auctor Almeida-Garrett), durante a sua vida de lucta, de actividade e de gloria. Nos ultimos dias, não julgavam talvez que elle estivesse quasi desamparado. Alem de que, se acaso sabiam o seu verdadeiro estado, tinham tambem que attender aos proprios cuidados, achaques ou negocios. Quem é que os não tem, sobretudo em terra de egoistas, como esta! Raros offereceram sinceramente os seus serviços, que não foram acceitos: Felner, Mendes Leal, Epiphanio, Tasso, José Ramos-Coelho, poeta de talento, que João me apresentára; e poucos mais.»

Estas ultimas palavras obrigam-me a entrar em explicações a meu respeito, que, se não fossem ellas, seguramente calaria.

Conheci Almeida-Garrett, como acima declaro, nos dois ultimos annos da sua vida, n'uma quadra para mim bem triste, pois me achava só, desamparado no mundo, e sem experiencia d'elle, sem dinheiro, sem protecções, sem conhecimentos, sem posição, nem esperanza de adquiril-a, doente do corpo e ainda mais do espirito. Ora, apesar de tamanha reunião de contrariedades, o meu sonho doirado era (quanto póde a paixão e a mocidade!) publicar um volume de versos, fructo das minhas primicias litterarias, e que já estivera para estampar em diversas, posto não menos desfavoraveis, circumstancias. Enthusiasta das obras de Garrett, conhecedor por informações da sua benevolencia para com os que entravam na carreira das letras, e deseioso de obter meio de dar á luz o meu trabalho, escrevi-lhe pedindo-lhe o favor de o examinar; e elle respondeu-me sem demora, annuindo ao meu desejo. Procurei-o na casa em que então morava, sita na calçada do Salitre, n.º 18o (depois 334), e que ultimamente substituiram por um predio de três andares. O antigo tinha um apenas. Ahí encontrei Gomes de Amorim e ahí travamos relações. As que mantive com Rebello da Silva, Mendes Leal, e Felner foram posteriores e obtidas n'outros logares.

Eis a resposta de Garrett á minha carta:

«Ill.º Sr.

«Maio 15 (de 1852).

«Terei muito gosto de poder servir e ajudar a um companheiro nos trabalhos litterarios, que tem sido uma das principaes occupações, e certamente a mais agradável da minha vida. Confie-me V. S.ª o seu livro, e, depois de ter a satisfação de o ler, farei quanto esteja na minha mão, que não é muito, mas será feito da melhor vontade.

«Desculpe-me de não escrever por minha mão, porque tenho padecido muito d'ella e apenas posso assignar-me De V. S.ª m.º att.º v.ºr c.ºdo—*Almeida Garrett.*»

âlem d'esta traducção, uma poesia original italiana, em estrophes como as do *Cinque Maggio*, de Manzoni, á morte da filha de D. Pedro IV, a Princeza D. Maria Amelia. Por ventura serão estas duas obras os unicos testemunhos da sua aptidão poetica. Morreu ha muitos annos, na força da vida. Era formado em medicina, julgo que na Italia.

As mudanças que fiz á minha poesia foram poucas e quasi todas mais na forma do que na essencia; a versão portanto pouco soffreu com ellas, ficando quasi sempre apenas mais livre. Os versos precedidos de commas são de Garrett: o primeiro e segundo da *Lyrica de João Minimo*, pag. 237 e 262 (edição de 1858); os seis seguintes do *Camões*, pag. 200, 205 e 199 (edição de 1854); e o ultimo da *Lyrica de João Minimo* (dita edição), pag. 68.

Para os verdadeiros cultores das letras e para a maioria dos apreciadores do que é bom em poesia tornam-se completamente desnecessarias as notas ás allusões dos meus versos, quanto á vida e escriptos de Almeida Garrett; não assim porém para outros, e eis a razão por que as ponho aqui.

### O debil canto do Mondego ás margens—pag. 7

As mais antigas composições do poeta, feitas quando estudante na

Sobrescripto: «Ill.<sup>mo</sup> Snr. José Ramos Coelho.—Rua de S. Bento, n.º 250.—Almeida Garrett.»

A doença que só permittiu ao poeta escrever o nome e a subscrição era, se não me falha a memoria, um panarizio.

Em vista de tão delicado offerecimento, sujeitei á sua censura parte do manuscrito, e, havendo passado algum tempo, muito para a minha juvenil impaciencia e muito pouco para uma vida tão cheia de occupações, qual então era a de Garrett, recebi d'elle est'outra carta:

«Pedroços, junto á Torre de Belem—7 de Setembro (de 1852).

«Ill.<sup>mo</sup> Sr. José Ramos Coelho.

«Tenho recebido as suas cartas e hontem ultimamente, a que n'esse dia me escreveu. Mas deve perdoar-me não lhe responder, porque absolutamente me não foi possível. Trabalho immenso e maiores cuidados me teem opprimido o corpo e o espirito. Desde hoje começo a estar mais desembaraçado, e pedia-lhe que, antes de tudo, me fizesse favor de vir almoçar commigo ás 10 horas (minha hora costumada) em qualquer dia que não sejam 3.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> e sabbados; dias em que tenho obrigação de ir de manhan cedo para Lisboa. Os seus versos teem grande merecimento e verdadeira poesia em muitos. Valem muito a pena de alguns retoques de fórma exterior, que tomo a liberdade de lhe recommendar e que só á vista posso explicar-lhe.

«Creia-me porque o sou «De V. S.<sup>a</sup> muito affeiçoado e certo c.<sup>do</sup> e v.<sup>dor</sup>—Almeida Garrett.»

Entretanto o poeta não se descuidava de me procurar os meios de publicação da minha obra, e até se prestava a favorecel-a com uma honra que eu de certo não esperava, conforme resalta do que vae ler-se.

«Ill.<sup>mo</sup> Sr.

«Pedroços 22 de Setembro (de 1852).

«Hoje fui a Lisboa e em minha casa enfim achei o resto dos seus versos que restituo. «Pode mostrar esta carta ao meu amigo o sr. E. de Faria (Eduardo de Faria, então gerente, julgo eu, da typographia que é hoje do *Diario de Noticias*), na qual me comprometto a escrever o prologo promettido aos seus bellos versos. Mas é preciso que, á proporção que se forem tirando as folhas, m'as mande. De V. S.<sup>a</sup> m<sup>to</sup> att<sup>o</sup> v.<sup>dor</sup> e c.<sup>do</sup>—Almeida Garrett.

Universidade de Coimbra. (Na *Lyrice de João Minimo e Fabulas e Folhas cahidas.*)

Na rude senda a acompanhar de perto  
Filinto, .....—pag. 7

A maneira filintista de Garrett nos principios da sua carreira litteraria, evidente em muitas das suas poesias e no poema *D. Branca*, o qual até foi publicado por elle a primeira vez como obra posthuma de F. E. (Filinto Elisio.)

Ouvis? Que canto é esse que do Thamesis—pag. 7

Algumas das poesias que compoz em Inglaterra, quando emigrado, e sobretudo a que dedicou á morte de Riego. (Na *Lyrice de João Minimo.*)

Da lyra agora temperando as cordas  
até

Que do immortal cantor as cinzas guarda?—pag. 7 a pag. 8

O poema *Camões* composto no exilio, em França.

Mas o clarim ardente o incita á guerra,  
E, novo Alceu, entusiasta anima

Sobrescripto: «Ill.<sup>mo</sup> Sr. José Ramos-Coelho — 25o, rua de S. Bento.— (de Almeida Garrett).»

Uma carta por esse tempo endereçada pelo poeta a Eduardo de Faria, a meu respeito, que eu estava muito longe de pensar ainda existisse, e, existindo, que viesse um dia a gosar a luz da imprensa, guardava-a como reliquia, entre diversas de Garrett, o sr. Antonio de Portugal de Faria, sobrinho do destinatario, e por occasião do centenario do poeta sahio estampada no *Seculo*, n'um artigo que o nosso estimavel litterato, o sr. Joaquim de Araujo, dirigiu de Genova a este jornal, intitulado *Duas cartas de Garrett*. Uma d'essas cartas é a que fica acima; a outra (a de recommendação) é como segue:

«Ill.<sup>mo</sup> Sr. e meu amigo.

«5 de Junho (1852).

«Peço-lhe o favor de dizer a seu Pae que hontem lhe mandei pagar o que se achou com effeito que lhe era do stylo e uso devido, pelo quartel que lhe não satisfizeram.

«Vou pedir agora um obsequio. O portador, o sr. José Ramos-Coelho, é um joven poeta das maiores esperanças e que tem realmente fundo.— Elle quer publicar os seus versos e consultar sobre elles o juizo publico.— Eu sei decerto que a opinião não pode ser senão muito favoravel. Veja-os, falle com o A., e, se poder ser-lhe util e auxiliial-o, como decerto pode, creia que obriga muito a quem é De V. S.<sup>a</sup> Am.<sup>o</sup> verd.<sup>o</sup> e obrig.<sup>do</sup> —Almeida Garrett.»

Alem de virem no *Seculo*, vieram tambem as duas cartas no opusculo *Garrett em França*, publicado pelo dito sr. Antonio de Portugal de Faria em Paris, a proposito do centenario, e a ultima em fac-simile na *Revista moderna*, fac-simile de que por este me foi offerecido um exemplar.

Da minha obra chegaram a imprimir-se as primeiras folhas, que recebi e com o tempo vim a inutilisar; ficando por ahi, obrigado de novos e crueis golpes da fortuna e da necessidade de angariar o estrictamente preciso para sustentar-me. Muito poucas das suas composições entraram nos *Preludios poeticos*, impressos em 1857.

As visitas que fiz a Garrett foram quasi todas na casa da calçada do Salitre. De uma vez me lembrou que para estar mais agasalhado almoçava na sala; de outra que, ferido provavelmente por qualquer allusão politica, rompia n'estas ou em similhantes exclamações: poetas! o que valem poetas; poetas não servem para nada; e continuava adubando a pratica de ditos finos e mordazes contra pessoas e factos que me eram completamente desconhecidos; de outra que discreteava humoristicamente sobre as inconveniencias do casamento, a proposito do de um homem de letras, que então se effectuava ou estava

Da Terceira as phalanges.— pag. 8

As poesias do tempo da lucta civil, como as que teem por titulo:  
*A victoria da Praia, O juramento, etc.* (Nas *Flores sem fructo.*)

a liberdade agora

Coroa a lyra que a chamara á terra.— pag. 8

As que compoz a favor d'ella e se lêem na *Lyrica de João Minimo.*

Vêem Catão em Utica expirando;

Do afortunado Manuel os dias

Com Gil Vicente e Bernardim renascem;— pag. 8

A tragedia *Catão* e o drama *Um auto de Gil Vicente.*

Do gran Sousa

O feito nunca feito escripto fica— pag. 8

O drama *Frei Luiz de Sousa.*

Quem mais seguro nos abrija os cofres

Da tradição do povo?... — pag. 8

Ou feios casos de brutal fereza

Com delicada mão na téla borde... — pag. 8

para afeituar; de outra que me appareceu já vestido para sahir, e fomos juntos até á casa da rua de Santa Isabel, para onde se devia mudar, e que se preparava a seu gosto, parando elle disfarçada e amfudadamente nas subidas, por causa do seu máu estado de saúde, e não, segundo então imaginei, da animação da conversa; e de outra em que fallamos sobre as *Folhas cahidas*, cuja primeira edição acabava de publicar-se. Visitei-o tambem na casa de Pedroços, annuindo ao amavel convite da sua carta, e na casa da Junqueira, quando adoeceu da enfermidade que o levou á sepultura. Achei-o n'essa occasião abatido e desanimado, embora apparentasse uma certa despreoccupação, e recorde-me muito bem das següentes palavras que me disse: o peor foi não perder esta cabeça. Na casa nova da rua de Santa Isabel, para onde d'alli se trasladou, já bastante mal, nunca lhe falei; mas fui saber d'elle frequentes vezes, e, como diz Gomes d'Amorim, offereci-lhe em tão critica situação, qual a sua, os meus fracos serviços, que não foram, como não foram os de outros, acceltos.

Morto o grande poeta, escrevi e imprimi no jornal *O Progresso*, e depois em separado a poesia a que se refere a presente nota; fiz publicar no *Achivo Pittoresco*, servindo-me, de um desenho, que pedi a Joaquim Pinto Ribeiro Junior, a casa onde Garrett nasceu na cidade do Porto; e compuz a poesia intitulada ironicamente *Gratidão*, uma das que veem nos *Preludios poeticos*, indignado com a frieza do publico na commemoração do segundo anniversario de tão fatal perda, que se celebrou no theatro de D. Maria, e em que se representou uma das suas peças, a *D. Filippa de Vilhena*, a que não assisti, como desejava, por estar doente.

Ainda outro pequeno serviço prestei á memoria do grande escriptor, signal evidente, como todos, da minha admiração e do meu animo reconhecido, razões por que sobretudo aqui os lembro.

«Quando a companhia dramatica italiana do actor Rossi esteve em Lisboa por 1869, representando no theatro de S. Carlos, por conta do então emprezario sr. Campos Valdez, (lê-se no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, tomo 10, pag. 185, artigo João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett), desempenhou o drama *Fr. Luiz de Sousa*, traducção do sr. Vegezzi Ruscalla. Rossi executou o papel de Manuel de Sousa Coutinho e a actriz Casilini o de Maria de Noronha. Não pôde fazer-se perfeita ideia da execução d'essa obra prima do theatro portuguez e do insigne poeta, senão lendo as apreciações dos periódicos d'aquella época. A companhia italiana recebeu muitos applausos, e o desempenho de Rossi e de Casilini causou enthusiasmo indisciplivel. Os dois talentosos e celebrados artistas puzeram em favor do nome glorioso de Garrett e em honra do theatro nacional todos os recursos de que podiam dispor. Sua Majestade El-Rei o Sr. D. Luiz agraciou o actor Rossi em consideração ao modo como executara o *Fr. Luiz de Sousa*. Vejam-se principalmente os n.ºs 4:617, 4:618 e 4:619 do *Jornal do Commercio* de 21, 23 e 24 de Março de 1869.

«Neste ultimo n.º é referido, com minuciosidade, como o eminente Rossi viera a saber

bellas fadas,  
Espiritos do ar, crenças e usanças  
Do velho Portugal... — pag. 8

O *Romanceiro, Adoçinda, D. Branca.*

Quasi no extremo despedir da vida,  
Que sentido cantar inda modula,  
Como de joven coração?... — pag. 9

As *Folhas cahidas.*

As palavras que vão em italico são as que alterei para adaptal-as á minha poesia.

Pésa mais um punhal que uma cadeia?

É de José Frederico Pereira Marecos, conforme o proprio Garrett, diz na sua *Lyrica*, edição de 1829; o que depois, não sei porque, omittiram.

Com esta das *Obras* é a septima vez que se publica a presente poesia: no *Progresso*; em folheto; nos *Preludios*; nos *Cambiantes*; no *Occidente*, ao centenario de Garrett; e nas *Poesias* de Ramos-Coelho *vertidas*.

que existia no seu paiz uma traducção do drama de Garrett; e quaes as diligencias empregadas, primeiro pelo sr. Ramos-Coelho, depois pelo fallecido jornalista José Ribeiro Guimarães, para convencer o sr. Campos Valdez a que incitasse o actor italiano a fazer ensaiar e representar, antes de se partir de Portugal com a companhia, o *Fr. Luiz de Sousa*; e as duas ultimas recitas com que fechou o periodo da estada em Lisboa foram de tão brilhante exito, que o illustre Rossi confessara que se julgava bem pago do trabalho com os ensaios rapidos de uma peça nova, cujos effeitos não previra, e declarava que a incluiria no seu repertorio, e a daria em algum theatro da Italia.»

«No tomo 10, pag. 185, artigo João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, (diz o mesmo dictionario no tomo 13, pag. 376, artigo José Ramos-Coelho) referi-me ás diligencias empregadas pelo sr. Ramos-Coelho e José Ribeiro Guimarães para que o actor Rossi representasse o drama *Fr. Luiz de Sousa*. Convem explicar este facto, que é em extremo honroso para o sr. Ramos-Coelho e prova a veneração que elle dedicava a Almeida Garrett.

«A vinda de Rossi a Lisboa despertou no sr. Ramos-Coelho a ideia de fazer entrar no repertorio do afamado actor o celebre drama portuguez, para o tornar conhecido nos principaes theatros da Europa. Escreveu-lhe pois recommendado-lhe a conveniencia de represental-o, indicando-lhe a versão italiana do sr. Vegezzi Ruscalla, e, o que é mais, enviando-lhe para satisfazer o seu desejo, segundo manifestou em uma carta, o proprio exemplar com que o esclarecido traductor fôra presenteado (aliás: o presenteára). Note-se que Rossi nem sequer conhecia a traducção. Mas o tempo ia correndo; a partida do actor já não estava longe, e a peça não subia á scena. Foi então que o sr. Ramos-Coelho falou a José Ribeiro Guimarães nas difficuldades existentes, e que este instou com o sr. Campos Valdez, conseguindo-se afinal que o *Fr. Luiz de Sousa* fosse dado nas duas ultimas recitas.»

Esta vinda de Rossi a Lisboa foi a de 1868, e a resposta d'elle á minha carta é datado de 14 de dezembro d'esse anno.

Finalmente a estada do notavel actor Novelli ha tempo entre nós despertou-me a lembrança de o persuadir a fazer o mesmo que fizera Rossi; cheguei até a escrever-lhe; mas ou elle não recebeu a carta, ou não a tomou na consideração devida, para fugir talvez ao grande trabalho de ensaiar uma peça nova, demais a mais sendo aqui tão breve a sua demora; nem este negocio devia tratar-se sem o poderoso auxilio da imprensa, como eu já conhecia pela experiencia do passado.

De quasi todos estes factos publicos em jornaes e em livros soube Gomes d'Amorim; mas de nenhum fala, do mesmo modo que não fala de outros relativos a outros escriptores que se deram com Garrett ou sobre quem este exerceu influencia (haja vista Pereira da Cunha, Varnaghen etc.), porque na sua obra, aliás interessantissima, nos apparecem quasi sós na parte litteraria o auctor e o seu protagonista, como se o papel que representou n'ella tão grande poeta e reformador se pudesse comprehender bem assim isolado; o que digo, não por mim, que pouco valho, mas por quem vale mais do que eu.

## A DESPEDIDA DE CHILDE HAROLD—pag. 46

É para lastimar o comportamento de Byron com Portugal, quando no primeiro canto do *Childe Harold* o avaliou tão acre e falsamente, e mais ainda é para lastimar que n'isto influísse, como creio e muitos creêm, uma vingança descabida e mesquinha.

A mocidade dissipadora de Byron, e sua vida irregular são bem conhecidas, assim como as acusações que o alvejaram na Inglaterra em desabono da sua moral. Como nobre, a sua presumpção era excessiva, inconveniente, e mesmo ridícula, para o que veja-se, por exemplo, como tomou assento na camara dos lords, onde foi recebido com tanta delicadeza, á qual correspondeu com sobranceira e gracejos; como em Portugal, ou em Hespanha, estando n'uma sala com o Embaixador inglez, e, tendo ambos de passar a uma casa immediata, Byron o fez primeiro, sem lhe dar a porta, conforme devia; como entrou em questão em Constantinopola, tambem com o seu Embaixador, quando, despedindo-se este do Sultão e convidando Byron para a cerimonia da audiencia, na qual era costume serem acompanhados os ministros estrangeiros allí residentes pelos seus naturaes, o presumido lord não accitou o convite, por pretender que lhe fosse concedido logar á parte, caso que decidiu contra elle o Internuncio austriaco, para isso nomeado arbitro; e veja-se como desembarcou em Malta, onde não sahiu em terra senão quando de todo ficou desenganado da estulta esperança de o portó salvar á sua chegada, para o que a mandara annunciar ao governador da ilha. Não era menor a vaidade que Byron tinha dos seus dotes phisicos, pois sentia profundo e pueril desgosto de ser coxo, defeito de tal modo leve, que á primeira vista não se conhecia, mas que o levava a antipathizar com todos que o observavam. A estes dois capitulos de accusação junte-se o de ser vingativo em pequeno (assim o testemunhavam os collegas), no que, já depois de homem, se filia o seu procedimento com seu tutor e parente, o conde de Carlisle, um dos que elle criticou rudemente nos *Bardos inglezes* e *revisteiros escocezes*, por este não se lhe haver offerecido para ser seu introductor ao entrar na camara dos lords; e junte-se ainda a presumpção que o envaidecia n'aquella epocha pela recente victoria litteraria obtida com este escripto, em que teve occasião de desaforar a atra bilis e despeitos contra inimigos e até contra um amigo, como acabamos de ver.

Além d'isso, no tocante a Portugal, cumpre considerar que Byron esteve aqui só poucos dias e o desconhecia completamente e aos seus habitantes; que não conviveu com portuguezes, mas apenas com inglezes, n'este ponto pouco mais sabedores do que elle, e então soberbissimos com o auxilio que prestavam ao paiz, cujo estado era sobre maneira calamitoso: fugido o rei, a braços com a invasão franceza, baldo de recursos; que Byron contava então só vinte e um annos, e que não viu satisfeita a sua insaciavel vaidade com os obsequios que talvez de nós esperasse, pois a sua estada em Lisboa passou despercebida.

Podia pois ter sido desagradavel a Byron a breve permanencia em Portugal, mas d'ahi até romper nos excessos em que rompeu contra nós vae immensa distancia, a que é preciso achar motivo plausivel; e esse motivo, segundo a voz publica, e segundo alguns escriptores, foi uma questão com um bolieiro, ou não se sabe ao certo com quem,

de que lhe resultou ser offendido corporalmente. Não o diz Byron, e só que uma vez o assaltaram nas ruas de Lisboa, escapando, por estar armado, de o assassinarem. Mas, seja como for, a sua ira contra nós não se pôde deixar de attribuir a caso particular que muito o offendesse, o que bem provam, além dos seus versos no *Childe Harold*, as suas notas escriptas posteriormente, pois, n'uma só, de leve procura attenuar a má opinião que concebera dos portuguezes, cujo character julga melhorado por Welington! e n'outra aproveita o facto de Walter Scott ceder o producto da venda do seu escripto, *A visão de D. Rodrigo*, a favor da nossa causa e de nos elogiar, para nos offender novamente; e isto sem manifestar a minima admiração pelos actos de patriotismo e heroismo, que praticamos e tinham sido exaltados pelos proprios generaes inglezes, compartilhadores commosco dos triumphos contra a França.

E verdade que Lisboa então não era uma cidade limpa (as de Hespanha, Grecia e Turquia, por onde Byron andou não lhe ficavam superiores no aceio); é verdade que em Lisboa e no reino se gosava de pouca segurança, a qual não deve ser avaliada como Byron a avalia pelas cruzes que uma intenção piedosa levantava nos logares dos assassinios (quantas se veriam n'outros paizes, se n'elles houvesse o mesmo costume!); nem admira essa falta de segurança, attentas as circumstancias especialissimas em que viviamos, muito differentes das da Inglaterra, que, tendo bom governo e meios bastantes, protegida pelo mar e pelas suas esquadras, vinha, livre de alterações intestinas, combater o inimigo commum no continente da Europa, onde lhe serviu de porta e de terreno para vencel-o primeiro Portugal, e depois Hespanha, com o auxilio das duas nações peninsulares. Mas tambem é verdade que nem a falta de aceio de Lisboa, nem a falta de segurança n'ella e no reino, ainda que lhes coubessem as cores exaggeradas e falsas com que o poeta os pinta, explicam e desculpam o que elle disse contra Portugal não só n'estes pontos, mas até no do character dos seus habitantes, que rebaixou o mais possivel com palavras eivadas de viperino odio, emquanto nada disse contra outros estados que lhe poderiam excitar accusações semelhantes. E nem sequer uma simples referencia ao nosso glorioso passado, quando se enthusiasma tanto com o de varios paizes. Pois havia nada mais natural n'um inglez illustrado como era Byron, n'um filho da primeira nação maritima, do que exclaimar, falando de Portugal, e principalmente de Lisboa: d'aqui sahiram os descobridores de grande parte do mundo, d'aqui procedeu a grande revolução do commercio universal? Devia dizel-o, e então poderia notar, mas com termos decentes e commedidos, a decadencia e a infelicidade em que se lhe apresentou o reino já tão florescente e poderoso.

Este odio constante a Portugal, repito, com certeza nasceu de uma grave offensa particular, e porventura da que é voz constante.

Aqui vem a proposito um caso alguma coisa parecido ao nosso, e que corrobora a opinião. Já vimos como Byron ridiculamente pretendeu que á sua chegada a Malta as fortalezas lhe salvassem, para o que a mandou participar ao governador, e como ficou, dechahido da sua esperanza, ridiculamente desapontado. Além d'isto outro facto desagradavel lhe aconteceu na ilha: uma questão com um official, cujo resultado o seu silencio indica ter-lhe sido grave e penoso. Pois bem; sabeis o que fez Byron? Nem sequer falou em Malta no



*Childe Harold*, o que extranha o seu biographo John Galt, meu guia na presente nota; como extranha o que aconteceu com os dois Embaixadores, achando censuravel que elle se não referisse ao passado glorioso dos seus cavalleiros, e julga propositado, e vingança do poeta originada d'aquelles successos. E ainda Byron concedeu a Malta um favor, calando-se, porque podia injurial-a, como a Portugal.

Emfim acabarei esta nota com as seguintes palavras do seu biographo; teem aqui muito cabimento, e são em parte significativas para ella: «It was his Lordship's foible to overrate his rank, to grudge his deformity beyond reason, and to exaggerate the condition of his family and circumstances. But the alloy of such small vanities, his (attenção) caprice and feline temper were as vapour (não tanto assim) compared with the mass of rich and rare ore wich constituted the nucle of his brilliancy.» Hubhouse, poeta inglez que o acompanhou nas viagens e muito lhe aturou, accrescenta a este depoimento, segundo o mesmo biographo, que era preciso tratar a Byron como uma criança.

Friolo, soberbo e vingativo. Que mais se precisava para Byron, na idade fogosa e inexperiente dos vinte e um annos, rico, e victorioso da *Revista de Edimburgo*, desencadear as iras contra Portugal que não conhecia, e que o não conhecia, nem fez caso d'elle, e onde foi corporal e obscuramente offendido, conforme se assevera?

O fragmento do *Childe Harold*, a que se refere esta nota e os que adeante irão publicados traduzi-os a pedido de um entusiasta de Byron, e, posto já sahissesem á luz sem declaração alguma, julguei oportuno por-lh'a agora, para explicar a origem da minha obra, e para não suporem que sou insensível como portuguez ás injustas e desabridas accusações do seu auctor.

A despedida de *Childe Harold* imprimiu-se a primeira vez na *Revista peninsular*, n.º de Julho de 1856.

#### CAMÕES E A PATRIA—pag. 63

Pela sexta vez sahe esta poesia a publico, sendo a primeira nos meus *Preludios poeticos*, a segunda no livro intitulado *Sociedade Nova Euterpe—Tricentenario de Luiz de Camões—Discursos pronunciados em sessão solemne no dia 13 de Junho de 1880*, (Porto); a terceira na *Homenagem a Camões*, publicação d'algumas poesias minhas, feita á minha custa para commemorar o trigesimo decimo anniversario do fallecimento do poeta; a quarta nas *Leituras portuguezas* do sr. Adolpho Coelho; a quinta nos *Cambiantes*; e a sexta no presente volume. Na segunda vez soffreu algumas alterações.

#### GRATIDÃO—pag. 84

Foi composta por occasião de se representar no Theatro de D. Maria o drama *D. Filippa de Vilhena*, no segundo anniversario da morte do auctor, como já se disse.

### NOVAS POESIAS

#### A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO—pag. 89

O presente poemeto, escripto para o consorcio d'El-Rei D. Luiz I, foi então impresso na *Corôa poetica* (volume de verso e prosa des-

tinado a festejar aquelle fausto acontecimento), e depois nas minhas *Novas poesias*, nos *Lampejos* e nas *Poesias de Ramos Coelho vertidas*, com a traducção do dr. Solon Ambrosóli.

Alem da minha poesia, entraram na *Corôa poetica* as dos senhores: Antonio Feliciano de Castilho, Antonio da Silva Cabedo, Camillo Castello-Branco, Eduardo Augusto Vidal, Eusebio Asquerino (hespanhol), Gaetano Frascarelli (italiano), Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, J. P. Bianchi (italiano), José da Silva Mendes Leal, L. (Antonio José Viale, pois L. é a inicial de Lodi, appellido que tambem tinha), Manuel Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, e Luiz Breton y Védra (hespanhol). A prosa é de Luiz Augusto Rebello da Silva.

Tu que o digas, ó alma generosa,  
Ó guerreiro fatal e entusiasta,  
Que, sempre vencedor, foste vencido.

É referencia á acção em que Garibaldi foi obrigado pelas tropas do governo de Italia a desistir da sua tentativa sobre Roma.

É elle que vos ha de abrir as portas,  
Não com ferro, com ramos de oliveira,  
D'esta cidade, da futura côrte  
Do reino italiano, emfim de Roma.

N'esta parte o que succedeu foi muito diverso do que se esperava, pois a junção dos Estados pontificios não se fez pela vontade dos seus babitantes, mas pela invasão e occupação do exercito de Victor Manuel, com atropelamento de todos os direitos, e aproveitando o ensejo em que a Europa estupefacta e preocupada assistia á guerra gigante da Allemanha com a França.

Julgáreis nos seus tumulos de pedra  
Os seculos já mortos levantarem-se  
A confirmar o vaticinio augusto.

É magnifico o espectaculo que se patenteia aos olhos do pensador instruido desde o Capitolio até ao Colosseu por esse extenso campo de imponentes ruínas, que não tem equal, nem de longe parecido, em qualquer parte do mundo. No primeiro plano os templos da Concordia, de Vespasiano, de Saturno, o Portico dos Deuses, o arco de Septimio Severo; depois o Foro Romano e a Basilica Julia; depois os templos de Cesar, de Castor e Pollux, de Vesta, de Romulo; depois o Palatino, o arco de Tito; e no fundo o vulto grandioso do Amphitheatro Flavio (o Colosseu)! Quantos centenares de annos n'aquelles monumentos! Quanta majestade e quantos destroços! Com propriedade se podem chamar portanto aquellas ruínas, como chamei, tumulos dos seculos. Não ha logar nenhum que mais se preste á contemplação do philosopho e á imaginação do poeta; nem eu podia achar theatro mais estupendo para fazer apparecer a sombra de Carlos Alberto. Assim fossem os meus pinceis adequados á pintura de tão extraordinarias scenas, que conhecia dos livros, que vi depois com os meus proprios olhos, mas que, mesmo vistas e admiradas, se torna impossivel reproduzir devidamente.

Por occasião de se publicar a *Sombra de Carlos Alberto* na *Corôa poetica*, Antonio Feliciano de Castilho, que tambem n'ella collaborou, como vimos, dirigiu-me estas linhas, para mim de singular valor:

«Meu poeta

«Acabo de ouvir pela primeira vez, e fio-lhe que não ha de ser a ultima o seu poema inserto na *Corôa poetica* sob o titulo *A sombra de Carlos Alberto*. É bello sentir, pensar e escrever assim. Receba os meus sinceros parabens.

«De V. Ex.<sup>a</sup>

«Admirador e confrade muito affectivo

(a) *A. F. Castilho*

«Lisboa 9 de Outubro de 1862.»

Desculpem-me os leitores, se, inserindo aqui tamanho encomio a mim proprio, falto á modestia de que sempre me prezei; mas confesso que me é de tanto lenitivo n'uma época de completa indifferença e de confusa e deprimente egualdade litteraria, como a que vamos atravessando, que me não pude abster de tiral-o do silencio e escuridão, onde ha longos annos tem jazido.

Quanto á versão da *Sombra de Carlos Alberto* pelo doutor Ambrosóli, eis o que eu escrevo no prologo das minhas *Poesias vertidas*. Em 1900, a 14 de Março, inaugurou-se um monumento em Roma áquelle rei; e a commissão para isso nomeada estampou, a fim de memorar tão grande factó, um numero unico, na mesma cidade, collaborado por muitos escriptores distinctos italianos, e adornado de muitas gravuras da estatua e dos baixos-relevos do munumento, de retratos e medalhas de Carlos Alberto, de quadros e passagens allusivas á sua vida etc. (1). Ora uma das peças litterarias que entraram n'esse numero foi a traducção da minha poesia, que o doutor Ambrosóli fez expressamente para figurar ahí; mas, como o assumpto da original consiste no casamento d'El-Rei D. Luiz com a Rainha senhora D. Maria Pia, e como a fala de Carlos Alberto no Capitolio é na maxima parte dedicada a esse acontecimento, o doutor Ambrosóli aproveitou só o que se referia ao heroico rei da Sardenha e á Italia, com excepção de poucos versos, tornando-a assim propria e opportuna. Da mesma maneira se imprimiu separadamente na cidade de Milão em 1902, e em 1904 na de Leipzig, na collecção de poesias dada á luz por Morandi e Ciampoli sob o titulo de *Poeti stranieri scelti nelle versioni italiane*.

Na edição milaneza é precedida a versão da minha poesia por algumas linhas do traductor, que passo a transcrever.

«Questi versi, diz o doutor Ambrosóli, formano parte di un poemetto pubblicato nell' anno 1862, per le nozze del defunto Rè Luigi I di Portogallo con Maria Pia di Savoia, dall' illustre poeta ed erudito Ramos-Coelho, autore della *Historia do Infante D. Duarte*, e benemerito della Italia per le sue magistrali versioni della *Gerusalemme*

(1) Eis o titulo da obra e os seus collaboradores:

XIV Março MDCCCC—*Carlo Alberto*—*Scritti di Luigi Ferraris, Nicola Nisco, Tancredi Canonico, Raffaello Giovagnoli, Ernesto Masi, Giovanni Faldella, Guido Biagi, Giuseppe Bertoldi, Primo Levi, Luigi Felice Rossi, Enrico Pessina, Giuseppe Saredo, Pietro Chiamenti, Adolpho Venturi, M. C., Girolamo Dell'Acqua, Cecilio Fabris, Camillo Manfroni, Ruggiero Bonghi, Raffaeto Ricci, Gabriele Fantoni, Carlo Segrè, Alfonso Sansoni, Olimpia Savio, Giovanni Prati, Domenico Carutti, José Ramos-Coelho, Solone Ambrosoli*.—Roma—Coi Tipi dell'Officina Poligrafica Romana. (Numero unico publicato dal Comitato per il monumento in Roma)—4.<sup>o</sup> de 40 pag.

*liberata* e del *Cinque Maggio*. La presente tradução compare já nel numero unico *Carlo Alberto*, edito il 14 Marzo 1900, inaugurandosi il monumento in Roma; ora si ristampa, compiendo i quarant'anni dacchè si stringeva con quelle nozze un vincolo d'affetto tra le due Nazioni latine.»

Referindo-se a alguns dos assumptos mais importantes do numero, escrevem no prologo os srs. Guilherme Brenna e Dante Vaglieri: «Da tutto questo esce il vivo e profondo sentimento di italianità, che nel suo carme esprime il poeta portughese Coelho e che ne' loro articoli riassumano tre uomini venerandi, i quali richiamano l'epoca eroica del risorgimento, il decano del Parlamento italiano, senatore Ferraris, il senatore Canonico, il barone Nisco.»

Agora um reparo.

Nada havia mais natural e mais proprio n'uma publicação em que se trata dos principaes acontecimentos da vida de Carlos Alberto, como é este numero, do que aproveitall-a não só para dizer alguma coisa da sua estada em Portugal, mas tambem, e sobretudo, para, em lance tão solemne, patentear a gratidão da Italia pela maneira por que este rei estrangeiro, sem corôa, vencido e expatriado, foi acolhido entre nós de braços abertos, e tratado e honrado, como se fosse natural, durante a vida e depois da morte. Pois nada se diz. Reduz-se tudo á reproducção de uma lithographia, nada artistica, existente na Bibliotheca Real de Turim, que vem com o titulo: «Carlo Alberto esule a Oporto,» e o apresenta n'um campo, sentado n'uma pedra, com um papel que parece acabou de ler ou vae ler, na mão direita, e a cabeça descoberta, e ás séguintes linhas: «In un foglieto volante egli notò di per di i luoghi ove fece sosta la misteriosa carrozza che portava il conte di Barge (titolo com que Carlos Alberto viajou) nella lontana Oporto, termine dell'affanoso corso di ventisette giorni.» Segue-se o apontamento de Carlos Alberto, no qual ainda se nomeiam esta cidade e Vianna do Minho, e que aqui ponho por curiosidade.

«Départ de Novara le 24 à une heure et demie du matin. Le 26 à Antibes—du 27 au 28 à Beaucaire—le 29 à Toulouse—le 30 à Pezenas—le 31 à Tarbes—le 1.<sup>er</sup> avril à Bayonne—le 2 à S. Sebastien—le 3 à Tolosa—le 4 à Miranda—le 5 à Torquemada—le 6 à Rio Seco—le 7 à Leon—le 8 à Cubillo—le 9 à Lugo—le 10 à la Corogna—le 11 à Santiago—le 12 à Pontevedra—le 13 à Vigo—le 16 à Valenza—le 17 à Viana—le 18 à Poa (*sic*)—le 19 à Oporto.»

Não posso como portuguez e homem de coração deixar de fazer aqui o meu vivo protesto contra silencio tão inqualificavel a nosso respeito.

A casa em que esteve Carlos Alberto em Vianna tinha, não ha muitos annos, n'uma parede interior uma inscripção commemorativa. Lá a vi. A casa era n'este tempo de umas senhoras chamadas Ervedosas, e n'ella me hospedei.

Acerca da vinda do Rei da Sardenha vêja-se a obra do escriptor Cibrario *Ricordi d'una missione in Portogallo al Rè Carlo Alberto*.

Agora algumas noticias ácerca do illustre traductor.

Solon Ambrosóli, doutor em leis, Inspector dos Museus do reino de Italia, Director do Gabinete Numismatico da Bibliotheca de Brera, em Milão, Professor aggregado de numismatica da Academia Scientifica Litteraria d'esta cidade, presidente da Sociedade Historica de

Como, é auctor das seguintes obras: *Poesie* (1880); *Versioni poetiche dalle lingue del Nord* (sueco, dinamarquez e dano-norueguez) (1881); *Breve saggio di un vocabolario italiano-islandese* (1882); *Poesie originali e tradotte* (1882); *Le medaglie di Alessandro Volta* (1899); *Un trait d'union numismatique entre la France et l'Italie* (1900); de muitos escriptos mais sobre varias moedas e medalhas romanas e italianas; da *Breve relazione di un viaggio ad Atene e Constantinopoli* etc. Para mais noticias veja-se o *Dictionnaire des écrivains du monde latin*, de Angelo de Gubernatis.

Já tinha composto esta nota (digo eu nas *Poesias vertidas*), quando infelizmente me veio a triste noticia da morte do dr. Ambrosóli. Foi para mim a sua perda um golpe muito sensivel. Conheci-o em Milão no tempo em que ahí estive consultando documentos para a minha *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'Elrei D. João IV*; conheci-o apenas nos ultimos dias de residencia n'aquella cidade; mas acolheu-me tão benevolamente e francamente, mas era de indole tão agradavel e prestimosa, que conservei sempre d'elle as melhores recordações. Carteamo-nos depois de eu voltar a Portugal, embora pouco, e em 1900 levou a sua bondade até traduzir em grande parte a minha *Sombra de Carlos Alberto* para o fim que já se disse. Nem se limitou a isto, porque então começou a verter uma outra minha poesia, como se vae ver do seguinte.

«Quando, nella primavera di quest'anno (escrevia-me elle em 7 de Outubro de 1900, do lago de Como) traducevo il suo *Carlo Alberto m'innamora* dell'altra sua poesia: *Recordação*; sia pei concetti che la informano, sia per il profumo di mare che l'attraversa e che mi ricorda così vivamente la mia giovinezza, il mio viaggio da Amburgo a Nuova York e da Nuova York a Marsiglia su di un bastimento a vela. E, quantunque le occupazioni, ond'ero (come ho detto) veramente oppresso, me lo vietassero, dovetti a viva forza incominciare a tradurla così:

Triste io redia da le straniere sponde,  
Senza casa redia nè genitor;  
Fanciul, ma stanco di lottar con l'onde  
Del mare e del dolor.

Ben lungo il viaggio fu; sin che una volta,  
In sul primo mattino, odo il gabbier:  
Terra di prua da l'elevata scolta  
Gridare al timonier.

Io corro alla murata; e i guardi intendo  
Avidi verso l'ultimo orizzonte;  
E a poco a poco sorgere scoprendo  
Dall' acqua o nebbia o monte,

Trasalisco di gioia...

«Ebbene, crede che abbia potuto continuare? neppure per sogno. E sì che p. es.:

«Rompe a aurora; o baixel navega rapido  
Entre lenções de espuma»

mi rammenta così dappresso una mia poesia incompiuta giovanile da sembrare l'espressione degli stessi, identici sentimenti:

Balza la nave; con l'ardita prora  
 Taglia i flutti che s'aprono spumosi;  
 Lontan biancheggia una falace aurora  
 Sovra i marosi.

«Soprattutto mi seducono quei passi:

.... «na falda quasi da montanha,  
 De solitario albergue  
 Para a abobada azul de fumo um rolo  
 Suavemente se ergue.

.....«no theatro  
 Da vida quantas scenas:  
 Sonhos, desillusões, risos, tristezas,  
 Anceios, gosos, penas!»

«Eppure, ripeto, non sono stato capace di proseguire, nè sò quando proseguirò, o se mai proseguirò!»

Ignoro se o dr. Ambrosóli continuou a traducção; que a não concluiu é quasi certo. Impediram-no as suas muitas occupações, a sua trabalhosa e incessante labutação quotidiana, e por ultimo a sua prolongadissima enfermidade, a que finalmente succumbiu. Entretanto apraz-me deixar aqui publico o fragmento da sua carta com os versos que chegou a compor, já que não posso fazel-o á traducção completa, fragmento e versos que para mim duplicaram de valor depois da sua morte.

A poesia a que se refere a carta acima é a que fica a pag. 221 d'este volume.

O dr. Ambrosóli, além do que deixou de traduzir da *Sombra de Carlos Alberto*, e se collige das linhas de pontos, omittiu outrosim, julgo que por escrupulo politico, o verso 3.º da pag. 91:

Não com ferro, com ramos de oliveira.

O CAHIR DAS FOLHAS—pag. 96

*La Chute des feuilles* foi antes de mim traduzida por Alexandre Herculano e tambem por Manuel Rodrigues da Silva Abreu. Vide *Panorama*, 1.º tomo, pag. 280 e *Instituto* (de Coimbra), anno de 1853. Para a minha versão servi-me das *Leçons de littérature française* de Noël e De la Place.

JOSÉ ESTEVAM—pag. 100

Quem presenciou o sentimento e o espanto que de repente se espalharam em Lisboa ao divulgar-se a fatal noticia da morte do grande orador, e quando tanto se esperava do seu amor á liberdade e da sua palavra inspirada, poderá comprehender estes versos, compostos no proprio momento, e debaixo da impressão de tamanha perda.

## A SETUBAL — pag. 106

Parece-me que é esta a vez oitava que os presentes versos vêem a luz da publicidade, sendo, além d'ella, três em varios periodos em jornaes de Setubal, uma nas minhas *Novas poesias*, outra no *Occidente*, vol. de 1895, outra no *Almanach* do mesmo de 1896, e outra nos *Reflexos*, em 1898. No *Occidente* mudei-lhes o titulo: *À Setubal para Voto*, e fiz-lhes algumas alterações. Agora restitui-os ao titulo primitivo.

## O JUÍZO DE PÁRIS — pag. 109

Foi escripta esta poesia a pedido de Antonio Feliciano de Castilho para a sua traducção dos *Fastos*, de Ovidio, e ahi vem entre as notas. Isto desculpa o assumpto.

## A GLORIA — pag. 115

Não me levarão a mal transcrever aqui parte do commentario que Lamartine pôz no fim d'esta ode.

«Cette ode est un des premiers morceaux de poésie que j'aie écrits, dans le temps où j'imitais encore. Elle me fut inspirée à Paris, en 1817, par les infortunes d'un pauvre poète portugais appelé Manoel. Après avoir été illustre dans son pays, chassé par les réactions politiques, il s'était réfugié à Paris, où il gagnait péniblement le pain de ses vieux jours en enseignant sa langue. Une jeune religieuse, d'une beauté touchante et d'un dévouement absolu, s'était attachée d'enthousiasme à l'exil et à la misère du poète. Il m'enseignait le portugais et m'apprenait à admirer Camoëns».

## Á QUESTÃO CHARLES ET GEORGE — pag. 120

Veja-se a nota á poesia *Ultraje e expiação*, da pag. 270.

## LIDÉ — pag. 121

D'esta poesia de André Chénier ha só este fragmento, que é o da fala de Lidé namorada de um pastor.

## A VASCO DA GAMA — pag. 140

Este soneto do grande cantor da *Jerusalem libertada*, embora endereçado a Vasco da Gama, sómente o é para exaltar o divino poeta que, celebrando os feitos dos portuguezes, soube tão admiravelmente grupal-os em torno ao da maxima importancia, o descobrimento da Índia. Por isso o dei na primeira edição das minhas *Novas poesias* como dirigido a Camões, e como tal é geralmente conhecido; agora porêm, attendendo unicamente ao seu conteúdo, intitulei-o *A Vasco da Gama*. Verti-o a pedido do visconde de Juromenha, para a sua edição das obras do sublime épico, e em 1860 viu n'ellas a luz a primeira vez, sendo a segunda nas *Novas poesias*, a terceira n'uma *Folha avulsa do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro*, publicada em 1880, por occasião do centenario do poeta, a quarta no opusculo do sr. Pereira Caldas: *Soneto italiano de Torquato Tasso... ao nosso Luiz de Camões com as versões em portuguez, francez e inglez...*, a quinta na minha *Homenagem a Camões*, a sexta no

*Circulo Camoniano*, num. 4.º de 1891, a setima nos *Cambiantes*, e a oitava nas *Leituras portuguezas* do sr. Adolpho Coelho. Muito posteriormente (em 1908) fiz a traducção que vae no primeiro logar.

Este soneto foi vertido por Fanshaw e por Mickle em inglez, por Duperron de Castera, e por Millié em francez; e em portuguez pelo sr. José Leite de Vasconcellos, e por Mendes Leal, que para isso se serviu da traducção de Millié. Todas estas versões são em verso e mais ou menos livres, excepto a minha feita em 1908. Os quatro primeiros traduziram tambem, como se sabe, os *Lusiadas*.

Ha ainda, além d'este escripto, outro attribuido ao cantor da *Jerusalem libertada*, em que muito se elogia Camões, *Le veglie del Tasso*, as quaes correram tanto mundo e foram traduzidas em francez, allemão, portuguez e latim, e até postas em verso italiano, mas de que é verdadeiro auctor José Compagnoni, natural de Lugo, nascido em 1754 e fallecido em 1833, e não o grande poeta. (1)

O original do soneto foi copiado das *Opere di Torquato Tasso*, Firenze, 1724, onde vem na pag. 469, do tomo 2.º

#### CINCO DE MAIO — pag. 142

Esta minha traducção imprimiu-se a primeira vez no *Archivo pittoresco*, vol. 6, pag. 310; a segunda nas *Novas poesias*; a terceira na *Musica terrenal*, de Salvador Costanzo, Madrid, 1868; a quarta na obra de C. A. Meschia, *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni*, Foligno, 1883; a quinta no *Occidente*, vol. 8.º, pag. 271; a sexta no mesmo anno n'uma folha solta, impressa na Typ. Elzeviriana (Lisboa); a setima no opusculo *Ode heroica de Alexandre Manzoni e três versões em portuguez*, Rio de Janeiro, 1885, publicado pelo sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, esclarecido negociante nosso compatriota n'essa cidade, e irmão de Manuel da Silva Mello Guimarães, o auctor da publicação *Da glottica em Portugal*; a oitava no *Instituto* (de Coimbra), vol. 34, pag. 145; e a nona nos *Lampejos*.

As traducções colligidas pelo sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães são: a de Francisco Adolpho de Varnaghen (visconde de Porto Seguro), a de D. Pedro II, imperador do Brasil, e a minha.

As impressas por C. A. Meschia são: latinas: de Erifante Eritense (Pietro Soletti); Angelo Bonucelli; Francesco Pavesi; Antonio Rota; Federico Callori; Giuseppe Vaglica; francezas: de Antoine de La Tour (em prosa); Marc Monier; M. Villemain (em prosa); hespanholas: de Rubi; Cañete; Garcia de Quevedo Venezolano; Hartzenbusch (duas); Marte y Folguera (duas); José Llausás; portuguezas: de D. Pedro II; Ramos-Coelho; allemans: de Goethe: August Ferdinand Ribbeck; F. H. Karl de la Motte Fouqué; Karl Giesebrecht; August Zeune; Fr. Rempel; Emilie Schröder; Paul Heyse; ingleza: de Edward Derby; o que dá vinte e oito, e não vinte e sete, como conta Meschia, talvez por julgar identicas as duas de Hartzenbusch, quando aliás são muito diversas.

A estas vinte e oito ha a acrescentar, que eu saiba, nas portugue-

(1) Veja-se Ferrazzi, *Torquato Tasso, studi biografici-critici-bibliografici*, Bassano, 1880, e o meu artigo sobre a questão no *Circulo Camoneano*, vol. 2.º pag. 183.



zas: a de Varnaghen, que já então existia, e desde muito, pois foi publicada antes de 1857; e as de Antonio José Viale, José da Silva Mendes Leal, Luiz Vicente de Simoni, e a de um visconde brasileiro, cujo titulo esqueci, que appareceram posteriormente; e nas hespanholas: as de Pesado, Risel, Guillermo Matta, Leandro Mariscal, e Sanz y Rives, incluídas na *Musica terrenal* de Salvador Costanzo, e portanto anteriores á collecção do sr. Meschia, as quaes tomei a liberdade de indicar-lhe por intermedio do sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, quando a este agradeçi o exemplar do seu opusculo, com que teve a bondade de presentear-me.

Conheço pois já trinta e sete versões da ode de Manzoni; outras de certo haverá, e não poucas, a avaliar pelo que n'estes ultimos annos succedeu com as portuguezas, que duplicaram em numero.

O sr. Meschia pretendia ampliar a sua collecção, e não sei se o fez.

«Das traducções que reimprimo, escreve elle, as mais fieis são, no genero, as latinas, as allemans e as portuguezas.» Quanto a estas, encostam-se todas ao original; são verdadeiramente versões; e todas guardam semelhança com elle na medida do verso, na disposição e qualidade da rima e na collocação dos exdruulos, menos a de Viale, o qual não se prendeu nem com elles, nem com a rima, a não ser ás vezes no fim das estrophes, o que é pena, por ser precisamente quem podia superar melhor do que a maior parte dos traductores as difficuldades metricas e a apertada concizão da celebre ode, pelos seus muitos recursos de versificador e pelo cabal conhecimento das duas linguas, em que compunha com summa propriedade, tanto prosa como poesia. Das hespanholas que vi (as que vem na *Musica terrenal*) algumas reduzem-se a meras paraphrases.

A traducção de Goethe deve ser chronologicamente uma das primeiras, ou talvez mesmo a primeira, por isso que a leu á côrte de Weimar a 8 de Agosto de 1822, pouco mais de um anno depois de composto o original.

As obras de Manzoni, e sobretudo *Il cinque Maggio*, teem fornecido materia a muitos escriptos, que formam uma especialidade bibliographica e litteraria, a qual certamente já originou a existencia de muitos colleccionadores. Entre todos deve ser o mais notavel e abundante a Bibliotheca de Brera, em Milão, sua patria, onde se guardam n'uma casa especial, intitulado Gabinete Manzoni, livros, manuscritos, e objectos que pertenceram ao poeta, alguns originaes seus, um dos quaes o da ode á morte de Napoleão, que ali vi com bastantes emendas, e manuscritos e impressos que com elle se relacionam. Lá estava o original da traducção do imperador do Brásil, e hoje lá está o da minha, por pedido de algumas pessoas d'aquelle paiz e de alguns patricios amigos, pois só d'este modo me resolveria a figurar em tal exposiçãõ. O Gabinete Manzoni é elegante, e foi feito á custa de particularès, cujos nomes estão logo á entrada n'uma tabella. Exemplo digno de imitar-se!

A respeito da minha versãõ publicou Vegezzi Ruscalla, illustre traductor italiano da *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga, e do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, no periodico *Corrispondenza letteraria*, de Turim, do 1.º de Janeiro de 1865, o seguinte:

«L'ode il 5 Maggio tradotta in portoghese:

«Se l'Italia ha nel cav. Andrea Maffei tale distinto poeta da far si che le poesie inglesi e tedesche, da lui volte in italiano, paiano cose

affato originali, il Portogallo ha nel cav. Ramos Coelho un poeta così profundo conoscitore del nostro idioma, da far reputare di nascita portoghese le poesie italiane ch'egli trasporta nel suo idioma natio.

«La tradução ch'egli mandò, non ha guari, in luce della grand'epopea dell'immortale Torquato n'è splendida testimonianza; ma, mentre mi riserbo di scriverne in proposito, oggi, quasi a preludio delle altre, trovo bene di far noto come il Ramos Coelho abbia dato alle stampe, non è guari, la versione della magnifica ode di Alessandro Manzoni, ode che, pe'suoi ardentissimi costrutti, offriva difficoltà quasi insuperabili.

«Il portoghese è idioma assai affine all'italiano, e quasi quasi, ne gareggia l'armonia, ma formando i plurali colla suffissione della *s*, e non ammettendo voci principianti da *s* impura, dovendovi far precedere, come lo spagnuolo ed il francese, una *e*, ne deriva che, soventi volte, volendo nella versione conservare la parità di ritmo, riesce difficilissimo riprodurre tutto quanto il testo per quest'aumento sillabico.<sup>(1)</sup>

«Ecco intanto alcuni passi dell'ode manzoniana colla versione a fronte, affinché tutti possano giudicare della maestria con cui il traduttore portoghese gareggiò col testo».

Seguem-se os doze primeiros versos e continua:

«E così va innanzi con non mai scemata fedeltà. Il ritmo, l'avvicendamento delle rime e l'intersecazione delle voci sdruciole è nella versione come nell'originale; per altro non posso trattenermi dal riferirne ancora le due ultime strofe così belle».

E depois de as reproduzir:

«O m'inganno a partito, o si veramente quest'ode diventò bilingue. Coloro poi che hanno qualche dimestichezza colla lingua portoghese, così copiosa e resa tanto forbita dagli scritti di una gran pleiade di chiarissimi autori, a cominciare da Bernardino Ribeiro per giungere

<sup>1</sup> Não são estes só os motivos que tornam difficeis as traducções do italiano para portuguez, sobretudo quando a traducção é no mesmo genero e no mesmo numero de versos do original, e, pelo contrario, faceis as do portuguez para italiano, ainda mesmo dados aquelles casos, mas outros muitos que seria longo enumerar aqui, e d'entre os quaes lembrarei: a consideravel quantidade de palavras que n'essa lingua teem mais de uma fórma, como: *cuore, cor, corde; spe, spei, speranza e spene*, se é preciso para rima, como usa o Tasso; *piè, piede; libertà, libertate, libertadè; pensier, pensiere, pensiero; consule, consulo; scolare, scolaro; mestiere, mestieri* (singular), *mestiero; destriere, destrieri* (singular), *destriero*, etc.; os substantivos que contam mais de um plural, como: *anello, anelli* ou *anella; braccio, bracci* ou *braccia*, etc.; a transformação dos infinitos da maioria dos verbos e de muitos substantivos de breves em longos e o seu encurtamento pela supressão da letra final, como: *amare, amar; godere, goder; sentire, sentir; fiore, fior; piacere, piacer; castello, castel*, etc.; a conservação no plural da fórma do singular, como: *i cavalier* em vez de *i cavalieri*, etc.; e a eliminação de uma letra no meio da palavra, como: *potea* em vez de *poteva; nobiltà* em vez de *nobiltà*, etc.; liberdades e variantes estas que em grande numero são usadas tambem na prosa. Nas poesias com versos exdruxulos, como a presente, ha ainda a notar vantagem dos italianos aos portuguezes, pois aquelles, n'est especialidade, são riquissimos.

Por curiosidade e para exemplificar melhor o meu dito, ponho em seguida as palavras que, pelas suas mudanças ajudaram Manzoni na composição do *Cinque Maggio*; e são ellas: *mortal* por *mortale; uom* por *uomo; piè* por *piede; calpestar* por *calpestare; vergin* por *vergine; or* por *ora; mar* por *mare; nui* por *noi; chiniam* por *chiniamo; fattor* por *fattore; creator* por *creatore; slampar* por *stampare; grau* por *grande; cor* por *corde; sperar* por *sperare; maggtor* por *maggiore; gli altar* por *gli altari; fe'* por *fece; lor* por *loro; inestinguibil* por *inestinguibile; amor* por *amore; iuvan* por *ivano; narrar* por *narrare; man* por *mano; morir* por *morire; sen* por *seno; spirtu* por *spirito; spirabil* por *spirabile; i sentier* por *i sentieri; ancor* por *ancora; disonor* por *disonore*.

fino a Feliciano Castilho, come Omero e Milton, cieco della luce degli occhi, ma veggente coll'intelletto, potranno da questi due brani dell'ode manzoniana giudicare quanto il cav. Ramos Coelho la padroneggi a sua posta; ma ne avrò, come dissi, maggior campo, allorchè parlerò della sua traduzione della *Gerusalemme liberata*»

#### ÁS POESIAS POSTHUMAS DE A. DE CABEDO—pag. 146

Estes versos foram escriptos a pedido de A. Feliciano de Castilho para fazerem parte d'uma edição das poesias posthumas do infeliz mancebo, edição que ainda não viu a luz pública. A. de Cabedo era principalmente poeta satyrico, e morreu victima do trabalho e da infelicidade.

#### A CANÇÃO DO PESCADOR—pag. 161

Foi feita a pedido de Julio Cesar Machado para uma das suas obras.

### LAMPEJOS

#### A TORRES VEDRAS—pag. 166

E veio perturbar tal formosura etc.

É quasi escusado dizer que esta oitava e as seis seguintes se referem ás celebres linhas de Torres Vedras, que sustaram e malograram a terceira invasão de Napoleão em Portugal, commandada por Massena, e á batalha que houve n'esta villa entre as tropas do governo e os revoltosos da Junta do Porto no dia 22 de Dezembro de 1846.

Depois d'esta exposição comparem-se as numerosas liberdades e variantes italianas com as poucas da nossa lingua em geral, e em particular da minha traducção, e mais seguros elementos colherão d'aquí os leitores para avaliar por si mesmos as difficuldades com que me vi a braços, ao reproduzir na mesma qualidade e quantidade de versos do original, em estrophes eguaes ás d'elle, com numero e disposição egual de exdruxulos a sobria concisão da poesia de Manzoni.

Comtudo, não obstante esta ductilidade da lingua italiana, a portugueza na sua contextura e harmonia tem recursos de sobra para muitas vezes se medir com ella vantajosamente; e a isso, mais do que a mim, se deve o que ha de bom na minha versão.

Quanto ás liberdades que usei, quasi que nem vale a pena cital-as, tão poucos são ellas. Entretanto fal-o-hei. Redüzem-se unicamente ás seguintes: *co'a* por *com a*; *imigo* por *inimigo*; *desparecer* por *desapparecer*; *desesperou* por *desesperou*; *flóridas* por *floridas*; e *esperança* por *esperança*.

Terminarei esta nota, já longa bastante, auctorisando-me com o que o visconde de Castilho escreveu no preambulo á sua traducção de *Adriana Lecouvreur*. que vem aqui muito a proposito: «Todos os que estudaram com certa profundeza, e comparando-as, as duas linguas, confessam, e não podiam dissimular, vantagens que a italiana leva á nossa: vocabulos elasticos, dilataveis ou contrahiveis *ad libitum*, e ao reclamo do metro; maior abundancia de exdruxulos, e facultade de converter muitos d'elles em graves, e muitos graves em agudos; menos desinencias em inflexões, e por consequencia mais facilidade em absorpções, sem falarmos em que as palavras d'esse feliz idioma são por via de regra mais curtas que as do nosso».

A estas excellencias contrapõe o visconde de Castilho: «que tambem nós, abaixo dos italianos, possuimos uma lingua poetica e musical, uma formosa e guapa lingua, que, a não ser á d'elles, á de nenhum outro povo cede a palma».

Estes elogios, embora sejam a repetição de muitos antigos e modernos, á bella e expressiva fala portugueza, é bom que se registem, como sahidos da penna de seu sacerdote maximo, para espelho de quantos a tem em menos conta.

## GÖRAN BJÖRKMAN— pag. 171

O sr. Göran Björkman, lusophilo sueco bem conhecido entre nós, socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisbôa, das Academias Reaes Hespanholas, da de Bôas Lettras de Barcelona, socio honorario da Sociedade dos Escriutores e Artistas de Madrid, poeta laureado da Academia Sueca e da Academia Real das Sciencias de Stockolmo, etc. É notavel o serviço que este sr. nos tem prestado na sua patria, como zelozo divulgador da nossa litteratura, com os seus estudos e versões poeticas de auctores portuguezes, de que ha impresso varios volumes, que alcançaram o melhor acolhimento alli e em Portugal.

## GUILHERME STORCK — pag. 171

Guilherme Storck, ha pouco fallecido, foi o homem que mais contribuiu para se apreciarem modernamente as lettras portuguezas na Allemanha, donde era natural, e onde era professor de philologia germanica na Universidade de Munster. Poeta distincto, dotado de instrucção variada e solida, dedicou-se ao estudo das linguas neolatinas, e de preferencia ao da nossa, que muito lhe ficou devendo, pelo que publicou a seu respeito, já original, já traduzido. Está no primeiro caso a sua: *Luis' de Camoens Leben* (Vida de Luiz de Camões); e no segundo a sua versão completa das poesias do grande epico (*Luis' de Camoens sämtliche Gedichte*); *Hundert altportugiesische Lieder* (Cem trovas antigas portuguezas); *Aus Portugal und Brasilien* (De Portugal e Brazil) e *Antero do Quental Ausgewählte Sonette*. (Anthero do Quental Sonetos escolhidos). *Aus Portugal und Brasilien* é uma collecção de versões de poesias portuguezas e brasileiras, antigas e modernas. Storck era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa e naturalmente de outras sociedades scientificas e litterarias. Sobre este amigo de Portugal o sr. J. Leite de Vasconcellos acaba de publicar uma interessante obra intitulada: *O doutor Storck e a litteratura portugueza*, merecido preito ao muito que devemos todos a este escriptor. Ahi o sr. Vasconcellos refere-se ás minhas poesias por aquelle vertidas e ao artigo que o mesmo escreveu apreciando e elogiando a minha *Historia do Infante D. Duarte*.

## JOSÉ BÉNOLIEL — pag. 172

O sr. José Bénoliel, polyglotta illustre, auctor dos *Echos da Solidão*, poesias portuguezas originaes e traduzidas do hebreu e do arabe, traductor em portuguez das *Fabulas* arabes de Loqman, traductor de muitas poesias de Camões em francez e hespanhol (*Lyricas de Luiz de Camões*, Lisboa, 1898), e auctor de outros trabalhos apreciaveis nas linguas portugueza, franceza, e hespanhola, que cultivava com facilidade e gosto, em prosa e em verso.

## A CAMÕES — pag. 173

Foi uma das peças que entraram na minha publicação *Homenagem a Camões*.

E uma fama que move e moverá espanto,  
Grande como a da antiga e bellicosa Roma, — pag. 177

Fama que augmenta mais e mais de valor, á proporção que vamos profundando o conhecimento da historia patria. Nem somos só nós portuguezes que o dizemos; são tambem os estrangeiros, bastando citar por todos o general Dumouriez, o qual no prefacio da sua obra *Campagnes du maréchal de Schomberg en Portugal* se expressa do seguinte modo: «Il n'est aucun peuple en Europe, sans en excepter les romains, dont l'histoire présente plus de faits héroïques, et qui enflamme plus l'imagination, que celle des portugais. Malheur à l'homme qui n'est pas ému et jaloux, en lisant les historiens de cette nation! Il n'est susceptible d'aucune vertu!» Não é menos honroso o testemunho de Vartema no seu *Itinerario*, posto se refira aos nossos tempos aureos, quando escreve: «Ego universum orbem terrarum peragravi, multis sæpe bellis interfui, sed hac gente lusitanorum fortior vidi neminem».

#### AO MAESTRO SÁ NORONHA—pag. 173.

As difficuldades que alguns cantores do theatro de S. Carlos levantaram para não se levar á scena a opera *O Arco de Sant'Anna*, d'este maestro portuguez, originaram a presente poesia, que foi distribuida impressa no mesmo theatro na noite em que ella se cantou a primeira vez (20 de Março de 1868). As esperanças que o publico então concebeu do futuro artistico de Sá Noronha mallograram-se infelizmente em grande parte, quicá pelas embaraçadas circumstancias da sua vida, que o levaram a retirar-se da Patria para o Brasil, onde falleceu a 23 de Janeiro de 1881.

#### Á ESTATUA DA NOITE— pag. 179

É esta sempre admirada estatua uma das duas que decoram o famoso tumulo de Juliano de Medicis na Nova Sacristia da igreja de S. Lourenço, de Florença. A outra representa o Dia. Em frente d'este tumulo está o não menos celebre de Lourenço de Medicis. A capella, os tumulos e as estatuas são de Miguel Angelo, e formam um conjunto bello e harmonioso. Conservo lembrança indelevel d'este notavel monumento, que visitei no dia 3 de Novembro de 1887.

Conhecem muitos a origem das quadras de Strozzi e do incomparavel artista; comtudo aqui fica para que de todos se entendam. Escreveu aquelle poeta a primeira junto da estatua da Noite, e o esculptor, que tambem o era, alludindo ás desgraças da patria, desgraças que o obrigaram, segundo se diz, a não acabar a sua obra, respondeu-lhe em nome da estatua, e referindo-se a ellas, com a segunda.

#### A THOMAZ BLANC—pag. 181

Foi composta ao saber a noticia da morte do veneravel sacerdote, occorrida a 26 de Dezembro de 1892, e imprimiu-se pouco depois no jornal *O Instituto*, de Coimbra (vol. 40, pag. 684).

Thomaz Blanc nasceu em Outubro ou Novembro de 1806, em Aramon, cabeça de um dos cantões do departamento marítimo de Gard, no sul da França, e escreveu diversas obras, umas traduzidas do grego, italiano, portuguez, inglez e hespanhol, e outras originaes, avultando entre estas as poesias, já em volume, já dispersas por jornaes litterarios.

Acerca d'este auctor publiquei no *Occidente* (vol. 16, n.º 518 e seguintes) uns artigos, que depois reüni em folheto com o titulo *Thomaz Blanc, traços biographicos*, onde se encontram mais algumas particularidades da sua vida.

O sr. doutor Coullomb, tambem de Aramon, a quem dedico este soneto, é sobrinho do fallecido.

Tive algumas relações litterarias com Thomaz Blanc; e aquelles artigos e este soneto não são mais do que o pagamento de uma divida de gratidão, pela defeza que elle escreveu da minha poesia *A Virgem Maria*, accusada nas *Instituições christans* (de Coimbra) de menos orthodoxa, defeza que, juntamente com a de Abilio Augusto da Fonseca Pinto e com a composição incriminada, sahiu no *Parnaso Mariano*, colligido por este escriptor.

#### UM ENTERRO EM VENEZA—pag. 184

Pondo a proa na ilha funeraria,

A ilha chamada dos Tumulos, o cemiterio de Veneza. Fica ao norte d'esta cidade, entre ella e a ilha de Murano.

Esta poesia foi-me inspirada nos proprios logares.

#### PROSPERO PERAGALLO—pag. 187

O sr. Prospero Peragallo, sacerdote italiano, natural da cidade de Genova, prior durante muitos annos da egreja do Loreto, em Lisboa, um dos maiores benemeritos da litteratura portugueza. Tem publicado as seguintes versões poeticas, quasi todas da nossa lingua, que primam pela elegancia e fidelidade: *Sonetos escolhidos de Luiz de Camões traduzidos em sonetos italianos*. Lisboa, 1885; *Poesias de Luiz de Camões e outros vertidas a italiano*. Lisboa, 1890 e 1892. *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano*. Lisboa, 1893; *O gigante Adamastor com traducção em versos italianos*. Lisboa, 1898; *Saggio di poesie sivigliane tradotte in italiano*. Genova, 1898; *Poesie portoghesi e sivigliane tradotte in italiano*. Genova, 1899 e 1900; *Due episodi del poema I Lusjadi di Camões ed altre poesie straniere*. Genova, 1904. Dos seus valiosos escriptos historicos notarei os colombinos e os que respeitam a Portugal, a saber: *Cristoforo Colombo e la sua famiglia; rivista generale degli errori del signor Harrisse*. Lisboa, 1898; *Due documenti riguardanti le relationi di Genova col Portogallo*. Genova, 1892; *Disquisizioni Colombine*. Genova, 1893 a 1902; *La Biblia dos Jeronymos e la Biblia di Clemente Sernigi*. Genova, 1901; *Viaggio di Geronimo di Santo Stefano e di Geronimo Andorno in India nel 1494-99*. Roma, 1901; *Viaggio di Matteo da Bergamo in India sulla flotta di Vasco da Gama (1502-1503)*. Roma, 1902. Fóra estes escriptos alguns tem impresso tambem de assumptos relativos á historia da sua patria que ainda se prendem com a da nossa.

#### THOMAZ CANNIZZARO—pag. 189

O sr. Thomaz Cannizzaro, poeta italiano de subido merecimento, natural da Sicilia, auctor de diversos livros de poesias originaes, onde á suavidade e enlevo da fórma se allia a profundeza dos pensamentos. Conta, além d'isso, outros volumes de traducções de linguas antigas

e modernas, e entre estas, da portugueza, a dos *Sonetos*, de Anthero do Quental e a das *Folhas cahidas*, de Garrett. Das suas obras poeticas originaes possuo, por offerecimento do egregio escriptor, as intituladas *Quies* e *Vox rerum*; e das versões poeticas *Sonetti completi*, de Anthero do Quental; todas impressas em Messina. Na *Vox rerum* vejo citadas, a mais das que indiquei: *Ore segrete*; *In solitudine carmina*; *Epines et roses*; *Tramonti*; *Uragani*; *Gontes d'âme*; *Cimis*; estas originaes; e traduzidas: *Fiori d'Oltrealpe da varie lingue antiche e moderne*; e Carlos de Lemos *Georgica—versione italiana dal portoghese*. Veem ahi tambem as suas obras ineditas, e entre ellas destaca-se a traducção das *Orientaes*, de Victor Hugo.

#### LEMBRANÇA INDELEVEL — pag. 192

Com esta é a quinta vez que se publica este soneto, sempre acompanhado pela fidelissima e elegante versão do sr. Prospero Peragallo: no *Instituto*, vol. 39, pag. 654 e 655, nas suas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano*, nos *Lampejos*, e nas *Poesias vertidas*.

#### SATISFAÇÃO — pag. 194

Esta poesia é apenas um echo do resentimento publico, ao ver substituir o sr. Frederico Augusto de Campos no lugar de gravador da Casa da Moeda de Lisboa, que exercia com tanta proficiencia, por um estrangeiro chamado Winner, que felizmente pouco se demorou entre nós, e uma congratulação pelos premios que o artista portuguez obteve na exposição de Paris, celebrada n'essa epocha, e onde mais uma vez honrou Portugal, provando assim completamente a injustiça, que o governo lhe fizera com aquella nomeação.

#### AO INFANTE D. DUARTE — pag. 197

Houve-se a Academia das Sciencias com a maior bizzarria na publicação da minha *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV*, cujo dispendio foi muito grande, já pela extensão d'ella (2 vol., contendo o 1.º 740 pag. e o 2.º 898), já pelas illustrações que a acompanham, e já pela tiragem que fôï de 1200 exemplares.

As copias dos manuscriptos de Simancas, Madrid, e Paris que me serviram para esta obra mandei-as alli tirar á minha custa; as de Milão, umas, foram requisitadas por mim ao Governo, sendo ministro do Reino Thomaz Ribeiro, que por um simples requerimento meu, deitado na caixa do Ministerio, as pediu para Italia, facto muito abonador d'este preclaro homem de letras, a cuja memoria me confesso gratissimo, e essas em nada importaram, porque o Governo italiano as cedeu gratuitamente ao nosso; as outras (a parte maior) tirei-as eu no Archivo de Milão, para o que o Governo me concedeu seis mezes de licença com vencimento (do meu logar de Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa), e 250:000 rs. de ajuda de custo para a viagem a Italia. As copias de Simancas, Madrid, e Paris dei-as de presente ao Estado; as vindas de Milão, depois de me servir com previa auctorisação d'ellas, restitui-as ao Ministerio do Reino; as que tirei em Milão, tambem depois de as aproyectar do mesmo modo na minha obra, entreguei-as no Archivo da Torre do Tombo, para utilidade do paiz, como prescripto me fôï na portaria de licença. Formam todas três

volumes encadernados, as do primeiro com 262 pag.; as do segundo com 128; e as do terceiro com 322, e guardam-se n'este archivo, na gaveta 23, maço 3.º

Para mais particularidades veja-se a minha *Historia do Infante*, cuja leitura aliás basta a formar uma idéia, embora imperfeita, dos documentos que vi, copiei, summariiei, extractei, ou de que tirei simples noticias, dos archivos e bibliothecas do Reino e dos paizes estrangeiros.

Passau, Gratze, Milão, eis a trindade,  
Ó martyr, dos teus passos ao calvario,— pag. 198

As três cidades, onde o Infante esteve preso.

Para quebrar-te os ferros impiedosos  
Quantos esforços vãos! — pag. 198

Allusão aos muitos que se tentaram para a sua liberdade.

Para realisar o meu anheloo  
Travei co'a nêgligencia aspera lida,— pag. 199

Nos principios de 1884 tinha quasi concluida a minha *Historia do Infante*; não podia porêem acabal-a de todo, com a extensão e minudencias com que até alli a compuzera, sem examinar os abundantes e preciosos documentos que se guardam no Archivo do Estado de Milão, e que interessam tanto á existencia do meu biographado. Pedi por conseguinte ao governo para me mandar tirar copias d'elles ou para me encarregar de as tirar, ficando-lhe pertencendo as mesmas, n'um ou n'outro caso, e emprestando-m'as apenas para eu terminar a minha obra. Tratava-se de fazer um serviço ao paiz, que serviço era e grande trazer para elle, ao menos em transumpto, quanto respeita a um principe, martyr pela liberdade da sua Patria e parente dos nossos reis; mas, apesar de tudo isso, foram innumeradas e desagradabilissimas as contrariedades que encontrei na realisação do meu proposito; e só no fim de quasi quatro annos as venci completamente.

Da que me deu a lei firme esperança,  
Do fructo de vinte annos me privaram.

Quando parti para Italia estava quasi a ser primeiro conservador de antiguidades e numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, isto é, chefe de uma das três repartições que compunham a mesma bibliotheca, onde servia havia vinte annos, emprego que a lei me garantia, e cujo ordenado era 800:000 rs., além de 200:000 rs., que me competiriam como lente de numismatica, logar que tambem por lei lhe andava annexo. Pois, emquanto eu trabalhava em acabar a *Historia do Infante*, crendo as boas mostras que me tinham dado, e que depois sahiram tanto ao avesso do que pareciam, fez-se a reforma de 29 de Dezembro de 1887, pela qual se extinguiram os logares de primeiros conservadores, e transferiram-me, sem eu o saber, sem eu o suspeitar sequer, porque não fui consultado como outros, e nem ao menos se me disse uma palavra, para o Archivo da Torre do Tombo,



como conservador, com o ordenado de 600:000 rs. É verdade que me nomearam, igualmente sem eu o saber, e ao mesmo tempo, lente de numismática, com o dito ordenado de 200:000 rs.; mas a transformação por que passara a Bibliotheca Nacional, onde está a collecção de moedas e medalhas, e o procedimento que houveram commigo levaram-me a não acceitar a nomeação. Não tive remedio senão descer a estas coisas pessoaes, e até á prosa da prosa, as cifras, afim de tornar completamente claros os meus versos, do que peço desculpa ao leitor.

JOAQUIM GREGORIO NUNES PRIETO— pag. 200

Teem-se malbaratado de tal maneira os epithetos encomiasticos ácerca de vivos e mortos, e estão por isso tão vulgarizados, a ponto de se julgarem logares communs, que não sei, já gastos e rebaixados todos, de quaes me hei de servir para louvar Joaquim Gregorio Nunes Prieto como elle o merece. Direi só que nunca vi ninguem verdadeiro, honrado, amigo do seu amigo, modesto, d'espido de invejas, desinteressado, caritativo, emfim um exemplar de virtudes como foi este illustre pintor e professor, que a nossa sociedade não soube apreciar devidamente porque não era capaz de entendel-o. Os seus quadros de natureza morta, genero em que primou, são dos melhores, ou os melhores que temos, e os seus restauros das pinturas dos Jeronymos, de S. Pedro de Alcantara, de S. Roque e outros constituem modelos de sciencia e consciencia no mais alto grau. Como professor foi um pae para os discipulos, que chegou a soccorrer nas suas necessidades; e no professorado e nas suas obras sacrificou quasi sempre os proprios interesses, apesar de pobre, ao culto da arte e á satisfação dos seus deveres. Assim foi Nunes Prieto na vida publica, e na particular. O seu altruismo sobretudo não conhecia limites. Sob aquella apparencia, ás vezes um pouco aspera, havia um coração do mais fino oiro. As suas acções de beneficencia encheriam um livro, e dos mais salutaes. Tambem não caberiam em poucas paginas as ingratições dos beneficios que espalhou por amigos e indifferentes, moeda com que o mundo costuma satisfazer os animos bons e generosos. Devo á amizade, que sempre mantivemos, este desafogo, e aqui o deixo consagrado á sua memoria. Se um dia haverá alguém que faça justiça a tão nobre character? Appello para o futuro da indifferença do presente, que, na sua confusão de homens e de coisas, deixou passar quasi despercebida a sua morte, para tratar dos inuteis, dos poderosos, e dos intrigantes, que, ao contrario d'elle, grande sempre na generosidade e independencia, pedem, perseguem, abaixam-se, mandam, e insultam.

A CHRISTOVAM COLOMBO— pag. 208

Resolvendo a antiga e nomeada Arcadia de Roma celebrar uma sessão solemne commemorativa do quarto centenario da descoberta da America por aquelle grande navegador, o nuncio de Sua Santidade em Portugal, monsenhor Jacobini, pediu-me que compuzesse alguma poesia para a solemnidade, ao que annuí gostosamente. Eis a origem d'estes versos. D'elles se tiraram então cinco exemplares, em folha á parte, para evitar em Roma os erros de leitura e transcri-

ção, que naturalmente resultariam, se fossem manuscritos, dos quaes mandei um para aquella sociedade, dando os restantes quatro a amigos como raridades bibliographicas. Logo em seguida o sr. Prospero Peragallo teve a bondade de os traduzir em italiano, e juntamente com a traducção sahiram á luz no numero do *Occidente* de 21 de Janeiro de 1893, e depois em folheto, de que se imprimiram apenas cem exemplares. Ainda n'este anno o mesmo illustre escriptor incluiu-os nas suas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano*; em 1898 o sr. Adolpho Coelho inseriu-os nas suas *Leituras portuguezas, para uso dos lyceus*; e em 1907 fizeram parte do meu livro *Poesias vertidas*. Só na primeira, e na quinta vez não foram acompanhadas da versão.

Chegaste a este paiz das maravilhas;  
O pélago encaraste frente a frente;  
E mil idéias do teu genio filhas,  
Ao vêl-os, concebeste ousadamente.

Foi a bordo das nossas caravelas  
E ao rugido das ondas procelloso  
Que o teu sonho criaste em hora boa,

Não te attendemos nós; e abandonaste  
A nossa terra, etc.

Estes versos não fogem em nada á verdade historica. Duas coisas concorreram principalmente para Colombo pretender chegar á Asia, e portanto á Índia, pelo occidente, julgando-a muito menos longe, e nem sequer imaginando a existencia de um continente intermedio a ella e á Europa: a sua permanencia em Portugal, sobretudo nas ilhas adjacentes, onde observou os phenomenos do oceano, cujas correntes arrojavam d'aquelle lado ás suas praias, como ainda arrojam, destroços vegetaes e animaes, provas evidentes de terras alli situadas, e a instrucção e pratica adquiridas em nossas viagens e na conversação dos nossos homens do mar.

Vês Portugal e Hespanha competindo  
Em acabar teu feito;

Estas palavras referem-se não só ao proseguimento da descoberta da America pelos portuguezes e hespanhoes, mas tambem á viagem do nosso immortal compatriota Fernão de Magalhães, primeira de circumnavegação, e pela qual, passando-se além do novo continente e atravessando-se o oceano Pacifico, se chegou á Asia pelo rumo de oeste, o que o grande genovez imaginou infundadamente haver levado a effeito com as terras americanas que encontrara.

Por esta composição e por eu haver traduzido em oitava-rima portugueza a *Jerusalem libertada*, de Torquato Tasso, a Arcadia de Roma concedeu-me a distincção de me incluir entre os seus socios.

ACHILLES MILLIEN— pag. 216

O sr. Achilles Millien, bem conhecido poeta francez, e lusophilo distincto, de quem têmos as seguintes obras em verso: *A Camoens*; *Chez*

nous (1896); *Étrennes Nivernaises* (1895); *La légende de Marko Kralévitch Cycle populaire serbe*; *Légendes d'aujourd'hui, poèmes suivis de lieds et sonnets* (1870). Ha muito que o sr. Millien trabalha na composição de um parnaso portuguez, escolha de poesias nossas por elle traduzidas em versos francezes, e que muito devemos sentir não se ter ainda publicado.

PROPHECIA — Pag. 217

Estampou-se primeiro no *Archivo pittoresco*, vol. 10, pag. 398, e foi depois incluída por Camillo Castello Branco no artigo ácerca de Gonçalves Dias, do *Diccionario universal de educação e ensino*, de E. M. Campagne, por elle ampliado, acompanhando-a de algumas palavras encomiasticas.

O doutor Antonio Henriques Leal, que esteve muito tempo em Lisboa, commissionado pelo governo do Brasil, e com quem tive relações, era comprovinciano e amigo de Gonçalves Dias, e publicou as suas obras posthumas em S. Luiz do Maranhão, em 1868 e 1869, em 6 vol. de 4.º O setimo volume devia conter os escriptos a respeito do poeta. Ignoro se chegou a ver a luz, e, no caso affirmativo, se n'elle se reproduziu a minha poesia. O meu conhecimento com o malogrado poeta foi só quasi no fim da sua vida, quando a ultima vez residiu em Lisboa. Gonçalves Dias, como é sabido, morreu na bahia de S. Luiz, no naufragio da barca franceza Ville de Boulogne, em que voltava, já muito doente, da Europa ao Maranhão, sua patria, a 3 de Novembro de 1864, sendo infructiferas todas as diligencias para se encontrar o seu corpo.

A minha poesia é composta muito posteriormente, e foi-me inspirada pelos versos d'elle que transcrevo no principio.

CRENÇA NO PORVIR — pag. 229

Veio no *Occidente*, vol. 16 n.º 512, ondè foi publicada pela primeira vez; nas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano* com a elegante versão do sr. Prospero Peragallo; no *Instituto*, de Coimbra, vol. 41, pag. 226, com a mesma, e nas *Poesias vertidas*.

Fóra as quatro versões d'esta poesia que aqui se imprimem, ha uma em provençal, que nunca vi, e de que tenho noticia por estas linhas de um artigo da *Revue du monde latin* (tomo 35, pag. 178) a respeito d'ella e de mim:

«C'est ce noble sentiment (o amor da patria) qui lui a inspiré: *Foi dans l'avenir*; traduit en vers italiens par le P. Peragallo, en vers français par Achille Millien, en vers castillans par José Lamarque de Novôa, ce beau sonnet vient d'être traduit en vers provençaux par le jeune et vaillant directeur de l'*Aioli*, le comte Folco de Baroncelli-Javon. Ce dernier sonnet, encore inédit, sera, je l'espère, publié dans l'ensemble sur la poésie portugaise que prépare notre *Revue*.»

JOSÉ LAMARQUE DE NOVÔA — pag. 230

José Lamarque de Novôa, illustre poeta hespanhol natural de Sevilha, ha pouco fallecido, auctor das obras poeticas: *Sueños de primavera* (1891); *Poesias liricas* (1895); *El fondo de mi cartera* (1898); *Desde*

*mi retiro* (1900); *Recuerdos de las montañas* (1901); *Remembranzas* (1903); e *Cristobal Colon, poema* (1892); todas impressas em Sevilha. Novôa foi casado com a poetisa hespanhola Antonia Diaz de Lamarque, tambem já fallecida, de quem conheço: *Poesias liricas* (1893); *Poesias religiosas* (1889); e *Aves y flores* (1890).

#### O BUSSACO — pag. 231

Publicou-se a primeira vez no *Instituto* (Vol. 33. pag. 446); a segunda em folheto em 1886; a terceira no interessante *Guia historico do viajante no Bussaco*, do sr. A. M. Simões de Castro, edição de 1896; a quarta nos *Cambiantes*, e a quinta na quarta edição do mesmo *Guia*, de 1908.

Esta minha poesia faz parte de um florilegio com que termina a obra do sr. doutor Augusto Mendes Simões de Castro, e que tem mais a collaboração de Antonio Feliciano de Castilho, Soares de Passos, Mendes Leal, João de Lemos, Duarte Ribeiro de Macedo, Bingre, Borges de Figueiredo, fr. Antonio das Chagas, Luiz Carlos, Candido de Figueiredo, Ayres de Sá Pereira e Castro, e Robert Southey, e a da sr.<sup>a</sup> D. Amalia Janny.

#### TRISTEZAS — pag. 238

É um fragmento da Elegia 3.<sup>a</sup> do liv. 1.<sup>o</sup> A edição de Ovidio de que me servi é a de Amsterdam de 1664. Esta versão foi reproduzida nas *Leituras portuguezas*, do sr. Adolpho Coelho.

#### A MINHA MUSA — pag. 242

Sahiu primitivamente na *Grinalda, periodico de poesias ineditas*. Porto. 1869.

#### HYMNO DO TRANSWAAL — pag. 246

Este hymno composto por Stephanus Jacobus du Toit, ministro da instrucção da republica, verti-o, annuindo aos desejos do sr. conselheiro Augusto de Castilho, que o inseriu no seu artigo *A deputação do Transwaal*, publicado no vol. 7 do *Occidente*, quando veio a Lisboa a deputação d'aquelle estado, a fim de tratar com o governo portuguez sobre a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques. A deputação era formada do presidente da republica Stephanus Johannes Paulus Kruger, do general Nicolaus Jacobus Smit e do auctor do hymno. Com o artigo veem os retratos dos três emisarios. «A bandeira... é igual á hollandeza, tendo mais uma tira verde na tralha; tem portanto as côres vermelha, branca, azul e verde», diz o sr. Castilho. Servi-me para a minha versão de uma ingleza em prosa.

#### ATRAVÉS DO TUMULO — pag. 256

Tive aturada amisade com Joaquim Pinto Ribeiro Junior; e, embora ella se quebrasse com o andar do tempo, não por culpa minha, apraz-me recordal-a, e render-lhe aqui este saudoso tributo. No seu

volume *Lgrimas e flores* ha uma poesia offerecida a mim, intitulada *Elvira*, e outra a mim feita, intitulada *O bardo*. D'esta poesia, que ao publicar-se foi, muito alterada e ampliada, guardo a primeira fórma, da propria lettra do auctor, assim como a carta que acompanhou o offerecimento, e na qual se lêem as seguintes palavras: «Junto acharás uma poesia que te dedico; a adversidade que te tem abatido e a constancia que tens mostrado deveriam inspirar-me algum canto que te consolasse; mas nem por isso está conforme os meus desejos.» Esteve então para ser publicada d'esse modo no meu primeiro volume de versos (*Preludios poeticos*), por ser essa a vontade de Pinto Ribeiro; mas como as *Lgrimas e flores* sahiram á luz antes d'elle, foi impressa n'aquella collecção, e com mais propriedade, pois na minha era mal cabida pelos grandes e exaggerados encomios que ahi se me tecem. Ainda por este motivo e a meu pedido imprimiu-se nas *Lgrimas e flores* sem o meu nome e só com a indicação—*A um joven poeta*.

Apesar de por este motivo a não reproduzir em nota aos *Cambiantes*, primeira edição, faço-o agora, sobretudo, para mostrar o estylo filintista de um escriptor que deixou de si bom nome na litteratura patria. Se não vale pelos elogios, que são desmedidos, valerá ao menos como documento para a biographia de Pinto Ribeiro, pois talvez seja o unico testemunho tão pronunciado d'esta sua primeira maneira. Eis a poesia que os leitores reduzirão ás devidas proporções, confrontando-a com o meu pequeno merecimento.

AO MEU AMIGO JOSÉ RAMOS COELHO

### O BARDO

Laisse tamber l'orage et grandir ton laurier  
Victor, Hugo. Od. I, L. III.

Quando ao peso das magoas acintosas,  
Em teus delirios, suffocar teu canto,  
E houver vibrado a derradeira fibra  
Do teu soffrido peito;

Quando haurida já for no ésto ardente  
A mais acerba lagrima dos olhos,  
E só fulgir nos sonhos teus um anjo,  
E na vigilia uma harpa;

Quando a inveja mordaz, de baço aspecto,  
Tenras esp'ranças te abafar no seio,  
E o sarcasmo feroz, aguia sublime,  
Humilhar teus arrojios;

Quando a lembrança de uma morte instante  
O assoberbado peito espedaçar-te,  
Como abutre caucaseo a rêz lacéra  
Nas presas famulentas;

E que teu coração myrrhado e frio  
 Em convulso tremor busque repouso,  
 Repouso a um canto d'esse peito afflicto,  
 Que lhe foi berço e tumba;

Então, librado em azas de ouro um anjo,  
 Raio de luz, que Jehovah diffunde,  
 Dar-te-ha no céo teus hymnos em perfumes,  
 O cysne de harmonias,

E a grata Patria buscará, qual sóe  
 Em mésto cemiterio a mãe saudosa  
 A urna funeral da amada prole  
 Para esparzir grinaldas,

Com pia mão no fundo do sarcophago  
 As cinzas que animara o sacro fogo!  
 E sobre a tumba cingirá teu busto  
 De laurel merecido,

Laurel, a cuja sombra repousada  
 Tens de dormir em teu funereo leito,  
 Laurel, que humedecer cumpre do berço  
 Com lagrimas sanguentas.

Tal foi de Tasso e de Camões a vida!  
 Tal foi do genio em todo o tempo a sorte!  
 Tal premio ás suas victimas reserva  
 A musa enfurecida!

1851

A respeito de Pinto Ribeiro veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, o *Panorama*, vol. 12, e o *Genio do mal*, de Arnaldo Gama, no fim. Camillo Castello Branco tambem trata d'elle com os maiores elogios, nos *Esboços de apreciações litterarias*; e Augusto Soromenho, menos favoravelmente, nos artigos insertos na *Revista peninsular* sobre auctores portuenses, debaixo do pseudonymo de Abd-Allah.

#### AMOR FILIAL—pag. 258

A idéia com que fecho o presente soneto exprime os sentimentos do meu amigo e illustre auctor da preciosa obra *Historia da administração publica em Portugal* e ao mesmo tempo os meus; e porque foi a comunicação d'esses sentimentos que fez com que eu o compuzesse, lh'o dedico, e não pelo seu valor, que bem sei é muito limitado.

#### O AVARENTO—pag. 258

Traduzi esta poesia a pedido do sr. Eduardo Garrido para a bella edição que fez em Lisboa das *Fabulas* de Lafontaine; vertidas em portuguez em verso por muitos dos nossos homens de lettras contemporaneos e acompanhada das illustrações de Gustavo Doré que

serviram na edição franceza. Vem na pag. 132. A seu respeito publicou *O Instituto*, onde também se imprimiu, uma apreciação do dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, na pag. 515 do vol. 36, antecedendo-a. A traducção é livre; principalmente a do preambulo, que se pôde considerar liberrima, ao que só fui levado por conveniencias bem manifestas.

AMARGURA — pag. 264

«Les grandes douleurs sont muettes, a-t-on dit. Cela est vrai. Je l'éprouvai après la première grande douleur de ma vie. Pendant six ou huit mois, je me renfermai comme dans un linceul avec l'image de ce que j'avais aimé et perdu. Puis, quand je me fus, pour ainsi dire, apprivoisé avec ma douleur, la nature jeta le voile de la mélancholie sur mon âme, et je me complus à m'entretenir en invocations, en extases, en prières, en poésie même quelques fois, avec l'ombre toujours présente à mes pensées.»

As palavras de Lamartine que acabo de transcrever (commentario de uma das suas *Meditações*, a 9.<sup>a</sup>) podem applicar-se á presente poesia, a algumas que se lhe seguem e a outras intimas e pertencentes á epocha mais amargurada da minha vida.

O LIMA E BERNARDES — pag. 265

Publicou-se no periodico *A arte* (em 1880), a pag. 27 do 2.<sup>o</sup> vol., também com dedicatória a D. Antonio da Costa, dedicatória que então era um tributo de affeição e respeito pelos raros dotes de homem e de litterato que o ornavam, e que hoje é infelizmente uma corôa de saudades posta sobre o seu tumulo por um dos seus maiores amigos. Todos quantos puderam apreciar as bellezas do seu livro *No Minho*, ainda que não tivessem a felicidade de admirar as virtudes do auctor, approvarão a homenagem. Entretanto, cumpre dizel-o, mais o homem do que o escriptor concorreu para que esta se fizesse, e não foi na sua valiosa obra que bebi a inspiração, porêm sim na propria natureza, n'aquelles sitios encantadores das margens do Lima, que o notavel escriptor piemontez Cibrario não duvida qualificar como «o paiz mais delicioso do mundo». <sup>1</sup>

A cubiça lethal da hispana fera,  
Velada com protestos de amisade,— pag. 266

O plano fatal da união de Portugal á Hespanha datava de ha muito; o enfraquecimento do reino favoreceu-o; a inconsiderada e mal disposta passagem de D. Sebastião a Africa mostrou o ensejo favoravel; e Filippe II aproveitou-o. Diz-se que elle dissuadiu o sobrinho da empreza; fal-o-hia ostensivamente, para melhor mascarar os ambiciosos intentos, mas por tal arte que salvasse as apparencias, e, contrariando-o, mais o estimulasse. É o que mandava a politica, e sobretudo a de Hespanha a nosso respeito. Ninguem ignora como a diplomacia

<sup>1</sup> *Ricordi d'una missione in Portogallo al Ré Carlo Alberto.*

às vezes por caminhos, na exterioridade louváveis, realiza as suas aspirações mais tórpes. Eis como admitto a opposição do monarcha hespanhol á jornada de Alcacer Kibir. Releva ainda considerar quem era Philippe II e quem D. Sebastião; os cincoenta annos de um e os vinte e quatro do outro; a frieza, o calculo, o conhecimento dos homens e das coisas d'aquelle que a historia chamou Demonio do Meio Dia; o fogo, o valor, a juvenil presumpção, a inexperiencia do neto de D. João III; e de tudo isto resultará, creio, o bastante para confirmar a minha de ha longo tempo inabalavel crença.

O que nos versos de Bernardes, marcados por commas, vae em italico é o que foi preciso alterar-se para adaptal-os á minha poesia. As transcripções são tiradas, as da pag. 158 do *Lyra*, pag. 37 (ed. de 1820); as da pag. 160 das *Varias rimas*, pag. 134 (ed. de 1770); as da pag. 161 id., pag. 139 e 137; e a da pag. 162, id., pag. 138.

No mesmo templo que o gran vate encerra  
Acaso dormes?..... Pag. 268

Barbosa Machado na *Bibliotheca lusitana* escreve que Bernardes foi sepultado na egréja de Sant'Anna. Coincendencia notavel que reuniu mortos no mesmo templo dois poetas que tiveram entre si tantos pontos de semilhaça! Quanto aos seus restos, mais infelizes ainda do que os do sublime épico, nem ao menos mereceram ser procurados no fim de três seculos. Não acharam, supomos, um D. Gonçalo Coutinho que os assignalasse piedosamente com uma singela campa, e, indiscriminaveis entre tantos que alli jaziam, confundiram-se talvez com elles no trabalho a que se procedeu para encontrar os de Camões, e podem julgar-se de todo perdidos.

#### AD UNA FINESTRA—pag. 259

Traeste—em vez de—traesti, licença poetica usada por varios auctores, do que ha exemplos no canto XXXII do *Inferno*, de Dante:

Piangendo mi sgridò: perchè mi peste?  
Se tu non vieni a crescer la vendetta  
Di mont'Aperti, perchè mi moleste?

Nota do traductor

#### ULTRAGE E EXPIAÇÃO—pag. 270

Está bem impresso ainda no coração de todos os portuguezes o insolito procedimento de Napoleão III, quando, tendo nós aprisionado em Moçambique a barca franceza *Charles et George* por traficar em escravos, fomos obrigados a entregal-a, em virtude das ameaças do seu governo, aos navios de guerra que para esse fim vieram ao Tejo. A Europa, que assistiu de braços cruzados a essa grande prepotencia, indignou-se com o facto, receosa de outros peores: a mesma França não pôde deixar de envergonhar-se; e d'ahi a celebre carta escripta pouco depois por Napoleão III a Jeronymo Bonaparte, e onde procurava mitigar a sensação produzida. Era então a época das glorias; e com algumas glorias, bem caras, bem inuteis, e até



bem prejudiciaes para a França, doirou o tyranno os ferros que lhe lançara, e embriagou-a. O ruído das suas armas acordou porêem e sobresaltou a Europa; a junção dos estados italianos, obra d'ellas, trouxe comsigo a idéia da união dos estados allemães; a Prussia, conhecedora da verdadeira, posto não apparente, fraqueza do imperio francez e da podridão que lhe corroía as entranhas, ensaiou as suas forças e o animo do inimigo, invadindo e retalhando á sua vista a Dinamarca; influida com o triumpho e com a impassibilidade criminosa dos outros, marchou contra a Austria; em quinze dias chegou ás portas de Vienna; dictou-lhe a lei; arrancou-lhe, tomando-a para si, a preponderancia na confederação germanica; e desde então o que pretendia dominar a Europa, o oppressor dos fracos, fraco tambem, foi arrastado fatalmente á guerra, levando comsigo a França a profundo e pavoroso abysmo, sem ao menos, agravo da sua vergonha, morrer combatendo á frente do exercito que sacrificara, antes, entregando-se e entregando-o, mal desembainhada a espada, e preferindo ao castigo que o esperava na patria os ferros dos seus vencedores.

Estas considerações bastam para explicar o principal da minha composição; nem tanto era preciso, porque os nomes que servem de titulos ás duas partes d'ella: *Charles et George* e *Sédan*, não esqueceram ainda, nem esquecerão jámais.

A primeira d'essas partes foi impressa nas minhas *Novas poesias* em 1866; e aqui vae entre as suas peças; a segunda, seu complemento, nascida de um factio posterior á publicação d'ellas, só hoje se lhe une, formando assim as duas um todo homogeneo.

#### VEGEZZI RUSCALLA — pag. 275

Mantive aturadas relações litterarias<sup>1</sup> com este conhecido escriptor piemontez, que não se deve confundir com o diplomata dos mesmos appellidos. Para explicação da presente poesia, direi que Ruscalla traduziu a *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga (impressa em Turim em 1844), o *Fr. Luiz de Sousa*, de Almeida-Garrett (idem, 1852), e algumas poesias de Bocage no seu opusculo *Notizie intorno agli scritti di Manoel Maria Barbosa de Bocage* (idem 1860); outras tantas eloquentes demonstrações do seu amor ás nossas lettras; pelo que a Academia Real das Sciencias o nomeou seu socio correspondente; que foi muito afeiçoado á lingua e historia moldo-valachas, de que era professor na capital do Piemonte; que pretendeu alli abrir um curso de litteratura portugueza, o que não effeituou por não ser ajudado pela mesma academia; e que me propoz, illudido quanto á minha competencia, abrir eu outro aqui em Lisboa da italiana.

No dia 25 de Julho de 1865 celebrou-se em Ravena a festa do sexto centenario de Dante; prestou-se Ruscalla a representar n'aquella solemnidade, assim como na que por igual motivo se fez em Florença, a Academia das Sciencias, e no discurso que então leu e publicou em Turim no mesmo anno disse: «Antonio José Viale pochi anni fa tradusse i canti I, II, III, IV, V, e XXXIII dell'*Inferno*, ed ora si aspetta dal valente traduttore della *Gerusalemme* il cav. Ramos Coelho quella dell'intero poema dantesco». D'aqui poderá alguém concluir que tive tenção de traduzir a trilogia de Dante; o que não é assim; ou que, embora a não tivesse, o inculquei a Ruscalla, o que tambem

é inexacto, como se collige das seguintes linhas da sua carta de 3 de Maio de 1866, que conservo em meu poder: «Avendo avuto l'onore di rappresentare a Firenze e Ravenna codesta Reale Accademia, ho fatto parola di V. S. e l'annunziai come intenta a dare una versione della *Divina Commedia*. Con ciò Ella non prende impegno; ma l'avrò sollecitata a dare al Portogallo il più gran poeta della rinascenza».

Não é a primeira vez que se explica pela imprensa este ponto. Quando o meu especial amigo o sr. dr. Xavier da Cunha dirigiu a publicação do *Inferno*, de Dante, traduzido por Domingos Ennes, nos estudos a que se entregou com respeito ao poema original, encontrou uma referencia a este particular na obra de Jacopo Ferrazzi, *Manuale Dantesco*, a pag. 439 do vol. 4.º, extrahida naturalmente das palavras de Ruscalla, ou talvez havida de Angelo de Gubernatis, a quem fôra dedicado o discurso, e, perguntando-me por isto, mostrei-lh'o para maior clareza e a dita carta, que elle fez favor de transcrever, na parte respectiva, no elucidativo prologo com que acompanhou a obra, quando teve occasião de citar o meu nome entre os que verteram muito ou pouco da *Divina Comedia*, apresentando então ao publico, bem contra minha vontade, o unico fragmento que encontrei de uma versão apenas por mim começada. Ahi tambem por favor espontaneo d'este meu amigo appareceu a poesia—*A Vegezzi Ruscalla*—, ainda inedita, por se ligar ao caso da traducção.

A idéia de abrir em Turim um curso de litteratura portugueza foi assumpto de muitas das cartas que Ruscalla me endereçou, e era da maxima conveniencia para Portugal. Já em 11 de Setembro de 1864 me escrevia: «J'aurais voulu être à même de faire un cours de langue et littérature portugaise à l'Université de Turin, comme je fais celui du roumain, si j'en avais eu les moyens. Il faut que je me résigne à un pauvre désir». Na carta de 3 de Maio de 1866, ha pouco citada, escrevia de novo: «Da oltre un anno nutro il pensiero di fare un corso libero di letteratura portoghese in questa università, in cui sono dottore collegiato, e ciò perchè vidi che il corso che io vi fò di lingua e storia rumana rese popolare questa letteratura fra noi. Non mandai ad effetto questo progetto perchè non ho abbastanza di libri portoghesi. Posseggo il *Canzoniere*, di Barcellos; di Garcia de Resende; il *Parnaso lusitano*, di A. Garrett; *Marilia*; la *Storia del Brasile*, di Varnaghen; Bocage; Garrett; alcune opere di Feliciano Castilho; di Pereira da Silva; Magalhães; quelle che V. S mi favori; ed alcuni altri volumetti di Lisbona e Rio de Janeiro; ma mi mancano opere di polso, come Herculano, *Historia de Portugal*, 4 vol.; Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. 2 vol.; Leoni, *Genio da Lingua portugueza*, 2 vol.; Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, 7 vol.; *Bibliotheca racional dos melhores auctores*; *Cancioneiro* d'El-Rei D. Diniz, 1 vol.; Southey, *Historia do Brasil*, 6 vol.; Ribeiro, *Primeiros traços de uma resenha da litteratura portugueza*, 1 vol. &c. Io aveva scritto a Teixeira Vasconcellos, a Dantas, consigliere di legazione portoghese a Parigi, a Pereira da Silva, brasiliano in Parigi, osservando che, si avessi quei libri ovvero lire 500 dal governo portoghese per potermi fare questo acquisto, avrei intrapreso tal corso. Teixeira Vasconcellos mi rispose che ne avrebbe fatto proposta al ministero o nella prima o nella seconda domanda, ma non ebbi risposta. Se la cosa potesse accogliersi, mi converrebbe avere risposta in Luglio tanto per aver tempo di procurarmi i libri e pre-

pararmi le lezioni a cominciare dal primo Novembre venturo. Io scrivo di ciò a V. S. per provarle come mi stia a cuore di rendere popolare in Italia la letteratura portoghese qui del tutto sconosciuta. Due sono le nazioni che amo quanto l'italiana, e sono, primo la portoghese, e poi la rumana (moldo valaca)».

Em 23 de Outubro de 1869 Ruscalla insistia no seu louvavel proposito e mostrava desejos de que a Academia das Sciencias, a exemplo do que fizera o ministerio de Boukarest, o convidasse para professor o curso, que seria semanal e gratuito, e duraria seis mezes; sobre o quê e a necessidade de alguns livros para elle escrevera a Teixeira de Vasconcellos, mas sem resultado.

Em 28 de Agosto de 1870 ainda não perdia as esperanças de realizar a sua idéia, apesar d'esta indifferença, e appellava para quando terminasse a guerra entre França e Allemanha, e Italia voltasse ao estado normal, pois me dizia: «Se pel Novembre saranno composte le sanguinose lotte... , il corso che mi propongo di fare avrà spero numerosi auditori»; e pedia-me, para se ir preparando, que lhe mandasse o *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, de Sotero dos Reis. «Qui chi insegna il portoghese al Club Filologico è un brasiliano negoziante e che non va oltra all'insegnare a scrivere lettere commerciali»... , accrescentava Ruscalla. «Avrò una sessantina di volumi in portoghese. La biblioteca della università di Torino ne ha meno assai, e quella del Rè solo dieci; uno solo eccettuato, io posseggo del pari gli altri nove.» Que penuria! (1)

Foi por este tempo que, vendo a maneira censuravel por que era attendida a boa e persistente vontade do illustre escriptor italiano, me decidi a falar no assumpto na Academia das Sciencias e a empenhar n'isso o duque de Avila, seu digno presidente, convencido, como estava, do meu limitado valimento. A Academia porêm não atendeu a pretensão, induzida sobretudo pela opinião de Augusto Sormenho de que Ruscalla não estava convenientemente habilitado para o que se propunha ensinar. Esta opinião, que não deixava de ser em parte verdadeira, não era entretanto opportuna. Nem Ruscalla estava inteiramente habilitado, nem o julgava estar; e tanto, que se preparava por meio do estudo, pedindo esclarecimentos, e pedindo e comprando livros; mas tambem é verdade, que, attenta a quasi completa ignorancia da Italia a nosso respeito, não se devia desprezar o seu offerecimento, antes, acceital-o da melhor vontade, e agradecer-lh'o, pois cumpre aproveitar e agradecer a todos os estrangeiros a sympathia que mostram por este paiz, tão pouco e tão mal apreciado, e os esforços que empregam para o tirarem d'essa obscuridade. Ficaram portanto as coisas em muito peor estado, porque desde então sobre a Academia e Portugal carregou a accusação de indifferença que até alli pesava sobre um ou outro individuo.

Eu pela minha parte fiz quanto foi possivel ás minhas pequenas forças, já do modo que acabo de dizer, já mandando a Ruscalla varias obras e muitos apontamentos litterarios, de alguns dos quaes elle se aproveitou para artigos de jornaes; porque Ruscalla, embora desa-

(1) A das bibliothecas de Milão (Brera e Ambrosiana) sei por mim mesmo que tambem é grande.

preciado e desprezado quasi, não deixava de se occupar de Portugal, não só quanto a letras, mas tambem quanto a politica, do que são testemunho as seguintes linhas: «Io informo di ciò V. S. affinché conosca che non venne meno in me l'affetto verso la nazione portoghese. Io qui in giornali politici ho combattuto ad oltranza i partigiani della chimerica unità iberica, *la cui consequenza sarebbe lo spegnimento della nazionalità portoghese*. In una parola, sebbene senza corrispondenza letteraria e politica col Portogallo, non pretermisi occasione di riferirne gli avvenimenti, le aspirazioni, le brame d'avere un governo economico e promotore degli interessi industriali».

Alêm das obras mencionadas, Ruscalla escreveu um folheto sobre Gil Vicente, que nunca vi, e, por occasião do centenário de Camões, um artigo no jornal de Milão *La Lombardia* n.º 174.

Teve Ruscalla relações litterarias com os srs. Miguel Martins Dantas, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio Rodrigues Sampaio, Almeida-Garrett, Castilho, Varnaghen (depois visconde de Porto Seguro), Domingos José Gonçalves de Magalhães (o auctor dos *Suspiros poeticos* e da *Confederação dos tamoios*), Pereira da Silva (o auctor do *Plutarcho brasileiro*), e porventura com outros, entre os quaes julgo poder contar Mendes Leal e Manuel de Araújo Porto-Alegre (o auctor do poema *Christovam Colombo* e depois barão de Sant'Angelo). Foi, como vimos, professor na Universidade de Turim de lingua e historia roumanas, doutor collegiado na mesma universidade, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa; pertenceu tambem a outras sociedades litterarias; teve o gráu de commendador da Ordem de Christo e o de cavalleiro da ordem brasileira da Rosa; e fez parte como deputado das camaras italianas de 1864 e 1865, pelo menos. Afora estas honras, o parlamento de Boukharest concedeu-lhe a de cidadão roumano em attenção aos seus serviços.

Era sogro de Constantino Nigra, homem de letras, n'aquelle tempo chefe do gabinete politico no Ministerio dos Extranjeiros, e tinha uma filha chamada Ida, muito nova, a quem ensinara o portuguez, e para a qual me pediu algum livro de contos, a fim de ella os traduzir em italiano e publicar, pedido que satisfiz, enviando-lhe não me lembra que obra.

Ignoro o anno em que morreu este benemerito das letras italianas, portuguezas e roumanas, e quaes as outras circumstancias da sua vida, que eu folgaria de deixar aqui consignadas como deixo estas, sincero tributo de um amigo reconhecido e de um filho, embora obscuro, do paiz que elle estimou e serviu tanto.

A traducção de Manzoni a que me refiro é a da poesia *Cinque Maggio*, que viu a luz n'outro volume, e a respeito da qual publicou Ruscalla um artigo na *Corrispondenza letteraria*, de Turim (n.º 1, do 1.º de Janeiro de 1865). A versão de Tasso a que alludo é a da *Jerusalem libertada*, em oitava-rima, impressa em 1864, e ácerca da qual Ruscalla tambem escreveu na *Rivista contemporanea*, de Turim.

PROSPERO LASSERE — pag. 277

Pintor francez que viveu muitos annos em Lisboa, e ha alguns é fallecido.

ÁS ARMAS PORTUGUEZAS—pag. 280

Este soneto foi feito por ocasião das victorias alcançadas pelos nossos bravos soldados, tanto na Africa Oriental, como na Occidental e em Timor, nos annos de 1895 e 1896; e commemora principalmente a grande façanha de Mousinho de Albuquerque e dos seus quarenta companheiros, em Chaimite, no aprisionamento do Gungunhana.

Á INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES—pag. 289

Ao meu especial amigo e distincto escriptor, o dr. Xavier da Cunha, cabe muito bem a dedicatória da presente poesia, não só por ser um dos principaes camonianistas, mas tambem pelo seu interessante estudo a respeito das *Endechas a Barbara escrava*, do immortal cantor, com que acompanhou a publicação de versões das mesmas em differentes linguas e dialectos, promovidas na maior parte pela sua diligencia.

D'esta poesia sahiu impressa a primeira parte, não o podendo ser toda, por causa da sua muita extensão, no *Diario de Noticias* de 9 de Outubro de 1867 (*numero dedicado á memoria do cantor das grandezas nacionaes*) no proprio dia em que foi inaugurada a estatua, juntamente com as que fizeram para a solemnidade os srs. Antonio Pereira da Cunha, Mendes Leal, João de Lemos, Gomes de Amorim, Ernesto Marecos, Roque Barcia (hespanhol), Cascaes, Breton y Vedra (hespanhol), Latino de Faria, Oliveira Vaz, Adriano Coelho, Francisco Anon (hespanhol), Eduardo Coelho, Vidal, e Braz Martins. No numero do dia seguinte veio porêem toda em folhetim. Depois formou parte do livro *Album de homenagens a Luiz de Camões—Nova edição dos principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica por occasião de se erigir o monumento que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida, colligido por Antonio Maria de Almeida Netto* (Lisboa 1870), e finalmente foi uma das peças da minha *Homenagem a Camões*.

A obra do sr. Guilherme Storck *Aus Portugal und Brasilien*, selecta de traducções suas de poesias breves compostas em portuguez, onde vem a do fragmento da minha, impressa em 1892, já a citei, e é um dos relevantes serviços ás nossas letras por elle prestados.

E os filhos meus sollicitos  
Correndo me cercaram;  
E o bronze e o liso marmore  
E os braços me offertaram;—pag. 291

Referencia a ser feito o monumento por subscripção nacional e por artistas e operarios portuguezes.

Outro Gama te leva a outro Oriente—pag. 292

Por este outro Gama entende-se outro ideal, e não determinada pessoa, como alguém tem querido ver.

## CONSELHO — pag. 295

Quando pela primeira vez publiquei estes versos, recebi do grande poeta, que se chamou Antonio Feliciano de Castilho, a seguinte carta, que me comprazo em deixar aqui registada.

Ex.<sup>mo</sup> Confrade sr. Ramos Coelho

Lisboa, 19 Junho 72

«Não resisto á ancia de o abraçar em espirito e dar-lhe cordeas parabens pela sua admiravel poesia, que já três vezes ouvi ler n'este 4.º numero das *Lettras e artes* (aliás *Artes e lettras*).

Que esplendida revindicação para a musá classica! Envergonhem-se, se podem, os que não admittem salvação litteraria fóra do pathos, do abstruzo, do symbolico e do amphyguri alcunhado philosophia.

«Novamente, e cem vezes, parabens por esta sua victoria, e mil agradecimentos pelo gosto que me deu, convencendo-me de que ainda de todo não morreram ás mãos dos modernos barbaros as boas tradições litterarias em Portugal.

«Tenho a honra de me assignar

«De V. Ex.<sup>a</sup>

«Agora ainda mais admirador e fiel confrade

(a) *A. F. Castilho.*»

## SEMPRE — pag. 298

É resposta ao dito de um meu conhecido, que, tendo feito versos na sua juventude, se admirou de eu os fazer ainda hoje.

## ULTIMO ENCONTRO — pag. 300

Foi com effeito o derradeiro que tive com o meu infeliz amigo Jorge Guilherme Lobato Pires, então já atacado de loucura, e que pouco depois falleceu. Este soneto reproduz uma scena real, e o verso com que termina foi o que elle me disse á despedida, ou, antes, ao deixar-me abruptamente. Ignoro se é seu improvisado então ou já escripto ou se d'outrem. Os verdadeiros cultores das lettras conhecem este illustre e mallogrado poeta, cujas obras infelizmente não chegaram a ser impressas em volume, o que bem mereciam. Supponho que tratava d'isso quando adoeceu. Virão talvez a perder-se as manuscritas, e ficarão dispersas e meio occultas as que sahiram em jornaes. Conservo as mais gratas lembranças da nossa breve camaradagem litteraria. A minha poesia compoz-se muito posteriormente, o que prova não se ter extincto para mim a sua memoria, que ainda dura e durará, com o andar do tempo.

## A S.S. LEÃO XIII — pag. 310

A origem d'este soneto é a seguinte. Havendo-se formado no sul da França (em Alais, departamento do Gard) uma associação intitulada:

*Comité néo-latin international de la Couronne poétique de Sa Sainteté Léon XIII*, com o fim de colligir poesias inéditas que tivessem por objecto este Summo Pontífice, e de formar d'ellas um album de autographos, que lhe seria offerecido, em commeração do seu jubileu episcopal, e depois impresso, recebi nos meados de Janeiro de 1894 uma carta do sr. Sarran d'Allard, secretario geral do mesmo *Comité*, pedindo a minha collaboração, e, outrosim que obtivesse a de alguns dos nossos poetas meus conhecidos, e me encarregasse de formar, a exemplo do praticado em França, Italia e Hespanha, uma secção portugueza, da qual eu seria o presidente. D'esta ultima parte escusei-me logo; nem podia deixar de escusar-me; pois a minha obscura posição social e litteraria e as minhas poucas relações assim m'ò aconselhavam. Quanto á segunda, dirigi-me a dez pessoas, que pelas suas idéas (de respeito a Leão XIII ou como chefe da Igreja Catholica, ou como poeta, com exclusão das politicas) e pela sua aptidão julguei mais no caso de me coadjuvarem; mas d'essas dez só quatro responderam ao appello; e foram ellas: os srs. visconde de Castilho, dr. Xavier da Cunha, dr. Candido de Figueiredo e Sebastião Pereira da Cunha. Quanto á primeira, escrevi um soneto (o da presente nota) que enviei ao sr. Sarran d'Allard, juntamente com as composições obtidas.

## PREITO—pag. 311

Esta poesia foi feita com o mesmo fim da antecedente, e primeiro do que ella, e terminava então do seguinte modo:

Mas, se elles faltam, sobeja  
Braço e fé para a peleja,  
E amor puro á Santa Igreja;  
Recebe pois nosso amor.

Mal porêem a tinha acabado, lembraram-me as nossas desintelligencias com a Curia por causa do padroado do Oriente, cujo resultado nos foi tão desfavoravel, pois diminuiu em muito a acção moral e o prestigio que ainda allí tinhamos, e substitui-lhe aquelles versos pelos que agora se lêem. É claro que depois d'isto não podia servir para o album. D'aquí procedeu a composição do soneto, que em seu logar mandei para França. A questão do padroado escrevi em tempo competente os versos que se encontram nas minhas *Novas poesias*.

## CANTO SECULAR—pag. 312

Verti esta conhecidissima e tantas vezes traduzida poesia de Horacio, a rogo do fallecido professor e escriptor Francisco Julio de Caldas Aulete, para a sua *Selecta Nacional* (Poesia), publicada em 1877, onde se lê a pag. 209, assim como uma nota elucidativa e encomiastica a respeito d'ella e de mim. Imprimiu-se depois com alguns retoques no volume XXXV do *Instituto*, a pag. 488.

«O poemeto que n'este logar damos á luz, vertido a pedido nosso, é admiravel pela fidelidade e elevação de phrase; é mais um glorioso padrão com que elle (diz essa nota, referindo-se ao traductor) acaba de honrar as lettras patrias. Nenhuma das traducções d'este hymno,

que figuram na grande edição polyglota de Horacio, eguala esta na fidelidade e sabor poetico horaciano, com que tanto se deliciavam os ouvidos dos cidadãos de Roma.»

Alguns julgam que os versos do *Canto secular* eram ditos em coro alternadamente pelos meninos e meninas e pelo povo, e adoptei esta opinião, que se deduz do sentido da propria poesia.

#### O SEU OLHAR — pag. 316

Vem na collecção de poesias catalans do auctor intitulado *Lo Gayter dell Llobregat*. São essas poesias acompanhadas de traducções em varias linguas; desejou Rubió y Ors algumas tambem em portuguez para o quarto volume; manifestou esse desejo ao sr. dr. Xavier da Cunha; e este meu amigo pediu-me que me encarregasse de uma d'ellas. Eis o motivo da presente versão. A poesia conhecida pelo titulo geral da publicação e outra pelo de *Mos cantars* foram transplantadas para o idioma patrio em verso com toda a felicidade pelo mesmo sr. Xavier da Cunha. A por mim escolhida é muito intima e uma das que o auctor, pouco depois fallecido, mais prezava. O seu merecimento e o de toda a obra correspondem ao bom conceito em que Rubió y Ors é tido pelos seus admiradores.

#### Á VIRGEM MARIA — pag. 319

Pretendendo Abilio Augusto da Fonseca Pinto, ha annos roubado pela morte, com geral sentimento, ás letras patrias que tão bem cultivou, publicar o *Parnaso Mariano* (collecção de poesias de auctores antigos e modernos a Nossa Senhora). pediu-me para elle alguns versos. Escrevi estes. Inseriu-os elle primeiro nas *Instituições christans*, de Coimbra, como fazia a todos os outros, para aproveitar a composição typographica na impressão do seu livro; mas os redactores d'aquelle periodico, suppondo ter eu sacrificado ao meu ideal a verdadeira doutrina da Igreja Catholica, desculparam-se com a urgencia da revisão de a terem admittido. Então Fonseca Pinto tomou sobre si espontanea e obsequiosamente o encargo de defender-me, o que muito lhe agradei.

A sua defeza, sabiamente deduzida e muito apreciada do publico entendedor da materia, encontra-se no *Instituto*, logo após a minha poesia (Vol. 34, pag. 466) e em nota a ella no *Parnaso Mariano*. Ainda em meu favor escreveu de França o fallecido poeta reverendo Thomaz Blanc algumas considerações, que sahiram no vol. 35 do mesmo *Instituto*, pag. 378, as quaes transcrevo em seguida na integra, não fazendo o mesmo á defeza de Fonseca Pinto, de que só vae o fim por ser muito extensa.

«Concluindo, diz este, como comecei: no que fica exposto desejei protestar pela orthodoxia d'um ponto que julgo leviana e injustamente censurado. Suppor que o snr. Ramos-Coelho na sua formosa elegia quiz dizer que Christo só *ficticiamente* tomara a apparencia de homem, que vestira a fórma humana, como se afivela ao rosto o disfarce de uma mascara, é suppor o que está muito longe do pensamento e até das palavras (bem entendidas) do religioso escriptor. Eliminar a realidade do corpo de Jesus é supprimir a vida mortal do Homem-Deus, que o poeta canta em sentidos versos; é suppri-



mir designadamente a tragedia do Golgotha, que elle nos pinta com tanta viveza; é destruir pela raiz a essencia mesma da crença catholica, á qual mostra prestar inteira adhesão. O poeta merece mais justiça. Os seus versos devidamente interpretados encerram doutrina perfeitamente orthodoxa em completa harmonia com a Escripura, com os Santos Padres, e com as decisões do mesmo concilio (o de Chalcedonia) que se invoca para os condemnar (o que tudo Fonseca Pinto provou largamente com auctores e textos que omitto por brevidade). A sua formosa elegia, toda impregnada de suavissimo affecto religioso, não visa, nem de longe, a macular a fé catholica, nossa, e egualmente sua, e que resumbra espontanea, eloquente, irresistivel em todos os versos da sua maviosa canção.»

Logo abaixo do escripto de Fonseca Pinto vem o de Thomaz Blanc, dirigido em fórma de carta ao mesmo, que é a seguinte:

«Très honoré Collègue:—Je viens de relire la très belle élégie de votre poëte portugais sur la Vierge au pied de la croix. Mr. Ramos-Coelho n'a voulu montrer qu'une chose: que la divinité de Jesus-Christ mourant sur l'infame gibet se révèle au milieu des cruelles souffrances qu'il endure. En effet l'humanité semble avoir disparu:

• Il souffre, et il se tait sur ses cruelles souffrances; il meurt et expire en pardonnant; il ne pleure pas, et il ne veut pas qu'on le pleure, parce que la chair qu'il a revetue

• Lui donne l'apparence de l'homme, mais non la réalité; et il reste dans sa nature Dieu comme au paravant.»

• Qu'a voulu dire le poëte?—que Jésus-Christ n'était pas homme et Dieu? nullement. Il a voulu prouver que le divin Sauveur, quoique ayant «la forme de l'esclave» un corps comme le nôtre en apparence, a en réalité un corps auquel n'étaient point inhérentes toutes les faiblesses de l'humanité, toutes les passions, qui sont la suite funeste du péché originel, un corps sans péché, sans souillure. C'est pourquoi il a pris ce corps dans le corps pur et virginal de Marie conçue sans péché et exempt de la souillure commune à tous les enfans d'Adam. Jésus-Christ n'avait donc que l'apparence de l'homme déchu, de l'homme souillé dans son origine, quoiqu'il fût réellement homme, *habitu inventus ut homo*, ayant une double nature, la nature divine et la nature humaine. Mais au milieu des tortures de la crucifixion cette nature humaine est sans faiblesse, comme il convient à l'Homme-Dieu, parce qu'elle est plus parfaite que celle du reste des descendants souillés d'un père coupable.

«Si le poëte nous montre le Fils comme impassible en face de la mort et au milieu des souffrances les plus cruelles, il place sous nos yeux la Mère désolée, le cœur percé par le glaive de la douleur, qui l'opprime, et qui se répand en gémissements et en sanglots.

«Elle gémit, elle pleure, pousse des sanglots, en voyant suspendu à la croix, pâle et agonisant, son Fils, son Jesus.»

«Ceux qui aiment à épiloguer sur les mots pourraient encore blâmer notre poëte d'avoir appliqué à Marie l'épithète de «divina», *divine*; cette expression est généralement employée et reçue dans les cantiques français. Faudrait-il en conclure que Mr. Ramos-Coelho croit que la Sainte Vierge n'est pas une créature, qu'elle n'a plus no-

tre nature, mais qu'en devenant mère du Sauveur elle a pris la nature divine? Qui oserait le soutenir?

«En resumé, je crois que certaines expressions employées par notre poète — *prout sonant* — peuvent prêter le flux à la critique, mais que, sérieusement examinées, elles peuvent recevoir un sens très orthodoxe.

«Qu'on n'oublie pas que, s'appuyant sur l'autorité du maître, les poètes peuvent se montrer *hardis*; que c'est un privilège que leur accorde le chantre de Tibur:

*Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*

«Il ne faut donc pas trop se presser de critiquer les favoris des muses, mais attentivement pèsér les mots qu'ils emploient pour en bien pénétrer le sens.

«J'ai l'honneur d'être avec le plus profond respect votre très humble et très reconnaissant serviteur et collègue Thomas Blanc. Domazan, 18 Janvier 1888, par Aramon, Gard.»

A poesia á *Virgem*, álêm de sahir nas *Instituições christans* e no *Parnaso Mariano*, imprimiu-se tambem no *Instituto* antes da sua defeza, nos *Reflexos* e nas *Poesias vertidas*.

E a todos que encontra anciosa  
Pergunta: ó vós que passaes,  
Dizei-me se dor como esta  
Houve no mundo jamais. — pag. 319

Estes versos são quasi a traducção de parte do versiculo 12 das *Lamentações* de Jeremias:

«O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus».

A UNS VERSOS MEUS — pag. 326

Os versos a que alludo acham-se nos meus *Preludios poeticos*, a pag. 247. Eil-os:

Amo a fonte onde pela vez primeira  
Ambos nos encontrámos,  
A cujo brando som tantas palavras  
De amores mixturámos.

DO CANTO I.º DO INFERNO — pag. 329

Visto que já foi publicado este fragmento no prologo, com que o meu amigo, o sr. dr. Xavier da Cunha, acompanhou a traducção d'aquella parte do poema do immortal florentino, feita pelo fallecido escriptor Domingos Ennes, resolvi-me a inseril-o na presente collecção. De outro modo ficaria inedito.

Sobre o que infundadamente correu na imprensa de eu intentar verter a trilogia de Dante veja-se o mesmo prologo e a nota n'este volume á poesia — *A Vegezzi Ruscalla* — pag. 801.

AO SR. JOSÉ LAMARQUE DE NOVÔA — pag. 333

Tendo este poeta hespanhol-vertido o meu soneto *Amor na morte*, pouco depois de eu o publicar no meu volume de poesias intitulado

*Reflexos*, fiz-lhe o presente, a que elle replicou com o seu *Contestacion*, que vae em seguida acompanhado da traducção do sr. Prospero Peragallo. O de Novôa sahio á luz pela primeira vez no jornal de Sevilha *El Programa* de 1 de Outubro de 1899 juntamente com o meu, a que é resposta, com o meu *Amor na morte* e com a sua versão, e pela segunda com esta, com o meu original *Amor na morte* e com a versão italiana da *Contestacion* no livro de poesias de Novôa *Desde mi retiro*. A *Contestacion* e a versão do sr. Peragallo sahiram tambem nas *Poesie portoghese e sivigliane* d'este ultimo, razão por que tambem aqui as dou unidas.

PARA UMA CORÔA — pag. 338

Esta corôa devia ser posta, e julgo que o foi, no tumulo de Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, filho do estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, pela viuva d'aquelle, a Condessa de Geraz de Lima. Os versos pediram-n'os para esse fim.

A TASSO EM SANTO ONOFRE — Id.

O presente soneto foi inspirado pela visita que fiz a 5 de Novembro de 1887, no dito convento, á cella onde morreu o celebre poeta, e onde se guardam alguns dos objectos que lhe pertenceram; nêo podia deixar de cumprir este acto piedoso como seu admirador entusiasta e como traductor do seu famoso poema. Nenhuma das grandezas de Roña produziu em mim uma impressão semelhante á d'esse pequeno quarto cheio todo de memorias suas e que se nos afigura habitado por elle ainda: as outras abalam e commovem profundamente a intelligencia; esta abala e commove profundamente o coração. É em geral sabido como constantemente foi victima da desgraça o auctor da *Jerusalem libertada*, desgraça que emparelhou na grandeza com o seu genio: os seus amores infelizes, as perseguições que lhe moveram, a sua reclusão por louco no hospital de Sant'Anna, de Ferrara, a sua quasi miseria, a sua vida irrequieta e errante, e como emfim, acolhendo-se áquella casa religiosa, ahi exhalou o espirito, quando estava para ser coroado no Capitolio. O seu tumulo, obra do artista Fabris, acha-se na igreja do convento, na primeira capella da esquerda, entrando. Para elle lhe trasladaram os restos mortaes, que até então haviam jazido n'uma humilde sepultura, em 1857. O meu amigo, o fallecido Marciano da Silva, pintou um quadro, julgo que em Roma, onde estudou algum tempo, intitulado *Os ultimos momentos de Tasso*, em que o representa passeando na cerca do convento, da qual se avista uma boa parte da cidade, pois Santo Onofre fica sobre o monte Janiculo, ajudado por dois frades. Esse quadro, que elle trouxe, quando recolheu a Portugal, consta-me que pertence á galeria d'El-Rei. O presente soneto publiquei-o no *Occidente* em 1895, antecedido d'algumas linhas explicativas, por occasião do centenario da morte do grande poeta, n'esse anno celebrado em Italia. Julgo que foi a unica demonstração que houve em Portugal d'este facto; e só tomei sobre mim tal encargo por me competir mais do que a outrem, á vista de uma das razões acima apontadas: a de ser traductor do seu poema.

## A UNS ANNOS—pag. 339

Foi feita a pedido, para se recitar n'um theatrinho de familia, festejando os annos do dono da casa.

## VENEZA—pag. 341

Publicou-se no vol. 11 do *Occidente*, a pag. 78; e d'ella se fez então uma pequena tiragem á parte, que não foi posta á venda. É inspiração da minha chegada a esta cidade, a 23 d'Outubro de 1887 ás 7 1/2 da noite.

## Negra qual coche funebre—Id.

Parecem-no as gondolas, porque são pintadas de preto, e algumas teem o camarim, onde vão os passageiros, todo coberto por cima com um panno da mesma côr. As almofadas dos assentos do camarim são também revestidas de coiro negro. Pessima idéia, que torna estes graciosos barcos uma especie de carros de enterro! Que contraste com os nossos de cores vivas e alegres!

O gondoleiro attento  
Mixture como annuncio  
De quando em quando a voz.—Id.

Referencia aos gritos do gondoleiro para evitar o abalroamento quando volta de um canal para outro. São dois: o primeiro avisando que se approxima (già è), e o segundo á direita (premè) ou á esquerda (stali).

Deram-te no oriente as luzas quinas  
Golpe, golpe mortal; não menos forte  
Deu-t'ò na terra e mar o musulmano,  
Depois Napoleão votou-te á morte,  
E entregou-te da Austria ao jugo insano.—Pag. 342

É quasi escusado dizer que estes versos alludem á passagem do commercio da Asia, dos venezianos para os portuguezes, depois da descoberta da India; ás victorias da Turquia sobre Veneza no Mediterraneo, em que lhe tomou Chypre, as Cicladas, Candia, a Moréa etc.; á extincção da Republica em 1797 por Napoleão; e á cessão do seu territorio á Austria pelo tratado de Campo Formio.

Porêm esta velhice, esta rudeza,  
Esta auzencia de estrepito e de vida,

Estas ruas que o animo entristecem,  
Estas casas sem mimo e sem conforto,

Que sós, deshabitadas nos parecem;  
O palacio ducal bello, mas morto

E ermo, cheio só da gloria antiga &—Pag. 343

É profundamente triste a impressão do viajante que se demora em Veneza alguns dias, pelo menos, e não se limita a ver a parte melhor e mais animada, a do Canal Grande, mas a percorre em todos os sen-

tidos e a observa com os olhos do preterito e do presente. O deserto das ruas, a vetustade, pobreza e pequenez da maioria das habitações, a falta de ruído, pois todos andam ou a pé ou embarcados, visto que a cidade, pelos seus continuados canaes e pontes com degraus, não admitte nem carros, nem cavalgadas, o funebre aspecto de muitos d'esses canaes, a escuridão de muitas d'essas ruas, em geral estreitissimas, e ás vezes a proximidade do mar, quando, como do lado do norte (Santa Maria del Orto, Sacca della Misericordia, Fondamenta Nuove &), despovoado de navios, estende a perder de vista a solidão das suas aguas, tudo nos péza n'alma e nós enche de desanimadora melancholia. A visita ao palacio dos doges tambem é triste: admiram-se as suas bellezas, a sua grandeza, mas esta mesma grandeza, sem habitantes e como que abandonada, confrange-nos o espirito. Só á custa de evocar os seculos é que o povoamos, porém de sombras.

Este de pombos infinito bando,  
Superstição de um tempo venturoso,—pag. 343

Estes bandos de pombos reúnem-se na praça de S. Marcos, onde a Camara de Veneza os sustenta em memoria dos que no seculo XIII contribuíram, pelos avisos que levaram ao almirante Dandolo; para a conquista da ilha de Candia, que elle cercava.

E de Marino pela sombra augusta — Id.

Entenda-se o doge Marino Faliero, elevado ao poder em 1354, depois de ter servido gloriosamente a republica durante muitos annos, e decapitado em 1355, no seu proprio palacio, como auctor de uma conspiração, cujo fim era o morticínio de todos os patricios. Esta personagem bem conhecida na historia, é-o ainda mais por causa das tragedias de Byron e de Casimir Delavigne.

O palacio ducal...  
Que o patib'lo, a prisão e o throno abriga — Id.

Assim era; porque, além de morada para os doges, tinha prisões, e bem horrorosas, e logar para a execução dos condemnados politicos, o que ainda hoje se vê.

Templo, onde três religiões se adoram:  
Deus, patria e arte; oriental poema,  
Cujo estylo e tropheús a Asia memoram, — Id.

A egreja romano-byzantina de S. Marcos, famosa pela sua architectura e opulencia, e não menos pelas memorias que encerra dos tempos aureos de Veneza.

VEM TOMAL-A — pag. 344

Tendo o sr. Sarran d'Allard, escriptor francez, a que já me referi (vid. a nota á poesia—*A Leão XIII*), feito este soneto em provençal para festejar o anniversario do seu amigo, o sr. barão de Tourtoulon, fundador da *Revue du monde latin*, e querendo acompanhal-o de traducções em diversas linguas, pediu-me que fizesse a portugueza, ao que accedi, servindo-me d'uma versão que me enviou.

Vem tomal-a— foram as nobres palavras com que um dos senhores de Tourtoulon, no seculo XV, respondeu ao inimigo que o cercava dentro de um castello, situado na Auvergne, antiga provincia de França, quando o intimou a render-se.

Occitana, da terra da lingua d'oc. Francimans, segundo me diz o sr. Sarran d'Allard, é o nome que dão aos centralisadores que a todo o custo combatem o idioma do sul da França, a lingua d'oc.

### INSCRIPÇÃO — pag. 347

Esta inscripção, como outras muitas, que teem feito poetas e não poetas, não se poz no logar competente, e significa mais que tudo o desejo de alli se insculpir alguma, que assignale e perpetue o sitio do castello de Milão, onde D. Duarte, o Infante-Martyr da restauração portugueza, penou sete annos preso pela tyrannia de Hespanha, e afinal exhalou o ultimo suspiro. Muito desejaria eu effectuar tão piedoso intento; mas falta-me influencia para isso. Estimo estes versos como lembrança de quando visitei e examinei aquelles logares com o distincto architecto milanez, o sr. Lucas Beltrami, para a composição da *Historia* do Infante, que então escrevia e depois publiquei. A descripção do castello e da prisão, onde morou o Infante, vem no 1.º volume da mesma *Historia*, pag. 542 e 554.

Isto dizia eu nos *Reflexos* em 1898. O meu desejo de no castello se pôr uma memoria de ter estado alli preso e de alli ter morrido o Infante D. Duarte realizou-o porêm em 1904 o nosso illustre compatriota o sr. Mauricio Bensaude, o qual á sua custa mandou fazer a competente lapide, que foi inaugurada a 15 de Novembro do mesmo anno, com a assistencia de varias auctoridades, nossas e italianas. É pouco todo o elogio que se tribute ao sr. Bensaude pelo seu nobre e generoso procedimento; e eu, como portuguez e como historiador do Infante, aqui lhe apresento publicamente a minha homenagem de gratidão respeitosa. Se não concordei, nem concordo, com a inscripção, isso não tira nada ao grande merito do seu serviço ao nosso paiz, nem significa da minha parte (é bem que se note) despeito por não se collocar no castello a que aqui publico em verso, ao contrario do que se julgou até na imprensa, porque não foi feita para esse fim, conforme colligirá da presente nota dada á luz (a sua primeira parte) nos meus *Reflexos* em 1898, quem a lêr com olhos despreocupados. A inscripção é: Don Duarte de Braganza generale al servizio della Germania morì prigioniero in questa Rocchetta vittima della ragione di stato a dì 11 di settembre MDCXLIX dominando gli spagnoli. Anno MCMIV. P.

Esta incripção ficaria bem, se fosse posta no castello quando Hespanha era senhora do Milanez; mas agora que ella é do reino de Italia, que se diz livre, e que, de mais a mais, é governada por soberanos parentes dos nossos, agora não tem admissão possivel. Em vez das palavras— general ao serviço da Allemanha—ou antecedendo-as, devia portanto lêr-se, depois de—D. Duarte (sem o de Bragança, que não era preciso)— irmão do rei de Portugal D. João IV.— Isto é que se entendia; que era claro e era justo. Não culpo o sr. Bensaude, extranho ao caso; seria este apenas devido a descuido de quem redigiu a inscripção; mas não é menos digno de reparo esse descuido e o das auctoridades portugueza e italiana que o consentiram.

Á ILHA DA MADEIRA—pag. 348

Ao sr. dr. Fernandes Falcão, ornamento da advocacia portugueza, character bom e verdadeiro, deixo na dedicatória d'esta poesia um signal da minha consideração e antiga amisade.

Em manto de neblina te embuçavas—Id.

Assim estava sempre esta ilha, toda vestida de espesso arvoredó; e por isso não foi descoberta durante o espaço de alguns mezes, se não de um anno, pelos moradores da de Porto Santo, que a não distinguiam, e que só, quando chegaram perto d'ella, viram ser uma terra, em vez de uma sombra ou nevoa, como até alli julgavam. Esse espaço fiz desapparecer-o, tornando successivos immediatamente os dois descobrimentos, por conveniencia poetica.

Ao generoso brado  
Do grande Infante de perpetua fama,  
Quando, assim como de Synai o monte,  
Sagres de raios coroou a frente,  
E, desmedido pharo,  
Ao marinheiro ignaro  
Fez dissipar as trevas do horizonte.—Id.

Allusão á residencia do iniciador e propugnador das nossas empresas maritimas, o Infante D. Henrique, junto d'aquelle promontorio, e aos conhecimentos seus e dos homens de sciencia e de arrojo, que o rodeavam, e destruíram as lendas pavorosas, com que a ignorancia e a phantasia povoavam o oceano Atlantico, unico sentido este em que se pode tomar a denominação de Escola de Sagres, na qual muitos teem querido ver a existencia de uma especie de academia estabelecida no mesmo logar, mas sem nenhum fundamento.

D'esta poesia fez-se uma tiragem de cem exemplares para presentes.

Do teu fogo int'rior, do mar és filha,—pag. 350

Como se sabe, a ilha da Madeira é um vulcão extincto.

Á POLONIA—pag. 354

Na relação dos membros do quinto congresso da Imprensa, celebrado em Lisboa no mez de Setembro de 1898, não especificaram alguns jornaes os da Polonia, pois alli os incluíram como pertencendo a um dos paizes por que aquella desditosa nação foi injusta e violentamente repartida. A este lamentavel factó acudiu o sr. Szczepanski, um dos sete congressistas polacos, dirigindo ao *Diario de Noticias* uma nobre carta, em que o rectifica, a qual termina com o seguinte paragrapho:

«Nous vous prions de donner ces détails parce qu'on nous confond avec des délégués des autres nations—et nous tenons à constater que les délégués de la presse polonaise de toutes parties de l'ancienne Pologne ne représentent qu'eux mêmes, c'est á dire, la nation polonaise, qui, malgré qu'elle est divisée parmi trois états—reste une dans sa totalité.»

Da leitura d'esta carta, e immediatamente a ella, nasceu a minha poesia, que publiquei, pouco depois de composta, no *Occidente* (n.º 712), e em seguida á parte n'uma tiragem de quarenta exemplares, que não entrou no mercado, sendo o fim principal d'esta mandal-a para á Polonia, onde acolheram os meus versos com o maior enthusiasmo.

A versão que d'elles fez em prosa franceza o sr. Salema Barbosa, official do nosso exercito, viu a luz no *Bulletin Polonais* que se publica em Paris, no n.º de 15 de Dezembro de 1898, e pouco depois o sr. Wenceslau Gasztowtt, professor da escola franco-polaca da mesma cidade, mandou-me pedir licença para tambem a traduzir, o que não sei se realizou. A traducção do sr. Millien sahio a primeira vez nas *Poesias vertidas*.

#### INCITAMENTO — pag. 359

Foi escripta a pedido da Redacção da *Provincia*, do Porto, para o numero 4 de Fevereiro de 1899 d'este jornal, commemorativo do centenario de Almeida-Garrett; e dediquei-a ao Atheneu Commercial d'aquella cidade, e chamei-lhe *Incitamento*, porque o foi ao proposito da mesma corporação de fazer com que se lhe erijisse um monumento, proposito, infelizmente, não levado até hoje a effeito. Para o mesmo fim concorri com cem volumes dos *Reflexos*, que então se haviam acabado de imprimir, e onde vira a luz a dita poesia.

#### HENRIQUE FAURE — pag. 363

O sr. Henrique Faure, ha pouco tempo fallecido, escriptor francez, antigo e festejado amigo das nossas letras, traductor do *Frei Luiz de Sousa*, do *Camões*, e de parte das *Viagens na minha terra* (*La jeune fille au rossignol*), de Garrett.

#### QUADRAS POPULARES — pag. 364

Resultado de mero passatempo e alheias á tenção de se imprimirem, aconselharam-me todavia alguns amantes do genero que as dêsse á luz; hesitei bastante; emfim decidi-me a incluil-as na primeira edição dos *Reflexos*, e agora aqui as reimprimo nas minhas *Obras poeticas*. Nada valem; são uma imitação, um ensaio, e apenas um tributo especial de affecto pelo melhor dos povos, o povo portuguez, e pela sua singela e maviosa poesia, tirado do intimo d'alma de um seu irmão amantissimo. Algumas apartam-se um pouco do estylo popular, mas não duvidei incluil-as debaixo do mesmo titulo.

#### VESPERTINAS

#### AOS MEUS TRADUCTORES — pag. 372

Esta poesia serve de introduccção ao meu livro publicado em 1907 com o titulo de *Poesias de Ramos-Coelho vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez pelos snrs. Thomaz Camiúzzaro, Prospero Peragallo, Sólou Ambrosóli, Luiz Brignoli, José Bénoliel, Lamarque de Novóá, Göran Björckman, Achilles Millien, e Henrique Faure*,



a que me tenho referido varias vezes. Entre os traductores mencionados unicamente falta o ultimo, porque a sua versão foi feita posteriormente á composição da poesia da presente nota.

Quando publiquei em folheto esta poesia, que antes sahira no periodico litterario *O Occidente* (anno 1904, pag. 130), mandei alguns exemplares ás pessoas n'ella nomeadas, e o doutor Ambrosóli respondeu-me agradecendo com estes versos:

Da le rive del Tago remote  
Una voce per l'etra sali;  
Gittò ai venti le magiche note,  
E una schiera dispersa l'udi.

E d'Italia, di Francia, di Spagna  
Calda un'eco quel suono destò...  
Col saluto di Svezia e Alemagna  
A le rive del Tago tornò.

A UMA JANELLA—pag. 374

É o mesmo assumpto das pag. 269 e 270.

Á BANDEIRA PORTUGUEZA — pag. 375

Imprimiu-se no *Culto da Bandeira*, do capitão-tenente da armada sr. Leotte do Rego, antecedendo a conferencia feita pelo mesmo a este respeito na Liga Naval na noite de 14 de Maio de 1907; e depois no *Occidente*, n.º 1037 (d'esse anno), pag. 226.

Foram baldados todos os pedidos que fiz ao sr. Xavier da Cunha para diminuir os elogios que m'è faz no seu bello soneto adeante impresso, elogios exaggerados e immerecidos. Ah! vão pois como foram compostos, sem alteração alguma, e com o meu publico protesto de agradecimento.

FRANCISCA DE RIMINI—pag. 382

Dante, guiado por Virgilio, desce do primeiro circulo do inferno para o segundo, onde Minos sentença as almas condemnadas. «Io venni», diz o poeta,

Io venni in luogo d'ogni luce muto  
Che mugghia come fa mar per tempesta,  
Si da contrari venti è combattuto.

La bufera infernal, che mai non resta,  
Mena gli spirti con la sua rapina,  
Voltando e percotendo li molesta.

Quando giungon davanti alla ruina,  
Quivi le strida, il compianto e 'l lamento,  
Bestemmian quivi la virtù divina.

Intesi ch' a così fatto tormento  
Eran dannati i peccator carnali  
Che la ragion sommettono al talento.

E come gli stornei ne portan l' ali  
 Nel freddo tempo a schiera larga e piena;  
 Così quel fiato gli spiriti mali,

Di quà, di là, di giù, di sù li mena:  
 Nulla speranza li conforta mai  
 Non che di possa ma di minor pena.

E come i gru van cantando lor lai,  
 Facendo in aer di se lunga riga;  
 Così vid' io venir traendo guai

Ombre portate dalla detta briga:  
 Perch' io dissi: maestro che son quelle  
 Genti che l' aer nero si gastiga?

Responde-lhe Virgilio citando os nomes de diversos condemnados: Semiramis, Dido, Cleopatra, Helena, Achilles, Páris, Tristão, e outros muitos; e então segue a parte do canto que traduzi.

Julguei necessarias esta explicação e transcripção. Lidas attentamente, entende-se e aprecia-se muito melhor o episodio de Francisca de Rimini.

#### A VIEIRA LUSITANO — pag. 385

Tendo-me mostrado desejos o meu amigo, o Visconde de Castilho, de que eu compuzesse uma poesia para a obra *Amores de Vieira Lusitano*, que elle então escrevia, mandei-lhe a presente, que inseriu na mesma, a pag. 276.

Para boa intelligencia d'estes versos, cumpre lembrar a duradoira e contrariada paixão do artista pela que depois veio a ser sua mulher querida, paixão de que é objecto a sua obra: *O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, historia verdadeira que elle escreveu em cantos lyricos*, tornando assim inseparavel o seu nome do de Ignez, e dando occasião ao sr. Visconde de Castilho para perpetuar a mesma paixão no seu bello livro.

#### A GLORIA DE CABRAL — pag. 389

Foi-me pedida a composição d'esta poesia pela Redacção do *Brasil-Portugal* para o numero d'este periodico litterario destinado ao quarto centenario do descobrimento das terras de Santa Cruz, e n'elle se publicou com bastantes erros, por haver pouco cuidado na revisão das provas, que, posto as pedisse, me não mandaram.

E nem sequer uma de tantas ilhas  
 Que julgam n'elle haver — Id.

As ilhas dos mappas conjecturaes, feitos pelos cartographos, ao sabor da sua imaginação, como, por exemplo, o de Toscanelli, consultado por Colombo e pelo governo portuguez.

Instrucção a Cabral — Id.

Não se conhece das instrucções dadas a Cabral senão um frag-

mento a respeito da India; acredito porêem que devia existir n'ellas um capitulo recommendando-lhe que, visto ir tanto para occidente, a fim de melhor dobrar o cabo da Bôa Esperança, examinasse aquelles mares, a ver se encontrava alguma terra desconhecida. Nem seria a primeira vez que o nosso governo tentasse semelhante pesquisa, porque já em 1498 a encarregara a Duarte Pacheco, levado de igual proposito, conforme este declara no seu *Esmeraldo de Situ Orbis*.

O dito capitulo não teria logar, porventura, antes d'este facto, e principalmente antes da feliz viagem de Colombo; mas depois, tudo aconselhava que se não deixasse perder tão bello ensejo, qual era o da ida de Cabral á India. E digo que antes o governo portuguez não incluria aquelle capitulo nas suas instrucções, antes sobretudo da viagem de Colombo, porque até então, embebido na idéia das navegações orientaes, apesar de haver mais de cincoenta e três annos que os portuguezes tinham achado os Açores, a meio caminho da Europa e do novo continente, não só não impulsionou os descobrimentos para aquelle lado por conta propria, mas até mesmo não favoreceu como podia as expedições particulares, que dos Açores e da Madeira para alli partiram, privando talvez assim Portugal da gloria de patentear ao mundo a sua quarta parte.

Nem unicamente supponho com toda a probabilidade que houve esse capitulo; mas ainda me inclino a que a vontade de adquirir um nome, que emparelhasse com o dos grandes navegadores portuguezes, influiria em Cabral para persistir no rumo do occidente.

Deve-se outrosim lembrar que a 11 de Maio de 1500 se passou carta de doação a Gaspar Corte-Real das terras e ilhas que encontrasse, (1) e que a noticia dos passos anteriores a tal doação (coroadada de bom exito, o descobrimento da Terra Nova), provavelmente sabidos de Cabral, que partira dois mezes antes, tambem contribuiria para robustecer as suas ambições de gloria.

A questão de não ser casual o descobrimento do Brasil tem tido defensores e impugnadores. Contam-se entre aquelles, que eu saiba, Varnhagem, (2) Major, (3) Joaquim Norberto de Sousa e Silva, (4) Pinhoiro Chagas, (5) o sr. Baldaque (6) e o sr. João Braz de Oliveira, (7) estes dois officiaes da nossa armada. Transcreverei as palavras do ultimo, que mais cabem aqui pela sua brevidade, e que mais se conformam com o meu modo de ver.

Estabelece o sr. Oliveira que os pilotos portuguezes mudaram as suas derrotas, em virtude do avanço das descobertas para o sul, do conhecimento da brisa de Cabo Verde, das calmas do golfo de Guiné, do geral de sudeste, e sobre tudo do Cabo da Bôa Esperança, e que, para fugirem das ditas calmas e ganharem barlavento, tanto se alongaram para oeste que foram ter ao Brasil; e prosegue:

«Este facto pode admittir-se como derivado dos anteriores descobrimentos de Colombo; pois, estando provado haver ao occidente

(1) Arch. da Torre do Tombo, *Místicos*, vol. 5.º, fol. 46 e *Chanc. de D. João 3º*, liv. 35, fol. 2 v.

(2) *Panorama*, 4.º vol., pag. 21.

(3) *Lyfe of the Prince Henry*, pag. 409.

(4) *Memoria*, na *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil*, vol. 18, pag. 289

(5) *História de Portugal*, vol. 3.º

(6) *O descobrimento do Brasil*, no *Centenario do descobrimento da America*.

(7) *Os navios de Vasco da Gama*, no mesmo *Centenario*.

terras, era provavel que se prolongassem para o sul. Accrescia ser vantajoso continuar no bordo de oeste para melhor ir de bordada larga montar o Cabo; e sem pensar em ter ou não havido instrucção especial para procurar a nova terra pelo sul, parece natural que um navegador experimentado tivesse desejos de seguir na bordada mais alguns dias ao rumo do poente, e demais sem perder caminho, e a fortuna lhe tivesse confirmado as previsões.»

Idéia de haver um continente—pag. 390

A idéia de haver um continente do norte ao sul além do Atlantico já existia em 1501, e poderia existir com menos fundamento mesmo em 1500. Na carta de Pedro Pascualigo ao Senado de Veneza, de 18 de Outubro d'aquelle anno, já se diz, annunciando a chegada a Lisboa de uma das duas caravelas da segunda expedição que D. Manuel mandou em 1501, sob o commando de Gaspar Corte-Real, que os seus tripulantes acreditavam ligarem-se as terras, que acabavam de descobrir, ás outras, que tinha descoberto na primeira viagem em 1500 o dito Corte-Real, ás Antilhas dos hespanhoes e ao Brasil. (1)

Aves á chegada de Cabral—pag. 392

A verdura que boiava no mar, e os bandos de aves que appareceram pouco antes de se ver terra. (2)

HYMNO PORTUGUEZ—pag. 395

Como digo, é apenas um projecto. Foi-me pedida a sua composição por um amigo, e não tem musica, nem se divulgou.

N'UM ALBUM—pag. 399

As principaes idéias d'esta poesia não me pertencem. Revesti-as, e nada mais. Não tendo porêem servido o meu trabalho litterario para o fim a que se destinava, decidi imprimil-o aqui, pedindo desculpa ao auctor das mesmas idéias da collaboração a que o obrigo.

A CERVANTES—Pag. 401

Figurou manuscrita esta poesia na exposição commemorativa do terceiro centenario da primeira edição do *D. Quichote de la Mancha* do grande hespanhol, que se realizou na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 8 a 31 de Maio de 1905, e viu a luz da imprensa no folheto *A exposição Cervantina*, do conspicuo e zeloso director da mesma bibliotheca, o sr. doutor Xavier da Cunha, que a promoveu com o intuito louvavel de bem servir aquelle importante estabelecimento publico, sem olhar, como outras vezes tem feito, nem a trabalhos, nem a malevolencias, nem a invejas. Foi a seu pedido que fiz esta poesia.

(1) *Centenario do descobrimento da America.*

(2) Arch. da Torre do Tombo, Gaveta 8, M1ço 2, num. 8. (Carta de Pero Vaz Caminha).

## AO CENTENARIO DE BOÇAGE—pag. 407

Este soneto composto para as festas que se celebraram em Setubal solemnizando a data do seu fallecimento, foi n'ellas recitado por Manuel Maria Portella, poeta da mesma cidade, e acerrimo cultor da memoria do seu grande conterraneo. Depois sahiu no *Occidente*, no vol. 29 (1906), pag. 138.

Antonio Feliciano de Castilho compoz um soneto por occasião de se inaugurar o monumento a Bocage em Setubal no anno de 1871, que tambem acaba com o verso final do meu, alterado porêem na sua contextura, para o tornar de heroico em alexandrino, harmonizando-o assim com os restantes, que alexandrinos são igualmente. Não conhecia eu este soneto e só o vi no vol. III das *Novas telas litterarias* do grande poeta, publicado em 1908. No mais, a sua poesia e a minha são inteiramente diversas.

## AO MAR—pag. 408

Publicou-se, pouco depois de composta, na *Liga naval portugueza*, serie VIII, n.º 3, 1909.

## A SANTAREM—pag. 410

Serviu-me para esta versão a portugueza que vi n'um escripto, cujo titulo e auctor me fugiram da memoria. Ibn-Abdum era um poeta arabe, de Evora.

## À CASA DE MEUS PAES—Id.

É tão pessoal e intima esta poesia, que até ha pouco eu estava no firme proposito de a não imprimir; o acolhimento porêem que tive-ram outras semelhantes que viram a luz publica nos *Lampejos*, *Cambiantes* e *Reflexos*, e o conselho de alguém fizeram com que a tirasse da obscuridade onde viveu commigo tantos annos. Entretanto é com certa repugnancia que a isso me determino, porque mais do que em nenhuma entro n'ella em minucias ácerca da minha vida, e a minha vida sem importancia não as merece.

## QUADRAS POPULARES—pag. 414

Não desagradaram geralmente as que publiquei nos *Reflexos*. Eis o motivo por que vão affrontar a publicidade estas insignificancias.

## FRAGMENTOS DE UM POEMA—pag. 416

Tinha mais de quatro mil versos; e d'elle só resta o que aqui fica. O caso não pede outra explicação.

## JERUSALEM LIBERTADA

## JERUSALEM LIBERTADA—pag. 443

Em 1880, o professor Jacopo Ferrazzi, publicando em Bassano a

sua curiosíssima obra: *Torquato Tasso, studi biografici-critici-bibliografici*, inseriu n'ella o seguinte parecer ácerca das traducções portuguezas da *Jerusalem libertada*: «La versione del Mattos è molto elegante e nell' insieme ben metricata; del Tojal non abbiamo che i primi cinque canti: abbastanza melodiosi ne sono i versi, ma troppi gli errori madornali. Il Ramos quasi pareggia il Mattos nell' eleganza: ma vince tutti i suoi predecessori nella fedeltà. Il sig. Pereira, senza contrasti, ha il vanto di esprimere fidelissimamente il genuino pensiero del sublime cantore del Goffredo».

Conforme acabamos de vêr, Ferrazzi cita como diversa da de Mattos a versão falsamente attribuída a Tojal. P. G. Maggi na conferencia que fez em Milão no Instituto Lombardo a 23 de Dezembro de 1869 a respeito da minha traducção, e que n'aquella cidade no mesmo anno se imprimiu, com o titulo: *Di una versione portoghese della Gerusalemme Liberata di Torquato Tasso*, é de equal parecer. Além d'estes dois auctores entre nós tambem varias pessoas, e algumas até por escripto, assim o teem julgado, levadas naturalmente, umas pelo exame superficial que fizeram do assumpto, e outras por confiarem ás cegas na opinião dos que os precederam ou informaram.

Pois, apesar de tantos testemunhos em contrario, a versão chamada de Pedro de Azevedo Tojal, de que apenas sahiram cinco cantos em 1733, é a de Mattos, emendada por aquelle ás vezes para melhor e ás vezes para peor; o que resalta não só do confronto das duas obras, mas até simplesmente (o que é mais para notar) do que diz o proprio Tojal no seu prologo, onde se lêem estas palavras bem significativas:

«Eu... me resolvi a incansavelmente vencer com o trabalho o que o traductor (Mattos, a quem antes se refere), a ter mais paciencia, sem duvida que mais cabalmente conseguiria com o engenho: e assim fiz todo o possivel por afinar a lyra portugueza pela toscana, seguindo os passos (note-se) da mesma traducção, se bem que por diferentes pontos, pelas mesmas cordas, retocando sómente aquellas que me parecerão mais dissonantes.»

E que Tojal só corrigiu a traducção de Mattos melhor se evidencia do seguimento do mesmo prologo, onde cita os defeitos em que incorreu o seu antecessor e se propõe emendal-os, e das passagens de ambos os auctores que trancrevo adeante.

Á vista do exposto, as quatro versões que conta Ferrazzi ficam reduzidas a três; a saber: a de Rodrigues de Mattos, impressa em Lisboa em 1682, reimpressa em Coimbra em 1859, e reimpressa emendada por Tojal (só os cinco primeiros cantos) em Lisboa em 1733, a minha, e a do doutor João Felix Pereira, publicadas ambas na mesma cidade, a primeira em 1864 e a segunda em 1877.

Além d'estas traducções dadas á estampa, ha duas manuscriptas, existentes, uma no Archivo da Torre do Tombo, e outra na Bibliotheca Nacional de Lisboa, ambas em oitava-rima, que não são mais do que a de Mattos alterada, e de equal merecimento á d'este, e uma em prosa no dito Archivo, indigna de toda a consideração. De todas três, assim como da de Mattos e da attribuída a Tojal, escreve larga e proficientemente o sr. dr. Xavier da Cunha nas suas *Impressões Deslandesianas*, apresentando os fructos da analyse a que as sujeitou, os quaes vieram confirmar, com maiores provas, o estudo menos minucioso que eu d'ellas fizera em tempo, e que me levava á convicção do que acabo de expôr.

Quanto ao juízo de Ferrazzi sobre a minha versão, eis o que o mesmo sr. doutor Xavier da Cunha imprimiu na dita sua obra (de pag. 224 a 226 do primeiro volume), onde espontanea e generosamente sahiu em minha defesa, ao tratar da primitiva edição do escripto de Mattos, por sêr feita na typographia de Miguel Deslandes.

«Se, diz elle, depois de reproduzir a opinião do auctor italiano, por pessoa de tanta gravidade (como sem favor deve o erudito Ferrazzi qualificar-se) não estivessem subscriptas as palavras que transcrevi... (as do principio d'esta nota) cuidaria, quem as lêsse, achar-se mystificado por algum dos espiritositos zombeteiros que, na superstição lendaria da idade-media, gostavam de vir por travessura divertir-se á custa da pobre humanidade.

«Mas... subscriptas por aquelle insigne professor... palavra de honra que se me afiguram perfeitamente um sonho!

«E de duas uma:—ou o illustre Ferrazzi está longe de sufficientemente comprehender a lingua portugueza, para aquilatar traducções na mesma lingua escriptas; ou exclusivamente se constituiu porta-voz de informações extranhas, que não soube devidamente interpretar. (1)

«Sem por modo algum atacar uma questão (que entra aqui apenas como incidente mui secundario), direi entretanto que, para ajuizar da leviandade com que o professor Ferrazzi avaliou em quatro pennadas as quatro versões, basta reparar no qualificativo attribuido á traducção de Mattos: chamar «muito elegante e bem metrificada» uma versão que no seu banal prosaismo antes parece o primeiro insaio de um collegial inexperiente,—representa um dislate comparavel ao de quem affirma que a traducção de Ramos-Coelho «quasi imparella na elegancia com a de Rodrigues de Mattos!» *quasi imparella!* (note bem o leitor); por Deus... que parece isto inacreditavel, mas lá está *ipsis verbis* clarissimo no livro do professor Ferrazzi (il Ramos quasi *pareggia* il Mattos nell' eleganza)!

«No seu auctoritarismo de critico sobranceiro, o professor Ferrazzi compraz-se todavia em figurar de benevolo: e assim, antepoendo em pontos de elegancia á traducção de Ramos-Coelho a de Rodrigues de Mattos (!), declara (não sei se como premio de consolação) que Ramos-Coelho «sobreviveu em fidelidade aos seus predecessores». Mas logo—(como se o preoccupasse a idéa de poder-se Ramos-Coelho invaidecer com tamanha gloria!—trata o sobrio critico de lançar agua na fervura, ponderando que, entre todas as versões portuguezas do poema, só na traducção do professor João Felix (aqui para nós, uma traducção litteral em prosa metrica) se encontra (*senza contrasti*) expresso com fidelidade maxima o genuino pensamento do poeta sorrentino!

«*Amicus Plato, sed magis amica veritas!* hei de morrer abraçado a este soberano principio de eterna justiça,—principio tantas vezes invocado e tantissimas sophismado ou postergado por aquelles mesmos que o invocam. *Amicus Plato* (repito), *sed magis amica veritas.*

«Em meu caso muitos se acobardariam tolhidos por natural modes-

(1) Ferrazzi, ignorante da nossa lingua, como o sei por mim proprio, não podia avaliar obras escriptas n'ella; teve a infelicidade de recorrer a uma pessoa, que julgou competente, e o era, a uma pessoa que julgava conscienciosa, e que n'este caso não se mostrou nem uma nem outra coisa. Errou portanto só na escolha do informador, e estou quasi certo que procedeu innocentemente.

tia. A mim... nada porêem me tolherá de protestar contra as iniquas affirmativas do illustre cathedratico,—pois que, em verdade, traducção portugueza do poema de Tasso, capaz de imparilhar com as bellezas e excellencias do original italiano, capaz outrosim de cabalmente mostral-as a quem não logre na lingua toscana intendê-las, outra não conheço eu, nem conhecem criticos imparciaes, senão aquella com que José Ramos-Coelho inriqueceu em 1864 as lettras patrias.»

Vejamos agora qual é a grande elegancia e a bôa versificação de Mattos, que Ferrazzi tanto encarece, fazendo-se echo de mal fundadas informações; e vejamos ao mesmo tempo qual a sua fidelidade, qual o seu conhecimento da lingua italiana e da portugueza, e qual a sua sciencia; para o que servirão os exemplos em seguida, pequeno numero dos que eu poderia apresentar, se não me importasse avolumar este escripto. Pondo em confronto com as passagens do original as da versão de Mattos, os leitores poderão avaliar a justiça das minhas apreciações, e, juntando-lhes as da versão de Felix Pereira, ficarão habilitados inteiramente para conhecer o credito que merecem as palavras do auctor italiano. Devo porêem observar que Felix Pereira traduz em geral com acerto, e que o transcrevo só para mostrar o limitado valor da sua traducção, a qual, sendo tão prosaica, não pode exprimir o «genuino pensamento do sublime cantor de Godefredo», como se lê em Ferrazzi, porque um poema, e um poema como a *Jerusalem libertada*, não se traduz á laia quasi de um thema de collegio, e porque a fidelidade, mais exterior e de palavras, do que interior e de pensamento e colorido, se transforma n'este caso em verdadeira infidelidade.

Vamos pois aos exemplos.

Diz Tasso (Canto 1.º, oitava 63):

Alcasto il terzo vien, qual presso a Tebe  
Già Capaneo, con minacioso volto.

Diz Mattos:

Terceiro Alcasto vem; que Thebas vira  
Pastor, e aspira a feitos valorosos.

A antiga Thebas não viu, nem podia ver, o cruzado Alcasto, mas sim Capaneo, com que Tasso o compara, comparação que o traductor supprime, assim como o nome de Capaneo, o qual foi um dos sete chefes, que, junto com Polynices, cercaram aquella cidade. «Pastor e aspira a feitos gloriosos» não consta do texto. De maneira que em dois versos ha estes defeitos: supressão da comparação e do nome de Capaneo; confusão de pessoas e de tempos (do cruzado Alcasto, que Mattos faz aqui pastor em Thebas, com Capaneo, que é de quem Tasso fala em referencia a Thebas, e da epocha das cruzadas com a da Grecia) e implicitamente ignorancia da historia e infidelidade.

Felix Pereira traduziu:

Depois Alcasto vinha, qual, em Thebas  
Já Capaneo co'o ameaçador semblante.

E Tojal, emendando Mattos:



Segue-se Alcasto, a quem já Thebas vira  
Pastor, que aspira a feitos valorosos.

Na oitava 80 do mesmo canto Mattos confunde os navios que seguiam perto da costa para auxiliarem os cruzados com o exercito que se dirigia a Jerusalem.

Diz Tasso:

E questi, che son tutti insieme uniti  
Con saldissimi lacci in un volere,  
S'eran carchi, e provisti in vari liti  
Di ciò, ch'è d'uopo à le terrestre schiere;  
Le quai trovando liberi e sforniti  
I passi de' nemici a le frontiere,  
In corso velocissimo sen vanno  
Là ove Christo soffrì mortale affanno.

Diz Mattos:

E estes a um fim com firme laço unidos,  
Que em fé segura uma vontade encerra,  
De varios portos vinham já providos  
Do necessario aos esquadrões da terra;  
E, vendo que estão já desimpedidos  
Os passos dos imigos para a guerra,  
Seu curso deixam dirigir dos ventos  
Lá onde Christo soffreu crueis tormentos.

Ora — questi — concorda com — pini (navios) que está na oitava anterior, e — le quai — com — schiere (hostes), que immediatamente antecede, e não podia concordar com — pini — por esta palavra ser masculina. Levado do seu engano, Mattos, em vez de traduzir — o curso velocissimo — do original como devia, mudou-o em — ventos —, para os suppostos navios irem até Jerusalem!

Tojal, emendando Mattos, cahe no mesmo erro; como se vê dos dois ultimos versos:

Seu curso deixam impelir dos ventos  
Para onde Christo mil soffreu tormentos.

Felix Pereira verteu apropriadamente.

Na oitava 88 do mesmo canto diz Tasso:

Che, se un timore a incrudelir lo sprona,  
Il retien più potente altro sospetto:  
Troncar le vie d'accordo, e de'nemici  
Troppo teme irritar l'arme vittrici.

E Mattos:

Que, se cruel por temeroso esteve,  
Outro novo temor lhe abranda o peito;  
Manda troncar a via, e por agora  
Teme irritar a esquadra vencedora.

Outro mais poderoso temor — tem o original; e esse mais poderoso

temor é fechar o caminho a um ajuste com o inimigo triunphante; o que Mattos interpreta: que Aladino «manda troncar a via á esquerda». Além d'isso, emprega fóra de proposito o verbo «abrandar», quando Tasso tem «suspende».

Felix Pereira traduziu:

Que, se o temor a ser cruel o incita,  
Retem-o outra suspeita mais potente:  
Receava perder do accordo as vias,  
Irritando os imigos vencedores.

E Tojal, emendando Mattos:

Que, se cruel por temeroso esteve,  
Outro maior temor lhe esfria o peito;  
Manda a via troncar, e por agora  
Teme irritar a esquadra vencedora.

No canto 3.º, oitava 61, aos versos:

Presagio ah, troppo vero! E qui le ciglia  
Turbate inchina, e poi le innalza e chiede

faz corresponder Mattos estes:

Presagio, oh, quanto certo! E a sobrançelha  
Inclina aqui e levanta, mas pergunta;

demonstradores do seu máu gosto e do seu espirito de traductor servil.

Felix Pereira traduziu:

Ah! presagio tão certo! E então a vista  
Turbada inclina; e após pergunta, erguendo-a.

E Tojal, emendando Mattos:

Presagio oh quanto certo! e a sobrançelha  
Aqui baixa e levanta; mas pergunta.

Da bella oitava 3o do canto 4.º (o retrato de Armida) reduziu Mattos os dois primeiros versos á semsaboria que vamos ver:

Fa nove cresse l'aura ao crin disciolto,  
Che natura per se rincrespa in onde.

Faz novo crespo a aura ao desatado  
Pello, que em ondas naturaes responde.

Felix Pereira traduziu:

Novos anneis em seu cabello solto  
Por natura annellado faz o vento.

Tojal não se atreveu a emendar a versão de Mattos, o que indica julgal-a bôa!

Já antes na oitava 26 interpretara Mattos os dois primeiros versos d'este modo especial:

Se puder ser, prenda a Godfredo a vista  
E a isca das palavras adornadas;

Prendi. s'esser potrà, Goffredo all'esca  
De' dolci sguardi e de' bei detti adorni;

o que Felix Pereira traduziu:

Captiva Godefredo, se puderes,  
Com encantos de olhar e vozes meigas;

ao passo que Tojal emendou assim o seu antecessor:

Faze ser a Godfredo rêde a vista  
Na isca das palavras adornadas.

A elegancia que lêmos em Mattos era muito do seu gosto; e logo no canto 5.º, oitava 25, além de n'outros logares, a encontrâmos repetida.

Diz Tasso:

Che'l reo demon che la sua lingua move  
Di spirto in vece, e forma ogni suo detto,  
Fà che l'ingiusti oltraggi ognor rinnove,  
Esca aggiungendo al infiammato petto.

Diz Mattos:

Que o réo demonio que sua lingua move,  
E dá vigor e forma ao seu despeito,  
Faz que sempre os ultrages lhe renove,  
Isca juntando no inflammado peito.

O original tem: Che il reo demon, isto é: que o malvado demonio; o que não equivale ao «réo» (criminoso) portuguez. O ultimo verso é a traducção litteral desengraçadissima do italiano.

Felix Pereira verteu:

O demonio que a lingua lhe movia,  
E tambem as palavras lhe dictava,  
Injusto ultrage fez que repetisse,  
Juntando fogo no inflammado peito.

E Tojal, emendendo Mattos;

Que o demonio que a lingua lhe movia,  
Qual espirito, e voz dava ao conceito,  
Renovar-lhe os ultrages lhe fazia,  
Isca ajuntando no inflammado peito.

No mesmo canto oitava 40:

A ver-se com Reynaldo volta a cara,  
E azas parece dar a um bruto agora.

Eis a traducção de Mattos dos versos originaes:

Ma ver Rinaldo immantimente volse  
Un suo-destrier che parve aver le penne;

o que corresponde em Felix Pereira a:

Mas a Rinaldo incontiente volve  
O seu frisão que pennas ter parece;

e em Tojal, emendando Mattos:

A ver-se com Reynaldo logo a cara  
Volta n'um bruto, a que azas dava a espora.

E no mesmo canto ainda, oitava 6o, não parece Mattos levantar o testemunho ao poeta de dizer que Armida se deitava na cama com quem era do seu agrado!

Co'aquelles da familia, que havia eleito,  
Retirada cobrava o doce leito;

sendo o original:

Fra duo suoi cavalieri e due matrone  
Ricovrava in disparte al padiglione;

o que significa apenas: que tornava á tenda acompanhada de duas damas e de dois cavalleiros?

Felix Pereira traduziu:

Entre dois cavalleiros e duas damas  
Retirando-se foi ao seu tentorio.

E Tojal, emendando Mattos:

Entre os seus dous campiãoes, que havia eleito  
E as duas aias, só buscava o leito.

Os trechos dos cinco primeiros cantos, que se acabam de ver, mostram claramente que a versão chamada de Tojal é, como eu disse, a de Mattos emendada, e tambem qual a infidelidade, falta de poesia e deselegancia d'este; mas, para maior prova, apresentarei ainda alguns exemplos.

Escreve Tasso na oitava 8o do canto 6.º:

Or in tanta amistà senza divieto  
Venir sempre ne puote alla compagna,  
Nè stanza al giunger suo giammai si serra,  
Siavi Clorinda, o sia in consiglio o'n guerra.

Isto é: Ora em tanta amizade (como havia entre Herminia e Clorinda) pode vir sempre (Herminia) sem obstaculo ver a companheira; nem se lhe impede o entrar em sua morada, ou Clorinda esteja alli, ou esteja em conselho ou na guerra.

Isto verteu Mattos assim (parece incrível):

E como a esta amizade corresponde  
Clorinda, era impossivel a fugida,  
Pois nunca do seu lado se desterra,  
Ou assista nos conselhos ou na guerra.

Felix Pereira traduziu:

Ora em tanta amizade, sem obstaculo,  
Falar-lhe pode vir a toda a hora:  
Não se lhe fecha a casa, quer esteja  
Clorinda no conselho, quer na guerra.

E o episodio de Herminia no Canto 7.º! Abre-o logo Mattos com a seguinte ignorancia do italiano, sem ao menos notar que a sua interpretação está em manifesta desharmonia com o que segue:

Em tanto Herminia, entre a espessura umbrosa  
De antiga selva, do cavallo de'ce,

correspondendo aos versos de Tasso:

Intanto Erminia infra l'ombrose piante  
D'antica selva dal cavallo è scorta;

os quaes querem significar que Herminia é levada pelo cavallo etc.

Felix Pereira traduziu:

Emtanto Erminia, entre as umbrosas plantas  
De antigas selvas, a cavallo corre.

N'outros logares d'este formoso episodio é Mattos infelicissimo. Só notarei d'elle os versos quinto e sexto da oitava 17:

La fanciulla regal di rozze spoglie  
S'ammanta,

em Mattos:

A regia dama as rosas despojava.

Rozze, grosseiros, e portanto adjectivo, transformado no substantivo—rosas, e o verbo cobrir ou vestir no contrario—despojar ou despir!

Felix Pereira traduziu:

A donzella real de toscas vestes  
Se cobre,

Na oitava 56 do mesmo canto diz Tasso:

Quinci alcun non aspetta, e monta in sella,  
E fa condursi innanzi il suo prigione,

ou: então, sem esperar ninguém, monta a cavallo (Argante) e faz conduzir deante de si o seu prisioneiro (Othon, que tinha vencido em combate singular).

Não o comprehendeu assim Mattos; porê m d'est'outro modo:

Monta a cavallo em furias revestido,  
Com elle ao mesmo tempo se partia.

Felix Pereira traduziu:

E, sem mais esperar, monta a cavallo,  
Fazendo ir na frente o seu captivo.

O dislate de Mattos no ponto sujeito bem se evidencia transcrevendo os quatro versos antecedentes da sua mesma traducção:

Chamou, d'estes furores commovido,  
O araldo, e em voz turbada lhe dizia:  
Ao campo vae, e o duello estabelecido  
Ao cavalleiro dé Jesu annuncia.  
Monta a cavallo etc.

donde se conclue que a palavra—elle—é referencia não a Othon, mas ao arauto, isto, apesar de o original dizer claramente:

E fà condursi innanzi il suo prigione.

E Mattos no canto 6.º lá vira o combate de Argante com Othon; como aquelle o vencera; como depois pelejara com Tancredo, e ficaram aprazados para a continuação da lide, obrigando-se Argante a trazer comsigo o seu prisioneiro, que prostrara ferido; por signal que Mattos, transtorna a oitava em que ha este compromisso e o aprazamento, vertendo:

Logo o outro lhe diz: tu ao mesmo effeito  
Promette que trará s teu afilhado,  
Que de outra sorte por nenhum respeito  
Desistirei do duello começado.  
Jura um e outro araldo este preceito,  
E sinalando o tempo destinado,  
Sendo a cura dos golpes o pretexto,  
Poem por termo a manhan do dia sexto;

o que é bem diverso do italiano (canto 6.º, oitava 53):

Soggiunse l'altro allora: e tu prometti  
Di tornar, rimenando il tuo prigione,  
Perch' altrimenti non fia mai ch'aspetti  
Per la nostra contesa altra stagione.  
Così giuraro: e poi gli araldi eletti  
A prescriver il tempo alla tenzone,  
Per darè spazio alle lor piaghe onesto  
Stabiliro il mattin del giorno sesto.

Quem fala no primeiro caso é Tancredo a Argante: os que juram são estes dois, e não os arautos; e verter—prigione—por—padrinho—é não saber italiano.

Felix Pereira traduziu:

Então lhe torna o outro: E tu promette  
 Voltar, teu prisioneiro conduzindo;  
 Porque d'outra maneira não espero  
 Decidir a contenda n'outro tempo.  
 Assim jurarão; e os arautos logo  
 Eleitos p'ra marcar o prazo á lide,  
 Escolhem a manhã do sexto dia,  
 A fim que os dois curar as chagas possam.

Mas continuemos com o canto 7.º e com o mesmo combate. Seja a oitava 84 a escolhida.

Diz Tasso:

Mirava Argante, e non vedea Tancredi,  
 Ma d'ignoto campion sembianze nove.  
 Fecesi il conte innanzi, e quel che chiedi  
 È (disse a lui) per tua ventura altrove.  
 Non superbir però, che me qui vedi  
 Apparecchiato a riprovar tue prove;  
 Ch'io di lui posso sostener la vice,  
 O venir come terzo a me qui lice.

Diz Mattos:

Olhava Argante sé a Tancredo via,  
 Mas o ignoto guerreiro viu diante.  
 Que queres, diz elle ao conde, ou quem te envia?  
 A ti busco, responde, ó fero Argante.  
 Por tua grande ventura n'este dia  
 D'este logar Tancredo está distante;  
 Mas eu sua falta suppirei valente,  
 Ou vir já como quinto me é decente.

No original não é Argante que fala ao conde Raymundo, que substituiu Tancredo no combate; mas sim o conde a Argante. Na traducção dá-se o contrario no principio, e só depois é que fala o conde, trans-tornando-se n'isto, como no mais, o sentido, e até na palavra—terzo, que é traduzida indevidamente por quinto, quando com effeito o conde era o terceiro com que Argante ia pelejar, tendo sido o primeiro Othon e o segundo Tancredo. E além de tudo a belleza d'aquelle verso:

Que queres, diz elle ao conde, ou quem te envia.

Felix Pereira traduziu:

Argante olhou, mas viu, em vez do príncipe,  
 De ignoto campeão semblante novo.  
 O conde avança e diz-lhe: Quem procuras  
 Está, p'ra tua dita, n'outra parte.

Mas não te orgulhes: tens-me aqui, agora,  
 Apparelhado p'ra brigar contigo,  
 Por quanto fazer d'elle as vezes posso,  
 Ou me é licito vir como terceiro.

E logo quatro oitavas depois não verte Mattos:

E'l possente corsiero urta per dritto,  
 Quasi monton che al cozzo il capo abassa,

O cavallo arremessa por direito,  
 Qual carneiro que baixo o encontro espera,

estragando a comparação com os verbos oppostos—arremessa e espera?  
 Felix Pereira traduziu:

O possante corcel direito avança,  
 Como o carneiro que a marrar se atira.

Ainda no canto 8.º, os dois primeiros versos da oitava 4.ª:

L'opra è degna di te: tu nobil vanto  
 Ten desti già dinanzi al signor nostro

traduzidos d'este modo:

Obra é digna de ti, que sublimado  
 Premio do senhor nosso has conseguido

mostram quanto Mattos era pouco consciencioso, e conhecia pouco o italiano, pois não se trata aqui de premio, porém de a furia Alecto se haver já gabado deante do demonio de perseguir os christãos.

Felix Pereira traduziu:

De ti a obra é digna: nobres gabos  
 Perante nosso chefe já fizeste.

Agora vem o que devia ser fecho d'esta analyse, porque é o cumulo da ignorancia.

(Diz Tasso (canto 9.º, oitava 3.ª):

Ciò detto, vola ove fra squadre erranti,  
 Fattosen duce, Soliman dimora,  
 Quel Soliman, di cui non fu tra quanti  
 Ha Dio rubelli uom più feroce allora;

o que significa: dito isto, vôa (o monstro infernal) para onde Solimão vive entre hordas errantes, de que se fizera chefe.

Pois Mattos desfecha n'este desproposito:

Disse. E ás esquadras voou logo errantes,  
 Que guia Fatosem, e onde demora  
 Solimão, que de quantos arrogantes  
 Tem visto o céu, é o mais rebelde agora.



O participio do verbo — fare — com o pronome — se — e a particula — ne — transformados n'um nome proprio, e o sentido do original portanto alterado completamente!

Felix Pereira traduziu:

Dito isto, vôa aonde, feito chefe,  
Solimão entre errantes bandos vive,  
Aquelle Solimão, o mais ferino  
De quantos ha então a Deus rebeldes.

Este erro crasso é um dos que Tojal diz no seu prologo ter emendado. Como, não se sabe, porque não nos põe ao facto da emenda, e porque a sua publicação não passou do canto quinto.

Mas ainda notarei, para acabar, os dois primeiros versos da oitava 7.<sup>a</sup> do canto 13.<sup>o</sup>:

Udite, udite, o voi che da le stelle  
Precipitar giù i folgori tonanti;

que Mattos verteu;

Ouvi, ouvi, ó vós que das estrellas  
Abaixo os raios despenhaes tonantes;

o. que exprime o contrario do original, sem advertir o traductor que é uma invocação aos espiritos infernaes, e que estes, em concordancia com as idéias recebidas, não lançaram os raios do céu, mas foram d'elle lançados pelos raios do Eterno, que é o que diz Tasso.

Felix Pereira traduziu;

Ouvi, ouvi, ó vós que das estrellas  
Precipitaram já tonantes raios.

Posto já se vissem nas transcripções feitas alguns exemplos de como estropia Mattos o italiano e a lingua materna, e até de quanto carece ás vezes dos mais elementares conhecimentos e de senso commum, insistirei n'este particular, notando ainda os seguintes tirados ao acaso. As palavras italianas pesante (pesado), arriva (chega), circasso (circassiano), tempre (tempera), crudo (cruel), face (facho), torregianti (torreado), pagano (pagão), soldano (sultão), estringe (aperta), são para Mattos em portuguez o mesmo, isto é: pesante, arriva, circasso, tempre, crudo, face, torregiantes, pagano, soldano, estringe. (1) Pluto (Plutão) conserva-o tambem do mesmo modo, sem attender a que Pluto é o deus da riqueza, e o de Tasso o do inferno; Matelda (Mathilde) fica para elle Matelda; Enrico (Henrique) Henrico; Cunigonda (Cunegundes) Cunigunda; Guilhelmo (Guilherme) Guilhelmo; reti (rethios) retos; norvegi (noruegueses) norvegios; Soría (Syria) Soría ou Sória; Ambuosa (Amboise) Ambuosa; conte de' Carnuti (Conde de Chartres) conde dos Carnutos; saracino (sarraceno) sarracino; arme

(1) Canto 4, oit. 6, v. 4; 4, 35, 2; 6, 31, 6; 7, 88, 8; 7, 92, 7; 9, 53, 7; 13, 27, 6; 20, 8, 2; 20, 73, 4; 20, 33, 1.

novelle (armas novas) armas novellas: lunga stagione (muito tempo) larga estação; talora (algumas vezes) tal hora; sulla prima giunta (logo) sobre a junta primeira; capo di Giudeca (cabo de Judeca) de Judeca a cabeça; gioghi del Tauro (cumes do Tauro) jugos do Touro. (1)

Quanto a versos máus e errados, ou tão forçados que assim se podem considerar, os primeiros e terceiros são frequentes, como temos notado, e dos segundos ahi vão alguns para amostra, além dos já conhecidos:

Doces nas iras; que seriam no riso?

Do pai e dos avós o fazem altivo;

Quando outro corre a elle, ou elle a outro corre.

Se me queres soccorrer, porque me privas

Mas, se me queres por guia, dentro ao muro

Nem do triste, dubio caminho temo o damno

E dão tributo ao Califa, mas tinha. (2)

E com estes exemplos ficam bem provadas a elegancia, a correcta metrificacão, a fidelidade e a sciencia de Mattos; nem proseguirei cansando os leitores com outros muitos, que qualquer pode achar, se estiver disposto a fazer o confronto da obra portugueza com a italiana, trabalho a que procedi em larga escala, e de que guardo abundantes apontamentos.

Quanto ás emendas que Tojal fez na versão de Mattos, já temos d'ellas uma perfeita idéia pelas que reproduzi dos logares competentes dos cinco cantos publicados, e que são: do canto 1.º, oit. 63, 80 e 88; do 3.º, oit. 61; do 4.º, 26 e 30; e do 5.º, 25, 40 e 60; além d'isso, das palavras soltas que citei deixou Tojal nos mesmos cinco cantos correspondendo ás italianas: Pluto, Henrico, Guilherme, retos, noruegios, Soría, Ambuosa, conde dos Carnutos, circasso e pagano. Na parte metrica pouco melhorou Tojal a obra de Mattos, quando não a peorou.

Mas, bõas ou más, foi Tojal que fêz as alterações á obra do seu antecessor? Aqui surge uma nova questão que o sr. Xavier da Cunha nas suas *Impressões Deslandesianas* (vol. 2.º pag. 219) decidiu em desfavor de Tojal, pois da comparação, a que procedeu, da sua chamada versão e da de Mattos com os manuscritos da Bibliotheca Nacional e da Torre do Tombo, chegou ao convencimento de que a dos manuscriptos (que ambos representam só uma «salvas umas variantes insignificantissimas») é a de Mattos com as numerosas emendas que o seu amigo, o padre André Nunes da Silva lhe fez;

(1) Canto 4, oit. 14, v. 8; 17, 77, 5; 5, 75, 4; 17, 79, 6; 8, 74, 8; 1, 41, 8; 5, 16, 1; 3, 74, 6; 1, 62, 1; 1, 40, 5; 20, 115, 6; 6, 2, 5; 6, 54, 4; 7, 76, 1; 11, 73, 3; 15, 18, 3; 17, 94, 4.

(2) Canto 3, oit. 22, v. 2; 5, 16, 4; 5, 70, 8; 5, 84, 1; 10, 12, 1; 14, 27, 3; 17, 24, 7.

para o que o sr. Xavier da Cunha se apoia no testemunho dos auctores da *Bibliotheca Lusitana*, e do *Dibuxo historico e panegyrico da vida e acções* do mesmo Nunes da Silva (ms. da Bib. Nac.), Diogo Barbosa Machado e D. Manuel Caetano de Sousa, os quaes dizem ter Nunes da Silva realizado taes emendas, e que esse texto assim alterado é intermediario no tempo aos textos de Mattos e de Tojal; concluindo o illustre escriptor que Tojal se aproveitou de ambos em muita parte, o que prova com adequadas citações.

De modo que Tojal, não só alterou, sem direito algum, a obra de Mattos, porque obras d'estas só o auctor as póde emendar, ficando aos mais o direito de notal-as, critical-as, ou levar a cabo outras, se tiverem cabedal para tanto, mas tambem se serviu da emendada, de Mattos, ou as emendas fossem d'este, ou de Nunes da Silva, ou de pessoa que desconhecemos; e, o que é sobre modo censuravel, calando a ultima circumstancia, por julgar que, não se divulgando o manuscrito, não se conheceria a sua fraude.

E, depois de tudo isto, a sua remodelação tem o merecimento que se vê; o que não obsta a que elle, no fim do volume primeiro e unico publicado, como já sabemos, dirigindo-se a D. João 5.º, a quem offerece a obra, ouse com inqualificavel e injustificavel falta de modestia, transcrever, apropriando-as a si, modificadas apenas no primeiro verso, as duas oitavas finaes do sublime poema de Camões:

Para amar-vos ás aras genio feito,  
 Para cantar-vos mente ás Musas dada,  
 Só me falece ser a vós acceito,  
 De quem virtude deve ser prezada.  
 Se isto o céu me (*sic*) concede, e o vosso peito.  
 Digna empreza tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação divina,

Ou fazendo que mais que a de Medusa  
 A vista vossa tema o monte Atlante,  
 Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
 Os muros de Marrocos e Trudante,  
 A minha já estimada e leda Musa  
 Fico que em todo o mundo de vós cante,  
 De sorte que Alexandre em vós se veja,  
 Sem á dita de Achilles ter inveja.

E, finalmente, depois de tão emendada e reemendada, a obra de Mattos (porque a publicação de Tojal, repito, e os manuscritos da Bibliotheca Nacional e da Torre do Tombo não deixam, apesar de tudo, de ser a obra de Mattos) pouco ou nada melhorou, e o seu valor litterario é bem pequeno. Demonstral-o foi o fim que tive em vista, fim a que só me induziu a necessidade de combater o juizo do professor Ferrazzi ácerca da minha traducção; pois era insensatez deixal-o eu ir por esse mundo á revelia, sendo-me tão prejudicial, e de homem de tanto credito, e de um livro tão manuseado, como o d'elle, embora esse juizo se estribe em informações superficiaes, se não suspeitas.

Agora algumas palavras ácerca da minha obra.

A publicação da *Jerusalem*, em 1864, foi precedida pela de varios trechos do poema em jornaes politicos e litterarios, lembrando-me apenas dos primeiros o *Futuro*, n.º 472 com o retrato de Armida (canto 4.º), e dos segundos a *Revista contemporanea de Portugal e Brasil* com o episodio de Olindo e Sophronia (canto 2.º), e o *Archivo pittoresco*, com a embaixada do rei do Egypto (do mesmo canto).

Este periodico no seu volume 3.º correspondente a 1860, pag. 370, depois de falar da traducção de André Rodrigues de Mattos, e acompanhando o fragmento da minha, dizia: «Era comtudo desejada outra versão, em que a poesia moderna, mais bem dotada e polida que a antiga, resplandecesse na trasladação de tal epopéa para o nosso idioma. Um poeta novel mas já bem estreado na imprensa com um volume de poesias, (1) se dedicou a esta laboriosa tarefa e conseguiu leval-a a cabo. Tem a versão do sr. José Ramos Coelho merecido a approvação dos peritos, e tanto que o sr. Alexandre Herculano a recommendou como obra que devia desde já ser contemplada na distribuição da verba do orçamento que se destina para auxiliar a impressão de livros uteis, taes como o *Diccionario bibliographico*, do sr. Innocencio; o *Camões*, do sr. Juromenha; a *Historia portugueza*, do sr. Rebello da Silva, que se estão estampando na Imprensa Nacional. Sabemos que já se requereu isto ao governo, e é de crer que a verba votada este anno seja repartida com o Tasso portuguez».

Nem foi só Alexandre Herculano que elogiou, como acabamos de ver, a minha traducção. Vegezzi Ruscalla, o illustre amigo de Portugal, o traductor do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, e da *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga, conhecedor em Italia da minha obra, teceu-lhe tambem animadores eucomios na *Rivista contemporanea*, de Turim, (fasciculos 68 a 70, pag. 417), e esse applauso do publico, e principalmente o d'esses dois homens de letras, foi para mim um lenitivo no meio da indifferença e da ignorancia de muitos, isto é, do maior numero.

A impressão da *Jerusalem* não foi, apesar d'isso, nada facil. De 1860, em que ella já estava acabada, a 1864, luctei com varias difficuldades, até que n'este anno sahiu á luz, não á custa da verba destinada pelo Governo para publicações uteis, visto que sempre se achava esgottada, mas graças ao favor que me fez o mesmo Governo de assignar com duzentos exemplares, o que me cobriu dois terços da despeza.

Seguem-se reproduzidos da segunda edição, quatro artigos ácerca da minha obra.

Artigo da *Rivista Italiana*, de Turim, de 6 de fevereiro de 1865.

*A Jerusalem libertada de Torquato Tasso, vertida em oitava-rima portugueza* por José Ramos Coelho. Lisboa — Typographia Universal — 1864 in-8.º

Depois de varias considerações sobre quão pouco se conhece em Italia a litteratura portugueza, e sobre a maior noticia que ha em Portugal da italiana, para confirmação do quê, cita diversas obras

(1) «*Preludios poeticos*, de J. Ramos Coelho 1 vol., de 300 pag. de 8.º Lisboa, 1857».

traduzidas em verso e em prosa na nossa lingua e algumas grammaticas e dictionarios, restringe-se Ruscalla ao assumpto, e continúa do seguinte modo:

«Tra i devoti, alle cose nostre vuolsi nominare prima e sovra tutti il chiarissimo cav. Giuseppe Ramos Coelho. Egli non pure conosce a fondo la lingua italiana, ma ne sa trar fuori le più squisite bellezze e traducendo poesie di nostri autori sa dar loro tal veste portoghese da farle parere originali.

«Nel N. 1 della *Corrispondenza Letteraria*, che si stampa in Torino, disse di una sua elaborata versione della celebre ode di Manzoni: *Il cinque Maggio*: ora mi fo a parlare di quella dell'intiero poema del gran vate da Sorrento, come ne feci promessa in quell' articolo: versione che occupò per molti anni il chiarissimo signor Ramos Coelho, adoperandovi attorno, come consiglia Orazio, diurnamente la lima, onde dare ai suoi versi non solo ammiranda lindura, ma far loro riprodurre la sfumatura dei colori e persino la speciale armonia che governa ogni verso italiano. Sotto questo aspetto la traduzione del Ramos Coelho è superiore a tutte quante le francesi, inglesi, tedesche, la spagnuola, la rumena, (1) e l'olandese, (2) che lessi e meditai. A parer mio questa versione ha tal pregio da trarmi ad asserire formar essa un bel riscontro ai *Lusiadi* dell'immortale Camoens.

«Affinchè i miei lettori facciano essi stessi stima che queste lodi non sono esagerate, riferirò alcune belle stanze del testo e della versione. L'analogia grandissima che passa tra il portoghese e l'italiano dà ad ognuno la facoltà di giudicarne, e le ottave trascelte, offrendo robuste o delicate imagini, mostrano meglio di altre la perizia del traduttore.

#### CANTO IV, STROFA 3

Chiama gli abitator dell'ombre eterne  
 Il rauco suon della tartarea tromba:  
 Treman le spaziose, atre caverne,  
 E l'aer cieco a quel rumor rimbomba.  
 Nè stridendo così dalle superne  
 Regioni del cielo il folgor piomba;  
 Nè sì scossa giammai trema la terra,  
 Quando i vapori in sen gravida serra.

#### VERSIONE

Sôa a tartarea trompa, das eternas  
 Sombras os moradores convocando;  
 Tremem as fundas, horridas cavernas;  
 Ao som responde o ar negro rebombando.

(1) La versione rumena del signor Atanasio Picleanu è in prosa e fu stampata a Bucaresti nel 1852; ma dessa venne condotta certamente su una versione francese, giacchè vi si chiamano gli eroi del poema Godefroà, Bouillon, Arnaud, Renaud, Beranger. Badoen in vece di Goffredu, Bullionu, Arnaldu, Renaldu, Berlinghieri e Balduinu; inoltre i francesismi vi si trovano a bizzeffe: come i *flattat*, *bandon*, *markis*, ecc.

(2) A questa veramente bella ed accurata versione dovuta al chiarissimo signor Ten-Kate, edita in Leida l'anno 1863 (2.<sup>a</sup> edizione) ho consecrato uno speciale articolo, che inserii nel *Museo di famiglia*, che publicasi in Milano, numero 13 (27 Marzo 1864).

Não baixa assim das regiões supernas  
 O coruscante raio trovejando;  
 Nem assim abalada treme a terra,  
 Quando o vapor em si gravida encerra.

## STROFA 7

Orrida maestà nel fero aspetto  
 Terrore accresce e più superbo il rende;  
 Rosseggian gli occhi, e di veneno infetto,  
 Come infausta cometa, il guardo splende;  
 Gl'involva il mento, e su l'irsuto petto  
 Ispida e folta la gran barba scende;  
 E in guisa di voragine profonda  
 S'apre la bocca d'atro sangue immonda.

## VERSIONE

Horrida majestade ó aspecto feio  
 Lhe torna mais medonho e soberboso;  
 O olhar sanguineo, de veneno cheio,  
 Cometa infausto, esplende pavoroso;  
 Acoberta-lhe o queixo e hirsuto seio  
 Longa barba, pello aspero e asqueroso,  
 E, á semelhança de voragem funda,  
 Sua bocca se abre, de atro sangue immunda.

## CANTO XVI, STROFA 18 e 19

Ella dinanzi al petto ha il vel diviso  
 E'l crin sparge incompsto al vento estivo;  
 Langue per vezzo, e'l suo infiammato viso  
 Fan biancheggiando i bei sudor più vivo;  
 Qual raggio in onda le scintilla un riso  
 Negli umidi occhi tremulo e lascivo.  
 Sovra lui pende, ed ei nel grembo molle  
 Le posa il capo e'l volto al volto attolle;

E i famelici sguardi avidamente  
 In lei pascendo si consuma e strugge.  
 S'inchina, e i dolci bacci ella sovente  
 Liba or dagli occhi, e dalle labbra or sugge.  
 Ed in quel punto ei sospirar si sente  
 Profondo sì, che pensi: or l'alma fugge  
 E in lei trapassa peregrina: ascosi  
 Miranno i due guerrier gli atti amorosi.

## VERSIONE

Armida o peito mostra descoberto,  
 E descomposta a coma ao vento estivo;  
 Langue de amor; de bello suor coberto  
 Luz-lhe o inflammado rosto inda mais vivo;

Um riso, como n'agua raio incerto,  
 Lhe brilha no olhar tremulo e lascivo;  
 Sobre elle pende; elle no seio brando  
 Poisa a fronte, o seu rosto contemplando;

E co'a vista faminta avidamente  
 A devora, e de amor se rala e mina.  
 Para sorver-lhe a bocca, ou para ardente  
 Libar os olhos seus ella se inclina.  
 Suspira então o joven tão ve'emente,  
 Que a alma crê fugir-lhe<sup>o</sup> pefegrina  
 Para a amada. Os guerreiros curiosos  
 Occultos vê'm taes actos amorosos.

«Potrei riferire intiero un canto, e si vedrebbe sempre ugual maestria ed ugual talento, ma il saggio che ne porsi basterà a provare la verità delle mie asserzioni.

«Il traduttore dedicò il suo lavoro al Rè ed alla Regina di Portogallo come simboli dell'unione delle due nazioni italiana e portoghese, ma con gentil pensiero diede ordine che se ne offrisse un esemplare al municipio di Sorrento. Per altro non solo Sorrento dev'esser grata a quest'omaggio, sì tutta Italia, perchè il Tasso è gloria italiana, e non solo della città che lo vide nascere. Io quindi mi permetto, a nome di tutti noi, di ringraziarnelo vivamente...

VEGEZZI RUSCALLA.»

Artigo do jornal: *Il Corriere di Firenze* de 28 de julho de 1867.

«Onorevolissimo Sig. Cav. Segretario. Appena io ricevetti lo stupendo poema *La Gerusalemme liberata*, tradotto in portoghese ed in ottava rima dall' illustre letterato sig. Giuseppe Ramos Coelho, che V. S. si compiacque di inviarmi prima che fosse depositato fra le altre opere appartenenti à codesta nobile Accademia degli Oscuri, cui il traduttore la offerì, mi posi a leggerne quà e là alcuni brani, come suol farsi di un libro nuovo. Ma poichè da quel semplice e primo balocco io intesi scendermi nell' anima un contento non mai provato in simili occasioni, cagionato dal sentire così bene e fedelmente interpretati ed espressi gli alti sensi dell' altissimo poeta sorrentino, aprii tosto tutti i fogli del libro, stampato in Lisbona nella Tipographia Universale nel 1864, ed il caso volle che mi trovassi appunto sott' occhio, il canto 13, nel quale il Tasso descrive il famoso bosco incantato custodito da quelli spiriti infernali e maligni, che impedir vogliono alla turba dei lavoratori cristiani la remozione del legname per fabbricarne macchine acconcie all' assalto di Gerusalemme. E così preso in un subito l'originale italiano, e confrontandolo colla versione ottava per ottava, verso per verso, parola per parola, io restai sommamente maravigliato, come il sig. Coelho abbia potuto far opera tanto bella e perfetta scrivendo in una lingua al certo meno armoniosa e forse meno ricca della nostra.

«È vero che tanto l'una quanto l' altra traendo origine dal celtico (la portoghese essendo stata poi modificata dall' arabo, dal goto, e dal latino; l'italiana dal greco, dal latino, ed in qualche parte dal provenzale) hanno fra loro molta somiglianza nella struttura, nella

forza delle parole e nell'armonia del discorso, ma ciò per un traduttore di versi già sublimi e limati è di ben poco ausilio, avvegna che gli rimanga sempre l'estrema difficoltà di ritrarre col pennello della copia sia la concisione dello stile, sia la sostituzione di un gran numero di piccole parole che molto esprimono in italiano, e che non trovano le equivalenti in portoghese, e la difficoltà inoltre grandissima di rendere intelligibili e chiare le ampie libertà poetiche che possiede la nostra bella lingua.

«Colla mia piena soddisfazione adunque proseguir a leggere quel canto, e giunto alla stanza 21.<sup>a</sup> ove si dice:

N'isto um som parte d'elle de repente,  
 Qual rebombo da terra, quando treme;  
 Ouve-se o murmurar do austro, o plangente  
 Quebrar da onda, que nas rocas geme;  
 Ruge o feroz leão; silva a serpente;  
 Uiva o lobo voraz, e o urso freme;  
 A trombeta diz guerra; os trovões troam.  
 Tantos e varios sons n'um som resoam,

«Sicuro della fedeltà del sig. Coelho, lasciai da parte l'originale e presi a leggerne la sola traduzione, che mi suonò sino alla fine del canto medesimo sommamente poetica ed armoniosa.

«Con pari attenzione e sempre con maggior piacere ho scorso di poi tutto il libro ammirando ovunque il bel dire, la scelta giudiziosa delli aggiunti, e di tanti vocaboli, che quantunque abbiano un eguale significato fra loro, pur nondimeno possono sconvenire in poesia se applicati indifferentemente a certi concetti più o meno sublimi, sicchè di mano in mano trasportato dal desiderio di leggere in portoghese, ebbi convincimento, che la lingua lusitana od esprima in poesia le scene di quiete e di melanconia come in Bernardino Ribeiro, o le ardite e le sublimi come nel Camoens, o le imitative e le strepitose come in Bocage, ella è sempre col suo verso armoniosa e variata, e somministra alla pari del verso italiano un compiuto esempio di elevatezza per la forza del suo numero.

«Tal è, mio Signore, l'opinione che mi son fatto di questa traduzione di gran lunga superiore all'altra che in Lisbona mi fece leggere, or volge qualche anno, il mio reverito amico sig. Antonio Feliciano Castilho, quel felice e ardito traduttore dei *Fasti* di Ovidio, volgarizzamento il primo che renderà al certo anche fra i lusitani più celebri il nome di uno dei più grandi epici che siano comparsi al mondo, e che omai si è reso immortale siccome lo si resero Omero, Virgilio e Dante, e quello stesso Camoens che ebbe al pari del nostro Torquato uguale la fama e la sventura.

«Ed ora, se è lecito ad uomo onesto comunque oscuro di reclamare un premio per colui che con tanta solerzia ed amore così bella traduzione compì; se è lecito in questi tempi di tristizia (nei quali la voce soltanto dell'ipocrisia e dell'egoista reclama immeritato guiderdone per chi lo aiuta nelle sue male opere); se è lecito implorare onori e ricompense per que' che ha procurato di far gustare a nuovi popoli l'opera ammiranda di un genio che fra le comuni meraviglie segnò la più alta linea del sapere italiano, io chieggo a lei, onorevole sig. Segretario a nome di tutti gli italiani riconoscenti che voglia



proporre alla predetta illustre Accademia di annoverare fra i suoi Socii onorari il sig. Giuseppe Ramos Coelho, unica, ma nobile ricompensa di che essa può disporre; e che altresì gli manifesti colle usate e sempre gentili sue maniere la sentita sua gratitudine e l'alta sua riverenza; riverenza e gratitudine le quali non verranno mai meno neppure nel cuore dello scrivente verso colui che ha diffuso nella sempre a me cara sua patria quel canto che diè a tanti fatti cospiranti a religioso fine unità, grandezza e gloria imperitura nel volgere dei secoli, e delle umane vicende. Lucca 22 Luglio 1867. Sono ecc.

«Di V. S. Illustrissima devotissimo servo Cesare Perini». (1)

Nota de Salvador Costanzo á minha versão do *Cinque Maggio* de Manzoni. (1)

«El Sr. Ramos Coelho ha traducido tambien *La Jerusalem libertada* de Tasso, con elegancia y esmero, y yo doy mil parabienes á ese insigne literato y poeta. Hace más de dos meses que he adquirido su preciosa traduccion, y juzgando-me juez competente en la materia por ser italiano, no vacilo en afirmar, que la traduccion del Sr. Coelho es una de las mas perfectas del gran épico Torcuato Tasso. Yo muy aficionado á la literatura lusitana, la he leido dos veces, y la leeré talvez una tercera.

«La literatura lusitana ha desplegado hoy un gran vuelo, y el Portugal tiene una numerosa falange de escritores de nota, asi pro-sistas como poetas.»

(1) Eis as noticias que dá d'este escriptor Innocencio Francisco da Silva no tomo II do seu *Diccionario bibliographico*:

«Cesar Perini, natural de Lucca, nasceu em 1807. Esteve por alguns annos domiciliado em Lisboa, onde entrou em 1837, na qualidade de emigrado por motivos politicos. Obteve passados tempos a cadeira de Professor de Declamação no Conservatorio Real, e serviu como tal até regressar para a sua patria, embarcando com destino para Genova a 21 de Outubro de 1848. Escreveu:

*O Coude Audeiro: Drama historico portuguez premiado pelo Jury Dramatico do Porto.* Lisboa, Typ. da Acad. das Bellas Artes. 1840. 4.º

*O Cigano: Drama em quatro actos.* Ibi, na Typ. de Antonio Sebastião Coelho. 1842. 8.º gr.

*O Marquez de Pombal, ou vinte e um annos da sua administração.* Drama historico em quatro actos. Ibi, na Typ. da Viuva Coelho & C.ª 1843. 8.º gr.

*A vespera de um desafio na regencia de D. João I: Drama em cinco actos, premiado pelo Conservatorio Real de Lisboa.* Ibi, na Typ. Rollandiana. 1848. 8.º gr.»

Naturalmente publicaria algumas obras em italiano, mas nada sei a este respeito.

No tomo IX do mesmo *Diccionario* lê-se ainda acerca de Cesar Perini:

«Ha uma carta sua escripta de Italia, e outra do sr. doutor Paulo Midosi a seu respeito; insertas uma e outra no *Diario de Noticias* n.º 773 de 10 de Agosto de 1867.»

(1) Na *Musica terrenal* do mesmo auctor, publicada em 1868, em Madrid, onde esta vem inserta, assim como varias traducções hespanholas da mesma poesia, de Hartszenbusch, Pesado, Risel, Matta, Rubi, Quevedo, Cañete, Mariscal, e Rives.

Salvador Costanzo nasceu em Syracusa, na Sicilia, e quando imprimiu a sua obra havia trinta annos que residia em Hespanha, em cuja lingua escreveu todas as suas obras, entre as quaes se destacam:

*El Anfítrion de Plauto y la Adriana de Tereucio traducidas del latín al castellano.* Madrid. 1859.

*Historia univrsal desde los tiempos mas remotos hasta nuestros dias.* 5 tomos.

*Manual de literatura griega.* Madrid 1860.

*Musica celestial, expresada en leyendas historicas, fantasias y elogios satirico-burlescos.* Madrid. 1865.

*Opusculos politicos e literarios.* Madrid. 1841.

Folhetim do *Commercio de Lisboa* de 23 de Abril de 1864.

...«E, comtudo, notaveis publicações teem sahido da imprensa n'estes ultimos tempos.

«Uma, sobre todas, preoccupa hoje de certo a attenção do mundo que lê, e tem o jus indisputavel a ser detidamente estudada e conscienciosamente admirada: é a traducção da *Jerusalem libertada* do Tasso, com que o nosso distincto poeta o Sr. José Ramos Coelho acaba de enriquecer a litteratura.

«Não é esta uma obra que se avalie de leve, mas um monumento grandioso, cujo preciosissimo valor só pertence aquilatar aos juizes competentes. Eu pretendi consignar aqui apenas um testemunho da minha profunda admiração.

«No seu longo trabalho não nos dá só Ramos Coelho a epopéa do immortal cantor de Godefredo, mas ainda a da propria luminosa e reflectida paciencia; e esta traducção, cujo maior merecimento se não cifra talvez em ser escripta em bellissimos versos, é o triumpho mais completo que a applicação do talento póde colher de difficuldades tamanhas, que assustariam qualquer vontade menos robusta, e arrefeceriam qualquer intelligencia menos ardente.

«Ramos Coelho apoderou-se da *Jerusalem libertada*; estreitou-a com todas as suas faculdades, não ficou ahi uma idéia que lhe passasse despercebida, não deixou um pensamento que não comprehendesse como se houvera sido o primeiro a concebê-lo; e depois, por um d'estes esforços gigantescos, de que o segredo se não divulga, verteu estrophe por estrophe, verso por verso, para um idioma menos opulento, o poema de Torquato Tasso, isto é, do poeta mais imaginoso da Italia, que é a patria da poesia e dos sonhos.

«E por que forma o fez elle?—de maneira a tornar impossivel o separarem-se jamais da memoria dos que cultivam as letras esses dois nomes—do auctor e traductor—que representam duas glorias tão vividouras como o bello, tão splendidas como a inspiração que lhes deu luz e alento.

«Desfila perante Godefredo o exercito dos cruzados; é a occasião de passarem os «almos esposos» Gildipe e Eduardo, a quem a guerra não conseguiu separar, como tão pouco o conseguirá a morte; e o poeta exclama:

Nelle scuole d'amor che non s' apprende?  
 Ivi si fe' costei guerriera ardita:  
 Va sempre affissa al caro fianco, e pende  
 Da un fato solo l'una e l'altra vita.  
 Colpo ch'ad un sol nocchia unqua non scende;  
 Ma indiviso è il dolor d'ogni ferita;  
 E spesso è l'un ferito, e l'altro langue,  
 E versa l'alma quel, se questa il sangue.

«O sentimento suavissimo que perfuma toda esta magnifica estrophe só podia cabal e exuberantemente ser reproduzido na estrophe que se segue:

Tudo comtigo, amor, tudo se aprende;  
 Por ti ella se fez forte e atrevida:  
 Vae sempre junto ao caro lado, e pende  
 De um só fado uma vida e outra vida.

Golpe que a um offende ambos offende;  
 É indivisa a dor, uma a ferida;  
 Se um ferem, soffre o outro crú tormento;  
 Se um verte o sangue, verte o outro o alento.

«Em outro qualquer genero prima egualmente o traductor, e, para exemplo, citarei uma, de entre muitas oitavas que se me deparam, a que mui de proposito faço succeder a dicção italiana, para que ambas se cotejem e confrontem, visto que, sinceramente, me parece a portugueza mais energica ainda e onomatopaica do que a outra.

«É no formosissimo canto setimo, depois do duello de Argante e Raymundo, em que este é traiçoeiramente ferido por Oradino; os christãos arremessam-se impetuosamente sobre os infieis:

Topam-se; e um rumor se ouve retumbante  
 De elmos, lanças e escudos resoando.  
 Um cavallo aqui jaz; além errante  
 Outro, sem dono ter, anda vagando;  
 Um guerreiro é já morto: outro expirante;  
 Qual suspira; qual geme soluçando.  
 Fera a peleja vae, e se encruêce  
 Tanto mais, quanto mais se trava e cre'ce.

«Diz o original:

D'elmi e scudi percossi e d'aste infrante  
 Ne'primi scontri un gran romor s'aggira.  
 Là giacere un cavallo, e girne errante  
 Un altro là senza rettor si mira.  
 Qui giace un guerrier morto, e qui spirante;  
 Altri singhiozza e geme, altri sospira.  
 Fera è la pugna; e quanto più si mesce  
 E stringe insieme, più s'inaspra e cresce.

«O que acontece com as estrophes transcriptas, acontecerá com outra qualquer que, ao acaso, se escolha; e para apontar todos os prodigios de escrupulosa exactidão e de surprehendente belleza que encerra o livro de Ramos Coelho fôra necessario nada menos do que apontar-lhe todos os versos.

«Restrinjo-me pois a saudar com enthusiasmo o traductor da *Jerusalem libertada*. Resta á imprensa o cumprir com o seu dever, não, recommendando a obra, que o não precisa, mas lembrando-a mais de uma vez, visto que o nosso publico, mesmo o dos litteratos, atende mais ainda hoje ás nullidades bulhentas que se impõem, do que aos talentos, que, como o do auctor dos *Preludios poeticos*, vivem tranquillos á sombra da sua modestia.»

ERNESTO MARECOS.(1)

(1) Posto que nacional e nosso contemporaneo, não será descabida aqui uma noticia de este talentoso e infeliz escriptor, desconhecido da maioria das novas gerações, e esquecido mesmo talvez por muitos dos que o trataram, no meio do tropel de auctores e acontecimentos que se tem succedido desde a sua morte.

«Ernesto Frederico Pereira Marecos (diz Innocencio Franciscº da Silva no tomo nono do seu *Diccionario bibliographico*) filho do distincto poeta e benemerito funcionario publico já fallecido José Frederico Pereira Marecos, de quem já fizemos devida commemoração (V. *Dicc.*, tomo IV, pag. 342). N. em Lisboa, a 16 de junho de 1836. Habilitado com os

## CANÇÃO DO PESCADOR—pag. 161

Completo a nota a estes versos que fica na pag. 787, dizendo que Julio Cesar Machado os aproveitou no seu conto—*Regresso á aldeia*. (Vide *Revista contemporanea de Portugal e Brasil*, vol. 2.º, pag. 502, anno de 1860).

---

estudos preparatorios indispensaveis, matriculou-se no curso de direito da universidade de Coimbra, obtendo plenas approvações no 1.º e 2.º annos; ainda chegou a frequentar o 3.º anno do mesmo curso, o qual contudo não concluiu por motivos que me são desconhecidos. Nomeado official da secretaria do governo geral da provincia de Angola, partiu para Loanda, exercendo alli o emprego referido por espaço de alguns mezes. Regressando a Lisboa, passou a servir como amanuense na direcção geral da contabilidade do Ministerio da Fazenda, lugar de que recebeu a exoneração que solicitara. Em junho de 1869 alcançou a nomeação de Director da Alfandega do Ibo, no districto de Cabo Delgado, provincia de Moçambique, para onde seguiu viagem pouco depois na barca-transporte do estado *Martinho de Mello*—Escreveu:

«*Maria, historia de uma mulher*. Coimbra, na Imp. da Universidade, 1855. 8.º gr. de 22 pag. (Em verso).

«*Primeiras inspirações; poesias*. Lisboa, Typ. do Panorama, 1865. 8.º gr. de 210 pag. e 2 de indice.

«*Juca, a Malumtolla: lenda africana*. Ibi, na mesma Typ. 1865. 8.º gr. de 42 pag. (Em versos de differentes medidas).

«*Juramentos bem cumpridos*. Ibi. 1855. 8.º (Em prosa).

«*Corôa de perpetuas: elegia por occasião da sentida morte da actriz Manuela Lopes Rey*. Lisboa, Imp. de J. G. de Souza Neves. 1865. 8 gr. de 16 pag.

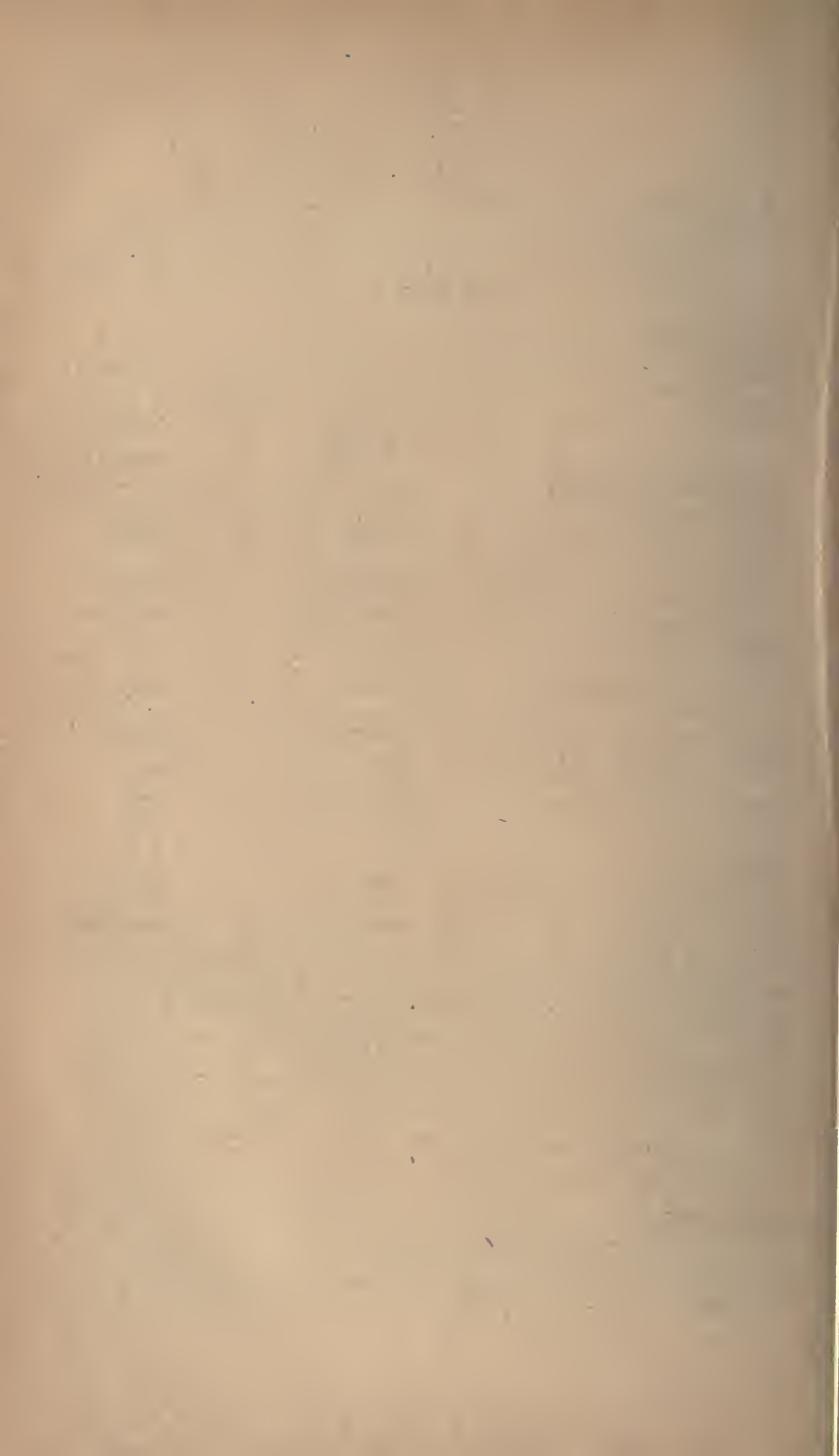
«*O thesouro de Fafnir, legenda extrahida das tradições germanicas ácerca da morte de Attila* (em varias especies de metros). Lisboa, Typ. do Futuro, 1865. 8.º gr. de 43 pag.

«*As confidencias: romance* (em prosa). Ibi, 1867. 8.º

«*A morta: poema em sete cantos*. Ibi, Typ. do Futuro. 1857. 8.º gr. de 193 pag.»

## ERRATA

Pagina	Verso	Lê-se	Leia-se
3	3	Com	Com o
11	2	olleggiar	aleggiar
11	15	il	in
50	4	dight!	night!
80	9	suavez	sauvez
103	4	servistes.	serviste.
117	20	em	en
210	19	lasci	lacci
210	39	ridente	ridenti
228	33	da	la
229	25	fitti	fatti
374	25	vi	a vi
466	25	devia	deviam
673	31	sangral-as	sagral-as



# INDICE

## PRELUDIOS POETICOS

	Pag.
A inspiração. . . . .	1
Ama. . . . .	4
Soffrimento . . . . .	5
Almeida Garrett . . . . .	6
Almeida Garrett (versão do dr. Luiz Brignoli) . . . . .	10
Só. . . . .	14
A mulher . . . . .	15
Soledade (de Lamartine). . . . .	19
L'isolement . . . . .	21
Para onde? . . . . .	22
Ainda. . . . .	23
A Portugal . . . . .	24
Aborrecimento. . . . .	26
N'uma trovoada . . . . .	27
Mal empregados. . . . .	28
Amor . . . . .	28
A gruta do phantasma . . . . .	30
A virtude . . . . .	35
Anjo . . . . .	37
Com as flores. . . . .	38
Como eu te amo . . . . .	38
Esperança no sepulcro. . . . .	40
Desamparo . . . . .	41
Flores novas. . . . .	43
Tributo . . . . .	43
Comtigo. . . . .	45
A despedida de Childe Harold (de Byron). . . . .	46
Adieu, adieu! . . . . .	48
Impossivel. . . . .	50
Formosura. . . . .	51
Incentivo . . . . .	52
Lembranças . . . . .	56
Que amizade! . . . . .	56
Singeleza . . . . .	58
Queixas . . . . .	59
Ramalhete. . . . .	60
A. . . . .	61
Camões e a Patria. . . . .	63
Primeiro suspiro (de Victor Hugo) . . . . .	66
Premier soupir. . . . .	67
A cantora . . . . .	68
Alegria . . . . .	68
Lgrimas . . . . .	70
Duas vidas. . . . .	71
Protesto. . . . .	72

	Pag.
Cabellos loiros. . . . .	72
No mar . . . . .	73
Por ella . . . . .	74
Saudade. . . . .	75
Felicidade. . . . .	77
Que olhos. . . . .	78
O poeta moribundo (de Millevoye) . . . . .	78
Le poète mourant . . . . .	79
Pallidez . . . . .	80
Rosa desfolhada . . . . .	81
O Brasil. . . . .	82
Innocencia. . . . .	84
Gratidão! . . . . .	84
N'um album. . . . .	85
Anhelos. . . . .	86

### NOVAS POESIAS

A sombra de Carlos Alberto . . . . .	89
L'ombra di Carlo Alberto in Campidoglio (versão do dr. Sólon Ambrosóli) . . . . .	94
O cahiz das folhas (de Millevoye). . . . .	96
La chute des fueilles. . . . .	97
Quadros de amor . . . . .	98
Esboço . . . . .	99
José Estevam . . . . .	100
Saudades do estio . . . . .	103
Invocação . . . . .	104
Primicias de amor . . . . .	105
A Setubal . . . . .	106
N'um album . . . . .	108
Só tu . . . . .	108
O juizo de Páris. . . . .	109
Contraste . . . . .	112
A minha riqueza. . . . .	113
Lagrimas bemdictas. . . . .	114
A gloria (de Lamartine) . . . . .	115
La gloire . . . . .	116
Que lembranças! . . . . .	118
A minha poesia . . . . .	119
A questão Charles et George. . . . .	120
Lidé (de André Chénier). . . . .	121
Lidé . . . . .	122
Quem sou eu . . . . .	123
Anceio e dor . . . . .	123
Ao pintor portuguez Annunciação. . . . .	125
Zelo amoroso . . . . .	128
Frieza. . . . .	129
Uma noite. . . . .	130
Segredos de amor . . . . .	133
Acorda . . . . .	135
A Concordata do Oriente. . . . .	136



	Pag.
Triste sem ti . . . . .	138
A Vasco da Gama (de Tasso) . . . . .	140
Outra versão. . . . .	140
O original . . . . .	141
Uma trança . . . . .	141
Cinco de Maio (de Manzoni) . . . . .	142
Il cinque Maggio. . . . .	143
A minha sorte. . . . .	144
Enleio. . . . .	145
As poesias posthumas de A. de Cabedo. . . . .	146
Declaração. . . . .	147
Childe Harold (fragmentos, de Byron). . . . .	148
Nunca mais . . . . .	157
Um quadro . . . . .	158
Teu nome. . . . .	158
D. Maria Telles . . . . .	159
Para um tumulo . . . . .	161
Canção do pescador . . . . .	161
A estrella e o tumulo. . . . .	162
Para canto. . . . .	164
Amemo-nos . . . . .	165

## LAMPEJOS

A Torres Vedras . . . . .	166
Perfume que passa. . . . .	170
Med en blommas behag (versão do sr. Göran Björkman) . . . . .	171
Wandelnde wonne (versão de Guilherme Storck) . . . . .	171
Perfume que pasa (versão do sr. José Bénoliel). . . . .	172
Recordação e presentimento. . . . .	172
Ouvindo-a. . . . .	172
A Camões . . . . .	173
Anciedade . . . . .	177
Ao maestro Sá Noronha. . . . .	178
A estatua da noite (de Strozzi e de Miguel Angelo). . . . .	179
Cegueira . . . . .	180
Ciego (versão do sr. José Bénoliel). . . . .	180
Thomaz Blanc. . . . .	181
Desillusão . . . . .	181
Palêta e lyra . . . . .	183
Temores . . . . .	183
Um enterro em Veneza . . . . .	184
Perigos . . . . .	185
Perigli (versão do sr. Prospero Peragallo). . . . .	187
De marmore. . . . .	188
Lyra intima . . . . .	188
Lira intima (versão do sr. Thomaz Cannizzaro). . . . .	189
Lira intima (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	190
Aspiração . . . . .	191
Lembrança indelevel . . . . .	192
Ricordo indelebile (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	193
Engano . . . . .	193

	Pag.
Täuschung (versão de Guilherme Storck) . . . . .	193
Satisfação . . . . .	194
A um livro de orações . . . . .	195
Ad un libro di preghiere (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	195
Sem perfume . . . . .	196
Sin perfume (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	196
Ao Infante D. Duarte . . . . .	197
Porque tremes . . . . .	200
A solidão . . . . .	200
Metamorphose . . . . .	203
Eterna . . . . .	203
Eterna (versão do Sr. José Bénoliel) . . . . .	205
Ainda bem . . . . .	208
A Christovam Colombo . . . . .	208
A Cristoforo Colombo (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	209
Extase bucolico . . . . .	211
Idyllish Verzückt (versão de Guilherme Storck) . . . . .	211
Recúa . . . . .	212
Indietreggia (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	213
Com o outomno . . . . .	213
Rapto . . . . .	214
Epitaphio . . . . .	214
Epitaffio (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	215
Voz secreta . . . . .	215
Voce segreta (versão do sr. Thomaz Cannizzaro) . . . . .	215
Den hemliga rösten (versão do sr. Göran Björkman) . . . . .	216
Voix secrète (versão do sr. Achilles Millien) . . . . .	216
Prophecia . . . . .	217
Ao perto . . . . .	220
Voz no deserto . . . . .	220
Recordação . . . . .	221
Um para o outro . . . . .	222
Uno para otro (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	223
A . . . . .	224
As andorinhas . . . . .	225
Le rondinelle (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	226
Las golondrinas (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	227
Crenga no porvir . . . . .	229
Fede nel avvenire (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	229
Foi dans l'avenir (versão do sr. Achilles Millien) . . . . .	230
Fe en el porvenir (versão de Lamarque de Novôa) . . . . .	230

## CAMBIANTES

O Bussaco . . . . .	231
Delirio . . . . .	237
Gôso . . . . .	237
Tristezas (de Ovidio) . . . . .	238
Tristium . . . . .	239
Esquiva . . . . .	240
Promessa . . . . .	241
Belleza . . . . .	242

	Pag.
A minha musa . . . . .	242
Restituição . . . . .	244
Lucta . . . . .	245
Expansão e concentração . . . . .	245
Hymno do Transwaal . . . . .	246
Confidencia . . . . .	247
Incerteza . . . . .	248
Irás de Maio . . . . .	249
Não me lembra . . . . .	253
Arrebatamento . . . . .	254
O poeta e a ave . . . . .	254
Harmonias . . . . .	256
Através do tumulto . . . . .	256
Ausencia . . . . .	257
Amor filial . . . . .	258
O avarento... (de Lafontaine) . . . . .	258
L'avare... . . . .	259
Sempre livre . . . . .	260
Um echo . . . . .	261
Esperança na primavera . . . . .	262
A favor de uns infelizes . . . . .	263
Amargura . . . . .	264
Amarezza (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	264
Amargura (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	264
O Lima e Bernardes . . . . .	265
Meteoro . . . . .	268
Meteoro (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	269
A uma janella . . . . .	269
Ad una finestra (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	269
Ao mesmo . . . . .	270
Ultrage e expiação . . . . .	270
Apparição . . . . .	273
Apparizione (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	274
Mudez . . . . .	274
A Vegezzi Ruscalla . . . . .	275
Sympathia . . . . .	277
Agradecimento . . . . .	277
Anniversario . . . . .	278
No canal de Veneza . . . . .	279
As armas portuguezas . . . . .	280
Lar e tumulto . . . . .	281
Hogar y tumulto (versão do sr. José Bénoliel) . . . . .	283
N'um album . . . . .	286
Raio de luz . . . . .	287
Alma occulta . . . . .	287
Ultimo laço . . . . .	288

## REFLEXOS

Á inauguração do monumento a Camões . . . . .	289
Zur enthüllung des Camoens-standbildes (versão de Guilherme Storck) . . . . .	293

	Pag.
Gemeas . . . . .	294
Sem ella. . . . .	294
Conselho. . . . .	295
Sempre . . . . .	298
Primavera e inverno . . . . .	299
Ultimo encontro. . . . .	300
Os meus amores. . . . .	301
Devaneio . . . . .	302
Dois annos . . . . .	303
A vida ao pé da morte. . . . .	303
Conformidade . . . . .	305
Saudação . . . . .	306
Com a primavera . . . . .	307
Depois de uma leitura . . . . .	308
A S. S. Leão XIII . . . . .	310
Alla Santità di Leone XIII (versão do sr. Prospero Peragallo). . . . .	311
Preito . . . . .	311
A um jardim. . . . .	312
Canto secular (de Horacio). . . . .	312
Carmem sæculare . . . . .	314
Apparencia . . . . .	316
O seu olhar (de Rubió y Ors). . . . .	316
Sha mirada . . . . .	318
A Virgem Maria. . . . .	319
Alla Vergine Maria (versão do sr. Prospero Peragallo). . . . .	320
Amor e mocidade. . . . .	320
Receio e crença. . . . .	322
Mysterio. . . . .	322
Ao mar. . . . .	325
A uns versos meus. . . . .	326
Sem consolo . . . . .	327
Convite . . . . .	327
Perseverança. . . . .	329
Do canto 1.º do <i>Inferno</i> (de Dante). . . . .	329
Nel mezzo del cammin. . . . .	330
Amor na morte . . . . .	331
Amor en la muerte (versão de Lamarque de Novôa) . . . . .	332
Pegno d'amore nella morte (versão do sr. Prospero Peragallo). . . . .	332
A Lamarque de Novôa. . . . .	333
Contestacion (de Lamarque de Novôa) . . . . .	333
Risposta (versão do anterior, do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	334
Visão . . . . .	334
A um piano . . . . .	337
Para uma corôa . . . . .	338
A Tasso em S. <sup>to</sup> Onofre . . . . .	338
A uns annos. . . . .	339
Semelhança . . . . .	340
Veneza . . . . .	341
Vem tomal-a (do sr. Sarran d'Allard). . . . .	344
Ven! lou guerre! . . . . .	344
Lyra quebrada. . . . .	345
A portugueza . . . . .	346

	Pag.
Inscrição . . . . .	347
Triste compensação . . . . .	347
À ilha da Madeira . . . . .	348
Voto . . . . .	351
Pesar . . . . .	352
Lamento. . . . .	352
Nas trevas. . . . .	353
Súplica. . . . .	353
À Polónia. . . . .	354
À la Pologne (versão do sr. Achilles Millien) . . . . .	355
Flores murchas . . . . .	356
O seu retrato . . . . .	356
Adeus. . . . .	357
Incitamento . . . . .	359
Esortazione (versão do sr. Prospero Peragallo) . . . . .	361
Exhortation (versão de Henrique Faure) . . . . .	363
Quadras populares. . . . .	364

### VESPERTINAS

Aos meus traductores . . . . .	372
A uma janella . . . . .	374
À bandeira portugueza . . . . .	375
Ao dr. Xavier da Cunha . . . . .	376
A José Ramos-Coelho (do sr. Xavier da Cunha). . . . .	377
Flauta campestre. . . . .	377
Quem me dera... . . . .	380
No centenario de Castilho . . . . .	380
Francisca de Rimini (de Dante). . . . .	382
Francesca da Rimini . . . . .	384
A Vieira Lusitano . . . . .	386
A uma leitora . . . . .	386
Refugio . . . . .	387
Felicidade materna. . . . .	388
A gloria de Cabral. . . . .	389
Infeliz mãe . . . . .	393
Em Cintra. . . . .	393
Hymno portuguez . . . . .	396
No meu retiro. . . . .	397
N'um album . . . . .	399
Profissão. . . . .	400
Do teu nome... . . . .	400
A Cervantes. . . . .	401
Junto á serra . . . . .	402
Teimosia. . . . .	403
Attracção . . . . .	404
À lingua portugueza . . . . .	405
Ào centenario de Bocage. . . . .	407
Jardineira . . . . .	407
Ao mar! . . . . .	408
A Santarem (de Ibd-Abdum) . . . . .	410
À casa de meus paes . . . . .	410

	Pag.
Quadras populares. . . . .	414
Fragmentos de um poema . . . . .	416

### JERUSALEM LIBERTADA (de Tasso)

Canto I . . . . .	443
Canto II . . . . .	458
Canto III . . . . .	475
Canto IV . . . . .	488
Canto V . . . . .	504
Canto VI . . . . .	519
Canto VII . . . . .	539
Canto VIII . . . . .	559
Canto IX . . . . .	574
Canto X . . . . .	590
Canto XI . . . . .	604
Canto XII . . . . .	618
Canto XIII . . . . .	636
Canto XIV . . . . .	649
Canto XV . . . . .	663
Canto XVI . . . . .	674
Canto XVII . . . . .	686
Canto XVIII . . . . .	703
Canto XIX . . . . .	720
Canto XX . . . . .	742
Notas . . . . .	767

## PUBLICAÇÕES DO AUCTOR

**A nação portugueza tributo de saudade pela morte do principe dos seus poetas.** Lisboa. Typ. do *Progresso*. 1854. 1 folheto. (Exgottada)

**Preludios poeticos.** Lisboa. Idem. 1857. 8.º 1 vol. de 303 pag. com retrato. (Exgottada)

**A Jerusalem libertada de Torquato Tasso vertida em oitava-rima portugueza.** Lisboa. Typ. Universal. 1864. 8.º 1 vol. de 507 pag. (Exgottada)

**Novas poesias.** Porto. Cruz Coutinho, editor. Typ. do *Jornal do Porto*. 1866. 12.º 1 vol. de 172 pag.

**O Hyssope,** de Antonio Diniz da Cruz e Silva. *Edição critica disposta e annotada por José Ramos-Coelho... com um prologo, pelo mesmo, ácerca do auctor e seus escriptos, acompanhada de variantes, e illustrada com desenhos de Manuel de Macedo e gravuras de Alberto. Hildibrand, Pedroso e Severini.* Lisboa. Edição da Empresa do *Archivo Pittoresco*. Typ. Castro Irmão. 1879. 8.º 1 vol. de 461 pag.

**Cinco de Maio** (Traducção em verso da ode de Manzoni *Il cinque Maggio*) Lisboa. Typ. Elzeviriana. 1885. Uma folha. (Exgottada)

**O Bussaco.** (Poemeto) Coimbra (Typ. da Universidade). 1886. 1 folheto. (Exgottada)

**Veneza.** (Poesia) Lisboa. Adolpho Modesto & C.ª Impressores. 1889. 1 folheto. (Exgottada)

**Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV.** *Obra fundada em numerosissimos documentos, e com desenhos do architecto milanez o sr. Lucas Beltrami e phototypias do sr. Carlos Relvas.* Lisboa. Por ordem e na Typ. da Academia Real das Sciencias. 1889 e 1890. 8.º 2 vol. com xxi—740 e 898 pag.

**Homagem a Camões.** (Poesias em celebração do 310.º anniversario da morte do poeta) Lisboa. Typ. da Academia Real das Sciencias. 1890. 4.º 1 folheto. (Exgottada)

**Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas portuguezas publicados por ordem do governo de S. M. F. ao celebrar-se a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America.** Lisboa. Impr. Nacional. 1892. 4.º 1 vol. de xvii—551 pag. e 2 in. (De collaboração com os srs. dr. Xavier da Cunha e Prospero Peragalho).

**A mãe de Camões, a proposito da opinião do sr. Wilhelm Storck.** Lisboa. Adolpho Modesto & C.ª Impressores. 1892. 8.º 1 folheto. (Exgottada)

**A Christovam Colombo.** *Poesia para a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America, celebrada pela Arcadia de Roma.* Lisboa. Idem. 1893. 1 folheto. (Com versão italiana do sr. Prospero Peragalho). (Exgottada)

**Thomaz Blanc, traços biographicos.** Lisboa. Idem. 1893. 1 folheto. (Exgottada)

**Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa.** Lisboa. Idem. 1894. 8.º 1 folheto. (Exgottada)

**Lampejos, poesias.** Lisboa. Typ. Castro Irmão. 1896. 8.º 1 vol. de viii—229 pag. e 2 in.

**Cambiantes, poesias.** Lisboa. Idem. 1897. 8.º 1 vol. de viii—275 pag. e 4 in.

**Acerca do primeiro Marquez de Niza.** Lisboa. 1897. Typ. de A. E. Barata. 8.º 1 folheto.

**A ilha da Madeira.** (Poesia) Lisboa. Idem. 1898. 1 folheto.

**Á Polonia.** (Poesia) Lisboa. Idem. Idem. 1 folheto. (Exgottada)

**Reflexos, poesias.** Lisboa. Typ. Castro Irmão. 1898. 8.º 1 vol. de iv—310 pag. e 4 in.

**Visitas de D. João V á Inquisição de Evora.** (Lisboa.) 1902. 1 folheto.

**O primeiro Marquez de Niza.** (2.ª ed. muito ampliada do escripto acima sobre o mesmo). Lisboa. Typ. Calçada do Cabra. 1903. 4.º 1 folheto.

**Aos meus traductores.** (Poesia) Lisboa. Empresa do Occidente. 1904. 1 folheto.

**Jerusalem libertada, poema de Torquato Tasso vertido em oitava-rima do original italiano, segunda edição muito melhorada.** Lisboa. Livraria editora Viuva Tavares Cardoso. 1905-1906. 8.º 1 vol. com 548 pag. e 6 in.

**Poesias de Ramos-Coelho, vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez...** Lisboa. Typ. de Francisco Luiz Gonçalves. 1907. 8.º 1 vol. com viii—301 pag. e 8 in.

#### ÑO PRELO

**Camões e Macedo, analyse do «Discurso preliminar» com que este prefaciou o seu poema O Oriente.**













